

O GRANDE LIVRO das COISAS HORRÍVEIS

A CRÔNICA DEFINITIVA DA HISTÓRIA DAS 100 PIORES ATROCIDADES

MATTHEW WHITE

A SEGUNDA GUERRA PERSA ALEXANDRE, O GRANDE ERA DE ESTADOS EM GUERRA A PRIMEIRA GUERRA PÚNICA QIN SHI HUANG DI A SEGUNDA GUERRA PÚNICA LUTAS DE GLADIADORES GUERRAS DE ESCRAVOS ROMANOS A GUERRA DOS ALIADOS A TERCEIRA GUERRA MITRIDÁTICA A GUERRA NA GÁLIA A DINASTIA XIN GUERRAS ROMANO-JUDAICAS OS TRÊS REINOS DA CHINA A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE JUSTINIANO GUERRAS ENTRE OS REINOS GOGURYEO E SUI TRÁFICO DE ESCRAVOS NO ORIENTE MÉDIO A REBELIÃO DE AN LUSHAN COLAPSO MAIA AS CRUZADAS A REBELIÃO FANG LA GENGIS KHAN A CRUZADA ALBIGENSE A INVASÃO DE HULAGU A GUERRA DOS CEM ANOS A QUEDA DA DINASTIA YUAN A GUERRA BAHMANI-VEJAYANAGARA TAMERLÃO A CONQUISTA DO VIETNÃ PELA CHINA SACRIFÍCIOS HUMANOS ASTECAS TRÁFICO DE ESCRAVOS NO ATLÂNTICO A CONQUISTA DAS AMÉRICAS GUERRAS ENTRE A BIRMÂNIA E O SIÃO GUERRAS RELIGIOSAS FRANCESAS A GUERRA RUSSO-TARTARA A ÉPOCA DOS DISTÚRBIOS A GUERRA DOS TRINTA ANOS O COLAPSO DA DINASTIA MING A INVASÃO DA IRLANDA POR CROMWELL AURANGZEB A GRANDE GUERRA TURCA PEDRO, O GRANDE A GRANDE GUERRA DO NORTE A GUERRA DA SUCESSÃO ESPANHOLA A GUERRA DA SUCESSÃO AUSTRIACA A GUERRA SINO-ANOS GUERRAS NAPOLEÓNICAS A REVOLTA DOS ESCRAVOS HAITIANOS A GUERRA SHAKA A CONQUISTA DA ARGÉLIA PELA FRANÇA A REBELIÃO TAIPING A GUERRA A GUERRA CIVIL AMERICANA A REBELIÃO HUI A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA A GUERRA ÍNDIA BRITÂNICA A GUERRA RUSSO-TURCA A REVOLTA MAHDI ESTADO LIVRE DO CONGO A REVOLUÇÃO CUBANA A REVOLUÇÃO MEXICANA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL A GUERRA CIVIL RUSSA A GUERRA GRECO-TURCA A GUERRA CIVIL CHINESA JOSEF STALIN A GUERRA ÍTALO-ETIOPE A GUERRA CIVIL ESPANHOLA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL A EXPULSÃO DOS ALEMÃES DA EUROPA ORIENTAL GUERRA NA INDOCHINA FRANCESA A DIVISÃO DA ÍNDIA MAO TSÉ-TUNG A GUERRA DA COREIA A COREIA DO NORTE A GUERRA DA INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA A GUERRA NO SUDÃO A GUERRA DO VIETNÃ EXPURGO NA INDONÉSIA A GUERRA DE BIAFRA GENOCÍDIO EM BENGALA IDI AMIN MENGISTU HAILE O VIETNÃ POS-GUERRA O KAMPUCHEA DEMOCRÁTICO A GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA A GUERRA CIVIL ANGOLANA A GUERRA NA SELVA UGANDENSE A GUERRA SOVIÉTICO-AFEGÃ SADDAM HUSSEIN A GUERRA IRÃ-IRAQUE SANÇÕES CONTRA O IRAQUE CAOS NA SOMÁLIA GENOCÍDIO EM RUANDA A SEGUNDA GUERRA DO CONGO

PREFÁCIO DE
STEVEN PINKER

LISTA DE MAPAS

República romana e seus domínios, C. 133 a.C.

China da dinastia Ming, 1368-1644 d.C.

Europa, C. 1675

China da dinastia Qing, 1850-1873

O mundo comunista, C. 1955

África recente, décadas de 1960-2000

PREFÁCIO

A história tradicional trata de reis e exércitos, não de pessoas. Impérios surgiram, impérios desmoronaram, populações inteiras foram escravizadas ou aniquiladas, e ninguém parecia pensar que havia algo de errado nisso. Devido a essa falta de curiosidade entre os estudiosos tradicionais sobre o custo humano de extravagâncias históricas, uma pessoa curiosa não tinha onde procurar respostas para essas questões básicas, a fim de saber se o século XX foi realmente o mais violento da história, ou se a religião, o nacionalismo, a anarquia, o comunismo ou a monarquia haviam ocasionado a maioria das mortes.

Contudo, durante a última década, os historiadores e também leigos se defrontaram com a extensa página na internet criada por um sujeito, Matthew White, autodenominado atrocidologista, necromedidor e quantificador de hemoclistos. White é um representante daquela nobre e pouco valorizada profissão, o bibliotecário, e organizou as mais abrangentes, imparciais e estatisticamente equilibradas estimativas disponíveis sobre as mortes ocorridas nas maiores catástrofes da história. Em *O grande livro das coisas horríveis*, ele agora combina sua capacidade de manusear números com a habilidade de um bom contador de histórias, para apresentar uma nova história da civilização, uma história cujos protagonistas não são grandes imperadores, mas suas vítimas anônimas – milhões e milhões e milhões delas.

Matthew White escreve com um toque leve e um humor sombrio que encobre um propósito moral sério. Seu desprezo é dirigido para a estupidez e a insensibilidade dos grandes líderes da história, para a falta de compreensão estatística e ignorância histórica das várias ideologias e seus propagandistas, e para a indiferença dos historiadores tradicionais diante da magnitude do sofrimento humano por trás de acontecimentos portentosos.

INTRODUÇÃO

Ninguém gosta mais de estatísticas do que eu. Estou falando em termos literais. Nunca encontro alguém que queira me ouvir recitar estatísticas.

Bom, existe uma exceção. Há vários anos mantenho um atlas histórico do século XX, um website de história no qual, entre outras coisas, venho analisando estatísticas de alterações na alfabetização, populações urbanas, fatalidades na guerra, força de trabalho industrial, densidade populacional e mortalidade infantil. Dessas, os números que as pessoas querem discutir são os referentes a mortes.

E como querem discutir isso!

Desde que postei pela primeira vez uma lista provisória das 25 maiores cidades em 1900, as vinte guerras mais sangrentas e as cem mais importantes obras de arte do século XX, fui assoberbado por uma montanha de e-mails indagando como, por que e onde eu conseguira minhas estatísticas sobre as fatalidades. E por que esta ou aquela outra atrocidade não fora relacionada? E qual país matara mais? Qual ideologia? E simplesmente quem diabos eu pensava que era, para acusar os turcos de fazerem tais coisas?

Depois de muitos anos disso, meu website virou uma importante fonte de contagem de mortes, de modo que podem acreditar quando eu digo que já ouvi todos os debates sobre o assunto. Vamos esclarecer algo imediatamente. Tudo que você está a ponto de ler é discutível. Não adianta ficar sobrecarregando a narrativa com merecidos “supostamente”, “pretensamente” ou “de acordo com algumas fontes”. E também não arrastarei você por toda versão alternativa dos acontecimentos que já tenha sido sugerida.

Não há qualquer atrocidade na história sobre a qual todas as pessoas no mundo concordem. Alguém, em algum lugar, sempre negará que aquilo aconteceu, e alguém, em algum lugar, insistirá que aconteceu. Por exemplo, estou convencido de que o Holocausto aconteceu, mas de que o Massacre dos Inocentes, por ordem de Herodes, não. Seria fácil encontrar pessoas

que discordam de mim em ambos os casos.

A atrocidologia está no centro da maioria dos grandes conflitos mundiais. As pessoas não discutem sobre eventos pacíficos da história. Discutem sobre quem matou o avô de quem. Tentam tirar lições do passado e especular sobre quem é o político em ascensão mais parecido com Hitler. Num tópico particularmente polêmico, dois historiadores com visões políticas opostas podem cobrir um mesmo terreno e contudo parecer estar discutindo dois planetas inteiramente diferentes. Às vezes não se consegue ver qualquer ponto comum nas narrativas, e torna-se quase impossível fundi-las num terreno comum, sem emendas. Só posso dizer que tentei seguir o consenso dos estudiosos, mas, quando apoiar o ponto de vista de uma minoria, avisarei vocês.

A maioria das pessoas que escrevessem um livro sobre as piores atrocidades da história descreveria “As Cem Piores Coisas que Consigo Recordar no Momento”. Incluiriam o Holocausto, a escravidão, o 11 de Setembro, o massacre dos índios em Wounded Knee, Jeffrey Dahmer, Hiroshima, Jack, o Estripador, a guerra do Iraque, o assassinato de Kennedy, a Investida de Pickett e assim por diante. Infelizmente, produzir de cabeça uma lista como essa geralmente refletirá a parcialidade do autor, e não um equilíbrio histórico apropriado. Uma lista assim elaborada daria a impressão de que quase tudo de ruim na história foi feito contra os americanos ou por eles bem recentemente, o que implica dizer que os americanos são, intrínseca e cosmicamente, mais importantes do que todos os demais.

Outras listas dariam a impressão de que tudo de ruim pode ser associado a uma causa básica (recursos, racismo, religião, por exemplo), a uma cultura (comunistas, o Ocidente, muçulmanos) ou a um método (guerra, exploração, impostos). A maioria das pessoas adquire o conhecimento das atrocidades de maneira aleatória: um documentário televisivo, alguns filmes, um website político, uma brochura para turistas ou aquele homem raivoso sentado na ponta do balcão do bar, e depois saem fazendo juízos sobre o mundo baseados nesses poucos exemplos. Eu espero estar oferecendo um elenco mais amplo e mais equilibrado de exemplos a serem usados quando alguém discutir história.

Para ser justo com todos os lados, selecionei cuidadosamente cem eventos com as maiores taxas de mortalidade causados pelo homem, independentemente de quem estava envolvido ou seus motivos. Para enfatizar a base estatística dessa lista, devoto mais espaço para descrever

os acontecimentos mais letais, e resumo rapidamente os eventos menores. A morte de vários milhões ganha diversas páginas, enquanto um evento de apenas centenas de milhares ganha poucos parágrafos. *O* evento mais mortífero ganha o capítulo mais longo.

Uma das maneiras mais comuns de desvirtuar os dados é decidir, a priori, que certos tipos de matança são piores que outros, de modo que só os primeiros são contados. Assassinar com gás minorias étnicas é pior do que bombardear cidades, que é tão ruim quanto fuzilar prisioneiros de guerra, que é pior do que metralhar tropas inimigas, que é melhor do que espouar nativos nas colônias, de modo que massacres e epidemias de fome são contadas, mas não incursões aéreas ou batalhas. Ou talvez seja o inverso. De qualquer modo, minha filosofia é de que eu não gostaria de morrer de nenhuma dessas maneiras, de modo que conto todas as matanças, independentemente de como aconteceram ou por quem foram perpetradas.

Você pode estar se perguntando como eu posso saber o número dos que morreram numa atrocidade. Afinal de contas, todas as guerras são desordenadas e confusas, e as pessoas podem facilmente desaparecer sem deixar vestígios. Os participantes mentem alegremente sobre os números, a fim de parecerem corajosos, nobres ou trágicos. Repórteres e historiadores podem ser parciais ou ingênuos.

A melhor resposta variaria de caso em caso, mas a resposta curta é dinheiro. Até mesmo um general, que relutasse em contar para os jornais quantos homens perdeu numa ofensiva desastrosa, ainda teria de informar aos contadores que tirassem 4 mil homens da folha de pagamento. Mesmo que um ditador tente esconder quantos civis morreram num enorme reassentamento de pessoas, seu ministro das Finanças notará o desaparecimento de 100 mil contribuintes. Um funcionário da alfândega no porto estará recebendo impostos de cada carregamento de novos escravos, e alguém tem de pagar para descartar os corpos depois de cada massacre. As contagens de cabeças (e, por extensão, as contagens de corpos) não são apenas um exercício acadêmico; há séculos são uma importante parte das finanças governamentais.

É claro que essas mortes têm uma significativa margem de erro, mas uma lista dos cem maiores eventos quanto ao número de mortos não é inteiramente baseada em palpites. Para começar, grandes acontecimentos deixam grandes rastros. Mesmo que ninguém consiga saber exatamente quantos incas ou romanos morreram na queda de suas civilizações, os

relatos descrevem grandes batalhas e massacres, e escavações arqueológicas mostram um grande declínio populacional. Esses eventos mataram muita gente, mesmo que a palavra “muita” não possa ser definida com precisão.

No alto da escala, 1 milhão aqui ou ali quase não muda um evento de lugar na lista. Algumas pessoas discordariam da minha estimativa de que Stálin matou 20 milhões de pessoas, mas mesmo que você alegue (como fazem alguns) que ele matou 50 milhões, isso o levaria do número 6 para o número 2 na escala. Por outro lado, defender Stálin alegando (como fazem outros) que ele matou meros 3 milhões de pessoas baixaria sua posição apenas para o número 29, de modo que, para meus propósitos, não há muita razão em discutir o número exato. Stálin estará na minha lista, seja como for.

Ao mesmo tempo, alguns acontecimentos não alcançarão o limiar mais baixo, por mais que discutamos os números exatos. É difícil chegar a uma contagem precisa de mortos na Cuba de Fidel Castro, mas ninguém jamais sugeriu que ele matou as centenas de milhares necessários para ser considerado um participante de minha lista. Muitos ditadores infames, como François “Papa Doc” Duvalier, Vlad, o Empalador, Calígula e Augusto Pinochet, nem de longe atingem o nível necessário, como fazem conflitos bem conhecidos, como as guerras entre árabes e Israel, e a Guerra dos Bôeres na África do Sul.

Algumas pessoas fariam essa tarefa com mais esperteza do que eu. Elas poderiam rastrear o pior multicídio do mundo até alguma causa básica distante, e declarar ser *essa* a coisa mais horrível que alguém já fez. Poderiam lançar a culpa sobre pessoas influentes por todo o mal feito pelos seus seguidores. Culpariam Jesus pelas Cruzadas, Darwin pelo Holocausto, Marx pelo Gulag e Marco Polo pela destruição dos astecas.

Infelizmente essa abordagem ignora a natureza da morte histórica. Sim, podemos pegar um evento (digamos, os ataques terroristas do 11 de Setembro em 2001) e ir recuando ao longo da cadeia de causa e efeito até mostrar que isso foi o resultado natural de, digamos, o golpe de Estado de 1953 contra o primeiro-ministro do Irã; com facilidade, porém, podemos atribuir o mesmo evento à Primeira Guerra Mundial, aos irmãos Wright, a D. B. Cooper, a Muhammad ibn Abd al-Wahhab, a Henry Ford, à conquista russa do Turquestão, a Levittown, à fundação da Universidade de Yale, a Elisha Otis, ao Holocausto e à abertura do canal Erie. Tantas linhas de causalidade se ligam a qualquer evento individual que geralmente

podemos encontrar um meio de ligar quaisquer duas coisas que quisermos.

À parte uma fascinação mórbida, há alguma razão para conhecer as cem maiores mortandades da história? Quatro razões me vêm à mente.

Primeiro, coisas que acontecem a muitas pessoas são geralmente mais importantes do que coisas que acontecem a poucas pessoas. Se estou de cama com gripe, ninguém se importa, mas se metade da cidade é atingida pela gripe, trata-se de uma emergência médica. Se perco meu emprego é azar meu; se milhares de pessoas perdem seus empregos, a economia desmorona. Uma semana com alguns assassinatos é assunto rotineiro no Departamento de Polícia de uma grande cidade, mas um dia com vinte assassinatos é guerra civil.

Segundo, matar uma pessoa é o máximo que se pode fazer com ela. Afeta a pessoa mais do que ensinar a ela, roubá-la, curá-la, contratá-la, casar com ela ou aprisioná-la, pela simples razão de que a morte é a mais completa e permanente mudança que se pode infligir a alguém. Um assassino pode facilmente desfazer o trabalho de um professor ou de um médico, mas um médico ou um professor nunca podem desfazer o trabalho de um assassino.^a

Portanto, a conclusão básica é que meus cem multicídios tiveram um impacto máximo num enorme número de pessoas. Sem muita discussão, eu posso facilmente colocá-los entre os mais significativos acontecimentos da história.

Você pode ficar tentado a descartar o impacto desses eventos como puramente negativos, mas essa é uma distinção artificial. A destruição e a criação estão intimamente interligadas. A queda do Império Romano abriu caminho para a Europa medieval. A Segunda Guerra Mundial criou a Guerra Fria e os regimes democráticos na Alemanha, na Itália e no Japão. As guerras napoleônicas inspiraram as obras de Tolstoy, Tchaikovsky e Goya. Não estou dizendo que a *Abertura 1812* valeu o meio milhão de vidas perdidas na campanha de Napoleão na Rússia, sob o ponto de vista moral. Só estou dizendo, como simples fato histórico, que não haveria jazz, música gospel ou rock and roll sem a escravidão, e que todos os nascidos no *baby boom* de 1946-64 do pós-guerra devem sua existência à Segunda Guerra Mundial.

Um terceiro motivo a considerar é que às vezes esquecemos o impacto humano nos eventos históricos. Sim, essas coisas aconteceram há muito tempo, e de qualquer modo todas aquelas pessoas estariam mortas agora,

mas a certa altura temos de perceber que um embate de culturas fez mais do que combinar as culinárias, os vocabulários e os estilos arquitetônicos. Causou também uma enorme quantidade de sofrimento pessoal.

A quarta, e certamente a mais prática, das razões para levantar o número de mortos é a avaliação de riscos e a solução de problemas. Se estudamos história para não repetir os erros do passado, é útil saber quais foram esses erros, e isso inclui *todos* os erros, não apenas aqueles que sustentam certas ideias prediletas. É fácil resolver o problema da violência humana se focalizamos nossa atenção apenas nas sete atrocidades que demonstram nosso ponto de vista, mas uma lista das cem piores constitui um desafio maior. Ou a grandiosa teoria unificada de qualquer pessoa sobre a violência humana explica a maioria dos multicídios nesta lista, ou essa pessoa precisa reconsiderar seu ponto de vista. Na realidade, da próxima vez que alguém declarar que sabe a causa ou a solução da violência humana, você provavelmente poderá abrir este livro aleatoriamente e de imediato encontrar um evento inexplicado pela teoria apresentada.

A despeito de meu ceticismo sobre qualquer fio comum ligando todas as cem atrocidades, ainda assim encontro algumas tendências interessantes. Deixe que eu compartilhe com você as três maiores lições que aprendi enquanto trabalhava nesta lista:

1. O caos é mais mortífero do que a tirania. Mais multicídios resultam da desagregação da autoridade do que do exercício da autoridade. Em comparação com um pequeno número de ditadores, tais como Idi Amin e Saddam Hussein, que exerceram seu poder absoluto para matar centenas de milhares, eu encontrei mais sublevações e sublevações mais mortíferas, como os Distúrbios Irlandeses, a Guerra Civil Chinesa e a Revolução Mexicana, onde ninguém exercia o controle necessário para estancar a morte de milhões.
2. O mundo é muito desorganizado. As estruturas de poder tendem a ser informais e temporárias, e muitos dos grandes nomes neste livro (por exemplo, Stálin, Cromwell, Tamerlão, César) exerceram suprema autoridade sem terem um cargo regular no governo. A maioria das guerras não começam organizadamente, com declarações e mobilizações, nem terminam com rendições e tratados. Elas tendem a se formar a partir de crescentes incidentes de violência, diluem-se quando todo mundo está exausto demais para

continuar, e são seguidas por tremores posteriores imprevisíveis. Soldados e nações mudam de lado alegremente no meio das guerras, às vezes no meio de batalhas. A maioria das nações não são bem delineadas, como se poderia esperar. Na verdade, algumas nações em guerra (eu as chamo de *estados quânticos*) não existem realmente e também não deixam de existir realmente; em vez disso, pairam no limbo até alguém vencer a guerra e decidir seu destino, que é então retroativamente aplicado a versões anteriores da nação.

3. As guerras matam mais civis do que soldados. Na realidade, o exército é geralmente o lugar mais seguro para se estar durante uma guerra. Os soldados são protegidos por milhares de homens armados, e eles têm preferência em relação a alimentos e cuidados médicos. Nesse ínterim, mesmo que não sejam sistematicamente massacrados, os civis são geralmente roubados, expulsos de casa ou abandonados até morrer de fome, e suas histórias são em geral ignoradas. A maioria das histórias militares passa por alto sobre o enorme sofrimento infligido aos civis normais e desarmados colhidos no meio da refrega, mesmo cabendo a eles a experiência de guerra mais comum.^b

A ascensão da matança

Por onde começamos? As pessoas vêm se matando umas às outras desde quando desceram das árvores, e eu não ficaria surpreso se encontrasse corpos pendurados também nos galhos. Alguns dos ossos humanos mais antigos mostram fraturas que só podem provir de armas. As primeiras inscrições se vangloriam de milhares de inimigos massacrados. Os livros sagrados mais antigos registram batalhas em que seguidores de um deus encolerizado esmagam seguidores de outro deus encolerizado; entretanto, as pequenas tribos e aldeias envolvidas nessas guerras antigas não tinham vítimas em potencial a serem mortas numa escala que possa se comparar à atual. Foram necessários muitos séculos de história humana até as pessoas se agruparem em populações suficientemente grandes para serem mortas às centenas de milhares, de modo que a mais antiga das cem piores atrocidades da história só ocorreu depois que os persas construíram um império que abrangia o mundo conhecido.

^a “O mal que os homens fazem sobrevive a eles. O bem é geralmente enterrado com seus ossos” (William Shakespeare, *Julius Caesar*, Ato 3, Cena II).

^b Por exemplo, obras de referência como o *Almanaque Mundial* e a Wikipedia listam meticulosamente o número de soldados, marinheiros e fuzileiros americanos mortos em cada guerra dos Estados Unidos, enquanto ignoram as mortes civis entre marujos mercantes, passageiros, refugiados, escravos fugidos e, é claro, índios e colonizadores ao longo da fronteira.

A SEGUNDA GUERRA PERSA

Número de mortos: 300 mil¹

Posição na lista: 96

Tipo: embate de culturas

Linha divisória ampla: persas *versus* gregos

Época: 480-479 a.C.

Localização: Grécia

Principais Estados participantes: Império Persa, Atenas, Esparta

Quem geralmente leva a maior culpa: Xerxes

Antecedentes: a Primeira Guerra Persa

Quando os persas, um império terrestre que conquistara todo mundo a seu alcance, do Paquistão ao Egito, enfrentaram os gregos, um povo que vivia no mar, suas forças conquistaram várias colônias gregas no litoral jônico da Ásia Menor (moderna Turquia). Decorreram muitos anos de tranquila subserviência, mas então o governante grego da cidade jônica de Mileto ficou ambicioso. Ele se livrou do jugo persa e pediu ajuda às cidades gregas de além-mar, primeiro a Esparta (que recusou), depois a Atenas (que concordou). Um exército grego formado por jônicos e atenienses marchou terra adentro e atacou Sardis, a capital de uma província persa, que eles ocuparam por pouco tempo e acidentalmente incendiaram. Dentro de poucos anos, entretanto, a revolta foi esmagada, e os atenienses voltaram apressadamente para a sua pátria, ficando quietos na esperança de que os persas os deixassem em paz.

Contudo o xá da Pérsia, Dario, não chegara aonde chegara deixando insultos sem punição, e designou um criado para lembrá-lo todos os dias dos atenienses. Dario decidiu que precisava conquistar os Estados gregos independentes no continente europeu que estavam fomentando revoltas entre os súditos gregos do Império Persa; entretanto, o primeiro assalto diretamente pelo mar fracassou. Os atenienses infligiram séria derrota ao exército de Dario e os repeliram na Batalha de Maratona.

A Segunda Guerra Persa

Dez anos mais tarde, o novo xá da Pérsia, Xerxes, reuniu recrutas

(camponeses convocados) de todo o império, formando o maior exército já visto,^a grande demais para se deslocar por navios. Tomando a rota terrestre através dos Bálcãs e depois descendo para a Grécia, ele foi vencendo todos os obstáculos, naturais ou feitos pelo homem. Cruzou o estreito de Dardanelos numa ponte flutuante feita de barcos, e depois seus engenheiros cavaram um canal através da perigosa península de Acte, onde fica o monte Atos.

Acosados pelos persas, um exército de 4.900 gregos sob a liderança de Esparta tentou retardar o inimigo no desfiladeiro montanhoso das Termópilas, enquanto a esquadra grega bloqueava uma tentativa de desembarque anfíbio no estreito próximo de Artemísia. A falange grega, tradicional formação de batalha na qual lanceiros fortemente couraçados se alinhavam numa muralha humana de escudos e lanças, conteve facilmente os repetidos assaltos persas. Entretanto, depois de alguns dias de duros combates, os persas descobriram uma rota que contornava o desfiladeiro das Termópilas, de modo que flanquearam e mataram os últimos defensores que bloqueavam seu caminho. O exército persa invadiu o interior da Grécia, tomando Atenas depois que os habitantes fugiram para as ilhas próximas.

Quando tudo parecia perdido, a esquadra ateniense encontrou os navios de guerra persas no estreito canal entre a ilha de Salamina e o continente. No confuso tumulto das galeras que avançavam, abalroavam e rachavam, os persas perderam mais de duzentas naus e 40 mil marinheiros. Com os gregos controlando o mar, o enorme e faminto exército persa viu cortada sua linha de suprimentos.

Xerxes retornou à Pérsia com parte do exército, deixando uma força menor para se sustentar com os produtos da terra e terminar a conquista. Esse exército abrigou-se durante o inverno no norte da Grécia, e marchou para o sul de novo na primavera, reocupando Atenas. Depois de frenéticos esforços diplomáticos feitos pelos desalojados atenienses, as cidades-Estado gregas finalmente concordaram em combinar seus exércitos. As duas forças se enfrentaram em Plateia, onde a falange grega sobrepujou os persas. Os sobreviventes empreenderam uma longa e dolorosa retirada para a Pérsia, deixando milhares de homens pelo caminho. Nesse ínterim, a frota grega atravessou velozmente o mar Egeu e liquidou os navios persas remanescentes com um ataque anfíbio na base naval de Micale, na Jônia.²

Legado

Quase toda lista de batalhas decisivas ou pontos críticos da história começa com algo das Guerras Persas, de modo que talvez você já saiba que a vitória grega salvou a civilização ocidental e o conceito de liberdade individual das hordas orientais sem rosto que são os vilões dos relatos vitorianos e filmes recentes.

Por outro lado, não nos deixemos levar por isso. Ser conquistados pelos persas não seria o fim do mundo. Pelos padrões da época, os persas eram conquistadores bem benevolentes. Por exemplo, foram o único povo da história a ser condescendente com os judeus. Permitiram que eles retornassem à Palestina e reconstruíssem seu templo, em vez de massacrá-los ou deportá-los, como fizeram os assírios, babilônios, romanos, espanhóis, cossacos, russos e alemães em várias conjunturas da história. Mesmo com uma vitória persa em Salamina, gregos livres teriam permanecido na Sicília, na Itália e em Marselha. A civilização grega mostraria mais tarde ser bastante vibrante para sobreviver a meio milênio de domínio dos romanos, acabando por usurpar o lugar deles. Não há razão para supor que os gregos não passariam intactos por algumas gerações de domínio persa.

^a Ninguém sabe quantos. Heródoto relatou que a força tinha 2.640 mil soldados e marinheiros, incluindo 1.700 mil homens na infantaria, mas ninguém acredita.

ALEXANDRE, O GRANDE

Número de mortos: 500 mil morreram, inclusive 250 mil civis massacrados¹

Posição na lista: 70

Tipo: conquistador mundial

Linha divisória ampla: macedônios *versus* persas

Época: reinou de 336 a 325 a.C.

Localização: Oriente Médio

Quem geralmente leva a maior culpa: Alexandre III, da Macedônia

A batalha entre o Oriente e o Ocidente se desenrolou em duas fases: as Guerras Persas decidiram que o Ocidente sobreviveria, mas Alexandre, o Grande, assegurou que o Ocidente dominaria.

O pai de Alexandre, o rei Filipe II da Macedônia, no nordeste da Grécia, reestruturou a falange, reforçando o sólido bloco da infantaria com lanças mais longas e cobrindo seus flancos com arqueiros e cavalaria. Ele conquistou a Grécia com seu novo exército, mas foi assassinado antes que pudesse se voltar contra o Império Persa. Seu filho, de 20 anos, Alexandre III, assumiu então e sufocou algumas revoltas imediatas com o que viria a ser sua crueldade característica: uma revolta das tribos da Trácia ao norte, e depois a da mais forte das cidades gregas, Tebas, ao sul. Tendo a retaguarda protegida, Alexandre invadiu a Ásia Menor (Turquia), e destruiu a guarnição provincial persa que tentou bloquear seu caminho no rio Granico. Então iniciou uma marcha épica através do Oriente Médio.

Alexandre era afoitamente direto, como mostra a história do Nó Górdio, um místico enovelado de cordas mantido num templo da Ásia Menor. Uma profecia afirmava que quem conseguisse desfazer o nó dominaria a Ásia, mas Alexandre se recusou a ser distraído pela impossibilidade da tarefa. Simplesmente tirou a espada e cortou o nó. Sua estratégia de batalha característica era semelhante. Ele escolhia o que lhe parecia a parte mais forte da linha inimiga e avançava diretamente para aquele ponto. A tática era arriscada, e ele acumulou uma impressionante coleção de ferimentos causados por uma variedade de armas, mas esperava-se que os reis macedônios liderassem dando exemplos pessoais.²

Depois de atravessar o desfiladeiro entre a Ásia Menor e a Síria, Alexandre descobriu que o xá da Pérsia, Dario III, conseguira colocar seu exército completo atrás de suas linhas, isolando os macedônios na altura

de Issos. Sem um segundo de hesitação, ele descobriu uma fraqueza na linha persa e investiu para lá com sua cavalaria. Os persas debandaram e foram massacrados enquanto fugiam, abandonando para os macedônios os comboios de suprimentos, inclusive a imperatriz persa e sua filha.

Alexandre se deslocou para o sul a fim de capturar os portos que permitiam à esquadra persa ameaçar suas linhas de comunicação. O porto fenício de Tiro fora construído com segurança numa ilha ao largo da costa, fora do alcance de inúmeros exércitos anteriores. Entretanto, os macedônios se estabeleceram no litoral e passaram os vários meses seguintes construindo uma passarela para a ilha. Uma vez conectada a ilha ao continente, Tiro caiu sob o assalto de Alexandre, que massacrrou os homens e vendeu as mulheres e crianças como escravas.

Quando chegou ao Egito, Alexandre foi saudado como um deus, e sem dúvida concordava com isso. Em 331 a.C., na embocadura do rio Nilo, ele lançou os alicerces de Alexandria, uma nova cidade de cultura e aprendizado, que logo abrigaria a maior biblioteca do mundo antigo, o maior farol, o museu original (Templo das Musas) e quase todos os estudiosos nos vários séculos seguintes.

Em Gaugamela, no norte da Mesopotâmia (Irã), os persas lançaram seu maior exército novamente contra as forças menores de Alexandre num terreno inteiramente plano, onde ter o maior efetivo constituiria uma vantagem. Os persas haviam reunido elefantes, carros de guerra com cimitarras e várias centenas de milhares de combatentes exóticos, recrutados em todo o Oriente Médio. Mas, mesmo assim, a vitória coube a Alexandre. Então ele apossou-se da cidade real persa de Persépolis, que incendiou acidentalmente durante uma bebedeira, e perseguiu o fugitivo xá Dario até a morte dele numa região desabitada.³

Alexandre ultrapassou os limites do mapa, combatendo tribos em posições fortificadas nas montanhas da Ásia Central. Depois de dominá-las, ele se dirigiu para a Índia, ao sul, derrotando os reis locais e seus elefantes de guerra. Finalmente, seus exaustos soldados perceberam que ele não daria meia-volta antes de alcançar a borda do mundo. O exército se rebelou e o forçou a voltar para casa.

Alexandre levou os soldados de volta da maneira mais difícil, através de um deserto escaldante no litoral do Irã. Alguns dizem que foi uma jogada brilhante, para manter o exército bem suprido com o auxílio da esquadra, enquanto tomava o caminho mais direto possível. Outros dizem que ele estava punindo seus homens por terem-no obrigado a voltar para a Grécia.

De qualquer modo, dois terços de seus soldados morreram antes de chegar à civilização.⁴

ERA DE ESTADOS EM GUERRA

Número de mortos: 1,5 milhão¹

Posição na lista: 40

Tipo: colapso do Estado

Linha divisória ampla: Qin versus Chu

Época: 475-221 a.C.

Localização: China

Quem geralmente leva a maior culpa: uma feira de reis cada vez mais cruéis, culminando com Zheng, de Qin

Prólogo: Período da Primavera e do Outono (C. 770-475 a.C.)

A fim de compreender para onde a China foi, você deve examinar onde ela começou. Durante a dinastia Zhou (C. 1050-256 a.C.), um imperador nominal governava toda a China, mas ele mais parecia um papa hereditário: um vestígio de uma era antiga quase esquecida, uma presença espiritual, mais do que um verdadeiro monarca. O verdadeiro poder repousava nos Estados feudais, que incorporavam pedaços do velho império. Abaixo desse nível havia a organização feudal normal de senhores com menor poder e camponeses.

Durante o Período da Primavera e do Outono, os chineses eram um povo muito bem-educado, mas sua solução para todo dilema moral parecia ser o suicídio ritual. Vamos examinar alguns dos cenários reais encontrados nos livros de história.²

Você é um nobre menor, que recebeu ordem de seu senhor, o príncipe de Jin, para assassinar o ministro de Estado dele devido a uma séria transgressão. Quando descobre que o seu alvo foi falsamente acusado, você:

- A. Faz o serviço e o mata de qualquer modo, como fazem os soldados há séculos.
- B. Não o mata, mas depois se esconde porque seu senhor ficará muito zangado.
- C. Não o mata, e depois comete suicídio por ter traído a confiança de seu senhor.

Você é um nobre do Estado de Chu, e acredita firmemente que o seu príncipe está adotando uma política perigosa, que trará más consequências para ele. Você:

- A. Mantém a boca fechada e não arrisca enraivecer seu senhor.
- B. Convence-o a mudar de ideia e depois goza de sua gratidão.
- C. Convence-o a mudar de ideia e depois amputa os próprios pés por ter discordado de seu senhor.

Se respondeu (c) a essas perguntas, você teria gostado do Período da Primavera e do Outono. A resposta (c) era a solução preferida entre os indivíduos reais nos livros de história.

Durante o Período da Primavera e do Outono, os Estados lutavam por prestígio, e não por conquista. Geralmente um rei chinês derrotado tinha permissão de manter seu título e suas terras, desde que reconhecesse a magnificência do homem que o derrotara.

Um episódio resume isso tudo. Depois de uma vitória decisiva, um carro de guerra do exército de Jin estava perseguindo outro, do derrotado exército Chu, que ficou preso num valão. O carro perseguidor parou ao lado, para que o condutor pudesse aconselhar seu inimigo a tirar o veículo do valão. Quando o carro preso se livrou e disparou de novo, a perseguição foi retomada. O carro fugitivo alcançou facilmente a segurança do exército Chu.³

A era de Estados em guerra (C. 475-221 a.C.)

As guerras chinesas se tornaram mais sangrentas depois de 473 a.C. Os Estados de Wu e Yueh vinham lutando um contra o outro havia anos, sempre que tinham um momento de folga. O rei de Wu vencera a refrega anterior e seguira a tradição de ser um vencedor condescendente, deixando intacto o Estado de Yueh, desde que seu povo reconhecesse a magnificência de Wu. Então, em 473 a.C., enquanto Wu estava guerreando em outra região, o rei de Yueh avançou furtivamente e tomou a capital de Wu. Contas acertadas; Yueh ganhara a nova rodada. Wu admitiu a derrota e concordou que Yueh fosse o novo mandachuva; entretanto, em vez de deixar as coisas assim, Yueh arrebatou as terras do alquebrado inimigo e enfurnou-o num humilhante novo reino, que consistia em uma ilha fluvial com trezentos habitantes. O rei de Wu se recusou a aceitar essa vergonha

e cometeu suicídio.

O Período da Primavera e do Outono terminara com a supremacia do reino de Jin sobre os demais, mas uma guerra civil o despedaçou. Três reinos independentes (Han, Zhao e Wei) emergiram do caos em 403 a.C.

Com o correr do tempo, “a guerra transformou-se numa carnificina em massa, sem ser abrandada por atos ou gestos de cavalheirismo, que eram considerados uma tolice inútil e ultrapassada pelas pessoas da época. No campo de batalha a matança pura e simples era encorajada. Um soldado era recompensado segundo o número de cabeças humanas ou, quando estas se tornavam um estorvo muito pesado, segundo o número de orelhas humanas que conseguia apresentar depois da batalha. Dez mil era considerado um número de mortes modesto para uma única campanha; 20 ou 30 mil era bem comum. O assassinato aleatório de prisioneiros de guerra, impensável na era anterior, tornou-se uma prática bastante comum, sendo considerado o melhor, mais seguro e o mais barato meio de enfraquecer o Estado rival”.⁴

Os Estados belicosos se viram fortalecidos com a invenção das balistas. Por volta dessa época, a tática de combate passou de carros de guerra para a cavalaria. Cada vez mais os chineses fabricavam armas e couraças de ferro, em vez de bronze. Todas essas inovações tornaram a guerra mais barata, significando que qualquer um podia se engajar, e não apenas a nobreza.

Ascensão de Qin

Por volta da década de 360 a.C., apenas oito Estados feudais ainda existiam, e o principal era Wei, na região central do norte da China. Wei reduzira à vassalagem os reinos de Han, Lu e Sung, e isso provocou uma contra-aliança de dois outros reinos, Zhao e Qin, visando manter Wei sob controle. Logo se criou um equilíbrio, no qual nenhum Estado era forte o bastante para se expandir, de modo que a paz foi assegurada.

A maior parte dos Estados estava comprimida no centro da China ao longo do rio Amarelo, que era uma região pequena em tamanho, mas densamente habitada; entretanto, nas fronteiras, uns poucos Estados periféricos tinham territórios vastos, com grandes exércitos calejados pelas batalhas com os bárbaros em terras desabitadas. No oeste, espremido contra a estepe aberta, havia Qin (pronuncia-se “tchin”). Era uma terra boa para criar cavalos, e o reino era habitado por gente rude, extremamente

prática, considerada tosca pelo restante da China. Um crítico antigo descreve a música dessa gente como nada mais do que vasos de barro golpeados por ossos de coxas, com um cântico: “Woo! Woo! Woo!”

O duque Hsiao governou Qin de 361 a 338 a.C., orientado por seu ministro lorde Shang. Juntos eles organizaram um regime totalitário visando maximizar a produção agrícola do Estado e as habilidades guerreiras do povo. Aboliram a nobreza e a substituíram por um exército profissional, no qual os soldados eram promovidos por bravura, e não por suas ligações pessoais. Esmagaram a dissidência. Restringiram as viagens. Essas reformas deram ao duque Hsiao o mais poderoso exército da China, usado num ataque de surpresa para quebrar a hegemonia de Wei em 351 a.C.

As reformas de lorde Shang fomentaram muito ódio em Qin, de modo que, quando o duque Hsiao morreu, ele passou a ser perseguido por seus inimigos. Tentou fugir anonimamente, mas suas próprias leis tornavam impossível viajar sem autorização, e não conseguiu ir muito longe. Logo um estalajadeiro o entregou às autoridades, quando ele não conseguiu apresentar os documentos exigidos. Shang foi arrastado e despedaçado por carros de guerra. Entretanto, suas reformas permaneceram.⁵

Em 316 a.C. o reino de Qin anexou as terras bárbaras de Shu e Pa, incorporando milhares de guerreiros tribais a seu exército.⁶ Naquele momento a maior parte da iniciativa nas relações internacionais partia de Qin, e os outros reinos podiam apenas reagir. O único outro Estado bastante forte para ter sua própria política externa era Chu, um grande reino que estava se expandindo pelas florestas da fronteira meridional.

A fim de evitar que Qin avançasse para o leste até a zona central da China, os Estados localizados do norte ao sul na fronteira leste de Qin juntaram-se a Chu numa aliança “vertical”, *hezong* em chinês. Qin pulou por cima dessa barreira para avançar ao longo do rio Amarelo e se unir aos Estados do outro lado numa aliança “horizontal”, chamada *lianheng*.

Logo irromperam guerras em todas as direções, e tomaria dezenas de páginas apresentá-las de maneira inteligível. Pode-se ter uma amostra do tom geral com um incidente ocorrido em 260 a.C., em que a astúcia impiedosa derrotou a honra. Em Changping, no noroeste da China, um exército de Zhao em boa posição defensiva enfrentou o exército de Qin, que só podia acampar e esperar. Quando a espera passou a se prolongar sem uma solução à vista, agentes de Qin começaram a sussurrar que os covardes de Zhao estavam evitando a batalha. Por fim o rei de Zhao,

incomodado com os boatos de covardia, substituiu seu cauteloso general por outro, que julgava menos honrado. Esse novo general partiu para o ataque, mas logo que seus soldados deixaram as fortificações, foram facilmente cercados pelo avanço do exército de Qin. O novo general baixou as armas e se rendeu, mas mesmo assim os soldados de Qin mataram todos os integrantes do exército inimigo, até o último.

Fim de jogo

Em 256 a.C. os soldados de Qin invadiram Loyang e depuseram o último imperador Zhou.⁷ Não houve substituição, e depois disso a China nem mesmo fingia ser um só país.

Em 247 a.C., com a idade de 13 anos, o príncipe Zheng foi alçado ao trono de Qin, quando morreu o rei, seu pai. A maioria dos membros da corte esperavam manipular facilmente o jovem, de modo que as conspirações brotavam por toda parte em torno dele. Sua mãe, a rainha viúva Zhao Ji, renomada por ser uma grande beldade e excelente dançarina, recebeu o controle do governo até que Zheng chegasse à maioridade. Ela compartilhava a regência com o primeiro-ministro Lu Buwei, que, diziam os boatos, era o verdadeiro pai de Zheng.

Para livrar-se de suas ligações com a rainha viúva, o primeiro-ministro “encontrou um homem chamado Lao Ai, que tinha o pênis inusitadamente grande, e empregou-o como serviçal em sua casa. Depois, quando se apresentou a ocasião, ele fez tocar uma música sugestiva, e, instruindo Lao Ai para meter o pênis no centro de uma roda feita de uma madeira chamada paulownia, e o fez caminhar com aquilo, assegurando-se de que o feito chegaria aos ouvidos da rainha viúva, de modo a suscitar seu interesse”.⁸

A rainha viúva logo se apaixonou por Lao, o que expôs o feliz casal a grandes riscos, de modo que eles imaginaram um plano para manter o romance secreto. Lao conseguiu ser acusado de um crime cuja punição era a castração, mas ele e a rainha subornaram o castrador para deixar intacta a poderosa genitália de Lao e, em vez disso, raspar sua barba. Agora que todos pensavam que ele era um eunuco, Lao podia aberta e legalmente agregar-se à corte da rainha.⁹

No fim, eles geraram dois filhos, mantidos cuidadosamente escondidos do filho dela, o rei. Sabendo do perigo que corriam, eles planejaram um golpe contra Zheng e tomaram pessoalmente o comando das tropas

aquarteladas ali perto, usando documentos forjados. Infelizmente Zheng estava muito à frente deles. Quando os soldados de Lao chegaram à câmara real, o rei Zheng tinha seus homens prontos para uma emboscada. Lao escapou por pouco da tocaia e fugiu. Com a cabeça posta a prêmio por 1 milhão de moedas de cobre, porém, ele foi logo capturado e condenado à morte. A rainha viúva foi forçada a assistir, enquanto seu amante era despedaçado por carros de guerra. Seus dois filhos secretos foram amarrados, metidos em sacos e espancados até a morte.

Havia mais a acontecer. Muitas histórias da juventude do rei Zheng o mostram sobrevivendo por pouco a complôs assassinos, ou então descobrindo espertamente essas conspirações. Um matador, o cortesão Jing Ke, foi pego quando uma adaga caiu de um mapa que ele desenrolava. Um alaudista cego, Gao Jianli, tentou golpear Zheng com o instrumento cheio de chumbo quando ele se aproximou o bastante, mas errou. Um homem inferior se tornaria recluso e amedrontado por causa disso; fosse esse o caso, porém, o rei Zheng nunca teria ganhado um lugar na história por ter feito a união dos Estados Belicosos.

Com a idade de 30 anos, Zheng tornara-se o incontestado senhor de seu reino. Sua mãe estava impotente no exílio. O primeiro-ministro Lu Buwei fora forçado a cometer suicídio. Todos os outros ministros quedavam acovardados. Numa agitada década final, o reino de Qin limpou a mesa. Han caiu em 230 a.C., e Wei em 225 a.C. Depois Qin conquistou Chu (223 a.C.), Yan e Zhao (ambos em 222 a.C.) e Qi (221 a.C.), completando a unificação da China. Zheng assumiu um novo título, primeiro imperador, e sua história continua num capítulo adiante (ver “Qin Shi Huang Di”).

A PRIMEIRA GUERRA PÚNICA

Número de mortos: 400 mil¹

Posição na lista: 81

Tipo: guerra pela hegemonia

Linha divisória ampla: Roma versus Cartago

Época: 264-241 a.C.

Localização: Mediterrâneo ocidental

Quem geralmente leva a maior culpa: Cartago (o exemplo clássico dos vencedores que escrevem os livros de história)

Outra praga: a conquista romana

Um barco cheio de mercenários desempregados, chamados mamertinos, apossou-se de Messina, na Sicília, assassinando os líderes da cidade e estuprando as mulheres. Isso já era bastante ruim, mas depois os mamertinos começaram a saquear alguns vizinhos, e a extorquir os demais. A maior parte da Sicília estava sob o controle local de tribos e cidades-Estado, mas Cartago e Siracusa haviam lançado grandes esferas de influência, e a Itália, governada pelos romanos, ficava logo do outro lado do estreito de Messina. As três potências principais da região queriam expulsar os mamertinos e restaurar o *status quo* pacífico, mas a política complicava a situação. Quando Siracusa atacou os baderneiros, Cartago naturalmente tomou partido do outro lado. Depois os mamertinos ficaram preocupados com o preço da ajuda cartaginesa, que era muito alto, e pediram que Roma os auxiliasse a expulsar as forças de Cartago. Isso rapidamente cresceu e virou uma guerra geral pelo controle da Sicília.²

O exército romano, formado por veteranos da conquista da Itália, venceu quase todas as batalhas terrestres na Sicília, mas a marinha cartaginesa era muito superior em número de navios, habilidades náuticas e construção de embarcações, comparada ao que os romanos podiam apresentar. Assim, eles podiam desembarcar tropas mercenárias frescas em qualquer ponto da ilha, e interceptar os reforços romanos que eram enviados do continente. Isso criou um impasse.^a

Os romanos logo apareceram com novas táticas navais, que aumentaram sua força. Transformaram as batalhas navais em batalhas terrestres, inventando o *corvus* (corvo), uma plataforma móvel com dobradiças localizada na proa. Em vez de dependerem da difícil tática de

abalroar os navios inimigos, os romanos usavam garateias de abordagem para prender sua embarcação ao lado da embarcação do inimigo. Então o *corvus* era abaixado, com seu agulhão batendo com força e enganchando no convés do navio inimigo. Em seguida, soldados com armamento pesado corriam pela prancha para matar a tripulação do outro barco.

Em 255 a.C., depois de assegurar a posse da Sicília e expulsar os cartagineses do mar, os romanos desembarcaram um exército no norte da África, mas foram barrados pelas poderosas muralhas que circundavam a cidade de Cartago. Depois um exército de mercenários gregos, recém-contratados pelos cartagineses, além de elefantes de guerra, desembarcaram e venceram os romanos. Estes evacuaram os sobreviventes da África, mas uma súbita tempestade os alcançou, afundando 248 navios da frota romana ao largo do cabo Pacinus, mandando 100 mil remadores, marinheiros e soldados para o fundo do mar.³ Foi o pior desastre marítimo da história da humanidade.^b

A guerra então retornou à Sicília. Agora os romanos tinham a vantagem tanto na terra quanto no mar, mas duas tempestades inesperadas destruíram duas outras esquadras romanas em rápida sucessão, dando aos cartagineses a chance de levar o conflito a um impasse. Finalmente, em 241 a.C., perto das ilhas Aegates, ao largo ocidental da Sicília, os romanos destruíram a frota cartaginesa, que levava suprimentos para o exército. Com seu último exército encurralado e faminto, Cartago concordou com os termos de paz romanos, que incluíram reparações, resgate e a Sicília.

^a O que tornava o exército romano tão bem-sucedido? Primeiro, os romanos eram organizadores meticulosos que padronizavam todas as técnicas de guerra, como acampamentos, provisões, marchas, soldos, prêmios ou disciplina, de modo que erros ou atrasos não os impedissem de chegar ao inimigo.

Segundo, eles decompuseram a sólida falange que a maioria dos exércitos usava em blocos menores de setecentos homens (primeiro, manípulos, e depois de uma grande reorganização em 107 a.C., coortes) que podiam se adaptar com mais flexibilidade às circunstâncias de batalha. Tais blocos eram unidos em legiões com cerca de 5 mil homens. Os soldados romanos em geral começavam uma batalha avançando com calma, enquanto lançavam uma rajada de lanças pesadas (*pila*; no singular, *pilum*) sobre a horda inimiga, e depois se aproximavam com as espadas. As lanças eram tão pesadas que, mesmo bloqueadas pelos escudos dos soldados inimigos, cravavam-se ali e arrastavam tudo para baixo.

^b Se não o pior, então empatado em primeiro lugar com a perda da frota de Kublai Khan na costa japonesa em 1281, que alegadamente também matou 100 mil.

QIN SHI HUANG DI

Número de mortos: 1 milhão¹

Posição na lista: 46

Tipo: déspota

Linha divisória ampla: primeiro imperador *versus* tradição

Época: 221-210 a.C.

Localização: China

Quem geralmente leva a maior culpa: Qin Shi Huang Di (nascido Zheng)

O primeiro imperador

Ao se tornar senhor de toda a China, Zheng inventou um título novo em folha, pelo qual é conhecido na história: Primeiro (Shi) Augusto (Huang) Imperador (Di) da China (Qin).

A seu lado, o primeiro-ministro Li Si estabeleceu novos padrões para todos os principais conselheiros cruéis e coniventes da história. Li Si tinha ideias bem definidas sobre como transformar a China num império pacífico e organizado para toda a eternidade. Ele era ouvido pelo imperador e o enchia de sugestões. Essas reformas implantaram o regime totalitário de Qin na maior parte das terras recém-conquistadas.

Para manter o poder longe das mãos de nobres ambiciosos, Shi Huang Di dissolveu a velha aristocracia e aboliu o feudalismo. Depois de confiscar as armas dos nobres derrotados, dividiu seu domínio em 36 territórios administrados por militares por ele nomeados; o primeiro imperador tinha três funcionários autônomos gerindo parte do governo: um governador encarregado dos assuntos civis, um comandante militar independente e um inspetor ou espião que vigiava os outros dois. Para cargos de menor importância, ele criou um serviço público profissional, preenchido por candidatos que fossem aprovados em testes imparciais para verificar sua educação.

Para propagar a unidade através de Estados antes belicosos, o primeiro imperador reduziu todas as variações regionais a uma única versão oficial de tudo. Padronizou a escrita chinesa no sistema em uso atualmente. Emitiu dinheiro novamente e instituiu um sistema de pesos e medidas. Exigiu que todos os veículos de tração animal tivessem o mesmo comprimento do eixo, de modo a se adaptarem às novas estradas

construídas por toda a China, estradas que tornavam mais fácil levar rapidamente seus exércitos para qualquer ponto onde houvesse perturbação.

Sempre que Shi Huang Di tentava fazer mudanças, os acadêmicos reagiam e insistiam que não havia precedente; a lei proibía. Bom, a solução óbvia era remover todos esses incômodos precedentes e partir do zero. Ele ordenou que lhe trouxessem cada livro na China, e incinerou todos, com exceção de uns poucos manuais técnicos. Quando os estudiosos puseram a boca no mundo, ele enterrou 460 deles vivos, para não precisar mais ouvir suas reclamações. Muitos anos mais tarde, com Shi Huang Di havia muito desaparecido, os estudiosos se reuniram e tentaram reescrever tudo que pudessem lembrar da literatura perdida.²

Criando muros

O primeiro imperador necessitava proteger a fronteira norte contra as incursões de cavaleiros nômades, conhecidos como xiongnus (que já foram considerados precursores dos hunos, mas atualmente não são). Ele uniu as diversas muralhas locais que bloqueavam desfiladeiros estratégicos em uma única grande muralha, dividindo o mundo conhecido em Nós e Eles. Para construir essa muralha, enviou um general para a fronteira com 300 mil soldados e 1 milhão de trabalhadores recrutados à força, a maioria dos quais teria morrido durante a construção. Um fluxo permanente de trabalhadores viajava para o norte a fim de substituir os mortos. Diz a lenda que cada pedra da muralha custou uma vida humana.

O objetivo da grande muralha não era evitar que os xiongnus cruzassem a fronteira. Era muito fácil para eles apoiar uma escada sobre qualquer trecho desguarnecido da construção. Mas os pretensos invasores não podiam fazer seus cavalos ultrapassarem a barreira, de modo que tinham de avançar a pé, sem a vantagem militar que os tornava tão formidáveis.

Embora Shi Huang Di tenha sido o primeiro a construir *uma* grande muralha na China, não foi ele que construiu *a* Grande Muralha da China. A muralha já fora expandida, destruída, negligenciada e reconstruída tantas vezes nos 2 mil anos anteriores que a atual muralha, que se estende pelo norte da China, é mais nova, tendo meros quinhentos anos ou aproximadamente isso, e frequentemente segue um caminho diferente da muralha original.³

A busca pelo segredo da vida eterna

Quando deu a si mesmo o título de primeiro imperador, Shi Huang Di pretendia que todos os imperadores subsequentes continuassem a usar essa nomenclatura. Seu filho se tornaria Er Shi Huang Di (segundo imperador), seguido pelo terceiro, quarto e assim por diante. Entretanto, no fundo, Shi Huang Di realmente queria se tornar o imperador único, e fez grandes esforços procurando a imortalidade.

O alquimista da corte disse ao imperador que o mercúrio era a chave para a vida eterna, e forneceu-lhe poções que a garantiriam para ele. Shi Huang Di também mandou o feiticeiro taoista Xu Fu viajar para o leste à procura do segredo da imortalidade. Acreditava-se que Oito Imortais, santos taoistas que haviam aprendido os segredos do universo, viviam na montanha Penglai, além dos mares orientais. Xu Fu recebeu uma frota de sessenta navios com 5 mil tripulantes, acompanhados de 3 mil meninos e meninas virgens, porque acreditava-se que sua pureza ajudaria na busca. Vários anos depois de ter desaparecido no horizonte, Xu Fu retornou e relatou que um grande e amedrontador monstro do mar bloqueava a passagem, de modo que Shi Huang Di enviou uma embarcação cheia de arqueiros para matar o monstro. Então Xu Fu tentou novamente, mas nunca mais chegaram notícias dele.

Os historiadores modernos, tentando entender essa história, sugerem que Xu Fu simplesmente descobriu o Japão e lá se estabeleceu. A arqueologia mostra que a cultura chinesa começou a aparecer no Japão por volta dessa época.⁴

O fracasso na busca pela vida eterna

Quando Shi Huang Di morreu, em 210 a.C., numa viagem pelas províncias e possivelmente envenenado pelo mercúrio de seu elixir mágico, Li Si manteve a notícia em segredo durante dois meses, até poder voltar para a capital e tomar algumas providências. Entre elas estava tirar do comando um general perigosamente conservador, e forçar o filho mais velho do falecido imperador a cometer suicídio. Para evitar que o império se desintegrasse no caos, Li Si fingia que o governante estava vivo, chegando à carruagem do imperador todo dia e colocando a cabeça para dentro da janela, atrás da cortina, a fim de consultá-lo. Uma carroça cheia de peixe ficava por perto a fim de disfarçar o cheiro do cadáver.⁵

O primeiro imperador começara a construir seu túmulo muitos anos antes, empregando 700 mil trabalhadores no projeto e levando muitos deles à morte. O complexo que encerrava a tumba media 4.800 metros de largura, e dizia-se que era protegido por armadilhas compostas por balistas. Para proteger a localização secreta, os homens que instalaram as armadilhas foram também trancados na tumba. Em 1974 as escavações revelaram um exército subterrâneo de 8 mil soldados de terracota guardando o túmulo, e isso pode ser apenas uma pequena parte dos tesouros enterrados ali. Diz-se que a tumba contém uma réplica do mundo flutuando num mar de mercúrio, e uma análise do solo, feita em 2006, sugere que uma quantidade substancial de mercúrio continua enterrada na seção ainda não escavada.⁶

Depois que removeu todos os conservadores de qualquer possível influência sobre a sucessão, Li Si anunciou a morte do imperador e permitiu que o trono passasse a um príncipe que concordou com todas as mudanças radicais da década anterior. Entretanto, Er Shi Huang Di (o segundo imperador) governou por poucos anos, antes que uma guerra civil engolfasse a China.

Quanta maldade ele fez?

Como acontece com muitos personagens da Antiguidade, há apenas um punhado de fontes originais, todas filtradas através de séculos de cópias, recópias, censuras, ficcionalização, moralização e sensacionalização, de modo que há grande probabilidade de que tudo que conhecemos sobre Shi Huang Di seja errado, ou ao menos mais complicado do que somos levados a crer. Quem sai por aí enterrando estudiosos vivos não se dará bem nos escritos dos acadêmicos que vierem depois.⁷

Não podemos ter certeza de quantas pessoas ele matou, mas, para fins de nossa escala, estou seguindo a acusação comum de 1 milhão.

A SEGUNDA GUERRA PÚNICA

Número de mortos: 770 mil¹

Posição na lista: 58

Tipo: guerra pela hegemonia

Linha divisória ampla: Roma *versus* Cartago

Época: 218-202 a.C.

Localização: Mediterrâneo ocidental

Quem geralmente leva a maior culpa: Aníbal

Outra praga: a conquista romana

A essa altura quase todas as regiões litorâneas do Mediterrâneo ocidental haviam caído sob o domínio de Cartago ou Roma. Esses impérios antagônicos estavam separados pelo rio Ebro, na Espanha, até que a cidade de Sagunto, na esfera cartaginesa, mudou de lado e pediu a proteção de Roma. Aníbal, o general cartaginês na região, não iria permitir isso, de modo que tomou de assalto e saqueou a cidade traidora. Então, antes que os romanos pudessem fazer muito mais do que se queixar e lançar uma declaração formal de guerra, Aníbal partiu da Espanha com um exército cartaginês, seguiu o litoral e entrou na Itália atravessando os Alpes.

Durante os poucos anos que se seguiram, uma série de exércitos romanos tentou barrar a marcha de Aníbal, mas todos foram derrotados. Mais do que simplesmente derrotadas, as forças romanas foram aniquiladas. Em Trebia, no norte da Itália, Aníbal fingiu que se retirava, o que fez os romanos saírem de uma forte posição defensiva para serem emboscados num rio raso. No lago Trasimeno, três legiões romanas foram atraídas para a estrada à margem do espelho d'água e emboscadas no nevoeiro matinal. Àquela altura os romanos já estavam alertados para os truques do inimigo e recusaram-se a enfrentá-lo em batalha durante todo um ano.²

Finalmente, os romanos reuniam seu maior exército até então, oito legiões romanas mais aliados e cavalaria, 80 mil homens no total, e enfrentaram Aníbal em campo aberto, à luz plena do dia, em Cannae, no sul da Itália. Com um exército que era metade do efetivo de Roma, Aníbal fincou pé para enfrentar o inimigo. Colocou dois pesados blocos de infantaria em pequenas elevações do campo e ligou-os com uma linha

flexível de infantaria ligeira no centro. Quando os romanos atacaram, os flancos cartagineses aguentaram firme, enquanto o centro era empurrado para trás. Isso criou um túnel que atraiu os romanos para o centro. A vanguarda romana empurrava os cartagineses, enquanto a retaguarda empurrava a própria vanguarda, e logo os romanos viram-se aglomerados de tal maneira que não podiam usar suas armas com eficácia. Nesse ínterim, a cavalaria de Aníbal repeliu os cavaleiros romanos e fechou a retaguarda aberta do funil, prendendo todo o exército romano em um campo mortífero apinhado de gente. Os romanos foram sistematicamente trucidados durante o resto do dia, até não restar um soldado de pé.³

Em dois anos, os romanos haviam perdido 150 mil homens nas mãos de Aníbal. Então os aliados de Roma começaram a desertar. Siracusa aliou-se a Cartago e defendeu-se da retaliação de Roma, usando uma espantosa (e provavelmente mítica) coleção de engenhos de guerra inventados pelo matemático Arquimedes: catapultas aperfeiçoadas, uma garra mecânica que prendia os navios e os lançava contra os rochedos e um espelho que focalizava os raios do sol num feixe de calor mortal. Entretanto, no final, a disciplina e as habilidades marciais romanas derrotaram a engenhosidade grega. Siracusa foi conquistada e Arquimedes morreu durante o saque da cidade.

Incapazes de derrotar os cartagineses na Itália, os romanos enviaram um exército comandado por Cipião para se apossar da Espanha. Depois de demorada guerra que isolou Cartago de sua fonte vital de riqueza e soldados, Asdrúbal, o comandante cartaginês na Espanha, conseguiu romper o cerco e seguiu seu irmão Aníbal no caminho para a Itália. No percurso, dois exércitos romanos convergiram sobre ele e o cercaram num terreno rochoso e irregular na margem do rio Metauro, onde Asdrúbal teve dificuldade para dispor suas linhas de batalha. Os exércitos romanos liquidaram os cartagineses antes que seu general pudesse unir forças com o irmão, e um cavaleiro romano lançou a cabeça de Asdrúbal no acampamento de Aníbal.

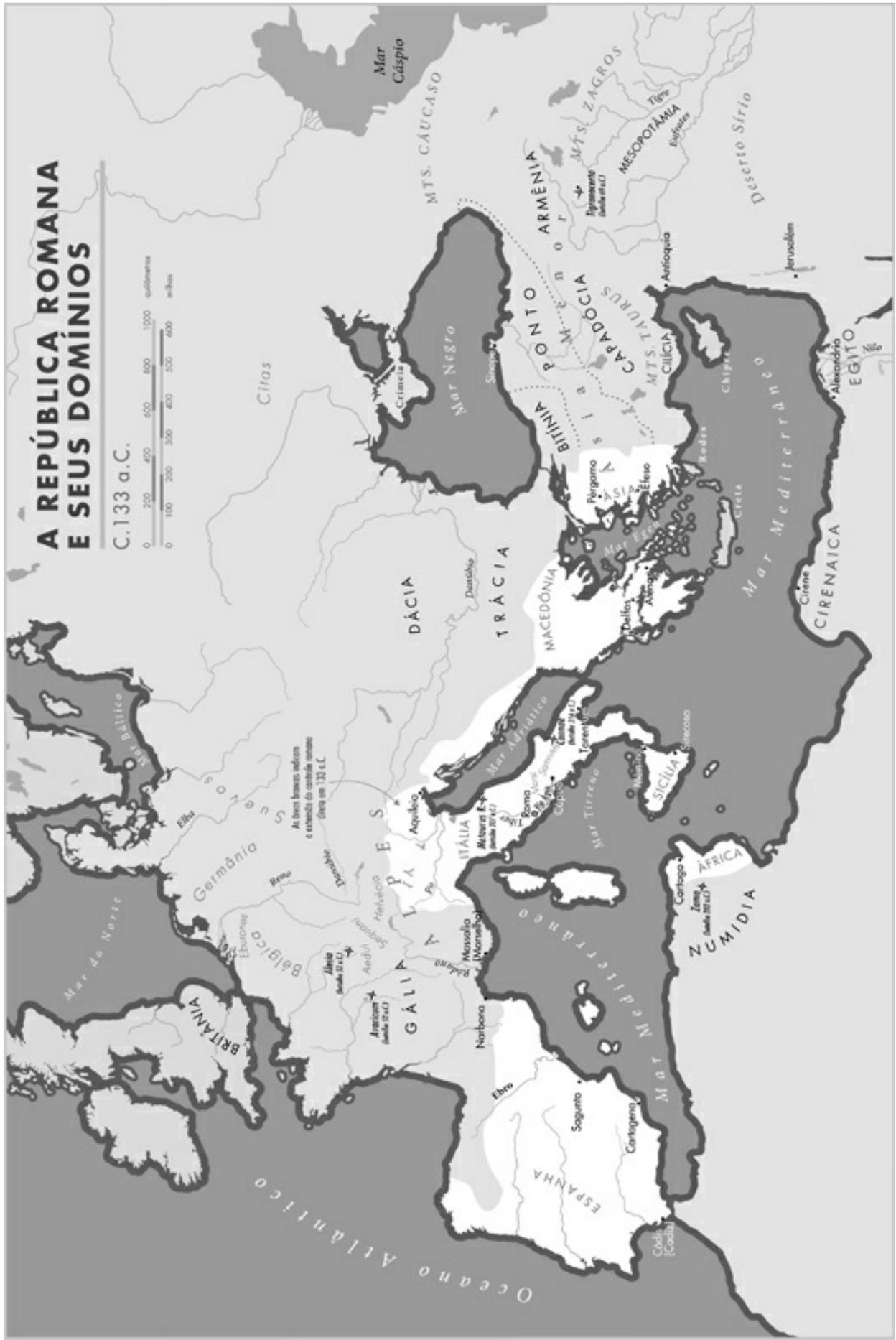
Por fim, os romanos de Cipião desembarcaram no norte da África, o que forçou Aníbal a abandonar a Itália e voltar às pressas para defender sua pátria. Cipião convenceu os numídios, vizinhos de Cartago e fornecedores da cavalaria de elite, a passar para o lado romano, e então a tropa reunida derrotou completamente o último exército cartaginês em Zama, quando os elefantes de guerra de Aníbal entraram em pânico e pisotearam as próprias linhas cartaginesas. O tratado de paz que se seguiu colocou todo o

Mediterrâneo ocidental sob controle romano.

A REPÚBLICA ROMANA E SEUS DOMÍNIOS

C.133 a.C.

0 100 200 300 400 500 600 800 1000 quilómetros
0 100 200 300 400 500 600 milhas



LUTAS DE GLADIADORES

Número de mortos: 3,5 milhões¹

Posição na lista: 28

Tipo: morte ritual

Linha divisória ampla: rede e tridente *versus* espada e escudo

Época: de pelo menos 264 a.C. a C. 435 d.C.

Localização: Império Romano

Quem geralmente leva a maior culpa: os romanos

O combate entre gladiadores é uma atividade tão incompreensivelmente estranha a nossos costumes que geralmente buscamos esportes análogos para descrevê-lo, mas apenas dessa vez vamos tentar não fazê-lo. É verdade que alguns gladiadores ficaram famosos como os atuais jogadores de futebol, mas a maioria morreu vergonhosa e anonimamente. A finalidade dos jogos era celebrar a morte de marginais. Uma luta habilidosa era meramente uma diversão adicional.

Os combates entre gladiadores começaram em algum lugar da Itália nos distantes nevoeiros do tempo, como ritos para homenagear os mortos. Os romanos alegavam ter aprendido a prática com seus vizinhos, os etruscos, mas não há outras evidências dessa origem, de modo que hoje em dia os historiadores preferem culpar outro povo italiano extinto, os samnitas, que realmente deixou evidências de combates entre gladiadores.²

Sacrificar prisioneiros de guerra e espalhar seu sangue sobre as tumbas de grandes guerreiros eram uma prática universal. Transferia seu poder para os heróis, e ao mesmo tempo servia um pouco como ato de vingança. Entretanto, de vez em quando os prisioneiros eram postos a lutar uns contra os outros. Não apenas isso era mais divertido do que simplesmente cortar suas gargantas sobre uma sepultura, mas também transferia o encargo de matar dos sacerdotes para os companheiros prisioneiros. Permitia uma demonstração ostensiva de misericórdia a um afortunado vencedor escolhido pelos deuses para sobreviver. Murais antigos do México, onde se veem prisioneiros lutando, mostram que essa prática desenvolveu-se independentemente fora do Mediterrâneo; contudo, apenas os romanos levaram-na a tal extremo. Na realidade, a ausência geral de combates entre gladiadores fora do mundo romano sugere que provavelmente *não* se trata da manifestação inevitável de um

tipo de sede de sangue humano universal.

Os romanos transformaram os jogos em parte integral da vida civil, um espetáculo que calejava os cidadãos para a visão de sangue e dor, ao mesmo tempo que eliminava os excedentes de prisioneiros de guerra e criminosos. Como povo belicoso, com inimigos por todos os lados, os romanos tinham de se acostumar com a morte violenta em idade precoce. Os jogos ensinavam, pelo exemplo, a enfrentar a morte com coragem e dignidade, reforçavam a importância de ser romano, ao mostrar os odiados escravos, criminosos e estrangeiros sendo despedaçados.³

Os jogos eram geralmente organizados para homenagear a memória de algum romano importante e nobre. Um patrocinador de alto nível pagava as despesas e oferecia entradas gratuitas aos espectadores. A plateia era dividida e acomodada em classes: o camarote imperial, os senadores juntos nas primeiras filas, os cidadãos romanos emancipados com seus pares, e as mulheres nas fileiras de trás, bem no alto.

A primeira luta registrada consistiu em três embates entre seis escravos para homenagear Bruto Pera, depois de uma batalha em 264 a.C. Com o tempo, o tamanho dos confrontos foi crescendo. Um século depois, Tito Flamínio apresentou 74 lutas, e Júlio César planejou 320 pares de gladiadores em 65 a.C. Como acontece com tudo que se torna popular demais, o propósito original foi se diluindo. Quando a República entrou em decadência, os jogos ganharam um tom mais de entretenimento do que de ritual, com políticos ambiciosos competindo para oferecer espetáculos mais brilhantes ao público. Eles tinham esperança de que um espetáculo especialmente grandioso seria lembrado pelos eleitores quando chegasse a época de eleição. Júlio César era um político hábil e um mestre em agradar as multidões. Às vezes ele armava os lutadores com armas exóticas ou com armaduras folheadas a ouro. Organizava batalhas simuladas, com derramamento real de sangue, inclusive com a encenação da queda de Troia. Foi um dos primeiros patrocinadores a reencenar batalhas navais em lagos artificiais, e realmente o primeiro a apresentar uma girafa aos romanos.⁴

A arena era geralmente a maior construção em qualquer cidade romana, e a importância dos combates na vida dos romanos foi enfatizada em 80 d.C., com a construção da maior arena já vista, o anfiteatro Flaviano, ou Coliseu, em Roma. Sendo o mais visível e destacado símbolo da magnificência romana, o Coliseu podia abrigar 60 mil espectadores sentados. Uma equipe de marinheiros suspendia um enorme toldo para

proteger a multidão. Túneis subterrâneos, câmaras e mecanismos posicionavam e elevavam animais, equipamentos e cenários até a vista do público. Quando os combates terminavam, o Coliseu permitia, eficientemente, a evacuação da plateia por suas 76 saídas.

Até os nazistas construírem seus campos de extermínio, o Coliseu talvez tenha sido o menor lugar com o maior número de mortes da história, com mais mortes por hectare do que qualquer campo de batalha ou prisão. Em 2007, uma votação mundial escolheu o Coliseu como uma das Novas Sete Maravilhas do Mundo.

Um dia na areia

A manhã de um dia de festival começava geralmente com animais interessantes vindos de todo o mundo conhecido: crocodilos, elefantes, leopardos, hipopótamos, alces, avestruzes, renas ou rinocerontes, que eram trazidos para a arena, apresentados e sacrificados às dezenas ou centenas. Ursos, touros, leões e lobos ferozes eram postos a lutar uns contra os outros como espetáculo, ou eram mortos por caçadores com arcos e lanças para alegria da multidão. Especialistas como toureiros podiam lutar diretamente com animais, segundo rituais tradicionais. A matança de animais na arena tinha a finalidade adicional de permitir que o patrocinador fornecesse ao povo um esplêndido festim com carne de touro, veado ou elefante. A carne era servida à multidão em banquetes ao ar livre, depois do espetáculo.⁵

Cinco mil animais selvagens e 4 mil animais domésticos foram mortos para celebrar a inauguração do Coliseu. Trajano matou 11 mil animais para celebrar seu triunfo na Dácia em 107 d.C.⁶ A demanda por mais espetáculos levou à extinção as mais imponentes espécies do império. Os últimos leões europeus foram mortos por volta de 100 d.C. O elefante do norte da África desapareceu no século II d.C. Tigres hircanianos, auroques, bisões europeus e leões da Barbária mal sobreviveram à era romana, confinados a umas poucas áreas desérticas, mas nunca mais se recuperaram e finalmente foram extintos nos séculos que se seguiram.⁷

Por volta de meio-dia, executavam-se os criminosos publicamente, como um aviso para outros, geralmente pelo fogo ou por feras soltas em cima deles. Às vezes os criminosos eram apenas jogados juntos em grandes grupos, com armas simples e ordens de se matarem uns aos outros. Outras vezes, a imaginação romana criava punições animadas, condizentes com o

crime. Alguns prisioneiros eram executados encenando os mais horrendos mitos: Hércules em chamas, Ícaro caindo do céu, Hipólito arrastado por cavalos, Acteão transformado num veado e despedaçado por cães. Essas cenas eram consideradas valiosas lições sobre os desígnios misteriosos dos deuses.

O verdadeiro espetáculo só começava à tarde, quando os gladiadores habilidosos eram apresentados. Eles começavam como criminosos, escravos ou prisioneiros de guerra, mas eram treinados em escolas especiais, *ludii*, para que fizessem a melhor apresentação possível. Às vezes o combate era apenas uma questão de fazer cem gauleses lutarem contra cem árabes, numa batalha encenada, que treinava cidadãos soldados para aquilo que os esperava na fronteira; entretanto, na maior parte do tempo os gladiadores lutavam individualmente, de modo que a plateia pudesse apreciar as habilidades belicosas sem distrações.

Os jogos começavam com o *editor* examinando as armas para ver se eram reais. As couraças dos gladiadores eram projetadas para diminuir o risco de ferimentos de pequena monta, em favor de uma morte direta: protegiam os braços e o rosto, mas deixavam expostos o peito e o pescoço. Capacetes com viseiras escondiam o rosto dos gladiadores, mantendo anônimas e impessoais as mortes na arena. Os lutadores eram paramentados como bárbaros ou guerreiros míticos, com armas e armaduras de estilo tradicional entre as tribos inimigas, como os samnitas ou trácios, e recebiam seus nomes. Um *secutor* lutava com uma espada e um pesado escudo retangular, sendo o braço que segurava a arma também protegido por uma couraça (*manica*). O homem do tridente (*retiarius*) usava uma rede para combater um *murmillo*, gladiador que usava uma couraça de escamas e um capacete em formato de peixe, numa vistosa reencenação do combate entre Netuno e um monstro marinho.

Quando um gladiador vencida o oponente, a plateia nas arquibancadas decidia a sorte do vencido, fazendo gestos com os polegares.^a Se a multidão estava convencida de que o lutador derrotado dera o melhor de si, sua vida era quase sempre poupada. Na verdade, as tumbas de gladiadores bem-sucedidos frequentemente tinham estatísticas de lutas, que incluíam vitórias, empates e derrotas, de modo que uma única derrota nem sempre era uma calamidade que terminava a carreira do gladiador. Durante a era de Augusto, estima-se que apenas 20% dos combates resultavam em morte, mas sob o governo de imperadores posteriores, 50% dos combates resultavam em morte.⁸

Um evento raro, mas especial, era o *munera sine missione*, “oferendas sem anistia”, série de combates de que só um gladiador saía vivo. No início do século I d.C., Augusto banuiu a prática, considerando cruel proibir que um lutador corajoso fosse anistiado, mas imperadores posteriores a reviveram pelo seu apelo dramático.

Fim de jogo

Os gladiadores eram treinados a morrer com elegância. Um lutador derrotado deveria oferecer o pescoço para o golpe final, sem atos constrangedores, como chorar, fugir ou pedir misericórdia.⁹

Depois de cada luta que terminasse em morte, auxiliares disfarçados como deuses do submundo apareciam e se certificavam de que o homem morto não estava fingindo. Mercúrio, com um chapéu e sandálias alados, espetava o perdedor com um ferro em brasa para ver se ele se encolhia. Caronte, o demônio etrusco de orelhas pontudas e nariz adunco, golpeava a testa do homem caído com uma marreta.^b Então escravos carregavam o corpo para fora e jogavam areia fresca sobre as poças de sangue.¹⁰

Fora da vista da multidão, no necrotério da arena, auxiliares que trabalhavam sob a severa vigilância de um supervisor retiravam a valiosa armadura do corpo, e cortavam a garganta do lutador para ter certeza de que não estavam sendo enganados. Como os gladiadores eram escravos ou criminosos, seus corpos eram geralmente atirados em vazadouros de lixo, mas uma vantagem de ser um gladiador vencedor era a perspectiva de um enterro decente, pago por fãs, patrocinadores agradecidos ou lutadores que juntavam dinheiro em associações funerárias.¹¹

Com sorte, destreza e carisma um gladiador vencedor podia se aposentar da carreira, vivo e livre. Os aposentados frequentemente se tornavam treinadores ou lutadores contratados regamente pagos. Outros eram cooptados como capangas, guarda-costas e justiceiros.

Como os romanos consideravam a compaixão uma fraqueza, seus filósofos raramente se opunham aos jogos, por essa razão. Em alguns de seus escritos, Cícero queixa-se de que os combates simulados eram vulgares e sádicos, mas mesmo assim ele aprovava os combates reais, que enfatizavam os valores romanos de força e honra. ¹² Naturalmente, a maior parte dos imperadores cruéis (por exemplo, Calígula e Cômodo) gostavam de ver homens se retalhando uns aos outros, e algumas vezes se juntavam à diversão, mas mesmo imperadores com melhor reputação consideravam

a sede de sangue uma boa qualidade romana. O imperador Cláudio frequentemente ordenava que o capacete do perdedor fosse removido para que o golpe final fosse desfechado de modo tal que ele pudesse observar a agonia no rosto do homem que morria. Marco Aurélio, por outro lado, não apreciava as lutas e tentou organizar jogos com armas rombudas e o menor número possível de mortes.

Os primeiros cristãos se opunham às lutas dos gladiadores como um ritual religioso rival, que martirizara milhares de correligionários durante os três primeiros séculos da era cristã.¹³ Os jogos perderam popularidade quando o império adotou o cristianismo, e a compaixão passou a ser considerada uma virtude. Constantino tentou abolir o combate de gladiadores num édito de 325 d.C., mas a abolição só era cumprida esporadicamente. Depois que os invasores germânicos desmantelaram o Império Romano do Ocidente, porém, os romanos perderam a necessidade de se calejar vendo homens morrerem. Os novos reis bárbaros punham fim aos combates de gladiadores sempre que assumiam o poder. A última luta registrada no Coliseu ocorreu em 435 d.C, embora as lutas públicas entre animais continuassem por quase um século mais.

^a Ninguém sabe certamente o que significavam os sinais do polegar. Geralmente são chamados “polegar para cima” e “polegar para baixo”, mas pelo que sabemos também poderiam ser “polegar estendido” e “polegar retraído”. A evidência direta é vaga (Desmond Morris, *Gestures: Their Origins and Distribution* [Nova York: Scarborough, 1980], pp. 186-193).

^b Esse ritual sobreviveu durante séculos, estranhamente, no Vaticano, onde os papas mortos tradicionalmente eram golpeados na testa com um martelo de prata para se garantir que estavam realmente mortos.

GUERRAS DE ESCRAVOS ROMANOS

Número de mortos: 1 milhão¹

Posição na lista: 46

Tipo: revoltas de escravos

Linha divisória ampla: escravos *versus* senhores

Época: 134-71 a.C.

Localização: Sicília e Itália

Tradução tradicional do nome: Guerras de Servos (*bellum servile*)

Quem geralmente leva a maior culpa: condutores de escravos

Outra praga: a rebelião contra Roma

Fatores econômicos: escravos, cereais

A primeira guerra de servos (134-131 a.C.)

Em contínuas guerras de conquista, os romanos fizeram centenas de milhares de prisioneiros e confiscaram vastos territórios inimigos, leiloados para especuladores romanos. Isso se deu especialmente na Sicília, onde as Guerras Púnicas destruíram as aristocracias cartaginesa e grega, substituindo-as por grandes plantações cultivadas por escravos, para lucro dos novos proprietários romanos. Por volta do segundo século a.C. a Sicília tornara-se o celeiro da República.

Em 134 a.C., um rico fazendeiro romano próximo da cidade siciliana de Henna foi morto por seus escravos. O crime colocava não apenas os assassinos sob a ameaça de crucificação, mas também, pela lei romana, todos os escravos da propriedade. Defrontados com essa terrível penalidade por meramente estarem no lugar errado e na hora errada, todos os escravos fugiram para as montanhas. Lá eles se ligaram a outro fugitivo, um ex-escravo sírio chamado Euno, mas depois batizado com o nome mais nobre de Antíoco. Ele se apossara de um santuário nas montanhas dedicado à deusa Deméter. Escondendo na boca uma noz cheia de enxofre e fogo, Euno exalava chamas quando falava, deixando seus seguidores admirados e convencidos que ele falava em nome da deusa.

Ali cresceu uma comunidade de escravos fugidos que vivia assaltando viajantes e plantações. O grupo chegou a 2 mil pessoas, quando mais escravos foram para o templo de Deméter. O comandante, um escravo grego chamado Aqueu, viajava pela ilha recrutando para a causa

agricultores livres, que tinham tanta aversão aos donos das fazendas quanto qualquer escravo. O exército rebelde então venceu o pretor (governador) da Sicília e sua milícia apressadamente reunida. Isso mais que decuplicou o efetivo de Euno.

Em outro local, um grupo de fugitivos se juntou a Cléon, um escravo nascido na Cilícia (Turquia meridional). Ele concordou em reconhecer Euno como rei da Sicília. Agora já eram 70 mil escravos armados.

Como estavam ocupados com guerras em outros locais, os romanos não podiam dar aos escravos rebelados total atenção. Ainda assim, todo ano conseguiam enviar um novo exército consular para combater os rebeldes. A lei romana decretava que os escravos revoltados capturados vivos tinham de ser crucificados, mas as autoridades locais consideravam isso um desperdício de mão de obra valiosa. Em vez disso, devolviam os escravos capturados a seus senhores, para que eles os castigassem, o que geralmente significava flagelo com açoite, em vez de morte. Por fim, Públio Rupílio, o último cônsul encarregado de esmagar a rebelião,^a tratou de crucificar quaisquer escravos que capturasse vivo, chegando a impor esse castigo a 20 mil deles.

Enfim os dois cônsules romanos conduziram seus exércitos combinados para o coração do território rebelde, e sitiaram Henna durante dois anos. Quando os rebeldes finalmente ficaram sem provisões e foram esmagados, Euno foi levado de volta a Roma. Entretanto, ele não foi estrangulado em público, que era a maneira usual de lidar com um honrado inimigo estrangeiro. Em vez disso, morreu esquecido na prisão algum tempo depois. Da mesma forma, Públio Rupílio não recebeu toda a pompa e glória de um triunfo romano completo, porque derrotar meros escravos não contava como uma *verdadeira* vitória.²

A segunda guerra de servos (104-100 a.C.)

Enquanto as grandes fazendas prosperavam, pequenos agricultores livres em toda a Sicília estavam sendo forçados à escravidão por dívidas escorchantes contratadas com agiotas e grandes proprietários de terras. Como tantos desses novos escravos haviam sido subjugados via negócios escusos, o governador romano da Sicília, Públio Licínio Nerva, criou um tribunal para ouvir as queixas. Ele provou ser eficiente demais para seu próprio bem. Depois de ter libertado cerca de oitocentas pessoas escravizadas equivocadamente, foi obrigado pelos fazendeiros a

abandonar a prática. Então recuou, e disse aos queixosos com casos ainda pendentes que eles teriam de permanecer escravos. Em vez de aceitarem a decisão, porém, os escravos se rebelaram.

O escravo rebelde Sálvio assumiu o controle do levante sob um novo nome, Trífon. Com base apenas na superioridade numérica, os escravos rapidamente se apossaram de grandes propriedades. Entretanto, a maior parte das cidades fechou suas portas a tempo, permanecendo romanas, mas os rebeldes impediram que alimentos chegassem aos cidadãos, e sobreveio uma grande fome.

O governador só tinha a seu dispor uma milícia sem treinamento, que foi derrotada diante da cidade de Morgântia. A cidade propriamente dita só não foi capturada porque os romanos ofereceram liberdade a qualquer escravo ali residente que ajudasse a defender as muralhas.

Precisando de mais homens, o governador chegou a um acordo com uma das gangues de bandidos que agiam livremente nas montanhas: perdoaria os facínoras se eles esmagassem a rebelião. Essa medida, porém, também não conseguiu derrotar os escravos revoltados.

A essa altura a Sicília já tinha duas rebeliões de escravos; os dois líderes, Sálvio no interior e Aténion no oeste, concordaram em governar conjuntamente. Logo depois, 14 mil veteranos romanos chegaram do continente. Embora inferiorizados em número, com sua disciplina superior venceram os exércitos combinados dos escravos, mas o general romano não se aproveitou dessa vantagem e os escravos escaparam para as montanhas. O comandante foi substituído por causa desse fracasso, mas no ano seguinte seu substituto foi dispensado por não ter se saído melhor. Finalmente um terceiro general, o cônsul Manius Aquillius, aniquilou os exércitos dos escravos em dois anos de duros combates. Manius Aquillius também matou pessoalmente o comandante inimigo, Aténion, cara a cara, no meio de uma batalha, feito raro na história.³

A terceira guerra de servos (73-71 a.C.)

Dessa você já ouviu falar.

Espártaco nasceu na Trácia (atual Bulgária) e serviu no exército romano até desertar e virar bandido. Depois de ser capturado, foi vendido para a escola de gladiadores em Cápua. Ali foi submetido ao costumeiro treinamento brutal, até que, junto com cerca de setenta colegas gladiadores, escapou para o interior do país.

Seu bando cresceu rapidamente, chegando a mil escravos fugidos, e derrotou a primeira legião romana enviada para puni-los. Depois eles acamparam na fortaleza natural formada pela cratera do Vesúvio, o vulcão adormecido. Quando uma nova legião romana encurralou Espártaco no seu refúgio, os rebeldes escaparam descendo por um penhasco íngreme com cordas feitas de cipós. Então Espártaco deslocou-se furtivamente e atacou os sitiados, que imprudentemente haviam acampado num desfiladeiro estreito. Sem tempo ou espaço para distribuir suas tropas de modo adequado, foram terrivelmente massacrados por Espártaco e seu exército.

Já convencido da gravidade da rebelião, o Senado romano enviou quatro legiões para esmagar os rebeldes. Espártaco marchou para o norte, na esperança de fugir da Itália pelos Alpes, onde seus seguidores se dividiriam e voltariam para casa separadamente; entretanto, seu exército preferia ficar e saquear a Itália, de modo que Espártaco voltou novamente para o sul, e foi estuprando e assassinando a população no seu caminho pela península, e derrotando todos os contingentes romanos enviados contra ele. Com cada vitória Espártaco reunia mais armas para seus seguidores, que já somavam dezenas de milhares.

Por fim Espártaco chegou à ponta mais meridional da Itália, onde planejava cruzar o estreito para a Sicília, e libertar a ilha do domínio romano. Ele negociara com piratas o transporte de seu exército em troca da permissão para eles usarem os portos sicilianos, mas no último minuto os piratas renegaram o acordo, e os gladiadores ficaram perdidos no continente. Nesse ínterim, o esforço de guerra romano caiu sob o comando de Marco Licínio Crasso, o homem mais rico de Roma, que financiou um novo exército. Crasso construiu na ponta da bota italiana uma enorme muralha, que seus 32 mil soldados ocuparam, para manter os 100 mil rebeldes no sul e fazê-los morrer de fome no inverno.

Espártaco crucificou um prisioneiro romano escolhido aleatoriamente diante de seus homens, para lembrá-los do horrível destino que os esperava se perdessem, e então eles tentaram romper a muralha. Não conseguiram. Tentaram de novo, mas apenas um terço dos rebeldes escapou com seu chefe. O restante foi deixado ali, para ser vagarosamente trucidado pelos romanos quando eles quisessem.

Já com suas forças seriamente enfraquecidas, Espártaco foi sendo açoitado por todo o sul da Itália, enquanto seu exército se reduzia gradualmente. Um segundo general romano, Pompeu, chegou para roubar a glória de seu inimigo político, Crasso. Indo para sua última batalha com

pouca esperança de sucesso, Espártaco cortou a garganta de seu cavalo, declarando que se perdesse não necessitaria de uma montaria, e que se ganhasse escolheria o melhor cavalo de Roma.

O exército do gladiador travou a última batalha e foi varrido do terreno por Crasso, mas Pompeu levou todo o crédito por colocar-se no caminho da retirada dos rebeldes e massacrá-los quando fugiam. Seis mil prisioneiros foram pregados em cruces ao longo da via Ápia, a estrada que ligava Roma ao sul da Itália, para que morressem vagarosamente, com os corpos apodrecendo, até só restarem ossos espalhados, como um aviso para outros escravos descontentes. Espártaco provavelmente não estava entre eles. Nunca mais se ouviu falar dele, mas seu corpo provavelmente estava entre as dezenas de milhares empilhadas no campo de batalha.⁴

O que vem a seguir?

Depois de lidar com todas as Guerras de Escravos juntas, vamos saltar um pouco para trás para ver o que estava acontecendo em outras partes do Império Romano.

Nos capítulos seguintes, nosso caminho divergirá do curso principal da história. Entraremos numa época da história romana em que as guerras propriamente ditas se tornaram menos importantes do que quem as empreendia. Durante as últimas gerações da República Romana, ambiciosos generais matarão centenas de milhares de estrangeiros simplesmente para melhorar seu próprio perfil público. A maior parte dos historiadores modernos de Roma segue os êxitos e fracassos desses generais na cidade de Roma, em vez de acompanhá-los em suas vitórias e derrotas nas fronteiras. Nós, por outro lado, estaremos olhando mais para as centenas de milhares de estrangeiros mortos a fim de engrandecer Roma.

^a Maior cargo eleito da República Romana, o cônsul servia como executivo-chefe e comandante supremo. Havia sempre dois cônsules, substituídos todo ano a fim de não acumularem poder demasiado. Outros magistrados romanos (tribuno, edil, pretor, por exemplo, mais ou menos em ordem ascendente de poder) também eram eleitos por um ano e recebiam tarefas menores.

Quem servia um termo como magistrado ganhava uma cadeira vitalícia no Senado, onde jazia a autoridade suprema do governo. Isso significava que todo senador tinha ao menos um ano de experiência prática supervisionando as nada glamurosas atividades diárias que mantinham a cidade e o império funcionando, como a construção e manutenção de estradas ou esgotos, a cobrança de impostos, o julgamento de processos e o comando de guarnições fronteiriças.

O sistema mantinha o poder dividido entre várias mãos. Produzia muitos administradores

experientes que podiam facilmente receber qualquer tarefa, fosse militar, civil ou judicial, com abundantes substitutos à mão caso falhassem. Infelizmente, isso também significava que não havia um único chefe de Estado que impedisse os políticos ambiciosos de se matarem para ganhar mais poder (literalmente: a política romana era brutal). Ao longo do tempo, o poder em Roma foi coalescendo em torno de facções e personalidades, em vez de cargos constitucionais.

A GUERRA DOS ALIADOS

Número de mortos: 300 mil¹

Posição na lista: 96

Tipo: guerra civil étnica

Linha divisória ampla: romanos *versus* italianos

Época: 91-88 a.C.

Localização: Itália

Tradução tradicional do nome: Guerra Social (*bellum sociale*)

Quem geralmente leva a maior culpa: os romanos

Outra praga: a rebelião contra Roma

Os povos da Itália central haviam lutado como aliados dos romanos nas suas guerras de conquista, fornecendo até metade dos efetivos de seus exércitos, mas todo o poder e toda a glória das conquistas iam para a cidade de Roma. Os oficiais aliados que serviam no exército romano eram submetidos a punições draconianas, sem o direito de apelação que os cidadãos romanos tinham. Os magistrados romanos que passavam por cidades aliadas exerciam autoridade ditatorial, e apenas cidadãos de Roma tinham alguma voz na política romana ou proteção por parte daquela cidade. Então os aliados italianos fizeram uma petição para serem reconhecidos como cidadãos romanos. Encontraram um aliado em Marco Lívio Druso, um tribuno romano que defendia o caso deles nas políticas da cidade; toda vez que votava, porém, o Senado recusava a petição. Quando Druso foi assassinado como parte do jogo político brutal da cidade, os aliados italianos abandonaram a abordagem de cooperação, e partiram para o plano B. Oito tribos, com destaque para os samnitas e os marsos, estabeleceram uma república rival (“Itália”), escolhendo como capital a cidade de Corfíno, a leste de Roma.

Imediatamente Roma mobilizou seu exército para estancar o movimento rebelde. Com inimigos em todas as direções, os dois cônsules romanos em 90 a.C. dividiram o exército de 150 mil homens e marcharam separadamente. Públio Rutílio Lupo seguiu para o norte, e Lúcio Júlio César, para o sul. No norte Rutílio perdeu várias batalhas e acabou morto, mas seu conselheiro, o veterano general e exemplo romano da época, Gaio Mário, assumiu o comando e levou seu exército à vitória sobre os marsos. No sul, o exército romano levou uma sova, mas conseguiu levar os italianos

a um impasse.^a

Pela primeira vez desde os tempos de Aníbal, Roma via inimigos se aproximarem de seus portões. Percebendo que vencer a guerra seria mais difícil do que previra, a cidade deu concessões a quaisquer aliados que assim permanecessem ou voltassem a ser leais. No ano seguinte, ambos os cônsules partiram para o norte com seus exércitos juntos, e conseguiram uma importante vitória sobre os rebeldes italianos.

Por fim, a guerra terminou quando Roma concedeu a seus aliados revoltados o direito de votar para o governo da cidade. O problema era que os votos tinham de ser dados pessoalmente, na própria cidade de Roma. À primeira vista, isso não era bem o cumprimento da promessa que Roma fizera, porque a maior parte dos cidadãos aliados não se dava ao trabalho de marchar até lá no dia da eleição. Logo de início, a maioria das pessoas não votava; entretanto, os candidatos por fim perceberam que valia a pena trazer seus eleitores de comunidades distantes para a temporada de eleições, e com o tempo essa época se transformou num feriado bastante festivo.²

^a Entre as forças romanas no sul, Lúcio Cornélio Sula emergiu como um líder rival de Mário. Mais tarde os dois travaram uma guerra civil pelo controle de Roma, e cada um passou um período como ditador.

A TERCEIRA GUERRA MITRIDÁTICA

Número de mortos: 400 mil pelo menos¹

Posição na lista: 81

Tipo: guerra pela hegemonia

Linha divisória ampla: Roma *versus* Ponto

Época: 73-63 a.C.

Localização: Ásia Menor (moderna Turquia)

Quem geralmente leva a maior culpa: Mitridates

Outra praga: a conquista romana

Depois dos cartagineses, foi o reino do Ponto, que incluía grande parte da região ao redor do mar Negro e tinha sua capital em Sinope, na costa norte da Ásia Menor, que apresentou a mais renhida resistência à expansão romana.

Prelúdio: a Primeira Guerra Mitridática (89-85 a.C.)

Enquanto os romanos estavam ocupados com a revolta dos aliados na Itália, o rei Mitridates, do Ponto, aproveitou para invadir a esfera de influência romana no leste, conquistando dois reinos aliados dos romanos: Bitínia (a oeste) e Capadócia (ao sul). Refugiados, seus reis convenceram Roma a lhes prestar socorro. Entretanto, assim que Roma declarou guerra, o exército do Ponto ocupou a província romana da Ásia (o litoral oeste da atual Turquia). Mitridates ordenou a morte de todos os italianos que viviam naquelas terras (80 mil mercadores, marinheiros, viajantes, membros das famílias e até mesmo escravos nascidos italianos) e o confisco de todas as suas propriedades.

Mitridates passou para a Grécia, que conquistou e ocupou com facilidade, até Roma resolver seu problema com os aliados italianos e retaliar. Lúcio Cornélio Sula, na época cônsul romano, chegou e derrotou os pônticos em diversas batalhas, matando mais de 150 mil inimigos,² mas os termos da paz que impôs a Mitridates foram leves, porque queria voltar para casa rapidamente e consolidar a base do seu poder em Roma.

A fim de financiar novos exércitos, os lados em guerra saquearam os santuários sagrados da Grécia. Mitridates saqueou a ilha de Delos, lugar de nascimento de Apolo e Ártemis, enquanto os romanos faziam o mesmo no

Oráculo de Delfos e em Olímpia, sítio dos Jogos Olímpicos. Cada exército levou grande carregamento de obras de arte preciosas para serem leiloadas, visando obter dinheiro vivo.³

A Segunda Guerra Mitridática (83-82 a.C.)

A segunda guerra mitridática foi uma escaramuça de fronteiras, e nem sequer mereceria uma menção, se não fosse confuso pular da primeira para a terceira guerra sem explicação. Mitridates começou a reconstruir seu exército a fim de esmagar algumas rebeliões locais, mas o comandante romano local achou que essas tropas iam ser dirigidas contra Roma. Depois dos primeiros confrontos, entretanto, eles celebraram a paz por meios diplomáticos.

A Terceira – e mais sangrenta – Guerra Mitridática (73-63 a.C.)

Àquela altura, a maioria dos reis em torno do Mediterrâneo reconheceu que Roma mandava. Precisavam obter o aval do embaixador romano para qualquer grande decisão política que desejassem tomar. Os monarcas sem filhos às vezes iam mais longe, e simplesmente deixavam seus reinos para Roma em testamento, mas quando o rei da Bitínia legou seu reino a Roma, Mitridates declarou que o testamento fora falsificado por Roma e ocupou a Bitínia de novo. Ele esperava que os romanos estivessem ocupados demais combatendo Espártaco para vir enfrentá-lo.

O Senado Romano despachou Lúcio Licínio Lúculo para resolver o problema pôntico, mas, quando chegou, ele viu que as forças romanas eram um bando indisciplinado, sem condições de empreender uma campanha difícil. Levou algum tempo colocando suas tropas em forma, mas isso fez com que outro comandante romano na área, Marco Aurélio Cotta, agindo por conta própria, fosse derrotado na Calcedônia, e sitiado em Cízico por Mitridates. Com um exército que ainda estava mal-treinado, Lúculo avançou e amedrontou os pônticos, fazendo-os abandonar o cerco.

Na campanha que se seguiu, Lúculo destruiu sistematicamente o exército do Ponto, e conquistou a Ásia Menor. Mitridates se abrigou a leste com seu genro, o rei Tigranes da Armênia, que recusou as exigências romanas de extraditar o sogro. Em 69 a.C., Lúculo avançou até o interior da Armênia pela rota da Mesopotâmia superior, numa campanha que matou

cerca de 100 mil armênios. A fortuna saqueada em Tigranocerta, capital da Armênia, tornou Lúculo o homem mais rico de Roma, e seu extravagante estilo de vida ficou lendário depois que ele voltou para casa e começou a gastar o butim.

Mitridates então fugiu para suas terras no litoral norte do mar Negro, onde governava seu filho Macares, que não queria antagonizar Roma e se recusou a pegar em armas. Homem nada sentimental, Mitridates matou Macares, assumiu o controle pessoal do território do filho e reconstruiu o exército recrutando cavaleiros citas da estepe ucraniana.

Na Ásia Menor, enquanto consolidava o controle dos territórios conquistados, Lúculo fez inimigos entre seus próprios patrícios. Para aliviar a imensa pobreza daquelas terras devastadas pelas guerras, ele aboliu unilateralmente algumas das mais pesadas dívidas que os colonos tinham com agiotas romanos e fazendeiros que cobravam taxas, contratantes independentes que extorquiam a população local em benefício do governo romano. Isso enraiveceu muitos financistas poderosos. Os soldados de Lúculo também não gostavam de seu chefe, por ser avarento na divisão do butim, de modo que se recusaram a ir adiante durante sua última campanha. Isso abriu as portas para uma contraofensiva do Ponto, visando recuperar grande parte do território perdido. Os inimigos de Lúculo em Roma aproveitaram a oportunidade para fazer com que ele fosse chamado de volta e substituído por Pompeu (66 a.C.), que então ficou com toda a glória de ter administrado o golpe de misericórdia ao moribundo reino do Ponto.

Enquanto o mundo se fechava em torno dele, Mitridates envenenou suas filhas e mulheres para evitar que fossem capturadas e humilhadas. Depois tentou suicidar-se com veneno, mas fracassou no seu intento porque passara a vida toda desenvolvendo uma imunidade aos venenos comumente usados por assassinos. Finalmente, um de seus generais terminou a tarefa com uma espada.

A GUERRA NA GÁLIA

Número de mortes: 700 mil¹

Posição na lista: 61

Tipo: guerra de conquista

Linha divisória ampla: romanos *versus* gauleses, germânicos

Época: 58-51 a.C.

Localização: Gália (França)

Quem geralmente leva a maior culpa: César

Outra praga: a conquista romana

Os helvécios

O meio mais certo de agradar os eleitores em Roma era trazer de volta grandes produtos do saque de conquistas estrangeiras, e distribuí-los liberalmente por toda a cidade. Na época do final da República Romana, entretanto, o império era grande demais para que os dois cônsules governantes ficassem guerreando por todo o mundo, reunindo riquezas e glória em guerras estrangeiras durante o único ano para o qual eram eleitos. Em vez disso, eles tinham sua oportunidade como procônsules, ex-cônsules, que eram nomeados pelo Senado como governadores de províncias em fronteiras problemáticas (mas potencialmente lucrativas). Um cônsul popular era recompensado com uma rica província que ele podia extorquir, enquanto outro, impopular, talvez recebesse um vasto território de deserto rochoso, habitado por nômades sujos e pobres. Depois de servir seu termo como cônsul, o extremamente popular Gaio Júlio César recebeu quatro legiões e o cargo de governante de diversas províncias romanas do norte, especialmente a Gália meridional (atualmente o sul da França).

César estava ansioso por uma desculpa, qualquer desculpa, para começar a conquista e o saque, de modo que ficou muito contente quando os helvécios pediram permissão para migrar através do protetorado romano para a Gália, em 58 a.C. Ele negou a permissão, mas os helvécios foram em frente de qualquer jeito. César colocou-se no caminho deles com seis legiões.^a Construiu uma longa muralha barrando o caminho dos invasores, perto do lago Genebra, e esperou. Os helvécios também ficaram esperando.

Quando os helvécios tentaram desbordar as tropas romanas, César os surpreendeu cruzando um rio e esmagou a retaguarda deles. Depois os perseguiu de perto sem lhes dar descanso, matando os que se desgarravam, até que acidentalmente estendeu demais suas linhas de suprimento. Quando ele recuou, os helvécios deram meia-volta e o perseguiram, até que os romanos fincaram pé numa colina perto da importante cidade gálica de Bibracte, na França central. Ali conseguiram repelir os ataques dos adversários. Depois contra-atacaram e os destruíram.

De acordo com documentos que César encontrou num acampamento helvécio abandonado, 368 mil (um quarto deles guerreiros) haviam partido, mas agora só restavam 110 mil. Ele reenviou os sobreviventes para a antiga pátria (atualmente a Suíça), a fim de evitar que os germânicos ocupassem o território desabitado.²

Já era tarde demais para isso.

Ariovisto

Ao norte, duas tribos gaulesas do vale do Reno, os éduos e os séquanos, estavam em guerra, de modo que estes últimos contrataram os suevos, uma tribo germânica chefiada por Ariovisto, para ajudá-los. Depois que os éduos foram derrotados, entretanto, Ariovisto não se retirou. Apossou-se de um terço do território dos séquanos, onde estabeleceu 120 mil membros de seu próprio povo. Posteriormente, mais um terço do território dos éduos foram conquistados por Ariovisto.

Entretanto César não queria deixar que os germânicos estabelecessem um poderoso território tão perto da fronteira romana, de modo que em resposta a pedidos de ajuda dos aeduis ele exigiu a retirada dos suevos. Quando Ariovisto zombou da exigência, César marchou com 30 mil homens para o norte, em setembro. Os dois lados parlamentaram e manobram durante algum tempo, até que o acampamento romano em Vosges viu-se cercado por 70 mil germânicos vociferantes. Os romanos calmamente formaram suas linhas e atacaram. Derrotaram os suevos e os perseguiram de perto por 24 quilômetros. Tendo perdido 25 mil homens, o inimigo escapou atravessando o rio Reno de volta, e logo correu o boato de que Ariovisto morrera, provavelmente assassinado por seus próprios correligionários revoltados.

Avançando mais

Durante o ano seguinte, César permaneceu no norte combatendo os belgas, uma coalisão importante de tribos gaulesas que se armavam para bloquear a expansão romana. Em junho de 56 a.C. César construiu uma ponte de madeira sobre o Reno, em dez dias, a primeira do mundo a cruzar o rio. Esse espantoso feito de engenharia intimidou a maior parte das tribos locais, que entregaram reféns ao general, como símbolo de sua rendição. César gastou apenas 18 dias cruzando o rio, incendiando a cidade de uma das tribos que resistiu à sua investida. Destruiu a ponte depois que se retirou, a fim de não deixar uma porta desguarnecida para o império.

Em 55 a.C., ele cruzou o canal da Mancha, invadindo a Bretanha, para ver se valia a pena conquistar aquele território. Levou apenas duas legiões, ou porque planejava não mais do que um reconhecimento ou porque, arrogantemente, supôs que aquela força seria bastante para subjugar a ilha. De qualquer modo, os britânicos mostraram ser mais fortes do que ele esperava. César ficou com suprimentos escassos, mas mesmo assim atacou a partir de sua base e destruiu alguns vilarejos, só para mostrar que não seria forçado a se retirar. Depois retornou ao continente.

A essa altura, César já tinha conseguido mais duas novas legiões, somando um total de oito. No inverno de 54-53 a.C., o rei Ambiórrix, dos eburões germânicos, enganou as forças romanas: aceitou que passassem em segurança por seu território, mas depois as emboscou. Uma legião quase inteira foi massacrada, perdendo sua Águia, que era o símbolo visível da legião e um poderoso talismã. Os sobreviventes fugiram de volta para seu acampamento e cometeram suicídio, pois não queriam cair prisioneiros dos germânicos.

César chegou e retaliou, destruindo cada aldeia e fazenda no território dos eburões. Embora houvesse fugido e se escondido da vingança direta dos romanos, a maioria da população ficou agora exposta à inanição durante o inverno. César também deu às tribos vizinhas a permissão para que fizessem o que quisessem com os eburões. Embora não saibamos exatamente o que essas tribos fizeram, com certeza foi algo terrível. A história nunca mais voltou a mencionar os eburões.

Em 53 a.C., César dispunha de dez legiões. Ele voltou do norte e varreu a Gália novamente, certificando-se de que todas as tribos soubessem quem as governava. Esmagou uma série de tribos gaulesas teimosas, uma por

uma, vendendo as mulheres e crianças para mercadores de escravos que seguiam seu exército por onde este marchava. Plutarco relata que 1 milhão de gauleses foram capturados durante as campanhas de César. O fluxo de escravos baratos para a Itália acabou levando ao empobrecimento da classe trabalhadora desse país, o que, por sua vez, solapou os fundamentos democráticos da república.

Finda sua campanha, César pôde reivindicar toda aquela região como território romano. Embora todo exército gaulês que se levantara contra os romanos houvesse sido derrotado, o povo decidiu realizar um último esforço para expulsar os invasores. Uma grande coalizão de tribos já pacificadas empreendeu uma revolta sob o comando de Vercingetórix, chefe da tribo dos arvernos. Para levar os romanos à inanição, os gauleses destruíam todo suprimento que não podiam remover ou defender, e o subsequente sítio da capital gaulesa de Avaricum foi quase uma punição para os romanos lá fora, e os gauleses lá dentro. Por 27 dias, debaixo de forte chuva, os romanos tentaram montar torres com rodas para tomar a cidade, enquanto os gauleses realizavam sortidas externas visando perturbar os trabalhos. Finalmente os engenhos de assédio ficaram prontos e um assalto romano ultrapassou as muralhas. Os conquistadores massacraram todos os inimigos dentro da cidadela. César relata que não houve sobreviventes: “Nem homens, nem mulheres, nem crianças. Da população de cerca de 40 mil, apenas oitocentas, que fugiram da cidade ao primeiro sinal do inimigo, conseguiram chegar com segurança a Vercingetórix.”

Vercingetórix mantivera-se afastado durante o sítio de Avaricum, vencendo diversos pequenos confrontos, antes que César o encurralasse no bastião de Alésia. Mais uma vez os romanos estabeleceram seu acampamento em forma de anel, circundando toda a fortaleza inimiga, e começaram a construir as máquinas de assédio. Depois que eles repeliram uma tentativa de gauleses fora do perímetro, visando quebrar o cerco, Vercingetórix desistiu. Entregou-se à mercê de César, e embora este tivesse uma reputação de perdoar os inimigos, dessa vez manteve-se firme. Vercingetórix ficou jogado numa cela por diversos anos, até o dia festivo da procissão triunfal de César. Então foi retirado de lá, conduzido pelas ruas de Roma e ritualmente estrangulado no final.

Legado

O teimoso e incorruptível Marco Pórcio Catão, um dos últimos senadores de Roma a acreditar na república, opunha-se vigorosamente às guerras de César. Achava que César as empreendera sob falsos pretextos, e que ele deveria ser entregue aos germânicos para ser punido. Outros homens poderosos em Roma também se opunham a César, mas principalmente porque a ambição dele de tornar-se ditador conflitava com as próprias ambições deles de fazerem o mesmo.

A guerra não apenas cobrira César de glória e riquezas, mas também o deixara com um exército veterano de tamanho sem rival, inteiramente subordinado a seu favor pela distribuição dos saques efetuados na Gália. Embora ninguém em Roma pudesse evitar que ele se tornasse ditador, ainda decorreriam alguns anos de guerra civil antes que todos os que duvidavam fossem convencidos. Entretanto, exatamente quando se estabeleceu na cidade para gozar dos frutos de sua vitória, César foi assassinado. Seus imediatos no comando lutaram entre si durante mais alguns anos, mas por fim o último desses que restaram, seu sobrinho Otaviano, herdou o manto do poder sob o título de Augusto, e Roma tornou-se um verdadeiro império.

^a Oficialmente, o Senado romano deu a César apenas quatro legiões. Depois, o próprio César reuniu novas legiões, financiadas com a pilhagem na Gália.

NUMEROSIDADE ANTIGA

Até que ponto são confiáveis as estatísticas antigas sobre atrocidades? “Não muito” é a resposta tradicional. Alguns historiadores modernos descartam essas estatísticas sem maiores considerações, simplesmente porque as provas que as apoiam (se é que há alguma) se perderam. Eles explicam que essas estatísticas provêm de sociedades que não sabiam calcular e eram analfabetas na sua maioria, carecendo da moderna capacidade para contar um número grande de pessoas e manter registros precisos. Os conquistadores gostavam de se vangloriar de seus feitos, e as vastas hordas do exército inimigo cresciam cada vez que a história era recontada. A contagem de cadáveres em batalhas individuais era revirada do avesso, com enormes pilhas de inimigos mortos ao custo de mínimas baixas do lado vencedor. A civilização antes do Iluminismo era bem flexível quando se tratava de precisão histórica, e os historiadores antigos nunca deixavam a verdade se colocar na frente de uma boa história.

Como diz a historiadora Catherine Rubincam: “Os historiadores antigos não eram como os modernos, especialmente quando lidavam com números.”¹

Infelizmente esse contraste nem sempre é bem definido. Em capítulos posteriores deste livro, você verá que os números modernos frequentemente não são muito melhores. Por exemplo, é muito comum encontrar estimativas de 100 mil soldados iraquianos mortos na Guerra do Golfo, em 1991, mesmo que os americanos tenham contabilizado apenas 577 cadáveres, e capturado apenas oitocentos feridos, entre os 37 mil prisioneiros.² Para a guerra mais recente no Iraque, as estimativas para o número de mortos em cinco anos mais ou menos que se seguiram à invasão de 2003 vão de 85 mil³ a 1,2 milhão.⁴ Comparada com essa variação de contagens, a questão de que se 25 mil ou 50 mil romanos foram mortos na Batalha de Cannae não parece tão ruim.

Dou aos registros antigos o benefício da dúvida. Nossos ancestrais sabiam contar carneiros, vacas e dinheiro, então por que eles, de repente, esqueceriam isso quando se tratasse de contar pessoas? Os povos antigos

eram alfabetizados o bastante para terem deixado extensas inscrições como uma de suas relíquias mais comuns. Geralmente aceitamos a palavra dos antigos historiadores quando estes relacionam a cronologia dos eventos, ou dão pormenores sobre o orçamento de um reino, então por que ficamos mais céticos quando eles contam cadáveres?

Vamos colocar isso numa escala de 1 a 10. A maioria dos estudiosos modernos presume que as contagens antigas de mortos têm uma confiabilidade de 2 (os antigos pegavam qualquer número que lhes parecia impressionante), comparada com as estimativas modernas, que se presume ter uma confiabilidade de 9 (meticulosamente contada e confrontada com registros oficiais). Isso justificaria facilmente o descarte de números citados pelos historiadores antigos.

Por outro lado, eu suspeito que a confiabilidade dos números antigos talvez esteja mais perto de 4 (estimada por gente que pelo menos sabia manter registros contábeis e contar até os milhares, sem que fumaça saísse de suas orelhas). Chegando mais perto, eu poderia conceder uma confiabilidade de 7 para a maioria das estimativas modernas (um número baseado em registros dispersos, e muitos palpites para preencher as falhas). Isso torna bem mais difícil traçar uma linha de plausibilidade entre os dois. Se acreditamos no duvidoso número de mortos em Hiroshima, na Rússia de Stálin ou na guerra da Coreia, então não devemos ficar tão céticos com Alexandre, o Grande.

Minha regra prática é que, se pelo menos um historiador moderno trata a contagem de mortos dos antigos como algo crível, então eu não vou descartar esses números de imediato. Não temos de aceitar cada número que os antigos nos apresentam, mas duvidar da contagem de cadáveres deles apenas porque parece suspeita não é razão bastante.

Para comparar, consideremos o Holocausto. Atualmente, todo mundo sabe que o Holocausto aconteceu. Se temos qualquer dúvida, podemos pegar o telefone e conversar com alguém que esteve lá. Num determinado ponto, entretanto, não haverá mais testemunhas oculares a quem perguntarmos. Como prova, teremos de confiar em arquivos. Mas, em 2037, um corte orçamentário fechará um dos maiores arquivos americanos, que irá parar num depósito e se desintegrará. Depois, uma grande guerra no Oriente Médio destruirá os arquivos do Holocausto em Israel, e vinte anos mais tarde um novo ditador antissemítico na Rússia realizará um expurgo nos arquivos do país. E não esqueçamos o Grande Desastre de Computadores, em 2022, que eliminará todos os documentos

que foram meticulosamente digitalizados.

Por fim, as provas ficarão tão desgastadas que só poderemos nos valer da palavra de algum historiador sobre os fatos, pois todas aquelas pessoas já terão morrido, o que é exatamente o mesmo problema com que nos defrontamos com as atrocidades antigas. Os cétricos futuros questionarão abertamente como Hitler pode ter matado 6 milhões de judeus com armas tão primitivas. Como é possível que mais pessoas do que viviam em qualquer cidade do planeta na época possam ter sido apinhadas em meia dúzia de pequenos campos de extermínio? Impossível! Seis milhões de judeus poderiam ter se revoltado e derrotado os nazistas com as mãos nuas.

Há uma tendência a chamar de boato qualquer parcela desconfortável da história, mas, quando examinamos a questão a fundo, toda a história é boato. Não podemos duvidar das vítimas tão prontamente.

A DINASTIA XIN

Número de mortos: 10 milhões

Posição na lista: 14

Tipo: disputa dinástica

Linha divisória ampla: dinastia Han (legítima) *versus* Wang Mang (usurpadora) *versus* os Sobrancelhas Vermelhas (rebeldes)

Época: 9-24 d.C.

Localização: China

Quem geralmente leva a maior culpa: Wang Mang

Outra praga: o colapso das dinastias chinesas

As famílias felizes são todas iguais

Contrariamente ao que se poderia esperar, as monarquias tradicionais tendem a ser matriarcais. Vamos supor, por exemplo, que você é o imperador. Como o direito ao trono passa pela linhagem masculina, parentes de sangue do seu pai estão todos bem posicionados no que diz respeito à sucessão, o que os torna todos rivais. Não há razão para eles se preocuparem com os seus interesses. Nas intrigas palacianas, não conte com o auxílio por parte de seu irmão mais moço, porque ele é o seguinte, depois de você, na sucessão ao trono. O irmão do seu pai é o terceiro na linha da sucessão. Se alguma coisa acontecer a você, todos eles subirão um degrau.

Por outro lado, as mulheres que se casam com membros da família imperial têm uma posição mais precária. A única conexão da imperatriz com a corte talvez seja seu relacionamento com você. Se você morre e seu tio herda o trono, sua mãe e sua esposa vão ser postas de lado. O máximo que elas e suas famílias podem esperar é o exílio; o pior poderia ser um expurgo sangrento. Por essa razão, os parentes de sua esposa ou mãe são aliados naturais que zelarão para que você não seja traído. A história dos impérios é repleta de poderosas imperatrizes viúvas, esposas de imperadores mortos, tentando manter o poder. Uma forma de reduzir a influência de seus parentes por afinidade é permanecer na família, e casar com irmãs (o modo egípcio) ou primas (o modo europeu), mas os chineses tinham regras rígidas contra o incesto, que exigiam que o imperador casasse fora de sua linhagem.

(Você não vai gostar da parte que se segue. Tem uma confusa mistura de datas antigas e nomes chineses,^a mas você não precisa armazená-los na sua memória de longo prazo. Basta sentir a textura geral dos acontecimentos.)

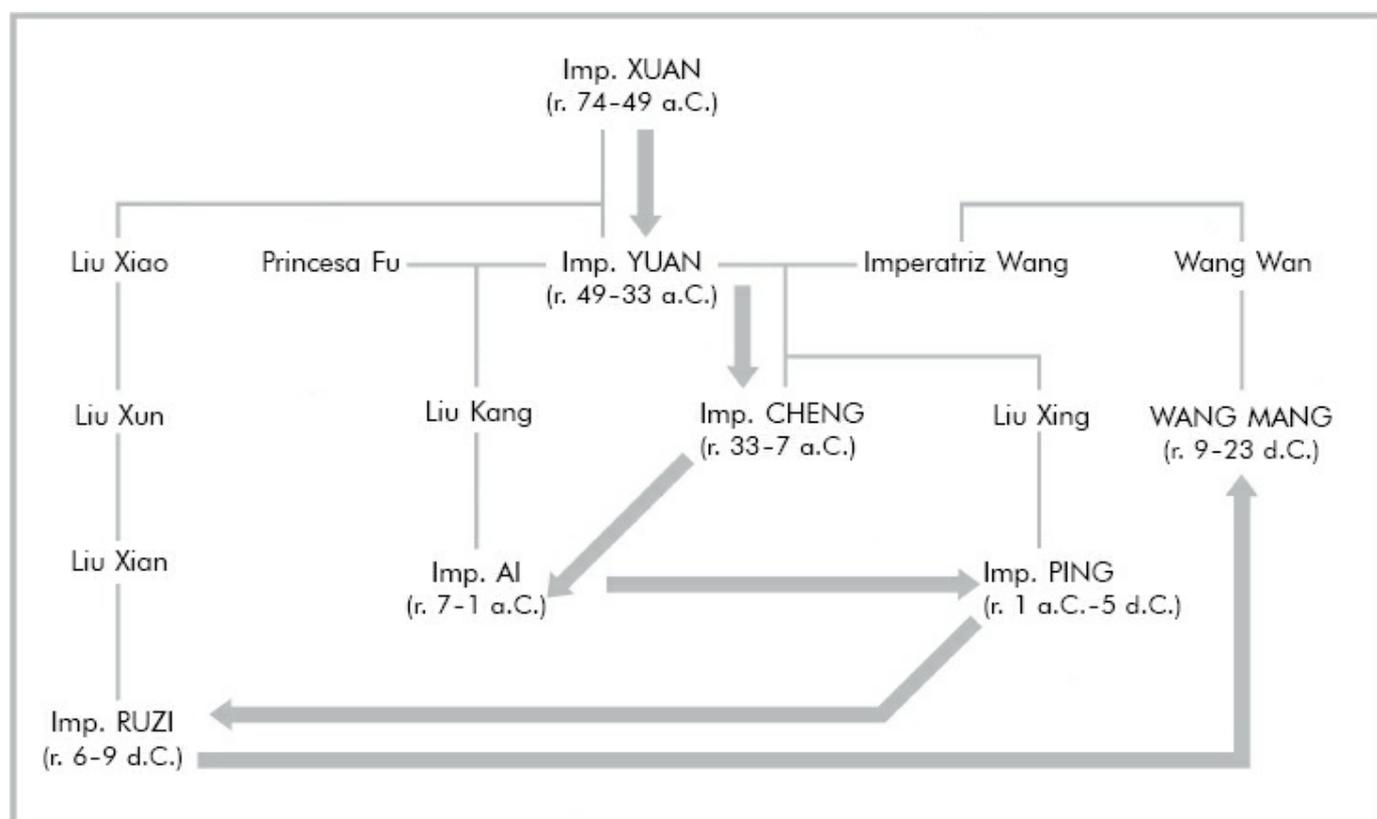
Logo depois da morte do primeiro imperador (ver “Qin Shi Huang Di”), a China se viu presa de uma guerra civil, da qual emergiu uma nova dinastia, os Han, como único poder. Durante quase dois séculos, uma China reunificada seguiu sem sobressaltos sob os novos imperadores. Quando o imperador Yuan (que se traduz por “Primário imperador”) morreu em 33 a.C., seu filho, o imperador Cheng (“imperador Bem-Sucedido”) ascendeu ao trono e governou calmamente pelos 26 anos seguintes. Cheng baseou-se na família de sua mãe, os Wang, para preencher os cargos na corte. Por exemplo, o comando do exército foi para o irmão da imperatriz, Wang Feng, em 33 a.C., e passou para Wang Yin (22 a.C.), Wang Shang (15 a.C.), Wang Gen (12 a.C.) e finalmente para o sobrinho da imperatriz, Wang Mang, em 8 a.C. Não havia nada de incomum nisso, mas quando o imperador Cheng morreu, sem nenhum filho vivo, em 7 a.C., a influência dos Wang terminou abruptamente.

O trono então passou para o sobrinho de Cheng, com 20 anos, o filho doentio de seu meio-irmão, o novo imperador Ai (o “imperador Lamentável”). Cheng era filho da imperatriz Wang, da dinastia Yuan, mas Ai era o neto de Yuan por parte de outra mulher, sua consorte, a princesa Fu, que então começou a nomear membros de sua família para altos postos do império. O imperador Ai, entretanto, era homossexual e morreu sem filhos em 1 a.C. O comandante do exército de Ai, de 22 anos, Dong Xian, provavelmente amante do imperador, mostrou-se muito vagaroso na subsequente luta pelo poder, de modo que foi demitido e levado ao suicídio pela ressurgente imperatriz viúva Wang. Os Wang iniciaram o expurgo de todos os Dong que Dong Xian promovera, juntamente com todos da família Fu que a princesa viúva Fu pusera no governo.¹

O trono então passou para um primo de 9 anos de idade, imperador Ping (o “imperador Pacífico”), e a imperatriz viúva Wang nomeou o filho de seu irmão, Wang Mang, como regente. Se você der uma olhada em alguns parágrafos anteriormente, verá que Wang Mang foi listado como comandante do exército durante o último ano do reinado do imperador Cheng. Os Wang exigiram todos os cargos que tinham seis anos antes. O regente Wang Mang casou sua filha com o imperador menino a fim de consolidar seu domínio do poder.

O filho de Wang Mang, Wang Yu, ficou preocupado com a possibilidade de que essa tomada do poder poderia eventualmente refluir contra ele, e que o imperador Ping expurgaria os Wang uma vez que tivesse idade bastante para conspirar e planejar por conta própria. Para se proteger dessa eventualidade, Wang Yu conspirou com o clã materno do imperador, a família Wei, visando privar seu pai tanto da regência quanto das terras que o sustentavam. Quando descobriu isso, Wang Mang ordenou que seu filho cometesse suicídio, e depois varreu do governo todos os Wei, exceto a mãe do imperador. O imperador, agora já com 13 anos de idade, ficou ressentido com Wang Mang por ter matado todos os seus tios e primos, mas morreu antes de poder agir por conta desse ressentimento. Todos suspeitaram que Wang Mang o envenenara. Isso aconteceu em 6 d.C.²

Muito bem. Comece a prestar atenção de novo.



Uma dinastia nova em folha

A história até aqui: a dinastia Han unificara e estabilizara a China por duzentos anos. Então surgiu um obstáculo na sucessão imperial. Wang Mang, ex-comandante do exército e sobrinho da imperatriz viúva, era regente da China, mas o jovem imperador que ele era encarregado de proteger simplesmente morreu misteriosamente. É claro que esse

imperador de 13 anos de idade não deixara filhos. De fato, não havia nenhum descendente masculino de quaisquer dos quatro imperadores anteriores, indo até o imperador Yuan (com o qual a história se inicia), de modo que Wang Mang subiu uma geração e procurou o descendente de um imperador anterior. Ele escolheu o mais jovem que pôde encontrar para ser o novo imperador, um príncipe de 1 ano de idade, Ruzi (que se traduz por “Infante”). Naturalmente, Wang Mang permaneceu como regente até que o novo príncipe atingisse a idade adulta, o que não parecia provável nas mãos de gente dessa laia.

Em 9 d.C., Wang Mang, cansado de esperar que o imperador bebê tivesse idade bastante para valer a pena matá-lo, empurrou Ruzi para uma aposentadoria precoce. (Isso não é um eufemismo. Ruzi sobreviveu mais 16 anos numa confortável propriedade.) Wang Mang declarou a si próprio o primeiro imperador de uma nova dinastia, chamada apropriadamente de dinastia Xin (a “Nova” dinastia).

Por mais brutal que essa história pareça, esses poucos anos da dinastia Han assassinaram pelas costas o quê – cem pessoas no máximo? Por si mesma ela não ganha um lugar na minha lista. O problema é que ela desviou a atenção da casa imperial de sua missão de governar adequadamente o império, e minou a legitimidade da corte. A China queimara completamente durante três imperadores crianças de 16 anos, e estava agora nas mãos de um usurpador.

Wang Mang era um rígido fundamentalista confuciano, a ponto de mandar executar três filhos, um sobrinho e um neto por eles terem violado diversas leis,³ e gastou um exagerado tempo de seu reinado para restaurar os esquecidos rituais e procedimentos dos antepassados. Muito convenientemente, alegou ter descoberto um manuscrito perdido de Confúcio que apoiava todas as suas reformas.

Sendo um tradicionalista, ele retornou às formas mais antigas de dinheiro usadas quando Confúcio vivia. Pás, facas^b e conchas voltaram a ser cunhadas como moedas pela primeira vez em centenas de anos. Wang Mang acabou emitindo tantos tipos diferentes de moedas que ninguém mais tinha familiaridade necessária para distinguir as verdadeiras das falsas, de modo que as pessoas não confiavam em nenhum dinheiro que circulava. A economia começou a claudicar e parou.

Como usurpador, ele próprio, Wang Mang sabia de primeira mão que os imperadores não devem confiar nos ministérios, de modo que mantinha seus subordinados em rédeas curtas. Como se recusava a delegar muitas

importantes, mas tediosas tarefas, o trabalho nunca era feito. Por exemplo, Wang tentou reestruturar a escala de salários dos funcionários públicos, mas ficou tão enredado em detalhes que os funcionários acabaram sem receber por anos. Naturalmente eles se voltaram para outras fontes de renda, a maior parte delas ilegal. Como tantos idealistas em toda a história, Wang quis restaurar os bons velhos dias, já perdidos, quando (segundo sua imaginação) grandes famílias de cidadãos livres, em pequenas fazendas, constituíam a espinha dorsal da sociedade. Para tal finalidade, Wang tentou dividir as grandes propriedades da nobreza. Estabeleceu um máximo para a quantidade de terra que uma família poderia possuir, e depois redistribuiu a terra excedente para seus vizinhos. Isso não lhe rendeu amigos.

Mandato do Céu

A filosofia política tradicional chinesa dá grande valor ao Mandato do Céu. Segundo essa teoria, o céu favorecerá o imperador justo com paz e prosperidade, mas, se o governante *não* é favorecido com paz e prosperidade, então é claro que o céu o acha odioso. É perfeitamente aceitável, na verdade, até um dever sagrado, derrubar um imperador não favorecido pelo céu. O céu logo mostrou seu desagrado com Wang Mang.

O rio Amarelo (ou Huang Ho) é definitivamente o acidente geográfico mais mortal conhecido pelo homem. Como o centro de comércio e irrigação, o rio mantém a China viva, mas com muita frequência o rio, assoreado, fica entupido de sedimentos e ultrapassa suas margens, abrindo um novo caminho através da planície adjacente e de quaisquer infelizes cidades e aldeias que se situem no seu curso. Diversas enchentes do rio Amarelo têm a distinção de ser o único desastre natural da história a ter matado mais de 1 milhão de pessoas. Incluindo a subsequente fome e doenças, 7 milhões morreram na enchente de 1332-33, 900 mil a 2 milhões em 1887 e 1 a 4 milhões em 1931.⁴

Com a atenção do governo chinês desviada para intrigas palacianas, os engenheiros civis atrasaram a reparação dos sistemas de irrigação que eram vitais para a vida na China, entre estas as barreiras que mantinham o rio Amarelo dentro de seu leito normal. Em 4 d.C. o rio ultrapassou suas margens, espalhando enchentes e fome. Em 11 d.C. ocorreu a mesma coisa.⁵

A dinastia Xin, de Wang Mang, talvez pudesse sobreviver se não fosse

por essas catástrofes. Quando a ira divina começou a se mostrar, uma profecia que dizia que a dinastia Han seria reconduzida ao poder começou a circular. As sociedades secretas logo se multiplicaram.

Rebelião dos Sobrancelhas Vermelhas

Em 17 d.C., uma nova gangue de rebeldes iniciou uma vida de banditismo nas províncias costeiras do baixo rio Amarelo, as quais haviam sido atingidas duramente pelas enchentes. Chamados de Sobrancelhas Vermelhas por causa das listras de pintura vermelha de guerra que pintavam na testa, os rebeldes derrotaram todos os exércitos que a dinastia Xin enviou contra eles. Finalmente, Wang Mang mandou uma gigantesca força para esmagar a revolta, a qual conseguiu alguns sucessos e infligiu grandes sofrimentos aos que simpatizavam com a rebelião, até que os Sobrancelhas Vermelhas destruíram o exército Xin em Chengchang, em 23 d.C. Os revoltosos escolheram Liu Penzi, um membro do clã Liu (a antiga família governante da dinastia Han), de 14 anos de idade, que eles declararam imperador.⁶

Nesse ínterim, diversos bandos menores de rebeldes da China central, entre os rios Amarelo e Yang-tsé, foram atraídos por um outro ramo da família Liu, e transformaram-se numa ameaça maior, chamada de Lulin, ou o Exército de Madeira Verde, devido à montanha escarpada (Lu-lin, traduzida como “madeira verde”) que servira como seu primeiro refúgio. O chefe dessa última facção era Liu Yan, um descendente de sexta geração de um antigo imperador Han, mas, ironicamente, ele mostrou ser competente e carismático demais para manter seus seguidores. Os outros líderes do Madeira Verde preferiram um indivíduo sem personalidade, que eles podiam manipular, de modo que conspiraram, se reuniram e elevaram o primo em terceiro grau de Liu Yan, chamado Liu Xuan, ao cargo de imperador declarado.⁷

Wang Mang enviou outro enorme exército, que, segundo diziam, teria 500 mil homens, embora a força provavelmente não fosse tão grande para esmagar as tropas do Madeira Verde, que se afirmava ter apenas 10 mil, cálculo que provavelmente também não condizia com a verdade. Em junho de 23 d.C., enquanto o exército Xin sitiava a guarnição dos Madeira Verde na cidade de Kunyang, Liu Xiu, irmão mais moço do antigo líder Liu Yan, reuniu forças rebeldes no interior do país e adiantou-se para fazer suspender o cerco. O comandante Xin subestimou a força dos rebeldes que

se aproximavam e, arrogantemente, levou uma força trivial para afugentá-los. Quando os Madeira Verde bateram essa pequena unidade, os soldados Xin fugiram na direção do exército principal, espalhando o pânico e o pessimismo. Então as forças do Madeira Verde dentro da cidade saíram atacando, enquanto as forças rebeldes fora da cidade consolidavam a vitória. Uma súbita tempestade com raios e uma enchente repentina acrescentaram mais confusão, e o exército Xin fugiu e foi massacrado na retirada.⁸

Tendo perdido dois importantes exércitos num único ano, Wang Mang estava condenado. Na corrida para atingir a capital, em Chang'an (hoje, Xian), o exército dos Madeira Verde chegou antes dos Sobrancelhas Vermelhas, de modo que seu candidato, Liu Xuan, tornou-se o líder da dinastia restaurada de Han. Chang'an caiu depois de encarniçada luta, defendendo-se quarteirão por quarteirão. Enquanto o palácio era incendiado, Wang Mang foi decapitado e seu corpo esquartejado para que todos aprendessem a lição.⁹

A nova dinastia Han

Antes que Liu Xuan tivesse oportunidade de se estabelecer e gozar as benesses de ser imperador, conspirações começaram a cercá-lo. O ex-imperador infante Ruzi foi convencido a deixar a aposentadoria por um pequeno grupo de nobres sem importância, mas a tentativa que fizeram para tomar o poder falhou. Todos foram executados.

Para se firmar mais no poder, Xuan rapidamente encontrou uma desculpa para executar seu antigo rival Liu Yan.

Então diversos generais conspiraram para sequestrar Xuan. Também foram descobertos, e a maioria deles foi executada, mas um dos sobreviventes conseguiu expulsar Xuan de Chang'an. Xuan reuniu-se a generais leais e retomou a cidade. Mal havia sido reconduzido ao trono quando os Sobrancelhas Vermelhas atacaram e tomaram a cidade, nela instalando seu próprio imperador, Liu Penzi. Liu Xuan foi capturado, mas apenas o rebaixaram a grau de nobreza menor, expulsando-o para que pastoreasse cavalos, de modo a não criar ressentimentos. Logo, entretanto, as pessoas começaram a falar com saudade dos tempos em que Xuan estava no cargo, de modo que o ex-imperador foi jogado numa masmorra e estrangulado.¹⁰

O irmão de Liu Yan, Liu Xiu, estava longe, lutando nas fronteiras. Um

homem lendário e prudente, ele mantinha-se quieto desde a execução de Liu Yan, sob acusações tão trombeteadas, há dois anos, mas com Xuan fora de cena, ele se declarou imperador (25 d.C.) e marchou com seu exército contra os Sobrancelhas Vermelhas. Foi uma campanha difícil, mas Liu Xiu venceu e tomou Chang'an em 27 d.C. Perseguiu os Sobrancelhas Vermelhas, em retirada, e finalmente encurralou-os com efetivos muito maiores. Enjoado de tanta matança, Liu Xiu retardou o ataque e ofereceu generosos termos de rendição: anistia geral, grandes extensões de terra para o ex-imperador Penzi e nada de execuções em massa. Os rebeldes aceitaram.

Liu Xiu restaurou a dinastia Han, que sobreviveu por mais dois séculos. Ele se tornou conhecido na posteridade como o “imperador Completo e Marcial”, em chinês, imperador Guangwu.

Declínio da população

A despeito de umas poucas interrupções temporárias, a China existe como entidade política há mais tempo do que qualquer outra nação na Terra, e os funcionários públicos do Império Chinês mantiveram registros detalhados durante séculos. Muitos deles desapareceram em incêndios, enchentes e guerras, ou foram destruídos por ratos, mas alguns fragmentos, cópias e resumos sobreviveram. Entre eles há registros censitários esporádicos, de várias dinastias antigas. Surpreendentemente, resumos do censo chinês de 2 d.C. estão intactos na sua maior parte, nos dando os números confiáveis mais antigos sobre a população de qualquer sociedade na história. Deve-se admitir que há algumas poucas discrepâncias nesses dados, mas a maioria dos estudiosos aceitam que a população da China em 2 d.C. era aproximadamente de 55.671 mil habitantes.

Depois disso, os registros censitários mostram que a China teve sérios problemas. A população registrada declinou para 21 milhões em 57 d.C., subiu para 34 milhões em 75 d.C. e foi para 43 milhões em 88 d.C. Sei que são muitos números para jogar em cima do leitor desprevenido em uma única frase, mas o notável é que a China parece ter perdido perto de 37 milhões de habitantes em meio século de guerras, enchentes e fomes, e na contagem faltavam ainda 13 milhões ao se aproximar o fim do século I. Por pior que o quadro seja, é provável que muitos dos 37 milhões desaparecidos estivessem ainda vivos, mas escondendo-se dos cobradores

de impostos. A contagem reduzida do censo de 57 d.C. indica provavelmente a incapacidade do governo de encontrar todos os habitantes do país, depois de um período de distúrbios em larga escala, e não um número de mortes puro.

Mesmo assim, a maioria dos estudiosos acredita que há um declínio verdadeiro de população de muitos milhões escondido em algum lugar ali. Dependendo de quem você lê, a diminuição real da população na China durante o século I pode se situar em algum lugar entre 8 e 43 milhões. Pesquisando os dados, eu consegui encontrar diversas estimativas diferentes. Escolhi a estimativa baixa-média de 10 milhões como um meio-termo razoável.¹¹

^a Uma explicação possivelmente detalhada demais dos nomes dos imperadores chineses:

Vamos começar do começo. No Extremo Oriente, o nome da família vem em primeiro lugar. O pai de Wang Mang era Wang Wan. O irmão de Mao Zedong era Mao Zetan.

Os imperadores geralmente começavam a vida com um nome pessoal, tal como Liu Xiu, que significava Xiu da família Liu. Mais tarde, como imperadores reinantes, eram conhecidos simplesmente como o imperador, ou algo assim. Depois que morriam, os historiadores lhes davam um nome formal, pelo qual são conhecidos na posteridade, tal como imperador Guangwu. O nome formal frequentemente significa algo descritivo em chinês, neste caso “Completo-Marcial”. Em todo livro de história que já vi, esses nomes formais são passados para o inglês sem tradução, como Yuan, Cheng, Ai, Ping, mas talvez seja mais fácil para você diferenciar os personagens se pensar neles traduzidos: Primário, Bem-Sucedido, Lamentável, Pacífico.

Caso ajude, simplesmente pense na história europeia apenas com personagens chamados o rei Sol e a rainha Virgem, em vez de Louis e Elizabeth.

^b Mas não em sentido *literal*, e sim das antigas moedas chinesas em formato de pás, facas ou conchas, antes do advento do formato de disco moderno.

GUERRAS ROMANO-JUDAICAS

Número de mortos: 350 mil

Posição na lista: 94

Tipo: levante religioso, rebelião colonial

Linha divisória ampla: judeus *versus* romanos

Época: 66-74 e 132-135 d.C.

Localização: Palestina

Quem geralmente leva a maior culpa: os romanos

Outra praga: a rebelião contra Roma

A primeira revolta judaica (66-74 d.C.)

Em seguida às conquistas de Alexandre, os gregos haviam se estabelecido em todo o Oriente Médio, onde geralmente formavam uma classe alta estrangeira, provocando o ressentimento dos nativos. Em Cesareia, a principal cidade da Palestina romana, os gregos e judeus estavam sempre trocando insultos, mas às vezes a discussão se transformava em distúrbios em larga escala. Depois de uma série desses distúrbios, o governador romano exigiu que a comunidade judaica pagasse por todos os danos feitos. Os judeus, entretanto, alegaram que, em primeiro lugar, os culpados eram os gregos, por sacrificarem algumas aves nos degraus da sinagoga, de modo que se recusaram a pagar. Não havia problema: o governador romano simplesmente sequestrou o dinheiro do tesouro do templo em Jerusalém.

Judeus de todo o país se revoltaram, raivosos com a blasfêmia. Os nacionalistas radicais, chamados de zelotes, expulsaram facilmente para a Síria a pequena guarnição romana. No primeiro entusiasmo da vitória, parecia que Deus restaurara a antiga glória da nação judaica, até que o imperador Nero enviou um grande exército sob o comando de Vespasiano para pôr fim à rebelião. Suas legiões romanas erradicaram sistematicamente os rebeldes na Galileia, com sítios, massacres e manobras políticas, e por fim cerraram fileiras contra Jerusalém.

A guerra foi interrompida em 68, quando os generais romanos, incomodados com as excentricidades de Nero, o derrubaram, e um após outro, todos os generais romanos do império marcharam com suas legiões para Roma, para reivindicar o trono para si mesmos. Vespasiano mostrou

ser o último e o mais permanente dos quatro imperadores proclamados durante aquele ano em meio ao caos.

Vespasiano, já imperador, passou o encargo da rebelião judaica para seu filho Tito, que sitiou Jerusalém. As máquinas de sítio eram difíceis de construir na Palestina porque as árvores eram escassas e tortas, mas a pura tenacidade romana manteve a cidade isolada durante dois anos e levou seus defensores à beira da inanição. Todo dia os romanos capturavam, fora das muralhas, grupos desesperados de zelotes à procura de comida, e os crucificavam à plena vista dos defensores. Quando a cidade finalmente caiu, em 70 d.C., os romanos massacraram a população e reduziram a ruínas o templo. O candelabro de ouro de um metro e meio de altura, com sete braços, que adornava o templo, foi levado para Roma e exibido triunfalmente numa parada para a população.

A maior parte das muralhas da cidade foi demolida, mas Tito mandou preservar um imponente trecho curto dela, no complexo do templo, como uma lição para os futuros rebeldes, de que até mesmo a mais grossa das muralhas não resistia ao exército romano. Esse fragmento da muralha (hoje em dia conhecida como Muralha Ocidental ou Muro das Lamentações) é o lugar mais sagrado do judaísmo, o que prova que a *verdadeira* lição para as futuras rebeliões é (a) ou que a fé pode na verdade resistir ao exército romano ou (b) se você começa a demolir um lugar sagrado, termine a porcaria da tarefa.^a

Os últimos 960 zelotes retiraram-se para a fortaleza de Massada, nas montanhas. Os defensores ficaram observando, sem poder impedir, os romanos começarem a construir metodicamente uma rampa que subia a montanha, a fim de poder levar suas máquinas de guerra até o alcance da cidadela. Sabendo que estavam perdidos, os zelotes encurralados tiraram a sorte. Os perdedores matavam os ganhadores e depois tiravam de novo a sorte. Os perdedores matavam os ganhadores e assim por diante, até que sobrou apenas um defensor vivo para cometer o imperdoável pecado do suicídio.

Revolta de Bar Kokhba (132-135 d.C.)

A destruição causada pela primeira revolta centrou-se principalmente em Jerusalém, e grande parte da Palestina não foi assolada pela guerra. A paz e a prosperidade foram retornando gradualmente.¹ Então os romanos tentaram integrar a província num conjunto de nações maior, em torno do

Mediterrâneo. Por volta de 132, o imperador Adriano banuiu a mutilação genital em todo o império, o que soa como uma excelente ideia, até que nos lembremos de que o judaísmo exige a circuncisão. Adriano rapidamente revogou a ordem, fazendo uma exceção para os judeus. Infelizmente, o imperador escolheu também o momento para reconstruir Jerusalém como uma moderna cidade romana, com um templo dedicado a Júpiter onde se erguia o templo de Jeová.

Os judeus não aceitaram a ideia, e se levantaram revoltados sob a chefia de Simon ben Koziba, que ganhou o apelido messiânico de Bar Kokhba, “Filho da Estrela”.² Os rebeldes eram mais fortes no interior, onde haviam construído baluartes fortificados, interligados por túneis de acesso camuflado. Os romanos enviaram três legiões para sufocar a rebelião. Foi uma campanha dura, na qual uma das legiões desaparece dos livros de história depois disso, provavelmente destroçada pelos rebeldes. Diz-se que a guerra destruiu cinquenta baluartes fortificados em 985 aldeias. A refrega foi tão destrutiva que nós ainda não temos sua história completa, ou muitas relíquias a ela relacionadas, apenas umas poucas cavernas descobertas nos penhascos perto do mar Morto. Essas cavernas abrigaram os últimos rebeldes, e os arqueólogos as nomearam por causa de seus importantes conteúdos, a Caverna dos Manuscritos, a Caverna das Setas, a Caverna das Cartas (inclusive algumas escritas por Bar Kokhba) e a Caverna dos Horrores (quarenta esqueletos, famílias inteiras mortas de inanição), entre outras.

Quanto terminou a luta, a maioria dos judeus na Palestina foi morta, exilada ou escravizada, e dessa vez os romanos tomaram providências para que não houvesse uma terceira revolta. Esvaziaram de habitantes grande parte do território e levaram para lá etnias mais cooperadoras. Os judeus foram exilados da Palestina, e começou a Diáspora, a dispersão dos judeus por todo o globo.

Número de mortes

Os historiadores antigos alegam que cerca de 2 milhões de judeus foram mortos nessas e em outras revoltas. Flávio Josefo, o historiador judeu contemporâneo das rebeliões, relatou que 1.197 mil pessoas foram mortas durante o sítio de Jerusalém na primeira rebelião, embora Tácito estimasse em 600 mil esse número.³ Dião Cássio⁴ escreve que um total de 580 mil judeus foram mortos em batalha durante a segunda revolta. Os

historiadores da Antiguidade afirmam que o número de mortos em outras rebeliões por minorias judaicas na Cirenaica e em Chipre (não incluídas aqui) vai de 220 mil a 240 mil.⁵ Essas inacreditáveis alegações são geralmente defendidas como exemplos perfeitos de motivos para não se confiar nos números dos historiadores antigos.

Realisticamente, talvez um quinto, ou a metade, dos habitantes da Palestina tenha morrido em cada uma dessas revoltas, mas essa ainda não é uma resposta completa, porque, para começar, ninguém sabe quantas pessoas viviam na região. As estimativas da população pré-revolta na Palestina vão de meio milhão a 6 milhões. Os historiadores religiosos tendem a favorecer número altos, baseados em fontes escritas, como as obras de Josefo; os arqueólogos são a favor de números menores, que se baseiam no uso da terra e nas densidades populacionais.⁶ De qualquer maneira, uma estimativa razoável estaria em algo como 350 mil mortes no total, o que constituiria cerca de um terço da população original de 1 milhão, ou metade, se a população fosse de 700 mil, ou um quarto se esta fosse de 1,4 milhão. Não importa o que se diga, é improvável que a população antiga da área chegasse a qualquer coisa perto de 2 milhões, que era o número de habitantes na época da independência de Israel, em 1948.

^a O outro lado dessa muralha é o terceiro sítio mais sagrado do Islã, de modo que provavelmente será alvo de lutas entre as pessoas pelo resto da existência humana.

OS TRÊS REINOS DA CHINA

Número de mortos: 34 milhões de desaparecidos

Posição na lista: 25

Tipo: colapso do Estado

Linha divisória ampla e principais Estados participantes: Wu versus Wei versus Shu

Época: 189-280 d.C.

Localização: China

Outros Estados participantes: Han (antes) e Jin (depois)

Quem geralmente leva a maior culpa: eunucos, Cao Cao

Outra praga: o colapso das dinastias chinesas

O império, há muito dividido, precisa se unir; há muito unido, precisa se dividir. Assim tem sido sempre...

– primeiras linhas do *Romance dos Três Reinos*

A história em cem palavras ou menos

Conforme a dinastia Han ficava mais corrupta, revoltas camponesas foram desencadeando o caos. Os comandantes dividiram o império entre si. Do caos geral, emergiram gradualmente três reinos:

1. O Reino de Wei, governado pelo ardiloso Cao Cao (pronuncia-se “tsautsau”);
2. O Reino de Wu, governado pelo ambicioso Sun Quan (pronuncia-se “sunchiuan”);
3. O Reino de Shu, governado pelo virtuoso Liu Bei (pronuncia-se “liubei”).

Durante o século que se seguiu, os Três Reinos guerrearam entre si, sempre trocando de alianças. Heróis surgiram e desapareceram. Finalmente, a China foi reunificada.

R3K

A era dos Três Reinos tem um lugar especial na cultura chinesa, como uma

espécie da guerra de Troia, o Oeste Selvagem e Camelot, tudo reunido numa só saga. Era um tempo convenientemente misterioso, no qual cada saga podia ser escamoteada sem muita história para contar. Foi uma época violenta, caótica, quando os homens forjavam seu próprio destino, quando a força moral de uma pessoa era testada no cadinho da guerra, quando a aventura estava logo ali na estrada ou sobre a próxima colina. Por fim, no século XIV, durante a dinastia Ming, Luo Guanzhong reuniu todas as histórias acumuladas no *Romance dos Três Reinos*, um dos três^a mais importantes romances da literatura chinesa.

Na cultura chinesa, um nome da era dos Três Reinos provavelmente suscitará lembranças de um personagem daquele romance, mais do que um indivíduo histórico real. Cao Cao é um bandido, arquiteto de malfeitos. Os irmãos Zhang, que fundaram os Turbantes Amarelos, são feiticeiros e trapaceiros. A irmã de Sun Quan, Sun Shangxiang, é o arquétipo de todas as princesas masculinizadas, surpreendentemente peritas nas artes marciais. Guan Yu, companheiro e irmão de sangue de Liu Bei, foi postumamente alçado à condição de deus chinês da guerra, de modo que você simplesmente *sabe* que ele inspirava medo por suas proezas marciais no *Romance*.¹

Como acontece com a maioria dos romances históricos, os personagens do *Romance* interagem muito mais diretamente do que provavelmente o fizeram na vida real, todos tendo intensas amizades pessoais, amores e *vendettas*, que impulsionam a história. Podem ser divididos em heróis e vilões mais nitidamente do que pessoas reais. A história tem conservado sua popularidade através dos tempos; o filme de 2007 *Red Cliff* [*Colina vermelha*], dirigido por John Woo, e baseado nos acontecimentos dos Três Reinos, é a película mais rentável da história chinesa.²

Agora vamos voltar e ver como se desenrolaram os acontecimentos nessa época de caos.

O começo: a rebelião dos Turbantes Amarelos (184-188 d.C.)

A primeira versão da dinastia Han caíra nas mãos de Wang Mang (ver “A dinastia Xin”) porque parentes por afinidade da casa imperial detinham um poder excessivo, de modo que, quando restaurou a dinastia Han, Liu Xiu (imperador Guangwu), tentou algo diferente. Dessa vez o imperador cercou-se de eunucos, que eram (literalmente) desligados de quaisquer

laços familiares e, presumivelmente, seriam leais apenas ao imperador. Infelizmente, na prática, os eunucos mostraram ser até mesmo mais egoístas do que os parentes por afinidade, porque precisavam gozar das benesses do poder *naquele momento mesmo*, em vez de adiá-lo para seus filhos. Durante o reinado do imperador Ling (156-189 d.C.), um grupo de eunucos palacianos, os Dez Auxiliares Regulares, controlou o governo e saqueou o império para seu próprio benefício.

Na época, a China foi presa de uma epidemia mortal, até que uma equipe de curandeiros taoistas itinerantes, Zhang Jiao e seus irmãos, desenvolveu a cura. Considerando o estado da medicina naquele tempo, se aquela cura realmente funcionou, então a doença deve ter sido imaginária ou foi algo que, ordinariamente, desapareceu por si mesma. Talvez a cura tenha sido um placebo, ou apenas um boato. Há mesmo uma probabilidade muito pequena de que fosse uma pitada de sabedoria popular, esotérica, perdida hoje em dia. De qualquer modo, conforme viajavam por todo o império tratando dos doentes, os irmãos acumularam uma grande gratidão. Ouviam as queixas de sofrimentos e injustiças, e ofereciam esperança. Com o tempo eles se tornaram líderes de uma grande sociedade secreta de gente comum descontente. Senhas e rituais uniram essas pessoas, e cada membro recrutava mais membros entre amigos e vizinhos de confiança.

Finalmente os irmãos Zhang se levantaram contra o poder tirânico dos eunucos do palácio. Para serem identificados durante a batalha, os rebeldes usavam lenços de cabeça amarelos (peças de roupa tradicionais, mas erradamente traduzidas como “turbantes amarelos”). Conseguiram enorme sucesso no início, derrotando pelo menos três grandes exércitos enviados contra eles.

Outras revoltas espoucaram na onda do êxito dos Turbantes Amarelos. A Rebelião dos Cinco Salamins de Arroz (assim chamada porque essa medida de arroz, igual a 8,8 litros, era a taxa cobrada para se inscrever como membro da sociedade secreta) estabeleceu um reino teocrático em Sichuan, em 184 d.C. Embora esse reino tenha sido destruído bem rapidamente, finalmente o movimento se transformou no Caminho dos Mestres Celestiais, um culto taoista que flutuou com mais ou menos respeitabilidade ao longo da história da China.

Entretanto, dentro de um ano, a principal revolta dos Turbantes Amarelos fora derrotada e meio milhão de chineses estavam mortos, inclusive os irmãos Zhang.³ Continuaram a existir bandos independentes, e,

cada vez que parecia que o último deles fora esmagado, outro movimento de insurgência surgia em algum outro lugar. Isso finalmente terminou quando os últimos 300 mil rebeldes armados (juntamente com dependentes civis, tidos como 1 milhão de pessoas no total) renderam-se ao general Cao Cao, que manteve essa força com armas, como uma unidade especial sob seu próprio comando.

O fim do mundo

Em 189 morreu o imperador Ling, sem um herdeiro direto, mas sua viúva, a imperatriz regente, e o irmão dela, He Jin, comandante do exército, consagraram um dos parentes de Ling como imperador Shao. Os Dez Auxiliares Regulares se opuseram ao novo imperador; então Shao convocou He Jin e o exército para irem à capital, em Luoyang, na planície do rio Amarelo, a fim de levá-los à obediência pelo medo. Quando o exército acampou perto de Luoyang, os Dez Auxiliares Regulares forjaram uma ordem imperial instruindo o general He Jin para se encontrar com sua irmã no palácio. Uma vez afastado do exército, os eunucos o emboscaram e mataram. Mostraram a cabeça do general nas muralhas da cidade para amedrontar os soldados, mas isso só os tornou mais enraivecidos. O exército tomou a cidade de assalto e massacrou todos os eunucos, mandando cada homem que encontravam e que queria ser poupado tirar a calça, de modo que pudessem examinar sua genitália.⁴

Com soldados sem liderança e burocratas sem calça correndo desatinados pela capital, o caos se espalhou por toda a China. O general Dong Zhuo retirou seu exército da fronteira norte e enviou-o para Luoyang, derrotando todo mundo que se postasse no seu caminho. Ele substituiu o imperador Shao pelo irmão mais moço de Shao, governando com o nome de imperador Xian. Mais exércitos convergiram para a capital para expulsar Dong Zhuo, que incendiou totalmente a cidade e se retirou para a capital secundária de Chang'an. Dentro de um ano Dong Zhou foi assassinado por um subordinado ambicioso, que manteve o imperador Xian como refém, e um trunfo na guerra civil que varria a China.

Nessa ocasião, todos os grandes exércitos que haviam sido enviados para esmagar os Turbantes Amarelos se voltaram uns contra os outros. A princípio, dois tipos de adversários lutaram pelo controle da China. A nobreza, proprietária de terras, levantou os exércitos de camponeses para sufocar as rebeliões locais e afastar os aristocratas ambiciosos. Dentro em

pouco, entretanto, esses exércitos de amadores se defrontaram com exércitos profissionais chefiados por oficiais de carreira, que haviam sido designados recentemente para a fronteira. A maioria dos conflitos terminou a favor dos profissionais, e logo a guerra civil estava inteiramente nas mãos de exércitos da nobreza, sem raízes.

Para qualquer exército há cinco operações possíveis. Se você pode lutar, lute; se você não pode lutar, defenda; se você não pode defender, fuja; se você não pode fugir, renda-se; se você não pode se render, morra. Esses cinco cursos de ação estão abertos para você, e um refém seria inútil. Agora, volte e diga isso para o seu mestre.

– Sima Yi para o emissário de Gongsun Yuan,
Romance dos Três Reinos

Penhascos Vermelhos

Depois de uns poucos anos, o imperador Xian escapou de seus captores e refugiou-se junto a Cao Cao, que conferiu legitimidade a seu bando armado. Em 207, Cao Cao já derrotara uma feira de rivais, e uniu a planície do rio Amarelo sob seu imperador títere. Em épocas anteriores, isso seria o bastante para ser considerado uma reunificação da China, mas o povo chinês vinha se expandindo para o sul nos últimos séculos, e esses novos territórios fronteiriços permaneciam fora do controle de Cao Cao. Então esses Estados do sul combinaram seus exércitos para repelir qualquer expansão para o sul por parte de Cao Cao.

Quando Cao Cao invadiu a região em 208, ele se defrontou com os exércitos aliados do sul nos Penhascos Vermelhos, um desfiladeiro rochoso do rio Yang-tsé. Durante alguns dias as duas forças ficaram se observando uma em cada margem do rio. Finalmente Cao Cao empilhou seu exército em barcos e tentou um assalto anfíbio contra a margem oposta, mas na metade do percurso o vento mudou, soprando os barcos de volta para a margem de onde haviam partido. O inimigo então lançou embarcações incendiadas a favor da nova direção do vento; esse barcos chocaram-se com as embarcações de Cao Cao, e espalharam o fogo por toda a força atacante. Com sua frota destruída, Cao Cao abandonou o Yang-tsé e voltou para o norte.

A divisão da China estava agora solidificada nos Três Reinos.

1. O Reino de Wei, de Cao Cao, na planície do rio Amarelo, herdou a maior parte da força imperial de Han.

2. O Reino de Wu, de Sun Quan, ocupou a maior parte do sul da China, ao longo do vale do baixo Yang-tsé, e na direção da Indochina.
3. O Reino de Shu, de Liu Bei, ficou confinado à ampla bacia de Sichuan, em torno do alto Yang-tsé.

Cada um desses reinos alegou ser leal ao imperador e o legítimo continuador da dinastia Han, diferentemente dos outros dois territórios, governados por usurpadores rebelados. Liu Bei, do Reino de Shu, era o único general com raízes verdadeiras na família imperial, embora ele fosse, no máximo, um parente distante.

Remanejamento

Quando morreu, em 220, Cao Cao ainda era tecnicamente súdito do imperador Han, mas seu filho Cao Pi (pronuncia-se como “sopi”) depôs o imperador Xian. Isso fez o Reino de Wei romper com os velhos tempos. Também fez com que Liu Bei declarasse Shu um reino soberano. Não querendo ficar de fora, Sun Quan declarou Wu um reino independente. Com o tempo, esses reinos foram herdados pelos descendentes.

A personalidade dominante dessa fase da história foi o general Zhuge Liang, do Reino de Shu, um dos arquitetos da vitória nos Penhascos Vermelhos. A lenda atribui a suas artes de feitiçaria a convocação do vento que espalhou o fogo pela frota de Cao Cao. Os chineses lembram-se de Zhuge como um mestre da tática, e lendário inventor de muitos equipamentos engenhosos, tais como a balista repetição, a pipa-caixa, a lanterna aérea de papel, os bolinhos de farinha cozidos e algumas coisas, tais como o boi de madeira e o cavalo deslizante, que eram tradicionalmente retratados como máquinas que se deslocavam movidas pela gravidade, mas que, hoje em dia, são tidas como dois tipos de carrinhos de mão.⁵ Dão a ele, anacronicamente, o crédito de ter sido o primeiro general a usar a pólvora, que ele supostamente aprendeu com um sábio taoista itinerante, embora a pólvora não tenha aparecido senão um milênio depois. Basicamente, Zhuge leva o crédito de cada novidade que apareceu na China durante a Baixa Antiguidade.

Durante a década seguinte, o general Zhuge marchou para o Reino de Wei, no norte, ano após ano. Atacou cinco vezes e foi derrotado cinco vezes. Por que seu completo fracasso em conseguir qualquer objetivo nos diz respeito? Porque derrotar Zhuge Liang levou o general Sima Yi, do Reino

de Wei, à proeminência, como salvador do reino.

Agora que o Reino de Wei devia sua sobrevivência a um herói de guerra da família Sima, a estrela desta estava em ascensão, enquanto a de Cao estava em declínio. Conforme o trono passava de um descendente de Cao para outro, os imperadores foram ficando cada vez menos importantes, com reinados mais curtos, e o reino dependia crescentemente do encanecido general Sima Yi para continuar existindo. Finalmente, em 251, durante o reinado do quinto Cao, Sima Yi declarou a si mesmo imperador da nova dinastia Jin, e executou todos os membros da família Cao que pôde encontrar, sob acusações de traição. Sima Yi morreu dentro de um ano, mas seu legado sobreviveu sob seu neto. Nos 15 anos seguintes a dinastia Jin, de Sima, conquistou a China meridional, pondo fim à Era dos Três Reinos.

O império, há muito unido, deve se dividir; há muito dividido, deve se unir. Assim tem sido sempre...

– penúltima linha do *Romance dos Três Reinos*

Alerta: matemática à frente

Durante o século de paz e prosperidade no final da dinastia Han, a população chinesa cresceu enormemente, mas quando a paz foi quebrada, houve grande declínio no número de habitantes. O censo Han de 140 d.C. contou 9,7 milhões de residências, e quase 50 milhões de indivíduos no império. Quando a dinastia Jin contou os habitantes no império reunificado, em 280 d.C., um século depois da guerra civil, só foram encontrados 2,5 milhões de residências e 16 milhões de indivíduos.⁶

Os 34 milhões de pessoas desaparecidas não estavam todos mortos, provavelmente, mas como vamos transformar essa estatística sólida, única em um número de mortes crível? Geralmente, se eu tenho muitas estimativas diferentes de mortes, prefiro usar a mediana, mas, nesse caso, há apenas um número; pegue-o ou largue-o. Por outro lado, descobri um atalho grosseiro que às vezes constitui um bom meio-termo de estimativas grandemente díspares: a média geométrica dos limites superior e inferior da plausibilidade muitas vezes aproxima-se da média de estimativas muito mais rotineiras.⁷

Nesse caso, o número máximo absoluto plausível de mortes é óbvio: talvez todos os 34 milhões de desaparecidos tenham, na realidade, morrido no colapso da civilização Han. Bem, qual é o mínimo absoluto de pessoas

que devem ter morrido? Para uma redução tão acentuada de população, meio milhão, pelo menos, deve ter morrido. Isso chegaria a 1% da população da China, e apenas 6.500 por ano. A média geométrica desses dois números fica em torno de 4,1 milhões, que é o número de mortes que usei para situar esse acontecimento na escala.

^a Os chineses gostam de listas numéricas precisas. Veremos essa tendência várias vezes neste livro.

A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE

Número de mortes: 7 milhões¹

Posição na lista: 19

Tipo: colapso do Estado

Linha divisória ampla: Roma *versus* bárbaros

Época: 395-455 d.C.

Localização: Europa Ocidental

Principais Estados participantes: Império Romano do Oriente, Império Romano do Ocidente

Principais povos participantes: alanos, anglos, burgúndios, francos, hérulos, hunos, ostrogodos, saxões, vândalos, visigodos

Quem geralmente leva a maior culpa: romanos decadentes, germânicos bárbaros, Átila, o Huno

○ declínio e a queda do Império Romano é o arquétipo de todos os colapsos na história da humanidade. É o espelho metafórico gigantesco que erguemos em qualquer era em que vivamos. Se podemos encontrar algum paralelo, não importa quão superficial ele seja, entre Roma e os dias de hoje, então podemos predizer e dar opinião sobre qualquer caminho perigoso que estejamos trilhando. Se apontamos apenas as similaridades, digamos, da guerra do Iraque com a Guerra Hispano-Americana, então uns poucos amantes da história talvez concordem e virem a página, mas se encontramos similaridades entre a guerra no Iraque e a queda de Roma, então podemos facilmente espalhar o pânico e o alarme em toda a população, dessa forma fazendo jus a nossos gordos salários de eruditos.

Uma história curta, realmente curta, do Império Romano antes da queda

A República Romana virou o Império Romano com a ascensão de Augusto, em 14 a.C. Durante os poucos anos seguintes o aparato imperial avançou atabalhoadamente, sobrevivendo a cada ameaça. Os imperadores preenchem toda uma escala, indo dos criminalmente insanos aos honestos e sensíveis, num padrão quase previsível. Algumas décadas de

imperadores decentes eram interrompidas quando a sucessão caía num psicótico perigoso. Depois de um breve reinado de terror, ele seria assassinado, e uma guerra civil intensa, curta selecionaria outro imperador dentre todos os pretendentes. Então uma nova série de governantes razoavelmente competentes restaurariam a calma. Certamente, o processo era mais confuso do que os anúncios de ataques na televisão e os interessantes escândalos sexuais que determinam quem vai governar na democracia moderna típica, mas a coisa funcionou bem por gerações.

Depois de diversos séculos disso, o Império Romano era muito diferente da Roma da imaginação popular, onde Júlio César conduzia uma biga contra Pôncio Pilatos, e Calígula era calcinado em Pompeia, enquanto Espártaco seduzia Cleópatra.^a O novo império era cristão, e não tinha muito mais a ver com a cidade de Roma. Os imperadores vinham de populações romanizadas das províncias, e não da cidade-mãe propriamente dita. De fato, a etnicidade do império estava começando a se mesclar e homogenizar. O latim substituíra as línguas nativas em grande parte da Europa, e cada homem livre do império era legalmente um cidadão, sujeito a um conjunto uniforme de leis. Esses novos romanos até mesmo usavam calças de vez em quando, em vez de togas. Estavam se transformando em entes medievais.

Por conveniência administrativa, o império geralmente era dividido em metades autônomas: o Império Romano do Ocidente, com sua sede em Milão, e o Império Romano do Oriente, com sua sede em Constantinopla. Perto do fim, o sistema fazia sentido no papel, mas nunca funcionou. O imperador de cada metade (intitulado César) selecionava e preparava o sucessor de sua preferência (intitulado Augusto), e a sucessão deveria se realizar pacificamente de um a outro, sem interrupção. Na prática, entretanto, a morte de um imperador geralmente criava um vácuo de poder, uma guerra civil e um usurpador, com o trono por fim passando para o mais audacioso. Muitas vezes o César da outra metade tinha a aprovação prática de sua escolha, desde que fosse aquele com exércitos sob seu comando quando o trono ficava disponível. Isso mantinha as metades ligadas, em vez de se afastarem. Era comum que parentes próximos governassem as metades ao mesmo tempo, tais como os irmãos Valente e Valentiano, que se tornaram os Césares do Oriente e do Ocidente em 364.

Chegam os godos

Quando uma perigosa nova linhagem de bárbaros, os hunos, apareceu no horizonte nordeste do mundo civilizado, no final do século IV, todas as tribos germânicas no seu caminho fugiram ou se renderam. Os visigodos escaparam atravessando o rio Danúbio, a fronteira norte do Império Romano, e pediram ao imperador Valente que os salvasse. Ele permitiu que os bárbaros se estabelecessem ao longo da margem sul, como federados, um tipo de vassallos subordinados vivendo em um enclave autônomo. Os visigodos enfatizavam sua condição de autônomos, enquanto os funcionários romanos locais preferiam acentuar a parte subordinada da equação. Dentro em pouco, os desentendimentos se transformaram em revolta aberta.

Em 378, Valente marchou com o exército romano contra os visigodos, que se aproximavam da cidade romana de Adrianópolis, visando saqueá-la. Valente chegou com 40 mil soldados, acampou durante a noite, e depois avançou contra a infantaria dos bárbaros, que haviam se agrupado num círculo de carroças. O imperador atacou usando a ordem dos legionários apropriada, mas o círculo aguentou, até que chegou a cavalaria dos visigodos e envolveu o exército romano. Estes se viram apertados, esmagados e aniquilados, resultando na pior derrota romana de memória recente. O corpo do imperador nunca foi encontrado. Estava em algum lugar na pilha, apenas um dos cadáveres anônimos entre dezenas de milhares.

A paz volta a Constantinopla

Embora seja comum tratar a Batalha de Adrianópolis como o começo do fim de Roma, nada mais aconteceu por uma geração. O imperador do Ocidente (Graciano, filho de Valenciano) deu o Império do Oriente e sua irmã, em casamento, a um dos poucos generais de alta patente oriundo de uma boa família romana, Teodósio, que governou com competência por vinte anos.

Teodósio era muito cruel. Certa vez massacrou 7 mil habitantes de Tessalônica porque uma multidão naquela província linchou um de seus generais, por ele ter aprisionado um popular condutor de biga, mas deve-se notar que, a essa altura, o império não estava ainda irrevogavelmente em decadência. Os romanos ainda eram capazes de produzir um imperador forte, que seria lembrado pelo que fizera, em vez de o ser pelo que fizeram a ele.

Teodósio conteve os visigodos e estabeleceu-os de volta no seu pequeno enclave. A Batalha de Adrianópolis mostrara a superioridade tática do método godo de combate (cavalaria encouraçada lutando com lanças) sobre a tradicional legião romana, de modo que Teodósio começou um recrutamento maciço de bárbaros para servir no exército romano.

Seu reinado é mais notável por acontecimentos religiosos do que por acontecimentos políticos. Cristão fervoroso, ele colocou o paganismo fora da lei e transferiu o título de sumo pontífice (alto sacerdote) do imperador para o bispo de Roma. Pôs um termo aos rituais pagãos, como as Olimpíadas, e permitiu que multidões cristãs destruíssem os antigos santuários, tais como o Serapeu, que fazia parte do complexo da Biblioteca de Alexandria. A chama sagrada das Virgens Vestais em Roma foi extinta depois de mil anos de cuidadosa vigília. Os pagãos avisaram que isso enraiveceria os deuses e só traria problemas. Aparentemente eles estavam com a razão.

A despeito dos sinistros presságios, a civilização romana, a essa altura, ainda era pujante intelectualmente. Santo Agostinho, o teólogo que só perde para São Paulo em importância na criação do cristianismo como o conhecemos hoje em dia, ficou sendo um nome proeminente nessa época. Agostinho passara sua juventude gozando os prazeres da carne; quando cresceu, tornou-se religioso em 386 d.C., e superou a todos com essa nova paixão. Discorreu sobre o problema do livre-arbítrio, desenvolveu o conceito de pecado original, de bebês não batizados condenados ao fogo eterno, considerou ilegal o sexo e transformou o cristianismo de um movimento popular em um curso de filosofia de pós-graduação. Sempre que seus olhos brilharem ao estudar religião, ou sempre que você se vir pensando onde Jesus disse *determinada coisa*, isso é trabalho de Santo Agostinho.

Nessa época, o cristianismo já estava bem estabelecido por toda a esfera de influência romana. Todas as tribos germânicas que viviam ao longo das fronteiras tinham se convertido havia muito tempo, mas, infelizmente, o império declarara a versão cristã deles, o arianismo, uma heresia, pois discordava da versão oficial no que dizia respeito à Santíssima Trindade. Os arianos acreditavam que o Filho não existira até que fosse criado pelo Pai, diferentemente dos cristãos do Império Romano, que acreditavam que o Pai e o Filho coexistiam eternamente. Isso não é uma coisa que tenha importância, realmente, a não ser pelo fato de que as pessoas se engalfinham por qualquer motivo.

Política em Milão

Nesse ínterim, o Império Romano do Ocidente estava dilacerado por disputas internas. Duas vezes, recentemente, generais ambiciosos haviam assassinado o imperador do Ocidente, e Teodósio teve de intervir para remover o usurpador do trono. A primeira vez, quando Graciano foi morto em 383, Teodósio restaurou a linhagem da família legítima (Valenciano II), mas da segunda vez, em 394, ele manteve o Império do Ocidente sob seu domínio. Durante um ano, e pela última vez, um único imperador reinava sobre um império unificado, da Britânia até a Arábia.

Quando Teodósio morreu, em 395, o império foi dividido entre seus dois filhos. Seu filho de 11 anos, Honório, ficou com o Império do Ocidente, enquanto que o outro, ligeiramente mais velho, Arcádio, ficou com o Império do Oriente. Honório reinaria pelas próximas três décadas, até 423, durante as quais começou o acentuado colapso, de modo que podemos pôr a culpa nele, mesmo que tivesse apenas 11 anos de idade na ocasião.

O homem que realmente governava o Império do Ocidente era o general e regente, Estílico. Geralmente ele é descrito como um general vândalo a serviço de Roma, mas nasceu e foi criado como romano. Embora seu pai fosse um chefe da tribo dos vândalos, comandando tropas auxiliares no exército romano, a mãe de Estílico era romana pura. De qualquer forma, o passado de Estílico não era inusitado. A maioria dos comandantes de alta patente nessa época eram apenas uma geração ou mais, provenientes de ancestrais bárbaros mercenários.

Tudo vira um inferno

No Império do Oriente, antes da morte de Teodósio, os visigodos, sob o comando de Alarico, decidiram ir em frente. Como a maioria dos selvagens, os godos eram bastante vagos na sua ideia das instituições, mas acreditavam em fortes laços pessoais. Com Teodósio morto, eles se consideraram livres de seu acordo, que era de ficarem estabelecidos pacificamente. Eles se aventuraram e começaram a saquear os Bálcãs para cima e para baixo, contra uma resistência romana fraca, ineficaz. Já em 402 os visigodos haviam invadido a Itália. Com um exército inimigo do lado civilizado dos Alpes pela primeira vez em seiscentos anos, Honório (agora com 18 anos) retirou a corte de Milão, que se via perigosamente exposta numa ampla planície, para Ravena, no litoral, atrás de intransponíveis

pântanos. Estílico derrotou os visigodos, que recuaram para reconsiderar suas opções.

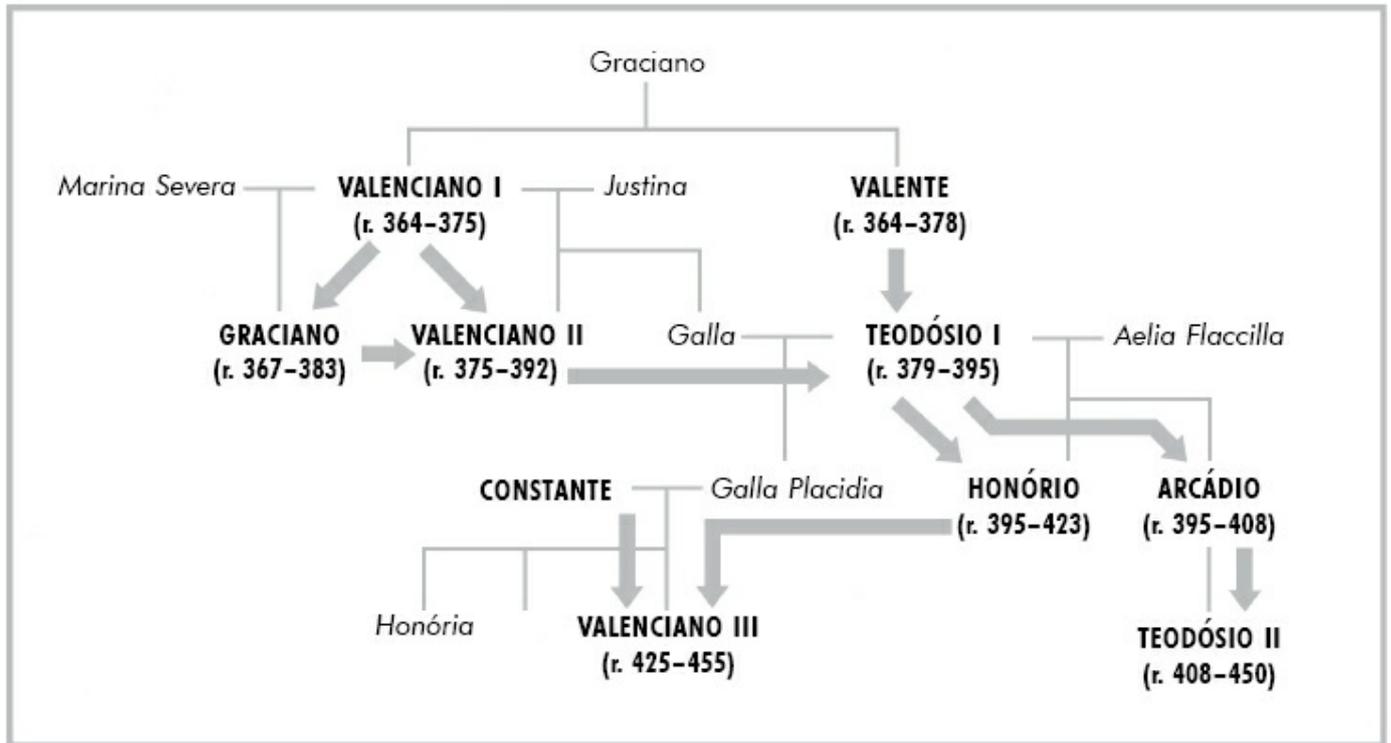
Com grande parte do exército romano na Itália caçando os visigodos, a fronteira norte enfraqueceu suas defesas, de modo que, em 406, uma grande horda bárbara, a maioria formada de vândalos germânicos e suevos, juntamente com alanos iranianos, cruzou o rio Reno congelado, em Mainz, sem encontrar oposição. Avançaram pela Gália, queimando, matando e estuprando, até que atravessaram os Pireneus, entrando na Espanha. O poeta Orientius, bispo de Auch, descreveu esses acontecimentos poucos anos mais tarde:

*Alguns jaziam como alimento para cães, para muitos um telhado em fogo
Tanto tomavam suas almas, como cremavam seus corpos.
Pelas aldeias e villas, pelo campo e mercados
Por todas as regiões, em todas as estradas, aqui e ali, havia Morte,
Infelicidade, Destruição, Incêndio e Lamentação.
Toda a Gália queimava numa única pira funerária.²*

Fazer parar a invasão não era a maior prioridade na corte. Honório estava mais preocupado com o fato de Estílico estar se tornando poderoso demais, de modo que mandou assassiná-lo em 408.

Vendo o caos se apossar do continente, Constantino, o comandante do exército romano na Britânia, declarou a si próprio imperador do Império do Ocidente. Cruzou o canal da Mancha para a Gália a fim de consolidar sua reivindicação, deixando os bretões para se defenderem sozinhos, com uma independência que não queriam.

Com as tropas leais tão escassas, Honório não estava em posição para se defrontar com Constantino. Assim, foi forçado a aceitá-lo como coimperador, mas, antes que o imperador Constantino III pudesse tomar posse e gozar das benesses do poder, um de seus próprios generais se revoltou e elevou ao trono um terceiro imperador. Depois disso, as coisas ficaram mais complicadas. Outras guarnições tomaram partido, e logo todos os romanos do noroeste da Europa estavam combatendo entre si. Por fim, entretanto, todos os usurpadores romanos e suas famílias foram assassinados. Diversas cabeças foram colocadas triunfalmente em lanças por toda a região, a de Constantino entre elas.



Em segurança no momento, Honório teve de promover a coimperador Constante, general leal que salvara sua pele no recente conflito. Nesse ínterim, duas outras tribos haviam se infiltrado em províncias romanas, na esteira dos vândalos. Os francos, que anteriormente se estabeleceram como federados no delta do Reno, agora se espalhavam mais para o interior da região, a qual, mais tarde, receberia seu nome (França). Os borgúndios fizeram o mesmo, terminando na Borgúndia. Os funcionários romanos locais foram forçados a pagar tributo a essas tribos até que alguém pudesse ir em socorro e expulsar os intrusos. Isso levou mais tempo do que qualquer um imaginava.

Embora o continente ainda continuasse sob o controle (nominal) de Roma, o imperador Honório enviou uma carta aos bretões declarando oficialmente que eles estavam entregues à própria sorte. Não havia nada que o Império pudesse fazer por eles. Durante as décadas que se seguiram, tribo após tribo de bárbaros – pictos, escoceses, anglos, saxões e jutos, vindos de diversas direções, Irlanda, Escócia e Dinamarca – aproveitaram-se da oportunidade e mergulharam a Bretanha em uma era de violência, sem registros históricos. Sem um defensor verdadeiro que pudesse ir em seu socorro, os inermes bretões tiveram de sonhar que isso acontecia, e então surgiu a lenda do rei Arthur.

O saque de Roma

Nesse ínterim, Alarico voltou com seus visigodos em 409, e extorquiu um enorme resgate da cidade de Roma. Quando ele apresentou suas exigências nos portões da cidade, os romanos ficaram chocados. O que lhe sobraria? “Suas vidas”, respondeu ele.

Isso manteve Alarico financiado por cerca de um ano, mas então ele retornou em 410, apoderou-se da cidade e a saqueou durante vários dias. Embora Roma não fosse mais a capital, e o saque fosse mais um roubo do que a destruição indiscriminada, a queda da cidade chocou o mundo civilizado. Era claro que o que estava acontecendo era mais do que apenas outra disputa dinástica.

O Império Romano é como os dinossauros. Ambos são mais famosos por terem desaparecido do que por terem sobrevivido todos esse séculos; entretanto, a cidade de Roma permanecera sem ser saqueada por estrangeiros por oitocentos anos (390 a.C.-410 d.C.). Isso é algo extraordinário, mesmo pelos padrões modernos. Para termos uma perspectiva, consideremos outras capitais que tropas estrangeiras ocuparam numa ou outra época nos últimos quatrocentos anos, apenas metade do número de anos que Roma permaneceu intacta:

Adis Abeba (1936), Atenas (1826, 1941), Bagdá (1623, 1638, 1917, 2003), Pequim (1644, 1860, 1900, 1937, 1945), Berlim (1760, 1806, 1945), Bruxelas (1914, 1940), Buenos Aires (1806), Cairo (1799, 1882), Copenhague (1807, 1940), Nova Déli (1761, 1783, 1803, 1857), Havana (1762, 1898), Cabul (1738, 1839, 1879, 1979, 2001), Londres (1688), Madri (1706, 1710, 1808), Manila (1762, 1898, 1942), Cidade do México (1845, 1863), Moscou (1605, 1610, 1812), Nanquim (1937), Paris (1814, 1871, 1940), Filadélfia (1777), Pretória (1900), Roma (1798, 1808, 1849, 1943, 1944), Seul (1910, 1945, 1950, 1951), Teerã (1941), Tóquio (1945), Viena (1805, 1809, 1938, 1945), Washington (1814)

Desintegração

No momento, a situação era tão grave que os problemas individuais tiveram de esperar na fila até terem uma oportunidade de desabar sobre o império. Afinal de contas, comparados com outras alternativas que ameaçavam Roma, os visigodos não pareciam tão ruins. É certo que eles saquearam a cidade e mataram o imperador Valente, mas pelo menos não

eram como os hunos ou os vândalos. Dessa época em diante, os visigodos desempenharam o papel de bárbaros amigos de Roma.

Dentre o butim que os visigodos levaram de Roma estava a irmã do imperador Honório, de 20 anos, Galla Placidia, e para solidificar a crescente aliança entre o império e aquela tribo de bárbaros, estes receberam permissão para ficar com ela. Galla se casou com Ataulfo, o novo rei, que sucedera a Alarico, e a tribo se estabeleceu na Gália meridional, recebendo generosos direitos para cobrar tributos dos cidadãos romanos locais.

Mais tarde, num golpe de Estado, Ataulfo foi assassinado por um criado, e a viúva, Galla Placidia, foi conduzida em procissão pela cidade, amarrada e humilhada.³ Quando o novo rei visigodo sufocou a rebelião, Placidia voltou para Ravena, onde Honório a casou com seu coimperador Constantino, que também não viveu muito tempo.

Depois que Honório morreu, em 423, um usurpador, Johannes, assumiu o poder até que chegasse o exército do imperador do Oriente para colocar no trono, em 425, Valenciano, sobrinho de Honório, com 6 anos de idade, e filho de Constantino. Valenciano III seria o último imperador romano a passar algum tempo no trono do Império do Ocidente, embora ele nunca tenha, na realidade, se tornado senhor do Estado. Sua mãe, Galla Placidia, governou como regente, sendo grandemente qualificada para o cargo. Afinal de contas, era filha, esposa, mãe, irmã, neta, tia e sobrinha de imperadores, de modo que, pelo menos, ela conhecia as artimanhas palacianas. Conforme os anos se passaram, entretanto, o general Flávio Aécio começou a exercer cada vez mais poder.

Na ocasião, os bárbaros haviam dividido a Espanha entre si, e destruído o exército romano local, de modo que o império pediu socorro aos visigodos, que invadiram a Espanha e varreram a tribo dos asdingues, dos vândalos, deixando apenas a tribo dos silingues para levar adiante o orgulhoso nome dos vândalos.

Nesse ínterim, o comandante romano no norte da África, Bonifácio, armava um plano. Galla Placidia não tinha certeza de que plano era esse, mas Bonifácio parecia estar consolidando mais poder do que era permitido a um comandante de província, de modo que ela o convocou para ir à Itália explicar-se. Quando Bonifácio se recusou, ela mandou um exército romano para insistir na convocação, então o comandante rebelde ofereceu metade do norte da África aos vândalos silingues em troca de ajuda. Ainda sob a pressão dos visigodos, os vândalos abandonaram prazerosamente a

Espanha e cruzaram o estreito de Gibraltar em 429. Subitamente confrontada com dois inimigos na África, Placidia se reconciliou com Bonifácio, que prontamente se voltou contra os vândalos.

Entretanto os vândalos derrotaram facilmente todos os exércitos romanos enviados contra eles, e começaram a conquista sistemática do norte da África, cidade por cidade. Um sítio organizado pelos vândalos deixou Santo Agostinho preso na cidade de Hipona, onde ele morreu em 430, ainda sitiado. Em 439, os vândalos finalmente tomaram a capital provincial de Cartago. Isso lhes deu o controle do suprimento de cereais que alimentava Roma nessa época. Na ocasião eles haviam construído uma frota, com a qual faziam incursões para cima e para baixo do litoral do Mediterrâneo, atacando pacíficas comunidades costeiras que não viam uma frota pirata havia quinhentos anos.⁴

Átila

Por essa época os hunos haviam chegado às fronteiras fluviais do Império Romano e começavam a avançar pelos Bálcãs. Um cronista eclesiástico descreveu isso: “Houve tantos assassinatos e derramamento de sangue que os mortos não podiam ser contados. Sim, pois eles invadiram as igrejas e monastérios e mataram os monges e as donzelas em grande quantidade.”⁵ O imperador do Oriente, Teodósio II, cedeu a margem sul do Danúbio ao controle huno, e pagou uma enorme soma para que esses bárbaros não chegassem mais perto, mas o imperador do Ocidente tinha muitas outras prioridades, e não tinha dinheiro bastante para proteger sua metade do império. Os hunos atravessaram o Danúbio e assolaram a Panônia romana (Hungria ocidental), fazendo rápidas pilhagens, de vez em quando, para manter a prática.

Voltando à Itália, a atenção do imperador estava desviada por um dos mais destrutivos episódios de rivalidade entre parentes na história. A irmã de Valenciano, Honória, viu-se envolvida romanticamente com o administrador de suas terras, coisa politicamente perigosa, de modo que eles conspiraram para derrubar o irmão dela antes que ele descobrisse o romance. Infelizmente chegaram atrasados; o imperador já sabia. Ele mandou decapitar o amante da irmã e teria feito o mesmo com ela não fosse a intervenção de Placidia. A família imperial tentou, então, forçar Honória a casar com um senador idoso e seguro, mas ela foi inflexível na sua recusa. Finalmente todo mundo concordou que Honória deveria ser

despachada para Constantinopla, onde ficaria confinada.

Tendo perdido o primeiro embate, Honória escreveu secretamente para Átila, o rei dos hunos, propondo uma aliança conjugal, confiando a seu eunuco a entrega da carta ao chefe bárbaro, juntamente com seu anel, para garantir a autenticidade da proposta. Quando a nova conspiração foi descoberta, o imperador do Oriente, Teodósio II, rapidamente devolveu o problema para Ravena, despachando Honória de volta para casa, com o conselho de que seu primo, Valenciano, deveria concordar com o casamento por motivos políticos. Placidia concordou, mas Valenciano ficou furioso. Foi necessária toda a influência de Placidia para dissuadi-lo de mandar matar sua irmã por toda a confusão que ela causara; entretanto, tanto Placidia quanto Teodósio II morreram por essa época, o que deixou a decisão final para Valenciano, que não tinha nada a ver com aquela união. Honória foi forçada a casar com um romano sem importância e foi exilada, desaparecendo da história depois disso.⁶

Infelizmente não foi tão fácil demover Átila da ideia. A ele fora prometida uma noiva imperial, e dane-se, era melhor que pagassem. Ele avançou contra o império para reivindicar Honória, além de um esperado dote de metade do império. Atacando pelo rio Reno, ele varreu o norte da Gália, deixando atrás de si uma reputação de destruição que perduraria por mil anos. Um cronista descreveu esse gambito de abertura: “Os hunos, partindo da Panônia, alcançaram a cidade de Metz na véspera da festa da Páscoa, devastando toda a região. Puseram fogo na cidade e passaram a população a fio de espada, matando os sacerdotes do Senhor diante dos altares sagrados.”⁷

Os hunos avançaram até Orleans, que resistiu ao cerco, de modo que eles foram em busca de um alvo mais fácil. Logo os exércitos combinados de romanos e visigodos, sob o comando de Aécio, alcançaram os bárbaros e os venceram na batalha das planícies de Catalaunum, em 451. Foi a última vitória alcançada pelo exército romano do Ocidente, e nós não sabemos quase nada sobre ela. Não apenas os arqueólogos fracassaram nas suas tentativas de achar o local da refrega, mas também eles nem mesmo sabem por onde começar a procurar. Nos relatos que chegaram até nós, os efetivos dos exércitos e as montanhas de mortos foram exagerados além de qualquer plausibilidade.⁸

Depois de recuar e se reagrupar, Átila cruzou os Alpes, invadindo a Itália, destruindo a cidade de Aquileia e expulsando os sobreviventes que se esconderam nos pântanos de uma lagoa próxima, onde construíram

uma nova cidade, Veneza. Conforme os hunos penetravam cada vez mais fundo no país, outro saque de Roma parecia provável, mas Átila mudou de ideia depois de encontrar-se com algumas pessoas notáveis locais, tais como o papa Leão. Ninguém sabe por que Átila fez meia-volta e voltou para sua terra, mas possíveis explicações incluem tudo, desde a milagrosa aparição dos apóstolos São Pedro e São Paulo, passando por um surto de peste, a percepção por parte de Átila de que seus recursos estavam no limite e até um simples pagamento.

Voltando à terra dos bárbaros, Átila morreu em 453, bêbado, na cama, na noite de seu casamento, depois de um violento sangramento pelo nariz. Dentro de um ano, todos os vassalos germânicos já haviam se libertado do jugo dos hunos, que rapidamente retrocederam para as estepes ucranianas.⁹

Por essa época, o general Aécio se tornara extremamente poderoso, constituindo uma ameaça para Valenciano. Um dia, em 454, quando o general fazia um relato financeiro para o imperador, Valenciano saiu do trono, espada na mão, e retalhou o general em diversas partes do corpo. Aécio foi vingado seis meses depois, quando soldados leais ao general assassinaram Valenciano.

Logo depois, o rei dos vândalos, Genserico, desembarcou com um exército em Óstia e atacou ao longo do rio Tibre, capturando Roma. Os vândalos deram à cidade um tratamento muito mais brutal do que os visigodos haviam feito, ligando seu nome ao conceito total de destruição sem objetivo. Quando embarcaram de volta para Cartago, depois de 14 dias de saque, levaram consigo séculos de tesouros acumulados, tais como o candelabro de ouro saqueado de Jerusalém, e milhares de prisioneiros, inclusive a viúva e as filhas de Valenciano. Os prisioneiros de menor categoria foram direto para o mercado de escravos, enquanto a família imperial permanecia como refém.¹⁰

Últimos dias

Para todos os fins práticos, esse foi o fim do Império Romano do Ocidente. O nome ainda perdurará por mais uma geração, mas a nação cessou de ser uma entidade viável em 455, com a extinção da dinastia de Teodósio e o saque de Roma pelos vândalos. Não havia um núcleo de território seguro, produtivo, de onde recrutar e financiar um novo exército. Durante as próximas décadas, os conquistadores germânicos se uniram em pequenos

reinos, aproveitando os pedaços do império. Haveria ainda muito mais batalhas, assassinatos, traições, sítios e massacres, antes que o processo se completasse, mas você não precisa conhecê-los. Tudo o que importa é que Roma desaparecera, e os exércitos estavam saqueando lugares que não haviam sofrido esse destino por centenas de anos.

Com a morte de Átila, umas poucas tribos germânicas que haviam sido vassalas dos hunos, os ostrogodos e os hérulos, tiveram agora a oportunidade de agir como entes políticos independentes nas ruínas do império. Tendo estado subjugadas por tanto tempo, elas quase que perderam a oportunidade de pegar para si um pedaço da carcaça, mas com todas as outras tribos avançando para o oeste, para dentro da Gália e a Espanha, premidos pelos romanos e hunos, os ostrogodos e os hérulos se sentiram livres para invadir a própria Itália.

O Império Romano fora tão importante durante tanto tempo que ninguém podia imaginar um mundo sem ele. Nos próximos 21 anos, os conquistadores mantiveram o simulacro de um Império Romano, quando, de fato, generais em briga comandavam o espetáculo atrás de uma fieira de títeres, figuras de fachada, conhecidas como os imperadores fantasmas. Por fim, um homem forte germânico, em ascensão, na Itália, um heruli chamado Odovacer, consolidou seu poder sobre a península. Em 476, ele removeu o imperador que ocupava o trono no momento, uma personalidade nula, de 13 anos de idade, chamado Rômulo Augusto,^b mandando-o para suas terras no interior, deixando vazio o cargo de César.

E assim tudo terminou.

Por que Roma caiu?

O melhor meio de se compreender a queda de Roma é saltar a primeira metade de qualquer livro sobre o assunto. Sim, o passado e as tendências de longo prazo são importantes: alguns historiadores vão tão longe no passado à procura da causa, porém, que parecem afirmar que Roma estava caminhando para uma queda inevitável desde que foi fundada. Quando comecei a pesquisar o assunto para este capítulo, li a literatura existente e, zelosamente, anotei observações sobre Valeriano, Marco Aurélio e Diocleciano antes de perceber que essas figuras antecederam a queda de pelo menos dois séculos. Isso é como encontrar a causa do colapso da União Soviética em algo feito por Catarina, a Grande.

Vamos começar estabelecendo regras de bom senso:

Uma explicação apropriada deve se aplicar ao século V, em vez de o fazer ao século I, de modo que paganismo, gladiadores e Nero tocando harpa estão claramente fora de cogitação. Como o império deixara há muito tempo de ser governado pela cidade epônima, qualquer causa que esteja ligada demais a Roma, tal como o envenenamento por chumbo do suprimento de água da cidade ou a malária nos pântanos da Itália meridional, também teria valor duvidoso. Da mesma forma, dizer que o império era grande demais não é um argumento muito convincente, porque ele não era maior no século V do que era no começo.

Há cem anos, estavam muito em voga as teorias raciais sobre o colapso de Roma, de que a mestiçagem enfraqueceu a raça e assim por diante, mas isso é simplesmente projetar as preocupações de uma época de volta para outra, no passado. Hoje em dia você pode ouvir explicações baseadas em mudanças climáticas, doenças tropicais ou asteroides assassinos, porque essas são as coisas que nos preocupam.

Qualquer coisa tendo a ver com redução da fertilidade ou degradação geral da classe governante é duvidosa, porque o Império Romano não era uma monarquia no sentido estrito, que passava de pai para filho e deste para o neto. Era mais uma ditadura militar, na qual o poder era transmitido de um imperador morto para um parente com experiência ou um colega respeitado. E Roma também não era especialmente elitista. Quando houve escassez de patrícios romanos para levar adiante o espetáculo, gente comum das províncias assumiu o poder.

Como aconteceu com os dinossauros, que se transformaram em pássaros, alguns alegam que Roma nunca realmente “caiu”; ela simplesmente se transformou em outra coisa. A metade oriental sobreviveu mais mil anos, como o Império Bizantino, e governantes que se intitulavam “Césares” existiram até o século XX, embora com o nome de “kaisers” e “tzares”. E não devemos esquecer que o mais poderoso líder espiritual do mundo ainda supervisiona de Roma suas centenas de milhões de seguidores.

Falando sério: por que Roma caiu?

Talvez você fique desapontado ao saber que a maioria dos historiadores evita explicações grandiosas, cósmicas, para a queda de Roma, oferecendo, em vez disso, causas específicas, quase insignificantes, ou uma de cada vez ou em diversas combinações.

A mais popular das explicações culpa o fracasso da liderança. Roma nunca desenvolveu um sistema suave de passar o império de um imperador para o seguinte, o que desencadeava uma pequena guerra civil quase toda vez que morria o governante. Os imperadores não tinham qualquer legitimidade, a não ser terem comandado o maior exército, e generais ambiciosos tinham pouca lealdade pessoal para com seu soberano. Assim, quando surgia a crise, Roma via sentada no trono uma série desafortunada de usurpadores, crianças e pesos leves, que tinham mais medo de seus próprios exércitos do que dos bárbaros.¹¹

Segundo, a cavalaria tornou-se o principal meio de combater, mas Roma fora construída e mantida pela infantaria.^c Como Roma reagiu a essas novas táticas de cavalaria alistando mercenários, em vez de treinar os romanos nativos para lutar dessa maneira, o exército foi ficando cada vez menos comprometido com a sobrevivência do império. O exército romano sempre tivera certo oportunismo egoísta que levou a incontáveis golpes e motins, mas como o exército era essencialmente romano, os soldados hesitavam em deixar a porta aberta para uma invasão bárbara sem resistência. Os mercenários hunos e godos não tinham esses escrúpulos.¹²

Terceiro, a transferência da capital principal para Constantinopla aumentou o controle romano no Oriente, mas também marginalizou o do Ocidente. Os exércitos colocados convenientemente para proteger a nova capital não eram de muita utilidade para proteger o Ocidente. Durante o pico do poder romano, os exércitos guarnecendo as extensas fronteiras fluviais ao longo dos rios da Europa central eram mantidos por impostos cobrados da sofisticada economia urbana do Mediterrâneo oriental. Quando o império foi dividido em duas partes, oriental e ocidental, o Oriente herdou a galinha dos ovos de ouro, e uma fronteira mais curta, enquanto o Ocidente ficou com as despesas de guarnecer uma extensa fronteira, com recursos provenientes de uma economia mais primitiva.¹³ No final, o Ocidente viu-se simplesmente sem meios de se defender.

Quarto, a conversão ao cristianismo (depois de 313) criou divisões internas e alienou os tradicionalistas pagãos. Quando o cargo de sumo sacerdote foi separado do cargo de imperador, isso diluiu o apoio popular ao governo. O imperador perdeu metade de sua legitimidade. As pessoas ficaram menos inclinadas a cultuar César, uma vez que ele não era mais um deus vivo. Isso também ajuda a explicar por que a China, onde o imperador manteve seu status divino, foi por fim reconstituída como uma nação unificada.¹⁴

O quadro geral

Se um homem fosse chamado a fixar um período da história do mundo no qual a condição da raça humana foi mais feliz e próspera, ele indicaria, sem hesitação, o tempo decorrido da morte de Domiciano até a ascensão de Cômodo (96-180 d.C.). A vasta extensão do Império Romano era governada por um poder absoluto, sob a orientação da virtude e da sabedoria. Os exércitos foram contidos pela firme, mas suave mão de quatro imperadores sucessivos, cujo caráter e autoridade impunham respeito involuntário. As formas da administração civil foram cuidadosamente preservadas por Nerva, Trajano, Adriano e pelos Antoninos, que apreciavam a imagem da liberdade, e ficavam contentes em se considerarem como pessoas responsáveis pela administração das leis. Esses príncipes mereceram a honra de restaurar a república, tendo os romanos de seus dias sido capazes de gozar de uma liberdade racional.

– Edward Gibbon, *Declínio e queda do Império Romano*

Declínio e queda do Império Romano, de Edward Gibbon, é amplamente considerado o maior livro de história já escrito na língua inglesa. Isso aborrece os modernos historiadores porque (1) hoje em dia eles sabem muito mais história do que Gibbon sabia, e (2) eles têm inveja. Alguns têm criticado Gibbon por elogiar tanto Roma, pois os romanos tinham guerras, analfabetismo, fome, doenças, escravidão e reprimiam as mulheres. Bem, isso também acontecia na época em que Gibbon escreveu (1776-88), de modo que “calem a boca”; ele tem razão. Muitos campos da atividade humana não voltaram aos níveis da era romana senão no século XIX.

O império criou uma paz real por toda uma enorme área, durante centenas de anos. Meus cem mais sangrentos acontecimentos incluem sete conflitos ocorridos na região do Mediterrâneo nos quatro séculos antes de Augusto, mas apenas um durante os quatro séculos que se seguiram a seu governo.

Os historiadores costumavam considerar a queda de Roma uma profunda falha geológica que dividia os mundos antigo e medieval, mas desde a década de 1970 os acadêmicos vêm experimentando um novo ponto de vista. Hoje em dia, todo o período que vai de 200 a 800 d.C. é considerado um único período de transição, chamado Antiguidade Tardia. Como parte disso, há também uma tendência a diminuir a intensidade da violência associada às invasões bárbaras, bem como a chamar esses povos de bárbaros. De fato, alguns estudiosos argumentam que a queda do Império Romano do Ocidente, como um todo, é enfatizada demais como um marco da história, e que as mudanças que varreram a Europa foram mais decorrentes de imigrações pacíficas de tribos errantes, que impuseram uma nova classe governante, mas que foram culturalmente assimiladas em duas gerações.¹⁵

Essa opinião é especialmente popular entre os ingleses, americanos e alemães, pois eles são descendentes dos já mencionados bárbaros, que agora pareceriam menos “bárbaros”. Num sentido mais geral, essa é apenas uma das mudanças de direção que a historiografia, na qual antigos selvagens (vândalos, mongóis, zulus, viquingues) são reabilitados, enquanto antigos exemplos de civilização (romanos, britânicos) são denegridos. De vez em quando os estudiosos ficam cansados de superestimar as épocas de ouro, e desenvolvem um renovado interesse pelas antigas épocas das trevas. Isso acontece todo o tempo. Nunca é permanente, e não devemos levar essa coisa muito a sério.

Sob esse novo paradigma, há também uma tendência a não fazer diferença entre cada frente de tempestade que varreu uma civilização mediterrânea. Sejam eles hunos, godos, ávaros, viquingues, magiares ou árabes, todos fazem parte de uma mesma megatendência. Embora ajude a manter toda a matéria dentro do contexto, isso obscurece o fato de que a queda de Roma no século V foi um furacão.

A queda de Roma é, indiscutivelmente, o acontecimento geopolítico mais importante da história ocidental. Sem o esfacelamento do império, as populações romanizadas da Europa ocidental não teriam evoluído como identidades separadas. Em vez de franceses, espanhóis, italianos e portugueses, haveria apenas romanos nessas terras (falando algo muito semelhante ao italiano). Essa pátria neorromana poderia também ter incluído a Inglaterra, o norte da África e a margem sul do Danúbio, cujas populações romanizadas foram mais tarde absorvidas, assimiladas e substituídas por invasores anglo-saxões, árabes e eslavos. Imagine um único grupo étnico preenchendo todas as terras, desde Liverpool até a Líbia, com 2 mil anos de história de unidade. Rivalizaria com a China como o país mais antigo e mais populoso da Terra.

Quantas pessoas morreram?

Os números são pura especulação, mas quase todo sítio arqueológico da Europa mostra um forte declínio no número de artefatos descobertos nas camadas do século V. Moedas de cobre, azulejos quebrados, ferramentas enferrujadas, pregos, pedaços de vidro, pedras de calçamento, inscrições tipo grafite, tijolos rachados, túmulos e lascas de cerâmica foram encontrados em inúmeras ruínas, alicerces, colinas artificiais, montes de lixo e despejos da era romana, por toda a Europa ocidental. Depois, em

camadas datando de épocas posteriores à chegada dos saxões, francos e godos, os arqueólogos descobrem menos novos depósitos. Em alguns casos, os sítios romanos desaparecem inteiramente e regiões que anteriormente tinham muitas pequenas cidades, vilas e aldeias ficam reduzidas a um punhado de bastiões fortificados.

Quando os arqueólogos encontram menos material, isso geralmente significa uma de quatro coisas:

1. Menos pessoas.
2. O mesmo número de pessoas, mas menos material por pessoa.
3. A mesma quantidade, tanto de pessoas quanto de material, mas o material é menos durável.
4. Tudo é igual, mas estamos procurando no lugar errado.

Dessas quatro possibilidades, a mais simples é a primeira, e essa é geralmente considerada a posição básica, a menos que evidências especiais apontem para uma das outras três possibilidades. Por outro lado, essas quatro explicações não são mutuamente exclusivas. O número reduzido de pessoas poderia ter significado que elas tinham ficado muito mais pobres, deixando para trás até mesmo menos artefatos por pessoa. Conforme esses sítios apresentam menos detritos, fica mais difícil encontrá-los para estudo.¹⁶

A maioria dos demógrafos acredita que a população das províncias romanas na Europa atingiu o pico de 30 a 40 milhões em 200 d.C., e depois diminuiu em um terço ou mesmo pela metade, durante todo o período de declínio, chegando ao mínimo de 20 milhões, mais ou menos, em 600 d.C. A perda máxima desse período, durante o século V, é às vezes estimada em um quarto ou um quinto da população. A maior parte desse declínio não é resultado direto da violência, mas sim da fome e de doenças propagadas pela desintegração da sociedade.¹⁷

^a Nunca declarei que a imaginação popular era muito precisa.

^b Nenhum relato da queda de Roma pode ser completo sem notar essa ironia: o último imperador recebeu o nome do fundador de Roma e do primeiro imperador.

^c Por que essa mudança aconteceu? Não existe resposta fácil. Seria ótimo que a cavalaria houvesse se tornado superior à infantaria devido a uma nova invenção, como talvez estribos, que davam aos cavaleiros uma plataforma mais sólida na luta, permitindo que atirassem flechas com mais estabilidade e se firmassem ao atacar com lanças. A cavalaria antiga não tinha estribos, mas os

cavaleiros medievais já os tinham. Na realidade, os cavaleiros andantes não podiam competir nos torneios sem estribos. Isso significa que o estribo surgiu em algum momento do início da Idade das Trevas. Se conseguíssemos alguma prova de que os hunos trouxeram o estribo para a Europa, isso explicaria facilmente sua superioridade militar e a queda de Roma em uma única lição (estribos!), e poderíamos terminar a aula mais cedo. Tal linha de raciocínio deixou alguns historiadores tentados a identificar estribos em todo e qualquer fragmento metálico encontrado em túmulos hunos; infelizmente, indícios adequados de estribos só aparecem na Europa com alguns séculos de atraso em relação aos hunos (Otto Maenchen-Helfen, *World of the Huns: Studies in Their History and Culture* [Berkeley: University of California Press, 1973], pp. 206-207; Hildinger, *Warriors of the Steppe*, p. 19).

JUSTINIANO

Número de mortos: zilhões

Posição na lista: 59

Tipo: déspota

Linha divisória ampla: romanos *versus* bárbaros (novos conflitos)

Época: governou de 527 a 565

Localização: Mediterrâneo

Principais Estados participantes: Império Romano (Bizantino) do Oriente, reino dos godos, reino dos vândalos

Quem geralmente leva a maior culpa: Justiniano e Teodora

Vida na corte

Procópio, o historiador oficial da corte do imperador Justiniano, em Constantinopla, mantinha dois conjuntos de livros. Durante o dia ele escrevia histórias públicas, que derramavam elogios sobre o imperador, mas à noite puxava seu livro de histórias secretas, e descrevia o que *realmente* aconteceu. Grande parte do que achamos que sabemos sobre essa época depende de você considerar Procópio um mentiroso.¹

Justiniano nasceu em 483 de uma família de camponeses, em algum lugar nos Bálcãs, e sempre falou o grego do Império do Oriente com sotaque bárbaro. Ele teria passado desconhecido na história se seu tio, Justino, não tivesse se integrado à guarda palaciana em Constantinopla, e ascendido de posição até se tornar comandante daquele grupo. Dali o tio Justino proclamou-se facilmente imperador em 518, quando o velho imperador morreu sem ter tido filhos.

Não tendo filhos ele próprio, Justino adotou seu sobrinho Justiniano como principal assistente e herdeiro. Quando Justino começou a ficar senil, Justiniano tornou-se o verdadeiro governante do império, bem antes de herdar oficialmente o trono com a idade de 44 anos.

A esposa de Justiniano, a imperatriz Teodora, tem sido vilipendiada na história por sua sexualidade. De acordo com Procópio, ela foi subindo na vida desde sua infância como prostituta, até realizar atos sexuais ao vivo no palco, vindo finalmente a se tornar uma cortesã de alto gabarito, onde atraiu os olhares e outras partes anatômicas do herdeiro presuntivo. Procópio não nos poupa de nenhum detalhe das escapadas sexuais de

Teodora. Quando escreveu seu capítulo tratando da imperatriz, Edward Gibbon ficou muito constrangido em descrever as atividades dela em inglês comum. Em vez disso, ele esconde suas peripécias de olhos inocentes com citações em grego cru e comentários em latim.²

Entretanto, de acordo com historiadores menos interessantes (e provavelmente mais precisos), ela era uma atriz comum, com talento para comédia e papéis sexuais desinibidos. Filha do tratador do urso no circo, Teodora tinha vinte e poucos anos, com pelo menos um filho fora do casamento, quando se envolveu com Justiniano, já de meia-idade. Quando este subiu ao trono, ela foi junto com ele. O imperador a considerava uma parceira valiosa, e todos os decretos imperiais eram emitidos em nome dos dois.³

A vida entre os nobres e poderosos em Constantinopla envolvia a costumeira coleção de conspirações, planos sinistros e assassinatos. Teodora estabeleceu um padrão de sexualidade fácil na classe governante, e foi a única pessoa da corte a mostrar tutano quando os distúrbios de Nika varreram a capital, deixando dezenas de milhares de mortos. Graças a Procópio, nós temos um vívido registro de tudo isso, e o tema daria um grande seriado de televisão; entretanto, a maioria dos livros de história sérios e sensíveis concentram-se nos aspectos menos sórdidos do reinado de Justiniano:

- Ele codificou inteiramente a lei romana, que formou a base da lei europeia desde então.
- Construiu a igreja de Santa (Hagia) Sofia em Constantinopla, uma das maravilhas arquitetônicas do mundo.
- Deu os toques finais no cristianismo ortodoxo, e eliminou os últimos vestígios do paganismo no Mediterrâneo.
- A peste bubônica chegou à Europa pela primeira vez e em apenas alguns anos matou cerca de um quarto da população na área do mar Mediterrâneo.

Mas, como este livro trata de mortes e destruições causadas pelo homem, vamos pular isso tudo e seguir os exércitos para o oeste. Justiniano manteve uma agressiva política externa, visando voltar o relógio aos dias gloriosos do Império Romano, e foi aí que ele conseguiu sua maior colocação na contagem de pessoas mortas.

Guerras ocidentais (535-554)

Entre os historiadores, Justiniano tinha a reputação de escolher auxiliares extremamente talentosos, aparentemente tirando-os do nada. Logo no início de seu reinado, ele começou a cobrir de favores um oficial pouco graduado, que servia na frente persa, Belisário, promovendo-o na frente de oficiais mais experientes. Belisário nunca o deixou na mão. Lançou uma armada contra o reino vândalo no norte da África, com 15 mil soldados, 32 mil marinheiros, sua esposa, Antonina, como braço direito na administração, e o historiador Procópio como espião-mestre.

Os romanos desembarcaram no litoral desértico, longe do centro de poder dos vândalos, mas Belisário logo esmagou toda resistência e tomou Cartago. Eliminou o primeiro reino inimigo de sua lista, e voltou para Constantinopla a fim de receber os elogios do soberano.⁴ Na parada triunfal que se seguiu, ele transportava o candelabro de ouro maciço que Tito levara para Roma e os vândalos haviam carregado para Cartago. Temeroso da maldição que parecia acompanhar o tesouro do templo por toda parte, Justiniano mandou o troféu de volta a Jerusalém, e foi a última vez que se ouviu falar desse candelabro.

A guerra contra os godos

Dentro de um ano Belisário estava de volta ao Ocidente para sufocar um motim das tropas que ele deixara encarregadas da África. Depois se voltou contra o reino dos godos na Itália e sistematicamente foi abrindo caminho para o norte. Palermo foi tomada com um ataque por mar. Nápoles caiu logo depois, quando os romanos enganaram as defesas dos godos e entraram na cidade por um aqueduto abandonado.⁵

O papa abriu completamente os portões de Roma para Belisário, mas em dezembro de 536 os godos chegaram e sitiaram a cidade, com romanos lá dentro. Nenhum dos dois lados tinha tropas bastantes para cobrir os 32 quilômetros de muralhas que cercavam a cidade, de modo que o sítio consistiu, à semelhança de Troia, em escaramuças e sortidas em campo aberto, fora dos portões guarnecidos, enquanto espiões e agentes se esgueiravam facilmente para dentro e para fora da cidadela, visando obter informações e planejar traições.

A posição romana dentro da cidade se deteriorou quando os suprimentos diminuíram, mas essa condição também atingiu os sitiados. O

vencedor poderia ter sido qualquer um dos dois lados, até que Antonina e Procópio recrutaram tropas frescas em Nápoles, e correram para o norte, em socorro de Belisário. Em fevereiro, o rei godo, Witigis, pediu uma trégua para negociar um acordo, mas Belisário fez pé firme e usou os três meses de armistício para movimentar suas tropas a uma distância perigosa de Ravena, capital goda.

A essa altura Justiniano já estava inquieto com o fato de seu general estar ficando muito poderoso, de modo que mandou outro exército, de Constantinopla, sob o comando do eunuco Narses, para coordenar esforços com Belisário. Embora não tivesse experiência militar, Narses se mostrou surpreendentemente apto para a função. Foi abrindo caminho para o norte, pela planície da Lombar-dia, e tomou a cidade de Milão, que foi então deixada nas mãos de um subordinado.

Infelizmente, ter dois generais voluntariosos no comando conjunto do mesmo exército confundiu os subordinados. Quando um contra-ataque godo sitiou Milão e levou a cidade à beira da inanição, a força de socorro romana, próxima dali, não se mexeu até que chegassem ordens de Belisário e Narses.

Mas aí já era tarde demais. O rei godo, Witigis, oferecera livre-conduto para o general romano que defendia Milão se este se rendesse, mas essa oferta não se estendia aos civis milaneses, que Witigis planejava punir por o terem traído. O general romano tentou rejeitar a oferta, mas seus soldados estavam famintos e o forçaram a aceitá-la. Quando a guarnição romana abandonou a cidade, os godos entraram e a destruíram, matando todos os homens, 300 mil, de acordo com relatos contemporâneos, e levando com eles as mulheres.

Outra guerra contra os godos

A essa altura a Itália já estava tão devastada que levou tempo para se recuperar, antes que alguém pensasse que valia a pena lutar de novo por ela. Todas as pessoas com armas chegaram a um acordo de quem ficaria no controle do que, e retornaram a suas regiões para recuperar o fôlego.

Em 541, Totila, rei godo da Itália, retomou a guerra e conseguiu três anos de sucessos contínuos, de modo que Justiniano enviou Belisário de volta à Itália para uma segunda rodada. Enquanto os exércitos atacavam de cá para lá, a cidade de Roma mudou de mãos várias vezes, até que finalmente, em 548, Belisário caiu na rede de intrigas palacianas de

Constantinopla, e foi obrigado a aposentar-se.

O eunuco Narses chegou para assumir a guerra em 552. Matou Totila na batalha e retomou Roma. O próximo rei dos godos também foi derrotado e morto no ano seguinte. Aproveitando-se do caos, os francos e álamos invadiram a Itália a partir do norte, em agosto de 553. Narses também os derrotou e assentou o restante da horda invasora na Itália. Finalmente, com os romanos no controle da situação, a guerra chegou ao fim.

Número de mortes

Procópio relatou que Justiniano matou uma miríade de miríades de miríades no total, em todo o seu reinado, o que, quando traduzido literalmente do grego, significa 10.000³, ou 1 trilhão de pessoas.⁶ Como uma miríade (10.000) elevada ao cubo é cem vezes a população do planeta hoje em dia, Procópio provavelmente se enganou. Em seu *Declínio e queda do Império Romano*, Edward Gibbon sugere que uma dessas miríades foi introduzida aí acidentalmente e que deveria ser ignorada, reduzindo o total de mortos pela guerra, doenças e fome, sob Justiniano, a uns meros 100 milhões.

Gerações de historiadores têm aceitado o meio-termo de Gibbon como verdadeiro, e encontrei autores do século XIX que põem Justiniano na lista padronizada de monstros da história.⁷ Entretanto, a população original do Império Romano do Oriente não era grande o bastante para perder 100 milhões de pessoas. Os historiadores modernos acreditam que a coisa começa em torno de 26 milhões (sem contar Itália e Tunísia), e grande parte do declínio autenticado da população no governo de Justiniano foi motivada pela peste bubônica.⁸

Procópio também alega que incursões dos eslavos e ávaros nos Bálcãs subtraíam 200 mil habitantes do Império Romano do Oriente todo ano, ou por morte ou pela escravidão, o que perfaz um total de 6,4 milhões de pessoas durante todo o reinado de 32 anos de Justiniano. Gibbon, por sua vez, duvida desse número, desde que a área onde se davam os ataques não poderia conter tantos habitantes.⁹

De acordo com Procópio, 5 milhões de pessoas morreram na guerra na África, e 15 milhões na guerra na Itália. Todo historiador, mesmo aqueles que são cautelosos quando lidam com números, concorda que a Itália foi devastada pela reconquista. Para fins de posição na lista, estou culpando as guerras no Ocidente empreendidas por Justiniano por três quartos de 1

milhão de mortes. Isso chega a 15% dos 5 milhões de habitantes que provavelmente viviam na Itália e na Tunísia.¹⁰ É só um palpite.

GUERRAS ENTRE OS REINOS GOGURYEO E SUI

Número de mortos: 600 mil¹

Posição na lista: 67

Tipo: guerras de conquista

Linha divisória ampla: China Sui *versus* Goguryeo

Época: 598 e 612

Localização: Coreia

Quem geralmente leva a maior culpa: a China

Depois de alguns séculos de divisão, a China foi reunificada sob a dinastia Sui, mas o reino Goguryeo, no norte da Coreia, decidiu fazer uma incursão militar além da fronteira, por uma última vez, antes que os novos governantes se organizassem. Wendi,^a o imperador chinês responsável pela reunificação, ficou furioso e retaliou em 598 com uma invasão maciça, visando conquistar a Coreia inteira, do norte até a ponta do sul. Mandou um exército de 300 mil homens atravessar o rio Liao, na fronteira da Manchúria com o reino de Goguryeo, e marchar para o sul da península na direção da capital, Pyongyang. A invasão foi um fracasso. Ao que parece, os chineses esqueceram que julho e agosto são meses da estação das chuvas na Manchúria. As estradas estavam lamacentas e a frota que acompanhava o exército foi apossada por tempestades. Onde quer que tentavam aportar, os barcos chineses eram atacados pelas tropas coreanas, até que finalmente a esquadra de Goguryeo se pôs ao mar e derrotou fragorosamente a frota inimiga. Nesse ínterim, guerrilhas coreanas apossavam o exército chinês em todo o percurso, ao entrar e sair do país, e os chineses perderam a maior parte de seu efetivo ao longo do caminho.²

A China levou algum tempo para se recuperar do desastre, mas o filho de Wendi, Yangdi,^b seu sucessor e provável assassino, tentou de novo em 612. Recrutou 1 milhão de soldados e muitas vezes esse número em pessoal de apoio. Reparou e expandiu o Grande Canal, que ligava o rio Amarelo ao rio Yang-tsé, a fim de levar homens e suprimentos do sul para o norte. Armazenou enormes quantidades de suprimentos e reuniu uma frota de transporte costeiro a fim de acompanhar o exército, conforme ele progredia em terra. Enquanto as tropas terrestres se mantivessem dentro

do alcance da viagem das carroças, a partir do litoral, os navios chineses poderiam manter o fluxo de suprimentos para suas tropas.

Os chineses cruzaram o rio Liao de novo, com 305 mil homens, mas quando o progresso se tornou mais lento, a frota seguiu adiante e desembarcou uma grande força de fuzileiros navais a fim de conquistar o castelo de Pyongyang. Depois de pôr em fuga os defensores, os chineses se dispersaram para saquear, o que os deixou expostos à emboscada de Goguryeo, que matou e perseguiu os fuzileiros. Apenas uns poucos milhares conseguiram voltar ilesos para os navios.³

Nesse ínterim, o exército chinês avançava. Durante algum tempo os comandantes rivais usaram de estratégia, tentando atrair o outro para negociações, a fim de armar uma emboscada ou obter informações. Finalmente o comandante goguryeo, Eulji, encerrou essa fase, enviando um poema grosseiro para seu rival Sui, e as lutas recomeçaram. Depois de marchar para o sul, os chineses começaram a cruzar o rio Salsu. Os coreanos, entretanto, haviam construído secretamente uma barragem a jusante do local de travessia, e quando o exército Sui estava a meio caminho, com o nível d'água enganadoramente baixo, os coreanos soltaram a água represada. Milhares de chineses morreram afogados e o restante fugiu. Dos 305 mil soldados chineses que haviam invadido a Coreia, apenas 2.700 retornaram.⁴

As repetidas derrotas na Coreia enfraqueceram mortalmente a dinastia Sui, que não durou muito mais, e que logo seria substituída pela dinastia Tang.

^a A palavra “Wendi” traduz-se como “civil” (*wen*) e “imperador” (*di*), mas você vai achar mais fácil lembrar-se do nome dele pensando na menina em *Peter Pan*, ou da rede de *fast-food*.

^b Seu nome formal póstumo significa “preguiçoso” (*yang*) “imperador” (*di*). Obviamente, num determinado ponto, ele aborreceu o historiador chinês errado.

TRÁFICO DE ESCRAVOS NO ORIENTE MÉDIO

Número de mortos: 18,5 milhões (18 milhões da África e meio milhão da Europa)

Posição na lista: 8

Tipo: exploração comercial

Linha divisória ampla: na maior parte, árabes escravizando africanos

Época: do século VII ao século XIX

Localização: Oriente Médio

Quem geralmente leva a maior culpa: mercadores de escravos árabes, intermediários africanos, piratas berberes

Resumindo em duas palavras: eunucos... eca!

Fatores econômicos: escravos, ouro, sal

Antecedentes: a escravidão em geral

Durante a maior parte da história registrada, quase toda pessoa foi legalmente subordinada a alguém mais. As crianças ficavam à mercê do pai; maridos dominavam suas esposas; plebeus sofriam sob o jugo da nobreza. A maior parte das sociedades em nível de Estado tiveram hierarquias formais ligando os indivíduos. Os romanos mantinham relações patrono/protegido complexas, que inter-relacionavam obrigações entre todas as pessoas livres: cidadãos, estrangeiros e escravos libertos. O feudalismo europeu tinha muitas gradações de senhor e vassalo, enquanto os servos eram ligados à terra.

Os escravos eram o tipo mais extremo de subordinados. Enquanto a maioria dos membros de uma relação senhor/camponês ou patrono/protegido tinham direitos e obrigações recíprocos, a relação senhor/escravo era mais simples e inteiramente favorável a um lado. O senhor podia fazer tudo que quisesse com seu escravo, e um escravo não podia fazer nada sem permissão de seu senhor. Era totalmente legal, para o senhor, castigar fisicamente um escravo até a morte, isso já bem avançado no século XVIII, mesmo entre povos que seriam normalmente considerados civilizados, como os habitantes do estado da Virgínia.¹ Numa escala de condição humana, indo do servo, passando pelo proprietário de terras, até o senhor, um escravo estaria no fundo, um degrau abaixo de uma mula.^a Pelo lado favorável, a escravidão não era em geral considerada

uma condição permanente.

A maioria das sociedades não se esforçava para conseguir escravos; elas simplesmente os adquiriam acidentalmente, e com frequência ficavam sem saber o que fazer com eles. Em geral uma pessoa era escravizada apenas depois de uma série anormal de má sorte. Ser capturada na guerra, condenada por um crime, abandonada quando criança e levada para pagar uma dívida eram os caminhos costumeiros para a servidão, e, das três primeiras, a alternativa para a escravidão era geralmente a morte.

O trabalho doméstico diário criava a demanda mais constante de escravos, mas como o suprimento de escravos flutuava com os azares da guerra, às vezes havia um excesso. Nesse caso, três dos costumeiros meios de se livrar das sobras eram as minas, a prostituição e o sacrifício humano, dependendo da cultura.

Em algumas sociedades, a economia se desenvolveu bem com um número mínimo de escravos. Na Europa medieval, por exemplo, não havia escassez de mão de obra; a terra era o recurso escasso, de modo que transportar camponeses escravizados para uma região não aumentava a produção. Por outro lado, em algumas sociedades saturadas de escravos, tais como o Sudão do século XIX, toda família que se elevava acima da mais abjeta pobreza possuía pelo menos um escravo para lavar, costurar, cozinhar e limpar.

Ocasionalmente a demanda por escravos dava um salto, levando os mercadores de escravos para as fronteiras do mundo civilizado, onde existiam grandes populações sem exércitos fortes que as protegessem contra o sequestro. O mais famoso desses picos de demanda aconteceu com a escassez de mão de obra que se seguiu à descoberta da América, mas discutirei esse ponto mais tarde (ver “Tráfico de escravos no Atlântico”). Durante grande parte da história, os maiores mercados de escravos, na maioria moças necessárias ao trabalho doméstico, foram os ricos reinos do Oriente Médio, e a maior reserva de gente disponível foi a África. Por séculos, milhões de escravos foram embarcados nos portos ao longo da África oriental, e em caravanas cruzando o deserto do Saara.

África oriental

O comércio escravagista ao longo do litoral leste africano recua até onde começam os registros escritos. Na época dos faraós, carregamentos de novos escravos fluíam constantemente pelo mar Vermelho até o Egito, mais

provavelmente vindos da Eritreia e Somália. Por volta do século X, marinheiros árabes haviam estabelecido uma rede de entrepostos de comércio na costa africana, até o extremo sul, como Kilwa (atual Tanzânia). Muitos desses entrepostos ficavam em ilhas ao largo do litoral, as quais tinham o menor contato com o continente quanto possível. Em 1300, a ponta de lança meridional dos mercadores árabes já se estendera até Sofala (atual Moçambique).

Depois que descobriram o caminho das Índias dando a volta pela extremidade sul da África, em 1493, os portugueses rapidamente usaram seu superior poder de fogo para incluir todos esses entrepostos de comércio escravagista no seu império em rápida expansão. Entretanto, em 1653, uma frota vinda do sultanato meridional árabe de Omã, com armamento igual ao que os europeus tinham, capturou os portos escravagistas do norte. Com um pé na Arábia e outro na África, Omã se tornou uma nação bipolar, baseada no comércio de escravos, ancorada na ilha de Zanzibar, na Tanzânia.

Em 1780, os omanis capturaram o mercado de escravos rival de Kilwa e desviaram o fluxo desse comércio para suas próprias rotas. Em 1834, 6.500 escravos estavam sendo exportados de Zanzibar por ano. Na década de 1840, esse número dobrara.² Em 1859, há registro de 19 mil escravos chegando a Zanzibar, vindos do interior. Depois de 1840, o governante de Omã transferiu sua corte da península Arábica para a cidade de Zanzibar, mais rica e mais cosmopolita, que se tornou independente de seu parceiro comercial árabe em 1845. Em 1871, o sultão obtinha um quarto de sua renda por meio do comércio escravagista.³

Não foi senão com a exploração da África pelos europeus, no século XIX, que surgiram relatos detalhados da escravidão no coração do continente. Todo dia, em algum lugar no interior desse continente, os mercadores selecionavam uma aldeia vulnerável e se esgueiravam até uma distância onde pudessem atacar. Com uma investida súbita, eles abatiam a tiro qualquer homem capaz de oferecer resistência, e capturavam as mulheres e crianças para serem conduzidas, como gado, para começar sua nova vida de servidão.

Nos safáris exploratórios que abriram o Continente Negro, os europeus geralmente seguiam nas trilhas dos mercadores de escravos, caminhos esses que eram as únicas vias comerciais que ligavam o litoral ao interior. Missionários cristãos que penetravam fundo na África ainda não explorada encontravam longas colunas de escravos, a maioria mulheres, com

cicatrizes de chicotadas e acorrentadas pelo pescoço, sendo conduzidas na direção da costa. Exploradores refazendo seus passos de jornadas anteriores frequentemente encontravam regiões que haviam perdido metade de suas aldeias para os mercadores de escravos a partir da última visita. Um superintendente britânico de missionários estimou que “se perdiam quatro a cinco vidas para cada escravo que chegava vivo a Zanzibar”.⁴

Na década de 1860, Tippu Tip, mercador africano de escravos, estava saqueando uma área muito para o interior, além dos lagos africanos do Congo oriental. Seu domínio se transformou num reino virtual, predatório e incontrolável, pilhando para cima e para baixo do rio Congo, até que os belgas, estabelecendo seu próprio império, conseguiram detê-lo. No Quênia, perto do lago Rudolf, os mercadores escravagistas agiram até a década de 1890, quando os britânicos estabeleceram um protetorado na região. Um europeu relatou que “um árabe que retornara recentemente do lago Niasa informou-me que viajara durante 17 dias atravessando uma região coberta de vilarejos e aldeias destruídas... e onde agora não se via viva alma”.⁵

No final do século XIX, a demanda global de marfim deu um salto, assim como seu preço, o que temporariamente tornou os escravos mais valiosos como carregadores para transportar as presas de elefante para o litoral do que a mercadoria em si. Carregadores eram arrebanhados nas aldeias do interior e vendidos no além-mar quando o serviço de transporte terminava.⁶

Para alimentar as caravanas de escravos que cruzavam a região do rio Tsavo, no Quênia, os mercadores caçavam animais de grande porte, levando à extinção de espécies. Com suas usuais fontes de alimentação destruídas e as trilhas das caravanas repletas de corpos de escravos exaustos, os leões locais logo descobriram que a carne humana lhes servia. Depois, quando cessou o tráfico de escravos, os leões de Tsavo satisfaziam seu novo gosto por humanos devorando dezenas de trabalhadores da ferrovia, o que temporariamente fez cessar a expansão do controle britânico sobre a colônia. Em 1898, a maioria dos ousados devoradores de homens foram mortos, a vida selvagem retornou a seu nível anterior e os leões remanescentes voltaram a evitar os homens.⁷

Chegando ao litoral, os escravos eram entregues a mercadores para o transporte para além-mar. Um visitante britânico descreveu um mercado de escravos no oceano Índico, no final da década de 1860: “... todos jovens,

homens e mulheres, alguns deles simples bebês... Esqueletos com a pele doentia colada aos ossos, globos oculares terrivelmente proeminentes pela carne frouxa que os circundava, peitos sumidos e curvados, juntas anormalmente inchadas e horrorosamente nodosas, em contraste com os miseráveis membros entre elas, vozes secas e ásperas, e ‘distantemente perto’, como se estivessem num pesadelo...”⁸

Pequenas embarcações árabes levavam esses escravos da África oriental para o Oriente Médio. Um capitão britânico numa patrulha antiescravagista^b parou um barco local que carregava escravos no oceano Índico. Os homens escravos estavam acorrentados no tombadilho superior, a céu aberto. Nos deques inferiores estavam as mulheres. “No fundo [do barco] havia uma pilha de pedras, servindo de lastro, e sobre essas pedras, sem nem mesmo uma esteira, havia 23 mulheres amontoadas, uma ou duas com um bebê nos braços. Essas mulheres estavam literalmente dobradas em duas, sem lugar para ficar de pé.”⁹

Norte da África

Quando os árabes introduziram os camelos no norte da África, na Idade Média, ficou muito mais fácil cruzar o Saara e verificar o que havia do outro lado. Aqueles que faziam a viagem geralmente voltavam trazendo escravos. Por toda a Idade Média, os beduínos nômades do Saara faziam incursões nas comunidades estabelecidas ao longo da borda sul do deserto, na faixa de savanas conhecida como o Sahel, arrebanhando escravos para serem vendidos nos mercados do Mediterrâneo. Em 1300, entretanto, já haviam surgido no Sahel uma linha de poderosos reinos, tais como os de Gana e Mali, ao longo da borda do deserto, e que podiam fazer frente aos beduínos. Infelizmente, em vez de formarem uma barreira contra as incursões escravagistas nas regiões mais remotas da África, esses reinos tornaram-se os novos intermediários, incursionando ainda mais para o sul à procura de novos escravos, que eram enviados para o norte.

Quando viram suas incursões barradas, os beduínos passaram a trocar o sal que encontravam no deserto por escravos e ouro do Sahel. De acordo com registros dispersos, parece que esse se tornou um comércio bem lucrativo. Em 1353, o escritor muçulmano itinerante Ibn Battuta voltou ao litoral do Mediterrâneo numa caravana que conduzia seiscentas escravas.

Na década de 1700, pelo menos 1.500 escravos estavam sendo enviados

para o norte por ano, esse número atingindo seu pico de 3 mil por ano no final da década de 1800. No século XIX, quando os vasos de guerra britânicos fecharam o oceano Atlântico para esse tipo de comércio, os escravos que estavam sendo enviados para a América passaram, em vez disso, a ser levados para o norte, atravessando o deserto. Como a Líbia ficou fora do domínio europeu mais tempo do que qualquer outra região do litoral norte-africano, Bengazi e Trípoli se tornaram os principais portos de saída do comércio escravagista do Saara no século XIX.

Por volta do final da década de 1850, os escravos constituíam dois terços do valor do comércio levado por todas as caravanas através do Saara.¹⁰ O negócio era tão lucrativo que a maioria dos governantes usava qualquer desculpa para prender um súdito e vendê-lo como escravo.

Era uma travessia brutal. Um viajante europeu cruzou o Saara na década de 1800 numa grande caravana, na qual perdeu três ou quatro escravos por exaustão, doença, sede ou calor, para cada sobrevivente que chegou ao mercado. Caravanas inteiras, com centenas de escravos, frequentemente desapareciam no deserto.

Mesmo se pusermos a moralidade de lado, por um momento, e olharmos para o assunto de um ponto de vista estritamente comercial, parece um desperdício deixar que tantos escravos morressem. Você acharia que os mercadores de escravos deveriam se esforçar para proteger seu investimento, mas, como um contemporâneo explicou, o comércio de escravos era como o comércio de gelo. Certa quantidade de derretimento era aceitável, porque o produto final alcançava um preço bastante alto para cobrir as perdas. Para começar, esse comércio não era um grande investimento. Na fonte, os escravos eram uma mercadoria barata. No Sahel central, um único cavalo valia vinte escravos.¹¹

A abolição da escravatura no Oriente Médio foi imposta por forças externas, não pelo crescimento da boa vontade local. Os europeus começaram a ter escrúpulos morais sobre a escravidão no final do século XVIII, de modo que, quando assumiram o controle da África no século seguinte, eles puseram fim ao tráfico internacional de escravos. A escravidão local persistiu, entretanto, até mesmo nos dias atuais, e talvez uns 100 mil escravos ainda estejam cativos na Mauritânia e no Sudão, embora os governos desses países o neguem.

Eunucos

Os eunucos eram especialmente úteis para vigiar os haréns, o grande grupo de esposas e concubinas que todo potentado asiático tinha. Eles tinham toda a força física de homens, mas nenhum vigor sexual, de modo que se confiava que não se aproveitariam das mulheres, e não produziriam famílias que pudessem ocupar o trono no lugar do imperador. A desvantagem era que a população de eunucos não era autossustentável. Precisavam ser continuamente substituídos por outros vindos de outro lugar.

O Islã proibía a mutilação de escravos, mas, em vez de deixar que um mero detalhe técnico interferisse com a demanda por eunucos, os muçulmanos delegavam essa tarefa aos infiéis. Os escravos eram castrados ou por pagãos na África, logo depois de capturados, ou por judeus e cristãos que viviam no mundo muçulmano.

As sociedades que empregavam eunucos preferiam castrar meninos antes que atingissem a puberdade. Isso os deixava como crianças no que diz respeito ao impulso sexual, voz e aparência, diferentemente de adultos castrados, que ainda pareciam homens e agiam como tais. Os meninos escravizados eram separados, supostamente para serem circuncidados, como era costume em todo o mundo muçulmano, mas isso era um truque para chegarem com a faca perto o bastante sem que o menino lutasse. Quando chegava com a faca bem perto, o barbeiro-cirurgião agarrava e cortava toda a genitália do menino, em vez de cortar apenas o prepúcio.¹²

Os eunucos eram submetidos a procedimentos diferentes, de acordo com sua raça. Eunucos brancos tinham apenas os testículos cortados, mas os negros ficavam privados de toda a genitália – testículos e pênis –, que era depois cauterizada com manteiga fervente, deixando apenas um orifício para a saída da urina.

Como a venda final de eunucos só acontecia ao fim de um longo processo, que incluía incursões, caravanas e mercados, e com seu número inicial reduzido pela doença, tratamento brutal e afogamento ao longo de todo o percurso, um cônsul britânico no século XIX estimou que 100 mil sudaneses haviam morrido para produzir quinhentos eunucos no Cairo, uma perda de duzentas vidas para cada eunuco.¹³

Como vimos nos capítulos, por exemplo, sobre a dinastia Xin, a queda de Roma, os Três Reinos e Justiniano, frequentemente as mulheres reais eram o centro de uma rede de intrigas familiares, e eunucos ambiciosos muitas vezes aproveitavam-se do acesso que tinham ao harém em seu próprio benefício. Eles não obedeciam a todas as restrições legais que mantinham

as mulheres sob repressão, de modo que podiam se movimentar livremente no mundo dos homens e no mundo das mulheres, servindo como facilitadores úteis e porta-vozes. Em todo o Velho Mundo, os eunucos foram parte importante da história.

Corsários

Devido à divisão religiosa entre o litoral norte do Mediterrâneo, cristão, e o litoral sul, muçulmano, os litorais opostos eram considerados um ótimo lugar para incursões escravagistas. Como regra, tanto cristãos quanto muçulmanos não escravizavam membros de sua própria religião. Bem, na realidade, eles faziam isso com frequência, mas a prática era considerada errada... não ilegal em si mesma, mas certamente uma falta de educação. Sequestrar cidadãos de um país cristão ou muçulmano amigo era causa de todos os tipos de problemas diplomáticos. Por outro lado, sequestrar infiéis era quase um dever sagrado.

Geralmente os piratas ou corsários da Barbária, no norte da África, eram os piores transgressores daquela regra do comércio mediterrâneo. Uma frota pirata atacava quaisquer navios ricos e vulneráveis para se apoderar da carga, da tripulação e dos passageiros, para vendê-los como escravos num dos portos da Barbária, tais como Argel, Túnis ou Trípoli. A maioria das pessoas arrancadas de seus navios era vendida em terra, mas prisioneiros prósperos ou importantes eram separados para serem resgatados por parte de suas famílias ou governos. Isso chegou a um ponto em que as nações com maior comércio marítimo da Europa estabeleceram consulados nas cidades da Barbária para facilitar o resgate.

As tripulações capturadas nos navios podiam ser subornadas ou torturadas para ajudar a frota corsária a atacar suas cidades natais litorâneas. Elas eram usadas como rostos familiares para abrir caminho nas defesas da cidade. Mesmo sem esse truque, uma pequena aldeia de pescadores não era páreo para uma frota pirata. Os corsários avançavam rapidamente, vindos do mar, cercavam vilarejos inteiros e reduziam seus habitantes à escravidão. Às vezes os piratas ficavam em terra por alguns dias, para ver se parentes ricos resgatavam seus prisioneiros. Devido às comunicações primitivas, os corsários podiam geralmente contar com diversos dias para pilhar a cidade em segurança, antes que as autoridades locais pudessem mobilizar força suficiente para expulsá-los.

Os maiores carregamentos de escravos vinham de incursões contra as

comunidades costeiras da Itália, Espanha e Grécia, embora também tenham sido registrados ataques no oceano Atlântico. Por volta de 1625, uma incursão corsária contra Reykjavik, na Islândia, escravizou quatrocentos homens, mulheres e crianças; em 1631, uma outra incursão escravizou 237 pessoas em Baltimore, Irlanda.¹⁴ Os que eram muito jovens, muito velhos ou fracos podiam ser atirados pela amurada de volta para a África, mas a maioria dos cativos era levada ao mercado. As mulheres eram geralmente vendidas para haréns, enquanto os homens frequentemente iam ser remadores de galeras.

Nesse ponto da história, as galeras a remo criaram a maior demanda por mão de obra barata e descartável no Mediterrâneo. No mundo antigo, homens livres eram remadores das galeras, em troca de um soldo, mas na Idade Média o trabalho era desempenhado por escravos. Estes geralmente remavam até morrer, sem a mínima consideração. Acorrentados a seus bancos, os escravos movimentavam os remos continuamente, sem descanso, no sol e na chuva, e até em grande parte da noite. Nem lhes permitiam deitar para dormir, podendo apenas tirar uma soneca acidental, derreados sobre os remos. Nas batalhas e tempestades, eles afundavam com a embarcação. Na Batalha de Lepanto, entre a Turquia otomana e a Espanha, em 1571, mais de 10 mil escravos cristãos se afogaram com suas galeras, acorrentados aos porões dos navios de guerra turcos.

Por fim, a tecnologia naval ocidental superou a dos corsários. No início da década de 1800, navios de guerra europeus e norte-americanos retaliavam sistematicamente contra os portos da Barbária que continuavam a abrigar piratas. As cidades norte-africanas foram forçadas a reprimir seus corsários e o Mediterrâneo tornou-se seguro para o comércio.

Mamelucos

Os escravos eram a espinha dorsal de muitos exércitos muçulmanos. Os turcos otomanos (C. de 1450-1900) exigiam que comunidades camponesas cristãs nos Bálcãs lhes entregassem uma quota de rapazes que seriam criados por muçulmanos e treinados como soldados. Nessa mesma época, os egípcios geralmente compravam meninos nas montanhas do Cáucaso. Esses meninos eram mantidos isolados do mundo exterior durante a infância, enquanto aprendiam artes marciais e os preceitos islâmicos. Eram considerados escravos, propriedade pessoal do sultão. Embora se

tornassem legalmente livres quando atingissem a idade adulta, nunca poderiam abandonar o serviço do sultão. Viviam toda a sua vida como soldados, nos quartéis. Seus próprios filhos eram separados deles e proibidos de seguir a linha de serviço dos pais. Quando ficavam muito velhos para o combate, esses escravos eram então transferidos para funções de apoio, e finalmente ganhavam uma aposentadoria confortável, com outros escravos para lhes facilitar a vida.

Chamados de mamelucos, que é a palavra árabe para escravo, esses soldados-escravos não tinham família, afiliação com tribos ou propriedades que interferissem com sua lealdade para com o sultão. Por outro lado, tendiam a ser mais leais a seus companheiros do que à coroa, e as dinastias muçulmanas estavam sob constante ameaça de um golpe por parte dos mamelucos, se os oprimissem além da conta.¹⁵

Eu não incluo os mamelucos nas estatísticas dessas megamortes porque os considero, moralmente, mais um tipo de conscrito do que de escravo. As restrições impostas ao mameluco médio estavam mais na linha do dever militar do que com a escravidão.

Números

A escravidão no mundo muçulmano não tem sido tão bem estudada quanto na cristandade, pois há números menos confiáveis. No seu livro *Islam's Black Slaves [Os escravos negros do Islã]*, Ronald Segal fala de estimativas de 11,5 milhões ou 14 milhões de escravos africanos despachados para o mundo islâmico. Outras estimativas vão de 10 a 25 milhões de escravos vivos importados.

Quantos africanos morreram no tráfico de escravos? Embora muitas histórias apontem para dezenas de mortes para cada escravo vivo e entregue, esses talvez sejam incidentes isolados. No todo, não há prova convincente de que o comércio oriental foi ou mais ou menos mortal do que o comércio ocidental, de modo que vou aplicar a taxa ocidental daquele capítulo, e declarar que três escravos morriam para cada dois transportados. Isso daria 18 milhões de mortes para produzir 12 milhões de escravos vivos.

Robert C. Davis estimou que entre 1 milhão e 1,25 milhão de cristãos europeus foram escravizados pelos muçulmanos da costa da Barbária entre 1530 a 1780.¹⁶ Poucos deles viram suas casas de novo, e provavelmente deveríamos contar pelo menos metade desses como

mortos. Devido à crueldade e ao trabalho forçado, a taxa de mortalidade entre esses escravos foi aproximadamente seis vezes a taxa de mortalidade entre a população livre,¹⁷ e o atrito erodiu os números.

^a Sendo a principal distinção a seguinte: geralmente era ilegal estuprar a sua mula.

^b Discutirei os detalhes do movimento abolicionista no capítulo sobre o tráfico de escravos no Atlântico.

A REBELIÃO DE AN LUSHAN

Número de mortos: 36 milhões de desaparecidos

Posição na lista: 13

Tipo: levante militar

Linha divisória ampla: a fronteira militar *versus* o governo central

Época: 755-63

Localização: China

Quem geralmente leva a maior culpa: em grande parte An Lushan, mas também o desvairado e apaixonado imperador Xuanzong

Sob a dinastia Tang, a China avançou mais para oeste do que em qualquer época anterior ou posterior. A expansão chinesa coincidiu com o surgimento do Império Árabe por todo o Oriente Médio, levando à única batalha entre os exércitos chineses e árabes, no rio Talas, na Ásia Central, em 751.

Em algum lugar da acidentada fronteira entre essas duas culturas em expansão, provavelmente perto de Bukhara, no Turquestão, nasceu An Lushan, por volta de 703. Sua mãe descendia de um importante clã turco. Seu pai, provavelmente um soldado de descendência sogdiana (parentes medievais dos pashtuns, que dominam o Afeganistão hoje), morreu quando Lushan era jovem. Sua mãe casou-se novamente dentro da família de um proeminente chefe guerreiro nômade.

Quando membros de uma tribo rival assassinaram o khan daquela particular parcela dos turcos, em 715, o clã An viu-se do lado errado das intrigas tribais e fugiu para o leste, entrando nas províncias fronteiriças do Império Chinês, onde ficou sob a proteção de um chefe guerreiro turco amigo. Durante algum tempo, o jovem Lushan viveu à margem da lei, até que foi capturado roubando carneiros. Sentenciado à morte, o ladrão, de 20 anos de idade, tentou parlamentar com o governador Zhang Shougui, no momento mesmo em que o carrasco levantava o macete para lhe esmagar o crânio.

– O grande senhor deseja destruir os bárbaros? – perguntou ele. – Por que matar um bravo guerreiro?

Percebendo aonde o jovem queria chegar, o governador empregou-o como batedor.

Subindo na hierarquia

Em 733, quando o imperador Tang transferiu o governador Zhang para o nordeste, a fim de substituir o comandante que fora derrotado e morto pelos khitanos (os bárbaros locais),^a An Lushan seguiu com ele. O jovem se mostrou hábil em rápidas incursões de cavalaria, que caracterizavam a guerra nas fronteiras. Embora temperamental e impetuoso quando lidando com subordinados, An Lushan estava sempre de bom humor e muito amável quando tratava com superiores. Ascendeu na escala hierárquica, vindo a ser o lugar-tenente de Zhang, e por fim seu filho adotivo. Mesmo assim, An passou de um jovem robusto para um homem entroncado e depois morbidamente obeso, e Zhang frequentemente o censurava em público por causa disso. Então, em 736, enquanto Zhang visitava a capital, An precisou lidar sozinho com um ataque dos khitanos e hsis (outra tribo de bárbaros locais), e foi vergonhosamente derrotado. Quando voltou da capital, furioso, Zhang sentenciou An à morte, mas, percebendo que isso não era de bom alvitre, expulsou seu lugar-tenente do exército. Dentro de um ano, no entanto, An foi reinstalado na sua antiga posição.¹

Em 742, o imperador encarregou An de defender sua própria província na fronteira. O novo governador manteve o constante fluxo de tributos indo do seu comando na fronteira para a capital: camelos, cães, falcões, cavalos e, melhor do que tudo, sacos com as cabeças de chefes khitanos. Alguns o acusaram de conseguir essas cabeças, atraindo os líderes inimigos para negociações durante uma trégua, antes de aprisioná-los. Mas o que importava eram os resultados, e o imperador deu-lhe mais duas províncias para defender, constituindo um sólido feudo de três territórios no nordeste, perto da Grande Muralha. Mais tarde ele receberia mais terras.²

An Lushan tornou-se um visitante frequente e bem-vindo ao palácio em Chang'an, onde ele desempenhava o papel de bufão gordo, para divertimento dos cortesãos. Ficou sendo um favorito especial da jovem concubina do imperador, também favorita, Yang Guifei. Ela chegou mesmo a fingir que adotara An como filho, em uma falsa cerimônia, onde o monstruosamente obeso jovem, vestindo uma fralda, foi apresentado a sua nova mãe. Corriam boatos de que Lushan e Guifei eram amantes, mas ela tem sido lembrada, ao longo da história chinesa, como uma das quatro grandes beldades, enquanto ele não podia nem mesmo andar sem descansar os braços sobre criados que o ajudavam a deslocar o enorme corpanzil.³

Baseados no lendário amor entre o imperador e sua concubina, e o elevado conceito em que ele tinha An, os historiadores consideram pouco provável esse caso de infidelidade. Yang Guifei fora anteriormente casada com um dos filhos do imperador (mas não com um dos filhos que vai aparecer mais tarde nesse relato), até que o apaixonado governante, de 70 anos, dissolveu o casamento e encerrou Yang num convento durante alguns anos, para restaurar-lhe a virgindade perdida. O romance do imperador Xuanzong e Yang Guifei tornou-se assunto de lendas.

As coisas dão errado

Em 751, An Lushan conduziu seu exército e os aliados hsiis contra os khitanos, mas depois de uma longa e poeirenta jornada o chefe hsi exigiu um descanso, de modo que An mandou matá-lo. O contingente de aliados desertou, e ao irem embora eles preveniram os khitanos de que os chineses estavam chegando. Quando se aproximaram, os chineses, exaustos, caíram numa emboscada dos khitanos e foram massacrados. An Lushan escapou por pouco, com seu exército em frangalhos. Voltando ao acampamento, ele executou diversos oficiais sobreviventes, enquanto outros fugiam para as colinas para deixar que a cólera do comandante se esvaísse.⁴

Quando morreu, em 752, o principal ministro do imperador foi substituído por um primo de Yang Guifei, Yang Guozhong, que imediatamente começou a lançar toda a culpa dos problemas do império no seu predecessor. An Lushan, maculado pela amizade que mantinha com o ministro anterior, logo ficou mal visto pelo ministro Yang, que espalhou boatos nos ouvidos do imperador. Este mandou um eunuco de confiança espionar An, mas um gordo suborno fez com que o imperador recebesse um relato de exaltação a seu general. Mesmo assim, o imperador achou que a lealdade de An deveria ser examinada de perto e o chamou de volta à corte. An Lushan suspeitou que, se deixasse o exército e retornasse à capital, ele seria, no mínimo, destituído de toda autoridade e possivelmente aprisionado, exilado ou executado. Ele agradeceu ao imperador o convite, mas disse que não se sentia bem. Então o imperador deu uma noiva ao filho de An, juntamente com uma ordem para que An Lushan retornasse e comparecesse ao casamento. An recusou e, percebendo que seu estoque de desculpas estava se esgotando, se rebelou. Espalhou uma história inconsistente de que o imperador lhe pedira secretamente para se livrar

do primeiro-ministro, e, em dezembro de 755, partiu para a capital com um exército de 100 mil homens, viajando à noite, comendo ao amanhecer.⁵

Sofrendo de uma irritante doença de pele e quase cego, An Lushan perdera o bom humor que talvez tivesse antes. Ficou propenso a ataques de raiva irracionais, durante os quais mandava esquartejar seus subordinados.⁶ Ao tirar seu exército da fronteira, seus antigos territórios se rebelaram numa contrarrevolta às suas costas, mas isso não o preocupou. Tudo que queria era chegar à capital. Para manter a lealdade dos soldados, permitia rápidos estupros, saques e assassinatos em cada cidade capturada, mas sempre seguindo em frente com rapidez. Em janeiro, o exército de An cruzou o rio Amarelo, congelado, e capturou a capital secundária de Luoyang, onde se proclamou imperador.⁷

O principal exército imperial, de 80 mil homens, estava se reunindo no passo de Tongguan, mas a chegada de An fez com que sua vanguarda debandasse em desordem. Então o avanço rebelde estancou diante do passo. Os dois exércitos esperaram, mas essa demora deu aos eunucos palacianos de Chang'an tempo bastante para conspirar contra os generais do império. Talvez eles tivessem uma boa razão para articular o complô, talvez não. Quem sabe? Quero dizer, eles são eunucos palacianos, e conspirar é o que fazem de melhor. Independentemente dos motivos, eles convenceram o imperador Xuanzong a executar seus generais.

Finalmente, em julho, depois de uma longa batalha com a participação de cavaleiros e arqueiros, o exército imperial foi derrotado e o desfiladeiro, aberto. O imperador Xuanzong fugiu da capital por uma estrada apinhada de soldados de seu exército, desesperados e desmoralizados, que procuravam um bode expiatório. O primeiro-ministro Yang Guozhong foi arrancado de sua carruagem e pisoteado até a morte. Depois os soldados fizeram parar o séquito do imperador e exigiram a morte da concubina Yang Guifei, que eles suspeitavam ser cúmplice e amante de An Lushan. Xuanzong concordou relutantemente com a exigência, e os soldados imperiais a levaram. Ela foi estrangulada e o corpo jogado numa vala, enquanto o imperador seguia seu caminho.⁸

A geração seguinte

A fuga do imperador foi semelhante a uma abdicação aos olhos de seu ambicioso terceiro filho, Suzong, que então se declarou imperador. O ex-imperador Xuanzong passou o restante de seus dias aposentado e vigiado

de perto.

Depois os rebeldes tomaram a capital, Chang'an. An Lushan começou a consolidar seu poder, mas ele fizera inimigos demais dentro de seu próprio grupo para sobreviver muito mais tempo. Um de seus conselheiros, tendo sido açoitado como punição por alguma ofensa, conspirou com o filho de An Lushan, An Qingxu. Eles se uniram ao eunuco favorito de An, a quem Lushan castrara pessoalmente muitos anos antes, num ataque de raiva. Esse eunuco apunhalou An Lushan quando ele dormia, com a própria espada da vítima, mas foi preciso muito esforço e sangue para penetrar em todas aquelas camadas de banha. An gritou e lutou, mas por fim sucumbiu. Foi enterrado debaixo da própria tenda, e o exército foi informado de que ele morrera de doença.⁹

Dentro de uns poucos meses, um contra-ataque imperial recapturou a capital para o novo imperador, Suzong.¹⁰ Conforme os rebeldes recuavam, An Qingxu foi deposto por seu lugar-tenente Shi Siming. An Qingxu foi imediatamente levado a julgamento pelo assassinato do próprio pai, e estrangulado. Shi continuou a rebelião por diversos anos, seguido por seu filho, e assim por diante, até que o último membro da família foi capturado e morto.

No final, a dinastia Tang sobreviveu apenas trazendo gente de fora, como os tibetanos e iugures, para lutar suas batalhas, como mercenários. A China precisou ceder para os novos aliados seus territórios do oeste, isto é, as colônias do deserto, na bacia do rio Tarim. O tempo em que as guarnições chinesas mantinham controle direto sobre a estrada para o oeste não voltaria senão depois de centenas de anos.

A guerra dos poetas

A Rebelião de An Lushan tem lugar destacado na história da China porque dois de seus maiores poetas viveram e escreveram durante essa época. Isso nos dá uma interessante perspectiva da atitude chinesa em relação à guerra. Esta é muito mais pacifista do que, por exemplo, *Beowulf*, que foi escrito mais ou menos nesse tempo, na Inglaterra.

Li Po era um beberrão, andarilho, alquimista e místico taoista que viveu uma vida de aventura, com altos e baixos. Quando tinha cinquenta e poucos anos, no começo da guerra, era considerado o maior poeta de sua época. Ligou-se ao príncipe Lin, 16º filho do imperador, mas, em 756, o príncipe foi acusado de conspirar para fundar um reino independente e

executado. Li Po foi então jogado numa prisão, mas um velho soldado a quem ele ajudara trinta anos antes fora agora alçado ao comando do exército legalista. Esse comandante libertou Li Po e empregou-o como seu secretário. Logo, entretanto, as acusações foram renovadas, e Li Po foi exilado para a província bárbara meridional de Yelang. Ele alongou a viagem, visitando amigos pelo caminho, de modo que, mesmo três anos depois, não chegara a seu destino. Nesse ínterim, houve uma anistia geral, de modo que Li deu a volta e retornou para casa, no leste da China. Hospedado na casa de um parente, o poeta ali morreu. Diz a lenda que, num barco num rio, bebendo vinho, ele tentou pegar o reflexo da lua na superfície da água e caiu pela borda, o que é provavelmente o equivalente, para um poeta, a morrer lutando bravamente numa batalha.¹¹

*No campo de batalha os homens se engalfinham e morrem;
Os cavalos dos vencidos soltam lamentáveis gritos para o céu,
Enquanto corvos e papagaios bicam as entranhas dos homens,
Carregando-as em seu voo e pendurando-as nos galhos de árvores mortas.
Assim, homens se espalham e se sujam na relva do deserto,
E os generais não conseguiram nada.
Ó maldita guerra! Eu vejo por que as armas
Foram tão pouco usadas pelos soberanos benignos.*

– Li Po, “Maldita Guerra”¹²

Onze anos mais moço do que Li Po, Tu Fu teve uma nuvem de má sorte o seguindo. Depois de fracassar nos exames necessários para seguir uma carreira de funcionário público civil, ele perambulou a esmo e por fim fez amizade com Li, adquirindo uma reputação de poeta promissor. Retornando à corte, casou e tentou por cinco anos arranjar um emprego junto ao governo. Tão logo conseguiu ser nomeado para um cargo sem muita importância, An Lushan atacou e Tu Fu fugiu da capital, apenas para ser capturado por bandidos. Depois de escapar dos bandidos, perambulou a esmo, em trapos e faminto, conseguindo por fim ligar-se de novo à corte, então exilada. Arranjou um emprego de pouca monta como censor, mas suas desventuras ocasionaram a morte de alguns de seus filhos por inanição e doença. Depois de perder o emprego, ele retomou suas peregrinações, sem um objetivo. Dizem que também morreu bebendo num barco, por excesso, depois de um jejum de dez dias.¹³

*Os carros de guerra chocalham,
Os cavalos de guerra relinham;
Para cada homem um arco e uma aljava no cinto.
Pai, mãe, filho, esposa os veem se afastarem,
Até que a poeira oculte a ponte no Hsien-yang.
Nós trotamos com eles e choramos e pegamos nas suas mangas compridas,
Mas o som de nosso choro sobe para as nuvens,
Pois toda vez que um curioso faz aos homens uma pergunta,
Os homens só podem nos responder que eles precisam ir.*

– To Fu, “Uma Canção dos Carros de Guerra”¹⁴

Bai Juyi pertencia à geração de poetas seguinte, nascido uns poucos anos depois de terminada a guerra, mas seu épico “Canção da Tristeza Interminável” fala do trágico amor entre o imperador Xuanzong e Yang Guifei. Depois da morte de Guifei, dizem que o imperador ficou perambulando a esmo, muito triste, e depois contratou um médium para convocar o espírito de sua amada. Os dois lembram os velhos tempos, e Xuanzong está realmente muito, muito arrependido de tê-la entregado aos soldados furiosos. Finalmente eles concordam que estão destinados a se unir do outro lado da vida.

Entretanto, o poeta diz isso melhor do que eu. Ele não considera essa sua melhor obra, mas ela tornou-se muito popular entre as moças românticas:¹⁵

*O rei tem procurado a escuridão de suas mãos,
Vendando os olhos que procuravam ajuda, em vão,
E conforme ele se volta para olhar para o crime,
Suas lágrimas, o sangue dela, se misturam nas areias.*

– Bai Juyi, “A Canção da Tristeza Interminável”¹⁶

Números

O censo realizado na China, no ano de 754, registrou uma população de 52.880.488 habitantes. Depois de dez anos de guerra civil, o censo de 764 encontrou apenas 16.900 mil pessoas vivendo no país.

O que aconteceu a esses 36 milhões de pessoas? É possível o desaparecimento de dois terços da população numa década? Talvez. Os

camponeses frequentemente viviam à beira da inanição, de modo que a mais leve perturbação poderia causar uma mortandade maciça, particularmente se eles dependessem de grandes sistemas de irrigação. Como vimos com a dinastia Xin e com os Três Reinos, esse não foi o único colapso da população verificado na história chinesa, e muitas autoridades citam esses números com um mínimo de dúvida. Por outro lado, esses números poderiam também representar um declínio na capacidade do governo central de encontrar cada um dos contribuintes, em vez de mostrar uma diminuição drástica real da população.¹⁷

Mais convincente, mas muito menos precisa, é a contagem de domicílios. Nos sete censos realizados antes da Rebelião de An Lushan, foram encontrados entre 8 e 9 milhões de residências, e, depois, nos sete censos que se seguiram à rebelião, encontrou-se consistentemente não mais de 4 milhões de residências. Mesmo um século depois daquela revolta, em 845, o serviço público chinês conseguiu encontrar apenas 4.955.151 domicílios pagando impostos, uma grande queda em relação aos 9.069.154 registrados em 755.¹⁸ Isso indica que o colapso real da população talvez tenha sido mais próximo da metade, ou 26 milhões. Entretanto, para fins de posição na lista, estou sendo conservador e cortando esse número pela metade, contando apenas 13 milhões de mortes na Rebelião de An Lushan. Mesmo assim, esse movimento ainda se coloca entre os vinte mais mortais multicídios da história humana.

^a Ironicamente, como os khitanos governaram brevemente a China na época em que o Ocidente começou a se interessar pelo Extremo Oriente, o idioma inglês originalmente batizou a China em homenagem a esse povo que não era chinês: *Cathay*.

COLAPSO MAIA

Número de mortos: mais de 2 milhões de desaparecidos

Posição na lista: 46

Tipo: colapso do Estado

Linha divisória ampla: alguma terrível força desconhecida, como o tempo ou Cthulu, atuando contra os maias

Época: 790-909

Localização: península do Yucatã, México e Guatemala

Quem geralmente leva a maior culpa: a maioria das pessoas suspeita que foram os próprios maias que, de alguma forma, causaram o colapso

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Para onde foi todo mundo?

Os maias erigiram uma fascinante e complexa civilização a partir do zero, prosperaram por diversos séculos e depois a abandonaram, sem nem mesmo dizerem adeus. De excelentes construtores e matemáticos, eles voltaram a ser tranquilos horticultores, deixando para trás enormes ruínas incrustadas na selva, para mistificar as gerações futuras. Há um século e meio que estamos tentando imaginar por que isso aconteceu.

As três explicações mais populares entre os arqueólogos são:

1. Seca. Neste cenário, o desaparecimento dos maias foi devido ao clima, e não havia muito que pudessem fazer para evitar isso.
2. Colapso ecológico sistemático. Este cenário focaliza as más escolhas que os maias fizeram no gerenciamento dos recursos naturais. Por exemplo, talvez tenham se excedido no desmatamento das florestas, o que esturricou e erodiu o solo.
3. Política e guerras. Neste caso, os maias mais ou menos exterminaram uns aos outros.

Outras explicações surgem ocasionalmente, mas são logo descartadas. Talvez uma nova doença tenha matado todos os maias, mas, como veremos em capítulos posteriores, o hemisfério ocidental não conhecia doenças pandêmicas antes que os europeus as levassem. Ou talvez os maias tenham sido varridos do mapa pelos invasores estrangeiros, mas não há provas de uma abrupta e extensa aparição de artefatos estrangeiros em

qualquer dos sítios maias. Que tal um vulcão ou um terremoto? Não, o colapso não foi bastante rápido assim; levou quase um século para se desenvolver. Essa é uma história clássica de um mistério tipo ninguém-poderia-ter-entrado-na-cena-do-crime.

Também é um clássico teste de Rorschach. Com provas tão pouco consistentes, a tentação é pegar qualquer cenário que demonstre a visão global subjacente que temos do mundo. Você quer demonstrar que os humanos estão sempre à mercê da natureza? Então os maias sucumbiram à seca. Quer nos ensinar a gerenciar melhor nossos recursos? Então os maias foram descuidados na destruição de seu meio ambiente. Quer um pano de fundo para o seu romance sobre as terríveis forças sobrenaturais? Então os maias mexeram com coisas ocultas e libertaram forças demoníacas do vazio escuro. Aposto que você pode adivinhar com qual desses eu vou prosseguir.

A maioria dos estudiosos não escolhe uma única explicação com a exclusão das outras. Diversas forças destrutivas foram obviamente erodindo a civilização maia, mas, mantendo-nos fiéis ao tema deste livro, nós vamos focalizar a guerra.

A guerra para terminar todas as guerras

Arthur Demarest, da Universidade Vanderbilt, é o principal proponente da guerra como o agente do colapso maia. De acordo com seu cenário, a rivalidade entre as cidades saiu do controle na metade do século VIII. Escavações mostram, nessa época, os reis maias construindo palácios maiores, exigindo mais pompa e ritual, e mostrando ornamentos mais vistosos, para espantar e fazer medo aos competidores. Infelizmente, sua ambição crescente pode ter excedido os limites que impediram que as guerras anteriores se tornassem tão destrutivas. A guerra mudou de contendas ritualísticas de honra e prestígio para mortandade e roubo desenfreados. Isso esgotou os recursos e desviou os maias de atividades mais produtivas, tais como o comércio e a agricultura.

Durante grande parte do Período Clássico, as comunidades maias estavam dispostas espaçadamente, e os camponeses lavravam a melhor terra disponível. Depois as cidades maias do Período Clássico Tardio mostraram sinais de perturbação. Os assentamentos recuaram e se concentraram em colinas facilmente defensáveis, cercadas de palissadas. Esses núcleos habitacionais nem sempre ficavam perto das terras aráveis

mais produtivas, de modo que as colheitas se viram prejudicadas. A guerra se intensificou, como indicam as provas arqueológicas de uma sociedade mais violenta.

Na cidade arruinada de Cancuen, Guatemala, Demarest encontrou 31 esqueletos de homens, crianças e mulheres, duas delas grávidas, desmembrados e atirados em uma cisterna, por volta de 800 d.C. Joias de jade, dentes de jaguar e conchas do oceano Pacífico indicam que essas pessoas pertenciam à nobreza, mortas por alguma outra razão que não o roubo. Numa sepultura rasa próxima havia os esqueletos do último rei e da rainha da cidade. Demarest também encontrou muralhas defensivas incompletas, pontas de lança espalhadas e outros 12 esqueletos aqui e ali, com marcas de ferimentos produzidos por lança e machado. Esse foi o fim de Cancuen. Nada posterior a esse massacre foi encontrado nas ruínas.¹

A característica mais interessante nas ruínas de Chunchucmil é uma muralha de pedra que circunda o centro do sítio e visível em fotografias aéreas. Datando de alguma época dentro do Período Clássico Tardio, a muralha foi construída sobre cada estrada, praça e prédio que se encontrava em seu caminho, usando pedras arrancadas das estruturas próximas. A muralha parece ter sido erigida apressadamente, para manter alguma coisa do lado externo, sem preocupação com a estética ou a preservação arquitetônicas. Incompleta, na forma de um C, a muralha foi aparentemente a última construção erguida no sítio, mas seus construtores não chegaram a fechar o círculo. Alguma coisa interrompeu a construção, e esse foi o fim de Chunchucmil.

Embora as provas variem de sítio para sítio, os arqueólogos frequentemente se veem de mãos vazias, quando procuram uma explicação alternativa, puramente natural, para o colapso maia. Na região de Petexbatun, nas Terras Baixas meridionais, Lori Wright (Texas A&M) examinou ossos maias do final do Período Clássico, mas descobriu que as pessoas eram bem-nutridas. Nick Dunning, da Universidade de Cincinnati, estudou amostras de solo, mas não encontrou evidências de mudança climática. Essas descobertas tendem a descartar a seca e a fome como causas primárias do desaparecimento; entretanto, escavações têm descoberto provas de uma crescente pobreza na menor quantidade de cerâmica importada e na qualidade inferior dos artefatos.²

Nós podemos rastrear o colapso da civilização maia com estranha precisão. Em cidades abandonadas por todo o interior, inscrições em monumentos desaparecem quando se avança no século IX. Elas não param

no meio da frase com um arreganhar de dentes e um espirrar de sangue, mas, em cada sítio, chega-se a um ponto em que nada novo é acrescentado às inscrições, geralmente triviais, de antes que desabe a crise final. As últimas datas registradas em Pomona e Aguateca correspondem ao nosso 790 d.C. No decorrer da década seguinte, Palenque, Bonampak e Yaxha ficam silenciosas. No primeiro quartel do século IX, sete outras cidades notáveis cessaram de escrever sua história; mais cinco pararam no segundo quartel. Umas outras oito ficaram silenciosas por volta de 889. A última data esculpida em Chichen Itza foi 898. Uxmal continuou até 907, mais depois que Tonina cessou seus registros em 909, os maias não tiveram mais nada a dizer.

Número de mortos

Mesmo que não tenhamos certeza de que a guerra crônica foi a causa principal do colapso, podemos afirmar qual foi o resultado. Quer um cenário específico comece com uma má colheita, uma nuvem vulcânica ou falta de chuvas, ele sempre parece terminar com os maias lutando por recursos que escasseavam.

Quantos morreram em consequência direta da guerra? Para que uma civilização inteira desapareça, o número de mortos deve ter sido substancial. Ao longo de todo este livro, culturas conseguiram dar a volta por cima mesmo depois de perderem até um quarto de sua população, de modo que no caso dos maias essa taxa deve ter sido maior.

É claro, ninguém sabe de quanto era a população maia no auge clássico de sua civilização, mas as estimativas vão de 3 a 14 milhões.³

Além disso, ninguém sabe quantos sobraram depois que aconteceu o pior. B. L. Turner II calculou que uma população original de 3 milhões em 800 caiu para menos de 1 milhão em mil. Richard E. W. Adams estimou que a população de um pico de 12 a 14 milhões desabou para 1,8 milhão depois.⁴

Para fins de posição na lista, estou sendo conservador e presumindo que um terço da população mínima foi morta nos conflitos finais. Isso chega a um equilibrado milhão.

AS CRUZADAS

Número de mortos: 3 milhões¹

Posição na lista: 30

Tipo: guerra santa

Linha divisória ampla: cristãos ocidentais (“francos”) *versus* muçulmanos (“sarracenos”) *versus* cristãos orientais (“gregos”)

Época: 1095-1291

Localização: Levante

Quem geralmente leva a maior culpa: definitivamente *não* são

Ricardo Coração de Leão e Saladino

Trégua de Deus

Quando varreram o Oriente Médio no século XVII, os conquistadores árabes terminaram controlando o local de nascimento da fé cristã. Esses novos senhores geralmente deixavam os súditos cristãos viver em paz e permitiam que peregrinos cristãos tivessem livre acesso a seus lugares sagrados, mas de vez em quando um novo rei ou dinastia muçulmana, possuído de uma dose extra de fanatismo, desencadeava uma perseguição. Essa situação ficou especialmente ruim sob o califa (palavra árabe para “sucessor”) al-Hakim, do Egito, que perseguiu os cristãos e destruiu igrejas por todo o seu reino, inclusive o santuário mais sagrado da cristandade, a igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, em 1009. Mesmo que califas subsequentes tenham voltado à política de tolerância, novas sementes de desconfiança já haviam sido plantadas.²

Então, em 1071, um novo grupo de muçulmanos, construtores de um império, os turcos seljúcidas, destroçaram o exército bizantino na Batalha de Manzikert, o que abriu à conquista as restantes províncias bizantinas da Ásia. O imperador bizantino pediu ao Ocidente que o salvasse, mas decorreram muitos anos de indiferença, até que o Ocidente finalmente percebeu que seria um erro deixar toda a Ásia cair sob o domínio dos turcos. Nesse ínterim, estes foram para o sul e arrebatarem a Palestina das mãos dos egípcios. Conforme a maré da batalha ia para um lado e para outro, Jerusalém mudou de mãos algumas vezes, com pelo menos um massacre principalmente da classe muçulmana governante da cidade. Os peregrinos cristãos vindos da Europa encontraram-se no meio de uma

perigosa zona de guerra e voltavam para casa com relatos de abusos sofridos nas mãos dos muçulmanos.

Durante a maior parte de sua história inicial, a cristandade desaprovou a guerra. Santo Agostinho estabeleceu critérios estritos e quase impossíveis para se declarar e lutar uma guerra justa. O calendário da Igreja proibia lutar num número tão grande de dias santos, que até mesmo oficialmente aprovado, o combate estava fora de questão durante quase metade do ano. Por volta do segundo milênio, a Igreja Católica Romana impusera tantas limitações à guerra que era difícil para a aristocracia ocidental europeia participar de um conflito justo.

Não que não tentassem. Alguns dos maiores Estados, tal como o Sacro Império Romano Germânico, que impusera regras de comportamento civilizado para a nobreza, estavam enfraquecendo, levando cada vez mais a disputas locais, que eram resolvidas pela força das armas. Um número excessivo de filhos de nobres vagava pela Europa, lançando desafios e lutando, matando-se uns aos outros e também a inocentes espectadores.

O papa Urbano II acalentava a esperança de canalizar essa energia para atividades mais aceitáveis, como matar infiéis. Com um eletrizante discurso em 1095, no Concílio de Clermont, ele encorajou a classe guerreira da Europa a pegar a cruz e plantá-la de novo na Terra Santa. Parecia uma boa tarefa para manter ocupados todos aqueles cavaleiros ociosos, e também garantir a segurança dos peregrinos. O papa assegurava que todo aquele que participasse de uma cruzada ganharia pontos valiosos em bônus espirituais que pesariam a seu favor no Dia do Julgamento Final. Os voluntários juravam ir até o fim, ou Deus os fulminaria.³

A Primeira Cruzada

Nesse ínterim, um homem santo itinerante, Pedro de Amiens, o Eremita, pregava diretamente para o povo sobre a necessidade de livrar a Terra Santa dos sarracenos. Essa Cruzada do Povo incendiou a imaginação da Europa e atraiu um maciço número de seguidores, homens, mulheres, soldados e civis, todos jurando libertar a Terra Santa.

Mas primeiro eles decidiram se livrar dos infiéis que viviam entre eles, de modo que avançaram com violência contra as comunidades judias na Renânia. Foram mortos ou levados ao suicídio mil judeus em Mainz. Em Worms, os cruzados invadiram o palácio do bispo e assassinaram oitocentos judeus que haviam procurado refúgio ali. Mais judeus foram

massacrados em Speir, Colônia e Praga, antes que os cruzados partissem para a Terra Santa.

Conforme cruzavam a Europa, essas multidões de peregrinos armados tendiam a requisitar pela força suprimentos das comunidades em seu caminho, seguros no seu conhecimento de que Deus os favorecia na sua missão. Entretanto a população local tinha opinião diferente e irromperam combates. Um grande bando de cruzados que estavam matando judeus e pilhando suprimentos por toda a Alemanha foi massacrado pelo rei da Hungria quando transpôs a fronteira. Finalmente, a primeira onda de cruzados chegou a Constantinopla, e o imperador bizantino rapidamente os fez transportar através dos estreitos da Ásia, antes que lhe trouxessem problemas.

Nesse ínterim, os turcos vinham escutando amedrontadores boatos de que uma vasta horda do Ocidente estava indo derrotá-los. O boato tornou-se realidade quando os bizantinos despejaram a Primeira Cruzada na Ásia e enviou-os ao encontro dos sarracenos. Os cruzados seguiram adiante, e logo cercaram Niceia, uma cidade grega que os turcos haviam conquistado recentemente. O sultão turco reuniu suas forças e partiu para quebrar o sítio. Eles se aproximaram cautelosamente e fizeram escaramuças, para experimentar os cristãos. Finalmente o grosso dos dois exércitos se enfrentou, mas não houve realmente uma batalha. A inexperiente e incompetente multidão dos francos foi facilmente varrida de cena, deixando milhares de mortos no campo e dezenas de milhares mais a caminho dos mercados de escravos.⁴

Quando a leva seguinte de cruzados chegou, os turcos não lhe deram importância. Ainda se congratulavam entre si pela facilidade com que haviam despachado a primeira onda; entretanto, a segunda onda era composta de pessoas mais avisadas e prudentes. A primeira leva fora ansiosa demais e também despreparada. A segunda não era nem uma coisa nem outra. Eram aqueles que ficaram para trás e valorizavam o planejamento e a preparação. Afiaram suas espadas, transferiram suas propriedades para curadores competentes e se muniram de suprimentos. Puseram menos fé em Deus e num coração valente, e mais na cavalaria e no aço.

Depois de cruzar o estreito de Bósforo para a Ásia, três colunas de francos convergiram sobre os turcos, que, erradamente, concentraram todos os seus esforços no combate à primeira coluna com que se depararam, em Dorileia, em julho de 1097. Quando a segunda coluna

apareceu subitamente no seu flanco, os turcos foram tomados de surpresa, cansados e com escassez de flechas. Então a terceira coluna apareceu à sua retaguarda, e os turcos foram massacrados, fugindo em confusão. O sultão escapou, abandonando seus criados, o tesouro e o comboio de bagagem.⁵

Com os turcos derrotados, os francos atravessaram a Ásia Menor, apoderando-se do território que os bizantinos haviam perdido e avançando na direção da Síria. Não havia um efetivo de cruzados suficiente para sitiar a grande metrópole de Antioquia, de modo que eles acamparam fora da cidade durante diversos meses, tentando decidir o que fazer em seguida. Por fim, batedores informaram que uma força de socorro sarracena estava se aproximando para levantar o cerco, mas então, no último minuto, a rede de espiões dos cruzados dentro da cidade fez jus ao seu custo. Naquela noite, ajudados por cristãos armênios que viviam em Antioquia, uma força de assalto escalou as muralhas, matou as sentinelas e abriu os portões para o exército franco que esperava.⁶

Quando chegou e encontrou os cruzados já dentro da cidade, a força de socorro turca estabeleceu um cerco por conta própria. Mas, quando já haviam perdido toda esperança, os cruzados descobriram, escondida debaixo do chão de uma antiga igreja, a verdadeira ^a ponta de lança que fora enfiada no flanco de Cristo, no Calvário. Reanimados pelo poderoso talismã, eles foram para fora das muralhas para combater os turcos.

A longa marcha havia matado quase todos os cavalos dos francos, de modo que agora lutavam a pé, o que acidentalmente lhes serviu de vantagem. Diferentemente de seus correspondentes turcos, os cavaleiros europeus eram treinados a lutar tanto a cavalo quanto a pé, mas os turcos nunca haviam se defrontado com soldados de infantaria pesadamente couraçados. Sem grandes cavalos de batalha para atingir, as flechas sarracenas eram pouco eficazes, e quando os cruzados cerraram sobre a infantaria ligeira inimiga, esta foi estraçalhada.⁷

A Primeira Cruzada não chegara jamais a desenvolver uma estrutura de comando. Agia geralmente como uma reunião de exércitos aliados, cooperando voluntariamente, ou não, de acordo com o consenso, mas o príncipe Bohemond de Taranto fora o comandante prático dos cruzados até então.⁸ Então Bohemond ficou governando Antioquia, enquanto o conde Raymond de Toulouse e Godfrey de Bouillon comandavam a cruzada que seguia para o sul, para Jerusalém.

Em dezembro de 1098, os cruzados conquistaram a cidade de Ma'arra,

depois de um mês de sítio, e mataram cerca de 20 mil sarracenos cativos. A essa altura, depois de dois anos de penosa marcha, os cruzados estavam exaustos e à beira da inanição. Havia perdido a maior parte de seus cavalos, e o campo não fornecia mais alimentos. Os cruzados mais famintos, em seguida ao massacre de Ma'arra, assaram e comeram os corpos dos sarracenos mortos.^{b9}

Finalmente, Jerusalém foi sitiada e conquistada em julho de 1099. Os cruzados saquearam a cidade e mataram 70 mil pessoas nas ruas, a maioria muçulmanos, mas também qualquer um que parecesse como tal. Judeus que haviam se refugiado numa sinagoga foram queimados vivos lá dentro. Os cronistas relataram cruzados mergulhados em rios de sangue que chegavam até a altura dos freios dos cavalos, obviamente um exagero, mas podemos certamente imaginar as montarias espadanando em pegajosas poças de sangue que escorriam dos corpos jogados nas ruas.

Estilo de guerra

Nos livros de história, as Cruzadas são geralmente numeradas como eventos distintos, mas elas só pareceram assim na visão dos europeus. O que geralmente se chama a Primeira ou a Sétima Cruzadas é realmente a primeira ou a sétima grande onda de novos recrutas arrebanhados e enviados da Europa. Isso não significa que a paz reinava na Palestina entre Cruzadas oficialmente designadas. Na Ásia, a guerra ia e vinha segundo sua própria dinâmica, baseada nas circunstâncias locais.

Em ambos os exércitos, os cavaleiros eram uma minoria especializada, que lutava a cavalo. Protegidos da cabeça aos pés por cotas de malha leves, eles combatiam com uma lança, espada, machado ou maça, balançando-se e esquivando-se atrás de um grande escudo que aguentava o impacto dos golpes inimigos. Cada cavaleiro ficava à frente de uma grande equipe de pessoal de apoio não combatente, como escudeiros, pajens, cavaliços, e suplementados por infantaria ligeira e arqueiros.

Os turcos seljúcidas eram nômades, recentemente vindos das estepes, que lutavam principalmente como arqueiros montados. As nações mais antigas do Oriente Médio, tais como os fatímidas, do Egito, combatiam mais ou menos como os europeus. Nenhum dos dois estilos de batalha tinha uma clara vantagem sobre o outro. Os cavaleiros europeus eram mais pesadamente armados, mas mais lentos que os turcos. As balistas europeias tinham um alcance maior, mas uma velocidade de disparar

flechadas menor do que os arcos curtos dos turcos. Em campo aberto, os turcos tinham vantagem, mas em ambientes mais restritos e nas operações de sítio essa vantagem era dos francos.

Alguns dos mais dedicados cruzados pertenciam a ordens de monges combatentes para escoltar e proteger os peregrinos que demandavam à Terra Santa. Com sua sede em Jerusalém, no monte do Templo e no hospital amalfitano, esses Templários e Hospitalários faziam votos de pobreza e castidade, e depois descarregavam toda essa energia represada massacrando os pagãos. Como controlavam o movimento para a Terra Santa, os Templários inventaram a letra de crédito, pela qual os peregrinos podiam deixar dinheiro vivo em um órgão da Ordem na Europa, e levar consigo um recibo que podiam resgatar em outro órgão em todo o mundo. Como os únicos europeus que compreendiam a escusa arte de movimentar dinheiro, eles adquiriram uma reputação sinistra.

As Cruzadas para a Terra Santa coincidiram com alguns outros esforços para expandir a cristandade: a reconquista pelos cristãos da parte da Espanha ocupada pelos muçulmanos, e a conquista teutônica do mar Báltico, pagão. Todos esses três esforços faziam intercâmbio de pessoas e de conhecimentos, aprendendo uns com os outros. A Segunda Cruzada chegou mesmo a parar na Espanha a caminho da Palestina, e a ajudar os cristãos locais a capturar Lisboa, até então em poder dos mouros.

A Segunda Cruzada

Quase meio século havia decorrido e os cruzados estavam estabelecidos confortavelmente em quatro estados: Edessa, Trípoli, Jerusalém e Antioquia. A Terra Santa estava firmemente sob o controle dos filhos dos participantes da Primeira Cruzada, mas então o novo governante sarraceno, Zengi, consolidou um império na Síria, e reduziu os Estados cruzados a três, capturando Edessa, o baluarte cristão mais para o interior. A Europa organizou uma Segunda Cruzada (1147) para recuperar o território perdido, e dessa vez os reis se apresentaram como participantes: Filipe Augusto, da França, e Conrado III, da Alemanha. Entretanto, os diletantes reais dessa Cruzada não eram tão perigosos como os aventureiros famintos e sem terra da Primeira Cruzada, e o movimento não conseguiu produzir o mínimo efeito nas hostes sarracenas.

A Terceira Cruzada

Depois da morte de Zengi, o Império Sarraceno passou pelas mãos de diversos jovens, parentes seus, até que Saladino, um general curdo que atuava como regente, decidiu ele mesmo tomar as rédeas do governo. A princípio Saladino manteve relações pacíficas com os cristãos no litoral levantino, mas então um nobre cruzado, Reginald de Chatillon, emboscou uma caravana muçulmana e capturou a irmã de Saladino. Este vingou a ofensa desencadeando uma nova *jihad*, que culminou com uma estrondosa vitória dos muçulmanos na Batalha de Hattin. Isso abriu o caminho para Saladino capturar Jerusalém, junto com grande número de prisioneiros da Ordem dos Templários, que ele mandou executar.

A perda de Jerusalém convenceu a Europa de levar de novo a sério o problema das Cruzadas. Em 1190, Ricardo Coração de Leão, recém-coroadado rei da Inglaterra, partiu de Marselha com o rei Filipe II da França. O Sacro Império Romano Germânico, na Europa Central, deveria fornecer o grosso do efetivo da expedição, mas logo depois de cruzar o mar, entrando na Ásia Menor, o imperador Frederico Barba-Roxa escorregou num rio que atravessava a pé e foi levado ao fundo pelo peso de sua armadura, afogando-se.

A história gosta da Terceira Cruzada. Foi a Cruzada elegante, onde reis sábios e virtuosos degladiavam-se com honra e estilo. Não houve nada daquele chapinhar em rios de sangue depois de capturar cada cidade. Na Terceira Cruzada, todos os rios de sangue vieram de gente que sabia aonde estava indo e estava feliz com isso. Depois de um combate especialmente bom, o vitorioso podia simplesmente saudar seu espantado e inerme opositor, em vez de meter-lhe uma adaga no olho, pela abertura do capacete, e terminar com ele.

Muito bem. As coisas provavelmente não se desenrolaram com a fidalguia como histórias posteriores imaginaram, mas, na Terceira Cruzada, ambos os lados receberam grandes elogios. Saladino é um dos mais amados chefes guerreiros da história muçulmana, e muitos historiadores, não muito tendentes a elogios, o descrevem com linguagem inusitadamente afetuosa: “quando sorria, era como se ele iluminasse o aposento” é uma citação verdadeira de um relato recente.¹⁰ Dante imaginou Saladino na ala de segurança mínima do Inferno, onde pagãos decentes ficavam apenas de quarentena, em vez de arderem na lava vulcânica. Ricardo Coração de Leão também é descrito como um dos mais amados reis da história da Inglaterra, com um dos maiores apelidos da história, com base apenas no seu desempenho na Cruzada. Ele praticamente não esteve em seu reino,

que ele empobreceu para apoiar sua guerra santa. Filipe II esteve por lá apenas para ganhar prestígio com o papa, e depois apressou-se em voltar para a sua terra, a França.

Na realidade, o senso de humor de Saladino era flexível. Depois da Batalha de Hattin, dois importantes cruzados foram levados à sua presença acorrentados. Ele deu comida ao primeiro, explicando que as regras de hospitalidade lhe proibiam agora de matar um prisioneiro a quem fora dado de comer e beber por parte do captor. O outro prisioneiro, Reginald de Chatillon, que Saladino estava planejando matar por ter violado a trégua, lançou-se contra uma taça de vinho e a bebeu antes que qualquer um o pudesse impedir. Ah! Estou salvo! Mas Saladino matou-o, de qualquer jeito, porque ninguém gosta de um espertinho.¹¹

Ricardo também não era completamente cavalheiresco. Depois de conquistar a cidade de Acre, em poder dos muçulmanos, ele deu a Saladino uma semana para fazer um acordo. Quando o ultimato terminou, Ricardo arrastou os 2.700 prisioneiros sarracenos para fora dos portões da cidade e decapitou-os, junto com trezentas pessoas de suas famílias. Livre do estorvo, todo o exército cruzado foi para a batalha.

Os dois titãs se confrontaram apenas em uma única batalha campal. Depois de uma desgastante campanha de manobras, os exércitos finalmente se encontraram em Arsuf. Ricardo seguiu na retaguarda seus ansiosos cavaleiros sob uma chuva de flechas sarracenas, até que chegasse o momento azado. Então o Coração de Leão desencadeou uma carga de cavalaria que rompeu as fileiras inimigas, massacrando-as. A vitória, no entanto, não lhe trouxe ganho algum, porque o rei inglês precisou ir correndo defender seu trono na Inglaterra, colocado em perigo pela ambição de seu próprio irmão, e seus feudos na França pela ganância de seu antigo companheiro de armas, o rei Filipe II. Jerusalém continuaria em poder dos infiéis.

A Quarta Cruzada

A essa altura, a cristandade já percebera que a Palestina não poderia resistir sozinha: seus vizinhos, mais poderosos, como o Egito e a Síria, a haviam conquistado facilmente. Nos registros históricos não consta que nenhum império tenha jamais se fixado na Palestina, de modo que a leva seguinte de cruzados, que foram mobilizados pelo papa Inocêncio III, decidiu conquistar o Egito por mar e dali montar a ofensiva.

Quando a nova onda de cruzados chegou a Veneza, aconteceu que não tinham dinheiro bastante para pagar pela sua viagem para o Oriente. Sendo, acima de tudo, negociantes, os venezianos disseram: Não tem problema, os cruzados poderiam conseguir dinheiro conquistando o porto de Zara, no mar Adriático, que pertencia à Hungria. A cidade foi assim tomada de assalto e entregue aos venezianos.

O papa imediatamente excomungou toda a força dos cruzados por esse assalto a outros cristãos, e diversos líderes caíram fora do empreendimento, mas grande parte das tropas foi em frente. Defrontado com a teimosia dos cruzados, o papa recuou e retirou a excomunhão, levando-os de volta ao seio da Igreja.

Como toda onda de cruzados deixava, à semelhança de gafanhotos, uma esteira de desolação conforme avançavam através do Império Bizantino, seus habitantes ficaram relutantes em deixar essa Quarta Cruzada atravessar seu território novamente. Os próprios cruzados tinham sentimentos contraditórios a respeito dos bizantinos. É certo, aqueles gregos eram cristãos, mas também cismáticos, que praticavam sua própria versão diferente da religião católica, em desafio ao papa. Dessa vez, em vez de negociarem os direitos de passagem, os cruzados encontraram um príncipe bizantino exilado que reclamava o trono, e, em 1204, eles conquistaram Constantinopla em nome desse herdeiro presuntivo. Entretanto, quando o príncipe começou a regatear o preço cobrado pelos cruzados pelo apoio que eles lhe deram, os francos instalaram no trono, como rei, um dos seus. Assim, a última cidade da era antiga ainda deixada intacta foi inteiramente saqueada, e muitos livros preciosos, obras de arte e arquivos do auge do período greco-romano desapareceram – queimados, pisoteados, derretidos, arrebatados ou roubados.

Como pagamento para transportar os cruzados por mar, para conquistar Bizâncio, Veneza se apossou dos quatro grandes cavalos de bronze que decoravam a praça de São Marcos, e mais diversas ilhas esparsas, facilmente defensáveis, a fim de controlar o Mediterrâneo oriental.

Apesar de os europeus ocuparem o estratégico centro do Império Bizantino, três províncias do interior permaneciam sob o domínio dos gregos. Durante as próximas poucas décadas esses territórios foram a custo se reagrupando, formando novamente o Império Bizantino, e finalmente reconquistaram Constantinopla dos francos, em 1261.

No meio de toda essa atividade, o objetivo de atacar os sarracenos

desapareceu inteiramente da mente de todo mundo.¹²

A Cruzada das crianças

Em 1212, um novo surto da febre religiosa varreu a Europa quando alguns evangelistas de crianças levantaram a mocidade na França e na Alemanha, com apelos e sermões apaixonados. Multidões entusiasmadas de gente jovem seguiram esses pregadores, devotamente, de cidade em cidade. Como acontece com a maioria das histórias medievais, nossa fonte de informação provém apenas de umas poucas frases escritas sobre esse acontecimento na época em que se realizavam, e muitas páginas de relatos aprimorados escritos uma geração depois. Desse modo ninguém sabe exatamente o que ocorreu, mas aparentemente milhares de crianças, muito provavelmente adolescentes, fugiram de casa e saíram a caminho, determinados a livrar a Terra Santa depois que seus pais haviam falhado. Muitos nunca chegaram mesmo a deixar a Europa, e a maioria nunca mais foi vista.

A versão mais comum é que uma coluna de 20 mil crianças francesas ansiosas chegou ao porto de Marselha, onde lhes disseram que os navios que os transportariam estariam esperando. Elas embarcaram e partiram a fim de fazer a vontade de Deus, mas na verdade era um truque dos armadores, que, em vez disso, venderam todas elas nos mercados de escravos do Mediterrâneo. Outra onda de 30 mil jovens alemães fez a perigosa travessia dos desfiladeiros dos Alpes, e muitos se perderam no caminho. Foram perambulando até Gênova, onde desistiram e lá se estabeleceram. Outros continuaram a marcha. Quando os sobreviventes se reuniram em Roma para receber a bênção do papa, ele agradeceu-lhes por sua piedade, mas vendo sua condição de penúria, mandou-os de volta para casa.¹³

Quinta Cruzada em diante

A essa altura o movimento cruzado estava se esvaindo, e a presença europeia no litoral do Levante se resumia a três enclaves costeiros: Acre, Trípoli e Antioquia. Um novo surto de cruzados, sob a liderança do rei Luís, da França (mais tarde proclamado São Luís), tentou conquistar o Egito. Eles tomaram o porto de Damietta e venceram algumas batalhas ao penetrarem mais fundo no país, mas, no final, lhes faltou a energia

necessária para continuar avançando. Ao se retirarem do Cairo, o rei e seu exército foram capturados e mantidos como reféns.

A nova Cruzada, a sexta, foi um desapontamento para todos os envolvidos. Com os mongóis apossando o mundo muçulmano a partir do Extremo Oriente, os sarracenos tinham de manter seus exércitos livres e prontos para enfrentar esses novos bárbaros. Precisavam manter quietos os Estados cruzados em sua retaguarda, e o preço para isso foi devolver o controle de Jerusalém aos francos.

Assim, os cruzados tiveram a Cidade Santa de volta, mas conseguiram isso por meio da diplomacia e não matando ninguém. Mesmo assim, aquela foi uma medida temporária, e Jerusalém logo voltou às mãos dos muçulmanos. Nesse ínterim, o Estado cruzado de Antioquia caía em poder dos mongóis.

Em 1289, Trípoli foi conquistada pelos egípcios, deixando apenas Acre nas mãos dos cruzados. Depois, em 1291, um bando de peregrinos cristãos vindo de Acre teve uma rixa com mercadores sírios, e o sultão do Egito exigiu compensação pelos muçulmanos mortos. Quando o preço mostrou estar além dos meios da comunidade cristã, o sultão atacou e eliminou esse último Estado cristão do mapa.

Legado

Alguns historiadores dizem que as Cruzadas introduziram a cunha entre a cristandade e o Islã, a qual ainda persiste até hoje, mas vamos ser realistas. Nenhuma dessas duas religiões vê a outra com simpatia. Seria difícil encontrar uma época na história em que seus seguidores não estivessem se trucidando uns aos outros, e mesmo quando isso não acontecia era porque estavam descansando e se aprontando para uma nova rodada de confrontos.

Entretanto, pondo um grande número de aristocratas da Europa ocidental em íntimo contato com o sofisticado Oriente, as Cruzadas fizeram a civilização ocidental dar um salto, num feliz livro de história que seria o principal legado das Cruzadas. Para nossos propósitos, entretanto, o principal legado foi um endurecimento da religião cristã. Durante os próximos quinhentos anos, até que o Iluminismo veio suavizá-la, a cristandade ocidental manteve a infeliz tendência à violência direta contra os infiéis.

Neste livro veremos outras guerras religiosas, mas essas serão guerras

sobre pessoas, pessoas tentando impor suas crenças, pessoas querendo ser deixadas sozinhas, pessoas sendo punidas, pessoas sendo resgatadas. As Cruzadas foram sobre um lugar: a Terra Santa.¹⁴

Embora lutar por terras seja bem comum, a terra sendo disputada geralmente fornece algum tipo de recurso prático: minerais, colheitas, portos, fazendas, localização estratégica, exploração de mão de obra ou simples tamanho. A Palestina não tinha nenhuma dessas características. O único recurso da Terra Santa era sua herança. Não há ouro, petróleo, muito pouca terra arável e pouca população nativa, nada, a não ser os lugares sagrados, de modo que, em essência, as Cruzadas mataram 3 milhões de pessoas numa luta para o controle do comércio turístico.

^a Provavelmente uma relíquia falsa.

^b Esse episódio de canibalismo parece ser a única coisa que todos os muçulmanos sabem sobre as Cruzadas, e a única coisa que nenhum cristão sabe sobre elas. Uma vez entendida essa discrepância, você começará a ver como é difícil escrever uma história imparcial. As pessoas recontam as histórias de que gostam e esquecem o resto. A propósito, essa história não é mera propaganda. Pelo menos três fontes contemporâneas a citam, mais plausivelmente num relato enviado ao papa por um comandante em ação. A maior parte do canibalismo cruzado parece ter sido obra de uma turba armada de peregrinos guerrilheiros insanos conhecidos como *tafurs*, que faziam esse tipo de coisa frequentemente apenas para parecerem durões.

MATANÇAS RELIGIOSAS

A coisa mais estranha sobre os conflitos religiosos é que algumas pessoas negam que tenham existido. Dirão que as Cruzadas se deram por motivos econômicos, e que a Inquisição foi um movimento de consolidação de poder. Negarão que alguém lute por causa de religião, a despeito do fato de que os participantes admitiram livremente que lutaram por causa dela.

Obviamente, nenhuma guerra é 100% religiosa, ou 100% de qualquer coisa, na sua motivação, mas não podemos nos furtar ao fato de que alguns conflitos envolvem mais religião do que outros. Então, como podemos decidir quando a religião é a causa real de um conflito, e não apenas uma desculpa conveniente para encobrir outros objetivos?

Bem, para começar, se a única diferença entre os dois lados é a religião, então é bem seguro afirmar que o conflito é religioso. Sérvios, croatas e bósnios são basicamente o mesmo povo, exceto quanto à religião. O mesmo acontece com os holandeses e belgas. Nas guerras religiosas francesas, na divisão da Índia, nos distúrbios da Irlanda do Norte e na guerra no Líbano, as pessoas que tinham a mesma aparência, falavam a mesma língua e moravam nas mesmas comunidades pulavam na garganta das outras apenas porque seguiam religiões diferentes.

Outra consideração: até que ponto você pode descrever um conflito sem mencionar a religião? A Guerra Civil Americana certamente teve motivos religiosos: o fanatismo de John Brown, o discurso inaugural de Lincoln, “O Hino da Batalha da República”, mas você pode facilmente escrever uma história detalhada daquela guerra sem mencionar nenhuma dessas coisas. Compare aquele conflito com, por exemplo, as Cruzadas. Será que você poderia compor um parágrafo sobre estas últimas sem mencionar o papa, a Terra Santa ou Jerusalém? Você pode argumentar que as Cruzadas foram sobre algo mais que religião, mas tente escrever duas páginas sem trazer esse assunto à baila.

Finalmente, se as partes alegam motivos religiosos para o conflito, devemos pelo menos levar em conta a possibilidade de que eles estejam

dizendo a verdade. A religião é tão central para uma pessoa, no mundo todo, que a maioria das grandes decisões tem algum tipo de motivação religiosa. Mesmo que o comandante em chefe use a religião apenas como uma desculpa conveniente e cínica para levantar as massas, a principal razão para que ele faça isso é porque *isso funciona*. Você nunca vê um desses tipos beligerantes convocando os exércitos para destruir o inimigo que soletra ou se barbeia diferentemente, porque essas são razões estúpidas para se lutar uma guerra. Uma religião diferente, em contraste, é geralmente aceita como uma razão perfeitamente boa para se matar alguém. Se não fosse, por que as pessoas se uniriam em torno dela?

Mas nem todo conflito entre religiões diferentes é um conflito religioso, especialmente quando há múltiplas diferenças entre os grupos em confronto. Na conquista europeia das Américas, o desejo de converter os nativos era muito menos importante do que o desejo de explorá-los. A guerra do Pacífico entre japoneses e norte-americanos é facilmente explicada como uma luta pelo poder geopolítico. Quando os turcos avançaram pela Europa, a religião desempenhou um papel, motivando tanto os atacantes quanto os defensores, mas esse motivo era secundário em face da simples construção de um império ocorrendo em *todas* as suas fronteiras.

Para a organização da nossa lista, contamos apenas conflitos e opressões nos quais a religião é amplamente considerada a razão *primária* do conflito, juntamente com sacrifícios humanos e assassinatos rituais.

As trinta matanças religiosas mais letais

A Rebelião Taiping (1850-64)

Vinte milhões morreram no levante messiânico dos cristãos chineses.

A Guerra dos Trinta Anos (1618-48)

Sete milhões e meio morreram enquanto católicos e protestantes lutavam para controlar a Alemanha.

O Holocausto (C. 1938-45. Ver “Segunda Guerra Mundial”)

A Alemanha nazista matou 5,5 milhões de judeus por toda a Europa. Embora os nazistas tenham alegado ter matado judeus por motivos raciais, a única diferença essencial entre as vítimas do Holocausto e os que não foram eliminados foi sua religião ancestral. Foi o clímax de diversos séculos do antissemitismo europeu.^a

A revolta Mahdi (1881-98)

Cinco milhões e meio de sudaneses morreram durante esse levante fundamentalista muçulmano.

Os combates de gladiadores (264 a.C. – 435 d.C.)

Talvez 3,5 milhões de gladiadores tenham sido mortos para homenagear os ancestrais romanos.

As guerras religiosas francesas (1562-98)

Três milhões e meio de pessoas morreram nas guerras entre católicos e protestantes na França.

As Cruzadas (1095-1291)

Por duzentos anos, os cristãos europeus tentaram arrebataram o controle da Terra Santa das mãos do muçulmanos. Talvez 3 milhões de pessoas tenham morrido nessas guerras.

A Rebelião Fang La (1120-22)

Dois milhões de pessoas morreram numa revolta de camponeses na China, que começou com um atrito entre um imperador taoista e uma minoria mandchu.

Os sacrifícios humanos dos astecas (1440-1524)

Os astecas sacrificaram 1,2 milhão de pessoas.

A Cruzada albigense (1208-49)

Em torno de 1 milhão de pessoas no sul da França foram mortas nessa guerra para exterminar a heresia cátara.

A Rebelião Panthay (1855-73)

A rebelião dos muçulmanos no sudeste da China matou 1 milhão.

A Rebelião Hui (1862-78)

Outra rebelião de muçulmanos no noroeste da China matou 640 mil.

A divisão da Índia (1947)

A violência das multidões matou 500 mil hindus e muçulmanos.

A invasão da Irlanda por Cromwell (1649-52)

Cromwell matou de 300 mil a 500 mil irlandeses nessa invasão.

As guerras romano-judaicas (66-74 e 130-136 d.C.)

Uma série de revoltas messiânicas contra a autoridade romana ocasionou talvez 350 mil mortes.

A Bíblia

Há dois lados no debate sobre as atrocidades descritas na Bíblia: (1) Deus é misericordioso e tudo descrito na Bíblia é absoluta, infalivelmente verdadeiro, mas o número de pessoas chacinadas pelos israelistas foi enormemente exagerado, e, de qualquer maneira, aquelas pessoas mereciam morrer; (2) a Bíblia foi escrita por meros mortais, que cometeram uma porção de erros, de modo que você não pode acreditar em tudo que está escrito ali, mas olhe para todas aquelas pessoas mortas pelo chamados homens santos nas chamadas guerras santas na chamada Terra Santa.

Consideremos, por exemplo, a cidade de Ai. A Bíblia afirma bem claramente que Josué matou 12 mil pessoas naquela cidade por ordem de Deus. Se você é fundamentalista, tem de se explicar muito, mas se é pagão, você pode simplesmente dizer que Ai significa “ruína”, e que os arqueólogos já determinaram que a cidade foi destruída muito antes de os israelitas chegarem à Palestina, e que, portanto, a Bíblia está errada. Isso significa que nenhum dos

lados do debate pode usar confortavelmente a Bíblia para apoiar sua interpretação da história.

Seja como for, se totalizarmos as partes da Bíblia que narram atrocidades, encontramos 1.167 mil pessoas assassinadas por humanos e especificamente enumeradas naquele livro. Talvez um quarto dessas (cerca de 300 mil) seja um número historicamente plausível e com motivação religiosa.¹

Japão (1587-1660)

Durante a Rebelião Shimabara, de 1637 a 1638, a força rebelde cristã de 20 mil guerreiros e 17 mil mulheres e crianças foi chacinada, deixando apenas 105 sobreviventes. Ao todo, a Igreja Católica conta 3.135 mártires de nomes conhecidos e 200 mil a 300 mil mártires desconhecidos no Japão naquele período.²

Bósnia (1992-95)

Quando a república da Bósnia-Herzegovina, predominantemente muçulmana, se separou da Iugoslávia, os sérvios cristãos locais e o governo em Belgrado tentaram evitar esse desligamento. Duzentas mil pessoas morreram na guerra civil que se seguiu.³

Sati (declarado ilegal em 1829)

O sacrifício de uma viúva na pira funerária de seu marido era prática comum na Índia, particularmente no estado de Bengali, onde as autoridades registraram 8 mil satis entre 1815 e 1828. Talvez 60 mil viúvas, ou perto disso, foram queimadas vivas por toda a Índia durante o século anterior, e algumas centenas de milhares desde a Idade Média.⁴

A Guerra Civil Inglesa (1642-46)

Na luta entre os puritanos do Parlamento e os defensores da Alta-Igreja do rei, 190 mil ingleses morreram, inclusive, no final, o próprio rei.⁵

Líbano (1975-90)

O Líbano foi originalmente separado da Síria francesa, para dar aos cristãos locais um país onde pudessem ser uma (tênue) maioria. Por volta de 1975, a maioria nacional já era de muçulmanos, de modo que irrompeu a guerra civil pela partilha do poder. Cento e cinquenta mil pessoas foram mortas.⁶

Argélia (1992-2002)

Até 150 mil morreram numa guerra civil que começou quando a junta militar recusou entregar o governo aos partidos fundamentalistas muçulmanos que haviam vencido as recentes eleições.⁷

Vietnã (1820-85)

Um total de cerca de 130 mil missionários e convertidos católicos foram mortos sob a perseguição movida por diversas gerações de governantes vietnamitas.⁸

Rússia (1919)

Cerca de 115 mil judeus foram mortos em *progroms* empreendidos pelos soldados antibolcheviques na Ucrânia durante a Guerra Civil Russa.⁹

Império Bizantino (C. 845-55)

A imperatriz bizantina Teodora (não a esposa de Justiniano; essa Teodora foi a viúva do imperador Teófilo, o regente de Miguel III, e depois canonizada) perseguiu e matou 100 mil paulicianos, seguidores da heresia gnóstica.¹⁰

A revolta holandesa (1566-1609)

Os protestantes do norte da Holanda se rebelaram contra o domínio espanhol. O duque de Alba, espanhol, se vangloriou de ter executado 18.600 rebeldes depois de ter sido enviado para sufocar o levante. Ao todo, 100 mil pessoas morreram na revolta, inclusive 8 mil no saque da cidade de Antuérpia. As terras protestantes se transformaram na República Holandesa, independente, enquanto o sul, católico, continuou leal à Espanha, e depois se tornou a Bélgica.¹¹

Ucrânia (1648-54)

Na rebelião contra a Polônia, os cossacos, comandados por Bogdan Chmielnicki, massacraram até 100 mil judeus, e varreram do mapa trezentas comunidades judias.¹²

Império Romano do Oriente (514-18)

Quando o imperador Anastásio nomeou bispos monofisitas, isto é, que acreditavam que os aspectos divino e humano de Cristo eram separados, em vez de bispos calcedônios, que acreditavam que os aspectos divino e humano de Cristo eram unificados, o general calcedônio Vitaliano se levantou em revolta contra o trono. Sessenta e cinco mil pessoas morreram no que Edward Gibbon chamou de “a primeira guerra religiosa”.¹³

Caça às bruxas (1400-1800)

Sessenta mil mulheres acusadas de serem bruxas foram queimadas ou executadas de uma ou outra forma por toda a Europa.¹⁴

Os Thuggee (até o século XIX)

Esse culto místico de ladrões e estranguladores talvez tenha sacrificado 50 mil viajantes em honra da deusa Kali.^b

Em Deus confiamos

Se formos categorizar as entradas dessa lista de acordo com quais religiões entraram em conflito, poderíamos ter o seguinte resumo:

crístãos *versus* crístãos: 9
muçulmanos *versus* crístãos: 3
crístãos *versus* judeus: 3
orientais *versus* crístãos: 3
judeus *versus* pagãos: 2
muçulmanos *versus* chineses: 2
muçulmanos *versus* muçulmanos: 2
sacrifícios humanos na Índia: 2
sacrifícios humanos no México: 1
matança ritual em Roma: 1
muçulmanos *versus* hindus: 1
maniqueus *versus* taoistas: 1

Provavelmente podemos ir além e agrupá-los em quatro categorias maiores: sacrifício humano de indígenas (4), religiões monoteístas lutando entre si (17), pagãos lutando contra religiões monoteístas (8) e pagãos

levantando distúrbios em suas próprias hostes (1). No início da história, a maioria das matanças religiosas envolvia sacrificar pessoas para subornar e aplacar as perigosas forças do universo. Então, o judaísmo e seus rebentos, a cristandade e o islamismo, imaginaram uma visão do mundo em que um único e todo-poderoso deus exigia uma crença estrita, sem concessões, em vez de oferendas tangíveis. Depois disso, as matanças religiosas tiveram a tendência de surgir do atrito entre crenças incompatíveis.

Observe que os seguidores das religiões orientais não se mataram frequentemente uns aos outros, discutindo sobre quem tinha o melhor deus. Isso também aconteceu com pagãos, xamanistas e animistas. Essas religiões, relativamente flexíveis, geralmente se mantêm calmas até que se defrontem com as rígidas religiões monoteístas.

Embora a maioria de nós seja a favor da tolerância religiosa, no final essa é uma estratégia derrotada. A intolerância monoteísta de crenças rivais é uma das principais razões mais flexíveis pelas quais ela tem conseguido êxito em substituir as religiões nativas da Europa, África, Américas e Oriente Médio.

^aA ambiguidade da religião de Hitler lança confusão sobre essa questão. Em público, ele era católico. Falava bem de Cristo e nunca foi excomungado. Muitos de seus seguidores se consideravam cristãos lutando contra o comunismo ateu. Quaisquer que tenham sido seus planos para a cristandade, ele tratava esta mais suavemente e com mais respeito do que fazia com o comunismo, o judaísmo e os homossexuais.

É difícil identificar a religião pessoal de Hitler. Os nazistas durões preferiam se considerar *Gottbläubiger*, “crentes em Deus”, uma maneira formal de se afastar da cristandade, e a categoria ampla em que Hitler melhor se enquadra é o deísmo, a crença num poder impessoal, mais alto, baseado na razão e na natureza, sem revelação ou milagres. Isso o coloca no mesmo sistema de crenças de Benjamin Franklin, Mark Twain, Voltaire e Thomas Jefferson, embora claramente na outra extremidade do espectro moral.

^bA tendência mais recente dos acadêmicos é tratar os thugs principalmente como gangues de bandidos, com muitas superstições, em vez de considerá-los pertencentes a um culto; entretanto, a opinião tradicional considera o sacrifício humano como sendo a principal motivação dos thugs, de modo que eu os incluí nesta lista (Mike Dash, *Thug: The First True Story of India's Murderous Cult*, Londres, Granta Books, 2005 [*Thugs: A primeira história verdadeira do culto de assassinos indianos*]).

A REBELIÃO FANG LA

Número de mortos: 2 milhões¹

Posição na lista: 37

Tipo: revolta de camponeses

Linha divisória ampla: dinastia Song *versus* rebeldes

Época: 1120-22

Localização: China

Quem geralmente leva a maior culpa: Chu Mien

Outra praga: a revolta camponesa chinesa

À semelhança de Nero e Hitler, o imperador Huizong da China era um artista, exceto pelo fato de que era um artista bastante bom. Suas obras de arte ainda são expostas em museus de todo o mundo. Ele apreciava as coisas boas da vida, como poesia, cantos de pássaros, palácios perfumados com mobílias laqueadas, jardins ornados de lindas pedras, flores raras e chafarizes. Para agradá-lo, os ministros percorriam o país sequestrando os mais esplêndidos objetos para deleite do imperador. Violavam túmulos e invadiam residências ricas à procura de tesouros escondidos. Um desses funcionários, extremamente cúvido, era especialmente mesquinho em oprimir a população, e seus agentes se apoderaram de um bosque de árvores de laca que pertencia a Fang La.

Fang La vivia na cidade de Muzhou, na província litorânea de Zhejiang. Notável por sua generosidade, ele era o líder comunitário dos Adoradores Vegetarianos do Demônio, que era como os chineses chamavam os maniqueus.

Fundada pelo profeta Mani, na Pérsia, no século III d.C., o maniqueísmo é uma religião extinta que acreditava num eterno conflito entre as forças do bem e do mal. O cristianismo provavelmente extraiu a ideia completa de céu e inferno dessa seita, conceito esse que não era nem judaico nem greco-romano, mas bem maniqueísta. Devido ao fato de os maniqueus acreditarem que tanto o bem como o mal eram igualmente fortes e mantidos em equilíbrio, seus inimigos os acusaram de jogarem dos dois lados e adorarem o diabo. As autoridades persas jogaram Mani numa prisão pelo resto da vida depois que ele surgiu com sua nova religião. Apesar da perseguição, os ensinamentos de Mani se espalharam por toda a Ásia e a China, pelas rotas das caravanas.

As religiões originárias da China tendem a cair em duas tradições. O confucionismo, baseado nos ensinamentos de Confúcio, é um código de comportamento social, enquanto o taoísmo, baseado nos ensinamentos de Lao-tsé, é uma cosmologia mística que tenta explicar o universo. Ambas se originaram no passado semimítico da China, no século V a.C. Nenhuma das duas religiões espera que seus seguidores sigam uma única fé com exclusão de todas as outras, e dizem que os chineses tradicionais, pré-comunistas, eram confucionistas em público e taoistas na vida privada.² O budismo, outra religião comum na China, originou-se na Índia, também no século V a.C., mas se adaptou facilmente e se entranhou na cultura chinesa sem muito alarde.

O imperador Huizong não era apenas um mecena das artes, mas também um devoto do taoísmo, e um dos poucos governantes do país a declarar fora da lei o budismo, que ele considerava uma influência estrangeira deletéria. Também pelo mesmo motivo vinha tentando erradicar o maniqueísmo. Os funcionários do governo desencorajavam diversas práticas associadas com essa religião persa, tais como o vegetarianismo e o uso de roupas brancas. Quando Fang La se viu ultrajado por Chu Mien, cavou um profundo poço de ressentimento maniqueísta e uma rede religiosa que poderiam ser usados para organizar e planejar uma revolta.

A princípio, os rebeldes tiveram êxito contra as milícias locais, com táticas de atacar e fugir, mas depois vieram tropas veteranas da fronteira, sob o comando do general eunuco Tong Guan. Esses soldados profissionais derrotaram facilmente as forças de Fang La em batalhas em campo aberto, de modo que os rebeldes se refugiaram em cavernas, onde resistiram aos assaltos. Para esvaziar o apoio popular aos revoltosos, Tong Guan não fez valer a autoridade imperial para se apoderar de propriedades a seu bel-prazer. Finalmente, em maio de 1121, uma mulher do local conduziu as tropas imperiais até dentro das cavernas; Fang e sua família foram capturados. A rebelião continuou por alguns poucos anos, mas as forças do governo por fim varreram do mapa a resistência remanescente.

Infelizmente, tirar as tropas da fronteira enfraquecera fatalmente o império, e bárbaros jurchens, da Manchúria, irromperam pela Grande Muralha e conquistaram o norte de China. A dinastia Song recuou e se reagrupou ao sul, com apenas metade do território com que começara seu ciclo de poder.³

GÊNGIS KHAN

Número de mortes: 40 milhões¹

Posição na lista: 2

Tipo: conquistador do mundo

Linha divisória ampla: mongóis versus civilização

Época: viveu em cerca de 1162-1227, mas não avançou contra o mundo senão em 1206

Localização: interior da Ásia (o maior império terrestre contínuo já criado)

Quem geralmente leva a culpa: Gêngis Khan

Outra praga: a invasão mongol

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Ele podia ter sido menos destrutivo, não é?

Escondida no fim do mundo, a Mongólia é uma região selvagem, hostil e poeirenta, que é sinônimo de remota. É onde encontramos ossos de dinossauros e nômades rudes, e nenhuma das grandes redes de *fast-food*. A Mongólia moderna é um pequeno país do formato de uma bola de futebol americano, que foi jogado para lá e para cá por países maiores durante centenas de anos, mas os mongóis se consolam com o conhecimento de que, em certa época, produziram o mais bandido de todos os bandidos da história da humanidade, Gêngis Khan.

Na realidade, é claro que os mongóis não podem se vangloriar da indiscriminada mortandade por ele praticada. De fato, eles negam isso enfaticamente, realçando sua coragem, audácia, esplendor, esperteza, ocasionais atos de caridade, juntamente com a façanha, reconhecidamente útil, de ter unido o Oriente e o Ocidente em uma única entidade política. Eles mostram todas as úteis invenções, tais como a massa de farinha de trigo e, talvez, a pólvora, que circulavam para cima e para baixo do vasto império sem precedentes. Orgulhosos, eles usam a imagem de Gêngis Khan para decorar suas cédulas de dinheiro, garrafas de vodca e de cerveja, lojas, hotéis, letreiros nas ruas e barras de chocolate.²

Alguns ocidentais acreditam nisso. Quando um estudo genético recente mostrou que Gêngis Khan pode ter 16 milhões de descendentes vivos, muitos relatos o descreveram como um “amante prolífico”, não um estuprador compulsivo.^{a3} Em toda a sua obra *Gengis Khan and the Making of the Modern World* [*Gêngis Khan e a construção do mundo moderno*], Jack Weatherford escreve frequentemente como se fosse um advogado de

defesa tentando derrubar a tese do promotor: “Embora o exército de Gêngis Khan tenha matado um número de pessoas sem precedentes... seus soldados evitavam a prática usual na época de modo importante e surpreendente. Os mongóis não torturavam, mutilavam ou aleijavam.”⁴ Depois que uma flecha disparada das muralhas da cidade sitiada de Nishapur matou seu genro, Gêngis Khan deixou que sua própria filha, viúva, decidisse a sorte da cidade. “*Dizem* que ela decretou a morte de todos... De acordo com histórias amplamente divulgadas, *mas sem confirmação*, ela ordenou que os soldados empilhassem as cabeças... em três pirâmides separadas: uma para os homens, outra para as mulheres e a terceira para as crianças. Depois ela *supostamente* ordenou que os cachorros e gatos... fossem mortos, de modo que nenhuma criatura viva sobrevivesse ao assassinato [*sic*] de seu marido.” (Acrescentei as ênfases, em itálico.)⁵

Pessoalmente, eu acho perturbador ver as vítimas de Gêngis Khan serem ignoradas, tão facilmente quanto os que negam o Holocausto ignoram os judeus, e depois perceber que daqui a centenas de anos alguns historiadores estarão reabilitando a reputação de Hitler.

Mas essa não é uma questão, realmente, de preto ou branco. Nenhum líder mundial pode ir tão longe quanto Gêngis Khan sem certa dose de carisma, adaptabilidade e competência. Se gastamos diversas gerações estereotipando um governante como um selvagem de mentalidade curta, sedento de sangue, depois, mais cedo ou mais tarde, pesquisadores iconoclastas perceberão que há mais coisas na história do que estereótipos simplistas.

Um órfão faminto

Quem foi esse homem chamado Gêngis Khan? Bem, para começar, esse não é o nome dele, é um título significando “Líder Universal”. Essa não é nem mesmo uma boa tradução para o português, porque tendemos a pronunciar ambos os “g’s” da mesma forma. Ao longo dos séculos, o “Universal” já foi traduzido para o inglês como Zingis (século XVIII), Jenghiz (século XIX), Genghis (século XX) e Chinggis (século XXI), mas a grafia preferível em português é Gêngis, e é a que usaremos.

Mas vamos começar com Temujin, pois esse era seu nome real. Nasceu de maneira insignificante, em um lugar remoto da Mongólia, por volta de 1162, em uma das diversas tribos rivais da estepe. Quando tinha 9 anos, a

tribo rival dos tártaros assassinou seu pai, e então a família precisou fugir para o exílio. Temujin teve de lutar pela supremacia dentro da própria família; matou seu meioirmão mais velho por ele ter ostensivamente roubado um animal que ele próprio abatera numa caçada. Temujin casou-se com a idade de 16 anos, mas uma tribo rival sequestrou sua esposa. Embora ele rapidamente a tivesse trazido de volta, ela apareceu grávida, de modo que a paternidade daquele filho, seu primogênito, sempre foi posta em dúvida. Por fim, Temujin se ligou a um líder de tribo que era muito conhecido por, ocasionalmente, ferver a carne de prisioneiros vivos em um caldeirão.

Pessoalmente carismático, Temujin reunia seguidores entre outros indivíduos desvalidos, o que significava que seus acólitos deviam tudo que tinham a ele, e não a um acidente de nascimento.⁶ Ele valorizava tanto a lealdade que, mesmo quando a deslealdade entre seus inimigos lhe era vantajosa, o culpado era punido. Numa determinada cidade, os soldados da guarnição se esgueiraram e abriram os portões para que seu exército entrasse. Gêngis Khan mandou-os executar por sua traição.

Temujin ouviu falar da lendária beleza de uma princesa tártara, de modo que mandou seus seguidores sequestrá-la. Seus soldados avançaram e raptaram a noiva. Eles a levaram até Temujin, que a tomou como uma de suas muitas esposas. Algum tempo mais tarde, numa reunião da corte, ele viu sua noiva ficar branca de terror. Olhando em torno, Temujin viu apenas um rosto desconhecido no grupo, de modo que mandou prender e interrogar o homem. Era o ex-noivo da mulher, que só queria olhá-la mais uma vez. Temujin mandou decapitá-lo.

Quando Gêngis Khan finalmente derrotou os tártaros, dizem que ordenou a seus seguidores que alinhassem todos os homens e meninos junto a uma carroça, e que matassem todo homem tártaro que fosse mais alto do que a cavilha da roda do veículo; no entanto, sua tentativa de exterminar a tribo que matara seu pai é ou puro mito ou então não foi tão bem-sucedida. Os tártaros por fim vieram a formar uma parte tão importante de seus exércitos que as palavras *tártaro* e *mongol* adquiriram quase o mesmo significado para os europeus.⁷

A maior parte da carreira de Temujin foi passada consolidando as tribos das pastagens da Mongólia numa única nação guerreira. Ele incorporou e conquistou tribos para seu exército, espalhando-as por sua organização. Os mongóis vieram a constituir mais um exército do que uma etnia, uma fusão de diferentes clãs que abandonaram seus pequenos feudos e uniram-se e

se subordinaram a Temujin. Depois de muitos anos de matança, uma reunião de tribos recentemente unidas, em 1206, proclamou Temujin seu Gêngis Khan, senhor do universo. O título era, contudo, um pouco prematuro.

Os lobos das estepes

Escolas de guerra e polemófilos,^b isto é, estudiosos da arte da guerra, reservam um lugar especial para os mongóis. Aqueles cavaleiros combinavam a liberdade da vida ao ar livre dos caubóis com o choque e temor de uma *blitzkrieg*.^c Como um exército moderno, os arqueiros mongóis a cavalo confiavam na sua mobilidade e em projéteis para aniquilar os inimigos, de modo que inspiravam mais admiração profissional do que as lentas linhas de camponeses lanceiros.

Entre os pastores nômades das estepes eurásianas, meninos já com idade bastante para andar tinham também idade para cavalgar, de modo que se tornavam hábeis cavaleiros na mais tenra idade. Como o pastoreio de gado era muito parecido com uma batalha, todos os homens ficavam treinados nas artes da guerra desde o início. Os pastores controlavam os bandos de carneiros, vacas e cabras montados em velozes pôneis, conduzindo o gado numa direção escolhida, dividindo-o em grupos menores e selecionando umas poucas cabeças para a refeição diária. As técnicas de abater os bois e carneiros funcionavam da mesma maneira que para matar pessoas. Os arqueiros chegavam com seus cavalos perto o bastante para enviar uma rajada de flechas no inimigo compacto, e depois fugiam antes que o inimigo pudesse retaliar. Mantinham essa tática o dia todo, enfraquecendo as fileiras adversárias e criando brechas que podiam ser lentamente alargadas, separando a maior parte dos soldados em grupos menores, que eram eliminados com maior facilidade.⁸

Além das habilidades táticas dos nômades, havia sua extraordinária mobilidade para cobrirem longas distâncias. Os exércitos de camponeses eram presos à terra, tanto defendendo-a quanto cultivando-a, e só podiam dispor de um punhado de homens do total de adultos para campanhas a grandes distâncias.

Os nômades, entretanto, viviam em carroças e tendas, e se alimentavam do gado vacum, cabras e carneiros. Podiam simplesmente levantar sua nação inteira e levá-la para onde fossem. Nos tempos de calmaria, entre as batalhas, ele podiam também pastorear seus animais e cuidar das famílias,

vivendo bem onde quer que houvesse pastagem bastante para sustentá-los.

Essa habilidade de correr de lugar para lugar fazia com que os exércitos mongóis parecessem muito maiores do que realmente eram, motivo pelo qual a palavra *ordu*, originalmente designando uma unidade militar mongol, passou para o português como *horda*, um enorme bando.

Muitos historiadores admiram abertamente Gêngis Khan por seu domínio da guerra psicológica. Varrendo do mapa populações inteiras que se opunham a ele, Gêngis Khan esperava aterrorizar futuros inimigos, obtendo sua imediata submissão, e dessa forma salvando inúmeras vidas; bem, exceto pelos milhares originalmente massacrados para firmar seu ponto de vista, é óbvio.⁹ E excluindo as cidades que, corajosamente, tentavam lhe resistir; é claro que eram massacradas também. Às vezes, uma cidade se rendia sem qualquer luta, mas então Gêngis Khan decidia que deixar para trás uma guarnição militar era um grande problema, de modo que matava todo mundo. E, obviamente, muitos, muitos refugiados, aterrorizados com as histórias propagadas, morriam de fome, doenças e exaustão ao fugirem do rolo compressor mongol. Assim, quando somamos tudo isso, sua propaganda provavelmente não salvou tantas pessoas quanto alguns historiadores alegam.

As armas mongóis eram as melhores de seu tipo em todo o mundo, e o arco composto foi a mais letal arma conhecida pelo homem por muitos séculos. Ele se originou numa antiguidade distante, mas os mongóis se tornaram mestres em usá-lo.

Dobre uma vara sobre o joelho até que ela quebre. Esse é o tipo de pressão que um arco sofre cada vez que dispara uma flecha. A melhor solução é fabricar um arco com materiais que aumentem o desempenho e contrabalancem os problemas específicos que surgem ao longo da curva. Por dentro a curva precisa ser feita de um material que se comprima e descomprima muito sem quebrar. Chifre é o material ideal para isso. A parte de fora da curva precisa de um material elástico que se estique sem perder a tensão. Este seria o tendão, o forte tecido conectivo que une músculos aos ossos. Depois, junte todas as partes firmemente com cola de cascos fervidos que possa sofrer repetidas tensões e você tem um arco composto, feito inteiramente de materiais que os mongóis podiam obter de seus rebanhos.¹⁰

Por que os exércitos de todo o mundo não se armaram e treinaram com arcos do modelo mongol? Como dominar o uso de um arco e cavalgar bem

é algo que exige anos de treinamento, cada substituição de um soldado mongol abatido levava vários anos. Além disso, as campanhas exauriam e matavam cavalos mais depressa do que a maioria das sociedades era capaz de fazer essa substituição.^d Além disso, o fornecimento de suprimentos por parte de sociedades agrícolas era útil para produzir grandes contingentes de infantaria descartáveis, munidos de armas de fácil manejo, como lanças, machados e arcos comuns. A essas sólidas linhas de infantes, uma sociedade sedentária, civilizada podia acrescentar uma força móvel de impacto, formada por cavaleiros encouraçados, montados em pesados corcéis de batalha, que podiam não ser tão rápidos nem tão numerosos como a horda nômade, mas que podiam vencê-los e perseguí-los antes que causassem muito estrago.

China

Nesse tempo, a China estava dividida ao meio. A parte sul ainda estava sob o domínio da dinastia Song, uma manifestação puramente chinesa, famosa por sua arte, poesia e justiça. Só foi conquistada depois do avanço avassalador do neto de Gêngis Khan, Kublai Khan, de modo que não vamos tratar disso agora.^e Já a China setentrional estava sob o mando relativamente benigno de conquistadores estrangeiros, vindos do norte, os chefes guerreiros jurchen, que governavam de Pequim como a dinastia Jin.

Em 1211, cerca de 100 mil mongóis com 300 mil cavalos cruzaram o deserto de Gobi e venceram a cavalaria Jin no desfiladeiro conhecido como Boca do Texugo, na borda norte do território chinês. Uma coluna mongol avançou com grande rapidez para tomar a capital secundária de Mukden, atualmente Shenyang, mas a capital principal, Pequim, aguentou seu primeiro ataque e o sítio subsequente. Enquanto esperavam que a cidade se rendesse, os mongóis devastaram as cercanias. Embora não tivesse máquinas de sítio, Gêngis Khan descobriu outro meio de conquistar algumas das outras cidades amuralhadas em todo o norte do país. Ele reunia todos os civis que podia encontrar e os levava à frente de seus grupos de assalto, como escudos humanos, enquanto os mongóis avançavam em segurança à retaguarda deles. Ou os defensores gastavam todas as suas flechas matando não combatentes, ou se recusavam a atirar e rendiam-se, um jogo de ganha-ganha para Gêngis Khan.

Decorrido um ano, os jins pagaram um resgate e Gêngis Khan abandonou o sítio de Pequim. Sentindo-se perigosamente exposto na

fronteira, o imperador Jin deslocou a corte para o sul, de Pequim para Kaifeng, na outra margem do rio Amarelo. Algumas unidades chinesas, entretanto, tomaram essa atitude como sinal de fraqueza e traição, e desertaram para o campo mongol, levando muitas artes militares úteis para o inimigo, tais como a fabricação de máquinas de sítio, para conquistar fortificações. Agora que tinham a capacidade de tomar a capital, os mongóis tornaram a sitiá-la a cidade. Ela foi conquistada, saqueada e incendiada em maio de 1215, mas Gêngis Khan era tão indiferente ao valor das cidades que nem mesmo assistiu à captura, deixando essa tarefa para um general chinês vira-casaca.

Dizem que 60 mil mulheres lançaram-se das muralhas de Pequim para evitar o estupro. Provavelmente esse número é um exagero, mas a enorme extensão da devastação é óbvia. Um ano mais tarde, um batedor vindo de Khwarezm, a cidade que vinha a seguir na lista de Gêngis Khan, investigou o local para confirmar o terrível destino dessa grande cidade. “Segundo seu relato, os ossos das pessoas mortas formavam montanhas, o solo estava pegajoso com gordura humana, e algumas pessoas que o acompanhavam morreram de doenças propagadas pelos corpos em decomposição.”¹¹

As tentativas dos mongóis de conquistar o remanescente do império Jin, além do rio Amarelo, falharam, quando suas linhas de suprimento ficaram muito longas, enquanto os recursos do império eram facilmente concentrados, mas isso não causou muita preocupação a Gêngis Khan, em absoluto. Durante os próximos anos ele considerou o norte da China mais como uma terra de ninguém, para ser desapiedadamente saqueada, e não uma província conquistada, a ser administrada e que pagasse impostos. Não aprendera bem a apreciar o valor da economia urbana.¹²

Morte de Khwarezm

Outrora a região desértica e sem vegetação, atualmente coberta por todos os *istãos* da Ásia central, abrigava uma fieira de cidades-oásis, ao longo das rotas das caravanas entre a Pérsia e a China. Com pomares e jardins irrigados, aquele era o próspero centro cultural do Islã, conhecido como Khwarezm. Dizem que a cidade de Bukhara tinha uma população de 300 mil habitantes e uma biblioteca de 45 mil volumes, entre eles os duzentos escritos por um filho nativo da cidade, Ib Sina, o maior cientista do Islã medieval.¹³ Merv, a cidade natal do poeta Omar Khayyam, tinha dez

bibliotecas contendo um total de 150 mil volumes escritos à mão.¹⁴ Hoje, se olhar para um mapa, você não encontrará Khwarezm em local nenhum. Aqui está por quê.

Durante alguns poucos anos, depois da queda do norte da China, Gêngis Khan e o sultão Muhammad, de Khwarezm, entretinham-se em jogos diplomáticos, trocando presentes, emissários, embaixadas e cartas agradáveis, a fim de envergonhar um ao outro com sua própria insuperável magnificência. Certos presentes ou formas de cortesia implicavam superioridade, o que significava que o outro tinha de responder com esplendor ou então admitir derrota. Finalmente, em 1219, o sultão cansou-se desse joguinho de ver-quem-é-mais-rico. Quando uma esplêndida caravana de enviados e mercadores mongóis chegou à cidade khwarezmi de Utrar, o governador local, com a conivência do sultão, acusou-os de serem espiões e mandou matá-los todos. Quando Gêngis Khan mandou embaixadores para a corte do sultão de Khwarezm, na cidade de Bukhara, exigindo compensação e punição, o sultão matou um embaixador e arrancou a barba dos outros dois, o que era ainda mais insultuoso do que a morte, na cultura da Ásia central.¹⁵ Gêngis Khan avançou então para o oeste com um exército de efetivo entre 100 mil e 150 mil. As unidades de vanguarda viajavam quase 100 quilômetros por dia.

No primeiro embate dos exércitos, os khwarezmianos foram massacrados, deixando um número de 160 mil mortos no campo. Utrar, local do primeiro insulto, foi sitiada por cinco meses. Finalmente, um dos comandantes sitiados tentou fugir por um dos portões laterais. Os mongóis o surpreenderam e o executaram por traição, mas isso abriu o portão para que o exército mongol invadisse impetuosamente a cidade. O governador montou uma barricada na fortaleza interna, que aguentou por mais um mês. Quando ele foi capturado, Gêngis Khan mandou derramar prata derretida nos seus olhos e ouvidos.¹⁶ A cidade foi saqueada e incendiada. A erradicação da cidade foi tão completa que, até recentemente, os arqueólogos não haviam descoberto sua localização exata.

A cidade de Balkh se rendeu sem luta, mas, mesmo assim, Gêngis Khan chacinou seu habitantes, de modo que suas tropas não teriam de ficar preocupadas com sua retaguarda quando avançassem para a cidade seguinte.¹⁷

Depois foi a vez de Bukhara cair. O historiador muçulmano Ibn al-Athir descreveu a cena como “um dia de horror. Não se ouvia nada, a não ser o soluçar dos homens, mulheres e crianças, separados para sempre,

enquanto os mongóis faziam a partilha da população. Os bárbaros violentavam o recato das mulheres sob os olhares de todos os seus desafortunados maridos, que, na sua impotência, só conseguiam chorar”.¹⁸

Gurganj resistiu a um sítio de cinco meses, começando em 1220. Finalmente, prisioneiros feitos em conquistas anteriores foram forçados a encher os fossos com terra e detritos, e a cavar buracos por baixo das muralhas. Depois que elas desabaram, a cidade foi tomada quarteirão por quarteirão, rua por rua, num combate lento, desesperado. Dos prédios os defensores lançaram baldes de óleo fervente no caminho dos invasores. Três mil mongóis tentaram cruzar o rio, mas soldados muçulmanos na ponte resistiram ao assédio, e os mongóis foram trucidados até o último homem. Quando a cidadela finalmente caiu, em abril de 1221, os mongóis quebraram os diques e desviaram o rio, para apagar todo vestígio da cidade.¹⁹ As mulheres e crianças foram vendidas para mercadores de escravos e 100 mil cativos com habilidades que poderiam ser úteis aos mongóis foram enviados de volta para a China. Todos os outros foram conduzidos como gado para a planície e lá, trucidados. De acordo com o historiador Juvaini, 50 mil soldados mataram 24 pessoas cada um, num total de 1,2 milhão de mortos.

Em cidade após cidade, em vez de atacar os defensores das muralhas diretamente, Gêngis Khan arrebanhava cativos, homens, mulheres e crianças do interior próximo e dos subúrbios, fazendo-os avançar na frente dos exércitos, onde sofriam o impacto direto das flechas dos defensores.

Ao ser atacada, uma mulher ficou com a esperança de se salvar gritando que ela engolira uma pérola para escondê-la dos saqueadores. O truque não funcionou. Ela teve as entranhas rapidamente cortadas, à procura da pérola. A partir desse dia, todos os outros cadáveres tinham a barriga cortada e suas entranhas inspecionadas.²⁰ Em outra cidade, o general mongol ouviu dizer que os vivos se escondiam entre os mortos, de modo que ele mandou que todos os cadáveres fossem decapitados e as cabeças fincadas em estacas, só para ter certeza de que não sobrara ninguém vivo.

Nishapur caiu ante outra coluna de mongóis em abril. A população foi chacinada e a cidade, demolida, passando-se o arado por cima depois. De acordo com o historiador medieval Sayfi, 1.747 mil foram mortos naquela cidade. Provavelmente isso é muito mais do que o número de habitantes, mas o número sugere a extensão do massacre. Se 1 milhão é o modo medieval de dizer “o maior número que se possa imaginar”, então o número de pessoas mortas em Nishapur foi claramente muito maior do

que se possa imaginar.

Quando os mongóis enviaram um mensageiro para exigir a rendição de Herat, os líderes da cidade o mataram, o que é geralmente considerado uma medida pouco acertada quando se lidava com mongóis. Felizmente o governador da cidade foi morto logo no início do subsequente sítio, e os habitantes imediatamente se renderam e puseram nele a culpa do mal-entendido. A população foi poupada, mas os mongóis executaram a guarnição turca de 12 mil soldados. Infelizmente, os habitantes levaram sua boa sorte longe demais. Depois que Gêngis Khan partiu para novas conquistas, os heratis se revoltaram contra a guarnição mongol, de modo que ele voltou e massacrou a todos.

O primeiro destacamento de vanguarda a chegar a Merv foi derrotado fragorosamente, e os prisioneiros feitos na escaramuça desfilaram pelas ruas e foram executados em público. Então chegou o grosso das tropas mongóis e acamparam fora das muralhas da cidade. A cidade estava superpovoada, com os refugiados vindos dos campos em torno, multiplicando muitas vezes o número de habitantes, que era de 70 mil. Depois de seis dias, a cidade se rendeu, e o comandante mongol ordenou que os cidadãos se reunissem fora das muralhas. Os mais ricos foram torturados para revelar o destino de seus tesouros escondidos. Quatrocentos artesãos e algumas crianças foram poupados para uso futuro. O restante da população foi massacrada. Mais tarde, um clérigo examinou as ruínas e contou os cadáveres, calculando o número total em 1,3 milhão. Os mongóis destruíram a represa que fornecia água para a região. Naquele local nunca mais foi construída uma cidade.²¹

Mais conquistas

Gêngis Khan voltou à China para eliminar os incômodos enclaves que haviam sobrevivido à sua conquista anterior. Passou um breve período tentando resolver a guerra que empreendia contra o Império Jin, mas não conseguiu nada, de modo que ele se voltou, em vez disso, contra os tangutes-tibetanos, que haviam descido do Himalaia e fundado cidades de apoio a caravanas nos oásis entre a China e Khwarezm. Cidade após cidade caíram ante suas hordas, não se registrando atos de misericórdia para com os prisioneiros. Os tangutes tentaram fugir para as montanhas e se esconder em cavernas, mas poucos tiveram êxito. Por muitos anos depois, o deserto continuava coalhado de ossos.

Quando o rei dos tangutes tentou negociar uma rendição segura para sua capital sitiada, Ningxia, em 1227, Gêngis Khan, já velho, sentia sua própria morte se aproximar. Suas últimas ordens foram para que nenhum tangute vivesse depois dele. Ningxia foi conquistada e a população, exterminada.

Nesse ínterim, dois dos mais confiáveis generais de Gêngis Khan, Subotai e Jebe, perseguiram o sultão Muhammad, de Khwarezm, que se refugiara bem no interior da Pérsia, mas o fugitivo morreu antes de ser capturado. Entretanto a expedição com aquela finalidade não foi um desperdício total, pois os mongóis tomaram a cidade persa de Qazwin enquanto passavam pela vizinhança. Os habitantes lutaram nas ruas, facas nas mãos, matando muitos invasores, mas sua resistência desesperada não conseguiu evitar o massacre geral, no qual pereceram mais de 40 mil pessoas.²² Em seguida, os mongóis seguiram para o norte, entrando no Azerbaijão e na Geórgia, destruindo inúmeras cidades, e cruzaram o Cáucaso, invadindo as estepes da Rússia e da Ucrânia. As colunas avançadas estavam entrando na Polônia quando chegou a notícia de que Gêngis Khan morrera, de modo que o ataque foi suspenso, enquanto os líderes retornavam para decidir a sucessão de seu líder.

Gêngis Khan foi sepultado num tumba secreta, em algum lugar bem no interior de sua Mongólia natal. Todas as testemunhas que por acaso viram a procissão funerária foram aprisionadas e mortas, para evitar que indicassem o local do sepultamento. Depois o corpo foi queimado com sua fortuna acumulada, os escravos que o carregaram sofreram uma emboscada e foram assassinados para esconder a localização para sempre. Sua sepultura nunca foi achada, mas localizá-la se transformou num dos maiores objetivos dos arqueólogos, capaz de tornar famoso quem o fizer.

Foi mesmo possível?

Por ora vamos esquecer a enormidade da contagem de mortos relatada como atrocidades individuais, e vamos focalizar, em vez disso, as estimativas gerais dos modernos demógrafos. Segundo todas as contagens, a população da Ásia desabou durante as guerras de conquista de Gêngis Khan. A China era o país que mais tinha a perder, e foi ela que perdeu mais, qualquer coisa entre 30 e 60 milhões. A dinastia Jin, governando o norte do país, registrou 7,6 milhões de residências no início do século XIII. Em 1234, o primeiro censo sob os mongóis registrou 1,7 milhão de

residências na mesma área. Na sua biografia do guerreiro, John Man interpreta esses dois dados pontuais como um declínio da população de 60 milhões para 10 milhões. No seu *The Atlas of World Population History* [*Atlas da história da população mundial*], Colin McEvedy estima que a população da China diminuiu 35 milhões quando os mongóis subjugaram o país durante o século XIII. Em seu livro *The Mongols* [*Os mongóis*], o historiador David Morgan calcula a população chinesa, somando o Norte e o Sul, como sendo de 100 milhões antes da conquista e 70 milhões depois.²³

John Man acha que, *grosso modo*, 1.250 mil pessoas foram mortas em Khwarezm, em dois anos, um quarto dos 5 milhões de habitantes originais. McEvedy afirma que a população do Irã diminuiu em 1,5 milhão; a população do Afeganistão, em 750 mil, enquanto a Rússia europeia perdeu 500 mil pessoas com a invasão mongol.²⁴

Uma das discussões mais comuns sobre Gêngis Khan é que, simplesmente, ele não poderia ter sido tão destrutivo, não é? Ele tinha armas tão primitivas, e havia muito menos pessoas para matar naquela época, de modo que como ele poderia ter matado mais pessoas que Stálin e a Primeira Guerra Mundial, combinados? Recentemente tem surgido uma tendência a reabilitar a reputação do grande chefe mongol, descartando as histórias de horror como propaganda. É interessante observar o debate ir para lá e para cá, ao longo do tempo, conforme cada especialista apresenta os seguintes argumentos:

J. D. Durand, 1960: “Um considerável declínio da população poderia ter sido causado pela luta entre os chineses e o invasor mongol... Entretanto, a forte magnitude da diminuição no norte, não compensada com qualquer aumento no sul, cria a suspeita de que o censo no norte deixou muito a desejar.”²⁵

Rene Grousset, 1972: “Embora tenham sido observados gestos de tolerância a respeito da estrita objetividade histórica, não vamos deixar de ficar horrorizados com a espantosa mortandade.”²⁶

David Morgan, 1986: “O professor Bernard Lewis, um pouco revisionista sobre a questão dos horrores praticados pelos mongóis, tem sugerido que, no século XX, estamos mais bem equipados para julgar a capacidade destrutiva do homem do que nossos antepassados vitorianos, para quem as conquistas dos mongóis pareciam terríveis, além da experiência humana normal... Ele acha... que deveríamos resistir à tentação de acreditar que os mongóis, cujo equipamento de destruição era tão primitivo comparado com o que Hitler tinha a seu dispor, pudesse ter

devastado o mundo islâmico tão completamente.”²⁷

David Morgan, 1986 (pelas próprias palavras): “É verdade que o que nós mais ouvimos é sobre a chacina e demolição das grandes cidades da [Pérsia oriental]. Mas mais sério... foi o efeito das invasões mongóis sobre a agricultura... Alguns dos [sistemas de irrigação] foram destruídos durante as invasões, e sem uma irrigação eficiente grande parte da terra logo se transformaria num deserto. Entretanto, uma consideração mais a longo prazo é que [esses sistemas], mesmo que fossem realmente destruídos, logo parariam de funcionar, se não recebessem manutenção constante. Daí, se camponeses fossem mortos em grandes números, ou fugissem de suas propriedades e não voltassem, a terra sofreria danos irreparáveis simplesmente por terem sido abandonadas.”²⁸

Jack Weatherford, 2004: “Os mongóis operavam uma virtual máquina de propaganda, que consistentemente inflava os números de pessoas mortas na batalha, e espalhavam o medo aonde quer que essas palavras chegassem.”²⁹ “Embora aceitos como fatos e repetidos por gerações, os números não têm base na realidade. Seria fisicamente difícil trucidar aquela enormidade de vacas e porcos, que ficavam esperando passivamente sua vez. Ao todo, aqueles que foram supostamente mortos ultrapassavam em número os mongóis na proporção de até cinquenta para um. As pessoas podiam simplesmente fugir correndo, e os mongóis não teriam meios de fazê-las parar.”³⁰

John Man, 2004: “*Um milhão e trezentos mil?...* Muitos historiadores têm dúvidas sobre isso porque soa simplesmente incrível. Mas sabemos, dos horrores do século passado, que o assassinato em massa é fácil... 800 mil foram mortos no genocídio em Ruanda, em 1994... em apenas três meses... Para um mongol, um prisioneiro inerme teria sido mais fácil de despachar do que um carneiro. Um carneiro é morto com cuidado, a fim de não estragar a carne... Não havia necessidade de tomar esse cuidado com os habitantes de Merv, que valiam menos do que um carneiro. Leva apenas segundos para cortar uma garganta, e partir para a seguinte.”³¹

O ponto importante a observar é que exatamente a mesma prova pode ser facilmente interpretada de direções diferentes. Uma queda registrada da população entre dois censos é ou um reflexo preciso de declínio maciço, ou uma indicação de que o censo não foi bem-feito. Ou o Holocausto mostra como é difícil matar grandes números de pessoas, ou prova como é fácil. Uma confissão completa de chacina de milhares ou é a verdade ou então mera jactância.

Há uma palavra para essa interpretação variável dos fatos subjacentes: *paradigma*. É a estrutura teórica em que as teorias, leis e generalizações são formuladas.³² Se o paradigma vigente declara que as populações humanas não declinam abruptamente, então o único modo de interpretar o censo é presumir que os dados estão errados. Se o seu paradigma declara que só a eficiência industrial das câmaras de gás tornou o Holocausto possível, é óbvio que bárbaros armados de lanças não podem matar milhões, independentemente do que as crônicas dizem. Em 1994, 1 milhão de pessoas foram massacradas em Ruanda em três meses, a maioria com facões, e o paradigma mudou, aceitando a ideia de que em um genocídio não era preciso ter câmaras de gás.

Comprovadamente, a história é influenciada pelas fontes disponíveis, e muitas das histórias que chegaram até nós são provavelmente exageradas. Infelizmente, quando você descarta muitas histórias como propaganda, se vê preso num ciclo paranoico, onde você não confia no que qualquer um diz, e só acredita no que quer acreditar. Talvez a incansável má fama que cerca Gêngis Khan significa apenas que a história foi escrita por suas vítimas. Por outro lado, isso se espera quando todo mundo que interagiu com ele terminou como vítima.

Todo mundo fazia isso?

Sempre que você começa a denegrir uma pessoa notável do passado, ouve dizer que eram outros tempos, diferentes. Todo mundo fazia isso. Você não pode julgar o passado por padrões modernos, dirão os defensores de Gêngis Khan. Todos os outros também foram maus, da mesma forma.

Será que isso é verdade? Será que todas as pessoas da Idade Média eram tão bárbaras quanto Gêngis Khan? Bem, infelizmente para os defensores daquele guerreiro, a refutação é quase tão fácil quanto acusá-lo. A carreira do Líder Universal cobriu quase os mesmos anos de um homem que foi quase tão famoso, quase tão influente e completamente o seu oposto. Vamos examinar a biografia de um contemporâneo que *não matou* tanta gente quanto Gêngis Khan.

Em 1206, o mesmo ano em que as tribos mongóis proclamaram seu general Temujin o “Gêngis Khan”, um asceta de 23 anos chegou a Roma. Como Temujin, Giovanni di Bernardone é mais comumente conhecido por seu outro nome, nesse caso, Francisco, o Francês, embora ele houvesse nascido na cidade italiana de Assis.^f Diferentemente de Temujin, as

primeiras tentativas de Francisco como militar foram simplesmente uma questão de dever para com sua cidade natal, e mostraram ser menos que uma lenda. Ele foi capturado pela tropas de Perugia com a idade de 20 anos e passou um ano como prisioneiro de guerra, antes que uma trégua lhe trouxesse a liberdade. Tentou de novo na guerra seguinte, mas foi mandado de volta para casa por ter contraído uma febre séria. Cativante, espirituoso e amante dos prazeres da juventude, Francisco voltou-se para a religião e para a filosofia, depois da experiência da guerra e de quase ter morrido.

Depois de dedicar os poucos anos seguintes ao estudo, Francisco de Assis concluiu que toda a natureza manifestava a benevolência de Deus. Considerava todas as criaturas vivas como irmãs da humanidade. Doando seus bens materiais e cuidando dos doentes e pobres, ele se empenhou em viver a vida que Jesus levara. Fundou uma Ordem monástica, os franciscanos, dedicada à pobreza e às boas obras, embora sua contribuição tenha sido principalmente como um exemplo carismático, mais do que um organizador metódico. Diferentemente dos severos homens santos, verdadeiros flagelos e escorpiões que toda religião produz, Francisco era sempre bem-humorado e amável.

Ele foi a primeira pessoa a ter registrados estigmas espontâneos, as cinco chagas de Cristo. Ter inventado essa nova maneira estranha de ser místico é algo que pesa contra ele, mas São Francisco de Assis exemplifica o que a cristandade tem de melhor. Morreu em 1226, um ano antes de Gêngis Khan. Nenhum coveiro foi assassinado para esconder a localização de sua sepultura. Ela é hoje um grande centro de peregrinação e uma das maiores atrações para turistas.

^a É bom ter em mente que, mesmo tendo 16 milhões de descendentes, Gêngis Khan não conseguiu substituir todas as pessoas que matou.

^b Não procure o significado dessa palavra no dicionário. Ela é inventada. Vem do grego *polemos*, guerra, e *philos*, amado, e significa um amador, que frequentemente lê, observa e discute sobre livros, filmes e artigos sobre a guerra, ou, mais sucintamente: um cara.

^c Guerra-relâmpago. (N. E.)

^d Por exemplo, mesmo sendo um habitat relativamente hospitaleiro para cavalos, dois terços do meio milhão de cavalos que o exército britânico usou para combater os bôeres em 1899-1902 morreram no confronto, a maioria de exaustão, doenças e desnutrição (Keegan, *History of Warfare [História da guerra]* (1993, pp. 187-188). Durante a Guerra Civil Americana, a proporção de cavalos que morria para cada homem também morto era de aproximadamente três para dois, mesmo que aquela tenha sido uma guerra de infantaria, na qual poucos cavalos ficavam expostos diretamente aos riscos da batalha (Margaret Elsinor Derry, *Horses in Society: A Story of Animal Breeding and*

Marketing, 1800-1920 [*Cavalos na sociedade: Uma história da criação e comércio, 1800-1920*] Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 121).

^e Como Kublai Khan queria capturar intacta essa rica região, foi menos destrutivo que seu avô.

^f O pai dele admirava os franceses e por isso deu-lhe essa alcunha.

A CRUZADA ALBIGENSE

Número de mortos: 1 milhão¹

Posição na lista: 46

Tipo: guerra religiosa

Linha divisória ampla: católicos *versus* cátaros

Época: 1208-29

Localização: sul da França

Quem geralmente leva a culpa: o papa Inocêncio III, Simon de Montfort

Uma tempestade perfeita

O catarismo foi uma heresia persistente que sobreviveu diversos séculos de tentativas de erradicação por toda a cristandade. Os cátaros acreditavam que Jesus não era deste mundo corrupto, mas sim uma entidade puramente divina, um fantasma. Ele viera para substituir o cruel e vingativo Deus do Velho Testamento, que criara esse Universo defeituoso. A palavra *cátaro* vem da palavra grega para “pureza”, e os cátaros acreditavam que todas as pessoas deviam se esforçar para se separar da corrupção do mundo material, a fim de alcançar uma condição chamada “perfeita”. Também acreditavam que os humanos não precisam de intermediários para receber a salvação de Jesus, o que, obviamente, não era condizente com a Igreja Católica Romana. Depois de muitos séculos de perseguição, os cátaros foram finalmente exterminados no seu último bastião, no sul da França, no século XIII.

A Cruzada

A soberania era algo complicado na região do Languedoc, no sul da França. Embora o rei francês exercesse o domínio final sobre a área, nobres estrangeiros, como os reis da Inglaterra e da Espanha, tinham também alguns feudos valiosos, dispersos por aquela área. Os senhores feudais tinham até mesmo mais autonomia ali do que a maior parte de seus pares em outras regiões.

A ausência de autoridade central atraiu heréticos. Os cátaros, também chamados de albigenses, não eram a maioria no Languedoc, mas constituíam uma minoria tolerada. Um número bem grande dos senhores

locais, tais como o poderoso conde Raymond VI de Toulouse, os consideravam cidadãos úteis, pacíficos e lhes davam proteção. Isso aborrecia a Igreja Católica, que acusava os cátaros das usuais atrocidades: sodomia, adoração ao diabo, rapto de bebês e profanação de objetos sagrados. Em maio de 1207, Raymond foi excomungado pela Igreja por não cooperar nos esforços para erradicar os cátaros.

Em janeiro de 1208, Roma enviou um exército para a região, tentando convencer Raymond a eliminar a heresia. Depois de negociações malsucedidas e acaloradas, assassinos desconhecidos mataram o representante papal, quando este voltava para Roma. A Igreja acusou Raymond pelo assassinato.

Então o papa Inocêncio III pregou uma Cruzada em larga escala contra os heréticos. Esse movimento ficou extremamente popular no norte da França, porque qualquer um que tomasse a cruz contra os cátaros ganharia os mesmos bônus espirituais junto a Deus que eram concedidos aos que iam lutar na Terra Santa. Isso sem terem de empreender a longa e desagradável viagem ou comer as “nojentas” comidas estrangeiras. Dez mil desses novos cruzados se reuniram em Lyon.

Beziers

A primeira cidade a ser atacada foi Beziers. Ela era bem fortificada e estava bem suprida, e todo mundo esperava que ela fosse resistir ao sítio, mas no primeiro dia, quando os cruzados montavam acampamento, diversos elementos indolentes, tais como cozinheiros e condutores de veículos, desceram até um riacho sombreado, abaixo das muralhas da cidade, para descansar e se refrescar.

Defensores postados na muralha começaram a trocar insultos com a gentilha do norte, e os ânimos esquentaram. Os cidadãos decidiram sair e dar uma lição àqueles nortistas desgarrados. Infelizmente, durante essa sortida, eles deixaram aberto o portão da cidade, cheio de civis, que os ovacionavam. Outros, no acampamento cruzado, perceberam a briga. Pegaram maças e correram para a confusão, escorraçando os inimigos de volta para dentro e perseguindo-os a curta distância. Quando os nortistas passaram pelo portão, os soldados desceram das muralhas para expulsar os invasores. Distraídos pela briga, ninguém percebeu que alguns dos mais espertos cruzados haviam se infiltrado dentro do bastião e levantavam escadas de mão contra as muralhas subitamente sem defensores.

E isso decretou o fim de Beziers.

Quando os cruzados erradicaram esse bastião da heresia, perguntaram ao líder das forças católicas, Simon de Montfort, como ele separaria os heréticos dos ortodoxos. Sua solução foi simples: “Matem todos; Deus saberá quem são os Seus.”^a Milhares de civis conseguiram santuário na igreja da cidade, mas os cruzados os seguiram lá dentro e chacinaram todos eles, apesar de tudo. Embora a maioria dos habitantes da cidade fosse católica, todos eles, 20 mil pessoas, foram massacrados, independentemente de sua religião.²

Raiz e galho

Cidade após cidade caiu em poder dos cruzados. Depois de ver seu fornecimento de água cortado, os habitantes de Carcassonne se renderam e foram exilados apenas com a roupa que usavam. A fortaleza de Minerve, numa montanha perto de Beziers, teve seu fornecimento de água interrompido quando as catapultas cruzadas destruíram o túnel fortificado que levava ao poço da cidade. Depois da rendição de Minerve, os cátaros foram convertidos ao catolicismo à força, exceto 140, que se recusaram e foram queimados vivos.

Depois da captura de Bram, todos os membros da guarnição cátara tiveram os olhos arrancados e o nariz e o lábio superior seccionados. Apenas um soldado foi deixado com um único olho intacto, a fim de guiar os homens sem rosto de volta, para espalhar o pânico no território cátaro.³

Raymond de Toulouse vinha se mantendo quieto, dando apoio aos cruzados, mas, depois de um ano vendo seus domínios serem devastados, ele mudou de lado. Depois de Toulouse resistir a um cerco empreendido por Simon de Montfort, Raymond contra-atacou, retomando grande parte do território perdido, e colocando Montfort sob cerco. No ano seguinte, os católicos voltaram a vencer e novamente sitiaram Toulouse. Como era vassalo e cunhado do rei Pedro II, de Aragão, no norte da Espanha, Raymond ganhou um novo aliado na luta contra os cruzados.

O Languedoc se transformou num pandemônio de batalhas, e Toulouse mudou diversas vezes de mãos antes de tudo terminar, mas a guerra continuou, ano após ano, sem um golpe fatal, final. Como o papa exigia apenas quarenta dias de participação na Cruzada para ganhar as graças de Deus, as multidões santas que iam para o sul todo verão, durante a temporada de lutas, faziam suas malas e partiam de volta para casa depois

de seis semanas, deixando Simon de Montfort sozinho no Languedoc, para enfrentar o contra-ataque dos cátaros.⁴

A guerra perdurou mais do que seus principais participantes. O rei Pedro II de Aragão foi morto em combate em Muret, em 1213. Em 1218, Simon de Montfort foi morto fora das muralhas de Toulouse por uma pedra lançada de uma catapulta, manejada por mulheres, de dentro da cidade. Raymond refugiou-se na Inglaterra durante algum tempo, depois foi a Roma defender sua causa; retornou à França para lutar e finalmente morreu em 1222.

Durante a década de 1220, a guerra continuou sob uma nova geração de líderes, filhos de Simon e Raymond, mas um por um os últimos bastiões cátaros caíram e não mais se ergueram. Em 1226, o rei Luís VIII da França empenhou-se com vigor na Cruzada, e então a maior parte do exército francês sobrepuiu os heréticos num único ano de dura campanha. O rei então negociou termos aceitáveis com os principais nobres do sul, e o Tratado de Paris deu fim às hostilidades em 1229.⁵

Nesse mesmo ano, Roma instituiu a Inquisição em Toulouse para ter certeza de que nenhum dos supostos convertidos estava, secretamente, realizando as antigas práticas heréticas. Rebeliões e levantes esporádicos continuaram a acontecer no interior da região por diversas décadas. Os apóstatas foram caçados. Os cátaros reincidentes e teimosos foram queimados, o último deles em 1321.⁶

^a Como ocorre com muitas citações históricas, não temos essa frase gravada ou escrita pelo próprio punho de Simon, de modo que metade dos historiadores que você consultar jurará que ele nunca disse tal coisa.

A INVASÃO DE HULAGU

Número de mortos: 800 mil¹

Posição na lista: 55

Tipo: conquista

Linha divisória ampla: mongóis *versus* árabes

Época: 1255-60

Localização: Oriente Médio

Quem geralmente leva a maior culpa: Hulagu

Outra praga: a invasão mongol

O grande khan Mongke, neto de Gêngis Khan, aborrecia-se com o fato de que a minoria muçulmana espalhada por todo o seu império considerava o califa de Bagdá, governante secular do Iraque e líder espiritual de todos os muçulmanos sunitas, como uma pessoa mais importante do que o próprio khan. Isso não podia ser tolerado. O califa precisava ser deposto.

Boatos dos preparativos para a invasão chegaram aos ouvidos da Ordem dos Assassinos, uma misteriosa seita muçulmana sediada na fortaleza montanhosa de Alamut, na Pérsia, que treinava assassinos especializados para matar inimigos por todo o mundo. Quando ficou patente que os mongóis se aprontavam para marchar para o oeste, a seita despachou quatrocentos de seus melhores homens para assassinar Mongke, embora os assassinos não fossem amigos do califa. O plano falhou, e, em 1253, Mongke ordenou a seu irmão, Hulagu, que retaliasse.

Em 1256, depois de uns poucos anos de preparação e uma longa marcha a cavalo, os mongóis chegaram. Mas então já um novo grão-mestre assumira o comando dos assassinos, e ele rapidamente se rendeu para evitar o pior. Em seguida, acompanhou os mongóis num circuito pelos castelos da Ordem, ordenando que se rendessem, o que ocasionou o fim dela. Por sua cooperação, o grão-mestre foi inicialmente bem tratado, mas por fim os mongóis que o acompanhavam encontraram uma desculpa para depô-lo do cargo e o espancaram até a morte.

No ano seguinte, Hulagu enviou mensageiros a Bagdá insistindo que o califa derrubasse as muralhas da cidade, enchesse os fossos de terra, e fosse obedientemente até ele para oferecer sua subserviência. O califa se encontrava no meio de uma luta pelo poder entre alguns membros da

corde, e “não achou tempo” para responder, e então Hulagu avançou.

Os mongóis chegaram em Bagdá em janeiro de 1258, e dentro de uma semana ficou evidente que resistir mais não fazia sentido. O califa e seus generais se renderam, e Hulagu mandou que a cidade fosse destruída. Embora o próprio Hulagu seguisse o tradicional xamanismo tribal dos mongóis, sua mãe, a esposa favorita e seu principal general eram todos cristãos nestorianos, da Ásia central, de modo que a população cristã de Bagdá ia ser poupada do pior. Disseram-lhes para procurar refúgio em sua igreja, que foi então declarada isenta do subsequente saque.

O restante da população foi chacinado. Livros da grande biblioteca foram atirados no rio Tigre, cujas águas ficaram negras de tinta e vermelhas de sangue. Como os mongóis acreditavam que dava azar derramar o sangue real na terra, enrolaram o califa num tapete e seus cavalos o pisotearam. Isso extinguiu a linhagem dos califas, que vinha desde os tempos de Maomé.

Mais tarde, historiadores persas relataram que 800 mil pessoas morreram no saque de Bagdá, mas na correspondência diplomática com o rei Luís IX da França o próprio Hulagu disse que ele matara 200 mil.

Depois os mongóis invadiram a Síria, aceitando a rendição das cidades árabes de Damasco e Alepo, e do estado cruzado de Antioquia. A maré mongol estava a ponto de inundar o Egito quando chegou a notícia de que morrera o Grande Khan Mongke. Hulagu retornou à Mongólia para decidir a sucessão, deixando para trás um subordinado para continuar a conquista. Os mamelucos egípcios derrotaram fragorosamente os mongóis e mataram seu general na batalha da Fonte de Golias (Ayn Jalut), na Palestina, o ponto extremo atingido pelos mongóis naquela parte do mundo.²

A GUERRA DOS CEM ANOS

Número de mortos: 3,5 milhões

Posição na lista: 28

Tipo: disputa dinástica

Linha divisória ampla: França *versus* Inglaterra

Época: 1337-1453

Localização: França

Quem geralmente leva a maior culpa: hoje a Guerra dos Cem Anos é geralmente tratada como um ato da natureza (isto é, apenas uma dessas coisas sem importância), inevitável, sem que haja realmente um culpado.

Pergunta embaraçosa: Quanto tempo durou?

Mas se a causa não é boa, o próprio rei deve pensar muito, quando todas essas pernas e braços, cortados na batalha, forem reunidos no Dia do Juízo Final, e gritarem todos: "Nós morremos em tal lugar", alguns praguejando, alguns pedindo um cirurgião, alguns por causa das viúvas deixadas para trás, alguns por causa das dívidas contraídas, alguns por causa de seus filhos deixados ao abandono. Eu temo que são poucos os que morrem bem quando morrem na batalha, pois como podem eles dispor caridosamente de qualquer coisa, quando o sangue é seu argumento? Agora, se esses homens não morrem bem, será uma coisa sinistra para o rei conduzi-los à luta; a quem desobedecer estivesse contra toda proporção de sujeição.

– William Shakespeare, *Henrique V*

A guerra eduardiana (1337-60)

Desde a época da Conquista Normanda da Inglaterra, em 1066, a Inglaterra vinha sendo governada por franceses, para sermos sinceros. Os historiadores os chamam de ingleses, mas a maior parte da nobreza inglesa falava francês como sua primeira língua. As leis do país eram escritas em francês. A nobreza inglesa tinha grandes propriedades e casas de verão na França, e o rei da Inglaterra frequentemente possuía tantas terras na França quanto o próprio rei francês. Eles eram franceses em tudo, exceto na geografia.

Quando o rei da França morreu, sem deixar filhos, em 1328, seu primo-irmão, o rei Eduardo III da Inglaterra reivindicou o trono para si. Em vez de aceitar a reivindicação, a nobreza francesa escolheu um nobre fraco, que eles podiam dominar, em vez de um rei poderoso, tal como seria Eduardo da Inglaterra. É claro que ele ficou furioso.

Como as guerras e intrigas locais o deixavam ocupado, Eduardo não se lançou à guerra para fazer valer seus direitos senão depois de decorridos dez anos. Por essa época, ele já tinha uma impressionante nova arma no seu arsenal. Ele vira pela primeira vez o arco longo ao caçar faisões nas fronteiras selvagens com o País de Gales. Feito da árvore chamada teixo e da altura de um homem, o arco exigia enorme força física para ser vergado, mas com ele um arqueiro treinado poderia, com uma flecha, atravessar três centímetros de carvalho sólido, a duzentos metros de distância, e uma couraça de armadura a cem metros. Impressionado como o arco comprido matava facilmente seus melhores cavaleiros e quebrava o ímpeto de seus ataques, Eduardo fez com que esses arqueiros constituíssem uma parte integral de seu próprio exército.

Como a guerra medieval raramente era secreta, os franceses, cientes do conflito que se aproximava, haviam reunido uma armada e se aprontaram para atacar primeiro, mas a frota inglesa encurralou os navios franceses em Sluys, no porto de Bruges, em 1340. Arqueiros apinhados a bordo dos navios ingleses varreram as tripulações dos barcos franceses, e deixaram os ingleses com o controle do Canal da Mancha. “Os peixes beberam tanto sangue francês, foi dito depois, que, se Deus lhes tivesse dado o dom da fala, eles teriam falado francês.”¹

Depois que os ingleses desembarcaram na França em 1346, os dois exércitos ficaram manobrando, um em torno do outro, no norte daquele país por diversos meses, tentando encurralar o outro no campo de batalha mais desvantajoso. O rei Eduardo percebeu que o melhor uso tático de sua força era dispor cavaleiros desmontados, soldados de infantaria e arqueiros em uma linha defensiva tipo porco-espinho, ericada de lanças, espadas e machados de batalha, e depois fazer com que os franceses atacassem. Finalmente, em Crecy, os ingleses tomaram uma forte posição no alto de uma colina e esperaram os franceses chegar. Quando começou a batalha, os cavaleiros franceses estavam tão ansiosos de atacar os ingleses que, para chegar às linhas de frente, eles atropelaram seus próprios arqueiros que recuavam. No primeiro embate, seus grandes e pesados corcéis de batalha viraram alvos ideais para os arqueiros ingleses. Depois os cavaleiros franceses, desmontados e com pesadas armaduras, se estafaram, escorregando e se esforçando para subir os aclives lamacentos, todo o tempo açoitados pelos arqueiros ingleses. Quando a refrega chegou ao fim, as perdas francesas eram espantosas, deixando as fileiras da nobreza fortemente desfalcadas.

Para consolidar seu controle sobre o norte da França, os ingleses colocaram o porto de Calais, no Canal da Mancha, sob longo e frustrante sítio. Finalmente, os líderes da cidade, que morria de inanição, ofereceram se render. Os ingleses estavam planejando o costumeiro massacre dos defensores, como castigo por lhes terem dado tanto trabalho, mas aqueles líderes se ofereceram para serem mortos, desde que fossem poupadas as vidas dos habitantes. Sua coragem comoveu o coração da rainha inglesa, que obviamente não conhecia nada sobre a maneira adequada de se fazer a guerra. Ela insistiu com o marido para que mostrasse misericórdia. Eduardo cedeu, provavelmente com um suspiro de cansaço, de modo que os líderes e a população de Calais foram expulsos da cidade, em vez de serem mortos. Em seguida, a cidade foi inteiramente anglicizada.

Com o norte sob controle, a guerra se moveu para o sul. Em 1356, o filho do rei, Eduardo, o Príncipe Negro, saiu saqueando o país a partir da Equitânia, região francesa controlada pelos ingleses na costa oeste. Chefiando seu exército, ele atravessou 420 quilômetros do centro da França, queimando cidades e castelos, a fim de provocar o rei francês, desafiando-o para a batalha. Quando chegaram ao rio Loire, entretanto, os ingleses descobriram que os franceses haviam destruído as pontes, ficando os ingleses sem recursos, a 250 quilômetros do Canal da Mancha. Os invasores fizeram meia-volta para retornar a seu país, mas o exército francês os alcançou em Poitiers, em setembro. Os 7 mil ingleses estavam inferiorizados em efetivo na proporção de cinco para um.

Como os cavalos eram alvos grandes, vulneráveis para os arqueiros ingleses, os franceses decidiram avançar a pé. Sua primeira onda chegou exausta e foi massacrada. Enquanto tentavam recuar, os soldados tropeçaram na segunda onda, que também virou um caos. Finalmente o rei João I, da França, reagrupou e liderou a terceira e maior onda na direção da posição inglesa, exatamente na hora em que os ingleses faziam uma sortida, para se aproveitar da vantagem que tinham. Os ingleses sobrepujaram a nobreza francesa e a lançaram numa retirada precipitada na direção da segurança da cidade de Poitiers, mas quando chegaram lá os franceses encontraram os portões fechados. A cavalaria inglesa se aproximou e facilmente massacraram os cansados sobreviventes da batalha. A França estava ficando com escassez de nobres e de opções.²

Entre os cativos da Batalha de Poitiers estavam o rei João da França e seu filho, os quais foram levados para a Inglaterra. O Príncipe Negro os levou em uma parada real, onde foram ovacionados pela população.

Apenas pelo fato de os dois países estarem em guerra, não havia razão para ser mal-educado com um hóspede. As negociações para a soltura dos reféns não foram adiante, e o rei francês morreu ainda como prisioneiro, em Londres, em 1364.

Depois de negociada uma trégua em 1360, o exército inglês deveria levantar acampamento e voltar para casa, mas um grande número de mercenários subitamente desempregados não tinha um lar aconchegante para onde voltar. Eles haviam gostado de viver às custas dos franceses conquistados e recusaram-se a desistir. Em vez disso, ficaram na França e percorreram o interior com exércitos predatórios, saqueando, estuprando e extorquindo a população.

A guerra carolínea (1369-89)

Quando ficou velho e enfermo, o rei Eduardo III da Inglaterra começou a negligenciar o domínio de seu país no continente. Depois de uma trégua de nove anos, o novo rei francês, Carlos (*Carolus*) V, decidiu retomar a guerra e ver se a história mudara a favor de seu país.

O pêndulo da oportunidade estava definitivamente se voltando na direção dos franceses. O Príncipe Negro foi acometido de uma doença devastadora e morreu em 1376. Quando seu pai, o rei, seguiu o mesmo destino um ano mais tarde, o trono inglês foi para Ricardo, o filho de 10 anos do Príncipe Negro, em vez de ir para um guerreiro testado na batalha. Os franceses aproveitaram-se de sua crescente vantagem, e, exceto por uns poucos enclaves litorâneos, varreram os ingleses do continente. Na década de 1380, os franceses haviam resolvido seu problema com os ingleses e faziam sortidas nos portos ao longo do litoral da Inglaterra.

Interlúdio de insanidade e paz (1389-1415)

Depois da morte de Carlos V, em 1380, o trono francês foi para seu filho de 12 anos de idade, Carlos, o Louco. Ele não começou seu reinado com esse apelido, mas, em 1392, uma misteriosa doença fez cair seu cabelo e unhas. Ainda febril e ligeiramente delirante, Carlos VI saiu cavalcando com seu séquito. Um ruído súbito o espantou, fazendo com que ele sacasse a espada e começasse a ferir todo mundo que via. Matou quatro escudeiros antes de ser contido.

Seus ataques de comportamento estranho iam e vinham, mas tornaram-se progressivamente mais longos e piores, conforme o rei envelhecia. Ele alternava entre um estado de estupor, quando ficava inerte, e uma alegria frenética. Certa vez ele, acidentalmente, tocou fogo em si mesmo e em diversos amigos enquanto desempenhava o papel de homem selvagem, desganhado, num baile de máscaras, e sua vida foi salva pela iniciativa rápida de uma duquesa, que apagou o fogo debaixo da própria saia. Nos seus dias ruins, ele urinava nas roupas, quebrava a mobília e permitia que seus filhos andassem andrajosos, por pura negligência. Durante algum tempo, ele acreditou que era feito de vidro e que quebraria se o sacudissem.³

Carlos era louco demais para liderar a França na guerra, de modo que reinou a paz. Em vez disso, os membros da família real passaram as décadas seguintes matando-se uns aos outros, no meio de intrigas da corte, os diversos parentes do rei brigando para ver quem realmente mandava. Embora estivesse a princípio muito apaixonada por Carlos, e continuasse tentando ter um herdeiro com ele a despeito de seu perigoso comportamento, Isabela, a rainha francesa nascida na Alemanha, por fim iniciou um caso com o irmão do rei, o duque de Orleans. O romance continuou até que agentes do tio do rei, Filipe, o Orgulhoso, duque da Borgonha, abateram o irmão do rei nas ruas de Paris.

Henrique V

Depois de quase uma geração completa de paz, o novo rei da Inglaterra, Henrique V, decidiu levantar o problema de novo. Esperando se aproveitar do caos que era a corte francesa, invadiu a França em 1415. Depois de conquistar o porto de Harfleur num sangrento assalto (“Mais uma vez, penetrando na brecha...”, conforme escreveu Shakespeare), ele perseguiu o exército francês numa longa marcha através da lama, da chuva e de um pegajoso clima de outono. A doença e a falta de alimentos retardaram e enfraqueceram suas tropas, e em seguida o exército francês se postou no seu caminho, pronto para a luta, em Agincourt.

Embora inferiorizados em efetivo na proporção de dois para um, pelo menos, os ingleses assumiram uma forte posição defensiva num terreno estreito, com ambos os flancos ancorados em bosques. Lá, esperaram e apossaram os franceses com nuvens de flechas partidas de seus arcos compridos. Alucinados além de qualquer conduta racional, a linha principal

de cavaleiros franceses atacou ainda debaixo de uma mortal chuva de flechas. Quando as duas linhas inimigas de infantaria pesada finalmente se encontraram, os franceses já estavam cansados, frustrados e eram em menor número que os ingleses. Houve um massacre.

Nesse ínterim, atrás das linhas inglesas, um bando de camponeses franceses fez uma sortida no acampamento de Henrique para saquear e roubar. Com o caos acontecendo atrás dele, Henrique ficou preocupado com os prisioneiros franceses sob sua guarda, que poderiam se rearmar e atacar sua retaguarda, de modo que ele ordenou que os matassem. Os nobres ingleses se recusaram a cometer um ato tão vil, de modo que o rei passou a ordem para seus arqueiros, que eram camponeses e tinham menos escrúpulos a respeito de violar as regras de cavalheirismo. Mais ou menos ao mesmo tempo, o exército francês fugia da linha de frente dos ingleses, dando a estes a vitória.⁴

Completando mais um massacre da nobreza francesa, Henrique V pôde ditar os termos da paz. O rei francês Carlos VI, o Louco, concordou que Henrique V, da Inglaterra, fosse seu sucessor no trono da França, e, para selar o acordo, o rei inglês casou-se com a filha de Carlos, Catarina.

Aqui termina o drama patriótico de Shakespeare sobre a gloriosa cruzada de Henrique V, enfatizando a vitória da Inglaterra. Infelizmente o rei Henrique morreu antes do rei Carlos, o que deixou o filho de Henrique V, Henrique VI, na época um bebê, como novo rei da França. O destino do tratado ficou então incerto.

A Borgonha rompe com a França

João, o Destemido, o mais recente duque da Borgonha, não participara da campanha em Agincourt porque sua casa ainda disputava com o restante da família real francesa sobre quem deveria subir ao trono da França depois da morte de Carlos, o Louco. Em 1418, as forças borgonhesas arrebataram Paris da guarnição do rei Carlos para mostrar que o duque falava a sério.

No ano seguinte, o filho adolescente do rei, chamado de Delfim ou Príncipe Coroado, encontrou-se com João, o Destemido, numa ponte em Montereau para negociar um acordo, mas o príncipe montou uma emboscada e matou o duque. Aborrecido com a traição, o novo duque da Borgonha passou para o lado inglês na guerra, levando Paris consigo. O Delfim fugiu para o interior, de modo que, quando Carlos, o Louco, morreu,

em 1422, o príncipe não pôde assumir o título de rei. Os ingleses mantiveram a posse de Paris como trunfo de seu pretendente ao trono francês, o rei Henrique, ainda bebê.

Joana D'Arc

Por volta dessa época, 1429, uma camponesa adolescente ouviu as vozes desencarnadas de santos ordenando-lhe que se armasse, montasse num cavalo e salvasse a França. Como se estava na Idade Média, ela não foi sedada e enviada de cadeira de rodas a um quarto de hospital por seus parentes preocupados. Em vez disso, ela obedeceu às vozes e procurou a corte francesa, refugiada no interior. Depois de convencer o Delfim que realmente ouvira santos sussurrando-lhe ao ouvido, Joana liderou o exército contra as forças inglesas que sitiavam Orleans, uma passagem crucial sobre o rio Loire, que, você vai se lembrar, estancara o avanço dos hunos de Átila, mil anos antes (ver “A queda do Império Romano do Ocidente”).

Na verdade, a situação dos franceses em Orleans não era tão ruim assim, nem os ingleses tinham uma vantagem avassaladora. Provavelmente o sítio teria sido levantado se qualquer um tentasse a empreitada; entretanto os franceses quase já estavam desistindo. O moral estava baixo e eles já haviam aceitado passivamente que a cidade cairia. A chegada de Joana levantou o espírito de luta dos franceses, que atacaram e expulsaram os ingleses da região.

Depois que a guerra passou a ser travada em campo aberto, Joana encurralou o exército inimigo, esperando uma fraqueza por parte dele. Finalmente, em Patay, ela avançou contra os ingleses antes que eles conseguissem estabelecer uma linha defensiva. O ataque francês trucidou os ingleses e capturou a maior parte de seus comandantes. Isso abriu caminho para a cidade de Reims, onde os novos reis eram tradicionalmente coroados, de modo que o Delfim subiu ao trono com o nome de Carlos VII da França.^a

Em 1430, os borgonheses capturaram Joana e a venderam aos ingleses, que então convocaram clérigos complacentes de Paris para julgá-la. Joana foi declarada culpada de usar roupas de homem e queimada viva como bruxa.

A principal contribuição de Joana para a guerra fora mostrar que os cavaleiros franceses podiam vencer a formação “porco-espinho” dos

ingleses, se parassem de ser idiotas. O código de cavalheirismo francês exigia que eles não fugissem à luta, por mais desfavorável que fosse a situação. A tática comum, corrente, usada pelos franceses nas suas derrotas em Crecy, Poitiers e Agincourt, era lançar uma carga de cavalaria contra uma forte posição inimiga. Nunca ocorrera aos franceses esperar até que pudessem surpreender os ingleses em desvantagem. Joana teve a autoridade moral para convencer os cavaleiros a modificar suas regras rígidas, e a colocar mais inteligência nos ataques. Com seu encorajamento, inspirado por Deus, os franceses começaram a aplicar táticas modernas no seu esforço de guerra.⁵

Fim de jogo

Em 1435, a Borgonha abandonou sua aliança com a Inglaterra. A guerra continuou por quase vinte anos mais, mas o território inglês no continente foi ficando desgastado, o campo de batalha também diminuiu. Esses enclaves ingleses remanescentes, menores, produziam menos impostos, que ajudavam a sustentar exércitos menores, os quais evitavam correr quaisquer riscos. Quando os impostos eram elevados na Inglaterra, os camponeses se sublevavam, furiosos. Quando os impostos eram reduzidos, os mercenários estrangeiros abandonavam o exército e voltavam para casa.

O número de batalhas diminuiu, até que a última delas foi travada em Castillon, em 1451, que também passou à história como a primeira batalha na Europa ocidental em que as armas de fogo fizeram a diferença. Os canhões e mosquetes franceses sobrepujaram os arcos compridos dos ingleses, abrindo uma nova era da arte da guerra. Nesse ínterim, a atenção da Inglaterra se voltara para a disputa de sua própria dinastia. Fora desencadeada a Guerra das Rosas, de 1455 a 1485, com 100 mil mortes, ficando os ingleses ocupados demais para invadir a França outra vez.

Legado

A Guerra dos Cem Anos dividiu a França e a Inglaterra em dois países distintos, e isso nem sempre fora aparente. No mapa, a grande mudança foi que não havia mais grandes feudos ingleses em território francês.

O principal legado cultural foi que o povo inglês começou a abandonar o “francesismo”, prevalente desde a conquista normanda. Conforme se

sucediam as batalhas, os reis ingleses aprenderam a atizar a sede de sangue de seus súditos apelando para seu patriotismo, e exaltando a cultura inglesa em detrimento da francesa. Em 1362 foi instalado o Parlamento na Inglaterra pela primeira vez. Também os atos na corte passaram a ser feitos em inglês. Em 1404, com o crescente sentimento de nacionalismo, a Inglaterra decretou que as negociações com os franceses seriam feitas em latim, uma língua neutra, em vez de o serem em francês, a língua do inimigo.

Do lado francês, o principal resultado foi político. A guerra dizimara a nobreza francesa, e poucos nobres restaram para contestar o poder do rei. A fase final da guerra concentrara o poder na Coroa, e levava a França o mais perto de uma monarquia centralizada do que se poderia encontrar na Europa naquela época. A França se tornou a nação mais poderosa do continente, e se manteria nessa situação pelos próximos quatrocentos anos.

Número de mortos

Em 1937, o sociólogo Pitirim Sorokin somou e multiplicou diversas variáveis para calcular que os exércitos inglês e francês haviam perdido 185.250 soldados nos campos de batalha durante a Guerra dos Cem Anos.⁶ Outros calcularam que 40% da nobreza francesa morreram na Batalha de Agincourt e o mesmo na de Crecy.⁷ Essa foi apenas uma pequena parte do sofrimento.

Naquela época as ações bélicas não eram, em absoluto, cavalheirescas e torneios de destreza. Em vez de ficarem imobilizados sitiando castelos inexpugnáveis, os exércitos medievais frequentemente lançavam um *chevauchée*, uma sortida implacável e devastadora no território inimigo, que deixava um rastro de corpos e desolação por onde passava. Um número bastante grande dessas incursões conseguia quebrar o moral, espalhar o caos e tirar recursos do inimigo. Uma *chevauchée* bem-sucedida podia até mesmo provocar os defensores do castelo a saírem em campo aberto e lutarem como homens.

A França começou a guerra com uma população de aproximadamente 20 milhões de habitantes e terminou com apenas metade disso, cem anos depois.⁸ Essa foi também a época da Peste Negra, de modo que não há uma maneira fácil de determinar quantos, dos 10 milhões de desaparecidos, morreram por causa da guerra, e não por causa da peste; a maior parte

das autoridades que mencionam o colapso da população também reconhece que a guerra continuada foi um fator que contribuiu para aquele declínio. Como diz Robert S. Lopez, em *The Cambridge Economic History of Europe from the Decline of the Roman Empire* [*História econômica da Europa, da Universidade de Cambridge, a partir do declínio do Império Romano*]], “Na França, a guerra foi talvez uma calamidade pior do que a Peste Negra”.⁹ Traduzindo isso em matemática, implica dizer que a guerra pode ter sido a causa de mais da metade do declínio populacional:

perdas na guerra > $\frac{1}{2}$ (perda mínima na população: 7 milhões) = pelo menos 3,5 milhões

^a Na comitiva de Joana seguia Gilles de Rais, marechal da França, que ficou coberto de glória como um dos maiores guerreiros da nação, mas que, no final, herdou a fama de um dos maiores assassinos em série da história humana. Depois de se aposentar do serviço militar em 1435, indo viver nas suas propriedades, ele começou a sequestrar, sodomizar e estripar adolescentes. Quando foi preso, em 1440, confessou, com detalhes vívidos e convincentes, ter cometido 150 assassinatos. Foi rapidamente julgado, e condenado a estrangulamento, embora a heresia e a blasfêmia ritual que ele cometia durante os assassinatos tenha chocado mais seus contemporâneos do que o próprio ato. Considerando tudo, uma nota de rodapé cruel para uma era cruel (Wilson, *Mammoth Book of the History of Murder* [*O grande livro da história do assassinato*], pp. 51-59).

A QUEDA DA DINASTIA YUAN

Número de mortes: 30 milhões de desaparecidos

Posição na lista: 17

Tipo: levante nativo

Linha divisória ampla: chineses *versus* mongóis

Época: C. 1340-70

Localização: China

Quem geralmente leva a maior culpa: os mongóis

Outra praga: a dinastia chinesa em colapso

Conforme passavam as gerações, os mongóis foram aperfeiçoando seu modo de governar a China; mas vamos ser sinceros, eles não podiam fazer coisa ainda pior. Por fim a paz e a prosperidade voltaram, e um século depois da conquista inicial de Gêngis Khan a população chinesa tinha crescido novamente um pouco. Os khans conquistaram o sul da China, estabeleceram-se em Pequim como a dinastia Yuan e comportaram-se como verdadeiros imperadores, em vez de continuarem sendo bárbaros incultos. Logo aprenderam a apreciar os luxos do mundo civilizado e os impostos que os sustentavam.

Mesmo assim, os mongóis permaneciam estrangeiros na China, e tratavam os chineses como uma raça de servos conquistados. Todos os melhores empregos eram dados a mongóis, que tinham menos familiaridade com o que era necessário para gerenciar uma civilização. Os conquistadores não souberam especialmente continuar a manutenção dos sistemas de irrigação ao longo do rio Amarelo. O rio rompeu seus diques em 1288, e depois em 1332-33, matando 7 milhões de pessoas. Outra enchente do rio Amarelo, em 1344, arruinou o Grande Canal, que percorria quase 1.600 quilômetros de norte para o sul, e ligava o comércio através das diversas redes fluviais oeste-leste. Isso significou que os cereais não podiam mais ser transportados com segurança em barcaças, das plantações de arroz do sul para a capital. Em vez disso, os carregamentos de cereais iam pelo mar aberto, onde ficavam mais vulneráveis a ataques de piratas. Quando a província costeira de Zhejiang se rebelou, sob a liderança de Fang Kuo-chen, em 1348, sua frota pirata começou a interromper esses carregamentos nas águas que banhavam a província.¹

A Rebelião dos Turbantes Vermelhos

Em 1351, para resolver esses problemas, o imperador mongol Toghon Temur da China convocou 150 mil camponeses e colocou-os trabalhando no represamento do rio Amarelo. Também encarregou 20 mil soldados de manter os camponeses na linha. Forçados ao trabalho escravo, esses camponeses descontentes caíram sob a influência da atuante seita budista Lótus Branco e de seu braço armado, os Turbantes Vermelhos.² A Lótus Branco centrava suas atividades na adoração de Maitreya, o futuro Buda, que desceria do céu e criaria o paraíso depois de o Rei da Luz preparar seu caminho. Logo depois de ter desencadeado a rebelião contra os mongóis, o líder dos Turbantes Vermelhos, Han Shantong, foi preso e executado pelas autoridades, mas não antes de ter convencido seus seguidores de que seu filho, Han Liner, daria um excelente Rei da Luz.³

Entretanto, o homem que viria a ser o novo governante da China estava escondido em outro lugar. Entre os incontáveis órfãos deixados pela enchente de 1344 estava um menino camponês de 16 anos, Zhu Yuanzhang. Seu pai não pagava impostos e seu avô era feiticeiro. Zhu buscou refúgio em um monastério budista depois de ver os membros de sua família desaparecerem, um por um, devido às enchentes, à fome, à pobreza e à peste.

Os comandantes de campo mongóis encarregados de sufocar o levante dos Turbantes Vermelhos tinham a infeliz tendência de queimar aleatoriamente os templos budistas, e comunicar a Pequim que haviam apenas destruído outro bastião rebelde. Depois que viu seu templo ser destruído, Zhu, então com 23 anos, ficou sem teto, de modo que se juntou à força dos Turbantes Vermelhos, comandada por Kuo Tzu-hsing, que agia nas cercanias. Dentro de um ano, foi confiado a Zhu Yuanzhang um comando independente. Depois da morte de Kuo Tzu-hsing, em 1354, seus sucessores lançaram alguns ataques extremamente malsucedidos contra a cidade de Nanquim, na região centro-leste do país, durante os quais foram mortos os líderes remanescentes dos Turbantes Vermelhos naquela área. Zhu ficou sendo o último dos comandantes vivos e tornou-se o novo líder do grupo de guerrilheiros.⁴ Quando Nanquim finalmente caiu, em abril de 1356, Zhu fez da cidade sua capital e proclamou-se imperador da nova dinastia Ming (“Brilhante”), governando metade da China.

Zhu não foi o único a reivindicar o trono chinês. Em 1355, Han Liner, Rei da Luz entre os Turbantes Vermelhos do norte, era bastante forte para se

declarar o legítimo sucessor da dinastia Song, há muito extinta. Nesse ínterim, a liderança dos Turbantes Vermelhos no sul passou por uma série de assassinatos que eliminaram diversos pretendentes, e deixou Chen Youliang encarregado da chefia. Ele se proclamou imperador da restaurada dinastia Han e fez um acordo com Zhu Yuanzhang para dividir a China, de modo que cada um pudesse concentrar seus esforços em consolidar o controle sobre seus territórios.

À medida que os comandantes dos Turbantes Vermelhos iam conquistando cada vez maiores porções do território chinês, o controle mongol encolhia, sendo exercido em Pequim e pouco mais. Os mongóis, entretanto, não estavam inteiramente liquidados ainda. Em 1359, eles fizeram uma incursão para o sul e destruíram a base do poderio de Han Liner. Finalmente, em 1368, Zhu Yuanzhang expulsou os últimos mongóis de Pequim, fazendo-os atravessar a Grande Muralha de volta, o que permitiu que os nativos chineses se voltassem para a importante questão de decidir qual deles seria o novo imperador da China unida. Isso exigiu outra guerra civil.

A guerra Ming-Han

Como resultado do último ataque dos mongóis, Han Liner, da pseudodinastia Song, não era mais um candidato viável, mas, para finalizar esse estado de coisas, Zhu arranhou um acidente fatal de barco para seu concorrente, em 1367. Isso significava que o destino da China cairia ou sob o domínio de Zhu Yuanzhang, da dinastia Ming, ou de Chen Youliang, da dinastia Han, e as linhas de batalha se deslocaram para o Yang-tsé, onde ocorreram ataques anfíbios ao longo do rio. Durante algum tempo, Chen saiu vitorioso usando seus maciços navios de guerra, com três deques e castelos de popa altos e fortificados, para atacar por sobre as muralhas das cidades às margens do rio. Então, em 1363, Zhu Yuanzhang chegou com 200 mil homens a bordo de um número desconhecido de pequenos barcos, e fez levantar o cerco que Chen fazia à cidade de Nanchang. Chen retirou sua esquadra de 300 mil homens a bordo de 150 gigantescos navios com torreões, para as águas mais profundas e mais largas do lago Poyang, onde o Yang-tsé recebeu um importante tributário, e onde ele esperava ter mais espaço, na época mais de 5.200 quilômetros quadrados ou o tamanho do estado norte-americano de Delaware,⁵ para manobrar.

A batalha que se seguiu no lago, e que se estendeu do fim de agosto ao

início de outubro de 1363, é geralmente considerada a maior batalha naval da história, em termos de efetivos usados. Durante todo o mês de setembro, os pesados navios de Han agrupados no centro do lago e acorrentados uns aos outros para dar maior solidez foram acossados por todos os lados pelos vasos de guerra Ming, menores e mais numerosos, que esperavam uma oportunidade para abordar e incendiar as embarcações do inimigo. A princípio os barcos de Han infligiram maiores danos a seus atacantes do que este à frota agrupada, mas sob o sol do fim do verão o nível das águas caiu e as partes rasas se transformaram em pântanos, passando a vantagem dos gigantes navios Han para os barcos de Zhu, mais leves. Por fim, a frota de Zhu subiu o rio, aproveitando-se do vento e da corrente favoráveis. Aproveitando o vento, eles enviaram corrente abaixo barcos incendiados carregados de pólvora, ao encontro da esquadra de Han, fazendo explodir dezenas de embarcações e matando 60 mil homens. As frotas continuaram a fazer escaramuças, até que finalmente, um mês depois, Chen Youliang tentou de novo fugir ao cerco do lago. Dessa vez ele foi morto, por uma flecha no crânio durante uma batalha que se seguiu.

Logo Zhu Yuanzhang varreu de cena toda a oposição remanescente e estabeleceu o controle indisputado da China como o imperador Hongwu (“Grandemente Marcial”).⁶

Necrometria

De acordo com *The Cambridge History of China* [*História da China, da Universidade de Cambridge*], a recuperação pós-mongol da população chinesa atingiu, em 1340, o pico de 19,9 milhões de residências e 90 milhões de habitantes, mas foi reduzida com as guerras tardias de Yuan para 13 milhões de residências e 60 milhões de pessoas ao fim da dinastia, em 1368.⁷ Em outras palavras, 30 milhões de pessoas desapareceram na mortandade. Mesmo que aquela fonte culpe especificamente a guerra pelo declínio da população, eu ainda me sinto obrigado a dividir as mortes entre as enchentes, fome, peste bubônica e guerra. Vamos alocar um quarto (7,5 milhões) a cada uma dessas causas.

A CHINA MING

1368–1644 CE

0 200 400 600 800 1000 quilômetros
0 100 200 300 400 500 600 milhas



Maiores extensão da área sob controle da dinastia Ming, por volta de 1400

L. Baikal

Uighurs
TARIM BASIN

MONGÓLIA

MANCHÚRIA

QILIAN SHAN

Deserto de Gobi
Deserto de Ordos

Amarelo

Grande Muralha

Badger's Mouth (batalha 1211)

Shanhaiguan (batalha 1644)

Pequim

"Willow Palisade"

Po Hai

Grande Canal

Mar Amarelo

Mar do Japão

TIBETE

Luoyang

Chang'an (Xian)

Yangzhou

Nanjing

Lago Poyang (batalha 1363)

HONAN

ZHEJIANG

Mar da China Oriental

HIMALAIA

Tropic of Cancer

Taiwan

BURMA

DAI VIET

Hainan

Mar da China Meridional

Mar de Andamão

Phitsnulok
SIAM
Ayutthaya

Mar das Filipinas

A GUERRA BAHMANI-VIJAYANAGARA

Número de mortos: 500 mil

Posição na lista: 70

Tipo: choque de culturas

Linha divisória ampla: muçulmanos *versus* hindus

Época: 1366

Localização: Índia meridional

Principais Estados participantes: sultanato de Bahmani, Império Vijayanagara

Quem geralmente leva a maior culpa: o outro lado

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Hein?

Os muçulmanos da Ásia Central começaram a séria conquista da Índia por volta do ano 1000, e os séculos seguintes conheceram muita miséria plantada pelos exércitos conquistadores: 50 mil massacrados aqui, 100 mil massacrados ali, mas nunca o bastante num único lugar para fazer parte da minha lista das cem maiores atrocidades.

Por volta do século XIV, os muçulmanos já controlavam a maior parte do subcontinente. Na borda mais afastada de sua expansão encontrava-se o sultanato de Bahmani, na região centro-oeste da Índia. Opondo-se a ele, como último bastião da soberania hindu, havia um império centrado na cidade de Vijayanagar, no sul. O principal campo de batalha dessas duas potências foi Raichur Doab, uma cunha de terra entre a confluência dos rios Krishna e Tungabhadra, na Índia central.

Fazendo recuar os muçulmanos, Bukka Raya I, de Vijayanagar, capturou a cidade fortificada de Mudkal, no Raichur Doab, e matou toda a guarnição. Apenas um homem escapou, para relatar a chacina a seu soberano, Muhammad Shah, sultão bahmani, na cidade de Kulbarga. O potentado ficou tão perturbado com as notícias que ordenou a morte daquele único sobrevivente, por ter abandonado seus companheiros.

Muhammad marchou para o sul, atravessando o rio Krishna, e jurou que não descansaria até matar pelo menos 100 mil hindus, como vingança. No primeiro embate, as forças hindus foram dizimadas, e fugiram em precipitado pânico para a segurança da fortaleza próxima de Adoni, abandonando o acampamento e os seguidores do acampamento para serem massacrados pelos bahmanis.¹

Sem se preocupar em tomar aquela cidadela, Muhammad Shah cruzou o

rio Tungabhadra, penetrando fundo em território inimigo, que nunca antes fora invadido por muçulmanos, e usou canhões, pela primeira vez empregados na Índia. A batalha seguinte foi dura, durante todo o dia, até perto de quatro horas da tarde, quando o exército vijayanagarano cedeu e fugiu. Os soldados indianos geralmente eram acompanhados e servidos por suas famílias no acampamento, mas, na confusão, elas foram abandonadas à própria sorte. Mais uma vez Muhammad Shah ordenou um massacre geral de todos os que se achavam no acampamento hindu, não poupando nem as mulheres grávidas nem os recém-nascidos.

Durante os três meses seguintes, ele perseguiu Bukka Raya por todos os seus domínios, derrotando cada tentativa do inimigo de resistir, e matando todo residente local que caísse em suas mãos, independentemente de idade e sexo. Finalmente ele colocou a cidade de Vijayanagar sob sítio.

Depois de um mês frustrante, ficou patente que Vijayanagar poderia resistir o quanto fosse necessário, de modo que Muhammad se retirou, hostilizado durante todo o percurso de volta pelo exército hindu, que o perseguia de perto. Os dois exércitos cruzaram o rio Tungabhadra, na direção norte, voltando ao Raichur Doab. Finalmente, Muhammad Shah parou à noite e ficou esperando a força hindu chegar e acampar nas proximidades, como vinham fazendo os dois exércitos desde que começara a retirada. Por volta de meia-noite, entretanto, as forças bahmanis se infiltraram no campo adversário, armando uma emboscada aos perseguidores, matando 10 mil na escuridão e fazendo fugir os restantes. Muhammad prosseguiu, devastando o território circunvizinho com fúria genocida, matando todo habitante que pudesse encontrar.

Cansados da devastação, os líderes religiosos hindus e os oficiais do exército vijayanagarano imploraram a Bukka Raya que negociasse o fim da guerra. Ele enviou embaixadores para explicar a Muhammad Shah que, até o momento, era costume no sul da Índia não matar prisioneiros e civis. Os próprios oficiais de Muhammad Shah também lembraram a seu chefe que ele jurara matar 100 mil hindus, não *todos* os hindus. Quando Bukka Raya concordou em pedir desculpas e pagar uma reparação, Muhammad Shah voltou para casa atravessando o rio Krishna.²

Número de mortes

O historiador muçulmano Firishtah calculou que o número de mortos do lado hindu ultrapassou os 500 mil.³ Provavelmente não deveríamos tomar

isso literalmente, mas é uma ordem de magnitude plausível. De todas as guerras individuais durante a conquista muçulmana da Índia, essa é uma, de apenas duas, na qual o número de mortes relatadas ultrapassa o limiar para figurar na minha lista (ver “Aurangzeb”, que é a outra).

TAMERLÃO

Número de mortos: 17 milhões¹

Posição na lista: 9

Tipo: conquistador do mundo

Linha divisória ampla: Tamerlão *versus* qualquer um que ele pudesse alcançar

Época: reinou de 1370 a 1405

Localização: Ásia central, o olho do furacão sendo a cidade de Samarcanda

Quem geralmente leva a maior culpa: Timur, também chamado Tamburlão (versão antiga), ou Tamerlão (versão mais recente), a partir de seu apelido insultuoso, Timur Lenk ("o Manco")

Outra praga: a invasão mongol

O homem que você adora odiar

Por toda a Europa medieval, atores itinerantes viviam à margem da sociedade. Precisavam se conformar com as regras de comportamento, e agradar seus poderosos patrocinadores, membros da nobreza, de modo que eles nunca ousavam desafiar as autoridades. De acordo com as rígidas linhas de conduta do teatro dramático daquela época, o bandido sempre morria no final, geralmente de forma terrível, geralmente se arrependendo. Esperava-se que o teatro reforçasse as normas da sociedade.

Então veio o Renascimento, e no centro comercial que era Londres, dramaturgos bem-sucedidos perceberam que podiam se dar ao luxo de desafiar as regras. Christopher Marlowe escreveu uma peça, *Tamburlaine, the Great* [*Tamerlão, o Grande*], sobre um imperador do Oriente, um monstro glorioso, destruidor de cidades e sequestrador de mulheres. Tamerlão pavoneia-se no palco, maior do que sua vida realmente foi, e festeja sua riqueza, seus ardilosos planos e seu magnífico poder. Quando a peça termina, o vilão não se arrependeu e triunfa sobre todos os seus inimigos, rodeado por seguidores que o adoram. Ninguém jamais vira algo semelhante. As plateias adoraram a peça, e tornou-se o primeiro grande sucesso teatral da história registrada.

Em algum lugar da plateia, um jovem ator chamado Shakespeare, começando sua carreira de dramaturgo e amigo de Marlowe, percebeu que ele também talvez pudesse ganhar a vida escrevendo grandes peças dramáticas, cheias de cenas de sangue. Essa, entretanto, é outra história.² A

questão que nos diz respeito aqui é: quem foi esse magnífico vilão, para Marlowe conhecido como Tamerlão?

Primeiro, e de maior importância, ele era o tipo de chefe guerreiro bárbaro sobre o qual as pessoas tecem histórias. Para seus admiradores, ele era um tipo de guerreiro astucioso. Como um jovem bandido no interior selvagem da Ásia central, ele fazia seus soldados erguerem fogueiras desnecessárias em um círculo em torno do inimigo para convencê-lo de que estavam inferiorizados em efetivo. Fazia com que seus cavaleiros arrastassem ramos de árvores para levantar uma nuvem de poeira maior. Na invasão da Índia, ele amarrou pequenos montes de galhos secos nas costas de camelos. Quando os elefantes do inimigo avançavam, seus homens ateavam fogo às cargas dos camelos e os açulavam de encontro aos elefantes, que entravam em pânico e debandavam de volta atropelando o espantado exército indiano.

Criou-se também uma lendária crueldade em torno de sua pessoa. Quando a guarnição cristã de Sivas, na Armênia, perguntou quais seriam os termos para uma rendição, Tamerlão jurou que não derramaria uma gota de sangue. Depois que o inimigo se rendeu, ele cumpriu o prometido e, em vez disso, enterrou-os vivos.

Um contemporâneo árabe lembrou-se principalmente de animais predadores ao descrever os seguidores de Tamerlão: “leopardos do Turquestão, tigres de Balkhshan, falcões de Dasht e Khata, abutres mongóis, águias de Jata, víboras de Khajend”, e as pessoas em muitas outras nações perigosas apelidadas de mastins, leões, hienas e crocodilos. Era um exército cosmopolita, que ficava cada vez mais formidável a cada conquista.³

A biografia de Tamerlão é tão cheia dessas pitorescas passagens que os céticos questionam tudo que foi dito acerca dele, mas muitos de seus cronistas o conheceram pessoalmente, como diplomatas, aliados ou estudiosos caídos nas suas graças. A maioria das histórias chegam até nós, se não em primeira mão, então tão perto disso quanto o estudo de uma época de manuscritos permite. Por exemplo, se você está curioso sobre como sabemos coisas, como as estatísticas de mortes na Idade Média, aqui está uma história. Uma vez, quando o exército de Tamerlão partia em perseguição a um inimigo que fugia, cada soldado colocava uma pedra numa pilha. Quando voltavam da batalha, cada homem tirava uma pedra do monte. Contando as pedras restantes, Tamerlão sabia exata e imediatamente quantos homens perdera na luta.⁴

O aspecto mais confuso da biografia de Tamerlão é que ele simplesmente atacava de todo modo, sem um plano específico, de longo prazo, que não fosse o da conquista. Parte disso era a economia. O saque sustentava os exércitos naqueles dias, de modo que, obviamente, ele tinha de encontrar um suprimento constante de inimigos ricos para roubar. Outra parte era a geografia. Estar na Ásia central significava ter inimigos em todas as direções, e não havia fronteiras firmemente ancoradas num litoral.

Terra da confusão

Depois que Gêngis Khan morreu, em 1227, seu império unificado sobreviveu apenas por pouco tempo, antes que filhos, netos e generais o partilhassem em áreas mais facilmente governáveis: a dinastia Yuan, os Il-Khans, o khanato Chagatai e a Horda Dourada. Por mais uma ou duas gerações, esses quatro khanatos cooperaram, como uma espécie de sindicato do crime, com laços frouxos. Cada quarto do império tinha uma fronteira com territórios estrangeiros ricos, que podiam ser invadidos e saqueados, de modo que, teoricamente, eles não tinham razão para brigar uns com os outros. Dentro de algumas décadas, esse arranjo amistoso também desmoronou, e os herdeiros de Gêngis Khan se engalfinharam entre si. Tamerlão nasceu nesse caos, por volta de 1336. Encontraremos cada um desses khanatos, por sua vez, quando ele parte para conquistá-los e recriar o império de Gêngis Khan.

O clã mongol de Tamerlão se tornara nativo e adotara a língua turca e a religião muçulmana durante a geração anterior. Eles viviam no que fora antes a infeliz terra de Khwarezm, inteiramente devastada pelos mongóis, mas que posteriormente ficara sendo parte da herança do segundo filho de Gêngis Khan, Chagatai. Na época de Tamerlão, os khans rivais estavam guerreando uns com os outros, em busca do controle.

Tamerlão começou sua carreira como um bandido pouco importante. Quando jovem, foi ferido por flechas na mão direita e no joelho, enquanto participava de gloriosas batalhas, sua versão, ou roubando carneiros, a versão de seus inimigos, deixando-o manco e com um braço semiparalisado pelo resto da vida.⁵ Apesar dessas deficiências, ele conseguiu reunir um número bastante grande de seguidores para formar um impressionante exército de flibusteiros. Por fim, sua reputação como chefe guerreiro, uma estrela em ascensão, chamou a atenção do khan

principal, Tughlak, que o fez governador de Transoxiana.

Nos anos que se seguiram à morte de Tughlak, em 1366, Tamerlão sobrepoujou seus rivais e assumiu o trono em Samarcanda. A história aqui fica muito complicada, mas houve assassinatos, bem como batalhas ferozes e casamentos. Para reforçar sua linhagem, ele alegou ser descendente de Gêngis Khan e do genro de Maomé, Ali, mas hoje ninguém realmente acredita nisso, a menos que tenha sido uma coincidência. Tanto Gêngis Khan como Ali tiveram um monte de descendentes não registrados pela história. Você pode ser um deles.

Tamerlão tirou do nada um parente documentado de Gêngis Khan para assumir o trono de Samarcanda enquanto ele próprio ficava com o título mais modesto, de Amir, isto é, “Senhor”, e manejava as rédeas por trás da cortina. Ninguém se enganou com o expediente, e a maioria das histórias evita mencionar que Tamerlão não era, tecnicamente, o governante de seu império.

Às vezes é difícil separar Gêngis Khan de Tamerlão. Eles parecem ter se mesclado num molde de chefe guerreiro mongol genérico, mas há diferenças substanciais. Tamerlão era um muçulmano devoto, e avançou mais a fundo no Oriente Médio, contra lugares que é mais provável que você já tenha ouvido falar, como Damasco e Nova Déli, em vez de Nishapur e Bukhara.

Também diferentemente de Gêngis Khan, Tamerlão gostava de cidades; bem, de suas próprias cidades, pelo menos. Ele transformou sua capital, Samarcanda, numa das mais lindas cidades do mundo. Impressionado com o domo em forma de cebola que vira depois de capturar Damasco, ele mandou fazer uma réplica daquele detalhe arquitetônico em Samarcanda. Dali o estilo se espalhou para a Rússia, o Kremlin, e para a Índia, o Taj Mahal.⁶

Para outras cidades, entretanto, sua forma de arquitetura preferida era a torre de crânios. Depois de consolidar seu poder em Samarcanda, Tamerlão partiu para decorar o mundo com esses objetos sinistros.

Campanhas: sudoeste (1381-84)

Gerações após Gêngis Khan ter destruído Herat, em 1221, a cidade renascera, tornando-se uma parada rica e culta da Estrada da Seda. Durante os primeiros dias como mercenário itinerante, Tamerlão trabalhou para a dinastia que governava aquela cidade, e então tentou

negociar uma aliança marital. O governante na época concordou a princípio, mas ficou argumentando sobre os detalhes. Então os espiões de Tamerlão descobriram que Herat estava reforçando suas defesas, um evidente ato provocativo. Tamerlão atravessou velozmente 480 quilômetros de um deserto e montanhas inóspitas, para pôr cerco à cidade. Sabendo o destino que esperava uma defesa malsucedida, Herat desistiu de lutar e conseguiu misericórdia.⁷

Com seu exército mobilizado e tendo viajado tanto para o oeste, Tamerlão continuou sua ofensiva. Na partilha por quatro, a parte persa do império de Gêngis Khan ficara sendo o domínio dos Il-Khans, mas o khanato desmoronou mais ou menos na mesma época do ocaso da dinastia Chagatai. Explorando o vácuo do poder, Tamerlão invadiu a Pérsia com o que viria a ser sua característica crueldade.

Na cidade de Isfizar, ele trancou 2 mil prisioneiros em uma torre, deixando-os morrer de fome. Zaranj, cidade próxima, suscitava más lembranças para Tamerlão, pois fora lá que ele recebera seus ferimentos debilitantes, de modo que, embora tenham se rendido sem qualquer luta, os habitantes foram massacrados e sua cidade, incendiada.⁸

Sudoeste (1386-88)

Durante algum tempo, Tamerlão voltou para casa a fim de descansar, antes de invadir a Pérsia de novo. Depois de conquistar a cidade de Isfahan, no Irã central, ele instalou uma guarnição lá e estava pronto para conceder misericórdia, mas a população se sublevou e matou a guarnição. Tamerlão avançou sobre a cidade de novo e liquidou com seus habitantes, plantando em estacas as cabeças, como um aviso para outros, que podiam querer resistir a sua força. A cidade próxima de Shiraz entendeu a mensagem e rendeu-se imediatamente. Um historiador muçulmano explorando Isfahan logo depois contou 28 torres de 1.500 cabeças cada, antes de interromper o circuito que fazia em torno das ruínas. O provável total estava perto de 70 mil.⁹

Embora pensemos no passado como uma época mais brutal do que a de hoje, vale a pena notar que, entretanto, muitos dos soldados de Tamerlão ficavam horrorizados com a ordem de massacrar civis e outros muçulmanos. Tamerlão exigia de cada unidade certo número de cabeças, ou então que sofressem as consequências. Os oficiais eram designados para conferir a contagem. Os soldados de ânimo mais fraco compravam

sua quota dos companheiros com menos escrúpulos. A princípio, o preço de uma cabeça era 20 dinares, mas conforme o massacre prosseguia e o suprimento subia para cumprir a demanda, o preço caiu para meio dinar.¹⁰

Noroeste (1390-91)

Uma dinastia mongol, que se intitulava a Horda Dourada, herdara o quarto europeu do império de Gêngis Khan, a oeste dos montes Urais, estendendo-se pelas estepes da Rússia e da Ucrânia. Tinha havido uma disputa dinástica na década de 1370, e durante algum tempo Tamerlão deixou que Toktamish, o pretendente marginal da liderança, dormisse em seu sofá, falando metaforicamente, até que pudesse arranjar um cargo para ele. Tamerlão ajudou-o a conquistar o trono da Horda Dourada, mas então os dois herdeiros de Gêngis Khan se desentenderam. Logo depois que Tamerlão se retirara da sua primeira incursão na Pérsia, Toktamish se esgueirou atrás dele e tomou Tabriz, uma cidade que Tamerlão reservara para conquistar mais tarde.

Era evidente que a Eurásia não era bastante grande para a ambição dos dois. Tamerlão partiu para o norte, entrando na imensidão desconhecida da Sibéria, e depois virou para a esquerda, e, atravessando as vastas florestas da Rússia, surpreendeu o inimigo. Em junho de 1391, o exército de Tamerlão – 100 mil homens e mulheres^a – caiu avassaladoramente sobre a Horda Dourada, na Batalha de Kunduzcha. Depois de feroz luta, Toktamish fugiu, com as tropas de Tamerlão perseguindo-o de perto. De acordo com um cronista persa, Sharaf ad-Din Ali Yazdi: “Numa distância de quarenta léguas por onde eram perseguidos, nada se via a não ser rios de sangue e as planícies cobertas de cadáveres.”¹¹

Embora Toktamish conseguisse fugir, suas principais cidades, Sarai e Astrakhan, foram conquistadas e saqueadas.

Sudoeste (1393)

Pérsia, novamente.

Noroeste (1395)

Toktamish, novamente.

Sudeste (1398-99)

No verão de 1398, Tamerlão partiu para punir seu companheiro muçulmano, o sultão de Déli, por tolerar todas as culturas e permitir a livre circulação dos hindus, o que Tamerlão considerava uma afronta ao Islã. Em dezembro, ele já cruzara todas as montanhas, desertos e rios que separavam a Índia do restante do mundo, e conduziu seu exército para o sul, pela planície do Punjab. Enquanto atravessava o país, ele foi acumulando milhares de prisioneiros hindus, que levaria de volta como escravos.

O exército de Tamerlão sobrepujou as forças do sultão à vista das muralhas de Déli, derrotando os elefantes de guerra com a tática dos camelos flamejantes, descrita anteriormente. Durante a batalha, Tamerlão ouviu seus prisioneiros ovacionarem os ataques indianos, de modo que mandou matá-los, 100 mil deles, de acordo com as crônicas. Originalmente ele planejava poupar a cidade, mas, quando seus soldados saqueavam e praticavam estupros ao atravessar a cidade, surgiram altercações e lutas com os habitantes. A coisa evoluiu para uma verdadeira rebelião contra os invasores, que Tamerlão sufocou com sua típica crueldade. Cerca de 50 mil pessoas foram massacradas, e suas cabeças fincadas em estacas fora dos quatro cantos da cidade. Depois ele confiscou todo o tesouro que a grande capital acumulara ao longo dos anos, juntamente com dezenas de milhares de novos escravos.

Oeste (1400-1404)

Em outubro de 1400, Tamerlão avançou para o oeste. Tendo reduzido a Pérsia de um grande império a um mero atalho, ele atravessou o país e atacou além dele. No caminho, conquistou todas as grandes cidades, e enterrou viva a guarnição de Sivas. Destruiu Alepo e empilhou 20 mil cabeças. Depois saqueou e incendiou Damasco e eliminou sua população, em março de 1401.

Mostrando inusitada misericórdia, ele reasentou na Síria alguns soldados turcos derrotados. Com saudades de casa, esses soldados tentaram fugir sorratamente para sua terra natal, sustentando-se com roubos praticados no caminho. Tamerlão alcançou-os perto da cidade de Damghan e empilhou no campo suas cabeças sanguinolentas. Um diplomata espanhol junto à corte de Tamerlão, passando pelo local,

descreveu a cena: “Fora de Damghanat, a distância de um disparo de flecha, nós observamos duas torres, erigidas até uma altura à qual poderíamos atirar uma pedra, compostas inteiramente de crânios humanos unidos com argila. Além dessas havia outras duas torres semelhantes, mas essas pareciam já ter desabado no chão, podres.” Diziam que essas torres ficaram emitindo chamas sobrenaturais durante a noite, por anos, depois de erigidas.¹²

Uma pequena força enviada para se apoderar de Bagdá não tivera êxito, de modo que Tamerlão voltou com todo o seu exército e sitiou a cidade por seis semanas. Num dia insuportavelmente quente, quando os defensores se refugiaram na sombra, Tamerlão atacou. Depois que a cidade foi conquistada, ele ordenou que cada um de seus guerreiros lhe trouxesse uma cabeça cortada; algumas fontes dizem duas. Apenas os clérigos e os estudiosos foram poupados do massacre. Quando ficou patente que havia menos habitantes em Bagdá do que a cota estabelecida por Tamerlão, foram trazidas cabeças do próprio acampamento mongol: seguidores, prostitutas e escravos pessoais, porque ninguém ousava desafiar um comando de Tamerlão. Os mongóis demoliram todas as construções seculares e cercaram as ruínas com 120 torres, erigidas com 90 mil cabeças ao todo, enquanto Tamerlão fazia uma peregrinação a um santuário próximo, para rezar.¹³

A invasão para oeste colocou Tamerlão em conflito com os turcos otomanos, que estavam ocupados, eliminando os últimos vestígios do Império Bizantino. O sultão turco, Bayezid, o Trovão, esmagara uma fieira de inimigos, tanto na Europa quanto na Ásia, e tudo que precisava para coroar sua carreira e ser aclamado como o maior guerreiro da história do Islã era conquistar Constantinopla, sede do império, saída para o mar Negro, e o portão para a Europa, e que resistira por séculos aos invasores muçulmanos.

Então, em 1402, as hordas de Tamerlão surgiram avassaladoramente do leste, e Bayezid precisou abandonar seu sítio de Constantinopla para barrar o avanço dos mongóis. Bayezid partiu com um grande exército calejado nas batalhas e enfrentou Tamerlão em Ancara. Foi uma luta dura, e diversas unidades turcas, constituídas de conscritos descontentes, passaram para o lado inimigo, trazendo o caos à posição otomana. Bayezid foi derrotado e capturado, juntamente com seu séquito. Tamerlão tinha, sem querer, salvado a Europa dos turcos por meio século mais.

Contam-se muitas histórias da humilhação sofrida pelo ex-sultão nas

mãos do comandante mongol. Dizem que Bayezid foi mantido numa gaiola, em público, que sua esposa foi forçada, nua, a servir refeições a membros da corte, que Tamerlão o usava como banquinho para descansar os pés.^b Provavelmente essas histórias não são verdadeiras, porque não apareceram nos registros históricos senão muito mais tarde. Os primeiros historiadores disponíveis alegaram que Bayezid foi bem tratado.

Chegando ao litoral mais a oeste da Anatólia, na península da Turquia, Tamerlão montou cerco à Ordem dos Cavaleiros de Rodes, na cidade cristã de Esmirna, que aguentou o sítio por umas poucas semanas, e depois suportou o costumeiro massacre e pilhagem. Mais tarde, quando a frota cristã chegou para ajudar os cavaleiros a romper o cerco, Tamerlão escarneceu deles e mostrou que haviam chegado tarde demais catapultando as cabeças dos ex-defensores para cima dos navios.

Amir Tamerlão

Tamerlão tinha grande respeito pelos estudiosos e atraiu muitos deles para sua corte. Encomendou magníficas edições do Corão aos melhores calígrafos. Era também um mestre no xadrez, e a versão mais complicada do jogo ainda leva seu nome. No xadrez de Tamerlão, o tabuleiro tem duas vezes mais casas do que o xadrez regular e mais peças, tais como elefantes, que pulam duas casas, em diagonal, e girafas, que se movem uma em diagonal e três em linha reta.

Como muitos tiranos, Tamerlão impunha uma justiça severa e rápida nos seus domínios, e não era muito dado a considerar sutilezas. Quando voltou de sua guerra contra o oeste, e ouviu dizer que o governador de Samarcanda se mostrara opressor e ganancioso na sua ausência, Tamerlão mandou enforcar o homem. Todos os bens mal adquiridos do ex-governador foram recolhidos a seu tesouro. Não houve grande surpresa nesses atos, mas depois Tamerlão enforcou um amigo influente do ambicioso governante, que tentara comprar a liberdade deste. Depois Tamerlão enforcou outro funcionário que intercedera em prol do governador. Então, todo mundo entendeu o recado.¹⁴

Sua abordagem simplista à resolução dos problemas é mostrada repetidas vezes. “Tamerlão então deu ordens para que uma rua fosse construída passando diretamente através de Samarcanda, a qual deveria ter lojas de cada lado, e nas quais se venderia todo tipo de mercadoria, e essa nova rua deveria atravessar toda a cidade, de um lado a outro, bem

no coração da cidade... Não deu atenção às queixas de pessoas a quem as casas poderiam pertencer, e elas, com seus imóveis demolidos, tiveram de sair subitamente, sem aviso, levando consigo os bens e móveis como podiam.”¹⁵

Fim de jogo

Já então com 71 anos, Tamerlão esmagara os dois impérios mais poderosos da Ásia: Déli e os otomanos. Realizara conquistas em todas as direções, com exceção do leste, penetrando na China. Recentemente a dinastia Ming, liderada por Zhu Yuanzhang, expulsara os mongóis de seu país, e Tamerlão decidiu que isso não podia continuar. Com um novo exército, ele partiu para restaurar o império de Gêngis Khan, mas a velhice o alquebrou e ele morreu em 1405, antes de seu exército cruzar a fronteira.

O significado das conquistas de Tamerlão, embora tenham sido enormes, sangrentas e pitorescas, é pequeno e cheio de ironias. Ele era um muçulmano devoto, que destruiu quase exclusivamente inimigos muçulmanos, e foram os derrotados nas suas guerras que deixaram legados verdadeiros, enquanto Samarcanda se tornou uma cidade estagnada, deserta, sob o governo de khans cujos nomes foram esquecidos.¹⁶ Os otomanos se reagruparam e dominaram o Oriente Médio durante meio milênio. A Horda Dourada e seus sucessores tártaros bloquearam a expansão russa na estepe durante diversos séculos. O impacto mais duradouro de Tamerlão é que um ramo de seus descendentes forjou seu próprio destino como os mughales, da Índia (ver “Aurangzeb” para detalhes).

Conta-se uma história final sobre Tamerlão, que envolve sua própria cabeça decapitada. Em 1941, esperando fazer um retrato definitivo de Tamerlão, o cientista russo Mikhail Gerasimov abriu a tumba do guerreiro e tirou o crânio para fazer uma reconstrução facial. Os habitantes locais o haviam prevenido de que uma maldição cairia sobre qualquer senhor que perturbasse o repouso eterno do Senhor Tamerlão. Gerasimov zombou do aviso e continuou violando o túmulo. Dentro de poucos dias a maldição se cumpriu, e a Alemanha invadiu a União Soviética.

A nova nação da Ásia central, o Uzbequistão, está reabilitando Tamerlão como um herói nacional. Uma magnífica estátua equestre domina agora a principal praça da capital do país, Tashkent, substituindo o busto de Karl Marx, que estivera no local durante a era soviética, o qual já substituíra a

estátua anterior de Stálin, que substituíra a estátua original do czarista Konstantin Kaufman, conquistador russo da Ásia central. Aparentemente, aquela praça nunca honrou uma pessoa viável.¹⁷

^a Tamerlão foi inovador ao permitir que mulheres lutassem no seu exército, mas provavelmente elas não eram em grande número (Marozzi, *Tamerlane* [*Tamerlão*], p. 102).

^b Entretanto, não é por esse motivo que chamamos um divã de “otomana”.

A CONQUISTA DO VIETNÃ PELA CHINA

Número de mortos: provavelmente não foram 7 milhões¹

Posição na lista: 61

Tipo: guerra de conquista

Linha divisória ampla: China versus Vietnã

Época: 1406-28

Localização: Vietnã, também chamado, na época, de Dai Viet ou Anam

Quem geralmente leva a maior culpa: a China

Quando usurpou o trono de Dai Viet, nome medieval do Vietnã, em 1400, seu primeiro-ministro, Ho Quy Ly, estabeleceu boas relações diplomáticas com os vizinhos, especialmente a China, jurando que não sobrara nenhum herdeiro da anterior dinastia Tran. Então um príncipe dessa dinastia arruinou os planos de Ho, apresentando-se na China e pedindo ao imperador Ming ajuda para restaurar sua família no trono. Os chineses mobilizaram 800 mil soldados nas suas províncias do sul durante o verão de 1406, e invadiram o Vietnã.

Em invasões anteriores para o sul, as tropas chinesas haviam encontrado dificuldade para derrotar os elefantes de guerra dos exércitos do sudeste asiático, mas agora elas tinham cavalos disfarçados de leões e armas de fogo primitivas, disparando flechas flamejantes, para se contrapor àqueles animais. Os invasores chineses ocuparam a maior parte do país, e, em meados de 1407, capturaram e executaram o rei do Vietnã na época, o filho de Ho Quy Ly. Puseram um homem seu no trono, restaurando a dinastia Tran.²

Mas, em seguida, os chineses não quiseram retornar a seu país. Começaram a estabelecer novos distritos administrativos, com postos de cobrança de impostos, escritórios de sal para fazer valer o monopólio desse produto, escolas confucianas e registros budistas. Quando o rei do Vietnã insistiu que já era hora dos chineses irem embora, rebentou a guerra. Foi uma rebelião confusa, com um novo líder da dinastia Tran aparecendo de sopetão toda vez que os chineses matavam o anterior. Em 1413, o último desses líderes, Tran De Qui Khoang, foi derrotado em batalha e capturado, tendo depois cometido suicídio.

Os chineses assumiram o controle direto do Vietnã e se dedicaram a erradicar a cultura nativa. “Foram impostos ao povo vestimentas e hábitos

chineses, as mulheres eram obrigadas a usar calças curtas e coletes; as pessoas tinham de usar cabelo comprido; as instruções para o público eram feitas em chinês, enquanto se proibiam os livros vietnamitas.”³ O povo foi obrigado a trabalhar de maneira brutal para extrair os recursos do país.

Um aristocrático proprietário de terras, Le Loi, liderou uma rebelião, mas suas forças foram rapidamente dispersadas pela dinastia Ming em 1418. Ele reagrupou e refez seu exército, bem fundo nas montanhas inacessíveis. Os rebeldes ficaram escondidos em áreas remotas do país, e de lá só saíam ocasionalmente para empreender emboscadas contra as forças chinesas, visando angariar suprimentos. Se isso não produzia efeito, eles comiam os cavalos ou colhiam arroz silvestre e relva.

Durante os dez anos seguintes, Le Loi desgastou os chineses, atacando guarnições isoladas e comboios de suprimentos, e depois se retirando para as montanhas, quando chegavam forças maiores. Subornando funcionários corruptos, Le Loi conseguia suprimentos adicionais e mais espaço para respirar. Finalmente, os chineses desistiram e abandonaram o país ao líder rebelde, que estabeleceu a dinastia Le em 1428.

SACRIFÍCIOS HUMANOS ASTECAS

Número de mortes: 1,2 milhão

Posição na lista: 45

Tipo: sacrifícios humanos

Linha divisória ampla: sacerdotes *versus* prisioneiros

Época: C. 1440-1521

Localização: México

Quem geralmente leva a maior culpa: os astecas

A pergunta irresponsível que todo mundo faz: Eles não percebiam que o sol nascia toda manhã, mesmo que não lhe oferecessem sacrifícios?

Em 1521, derrotados por uma rebelião dos astecas, e retirando-se, em pânico, de Tenochtitlán, hoje Cidade do México, os espanhóis, sob o comando de Cortês, ficaram observando a distância os nativos matarem seus companheiros capturados:

Ouvia-se o sinistro bater dos tambores [Huitzilopochtli], e de muitas outras conchas, cornetas de chifre e coisas como trombetas, e o som delas todas era aterrorizante, e nós todos olhávamos na direção da alta pirâmide... e vimos que nossos companheiros... estavam sendo carregados à força pelos degraus acima...

Nós os vimos colocar plumas na cabeça de muitos deles, e com coisas como leques nas mãos eles os forçaram a dançar diante deles [Huitzilopochtli], e depois que haviam dançado, eles imediatamente os colocaram deitados de costas em pedras bem estreitas... e com algumas facas abriram seus peitos e tiraram seus corações palpitantes e os ofereceram a seus ídolos.

Jogaram os corpos degraus abaixo, aos pontapés, e os carneiros indígenas que esperavam embaixo cortaram seus braços e pernas, e arrancaram a pele dos rostos e a prepararam depois como couro de luvas, ainda com a barba... e a carne eles a comeram em *chilmole*.¹

O sacrifício humano é um fenômeno mundial, mas em nenhuma outra parte ele foi registrado numa escala tão grande como a encontrada entre os astecas do México central. Segundo o mito asteca, o sol, Huitzilopochtli, nasceu quando um dos deuses pulou numa fogueira; depois os outros

deuses deram seu próprio sangue para curar e alimentar o deus queimado. Os sacrifícios astecas reencenavam o sacrifício original dos deuses, e, sem sangue novo, o sol morreria. De fato, a maioria dos deuses do panteão asteca vivia à custa de sangue humano. Apenas Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, se opôs ao sacrifício humano, mas os outros deuses o forçaram ao exílio.

Acima de tudo, os astecas eram um povo belicoso. Surgiram como uma pequena tribo cercada por vizinhos hostis, mas foram abrindo caminho e construíram um império que se estendia de mar a mar no México central. Para agradecer aos deuses sua boa fortuna, e para cooptá-los a continuar nas suas boas graças, os astecas ofereciam o sangue de prisioneiros capturados em batalha.

Na verdade, a captura de vítimas para serem sacrificadas era tão importante que suas batalhas logo começaram a visar esse objetivo. Nessas Guerras das Flores, eles seguiam regras rígidas ao atacar seus vizinhos, começando por negociar amistosamente com o inimigo a hora e o lugar do confronto. O combate seguia antigos rituais: uma fogueira, música, danças e finalmente uma carga maciça. A luta dava-se cara a cara, corpo a corpo, com o uso, na maior parte, de armas não letais, porque eles preferiam não infligir danos à “mercadoria”. Os adversários eram arrancados das fileiras, amarrados e levados de volta a Tenochtitlán. Os guerreiros ascendiam numa hierarquia social capturando prisioneiros vivos para serem sacrificados.²

O maior número de sacrifícios ocorreu no Grande Templo de Tenochtitlán, uma cidade construída sobre as ilhas de um lago. O templo era dedicado a Huitzilopochtli, o deus do sol e da guerra. Prisioneiros dopados, às dezenas e centenas, eram levados para o topo da pirâmide. Ali, à vista dos deuses e da cidade, uma equipe de sacerdotes agarrava um membro ou a cabeça da vítima e a faziam deitar-se. O sacerdote sacrificial arrancava o coração pulsante do prisioneiro com uma faca de obsidiana e depois queimava-o no altar.³

Em seguida, o cadáver era jogado de graus abaixo, onde era despido, esquartejado, cozinhado e comido. O proprietário do prisioneiro sacrificial ficava com as melhores porções da carne, que eram servidas num banquete da família, enquanto um guisado feito do rebutalho alimentava as massas. Pumas, lobos e jaguares do jardim zoológico roíam os ossos.

Outro ritual conhecido como Esfolamento dos Homens era realizado em honra ao deus Xipe Totec. A cerimônia começava com um dia comum,

extraindo corações no alto da pirâmide, depois do qual o cadáver era retalhado para um festim de família. No dia seguinte, um prisioneiro ilustre era amarrado a uma pedra e a ele eram dadas armas rombudas, com as quais deveria lutar contra quatro Cavaleiros-Águia e Cavaleiros-Jaguar, munidos de armas afiadas, de modo que o resultado da luta nunca era posto em dúvida. Depois que o prisioneiro morria, os sacerdotes abriam seu corpo, e os celebrantes o comiam. Seu patrocinador levava uma tigela de sangue a todos os templos para pintar a boca dos ídolos. Então ele usava a pele do homem morto por vinte dias, enquanto ela apodrecia. Finalmente, a pele era descartada num ritual levado a efeito no templo, e o celebrante era lavado.

Crianças eram sacrificadas a Tlaloc, o deus da chuva. Bebês nascidos com certas características físicas em dias astrologicamente significativos tinham especial valor, mas qualquer criança também servia. Suas gargantas eram cortadas depois que o sacerdote as fazia chorar, recolhendo suas lágrimas. Diferentemente de outros sacrifícios, que eram considerados ocasiões festivas, os astecas acompanhavam a matança de crianças com altas lamentações, e os sacerdotes consideravam o ritual uma coisa triste, suja. Sempre que podiam, os astecas evitavam os lugares de sacrifício infantil.⁴

As mulheres eram sacrificadas para a deusa-mãe, Xilonen. A mulher principal do ritual transformava-se na deusa e era decapitada enquanto dançava. Sua pele era então retirada, e o coração, extraído e queimado. Um guerreiro ilustre usava a pele da mulher durante o ano seguinte, e ele se transformava na deusa.⁵

Vítimas dedicadas ao deus do fogo, Xuihtecuhutli, eram sedadas e jogadas numa fogueira. Os sacerdotes depois as retiravam dali com ganchos – queimadas, mas ainda vivas – e as levavam embora, de modo que seus corações pulsantes pudessem ser extraídos.

Se estamos procurando por uma única pessoa para culpar pelos sacrifícios astecas, um candidato seria Tlacaelel, principal assessor de três sucessivos governantes. Um cronista espanhol relatou que ele “inventava sacrifícios infernais, cruéis e medonhos”.⁶

Tlacaelel supervisionou a cerimônia para o rei Ahuitzotl, em 1487, em que o Grande Templo foi novamente consagrado, e durante a qual vítimas sacrificiais foram dispostas em quatro colunas que se estendiam pelas pontes que ligavam as ilhas de Tenochtitlán. Foram necessárias quatro equipes de sacerdotes, durante quatro dias, para matar todos os

prisioneiros, enquanto o sangue se acumulava em poças e manchava a base da pirâmide. Historiadores mais recentes tentaram transformar esse relatos esparsos em números reais, chegando primeiro à soma de 80 mil vítimas, mas hoje calcula-se que tenham sido de 14 mil a 20 mil.⁷

Por que tantos?

Os sacrifícios humanos dos astecas são tão completamente insondáveis que a maioria dos estudiosos nem mesmo tenta explicá-los. Eles sacrificavam as pessoas por motivos religiosos e pronto. Entre os poucos que tentam encontrar uma causa secular para aquilo, a maioria prefere algo semelhante às razões que levaram Roma a instituir os jogos de gladiadores: um povo guerreiro se enrijece, ao mesmo tempo que desumaniza e desmoraliza os inimigos.

De vez em quando, alguém vai tentar ligar os sacrifícios astecas à falta de animais domésticos que produzem carne na América Pré-Colombiana,^a o que teria feito do canibalismo uma fonte alternativa de proteínas. Populações pequenas podem caçar animais selvagens e pescar, mas, numa região tão densamente habitada como o México central, os únicos animais grandes em abundância eram outras pessoas. Para obter essa quantidade de proteínas, os mexicanos precisavam da permissão dos deuses para matar e comer seus vizinhos, de modo que os astecas compartilhavam os corações e o sangue com seus deuses, e guardavam a carne para si mesmos.⁸

Essa é a mais sensata explicação para os sacrifícios astecas, e também a menos popular. De fato, você encontraria dificuldade em encontrar qualquer autoridade, em qualquer lugar, que acreditasse nessa teoria.⁹ Mas a chamada “hipótese do reino canibal” tem bastante coisas a seu favor. Para começar, por que a única cultura urbana da história sem grandes animais para comer seria a única cultura urbana que consumia regularmente carne humana? Por que a história nunca produziu o extravagante canibalismo em qualquer cultura urbana que tivesse cabras, carneiros, gado vacum ou porcos? Seria isso mera coincidência?

A maioria dos estudiosos diz sim e oferece numerosos contra-argumentos. Eles acusam os espanhóis de mentir a fim de justificar a conquista dos selvagens pagãos. Acusam os ocidentais de serem incapazes de compreender os mistérios da cultura popular nativa, e explicam que era considerada uma honra ser oferecido aos deuses. Tratam a alegação de

que os astecas não tinham animais domésticos que lhes servissem de alimento como um insulto a uma cozinha perfeita sob o ponto de vista nutricional, que incluía insetos, lagartos e lesmas. Tanto os antropólogos quanto os vegetarianos acentuam que a carne é desnecessária para uma vida sadia. Então todo mundo nos lembra que a Inquisição Espanhola também matava pessoas, e então, quem somos nós para condenar os astecas?¹⁰

Por que tão poucos escritores olham para além das “razões religiosas” à procura de uma causa? Eu suspeito que tentar explicar os sacrifícios dos astecas significa que *precisamos* explicá-los, o que implica dizer que eram anormais, de certa forma, o que talvez perturbe muito certas opiniões bastante comuns sobre culturas nativas. Isso então pode nos levar a aceitar as ideias eurocêntricas ultrapassadas sobre selvagens pagãos e a superioridade da cristandade ocidental. É uma ladeira escorregadia, que muitos estudiosos querem evitar.

Entretanto, a escala dos sacrifícios humanos dos astecas ia tão além da maioria das matanças religiosas que provavelmente essa prática requer uma explicação especial. A Inquisição Espanhola, com 32 mil mortes,¹¹ e as caçadas às bruxas, com 60 mil mortes,¹² não podem, simplesmente, ser comparadas com os sacrifícios astecas. Aquelas duas atrocidades europeias mataram apenas certo número de inimigos para firmar seu ponto de vista. Os astecas se excederam. Até mesmo os combates de gladiadores entre os romanos mataram aproximadamente metade da taxa anual dos astecas, e isso espalhados por uma área muito mais ampla, entre uma população pelo menos quatro vezes maior. Embora o sacrifício de seres humanos fosse comum em tribos e aldeias por todo o mundo, a maioria das sociedades mantinha esse número pequeno, e o ultrapassaram logo que foram forçados a viver apinhados nas cidades. Os chineses da dinastia Shang, por exemplo, sacrificaram meros 13 mil homens em 250 anos, entre 1300 e 1050 a.C.¹³

O homicídio tende a perturbar o comportamento cooperativo e ordeiro de que a sociedade precisa para funcionar. Embora eu hesite em generalizar sobre todas as atrocidades constantes deste livro, tenho observado que a maioria das grandes matanças ocorreu ou depois que as sociedades se desintegraram, ou então foi dirigida contra inimigos específicos em prol de alguém no poder. A chacina desnecessária de centenas de milhares de vizinhos, aleatoriamente, segundo os caprichos de seres invisíveis, esgarçará o tecido social, a menos que alguém importante

esteja obtendo algo muito tangível com essa prática. Acho que era carne.

Número de mortos

A extensão dos sacrifícios humanos entre os astecas é assunto de discussões acaloradas, e muitos estudiosos alegam que a coisa toda tem sido exagerada; não mais do que um punhado, dizem eles, e apenas nos grandes dias festivos.¹⁴ Mas as provas estão aí. Os astecas exibiam com orgulho, em público, as cabeças de suas vítimas em prateleiras de crânios arrumados com perfeição, e em fileiras que podiam ser facilmente contadas. A prateleira de crânios de Tenochtitlán tinha 136 mil crânios, de acordo com o testemunho ocular do espanhol Andres de Tapia. A de Xocotlán tinha mais de 100 mil crânios, de acordo com Bernal Díaz, outro espanhol que foi testemunha ocular. Só aqui temos quase um quarto de milhão.¹⁵

A contagem de mortos tem sido estimada em algo entre 15 mil, segundo Sherburne Cook, e 250 mil, de acordo com Woodrow Borah, por ano.¹⁶ O historiador do século XIX William Prescott insistiu que os astecas sacrificaram pelo menos 20 mil pessoas por ano, possivelmente 50 mil, no decurso de dois séculos.¹⁷ Na outra ponta estão os revisionistas, que insistem que os astecas dificilmente faziam sacrifícios humanos, não importa o que aqueles espanhóis mentirosos disseram. Bartolomeu de las Casas e Voltaire alegaram que apenas cerca de 150 mexicanos eram sacrificados por ano, e que os espanhóis exageraram a contagem para justificar a conquista.¹⁸ De qualquer modo, uma estimativa de 15 mil ou 20 mil por ano, num total de cerca de 1,2 a 1,6 milhão, parece ser a contagem mais repetida.¹⁹

^a A maioria dos animais de grande porte, com carne saborosa, nas Américas, foi extinta assim que os primeiros humanos chegaram. Provavelmente há uma conexão aqui.

TRÁFICO DE ESCRAVOS NO ATLÂNTICO

Número de mortos: 16 milhões¹

Posição na lista: 10

Tipo: exploração comercial, racismo

Linha divisória ampla: europeus escravizando africanos

Época: 1452-1807

Principais nações fornecedoras: reino dos ashantes, Benim, Daomé, Congo, Lunda, Oyo

Principais nações marítimas: França, Grã-Bretanha, Holanda, Portugal, Espanha, Estados Unidos

Principais colônias receptoras: Brasil, Cuba, Jamaica, Ilha de São Domingos (República Dominicana e Haiti), estados americanos da Carolina do Sul, Geórgia, Maryland e Virgínia.

Quem geralmente leva a maior culpa: comerciantes europeus de escravos, intermediários africanos e fazendeiros americanos
Fatores econômicos: escravos, açúcar, ouro

Nos primeiros anos do século XV, os europeus haviam desenvolvido navios oceânicos revolucionários que podiam navegar para qualquer lugar, independentemente do vento, correntes marinhas, distância e direção. Os homens do mar começaram a olhar em volta, para ver o que poderiam encontrar. Os espanhóis e portugueses foram descobrindo diversos arquipélagos no Atlântico ocidental: os Açores, as Canárias e a ilha da Madeira. Os portugueses também se aventuraram mais para o sul, acompanhando a costa da África, procurando pela origem do ouro que saía em pequenas quantidades daquele continente, desde o início dos registros históricos. Por fim, eles entraram em contato com os reinos ocidentais do golfo da Guiné, e conseguiram algum ouro com os comerciantes nativos. Quase como uma consequência, também pegaram alguns escravos.

Embora os escravos houvessem sido sempre um produto de exportação da África (ver “O Comércio de Escravos no Oriente Médio”), não havia muito mercado para eles na Europa. A terra já tinha servos em número suficiente, e era muito mais fácil contratar empregados domésticos do campesinato local do que importá-los de outro continente. Por fim, os portugueses descobriram que podiam ganhar dinheiro levando grande número de escravos para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar das ilhas tropicais da Madeira e de Cabo Verde, recentemente descobertas no oceano Atlântico. Isso estabeleceu o modelo para a futura expansão.²

A descoberta da América empurrou a escravidão para o centro da economia europeia. Com os nativos americanos morrendo de devastadoras novas doenças, contra as quais eles não tinham uma imunidade inata (ver “A conquista das Américas”), o Novo Mundo se defrontava com uma séria escassez de mão de obra. Todo um hemisfério de terras jazia inútil porque não havia ninguém para trabalhar nele. Depois que algumas fazendas experimentais no Caribe mostraram que plantar cana-de-açúcar com escravos africanos dava lucro, a Coroa Espanhola abriu o Novo Mundo para os comerciantes portugueses de escravos em 1513.

Captura

Os europeus não capturavam os escravos, eles mesmos. Doenças tropicais mortais e reis nativos hostis desencorajavam os europeus a penetrar muito fundo no continente africano. Durante a maior parte da época escravagista, a única presença europeia permanente na África ocidental foi uma dezena, mais ou menos, de fortalezas costeiras construídas para evitar que os europeus rivais perturbassem o tráfico, e não para conquistar os nativos. O primeiro desses estabelecimentos foi o forte português de Elmina, atualmente em Gana, construído em 1482, e assim nomeado devido às minas que supostamente forneceriam ouro.^a Por mais de um século, a escravização de africanos ficou sendo uma atividade puramente portuguesa, mas na década de 1630 os navios de guerra holandeses desafiaram e derrotaram completamente os portugueses por todo o globo. Isso quebrou o monopólio português, e o restante da Europa aproveitou a oportunidade e estabeleceu postos de comércio escravagista por toda a costa africana.

Os reinos nativos, como os dos ashantes, oyos e congos transformaram-se em lucrativos intermediários do tráfico de escravos, e esses reis ficaram ricos e suntuosos graças aos tributos, impostos e extorsões que mantinham o tráfico fluindo. Em troca de escravos, a África recebia as mercadorias usuais de comércio: enfeites de cobre e latão, têxteis, panelas, chaleiras, facas e conchas de moluscos^b que serviam como moedas, além de alguns artigos mais interessantes, como armas de fogo e rum. Em longo prazo, mais importante foi a África receber o milho, que se tornou um alimento básico por todo o continente, até mesmo em regiões bem afastadas do litoral.

A princípio, os africanos locais vendiam os escravos que tivessem à mão.

A maioria deles era formada por criminosos, adúlteros e devedores, mas, conforme cresceu a demanda, os reinos do litoral africano iniciaram novas guerras, especificamente para capturar prisioneiros a fim de vendê-los como escravos. No final, os comerciantes de escravos nativos faziam incursões terra adentro para sequestrar mão de obra fresca. Depois de capturar uma aldeia, eles geralmente matavam ou abandonavam velhos e crianças, porque não havia mercado para eles. O restante dos habitantes era levado para ser vendido.³

Os escravos recém-capturados eram conduzidos de volta ao litoral em comboios, isto é, caravanas de homens acorrentados, ao longo de trilhas de centenas de quilômetros, em jornadas que frequentemente levavam meses. Os escravos eram agrilhoados um ao outro pelo pescoço, pulsos ou tornozelos, talvez presos ao homem à sua frente com uma canga no pescoço ou ao homem a seu lado com correntes no pulso. Eram aguilhoados, surrados e chutados para se manterem em movimento, e os fracos eram mortos, se caíam, de modo a não poderem se recuperar mais tarde e fugir. As grandes rotas de escravos ficavam repletas de ossos.⁴

Como, nas Américas, os escravos geralmente eram postos a trabalhar nos campos, dava-se maior valor a indivíduos grandes e fortes. Cerca de 90% dos escravos embarcados para o Novo Mundo eram adultos ou adolescentes, e os homens constituíam um efetivo que era o dobro do das mulheres. Elas geralmente tinham um preço bastante alto na própria África, o que não permitia que fossem vendidas no exterior.⁵

Cerca de metade dos escravos morria na marcha para o litoral, ou enquanto esperavam um comprador.⁶ Os sobreviventes da caminhada ficavam reunidos no litoral, em prisões de escravos ou barracões, até que aparecesse um navio. Alguns barracões eram fortalezas sólidas, onde os escravos ficavam amontoados em masmorras. Outros eram currais abertos ou cercados para gado, com os escravos acorrentados ao sol. Todos os barracões eram superlotados, sujos e infestados de moscas.

Os navios negreiros europeus percorriam a costa, procurando os melhores preços. Compravam alguns escravos aqui, outros ali; geralmente um navio levava diversos meses para preencher sua lotação de escravos, apinhados debaixo dos tombadilhos. Em muitos lugares, as embarcações europeias ancoravam ao largo da costa e os comerciantes nativos traziam os escravos em canoas. Em outros lugares, os compradores europeus desembarcavam para inspecionar a mercadoria e discutir o preço, cutucando e espicaçando os escravos como fariam com outros animais.

Como a fertilidade comprovada faziam delas uma mercadoria mais valiosa, as mulheres eram inspecionadas para ver se não tinham estrias e outros sinais de parto. As idades eram calculadas pela qualidade dos dentes, mas os vendedores às vezes raspavam a cabeça dos escravos para esconder o cabelo grisalho. Quando a venda era terminada, os escravos eram marcados com ferro em brasa, com o sinal do proprietário. Depois eles eram comboiados nus para os navios, porque as roupas só faziam aumentar a sujeira na viagem para o Novo Mundo.

Escravos que ninguém queria eram muitas vezes mortos no local. Mantê-los vivos aumentava os custos de manutenção, e deixá-los ir encorajaria futuros escravos a se fazerem flagrantemente invendáveis. Como um relato contemporâneo descreveu:

Os comerciantes frequentemente surravam aqueles negros que sofriam objeção por parte dos capitães de navio, e os tratavam com grande severidade. Não interessava se eram recusados por causa da idade, doença, deformidade ou por outra razão qualquer. Em Novo Calabar, em particular, os comerciantes eram muito conhecidos por matarem os recusados. Houve casos, naquele lugar, em que os comerciantes colocavam suas canoas debaixo da proa do navio, e instantaneamente decapitavam aqueles escravos, à vista do capitão.⁷

A viagem

Olaudah Equiano, “um escravo que viveu para contar a história”,⁸ descreveu mais tarde sua primeira impressão de um navio negreiro europeu, no final do século XVIII:

Quando olhei para o navio e vi um grande forno de cobre fervente, e uma multidão de pessoas negras de todos os tipos acorrentadas juntas, cada uma com o rosto expressando abatimento e tristeza, eu não mais duvidei de meu destino e fui assoberbado de horror e angústia. Fiquei imóvel no tombadilho e desmaiei... Perguntei se não íamos ser comidos por aqueles homens brancos com terríveis expressões, rosto vermelho e cabelo comprido.⁹

Em geral de duas a quatro centenas de escravos eram transportadas em cada navio. Eram acorrentados debaixo do tombadilho em pares,

tornozelo com tornozelo, pulso com pulso, deitados lado a lado, com cerca de metade do espaço destinado a condenados ou soldados que viajavam na mesma época.¹⁰ Havia baldes dispostos no canto, à guisa de privadas, mas um escravo tinha de chegar lá acorrentado a seu vizinho. Muitos não alcançavam o balde a tempo, e os navios negreiros sempre fediam a dejetos humanos.

Homens e mulheres eram acorrentados em partes diferentes da embarcação, tanto por medida disciplinar como por motivos morais. Num clássico exemplo da dissonância de valores, os capitães dos navios aceitavam bem a escravidão, mas ficavam horrorizados com a possibilidade de atividades sexuais a bordo. Também suspeitavam que os escravos homens ficavam menos dóceis e mais protetores quando havia mulheres entre eles.¹¹

Uma viagem geralmente durava de dois a três meses. Os escravos não sofriam muitos maus-tratos nos navios. Eram mantidos razoavelmente sadios, com bastante água e alimentos com amido: feijão, biscoitos, banana-da-terra, arroz e inhame. Se um escravo tentava fazer uma greve de fome, sua boca era aberta à força e ele, obrigado a comer. Uma vez longe da terra e além da tentação, os escravos eram levados para o tombadilho superior em grupos pequenos, fáceis de controlar, para esticarem os músculos e dançar. Eram geralmente libertados dos grilhões conforme a viagem progredia.¹²

Ao todo, 40% de todos os escravos, isto é, 4,65 milhões, foram transportados pelos portugueses, e 35%, ou 4 milhões, foram enviados para a colônia portuguesa do Brasil. O comércio escravagista atingiu o pico no século XVIII, quando quase 6 milhões de escravos foram transportados por todas as nações. Durante a década de 1780, uma média de 80 mil novos escravos chegavam às Américas todo ano. Por essa época, os ingleses dominavam o tráfico. No século XVIII, os ingleses transportaram 2,5 milhões de negros.¹³

A economia escravagista e da cana-de-açúcar era tão lucrativa que todo país europeu com uma boa marinha tentou abocanhar um pedaço dela, mesmo aqueles que nós normalmente não pensamos como transportadores desalmados de escravos, tais como os dinamarqueses. A Companhia das Índias Ocidentais e da Guiné Dinamarquesa tinha dois estabelecimentos de comércio de escravos na África, onde arranjavam mão de obra para a colônia dinamarquesa das Ilhas Virgens. Ao todo, 28 mil escravos foram transportados por navios daquela nação.

No total, cerca de 10 a 12 milhões de escravos foram transportados através do Atlântico.¹⁴ Provavelmente 10% a 15% deles morreram em trânsito, frequentemente de disenteria, escorbuto e varíola.¹⁵ Os mortos eram atirados por cima da amurada, sem cerimônia, e tubarões seguiam os navios esperando uma refeição fácil.¹⁶

Tem sido observado que a proporção de mortos nos navios negreiros era frequentemente a mesma que entre os escravos em geral, um argumento que tem sido às vezes usado como prova de que os escravos não eram tão maltratados assim durante a viagem. Infelizmente, isso é mais uma indicação de como sofriam as tripulações. O comércio escravagista tornava os homens insensíveis à brutalidade. As tripulações dos navios de escravos eram geralmente consideradas a pior escória das docas. Sua paga era a menor de todas, e eram mais propensos a resolver suas disputas na ponta da faca ou serem enforcados pelo capitão.¹⁷

Como os europeus eram especialmente suscetíveis de contrair febres que os espreitavam ao longo do litoral africano, os navios negreiros eram considerados a missão mais perigosa que um marinheiro podia conseguir. Eles até mesmo cantavam isso: “Vigie e tome cuidado com a Curva de Benin/Poucos saem, embora muitos entrem.”¹⁸

Entrega

Testemunhas diziam que sempre se podia sentir o cheiro de um navio de escravos entrando num porto. Depois de semanas no mar, as embarcações fediam a urina azeda, suor, vômito e fezes provenientes de trezentos humanos confinados, e as cálidas brisas do Caribe espalhavam o fedor por toda a cidade. Esses barcos chegavam geralmente com um grande cerimonial, salvas de canhão e toques especiais de sinos, para atrair compradores e alertar as autoridades. Os capitães esperavam descarregar e entregar sua perigosa carga antes que os novos escravos se orientassem.

Depois de serem inspecionados por um médico para verificar se não eram portadores de doenças infecciosas, os escravos era enviados a armazéns ou cadeias de escravos, a fim de serem preparados para a venda. Os novos escravos recebiam comida farta, eram lavados e cobertos de óleo, para ficar mais atraentes do que os miseráveis esqueletos que saíam cambaleando do navio. Eram mostrados, inspecionados e leiloados. Quando a venda era fechada, os escravos eram frequentemente marcados com o ferro em brasa do novo proprietário.

Durante o primeiro ano na fazenda, os africanos eram domados, treinados e aclimatados. Os novos escravos geralmente recebiam tarefas relativamente fáceis, até que ficassem calejados, isto é, “temperados”, e mandados para as plantações de cana-de-açúcar, e então, sim, para um trabalho realmente duro. Mesmo assim, provavelmente um terço de todos os novos escravos morria durante essa “têmpera”.¹⁹ Embora os africanos, como uma raça, já estivessem sido previamente expostos a todas as doenças do Velho Mundo, desenvolvendo certa imunidade genética, os escravos, como indivíduos, eram em geral muito vulneráveis. Amontoar centenas de pessoas vindas de todos os lugares da África em uma única fazenda, apinhada de gente, expunha muitos desses novos escravos à varíola, sarampo, malária ou febre amarela, pela primeira vez.

Não era a pura biologia que elevava a proporção de mortes. O cultivo da cana era especialmente brutal para o corpo, desde lidar no campo com as folhas da cana,afiadas como facas, até os caldeirões ferventes da usina. A carga de trabalho era excessiva, a comida, pouca, e os aposentos, cheios demais de gente. Acorrentados, se tentavam fugir, e castigados fisicamente por qualquer infração, a maioria dos escravos logo exibia profundas cicatrizes nos tornozelos e nas costas. Muitas das práticas nativas que haviam permitido aos africanos evitar as doenças em sua terra natal, isto é, o cuidado apropriado com os doentes e seu isolamento, enterro adequado dos mortos, preparação dos alimentos, remoção dos dejetos humanos, limpeza das habitações, sombra, descanso, tudo isso era um luxo nas fazendas das Américas. Apenas os mais resistentes aguentavam o choque dos primeiros anos.²⁰

Nas mortais ilhas do Caribe, os escravos morriam mais depressa do que conseguiam se reproduzir, o que significava que a população não era autossustentável. O efetivo de mão de obra tinha de ser continuamente alimentado com novas importações. Embora 864 mil escravos tenham entrado na colônia francesa de Santo Domingo, hoje Haiti, entre 1680 e 1791, a população negra em 1789 somava apenas 435 mil. A despeito da chegada à Jamaica de 750 mil escravos, de 1655 a 1807, apenas 310 mil estavam livres para serem libertados quando a Grã-Bretanha aboliu a escravidão em 1834. Compare isso com as terras onde se falava inglês, no continente norte-americano, onde 427.500 escravos importados da África tinham sobrevivido, na sua maioria, e já haviam se multiplicado para 1,4 milhão em 1810.²¹

Devido a esse constante fornecimento de mão de obra vinda da África,

as ilhas adquiriram mais cultura africana do que o continente americano. A língua e a religião do Caribe tendem a ser uma síntese dos elementos europeus e africanos, sobre a forma da cultura creole e do vodu, enquanto que os negros da América do Norte falam com um pequeno sotaque e, na maior parte, são protestantes.

O maior consumidor de trabalho escravo era a produção de açúcar, que empregava 55% dos novos escravos chegados da África, mas foram feitas fortunas em outras culturas, tais como a do café, que consumia 18% dos novos escravos, a do algodão, 5%, e a do cacau, 3%. É claro, os novos escravos se distribuíam por toda a economia, desde o trabalho em minas, com 9%, até servirem como empregados domésticos, com 9%.²² As gerações posteriores de escravos, nascidos na América, eram frequentemente treinadas em ofícios urbanos, tais como carpintaria, fabricação de tijolos e ferreiros.

Uma vez aclimatados ao Novo Continente, a taxa de mortalidade diminuía, mas os escravos ainda tinham uma expectativa de vida muitos anos menor do que as pessoas livres vivendo na mesma comunidade.

Julgamento

Nos primeiros dias do tráfico, a escravidão não era necessariamente considerada uma condição permanente, tanto na África quanto nas Américas. A maior parte dos escravos importados para o estado da Virgínia era empregada sob contrato, que eram libertados logo que seu período de servidão expirava; dez anos era o período mais comum. Isso logo mudou.

Três mudanças de ventos na história fizeram com que o tráfico de escravos no Ocidente se destacasse por sua crueldade. A primeira foi o aparecimento do capitalismo global no século XV. Isso rompeu as conexões culturais e emocionais entre senhores e escravos, as quais haviam perdurado por gerações entre uns e outros na mesma comunidade. O capitalismo em escala mundial transformou os escravos em meras mercadorias, a serem compradas e vendidas em lotes anônimos, através de grandes distâncias.

A segunda causa foi o racismo. “Nós” sempre fora melhor do que “eles”, mas durante a maior parte da história da humanidade os “nós” eram uma pequena tribo, como os saxões, atenienses, venezianos, judeus, seja lá o que fosse, no grande mar dos “eles”. Os gregos, por exemplo, juntavam

todos os não gregos, pretos/brancos, alfabetizados/analfabetos, vestidos/nus, em uma categoria geral de *barbaroi*. Com tantos “eles” lá fora, havia um limite para o mal que os “nós” podiam infligir. Apenas mais tarde os “nós” se expandiram, passando a incluir *todo mundo* que parecia conosco, num único grupo em oposição a todo mundo que parecia diferente.

Foi o comércio de escravos o principal responsável pela invenção do racismo, essa divisão da humanidade em grupos organizados apenas pela aparência física. Um ciclo de retroalimentação se desenvolveu; tantos africanos viviam como escravos no Novo Mundo que a escravidão parecia uma condição óbvia, natural, para os africanos. Uma vez que os europeus passaram a associar a pele escura com escravidão, toda pessoa com essa característica era, presumidamente, escrava, e, se não era, bem, então deveria ser.²³ Se os proprietários libertassem escravos africanos demais, depois de um período de servidão, isso criaria uma classe de negros livres, entre os quais os fugitivos poderiam se esconder. Os proprietários precisavam se opor vigorosamente ao crescimento de uma comunidade de negros independentes, sem controle e livres. Desse modo eles tiveram de justificar essas ações apelando para a ideologia racista.²⁴

Terceiro, o surgimento das ideias liberais de dignidade pessoal inata removeu muitas formas intermediárias de desigualdade, tais como a servidão, o concubinato e a condição de aprendiz. Essas diversas classes e castas haviam anteriormente preenchido a brecha entre o escravo e o homem livre, com uma série de pequenos degraus, em vez de um abismo intransponível. A escravidão nas Américas do século XIX não era pior do que a do século XVII no Novo Continente, mas, como os direitos dos cidadãos comuns se expandiram, o contraste com os escravos ficou ainda mais evidente.

Abolição

Em 1781, o navio negreiro britânico *Zong* se perdeu em algum lugar perto da Jamaica, imobilizado por uma calma e perdendo escravos por causa de febres e mau planejamento. O investimento do capitão estava indo por água abaixo. Infelizmente, o seguro não cobria escravos que morressem de causas naturais a bordo da própria embarcação, mas ressarcia o carregamento perdido no mar, atirado pela borda para aliviar o peso ou para conservar recursos que escasseavam, coisas que os capitães faziam

rotineiramente com o gado. O capitão começou a lançar ao mar dezenas de escravos doentes. Durante diversos dias, 132 escravos se afogaram dessa maneira. Quando o capitão chegou em terra, ele preencheu um pedido de ressarcimento pelos escravos perdidos. Quando a companhia de seguros recusou-se a pagar, o capitão entrou com uma ação na justiça.²⁵

O processo judicial transcorreu quase sem ser notado, como acontecera anteriormente com muitos casos, mas uma pequena nota no jornal chamou a atenção dos abolicionistas para o assunto, que fizeram um escarcéu. Isso não afetou o caso, mas ajudou a mobilizar as forças pela abolição.

O próprio fato de até mesmo haver abolicionistas já era uma vitória, tanto para o Iluminismo quanto para a Reforma Protestante. Durante os milênios anteriores, a mais acerba crítica que qualquer religião importante levantara contra a escravidão era uma ocasional sugestão para que os proprietários tratassem melhor os escravos. À parte isso, as escrituras eram mais propensas a elogiar a escravidão, como um modelo de relacionamento entre o homem e Deus. O Velho Testamento condenava os cananitas à escravidão. Os santos Pedro e Paulo instruíam os escravos a obedecer seus senhores. Em 1452, o papa Nicolau V promulgou a bula *Dum Diversas*, que garantia aos países católicos “completa e livre permissão para invadir, buscar, capturar e subjugar os sarracenos e pagãos, e quaisquer outros infiéis e inimigos de Cristo, onde quer que estivessem... e reduzi-los à escravidão perpétua”. De fato, até bem depois de 1800, a maioria das instituições missionárias considerava a escravidão um benefício, porque trazia os pagãos para o seio aconchegante da cristandade.²⁶

Entretanto, a divisão do cristianismo criara uma ala esquerdista radical, dedicada à igualdade entre todas as pessoas. Diversos desses grupos separatistas, primeiro os menonitas, em 1688, e depois os quacres, em 1696, e por fim os metodistas, em 1774, mais numerosos, começaram a pregar contra a própria existência da escravidão. Em 1775, os quacres da Filadélfia organizaram a primeira sociedade abolicionista nos Estados Unidos. Os quacres ingleses fundaram a primeira sociedade abolicionista na Grã-Bretanha em 1783.

Essa pequena ala radical teria sido facilmente ignorada se não fosse pela maior aceitação dos ideais liberais durante o Iluminismo, no século XVIII. Embora geralmente descartassem o cristianismo como mera superstição, os filósofos iluministas concordavam com os quacres que todos os homens nascem livres e iguais. Conforme o liberalismo se

infiltrava na sociedade, foi ficando cada vez mais difícil silenciar a respeito da escravidão. No final do século XVIII, as principais cabeças da civilização ocidental, como Bentham, Hume, Locke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire, por exemplo, já haviam reconhecido a injustiça da escravidão.

De todos os aspectos da escravidão, o mais fácil de angariar a simpatia pública era a oposição ao tráfico de seres humanos, que destruía vidas, esfacelava as famílias e submetia as inocentes vítimas a tais sofrimentos e indignidades. Esse foi o primeiro elemento da escravidão a desmoronar ante o assalto moral.

Depois de anos de debates no Parlamento, os ingleses finalmente declararam ilegal, em 1807, o tráfico de escravos, e a maioria dos países civilizados acompanhou a tendência no decorrer da década seguinte. Alguns, como Espanha e Portugal, tiveram de ser pressionados por outros países, e só aprovaram leis inócuas, que nem mesmo faziam cumprir; entretanto, mais importante do que colocar novas leis nos livros, foi a iniciativa dos ingleses de engajar sua marinha no patrulhamento da costa da África, e na prisão de traficantes de escravos, como se fossem piratas, independentemente de sua nacionalidade.

Durante diversas décadas, o oceano Atlântico foi palco de um constante jogo entre polícia e bandidos, e, como a maior parte das atividades ilegais, a escravização de africanos tornou-se ainda mais brutal. Para evitar serem capturados com escravos a bordo, alguns navios negreiros prendiam toda a sua carga numa única corrente comprida. Se avistassem um barco-patrolha, o primeiro escravo era lançado por sobre a amurada, e a corrente carregava todos os escravos para dentro do mar, um após o outro. A prova incriminadora estaria bem lá no fundo das águas quando a Marinha Real abordasse o navio negreiro.²⁷

Entre 1820 e 1870, a Marinha Britânica apreendeu quase 1.600 navios e libertou 150 mil escravos.²⁸ A maioria era desembarcada em Freetown, Serra Leoa, porque era impossível levá-los de volta a suas pátrias, tão espalhadas pelo interior do continente. Uma esquadra americana muito menor se juntou ao patrulhamento antiescravagista, e, com o tempo, 6 mil foram libertados e desembarcados em Monróvia, na Libéria.²⁹

Abolição, fase dois

Tecnicamente, este capítulo termina aqui. Na minha lista de cem multicídeos, eu conto apenas as mortes causadas pelo tráfico de escravos

durante a captura, transporte e aclimação, e não as mortes depois que eles já estavam assentados, de modo que essa megamortandade termina com a abolição do comércio transoceânico; entretanto, vamos levar a história à sua completa conclusão.

A prática diária da escravidão, que mantinha os trabalhadores em servidão de um único proprietário, se mostrou mais difícil de erradicar do que o tráfico negreiro internacional. Lembrem-se, aquela era a época de servitude, casas de trabalhos forçados, oficinas de trabalho excessivo, de modo que o homem comum que detinha o poder pouco ligava para o trabalhador ordinário, independentemente de sua raça ou condição de servidão. Enquanto a escravidão fosse mantida com o mínimo de padrões de decência, e, mais importante, mantida quieta e fora da vista, a maioria das pessoas desejava que ela continuasse.

Embora fosse moral, a força impulsionadora do abolicionismo não teria feito muito progresso se não fossem as mudanças econômicas. No começo da era moderna, tantos negócios necessitavam de escravos em algum ponto do processo que ninguém poderia abolir a escravidão sem perder muito dinheiro. Um investidor que moralmente fosse contra lucrar com a escravidão ficaria alijado das atividades de navegação, têxteis, fumo, cana-de-açúcar, negócios financeiros, seguros e mineração. Depois, no meio do século XVIII, as economias industriais emergentes começaram a produzir muito dinheiro sem usar escravos. Subitamente, a abolição da escravidão não levaria mais à falência tantas pessoas importantes, de modo que ficou muito mais fácil assumir uma postura moral.

Por que a Revolução Industrial fez terminar a escravidão? Não é que os escravos não pudessem realizar o trabalho. Podiam-se encontrar escravos trabalhando como empregados de fábricas, como mineiros e em ofícios especializados nas cidades e vilarejos, por todo o hemisfério ocidental, e eles estavam se saindo muito bem nessas tarefas. De qualquer maneira, as fábricas frequentemente tratavam seus operários como escravos, de modo que usar escravos verdadeiros não constituía um problema.

O problema real era que os escravos eram um investimento de longo prazo, que imobilizava o capital e se tornava mais arriscado quando a economia se tornava mais dinâmica. Com os mercados sempre flutuando, era mais fácil contratar e despedir mão de obra conforme fosse necessário, em vez de criar escravos desde que eram bebês, para empregos que poderiam já ter desaparecido quando aqueles bebês fossem grandes o bastante para trabalhar. Apenas a produção agrícola era suficientemente

estável, ano após ano, para tornar exequível adquirir uma força de trabalho anos antes que fosse utilizada.³⁰

Além disso, as fazendas eram mais autossuficientes do que as cidades, tornando muito mais barato manter escravos ali. Alimentação, água, habitação e lenha eram facilmente obtidas nas fazendas, de modo que, em épocas ruins, era possível ficar quieto e esperar que a economia melhorasse. Manter escravos numa economia urbana significava alugar abrigos, importar alimentos e comprar combustível. Isso é dinheiro saindo mesmo quando não há dinheiro entrando. Era mais barato pagar salário a trabalhadores e deixar a própria manutenção por conta deles.^c

Por volta de 1800, a civilização ocidental estava dividida regionalmente, em um tudo ou nada, quanto ao problema da escravidão. A menos que uma região dependesse absolutamente de escravos para manter sua economia, os líderes locais, geralmente incomodados com a pressão moral dos abolicionistas, simplesmente libertavam seus malditos escravos, qualquer coisa para tirar os quacres de suas costas.

Dentro da primeira geração do movimento abolicionista, a escravidão desapareceu das economias mais urbanizadas do mundo. Na Grã-Bretanha, um caso emblemático, em 1772, relativo ao escravo James Somerset, decidiu que a escravidão não poderia ser aplicada sob as leis inglesas. Os estados americanos e os territórios do Norte aboliram a escravidão entre 1777, em Vermont, e 1804, em Nova Jersey. O governo revolucionário da França aboliu a escravatura no território francês quase na mesma ocasião em que assumiu o poder, em 1791, e nas colônias, depois de muitos debates, em 1794.

Em regiões mais quentes, onde as culturas rentáveis usando o trabalho escravo eram o alicerce da economia local, a escravidão sobreviveu a essas batalhas iniciais. Temendo tanto a falência e a soltura de milhares de selvagens não supervisionados nas suas comunidades indefesas, os proprietários de escravos se opuseram teimosamente contra qualquer reforma. A política ficou polarizada. Os ânimos esquentaram. A emancipação negociada ficou quase impossível nas regiões onde a escravidão era mais enraizada, e foi somente depois de violentos distúrbios que ela foi conseguida.

Em 1791, os escravos da colônia francesa de Santo Domingo se rebelaram, enquanto a pátria-mãe voltava a atenção para a Revolução Francesa. Foram necessárias centenas de milhares de mortes e muitos anos, mas por fim eles firmaram o Haiti como segundo país independente

do hemisfério ocidental (ver “A revolta dos escravos no Haiti”).

Em 1802, Napoleão restabeleceu a escravidão nas colônias francesas remanescentes. Apenas depois da violenta derrubada da monarquia restaurada, e a fundação da Segunda República, em 1848, a França aboliu permanentemente a escravidão em todas as suas colônias.

O Parlamento britânico aboliu a escravidão nas colônias do país em 1833. Provavelmente foi a única grande emancipação obtida sem luta.

Nos Estados Unidos, a divisão Norte-Sul sobre a questão da escravidão se intensificou e atingiu todos os aspectos da vida pública. Em 1845, por exemplo, as facções pró-escravidão da Igreja Batista se cindiram e formaram a Convenção Batista do Sul, atualmente a segunda maior comunidade religiosa do país.^d

Cada nova aquisição territorial dos Estados Unidos precisava ser alocada ou a uma região escravagista ou a uma região livre do país. O futuro equilíbrio do poder dependia de o Norte e o Sul anexarem novos estados potenciais com assentados que pensassem como aquele ou como este. No final, a disputa produziu um partido político, o Partido Republicano, cujo princípio unificador era sua oposição à expansão da escravidão. Quando o partido alcançou o poder, em 1860, os proprietários de escravos se rebelaram, e mais de meio milhão de pessoas morreram na guerra civil que se seguiu.

Em Cuba, a escravidão não foi proibida senão depois da sua primeira e malsucedida guerra pela independência, a Guerra dos Dez Anos. Quando a insurreição foi sufocada, em 1878, já um número muito grande de escravos havia fugido para que pudessem ser recapturados, de modo que o governo espanhol decidiu não discutir com escravos que possuíssem armas; em termos técnicos, o tratado de paz concedia a liberdade a qualquer escravo que houvesse lutado em qualquer um dos dois lados na guerra, em outras palavras, àqueles que possuíssem armas. O restante foi emancipado oito anos mais tarde.

Em 1888, mais de um século depois do início do movimento abolicionista, o Brasil tornou-se a última nação ocidental a abolir a escravidão, durante uma revolta política que incluiu a derrubada da monarquia, embora o alinhamento de forças não fosse o que seria de esperar. Em vez de elitistas, isto é, monarquistas e proprietários de escravos, *versus* liberais, isto é, republicanos e abolicionistas, o levante viu nacionalistas, isto é, republicanos e proprietários de escravos preferindo o controle local, aliados contra internacionalistas, isto é, monarquistas e

abolicionistas tentando se encaixar na civilização ocidental.

Em *O grande livro das coisas horríveis*, a escravidão tem um lugar único, como uma das poucas atrocidades que foi total e completamente... bem, *erradicada* é uma palavra otimista demais... vamos dizer, marginalizada. Embora ainda persistam formas de escravidão aqui e ali em bolsões escuros, as nações, como um todo, não a praticam mais. Um país pode torturar prisioneiros abertamente, fuzilar dissidentes, invadir países vizinhos, espancar mulheres até a morte ou explorar crianças com trabalho excessivo, sem sequer pedir desculpas, e ainda mantém seu lugar nas Nações Unidas, sem que se lhe façam perguntas; entretanto, nenhum deles ousaria legalizar a escravidão. A escravidão pura e sem disfarces é o maior tabu pelas leis internacionais.

Pelo menos é um ponto de partida.

^a Na verdade, o ouro provinha de garimpos nos rios.

^b Na África, as conchas eram usadas como moedas. Algumas pessoas hoje ficam pensando como era idiota vender seres humanos em troca de bugigangas sem valor, como conchas, mas, quando se estuda mais o assunto, vê-se que conchas não são intrinsecamente menos valiosas do que, digamos, ouro. Afinal de contas, à parte de ser um metal lindo e brilhante, para que serve o ouro? Na realidade, as conchas têm muito em comum com o ouro. Ambos são fáceis de identificar, difíceis de falsificar, raros o bastante para serem valiosos, mas comuns o bastante para serem usados como moeda de troca.

^c É como dizer que o trabalho remunerado era mais cruel que a escravidão. Bom, até era, só que os trabalhadores livres podiam casar, criar seus filhos, reclamar, recorrer à justiça, frequentar a escola e a igreja, não frequentar a igreja, economizar dinheiro, gastar dinheiro, beber cerveja, beber uísque, beber demais, ler, se deslocar e possuir suas próprias calças. A não ser por isso, porém...

^d Só para constar, os batistas do Sul não são mais a favor da escravidão. Renunciaram a ela em 1995.

A CONQUISTA DAS AMÉRICAS

Número de mortos: 15 milhões

Posição na lista: 11

Tipo: conquista colonial

Linha divisória ampla: europeus versus nativos americanos

Época: começando em 1492

Localização: hemisfério ocidental

Principais participantes: astecas, caribenhos, incas, espanhóis, tainos

Participantes secundários: americanos, *black-foots*, cherokees, cheyennes, creeks, ingleses, iroqueses, pequotes, pawhatans, shashones, sioux

Quem geralmente leva a maior culpa: Colombo, conquistadores, Custer^a

Fatores econômicos: ouro, prata

Ninguém espera a Inquisição espanhola

Você teria dificuldade em encontrar uma nação que fosse menos adequada para um primeiro contato pacífico com uma cultura estrangeira do que a Espanha renascentista. Por mais de cem anos, a península se digladiara entre as culturas cristã e muçulmana, exércitos europeus e africanos. Um caleidoscópio de reinos, ducados e emirados beligerantes, a Espanha nem mesmo existia como nação até que dois reinos menores se juntassem por meio do casamento de seus monarcas em 1469.

Na Espanha, a mentalidade dos cruzados estava viva, e com pouca probabilidade de fazer prisioneiros. Granada, o último bastião muçulmano na península, não caiu ante os conquistadores cristãos senão em 1492, o mesmo ano em que os espanhóis expulsaram os judeus. Por essa época, a Inquisição espanhola já fora estabelecida, com a finalidade de se certificar de que não havia infiéis escondidos, caçoando de gente decente por detrás da máscara de devoção. Foram espancados e queimados milhares de heréticos.

O mar Mediterrâneo era um campo de batalha entre as frotas cristã e muçulmana, de modo que os marujos europeus começaram a explorar o Atlântico, esperando desbordar os odiados sarracenos e atingir as riquezas do Oriente. Os portugueses se lançaram na rota óbvia, descendo pela costa da África, enquanto os espanhóis apostaram no caminho direto, pelo oceano aberto, visando chegar ao outro lado do mundo. Cristóvão Colombo imaginou, planejou e liderou a expedição de 1492, que provavelmente

teria desaparecido no oceano largo, interminável, se ele estivesse certo, achando que a próxima parada era a Ásia. Mas a sorte o protegeu, e ilhas ao largo do litoral de dois continentes totalmente inesperados lhe proporcionaram um desembarque seguro, antes que seus suprimentos terminassem. Ele pensou ter chegado à Ásia, mas dentro de uma década, mais ou menos, exploradores subsequentes provaram que aquele era um mundo completamente novo.

Esperando Colombo

Num dos grandes contrastes da história, o povo que saudou Colombo, os tainos, ou aruaques, das Bahamas, estava entre as populações mais pacíficas de que se tem notícia. Ao descrevê-los, Colombo diz: “Eles nem carregam nem sabem nada sobre armas, pois eu mostrei a eles espadas, e eles as seguraram pela lâmina, e se cortaram, por pura ignorância.”¹ “São um povo adorável, sem cobiça, e preparados para qualquer coisa... não há melhor terra nem povo. Amam seus vizinhos como a si mesmos, e sua fala é a mais doce e agradável do mundo, e sempre estão sorrindo.”²

Bem, é claro que a primeira coisa que Colombo fez foi sondá-los para ver como podia explorá-los. “Eles dariam ótimos criados”,³ observou ele. “Com cinquenta homens, podemos subjugar-los todos e fazer com eles o que for preciso.”⁴

Ele então prosseguiu explorando para o sul, entrando mais fundo nas Índias Ocidentais, à procura de qualquer ouro sobrando que pudesse haver por ali. Explorou as ilhas maiores, como Cuba e Hispaniola, e encontrou pouca coisa que valesse a pena roubar, a não ser mais nativos. Sempre à procura de oportunidades, observou: “Desses lugares, no nome da Santíssima Trindade, nós podemos enviar todos os escravos que puderem ser vendidos.”⁵ Para provar isso, Colombo sequestrou alguns nativos para levá-los com ele de volta à Espanha, como amostras. Depois estabeleceu um pequeno núcleo colonizador em Hispaniola e viajou de volta à Espanha com as maravilhosas novidades.

A cobra no Paraíso

Vamos tirar um momento para apreciar o magnífico butim que se apresentava diante dos espanhóis, pronto para ser arrebanhado, a começar pelo mais importante item para um marinheiro ao término de

uma viagem de alguns meses em mar aberto. As mulheres, relatou Colombo, estavam “nuas como no dia em que nasceram”, sem “mais vergonha do que animais”.⁶ Uma vez sabendo disso, vamos observar que os nativos quase não tinham metais, como latão, estanho, aço, ferro ou bronze, nenhum metal em absoluto, *a não ser* ouro e prata, que são macios, brilhantes e fáceis de trabalhar. Isso significa que os nativos americanos haviam gasto diversos séculos escavando e garimpando todos os metais preciosos que podiam encontrar, acumulando tesouros convenientemente a seu alcance, mas não conseguiram inventar um meio de defendê-los.

Seria errado caracterizar os espanhóis como leões entre carneiros, mas eles eram, definitivamente, leões entre coiotes, ambos animais predadores, mas em categorias bem diferentes. Os nativos americanos podiam ser tão cruéis e ferozes quanto qualquer outro povo do mundo. Os astecas estavam sacrificando 15 mil outros seres humanos no alto de suas pirâmides todo ano (ver “Sacrifícios humanos astecas”). Até mesmo antes da chegada de Colombo, os pacíficos tainos vinham sendo gradualmente expulsos de suas ilhas pelos caribenhos, que deram seu nome não apenas ao mar, mas também à sua dieta característica: o *canibalismo*. Os incas sacrificavam crianças atirando-as de penhascos. Os iroqueses se deliciavam em retalhar e queimar prisioneiros.

Seja como for, a maioria dos nativos não tinha muito do que é necessário para se tornarem incontroláveis máquinas de matar. A guerra dos astecas era uma atividade ritualística, com o propósito de capturar prisioneiros vivos para serem sacrificados. Os índios das planícies americanas tornaram-se conhecidos pelo “golpe da etiqueta”, o ritual de bravura, no qual eles atacavam o inimigo apenas para marcá-lo, não para matá-lo. Os espanhóis levavam a guerra muito mais a sério.

Os conquistadores espanhóis entravam na batalha com espadas de aço, que podiam facilmente matar um homem decepando-lhe um braço ou a cabeça, diferentemente das maças e machados de pedra dos nativos, que necessitavam de repetidos golpes para incapacitar um inimigo. A armadura dos espanhóis, especialmente o capacete, tornava ainda mais difícil para os nativos atingir mortalmente o inimigo. Os espanhóis usavam cavalos e cães de caça, monstros aterrorizantes, que podiam facilmente alcançar, derrubar ou despedaçar guerreiros em fuga. As balistas europeias eram mais fáceis de mirar e disparar do que os arcos e flechas nativos. Os canhões faziam estremecer a terra e estraçalhar multidões inimigas. Os arcabuzes, ou mosquetes primitivos, dos conquistadores eram

lentos e imprecisos demais para serem armas eficientes sob o ponto de vista militar, a menos que fossem em grande quantidade, mas não se deve subestimar o impacto psicológico de um estrondo, seguido da queda do homem a seu lado, misteriosamente morto.⁷

As Índias Ocidentais

Sabemos muito pouco sobre Cristóvão Colombo. Não sabemos quando nem onde nasceu, qual foi o primeiro lugar onde desembarcou nas Américas, qual era sua aparência ou onde foi enterrado. Obviamente que isso não evitou que procurássemos preencher as lacunas com palpites, imaginação e especulações, mesmo que contradigam o pouco que sabemos. Não importa o que os historiadores nos contem, continuamos a acreditar no Cristóvão Colombo que queremos, não naquele que existiu. Isso é igualmente verdadeiro, quer queiramos um Colombo herói ou um vilão.

A cada curto período é publicado um livro que promete desmitificar Colombo, e mostrá-lo como o filho da puta que era, e a coisa mais estranha é que isso vem acontecendo há centenas de anos, desde o princípio mesmo. A fonte primária mais importante do pouco que conhecemos da vida de Colombo são os escritos de Bartolomeu de las Casas, padre dominicano e zeloso defensor dos índios. A única razão por que temos, por exemplo, o diário de bordo da primeira viagem de Colombo foi porque Las Casas conservou uma cópia dele entre seus documentos pessoais. Originalmente ele admirava Colombo, e estava entre as multidões alucinadas que saudaram seu retorno à Espanha, mas, depois que foi para a América, Las Casas fez do objetivo de sua vida tornar público e denunciar as crueldades que seus patrícios infligiam aos índios. Colombo e seus pares são frequentemente defendidos com o argumento de que você não pode julgar o passado por padrões modernos, mas é importante lembrar que “padrões modernos” já existiam no tempo de Colombo na pessoa de Las Casas e de outros como ele.

Colombo voltou a Hispaniola no início de 1494, equipado pela Coroa Espanhola com uma frota de 17 navios, para fundar um império. Descobriu que o pequeno núcleo colonizador que deixara estabelecido na primeira viagem fora eliminado depois de um confronto com os nativos, mas isso não interessava. A nova expedição tinha 1.500 novos europeus, junto com ferramentas, sementes e gado, prontos para subjugar o Novo Mundo. Colombo viajou com dois irmãos para compartilharem sua boa sorte.

Ele distribuiu entre os nativos cotas de ouro rígidas que lhe deveriam ser entregues, e, por diversos meses, exigiu que os tainos abandonassem suas culturas e fossem garimpar ouro nas colinas, o que desencadeou uma epidemia de fome que matou 50 mil pessoas. Também arrebanhou 1.500 nativos e prendeu-os para serem vendidos como escravos. Depois de apinhar quantos pôde nos navios que voltavam para a Espanha, ele usou os restantes no próprio local.⁸

Colombo passara tanto tempo de sua vida como capitão de navio que preferia governar por decreto e punição imediata. Por fim, suas execuções sumárias de espanhóis ocasionais aborreceram os colonos. Também dividiram a colônia desavenças sobre se tratar os nativos como escravos, que era o ponto de vista de Colombo, ou como súditos leais, ponto de vista da Coroa. Quando chegou um auditor da Espanha, entre as primeiras visões que teve foi a de cadáveres balançando das forcas. Os irmãos Colombo foram agrilhoados e enviados de volta para a Europa, para responder às acusações. A Coroa ainda manteve bastante fé em Colombo para perdoá-lo e continuar a usá-lo como explorador, mas ele nunca mais recebeu o comando de uma colônia em terra.

O Caribe

Logo os espanhóis começaram a subdividir o Novo Mundo de acordo com um sistema chamado de *encomiando*, ou supervisão de territórios. Na teoria, os índios permaneciam com a posse da terra, sob a supervisão dos benevolentes curadores europeus. Você pode imaginar quão bem isso funcionou na prática.⁹

Em 1502, o irmão Nicolau de Ovando, de uma Ordem religiosa espanhola, chegou a Hispaniola com 2.500 colonos. Convidou todos os chefes nativos para um esplêndido banquete na sua própria casa e depois os matou. Escravizou facilmente os líderes nativos remanescentes, deixados sem liderança. No ano seguinte, Ponce de Leon esmagou uma rebelião na extremidade daquela ilha, com o massacre de 7 mil tainos.¹⁰ Os espanhóis se espalharam por toda aquela área, e a população registrada da ilha rapidamente declinou de 60 mil, em 1509, para 11 mil, em 1518.

Com os nativos morrendo de excesso de trabalho, doenças incomuns para eles e a disciplina férrea, os espanhóis começaram a fazer incursões nas ilhas vizinhas para angariar mão de obra nova. Quando essas ilhas também ficaram esgotadas de gente, eles foram para a ilha seguinte e

depois outra, até que todos os indígenas das Índias Ocidentais estavam ou escravizados ou, em proporção cada vez maior, mortos.

A brutalidade não passou despercebida ou sem oposição. Já bem cedo, em 1511, o padre dominicano nas colônias espanholas, Antonio de Montesinos, clamava desesperadamente que os indígenas deveriam ser tratados com civilidade comum.¹¹

A América Central

Durante diversos anos os navegadores haviam esbarrado numa grande massa de terra a sudoeste das Índias Ocidentais, uma delas com um rio tão grande que deveria drenar água de um continente inteiro. Uma tentativa inicial de colonizar a região foi abandonada logo que os espanhóis viram a selva e seus nativos ameaçadores. A bordo estava Vasco de Balboa, que, em vez de continuar a exploração, decidiu se estabelecer em Hispaniola, onde não teve muito sucesso como fazendeiro.

Em 1508, quando outra grande força espanhola partiu para conquistar o continente ocidental, Balboa se escondeu como clandestino entre os suprimentos da expedição, a fim de escapar de seus credores. Embora o primeiro impulso do comandante da frota fosse de abandonar o clandestino na ilha seguinte, Balboa convenceu-o de que sua experiência anterior no continente poderia lhe ser útil.

A expedição desembarcou no Panamá, fundou uma cidade, matou alguns nativos e começou a explorar os arredores, apoderando-se de ouro sempre que encontravam. Quando o comandante da empreitada começou a cobrar impostos sobre o ouro dos colonos, Balboa chefou um motim que o levou ao comando. Logo chegou o novo governador, vindo de Hispaniola, para assumir o controle da colônia, mas Balboa o aprisionou e o empurrou para o mar numa canoa fazendo água, a qual nunca mais foi vista.

Enquanto explorava a fundo o interior da terra, trocando ou roubando quinquilharias e joias de ouro dos indígenas, Balboa ouviu histórias de outro oceano, além da terra firme, de modo que partiu para verificar se aquela poderia ser uma nova passagem para a Ásia. Abriu caminho a custo, lutando com tribo após tribo, e despojando-as de ouro e pérolas. Quando descobriu que os homens de uma tribo se vestiam como mulheres, ele fez com que seus cães de caça os despedaçassem. Finalmente, em 1513, chegou ao oceano Pacífico, o primeiro europeu a ver aquele mar a partir daquele lado.

Aquele foi o zênite de sua carreira. Um novo governador enviado pela Coroa, Pedrarias, logo substituiu e fez decapitar Balboa. Esse homem mostrou ser mais cruel do que Balboa, varrendo de cena quase todos os indígenas locais, à procura de ouro.¹²

O México

Diversas expedições ao México, tanto planejadas quanto acidentais, já haviam se dado mal ao se defrontarem com a hostilidade dos nativos, mas o governador de Cuba, Velásquez, quis tentar de novo. Em 1519, ele pediu a Fernando Cortês, um dos colonos mais ricos da ilha, para investigar histórias de uma misteriosa terra para oeste. Cortês deveria fazer contato, estabelecer comércio e relatar o que viu, mas conforme os preparativos progrediam, Velásquez notou que Cortês estava entusiasmado demais com a missão, equipando uma expedição muito maior e com armamento muito mais poderoso do que aquele que o governador tinha em mente.

Finalmente, Velásquez percebeu que o primeiro homem a alcançar o México teria uma terra virgem para saquear, e que ele havia justamente entregue essa oportunidade a um rival pouco confiável. No último minuto, ele tentou retirar a permissão para a expedição, mas o cunhado de Cortês fez com que o emissário do governador se perdesse e o matou, o que deu a Cortês a oportunidade de escapar. No momento, tecnicamente amotinado contra a autoridade legal, Cortês não tinha lugar para ir, a não ser seguir adiante.

Logo depois de desembarcar no México, na península do Yucatã, os espanhóis encontraram um compatriota extraviado, de uma fracassada expedição anterior, e que conhecia a região, bem como a língua maia local. Esse homem levou Cortês para o norte, na direção do Império Asteca. Conforme navegavam acompanhando o litoral, uma aldeia nativa recebeu Cortês de bom grado, e lhe deu diversas mulheres para que ele fizesse com elas o que quisesse, uma das quais, Malinche, mostrou-se extremamente útil. Ela falava tanto maia quanto nahuatl, a língua dos astecas, e depois aprendeu espanhol. O mais importante é que, depois de ter sido vendida para ser escrava por seu padrasto e passado por diversas mãos, ela não foi especialmente leal para com seu povo. Todos os relatos a descrevem como linda e inteligente, participando ao lado de Cortês, em todas as reuniões, sussurrando conselhos no ouvido do comandante. Por fim, ela teve um filho de Cortês e desapareceu da história.

Desembarcando finalmente em Vera Cruz, os espanhóis seguiram a pé. Durante a marcha para o interior, Cortês e seus quinhentos soldados derrotaram os exércitos reunidos dos tlaxcalas, inimigos mortais dos astecas. Aterrorizados pela demonstração de força dos espanhóis, aquela tribo rapidamente mudou-se para o lado vencedor, e aceitou Cortês como seu aliado. Em outubro de 1519, Cortês reencetou a marcha, agora reforçado com 3 mil nativos. Ele atacou a cidade sagrada asteca de Cholula, matando 3 mil habitantes e incendiando-a.

Por fim, Cortês entrou com seu exército por uma larga avenida na capital asteca de Tenochtitlán, uma magnificente cidade de pirâmides, lagos com peixes e jardins, ao longo de canais interligados. A cidade se erguia em ilhas no centro de um lago. Viam-se por toda parte braceletes, quinquilharias e ornamentos de ouro. Embora ninguém realmente saiba quantas pessoas viviam ali, todos os historiadores concordam que Tenochtitlán era maior que qualquer cidade europeia da época, exceto Constantinopla.¹³

Na primeira reunião, o imperador asteca, Montezuma, convidou Cortês para ficar hospedado no seu palácio, como convidado de honra, mas no decorrer das semanas seguintes Cortês começou a restringir e controlar os movimentos do imperador, transformando-o num títere aprisionado. Depois chegaram notícias de que outra força espanhola desembarcara no litoral, com ordem de Velásquez para colocar Cortês sob seu comando. Cortês voltou rapidamente e derrotou os recém-chegados numa batalha, mas suas histórias de uma grande cidade de ouro convenceram os sobreviventes a se juntarem a ele.

Nesse ínterim, a guarnição que Cortês deixara em Tenochtitlán interrompera um festival religioso, ou para assassinar, ou para roubar os ricos astecas, conforme a história contada pelos nativos, ou para evitar sacrifícios humanos, conforme a história contada pelos espanhóis. Quando voltou, Cortês encontrou os astecas em estado de rebelião e seus compatriotas sitiados e morrendo de inanição no palácio. Cortês colocou Montezuma num balcão e apelou para a calma, mas o imperador foi alvejado com pedras e morto. Então Cortês se viu escorraçado da cidade, batalhando para fugir. A maior parte dos espanhóis foi capturada e sacrificada durante a retirada. Seus gritos, ao terem o corpo aberto pelos sacerdotes, podiam ser ouvidos à noite por seus companheiros que fugiam.¹⁴

Enquanto os remanescentes espanhóis se recuperavam entre os

tlaxcalas, um aliado invisível destruiu os astecas para eles. A varíola é uma das doenças do Velho Mundo que deixa os sobreviventes com cicatrizes, mas que os torna imunes a infecções posteriores. Por gerações, os europeus vinham herdando desses sobreviventes a resistência contra a doença, e por volta do século XVI a varíola era uma doença infantil na Europa. Adultos raramente morriam por sua causa, a menos que pertencessem a uma população que nunca fora exposta a ela anteriormente. Bem, a varíola e outras doenças infecciosas, como o sarampo, a gripe, a tuberculose, por exemplo, estavam varrendo do mapa populações suscetíveis do hemisfério ocidental. A epidemia que atingiu os astecas matou o novo rei e milhares de pessoas.

Os espanhóis construíram uma frota de barcos portáteis e voltaram a Tenochtitlán com 80 mil tlaxcalanos aliados. A força de Cortês atacou, então, através dos lagos e canais de Tenochtitlán contra uma defesa determinada, casa a casa. Cortês foi abrindo caminho, derrotando todas as resistências, desmantelando a cidade conforme progredia. Cerca de 200 mil astecas morreram na luta para salvar sua cidade. Quando terminou a batalha, os canais estavam entupidos de cadáveres, e Cortês extinguiu uma importante civilização mundial, mas estava mais rico do que jamais poderia imaginar.

O Peru

O Império Inca, que se estendia ao longo da espinha dorsal montanhosa da América do Sul, era a entidade política nativa mais adiantada das Américas. Tendo mais quilômetros de comprimento do que os Estados Unidos em largura, o Peru incaico era uma terra de lhamas e alpacas, fortalezas de pedra e fazendas em terraços construídos gradualmente nas encostas das montanhas. Durante suas primeiras décadas no Novo Mundo, os espanhóis nem mesmo sabiam de sua existência, até que Francisco Pizarro, um ex-auxiliar de Balboa, analfabeto, partiu de navio do Panamá para o sul, a fim de explorar o litoral do oceano Pacífico, na América do Sul. Encontrando um barco de comércio nativo, ele arregimentou uns poucos indígenas para servir como guias e tradutores. Logo depois entrou no porto peruano de Tumbes e foi recebido amistosamente. Soube então do vasto Império Inca, que se estendia para cima e para baixo, ao longo da costa, mas, o que é mais importante, Pizarro percebeu como esses povos eram ricos e vulneráveis.

Depois de uma agradável visita, os europeus se despediram de seus anfitriões nativos, e a corrida começou. O governador da cidade enviou mensageiros ao rei inca levando notícias dos estrangeiros, enquanto Pizarro voltava à Espanha com seu relato.

O rei da Espanha deu a Pizarro permissão para conquistar os incas, e, em 1531, ele refez o itinerário anterior. Dessa vez, entretanto, Pizarro descobriu que os tumbes haviam sido saqueados e massacrados. Ao marcharem na direção do interior, sem oposição, os espanhóis perceberam que nas aldeias no seu caminho não havia homens.

A varíola chegara antes dos espanhóis. Mais ou menos na época da primeira visita de Pizarro, a varíola estava se espalhando pelo interior, matando o rei inca e seu herdeiro presuntivo. Os dois filhos sobreviventes haviam passado grande parte daqueles anos de ausência dos espanhóis lutando pelo controle do império e recrutando todo homem fisicamente capaz que podiam capturar. O vencedor, Atahualpa, esperava que os espanhóis chegassem a qualquer momento, mas ele os considerava menos perigosos do que os membros de sua própria família.

Francisco Pizarro e duzentos espanhóis conquistaram a cidade deserta de Cajamarca. Combinaram um encontro com Atahualpa, que chegou à praça principal com 80 mil soldados, num enorme esplendor, marchando com tambores, penachos, lanças e machados de pedra.

Entretanto os nativos encontraram a praça misteriosamente vazia. Um frade dominicano se aproximou para negociar, oferecendo a Atahualpa uma escolha: converter-se ao cristianismo ou ser atacado. Essa era a oferta legal padrão que precedia todas as guerras contra os pagãos. Os cristãos eram proibidos de lutar contra outros cristãos sem uma boa razão ou, pelo menos, uma desculpa plausível, mas os pagãos, a qualquer tempo, eram uma presa fácil, de modo que a regra era simples: confirmar o paganismo deles e depois atacar.

Quando Atahualpa não levou a sério essa ameaça, partida de duzentos estrangeiros sujos, os espanhóis, escondidos, varreram a praça com o fogo de suas armas, e atacaram os incas amontoados com cavalos e sabres, matando 8 mil nativos sem praticamente sofrer nenhuma baixa. Pizarro aprisionou Atahualpa pessoalmente e arrancou-o de sua liteira, levando-o para o cativeiro. Forçado a comprar sua liberdade, Atahualpa concordou em encher uma sala com ouro e prata, como resgate. Preciosas peças artísticas, reunidas pelo império durante séculos, foram entregues aos espanhóis, que as derreteram e as quebraram a golpes de martelo para

ficarem mais fáceis de transportar.

Mesmo depois de pago o resgate, os espanhóis mantiveram o imperador preso. Este percebeu que era descartável, desde que outros governantes em potencial continuassem livres e vivos, de modo que enviou ordens para eliminar a família imperial, por todo o império. Seu irmão e rival, Huascar, estava entre os que foram mortos. Esse ato não apenas de nada adiantou, mas também deu a Pizarro uma desculpa para se livrar de Atahualpa. O rei inca foi sentenciado a ser queimado vivo, mas disseram-lhe que, se se convertesse ao cristianismo, receberia uma pena mais leve. Atahualpa concordou, de modo que, em vez de levá-lo à fogueira, os espanhóis o estrangularam.¹⁵

Cidades de ouro e montanhas de prata

Foram necessários muitos anos de dura luta para os espanhóis assumirem o controle de todo o Peru. Um príncipe rebelde dos incas se refugiou na fortaleza montanhosa de Machu Picchu e os espanhóis tiveram de conquistar seu território passo a passo. Nesse ínterim, um fluxo constante de novos conquistadores chegou para participar da ação. Antes mesmo do Peru ser pacificado, os conquistadores começaram a brigar entre si, mas, com o tempo, a Espanha passou a controlar toda a região.

Depois, em 1549, os espanhóis descobriram uma montanha de minério de prata em Potosi, hoje no sul da Bolívia. Ao longo das gerações que se seguiram, os trabalhadores indígenas foram sistematicamente recrutados nas áreas vizinhas para cavar a montanha, até que caíssem exaustos. Os acidentes nas minas matavam dezenas de cada vez, enquanto os vapores de mercúrio destruíam o sistema nervoso de outros mineiros. Os trabalhadores morreram às dezenas de milhares, mas a prata de Potosi financiou as ambições da Espanha por todo o século seguinte.¹⁶

Um dos aventureiros espanhóis que passaram por Potosi, um nobre de pouca categoria e soldado da fortuna chamado Lope de Aguirre, foi preso em 1551 e considerado culpado de abusar dos indígenas. Considerando que a brutalidade comum em Potosi já matava os indígenas às pencas, você pode imaginar a que ponto deveria chegar a maldade de uma pessoa para ser processada. Quando o juiz Francisco de Esquivel condenou-o a ser açoitado, a despeito de sua posição social, Aguirre jurou vingança. Durante três anos, perseguiu Esquivel, sem lhe dar tréguas, indo atrás dele em Lima, Quito e finalmente em Cuzco. Esquivel chegara ao ponto de usar

permanentemente uma cota de malha no caso de Aguirre encontrá-lo. Isso não o ajudou. Em Cuzco, Aguirre o encontrou, esgueirou-se para dentro da mansão do vice-rei, fortemente guardada, e matou o juiz com um ferimento na cabeça.

A habilidade militar de Aguirre logo se tornou necessária para sufocar uma rebelião de espanhóis revoltados, de modo que a Coroa o perdoou pelo assassinato do governador. Em 1559, ele se juntou a uma expedição militar espanhola que partiu dos Andes, no Peru, para enfrentar a proibitiva e pestilenta selva amazônica, e levou Elvira, sua filha adolescente, consigo. Corriam boatos da existência do El Dorado, um reino de ouro localizado em alguma parte da região selvagem, inexplorada. Embora Aguirre tivesse iniciado lá embaixo na cadeia de comando uma série de disputas internas, esfaqueamentos, execuções e acidentes misteriosos, o deixaram como comandante da expedição. Os espanhóis remanescentes abriam caminho à força de machetes e mosquetes, enfrentando as tribos ao longo do rio Amazonas, por milhares de quilômetros, sem encontrar a terra dourada que lhes fora prometida.

Depois de derrubar a última macega e os últimos indígenas, Aguirre reemergiu em território espanhol do outro lado da América do Sul, e quase imediatamente apoderou-se da ilha Margarita, no litoral caribenho, defendida por uma guarnição espanhola. Enquanto tentava fundar um império independente naquela ilha, ele foi descobrindo conspirações e complôs por toda parte, e terminou matando quase todos os membros de sua equipe. Quando tentou expandir suas operações para o Panamá, as autoridades entraram em cena e acabaram com ele. Quando as forças espanholas chegaram, o último ato de Aguirre foi matar sua própria filha, para que ninguém pudesse possuí-la. As autoridades cortaram o corpo de Aguirre em quatro partes e as distribuíram por toda a América espanhola, como aviso.

A América do Norte

Na época em que os ingleses, franceses e holandeses começaram a estabelecer colônias na América do Norte, o pior já passara para os principais centros da civilização nativa. No grande plano das coisas, os séculos de contínuas guerras entre os índios norte-americanos e os anglo-americanos foram de menor importância se comparados com a devastação infligida às terras da Mesoamérica, dos Andes e do Caribe, todas

densamente povoadas. Seja como for, os Estados Unidos são a potência hegemônica mundial na atualidade, e a erradicação dos nativos americanos é geralmente considerada o maior pecado nacional do nosso país, de modo que as pessoas discutem mais sobre o massacre de Wounded Knee [Joelho Ferido] do que sobre Atahualpa.

Uma rápida passagem dos 16 mais letais acontecimentos da fronteira anglo-americana nos dá uma ideia de quem fez o que a quem:

22 de março de 1622: Os índios powhatanas mataram 347 colonos ingleses – homens, mulheres e crianças – um terço da população da colônia da Virgínia, com ataques coordenados subindo e descendo o rio James.

1623: Depois de negociar um tratado de paz com a rebelde tribo dos chiskiacks, no rio Potomac, os ingleses levaram vinho para brindar o fim das hostilidades. A bebida estava envenenada e duzentos líderes indígenas caíram mortos. Os ingleses massacraram os sobreviventes.¹⁷

26 de maio de 1637: A milícia de Connecticut cercou o vilarejo dos índios pequotas, no rio Mystic, incendiando as casas com os habitantes presos lá dentro. Em torno de seiscentos indígenas, a maior parte mulheres e crianças, morreram entre as chamas, ou foram abatidos a tiros quando tentavam escapar.¹⁸

1675-76, a guerra do rei Filipe: No padrão usual de guerra na fronteira, uma morte levava a outras três, o que levava a uma incursão em grande escala, até que todo mundo estivesse matando alguém. Aldeias inteiras foram arrasadas, e os cativos esfolados, escalpelados, queimados e esquartejados, por ambos os lados. Três mil indígenas e seiscentos colonos foram mortos, e a cabeça de Metacom, o líder dos wampanoages, conhecido pelos colonos como rei Filipe, ficou espetada num poste na cidade de Plymouth durante muitos anos mais tarde.¹⁹

8 de agosto de 1757: Depois de se ver cercado por uma força avassaladora, a guarnição anglo-americana do forte William Henry, no estado de Nova York, concordou em entregar a fortaleza e as armas aos franceses, em troca de salvo-conduto para suas casas. Os indígenas abenakis, aliados dos franceses, não gostaram dos termos da rendição, de modo que atacaram a coluna de ingleses desarmados em campo aberto, matando uns duzentos dos alvos mais fáceis: mulheres, crianças, doentes,

feridos etc.

Julho de 1778: Uma sortida por parte dos legalistas e iroqueses no vale Wyoming, Pensilvânia, matou 360 colonos.²⁰

4 de novembro de 1791: Os índios miamis e wabashes, sob o comando de Little Turtle [Tartaruga Pequena], atacaram uma coluna chefiada por Arthur St. Clair, no território do noroeste, matando 623 soldados americanos e duas dezenas de civis que acompanhavam os militares.²¹

30 de agosto de 1813: Índios da tribo creek, da facção de Red Stick [Graveto Vermelho], capturaram o forte Mims, no Alabama, e massacraram os quinhentos apavorados colonos brancos e os outros indígenas da mesma tribo, mas da facção rival White Stick [Graveto Branco], não combatentes, que haviam se refugiado no local.²²

27 de março de 1814: Soldados do general Andrew Jackson mataram mais de quinhentos guerreiros creeks na Batalha de Horseshoe Bend [Curva da Ferradura], no Alabama.²³

1837-38, Trilha das Lágrimas: O presidente Andrew Jackson expulsou todos os indígenas que ainda viviam a leste do rio Mississippi, e escorraçou-os para as novas terras do Oeste americano. Como viviam recentemente em paz com os americanos e eram ainda numerosos e bem-sucedidos, os índios cherokees tinham muito mais a perder e foram especialmente atingidos por essa limpeza étnica. Cerca de 18 mil indígenas daquela nação foram expulsos de suas terras dentro e em torno da Geórgia, e pelo menos 4 mil, possivelmente 8 mil, morreram de frio, fome, exaustão ou doença, antes de chegarem a Oklahoma.²⁴

18 de agosto de 1862: Índios da tribo santee sioux atacaram pequenas fazendas ao longo da fronteira de Minnesota, matando e mutilando quatrocentos colonos nas primeiras sortidas. Ao todo, cerca de oitocentos colonos morreram conforme as lutas continuaram no mês seguinte. Como punição, 38 índios foram enforcados na maior execução em massa da história americana.²⁵

29 de janeiro de 1863: A milícia da Califórnia matou cerca de 250 habitantes de uma aldeia shoshoni, inclusive 90 mulheres e crianças, no rio Bear, em Idaho.

29 de novembro de 1864: A milícia do Colorado atacou, subitamente e ao nascer do sol, uma aldeia pacífica em Sand Creek, massacrando 163 cheyennes.²⁶

23 de janeiro de 1870: O exército dos Estados Unidos atacou uma aldeia de índios piegans blackfeets, em Montana, matando 173, inclusive noventa mulheres e cinquenta crianças.²⁷

25 de junho de 1876, Batalha de Little Bighorn [Pequeno Chifre Grande]: Quando atacava um grande acampamento indígena, o Sétimo Regimento de Cavalaria do general Custer foi repellido, encurralado e massacrado por sioux e cheyennes. Foram mortos 267 soldados americanos.

29 de dezembro de 1890, Batalha de Wounded Knee [Joelho Ferido]: Um bando de refugiados miniconjous sioux, a maioria mulheres e crianças, rendera-se ao exército dos Estados Unidos. Enquanto os prisioneiros eram desarmados, foram disparados tiros. Surgiu uma confusão, e todo mundo com uma arma começou a disparar, incluindo a guarnição da metralhadora que vigiava os refugiados. Quando a fumaça dissipou, 128, pela contagem oficial, ou trezentos, pela contagem não oficial, índios sioux e 25 soldados americanos estavam mortos. Foi o último grande evento das Guerras Indígenas.²⁸

Para aqueles entre vocês que gostam de contar, isso resulta em:

Massacre ou limpeza étnica por parte de brancos contra índios: 7

Massacre ou limpeza étnica por parte de índios contra brancos: 4

Guerra ou batalha em que os índios derrotaram totalmente os brancos: 3

Guerra ou batalha em que os brancos derrotaram totalmente os índios: 2

Isso indica que atrocidades evidentes suplantaram em número a guerra honesta na proporção de cerca de dois para um, e estou usando uma definição bem ampla de guerra honesta, que inclui não fazer prisioneiros. Embora as Guerras Indígenas na América do Norte sejam muito complicadas para serem explicadas num relato resumido, o ponto decisivo foi 1815. Antes desse ano, os indígenas desempenhavam seu papel em conflitos geopolíticos maiores, entre os franceses, ingleses, espanhóis e americanos. Isso dava às tribos, individualmente, poderosos aliados,

protetores e patrocinadores. Entretanto, depois de 1815, todas as nações brancas já haviam resolvido suas diferenças, e os indígenas ficaram sozinhos contra o avanço dos americanos.

Amazônia

A floresta tropical da Amazônia ficou sendo o último refúgio de indígenas não assimilados, mas essas tribos foram grandemente eliminadas no século XX. Das 230 tribos originais sobreviventes no Brasil em 1900, 87 estavam extintas em 1957. Durante o mesmo período, a população indígena do Brasil desabou de 1 milhão para 200 mil.²⁹ A história de cada tribo foi geralmente a mesma. Algum recurso vital, como ouro, petróleo, borracha, potencial hidrelétrico, era descoberto na selva, e a civilização avançava, esmagando os habitantes do local, a fim de explorá-lo. A floresta era domada e devastada, junto com qualquer vida animal ou indígena que se interpusesse no caminho.

Muitos dos indígenas desapareceram sem deixar qualquer vestígio, mas alguns genocídios aconteceram há bastante pouco tempo para ficar bem documentados. Os indígenas aches, do Paraguai, foram vítimas de repetidos massacres, estupros e roubos, quando uma nova estrada foi aberta no seu território em 1968. Os ianomâmis, na fronteira do Brasil com a Venezuela, foram varridos de sua terra pelos mineradores de ouro na década de 1980, e devastados por doenças, estupros, tiroteios e dejetos químicos resultantes do garimpo, que envenenou os cursos d'água.

A tirania da doença

As crueldades praticadas pelos europeus foram responsáveis apenas por uma fração das mortes de indígenas durante a conquista das Américas. A doença fez o resto. Durante séculos, as grandes e entrelaçadas populações da Eurásia e da África vieram trocando doenças umas com as outras através das rotas de comércio, dando às raças do Velho Mundo níveis elevados de resistência. Geração após geração foram selecionando por vias naturais aqueles que podiam sobreviver à varíola, ao sarampo e à gripe. Os indígenas das Américas, no entanto, eram biologicamente ingênuos e totalmente suscetíveis. Aldeias inteiras morriam por causa dessas doenças logo depois do primeiro contato.

Devemos condenar os europeus por essas mortes por doença? É uma

questão moral delicada, e naturalmente você vai encontrar defensores ferrenhos nos dois extremos.

De um lado, você encontrará o argumento de que a maioria dos indígenas morreu de doença, e doença não é genocídio. Ponto final. A defesa descansa.

Stephen Katz: “Quando ocorriam mortes em massa entre os indígenas das Américas... a causa era, quase sem exceção, causada por micróbios, não pelas milícias armadas... isto é, esse extermínio da população acontecia involuntariamente e não por desejo de alguém, indo mesmo em direta oposição à vontade expressa e ao autointeresse dos construtores de império ou colonos.”³⁰

De fato, as primeiras gerações viam a terra como que sendo limpa pela mão de Deus, para abrir caminho para os recém-chegados. Trágico, sim, mas eram os germes, e não os homens, que matavam os indígenas. Sob esse ponto de vista, a resistência dos europeus às doenças era uma manifestação de uma superioridade inata.

Governador Winthrop, da colônia de Massachusetts: “Portanto Deus nos deu o domínio deste lugar.”³¹

Por outro lado, alguns escritores culpam os europeus inteiramente pelas doenças que chegaram com eles. Acusam os conquistadores e colonos de não serem limpos física, espiritual e moralmente. Assim, as doenças que eles trouxeram pareciam quase como um sintoma de uma cultura inteiramente doentia.

David Stannard: “Valas na beira das ruas, cheias de água estagnada, serviam como latrinas públicas nas cidades [espanholas] do século XV... Juntamente com o fedor e a aparência repulsiva dos cadáveres mostrados abertamente, tanto de humanos quanto de animais, um visitante moderno a uma cidade europeia daquela época ficaria enojado com a aparência e os maus odores desprendidos também pelos vivos. A maioria das pessoas nunca tomava banho, nem uma vez em toda a sua vida. Quase todo mundo entrava em contato com a varíola e outras doenças causadoras de deformidades, que deixavam os sobreviventes cegos, marcados por bexigas ou aleijados.”³²

A maior parte dos escritores aceita de má vontade o fato de não poderem realmente *culpar* os europeus por serem imunes às doenças que matavam os nativos, mas isso não é muito justo, não é?

James Loewen: “Só podemos especular que resultado poderia ter sido se o impacto das doenças europeias na população das Américas não houvesse sido tão devastador... Afinal de contas, os indígenas americanos haviam expulsado Samuel de Champlain quando ele tentara estabelecer uma colônia em Massachusetts, em 1606. No ano seguinte, os índios abenakisam havia ajudado a expulsar do Maine a primeira colônia da Plymouth Company.”³³

Jared Diamond: “As doenças infecciosas desempenharam um papel decisivo nas conquistas europeias... dizimando muita gente em outros continentes. Por exemplo, uma epidemia de varíola devastou os astecas depois do fracasso do primeiro ataque espanhol, em 1520, e matou Cuitl[a]huac, o imperador asteca que acabara de suceder a Montezuma... As sociedades mais populosas e altamente organizadas da América do Norte, as nações indígenas do Mississippi, desapareceram dessa forma entre 1492 e o final do século XVII, até mesmo antes de os primeiros europeus terem estabelecido sua primeira colônia no rio Mississippi.”³⁴

Sob muitos aspectos, não interessa o que matou os indígenas porque, de qualquer forma, geralmente adicionamos mortes por doença e fome ao custo total das guerras e atividades de repressão. Anne Frank morreu de tifo, não de gás venenoso, mas ela ainda é contada como uma vítima do Holocausto. O mesmo padrão se aplica ao colapso da população ameríndia, desde que as mortes tenham ocorrido depois que sua sociedade foi perturbada pela direta hostilidade dos europeus. Se uma tribo foi escravizada ou expulsa de suas terras, o conseqüente aumento de mortes por doença seria definitivamente contado como resultante de atrocidades; entretanto, se alguém simplesmente espirrou sobre uma tribo no primeiro contato, as conseqüências disso não devem contar.

Consideremos os powhatans, da Virgínia. No livro *American Holocaust* [*O holocausto americano*], David Stannard alega que a população daquela região era de 100 mil antes do contato, mas “as depredações e doenças” dos europeus reduziram aquele montante para uns meros 14 mil na época em que os ingleses fundaram Jamestown, em 1607.³⁵ Bem, vamos ser

justos. Devemos culpar os ingleses por 86 mil mortes que ocorreram antes de eles chegarem? Stannard menciona depredações ocorridas antes da fundação de Jamestown, mas, até onde podemos saber, o punhado de colônias europeias na região da Virgínia antes de 1607 era pequeno demais para causar muito dano. Até a fundação da cidade, os europeus geralmente levaram a pior. Por exemplo, uma pequena missão espanhola foi exterminada por nativos em 1571, e a colônia inglesa de Roanoke desapareceu misteriosamente por volta de 1589.

Se os europeus houvessem chegado com as mais benignas das intenções, e houvessem se comportado como perfeitos convidados, ou se os marinheiros caribenhos houvessem descoberto a Europa, em vez de ser o oposto, os indígenas ainda assim teriam sido expostos a doenças não familiares e a população ainda teria sido dizimada por grandes epidemias. Nesse caso, a sociedade colocaria isso na mesma categoria da Peste Negra: má sorte.^b

Dito isso, o simples fato de que a doença foi o agente primordial das mortes não absolve os europeus. Seja o que for que reduziu os powhatans a um número residual de 14 mil, em 1607, para cerca de zero, conta definitivamente porque, por essa época, a hostilidade e a apropriação de terras por parte dos ingleses já se faziam sentir. Na maioria das atrocidades listadas neste livro, a fome e a doença fizeram o trabalho mais sujo, mas ainda as conto como atrocidades. Se eu fosse limitar a contagem ao número de mortes por violência direta, o Holocausto teria matado menos de 3 milhões de judeus, e as perdas consequentes da Guerra Civil Americana não teriam sido bastante grandes para o conflito figurar na lista.³⁶

Quantos morreram?

Em 1542, Las Casas estimou que os espanhóis haviam matado mais de 12 milhões de nativos nas Américas, e provavelmente cerca de 15 milhões nos primeiros cinquenta anos do contato. Apesar de cinco séculos de pesquisas adicionais, essa ainda é uma estimativa tão boa quanto as que se seguiram.

Outros poucos pesquisadores têm tentado fornecer números melhores. No seu *American Holocaust*, Stannard calcula que o custo total do quase extermínio completo dos indígenas americanos tenha sido de 100 milhões de mortos. Em *Statistics of Democide* [*Estatística de democídio*], Rudolph J.

Rummel sugere uma amplitude de 9.723 mil a 24.838 mil democídios infligidos aos nativos americanos antes de 1900, inclusive 2 a 15 milhões durante a era colonial.³⁷

Geralmente, para minha contagem, eu prefiro a mediana de todas as estimativas disponíveis. Calculo que, se reunir todos os nossos especialistas e depois começar a eliminar os extremos, usando o cálculo mais alto para cancelar o mais baixo, o segundo mais alto para cancelar o segundo mais baixo, chegando por fim ao centro, eu teria um número que é mais defensável do que o que se posiciona sozinho no limite mais alto ou mais baixo. O problema aqui é que só há três estimativas razoavelmente confiáveis, todas elas diferindo enormemente uma das outras. Usando o mesmo método que usei às vezes para as estimativas da China medieval, posso decidir ficar com a média geométrica, isto é, 14 milhões, do mínimo absoluto de Rummel, isto é, 2 milhões, e o máximo absoluto de Stannard, isto é, 100 milhões.

Será que não podemos fazer melhor do que isso?

O ponto crucial do problema é que ninguém tem a mais ligeira ideia de quantos nativos americanos havia antes que os europeus chegassem, e comesçassem tanto a contá-los como a matá-los. Segundo o *The New York Public Library American History Desk Reference* [Guia de referência rápida da história americana, da Biblioteca Pública de Nova York]: “Estimativas da população de nativos americanos nas Américas, todas elas completamente não científicas, vão de 15 a 60 milhões.”³⁸ Até mesmo essa avaliação cínica está errada. As estimativas vão de 8 a 145 milhões.³⁹ A maioria dos escritores escolhe a estimativa que melhor respalde seja que tese for que estejam apresentando. O número de indígenas é diretamente proporcional a quão destrutivos eles querem que os europeus sejam.

Sem muita precisão, um cálculo em torno de 40 milhões de habitantes originais parece ser a escolha mais popular entre as autoridades que não estão querendo alardear sabedoria.⁴⁰

Então, como cheguei aos 15 milhões que abrem este capítulo? Parti da premissa de que o Novo Mundo começou com 40 milhões de pessoas, mas, depois que os europeus chegaram, a população americana despencou e atingiu seu ponto mais baixo em torno de 5 milhões.

O próximo passo é determinar quantas dessas 35 milhões de mortes devem ser atribuídas a matanças com autoria definida, resultantes de violência e opressão, tanto diretas, como guerra, assassinato, execução, quanto indiretas, como fome, agravamento de doenças. É óbvio que

algumas foram e outras não foram resultantes desses fatores. Não podemos fazer a contagem das mortes com qualquer grau de certeza, mas, não importa quão imprecisos sejam meus números, não posso deixar de considerar os genocídios com autoria conhecida num nível muito mais baixo do que 10 milhões e não muito mais alto do que 20 milhões. Eu dividi a diferença.⁴¹

^a A palavra-chave é *geralmente*. Esta não é uma lista de quem *merece* levar a maior culpa. Custer é o mais conhecido assassino de índios da história americana, mas dificilmente podemos considerá-lo o pior. Ele veio exemplificar o lado americano das Guerras Indígenas, mas seu pecado imperdoável não foi eliminar uma ou outra aldeia indígena aqui ou ali, mas sim ser derrotado. Andrew Jackson matou mais índios, mas venceu todas as suas batalhas, de modo que seu retrato está na nota de 20 dólares.

^b Será que os europeus espalharam a varíola entre os indígenas deliberadamente? A maioria dos boatos sobre isso apareceu muito tempo depois dos supostos acontecimentos. A única documentação real de tal coisa é uma troca de cartas entre autoridades britânicas em 1761, explorando a possibilidade de dar às tribos inimigas cobertores de pacientes com varíola. Não ficou registrado se esse plano foi realmente posto em prática. Uma epidemia de varíola certamente atingiu os índios-alvo logo depois, mas o simples fato de que havia pacientes com a doença no hospital mostra que a varíola já existia por lá, espalhando-se pelo contato humano tradicional.

GENOCÍDIO

O extermínio dos indígenas americanos foi um genocídio? Bem, os indígenas se interpunham no caminho, e os europeus se livraram deles. Foi genocídio no efeito, se bem que não na intenção.

Em quase todas as etapas do caminho, poderosas facções mataram deliberadamente indígenas não assimilados, e isso perturbou suas consciências não mais do que desmatar as florestas ou caçar animais predadores perigosos. Na maior parte do hemisfério, europeus e africanos substituíram por completo os ameríndios, e até mesmo onde sobreviveram populações originais, seus descendentes adotaram as línguas e as religiões ocidentais.

A palavra G

Como genocídio é a pior acusação que se pode lançar contra uma nação, toda forma de opressão acaba sendo chamada de genocídio, de uma forma ou de outra. Chamar o morticínio de expurgo ou massacre não parece ser o bastante. Então, como o genocídio é um insulto tão grande, toda acusação é negada com veemência, geralmente insistindo-se que a matança foi um ato de guerra legítimo, o número de mortos foi menor, o inimigo merecia o castigo ou que as mortes não foram deliberadas. Uma longa história de leis internacionais proibindo o assassinato de civis não tem evitado, realmente, o massacre de civis, mas tem nos feito sentir bem confortáveis ao apresentarmos as desculpas.

Depois de meio século discutindo o significado de *genocídio*, a palavra perdeu suas arestas afiadas, mas vamos defini-la aqui de maneira bem restrita, significando a tentativa de erradicação de um grupo étnico usando-se a violência. Vamos além, definindo etnicidade como a identidade de um grupo sobre o qual você não tem controle. Você nasce nele, compartilha-o com sua família, e isso não muda, não importa o que possa acontecer mais tarde na sua vida. Como a palavra *genocídio* tem a mesma

raiz que a palavra *genética*, o senso comum concluiria que genocídio é a matança de pessoas baseada na sua ancestralidade, não na sua religião, riqueza, educação ou crenças políticas.

Por essa definição, o bombardeio de Nagasaki, as matanças efetuadas pelo regime do Khmer Vermelho e o massacre de Katyn não foram genocídios; o bombardeio porque a rendição era uma opção, as matanças porque foram políticas e dentro de uma única etnia, e o massacre (ver “Josef Stálin”) porque a escala não foi bastante grande para ser classificada como “tentativa de erradicação”.

Uma característica definidora de genocídio é a devoção sincera com a qual os opressores erradicam o grupo-alvo. Os opressores não ficam satisfeitos simplesmente com a matança de quem se revolta e resiste, mas fazem questão de caçar e eliminar todo homem, mulher, criança, bebê e cachorro. Se você pertence ao grupo demográfico alvo, será morto, não interessando se você implora misericórdia; as moças, entretanto, são em geral poupadas, estupradas e escravizadas, porque não são bastante importantes para serem mortas.

Vingar-se de uma família inteira pelos crimes cometidos por um único membro daquela família também não conta como genocídio, mesmo que frequentemente se pareça com ele.

Observe-se que cerca de metade dos genocídios listados a seguir teve sucesso. O grupo-alvo foi inteiramente eliminado e substituído pelos perpetradores, pelo menos nas regiões onde se deu o ataque. Grande parte das maiores etnias atuais apossou-se das terras onde elas vivem eliminando seus rivais. Outro genocídios não tiveram êxito. As vítimas reagiram e o único resultado que persistiu foi a lembrança amarga de dezenas de milhares de mortes desnecessárias.

Trinta e um genocídios notáveis

Indígenas das Américas: 15 milhões talvez tenham morrido nas mãos dos conquistadores europeus.

Juntamente com o colapso da população nativa em todo o hemisfério ocidental, centenas de tribos individuais simplesmente desapareceram:

Os arrohatts, da Virgínia, haviam desaparecido em 1669.

Os apalaches, da Flórida, desapareceram na década de 1700.

Os yazzos, do Mississippi, desapareceram depois de 1729.

A língua powhatan, da Virgínia, ficou extinta na década de 1790.
Os timucuas, da Flórida, desapareceram logo depois de 1821.
Shanawdithit, o último remanescente da tribo dos beothuks, de Newfoundland, morreu em 1829.
Durante a década de 1870, os argentinos eliminaram os indígenas araucanianos para abrir os pampas à colonização branca.¹
Ishi, o último yahi da Califórnia, morreu em 1916.²
Os clackamas, do Oregon, já haviam desaparecido por volta da década de 1920.
A língua natchez, da Louisiana, foi extinta na década de 1930.
A família linguística catawban, das Carolinas, foi extinta na década de 1960.

O padrão de extermínio de cada tribo foi mais ou menos o mesmo. Os primeiros visitantes brancos eram recebidos com cautelosa hospitalidade. Logo o contato com os europeus infectava os nativos com doenças catastróficas. Em seguida baleeiros, soldados, colonos e mineiros atacavam a tribo em busca de mão de obra escrava e suprimentos. Os indígenas roubavam cavalos, gado e ferramentas. Ladrões e invasores de propriedades eram mortos. O outro lado retaliava. Por algum tempo a paz voltava. Seguia-se a guerra. Por fim, os brancos do local decidiam que a única solução era eliminar completamente os nativos. Os indígenas que cooperavam eram arrebanhados e expulsos, enquanto os que não cooperavam eram caçados e mortos. Os poucos miseráveis sobreviventes ficavam sob a proteção de uma instituição de caridade, onde recebiam abrigo num telheiro nos fundos, e aprendiam a cantar hinos. Os últimos membros da tribo eram considerados uma curiosidade triste, bêbados, e se lhes permitia morrer sem perpetuar sua cultura ou linhagem.

Holocausto: 5.500 mil judeus foram mortos³ (ver “Segunda Guerra Mundial” para detalhes).

Como a palavra *genocídio* foi cunhada em 1944 especificamente para descrever o que Hitler estava fazendo na Europa conquistada, esse é o único acontecimento que conta como genocídio, não importa como você o defina. Na verdade, a maioria das pessoas usa a palavra para significar qualquer atividade que as faça lembrar do Holocausto, independentemente de se a ONU decide que a atividade se enquadra na sua estrita definição de genocídio.^a

Ucranianos: cerca de 4.200 mil pessoas morreram de fome em 1932-33⁴ (ver “Josef Stálin” para detalhes).

A “fome do terror” que Stálin criou enquanto reestruturava a agricultura soviética caiu mais pesadamente nos ucranianos, que insistem que o Holodomor foi um genocídio inequívoco, dirigido especificamente contra eles; entretanto isso talvez seja um bom exemplo de uma brutal atrocidade que foi tão ruim quanto um genocídio sem no entanto sê-lo.

Bengalis: 1.500 mil foram mortos pelos paquistaneses em 1971.

Embora todo mundo fora de Bangladesh não se lembre desse evento, ele é provavelmente o mais mortal dos genocídios ocorridos depois do Holocausto.

Armênios: 972 mil foram mortos em 1915 (ver “Primeira Guerra Mundial” para detalhes).

Os turcos não admitem que tenham perpetrado esse massacre, e ninguém os pressiona porque a Turquia é muito importante como uma encruzilhada estratégica e cultural entre o Oriente e o Ocidente. A versão turca dos eventos é que os armênios se revoltaram, desencadearam uma guerra étnica com os curdos locais e mataram dezenas de milhares de muçulmanos, antes que a rebelião fosse sufocada. Os turcos explicam o desaparecimento de 1 milhão de armênios alegando que eles fugiram para o exterior depois de derrotados.

Tutsis: 937 mil foram mortos pelos hutus em Ruanda, em 1994 (ver “Genocídio em Ruanda” para detalhes).

Ciganos: 500 mil foram mortos de 1940 a 1945 (ver “Segunda Guerra Mundial” para o contexto).

Como os ciganos tinham uma reputação de ser criminosos natos, os nazistas os classificavam como sub-humanos e os exterminaram sistematicamente.⁵

Tibetanos: talvez 350 mil tenham sido mortos.⁶

Desde a reconquista do Tibete pelos chineses, em 1950, a República Popular tem sistematicamente tentado erradicar o povo tibetano, demolir seus locais de veneração e apagar sua cultura. Imigrantes

chineses substituíram os tibetanos nativos como uma maioria na maior parte das cidades daquele país.

Sérvios: 300 mil foram mortos⁷ de 1940 a 1945 (ver “Segunda Guerra Mundial” para o contexto).

Depois de conquistar a Iugoslávia na Segunda Guerra Mundial, os alemães estabeleceram um Estado croata títere, sob a organização fascista local, a Ustase. O governo títere não apenas cooperou alegremente com os programas de exterminação nazista dirigidos contra os judeus e ciganos, mas também fez um esforço especial para erradicar os sérvios.⁸

Assírios: talvez 275 mil tenham sido mortos pelos turcos,⁹ começando em 1915 (ver “Primeira Guerra Mundial” para detalhes).

Aborígenes australianos: 240 mil desapareceram completamente entre 1788 e 1920.

Numa fase da história que tem como paralelo a conquista das Américas, os aborígenes, com população original provavelmente de 300 mil,¹⁰ possivelmente de 750 mil,¹¹ foram colhidos pelos dentes da colonização branca, e destruídos pela violência, doença e fome. Sobraram apenas 60 mil em 1920. Talvez 20 mil aborígenes e 2.500 brancos tenham morrido diretamente por causa dos conflitos.¹²

Chechenos, inguches, karaalpacks, balcares, calmucos: 230 mil morreram no exílio entre 1943 e 1957 (ver “Josef Stálin” para o contexto).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Stálin erradicou nacionalidades inteiras que haviam sido conquistadas pelo avanço alemão porque não confiava na lealdade daqueles soviéticos. Foram despachados para leste, onde centenas de milhares morreram.

Gregos asiáticos: de 100 mil a 350 mil morreram nas mãos dos turcos entre 1919 e 1923 (ver “A guerra greco-turca” para detalhes).

Curdos: mais de 200 mil foram mortos nas décadas de 1970, 1980 e 1990, em diversos países.

Os curdos passaram a maior parte do século XX vivendo como minorias oprimidas em três nações: Irã, Iraque e Turquia. O pior

período contínuo de genocídio a eles infligido foi em 1987-88, quando Saddam Hussein mandou massacrar 180 mil membros dessa etnia no Iraque.

Darfur: 200 mil já morreram desde o ano 2000 (ver “A guerra no Sudão” para detalhes).

Cartagineses: 150 mil morreram na queda de Cartago em 146 a.C.¹³

Durante a terceira e última guerra entre Roma e Cartago, os romanos capturaram a cidade-mãe e a incendiaram totalmente. Massacraram os homens e venderam as mulheres como escravas. Como apenas matar e escravizar a população toda é uma coisa ordinária, mais tarde a lenda acrescentou que os romanos araram a terra com sal, de modo que nada crescesse de novo no local.

Hutus: 125 mil foram mortos no Burundi em 1972-73¹⁴ (ver “Genocídio em Ruanda” para o contexto).

Timor-Leste: 102.800 morreram¹⁵ entre 1975 e 1999.

A Indonésia invadiu e conquistou essa ex-colônia de Portugal, matando até um terço da população.

Cananeus: talvez 100 mil tenham sido mortos por volta de 1200 a.C.

De acordo com a Bíblia, os israelitas, sob o comando de Josué, atravessaram de roldão o rio Jordão, invadindo Canaã. Seguindo as ordens diretas de Jeová, chacinaram sistematicamente os habitantes de cada cidade que conquistavam, começando com Jericó. A Bíblia menciona especificamente que todos os 12 mil residentes de uma única cidade foram mortos, e depois continua, listando oito cidades que foram inteiramente destruídas durante a mesma campanha.¹⁶

Dácios: numa estimativa grosseira, 100 mil podem ter sido mortos de 101 a 106 d.C.

Depois de conquistar a pátria dessas 800 mil pessoas, os romanos esvaziaram a terra, levando embora meio milhão de cativos e substituindo-os por colonos romanos. A Dácia cessou de existir, e o lugar tornou-se a “Romênia”, a terra dos romanos, com os habitantes que hoje falam uma língua derivada do latim. A conquista está orgulhosamente mostrada em seus detalhes sangrentos na Coluna de Trajano, em Roma.

Guanches: todos os 80 mil foram eliminados entre 1402 e 1520.

Esses nativos, habitantes das ilhas Canárias, têm sido chamados de “o primeiro povo a ser empurrado para a borda da extinção pelo imperialismo moderno”.¹⁷

Hereros e namas: 75 mil foram mortos de 1904 a 1907.

Ao sufocar uma rebelião na sua colônia no sudoeste da África, atualmente a Namíbia, os alemães empurraram essas tribos para o deserto, e a levaram quase à extinção.¹⁸

Midianitas: mais de 60 mil mulheres e meninos foram mortos por volta de 1250 a.C.

Sob as ordens de Moisés, os israelitas mataram todo homem, menino e mulher casada entre os midianitas, deixando 32 mil moças solteiras para serem distribuídas como butim de guerra.¹⁹

Troianos: 10 mil?

Será que isso realmente aconteceu? As lendas nos contam que, quando a cidade foi conquistada pelos gregos, homens velhos, como Príamo, e jovens, como Astyanax, foram assassinados, enquanto as mulheres ou foram escravizadas, como Cassandra, ou morreram durante o saque, como Creusa.

Eries: talvez 5 mil tenham sido mortos de 1654 a 1656.

A tribo indígena do vale do rio Ohio foi varrida do mapa pelos vizinhos iroqueses.

Tasmanianos: 5 mil foram mortos depois de 1803.

Num dos mais completos genocídios da história, todo nativo puro-sangue da ilha da Tasmânia foi caçado e assassinado por colonos brancos. Um punhado sobreviveu penosamente, sob a proteção de instituições de caridade, mas o último indígena dessa etnia morreu em 1877.²⁰

Noruegueses da Groenlândia: 3 mil morreram (?) no início do século XV.

Por diversos séculos, 3 mil a 5 mil colonos noruegueses viveram no litoral da Groenlândia, mas então, sem explicação, todos desapareceram, ficando esquecidos, esgotados e absorvidos pela cruel natureza

selvagem do norte. Embora muitos estudiosos modernos prefiram colocar a culpa num ato de Deus, como uma peste ou uma nova era do gelo, ou nas próprias vítimas, como uma teimosa recusa em se adaptar às durezas do meio ambiente, os poucos registros remanescentes descrevem claramente lutas com nativos hostis, os skraelings. No século XIV, um visitante norueguês, Ivar Bardarson, relatou ao bispo de Bergen que “agora os skraelings [destruíram] toda a colônia ocidental. Sobraram apenas cavalos, cabras, vacas e carneiros, todos selvagens, mas nenhum habitante, nem cristão nem pagão”. Logo depois a colônia oriental sofreu um ataque, e por fim visitantes vindos da Europa não encontraram sobreviventes.²¹

Ilha de Chatham: 2 mil mortos.

Invasores maoris da Nova Zelândia capturaram essa ilha do Pacífico Sul em 1835, matando, comendo ou escravizando o povo moriori. Apenas 101 indivíduos da etnia estavam vivos em 1862, e o último moriori puro-sangue morreu em 1933.²²

Ilha de Páscoa: 2 mil mortos.

Em 1862, mercadores de escravos chilenos sequestraram mil nativos rapanuis, metade da população, a maioria dos quais morreria logo depois. Doença, assassinato e trabalho excessivo ajudaram a reduzir o número de nativos remanescentes a apenas 110 em 1877.²³

Banu Qurayza: 600 foram mortos em cerca de 624 d.C.

Maomé acusou de traição essa tribo de judeus-árabes. Todos os homens foram mortos, e as mulheres e crianças vendidas como escravas.²⁴

Melos: cerca de 500 foram mortos ou escravizados em 478 a.C.

Os atenienses varreram do mapa completamente essa colônia espartana durante a Guerra do Peloponeso. Esse não foi o primeiro genocídio registrado na história, mas talvez tenha sido o primeiro a ser lembrado com arrependimento e vergonha pelos perpetradores.²⁵ O antigo historiador Xenofonte relatou que, quando os atenienses finalmente perderam a guerra para Esparta, “houve lamentações e tristeza por aqueles que haviam morrido, mas a lamentação pelos mortos foi mesclada a uma tristeza ainda mais profunda pelos próprios gregos, quando

imaginavam os males que iriam sofrer, semelhantes aos que eles haviam infligido aos homens de Melos”.²⁶

^a Na Convenção para a Prevenção e Punição dos Crimes de Genocídio, de 1948, a ONU define genocídio como “quaisquer atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tais como:

1. Matar membros do grupo;
2. Causar danos corporais ou mentais sérios a membros do grupo;
3. Impor deliberadamente a um grupo condições de vida calculadas para ocasionar sua destruição física no todo ou em parte;
4. Impor medidas com a intenção de evitar nascimentos dentro do grupo;
5. Transferir à força crianças do grupo para outro grupo”.

Tenha em mente que essa definição foi criada com propósitos legais, não acadêmicos. Foi promulgada para permitir processos judiciais, não para compreender o fenômeno.

Para meus propósitos, a definição da ONU é ampla demais em teoria, pois quase todo conflito na história pode ser descrito como “intenção de destruir... em parte, um grupo... nacional... infligindo sérios danos corporais... aos membros”. É também restrita demais na prática, pois toda decisão para considerar uma atrocidade, oficialmente, um genocídio tem de superar uma quase intransponível série de barreiras. Apenas o Holocausto e os assassinatos em massa da Bósnia e de Ruanda foram reconhecidos por tribunais internacionais como genocídios.

GUERRAS ENTRE A BIRMÂNIA E O SIÃO

Número de mortos: “muitos milhões”¹

Posição na lista: 54

Tipo: guerras por hegemonia

Linha divisória ampla: Birmânia, atual Mianmar, *versus* Sião, atual Tailândia

Época: 1550-1605

Localização: Sudeste da Ásia

Quem geralmente leva a maior culpa: Bayinnaung, Naresuan

Uma rede de grandes rios flui para o sul atravessando as selvas do Sudeste da Ásia. Tradicionalmente, o vale de cada rio era o centro de um reino étnica e culturalmente distinto, com plantações de arroz e templos budistas com espigões. Eram terras onde as mulheres usavam sarongues coloridos e os reis desfilavam em elefantes. Relacionando-os de oeste para leste, isto é, da esquerda para a direita no mapa, os birmaneses vivem ao longo do rio Irrawaddy; os karens e shans, ao longo do baixo e alto rio Salween; os tailandeses, ao longo do rio Menam; os khmers, ao longo do rio Mekong. Além dessa região fica o litoral do oceano Pacífico, pátria dos vietnamitas. Rio acima estão as montanhas e o interior selvagem, habitado por bárbaros.

Há mais geografia envolvida, inclusive nomes alternativos para tudo, mas isso basta para este capítulo, e a maioria dos outros que tratam do Sudeste da Ásia.

A ascensão da Birmânia

Uma dinastia estrangeira de Shan, que era um povo das montanhas vindo da fronteira entre o Sião e a Birmânia, vinha governando esta última há muitas gerações, até que a dinastia nativa de Toungoo a destronou.

Os dois primeiros reis toungoo consolidaram seu controle sobre a Birmânia e fundaram uma nova capital em Pegu. O terceiro governante toungoo, Bayinnaung, passou seu primeiro ano sufocando rebeliões no reino que herdara. Uma vez pacificada a região, ele atacou para o norte e conquistou todos os Estados vassallos da antiga dinastia, existentes no interior da Birmânia. Atacou sistematicamente em todas as direções, vindo por fim a estabelecer um império que se estendia pelo interior de todo o

Sudeste da Ásia, de Manipur, a oeste, até o Laos, a leste.

Em 1567, Bayinnaung enviou seu exército, que diziam ter 1,5 milhão de soldados, para conquistar Ayutthaya, capital do Sião. O cerco durou dois anos e custou-lhe um terço de seu efetivo.² No final, ele reduziu o Sião à sua vassalagem e instalou um rei tailandês aliado, Phra Maha Thammaraja, da cidade independente de Phitsanulok, a jusante do rio, mas levou os filhos do rei tailandês, Ayutthaya, com ele, para Pegu, como reféns, em 1569.

Bayinnaung reforçou seu exército com mercenários portugueses, que tinham dificuldade em pronunciar seu nome e o chamavam de “Braginoco”. Ele ficou famoso como o mais glorioso construtor de impérios da história da Birmânia, mas os birmaneses não tiveram muita oportunidade de aproveitar as benesses de serem donos do Sudeste da Ásia, porque logo que o rei morreu, em 1581, o Sião já tinha também o *seu* mais glorioso construtor de impérios, logo ali na vizinhança.

A ascensão do Sião

O Príncipe Negro, Naresuan, filho do rei do Sião, passou sua juventude como refém em Pegu, pronto para ser executado se seu pai aprontasse alguma. Diz a lenda que ele ficou sendo o melhor amigo do principal neto de Bayinnaung, um menino da mesma idade que ele, chamado Min Chit Swa; entretanto, depois de muitos anos de rivalidade em diversos embates de força, habilidade e resistência, eles tiveram um acerto de contas final, quando o galo de briga de Naresuan venceu o oponente, de Min Chit Swa, numa prestigiosa luta.

Com a idade de 16 anos, Naresuan voltou a Ayutthaya para governar como vassalo de Bayinnaung. Então, em 1583, dois anos depois da morte de Bayinnaung, ele se declarou soberano e expulsou a guarnição militar de birmaneses. O exército da Birmânia voltou com toda a força sob o comando do príncipe coroado, seu amigo de infância Min Chit Swa.

Diz a lenda que os dois travaram um duelo final montados em elefantes de guerra. Depois que os dois enormes animais abalroaram e derrubaram um ao outro, os dois príncipes ficaram cara a cara, com suas espadas. A luta continuou, até que Naresuan cortou o oponente pela metade, do ombro à cintura. Com seu príncipe morto, o exército birmanês se desintegrou e fugiu, deixando 200 mil homens mortos no campo de batalha.³

A irmã de Naresuan, princesa Suphankalaya, mais velha do que ele, permanecera em Pegu como refém e membro do harém real. ⁴ Quando chegou a notícia da morte do príncipe Min Chit Swa, seu pai, acabrunhado de tristeza e enfurecido, o rei Nanda Bayin, da Birmânia, fez com que trouxessem a princesa à sua presença e mandou matá-la, mesmo ela estando grávida de um filho do próprio rei.^a

Naresuan invadiu a Birmânia diversas vezes durante seu reinado, devastando o interior do país e espalhando a fome. Durante o sítio que fez à cidade de Pegu, em 1596, a inanição levou os defensores ao canibalismo, e o rei Nanda Bayin ordenou a chacina de todos os siameses residentes na cidade, para alimentar os birmaneses. Com a população de Pegu despencando de 100 mil para 30 mil, Naresuan permaneceu acampado do lado de fora, seus suprimentos diminuindo, e perdeu 100 mil de seus próprios soldados devido à fome. Por fim, precisou se retirar antes que a cidadela caísse. Por volta de 1600, um jesuíta visitando a Birmânia relatou ter visto “as ruínas de templos dourados e prédios imponentes, distribuídas ao longo das margens dos rios, as estradas e campos cheios de crânios e ossos dos infelizes peguanos, assassinados ou mortos pela fome, e seus corpos lançados nos cursos d’água em tal quantidade que prejudicavam a passagem dos barcos”. ⁵ Quando a Birmânia se desintegrou e entrou em guerra civil, Pegu foi abandonada como capital.

Nesse ínterim, Naresuan assegurava a independência do Shan como um Estado-tampão contra uma potencial agressão por parte da Birmânia. Ele e seu irmão haviam ficado amigos do príncipe Shan de Hsenwi, quando os três eram reféns na corte birmanesa. Os irmãos siameses estavam conduzindo duas colunas totalizando 200 mil soldados contra os birmaneses em território shan, quando Naresuan morreu, ou coberto de pústulas devido a uma doença de pele, segundo a versão tailandesa, ou correndo para salvar a vida do príncipe Hsenwi, segundo a versão shan.⁶

^a Nanda Bayin ficou lendário por suas perigosas mudanças de humor. Há relatos na internet, por exemplo, na Wikipedia e Snopes de setembro de 2008, de que teria literalmente morrido de rir em 1599, quando um mercador italiano em visita lhe disse que Veneza era um reino sem rei, mas, de acordo com a *Universal History [História universal]* de George Sale (1789, vol. 7, p. 111), a hilaridade dessa descoberta apenas causou um acesso de tosse que “por algum tempo o impediu de falar”.

GUERRAS RELIGIOSAS FRANCESAS

Número de mortos: 3 milhões¹

Posição na lista: 30

Tipo: conflito religioso

Linha divisória ampla: católicos *versus* protestantes

Época: 1562-98

Localização e principal Estado participante: França

Principais não Estados participantes: Liga Huguenote, Liga Católica
Número de Henriques: 4

Quem geralmente leva a maior culpa: católicos, huguenotes, Catarina de Médici

A reforma

O final da Idade Média fora bom para a Igreja Católica, que se tornara uma corporação transnacional que podia encarar de frente os monarcas seculares e fazer com que piscassem. Além de incitar cruzadas, Roma podia impor impostos, forçar imperadores arrogantes a se ajoelharem em penitência na neve e enviar inquisidores para aterrorizar os habitantes locais. Ela tinha exércitos de monges combatentes, como os Templários, os Hospitalários e os Cavaleiros Teutônicos. Nobres cheios de culpa haviam subornado Deus com doações de terras, dinheiro vivo, obras de arte e fundos para a construção, tudo livre de impostos. Os detalhes não me interessam aqui. O que você precisa saber é que, por volta de 1500, o papado estava no topo do mundo.

Com o enorme fluxo de riqueza e poder, a Igreja Católica se tornara monumentalmente corrupta, mas sempre conseguia derrubar movimentos reformistas antes que saíssem do controle. O reformador tcheco Jan Hus foi capturado e queimado vivo em praça pública em 1415. Embora o reformador inglês John Wyclife tenha morrido de causa natural em 1384, antes que a Igreja pusesse suas garras nele, ela fez com que seu cadáver fosse exumado e queimado alguns anos depois da morte, para mostrar sua desaprovação. Finalmente, um reformador, Martinho Lutero, sobreviveu ao ódio da Igreja, e a Reforma foi desencadeada em 1520.

Com a porta escancarada, as pessoas por todo o noroeste da Europa abandonaram a Igreja Católica. Muitos monarcas tiraram seus países da esfera católica e fundaram novas igrejas nacionais, adequadas às

necessidades locais; entretanto, as nações mais antigas, mais poderosas, especialmente a França e a Espanha, havia muito tempo forçaram a Igreja Católica a compartilhar sua riqueza e poder com o Estado. Agora, como parceiros com grande influência na Igreja, esses monarcas não viam razão para deixar que a Reforma minasse seu poder. Nesses países, os dissidentes precisavam se reunir em segredo, se quisessem praticar as novas variedades do cristianismo.

Entre os novos reformadores que pregavam abertamente por toda a Europa estava João Calvino, um francês que fora rapidamente escorraçado de seu país, indo encontrar um abrigo seguro em Genebra. Enquanto que o luteranismo era o catolicismo depois que os auditores o haviam limpado, simplificado e adaptado às necessidades locais, o calvinismo era o luteranismo enquadrado: austero, populista e descentralizado. Chamados de huguenotes na França e de puritanos na Inglaterra, os calvinistas acreditavam na absoluta pecaminosidade do homem, que só podia ser redimido pela graça de Deus. Denunciavam a frivolidade e a corrupção do mundo humano, e encorajavam os devotos a viver em estrita e ostensiva santidade, sem concessões.

Onde o calvinismo plantava suas raízes, irrompia a guerra civil.

A França à beira do abismo

Nessa época, as relações internacionais na Europa ocidental eram simples: todo mundo odiava seu vizinho. A Espanha se opunha à França, que se opunha à Inglaterra, que se opunha à Escócia. Isso fazia com que os países alternassem seus aliados, cujos monarcas casavam ocasionalmente uns com os outros. O rei Filipe II, da Espanha, era casado com a rainha Mary Tudor, da Inglaterra, enquanto o príncipe Francisco, da França, que logo se tornaria rei, era casado com Mary, rainha da Escócia. Todos esses monarcas eram católicos, embora a população da Grã-Bretanha fosse constituída principalmente de protestantes.

Essa inusitada convergência de rainhas governantes, especialmente rainhas católicas em países que Deus queria que fossem protestantes, enfureceu o evangelista escocês John Knox, que publicou *The First Blast of the Trumpet against the Monstrous Regiment of Women* [O primeiro brado da trombeta contra o monstruoso regime das mulheres], em 1558. A França estava prestes a se ligar aos dissidentes.

O rei francês na época, Henrique II, odiava a “escória luterana”. Coroados

em 1547, com a idade de 28 anos, ele tinha a força e a vontade política para manter na linha sua minoria no Parlamento. Com um rei jovem e sadio, pai de quatro filhos e três filhas, o futuro da dinastia de Henrique Valois parecia seguro, mas então o rei teve a órbita ocular perfurada num torneio de armas em 1559. Depois de penar em agonia por diversos dias, o rei Henrique morreu, deixando a França nas mãos de seu filho Francisco, de 15 anos de idade.^a

A primeira guerra

Como tantos outros monarcas, o rei Francisco II dependia da família de sua esposa para ajudá-lo a se manter no poder. Sua rainha, Mary Stuart, da Escócia, era ligada pelo lado da mãe à família Guise, de poderosos católicos franceses.

Em 1560, os protestantes franceses conceberam um plano para matar tantos Guise quanto fosse possível, e sequestrar o rei, a fim de forçá-lo a expulsar os membros restantes da família. Os huguenotes estavam tão orgulhosos de seu plano que contaram a todo mundo o que iam fazer. Quando o golpe foi deslançado, os Guise estavam preparados. Os conspiradores foram repelidos e depois caçados, enforcados e esquartejados, às vezes depois de julgados. O rei e sua corte assistiram à decapitação de 52 revoltosos no pátio do castelo.²

Homem sempre doentio, Francisco morreu em dezembro de 1560, depois de um ano no trono. Seu irmão de 10 anos de idade, o quieto, melancólico Carlos IX, subiu ao trono, mas Catarina de Médici, sua mãe e esposa antes obediente do rei Henrique, ficou exercendo o poder real, como regente. Catarina era filha de Lourenço de Médici, o frio e ardiloso governante de Florença, na Renascença, a quem Maquiavel dedicara seu livro *O príncipe*, mas ela não aprendeu nada com seu mestre. Durante as décadas em que dominou a política, Catarina elaborou uma série de planos inábeis e acordos fracos que, constantemente, foram tornando a situação cada vez pior. No lado positivo, Catarina estabeleceu tendências, introduzindo, em uma nação relativamente antiquada, novidades italianas, como o garfo, o rapé, o brócolis, o silhão, os lenços de mão e as gavetas para roupas de senhoras.

A fim de obter apoio entre as proeminentes famílias protestantes, especialmente entre os Bourbon, e contrabalançar o crescente poder da família Guise, Catarina legalizou o culto protestante, o que aborreceu a

maioria católica do país, mas manteve os protestantes em rédeas curtas, o que aborreceu a minoria deles.

As guerras começaram quando um outro Francisco, o duque de Guise, atravessava a cidade de Vassy, e parou na igreja local para assistir à missa. Os protestantes estavam orando e cantando num celeiro próximo, que lhes servia de templo, porque a Coroa proibia os protestantes de construírem igrejas verdadeiras. Surgiu uma escaramuça entre os paroquianos rivais, atraindo o séquito do duque. A luta cresceu de proporção, e finalmente os católicos terminaram incendiando o celeiro dos protestantes e matando quantos puderam alcançar.

Em pouco tempo os franceses de ambas as religiões estavam fortificando suas cidades e trazendo apressadamente milícias para suas regiões. Os exércitos sectários lutaram em diversas batalhas encarniçadas, mas por fim o duque de Guise foi assassinado, e o comandante dos huguenotes, Luís de Bourbon, príncipe de Conde, morreu no campo de batalha, deixando ambos os lados se debatendo, sem liderança e prontos para negociar. Gaspar de Coligny, um almirante que servira com Conde, surgiu como novo líder dos protestantes.

A segunda guerra (1567-68)

A rivalidade entre a França e a Espanha se intensificara em 1494, quando o herdeiro do trono espanhol casou com a herdeira da casa de Borgonha, unindo a Espanha a todos os territórios que haviam trazido tantos problemas aos reis da França durante a Guerra dos Cem Anos, e que compreendiam a Borgonha, Flandres e a Holanda. Isso colocou os exércitos espanhóis cercado a França por todos os lados. Então os calvinistas da Holanda se revoltaram contra o domínio espanhol em 1567, empurrando a Espanha e a França para uma frente comum contra o protestantismo.

Com os huguenotes irritados, Catarina de Médici escolheu a hora errada de viajar para Baione e visitar sua filha Elizabeth, que se casara recentemente com o rei viúvo da Espanha, Filipe II. Para os huguenotes, essa reunião de família parecia uma conspiração, desencadeando o boato entre os huguenotes de que o novo e grande exército espanhol que estava indo abafar a revolta na Holanda na verdade estava indo ajudar os católicos franceses a erradicar o protestantismo no país.

Os huguenotes lançaram um ataque preventivo, tentando sequestrar o rei do poder dos Guise e mantê-lo entre os protestantes, mas o plano vazou

e a corte chegou ao destino com segurança. Seis mil soldados huguenotes acamparam nas cercanias de Paris, efetivo pequeno demais para fazer cerco à cidade, mas no Dia de Saint-Denis derrotaram 18 mil homens do exército real que fora expulsá-los do local. Mesmo assim, quando as forças do rei aumentaram seu efetivo para 60 mil, os huguenotes se retiraram e negociaram um cessar-fogo.³

A terceira guerra (1568-70)

Dentro de poucos meses, as forças reais tentaram se infiltrar e surpreender os líderes protestantes na área deles, mas os huguenotes escaparam para o norte, onde poderiam fazer uma ligação com holandeses e ingleses que os apoiavam. Os Guise fizeram contato com a Espanha e partiram para eliminar os bastiões protestantes no sul da França. Embora os protestantes houvessem sido derrotados fragorosamente na guerra que se seguiu, a Coroa não tinha recursos de continuar com as ações bélicas. Foi selada a paz em 1570 e os huguenotes tiveram permissão para fortificar e guarnecer quatro cidades como refúgios seguros, no caso de os católicos renovarem a agressão.⁴

O Massacre do Dia de São Bartolomeu

Tentando ajeitar as coisas, Catarina de Médici casou sua filha Margaret com o nobre de mais alta estirpe entre os huguenotes, Henrique, chefe da casa de Bourbon e rei do pequeno reino de Navarra, nos Pireneus. Catarina também tentou trazer huguenotes para seu governo, o que naturalmente enfureceu os católicos.

Quando todo mundo estava reunido em Paris para o casamento de Margaret, alguém tentou assassinar o líder militar dos huguenotes, Gaspard de Coligny. Quando ele percorria uma rua, um franco-atirador baleou-o de uma janela. Ninguém sabe realmente quem planejou o atentado, mas a história tem tradicionalmente culpado Catarina. O ferimento não foi sério, e não fez mais do que levantar a fúria dos protestantes.

Embora o rei Carlos e seu conselho não tivessem nada a ver com a tentativa de assassinato, Catarina lhes explicou que agora os huguenotes iriam retaliar, tornando um ataque preventivo a única estratégia de sobrevivência possível. Na véspera do Dia de São Bartolomeu, 24 de agosto

de 1572, Guise e seus homens irromperam na casa de Coligny e o assassinaram no seu leito, doente, enquanto outros esquadrões da morte saíam à caça de protestantes. Com toda a probabilidade, Catarina só queria decapitar a causa huguenote matando os líderes, mas Paris explodiu em ódio contra os protestantes. Multidões por toda a cidade saíram caçando qualquer huguenote que podiam, matando entre 2 mil a 10 mil deles, por que meios tivessem à mão. Adultos foram enforcados, espancados, retalhados e esfaqueados; crianças foram jogadas pelas janelas ou no rio. Durante as semanas que se seguiram, os protestantes foram massacrados em outras cidades por toda a França, elevando em dez vezes o número de mortos, chegando às vizinhanças de 50 mil.

O líder dos huguenotes e noivo, Henrique de Navarra, um Bourbon, sobreviveu apenas se convertendo ao catolicismo na última hora. Foi levado para dentro do palácio, para ser vigiado de perto, seus movimentos ficando restritos.

O Massacre do Dia de São Bartolomeu horrorizou a Europa. Até mesmo Ivã, o Terrível, da Rússia, condenou-o. O acontecimento mudou a natureza das guerras religiosas na França, que passaram de uma luta de bandos a uma guerra de extermínio.

Quarta guerra

Quando se reiniciou a guerra, o irmão mais moço do rei, Henrique, liderou o exército católico na conquista do bastião protestante de La Rochelle. Um feroz cerco estendeu-se por meses, de 1572 até o ano seguinte. Sapadores tentaram minar as fortificações e explodi-las com barris de pólvora, enquanto a artilharia bombardeava as muralhas, sem eficácia. Estava parecendo que as tropas fora das muralhas ficariam sem comida e munição antes que isso acontecesse com os defensores do bastião. Então o príncipe Henrique foi eleito rei da Polônia,^{bo} que lhe deu a desculpa de levantar o sítio sem passar vergonha.

Quinta, sexta e sétima guerras

O rei Carlos vinha sendo atormentado por culpa desde que autorizara o Massacre do Dia de São Bartolomeu, e sua saúde se deteriorou. Quando morreu, em 1574, com a idade de 23 anos, o trono passou para seu irmão, o rei Henrique da Polônia, de 22 anos. Henrique escapuliu da Polônia com

o tesouro nacional escondido no comboio de bagagens e foi para Paris, aceitar a promoção.

O novo rei, Henrique III, era o favorito de Catarina de Médici e seu filho mais inteligente. Era um católico devoto, que gostava de se vestir de mulher, e que às vezes se apresentava nas funções oficiais em trajes femininos. Henrique tinha um círculo de jovens bem-apessoados, chamados de Queridinhos (*Mignons*). Tinha uma coleção de cãezinhos e se escondia das trovoadas no sótão.⁵ A mãe tentou, sem sucesso, atraí-lo para a heterossexualidade oferecendo-lhe criadas nuas em festas especiais que ela dava para diverti-lo, mas o truque não funcionou.

Entretanto, mais perigoso ainda era a tendência intermitente do rei para o fanatismo católico, quando procurava penitenciar-se das excentricidades sexuais. Nessas ocasiões, Henrique punha em perigo sua saúde com jejuns e mortificações extremadas. Finalmente, Catarina mandou matar, num beco,⁶ o amigo do rei que o encorajava a adotar esses rituais e que ela suspeitava ser um agente espanhol.

Da mesma maneira que acontecia com a maioria dos governantes que se defrontavam com a guerra civil, por toda a história, tudo que o rei Henrique fazia parecia se voltar contra ele. Quando restaurou a liberdade religiosa para os huguenotes, Henrique de Navarra aproveitou-se desse novo clima de tolerância da lei para fugir da corte e se reconverter ao protestantismo, ao se pôr em segurança e fora do alcance. Nesse ínterim, Henrique de Guise, enfurecido com a fraqueza do rei e com apoio espanhol, formou uma Liga Católica, independente.

O rei Henrique III estava ficando sem dinheiro, de modo que convocou o Parlamento na esperança de obter dele um aumento de impostos. O Parlamento recusou a proposta, mas o rei conseguiu reunir um número suficiente de soldados para algumas pequenas campanhas no vale do rio Loire.⁷

Henriques demais

Como o rei atual era assumidamente gay, o próximo soberano provavelmente não seria um rebento seu. A sucessão apontava para o mais jovem dos irmãos Valois, Francisco, mas, em 1584, ele morreu de febre enquanto conspirava contra os protestantes na Holanda. Sem outros descendentes masculinos do rei Henrique II, a lei recuou, até encontrar outra linhagem masculina direta, vinda de um rei anterior. Quando

seguiram esse novo ramo, visando encontrar o descendente mais velho, os genealogistas reais viram que o próximo na linha da sucessão para o trono da França era o cunhado do rei, Henrique de Navarra, da família Bourbon e líder dos huguenotes.

Então começou a Guerra dos Três Henriques, na qual o rei Henrique III e Henrique de Guise tentaram forçar Henrique de Navarra a renunciar ao seu direito de sucessão. Como o que estava em jogo era o trono, as batalhas foram particularmente sangrentas. Dois mil católicos foram mortos na Batalha de Coutras, outros 6 mil na Batalha de Ivry. As perdas dos protestantes foram comparáveis a essas, e nenhum dos lados obteve vantagem.

Já então as guerras intermináveis haviam reduzido a população do país em 20%.⁸ Em um relato enviado para sua terra, o embaixador veneziano descreveu o estado da França depois de uma geração de lutas: “Por toda parte se vêem ruínas, o gado destruído na maior parte... trechos de terra boa sem cultivo e muitos camponeses forçados a deixar suas casas e se tornarem vagabundos. Tudo custa preços exorbitantes... as pessoas não são mais leais e corteses, ou porque a pobreza eliminou seu ânimo e as brutalizou, ou porque as facções e o derramamento de sangue as tornaram malvadas e ferozes.”⁹

A Liga Católica odiava o rei Henrique por ele não esmagar os huguenotes. Para seus membros, um católico moderado não era melhor do que um protestante. A liga agitou os cidadãos parisienses, que levantaram barricadas e expulsaram o rei Henrique III da cidade. Em seu exílio rural, o rei foi forçado a convocar o Parlamento para se aconselhar sobre a sucessão. Quando o Parlamento sugeriu um herdeiro que era, obviamente, um títere dos Guise, o rei decidiu resolver seu problema com aquela família de uma vez por todas.

Dois dias antes do Natal, o rei Henrique III convidou Henrique de Guise para uma rápida conversa, mas, quando seu convidado entrou na sala, as portas foram subitamente fechadas com violência e aferrolhadas atrás dele. Soldados invadiram correndo o recinto; Guise desembainhou a espada e lutou bravamente, mas mesmo assim os homens do rei o abateram. Seu irmão, o arcebispo católico, que também visitava o rei, foi morto na manhã do dia seguinte. Foram esquartejados e os restos lançados numa lareira flamejante. O rei então se aliou aos Bourbon contra a Liga Católica.

Mais guerra

Catarina de Médici morreu em 1589, e seu último filho teve o mesmo destino logo depois. Em julho daquele ano, um frade dominicano, enraivecido com o rei Henrique por ele ter traído o catolicismo, esfaqueou-o no estômago. Depois da morte do rei, lenta e demorada, por hemorragia e infecção, o protestante Henrique de Navarra tornou-se rei da França. “Eu governo com minha bunda na sela e a pistola na mão”, declarou ele, e seguiu a cavalo para reconquistar sua capital, que estava nas mãos da Liga Católica.¹⁰

O sítio a Paris, que começou em maio de 1590, foi brutal. Mês após mês, os 220 mil residentes da maior cidade da Europa ficaram trancados dentro dela com suprimentos que diminuía sempre. Conforme passou o tempo, os cachorros, gatos e ratos desapareceram das ruas. “Crianças pequenas disfarçadas de carne” eram oferecidas nos mercados.¹¹ Antes de terminar, 40 mil a 50 mil parisienses haviam morrido de inanição. Navarra bombardeou a cidade com canhões assestados em elevações,¹² mas Paris resistiu ao cerco, que foi levantado no início de setembro.

Então a Liga Católica convocou o Parlamento em Paris para escolher um rei católico que se opusesse a Henrique de Navarra, mas, quando os espanhóis ofereceram sua própria princesa, filha de uma irmã da família Valois, muitos franceses ficaram estarecidos. Começava a surgir neles a ideia de que ser francês era provavelmente mais importante do que ser católico. Talvez um rei Bourbon fosse melhor do que deixar que a França se tornasse um satélite da Espanha.

Subitamente, em 1593, Henrique de Navarra, que chefiara os exércitos protestantes em muitas refregas duras, anunciou que, bem, se isso era tão importante para eles, que ele seguiria em frente e se converteria ao catolicismo. Não queria causar mais problemas.

“Paris bem vale uma missa” foi o boato que correu como sua explicação.

Isso clareou o caminho para um rei ser bem-aceito e consagrado, e, antes que qualquer um pudesse aparecer com novas objeções, a paz foi selada. Em 1598, o rei Henrique IV publicou o Édito de Nantes, declarando a tolerância para com todas as crenças cristãs. Sua nova dinastia, a dos Bourbon, queria começar a governar a partir de uma página em branco. “A lembrança de tudo que um lado infligiu ao outro... durante o precedente período de perturbações fica apagada e esquecida, como se tais coisas não houvessem acontecido.” Ou, nas palavras do Rei do Castelo do Pântano, de

Monty Python: “Não vamos ficar reclamando e discutindo sobre quem matou quem.”¹³

^a Um segundo resultado do acidente acontecido com Henrique num torneio de justas é que algumas linhas de algaravia mística escritas por um astrólogo que visitava a corte parecem ter previsto a fatalidade. Essa premonição, em versos, fez com que seu autor, de nome Nostradamus, angariasse fama instantânea, enquanto todo mundo saía escarafunchando seus versos à procura de outras predições, tais como ganhar na loteria.

^b A nobreza da Polônia preferia escolher como reis estrangeiros fracos, a fim de impedir qualquer família polonesa de ficar em vantagem política. Catarina de Médici trabalhou nos bastidores para conseguir esse confortável cargo para seu filho desempregado.

A GUERRA RUSSO-TÁRTARA

Número de mortos: 500 mil¹

Posição na lista: 70

Tipo: confronto de culturas

Linha divisória ampla: russos, tártaros

Época: 1570-72

Localização: Rússia

Principais Estados participantes: khanato da Crimeia, Moscóvia

Quem geralmente leva a maior culpa: os tártaros

Outra praga: a invasão mongol

Em 1570, enquanto o czar Ivã, o Terrível, estava ocupado guerreando perto do mar Báltico, os tártaros do khanato da Crimeia fizeram uma incursão nas fronteiras com a Rússia e as encontraram fracamente defendidas. No mês de maio seguinte, eles lançaram uma invasão com força total para saquear tudo que pudessem carregar da Rússia. Pilharam e incendiaram as cidades, e enviaram 150 mil habitantes para o sul, para serem escravizados,² varrendo do mapa todas as pequenas e dispersas guarnições que Ivã tinha estacionadas ali.

Chegando aos arredores de Moscou, os tártaros tocaram fogo nos subúrbios, e aqueles incêndios individuais cresceram e se propagaram para a cidade. Os habitantes de Moscou fugiram em pânico, se amontoando contra o portão mais afastado da muralha da cidade, comprimindo e atropelando uns aos outros, a massa de cadáveres chegando à altura de três camadas. Outros se jogaram no rio para escapar do fogo e, por sua vez, morreram afogados. O paiol de pólvora do Kremlin explodiu.

A cidade ficou em ruínas, e dezenas de milhares de pessoas morreram. O rio Moscou ficou entupido de mais corpos do que podia comportar, e demorou mais de um ano para levar todos os cadáveres para fora da cidade. Durante dez dias os nobres russos ficaram com medo de contar ao czar o desastre acontecido.³

Finalmente, em julho, o exército de Ivã alcançou os tártaros em Molodi, ao sul de Moscou. Os 60 mil russos infligiram completa derrota aos 120 mil tártaros e bloquearam sua invasão por muito mais tempo.

A ÉPOCA DOS DISTÚRBIOS

Número de mortos: 5 milhões¹

Posição na lista: 22

Tipo: colapso do Estado, disputa dinástica

Linha divisória ampla: camponeses *versus* nobreza

Época: 1598-1613

Localização: Rússia

Principais Estados participantes: Moscóvia (Rússia), Comunidade Polônia-Lituânia, Reino da Suécia

Número de Dimitris: 4

Quem geralmente leva a maior culpa: a nobreza sanguínea da Rússia, a Comunidade Polônia-Lituânia, a Suécia e os cossacos

Lição aprendida: sempre insista em ver a fotografia da carteira de identidade antes de proclamar alguém imperador

João, o Temível

Quando se trata de tiranos insanos, Ivã, o Terrível, é o padrão contra o qual todos os outros são medidos. Era irascível, supersticioso e inconstante, e poucos de seu círculo íntimo sobreviveram a ele. Com a morte do pai, em 1533, Ivã tornou-se o czar da Rússia, com a idade de 3 anos, e passou os dez anos seguintes como um peão dos boiardos, isto é, dos nobres. Durante sua infância, vários confidentes íntimos seus foram espancados até a morte, esfolados vivos, aprisionados e deixados morrer de fome por facções rivais de nobres. Sua mãe foi envenenada. O próprio Ivã permaneceu reservado e indefeso, divertindo-se em torturar cachorros e gatos. Finalmente, o menino de 13 anos proclamou sua autoridade e lançou o boiardo mais graduado, o príncipe Andrei Shuisky, a uma matilha de cães de caça famintos.

Durante algum tempo, o casamento de Ivã com Anastasia Romanov acalmou seu comportamento inconstante, e seu governo esclarecido trouxe paz e prosperidade ao país pela primeira vez em muito anos. Então, quando Anastasia morreu, Ivã ficou completamente louco. Acusou os boiardos de terem envenenado sua amada esposa, e muitos foram mortos como vingança, em sessões de tortura lenta e imaginativa.

Entre algumas de suas mais notáveis monstruosidades, ele matou uma de suas esposas quando descobriu que ela lhe mentira sobre sua

virgindade. Num ataque de raiva, assassinou pessoalmente seu filho mais velho e herdeiro. Uma vez acusou a cidade de Novgorod de traição e começou a eliminar sistematicamente seus habitantes, dia após dia, semana após semana, dando especialmente atenção a muitas dessas mortes, mas então mudou de ideia a meio caminho, e simplesmente se retirou da cidade. A certa altura de seu reinado, ficou cansado de governar e arranjou para ser acolhido num monastério, mas ninguém acreditou nesse ato, e, de qualquer forma, ele logo mudou de ideia. Deu poder a uma classe especial de bandidos, os *oprichniki*, para matar, estuprar ou roubar com absoluta impunidade. Ivã morreu subitamente em 1584, e uma autópsia realizada na era soviética revelou excesso de mercúrio no seu organismo, sugerindo que ele foi envenenado, ou por um inimigo, ou pelo mercúrio de remédios comumente usados na época, para tratamento da sífilis.²

É desconhecido o número de mortos durante o reinado de Ivã, certamente dezenas de milhares, possivelmente cem mil, mas isso não o qualifica para minha lista dos cem mais. Ivã é citado aqui apenas porque, quando terminou seu louco reinado, as grandes famílias da Rússia estavam devastadas, e os únicos filhos sobreviventes a ele eram jovens demais ou fracos de cabeça demais para terem atraído a sua ira.

O último Dimitri verdadeiro

Quando Ivã morreu, o trono passou para seu filho Fedor, um simplório. Sempre popular entre o povo, o czar Fedor governou por mais de 16 anos bem-vindos, de paz e calma. O poder real na terra, entretanto, era exercido por Bóris Godunov, o irmão da esposa de Fedor, Irina.

Um pequeno problema na sucessão imperial era a existência de Dimitri, meio-irmão mais jovem de Fedor. Ele era filho da quinta ou talvez sétima esposa de Ivã, não se sabe bem, pois os registros se perderam. A Igreja Ortodoxa Oriental só lhe permitiu ter três esposas antes de achar que já era bastante, de modo que há certa dúvida se Dimitri era ilegítimo ou não. Não devia fazer muita diferença, mas Fedor e Irina não estavam tendo filhos que sobrevivessem.

Embora Fedor gostasse muito de Dimitri, Godunov encontrou uma desculpa para exilar Dimitri para a cidade de Uglich, cerca de 180 quilômetros ao norte de Moscou, na margem do rio Volga. Dimitri já estava saindo ao pai e torturava pequenos animais. Depois de alguns anos, em

1591, chegou a Moscou a notícia de que Dimitri, de 9 anos, morreria misteriosamente, com a garganta cortada. Os boatos e a mãe de Dimitri apontavam para Godunov como autor do assassinato, e uma multidão sublevada e enfurecida, em Uglich, linchou Bóris, o guardião nomeado para Dimitri.³

O próprio Godunov pareceu ter ficado intrigado com a morte de Dimitri. Enviou secretamente Vasily Shuisky, um jovem nobre russo e companheiro de infância de Dimitri, para investigar. Shuisky não era um dos bajuladores da corte. Só recentemente fora libertado da prisão, onde cumpria pena por ter conspirado contra Godunov. O nobre investigador relatou, na volta, que Dimitri cortara acidentalmente a própria garganta ao ter um ataque epilético enquanto manejava uma faca, história essa em que ninguém acreditou. A mãe de Dimitri foi então encerrada em um convento antes que pudesse se queixar.⁴

Isso deixou a Coroa sem herdeiros óbvios, e então, quando Fedor morreu, em janeiro de 1598, extinguiu-se a dinastia Rurik, que governara a Rússia desde o início dos registros históricos. No choque que acompanhou essa terrível notícia, Bóris Godunov se apresentou como voluntário para ser o novo czar. Convocou uma assembleia de nobres complacentes, que votaram nele para assumir o trono. A princípio, a nação o odiou porque suspeitava que fora ele que eliminara o bem-amado Dimitri. Depois, quando houve a invasão dos mongóis, e Godunov repeliu-os quando se achavam às portas de Moscou, contra todas as condições desfavoráveis, ele foi considerado um herói. Temporariamente.

O primeiro Dimitri falso

Por volta de 1600, o “falecido” príncipe Dimitri reapareceu, saudável e pronto para reassumir o trono a que tinha direito. Ninguém sabia quem era aquele jovem, mas isso realmente não interessa. Ele passou à história como Dimitri, e isso nos basta, por enquanto. Depois de atrair numerosos seguidores, a Polônia tomou-o sob sua proteção e invadiu a Rússia para colocá-lo no trono.

Por essa época, o povo russo já esquecera os detalhes de como Ivã, o Terrível, ganhara esse apelido. Tudo de que se lembrava era que ele esmagara os boiardos, sem misericórdia, e o russo médio odiava viver sob a opressão daqueles nobres. Também se lembrava de que Ivã havia combatido corajosamente todos os inimigos da Rússia, mas parecia ter

esquecido que suas guerras eram dispendiosas e nem sempre ele obtinha êxito. Não obstante, os russos se emocionaram e cerraram fileiras ante a ideia de que um verdadeiro filho de Ivã estava indo em socorro da pátria.

Na ocasião, a Rússia viu-se às voltas com uma fome terrível, quando uma má colheita seguiu-se a outra, de 1601 a 1604. “Viam-se cadáveres com feno na boca, e carne humana era vendida em tortas nos mercados.”⁵ Bóris deu início a programas de assistência aos famintos em Moscou, e as cidades ficaram cheias de refugiados. Também pagou mortalhas para enterrar os mortos quando terminaram os alimentos. Somente em Moscou 100 mil morreram de inanição. Muitos consideraram a fome como um castigo divino ao usurpador Bóris.⁶

O exército de Dimitri avançou contra Moscou numa campanha dura, sangrenta, mas ele mostrou misericórdia para com os inimigos derrotados, enquanto os soldados de Bóris tendiam a infligir cruéis represálias contra comunidades que recebiam bem o pretendente ao trono. Então, em abril de 1605, Bóris caiu doente e morreu. Algumas pessoas dizem que ele foi envenenado, mas outras dizem isso de quase todo mundo que morre. Seu filho de 12 anos, Fedor, herdou então o amaldiçoado trono de Moscóvia.

Quase todo o apoio que vinha sendo dado a Godunov evaporou quando ele morreu, e então um levante popular na cidade se apoderou do Kremlin e aprisionou a família real. Quando Dimitri assumiu o controle de Moscou, o czar Fedor II e sua mãe foram estrangulados em suas celas, em segredo.

O czar Dimitri ascendeu ao trono em 1605. Vasily Shuisky desmentiu sua investigação anterior sobre a morte de Dimitri, e apresentou a nova versão oficial, segundo a qual Dimitri conseguira fugir dos assassinos mandados por Godunov, os quais haviam matado uma criança que substituíra o príncipe.

Quando Dimitri desposou a princesa polonesa Marina Mniszech, em maio de 1606, um número excessivo de católicos poloneses, para o gosto dos moscovitas, compareceu à cerimônia. Os cristãos ortodoxos rapidamente se irritaram com o casal imperial, e seu odioso séquito estrangeiro. Na capital, discussões, brigas corporais e distúrbios ocorreram em escalada entre os estrangeiros e nativos. Finalmente, no dia 17 de maio, uma multidão atacou o palácio e invadiu o quarto de dormir do czar. Dimitri quebrou a perna quando fugia apressadamente pela janela, e foi mortalmente baleado quando tentava continuar a fuga mancando. Seu cadáver foi amarrado a uma corda em torno dos pés e da genitália, e exposto para que o povo o cutucasse com varas. O czar foi depois

enterrado, exumado uma semana mais tarde e incinerado. Seu corpo calcinado foi lançado por um canhão de volta na direção da Polônia, à qual ele pertencia. Durante o expurgo geral dos poloneses na cidade, cerca de 420 homens foram mortos e os restantes, escorraçados.⁷

O segundo Dimitri falso

O líder da conspiração que assassinou o czar foi Vasily Shuisky, amigo de infância do verdadeiro Dimitri, que conduzira a investigação da “primeira” morte de Dimitri. Ele então se tornou o czar Vasily. A fim de provar que o czar anterior fora um impostor, Vasily adquiriu o cadáver de um menino e declarou ser aquele o corpo do verdadeiro Dimitri, que ele retirara da sepultura em Uglich. Levou o cadáver para a capital, e depois que os restos mortais receberam o requerido crédito de terem efetuado curas miraculosas de leprosos e aleijados, Vasily pressionou a Igreja Ortodoxa para que declarasse o menino o definitivo Dimitri, morto e santo.⁸

Em 1607, um cidadão itinerante, bem-educado, foi para a prisão por ter assumido falsamente a identidade de um nobre. Entretanto, sob tortura, ele desmentiu sua alegação de ser aquele determinado nobre, e, em vez disso, afirmou que era o desaparecido Dimitri. Tiraram-se os grilhões, limpam-no e o proclamaram czar. Os poloneses reuniram um exército mercenário para levá-lo até Moscou. Quando essa tropa foi vencendo batalha após batalha, os russos saudaram o retorno de Dimitri. Os nobres russos abandonaram o czar Vasily e se juntaram a Dimitri, mas então ele parou a pouca distância de seu objetivo devido à obstinada resistência dos moscovitas.

Dimitri estabeleceu uma corte temporária na cidade de Tushino, a poucos quilômetros de Moscou. A corte do czar Vasily começou a perder gente que o apoiava, conforme mais e mais boiardos seguiam de Moscou para Tushino. Tentando minar o apoio ao pretendente, Vasily libertou da prisão Marina Mniszech, viúva do primeiro falso Dimitri, sob a condição de que ela não apoiaria, em absoluto, o novo Dimitri. Durante algum tempo ela cumpriu o prometido, mas, quando os ventos começaram a soprar contra o czar, ela escapou para o lado de Dimitri, onde publicamente declarou-o ser seu falecido marido Dimitri, agora recuperado de ferimentos sofridos anteriormente.

A essa altura, Shuisky conseguiu uma aliança com os suecos para recuperar seu trono ameaçado.

Eu sei o que você está pensando. Suecos? Os fabricantes do Volvo, socialistas de cabelo louro quase branco, que distribuem os prêmios Nobel e evitaram participar de ambas as guerras mundiais? Aqueles suecos? Isso lhe dá uma ideia de até que ponto a Europa mudou desde o século XVII, quando a Rússia era acossada pela Polônia e pelos suecos, em vez de ser o contrário. Entretanto, naquela época, aqueles ambos países eram muito maiores do que atualmente. A Suécia controlava a maior parte da região do mar Báltico, inclusive a Finlândia, a Letônia e a Estônia. A Polônia era unida à Lituânia, e se espalhava pela metade de Belarus e da Ucrânia.

De qualquer modo, a Polônia considerou essa intervenção aberta por uma nação de fora como uma afronta. Os suecos conspirarem por detrás dos panos era uma prática diplomática perfeitamente aceitável pela Polônia, mas enviar um exército verdadeiro para a batalha era ultrapassar os limites. Então os poloneses entraram na refrega oficial e diretamente, sem se esconderem atrás de Dimitri. O exército polonês cruzou a fronteira com a Rússia em setembro de 1609 para quebrar a aliança desse país com a Suécia, e alçar o novo candidato polonês ao trono moscovita. Isso, por sua vez, minou grande parte do apoio que Dimitri vinha recebendo, tanto entre os russos, que o acusaram da invasão polonesa, como entre seu séquito polonês, que o abandonou e se juntou ao verdadeiro exército da Polônia. Dimitri levantou seu acampamento em Tushino e empreendeu a retirada.

No sul, enquanto Moscou tinha a atenção voltada para Dimitri, os cossacos pilhavam sem serem molestados. Essa tribo se originara de uma mistura de camponeses eslavos refugiados com tártaros renegados, que formavam bandos de bandidos ao longo da fronteira entre as povoações europeias e os pastores nômades da estepe. Conforme a Época dos Distúrbios avançava, o efetivo dos cossacos era engrossado por mais e mais servos russos que fugiam para se juntar a eles, com seu estilo de vida livre e despreocupado. Os cossacos eram difíceis de controlar nos tempos bons, mas eram também uma força militar, tampão entre os impérios cristãos (poloneses e russos) e os impérios muçulmanos, isto é, turcos e tártaros, de modo que os governantes europeus lhes davam uma autonomia privilegiada. Infelizmente, sua natureza criminosa vinha à tona nas épocas de caos. Iremos encontrá-los diversas vezes neste livro.

Em 1607, os cossacos faziam incursões ao longo do Baixo rio Volga. Um dos membros jovens da tribo visitara Moscou uma vez, de modo que outros cossacos decidiram que isso o qualificava para ser o czar. Eles o proclamaram como Pedro, o filho perdido do czar Fedor. Não tinha

importância o mero detalhe técnico de que Fedor não teve filhos, fosse ele Pedro ou outro qualquer. Os boatos preenchiam os detalhes. Um exército se formou em torno dele. Muitos partidários de Dimitri se bandearam de lado para apoiar “Pedro”, mas a crueldade dos seus cossacos desiludiu muitos desses russos.

O czar Vasily Shuisky foi destronado em 1610 por uma conspiração de nobres russos, que entregaram Moscou aos poloneses. Vasily foi forçado a ser tonsurado e depois atirado num monastério, o que o desqualificava para reassumir o cargo, para sempre. Logo depois disso, ele foi levado para a Polônia, onde ficou prisioneiro pelo restante de sua vida. Nesse ínterim, num quartel-general distante, Dimitri foi assassinado enquanto bebia hidromel durante um passeio de trenó. Ele vinha se tornando progressivamente irritadiço e paranoico, repreendendo, espancando e matando seus seguidores com frequência imprevisível. Finalmente um membro de seu séquito, um príncipe tártaro que ele açoitara, deu-lhe um tiro e levou sua cabeça como lembrança.⁹ O trono da Rússia permaneceu vago.

O terceiro Dimitri falso

Em 1611, apareceu um novo Dimitri. Ele desprezou uma oferta sueca de patrocínio e, em vez disso, aliou-se aos cossacos. Foi capturado em maio de 1612, algemado e arrastado de volta a Moscou para ser enforcado.

Vamos voltar à história um minuto e traçar a carreira de um nobre de segunda categoria, que entrara e saía de diversas intrigas palacianas. Fedor Romanov era sobrinho da bem-amada esposa Anastasia, do czar Ivã, o Terrível, e primo-irmão do simplório czar Fedor. Um general vitorioso que combatera os suecos defendendo o czar Fedor Romanov, ele fora expurgado do poder e exilado num monastério com o nome de irmão Philaret quando Bóris Godunov subiu ao trono. Quando o primeiro falso Dimitri foi alçado ao poder por uma revolução popular, Philaret recebeu permissão de deixar o monastério e reintegrar-se ao mundo, mas, tolhido por seus votos monásticos, ele só pôde participar da política russa como clérigo. Foi subindo de posição com cada falso Dimitri que passava pelo poder, mas quando o Dimitri 2 caiu, em 1610, o patriarca Philaret foi despachado para a Polônia, onde ficou preso. A principal razão pela qual isso é importante para nós é porque ele deixou seu filho adolescente, Miguel, como chefe do clã Romanov.

Nessa época, a Rússia estava dividida em três. Moscou e a região para o Oeste eram ocupadas por poloneses católicos. Novgorod e o Norte eram ocupados pelos suecos protestantes. O restante pertencia a qualquer um com força local bastante poderosa para manter a distância quem o desafiasse. Tanto os poloneses quanto os suecos tinham famílias reais, agora com esperança de colocar seus próprios príncipes desempregados no trono da Rússia. Isso, por sua vez, ameaçava arrastar a Rússia para as guerras religiosas que devastavam a Europa; entretanto, em 1612, uma milícia russa saída da cidade de Nizhni Novgorod expulsou os poloneses de Moscou, dando ao povo russo uma breve janela de oportunidade para resolver seu próprio destino.

Boiardos de todas as partes da Rússia rapidamente se reuniram em um conclave em Moscou em 1613. A ambição dos suecos e poloneses anulou os esforços uns dos outros, e os russos conseguiram estabelecer uma regra básica vital para a conferência: o novo czar, quem quer que fosse escolhido, teria de ser um russo autêntico. Eles escolheram Miguel Romanov, o filho de 16 anos do patriarca Philaret, para ser o novo imperador, dando início a uma dinastia que duraria até a Revolução Russa, no século XX. Moscou fora tão devastada pelas repetidas conquistas e rebeliões que o czar Miguel governou de bem longe, no mais santo dos monastérios da cristandade ortodoxa, o monastério da Trindade-São Sérgio, até que a capital fosse reconstruída.

Marina Mniszech, viúva de dois falsos Dimitris, vinha tentando colocar no trono seu filho, ainda bebê, chamado Ivã,^a como verdadeiro herdeiro do czar Dimitri, mas, quando Miguel Romanov começou a consolidar seu domínio sobre toda a Rússia, os habitantes de Astracã, onde ela se refugiara, a expulsaram da cidade, inquietos com a possibilidade da chegada dos exércitos do czar. Ela fugiu para uma região desabitada, no interior, para ficar sob a proteção de cossacos simpáticos à sua causa; entretanto, foi interceptada por cossacos não tão simpáticos, que a enviaram de volta a Moscou mediante paga. O menino Ivã foi executado e Marina morreu na prisão dentro de um ano.

Então, o que diabos aconteceu?

A Época dos Distúrbios é simplesmente um mistério depois do outro. Para começar, como morreu Ivã, o Terrível? Originalmente diziam que caíra morto durante uma partida de xadrez, mas o mercúrio descoberto em seu

corpo foi interpretado como sendo o resultado ou de assassinato ou de envenenamento acidental. É também possível que o nível de mercúrio, embora alto, não tenha sido suficiente para matá-lo, e ele morreu de algo inteiramente diferente. Se a sua morte foi por assassinato, Godunov é o suspeito mais provável. Sua motivação é às vezes dada como um golpe preventivo contra seu senhor paranoico, embora a história mais pitoresca é a de que Godunov tenha invadido o quarto e impedido Ivã de estuprar Irina, irmã de Godunov e esposa de Fedor.

Como morreu o “czarinho” Dimitri? Há uma história oficial de que se ferira correndo com uma tesoura, ou coisa assim; o boato comum, assassinato por Bóris Godunov; a última história oficial é de que escapou dos assassinos mandados por Godunov para mais tarde tornar-se o czar Dimitri. Duas outras explicações tocam de leve em suicídio. Primeiro, a igreja o tendo originalmente enterrado como um suicida; e, segundo, assassinato, pelos inimigos de Godunov, a fim de comprometê-lo e desacreditá-lo, essa última hipótese sugerida pelo historiador Chester Dunning.¹⁰ Vamos também considerar a possibilidade de que tenha sido assassinado por motivos inteiramente não políticos, mas sim porque estava se transformando num “pequeno monstro”, extremamente desagradável, segundo palavras daquele historiador.

Quem foi o primeiro Dimitri falso? Muitos relatos da Época dos Distúrbios respondem a essa pergunta com mais certeza do que as provas permitem. É comum identificar positivamente o primeiro falso Dimitri como Grigory Otrepiev, um monge depravado e destituído das Ordens monásticas. O assediado czar Bóris foi o primeiro a espalhar essa identificação, com base na necessidade política, mais do que em provas concretas. *Bóris Godunov*, tanto a peça de Pushkin quanto a ópera de Mussorgsky, na qual Otrepiev é um personagem importante, popularizou essa versão. Outras sugestões incluem o filho ilegítimo de um ex-rei polonês; uma criança criada por um ambicioso clã de boiardos visando que ele acreditasse que era realmente Dimitri; um conspirador num complô polonês ou jesuíta; ou o real “czarinho” Dimitri, como anunciado.¹¹

Quando tentamos identificar o segundo falso Dimitri, pelo menos podemos descartar alguns candidatos. Hoje todo mundo concorda que ele não se parecia com o primeiro falso Dimitri, e nenhum historiador moderno já sugeriu, seriamente, que o original “czarinho” Dimitri estivesse ainda vivo nessa época. Ou ele era filho de um sacerdote, ou um judeu convertido, ou outra pessoa, inteiramente diferente.

Nós esquecemos a certeza que o mundo moderno trouxe para nossas vidas. Até o desenvolvimento das técnicas biométricas confiáveis, especialmente as impressões digitais, no final do século XIX, não havia nenhum meio de identificar positivamente uma pessoa. Sem a fotografia, apenas lembranças evanescentes e desenhos imprecisos estavam disponíveis para nos lembrar da aparência de alguém. Uma pessoa podia desaparecer de uma comunidade e facilmente tornar-se outra pessoa, em outro lugar. Escravos e criminosos eram frequentemente cobertos de cicatrizes, marcados a fogo ou mutilados, de modo que não podiam fingir ser outra pessoa, mas um homem livre podia, com sorte e com a atitude certa, reinventar-se sem toda a papelada burocrática que nos persegue hoje.

Além disso, identificar adequadamente a causa de uma morte é um fenômeno moderno. A vida e a morte têm sido sempre os grandes mistérios, especialmente como passamos de uma para outra. Durante a maior parte da história, a ciência médica foi tão primitiva que, a menos que o falecido tivesse morrido no meio de uma batalha ou com a cabeça no cepo do carrasco, ele provavelmente tinha apenas uns sintomas vagos, como febre, náuseas, delírios, que podiam significar qualquer coisa. Quando alguém simplesmente adoecia e morria, não havia meio de dizer o que o matara: miasmas perigosos, influências planetárias, comer em demasia cerejas com leite frio ou ficar na chuva sem chapéu. Como cada pessoa com um lugar importante nos livros de história tinha inimigos que a queriam morta, o envenenamento tem sido um suspeito em virtualmente toda morte não violenta ao longo da história.

Em vez de ficarmos atolados nos detalhes confusos de quem matou quem, seria muito mais útil dar um passo atrás, e ver a Época dos Distúrbios como uma maciça revolta dos camponeses. Um czar poderoso era o único contrapeso capaz de segurar o opressivo guante dos boiardos contra o povo russo. A dinastia Rurik, com todas as suas falhas, fora divinamente ordenada para proteger a Rússia de seus inimigos, estrangeiros e locais. Quando essa dinastia se extinguiu, os boiardos viram o evento apenas como uma oportunidade para elevar um de seus próprios candidatos ao trono, como Godunov ou Shuisky. Entretanto os russos comuns não podiam aceitar que se extinguisse a linhagem real que Deus escolhera. No final, eles simplesmente se recusaram a acreditar nisso e inventaram o herdeiro de que precisavam.¹²

^a Só Deus sabe quem era o pai dele.

A GUERRA DOS TRINTA ANOS

Número de mortos: 7,5 milhões

Posição na lista: 17

Tipo: conflito religioso

Linha divisória ampla: protestantes *versus* católicos

Época: 1618-48

Localização: Alemanha

Principais Estados participantes: Boêmia, Brandemburgo, Dinamarca, França, o Palatinado, Suécia e Saxônia *versus* Áustria, Bavária, Espanha e Saxônia, que mudou de lado

Estado com participação quântica: Sacro Império Romano Germânico

Quem geralmente leva a maior culpa: católicos, calvinistas, os Habsburgo, a França, mercenários

Nem Sacro nem Romano, nem um império

O Sacro Império Romano Germânico começou como uma tentativa medieval para unir novamente a cristandade, mas no início da Era Moderna ele era apenas uma colcha de retalhos de pequenos países, todos eles reunidos num conjunto nominal. No início, o chamado império compreendia diversas terras por toda a Europa central que falavam tcheco, holandês, francês, alemão e italiano, mas já pelo século XVII suas bordas estavam desgastadas, e o império compreendia principalmente a Alemanha. Na teoria, todos os pequenos reis, duques, bispos e condes da Alemanha prestavam vassalagem ao imperador, mas, na prática, esse laço era muito frouxo.

A Guerra dos Trinta Anos não foi a primeira guerra santa a devastar a Alemanha depois da Reforma. Na primeira onda de luteranismo, muitos príncipes alemães haviam se apoderado de todos os estados livres de impostos que a Igreja acumulara durante seus séculos de privilégios. Frequentes revoltas de camponeses anabatistas também varriam a região, para serem sempre sufocadas brutalmente pelas autoridades de ambas as religiões.^a Finalmente, uma guerra de grandes proporções terminou em 1555, com o Tratado de Augsburg, que estabeleceu um novo equilíbrio, permitindo aos príncipes alemães escolher que religião queriam, desde que fosse ou católica ou luterana.

Por tradição, o Sacro Império Romano Germânico era governado por um

Habsburgo, uma família com raízes na Áustria, com casamentos e propriedades que se espalhavam por toda a Europa. Quando o velho imperador se aproximou do fim da vida sem ter filhos, a família começou a se movimentar visando a sucessão. Por fim, intrigas palacianas apontaram para o arquiduque Fernando, de Estíria, como o herdeiro do imperador. Pouco a pouco as terras dos Habsburgo foram transferidas para o controle de Fernando. Enquanto o velho imperador fora forçado a aceitar acordos com os protestantes sob seu domínio, Fernando fora educado por jesuítas, e adotou uma linha dura no apoio ao catolicismo. Na Estíria, seu feudo natal, ele deu aos residentes a simples escolha de serem católicos ou ir embora. Um terço dos habitantes da região fugiu. Enquanto ia pondo mais terras dos Habsburgo sob seu controle, o duque insistia que seus novos súditos se conformassem com a nova orientação, em partes cada vez maiores do império.¹

A defenestração de Praga

Embora a tradição desse o império aos Habsburgo, a lei punha a escolha oficial do imperador do Sacro Império Romano Germânico nas mãos de sete eleitores. Três deles eram arcebispos, que naturalmente apoiavam os Habsburgo católicos. Os outros quatro votos pertenciam a governantes seculares de pequenos países dentro do império: Brandemburgo, Saxônia, o Palatinado e Boêmia. Os três primeiros haviam se convertido ao protestantismo, e talvez preferissem um imperador protestante, o qual protegeria seus interesses. O voto restante pertencia ao rei da Boêmia, tradicionalmente católico, um cargo que se tornara uma herança que vinha passando de mão em mão na casa dos Habsburgo. Como você pode ver, os católicos estavam com uma ligeira vantagem, com 4 votos a 3.

Embora os Habsburgo fossem católicos, a população em geral da Boêmia havia se tornado calvinista. A Boêmia, como o próprio império, era uma monarquia que elegia seu governante, mas, quando a nobreza do país se reuniu em Praga para endossar sem discussão o novo Habsburgo como imperador, os habitantes da cidade começaram a imaginar se talvez um protestante não seria uma escolha melhor. Eles tentaram obter a renovação da garantia de liberdade religiosa por parte de Fernando, mas, no dia 23 de maio de 1618, as negociações foram interrompidas, de maneira trágica. Os boêmios atiraram os representantes dos Habsburgo pela janela, sobre um monte de esterco, e escolheram Frederico, o eleitor

calvinista do Palatinado, para ser o imperador. De um só golpe, a casa dos Habsburgo perdera seu único voto eleitoral, e o conde Frederico, do Palatinado, tinha agora dois votos seus, próprios, mais o apoio teórico de outros dois eleitores protestantes, o que constituía a maioria.

As fases boêmia e dinamarquesa

Na prática, os outros príncipes protestantes do império não estavam a fim de arriscar tudo para apoiar o conde do Palatinado, de modo que votaram por Fernando, dos Habsburgo, e abandonaram a Boêmia à sua sorte. Um exército católico, sob o comando do general da Bavária Johannes Tilly, se pôs a caminho para recuperar a Boêmia e punir os protestantes revoltosos. Uma vingativa política de terra arrasada reduziu a Boêmia a um deserto fumegante. Dos 35 mil vilarejos que existiam antes da guerra restavam apenas 6 mil depois da destruição. A população despencou de 2 milhões para 700 mil, os camponeses morrendo de fome ou fugindo do avanço avassalador das tropas.² Finalmente, a Batalha da Montanha Branca, em novembro de 1620, impôs uma derrota fragorosa às forças do Palatinado. O rei Frederico foi expulso, e Albrecht von Wallenstein foi instalado como governador militar Habsburgo da Boêmia. Os principais chefes da rebelião foram executados na praça central de Praga. As propriedades devastadas dos nobres rebeldes foram confiscadas e distribuídas a legalistas fiéis aos Habsburgo.

Depois os exércitos católicos se voltaram contra o Palatinado, para punir Frederico por tentar afastar a Boêmia do restante do império. Sua principal cidade, Heidelberg, foi conquistada e saqueada, enquanto Frederico buscava asilo na Holanda. Os Habsburgo entregaram o Palatinado a seu aliado, o duque da Bavária, católico. Isso amedrontou os outros Estados protestantes. Embora houvessem ficado quietos, e deixado os católicos restaurar o *status quo* na Boêmia, a eliminação do Palatinado não fazia parte do acordo.

Quando as fortunas dos protestantes começaram a minguar, reinos externos ao império foram convocados para apoiar a causa luterana. Em 1625, o rei Cristiano, da Dinamarca, invadiu a Alemanha com seu exército, mas foi completamente derrotado pelo exército católico de Wallenstein, onde Tilly esmagou também um novo exército reunido pelos príncipes protestantes da Alemanha. Em seguida, os católicos avançaram sobre o norte da Alemanha e o Estado peninsular da Dinamarca. Os

dinamarqueses fugiram para suas ilhas, salvando-se apenas por não haver uma frota imperial no mar Báltico.

Aproveitando a maré alta da vitória, a Áustria partiu para desfazer a Reforma. O Édito de Restituição, de 1629, ordenava que toda propriedade, antes pertencente à Igreja Católica Romana, conquistada pelos príncipes protestantes nos últimos 77 anos, deveria ser devolvida à Igreja. O calvinismo foi declarado ilegal em todo o império.

A fase sueca

Com os exércitos imperiais marchando para o Báltico e acampados no seu litoral, os Habsburgo estavam agora ameaçando o território sueco. Primeiro os suecos triplicaram o efetivo de seu exército graças a subsídios da França, que não queria ver um Sacro Império Romano Germânico que realmente funcionasse como um império. Depois os suecos cruzaram o mar Báltico e partiram para a batalha em julho de 1630.

Estudiosos da história militar conhecem essa fase da guerra como a era de Gustavo Adolfo, enérgico rei da Suécia e lendário gênio militar. Tendo já prova de sua têmpera em uma série de guerras contra a Dinamarca, a Rússia e a Polônia, ele estava se tornando um desses generais lendários, como Frederico, o Grande, e Napoleão, que travavam batalhas como se fosse um jogo de xadrez.

Na primavera de 1631, um exército católico sob o comando de Tilly tentou tomar a fortaleza protestante de Magdeburgo, que defendia a travessia do rio Elba. Depois de demorado sítio, a cidade foi tomada e completamente destruída. Dos 30 mil habitantes, não mais do que 5 mil sobreviveram ao saque, a maioria mulheres, que foram levadas embora pelos soldados para que as usassem depois. A cidade queimou durante três dias, deixando uma cena dantesca de carnificina. “Os vivos saindo rastejando de baixo dos mortos, crianças perambulando com gritos de cortar o coração, chamando por seus pais, e bebês ainda mamando no peito de suas mães mortas.”³ Seis mil cadáveres foram atirados no rio como parte da limpeza para a entrada triunfal de Tilly.⁴

Em setembro de 1631, Gustavo Adolfo infligiu uma importante derrota aos católicos em Breitenfeld, empurrando a guerra do norte protestante para dentro do sul, católico. A vitória sueca pôs os protestantes de volta ao jogo e não permitiu que houvesse paz durante os 18 anos seguintes. Na primavera, os suecos derrotaram o exército imperial novamente, matando

Tilly no decorrer da batalha. Finalmente, em novembro de 1632, Gustavo conseguiu seu maior triunfo contra Wallenstein, na Batalha de Lutzen, mas foi morto quando se aventurava à frente de suas próprias linhas. Os católicos aproveitaram a oportunidade para se recuperar.

A morte de Gustavo Adolfo fez estancar o renovado impulso protestante, mas Wallenstein não se aproveitou da vantagem dessa virada de sorte. Em vez disso, começou a jogar seu próprio jogo, abrindo negociações provisórias com o inimigo, e só os combatendo quando eles ficaram relutantes em levar a sério suas ofertas de paz. Ele estava claramente manobrando para deixar os Habsburgo de lado e se impor como governante da Alemanha. O imperador soube dessas manobras e convocou alguns dos oficiais mais graduados de Wallenstein para assassiná-lo.

Estilos de guerrear

A espinha dorsal de um exército durante a Guerra dos Trinta Anos era um bloco compacto de mosqueteiros e piqueiros. Os piqueiros usavam compridas lanças para manter o inimigo a uma distância segura, enquanto os mosqueteiros os fuzilavam. Para romper um bloqueio da infantaria, esquadrões de cavaleiros em armaduras de aço avançavam disparando com pistolas contra os infantas, e depois faziam meia-volta e se afastavam trotando para recarregar as armas. Esse assaltos tediosos eram repetidos diversas vezes, geralmente sem causar grande impacto. Na época, a artilharia era constituída de peças grandes e difíceis de manejar, e as guarnições dos canhões podiam ainda estar chegando ao campo de batalha e aprestando suas armas quando a batalha já terminara.⁵

Gustavo Adolfo mudou tudo isso. Ele reduziu o tamanho dos canhões de campanha e tornou-os leves o bastante para serem transportados com maior rapidez na batalha, e romper os grandes e compactos blocos de infantaria. Também treinou sua cavalaria a atacar a galope com lanças e sabres; estendeu sua infantaria em uma linha, em vez de um bloco compacto, tornando-a menos vulnerável ao bombardeio de canhões, além de usar os piqueiros de forma ofensiva. A Batalha de Breitenfeld foi a primeira vitória dessas novas formações táticas, que dominariam o campo de batalha pelos dois séculos seguintes.⁶

O uso de uniformes não era uma coisa comum para os exércitos do início da Era Moderna, e a maioria dos soldados se vestia como trabalhadores comuns, com roupas resistentes, confortáveis,

suplementadas por couraças, arranjos ou ornamentos que pudessem arrumar. O único modo de distinguir amigo de inimigo era pelas gigantescas bandeiras de batalha que cada unidade levava. Todo exército era seguido por uma multidão de mulheres, que cozinhavam, lavavam a roupa e serviam de enfermeiras. Gustavo Adolfo e muitos generais calvinistas insistiam para que essas vivandeiras fossem exclusivamente esposas dos soldados. A partir de então, as acompanhantes dos exércitos ganharam uma reputação de não ser mais do que prostitutas, mas elas eram muito mais do que isso, e nenhum exército podia sobreviver sem elas.

Em operações independentes, os exércitos tinham um efetivo de talvez 10 mil a 20 mil soldados, embora eles às vezes se juntassem em forças duas ou três vezes esse efetivo para grandes batalhas. Geralmente, eram recrutados em unidades mercenárias, que eram contratadas e dispensadas em conjunto. Individualmente, os soldados prestavam contas a seu capitão, não a qualquer príncipe que os houvesse contratado, e podiam mudar de lado livremente se o pagamento fosse maior ou se fossem feitos prisioneiros. O único pessoal militar que a maioria das nações tinha com salário em tempo integral eram os guardas palacianos e uns poucos oficiais do estado-maior, que sabiam onde contratar mercenários de curto prazo, geralmente na Escócia, Itália e Suíça. Unidades mercenárias desempregadas tendiam a ficar perambulando e vivendo dos recursos da terra, enquanto esperavam que outro governo as contratasse.

Cerca de 350 mil soldados morreram na Guerra dos Trinta Anos,⁷ mas as mortes de civis ultrapassaram as de militares na proporção de 20 para uma. Compare isso com a Segunda Guerra Mundial, na qual as mortes de civis ultrapassaram as de militares numa proporção de meros 2 para 1, embora o extermínio de povos e a destruição de cidades fossem uma política ostensiva. Como foi possível que tantos civis tenham morrido na Guerra dos Trinta Anos, quando o número dos que morreram no saque de Magdeburgo, 25 mil, se destaca como uma coisa terrível e única? Simples. Os exércitos viviam dos recursos da terra.

A Europa do século XVII era extremamente rural, e a maioria das pessoas vivia do que elas próprias plantavam. Os fazendeiros produziam um pequeno excedente, que vendiam nas cidades-mercado, de modo que somente poucos trabalhadores em qualquer comunidade podiam sobreviver sem cultivar seu próprio alimento. A presença de um exército numa determinada área perturbava esse delicado equilíbrio de produtor e

consumidor. Era como a espontânea erupção de uma cidade nova em folha, habitada inteiramente por 15 mil arruaceiros famintos, mas desempregados. Eles confiscavam alimentos, matavam o gado, abusavam das mulheres e derrubavam as construções para usar como lenha. Depois, destruíam qualquer sobra ou excedente para evitar que caíssem nas mãos do inimigo. Todo exército, tanto amigo quanto inimigo, deixava, no seu rastro, camponeses à beira da inanição.

Havia desolação por toda parte; jesuítas investigando as ruínas fumegantes de Eichstatt encontraram crianças perdidas escondidas nos sótãos, comendo ratos, de modo que eles as juntaram e as levaram para alimentá-las e educá-las. Um embaixador inglês relatou, ao chegar à cidade deserta de Neunkirchen, ter encontrado uma casa em chamas e dois cadáveres na rua, mas ninguém mais. Indo adiante, ele encontrou mais cidades fantasmas. Neustadt foi “saqueada e queimada miseravelmente”; em Bacharach, foram encontradas pessoas mortas de fome com relva na boca.⁸

As colunas de refugiados iam sendo desfalcadas pela fome e pela peste, e eram impedidas de entrar numa cidade após outra. Em cidades que aceitavam os refugiados, os habitantes passavam por cima de cadáveres recentes toda manhã. No final, os refugiados eram expulsos, 7 mil de Zurique, por exemplo, porque não havia nem comida nem abrigo para eles. Frequentemente o único alimento disponível era tabu. Num acampamento cigano, foram encontrados pés e mãos num caldeirão. Perto de outra cidade foram achados ossos humanos, com a carne arrancada e quebrados para aproveitar o tutano. Cadáveres frescos desapareciam das covas.⁹

Como se não bastassem a guerra e a fome, a queima de bruxas na fogueira atingiu o pico durante a Guerra dos Trinta Anos. Diziam que o bispo de Wurzburg mandou queimar 9 mil feiticeiras entre 1625 e 1628. Mil delas foram queimadas no principado silesiano de Neisse em 1640-41.¹⁰ Contrariamente à ideia que comumente se tem, a grande caça às bruxas não foi uma relíquia da superstição e da ignorância medievais. A prática crescia principalmente das paixões inflamadas pelos conflitos religiosos do início da Era Moderna. Durante séculos de guerras santas, comunidades por toda a Europa extirpavam e exterminavam os perigosos infiéis que viviam entre os habitantes, tanto reais (protestantes e católicos) como imaginários (feiticeiras e demônios).

A fase francesa

Como a maioria das grandes e confusas guerras civis por toda a história, a guerra na Alemanha foi atraindo para o conflito todos os Estados vizinhos, e por fim tornou-se parte de um confronto maior, entre as duas nações-alfa da Europa na época, a Espanha e a França. A Espanha era governada por um ramo menor da família Habsburgo, e seus territórios incluíam a Bélgica, a Borgonha e cerca de metade da Itália. A Espanha desejava auxiliar seus primos austríacos na eliminação de seus inimigos protestantes na Alemanha, mas, em compensação, queriam a ajuda austríaca para esmagar os inimigos protestantes na Espanha e na Holanda. Os franceses, sendo inimigos naturais dos espanhóis, subsidiavam todos os inimigos dos Habsburgo, independentemente de raça, religião ou nacionalidade.

Comandado por piloto automático durante os anos seguintes, o exército sueco organizado por Gustavo Adolfo continuou a colecionar vitórias, até que o império o derrotou fragorosamente em Nordlingen, em 1634. Como os escandinavos fracassaram na tentativa de vencer a guerra na Alemanha, os franceses então intervieram diretamente no conflito. Embora fossem católicos, temiam a emergência de uma Alemanha forte e unida, na sua fronteira leste, ligada por laços dinásticos à Espanha, na fronteira sul, a qual tinha exércitos na Holanda, fronteira norte. Na verdade, a intervenção da França na Guerra dos Trinta Anos, em 1634, representa provavelmente o exato momento em que terminava a idade das guerras religiosas, e a Europa voltava a travar guerras apenas porque não tinha outra coisa para fazer.

Embora os suecos continuassem a lutar por toda a região central do império, o foco da guerra agora mudara para a chamada Estrada Espanhola, a trilha de possessões e territórios aliados por onde a Espanha costumava deslocar suas tropas a partir do Mediterrâneo e a partir das concentrações de mercenários católicos na Itália. Esse caminho atravessava os Alpes e descia o rio Reno até os campos de batalha na Holanda espanhola, atualmente a Bélgica. O cardeal Richelieu, primeiro-ministro da França, decidiu interromper esse fluxo de uma vez por todas, mas foi uma peleja dura. Com comboios anuais de prata chegando constantemente das minas das colônias do Novo Mundo, a Espanha era o único país da Europa capaz de manter um exército nacional com efetivo máximo e em tempo integral.

A guerra seguiu esporadicamente ao longo das margens do Reno durante alguns anos, os exércitos alemão e holandês subsidiados pelos

franceses acoessando os espanhóis, e pequenas forças francesas atacando fracamente a fronteira sul da Holanda espanhola. Finalmente, em 1643, um exército francês, organizado para se equiparar aos padrões da Espanha, encurralou e destruiu a principal força espanhola na Batalha de Rocroi. Foi preciso um dia inteiro de matança sinistra e sistemática, mas, quando terminou, o exército espanhol estava sem condições de emprestar soldados para seus primos austríacos. A Espanha precisou manter suas tropas remanescentes perto de casa, para manter a distância os franceses que avançavam.

Resultados

As estimativas do número de mortos na Guerra dos Trinta Anos vêm caindo com o passar dos anos. Logo depois da guerra, dizia-se que a Alemanha ficara quase despovoada, e que mais de 12 milhões de habitantes, ou três quartos de sua população, desapareceram. Depois, conforme foram estudando os registros feitos pelas igrejas, por coletores de impostos e pelas cortes, os historiadores frequentemente descobriam que as pessoas que haviam desaparecido de uma região da Alemanha apareciam em outra região, vivas e com saúde, ou pelo menos vivas. Por volta da década de 1930, a estimativa preferida era que um terço da população, ou de 7 a 8 milhões, morreram.¹¹ Uma estimativa que tem se tornado popular nas últimas décadas nos dá um total de mortos de metade daquele número, isto é, 3 ou 4 milhões.¹² Mesmo assim, a estimativa média é ainda a mais comumente aceita. Isso tornaria a Guerra dos Trinta Anos o acontecimento mais letal que jamais atingiu a Alemanha, matando mais alemães do que as duas guerras mundiais combinadas.¹³

O Tratado de Westfália, assinado em 1648, pôs um ponto final no conflito e fez muitos ajustamentos nas fronteiras e nas relações dos feudos alemães, mas a maioria desses arranjos se tornou irrelevante. Isso aconteceu há muito tempo e você não tem de se preocupar com eles. O resultado mais duradouro da Guerra dos Trinta Anos é que a Europa finalmente percebeu como era estúpido guerrear por causa de religião. Em menos de um século, os conflitos religiosos haviam devastado a França, a Alemanha, a Inglaterra e a Holanda. Por fim, muitas nações, exauridas de recursos, decidiram permitir que a escolha da crença fosse um assunto pessoal, e isso se tornou um dos alicerces da civilização ocidental.

Hoje, lutar por causa de religião é considerado uma coisa tão ridícula

que muitos historiadores ocidentais ficam muito envergonhados em admitir que tal coisa chegou a acontecer. É como ter um avô que possuía escravos. Provavelmente metade dos historiadores das gerações recentes tem preferido descrever as guerras religiosas como conflitos seculares de poder, escondidos atrás de uma pretensa religião; entretanto, isso projeta as sensibilidades modernas para trás, para o passado. A maioria das sociedades humanas não separa a religião da política pública. A crença governa como as pessoas agem. A religião estrutura a sociedade e orienta a tomada de decisões. Duvidar da religião da nação é um insulto contra os valores mais caros da nação, e a blasfêmia arrisca aborrecer seja qual for o deus que vela sobre seu povo. A civilização ocidental é única em tornar a religião um assunto particular, e isso é baseado nas duras lições aprendidas na era das guerras religiosas.¹⁴

^a O anabatismo é exatamente o tipo de cristianismo que se espera que os camponeses professem. Ele prega a igualdade, a paz, a simplicidade, o compartilhamento e outras ideias que têm apelo para as pessoas na base da pirâmide social. Obviamente as autoridades não podem permitir que conceitos perigosos como esses se propaguem. Os anabatistas são raros hoje em dia. Nós os encontramos num capítulo anterior, com o nome de menonitas, um dos primeiros grupos a se posicionarem contra a escravidão. No mundo todo existe apenas 1 milhão de menonitas, mais ou menos.

O COLAPSO DA DINASTIA MING

Número de mortos: 25 milhões

Posição na lista: 5

Tipo: colapso do Estado

Linha divisória ampla: cada homem por si

Época: 1635-62

Localização: China

Quem geralmente leva a maior culpa: dois rebeldes, Li Zicheng e Zhang Xianzhong, um general bandido, Wu Sangui, e Dorgon, o Bárbaro

Outra praga: a dinastia chinesa em colapso

Para muitas pessoas no Ocidente, a dinastia Ming é conhecida principalmente de comédias-pastelão como produtores de vasos caros e frágeis, mas historicamente eles foram produtores de tudo que é refinado: porcelana, seda, arte e poesia. Embora hoje seja considerado de mau gosto entre os historiadores julgar o passado, a dinastia Ming (“Brilhante”) é amplamente considerada o clímax da civilização chinesa. Foi a era mais avançada, cultural e tecnologicamente, antes da interferência dos europeus, e a última vez em que a China foi governada por um imperador de uma etnia chinesa.

Covil de ladrões

Li Zicheng teve problemas em encontrar uma carreira que lhe servisse antes de se decidir em ser um chefe guerreiro. Depois de passar a infância pastoreando carneiros, ele trabalhou algum tempo numa loja de vinhos; depois foi aprendiz de ferreiro. Mais tarde foi despedido do cargo de auxiliar numa agência de correios. Finalmente, em 1630, ele se alistou no exército chinês.

Na época, o norte da China lutava contra uma terrível epidemia de fome. Até mesmo o exército vivia à beira da inanição, de modo que, um dia, quando os suprimentos não chegaram, como acertado, a unidade de Li Zicheng se revoltou e passou para a bandidagem. No final o governo capturou diversos renegados, Li entre eles, em 1634. Eles conseguiram um acordo para voltar às fileiras do exército da fronteira, mas o magistrado local adiantou-se e executou 36 rebeldes. Li e seus homens deram o troco

e depois fugiram para as colinas.

Muitas gangues infestavam as colinas chinesas na época, e as maiores eram virtualmente soberanas. Finalmente Li Zicheng tornou-se o chefe renegado de três províncias nos altiplanos que se encontram com a borda norte do platô tibetano, estendendo-se do rio Yang-tsé até a Grande Muralha. Ele era conhecido como o “Rei Relâmpago”, não por ser especialmente vistoso, mas pela rapidez de seus ataques.

Li brigava com outros bandidos tanto quanto brigava com as autoridades. Diversas gangues saquearam as sepulturas da dinastia Ming e aprisionaram os homens que as guardavam. Enquanto dividiam o butim, Li exigiu os músicos eunucos como parte na divisão, e o rebelde rival Zhang Xianzhong acedeu, mas arrebentou com todos os instrumentos por simples despeito. Li então deu o troco e matou os músicos.¹

Zhang também se tornara um bandido durante a fome de 1628. Andou saqueando um pouco e depois se deslocou para o grande vale interior de Sichuan, onde conquistou Chengdu, a capital provincial, com a chacina geral da população. Era conhecido pelo apelido de “Tigre Amarelo”. Por fim, Li e Zhang fizeram um trato que dividia a China entre os dois.

Li Zicheng partiu para expandir seu território para o oeste, entrando na região de Hunan com um exército que somava 60 mil a 100 mil soldados. Em abril de 1642, ele sitiou a cidade de Kaifeng durante vários meses, levando os defensores da cidade ao desespero e ao canibalismo. Finalmente um exército imperial chegou em setembro. Temeroso de se bater com Li numa batalha frontal, o exército tentou, em vez disso, afastá-lo do local arrebentando os diques que mantinham o rio Amarelo no seu curso. O plano funcionou de certa maneira; Li abandonou o sítio, mas a inundação resultante devastou a cidade. Dos 370 mil residentes de Kaifeng, só 30 mil sobreviveram.²

De qualquer forma, o desastre em Kaifeng não conseguiu diminuir a ambição de Li. No dia de Ano-Novo, 8 de fevereiro de 1644, ele se proclamou chefe da dinastia Shun, que certamente não se deu bem com o governante da China na época, imperador Chongzhen, da dinastia Ming.

O último imperador

No dia 22 de abril de 1644, cortesãos frenéticos encontraram a porta da suíte imperial misteriosamente fechada. Depois de arrombá-la, encontraram o imperador Chongzhen em lágrimas. Não apenas o exército

de Li se aproximava da capital, Pequim, mas também o governo estava falido e não podia pagar os exércitos imperiais. Uma combinação de fome, epidemias, bandidos, piratas e guerras fronteiriças havia drenado os recursos do tesouro. Ao mesmo tempo uma guerra naval entre os portugueses católicos, que eram o principal parceiro comercial da China, e os holandeses e ingleses protestantes interrompera o influxo de prata e deixara o tesouro imperial sem dinheiro vivo.³

O imperador não conseguia decidir se fugia de Pequim para o sul, para a cidade de Nanquim, mais segura. Se fugisse, poderia perder a legitimidade, e o príncipe herdeiro encararia aquilo como uma abdicação, mas, se ficasse, um de seus parentes oportunistas poderia se apoderar das terras do sul e se declarar imperador. Dois dias mais tarde, o exército rebelde de Li entrava nos subúrbios de Pequim.

O pânico do imperador talvez fosse desnecessário. Aparentemente Li estava querendo aceitar a vassalagem, e não se apoderar do próprio trono. Li chegou mesmo a mandar uma mensagem, oferecendo desbordar a capital e lançar seu exército contra os mandchus, ao norte da Grande Muralha, se o imperador simplesmente reconhecesse e legitimasse o governo de Li nas províncias do sul. Aparentemente a mensagem não chegou ao imperador, que nunca a respondeu. Li continuou avançando.

Por fim, Chongzhen decidiu ficar e esperar pelo destino. Embebedou-se e saiu cambaleando pelo palácio com uma espada, matando sua principal concubina e as filhas mais novas, para evitar que caíssem nas mãos dos rebeldes. Depois tentou matar sua filha mais velha, mas conseguiu apenas cortar-lhe o braço, quando ela o levantou para aparar o golpe. A jovem correu pelo salão deixando um rastro de sangue.

Disfarçando-se como eunuco, o imperador tentou escapular da capital, mas os seus próprios guardas atiraram nele quando se aproximava dos portões. Ele voltou a seus aposentos e tocou uma sineta para convocar os ministros, em busca de aconselhamento. Quando nenhum deles veio, ele calmamente saiu para o jardim e enforcou-se numa árvore ao pé de uma colina.⁴

Bárbaros aos portões

Vamos apresentar outro conjunto de personagens. Os mandchus eram um povo da etnia jurchen, estreitamente aparentados com diversos outros povos bárbaros que percorriam as terras ao norte da China, e que

ocasionalmente batiam de frente com a Grande Muralha. Mas esses outros povos não pertenciam ao mesmo ramo dos jurchens que estabeleceram a dinastia Jin (“Dourada”) no norte do país no século XII, que mais tarde seria conquistada pelos mongóis (ver “Gêngis Khan”).

Se isso é confuso, pense nos jurchens como sendo australianos, neozelandeses, ingleses e escoceses. Para nós, é óbvio que esses povos anglófonos, brancos, são inteiramente diferentes, mas dentro de quatrocentos anos poucas pessoas se lembrarão ou se importarão que diferenças havia entre os americanos e os canadenses.

Na sua terra natal, os mandchus viviam como pastores nômades e lutavam como arqueiros montados, feito os mongóis antes. Com o tempo, porém, o contato com os chineses se fez sentir, e eles organizaram seus exércitos com pelotões maciços de piqueiros e mosqueteiros. Como essas forças exigiam menos treinamento e podiam ser recrutadas conforme necessário, eram mais adequadas a sociedades de camponeses.

Em 1584, um bárbaro de 25 anos chamado Nurhachi herdou a liderança de uma das quatro tribos subordinadas aos mandchus. Por meio da usual combinação de carisma, esperteza e crueldade, ele uniu as quatro tribos em uma poderosa federação. Depois Nurhachi embarcou numa vida inteira de guerras contra todo vizinho a seu alcance. Finalmente, sua invasão da tribo vizinha dos yehes o pôs em conflito direto com a dinastia Ming. Na época já um veterano de cabelos grisalhos, com 59 anos, Nurhachi derrotou os chineses em seu primeiro confronto, em Sahu, em 1619. Logo ele mergulhava na direção da capital, Pequim, até que bateu de frente com uma guarnição entrincheirada com artilharia. O chefe mandchu morreu logo depois de um ferimento de canhão que infeccionou.

Armas de fogo

Yuan Chonghuan, o general chinês que derrotou Nurhachi, conhecera as armas de fogo ocidentais por meio de seu cozinheiro, que estivera às voltas com europeus.⁵ Embora os chineses soubessem usar a pólvora havia séculos, uma nova invenção do Ocidente, o mosquete com mechas incendiárias, estava reforçando o papel da infantaria na batalha.

Embora inferior aos arcos e flechas em quase todos os aspectos, isto é, peso, precisão, alcance e velocidade de disparos, esses mosquetes primitivos tinham uma vantagem crucial. Seu manejo não exigia quase nenhuma habilidade, apenas carregar, apontar e acender o pavio. Travar

uma batalha usando flechas, mesmo se você vencesse, desgastava seu efetivo de arqueiros treinados, e seriam necessários anos para treinar o substituto de cada um deles. Por outro lado, depois de vencer uma batalha usando mosqueteiros, um exército podia simplesmente recolher todas as armas espalhadas entre os atiradores mortos, e depois gastar uns poucos dias para treinar os camponeses substitutos a carregar, apontar e acender o pavio.

O general Yuan Chonghuan conseguira repelir temporariamente os mandchus, mas ele não permaneceria no caminho daqueles bárbaros por muito tempo. Num ataque de ciúme, ele mandara executar, recentemente, um talentoso subordinado, de modo que amigos do morto conspiraram com eunucos palacianos para dar o troco. Yuan foi acusado de traição, arrastado e executado pela maneira chinesa tradicional: ter seu corpo sistematicamente retalhado no mercado central de Pequim.

Novos chefes guerreiros estrangeiros

Diversas províncias tradicionalmente chinesas além da Grande Muralha, em território da Manchúria, eram separadas dos bárbaros que as circundavam pela chamada Paliçada do Salgueiro, a qual, como você provavelmente já imaginou pelo nome, nem se aproximava da Grande Muralha como uma barreira poderosa. Depois de Nurhachi ter conquistado aquelas terras, os mandchus ganharam algumas décadas de experiência governando os chineses.^a

Entre as pequenas regras que se tornariam importantes mais tarde, Nurhachi exigiu que os súditos chineses masculinos raspassem a cabeça, mas que mantivessem uma longa trança, o tradicional símbolo mandchu de servidão. De utilidade mais imediata, os mandchus aprenderam a sagrada importância do imperador para os chineses, de modo que o filho e sucessor de Nurhachi, Hong Taiji, proclamou uma nova e apropriada dinastia, a de Qing, que se pronuncia “ching”, e que significa “pura”.

Hong Taiji conquistou mais territórios, como a Mongólia Interior em 1632, e a Coreia em 1638. Foram conquistas impressionantes, mas elas apenas acrescentaram mais bárbaros a seus domínios. Para colocar seu nome nos livros da história, um conquistador tem de dominar o centro do mundo civilizado. Embora os mandchus houvessem permanecido em constante guerra com a China por diversas décadas, eles não haviam sido capazes de romper definitivamente as defesas fronteiriças.

Em 1643, morreu Hong Taiji, e os sobreviventes de seu clã começaram a brigar por cargos. Um complexo acordo entre as facções produziu um khan-criança e dois corregentes rivais. Um desses, o 16^o filho de Nurhachi, Dorgon, virou realmente o chefe de todos.^b

As revoltas dos bandidos Li e Zhang, na China da dinastia Ming, ofereceram uma excelente oportunidade para a invasão dos mandchus, mas eles não tinham certeza se saqueavam e voltavam para casa a cavalo com as bolsas de sela carregadas com o produto do saque, ou se decidiam por uma longa e lucrativa estada. Dizem que Dorgon ofereceu a Li Zicheng um acordo, dividindo a China entre eles, mas nada resultou da oferta. Também é possível que o mensageiro se tenha perdido no caminho.

O exército renegado de Li acampou no palácio, aproveitou-se do harém do imperador e saqueou Pequim, enquanto a mais de trezentos quilômetros, ao longo da Grande Muralha, o último exército Ming no norte hesitava. O general chinês Wu Sangui estava dividido entre vingar seu falecido imperador ou conseguir promoções na sua carreira, reconhecendo Li como novo imperador da China. Afinal, seu dever maior era guarnecer a fronteira norte. Ele permaneceu no seu posto. Li descobriu o pai do general Wu, um cortesão idoso, entre os prisioneiros da corte Ming, e tentou negociar um acordo. Wu, o mais jovem, concordou em render-se em troca da libertação de seu pai, e cavalgou para o sul, na direção de Pequim; entretanto, Li ficou cansado de esperar. Executou a família de Wu, estuprou a concubina do general e marchou para o norte com seu exército. Quando soube das terríveis notícias, Wu voltou para a Grande Muralha e abriu seus portões para que os mandchus entrassem.⁶

Li encontrou-se com as forças de Wu em Shanhaiguan, onde a Grande Muralha alcança o mar. Wu alinhou suas tropas e trocou sem sucesso ataques frontais com os rebeldes de Li, por diversas e exaustivas horas. Então a cavalaria mandchu de Dorgon atacou subitamente o flanco esquerdo de Li, saindo de uma tempestade de areia cegante. A surpresa e a derrota dos rebeldes foram totais.

Li retirou-se em ordem algumas centenas de quilômetros, de volta à sua base de operações original, travando diversas grandes batalhas defensivas contra seus perseguidores. Por fim, o desgaste foi grande demais para os rebeldes, e seu exército se desintegrou. Li foi declarado morto no verão de 1645, ou por suicídio, ou por ter sido espancado até a morte por uns camponeses que ele tentava roubar, embora outras versões digam que ele escapou e foi viver anonimamente como monge.⁷

Em dezembro de 1644, o outro grande rebelde, Zhang Xianzhong, o Tigre Amarelo, voltou a entrar na região de Sichuan e fundou o Grande Reino Ocidental, com sede em Chengdu.⁸ Entregue à própria sorte, Zhang foi ficando cada vez mais cruel e caprichoso. Mutilou e decapitou milhares de estudiosos e suas famílias. Dizimou regimentos de seu próprio exército como punição por insultos imaginários. Sua crueldade era tão bem conhecida que, em 2002, quando escavavam os alicerces de um novo prédio em Chengdu, trabalhadores descobriram cem esqueletos muito antigos amontoados numa vala. O arqueólogo que investigava o sítio imediatamente suspeitou que fora Zhang quem fizera aquilo.⁹ O bandido abandonou aquela cidade no final de 1646, deixando-a quase que totalmente incendiada. Retirou-se para as montanhas do interior, devastando tudo por onde passava, até que os mandchus o pegaram e o mataram em janeiro de 1647.

Fazendo a faxina

Os Ming sobreviventes se reagruparam no sul, em Nanquim, a capital secundária, na China central. A princípio, Dorgon ofereceu dividir a China com eles, desde que os Ming renunciassem a suas pretensões sobre o norte. Não houve acordo.

Os exércitos mandchus puseram-se em marcha. No terminal sul do Grande Canal, a cidade enormemente rica de Yangzhou apresentou uma firme resistência quando os mandchus chegaram, de modo que a cidade foi total e cruelmente saqueada por dez dias, depois que finalmente caiu. Aprendendo uma lição com esse fato, Nanquim se rendeu sem qualquer luta em junho, e, por alguma razão, a cidade mudou de mãos *sem* um massacre, o que, como veremos, é algo incomum na longa e infeliz história de Nanquim. Os Qing levaram o imperador Ming da ocasião e ele desapareceu.

Entretanto, a realeza Ming havia tido rebentos como coelhos, de modo que os Qing foram forçados a caçar e executar uma longa série de príncipes que tentavam estabelecer reinos rivais no sul do país. O último membro da dinastia Ming era o neto mais jovem de um imperador anterior, o queridinho da mãe, que fora paparicado e mimado durante toda a sua infância, de modo que você sabe que sua história terminará mal. Conhecido como o príncipe de Gui, ele estabeleceu uma corte rival bem ao sul, encheu-a com “todos os tipos de mascadores de noz de bétel,

trabalhadores e proprietários de bordéis aborígenes”.¹⁰ Por fim, começando em dezembro de 1650, os exércitos Qing caçaram-no por todas as terras fronteiriças do sul e depois entraram na Birmânia. Os birmaneses lhe prometeram santuário, mas depois mudaram de ideia e massacraram a maior parte da corte renegada. O príncipe foi aprisionado numa pequena propriedade até alguns anos depois, quando houve a invasão do general vira-casaca Wu Sangui. Os birmaneses subornaram o general entregando-lhe o último dos Ming. O príncipe de Gui e seu único filho foram levados de volta para a China e discretamente estrangulados em 1662.¹¹

Com o desaparecimento final de seus senhores, o último almirante Ming, Zheng Chenggong,^a reuniu sua frota e partiu para uma vida de pirataria. Em 1661, ele se apossou de Taiwan, então colônia holandesa, e provavelmente teria avançado contra os espanhóis das Filipinas, se não houvesse morrido logo depois. Esse foi o último estertor das gloriosas tradições marítimas da dinastia Ming, que já tivera enormes esquadras navegando por todo o mundo, até mesmo no leste da África. Depois da morte de Zheng Chenggong, os oceanos tornaram-se domínio exclusivo dos europeus.

Peste e pestilência

Quantas pessoas morreram nessa era de caos? Um indício da devastação pode ser encontrado no *Ming Shi*, a história oficial da época, escrita um século mais tarde, que acusava Zhang, o Tigre Amarelo, de matar 600 milhões de pessoas durante seu alucinado governo. Como isso é mais do que o número de pessoas que estavam vivas em todo o mundo naquela época, esse número impossivelmente grande é provavelmente um modo de dizer “muitas”.¹²

A estimativa mais comum dos modernos demógrafos, baseada em registros de impostos e na arqueologia, é que a população chinesa original de 150 milhões caiu de um sexto, isto é, 25 milhões, nos meados do século XVII.¹³ Como sempre, a fome e as doenças varreram a população saqueada e arruinada, matando grande número de civis anônimos.

Você talvez tenha notado que um número desproporcional dos meus cem maiores eventos ocorreu no final do século XVI e durante o século XVII. Na Europa, a Guerra dos Trinta Anos foi o conflito mais letal até a Primeira Guerra Mundial (ver “A Guerra dos Trinta Anos”). A Rússia mergulhou na caótica Época dos Distúrbios. A conquista da China pelos

mandchus foi responsável por uma das maiores quedas de população da história do leste da Ásia, enquanto que a invasão de Aurangzeb do sul da Índia (ver “Aurangzeb”) foi responsável pela maior mortandade na história do sul da Ásia. Até mesmo nas ilhas menores, ao largo do continente, os cães de guerra fizeram ouvir seus latidos mais alto do que jamais acontecera. A Grã-Bretanha estava sendo despedaçada pela Guerra Civil Inglesa, e os shoguns do Japão lutavam pelo poder no que mais tarde viria a ser o tema de praticamente todos os filmes de Akira Kurosawa.¹⁴ Tudo isso varria um mundo com uma população de 500 milhões de habitantes, apenas um quinto do número de pessoas vivas nos meados do século XX. De fato, o século XVII é um sério concorrente para o pior século da história humana.

A principal causa disso foi um salto quântico na tecnologia militar. O desenvolvimento de mosquetes eficientes e da artilharia colocou civilizações inteiras sob o governo de uma dinastia única, criando os assim chamados “impérios da pólvora”. Embora nos séculos seguintes esses novos impérios constituíssem uma influência estabilizadora, eles começaram a destruir antigos equilíbrios de poder e a desencadear o caos.

É claro que os Quatro Cavaleiros do Apocalipse trabalham melhor quando cooperam, e o número de mortos no século XVII foi impulsionado por uma ressurgência da peste bubônica. O mais famoso surto foi a Peste de Londres de 1665, mas a doença também varreu todas as rotas comerciais da Eurásia, sempre que a população de ratos era bastante grande para suportá-la. Ela não foi tão mortal quanto a Peste Negra, trezentos anos antes, mas a China foi atingida com particular severidade. “A princípio, os cadáveres eram enterrados em caixões, depois na terra nua e finalmente deixados em seus leitos.” Uma testemunha ocular descreveu uma cidade devastada pela peste: “Havia poucos sinais de vida humana nas ruas, e tudo que se ouvia era o zumbido de moscas.”¹⁵

Essa época foi também o apogeu da Pequena Era do Gelo. As temperaturas do mundo vinham caindo havia alguns séculos, e não começariam a subir de novo por muitas décadas. Isso foi encurralando a agricultura em épocas de cultivo cada vez mais curtas e mais secas, resultando na fome.

Por outro lado, não importa quão fascinante seja estudar o impacto das doenças e do clima na história, podemos ser levados para longe tentando relacionar cada revolução histórica a um acontecimento natural concomitante. Em longo prazo, as sociedades se ajustavam aos novos

padrões do tempo, e em curto prazo as mudanças climáticas eram esporádicas. O clima é sempre inconstante, de modo que, quando falamos, por exemplo, em verões mais secos, não queremos dizer que não chovia durante anos sem fim. Queremos dizer que, nesses anos, caía menos chuva do que a média na maioria dos anos, mas a pluviosidade era perfeitamente normal o restante do tempo. A seca e a fome têm sido sempre tão comuns na história humana que a maioria das sociedades tem planos de emergência e um bando de idosos que se lembram de como se safaram da última vez em que isso aconteceu. Apenas quando combinado com uma dose extra de má sorte ou de estupidez humana, o mau tempo destrói o tecido da sociedade.

^a Esse é um importante aspecto da construção de impérios, frequentemente desconsiderado. A história é repleta de levantes que poderiam ter sido evitados se os conquistadores houvessem simplesmente conhecido, com antecedência, todos os estranhos pequenos tabus e peculiaridades da população dominada, evitando assim comportamentos ofensivos involuntários, tais como expor a parte errada do corpo ou tentar oferecer a carne errada de um animal a um nativo. É sempre uma boa ideia pegar alguma prática governando, para começar, uma pequena colônia, antes de partir para dominar o mundo.

^b Estou tentando manter agradável esta narrativa, evitando nomear cada lugar ou agente da história. Não desejo sobrecarregar a leitura. Às vezes é difícil decidir se rotulamos “o primeiro-ministro” ou “a esposa do general” de modo genérico ou se lhes damos nomes.

De qualquer modo, a coisa mais importante de se lembrar sobre Dorgon é que, diferentemente de seus comparsas mandchus, ele é um grande nome para um chefe guerreiro bárbaro. Vamos, diga em voz alta: “Dorgon, o Bárbaro!”

^c Zheng Chenggong é conhecido na literatura ocidental como Coxinga, baseado no seu apelido, Guoxingye (“Guardador de Nomes Imperial”).

A INVASÃO DA IRLANDA POR CROMWELL

Número de mortos: 400 mil¹

Posição na lista: 81

Tipo: limpeza étnica

Linha divisória ampla: ingleses *versus* irlandeses

Época: 1649-52

Localização: Irlanda

Principal Estado participante: Comunidade Britânica

Quem geralmente leva a maior culpa: Cromwell

No crescente confronto entre o rei Carlos, da Inglaterra, e os puritanos do Parlamento, os católicos da Irlanda eram a favor do rei. Em 1641, pouco antes de irromperem as hostilidades na Inglaterra, correu um boato entre os católicos irlandeses de que o Parlamento estava querendo atacá-los a qualquer minuto. Os católicos decidiram golpear primeiro e destruir os protestantes da Irlanda do Norte que constituiriam a vanguarda em qualquer ato de agressão. Três mil protestantes foram massacrados num levante súbito, e outros 8 mil morreram de frio depois que foram expulsos de suas casas.

A guerra civil irrompeu na Inglaterra antes que ela pudesse fazer qualquer represália. Infelizmente para os irlandeses, a Guerra Civil Inglesa terminou com o rei morto e o comandante do exército do Parlamento, Oliver Cromwell, como ditador do país. Em agosto de 1649, Cromwell cruzou o mar para a Irlanda para acertar as contas. “Infelicidade e desolação, sangue e ruínas... cairão sobre eles”, prometeu Cromwell, “e [eu] me regozijarei em exercer a maior severidade contra eles.”²

Ele impôs o cerco à cidade de Drogheda, na costa leste da Irlanda, e, quando os ingleses romperam as muralhas depois de vários assaltos ferozes, os chamados Cabeças-Redondas de Cromwell não deram quartel aos vencidos. Massacraram 3.500 pessoas, inclusive todos os soldados da guarnição, e mil funcionários do governo, padres e outros civis perigosos. O governador realista da cidade foi espancado até a morte com sua própria perna de pau por soldados que haviam ouvido um boato de que aquele apêndice se partiria e derramaria moedas de ouro escondidas. Os sobreviventes do massacre foram embarcados e vendidos para fazendas em Barbados.

“Esse é um julgamento justo de Deus sobre esses bárbaros miseráveis que mergulharam as mãos em tanto sangue inocente”, declarou Cromwell. “E que isso venha a evitar a efusão de sangue para o futuro.”³

Cromwell então marchou para o sul, onde a resistência na cidade-porto de Wexford levou a outra chacina da guarnição e ao saque da cidade. Enquanto mais cidades caíam sob o cerco inglês, o povo irlandês voltou-se para a guerra de guerrilha. Eles passaram a ser conhecidos como “tories”, da palavra irlandesa *tóraidhe*, significando “homem perseguido”. A expressão foi, mais tarde, aplicada como insulto a todos os oponentes do progresso, tais como os americanos que apoiavam a Coroa, ou ao mais conservador dos partidos políticos ingleses.⁴ Esses insurgentes fizeram a guerra se prolongar até 1652. Cromwell deixou seu exército fazer a limpeza e retornou a Londres.

O Parlamento decidiu então quebrar a influência católica na Irlanda de uma vez por todas. Representantes ingleses chegaram àquele país para aprisionar e executar rebeldes e padres, e para confiscar suas terras. A prática pública do catolicismo foi considerada ilegal. Os ingleses expulsaram os irlandeses das terras férteis para o oeste, onde se encontra a região rochosa da ilha, e redistribuíram as terras melhores para proprietários protestantes e veteranos aposentados vindos da Inglaterra. Quase 40% das terras cultiváveis mudaram de mãos.⁵ A população da ilha desabou em 20% quando centenas de milhares de irlandeses morreram de fome e doenças durante a rebelião. Pelos trezentos anos que se seguiram, a Irlanda permaneceu um mundo de camponeses nativos sem terras, sob a mão de ferro da pequena nobreza estrangeira.

AURANGZEB

Número de mortos: talvez 4,6 milhões na guerra no Deccan¹

Posição na lista: 23

Tipo: déspota

Linha divisória ampla: muçulmanos *versus* hindus

Época: reinou entre 1658 e 1707

Localização: Índia

Principal Estado participante: o império Mughal

Quem geralmente leva a maior culpa: Aurangzeb

Herdeiro presumido

Quando o xá Jahan, imperador mughal da Índia e construtor do Taj Mahal, ficou incapaz de urinar por três dias, a reação de seu organismo fez com que ele contraísse uma séria enfermidade. Seu filho mais velho e favorito, Dara, manteve secreta a doença e conservou o pai escondido, de modo a não espalhar o pânico pelo país. Boatos palacianos logo chegaram aos ouvidos dos outros filhos do xá. Eles suspeitaram que Dara estava planejando algo sinistro. O irmão mais velho estava claramente por detrás do misterioso desaparecimento do pai deles, e então presumiram que seriam os próximos, de modo que fugiram e começaram a recrutar tropas nas províncias.

O xá Jahan recuperou-se da doença logo, mas, a essa altura, seus filhos já estavam em guerra civil. Dara venceu facilmente o mais novo de seus irmãos na batalha e caçou-o até forçá-lo a se exilar, o que deixou Aurangzeb, o terceiro na sucessão, apoiando Murad, o segundo na sucessão, na pretensão. Quando esses dois foram gradualmente vencendo as batalhas, Aurangzeb convidou Murad para sua tenda para acertarem os detalhes da parceria. Murad jantou e bebeu vinhos de boa cepa, enquanto o severo irmão muçulmano ficava sóbrio. Murad adormeceu placidamente enquanto uma moça escrava lhe fazia uma massagem. Então ele acordou preso.

Por fim Aurangzeb conquistou a capital e trancou seu pai na própria suíte, no palácio. Depois de dura campanha, Aurangzeb capturou seu irmão Dara e o mandou a julgamento. Até onde interessava a Aurangzeb, seu irmão sempre parecera tolerante com os hindus, de modo que o

acusado foi considerado culpado de apostasia e decapitado. A cabeça foi levada a seu pai prisioneiro para provar que Aurangzeb estava agora completamente no controle da situação.

Aurangzeb tinha sempre em mente que chegara ao poder destronando o pai, de modo que mantinha seus próprios filhos sob rédeas curtas. Todos eles, durante o longo reinado de Aurangzeb, passaram algum tempo na prisão, numa época ou em outra.

Iniciativas baseadas na fé

A dinastia Mughal começara no Afeganistão como um ramo da dinastia Tamerlão, que avançou por cima das montanhas, entrando na Índia. Numa linha contínua de pai para filho por cinco gerações, gloriosos conquistadores após outros expandiram e consolidaram o império; entretanto, os mughals preferiram ostentar riqueza com obras de arte e de arquitetura magníficas, em vez de fazê-lo por meio de proezas marciais. Investiram pesadamente em obras públicas, como estradas, transporte de correios e armazéns de cereais, como precaução contra a fome.

Embora generosos e grandes devotos do Islã, os mughals, tradicionalmente, vinham sendo tolerantes com o hinduísmo. Durante todo o tempo em que governaram, os hindus podiam praticar livremente todos os seus rituais e costumes. Governantes mughals anteriores chegaram mesmo a dar a hindus postos de comando nos exércitos e altos cargos no palácio.

Entretanto, Aurangzeb era um muçulmano ascético, que bania todo vício que podia, e pessoalmente evitava quase tudo o mais. Não usava seda. Onde podia, proibia a música. Diferentemente dos mughals anteriores, ele aderiu à proibição muçulmana de imagens, de modo que, sem o patrocínio da corte, os pintores tiveram de sair do país para encontrar trabalho. Não tendo interesse em escritos que não fossem os sagrados, Aurangzeb também tirou o patrocínio imperial de poetas e estudiosos.² Proibiu os hindus de montar cavalos ou andar em liteiras. Introduziu no país o imposto por pessoa, que todos os não muçulmanos eram obrigados a pagar.

Aurangzeb destruiu incansavelmente os templos hindus por toda a Índia. Em 1661, demoliu o templo Kesava Deo, em Mathura, que assinalava o local de nascimento de Krishna. O templo de Kashi Vishwanath, na cidade sagrada de Varanasi, um dos mais famosos templos dedicados a Siva, foi

demolido em 1669. Mandou demolir o templo Somnath, em Saurashtra, em 1706.³ Essa lista provavelmente não significa nada para você, mas ela deixa os historiadores hindus revoltados, da mesma forma que os ocidentais se comovem sempre que leem sobre um grande marco da civilização greco-romana sendo destruído. Tudo que você precisa lembrar é que milhares de sítios hindus sagrados foram arrasados por toda a Índia e substituídos por mesquitas. Até hoje os nacionalistas hindus vivem procurando uma oportunidade para queimar essas mesquitas e reconstruir os templos hindus perdidos.

Quando fundou a religião sikh, na década de 1500, o guru Nanak Dev tinha originalmente a esperança de trazer a paz para a Índia, e reconciliar o islamismo e o hinduísmo reduzindo as crenças rivais a seus elementos morais comuns, e fundindo-as em uma única religião pacifista. Infelizmente essa iniciativa apenas criou uma terceira religião canhestra para aumentar as disputas. Os sikhs enfureciam Aurangzeb ao converterem os muçulmanos, e ele jurou pôr um fim a essa cooptação. Em 1675, lançou na prisão o guru Tegh Bahadur, líder dos sikhs, e o torturou um pouco, para ver se ele mudava de ideia sobre a tolerância religiosa. Quando o guru fez pé firme na sua opinião original, Aurangzeb o fez ser decapitado. Depois disso, os sikhs se afastaram de seu primitivo pacifismo e retiraram-se para as fortalezas nas montanhas, onde se tornaram um povo de guerreiros, que carregavam espadas e adagas rituais todo o tempo.⁴

Marathas

Durante o século XVII, uma variegada coleção de clãs habitantes das terras altas hindus, chamados de marathas, transformara-se em uma nação guerreira ao resistir à usurpação muçulmana. O chefe maratha, Shivaji, tornou-se o lendário líder da resistência, um herói para gerações de hindus, e famoso por suas ousadas escapadas. Durante uma negociação com um general muçulmano, ele, inesperadamente, eviscerou o general com garras de tigre, de aço, que trazia escondidas, e depois suas tropas avançaram dos esconderijos para massacrar o inimigo sem chefe. Mais tarde, ele se esgueirou para dentro de uma fortaleza misturado aos participantes de um séquito que acompanhava um casamento real. Lá dentro, matou os hóspedes em seu sono. Em 1663, ele ultrapassou essa ousadia, irrompendo no harém do próprio Aurangzeb e causando uma mortandade.

Aurangzeb demitiu o general encarregado de caçar Shivaji e enviou seu próprio filho para o sul. Não adiantou. Shivaji estava sempre um passo à frente dos mughals e, em 1664, conquistou e saqueou a cidade de Surat. Finalmente o novo general mughal, Jai Singh, assumiu a função e, em três meses, derrotou e submeteu Shivaji. Este concordou em viajar para a capital, Agra, e oferecer sua aliança pessoal ao imperador, de modo que Aurangzeb enviou uma magnífica caravana de elefantes, liteiras e auxiliares, às expensas do governo, para levar o líder rebelde para a capital, em 1666. Uma vez lá, entretanto, Shivaji foi mal recebido pelo imperador e fugiu, recomeçando a guerra. Promoveu a si próprio a rei, e ampliou o alcance de suas sortidas.⁵ Em 1680, morreu de disenteria e a liderança dos marathas passou para seu filho, Sambhaji.

Nesse mesmo ano, Aurangzeb enviou para o sul um de seus filhos, Akbar, a fim de sufocar uma rebelião dos rajputs, que eram clãs hindus aristocráticos, mas Akbar uniu-se aos revoltosos, em vez de combatê-los. Declarou a si mesmo imperador e, sem sucesso, atacou para o norte. Ele tinha um exército bastante grande para ter vencido pelo menos algumas das escaramuças preliminares, mas fracassou na primeira batalha e precisou fugir mais para o sul, além do alcance de seu pai. Acabou tomando um navio para a Pérsia.

A guerra no Deccan

Decidindo finalmente que a conquista do sul era tarefa para si próprio, Aurangzeb marchou com um exército que diziam ter 1 milhão de soldados. O conjunto em marcha não incluía apenas o exército, mas também toda a corte e uma cidade de coloridos pavilhões, rebanhos de animais, carroças, currais e bazares. Nunca mais retornou ao norte, durante os restantes 26 anos de sua vida.

Em 1686-87 ele conquistou os reinos muçulmanos independentes de Bijapur e Golconda, que considerava decadentes e hedonistas. Depois voltou toda a sua atenção contra os marathas, na borda montanhosa do platô do Deccan, na região centro-oeste da Índia. Quando os mughals finalmente capturaram o rei maratha Sambhaji, em 1689, Aurangzeb mandou retalhar seu corpo aos poucos, durante três semanas: cortando sua língua no primeiro dia, arrancando os olhos no dia seguinte e depois os membros, um por um. Finalmente Sambhaji foi reduzido a uma fração irreconhecível de si mesmo e decapitado.

Embora Aurangzeb tenha sistematicamente capturado os fortes marathas construídos em colinas, um após outro, novas fortificações continuavam a surgir, em outros lugares. Os fortes marathas geralmente se rendiam assim que Aurangzeb chegava, mas depois retomavam a revolta logo que o imperador se afastava a uma distância segura.⁶ Havia se especializado na guerra de guerrilhas, de modo que Aurangzeb tentou erradicá-los destruindo as aldeias e colheitas que os sustentavam.

Conforme a guerra se arrastava, o sul da Índia foi ficando devastado. De acordo com fontes contemporâneas, 100 mil soldados de Aurangzeb e 300 mil cabeças de animais de carga, isto é, cavalos, camelos, burros, bois e elefantes, morreram todo ano, durante o quarto de século que durou a guerra no Deccan. Quando, de 1702 a 1704, a seca, a peste e a fome atingiram as terras já assoladas pela guerra, dois milhões de civis morreram em poucos anos.⁷

A longa guerra nunca conseguiu chegar a seu objetivo final. Ao final da vida de Aurangzeb, os mughals haviam chegado perto de conquistar todo o subcontinente da Índia, mas a ponta mais extrema da península ainda permanecia fora de seu controle. O poderio mughal atingiu seu apogeu durante o governo de Aurangzeb, mas o problema com o apogeu é que a partir daí começa a decadência. Anos de luta haviam exaurido os recursos do império. O tesouro estava vazio. O Império Mughal rapidamente desmoronou depois da morte de Aurangzeb.

A GRANDE GUERRA TURCA

Número de mortos: 384 mil¹

Posição na lista: 89

Tipo: embate de culturas

Linha divisória ampla: turcos *versus* Santa Aliança

Época: 1682-99

Localização: sudoeste da Europa

Principais Estados participantes: Áustria, Turquia otomana

Estados participantes secundários: Veneza, Polônia, Papado, Rússia

Estado com participação quântica: Hungria

Quem geralmente leva a maior culpa?: Kara Mustafá

O cerco a Viena

Quando seu rei e sua nobreza foram expulsos pelos turcos na Batalha de Mohacs, em 1526, a Hungria deixou de ser uma nação viável. O país sem líder foi repartido entre os austríacos, no nordeste e os turcos otomanos, no sudeste, mas, um século depois, os húngaros sob o comando de Imre Thokoly tentaram expulsar os austríacos da sua metade da Hungria. Após sofrer uma série de derrotas, Thokoly percebeu que não conseguiria fazer isso sozinho. Esperando jogar uma grande potência contra a outra, pediu ajuda aos turcos.

Seu pedido chegou na hora certa. A elite da infantaria turca, os janízaros, aguardava uma guerra, de olho nos espólios, e a trégua de vinte anos entre Turquia e Áustria estava a ponto de expirar. Kara Mustafá, o último vizir procedente da família Koprulu e o poder por trás do trono da Turquia otomana, aproveitou a oportunidade. Ele organizou um ataque maciço contra Viena. Embora a declaração de guerra emitida pelos turcos fosse de agosto de 1682, preparar um exército invasor de mais de 140 mil homens e quatrocentos canhões atrasou a ofensiva até a primavera.

Embora soubessem que os turcos estavam vindo, os austríacos vacilaram em preparar Viena para um cerco. Uma centena de anos de paz havia feito com que negligenciassem as fortificações. As fortalezas estavam erodidas. Casas e árvores haviam se espalhado pelo que deveria ser um campo aberto para o fogo de artilharia. Inicialmente, o imperador Leopoldo I não conseguia decidir se o seu lugar seria junto ao seu exército ou a salvo

do perigo, mas, finalmente, fugiu da cidade pouco antes de a vanguarda turca chegar, deixando meros 12 mil soldados regulares para coordenar a defesa da milícia.

Felizmente para a cristandade, os turcos também negligenciaram. Quando cercaram Viena, em julho de 1683, cavaram trincheiras e esperaram, fazendo incursões ocasionais, mas nunca atacando com vigor, mesmo quando uma brecha favorável aparecia na defesa do inimigo. De acordo com as leis de guerra daquele tempo, os soldados rasos podiam legalmente pilhar, por três dias e sem restrições, uma cidade tomada por assalto, mas uma cidade capitulada pacificamente pertencia ao sultão. Kara, aparentemente, preferiu esperar e capturar Viena intacta para o império, em vez de tomá-la rapidamente e ver seus soldados a destruírem. Em vez disso, os turcos estiveram ocupados em aterrorizar as cercanias, arrasando 4 mil aldeias próximas a Perchtoldsdorf.

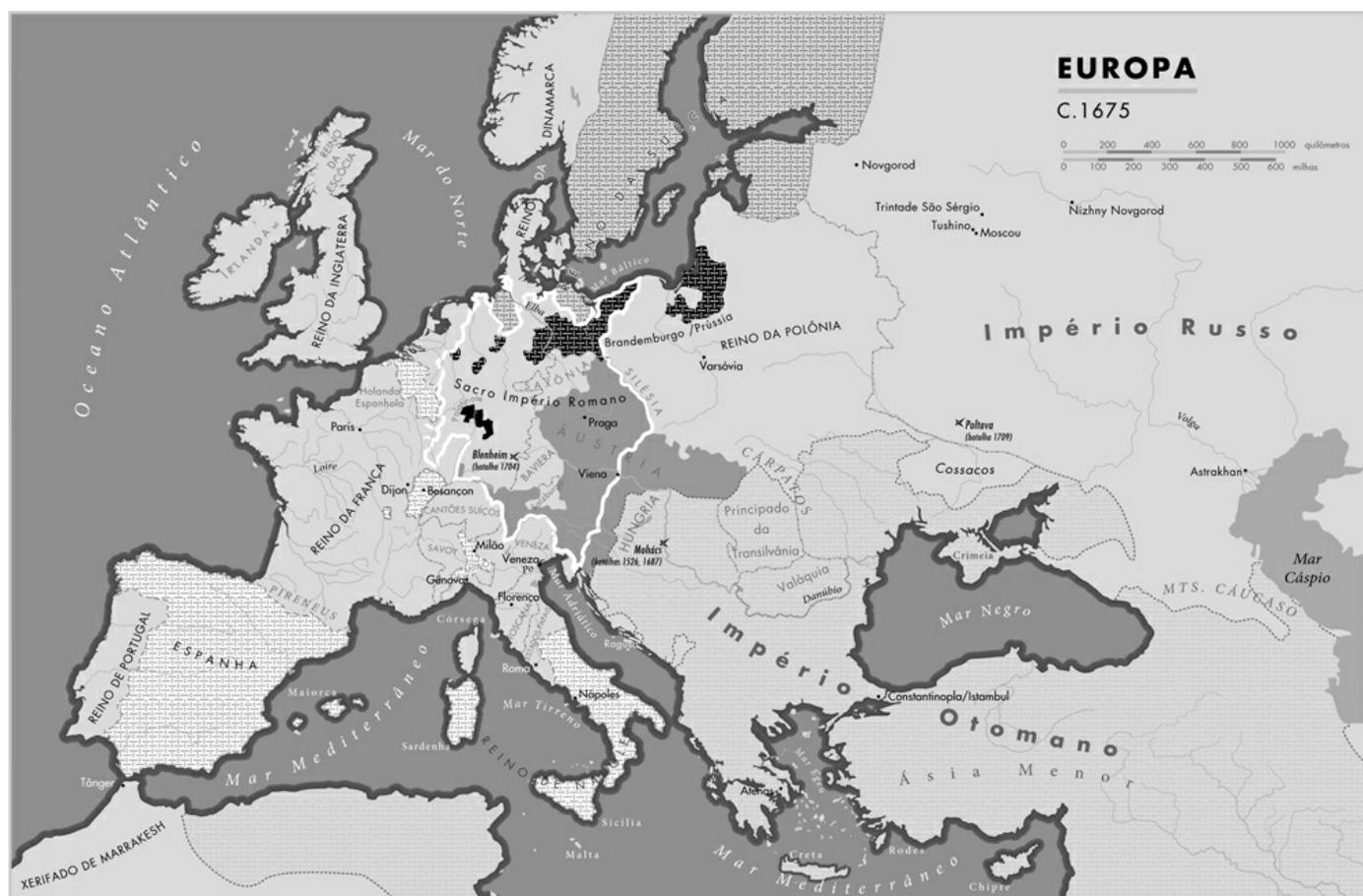
O cerco durou o bastante para o imperador aliciar 81 mil mercenários do leste europeu a fim de salvar Viena. A espinha dorsal desse exército era formada por 25 mil homens sob o comando do rei João III Sobieski, o último grande rei da Polônia. Sobieski e seus Hussardos Alados Poloneses^a mergulharam na retaguarda do campo turco. Excessivamente confiantes em seus sucessos, os turcos não haviam fortificado sua retaguarda contra tal ataque e seu acampamento foi aniquilado. Todos fugiram, abandonando grandes estoques de suprimentos, provisões e tesouros.²

Redução de danos

Procurando um culpado pela derrota, Kara Mustafá prendeu Imre Thokoly, o rebelde húngaro que o tinha envolvido naquela confusão. A prisão de seu líder afrontou as tropas húngaras, que então se bandearam para o lado austríaco, levando todos das fortalezas da Hungria turca com eles. Somente a esposa de Imre ficou no lado turco para provar a lealdade do seu marido e conseguiu manter sua solitária fortaleza contra os austríacos durante três anos de cerco, até que finalmente se rendeu e foi levada para o cativeiro.³

O sultão otomano Mehmed IV, no entanto, tinha outro bode expiatório em mente. Ordenou que Kara Mustafá fosse enforcado pelo seu fracasso, e a cabeça embalsamada do vizir foi enviada ao sultão num saco de veludo para provar que a ordem havia sido cumprida. A cabeça, durante séculos, foi levada para todo lado, até que, finalmente, acabou como troféu num

estou no museu da cidade de Viena, mas, em 1970, os edis ficaram sensibilizados e a colocaram no porão, onde os turistas não podiam olhar embasbacados para aquilo.



O sultão mal sobreviveu ao seu vizir. O fracasso em Viena estimulou um golpe em Constantinopla e Mehmed foi trancado numa masmorra, enquanto seu irmão era elevado ao trono; no entanto, o novo sultão logo morreu (de causa natural), assim como o seguinte. Finalmente, o império se estabilizou com um sultão que viveu tempo bastante para negociar a paz.

Com o lado turco no caos, os austríacos lançaram-se sobre as planícies húngaras. Tomaram Budapeste em 1686 e alcançaram a sua maior vitória em Mohács, no ano de 1687, apagando assim a pecha da derrota cristã naquele mesmo lugar, tantas gerações anteriores.

Os sérvios e os outros cristãos balcânicos festejaram a sua libertação dos turcos; no entanto, antes que a Áustria pudesse consolidar totalmente o seu novo território, suas tropas foram retiradas e enviadas para o leste a fim de combater a França numa guerra não declarada. Sem defesa, o Kôsovo rendeu-se aos turcos outra vez e os sérvios nativos fugiram da retaliação turca. Então, os turcos empurraram os albaneses islâmicos para

a região despovoada, o que iria ocasionar outra guerra, trezentos anos mais tarde, em 1999.⁴

Enquanto os austríacos avançavam por terra contra os turcos, uma frota veneziana conquistou o sul da Grécia dos otomanos. Quando os venezianos sitiaram Atenas, a guarnição turca armazenou sua munição na construção maior, mais seca e mais resistente da cidade – o Partenon. Elegante, perfeitamente proporcional e decorado com soberbas esculturas, esse templo sobrevivera basicamente intacto a dois milênios, mas então uma bala de canhão atingiu o depósito, detonando uma explosão maciça que destruiu a maior parte do edifício, deixando apenas as colunatas externas em pé.

^a Esses cavalarianos realmente usavam asas gigantes em seus uniformes. Eram tempos em que a aparência amedrontadora era mais importante do que o aspecto prático.

PEDRO, O GRANDE

Número de mortos: 3 milhões¹

Posição na lista: 30

Tipo: déspota

Linha divisória ampla: Pedro contra o passado

Época: governou entre 1682 e 1725

Localização: Rússia

Quem geralmente leva a maior culpa: Pedro I

Pedro, o Grande, era maior que a vida sob muitos aspectos. Com seus dois metros (seis pés e sete polegadas), ele é o personagem mais alto deste livro, sobressaindo nas páginas da história como um homem que não aceitava limites e que moldou o mundo conforme a sua visão. Rudemente, arrastou a Rússia para o mundo moderno, sem se importar com quem resistia ou a quem prejudicava. Removeu à força populações de onde estavam para onde ele queria que ficassem, fundou uma nova capital, São Petersburgo, e aumentou seu exército a níveis sem precedentes. Guerreou quase que continuamente com seus vizinhos.

Modernidade

Quando ascendeu ao trono, depois da morte de seu pai em 1682, o czar de 10 anos Pedro I precisou partilhar o poder com Ivan, seu aloprado meio-irmão mais velho, enquanto sua mãe governava como regente. Só depois que esses dois morreram (o irmão em 1696, e a mãe em 1694, ambos – surpreendentemente para a corte russa – de causa natural) é que Pedro se viu livre para fazer o que lhe agradava.

Ele queria, mais do que tudo, fazer da Rússia uma potência mundial. Parecia quase impensável que países tão pequenos como a Holanda e a Dinamarca tivessem mais poder do que a gigantesca Rússia. Ele partiu para uma grande viagem pelo Ocidente, onde investigou e testou cada aspecto da cultura. Trabalhou num estaleiro holandês sob nome falso. Jantou com eruditos na Inglaterra.

Pedro iniciou suas reformas por uma modernização superficial, imaginando que, se os russos parecessem civilizados, talvez agissem como tal. Tradicionalmente, os russos ortodoxos usavam barbas longas com

orgulho religioso; Deus pusera barba no rosto dos homens e seria ímpio e presunçoso raspá-la. Retornando do Ocidente, o czar Pedro imediatamente ordenou que todos os russos se barbeassem e parecessem mais ocidentais. Ele próprio, muitas vezes, puxava uma navalha e violentamente raspava os homens barbudos nas ruas. Por fim, ele se tornou menos severo e permitiu que os religiosos mais obstinados pagassem um imposto sobre a barba; mesmo assim, tinham de usar uma autorização visível, como um medalhão, ou se arriscar a ter a barba raspada.^a

Pedro estudou todas as tecnologias que pôde ter em mãos. Gostava, particularmente, de odontologia: se algum pobre coitado dava a entender, na presença dele, que estava com dor de dente, era logo agarrado, enquanto Pedro sacava os seus alicates e arrancava o dente dolorido.

Poder

Enquanto Pedro estava na Europa ocidental procurando aprender seus costumes avançados, sua meia-irmã Sofia tramou uma rebelião com os *strelsky* (guardas palacianos). Pedro voltou imediatamente para casa e sanguinariamente retomou o controle. Mais de mil conspiradores foram publicamente executados sob humilhantes e cruéis torturas, enquanto Sofia era confinada em um convento.

Para concentrar todo o poder em suas próprias mãos, Pedro tentou quebrar o poder da Igreja russa, confiscando-lhe os bens. Quando o patriarca (chefe da Igreja) morreu em 1700, ele impediu a Igreja de eleger um substituto. Protelou a eleição ao máximo para que a liderança da Igreja se acostumassem à ideia de não ter um patriarca e, em 1721, converteu a Igreja em um ramo do serviço público russo sob a autoridade do czar. Mudou também o ano de 7208 (depois da Criação) para 1699 (d.C.) e transferiu a festa de Ano-Novo de 1^o de setembro para 1^o de janeiro, a fim de fazê-la coincidir com o calendário ocidental.

Originalmente, os aristocratas russos eram classificados por importância segundo o prestígio dos seus ancestrais, mas Pedro importou o feudalismo à moda ocidental, em que a nobreza recebia privilégios e obrigações iguais. Os boiardos foram abolidos como classe em 1711 e reordenados com títulos ocidentais.

Quase ao mesmo tempo, Pedro remodelou o sistema russo de camponeses livres e escravos domésticos para adaptá-lo ao estilo ocidental de servidão, que elevava os escravos, mas degradava os camponeses. Os

ex-escravos ficaram sujeitos aos impostos, enquanto toda uma leva de novas leis proibia os camponeses de viajar sem passaporte ou assinar contratos sem aprovação governamental.

Anualmente, um novo recrutamento reabastecia as fileiras do exército, e todo novo censo ajudava Pedro a utilizar cada um dos novos cidadãos. Os nobres eram obrigados a ceder um soldado para cada cem habitantes de suas terras e um cavalarião para cada 150 habitantes. Antes de Pedro, o governo russo contabilizava apenas famílias, mas o novo censo tentava contabilizar contribuintes individuais, uma categoria que se expandiu com a adição de algumas classes que antes eram isentas.

Guerra

Quando Pedro começou a governar, o único porto marítimo da Rússia era o Arcângelo, no mar Branco, logo abaixo do Círculo Polar Ártico, que fica congelado durante metade do ano. Pedro logo se aplicou ao eterno problema russo de conseguir um porto permanente. Tentou, insistentemente, expandir suas terras para o norte contra os suecos, que dominavam a costa báltica, e em direção ao sul contra os turcos, que controlavam a costa do mar Negro.

Todo ano irrompia uma guerra (geralmente desastrosa) em algum lugar. Ele lutou contra os turcos em Azov, no mar Negro, em 1695 e 1696. Lutou de novo contra eles no rio Pruth em 1711-12, mas a ofensiva não teve êxito, como sempre. Em 1722-23, lutou contra os persas no sul do mar Cáspio. Nesse ínterim, as revoltas tinham de ser abafadas e a Sibéria precisava ser controlada. Em cada uma dessas guerras, Pedro confiava no que viria a ser a força característica do exército russo – uma obstinada habilidade de absorver incríveis castigos e inacreditáveis baixas para simplesmente sobreviver a seus oponentes.

Mesmo em tempos de paz, não era permitido aos soldados ficar à toa em guarnições distantes. Trabalhos obrigatórios, tanto para soldados quanto para civis, eram a limpeza de rios e a construção de estradas, fábricas e canais por toda a Rússia. Aí é provavelmente onde Pedro registrou sua maior contagem de cadáveres. A implacável manutenção de um enorme exército permanente era tão mortal quanto as guerras. Doenças, desnutrição, negligência e uma brutal disciplina minavam suas tropas, como também o frio gélido de um império que ia até o norte da Ásia. A convocação era tão temida que os camponeses se mutilavam para ficar

inelegíveis. Quebravam os próprios dentes, pois, sem eles, não podiam morder os cartuchos para carregar os mosquetes. Mutilavam os dedos dos pés para não poderem marchar, e os dedos das mãos para não poderem atirar.

A tentativa de Pedro de abrir uma saída para o mar Báltico foi tão sangrenta que mereceu um capítulo inteiro (“A grande guerra do Norte”), mas ele não esperou que a guerra se lhe tornasse favorável para começar a construir uma nova capital costeira como uma porta para o Ocidente. Recrutou criminosos, prisioneiros e camponeses, enviando equipes de construção para a costa a fim de construir São Petersburgo numa terra que, tecnicamente, ainda pertencia à Suécia. Proibiu as construções de pedra em toda a Rússia, a fim de deixar todos os pedreiros do país livres para trabalharem na nova cidade. Quando os primeiros 40 mil trabalhadores morreram de febre nos pântanos, ele convocou mais 40 mil para os substituírem. Esses também morreram, mas ele encontrou outros. Ao todo, mais de 100 mil trabalhadores foram sacrificados na construção de São Petersburgo.

E paz

Para manter seu enorme exército em tempo de paz, Pedro dispersava seus soldados pela Rússia e transferia o custo da manutenção deles aos contribuintes locais. Em 1718, para determinar quantos soldados cada comunidade poderia suportar, ele decretou um novo censo a ser realizado no ano seguinte. Qualquer um que burlasse o censo teria a sua propriedade confiscada e doada a quem o houvesse denunciado.

Os habitantes locais entravam em pânico sempre que um comboio oficial se aproximava, precisando ser alimentado e hospedado às suas custas. Os soldados aquartelados na comunidade serviam como policiais e informantes dos agentes de Pedro. Tais soldados e agentes constituíam um constante dreno dos recursos locais, e a única tarefa útil que desempenhavam para a nobreza local era evitar que os camponeses fugissem.²

Favores eram prestados a qualquer investidor que voluntariamente ajudasse nos projetos de Pedro. Para promover a indústria, ele permitia que os investidores comprassem aldeias inteiras e colocassem os camponeses a trabalhar nas fábricas, obrigados aos ônus da servidão pelos novos donos. Os camponeses, em sua maioria, ainda estavam presos à

terra como servos, e eram perseguidos implacavelmente caso fugissem, mas Pedro passou a perdoar os fugitivos que se empregassem nas fábricas. Eles podiam continuar em seus novos empregos.³

Se Pedro percebia que algum recurso não estava sendo inteiramente utilizado, simplesmente decretava que aquilo deveria ser desenvolvido. O Estado assumia o controle: os operários eram arrebanhados e realocados. Entre as novas comunidades que fundou, Yekaterinburg, batizada em homenagem à sua imperatriz e construída nos Urais por cerca de 25 mil servos recrutados, tornou-se o centro da indústria siderúrgica.⁴

Quem tentasse esconder qualquer ativo do coletor de impostos tinha sua propriedade confiscada. Na verdade, os bens eram tão facilmente apreendidos pelos funcionários do governo e pelos proprietários, sob um pretexto ou outro, que a maioria dos russos escondia os seus ativos. Os camponeses enterravam todo o dinheiro que possuíam, o que inibia o comércio. Qualquer ouro ou prata que os agentes de Pedro descobriam acumulados em vez de investidos eram declarados um dreno parasita na economia e confiscados pelo governo, e o ciclo recomeçava.⁵

A vida na corte

Pedro ficava ostentadamente à vontade com todas as pessoas, pouco importando a classe – camponeses, padres, empregados, soldados, membros da aristocracia, estrangeiros e assim por diante – e não obedecia a um protocolo rígido; no entanto, ficava ressentido quando se sentia ofendido, e era propenso a brincadeiras grosseiras e cruéis, muitas delas envolvendo anões. Esperava que seus cortesãos bebessem tão entusiasticamente quanto ele, embora nenhum tivesse sua resistência. Não gostava de luxo ou pompa, e alegremente comia a mais modesta ração e dormia na cama mais humilde. Tinha orgulho de conseguir suportar qualquer dos sofrimentos que infligia aos seus próprios soldados e marinheiros.⁶

Pedro preparou o filho Aléxis para sua sucessão, mas Aléxis não suportou a pressão do pai hiperativo. Depois que Aléxis tomou como amante uma camponesa e deu um tiro na mão para evitar o serviço militar, Pedro esfriou em relação ao filho. Esperando punição por sua desobediência a qualquer momento, Aléxis fugiu da Rússia, refugiando-se primeiro na Áustria e depois na Itália. Pedro o rastreou e ordenou que retornasse, prometendo perdoá-lo caso voltasse, mas perseguiu-o para

sempre, caso não o fizesse. Aléxis ficou amedrontado e voltou.

Por algum tempo, tudo pareceu ir bem, até que Pedro teve chance de ruminar sobre a traição de seu filho. Quem no palácio propiciara a fuga de Aléxis? Quem desobedecera ao czar? Aléxis foi preso e torturado para que revelasse os nomes de seus cúmplices. Então, sob a supervisão pessoal de Pedro, Aléxis foi chicoteado cruelmente por vários dias, até morrer em agonia.⁷

Ninguém obtinha os favores de Pedro por muito tempo. Em 1724, um dos principais conselheiros de Pedro, Willem Mons, caiu em desgraça e foi acusado de aceitar subornos. Ele foi torturado para confessar e esquartejado publicamente, como castigo. De acordo com a lenda, o verdadeiro crime de Mons, no entanto, foi ter um caso com a segunda mulher de Pedro, Catarina. Por isso, Pedro guardou a cabeça recém-decepada de Mons num jarro com álcool, que foi colocado na mesinha de cabeceira de Catarina para lhe fazer companhia. Por muitos anos, as cabeças em conserva de Mons e sua irmã Anna (suposta instigadora do *affair*) puderam ser vistas na sala privada de curiosidades em *Kunstkamera*, o museu científico de Pedro, junto com a sua coleção de anões.

^a Há uma tendência das gerações posteriores e dos estrangeiros da época a tratar as leis sobre a barba de Pedro como piada, mas cabelo e traje são expressões culturais básicas. Há quarenta anos, cabelo comprido em homem era um escândalo em alguns lugares e, mais recentemente, eu soube que “uma escola do distrito de Nevada aceitou pagar 400 mil dólares a uma garota muçulmana e sua amiga, que alegavam que outros estudantes ameaçaram matá-la no poço da escada por usar um lenço religioso sobre a cabeça, e que os funcionários nada fizeram para impedir isso” (*Fox News*, 8 de abril de 2009).

A GRANDE GUERRA DO NORTE

Número de mortos: 370 mil¹

Posição na lista: 90

Tipo: guerra hegemônica

Linha divisória ampla: todos contra a Suécia

Época: 1700-21

Localização: Europa setentrional

Principais Estados participantes: Suécia *versus* Rússia, Polônia, Dinamarca, Saxônia

Estados participantes secundários: Turquia, Brandemburgo, Hanover

Quem geralmente leva a maior culpa: Pedro e seus amigos

Outra praga: a guerra pelo poder europeu com o uso de mosquetes

Quando um adolescente imaturo tornou-se o novo rei da Suécia, os embaixadores da Dinamarca e da Saxônia foram a Pedro, o Grande, com um plano para quebrar, de uma vez por todas, a hegemonia da Suécia no Báltico. Eles achavam que seria muito fácil derrotar aquela criança, se todas as nações setentrionais da Europa se envolvessem. Estavam enganados. Aos 16 anos, o rei Carlos XII da Suécia provou que a arte de guerra lhe era inerente e conseguiu esticar o conflito por 21 anos.

Depois de apresentar uma desculpa conveniente e emitir todas as declarações apropriadas de guerra, cada aliado atacou a parte mais próxima do território sueco. O rei Carlos da Suécia foi diretamente contra o exército russo que invadira a Estônia. Em Narva, em novembro, Carlos atacou 40 mil russos com 8 mil suecos durante uma repentina nevasca que ocultou a sua aproximação e o efetivo menor. Os russos se dispersaram e fugiram em pânico, deixando 8 mil mortos no campo. Nesse meio-tempo, 15 mil suecos ocuparam a capital da Dinamarca e tiraram os dinamarqueses da guerra.

Pedro começou imediatamente a recompor o abalado exército russo segundo normas ocidentais, para não ser derrotado tão facilmente. Com característica tenacidade, também voltou ao território sueco no Báltico e começou a construir a nova capital, São Petersburgo.

Como o rei Augusto da Saxônia era também rei da Polônia, os suecos em seguida invadiram a Polônia. Depois de derrotar algumas tropas que cruzaram o seu caminho, Carlos pôs seu próprio fantoche no trono de Varsóvia. Em agosto de 1706, ele voltou-se contra a própria Saxônia e

ocupou a capital, Dresden. Depois forçou Augusto a renunciar ao trono da Polônia como condição para a paz.

Em 1708, Carlos deslocou seu exército de 40 mil homens da Polônia em direção ao coração da Rússia, mas as grandes distâncias provaram ser desorientadoras. Inicialmente, planejara se juntar aos 16 mil suecos sob as ordens do general Lowenhaupt, que estavam saindo da região báltica com suprimentos indispensáveis; em vez disso, porém, mudou abruptamente de rumo, seguindo em direção ao sul para se unir aos cossacos rebelados nos campos de trigo da Ucrânia. Isso deixou as forças de Lowenhaupt empacadas no meio do nada, sendo liquidadas por Pedro em Lesnaya, em setembro de 1708.

Apanhado pelo severo inverno russo, o exército sueco de Carlos ficou reduzido a 18 mil homens. Em junho de 1709, Pedro e 80 mil soldados foram ao seu encalço, quando os suecos atacavam o forte de Poltava, na Ucrânia central. Carlos se voltou e enfrentou o novo exército, quase o derrotando, mas Pedro tinha reservas descansadas, ao contrário dele. Aceitando a derrota, Carlos abandonou seu exército abatido e escapou para a Turquia.

Poltava é habitualmente citada como outro exemplo clássico pelo qual não se deve invadir a Rússia (ver também “Guerras napoleônicas” e “Segunda Guerra Mundial”), mas a guerra não terminou imediatamente. Como todas as rotas diretas de volta para a Suécia estavam bloqueadas pelos seus inimigos, Carlos só voltou para casa depois de cinco anos. Como os turcos queriam que a guerra se arrastasse tanto quanto possível, prenderam Carlos e recusaram o pedido de extradição da Rússia. Quando os russos enviaram uma força militar para trazer Carlos de volta, os turcos prenderam o embaixador russo e declararam guerra, mas sua contraofensiva à Rússia se mostrou inócua. Eles acabaram por desistir, e finalmente soltaram Carlos, que se dirigiu para casa cruzando os pequenos e amigáveis Estados alemães.

Nesse meio-tempo, os inimigos de Carlos haviam destruído seu império sem leme. Pedro começou uma guerra contra a Finlândia, que nessa época era parte integral da Suécia. Para impedir que Carlos usasse os recursos finlandeses, os russos devastaram os campos. Os finlandeses lembram disso como a Grande Vingança, quando os russos saquearam as colheitas e as criações das fazendas e queimaram o que não podiam carregar. Enquanto a fome grassava, a população da Finlândia caiu de 400 mil para 330 mil.²

Quando Carlos chegou em casa, nada restava do império sueco, exceto a própria Suécia. Ele formou um novo exército e atacou a Noruega (na época, um território dinamarquês), mas foi morto em batalha no ano de 1719. Com Carlos fora do caminho, a paz se tornou possível. O novo rei sueco estava disposto a governar uma potência de segunda classe. Nos dois anos seguintes, diplomatas acertaram tratados de paz nos quais todos os territórios aliados se expandiram e a Suécia diminuiu.³

A GUERRA DA SUCESSÃO ESPANHOLA

Número de mortos: 700 mil¹

Posição na lista: 61

Tipo: disputa dinástica

Linha divisória ampla: todos contra a França

Época: 1701-13

Localização: Europa ocidental

Principais Estados participantes: França, Espanha *versus* Áustria, Grã-Bretanha, Holanda

Estados participantes secundários: Piemonte, Bavária (aliados da França) *versus* Dinamarca, Portugal (aliados austríacos)

Quem geralmente leva a maior culpa: Luís XIV

Outra praga: a guerra pelo poder europeu com o uso de mosquetes

Às vezes a sorte de uma nação acaba. A Espanha atravessara um bom período, mas a procriação consanguínea dos Habsburgo durante séculos terminara produzindo um rei que parecia incapaz de agir como adulto: o rei Carlos II da Espanha. Único sobrevivente de um casamento entre um tio e uma sobrinha,^a Carlos era deficiente sob muitos aspectos. Ele só conseguiu falar aos 4 anos, e não foi capaz de andar antes dos 8; a única atividade adulta que desempenhava com entusiasmo era a caça. Devido a um queixo maciço e deformado, mal conseguia falar coerentemente ou mastigar e, por causa de uma ejaculação precoce incontrolável, não produziu filhos. Tinha o apelido de “Carlos, o Amaldiçoado”, porque era óbvio que algo terrível lhe acontecera.

O arqui-inimigo de Carlos era também seu cunhado. O rei Luís XIV da França se casara com a meia-irmã de Carlos, a filha mais velha do anterior rei da Espanha. Como “Rei Sol”, Luís estabeleceu os padrões de magnificência da Europa com o seu novo palácio em Versalhes. Em 1700, já lutara em quatro guerras contra o restante da Europa, tentando conquistar os territórios espanhóis em Flandres e Borgonha, ao longo da fronteira leste da França. Para impedir que a França aumentasse ainda mais o seu poder, Áustria, Grã-Bretanha e Holanda haviam estabelecido uma permanente Grande Aliança contra ele.

Carlos, o Amaldiçoado, sempre parecera condenado a uma vida curta. A maioria das pessoas achava que ele morreria ainda criança, mas Carlos viveu mais tempo do que se pensava ser possível. Mesmo assim, com a

iminente extinção dos Habsburgo espanhóis, o restante da Europa debatia em diferentes conferências sobre quem deveria receber a herança. Várias reivindicações e tramas de partilha foram aventadas. Ficou decidido, finalmente, restaurar os Habsburgo na Espanha usando outro Carlos, o irmão do imperador José da Áustria, enquanto a França seria apaziguada com uma oferta de terras dos Habsburgo espalhadas pelo continente.

Carlos, o Amaldiçoado, ficou contrariado ao ver que as outras grandes potências falavam dele como se já estivesse morto, retalhando o Império Espanhol sem nem mesmo consultá-lo. Por despeito, no seu leito de morte, em 1700, ele alterou seu testamento para evitar a divisão do vasto e magnífico império. Legou tudo ao pretendente francês, o neto de sua meia-irmã, que também era neto do rei Luís XIV da França. Como isso uniria as duas principais potências da Europa, deixando todas as outras em um distante segundo lugar, o resto do mundo decidiu impedir essa união.²

Estilo de guerra

Nessa época, a arte da guerra alcançara um platô de desenvolvimento, estabilizando táticas e equipamentos no século seguinte. Nos mosquetes, o uso da pederneira riscada para incendiar a pólvora substituíra o menos confiável mecanismo de serpentina com pavio em brasa. As baionetas haviam eliminado a necessidade de lanceiros para proteger a linha de fogo. Os uniformes foram padronizados para refletir a nacionalidade, embora soldados ainda fossem recrutados por toda parte. Menos da metade do exército de Luís XIV era de franceses.

Os exércitos europeus dessa época também se tornaram maiores – grandes demais para a força principal de combate se suprir de víveres. Luís começou essa guerra com 375 mil soldados e 60 mil marinheiros à sua disposição – embora exércitos característicos de campanha contivessem, normalmente, em torno de 60 mil. Esses grandes exércitos ficavam presos a linhas de suprimento ancoradas a pontos estratégicos fortificados. Isso retardava o ritmo da guerra, com os exércitos concentrados em defender ou capturar esses fortes, sitiando um de cada vez.

Os servidores civis do acampamento militar ainda exerciam a maioria das funções de apoio. Por exemplo, o exército sueco de 26.500 homens da campanha na Rússia, nessa mesma época (ver “A grande guerra do Norte”), era seguido por 4 mil empregados, 1.100 administradores civis e

1.700 mulheres e crianças. Eram eles que cozinhavam, lavavam, faziam os registros, costuravam as roupas, cortavam lenha, pegavam água, alimentavam e cuidavam dos animais domésticos, dirigiam as carroças, vigiavam a bagagem enquanto o exército lutava, cuidavam dos feridos e enterravam os mortos.³

A sucessão espanhola

Luís XIV invadiu rapidamente o território espanhol para fazer valer seus direitos e a Grande Aliança se pôs em movimento para impedi-lo. As forças austríacas, sob o comando do príncipe Eugênio de Saboia (um comandante veterano da grande guerra turca), invadiram a Itália para tomar os territórios espanhóis de Milão e Nápoles. O general inglês John Churchill, duque de Marlborough, combateu os franceses para detê-los nos Países Baixos. Marlborough fora perdoado recentemente pelo rei inglês, depois de ter passado algumas semanas na Torre de Londres, sob a acusação (provavelmente falsa) de conspirar contra o trono.

A guerra chegou ao clímax em 1704, quando Marlborough marchou em direção ao Danúbio e se juntou ao exército de Eugênio para enfrentar o exército francês que assolava a Alemanha. Embora o efetivo de ambos os exércitos fosse praticamente igual, com uns cinquenta e tantos mil homens, o exército franco-bávaro ocupava uma sólida posição com a sua ala direita ancorada no Danúbio. Sua infantaria estava firmemente assentada em três aldeias, afastadas entre si por não mais que dois quilômetros (particularmente Blenheim, junto ao rio), com formações de cavalaria estacionadas entre esses três pontos fortes.

Com uma furtiva marcha noturna, os anglo-austríacos se aproximaram sem serem detectados e, assim, quando veio a manhã, os franceses foram pegos de surpresa. Escaramuças aliadas e bombardeios de artilharia contra as aldeias isolaram a infantaria francesa, enquanto Marlborough levava o grosso de suas forças contra a cavalaria, no centro. Depois que a cavalaria francesa foi derrotada, a infantaria foi isolada e cercada. Os mosquetes ingleses e o bombardeio destruíram então esses bolsões. Quando tudo terminou, os franceses e os bávaros haviam perdido, entre mortos, feridos e prisioneiros, 80% de seu exército, enquanto que a Grande Aliança perdera apenas 20%. Foi a primeira grande derrota da França em cinquenta anos.

A Batalha de Blenheim pôs fim aos combates no Danúbio e à ameaça

direta contra a Áustria; no entanto, a maré da guerra voltou-se acidentalmente a favor da França em 1711, quando o imperador José I da Áustria morreu sem um filho que houvesse sobrevivido à infância. Seu irmão, inesperadamente, tornou-se o novo imperador, Carlos VI da Áustria, além de sua posição anterior como pretendente austríaco ao trono espanhol. A Inglaterra e a Holanda entraram em pânico. Uma completa união entre Espanha e Áustria seria quase tão ruim quanto uma união entre a Espanha e a França; todos fizeram, então, um acordo com a França.

O tratado final assinado em Utrecht dividia a herança. Todos os territórios espanhóis na Europa, incluindo a própria Espanha, foram para os Habsburgo austríacos. A Espanha e as colônias além-mar foram para um ramo dos Bourbon franceses, para permanecerem separadas do trono francês.

^a Mais exemplos de uma árvore genealógica sem ramos: os pais da mãe de Carlos eram primos em primeiro grau; os pais do pai de sua mãe eram primos em primeiro grau; os pais do pai de seu pai eram tio e sobrinha. Encontrei 11 trilhas distintas (provavelmente há mais) que demonstram ser ele descendente de Joana, a Louca de Castela, o que não podia ser um bom sinal.

A GUERRA DA SUCESSÃO AUSTRIACA

Número de mortos: 500 mil¹

Posição na lista: 70

Tipo: guerra hegemônica

Linha divisória ampla: todos contra a Áustria

Época: 1740-48

Localização: Europa central

Principais Estados participantes: França, Prússia *versus* Áustria, Grã-Bretanha

Estados participantes secundários: Bavária, Saxônia-Polônia

Quem geralmente leva a maior culpa: Frederico, o Grande

Outra praga: a guerra pelo poder europeu com o uso de mosquetes

O imperador Habsburgo da Áustria, Carlos VI, não teve filhos e, infelizmente, cada um dos seus territórios possuía suas próprias leis sobre herança para tratar disso. Em alguns, não havia problema em passar o domínio para, digamos, uma filha ou um cunhado. Outros proibiam que os direitos fossem transmitidos para mulheres; preferiam passar a herança para tios ou primos. O imperador, no entanto, queria que tudo fosse para a sua filha mais velha, Maria Theresa, e empenhou-se em convencer todas as potências europeias a assinarem um acordo (a Sanção Pragmática), dizendo que concordariam e não criariam confusão. Parecia não haver problema.

No entanto, o jovem rei da Prússia, Frederico II (que logo seria Frederico, o Grande), procurava uma desculpa para sair fazendo conquistas gloriosas por toda a Europa. Depois que o imperador Carlos morreu, Frederico desencavou um acordo medieval entre príncipes mortos, que dava a província austríaca da Silésia para a Prússia antes de entregá-la a qualquer mulher.

Ninguém na Europa considerou convincente o argumento, e a invasão da Silésia (hoje na Polônia ocidental) foi repudiada como uma aventura tola, fadada a cair frente à maior potência da Europa central. No primeiro conflito, em Mollwitz, os austríacos facilmente expulsaram a cavalaria prussiana, com Frederico no meio, e então se voltaram contra a isolada infantaria prussiana; no entanto, a disciplina e o treinamento dos prussianos surpreenderam a todos, e a sua infantaria se manteve firme, liquidando a cavalaria atacante. Depois um contra-ataque prussiano

esmagou também a infantaria austríaca. Maria Theresa foi obrigada a aceitar a perda da Silésia.

A conquista da Silésia aumentou em 1 milhão, facilmente, a população da Prússia, ao assimilar os protestantes alemães assentados em férteis glebas cultivadas à margem de um rio navegável. Frederico retirou-se da guerra para usufruir do seu novo território; entretanto, com a Áustria derrotada, a França percebeu que tinha a oportunidade perfeita para espezinhar o inimigo abatido e, então, declarou guerra. A Bavária e a Saxônia – que ansiavam quebrar a hegemonia austríaca na Alemanha – aderiram também. Entrementes, a Grã-Bretanha já estava em guerra com a França no alto-mar e além-mar; como o império britânico era, por dinastia, ligado ao Estado alemão de Hanover, auxiliou os austríacos.

A guerra ferveu por todos os habituais campos de batalha e caminhos da Europa central, mas cada um dos aliados tinha objetivos diferentes, de modo que não conseguiam coordenar bem suas estratégias. No fim, os austríacos conseguiram deter os abutres e restringir suas perdas apenas à Silésia.

A GUERRA SINO-DZUNGAR

Número de mortos: 600 mil¹

Posição na lista: 67

Tipo: conquista

Linha divisória ampla: chineses *versus* dzungars

Época: 1755-57

Localização: Ásia central

Quem geralmente leva a maior culpa: Qianlong

Em algum lugar no meio do nada, há muito tempo, os chineses eliminaram uma tribo de que pouca gente ouvira falar. Na maioria das vezes, a história é assim.

Os dzungars eram da raça mongol. Os cavaleiros nômades das estepes da Ásia central que vimos até agora – como os hunos e os mongóis – eram uma contínua ameaça à civilização. Alguns capítulos atrás, cavaleiros como os manchus e os tártaros estavam aterrorizando a China e a Rússia. Depois, armas de fogo viraram a maré contra esses nômades, e a sua independência começou a ser pressionada pelo avanço da civilização.

Os soldados da vanguarda da civilização que invadiam as estepes comumente eram também descendentes recentes de habitantes das estepes – turcos, cossacos e, no caso da China, os manchus (ver “O colapso da dinastia Ming”). O imperador Qianlong levou o império chinês na era Qing à sua maior extensão, conquistando todo o entorno da China, principalmente o deserto ocidental em Xinjiang e a terra dos dzungars.

Povos e lugares de que nunca se ouviu falar

Até morrer, em 1745, Galdan Tsereng, khan da Dzungaria, mantivera duro controle sobre todas as tribos componentes do seu império. Como seu filho e sucessor, porém, era cruel e depravado, e a nobreza dzungar o isolou e aprisionou. Ele foi sucedido por um fracote monástico que deixou várias tribos se tornarem independentes antes de ser morto em um ardil. Enquanto o novo khan, Dawaji, consolidava o controle, alguns derrotados na luta pelo poder se refugiaram em território chinês e pediram ajuda. O imperador Qianlong ficou feliz com isso.

Um exército chinês conquistou Kuldja, a capital dzungar, e colocou

Amursana, o genro fugitivo de Galdan Tsereng, no comando. Depois de uma perseguição pelo deserto, o khan anterior, Dawaji, foi capturado pelos chineses, mas eles o levaram para um retiro confortável em vez de matá-lo.

Como os chineses não queriam um Estado forte dzungar na sua fronteira, reconheceram a autonomia de tribos distintas em vez de restaurarem o império unificado dzungar, mas Amursana esperava herdar o grande império do seu sogro e, então, iniciou uma rebelião.

Qianlong sentiu-se pessoalmente traído por tal deslealdade e decidiu varrer os dzungars da face da Terra. Os detalhes dessa limpeza étnica são bem padronizados: quem não saísse do caminho era morto; quem saísse do caminho morria de fome.²

A GUERRA DOS SETE ANOS

Número de mortos: 1,5 milhão¹

Posição na lista: 40

Tipo: guerra hegemônica

Linha divisória ampla: todos contra a Rússia

Época: 1756-63

Localização: Europa, os oceanos, as colônias

Principais Estados participantes: Áustria, França, Rússia versus Prússia, Grã-Bretanha

Estados participantes secundários: Suécia, Saxônia

Quem geralmente leva a maior culpa: Frederico, o Grande

Outra praga: a guerra pelo poder europeu com o uso de mosquetes

Junkers

Disperso em fragmentos por toda a planície da Europa setentrional, o reino da Prússia não tinha fronteiras naturais. Havia a própria Prússia no Báltico oriental, Brandemburgo em volta de Berlim, a Pomerânia na costa do Báltico central e uns poucos pedaços de terra, como Kleve e Ravensberg, acima dos Países Baixos. Nações como essas tendem a ser esmagadas pelos exércitos que passam por elas para atacar países que lhes interessam. Somente criando um dos melhores exércitos do mundo poderia um país assim convencer generais saqueadores a respeitar sua neutralidade e passar ao largo.

O pai de Frederico, o Grande, Frederico Guilherme, conseguira isso com frugalidade pessoal. Em vez de construir palácios magníficos, custeou um exército. Em vez de empregados, tinha soldados. O restante da Europa considerava isso mais uma excentricidade do que uma política nacional, e ria em vez de se preocupar.

O fanatismo obstinado com que os prussianos construíram seu exército resultou na formação de soldados que eram superiores fosse qual fosse o adversário. Os prussianos não fraquejavam ou hesitavam. Seu treinamento e disciplina permitiam que disparassem cinco tiros para cada dois da infantaria austríaca.

Os exércitos prussianos dessa época continuaram evoluindo a partir dos grupos mercenários do século anterior. Estavam se tornando verdadeiros exércitos nacionais, formados de cidade em cidade pelo rufar dos

tambores, que atraía enfastiados rapazes das fazendas para o recrutamento. Cada unidade era permanentemente aquartelada em um distrito, onde conseguia novos recrutas. Três quartos do exército prussiano eram realmente prussianos.

Esse efetivo certamente não representava o melhor que a Prússia tinha para oferecer. As tropas regulares se formavam geralmente com a escória da sociedade. Pessoas úteis, como trabalhadores, lojistas e artesãos, eram importantes demais para a economia nacional para serem recrutados. Em vez disso, os exércitos alistavam pessoas que podiam ser sacrificadas – criminosos, camponeses sem terra, adolescentes, vagabundos, bêbados. Como os aristocratas prussianos – os Junkers – não tinham coisa melhor para fazer, eram nomeados oficiais.

A plebe incapaz que formava as fileiras só podia ser controlada pela disciplina mais brutal. Chicotadas violentas constituíam a punição padrão para quase todas as transgressões, a não ser que alguma fosse bastante séria para requerer castigo pior. O exército prussiano estabeleceu normas para dificultar a deserção – nenhum acampamento perto de florestas, nada de marchas noturnas, nenhuma pilhagem sem supervisão. A cavalaria patrulhava os limites da tropa, mais para manter os prussianos dentro do que para manter o inimigo fora.²

Começa a guerra

Depois de perder a Silésia na primeira guerra contra os fortíssimos prussianos (ver “A guerra da sucessão austríaca”), a rainha Maria Theresa da Áustria passou o período de paz seguinte cortejando todos os aliados de Frederico. Isso mostrou ser bastante fácil, já que nenhuma das outras grandes potências queria um novo ator dinâmico, como a Prússia, para substituir uma velha potência em declínio, como a Áustria. O maior sucesso de Maria Theresa nessa revolução diplomática foi tornar-se amiga da França, inimiga mortal da Áustria havia mais de cem anos. A czarina Isabel da Rússia também concordou em fazer parte do grupo anti-Frederico.

Quando se tornou óbvio que a nova aliança estava pronta para atacar assim que o tempo aquecesse com a chegada da primavera de 1757, Frederico lançou um ataque preventivo em agosto de 1756 contra o que pensou ser o ponto de partida deles, o independente ducado da Saxônia. Infelizmente, a Saxônia não aderira oficialmente à coalizão contra a Prússia, de modo que Frederico invadira uma nação neutra sem aviso ou

provocação. Isso tornou muito mais fácil para o restante da Europa declarar guerra a ele.

Como o novo alinhamento unia todos os católicos, Frederico tentou persuadir a Inglaterra e outros países da Europa setentrional a juntar-se a ele em solidariedade protestante, o que foi reconhecido como uma manobra cínica. De acordo com um inglês da época, Frederico “gritava *religião* como o pessoal grita *fogo* quando quer ajuda”. De qualquer maneira, para os ingleses não importava de que lado estavam, desde que os franceses estivessem do outro.³

Os 4,5 milhões de pessoas da Prússia enfrentavam agora 70 milhões de inimigos.⁴ Só que o dinheiro, e não a população, era o fator decisivo para o tamanho de exército que um país poderia pôr em campo. Frederico começou a Guerra dos Sete Anos com um caixa de guerra de 11 milhões de táleres e, depois que a guerra avançou, os ingleses o subsidiaram com 4 milhões anuais, mais a Saxônia ocupada, de onde podiam ser extorquidos outros 5 ou 10 milhões por ano.

Frederico, o Grande, se tornou conhecido pela forma oblíqua de guerrear. Ele retinha uma ala do seu exército de forma ameaçadora, mas afastada do inimigo. Então ampliava o outro flanco e se lançava contra a ala inimiga, que era menor. Isso dominava os rivais e forçava um colapso progressivo na linha inimiga, à medida que cada peça era atacada pela frente e pelos lados. Em cada ponto de contato, os prussianos conseguiam uma superioridade numérica, destruindo aos poucos a linha inimiga. Outros países tentaram imitar as táticas de Frederico, mas não obtinham sucesso sem soldados tão disciplinados quanto os prussianos ou uma mente tão aguçada quanto a de Frederico.

A Guerra dos Sete Anos foi um negócio precipitado e hiperativo que ziguezagueou pela Europa central, detonando todos os exércitos que se encontravam. A habilidade de Frederico para atacar em todas as direções e defender-se praticamente de toda a Europa durante sete anos sempre surpreendeu os historiadores militares, e suas táticas têm sido zelosamente estudadas e analisadas. Ele venceu batalhas importantes contra espantosas disparidades de forças e milagrosamente se recuperou de suas derrotas ocasionais; no entanto, o toque final que deu a vitória a Frederico foi mais um fator de sorte do que de habilidade.

Em janeiro de 1762, quando os russos estavam a ponto de entrar em Berlim, capital da Prússia, a czarina Isabel da Rússia morreu de repente, deixando o trono para seu jovem filho, Pedro III, que, desde menino, ao

brincar com seus soldadinhos de chumbo, sempre admirara Frederico. Pedro III tirou as tropas russas da zona de guerra e assinou um tratado em maio, preparando-se para intervir ao lado de Frederico; entretanto, foi logo derrubado e assassinado por sua esposa, Catarina (a Grande), que afastou completamente a Rússia de ambos os lados da guerra.

Naquele momento, os exércitos já não tinham mais condições de lançar uma ofensiva maior. Os recursos humanos estavam reduzidos a veteranos esgotados e recrutas inexperientes. No outono de 1762, a França foi rechaçada no Reno, o que finalmente convenceu a todos de que seria inútil continuar lutando. O tratado de paz foi assinado em fevereiro de 1763, em Paris.

Guerra mundial

Tendo os europeus espalhado sua luta pelo mundo inteiro, alguns escritores – Winston Churchill, por exemplo – argumentaram que a Guerra dos Sete Anos merecia o crédito de ser a *verdadeira* primeira guerra mundial.

Duas das maiores potências coloniais, França e Inglaterra, usaram a guerra europeia como uma desculpa para lutar entre si em outras partes. Na América do Norte, a França venceu as primeiras batalhas na região selvagem dos Apalaches, que separava seus assentamentos, mas, então, um recém-chegado exército britânico capturou Quebec, o que colocou a Inglaterra no controle de todo o continente americano. Na Índia, os britânicos derrotaram decididamente o aliado local da França na Batalha de Plassey, o que lhes abriu caminho para dominar a totalidade do subcontinente.

GUERRAS NAPOLEÔNICAS

Número de mortos: 4 milhões (3 milhões de soldados e 1 milhão de civis morreram, incluindo as Guerras Revolucionárias Francesas)¹

Posição na lista: 26

Tipo: conquista mundial

Linha divisória ampla: partidários de Napoleão diziam que era a oposição das virtudes do Iluminismo contra o decadente Antigo Regime. O restante da Europa dizia que era Napoleão contra o mundo.

Época: 1792-1815

Localização: Europa, Oriente, Caribe

Principais Estados participantes: Áustria, França, Prússia, Rússia, Reino Unido

Estados participantes secundários: Bavária, Brunswick, Dinamarca, Egito, Nápoles-Sicília, Países Baixos, Turquia otomana, Piemonte-Sardenha, Portugal, Saxônia, Espanha, Suécia, Estados Unidos, Württemberg.

Quem geralmente leva a maior culpa: Napoleão Bonaparte

Outra praga: a guerra pelo poder europeu com o uso de mosquetes

Liberdade, igualdade etc.

No final de 1780, a França estava claramente caminhando para a bancarrota. A lendária extravagância dos enfeitados cortesãos em Versalhes era um dos motivos, mas a magnitude do débito da Coroa aumentara com as guerras estrangeiras, que haviam sido financiadas com empréstimos da classe empresarial emergente. No rumo que as coisas estavam caminhando, a classe média seria sangrada na ida e na volta – primeiro, como a única classe rica que realmente pagava impostos e, outra vez, se a Coroa não pagasse seus empréstimos. A classe média se agitava pedindo reformas.

Finalmente, para acalmar os cidadãos sobrecarregados com impostos e endireitar suas confusas finanças, o rei Luís XVI foi forçado a convocar, pela primeira vez em todo um século, o Parlamento francês. As primeiras duas câmaras legislativas (ou *estamentos*), a nobreza e o clero recusaram-se a abrir mão de suas isenções de impostos, de modo que o Terceiro Estamento – representante dos cidadãos comuns, tanto ricos quanto pobres – declarou-se o único corpo legislativo legítimo.

Uma agenda liberal foi rapidamente posta em prática. Os privilégios das classes altas e do clero foram revogados; as finanças, ajustadas; e o

orçamento, equilibrado. Depois de acirrados debates, as terras da Igreja foram confiscadas e o clero foi encaixado no serviço civil.

Infelizmente, enquanto tudo isso era feito, turbas dispersas de miseráveis violentos promoviam desordens nas ruas de Paris, linchando ao acaso nobres e funcionários reais que cruzassem seu caminho. A família real entrou em pânico e tentou encontrar refúgio na segurança de seus parentes austríacos (a rainha francesa, Maria Antonieta, era filha de Maria Theresa), mas eles foram capturados, exibidos pelas ruas de Paris e encarcerados. Horrorizados com a odiosa eclosão de liberalismo e temendo que aquilo fosse contagioso, os monarcas da Europa se uniram na Primeira Coalizão e se dispuseram a salvar o rei da França.

O tiro saiu pela culatra. Diante dos exércitos estrangeiros que convergiam para a pátria, a política na França se tornou mais radical e a facção jacobina de Maximiliano Robespierre assumiu o controle. A nobreza foi abolida como uma classe legítima e, para completar, o rei foi decapitado. Sua mulher, Maria Antonieta, logo o seguiu na guilhotina, enquanto o Delfim, seu filho e herdeiro, desapareceu misteriosamente nas masmorras da nova república. Seu destino tornou-se o maior mistério do século XIX, com vários pretendentes circulando pelos salões algumas décadas depois.^a

Depois que o tabu sagrado contra matar o rei foi quebrado, a França entrou em erupção. Os nobres foram arrancados de suas casas e assassinados de diversas maneiras terríveis e imaginativas. O Reino do Terror viu a decapitação de uns 40 mil inimigos do Estado, a maioria sem qualquer julgamento incômodo.

Na região do Vendee, no Centro-Oeste da França, camponeses se revoltaram contra o governo central em favor do rei e da Igreja, mas Paris despachou comissários para restaurar a ordem por quaisquer meios necessários, o que significou a frequente execução em massa de famílias inteiras. Descartar tantos inimigos do Estado exigia uma engenhosidade perversa. Em Nantes, os prisioneiros condenados de qualquer idade e sexo eram apinhados a bordo de barcaças, trancados sob o convés e, então, iam a pique no rio Loire. Depois de ficar dentro da água tempo bastante para eliminar todos os bolsões de ar, a barcaça era erguida de novo, esvaziada e carregada com mais prisioneiros para nova rodada.

Ao todo, um quarto de milhão de pessoas morreu nessa guerra civil.² Por fim, no entanto, o ódio diminuiu. O próprio Robespierre foi levado à guilhotina, e a França voltou à sensatez de um governo de classe média.

As guerras revolucionárias

Embora todas as nações da Europa fossem envolvidas pelas guerras que acompanharam a Revolução Francesa, só precisamos saber das cinco grandes potências: França, numa ponta da Europa; Rússia, na outra ponta; Prússia e Áustria haviam recuado do ataque à Rússia, depois de dividirem a Polônia entre si. A Inglaterra rondava o litoral. Nenhuma outra nação preocupava, porque nenhuma podia armar um exército capaz de enfrentar sozinha uma dessas grandes potências. As nações menores da Europa eram, na melhor das hipóteses, peões de xadrez, e na pior, o próprio tabuleiro.

A Primeira Coalizão, que em nome do monarquismo invadiu a França em 1793 por quase todos os lados, achava que a França seria uma conquista fácil. Os revolucionários haviam executado ou exilado todos os oficiais e enviado uma plebe indisciplinada para defender a pátria. O que as velhas monarquias não percebiam era que agora os franceses governavam o seu país, valia a pena lutar pelo país. Pela primeira vez em gerações, patriotismo autêntico motivava um exército. Os franceses rechaçaram os invasores e invadiram os pequenos países além da fronteira leste, difundindo o evangelho da revolução.

Os revolucionários estavam empenhados em reformar o mundo dentro de uma ordem racional até nos detalhes. Todas as esquisitas medidas pequenas, que variavam de aldeia para aldeia, foram padronizadas dentro de um novo sistema decimal de metros, litros e gramas. Todas as leis medievais fortuitas e arbitrárias, que variavam de província para província, foram recodificadas dentro de regras sensatas que incorporavam lógica, clemência e direitos humanos. O calendário foi reformado dentro de unidades decimais compreensíveis, com meses iguais, nomes comuns, e o ano da revolução definido como o Ano Um. As igrejas foram reordenadas como templos da razão. Era um mundo novo onde qualquer um podia subir tão alto quanto seu talento o levasse. Os aspectos negativos disso logo se tornaram aparentes, quando um indivíduo perigosamente talentoso apareceu.

Entra Napoleão

Oriundo de uma grande, influente e respeitável família da pequena, desacreditada e inconsequente ilha da Córsega, na parte italiana da

França, Napoleão Bonaparte nunca realmente se encaixou. Embora originalmente almejasse seguir o sacerdócio como o irmão, foi em vez disso enviado pelo pai a uma escola militar na França, onde aprendeu sua profissão e fez muito poucos amigos. Sonhava um dia libertar a Córsega da França, mas, enquanto a Revolução Francesa avançava, foi empolgado por visões grandiosas de libertar o mundo inteiro.

Ao participar pela primeira vez de um combate grande, Bonaparte comandou a artilharia que expulsou do porto de Toulon, no Mediterrâneo, os monarquistas e seus aliados britânicos. Sua habilidade e determinação ao recrutar e dispor para combate uma artilharia capaz de desafiar os canhões ingleses impressionaram seus superiores. Bonaparte e seus padrinhos escaparam por pouco do expurgo dos radicais, mas seus protetores habilmente se curvaram aos novos ventos e deram um jeito de conseguir nomeações no novo governo. Bonaparte seguiu com eles para Paris como comandante da artilharia da capital. Quando seu canhão estraçalhou uma multidão furiosa que assaltava o prédio principal do governo, ficou óbvio que sua falta de piedade era tão impressionante quanto sua habilidade de general. Ali estava um homem que o governo podia usar.

Aos 26 anos, recém-casado com Josefina, a amante do seu patrono, Bonaparte recebeu o comando do andrajoso exército francês que combatia os austríacos na planície norte da Itália. Rapidamente se fez estimado pelos soldados ao admitir que o governo em Paris falhara com eles, deixando-os sem pagamento ou alimentos, e enviando uma sucessão de generais políticos incompetentes para que fossem mortos em derrotas humilhantes. Ele, ao contrário, oferecia aos soldados a riqueza da Itália para ser pilhada, e eles o adoravam por isso.³ Em vez de aguardar suprimentos esporádicos da França, seu exército viveria da terra, mas, para fazer isso, ele teria de formar unidades menores dispersas e se manter em movimento. Nas mãos de um general inferior, isso seria um convite ao desastre, mas Bonaparte provou ser um malabarista consumado, sempre mantendo suas tropas dispersas suficientemente próximas para defender qualquer abertura estratégica que se formasse.

O povo italiano ficara inicialmente tentado a dar boas-vindas aos franceses como libertadores dos austríacos e seus fantoches, mas agora sofria roubo e pilhagem nas mãos de um exército vitorioso. Mesmo quando Milão se rendeu sem lutar, Bonaparte permitiu que a cidade fosse saqueada livremente pelos seus homens por vários dias e, quando os

moradores se revoltaram, enviou tropas para Binasco, uma aldeia vizinha. Elas queimaram as casas, colocaram em fila todos os homens e meninos, e os fuzilaram.⁴ Rapidamente, Bonaparte começou a enviar para o Tesouro da França parte dos saques, a fim de que a invasão fosse vista como lucrativa. Em abril de 1797, já sobrepujara todos os exércitos que a Áustria lançara contra ele e estava se aproximando de Viena. Era um blefe ou uma enorme audácia, porque ele não contava, claramente, com homens suficientes para invadir a cidade e ocupá-la, mas os inimigos da França piscaram primeiro e pediram paz.

A trajetória da carreira de Bonaparte nunca foi tranquila e, durante as duas décadas do seu domínio, suas oscilações violentas arrastavam a Europa, conforme ele jogava e ganhava ou jogava e perdia. No término da campanha italiana, Bonaparte alcançara o apogeu. Ele voltou, teve uma recepção de herói em Paris, e gozou da adulação do povo francês. Então, jogou e perdeu.

A campanha do Egito

Ninguém sabe, realmente, por que Bonaparte invadiu o Egito, país controlado pelos turcos. Aparentemente, seria o primeiro passo para atacar a Grã-Bretanha na Índia. Publicamente, era a anunciada política da França para levar a civilização republicana e racional aos atrasados povos do Oriente. Os inimigos de Bonaparte no governo da França (e havia cada vez mais inimigos) queriam vê-lo tão longe quanto possível e o próprio Bonaparte queria imitar Alexandre e César. O planejamento, no entanto, era deficiente, com muitos suprimentos e tropas não chegando no tempo previsto aos portos de embarque. Por pura sorte, a armada francesa conseguiu cruzar o Mediterrâneo sem ser apanhada e capturada pela superior esquadra inglesa.⁵

Em julho de 1798, depois de um nauseante desembarque na praia, Bonaparte mandou seus trôpegos soldados se reerguerem e os comandou pelo deserto, sem água bastante ou quaisquer mapas atualizados, indo vagamente em direção ao Cairo. Acossada durante todo o caminho pelos guerrilheiros beduínos, a coluna finalmente se viu nos subúrbios do Cairo, e Bonaparte declarou o Egito livre de séculos de desgoverno dos turcos. Nesse meio-tempo, a frota inglesa, sob o comando de lorde Nelson, encontrou os navios franceses na baía de Abukir, no delta do Nilo, e sangrentamente confirmou a superioridade naval da Inglaterra, deixando

a força expedicionária de Bonaparte encalhada a milhares de quilômetros de casa.

Os 13 meses que Bonaparte passou no Egito abririam essa antiga e misteriosa terra aos estudiosos europeus, mas isso quase não teve efeito na trajetória da carreira dele. O isolamento desesperador de seu exército significava que ninguém na França sabia das condições de deterioração das tropas, a eclosão da peste bubônica, os massacres dos nativos insubordinados, um ataque fútil à Palestina e os suicídios de oficiais desesperados. Tudo que Paris sabia era que Bonaparte derrotara a temível e exótica cavalaria mameluca à sombra das pirâmides. O fato de que os egípcios rapidamente aprenderam a evitar a batalha aberta em troca da tática de bater e correr, que consumia o moral da tropa, não fazia diferença; Bonaparte provara ser o novo César.⁶

Em agosto de 1799, Bonaparte abandonou seu desgastado exército ao seu destino e voltou sorratamente à França – para uma nova recepção de herói. Seu país precisava dele. Todos os inimigos estrangeiros que ele derrotara haviam voltado a se reunir numa Segunda Coalizão e atacado.

1799: Coup d'état c'est moi

Mas primeiro as coisas mais importantes. A República Francesa ainda estava mergulhada no caos costumeiro, enfrentando conspirações e rebeliões dos inimigos internos, tanto da esquerda quanto da direita. Os monarquistas tentavam repor um rei, enquanto os radicais queriam redistribuir as propriedades aos pobres. Então Bonaparte chegou triunfalmente do Egito, e ninguém perguntou por que seu exército não estava com ele.

Depois de muitas intrigas nos bastidores e com a volta do exército para casa, um grupo de conspiradores suplementou o fraco e briguento grupo eleito que dirigia a República (o Diretório) com três poderosos chefes executivos (“cônsules”): Bonaparte e mais dois que pensaram poder mantê-lo sob controle. Quando Bonaparte pediu aos cidadãos para aprovar essa mudança, o povo francês esmagadoramente apoiou a ideia com 99% dos votos. Tecnicamente, apenas 30% dos votantes verdadeiramente apoiaram a ideia, mas como o irmão mais moço de Bonaparte, na posição de ministro do Interior, era quem contava os votos, o boletim de votação foi de 99% a favor de Bonaparte.⁷

Agora Bonaparte estava pronto para rechaçar a Segunda Coalizão.

Contra todas as expectativas, ele se deslocou para os Alpes no inverno. Então, uma rápida e mortal campanha na Itália convenceu o restante da Europa a deixar a França sossegada por algum tempo. Seguiu-se uma paz sem precedentes, com cinco anos de duração.

Em 1804, com 35 anos, Bonaparte estava suficientemente seguro de sua posição para pôr fim às aparências de regime republicano. Decidiu que cônsul era um título tolo, e passou de cidadão Bonaparte a imperador Bonaparte. Para ganhar respeitabilidade aos olhos dos seus pares monarcas, restaurou o papel oficial da Igreja Católica, pôs o domingo de volta ao calendário e voltou a contar os anos a partir do ano do nascimento de Cristo. Restabeleceu, também, a escravidão nas colônias caribenhas. Em 1809, o imperador Napoleão largou Josefina, a pequena e excitante prostituta com quem se casara na juventude, e desposou a filha adolescente do imperador da Áustria, que não estava muito entusiasmada com seu novo cargo, considerando o que os franceses haviam feito com sua tia-avó, Maria Antonieta. Com o tempo, no entanto, ela se apaixonou e se apegou a ele desesperadamente, muitas vezes o perturbando em momentos históricos fundamentais.

Quando a guerra contra a Terceira Coalizão recomeçou, em 1805, expandiu-se a lenda de Napoleão, que liderou seus exércitos pela Europa, esmagando todos que atravessavam o seu caminho. Ele lutou em grandes e sangrentas batalhas contra os russos, prussianos e austríacos em Austerlitz e Ulm (1805), Jena e Auerstadt (1806), Eylau e Friedland (1807), Aspern e Wagram (1809), para citar só alguns lugares. Para quem é fanático por táticas, essa é a parte favorita, mas o restante de vocês precisam saber que Napoleão se mostrou impossível de deter, pouco importando quantos países o atacassem ou o tamanho desses exércitos. Ele derrotou todos com uma habilidade brilhante. Toda a Europa a oeste do rio Elba acabou sob o domínio dele – ou diretamente ou de seus parentes, nomeados por ele como reis das nações-satélites. Napoleão permitiu que a Áustria e a Prússia continuassem a ser monarquias livres, mas foram reduzidas a um tamanho menos ameaçador.

Guerra peninsular

Os únicos reveses de Napoleão durante o apogeu foram na Espanha e seus arredores. Em 1800, ele forçara a Espanha a fazer uma aliança para unir sua frota com a dele. No papel, parecia que Napoleão estava pronto para

desafiar o controle britânico dos mares; no entanto, em 1804, Nelson destruiu a frota franco-espanhola em Trafalgar, terminando com a esperança de Napoleão de expandir seu império além da Europa. Jogando com as forças restantes, ele tentou arruinar a Grã-Bretanha, proibindo todo comércio entre o continente e o Reino Unido. Quaisquer países que quebrassem o embargo eram invadidos pelas forças francesas e incluídos no império. Para aumentar o controle sobre os portos, ele anexou, em sequência, grande parte da costa europeia, do mar Báltico no norte à costa croata no sul.

Portugal, no entanto, obstinadamente se recusou a aderir ao Sistema Continental. Napoleão enviou um exército para remover essa mancha pró-britânicos do mapa da Europa, mas isso requeria uma longa linha de suprimentos cruzando a Espanha. O pesado trânsito militar que cruzava o país provocou atrito com os espanhóis, causando rixas, depois tumultos e, finalmente, a rebelião. Uma completa invasão francesa em 1808 substituiu o rei Bourbon em Madri pelo irmão de Napoleão, mas os espanhóis continuaram a lutar usando uma tática perversa, de bater e correr, que veio a ser chamada de *guerrilla*, a palavra espanhola para “guerras pequenas”. Os franceses torturavam e executavam, rotineiramente, os rebeldes suspeitos que caíam em suas mãos (e vice-versa), o que forneceu motivo para uma assombrosa série de desenhos de Goya, mas que não acabou com a rebelião. Finalmente, tropas britânicas regulares sob o comando do duque de Wellington abriram caminho à força, a partir de Portugal, para ajudar os rebeldes.

Estilo de guerra

A diferença mais significativa entre a arte de guerra sob Napoleão e aquela das gerações anteriores foi a paixão nacionalista desencadeada pela Revolução Francesa. A França era capaz de lutar contra a Europa inteira, porque todo o país se unia na defesa dos ideais de igualdade e razão contra os ressentidos camponeses recrutados por oficiais aristocratas, característica da maneira monarquista de guerrear. Com toda a nação envolvida, o efetivo dos exércitos subiu, dos 60 mil que lutaram em ambos os lados em Marengo, para 165 mil em Austerlitz e para 300 mil em Wagram, nos anos de 1800, 1805 e 1809, respectivamente.⁸

As guerras napoleônicas representaram o auge da era do mosquete, em que os exércitos se dispunham em linha, disparavam um contra o outro e

depois avançavam. Isso pode parecer estúpido para nós, mas o poder de fogo napoleônico era tão ineficiente que a única maneira de fazer uma cunha no oponente era concentrar em um ponto centenas de mosquetes, descarregando tranquilamente constantes salvas de tiros.

Em vez de mirar cuidadosamente os alvos, a infantaria confiava em um fogo maciço e rápido para desgastar a linha inimiga. Os mosquetes foram desenhados para serem carregados e disparados com rapidez, não com precisão. Pólvora, bala e bucha eram empurradas para dentro do cano em movimentos disciplinados e automáticos. Um orifício liso deixava um encaixe frouxo entre a munição e o cano; isso facilitava o carregamento, mas enfraquecia a explosão, reduzia o alcance e prejudicava a pontaria. Os rifles, que tinham um cano mais estreito e a face interior espiralada, eram mais precisos do que os mosquetes, mas era mais difícil e lento carregá-los, de modo que não tinham muito efeito nos campos de batalha, exceto quando usados por franco-atiradores.⁹

Para que os oficiais pudessem distinguir os amigos dos inimigos num enfumaçado campo de batalha, os soldados usavam uniformes de cores características e brilhantes e lutavam em formações geométricas sob gigantescos estandartes. Todas as unidades do exército de Napoleão tinham características matematicamente precisas – rapidez de movimento, comprimento da linha de frente, padrão de fogo, resistência – que os bons generais podiam calcular num golpe de vista. Com manobras cuidadosas, uma formação em linha podia ser capaz de obter um pequeno poder extra de fogo em relação à linha inimiga. Se um regimento podia pegar a infantaria inimiga pelo lado, conseguia concentrar mais mosquetes do que o inimigo. Melhor ainda, um regimento podia ser capaz de pegar o inimigo entre duas linhas de fogo. Então, quando o inimigo estivesse abalado, o regimento poderia afixar as baionetas e avançar, esperando cobrir o campo aberto antes que o inimigo pudesse disparar mais do que algumas salvas.

Atacar em linha (estendendo-se ao longo de uma frente ampla, mas sem profundidade) era difícil, porque uma linha espalhada podia facilmente perder sua coesão. Alguns soldados se moviam mais depressa do que outros; outros podiam ficar para trás; alguns podiam desviar um pouco para a esquerda, outros um pouco para a direita. Espaços vazios podiam se formar rapidamente. A maioria dos generais preferia atacar em coluna (menos homens na linha de frente, mas muitos mais em profundidade). Os espaços vazios eram menos problemáticos para uma coluna, porque

muitos soldados de reposição ficavam situados atrás de qualquer abertura que aparecesse.

Projéteis de artilharia que explodem produzem filmes emocionantes, mas simples e sólidas balas de canhão eram usualmente empregadas para fragmentar as formações da infantaria. Isso abria uma fenda profunda em qualquer linha de soldados que estivesse à frente e infligia ferimentos terríveis, despedaçando facilmente qualquer parte do corpo atingida e espalhando, como se fossem estilhaços, fragmentos de ossos partidos nas fileiras vizinhas. Com alcance menor, projéteis mais leves podiam ser pulverizados sobre a formação da infantaria. Uma coluna sofria perdas mais pesadas sob canhões do que sob mosquetes, por ser mais profunda e mais compacta. Uma formação em linha era o oposto. O tiro de um canhão atingindo uma linha poderia ferir um ou dois soldados, antes de deslizar e atolar na lama atrás deles.

Apesar dos perigos de se manter rigidamente em formação como um alvo para a artilharia, ainda assim isso era mais seguro do que tentar correr. A cavalaria estava sempre pronta para atacar com sabres e lanças, derrubando qualquer soldado desgarrado a pé que encontrasse. Isso incluía não somente a cavalaria inimiga como também a cavalaria aliada, que geralmente tinha ordens de fazer de exemplos os malandros e desertores.

As melhorias nos mosquetes haviam reduzido o impacto da cavalaria na batalha e empurrado os cavaleiros para as linhas laterais. Atacar um batalhão de infantaria era quase sempre fatal, mas a cavalaria podia facilmente dispersar e massacrar grupos perdidos de escaramuçadores, caçar franco-atiradores, ou massacrar a infantaria que se desgarrasse e fugisse. Quando atacava a artilharia, a cavalaria afugentava os artilheiros e martelava pregos de aço dentro do ouvido dos canhões, deixando-os inutilizados. Para a infantaria, a melhor defesa contra os cavaleiros era formar um quadrado compacto, eriçando as baionetas em todas as direções, mas isso proporcionava um alvo melhor para a artilharia.¹⁰ Como um jogo mortal de pedra-papel-tesoura, nenhuma só formação era a melhor contra todos os inimigos.

O objetivo de uma batalha napoleônica não era simplesmente derrotar os oponentes, por bem ou por mal. Melhor era destruir a disciplina e a coesão do inimigo, regimento por regimento, enfraquecer seus ataques, romper suas linhas com a artilharia, acossar os soldados inimigos no campo com uma carga de infantaria e mantê-los em fuga perseguidos pela

cavalaria. Ao fim do dia, os generais de ambos os lados tinham muitas unidades fora de ação, não medidas puramente em termos de baixas, mas de debandados, exaustos, escondidos e perdidos na fumaça, ou então saqueando os mortos ou evacuando os feridos. Os generais colocavam novas reservas nos setores onde o inimigo se mostrasse vulnerável para o último ataque. Isso nem sempre funcionava. Ao fim do dia em Waterloo, o massacre da última reserva de Napoleão (a Velha Guarda) destruiu qualquer esperança que ele pudesse ter de recuperar a supremacia.¹¹

Longe do campo de batalha

A medicina ainda era baseada na credence popular e na teoria greco-romana, assim os soldados morriam mais de doenças do que nas batalhas. O ajuntamento de milhares de jovens de todo o continente nos acampamentos fazia, frequentemente, com que ficassem expostos às doenças infantis, tais como sarampo e varíola, para as quais não haviam desenvolvido imunidade. Rações estragadas levavam ao escorbuto. Ferimentos levavam à infecção. Latrinas e poços mal projetados transmitiam pela água doenças como a febre tifoide e a disenteria, enquanto que o uso do mesmo uniforme dia após dia permitia o aparecimento de colônias de piolhos e pulgas, que espalhavam o tifo e a peste bubônica. Em ambientes especialmente insalubres, novas doenças desconhecidas podiam enfraquecer um exército. Quando Napoleão tentou restabelecer o controle sobre a ilha rebelada do Haiti, os franceses tiveram de abandonar a invasão após perder metade dos homens devido à febre amarela.

Como um fato positivo, a vacinação estava começando a ser praticada e o campo da saúde pública ganhou um impulso maior durante a era de Napoleão, quando as nações se esforçavam para manter as crianças vivas a fim de reabastecer os exércitos. Provavelmente não foi coincidência que a Prússia estabelecesse em âmbito nacional a vacinação grátis em 1806, logo depois que seu exército foi derrotado por Napoleão na Batalha de Jena.¹²

Os civis raramente ficavam sob o fogo direto. Os exércitos precisavam de espaço aberto para preparar e organizar os soldados de maneira tal que estivessem prontos para entrar em combate, por isso evitavam guerrear nas cidades. Os campos de batalha eram usualmente pequenos o bastante para permitir que as famílias rurais do local saíssem correndo ao

primeiro sinal de problema. Por outro lado, cidades sitiadas eram comumente bombardeadas. A armada britânica matou 1.600 civis durante o bombardeio em Copenhague em 1807.¹³

A extensão das operações militares napoleônicas era restringida pelo apetite dos animais de tração. Se o exército se afastava mais que uns poucos dias de um rio ou porto de mar, os veículos só podiam carregar o feno para alimentar os animais que os puxavam, mais nada. A única maneira de superar isso era por meio de destacamentos de pilhagem para saquear constantemente à frente do exército principal, confiscando a forragem que os camponeses haviam separado para seus próprios animais.

Um número sem precedente de soldados vagava de um lado para outro pela Europa, requisitando os alimentos dos camponeses por onde passavam. Eles matavam a criação para o seu próprio uso, incluindo galinhas, que teriam melhor uso botando ovos, e vacas, que estariam melhor produzindo leite. Os exércitos confiscavam cavalos e bois para transporte. Recrutavam os homens fisicamente capazes e deixavam os velhos, as crianças e os fracos para se proverem por si sós. Isso continuou por anos e anos, sem cessar. Foi constatado que 1 milhão de civis no noroeste da Europa morreram como resultado dessas guerras.

Enquanto os exércitos saqueavam facilmente as ricas fazendas no noroeste da Europa, as terras nos limites irregulares do continente eram acidentadas ou primitivas demais para sustentar os grandes exércitos de que Napoleão precisava para a vitória. Na Espanha e na Rússia, ele viu seus exércitos explorarem os campos sem conseguirem levantar provisões suficientes para aguentar a longa e severa campanha necessária para subjugar os locais.

A campanha russa

A invasão da Rússia por Napoleão foi a campanha mais solitária e chocante das guerras napoleônicas, provavelmente de todo o século XIX. Quando a Rússia se recusou a cortar o comércio com a Grã-Bretanha, Napoleão recrutou por toda a Europa ocupada 611.900 soldados e 25 mil civis de apoio para o Grande Exército. Liderou, pessoalmente, 250 mil em junho de 1812 ao longo do principal eixo de avanço em direção a Moscou, enquanto exércitos menores sob as ordens de seus marechais seguiam como reservas ou cobrindo os flancos.¹⁴ O exército de Napoleão era grande

demais para que os russos até mesmo pensassem em enfrentá-lo, mas, ao recuar, os russos devastaram os campos à frente dos franceses, sem deixar coisa alguma para alimentá-los. As doenças enfraqueceram as fileiras francesas, assim como a necessidade de deixar guarnições para proteger o caminho de volta; com isso, o Grande Exército estava reduzido quase à metade quando os russos, finalmente, enfrentaram Napoleão em Borodino, no mês de setembro. Napoleão expulsou-os do caminho numa batalha confusa que deixou Moscou livre para ser ocupada.

No entanto, logo depois que os franceses entraram em Moscou para esperar o inverno, incêndios se espalharam pela cidade vazia. Sabendo que jamais sobreviveriam ao inverno russo naquelas ruínas, Napoleão começou a sua retirada em outubro, mas a tática de terra arrasada, usada anteriormente pelos russos em retirada, cobrou seu preço pela segunda vez. Enquanto os retirantes franceses cambaleavam para casa com rações reduzidas, a neve chegou mais cedo. Os cavalos eram comidos e os canhões, abandonados. “Nossos lábios ficavam grudados”, escreveu um sobrevivente. “Nossos narizes congelavam. Parecia que marchávamos sobre um mundo de gelo.”¹⁵ Os cossacos seguiam o rastro dos retirantes franceses, matando com imaginação e prazer os extraviados. Em dezembro, apenas uns 70 mil sobreviventes esfarrapados do exército de Napoleão atravessaram o último rio em segurança, deixando meio milhão de mortos, capturados ou desertores para trás.

O Império Francês estava mortalmente ferido, e os lobos acordaram e formaram círculos para a matança. Nações pacificadas anteriormente, como a Áustria e a Prússia, criaram novos exércitos e, tendo aprendido com os franceses, levantaram suas nações com patrióticos apelos apaixonados. Napoleão voltou correndo para a França e recrutou todos os jovens que haviam alcançado a maioridade, desde que ele fora para a Rússia. Deixando o império sem tropas de guarnição, reconvocou os veteranos reformados. Com um exército que no papel estava de volta ao nível pré-Rússia, mergulhou no coração da Alemanha para evitar que os aliados desmantelassem o seu império.

A Batalha de Leipzig, travada por quatro dias em outubro de 1813, é a primeira batalha com registro histórico confiável que teve mais de meio milhão de combatentes, e uma das poucas que Napoleão lutou na defensiva ou numa cidade. O exército de Napoleão, ainda não testado e em número inferior, levou a pior, e seus aliados saxões trocaram de lado no meio da batalha. Napoleão começou a recuar para trás do rio Elba; no entanto, as

pontes foram explodidas antes que ele chegasse ao fim, e dezenas de milhares de franceses ficaram retidos do lado errado do rio.

Embora derrotado, ele ainda era Napoleão, e fez seus inimigos lutarem a cada passo, na volta à França. Os exércitos aliados gradualmente foram avançando pela França e tomaram Paris em março de 1814. Admitindo, finalmente, a derrota e abdicando em abril, Napoleão foi exilado na pequena ilha mediterrânea de Elba, livre para reger sua pequena corte e passar em revista seu pequeno exército. Então, os monarcas da Europa enviaram seus representantes ao Congresso de Viena para criar um novo *status quo* que impedisse o ressurgimento do liberalismo.

Como no final de um filme de terror, quando o vilão é derrotado e largado à morte, apenas para ressurgir molhado, ensanguentado e furioso das profundezas de um abismo ou de uma cachoeira e, de repente, atacar uma última vez, depois que o herói deixou sua espada de lado ou a heroína despiu-se para deitar, foi isso que Napoleão fez. Ele arrebentou a janela e tentou estrangular uma apavorada adolescente de camisola – metaforicamente falando.

Depois de entrar sorrateiramente na França em fevereiro de 1815, Napoleão reagrupou seus aliados e comandou o exército francês na Bélgica, esperando derrotar os exércitos aliados que se aproximavam, um de cada vez, antes que se unissem numa horda imbatível. Venceu os britânicos em Quatre Bras, depois os prussianos em Lygny, e voltou a atacar os ingleses antes que eles pudessem se refazer do primeiro golpe. Em Waterloo, os bretões de Wellington resistiram o dia inteiro à impetuosidade do ataque francês, até que os prussianos chegaram para afugentar os exaustos franceses. A batalha aniquilou definitivamente o exército de Napoleão, e não houve outra escolha senão bater em retirada e chegar a um acordo com os vitoriosos.

O plano original de Napoleão era fugir para a América, mas o controle dos mares pelos ingleses pôs um fim a isso. A maioria dos seus inimigos queria vê-lo morto, mas a Grã-Bretanha nunca fora invadida por Napoleão, e os ingleses provaram ser mais flexíveis nesse ponto do que, digamos, os russos. Napoleão foi levado a bordo de um navio de guerra britânico e escondido em segurança num chalé fortemente guardado num dos lugares habitáveis mais remotos do mundo – a ilha tropical de Santa Helena, no Atlântico. Lá ele permaneceu em prisão domiciliar como um cidadão comum pelos últimos seis anos de sua vida.

Legado mundial

Sem o controle dos mares, Napoleão não podia impor sua vontade fora da Europa, mas para alguém que nunca passara da bacia mediterrânea, ele causou rupturas em escala global. O hemisfério ocidental foi quase totalmente transformado pela carreira de um homem que nunca pôs os pés ali.

A ocupação da Espanha pela França deixou as colônias espanholas na América à deriva. Forçadas a tomarem conta de si mesmas enquanto a Espanha estava em desordem, resistiram quando a monarquia espanhola restaurada tentou reassumir o controle. Foi necessária uma década de sangrentas guerras coloniais, mas finalmente as comunidades latino-americanas estabeleceram sua independência.

Nos Estados Unidos, a política externa rachou ao longo das linhas partidárias, com os jeffersonianos completamente a favor de matar reis e apoiar a França, o antigo aliado da América contra os odiados ingleses, enquanto os federalistas pendiam mais para os tradicionais laços étnicos e econômicos com a Inglaterra e o medo de revolução comum à classe média. O debate se tornou tão violento que o presidente do Congresso Americano foi apunhalado depois que o Congresso aprovou um tratado favorável à Grã-Bretanha.

Enquanto os federalistas estavam no poder, a América lutou contra a França numa guerra naval não declarada, mas, em 1800, a eleição de Thomas Jefferson para a Presidência restaurou a amizade da América com a França e a hostilidade com a Inglaterra. Quando precisou levantar dinheiro, Napoleão vendeu suas terras norte-americanas a Jefferson, dobrando o tamanho dos Estados Unidos e colocando a costa continental do Pacífico ao seu alcance. Dez anos mais tarde, em 1812, enquanto Napoleão caminhava penosamente pela Rússia, a América entrou em guerra com a Inglaterra devido ao bloqueio da Europa napoleônica. A tentativa americana de conquistar o Canadá foi frustrada, mas o assalto britânico contra Baltimore e Nova Orleans também falhou, de modo que a guerra acabou oficialmente em empate. Pelo menos a América ganhou um hino nacional por causa disso.

Até as mais longínquas localidades da África e Ásia foram atingidas pelas guerras na Europa. Depois que a França ocupou os Países Baixos, os ingleses se apoderaram da colônia alemã em Cape Town, a qual, finalmente, se transformou na conturbada nação da África do Sul. Os

ingleses também tomaram dos alemães o estratégico estreito de Málaca, onde logo construiriam a cidade de Cingapura.

Comparadas a outros eventos da minha lista, as guerras napoleônicas sobressaem por duas razões. São das poucas megamortes que terminaram quando o perpetrador foi preso e exilado, e estão entre as poucas que mataram mais soldados do que civis. De fato, se pudéssemos contar apenas as mortes dos soldados e ignorar os civis, as guerras revolucionárias napoleônicas seriam coletivamente contadas como o terceiro conflito mais sangrento da história, atrás das duas grandes guerras mundiais.

^a Hoje se sabe que a resposta mais sem graça era a certa, durante todo o tempo, e que o Delfim desaparecido simplesmente morreu na prisão. Em 2000, um coração preservado que sumira misteriosamente durante a autópsia de um jovem prisioneiro, em 1795, e circulara pelos meios monarquistas durante dois séculos, provou ter o mesmo DNA mitocondrial de uma mecha preservada do cabelo da rainha. Isso deveria ter sido uma prova definitiva, mas lacunas na cadeia de evidência deixaram espaço suficiente para suspeitas de que o coração pode ter residido dentro de outro membro da família real (Jan Bondeson, *The Great Pretenders: The True Stories behind Famous Historical Mysteries* [Nova York: W. W. Norton, 2004]; Nadya Labi, “Requiem for a Dauphin. DNA Analysis Reveals That the Young Heir to the French Throne Left to Die in Prison Was No Impostor”, *Time*, 1^o de maio de 2000).

CONQUISTADORES DO MUNDO

Não podemos simplesmente dar o cobiçado título de “Conquistador do Mundo” para qualquer um que se apresente e provoque confusão. Precisamos de critérios. Obviamente, ninguém conseguiu conquistar o mundo inteiro, mas alguns poucos tentaram. Aqui estão os homens e mulheres – tá legal, homens – que se deram ao trabalho de atacar todos os países ao seu alcance e que venceram a maioria deles. Estes são os conquistadores mais implacáveis da história:

Hitler: 42 milhões de mortos na Europa

Gêngis Khan: 40 milhões de mortos na Ásia

Tamerlão: 17 milhões de mortos na Ásia

Napoleão: 4 milhões de mortos na Europa

Frederico, o Grande: 2 milhões de mortos em duas guerras pela Silésia e pela hegemonia na Europa

Luís XIV: 1,5 milhão de mortos em suas guerras¹

Shaka Zulu: 1,5 milhão de mortos no sul da África

Caio Júlio César: alegava ter matado 1.192 mil inimigos estrangeiros em combate²

Alexandre, o Grande: 450 mil mortos no Oriente Médio

Talvez valha a pena mencionar alguns dos conquistadores mundiais menos bem-sucedidos da história. Estes líderes militares atacaram todos os seus vizinhos e foram severamente derrotados todas as vezes:

Saddam Hussein: cerca de 740 mil mortos em suas guerras, sem incluir os 300 mil iraquianos que matou por tirania interna.

Primeiro ele invadiu o Irã, esperando aproveitar a revolução iraniana para conquistar algumas províncias ricas em petróleo. Depois de um começo promissor, a maré mudou e Saddam foi forçado a defender as suas próprias províncias petrolíferas (700 mil foram mortos nessa guerra). Então ele invadiu o Kuwait, mas foi expulso por uma coalizão internacional (25 mil foram mortos nessa guerra). Finalmente, os Estados Unidos se intrometeram e o eliminaram para sempre (13 mil foram mortos na invasão em si).

Solano Lopez: 480 mil mortos na Guerra da Tríplice Aliança, na qual o Paraguai lutou contra todos os seus vizinhos.

A REVOLTA DOS ESCRAVOS HAITIANOS

Número de mortos: 400 mil (350 mil haitianos, 50 mil soldados europeus)¹

Posição na lista: 81

Tipo: revolta de escravos

Linha divisória ampla: escravos *versus* senhores

Época: 1791–1803

Localização: São Domingos (agora Haiti)

Estados participantes: França, Grã-Bretanha, Espanha

Quem geralmente leva a maior culpa: um número surpreendente de pessoas culpa os escravos

Fatores econômicos: escravos, açúcar

Duas classes claramente definidas habitavam a colônia francesa de São Domingos no mar caribenho – uma pequena minoria branca de cidadãos que desfrutava de todos os direitos civis, e uma enorme maioria de escravos que não desfrutava de direito algum. Uma vaga terceira classe de mulatos livres, tão numerosos quanto os brancos, ocupava uma posição mais complicada. Eles podiam ter propriedades e formar famílias, mas não tinham voz na lei ou na política.

Todas as revoluções liberais depois do Iluminismo tiveram de encarar a contradição da escravidão ser legal em um país livre. Algumas a aboliram; outras chegaram a um meio-termo; os franceses iam e vinham, dependendo de quem estivesse no comando no momento. Depois da Revolução Francesa, Paris decidiu introduzir um pouco mais de democracia no Haiti, concedendo o direito pleno de voto para qualquer homem livre em São Domingos que tivesse uma propriedade, mesmo sendo birracial. Naturalmente, os brancos na colônia não queriam aceitar uma lei que cortava o seu poder político pela metade, de modo que os protestos provocaram distúrbios, e lutas esporádicas irromperam em 1790.

Então, inesperadamente, em agosto de 1791, os escravos ao norte da ilha se revoltaram, massacrando com ferramentas agrícolas 2 mil dos seus senhores brancos e queimando mais de 1.200 cafezais e duzentas plantações de açúcar. Os sobreviventes brancos retaliaram, matando 10 mil escravos. Logo todo mundo estava matando todo mundo.²

Nesse ínterim, Paris rescindiu a lei original de privilégios. Os mulatos

livres, sob o comando de Jean-Jacques Dessalines, juntaram-se aos escravos e forçaram os brancos a se refugiarem em três enclaves defensivos. Os rebeldes geralmente matavam qualquer branco que não escapasse a tempo, independentemente de idade ou sexo.

Em 1793, comissários chegaram da França para ajeitar as coisas. Eram radicais, mais inclinados para o lado dos escravos do que dos seus senhores, e começaram a atender a lista de reivindicações dos mulatos. Nesse meio-tempo, a população branca começou a recuar para outras ilhas menos explosivas e para os Estados Unidos.³

O caos deixou São Domingos vulnerável às outras potências coloniais e, assim, tropas espanholas e britânicas chegaram em setembro de 1793 para repartir a colônia francesa. Com os navios ingleses no controle dos mares, a França não podia enviar tropas para impedir aquilo, mas, como retaliação, o governo francês declarou livres todos os escravos, na esperança de que lutariam por eles contra a Inglaterra e a Espanha. Isso, realmente, funcionou. Com as forças espanholas, viera um exército de antigos escravos franceses sob o comando de Toussaint Louverture. Quando os governantes franceses, em 1794, aboliram completamente a escravatura nas colônias, Toussaint se juntou a eles. Isso fez com que a ilha se tornasse francesa outra vez.⁴

Um curto intervalo nas hostilidades globais entre a França e a Inglaterra deu a Napoleão a chance de embarcar um exército para derrotar os rebeldes haitianos, que já eram outra vez escravos. (Napoleão restaurara a escravidão.) Ele enviou seu cunhado, Charles Leclerc, com 20 mil homens para retomar a ilha em fevereiro de 1802. Depois de algumas poucas derrotas, Dessalines e vários chefes menores reconheceram a autoridade francesa, mas Toussaint continuou a lutar obstinadamente. Por fim, Leclerc desistiu e reconheceu a autoridade de Toussaint como governador legal do Haiti. Em junho de 1802, Leclerc convidou Toussaint para um jantar comemorativo, onde ele foi parabenizado, emboscado, preso e embarcado de volta para a França sob grilhões. Os franceses esconderam Toussaint em uma masmorra nas montanhas Jura da França, onde ele morreu de frio e esquecido em menos de um ano.⁵

Lá no Haiti, as doenças fizeram o que os rebeldes não haviam conseguido. Finalmente, metade da força de invasão francesa – incluindo Leclerc – morreu de febre amarela. Embora Napoleão continuasse a enviar reforços, aqueles que sobreviviam às febres tropicais não estavam em condições de disputar o controle da colônia. Quando os haitianos

perceberam a crescente fraqueza dos franceses remanescentes, a rebelião se intensificou. Dessalines retomou sua luta contra os franceses.

Quando a guerra entre a França e a Inglaterra recomeçou em maio de 1803 e interrompeu a navegação francesa, Napoleão finalmente cedeu. Abandonando suas ambições, as tropas francesas e 1.800 civis refugiados deixaram a ilha durante uma trégua, em novembro de 1803, tendo sido acordado que oitocentos doentes e feridos, fracos demais para viajar, podiam ser deixados para trás e enviados para a França depois que se recuperassem. Em vez disso, poucos dias mais tarde, os haitianos lotaram botes com os doentes hospitalizados, avançaram mar adentro e os atiraram borda afora.⁶

O principal legado da revolta dos escravos haitianos, além de estabelecer a segunda nação independente da América, foi apavorar os proprietários de escravos por todo o hemisfério ocidental a ponto de se recusarem até mesmo a pensar em libertar seus escravos. Vejam o que aconteceu em São Domingos, diziam eles. Querem que isso aconteça aqui? Nos Estados Unidos, logo após a Revolução Americana, havia sociedades abolicionistas tanto nos estados livres quanto nos escravagistas; depois do Haiti, porém, nenhum sulista genuíno permitia a mais simples discussão sobre isso, o que aguçou a divisão regional.

A GUERRA DA INDEPENDÊNCIA MEXICANA

Número de mortes: 400 mil¹

Posição na lista: 81

Tipo: rebelião colonial

Linha divisória ampla: Espanha *versus* Nova Espanha

Época: 1810-21 (México)

Localização: Nova Espanha (México)

Quem geralmente leva a maior culpa: a Espanha

O grito de Dolores

Hierarquias adequadas eram importantes para os colonos espanhóis. Sua sociedade era rigidamente organizada para que os *peninsulares* (nascidos na Espanha) ficassem no topo, acima dos *criollos* (*creoles* nascidos no México, mas de linhagem espanhola genuína), seguidos pelos *mestizos* (mistura de ascendência índio-espanhola), com os indígenas puros no grau mais baixo. Depois que Napoleão conquistou a Espanha em 1808 e aprisionou seu rei da família Bourbon, os colonos da América Espanhola não sabiam a quem obedecer – ao novo rei da Espanha (irmão de Napoleão) ou à legislação nacional apóstata que os rebeldes espanhóis haviam estabelecido. Com tanta confusão sobre quem estava no comando, os representantes do poder *creole* começaram a pensar se não era o momento de declarar independência dos arrogantes *peninsulares*.

Em setembro de 1810, as autoridades no México começaram a adotar medidas severas contra uma lista de revolucionários conspiradores; então, Miguel Hidalgo, um padre da Igreja Católica, pároco da cidade de Dolores e o próximo da lista, resolveu pôr mãos à obra. Temendo que a atitude anticlerical da Revolução Francesa se espalhasse pelo México, o padre Hidalgo inflamou os pobres, transformando-os em uma turba enfurecida que exigia igualdade racial, reforma agrária e o rompimento dos laços entre o México e a decadente Europa. Em nome de Nossa Senhora de Guadalupe, a turba começou a marchar em direção à Cidade do México e logo se transformou em um exército de 25 mil homens e mulheres, a maioria índios pobres armados com porretes, arcos, lanças e machetes. Menos de mil estavam equipados como verdadeiros soldados.

Ambos os lados recorreram a golpes baixos. O comandante monarquista encarregado de esmagar a revolta, general Felix Calleja, queimou cidades, atirou em reféns e executou os prisioneiros que fazia. Por outro lado, quando os rebeldes de Hidalgo tomaram a rica cidade de Guanajuato, massacraram toda a liderança civil, o que fez a classe média *creole* reconsiderar o apoio ao movimento da independência.

Mesmo assim, o exército rebelde logo aumentou para 80 mil e Hidalgo forçou a linha inimiga a recuar para Monte de las Cruces; no entanto, 2 mil rebeldes morreram nessa batalha e os monarquistas retiraram-se em ordem. Como a ofensiva não progrediu, a força rebelde se desgastou. Quarenta mil rebeldes desertaram antes do confronto seguinte, uma batalha que reduziu a força de Hidalgo para 7 mil homens com apenas seiscentos mosquetes. Finalmente, em janeiro de 1811, os monarquistas derrotaram definitivamente os rebeldes numa batalha perto de Guadalajara. Tentando escapar para os Estados Unidos, Hidalgo foi preso e arrastado de volta para enfrentar a Igreja Católica (que o excomungou) e o governo (que o fuzilou). Sua cabeça ficou espetada num poste em Guanajuato, até o México conseguir sua independência, uma década mais tarde.

Iturbide

A segunda fase da guerra foi mais dispersa e confusa. A liderança dos rebeldes passou para outro padre paroquial, José María Morelos y Pavón. A realidade destruíra a esperança de que uma revolta espontânea pudesse tirar do poder os opressores, e assim Morelos evitou o confronto. As forças monarquistas, na sua maioria *creoles* mexicanos, somavam 80 mil homens, e sua estratégia se concentrava em reduzir os focos de resistência, um a um. Em janeiro de 1812, o general Calleja destruiu a cidade de Zitacuaro, no centro de uma área rebelde particularmente incômoda, e devastou as aldeias indígenas em volta.

O general *creole* Agustin de Iturbide capturou Morelos em novembro de 1815, e o líder rebelde foi excomungado e executado antes do fim do ano. Com a principal força rebelde subjugada e seu líder morto, a guerra se desdobrou em cinco anos de luta de guerrilha que decresceu gradualmente.

De volta à Espanha, os Bonaparte haviam saído e os Bourbon voltado, mas o Parlamento forçara o rei Ferdinando IV a aceitar uma Constituição

liberal. Isso indispsôs e preocupou os conservadores que governavam o México, e um a um os generais encarregados de esmagar a revolução começaram a trocar de lado. O general monarquista Rafael de Riego declarou-se a favor da república em janeiro de 1820.

Em fevereiro de 1821, o general Iturbide anunciou que não seguiria mais as ordens do vice-rei espanhol. Após negociar com os líderes da revolução, Iturbide juntou-se a eles e marchou contra o exército do vice-rei, derrotando-o em uma série de batalhas. O novo governo independente montado por Iturbide deixou muito do *status quo* intacto, exceto ao determinar que os *creoles* e *peninsulares* eram legalmente iguais.

Os ideais republicanos da prematura revolução não duraram muito tempo. Em poucos anos, Iturbide se declarou imperador. Isso também não durou muito, e ele foi deposto em 1823. Depois disso, a história política do México começou a quicar erraticamente.²

SHAKA

Número de mortos: 1,5 milhão morreram por causa do seu governo

Posição na lista: 40

Tipo: conquistador

Linha divisória ampla: zulus *versus* todos os outros

Época: entre 1816 e 1828

Localização: África do Sul

Quem geralmente leva a maior culpa: Shaka

Bastardo completo

Quando o chefe Sensangakhona, dos zulus, ouviu dizer que engravidara uma moça chamada Nandi, tentou tratar o assunto com indiferença, alegando ser apenas uma infecção intestinal que modificara o fluxo menstrual dela. Quando a gravidez se desenvolveu e produziu um bebê ilegítimo em 1787, o novo filho do chefe foi sarcasticamente chamado de Beetle, ou Shaka. Como Nandi era parenta muito próxima do chefe para poder ser sua esposa efetiva, ela foi envergonhadamente afastada para o fundo do harém como uma esposa inferior. Finalmente, Nandi foi mandada de volta para a aldeia de sua família, onde Shaka passou o resto de sua infância como um órfão, escarnecido, ameaçado e provocado pelas outras crianças.¹

Anos mais tarde, quando Shaka assumiu o poder, seu exército surpreendeu a velha aldeia com uma furtiva incursão noturna. Depois de reunir os habitantes, Shaka matou todos os que haviam escarnecido dele na infância, empalando-os pelo reto nos mourões pontudos das cercas dos currais, e, depois, acendendo fogo embaixo deles. Para os aldeões que apenas haviam ficado assistindo enquanto os outros o provocavam, Shaka mostrou alguma misericórdia: seus crânios foram rachados com uma clava em busca de morte rápida. Só um único homem, que podia comprovar um ato anterior de bondade para com Nandi, foi poupado.²

Impis e azagaias

No começo do século XIX, as várias tribos do povo Nguni foram consolidadas em duas grandes confederações: os Ndwandwe (liderados

por Zwide) e os Mthethwa (liderados por Dingiswayo). Não se apegue demais a qualquer das duas, pois irão desaparecer no fim deste capítulo.

Os zulus começaram como uma tribo secundária de Nguni, sob o comando de Dingiswayo. Quando Shaka chegou à adolescência e o grupo da sua idade foi chamado para o serviço militar, Dingiswayo reparou na coragem e audácia do rapaz e o preparou para ser chefe. Contavam-se histórias sobre a calma de Shaka diante do ataque de um leopardo, que ele matara, e diante de um guerreiro gigantesco, que ele também abatera cara a cara. Quando, em 1816, o pai de Shaka morreu, Dingiswayo providenciou para que Shaka, em vez dos seus meios-irmãos legítimos, assumisse o controle dos zulus.

As batalhas tribais naqueles dias eram rituais de desafio, travadas de longe com lanças leves (azagaias). Havia muita zombaria e pose entre os homens em luta e entre as mulheres nas linhas laterais, mas poucas mortes. Eram ocasiões alegres e festivas com danças, cantos e gritos.

Shaka, no entanto, levava a questão da guerra mais a sério. Ele treinava seus guerreiros a matar friamente em combate próximo. Aumentou o tamanho dos escudos ovais de couro de boi dos homens e os armou com pesadas lanças de ferro pontudas que ele próprio desenhara, chamadas de *ixlwa*, supostamente devido ao som que faziam, ao serem fincadas dentro do intestino do inimigo e depois puxadas para fora.

Os zulus aprenderam a correr e lutar até o limite da velocidade e resistência humanas. Os soldados de Shaka abandonaram suas sandálias frouxas e moles, lutando descalços. As solas dos seus pés eram curtidas pelas longas corridas sobre espinhos e chão duro, e qualquer um que hesitasse durante aqueles exercícios podia ser morto na hora.³

Shaka dispunha seus *impis* (regimentos) como uma falange densa, e não uma longa fila de confronto. Cada *impi* era tomado por um grande orgulho, e Shaka os encorajava a manter uma feroz rivalidade entre si. Com frequência tinham de entrar em combate separadamente, porque lutavam uns contra os outros se ficassem muito perto. Os homens que haviam “lavado suas lanças” – derramando sangue em batalha – podiam usar um distintivo e um prestigioso aro na cabeça.

Seus regimentos atacavam na formação do “búfalo”: uma sólida cabeça que colidia diretamente contra a linha de frente do inimigo, um corpo que reforçava a primeira onda e dois chifres curvos formados por velozes corredores que atacavam pelos flancos e por trás dos inimigos para evitar que escapassem. Era projetado para aniquilar quem quer que ficasse no

caminho.⁴ Na primeira batalha em que essa formação foi usada, os chifres zulus cercaram os guerreiros inimigos e suas mulheres incentivadoras, e todos foram assassinados sem misericórdia.

Não havia quem resistisse aos zulus, depois que eles desencadearam essas novas táticas contra seus vizinhos. Shaka lutava para exterminar e fazer poucos prisioneiros. Somente uma rendição imediata, incondicional e abjeta podia evitar que a tribo atacada fosse alvo de uma destruição impiedosa. As tribos inimigas eram exterminadas até o último homem, só que os rapazes eram frequentemente incorporados ao exército zulu, e as raparigas, aos haréns.⁵ Durante sua carreira, Shaka conquistou mais de trezentos clãs, sendo a lista completa tão impressionante quanto tediosa.⁶ Como os zulus geralmente absorviam os clãs derrotados, é improvável que você ouça seus nomes em qualquer lugar que não seja uma biografia de Shaka. Até os clãs que mantêm hoje uma identidade própria estão ainda encobertos pela sombra dos zulus.

Por volta de 1817, Dingiswayo foi morto numa batalha contra Zwide, da Confederação Ndwandwe. Shaka acabou vingando a morte de seu mentor, e subjuguou o exército da Ndwandwe na Batalha do rio Mhlatuze, em 1820. Zwide escapou com um punhado de seus homens, mas Shaka achou e assassinou as mulheres e as crianças dos confederados. Como uma vingança especial, prendeu a mãe de Zwide, uma poderosa feiticeira, numa cabana cheia de hienas famintas.

Sobre a genitália dos tiranos

Pode acreditar: eu não quero discutir o pênis de Shaka mais do que você quer ler sobre isto, mas o assunto aparece inevitavelmente nas biografias dele – principalmente naquelas escritas por estudiosos da linha freudiana. Durante a infância de Shaka, as outras crianças da aldeia implicavam sem piedade com o pequeno pênis dele (“feito uma minhoca”); mais tarde, porém, ele frequentemente andava nu de um lado para outro, a fim de mostrar a todos que seu pênis crescera normalmente, muito obrigado. No entanto, a infância atormentada provavelmente afetou a sua psique. Um traço constante na tirania de Shaka é a fanática atenção para a vida sexual dos seus súditos.⁷

Shaka organizava as mulheres zulus em regimentos que não lutavam, paralelos aos regimentos dos homens. Ele proibia seus soldados de casarem antes dos 40 anos, mas, chegado o tempo, designava para eles

esposas do regimento feminino correspondente.

Sexo fora do casamento era absolutamente proibido. Qualquer mulher solteira que engravidasse de um dos seus guerreiros era morta, assim como seu amante. Na verdade, Shaka matava suas próprias mulheres se elas engravidassem, mas ninguém sabe a razão. Entre as possibilidades que foram sugeridas estão (a) ele temia o nascimento de um filho que poderia se tornar um rival (desculpa do próprio Shaka), ou (b) ele era impotente, e assim suas esposas só engravidariam por infidelidade, ou (c) mesma coisa, mas ele era gay, e não impotente. No entanto, as práticas sexuais dos zulus eram suficientemente discrepantes das práticas ocidentais para tornar sem sentido palavras como *gay* e *impotente*. É provável que Shaka fizesse exclusivamente *uku-hlobonga* (não há tradução fácil para isso) com suas mulheres, o que significava que nenhuma podia engravidar sem trapaça.⁸

Quando sua mãe, Nandi, morreu, Shaka impôs leis rígidas de luto, enquanto chafurdava na dor. Nenhuma plantação podia ser colhida, nenhuma vaca podia ser ordenhada e, obviamente, ninguém podia fazer sexo. Se uma mulher engravidava durante o período do luto, tanto ela quanto o pai da criança eram mortos, mesmo se fossem casados.⁹ Nove mil zulus acabaram mortos por não demonstrarem tristeza suficiente.

A cada novo episódio de loucura sanguinária, Shaka perdia apoio, até que finalmente foi assassinado por seus meios-irmãos, enquanto estava dentro da paliçada da sua aldeia. Enquanto ele estava sendo abatido, todos os cortesãos, criados, vizinhos e aldeãos fugiram da aldeia, aterrorizados, temendo serem acusados por aquilo. O corpo de Shaka ficou abandonado na aldeia vazia durante a noite; a única proteção contra as hienas que rondavam por ali era uma das esposas favoritas da sua adolescência, que ficara para trás. Na manhã seguinte, ele foi enterrado às pressas numa cerimônia mínima. Seus ossos estão provavelmente sob uma rua qualquer da cidade de Stanger, na África do Sul.

Mfecane

Shaka iniciou um maciço levante chamado Mfecane, o “Esmagamento”. Quando as tribos mais fracas ao sul da África fugiram para escapar da fúria de Shaka, provocaram ondas de instabilidade que perturbaram o *status quo* incompleto do continente. As primeiras ondas eram muitas vezes de zulus piratas que procuravam construir seus próprios reinos

derrotando povos desacostumados às novas táticas zulus. Então, aquelas tribos derrotadas afluíam para o círculo mais próximo de vizinhos, até que, finalmente, todos estavam em movimento. Nações se acotovelavam até a geração seguinte, e comunidades descendentes de fugitivos sul-africanos estão agora espalhadas pelo Quênia, Malaia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue.¹⁰

Entre os movimentos importantes:

- Os suazis seguiram para as acidentadas montanhas que formam agora a Suazilândia, um pequeno reino independente cercado por todos os lados pela África do Sul.
- Um dos generais de Shaka, Mzilikazi, teve uma briga com o chefe e fugiu com seu clã, os khumalos, percorrendo oitocentos quilômetros e fundando o estado de Ndebele (Matabele), no Zimbábue.
- Soshangane, um dos líderes fugitivos na derrota da Confederação de Ndwandwe, formou o estado de Gaza, em Moçambique, e derrotou vários povoados portugueses. Os portugueses tiveram de fugir para seus navios, enquanto viam suas cidades serem incendiadas.
- Outro bando de fugitivos Ndwandwe, liderados por Zwangendaba, migrou por milhares de quilômetros nos vinte anos seguintes, antes de se estabelecer na Tanzânia.

Cobbing

Toda a carreira de Shaka se passou além do horizonte do mundo literário, então só temos informações de segunda mão sobre a sua vida. Visitantes europeus à corte de Shaka retornaram com horríveis histórias sobre um louco rei selvagem que disseminava morte e destruição aonde fosse. As tribos locais transmitiram lendas, rumores e histórias orais que somente foram passadas para o papel muito depois dos fatos. Isso deixa bastante espaço para se reescrever a história da maneira que se quiser.

Os africanos brancos vêm há muito afirmando que o Mfecane deixou o interior da África do Sul vazio de nativos, coberto de ossos e convenientemente livre para ser ocupado quando seus antepassados bôeres chegaram, algumas décadas mais tarde. Os africanos negros juram que o Mfecane nunca foi tão destruidor assim, e que foi a invasão dos

comerciantes brancos de escravos que causou tudo aquilo. A teoria de que os horrores do Mfecane são, na sua maioria, propaganda branca (chamada de hipótese Cobbing, depois que o historiador publicou isso em 1988) ganhou crédito, mas é ainda um ponto de vista minoritário. O debate está longe de ser decidido, mais frequentemente orientado por ventos políticos do que por provas sólidas.¹¹

Em 1838, Henry Francis Fynn, um dos visitantes brancos de Shaka, cujo diário é a principal fonte do que está escrito sobre ele, apresentou a primeira contagem de corpos: 1 milhão de mortos sob as mãos de Shaka.¹² Um ano depois da publicação de Fynn, a inteligência militar de Cape Town passou esse número a Londres.¹³ Em 1900, o historiador George McCall Theal inflou a contagem de corpos para 2 milhões e, desde então, a maioria dos historiadores modernos ou repete esses números sem questionamento¹⁴ ou evita falar em números.

Embora não haja provas cabais desse número de mortos de 1 milhão ou mais, o fato de tantos historiadores aceitarem isso é persuasivo por si mesmo. Se estavam verdadeiramente insatisfeitos com essa estimativa, tiveram dois séculos para corrigi-la. Não corrigiram.

A CONQUISTA DA ARGÉLIA PELA FRANÇA

Número de mortos: 775 mil¹

Posição na lista: 57

Tipo: conquista colonial

Linha divisória ampla: franceses *versus* nativos

Época: 1830-47

Localização: Argélia

Quem geralmente leva a maior culpa: a França

A França já mantinha uma rixa com a Argélia devido à pirataria dos berberes (ver “Tráfico de escravos no Oriente Médio”). Então, em 1827, enquanto negociava o pagamento de uma dívida que a França tinha com certos mercadores do norte da África desde as guerras napoleônicas, Hussein, o governador da Argélia, bateu impacientemente no cônsul francês com seu abano de moscas. Em Paris, o rei Carlos X da França ficou bastante aborrecido e decidiu que vingar esse insulto à dignidade francesa daria um impulso à sua popularidade. Assim, ele enviou navios de guerra franceses para bloquear a Argélia. Quando os argelinos atiraram contra um navio francês, a França retaliou ocupando todas as cidades da costa da Argélia. Críticos dentro e fora da França denunciaram a conquista como uma simples aventura agressiva.

Nem mesmo a conquista da Argélia tornou o rei Carlos popular, e em 1830 ele foi derrubado pelo povo francês, que colocou um rei mais liberal no trono. O novo rei, Luís Filipe, desejava sair do norte da África, mas seu reinado ainda estava instável demais para que ele se arriscasse a afastar os imperialistas franceses abandonando a guerra; assim, ele continuou relutantemente a ampliar a luta contra a oposição nativa árabe.

Em 1831, enfrentando uma carência de cidadãos dispostos a combater na guerra, a França criou um exército especial, a Legião Estrangeira francesa, para enfrentar os beduínos no deserto. A legião era formada pelos patifes e bandidos mais duros e cruéis recrutados pelo mundo inteiro, atraídos com promessas de imunidade, cidadania, pagamento regular e aventura.

Durante anos, os franceses não conseguiram decidir se queriam manter a Argélia e, por isso, não se expandiram além das poucas cidades costeiras que ocupavam. Afinal, em 1834, reconheceram oficialmente a Argélia como

sua colônia e começaram a organizar uma administração. Nessa época, os anciões tribais haviam escolhido Abd el-Kader, o filho de 25 anos de um proeminente homem santo, para governar a região do interior da Argélia ainda não conquistada a partir de uma nova capital, em Tlemcen. Quando a resistência se solidificou, os argelinos apossaram as forças francesas com emboscadas e ataques repentinos. Os franceses, desacostumados com esse tipo de guerra, eram alvos fáceis.

A cidade interiorana de Constantina resistiu vários anos aos ataques franceses. Empoleirada num platô rochoso, Constantina era difícil de ser alcançada, e a primeira ofensiva francesa, em 1836, foi facilmente rechaçada. Os árabes perseguiram os franceses em retirada com franco-atiradores e ataques noturnos, reduzindo o número deles a uma esgotada e miserável fração do tamanho original. Em 1837, a França fez nova tentativa e tomou Constantina depois de bombardeio, luta de casa em casa e massacres furiosos, que deixaram 20 mil civis árabes mortos nas ruas.²

Em maio de 1841, o número de soldados franceses de prontidão na Argélia alcançou 60 mil, mas os equipamentos e táticas que haviam sido desenvolvidos para arrasar os grandes exércitos nos campos da Europa não faziam progresso contra as escaramuças móveis usadas pelos árabes e os berberes. O novo comandante francês nomeado em 1841, marechal Thomas Robert Bugeaud, refez toda a operação, tornando mais leve as mochilas que os soldados franceses carregavam, e fazendo com que a bagagem fosse carregada por mulas, em vez de carroças. Bugeaud abandonou a artilharia pesada, que dificultava a marcha do exército. Também deixou para trás as tropas auxiliares de nativos, porque sua presença tornava difícil diferenciar amigos de adversários, fazendo com que muitas unidades francesas não atirassem em nativos não identificados com medo de matar seus próprios soldados. Bugeaud redesenhou a formação de marcha, colocando tropas de combate cobrindo todo o perímetro, prontas a rechaçar a qualquer momento uma emboscada nativa. Suas colunas volantes ficaram aptas a caçar Abd el-Kader com a mesma rapidez com que ele recuava, sem lhe dar descanso.³

Bugeaud incitava seus subordinados a lidar impiedosamente com tribos hostis. Em junho de 1845, uma tribo rebelde se refugiou com suas famílias numa caverna em Dahra, no noroeste, recusando-se a capitular. O coronel francês Aimable Pelissier ordenou que acendessem na entrada da caverna uma fogueira, que consumiu todo o oxigênio lá dentro, substituindo-o por monóxido de carbono. Os soldados que ele mandou entrarem para

investigar depois “voltaram, segundo nos contaram, pálidos, trêmulos, horrorizados, mal ousando, ao que parecia, enfrentar a luz do dia... Haviam encontrado todos os árabes mortos – homens, mulheres, crianças, todos mortos!”.⁴ No mínimo quinhentas pessoas foram sufocadas naquele dia. O relatório oficial de Pelissier a Paris, orgulhosa e melodramaticamente, descrevia o incidente como um ótimo exemplo de tática inteligente, e ele ficou chocado quando a opinião pública francesa se levantou em protesto contra tal brutalidade. Mas, ainda assim, sua carreira continuou a avançar.

Seu colega, o coronel Armand-Jaques Saint-Arnaud, aprendeu a lição: quando lacrou outros quinhentos nativos que se refugiaram em outra caverna em August, manteve segredo. Ele mentiu para seus homens e superiores, dizendo que aquelas cavernas se encontravam vazias e estavam sendo explodidas somente por precaução. A carreira de Saint-Arnaud também continuou a avançar: ele chegou a ministro da Guerra e comandante do exército francês na guerra da Crimeia.⁵

Foram necessárias várias tentativas até a luta na Argélia chegar ao fim. Em 1836, Abd el-Kader considerou-se derrotado, concordando assim com um tratado de paz que dividia a Argélia em áreas sob governo francês direto e indireto. Em 1839, porém, os franceses invadiram a região de governo indireto e a guerra recomeçou. Eles perseguiram Abd el-Kader até o Marrocos em 1843. Embora mantivesse ataques na fronteira a partir de sua base em Marrocos, Abd el-Kader finalmente se rendeu em dezembro de 1847. Os franceses permitiram que ele se retirasse pacificamente para o Líbano.

A REBELIÃO TAIPING

Número de mortos: 20 milhões¹

Posição na lista: 6

Tipo: revolta messiânica

Linha divisória ampla: rebeldes taiping versus dinastia chinesa Manchu

Época: 1850-64

Localização e principal Estado participante: China

Principais não Estados participantes: Adoradores de Deus, Taiping Tianguo, o Exército Sempre Vitorioso

Quem geralmente leva a maior culpa: Hong Xiuquan, a dinastia decadente Manchu

Outra praga: a revolta campesina chinesa

A pergunta importante que nunca se faz: E se Hong Xiuquan realmente fosse o filho de Deus?

A resumida versão comum da rebelião Taiping parece ficção científica: viajantes espaciais humanos pousam num mundo primitivo, perturbando uma sociedade pacífica com suas armas avançadas, estranhas noções científicas e tecnologias mágicas. Os humanos violam a Diretiva Primária falando indiscretamente de muitas coisas estranhas, inclusive seu Deus Todo-poderoso que enviou o filho para salvar a humanidade, e que um dia retornará. No meio desses boatos confusos, um nativo cai com febre e tem visões delirantes de que ele próprio é esse novo filho de Deus aguardado por todos. Ele confia isso a seus amigos. Convoca seguidores e lança uma cruzada que convulsiona o planeta no mais destrutivo frenesi da sua longa história. A fim de restabelecer a ordem, os humanos precisam usar sua tecnologia superior para esmagar esse levante e devolver o mundo ao *status quo* anterior.

Prelúdio: a Guerra do Ópio

Durante grande parte da história registrada, um observador imparcial teria considerado a China a civilização tecnologicamente mais avançada no mundo. Os chineses eram autossuficientes, autocontidos e autossatisfeitos. Para restringir a contaminação alienígena ao mínimo, o governo Manchu da dinastia Qing confinava os ocidentais em poucos portos. Os mercadores europeus tinham de pagar no ato e em prata, se quisessem qualquer

mercadoria chinesa – principalmente chá, sedas e porcelanas. Os chineses certamente não queriam nenhuma das mercadorias de qualidade inferior dos navegantes bárbaros de Portugal, Holanda ou Inglaterra. Em longo prazo, a China estava drenando moeda demais para fora da Europa, e o Ocidente precisava arranjar algo para vender aos chineses, a fim de recuperar seu dinheiro.

Ópio era a solução perfeita. A Inglaterra era abastecida regularmente pela Índia, e a demanda chinesa por narcóticos estava crescendo, à medida que o ataque violento das ideias e tecnologias estrangeiras minava sua estrutura social. Infelizmente para o Ocidente, o governo chinês baniu completa e totalmente o ópio – a não ser quando ligado a uma propina conveniente. Isso não foi, a princípio, um grande problema. As propinas eram normalmente menores do que as taxas alfandegárias que os europeus teriam de pagar no comércio legal, mas, então, quase por acidente, a corte chinesa nomeou um comissário honesto para erradicar o vício do ópio. Diferentemente de seus predecessores, Lin Zexu usava sua autoridade para combater o ópio, em vez de extorquir os mercadores. Quando ele confinou a comunidade estrangeira e destruiu 10 mil arcas de ópio, os ingleses e franceses declararam guerra.

Embora a China houvesse passado grande parte da história como a mais avançada civilização da Terra, os europeus haviam ultrapassado os chineses, desde muito, no aspecto mais importante – a tecnologia militar. Na Primeira Guerra do Ópio, as forças anglo-francesas afundaram a frota chinesa e destruíram seu exército quase sem sofrer um só arranhão. Com o tratado de paz de 1842, os chineses legalizaram o comércio do ópio e estabeleceram relações diplomáticas com os europeus em um nível de igualdade; prometeram parar de chamar os europeus de bárbaros e permitiram que eles abrissem postos de comércio (“feitorias”) em portos designados ao longo da costa e de rios navegáveis. Junto com os mercadores seguiram os missionários cristãos, que se espalharam pelo interior.

O ópio das massas

Os ataques à sua sociedade estavam levando muitos chineses a reconsiderar antigas verdades espirituais, e o cristianismo começou a fazer avanços importantes. Isso não era completamente novo. Os cristãos vinham fuçando na China havia séculos. A variante nestoriana da religião chegara

com as caravanas persas muito tempo antes. Os missionários jesuítas haviam chegado com os navegadores portugueses a partir de 1500. Ambas as tendências haviam tido sucesso limitado, mas, até a Guerra do Ópio, a cristandade nunca passara de um interessante culto estranho a que alguns excêntricos às vezes se convertiam.

Hong Xiuquan viria a ser um desses excêntricos. Ele morava no extremo sul, no interior de Hong Kong e Cantão (Guangzhou), onde se virava como mestre-escola. Uma noite, em 1837, enquanto Hong se recuperava de uma séria doença, um homem de cabelos dourados, vestido com um manto preto, apareceu-lhe numa visão, mandando que ele purificasse a Terra. Como a visão não fazia sentido, Hong a tirou da cabeça por alguns anos e continuou com sua vida. Então sua carreira empacou, depois que ele foi repetidamente reprovado no exame do serviço público que era exigido para progredir na sociedade chinesa.

Um dia, em 1843, enquanto vagava pela grande cidade depois de ter fracassado mais uma vez no exame do serviço público, Hong recebeu de presente uns panfletos protestantes. Converteu-se ao cristianismo e começou a estudar com os missionários batistas americanos. Logo reconheceu os elementos cristãos da sua quase esquecida visão. Percebeu que o próprio Deus era o homem na visão, e então lembrou que Deus declarara ser ele, Hong, Seu segundo filho, o irmão mais moço de Jesus.²

Algum tempo mais tarde, Hong fundou a Sociedade dos Adoradores de Deus. A princípio ele manteve sua adoração pelo Messias em segredo, e simplesmente pregava uma fusão salvadora entre Confúcio e os princípios cristãos, com uma forte ênfase nos Dez Mandamentos. Quando seus seguidores aumentaram, ele atacou os adoradores de ídolos, destruindo o confucionismo e os santuários ancestrais. Hong fundou comunidades na sua zona rural, batizando mais e mais convertidos, até que, em 1850, os Adoradores de Deus chegaram a 20 mil seguidores.³

Os Adoradores de Deus ganharam força entre o grupo étnico específico de Hong, os hakkas. Quem eram os hakkas? Deixe-me simplificar um problema complexo. O povo que a maioria dos estrangeiros chama de “chinês” não é realmente um grupo étnico; eles são mais um grupo cultural de pessoas que compartilham uma herança comum e uma língua escrita, mas não uma língua falada. Eles se chamam de Han. Como não é fonética, a escrita chinesa existe independentemente e é usada por diversas línguas, que são similares, mas basicamente ininteligíveis, uma para a outra, quando faladas. A mais amplamente usada e prestigiada das línguas Han é

o mandarim. Tem raízes no norte e é o idioma oficial da China. O sul da China tem várias línguas Han, tais como o cantonês, que é comum entre as comunidades de imigrantes chineses espalhadas pelo mundo.

O povo hakka é formado por chineses da etnia Han, que no século XIII saíram do norte em direção ao sul, durante a conquista mongol, e se tornaram um enclave nortista na cultura sulista. Eles mantiveram uma porção de antigas tradições e evitaram novos costumes, tais como o uso de bandagens nos pés. Seu nome quer dizer “povo hóspede”.



Se isso ajudar, pense nos hakkas como os amish ou cajuns -

estrangeiros da área circundante, antiquados, mas não aborígenes. A principal diferença entre os povos desses exemplos é que existem muitos milhões de hakkas. Embora os Adoradores de Deus de Hong ganhassem seguidores entre os chineses de todo tipo, os líderes principais eram hakkas, o que fazia com que eles parecessem um pouco estrangeiros para a maioria dos sulistas.⁴

Reino do céu

Podem os chineses ainda se considerar homens? Desde que os manchus envenenaram a China, a flama da opressão elevou-se para o céu, o veneno da corrupção maculou o trono do imperador, um odor ofensivo se espalhou pelos quatro mares e a influência de demônios angustiou o império, enquanto os chineses, com as cabeças abaixadas e os espíritos abatidos, voluntariamente tornaram-se súditos e vassalos.

– Panfleto Taiping⁵

Os Adoradores de Deus se afastavam tanto do comportamento tradicional chinês que os atritos se tornaram inevitáveis. Eles se organizaram como paramilitares, e o primeiro choque com as autoridades Qing foi em dezembro de 1850. Em janeiro de 1851, um exército dos Adoradores de Deus, com cerca de 10 mil homens, derrotou os Qing na Batalha de Jintian. Com a vitória, Hong se proclamou o Messias do Taiping Tianguo, ou seja, do “Reino da Grande Paz Celestial”. Promoveu cinco dos seus seguidores mais chegados a reis do leste, oeste, sul, norte e (depois de esgotar as direções) Wing. Hong assumiu o título de Rei Celestial e estendeu a condição de Messias ao seu filho ainda bebê.

Diante de um ataque imperial, os taipings abandonaram suas bases e começaram a se mover para o norte, tendo marchado, no fim, mais de 2 mil quilômetros por um território hostil. Quando capturaram Yongan, já contavam com 60 mil homens. O movimento continuou como uma bola de neve. Os mineiros convertidos trouxeram a experiência na construção de túneis e no uso de explosivos, o que ajudava no assalto a cidades muradas. Uma força de 120 mil taipings atacou Changsha em setembro de 1852. Já havia meio milhão de taipings no cerco a Wuchang, em janeiro de 1853. Eles romperam as linhas externas do exército Qing em abril de 1853 e, quando tomaram Nanquim, em setembro, os taipings já tinham 2 milhões de seguidores espalhados por todo o território.

Com a queda de Nanquim, os taipings perseguiram e massacraram os 40 mil manchus residentes na cidade, sendo que apenas 5 mil eram

militares. Homens, mulheres e crianças manchus foram transpassados por lanças, cortados em pedaços, amarrados e atirados no rio ou queimados.⁶

Pouco depois, o ímpeto taiping diminuiu. Uma coluna de 70 mil homens foi enviada para tomar Pequim, porém foi repelida e perseguida rumo ao sul durante vários meses, entre 1853 e 1854 – fustigada, desgastada e, finalmente, eliminada pelas tropas Qing. Depois desse revés, Hong abandonou a ofensiva a fim de consolidar o controle do rio Yang-tsé e estabelecer uma corte adequada em Nanquim.

Os taipings não eram o único grupo em oposição aos manchus, mas não souberam fazer aliança com dois vizinhos revoltosos – os nians ao norte e os Turbantes Vermelhos ao sul. Algumas vezes, os taipings tentavam fazer parceria com bandidos e piratas fluviais que odiavam as autoridades e sabiam lutar; como os taipings tendiam ao asceticismo puritano, porém, inevitavelmente, as classes criminosas perdiam o interesse.

Os taipings proibiam o ópio, a prostituição, o homossexualismo e o álcool. Os homens e as mulheres eram mantidos completamente separados, embora ambos os gêneros fossem recrutados para o exército. A nova sociedade era estruturada segundo normas militares numa espécie de exército santo.

Todas as terras eram compartilhadas. A produção excedente de uma aldeia era usada para aliviar a deficiência em outra; “assim, todas as pessoas no império podiam usufruir juntas a felicidade abundante do Pai Celestial, Senhor Supremo e Grande Deus. Se há campos, que todos possam cultivá-los; se há comida, que todos possam comer; se há roupas, que todos possam se vestir; se há dinheiro, que todos possam gastá-lo, pois assim não existirá a desigualdade em nenhum lugar, e nenhum homem estará mal alimentado ou malvestido”. E isso valia para “trigo, sementes, cânhamo; fibras de linho, tecidos, sedas, aves, cachorros etc., e dinheiro, o mesmo é verdade; pois todo o império é a família universal do nosso Pai Celestial, o Senhor Supremo e Grande Deus”.⁷

Como cabia a um paraíso terrestre, “todos os meninos devem ir à igreja todos os dias, onde o sargento os ensinará a ler o Antigo Testamento e o Novo Testamento, assim como o livro de proclamações do verdadeiro Soberano ordenado. Toda semana os cabos devem levar os homens e as mulheres à igreja, onde ficarão separados em alas masculina e feminina. Ali ouvirão os sermões, cantarão louvores e oferecerão sacrifícios ao nosso Pai Celestial, o Senhor Supremo e Grande Deus”.⁸

O novo movimento aboliu a bandagem nos pés, pela qual os pés das

garotas eram apertados em pequenas, delicadas e pouco práticas formas, o que era considerado bonito entre os chineses. Aboliu também a trança que todos os homens chineses até então eram obrigados a usar como um sinal de servidão a seus mestres manchus. Isso deu aos exércitos taiping uma aparência selvagem, quando tanto os homens quanto as mulheres entravam em combate com pés desafiadoramente grandes e cabeleiras assustadoras.

Apesar de todos os ideais utópicos da sociedade taiping, a hipocrisia existia em abundância. Para a maioria dos membros do movimento, homens e mulheres eram mantidos completamente separados, mas os líderes tinham haréns dignos dos reis do Antigo Testamento, para não mencionar servidores, criados e toda uma pompa apropriada às suas posições.

As pessoas que você encontra no céu

Em 1853, Hong começou a se retirar dos aspectos seculares do seu Reino Celestial e a se dedicar ao crescimento espiritual. Embora o rei do Oeste e o rei do Sul houvessem sido mortos nas batalhas que levaram o Reino da Grande Paz Celestial ao poder, ainda havia três reis menores para lidar com o dia a dia do império.

Um deles, Yang Xiuqing, o rei do Leste, começara como um órfão carvoeiro, mas possuía um instinto para táticas militares que garantira muitos dos sucessos dos taipings. Yang começou a ter suas próprias visões de Deus e, se você sabe qualquer coisa sobre messias, poderá imaginar a natureza dessas visões. Aparentemente Deus estava completamente desiludido com Hong, e queria promover Yang ao seu lugar messiânico.

Em setembro de 1856, rumores sobre a ambição de Yang chegaram a Wei Changhui, o rei do Norte, e, então, ele voltou com seu exército da frente de batalha e atacou o palácio real, trucidando Yang e sua família. As tropas de Wei triunfantemente desfilaram com a cabeça de Yang numa estaca pelas ruas de Nanquim, até que Hong emergiu de sua reclusão para denunciar a atrocidade. Hong prendeu Wei e sentenciou que ele fosse publicamente açoitado até morrer. Convidou os sobreviventes do clã de Yang para assistir. Depois que as testemunhas chegaram, entretanto, caíram numa armadilha. Acontece que Hong e Wei estavam em conluio e, agora que os Yangs sobreviventes haviam saído do seu esconderijo e estavam juntos num lugar, Wei e Hong acabaram com eles.

Nessa época, Shi Dakai, o rei Wing, estava fora em campanha. Ele nascera em uma família rica e convencera muitos homens ricos a contribuírem com dinheiro e propriedades para o nascente movimento taiping. Depois de voltar a Nanquim, Shi expressou dúvidas a Wei sobre a propriedade de liquidar os Yang. Wei tomou essa crítica como um desafio, e Shi mal conseguiu escapar vivo da cidade. Mesmo assim, Wei prendeu e matou a mulher e a mãe de Shi. Depois de se refugiar com o seu exército, Shi marchou de volta para Nanquim com 100 mil soldados, louco por vingança. Hong rapidamente o comprou, dando-lhe de presente a cabeça de Wei.

Shi Dakai era agora o último dos reis menores e, provavelmente, o menos maluco. Satisfeito com a cabeça de Wei, ele voltou por algum tempo à corte de Hong, mas finalmente se separou completamente do movimento taiping. Levou seu exército para a bacia de Sichuan e estabeleceu seu próprio enclave independente.

Reação ocidental

O governo Qing, entretanto, trabalhava implacavelmente para conter a revolta. Os oficiais a mantiveram fora de Cantão, cortando a cabeça de mais de 32 mil suspeitos de simpatizarem com os taipings. Uma testemunha ocular relatou que “milhares morreram pela espada, centenas arremessados no rio, amarrados juntos em grupos de 12. Vi seus cadáveres pútridos flutuando rio abaixo, e de mulheres também. Muitos foram cortados em pedaços ainda vivos. Vi coisas horrorosas, cadáveres sem os membros, sem cabeça, só uma massa de pele esfolada... que jazia em grande número cobrindo todo o solo da execução”.⁹

Os taipings esperavam chegar a um acordo com os países do Ocidente. Não só compartilhavam um cristianismo nominal com os europeus, mas desde 1856 os anglo-franceses vinham travando uma Segunda Guerra do Ópio contra a China Qing. Quando a guerra terminou, em 1860, os europeus haviam invadido e destruído o Palácio de Verão do imperador fora de Pequim.

O Ocidente considerou suas opções. Talvez fosse hora de tomar o controle total da China e substituir a corrupta e xenofóbica dinastia Qing por fantoches ocidentalizados. Por vários anos, o Ocidente considerara os taipings como cristãos decentes, merecedores ao menos de apoio moral. Quando as estranhas heresias de Hong se tornaram mais aparentes, o

Ocidente voltou a apoiar o demônio já conhecido, a dinastia Qing imperial. Eles aceitaram um tratado de paz que deixou a China inalterada.

Não foram só os estadistas ocidentais e o clero que mudaram de opinião sobre os rebeldes. Em Londres, Karl Marx também ficou desiludido. Em 1853, ele nutria a esperança de que “a revolução chinesa lançasse a centelha dentro da mina sobrecarregada do atual sistema industrial e causasse a explosão da crise geral preparada havia tanto tempo”. (Marx, diante de uma metáfora, parecia um cão roendo osso – determinado a tirar tudo que pudesse daquilo.) Em 1862, entretanto, ele já considerava os taipings “uma abominação maior para as massas do que para os antigos soberanos [só capazes de] destruição sob grotescas formas detestáveis, destruição sem nenhum núcleo para uma nova construção”.¹⁰

Na esperança de conectar-se com seus presumidos simpatizantes no Ocidente, uma coluna de taipings saiu, em 1860, em direção a Xangai, que virara um protetorado internacional sob o controle ocidental, em 1854. Ignorando as constantes mudanças de vento nas atitudes dos ocidentais, os taipings ficaram surpresos ao encontrar as forças de segurança europeias atirando contra eles das fortificações externas da cidade. Pensando que tudo fosse um engano, trezentos taipings foram mortos sem nem mesmo revidar os tiros.

Logo, os europeus aderiram mais abertamente ao governo Qing. A cidade portuária de Ningbo caíra em poder dos taipings em 1861 sem oposição, e os moradores se adaptaram facilmente aos novos governantes. Em 1862, uma expedição anglo-francesa retomou a cidade e a devolveu às forças Qing, que se desforraram da cidade torturando e matando ao acaso seus habitantes, como um exemplo para o resto.¹¹

Fornecedores independentes também ajudaram o governo chinês, treinando e equipando o seu exército com o armamento mais moderno. O Exército Sempre Vitorioso, um bando de mercenários recrutados nas docas de Manila sob o controle da Espanha, lutou sob o comando de um americano, Frederick Ward, contra os rebeldes.¹² Quando Ward morreu, em combate, o comando passou para um comandante britânico veterano, Charles Gordon, que ganharia ainda maior fama muitos anos mais tarde, ao ser sitiado em Cartum pelos uivantes dervixes do Sudão (ver “A revolta Mahdi”).

Mais importantes do que os mercenários estrangeiros, entretanto, eram os exércitos chineses nativos, treinados e equipados como os exércitos ocidentais. A dinastia Qing colocou canhoneiras modernas nos seus rios

para usar artilharia pesada contra as cidades muradas dos taipings. Os generais manchus atacaram o reino taiping durante a década de 1860 com tropas novas e modernizadas, mas a reconquista foi retardada pela política Qing de não fazer prisioneiros. Isso obrigava até mesmo os mais desiludidos dos taipings a lutar até o fim.

As forças Qing invadiram o enclave Sichuan de Shi Dakai, o primeiro rei Wing, em julho de 1863. Shi foi capturado e publicamente esquartejado, enquanto seus seguidores eram massacrados, apesar da promessa de que isso não aconteceria. Por fim, o exército Qing sitiou a própria Nanquim.

Hong Xiuquan adoeceu e morreu em maio de 1864, mas ninguém sabe como isso aconteceu. Veneno é a causa mais provável, e a maioria dos historiadores tende pelo suicídio, mas assassinato também é aventado. Outra possibilidade é que ele tenha acidentalmente se envenenado por alguma combinação letal de elixires e poções, que tomava para aumentar o seu vigor. De qualquer forma, sua morte prematura ocorreu apenas alguns meses antes da de seus seguidores.

A rendição de Nanquim às forças do governo se deu em julho de 1864, sendo seguida por um massacre geral de seus habitantes. De acordo com o general Qing no local: “Nenhum dos 100 mil rebeldes em Nanquim se rendeu, mas em muitos casos eles se reuniram, puseram fogo em si próprios e morreram sem arrependimento.”¹³

O filho de Hong, de 14 anos, que fora proclamado o novo Rei do Céu, conseguiu escapar após a queda de Nanquim, mas seus irmãos mais novos estavam entre os milhares de mortos, quando a cidade caiu. O jovem Hong tentou desaparecer no interior do país, mas foi capturado, feito prisioneiro e esquartejado.

Legado

O jogo de mah-jongg foi, provavelmente, inventado por guerreiros taipings entediados. Fora isso, a Rebelião Taiping caiu no esquecimento da história. Quando Hollywood começou a estudar a possibilidade de fazer um filme baseado em *Devil Soldier*, de Caleb Carr, a história do mercenário americano Frederick Ward na Rebelião Taiping, uma das primeiras coisas a ser mudada foi o cenário.¹⁴ As partes interessadas finalmente aproveitaram a ideia básica e fizeram o filme *O último samurai*, a história de um mercenário americano no século XIX, capturado em uma guerra civil no... bem... Japão, obviamente.

A Rebelião Taiping é o exemplo perfeito do velho adágio que diz que os livros de história são escritos pelos vencedores. A maioria dos escritores trata os taipings como pobres camponeses iludidos, que seguiam as alucinações de um louco, mas quando você vai mais fundo, é assim que a maioria das religiões começa (não a *sua* religião, obviamente, mas todas as outras). A única diferença entre Hong e os profetas bem-sucedidos da história é que se um professor, romancista ou cartunista desrespeitar Hong Xiuquan, multidões enfurecidas não irão pedir a sua cabeça.

Será o medo dos seus seguidores, realmente, o melhor teste da autenticidade de uma religião? Confesso que é o critério que eu uso, mas talvez fosse bom lembrar que, se houvessem vencido, os taipings poderiam hoje ser considerados absolutamente legítimos e tão cristãos quanto os mórmons (“quase sempre, mais ou menos”).

A GUERRA DA CRIMEIA

Número de mortos: 300 mil¹

Posição na lista: 96

Tipo: guerra internacional

Linha divisória ampla: todos *versus* Rússia

Época: 1854-56

Localização: mar Negro

Principais Estados participantes: Rússia *versus* Turquia, França, Grã-Bretanha

Quem geralmente leva a maior culpa: todos, menos os turcos

Outra praga: guerra de trincheiras e ataques frontais idiotas

Uma coisa que todo mundo deve saber sobre a guerra da Crimeia é a completa incompetência demonstrada por todos os envolvidos. Essa guerra nos deu “A Carga da Brigada Ligeira” – possivelmente o mais conhecido poema da língua inglesa –, que descreve a tola coragem de um assalto frontal inútil. A guerra da Crimeia foi a primeira guerra a ser fotografada e relatada por correspondentes de guerra para os jornais diários. Foi também a primeira guerra a chocar e horrorizar as pessoas em seus lares. A única pessoa que a história recorda com simpatia é uma mulher civil, Florence Nightingale, que decidiu por si própria atender aos soldados doentes e feridos, depois que o exército provou ser incapaz dessa tarefa.

A guerra começou estupidamente também. Os cleros ortodoxo e católico disputavam, em Jerusalém, a primazia sobre os lugares sagrados. O clero ortodoxo pediu ao czar Nicolau I da Rússia que defendesse sua causa ante o sultão otomano, o governador da Palestina. Os russos tiveram uma reação exagerada, insistindo em ser reconhecidos como protetores e porta-vozes de todas as minorias cristãs sob o governo turco. Isso, na verdade, faria da Turquia um protetorado russo, incapaz de tomar qualquer decisão sem a permissão dos russos. Para piorar as coisas, os russos enviaram, como seu negociador, um homem que odiava os turcos desde que fora castrado por uma bala de canhão na guerra russo-turca anterior.

Quando os turcos recusaram as exigências do czar, o exército russo voltou-se contra vassalos turcos nos Bálcãs, os principados romenos da Valáquia e Moldávia, para forçar uma decisão. A esquadra russa de Sebastopol, na Crimeia, capturou e destruiu a esquadra turca perto de

Sinope, na costa turca.

Claro que o restante do mundo não podia deixar a Rússia conquistar o Império Otomano sem contestação, de modo que a Inglaterra e a França reuniram uma armada e uma força expedicionária, que foram enviadas para ajudar os turcos.

O exército turco, nesse ínterim, subira pela costa do mar Negro para enfrentar os russos e, logo ao sul do Danúbio, houve o confronto e o avanço russo foi paralisado. Então a Áustria lançou um ultimato à Rússia para que desistisse ou seria atacada também por eles. Rosnando e fumegando, os russos retrocederam para o interior da sua fronteira.

A guerra acabara.

Só que os aliados ingleses e franceses haviam feito toda aquela viagem, e não queriam voltar para casa sem explodir alguma coisa. Estavam definhando no acampamento ao longo do estreito de Dardanelos, morrendo de tifo e cólera, esperando a chance de atacar e, certamente, não deixariam que a guerra terminasse sem uma luta. Decidiram atravessar o mar Negro e destruir a base naval russa em Sebastopol, na península da Crimeia.

Em setembro de 1854, os aliados aportaram ao norte da cidade e derrotaram o pequeno exército de campanha russo em Alma. Isso deixou Sebastopol exposta à invasão, mas os aliados, em vez disso, estabeleceram um cerco e esperaram. Nas batalhas de Inkerman e Balaklava, os aliados repeliram duas tentativas russas de expulsão e, então, o inverno chegou.

Ninguém estava preparado para sobreviver ao inverno russo e o exército aliado definhou com o enregelamento, a depressão e a fome. Quando a primavera chegou, os sobreviventes não estavam em condições de apertar o cerco para pôr fim àquilo, de modo que os exércitos adversários ficaram parados ali, mês após mês, morrendo de disenteria e febre tifoide.

Depois de quase um ano, os exércitos aliados haviam finalmente resolvido adequadamente os seus problemas para prosseguir, mais uma vez, com a guerra. Em setembro de 1855, um ataque francês tomou um forte crucial da frente russa e os russos abandonaram Sebastopol, destruindo as instalações navais e fugindo com a frota. Tratados de negociações se arrastaram, mas, apesar dos melhores esforços de todos, a paz retornou em março de 1856.²

Dínamo

A guerra da Crimeia foi a primeira grande guerra após o advento da Revolução Industrial. As fábricas produziam, com rapidez, grande número de armas idênticas, botas, balas, tendas, capas e cantis. Estradas de ferro e navios a vapor podiam suprir exércitos cada vez maiores e mais distantes. Com a invenção da primeira produção em larga escala, a munição facilmente carregável nos rifles (a bala Minie) em 1848, os rifles rapidamente substituíram os mosquetes sem raias nos campos de batalha, aumentando o alcance e a precisão do tiro da infantaria. Em Waterloo (ver “Guerras napoleônicas”), os mosquetes acertavam apenas um alvo em 459 disparos, mas, na Crimeia, um em 16 projéteis acertava alguém.³

A guerra da Crimeia talvez tenha sido a primeira entre grandes potências em que não puderam ser utilizadas táticas de guerras anteriores, embora isso não tenha impedido que generais cabeçudos tentassem atacar com cargas napoleônicas homens entrincheirados com rifles. Desse ponto em diante, cada nova guerra precisou ser planejada do zero, geralmente depois que a primeira leva enviada para a luta era derrotada.

Com o grande aumento do poder de fogo, tornou-se mais difícil, para os regimentos que atacavam, alcançar as linhas inimigas. As guerras dessa era tendiam a começar com manobras e ataques em campo aberto, mas como os soldados em pé foram eliminados das batalhas com o aperfeiçoamento das armas de fogo, elas terminavam com a infantaria fortemente entrincheirada esperando em cercos enlameados, mês após mês, ao redor de importantes centros de transporte. As guerras de ação diminuíram e cessaram, enquanto os exércitos se agachavam em volta de cidades como Sebastopol (1854), São Petersburgo (1864) e Paris (1871). Essa tendência chegaria finalmente ao clímax nos combates de trincheira da Primeira Guerra Mundial.⁴

A REBELIÃO PANTHAY

Número de mortos: 1 milhão¹

Posição na lista: 46

Tipo: revolta religiosa

Linha divisória ampla: hans (confucianos) *versus* huis (muçulmanos)

Época: 1855-73

Localização: província de Yunnan

Principal Estado participante: China Qing

Principal quase Estado participante: Nanping Guo

Quem geralmente leva a maior culpa: desconhecida demais para isso

Outra praga: a revolta campesina chinesa

Fator econômico: a prata

As minas de prata da província de Yunnan, no interior do sudoeste, estavam gradualmente se esgotando. No inverno de 1855, vários mineiros han abandonaram sua mina exaurida e tentaram arranjar trabalho na ainda ativa mina de uns chineses convertidos ao islamismo, chamados hui. Apesar de não haver diferença entre huis e hans, tirando a religião, essa diferença é suficiente para ter criado gerações de ressentimento. Quando os mineiros han foram rejeitados no trabalho, centenas de habitantes locais han se rebelaram contra a comunidade muçulmana e tentaram apoderar-se das minas. Um setecentas famílias hui foram assaltadas, tendo seus animais roubados, suas casas incendiadas e seus membros mortos. O governo Qing não se mexeu, até os huis retaliarem com ataques contra os hans. Então o governo ordenou severas represálias para punir os huis. A milícia han, sob as ordens do magistrado local, perseguiu e assassinou de 2 mil a 3 mil muçulmanos de todas as idades e gêneros.

A comunidade hui se reuniu sob a liderança de Du Wenxiu, que proclamou a independência do Reino do Sul Pacificado (Nanping Guo). Governando como sultão Suleyman, Du estabeleceu sua capital em Dali (Xiaguan). Quando os exércitos hui se tornaram maiores e mais organizados, a rebelião se expandiu, e os huis invadiram a importante cidade de Kunming em 1863.

Sinais agourentos passaram a ser notados na zona de guerra. Os ratos de Kunming começaram a aparecer à luz do dia, correndo alucinadamente

por todo lado e caindo mortos. Aparentemente, no caos da rebelião, os ratos de Yunnan haviam feito contato com os ratos da parte superior de Burma, perto das nascentes do rio Salween, que fora um dos maiores centros da peste bubônica. Em 1871, as pessoas começaram a morrer em Kunming, e os exércitos e os refugiados logo espalharam a praga por toda a província de Yunnan.

Em 1894, a epidemia chegou aos portos do golfo de Tonkin e se espalhou rapidamente pelo mundo por meio de navios e estradas de ferro. Esse foi o começo da terceira pandemia da peste bubônica, que matou 13 milhões de pessoas em poucas décadas, principalmente na Ásia. A terceira pandemia passou de leve pelo Ocidente, a maior parte nos portos marítimos; entretanto, pulgas infectadas facilmente pegavam carona nas viagens para o interior, e a peste estabeleceu novos focos no mundo inteiro entre as populações de roedores anteriormente não contaminadas, tais como os esquilos do Oeste americano, onde ainda esperam uma nova oportunidade para se expandirem.²

Por um longo tempo, os governantes manchus da China ficaram muito ocupados combatendo a Rebelião Taiping para se preocuparem com a pequena traição de hui, mas depois que os taipings estavam todos mortos, Pequim foi capaz de lidar com a Rebelião Panthay. Os governantes escolheram o experiente e implacável Cen Yuying como governador-geral da amotinada Yunnan. Ele foi reduzindo sistematicamente o Reino do Sul Pacificado e massacrando os traidores. Quando os exércitos imperiais chegaram às proximidades da capital, o sultão Du Wenxiu tentou se suicidar com uma forte dose de ópio, mas a tentativa falhou e ele caiu nas mãos de Yang Yuke, o general de campo da dinastia Qing. Du implorou aos seus captores misericórdia para o seu povo, e eles concordaram.

Mas então mudaram de ideia. Os massacres começaram em Dali três dias depois. Du foi executado. Finalmente, Cen e Yang enviaram 10 mil pares de orelhas para Pequim, como prova da sua vitória.³

A GUERRA CIVIL AMERICANA

Número de mortos: 620 mil soldados¹ e 75 mil civis²

Posição na lista: 65

Tipo: guerra civil ideológica

Linha divisória ampla: Norte *versus* Sul

Época: 1861-65

Localização e principal Estado participante: Estados Unidos da América

Principal Estado com participação quântica: Estados Confederados

Quem geralmente leva a maior culpa: sulistas donos de escravos

Outra praga: guerra com franceses e ataques frontais idiotas

Fatores econômicos: algodão, escravos

Resumo

O debate sobre a escravidão nos Estados Unidos tornou-se tão intenso que as antigas alianças foram abaladas. Ambos os partidos políticos se dividiram em facções nortista e sulista, e quatro candidatos à Presidência concorreram às eleições em 1860. Quando Abraham Lincoln, do Partido Republicano, antiescravagista, foi eleito, os estados escravocratas do Sul debandaram inconformados. Enquanto fundavam sua Confederação independente, os estados renegados confiscaram todas as propriedades federais do Sul, culminando, em abril de 1861, com o bombardeio da guarnição federal de Fort Sumter, em Charleston Harbor, que deu início oficialmente às hostilidades.

Recrutamento e manobras tomaram algum tempo, mas, na primavera de 1862, os dois lados haviam formado grandes novos exércitos, equipados e prontos para a glória. Um avanço glacial trouxe o exército federal de Washington até poucos quilômetros da capital rebelde, Richmond, Virgínia, mas o novo general dos Confederados, Robert E. Lee, atacou e fez com que eles retrocedessem na Batalha dos Sete Dias, um tiroteio que se estendeu por vários condados a leste de Richmond (julho de 1862). De repente, a guerra ganhou velocidade. No ano seguinte, a região entre as duas capitais rivais assistiu a um sangrento vaivém de ofensivas, sem que nenhum dos lados obtivesse vantagem. Um novo ataque federal em direção ao sul foi detido em Manassas (agosto), seguido por um ataque dos rebeldes em direção ao norte, que foi detido em Antietam (setembro). Então, dois

ataques federais foram detidos em Fredericksburg (dezembro) e Chancellorsville (maio de 1863), seguidos por um ataque dos rebeldes, que foi detido em Gettysburg (julho de 1863). Dezenas de milhares de soldados mortos cobriam os campos de batalha por toda a Virgínia.

“Acreditava-se ser um grande feito atacar uma bateria de artilharia ou uma trincheira ocupada pela infantaria”, lembrou um general confederado. “Nós éramos muito generosos com o sangue derramado, naqueles tempos.”³

A oeste da cordilheira dos Apalaches, entretanto, a guerra prosseguia firmemente em direção ao sul, com cada confronto terminando a favor dos federais. Nos mesmos anos em que a guerra no leste andara para a frente e para trás, os federais no oeste, sob o comando de Ulysses S. Grant, capturaram dois exércitos rebeldes entrincheirados (Forte Donaldson e Vicksburg), reverteram uma forte contraofensiva (Shiloh), dispersaram um terceiro exército em pânico (Chattanooga) e consolidaram o controle sobre o rio Mississippi e várias ferrovias-chave.

Em 1864, Grant assumiu o comando do leste para subjugar as forças de Lee, e o conflito rapidamente se transformou numa guerra de desgaste. Em maio e junho, o exército rebelde na Virgínia foi derrotado e cercado no entroncamento ferroviário de Petersburg, enquanto o último exército confederado importante do leste era batido e encurralado em Atlanta. Depois de vários meses de emboscadas, bombardeios, ataques frontais e assaltos laterais, os exércitos rebeldes foram expulsos de suas trincheiras e destruídos.

Legado

A guerra civil foi uma batalha entre duas visões conflitantes da América – uma definida pela nacionalidade (protestantes anglo-saxões brancos), contra outra definida pela ideologia (todos os homens são criados iguais). Esse é provavelmente o conflito central da história americana e, se você entender essa guerra, estará muito perto de entender os Estados Unidos.

Obviamente, a principal consequência da guerra foi a libertação dos escravos, mas isso aconteceria de qualquer maneira. Algum tipo de guerra era provavelmente inevitável, porque poucos países escravagistas evitaram isso; e apesar de toda a sua resistência, os Estados Unidos não manteriam a escravidão por mais tempo do que Cuba (1886) ou Brasil (1888).

Mais importantes foram as Emendas 14 e 15 à Constituição, garantindo cidadania plena e proteção igual, perante a lei, para os antigos escravos. Ninguém teria ousado sugerir isso antes da guerra, mas com a derrota da definição nacionalista da América e o triunfo da definição ideológica, a maioria absoluta necessária para transformar isso em lei foi facilmente obtida.

Toda a estrutura política do país foi reconstruída devido a essas emendas. Antes da guerra, os estados eram autônomos e não se regiam pela Declaração dos Direitos dos Cidadãos do governo federal. Isso funcionava a favor das elites locais, permitindo não só que os negros fossem escravizados, como também que os negros livres fossem expulsos ou privados dos direitos civis. Os governos dos estados eram livres para apoiar uma religião oficial ou proibir a publicação de ideias impopulares.

Então a Emenda 14 fez os estados ficarem, pela primeira vez, subordinados ao governo federal nas questões de direitos humanos, uma vitória ideológica que incomoda os conservadores há um século e meio. Embora os partidários de uma definição nacionalista da América tenham, gradualmente e com má vontade, ampliado sua definição do que é americano para incluir quem não é branco, anglo-saxão ou protestante, o conflito ainda configura o debate político americano. Deve o inglês ser o idioma oficial da América ou simplesmente o mais comum? A América é uma nação cristã, ou apenas uma nação com muitos cristãos? Sempre que a Emenda 14 é usada para impor jurisdição federal sobre direito criminal, educação, emprego, pena capital ou favoritismo religioso, ouvimos ecos da guerra civil.

A REBELIÃO HUI

Número de mortos: 640 mil¹

Posição na lista: 66

Tipo: revolta religiosa

Linha divisória ampla: hans (confucianos) *versus* huis (muçulmanos)

Época: 1862-73

Localização: província de Gansu

Principal Estado participante: China

Quem geralmente leva a maior culpa: depende

Outra praga: a revolta campesina chinesa

Fator econômico: varas de bambu

Chineses muçulmanos, os huis (ver “A Rebelião Panthay”), haviam se tornado bastante comuns no noroeste ao longo das rotas das caravanas para o Oriente Médio, adjacentes às terras turcas da Ásia central.

Durante a Rebelião Taiping, os oficiais da dinastia Qing haviam formado, por todo o país, milícias locais para defender pequenas comunidades dos ataques taiping, mas, na província oeste de Shaanxi, os huis formaram milícias para proteger a si próprios dos seus vizinhos han, com quem mantinham uma inimizade tradicional.

Alguns soldados hui, a caminho de casa depois de combaterem os taipings, começaram a discutir o preço das varas de bambu no mercado de Huanzhou. Uma briga explodiu e vários huis foram mortos.² Naquela noite, os hans locais tocaram fogo no alojamento dos huis, e disso sobreveio uma guerra civil total. Quando a guerra atingiu a zona rural, suprimentos de comida, combustível e forragem escassearam, os preços subiram e ficaram inacessíveis à maioria dos habitantes. A fome chegou.

As milícias huis cercaram as cidades de Tongzhou e Xian, mas as tropas Qing sitiadas resistiram. Após alguns meses, os exércitos Qing forçaram os rebeldes a baterem em retirada para o oeste, no interior do Corredor Gansu, uma estreita faixa de terra fértil espremida entre as montanhas e os desertos do Ocidente, que tradicionalmente ligava a China pela Rota da Seda ao Oriente Médio. Ali a guerra chegou a um impasse.

Em 1868, um novo comandante chinês, Zuo Zongtang, chegou a Xian. Um antigo estudioso, Zuo alcançara fama derrotando a Rebelião Taiping.

Ele era um organizador meticuloso e levou algum tempo treinando, suprindo e planejando a sua ofensiva. Por fim, foi abrindo caminho à força, passando pelas cidades ao longo de Corredor Gansu, e finalmente focalizando um determinado líder hui, Ma Hualong, como o homem que ele precisava derrotar primeiro.³

Ma Hualong ficou sitiado na capital hui em Jinjibao por longos e famélicos 16 meses. Depois que os rebeldes se renderam, em março de 1871, o general Zuo mandou esquarterar Ma, seus familiares e mais de oitenta de seus oficiais.^a A última cidade hui importante, Suzhou, foi tomada em novembro de 1873. A isso se seguiu um massacre geral, mas a guerra ainda continuou na zona rural por vários anos. Muitas dezenas de milhares de sobreviventes fugiram rumo ao oeste, para terras sob o controle da Rússia.

Confusão confuciana

Detesto admitir isso, mas levei muito tempo para perceber que essa revolta dos chineses muçulmanos em Gansu não é a mesma que a do capítulo anterior, dos chineses muçulmanos em Yunnan. A maioria dos livros associa todas as revoltas contra a dinastia Qing durante o século XIX em uma confusão monstruosa, mas vamos tentar mantê-las separadas, por enquanto.

Outro possível motivo de confusão: os russos chamam os hui dessa região, que acabaram sob seu controle por migração e conquista, pelo nome de dungans, e por isso essa guerra é frequentemente chamada de Rebelião Dungan. Isso não tem nada a ver com os dzungars que encontramos em um capítulo anterior (ver “A guerra sino-dzungar”).

E, por fim, embora eu tenha dedicado três capítulos distintos ao pandemônio do século XIX na China, isso não esgota a lista. A Rebelião Nian, a Rebelião dos Turbantes Vermelhos e a guerra dos clãs Punti-Hakka, tudo irrompeu ao mesmo tempo, mas eles provavelmente não mataram bastantes pessoas para fazer parte desta lista.

^a Se você é norte-americano, já deve ter ouvido falar de Zuo Zongtang (Tso Tsung-t'ang na grafia antiga). Ele é o general Tso do famoso prato para entrega em domicílio. Ninguém sabe por que pequenos nacos de frango frito levam o nome desse general Qing. A possibilidade mais divertida, mas menos provável, é que os refugiados chineses estabelecidos nos Estados Unidos, no final do século XIX, tenham demonstrado um pouco de humor negro acerca da tradicional forma chinesa de execução – a Morte por Milhares de Cortes. (Você ficaria parecido com esses frangos, caso se

encontrasse com o general Tso.) Infelizmente, é mais provável que o prato tenha sido inventado em Manhattan por volta de 1970, e recebido aleatoriamente o nome de um famoso herói chinês (Michael Browning, “Quem foi o general Tso e por que estamos comendo seu frango?”, *Washington Post*, 17 de abril de 2002).

A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

Número de mortos: 480 mil¹

Posição na lista: 79

Tipo: guerra hegemônica

Linha divisória ampla: Paraguai *versus* todo mundo

Época: 1864-70

Localização: América do Sul

Principais Estados participantes: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai

Quem geralmente leva a maior culpa: Francisco Solano Lopez

Outra praga: guerra de trincheiras e ataques frontais idiotas

Fator econômico: acesso ao comércio

Nenhuma lista de conquistadores malucos que ataquem seus vizinhos em busca de glória e riqueza estará completa sem Francisco Solano Lopez, ditador do Paraguai. Genioso filho do ditador anterior, Lopez herdara o maior exército da América do Sul, assim como o país mais pobre. Infelizmente, algumas das melhores histórias que ouvimos sobre a insanidade autodestrutiva de Lopez eram mera propaganda espalhada por seus inimigos brasileiros e argentinos. Quanto mais se estuda a sua vida, menos interessante ela fica. (Maldita seja a pesquisa!)

Para começar, o conflito explodiu mais por causa de enfadonhas intrigas geopolíticas do que por uma selvagem avidez de sangue. O rio da Prata é um largo estuário que leva ao coração da América do Sul, onde rios largos e navegáveis conectam o comércio de quatro nações: Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai. É o único lugar na América do Sul onde os países se juntam uns aos outros perto de áreas bem povoadas, então, naturalmente, é aqui que iremos encontrar a guerra internacional mais sangrenta já vista no hemisfério ocidental.

Durante uma disputa fronteiriça entre Brasil e Uruguai, o partido da oposição uruguaia, os Colorados (Vermelhos), uniram-se ao Brasil em um golpe bem-sucedido contra os Blancos (Branco), que estavam no governo. Isso transformou o Uruguai em um satélite brasileiro, pondo em perigo o acesso do Paraguai ao mar. Lopez decidiu atacar e expulsar tanto os brasileiros quanto os Colorados.²

A princípio, uma guerra realmente satisfatória parecia fora de alcance, porque o Paraguai não podia atingir o Uruguai. Os primeiros tiros foram

trocados entre navios de guerra próximos à costa do Uruguai, mas como Lopez não conseguiu o controle do mar, um ataque anfíbio não se tornou viável. A única estrada entre os lados litigantes era uma estreita faixa de terra na Argentina. Quando os argentinos negaram a Lopez o direito de passar por essa estrada, ele atacou assim mesmo, em dezembro de 1864, levando a Argentina a fazer parte do que se tornou a Tríplice Aliança contra o Paraguai – 11 milhões de pessoas em três países contra uma única nação de meio milhão.

A ofensiva paraguaia penetrou fundo no Brasil, mas o Brasil é um país vasto que mastigou e cuspiu o exército paraguaio numa dura campanha. Os aliados rechaçaram os sobreviventes para o Paraguai em 1866. Nesse meio-tempo, eles já haviam começado em outro lugar a contraofensiva. Em 1865, o Brasil comprara tantos navios encouraçados da Europa e da América do Norte que tinha, na época, a maior e mais moderna marinha do mundo. Os brasileiros destruíram a frota de madeira de Lopez no rio da Prata, abrindo o estuário e os rios para o ataque.

Os exércitos aliados e as canhoneiras subiram o rio Paraná até empacarem nas trincheiras paraguaias situadas na junção do rio Paraguai com o rio Paraná, em torno da cidade de Humaitá. Foram necessários três anos e mais de 100 mil vidas para os aliados vencerem os 50 quilômetros seguintes, atacando cada nova linha de trincheiras paraguaias, uma após a outra. Mês após mês, ano após ano, Lopez corria o país procurando recrutas que preenchessem suas fileiras, baixando progressivamente, no desespero, os seus padrões. Ele matava sem hesitar qualquer homem que não cumprisse seus deveres ao máximo, e colocava espiões em todo o exército para delatar qualquer traição praticada por seus soldados. Em maio de 1868, os aliados quebraram, finalmente, a paralisação e rechaçaram os 20 mil soldados paraguaios remanescentes – em sua maioria adolescentes esqueléticos, aleijados e velhos.

Quando seus inimigos se aproximaram, Lopez atacou os conspiradores que ele entendia que o tinham derrubado. Várias centenas de cidadãos paraguaios – seus irmãos, cunhados, ministros, bispos e juizes entre eles – foram presos e executados. Ele matou mais de duzentos estrangeiros, incluindo muitos diplomatas. Até sua própria mãe foi açoitada e sentenciada à morte.

Em dezembro, os aliados tomaram a capital do Paraguai, Assunção, e instalaram seu próprio governo de fantoches. Declararam que haviam vencido a guerra e voltaram para casa, deixando uma pequena força para

o rescaldo. Lopez ficou livre, em algum lugar na selva, “formando outro exército de 13 mil homens, incluindo meninos de 8 anos que usavam barba falsa e eram armados com porretes”.³ Ele começou uma guerra de guerrilha, e foi ficando cada vez mais louco à medida que o tempo passava. Finalmente, derrotado e com seus últimos duzentos homens, Lopez foi morto à lança por um granadeiro brasileiro, quando cruzava um rio em fuga.

Sua amante, Eliza Lynch, uma antiga cortesã parisiense que horrorizara a alta sociedade de Assunção com suas maneiras arrogantes, sua extravagância estouvada e sua baixa origem irlandesa, ficou com Lopez até o amargo final. Seus captores brasileiros fizeram com que ela, sob a mira de um revólver, cavasse a sepultura do túmulo dele, depois da última batalha na selva.

Além das mudanças territoriais que transferiram muitos pântanos, montanhas e selvas do Paraguai para os seus inimigos, a guerra reduziu a população paraguaia de 525 mil para 221 mil, deixando apenas 28 mil homens vivos. A poligamia informal se tornou comum entre os paraguaios sobreviventes, como única maneira de cuidar do enorme número de viúvas e órfãos.⁴

A GUERRA FRANCO-PRUSSIANA

Número de mortes: 435 mil (185 mil soldados¹ e 250 mil civis²)

Posição na lista: 80

Tipo: guerra hegemônica

Linha divisória ampla e principais Estados participantes: França versus Prússia, obviamente

Época: 1870-71

Localização: França

Estados participantes secundários: Bavária, Wurttemberg

Quem geralmente leva a maior culpa: Bismarck, Napoleão III

Outra praga: guerra de trincheiras e ataques frontais idiotas

A Espanha nunca se recuperou inteiramente da ocupação napoleônica. Durante o meio século que se seguiu à restauração do antigo regime, o país foi dilacerado por uma série de guerras civis, intercaladas com frágeis períodos de cessar-fogo. Por fim, em 1868 a rainha foi expulsa, e os espanhóis começaram a procurar outro monarca.

Ironicamente, a Espanha não chegou a participar ativamente do multicídio deste capítulo, mas as encrencas espanholas tendem a se irradiar e perturbar o restante do mundo (ver também “A guerra da sucessão espanhola” e “A Guerra Civil Espanhola”). O trono vago foi oferecido a um príncipe prussiano, mas a França proibiu isso terminantemente, de modo que a Prússia resmungou, mas recuou. A França então insistiu que o rei Guilherme II da Prússia promettesse jamais considerar tal oferta novamente, uma exigência que Guilherme achou ridícula. A crise estava quase resolvida diplomaticamente, mas o chanceler prussiano Otto von Bismarck notou que o ódio pelos franceses era a única coisa que todas as pequenas nações na Alemanha tinham em comum. Uma crise suficientemente grande poderia ser usada para unir os príncipes alemães menores sob um governo prussiano, caso todos ficassem bastante raivosos, de modo que Bismarck ficou provocando a França sobre o trono espanhol até Napoleão III, o imperador francês, declarar guerra.

Em poucas semanas, ambos os exércitos estavam dispostos em terreno aberto por toda a margem ocidental do Reno. Para analistas externos, a guerra parecia não ter favorito. Os franceses possuíam rifles melhores e metralhadoras primitivas, mas os alemães tinham uma artilharia melhor. O

exército francês era mais profissional (400 mil voluntários), mas o alemão era maior: 1,3 milhão de tropas regulares e reservistas, em sua maioria recrutas, mobilizadas em poucas semanas. Na prática, os alemães detiveram um controle total do início ao fim.

Na batalha de abertura, os alemães concentraram sua ala esquerda e atacaram a ala direita dos franceses, impelindo-a em debandada para o sul. Enquanto os alemães aumentavam a cunha e rumavam para Paris, a ala esquerda dos franceses também recuou, mas na direção oposta, para o norte. Então a principal força alemã impeliu essa metade do exército francês para Metz, onde foi isolada e cercada. A antiga ala direita da França então se recompôs e se reagrupou entre os alemães e Paris. Em termos militares, esse meio exército não tinha chance de derrotar os alemães, mas politicamente os franceses precisavam ao menos fazer uma tentativa. Quando eles avançaram para libertar seus compatriotas cercados em Metz, foram envolvidos e capturados pelos alemães em Sedan. Até Napoleão III caiu prisioneiro.

Com seu imperador nas mãos dos alemães, o povo francês proclamou a volta da república e foi dançar nas ruas, até lembrar que os alemães continuavam avançando. Eles queriam negociar, mas o preço alemão era alto demais. O governo francês retirou-se para a cidade, mais segura, de Tours, no vale do Loire, e tentou atabalhoadamente arregimentar um exército novo nas províncias. Os parisienses criaram milícias, arrebanharam o gado dentro da cidade e se fortificaram para a chegada do exército alemão.

Os alemães cercaram Paris tão completamente que o governo foi forçado a enviar mensagens por pombos, e funcionários por balões. O cerco a Paris se arrastou por meses a fio, enquanto os habitantes acabavam com os suprimentos estocados. Depois começaram a comer ratos, insetos e vermes, animais do zoológico ou bichos de estimação. A artilharia alemã bombardeava a cidade.

Enquanto a capital morria à míngua, o governo francês vasculhava o interior em busca de homens suficientes para arregimentar outro exército. Chegaram a alinhar dois exércitos novos para enfrentar os alemães, um no rio Loire e outro perto da fronteira suíça. Nenhum causou qualquer dano, de modo que a França finalmente desistiu.³

A Europa pode ter perdido um imperador com a queda de Napoleão III, mas ganhou um novo quando o rei Guilherme da Prússia foi promovido a imperador de todos os alemães. Enquanto isso, o caos político na França

viu o primeiro governo socialista europeu, a Comuna de Paris, tomar o poder na cidade. Quando o governo nacional tentou desarmar a milícia parisiense, os membros da Comuna se recusaram, de modo que o exército francês avançou e foi erradicando a Comuna quarteirão por quarteirão. À medida que cada bolsão de resistência se rendia, os rebeldes eram enfileirados e fuzilados. Dois mil prisioneiros foram sumariamente executados durante a luta, e até 25 mil parisienses foram mortos aleatoriamente em meio ao entulho.⁴

FOME NA ÍNDIA BRITÂNICA

Número de mortos: 26,6 milhões mortos de fome¹ (sem incluir a fome em Bengala na Segunda Guerra Mundial)

Posição na lista: 4

Tipo: exploração comercial

Linha divisória ampla: Grã-Bretanha oprimindo a Índia

Época: principais períodos de fome em 1769-70, 1876-79 e 1896-1900

Localização: Índia

Principal Estado participante: Reino Unido, que governava cerca de metade da Índia diretamente como uma colônia

Estados participantes secundários: príncipes nativos que governavam a outra metade como vassalos autônomos

Quem geralmente leva a maior culpa: a maioria das pessoas nunca ouviu falar disso, de modo que ninguém é culpado

Fator econômico: cereais

A ciência lúgubre

A fome parece fácil de ser explicada. Se não há bastante comida, as pessoas morrem de fome. Se não chove, a plantação não cresce e as pessoas morrem de fome. Se há geada ou os gafanhotos aparecem no tempo errado, as pessoas morrem de fome. O problema é que a fome nunca se distribui igualmente pela sociedade. Mesmo em face de uma colheita ruim, os ricos e poderosos permanecem gordos e felizes.

Uma teoria relativamente nova entre os cientistas políticos afirma que ninguém morre de fome nas democracias. Amartya Sen ganhou o prêmio Nobel de 1999 por isso. “Nenhuma fome fatal aconteceu na história do mundo numa democracia em funcionamento”, escreveu ele em *Desenvolvimento com liberdade*.² À primeira vista, a explicação simples e tediosa para isso seria que normalmente as democracias são países ricos onde há comida em abundância. Mas Sen esclarece que a riqueza de uma nação não importa, “seja economicamente rica (como na Europa ocidental ou na América do Norte) ou relativamente pobre (como na Índia pós-independência ou na Botsuana)”. Ao que parece, o fator decisivo para isso é que os governos eleitos precisam manter seus eleitores felizes, e deixar que as pessoas morram de fome resulta em perda de votos, além da óbvia perda de eleitores.

A experiência da Índia tende a confirmar a teoria de Sen. Um país pobre que muitas vezes esteve à beira da inanição, a Índia nunca experimentou uma escassez completa de alimentos desde a Independência, em 1947, apesar de vários períodos de sofrimento; enquanto o país foi governado pelos britânicos, porém, a fome ocorreu com frequência.

Subjacente à teoria está a presunção de que a ação governamental pode sempre evitar as mortes pela fome – pelo menos na era moderna. Se isso é verdade, então sempre que a fome sobrevém foi porque as pessoas responsáveis permitiram.

A teoria de Sen entra em conflito direto com os ensinamentos de Adam Smith, o célebre filósofo do capitalismo de livre-mercado do século XVIII. Smith escreveu, em 1776, que a fome só sobrevém quando os governantes interferem nas forças naturais do mercado. “A fome jamais teve outra causa que não a violência das tentativas governamentais, por meios impróprios, de remediar a inconveniência da escassez.”³

Na Inglaterra imperialista, a palavra de Adam Smith era a palavra de Deus.

1769-70

Com a sua vitória em Plassey (ver “A Guerra dos Sete Anos”), os britânicos (por meio da Companhia Britânica das Índias Orientais) acabaram controlando Bengala, mas logo tiveram um mau começo. Em 1769, as chuvas sazonais não chegaram à Índia, e a fome resultante, entre 1769 e 1770, matou em torno de 10 milhões de pessoas, um quarto da população de Bengala.

De quem foi a culpa? Um capitão da marinha alemã, presente na região na época, escreveu: “Essa fome se deveu, em parte, à safra ruim de arroz do ano anterior, mas também deve ser atribuída, principalmente, ao monopólio dos britânicos sobre as últimas safras desses alimentos, mantidas por eles a tal preço que a maioria dos infelizes habitantes... ficou impossibilitada de comprar a décima parte do que precisavam para viver.”⁴

Foi um prólogo trágico para os dois séculos seguintes de governo britânico.

1876-77

Vamos avançar cem anos, até uma época em que toda a Índia já estava sob o controle da Inglaterra, e a autoridade da Companhia Britânica das Índias Orientais fora transferida para a Coroa. Em 1874, uma seca nas províncias de Bengala e Bihar, no nordeste indiano, arruinou a safra. A fome chegou para milhões de infelizes camponeses, mas a autoridade local, Sir Richard Temple, entrou em ação e montou um sistema modelar de assistência social para aliviar os famintos. Ele importou da Birmânia meio milhão de toneladas de arroz, que distribuiu gratuitamente para os pobres. Graças à rápida ação de Temple, apenas 23 pessoas morreram de fome nesse período. Isso foi considerado “o único esforço inglês de assistência verdadeiramente bem-sucedido durante o século XIX”.⁵

Temple foi severamente repreendido pela extravagância de alimentar os nativos famintos sob seu encargo. A *Economist* o criticou por ensinar aos indianos que “é dever do governo mantê-los vivos”. Toda a classe governista o desprezou por desperdiçar dinheiro público e interferir na ordem natural das coisas.⁶

Humilhado pelas críticas, Temple aprendeu a lição e quis fazer correções. A oportunidade veio rapidamente, em 1876, quando as chuvas de monção não chegaram a uma área muito maior. O solo secou e morreu. As plantações murchavam, o gado definhava.

Ao assumir a tarefa de supervisionar os esforços para aliviar essa nova escassez, Temple estava empenhado em provar que podia ficar dentro do orçamento. “Tudo precisa estar subordinado”, prometeu ele, “à consideração financeira de desembolsar a menor soma de dinheiro compatível com a preservação da vida humana.”⁷

Isso soou agradavelmente ao vice-rei da Índia, Robert Bulwer-Lytton, que precisava de todo o caixa do tesouro público para travar uma nova guerra de conquista no Afeganistão. O primeiro-ministro Benjamin Disraeli enviara Bulwer-Lytton à Índia especificamente para fazer a fronteira avançar outra vez, depois de uma derrota anterior, e os dois homens estavam determinados a fazer com que o custo fosse coberto com o pagamento de impostos pelos contribuintes indianos, não pelo público britânico.

Nesse meio-tempo, a rainha Vitória acabara de ser proclamada imperatriz da Índia^a e lorde Lytton passou grande parte do ano de 1876 planejando uma extravagância para comemorar a promoção da rainha. Todos os lordes nativos da Índia foram reunidos para ver a magnificência de seu novo chefe supremo. A comemoração terminou com uma semana de

festas para 68 mil governantes nativos – a maior celebração desse tipo da história.

Aliviar a fome, portanto, era algo que estava num distante terceiro lugar na lista de prioridades do governo britânico na Índia.

Os governantes nativos da Índia, como os mongóis, tradicionalmente estocavam a colheita dos anos bons para se protegerem dos anos magros; sob as ordens britânicas, porém, as boas safras anteriores haviam sido exportadas para a Inglaterra. Quando as colheitas fracassaram em 1876, nada fora estocado na Índia. A escassez fez os preços subirem além do alcance do indiano comum. Os negociantes suspenderam o fornecimento de cereais na esperança de que os preços subissem ainda mais.

Enquanto os camponeses famintos saíam pelas estradas para achar comida, barreiras mantinham os retirantes fora das cidades de Bombaim e Poona. A polícia em Madras (agora Chennai, no sudeste da Índia) expulsou 25 mil intrusos famintos. O governo colonial estabeleceu, por fim, campos de trabalho onde eles podiam construir canais e ferrovias em troca de comida.

A filosofia predominante na época era de que o auxílio deveria ser difícil de obter, para desencorajar o pobre a se tornar dependente das doações do governo.⁸ Os beneficiados deviam trabalhar muito para seu sustento, cavando valas e quebrando pedras. Os campos aceitavam apenas pessoas aptas e saudáveis nos seus projetos de serviço público, e só empregavam trabalhadores que morassem, pelo menos, a 15 quilômetros de distância, sob a teoria de que uma caminhada longa eliminava os fracos. Centenas de milhares eram dispensados por serem fracos demais para qualquer trabalho.

A maioria das autoridades britânicas concordava com a ideia de que ajudar o pobre criava um ciclo de dependência. O ministro das Finanças declarou: “Toda tentativa benevolente de mitigar os efeitos da fome e do saneamento precário só serve para aumentar os danos resultantes da superpopulação.” Lytton argumentava que a população indiana “tende a aumentar mais rapidamente do que a comida que cultiva no solo” e que qualquer alívio seria simplesmente absorvido pela futura procriação descontrolada.⁹ Um relatório do governo, mais tarde, concluiu: “Se o governo devotar mais parcelas de suas receitas para aliviar a fome, uma proporção ainda maior da população ficará na penúria.”

A ração que Richard Temple distribuía para cada habitante nesses campos de trabalho equivalia a apenas dois terços da que ele dera durante

a sua ajuda bem-sucedida em 1874: 1.627 calorias por dia, em vez de 2.500. Na verdade, a nova ração diária para os indianos famintos, em 1876, tinha menos 123 calorias da que foi dada aos prisioneiros do campo de concentração nazista de Buchen-wald, em 1944. A ração de Temple, meio quilo de arroz por dia (sem carne ou verduras), era metade da que os criminosos recebiam nas prisões da Índia.¹⁰

Em 1877, Temple e Lytton impuseram o Ato contra Contribuições Caridosas em todas as terras sob seu controle; o decreto declarava ilegais quaisquer doações particulares de ajuda que pudessem rebaixar os preços dos cereais praticados pelo mercado livre. A lei era sustentada pela ameaça de prisão. Ao mesmo tempo, enquanto o povo indiano morria de fome, mais de 300 mil toneladas de grãos eram exportadas da Índia para a Europa.¹¹

Os futuristas e modernistas esperavam que as brilhantes e novas tecnologias da era moderna, particularmente ferrovias, tornassem a fome obsoleta ao levar rapidamente alimentos para as áreas afetadas; na prática, porém, a tecnologia teve o efeito oposto. As áreas mais bem servidas por ferrovias sofreram mais, porque isso permitia que os mercadores exportassem as colheitas locais para mercados mais lucrativos.¹²

Lorde Salisbury, secretário de Estado para a Índia, vacilava na resposta adequada à fome. Por um lado, tentava se distanciar daqueles conterrâneos “que idolatravam a economia política como uma espécie de ‘fetiche’” e que consideravam “a fome uma cura salutar para a superpopulação”. Por outro lado, congratulava Disraeli por não se deixar iludir pela “ideia crescente de que a Inglaterra devia pagar tributo à Índia por tê-la conquistado”. Salisbury denegria a ideia de que “a rica Inglaterra devia consentir em penalizar seu comércio em favor da pobre Índia” como uma “espécie de Comunismo Internacional”.¹³

Entre os grandes potentados nativos, apenas o Nizam de Hyderabad, no centro-sul da Índia, oferecia ajuda caridosa. Milhares de famintos caminhavam muitos quilômetros para chegar aos centros de distribuição dele, e frequentemente morriam pelo caminho.

Um editor inglês tentou fazer seus amigos jornalistas investigarem o que estava acontecendo na Índia. “Há longos e exaustivos anos nós exigimos a suspensão do [imposto da terra] quando a fome chega, mas em vão. Sem ver qualquer lei para a pobreza no país, e vendo vigorar outra vez a velha política de deixar que as pessoas se safem ou morram, como puderem...

nós e nossos contemporâneos devemos falar sem reservas, ou estaremos partilhando a culpa desses inúmeros assassinatos cometidos por homens cegos à real natureza daquilo que estamos fazendo no país.”¹⁴

Em 1878, um relatório oficial sobre a fome absolveu o governo de qualquer responsabilidade, e jogou toda a culpa no clima. Pela estimativa oficial, 5,5 milhões haviam morrido no território britânico, sem contar os estados nativos; mais tarde, porém, diversos estudiosos deram estimativas com números superiores a 6, 8 ou 10 milhões para os mortos na Índia durante a fome de 1876.

1896-97

Quando ficou claro que milhões de indianos haviam morrido durante a fome de 1876, o governo preparou relatórios, planos e um Fundo da Fome especial para assegurar que isso jamais aconteceria outra vez. Vinte anos depois, a escassez aconteceu novamente, e então foi descoberto que a maior parte do Fundo da Fome já fora gasta enquanto ninguém estava olhando.¹⁵

O governo em Londres financiara o Fundo da Fome com impostos da Índia, e não britânicos. Seguindo o padrão habitual dos políticos, os liberais no Parlamento tentaram manter o fundo seguro, cobrando um imposto sobre a renda e cortando os gastos militares, enquanto os conservadores preferiram abastecer o fundo aumentando o imposto sobre o sal e restabelecendo uma taxa de licença para os pequenos comerciantes, que caía com mais peso sobre os indianos pobres. O projeto deles passou no Parlamento, mas, como de costume, esse influxo de dinheiro em caixa foi direcionado para os projetos preferidos dos políticos, em vez de ser reservado para uma futura escassez. O dinheiro extra permitiu que Lytton, em 1879, abolisse a taxa sobre as mercadorias de algodão que entravam na Índia provenientes da Inglaterra, ajudando assim as companhias têxteis britânicas de Lancashire, enquanto empobrecia a indústria indiana de algodão. E ainda sobrou muito dinheiro para invadir o Afeganistão.¹⁶

Em 1892, um quarto do total da receita do governo da Índia era usado para manter o próprio governo, sustentando os pensionistas britânicos, o gabinete indiano e os juros da dívida. Muito pouco disso voltava para a economia local; a maior parte ia para os bancos e aposentados ingleses. Tais encargos internos acabavam com qualquer superávit que a economia

dos lavradores pudesse produzir, incluindo os cereais das boas safras, que normalmente seriam estocados para os anos difíceis.¹⁷

Então, em 1896, as chuvas da monção não chegaram, e as colheitas falharam. Mais uma vez, o preço dos grãos subiu às alturas, além do alcance do indiano comum. Mais uma vez, o povo morreu de fome.

Uma testemunha descreveu uma criança de 5 anos que encontrou entre o povo faminto: “Seus braços não eram mais grossos do que os meus polegares; suas pernas, pouco maiores; os ossos pélvicos estavam à mostra; as costelas, na frente e atrás, apareciam sob a pele como os arames de uma gaiola. Os olhos eram fixos e desatentos; havia uma expressão solene, triste e velha na pequena face cadavérica. Vontade, estímulo e qualquer emoção haviam sido destruídos naquele esqueleto, que poderia ter sido um bebê gordo e feliz. Parecia não ouvir quando se falava com ele. Eu o levantei com os meus polegares e meus dedos indicadores; não pesava mais do que três ou quatro quilos.”¹⁸

Um missionário descreveu um fazendeiro muçulmano que vendera sua terra, depois sua casa, e depois seus utensílios de cozinha para comprar alimento para a sua família. Quando tudo acabou, ele deu seu filho para que os missionários cuidassem. Depois de, chorando, garantir ao menino que isso não queria dizer que ele não o amava, só que não tinha escolha, o homem foi embora, deixando o menino para ser criado como cristão.¹⁹

1899-1900

Sabemos hoje que essas estiagens foram causadas pela Oscilação Sul do El Niño, um aquecimento esporádico da superfície do sul do oceano Pacífico, nas proximidades da costa do Peru, que altera o sistema climático do mundo inteiro, trazendo chuva quando é habitualmente seco e estiagem quando habitualmente chove. Depois de uma breve interrupção na estiagem, o El Niño voltou em 1899, trazendo um período ainda mais longo de seca.

Apesar de toda a experiência já adquirida pelas autoridades, essa nova seca causou tantos estragos quanto as anteriores. O novo vice-rei da Índia, lorde Curzon, repetiu a maioria das políticas que haviam matado tanta gente nas estiagens anteriores. Os príncipes nativos não agiram melhor. O marajá de Indore vetou todos os gastos para ajuda, enquanto Curzon deportava os refugiados que chegavam dos principados autônomos.²⁰ Nas regiões afetadas, pelo menos um em cada sete camponeses faliu e foi

desapropriado. Enquanto os camponeses indianos quebravam e se dirigiam para as cidades, os britânicos aumentavam seu poderio no subcontinente.²¹

Com a escassez de cereais, o preço dos alimentos foi às nuvens. Um metodista de Hyderabad escreveu: “As pessoas não possuíam reservas, fosse de forças ou de cereais, a que recorrer; as dívidas provocadas pela crise anterior ainda as sufocavam, e era impossível arranjar dinheiro; os que emprestavam apertavam os cordões de suas bolsas quando percebiam que não tinham chance de recuperar seus empréstimos.”²²

As autoridades britânicas viam trapaceiros em toda parte, e suspeitavam que muitos indianos candidatos à ajuda tivessem “enterrado reservas de grãos e ornamentos”.²³ Testes criados para manter o maior número possível de indianos sem assistência impediram 1 milhão de pessoas de receber ajuda da presidência de Bombaim.²⁴

Três quartos de 1 milhão de alqueires de grãos foram exportados da província de Berar, no norte, ainda que ali 143 mil pessoas tenham morrido de fome.²⁵ Quando os populistas do Kansas, nos Estados Unidos, embarcaram 200 mil sacas de grãos para amenizar a fome “em solidariedade aos camponeses indianos”, os funcionários britânicos taxaram a carga.²⁶ A ordem vigente entre a oficialidade era que “os impostos fossem coletados a todo custo”.²⁷

A cólera grassava entre os refugiados famintos. Um médico ocidental descreveu um acampamento: “Milhões de moscas voavam sem serem perturbadas sobre as infelizes vítimas. Uma jovem mulher que perdera todos os entes queridos e ficara completamente louca olhava, indiferentemente, sentada à porta, para as cenas horríveis ao seu redor. Em todo o hospital não consegui ver uma única peça de roupa decente. Trapos, nada mais que trapos e sujeira.”²⁸

Apesar da explosão demográfica mundial que caracterizou os séculos XIX e XX, a população da Índia sofreu um declínio absoluto entre 1895 e 1905 – a única vez em que isso aconteceu, desde o primeiro censo, realizado em 1872.²⁹ O número de mortos na crise de 1899-1900 já foi estimado em mais 6, 8 ou 19 milhões – no mesmo nível de grandeza da crise de 1876. Dessa vez, entretanto, o relatório do governo inglês, escrito depois do fato, reconheceu que a escassez proveio mais do fracasso da economia do que do fracasso do clima. Havia muitos cereais na Birmânia e em Bengala que poderiam ter sido enviados ao sul e ao oeste para alimentar os famintos.

Devido ao excelente sistema de comunicação que agora põe as pessoas da (Índia) em conexão com o grande mercado, os suprimentos de alimentos eram suficientes em qualquer época, e nunca é demais repetir que a rigorosa privação foi causada, principalmente, pela carência de emprego na agricultura e em outras atividades, mas a quebra das safras causou perda de renda numa área enorme e em “escala sem precedentes”.³⁰

^a Naquela época, o mundo estava repleto de imperadores. Eles governavam a Rússia, o Brasil, o Japão, a Áustria, a China e outros lugares, o que significava que uma mera rainha como Vitória, governante do país mais poderoso do mundo, não teria permissão de sentar à grande mesa, se todos não chegassem a um acordo. Isso ficou ainda pior em 1871, quando o modesto rei da Prússia foi proclamado imperador de uma recentemente unida Alemanha. Como Vitória se sentiu preterida na disputa pelo título, esse insultante estado de coisas precisava ser corrigido, mas eles não podiam fazer a Inglaterra saltar de reino para império simplesmente estalando os dedos. Disraeli precisava descobrir algo grande e impressionante para fazer dela uma imperatriz. Pronto... a Índia! Isso se deu em 1^o de janeiro de 1877.

A GUERRA RUSSO-TURCA

Número de mortos: 500 mil¹ (208 mil ou 283 mil soldados)

Posição na lista: 70

Tipo: choque de culturas

Linha divisória ampla: turcos *versus* cristãos

Época: 1877-78

Localização: Balcãs

Principais Estados participantes: Rússia, Turquia otomana

Estados participantes secundários: Áustria-Hungria, Valáquia, Moldávia

Principais não Estados participantes: bósnios e búlgaros

Quem geralmente leva a maior culpa: Turquia

Em 1876 irrompeu na Bósnia uma revolta contra o governo da Turquia que rapidamente se espalhou por todos os súditos cristãos do sultão nos Balcãs – macedônios, sérvios e búlgaros. Os rebeldes mais distantes, os bósnios, receberam a proteção da Áustria. Infelizmente, os mais próximos, os búlgaros, eram os mais fáceis de serem alvo do castigo otomano: quando as tropas turcas chegaram para abafar a revolta, dominaram rapidamente as cidades rebeladas e assassinaram 30 mil búlgaros de todas as idades e gêneros.

Os massacres horrorizaram a Europa, e todo o mundo insistiu que alguém fizesse algo. A princípio, o governo russo hesitou. Era um problema interno, afinal de contas, e ninguém queria começar uma guerra geral europeia por causa de uma maldita tolice nos Balcãs. Tratados impediam a Rússia de interferir na Turquia, mas muitos oficiais idealistas do exército russo renunciaram e se juntaram aos rebeldes para lutar em prol dos seus amigos eslavos.

Com a opinião europeia a seu favor, os russos finalmente lançaram um ataque de surpresa em abril de 1877 ao sul da costa do mar Negro e libertaram a Bulgária do governo turco. Isso logo se transformou na única guerra popular da história da Rússia e, durante uns poucos anos, os voluntários excederam os convocados no recrutamento anual. Os russos pressionaram e frustraram várias tentativas otomanas para detê-los. Quando, em julho, os russos se aproximaram de Constantinopla, ficaram atolados frente às trincheiras externas da cidade turca de Plevna. Meses de assaltos infrutíferos desgastaram o exército russo e, quando Plevna se

rendeu, em novembro, a guerra já durara tempo suficiente para o pragmatismo substituir o idealismo nas capitais da Europa. A opinião pública no Ocidente já passara da intenção de deter os turcos para a de salvá-los. Quando a armada britânica rumou para a zona de guerra, uma reprise da guerra da Crimeia parecia inevitável, até que todos se afastaram da beira do abismo.²

Por fim, o Império Otomano foi um pouco reduzido em favor das nacionalidades locais. O primeiro tratado imposto pelos russos tentava criar uma grande nação búlgara, que incluía quase tudo que os turcos ainda ocupavam na Europa, mas as outras potências não permitiram. Outro tratado negociado em Berlim reduzia a Bulgária à margem sul do baixo Danúbio, e ainda dividia isso em dois países. Os estados da Sérvia e da Romênia, que eram vassalos da Turquia, receberam plena independência, e à Áustria foi permitido ocupar – não possuir – a Bósnia. Os turcos também deram a ilha de Chipre aos britânicos como agradecimento por terem sido amigos quando preciso.³ Para purificar suas terras de todos os traços do inimigo, os búlgaros expulsaram, com considerável brutalidade, mais de meio milhão de habitantes muçulmanos, e incontáveis milhares de pessoas morreram no êxodo.

Cultura pop

*Os filhos do Profeta são homens bravos e audazes
Desacostumados a fugir,
Mas o mais corajoso, de longe, nas fileiras do xá,
Era Abdul Abulbul Amir.*

*Já os heróis eram muitos e afamados,
Nas tropas comandadas pelo czar,
Sendo o mais valente deles um homem chamado
Ivan Skavinsky Skavar.*

*Um dia, esse russo corajoso pegou sua arma
E com sua truculência foi sorrir
Na cidade, só para pisar nos calos
De Abdul Abulbul Amir...*

– Percy French, “Abdul Abulbul Amir”, 1877

Embora os britânicos se mantivessem fora da guerra, o conflito russo-turco deixou uma curiosa lembrança no vocabulário deles. Além da canção “Abdul Abulbul Amir”, escrita por um aluno do Trinity College, em Dublin, outro sucesso das revistas musicais baseadas em atualidades foi uma orgulhosa cançoneta escrita por G. W. Hunt e apresentada por G. H. “O Grande” MacDermott:

*Não queremos brigar, mas por Jingo se entrarmos no meio,
Temos navios, temos homens e também temos dinheiro,
Já lutamos contra o Urso e, enquanto formos fiéis à bandeira,
Os russos não terão Constantinopla.*

Desse refrão veio a palavra inglesa para uma entusiástica provocação de guerra: *jingoism*.

Essas duas canções representam muito bem os dois pontos de vista que parecem emergir em todos os debates sobre intervenção estrangeira. Há a atitude de que não podemos ficar simplesmente sentados, observando, enquanto os estrangeiros fazem algo horrível, e também a atitude de que os estrangeiros vêm se matando uns aos outros há anos, e continuarão a agir assim, pouco importando o que fizermos a respeito.

Baixas

Na maioria das batalhas contadas até agora neste livro, os exércitos geralmente deixavam os soldados feridos sem atendimento, gemendo onde caíssem, até o exército tirar uma boa noite de sono. Lutar nas batalhas era exaustivo. Juntar e tratar feridos tomava muito tempo e recursos para que os exércitos fizessem mais do que um esforço simbólico, enquanto o inimigo ainda estava na vizinhança, ameaçando recomeçar o ataque. Na verdade, ajudar a evacuar os feridos para a retaguarda era visto como uma artimanha covarde para escapar do perigo, e os exércitos geralmente tinham regras contra isso.⁴ Durante a década e meia que precedeu a guerra russo-turca, os humanitários do Ocidente trataram de organizar uma instituição neutra dedicada a tirar os soldados feridos dos campos de batalha e levá-los para os hospitais, sem depender das decisões dos generais. Desde que não tomasse partido, a Cruz Vermelha teria permissão para movimentar-se livremente em território hostil no cumprimento da sua missão.

Depois de um começo promissor numa pequena guerra entre a Prússia e a Dinamarca, em 1864, o movimento ganhou grande aceitação em 1870, na guerra franco-prussiana, mas teve seu primeiro empecilho na guerra russo-turca. Numa guerra entre muçulmanos e cristãos, os soldados turcos tinham dificuldade para aceitar que estrangeiros marcados com uma grande cruz vermelha não eram inimigos. Para acalmar suas suspeitas, dessa ocasião em diante a Cruz Vermelha passou a ser o Crescente Vermelho em terras muçulmanas.

Número de mortos

O exército russo contabilizou 35 mil mortos em combate e 83 mil mortos por doença ou acidente.⁵ As mortes de militares turcos foram estimadas em 90 mil⁶ ou 165 mil.⁷

Nenhum dos números de civis mortos que encontrei inspira muita confiança. O demógrafo soviético Bóris Uralnis fixou entre 300 mil e 400 mil os civis mortos *na Rússia*, embora a guerra não houvesse se passado ali.⁸ Nacionalistas turcos juram que os búlgaros massacraram 260 mil turcos, enquanto purgavam seu novo país dos primeiros opressores, mas essa estimativa partiu de Justin McCarthy, que está em desacordo com a tendência atual.⁹ Embora as especificidades sejam contestáveis, um total correto de centenas de milhares de civis mortos está provavelmente escondido no meio dessa confusão de números, mas não podemos dizer qual, como ou onde.

*Um respingo no mar Negro em noite escura sem luar
Causou ondulações que se espalharam sem parar,
Provocado por um saco preso às costas
De Ivan Skavinsky Skavar.*

*Uma moscovita manteve sua longa vigília solitária
Murmurando um nome em vão, a chorar,
Sob a luz da fria estrela boreal:
O de Ivan Skavinsky Skavar.*

A REVOLTA MAHDI

Número de mortos: 5,5 milhões

Posição na lista: 21

Tipo: revolta messiânica

Linha divisória ampla: mahdistas (“dervixes”) versus todos os outros

Época: 1881-98

Localização: Sudão

Principal Estado participante: Mahdiah (o Domínio de Mahdi)

Estados participantes secundários: Etiópia, Grã-Bretanha, Darfur, Egito

Quem geralmente leva a maior culpa: o Mahdi e o califa

Fator econômico: escravos, dívidas

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Por que tantos homens santos não veem problema algum na escravidão?^a

A raiz de todo o mal

Em 1879, o governo do Egito cambaleava instavelmente em direção à bancarrota devido à habitual combinação de guerras insensatas com um governante dissoluto. Preocupados com a segurança do Canal de Suez, franceses e ingleses se juntaram para endireitar as finanças do Egito. Pouco depois, os nacionalistas dentro do exército egípcio se rebelaram contra essa intrusão estrangeira. Como a França não conseguiu chegar lá a tempo, a revolta foi abafada exclusivamente pelas tropas inglesas. Isso transformou um protetorado internacional em uma colônia inglesa, com fortes reverberações diplomáticas que terão de esperar até o próximo capítulo (ver “Estado Livre do Congo”).¹

Para este capítulo, tudo que você precisa saber é que os britânicos estavam, de repente, governando o Egito. Eles só queriam receber seus empréstimos de volta e manter o canal seguro, de modo que tentaram evitar chamar a atenção sobre si próprios e supervisionar discretamente, nos bastidores, o governo local. Infelizmente, o governo egípcio já incomodava os tradicionalistas árabes de muitas maneiras. O Cairo era corrupto e decadente. Os habitantes bebiam álcool abertamente e tocavam música. Em suas escolas, a classe alta estudava línguas ocidentais, ciência e medicina. Agora, o Egito estava sob o domínio dos senhores europeus. A última gota veio quando o Cairo – por sugestão dos britânicos – tentou abolir o comércio de escravos, que era o principal suporte econômico dos

árabes na província egípcia do Sudão. Os sudaneses se rebelaram em 1881.

O guia

O Sudão se agrupou em volta de Muhammad Ahmed, um homem santo errante que desafiava as autoridades havia anos. Nascido e criado nas nascentes do Nilo, ele preferiu o estudo do islamismo ao negócio de carpintaria da família. Ainda adolescente, seguiu os dervixes – místicos sufis. Ao longo do tempo, foi se juntando ao séquito de vários dos homens mais santos do Sudão, até decidir que era mais santo do que todos os outros juntos. Afastou-se e começou a congregar seus próprios discípulos. Logo sugeriu – e finalmente declarou – que ele era o Mahdi, “O Guiado”, um título messiânico. O calendário muçulmano estava se aproximando da virada do século (1882/1883 = 1300 após a Hégira) e inquietações apocalípticas permeavam a sociedade.

Inicialmente, as autoridades egípcias da capital interiorana de Cartum tentaram o suborno, mas, quando Muhammad Ahmed provou ser absolutamente sério e incorruptível, enviaram soldados para prendê-lo. Duas companhias de tropas egípcias correram, durante toda a noite e por caminhos diferentes, para ver quem seria a primeira a capturar Mahdi e receber a recompensa. Perto da madrugada, chegaram ao seu destino simultaneamente, vindo de direções contrárias, e acabaram acidentalmente atirando uns nos outros, até que o exército de Mahdi apareceu e os liquidou.²

A força seguinte – 4 mil homens sob o comando de Yusef Pasha – era tão indisciplinada e tão confiante de que podia derrotar os selvagens que nem mesmo designou sentinelas. Os mahdistas atacaram à noite e liquidaram o bem equipado exército até o último homem, usando pouco mais que lanças e espadas.

Uma força egípcia melhor, formada por 8 mil homens sob o comando de Hicks Pasha, um mercenário inglês convertido ao islamismo, atacou o território mahdista de Cartum, mas ficou perseguindo a esmo o inimigo deserto adentro. Depois de várias semanas, os rebeldes cortaram a linha de suprimentos dos egípcios. Logo a coluna começou a cambalear, sucumbindo ao calor e à sede, até que os dervixes montaram uma emboscada e mataram todos. A cabeça de Hicks foi levada ao Mahdi, e seu corpo abandonado, para ser atravessado, vezes sem conta, pelas lanças

dos dervixes triunfantes.³

Com falta de soldados, o governo egípcio cedeu e enviou Charles Gordon, o mercenário inglês que ajudara a vencer os taipings na China (ver “A Rebelião Taiping”), para Cartum em fevereiro de 1884, com ordens para evacuar todos os europeus e egípcios da cidade – 7 mil soldados e 27 mil civis. Chegando lá, decidiu que seria cruel deixar as guarnições remotas egípcias à mercê dos dervixes, de modo que ficou esperando que as guarnições recuassem até Cartum. Em maio, enquanto ainda esperava, os mahdistas cercaram a cidade. Gordon ficou preso ali.

Quando o povo inglês soube do apuro heroico de Gordon, insistiu que seu governo se apressasse e o resgatasse. Em outubro, uma força expedicionária de 10 mil homens comandada por lorde Garnet Wolseley se formou no Cairo, cruzando 1.300 quilômetros em direção a Cartum e ao centro da rebelião.

Despachos enviados à Inglaterra excitavam os leitores dos jornais, à medida que a coluna avançava, mas veio o dia em que Wolseley chegou ao seu destino e se deparou com os dervixes já dentro dos muros de Cartum. Dois dias antes, em 25 de janeiro de 1885, com a chegada iminente dos britânicos, o Mahdi ordenara um assalto suicida a Cartum. A cidade caiu, e a isso seguiu-se uma pilhagem geral, com o massacre da população indefesa. As mulheres foram distribuídas pelos haréns da elite mahdista. A cabeça de Gordon foi oferecida a Mahdi, embora ele não houvesse pedido isso.

O califado

O resgate fracassado de Gordon derrubou o governo liberal de William Gladstone, na Grã-Bretanha. Nesse meio-tempo, o general Wolseley abandonou o Sudão à sua própria sorte e levou seu exército para casa.

A maioria dos livros de história pula os 15 anos seguintes, porque os britânicos não estavam envolvidos, mas o Sudão sob os mahdistas se deu mal. Só as mortes nas guerras anglo-sudanesas não bastariam para colocar esse evento na minha lista, mas com as guerras em todas as frentes, a fome e a intensificação da captura de escravos, a população do Sudão diminuiu. Dos 8 milhões de sudaneses antes da rebelião restaram apenas 2,5 milhões para serem computados pelo governo egípcio, depois da reconquista.⁴

Cartum foi deixada em ruínas, tomada pelo mato, coberta de ossos e

despojada de tudo que fosse aproveitável, enquanto uma nova capital crescia rapidamente do outro lado do rio em torno do quartel-general de Mahdi, em Omdurman, que passou a contar com 150 mil habitantes.

Os mahdistas impuseram rigorosas leis muçulmanas. Açoitamentos, mutilações e decapitações tornaram-se crescentemente comuns. A assistência aos pobres, que o islamismo pregava como um objetivo virtuoso, virou um imposto obrigatório, cuja maior parte era destinada a manter o dispendioso modo de vida dos líderes do movimento.

O Mahdi baniu tudo o que fosse estranho à cultura árabe, como a educação, a indústria e a medicina europeias, mesmo usando um fez que lhe dava um aspecto turco. Em junho de 1885, pouco depois de proibir a medicina ocidental e expulsar ou executar todos os médicos, o Mahdi adoeceu com tifo e morreu. A liderança do Mahdiah foi para um seu companheiro próximo, o califa (“vice”) Abdullahi.⁵

Os nômades Baqqarah (em árabe: criadores de gado) de Kordofan, especialmente do clã Taaisha do Abdullahi, formavam a espinha dorsal do califado de Abdullahi. Sua pretensão à sucessão, entretanto, foi contestada pelos familiares de Mahdi, que achavam que um deles mereciam o título, e essa rivalidade levou a uma guerra civil de grau baixo. Nessa época, o Sudão era ainda uma sociedade tribal. Muitos clãs se mantinham dentro de seus próprios territórios, mas outros alimentavam rixas sangrentas com seus vizinhos havia gerações; entretanto, as únicas armas modernas de que dispunham eram os milhares de rifles recolhidos dos egípcios mortos que o califa distribuía apenas para seus amigos.

Abdullahi conseguiu dominar todo o Sudão. Ele matou os árabes kababish de Kordofan, que haviam rejeitado o Mahdi e vendido camelos para Gordon. Massacrô os juhainas do Nilo Azul (o braço oriental que se une ao Nilo Branco em Cartum), pouco ligando para o fato de que, até então, eles produziam a maior parte dos cereais de Omdurman. Uma rebelião em Darfu causou a fúria dele, bem como dois anos de lutas selvagens na região.⁶ A captura de escravos no território pagão recomeçou.

Quando os árabes batahins se rebelaram, Abdullahi ordenou que todos os homens da tribo fossem caçados e arrastados até Omdurman para serem punidos. Dezenas morreram na prisão antes que os setenta sobreviventes fossem sentenciados à execução pública. Como a corda se rompeu quando o 18^o foi enforcado, Abdullahi decidiu decapitar os seguintes. Por fim, ele ordenou que os últimos 27 tivessem as mãos e os pés cortados, sendo em seguida libertados, para sangrarem até a morte ou

mendigar no mercado.⁷

O califa proibiu a tradicional peregrinação muçulmana a Meca e passou a insistir que a peregrinação à tumba de Mahdi, em Omdurman, era o novo dever sagrado.

Quando, em 1888, as chuvas falharam, a escassez de cereais, criada pelo massacre dos juhainas e pela guerra implacável, causou uma fome generalizada. Sob as ordens do califa, os soldados sudaneses percorriam as áreas rurais, confiscando os cereais que achavam e levando tudo para a capital. Lá redistribuíam a carga entre a população, de acordo com a lealdade de cada um. Quando a fome dominou o país, ficou difícil manter as ruas de Omdurman livres de cadáveres.

Em 1887, os mahdistas invadiram o império cristão da Etiópia (também chamada Abissínia na época) e devastaram as províncias fronteiriças. Quando o imperador Yohannes IV da Etiópia enviou seu exército para expulsá-los, uma força mahdista veio por trás e tomou a sua capital, em Gondar. Os sudaneses estupraram e mataram os habitantes, incendiando depois a cidade.

Em 1889, Yohannes encontrou o exército sudanês estacionado na cidade de Metema, na fronteira com o Sudão, e atacou. Essa foi a última grande batalha da história travada, primariamente, com o poder de músculos e armas afiadas. Embora o ataque dos etíopes houvesse começado bem, Yohannes foi mortalmente ferido e carregado de volta ao acampamento. Isso abateu o moral das tropas etíopes, e seu ataque fracassou.^b Enquanto os etíopes preparavam o corpo do imperador para o funeral, seus parentes começaram a brigar pelo trono, e todos eles correram para casa a fim de se prepararem para a próxima guerra civil. Aproveitando a confusão, os mahdistas atacaram Metema, dispersando os etíopes remanescentes, que abandonaram o caixão incrustado de joias com o corpo do imperador. Depois de acharem esse troféu no acampamento deserto, os mahdistas enviaram a cabeça do imperador para Omdurman, onde foi exibida orgulhosamente na ponta de uma estaca e acrescentada à coleção.⁸

Reconquista

Depois de uma década e meia ignorando o Sudão, os britânicos ficaram preocupados com os franceses, que vinham consolidando um império no interior da África e já estavam se aproximando do Nilo. Isso não podia ser

permitido. Se os franceses conseguissem se instalar no Alto Nilo, os ingleses temiam que eles usassem técnicas de engenharia moderna a fim de desviar toda a sua água preciosa para fora do Egito.

Em 1898, um exército de 17 mil egípcios e 8 mil ingleses marchou para retomar o Sudão, liderados por Sir Herbert Kitchener. Dono de um bigode impressionante e fluente em árabe, Kitchener fora um oficial subalterno na campanha de Wolseley em 1884-85. Como não havia compatriotas sitiados para resgatar, ele agora podia se mover com um passo menos acelerado do que o de Wolseley.

Os britânicos mataram 3 mil mahdistas no primeiro choque em abril, quando uma coluna de dervixes tentou destruir a ferrovia que estavam construindo em Atbara, para dar apoio à sua ofensiva. Os mahdistas tinham reputação de serem impossíveis de deter, e fanaticamente impermeáveis à dor, o que levou os carabineiros britânicos a usarem balas dundum, projéteis de chumbo que se expandiam, fragmentando partes inteiras do corpo e deixando buracos abertos onde quer que acertassem. Os britânicos, frequentemente, atiravam nos dervixes feridos, achando que isso era melhor do que se arriscar a serem mortos por eles numa última e teimosa demonstração de força. Nunca foram perdoados pelos sudaneses por isso.

Depois de uma metódica marcha em direção a Cartum, o exército britânico foi atacado em setembro, nos arredores de Omdurman, pela totalidade do exército mahdista. Os britânicos haviam trazido uma maravilhosa invenção nova – a metralhadora Maxim – e, assim, quando os ruidosos dervixes atacavam, eram derrubados aos milhares. Omdurman foi uma das batalhas mais desiguais da história. Dez mil dervixes foram mortos; outros 20 mil ficaram tão feridos que não conseguiram fugir. Os britânicos perderam apenas meio por cento disso, 48 mortos, a maioria deles quando um oficial da cavalaria, buscando a glória, liderou, sem autorização, seus homens num ataque totalmente desnecessário e sem apoio contra o inimigo. Foi a última carga de cavalaria que o exército britânico empreendeu.

Os britânicos explodiram o túmulo do Mahdi e jogaram seus ossos no Nilo, com exceção do crânio, que foi oferecido a Kitchener, depois a um museu na Inglaterra, e finalmente foi reenterrado com todos os ritos muçulmanos, depois que a rainha Vitória ouviu falar do caso e, enojada, ordenou que suas tropas deixassem os restos mortais do homem em paz.

O último sinal do Estado mahdista foi finalmente extinto quando o

fugitivo califa Abdullahi foi perseguido e morto em combate, no mês de novembro de 1899.

^a Duas explicações possíveis seriam a cínica e a teológica. Cynicamente, podemos dizer que as grandes religiões fazem parte da classe dominante e, assim, é *claro* que ajudam a manter cada um em seu lugar. Teologicamente, as religiões geralmente enfatizam que todos nós somos servos de Deus, sem distinguir a nossa posição aqui na Terra – reis ou escravos, isso não importa. Somos todos igualmente humildes aos olhos de Deus.

^b Preocupados com a derrota em Metema, os europeus começaram a equipar o exército etíope com armas modernas para fazer frente aos mahdistas. O efeito colateral disso é que os etíopes ficaram tão bem armados que conseguiram lutar contra a usurpação europeia, tornando-se o único estado nativo a sobreviver à luta pela África (C.1880-1900).

ESTADO LIVRE DO CONGO

Número de mortos: 10 milhões

Posição na lista: 14

Tipo: exploração comercial

Linha divisória ampla: europeus explorando nativos

Época: 1885-1908

Localização: bacia do Congo, África central

Principais Estados participantes: nenhum

Principais não Estados participantes: Estado Livre do Congo

Quem geralmente leva a maior culpa: o rei Leopoldo II da Bélgica

Fatores econômicos: borracha, madeira, marfim

Nessa época, (a África) não era mais um espaço vazio. Enchera-se, desde a minha infância, de rios, lagos e nomes. Deixara de ser um espaço vazio deliciosamente misterioso – um pedaço em branco para um menino sonhar gloriosamente. Virara um lugar de escuridão. Mas lá dentro havia principalmente um rio, um poderoso rio grande que você podia ver no mapa, semelhante a uma imensa serpente desenrodilhada, com a cabeça no mar, o corpo em descanso curvado sobre um vasto país, e o rabo perdido nas profundezas da terra. E, quando olhei para o mapa na vitrine de uma loja, isso me atraiu como a serpente atrairia um pássaro – um pássaro tolo e pequeno. Então lembrei que havia ali uma grande empresa, uma companhia comercial naquele rio. Com a breca!, pensei, eles não podem fazer comércio sem usar alguma espécie de embarcação nessa grande quantidade de água doce – navios a vapor! Por que eu não deveria tentar comandar um vapor? Fui andando pela rua Fleet, mas não conseguia esquecer a ideia. A serpente me enfeitiçara.

– Joseph Conrad, *Heart of Darkness*

O homem que colocou o rio Congo no mapa foi o famoso explorador e jornalista Henry Stanley. Depois de ganhar fama por presumivelmente descobrir o dr. Livingstone em 1871, Stanley voltou à África para esclarecer todas as grandes dúvidas geográficas. Levando *Lady Alice*, um bote dobrável, pelo interior de Zanzibar, seguindo as rotas escravagistas dos árabes na África oriental, ele primeiro circum-navegou o lago

Tanganica, depois o lago Vitória, e, com isso, determinou a nascente do Nilo de uma vez por todas. Tendo resolvido o grande mistério geográfico da época, Stanley lançou seu barco portátil – junto com canoas compradas ali mesmo – em um grande rio misterioso que nascia no lado ocidental dos lagos, e que vinha a ser o rio Congo. Sua lendária expedição pelo rio trouxe o moderno poder de fogo à exploração da África, explodindo qualquer oposição nativa que ele encontrasse. Quando Stanley emergiu do Congo na costa do Atlântico, em 1870, a idade de ouro da exploração africana terminara.

Seus despachos da África atiçaram a imaginação do Ocidente. Infelizmente, em cartas que aguardavam pacientemente por ele havia vários anos, Stanley recebeu a terrível notícia de que sua noiva, Alice, cuja lembrança o animara e inspirara enquanto viajava com o barco homônimo dela pela misteriosa África, casara-se com outro, um ano depois que Stanley desaparecera. Ele ficou inconsolável, e publicou seus diários sob a forma de um campeão de vendagem sobre suas aventuras no Continente Negro.

Impressionado com a vasta riqueza do país, Stanley nutria a esperança de convencer o governo britânico a estabelecer uma colônia ali, mas não obteve êxito. Ele era apenas o mais recente grande explorador que falhava ao tentar interessar um governo na bacia do Congo. Esses advogados viviam promovendo reuniões e escrevendo editoriais apaixonados sobre o valor de ter mercados para as mercadorias da Europa, o número de almas pagãs que precisavam ser salvas, os ricos recursos naturais prontos para serem tomados, os selvagens canibais que precisavam de uma reforma dietética, ou o ignóbil mercado de escravos que precisava ser abolido.

Ninguém estava interessado. Os governos europeus preferiam a atitude sensata da classe média: as colônias custavam mais do que valiam. Em 1870, os únicos funcionários do norte da Europa ao sul do Saara estavam na África do Sul – onde o clima era agradável para a colonização branca – e nas cidades costeiras, como Libreville e Freetown, fundadas como parte do movimento antiescravagista. Os missionários vagueavam pelo coração da África, mas faziam isso por sua própria conta, sem a proteção dos governos.

Um homem de dinheiro e bom gosto

Entre os que falharam em convencer um governo a assumir o “fardo do

homem branco” estava o rei Leopoldo II da Bélgica, um hedonista e uma pessoa perigosamente hábil, que procurava por terras sem dono para conquistar. Nascido em 1835, ele era apenas cinco anos mais jovem do que seu pequeno país, mas tinha grandes ambições.

“Não há nações pequenas”, dizia Leopoldo, “apenas mentes pequenas.” Concordaria a Espanha em vender as Filipinas? Ninguém parece estar usando aquele desolado pedaço da Argentina – que tal nos dar isso? Talvez Bornéu esteja disponível, ou a Nova Guiné. Infelizmente, o Parlamento da Bélgica não estava mais interessado em adotar colônias do que seu correspondente britânico. As ambições de Leopoldo estavam dando em nada.

Depois de ler o livro de Stanley, Leopoldo tentou interessá-lo em uma parceria, mas encontrou relutância por parte do autor. Quando viajava pela Europa promovendo seu livro, Stanley recebia inúmeros convites amáveis do rei para almoçar e tomar chá, sempre que este se encontrava na mesma cidade. Leopoldo estava namorando a ideia de passar por cima dos governos da Europa e criar uma colônia independente, o Estado Livre do Congo. Ele tomava como modelo a comunidade menor e mais antiga dos primeiros escravos na Libéria. O Estado Livre do Congo proibiria a importação de armas e álcool. Imporia a paz entre todas as tribos, aboliria o comércio de escravos e estabeleceria uma zona protegida de livre comércio onde os três “c” – comércio, cristianismo e civilização – poderiam florescer.

Leopoldo patrocinou uma conferência em Bruxelas, em setembro de 1876, em que trabalhos científicos e antropológicos sobre a África foram apresentados, e então criou uma organização não oficial, chamada Association Internationale Africaine. Esse grupo se encontrou uma segunda vez, um ano depois, e desapareceu. Pouco importava. Já servira a seu propósito. Durara tempo suficiente para convencer o mundo de que Leopoldo estava falando sério.

Stanley concordou em voltar ao Congo e construir uma estrada que contornasse Livingstone Falls, a longa extensão de despenhadeiros e cachoeiras que separava o estuário litorâneo do vasto e preguiçoso trecho de rio navegável que penetrava 1.500 quilômetros até o coração da África. Começando em 1879, ele estabeleceu postos ao longo do rio e negociou com os chefes locais, trocando mercadorias pelo direito de passagem.

Selo de borracha

A ocupação britânica do Egito, em 1879, fez mais do que enfurecer os nativos e provocar a revolta descrita no capítulo anterior (ver “A revolta Mahdi”). Também aborreceu o restante da Europa.

Embora ninguém na Europa estivesse realmente querendo a África, tampouco deixariam alguém ficar com ela; assim, logo que os ingleses fizeram sua tentativa, o restante da Europa se levantou e exigiu o seu quinhão. Com a Inglaterra controlando o Egito, todos os outros países – França, Alemanha, Portugal, Itália – queriam participar da festa. Em 1884, os representantes de uma dúzia de nações se reuniram em Berlim para dividir a África imparcialmente entre todos os pretendentes. É claro que nenhuma nação representada na conferência era africana, mas eu realmente preciso lhe dizer isso? Mesmo os Estados africanos ocidentalizados, como o Transvaal e a Libéria, foram barrados.

Além de dividir as esferas nacionais de influência, os delegados endossaram formalmente o plano de Leopoldo. O Congo seria uma colônia privada sob o controle pessoal do rei – e não uma possessão do Estado da Bélgica. Em parte, Leopoldo recebeu o Congo como um acordo. Nenhuma grande potência queria deixar que aquilo caísse nas mãos de outra grande potência, mas doar tudo ao rei da pequena e neutra Bélgica parecia ser seguro.

Durante aquela era de capitalismo desenfreado, permitir que corporações funcionassem como nações soberanas tinha precedentes sólidos. A Companhia das Índias Orientais holandesa, nos séculos XVII e XVIII, administrara colônias e esquadras no Extremo Oriente sem supervisão de governo. A Companhia Britânica das Índias Orientais conquistara a Índia e governara independentemente, até a Coroa assumir, em 1858. A Companhia da Baía de Hudson controlara um sexto da América do Norte até 1868. O Estado Livre do Congo era apenas mais uma colônia privada.

Borracha vermelha

A princípio, o Estado Livre não foi uma operação bem-sucedida. Como os céticos no Parlamento belga haviam prognosticado, as colônias custavam mais e produziam menos do que Leopoldo imaginara. Depois de dez anos, o Estado Livre caminhava para a bancarrota e Leopoldo estava quase pedindo ao governo belga para tirar aquilo de suas mãos. Ele foi salvo por uma onda mundial de demanda por borracha. Em 1888, Dunlop inventara

o pneu de borracha com câmara de ar para bicicletas e, em 1895, Michelin fez o mesmo para os automóveis. De repente, Leopoldo possuía algo que todo mundo queria.¹

Sob muitos aspectos, o Estado Livre funcionava por meio de elaborados passes de mágica. No papel, era uma organização incrivelmente complexa, com um organograma cheio de quadrados e flechas, que só serviam para disfarçar o fato de que todo o dinheiro estava sendo afunilado diretamente para o bolso de Leopoldo.

Sua colônia era dividida em duas partes. A menor era considerada uma zona de livre-comércio, na qual aos investidores eram outorgados contratos que garantiam direitos comerciais exclusivos sobre um serviço, um produto, uma região ou uma indústria especificamente. A um sindicato foi vendido o contrato para construir a ferrovia em torno de Livingstone Falls. A outro foram garantidos direitos exclusivos para explorar os minerais em Katanga, e a outro para explorar os campos de diamantes de Katai. Leopoldo quase sempre conseguia obter substancial participação nessas operações, tais como os 50% que ele detinha na Anglo-Belgian India-Rubber Company.²

A parte maior da colônia era considerada propriedade privada do Estado (o Domínio Privado). Os funcionários do governo ganhavam salários baixos, mas recebiam lucrativas comissões baseadas no que conseguiam arrancar dos seus distritos. O dinheiro que enviavam para cima voltava ao tesouro do Estado para cobrir as despesas operacionais.

Uma vez cobertas as despesas, uma terceira zona (o Domínio da Coroa) era estabelecida como propriedade pessoal do próprio Leopoldo. Funcionava nos mesmos moldes do Domínio Privado, mas o dinheiro ia direto para Leopoldo.

Além dos recursos naturais da bacia do Congo, o Estado Livre explorava a abundante mão de obra local. Toda a população de qualquer cidade próxima podia ser recrutada para abrir uma estrada ou assentar trilhos cortando a selva. Os habitantes podiam ser recrutados como carregadores por quanto tempo a companhia precisasse deles e, se morressem de exaustão, haveria muitos outros na próxima parada da trilha.

As cidades recebiam cotas regulares de borracha, marfim ou madeira a serem extraídas da selva. Qualquer trabalhador que não produzisse sua cota de borracha ficava passível de castigo. Uma forte vergastada com um chicote de couro de hipopótamo era só o começo. A mulher dele podia ser sequestrada, e seu resgate exigido em borracha.³ A maioria dos postos

avançados da companhia exibiam um número de mulheres sujas, emaciadas e acorrentadas aguardando os maridos trazerem sua cota de borracha ao comandante do posto. Quando os pelotões de segurança da companhia eram enviados em expedições punitivas, eram advertidos para não desperdiçar munição – uma bala, um morto. Não deviam usar a munição da companhia caçando grandes presas por esporte. Como prova de sua moderação, deviam trazer de volta uma mão decepada para cada bala disparada.⁴

Uma testemunha descreveu soldados voltando de um ataque:

Na proa da canoa há um mastro, e nele, pendurado, um saco com algo dentro. São as mãos (mãos direitas) de 16 guerreiros que eles mataram. “Guerreiros?” Você não vê entre elas as mãos de criancinhas e meninas? Eu vi. Vi onde o troféu foi cortado, enquanto o pequeno coração batia forte o bastante para espirrar o sangue das artérias seccionadas a mais de um metro de distância.⁵

Mãos amputadas tornaram-se uma espécie de moeda corrente – prova de que as ordens estavam sendo obedecidas. Uma cesta de mãos defumadas cobria qualquer perda na produção e, se a borracha não chegasse, as forças de segurança do Estado Livre, a Force Publique, saíam para coletar uma cota de mãos em seu lugar. Os nativos rapidamente aprenderam que concordar em sacrificar uma das mãos podia salvar uma vida.

E não apenas mãos. Depois que um comandante rosou que seus homens estavam sacrificando apenas mulheres e crianças, os soldados voltaram do ataque seguinte com cestas cheias de pênis.

As notícias das atrocidades não chegavam à Europa, porque qualquer viagem que envolvesse o Estado Livre era extremamente regulada. Se um empregado cansado e insatisfeito tentasse escapar, “provavelmente nunca sairia do país com vida, pois as rotas de comunicação ou abastecimento estão nas mãos da administração, e escapar numa canoa nativa é fora de questão – toda canoa nativa, se o seu destino não é conhecido e seus movimentos são transmitidos de posto para posto, está sujeita a ser parada imediatamente, pois os nativos não podem se movimentar livremente nos cursos d’água controlados”.⁶

A história vaza

Em 1899, um polonês exilado, escrevendo em inglês sob o nome de Joseph Conrad, publicou em capítulos sua novela *Coração das trevas* numa revista literária inglesa. Baseado no ano em que Conrad passara como piloto de uma embarcação pluvial no rio Congo, o livro conta a história do agente de uma companhia que viajava por um rio africano escuro e misterioso para levar de volta à civilização um velhaco mercador de marfim. A aterrorizante história de Kurtz, adorado como um deus colérico pelos habitantes locais, e aquartelado em um acampamento cercado por uma paliçada com cabeças espetadas nas pontas, fez enorme sucesso quando começou a sair. Os leitores achavam que aquilo era ficção.

Os antiquados humanistas do período antiescravagista haviam escutado e relatado, durante anos, histórias terríveis sobre o Congo, mas ninguém os levava a sério. Eles eram demasiadamente alinhados com os radicais no Parlamento inglês, e seus apelos pela moralidade e boa vontade eram ignorados ou ridicularizados. Então alguém de dentro botou a boca no trombone sobre o Estado Livre do Congo.

Em 1890, Edmund Morel, de ascendência anglo-francesa, virara, aos 17 anos, um escriturário da companhia de navegação Elder Demster Shipping. Operando fora de Liverpool – no distante centro de comércio da África –, a Elder Demster tinha um contrato de navegação com o Congo. Por dez anos, Morel trabalhou diligentemente como escriturário, enquanto fazia um bico como jornalista de mercado. Sua reputação como especialista em oportunidades de investimento na África cresceu, e ele, habilmente, passou a defender o Estado Livre do Congo de todas aquelas aborrecidas acusações de crueldade que perseguiram toda aventura colonial.⁷

Então, em 1900, ainda trabalhando como escriturário da empresa de navegação, Morel finalmente reparou na escassez de exportações para o Congo. A balança comercial era muito boa, os lucros eram fáceis. Toda aquela borracha estava indo para a Europa, mas nada estava saindo para pagar por isso – só munição. A única conclusão possível era que as companhias de comércio estavam roubando. Notou, também, que os livros oficiais eram adulterados para esconder isso.⁸

Ele escreveu uma denúncia anônima que atraiu a atenção dos idealistas reformadores sociais profissionais que todo mundo ignorara. Morel lhes recomendou esquecer a filantropia e atacar Leopoldo por criar monopólios, violando os acordos de Berlim que regulavam o livre-comércio. Também os aconselhou a incitar o ressentimento pela exclusão da Grã-Bretanha do lucrativo comércio. Uma vez que conseguissem fazer as

pessoas olharem para o Congo, elas veriam por si mesmas as atrocidades.⁹

Em 1903, Morel fundou seu próprio jornal e começou, também, a publicar uma série de livros, começando por *Borracha vermelha*. Não conseguiu permissão para ir ao Congo, mas logo denúncias começaram a chegar até ele. Como o correio para fora do Congo era censurado, seus informantes precisavam aguardar o retorno à Europa para poder conversar com ele.

A pressão foi compensada quando o Ministério das Relações Exteriores britânico pediu ao seu cônsul na África central, Roger Casement, para preparar um relatório. Um irlandês de 38 anos, Casement vinha perambulando pelo Congo havia uns dez anos, trabalhando por algum tempo com Stanley, trabalhando para a Elder Demster Shipping, transportando marfim, acompanhando missionários batistas, às vezes desaparecendo na selva com seus cachorros para longas excursões.¹⁰

“Ele tem coisas para contar!”, dizia sobre Casement seu amigo Joseph Conrad. “Coisas que eu tento esquecer, coisas que eu nunca soube.”¹¹ Mas ninguém fora do Congo parecera interessado no que Casement vira, até aquele momento. Como cônsul inglês no Congo, Roger Casement emitiu um relatório, cuidadosamente baseado em depoimentos de testemunhas oculares confiáveis, que revelava atrocidades maciças.

Em 1904, Morel e Casement fundaram a Associação pela Reforma do Congo, que rapidamente se tornou a causa da moda entre as celebridades ativistas da época. Anatole France, Arthur Conan Doyle, Booker T. Washington e Mark Twain fizeram conferências e escreveram sobre o assunto. William Cadbury, o milionário do chocolate Quaker, contribuiu com dinheiro.

Leopoldo revidou. Logo após a denúncia, um convidado de um jantar puxou Morel para um lado. Mais tarde, ele relatou a conversa:

O que eram os nativos no Congo para mim? Eu era um jovem. E tinha uma família – certo? Eu estava correndo sérios riscos. E então, uma sugestão delicadamente velada de que meus legítimos interesses seriam mais bem servidos se... “Uma propina?” Oh, não, nada tão vulgar ou aviltante. Mas sempre havia meios de arranjar essas coisas. Tudo podia ser arranjado com honra para os dois lados. Foi um encontro muito agradável e durou até tarde da noite. “Então nada abalará a sua determinação?” “Temo que não.” Nós nos separamos com sorrisos recíprocos.¹²

Todos os inimigos de Leopoldo logo se sentiram pressionados. Morel foi acusado de ser pago pelos rivais dos negócios de Leopoldo. Vários jornais importantes da Alemanha pararam, de repente, de criticar as condições no Congo e começaram a apresentar um ponto de vista mais ambíguo. Ninguém sabia explicar essa mudança surpreendente, até que Leopoldo, acidentalmente, deixou de reembolsar seu “homem da mala” pelo suborno que ele vinha pagando aos jornais. Uma série de telegramas confusos, trocados sobre quem deveria pagar quem, logo veio a público.

Um jornalista militante foi descoberto passando férias com sua amante, e Leopoldo convidou os dois para jantar. Apesar do seu grande charme, o rei não conseguiu desencorajar esse jornalista de falar sobre o Congo, de modo que denunciou o segredo do homem com um toque sutil. O rei simplesmente enviou flores à esposa do homem, e um bilhete explicando como fora agradável ter o prazer da companhia dela no jantar. Não é preciso dizer o que poderia ter acontecido se Leopoldo houvesse descoberto que Casement era um homossexual enrustido, pois isso aconteceu apenas alguns anos depois de Oscar Wilde ser preso pela mesma ofensa.¹³

O rei visitou a América para se relacionar com os líderes do Congresso e da indústria. Doou 3 mil produtos manufaturados do Congo para o Instituto Smithsonian e ofereceu enormes concessões para empresas americanas que operassem no Estado Livre. Embora o presidente Theodore Roosevelt fosse a favor de Morel e dos reformistas do Congo, o Congresso resistiu quando ele tentou enviar investigadores ao país.

Leopoldo cometeu um grande erro ao contratar Henry Kowalsky, o mais famoso advogado de San Francisco, para melhorar sua imagem pública e fazer um lobby generoso no Congresso. Quando começou a perceber que Kowalsky era perigosamente excêntrico, o rei tentou se afastar dele. Zangado e traído, Kowalsky vendeu as cartas de Leopoldo para William Randolph Hearst, que então adotou a causa do Congo na sua rede de jornais.¹⁴

O amado explorador, Henry Stanley, morreu em 1904. Embora estivesse havia muito tempo afastado da vida pública, sua reputação como herói e visionário blindara o Estado Livre do Congo da desaprovação. Já que Stanley defendia Leopoldo, isso bastava para muitas pessoas. Quando Stanley morreu, Leopoldo ficou desprotegido.

Em 1908, já ficara inegável que o povo do Congo fora miseravelmente explorado, e o clamor foi estrondoso. A comunidade internacional

finalmente forçou Leopoldo a entregar o país. O Parlamento belga relutantemente comprou o Congo do seu rei a um preço exorbitante, e prometeu administrá-lo justa e honestamente. Leopoldo morreu um ano depois.

Número de mortos

Quando Casement viajou pelos distritos produtores de borracha preparando seu relatório, ficou óbvio o quanto aquelas aldeias haviam sofrido na década anterior, desde que ele passara a primeira vez por ali. Como anotou no seu diário:

5 de junho: O país, um deserto, nenhum nativo restou.

25 de julho: Andei pelas aldeias e vi na mais próxima – a população terrivelmente diminuída – apenas 93 pessoas sobreviventes de muitas centenas.

6 de agosto: Fiz copiosas anotações a partir dos nativos... Eles são cruelmente açoitados por se atrasarem com as cestas [de borracha]...

22 de agosto: Bolongo quase às moscas. Eu me lembro muito bem da aldeia em novembro de 1887, cheia de gente; agora 14 adultos ao todo... às 6:30 passei por um lado deserto de Bokuta... Mouzede diz que as pessoas foram levadas à força para Mampoko. Pobres almas infelizes.

30 de agosto: Dezesseis homens, mulheres e crianças amarrados em uma aldeia Mboye perto da cidade. Infame. Os homens foram para a prisão, e as crianças, libertadas com a minha intervenção. Infame. Sistema vergonhoso, infame.¹⁵

O relatório original de Casement estimava que 3 milhões de congoleses houvessem morrido. Morel estimou que a população do Congo era originalmente de 20 a 30 milhões, mas depois entrou em colapso e caiu para meros 8 milhões. Isso se tornou o número de mortes mais comumente cotado por quase todo o século XV.¹⁶ Em 1977, o jornalista Peter Forbath, no *The River Congo*, calculou o número de mortes em 5 milhões.¹⁷ Hoje, o consenso segue a estimativa oferecida por Adam Hochschild no *Leopold's Ghost*, de que a população original do Congo de 20 milhões foi cortada pela

metade devido às atrocidades.¹⁸

Tudo que se pode dizer com certeza é que a população do Congo caiu terrivelmente nas duas décadas do Estado Livre. A maioria das mortes foi causada por doenças que se espalhavam à medida que as populações eram arrastadas por ali, famintas e esfalfadas. A varíola, originalmente endêmica no litoral, espalhou-se pelo interior. A doença do sono, endêmica no interior, espalhou-se para fora. A opressão direta também cobrou seu preço. Em apenas um ano, e em apenas um dos distritos da borracha, foi registrado que os soldados gastaram 40 mil cartuchos de munição, para os quais, presumivelmente, tiveram de produzir um número igual de mãos decepadas, a fim de provar que não estavam desperdiçando balas.

A REVOLUÇÃO CUBANA

Número de mortos: 360 mil¹

Posição na lista: 93

Tipo: rebelião colonial

Linha divisória ampla: Espanha *versus* rebeldes cubanos

Época: 1895-98

Localização: Cuba

Principal Estado participante: Espanha

Estado com participação quântica: Cuba

Vencedor: Estados Unidos

Quem geralmente leva a maior culpa: a Espanha Fator econômico: açúcar

A segunda guerra da independência

A primeira tentativa do povo cubano de derrubar o governo espanhol fracassara na Guerra dos Dez Anos (1868-78), com a perda de 200 mil vidas. A geração seguinte resolveu tentar novamente. A industrialização do processamento do açúcar concentrara a moagem em poucas mãos, causando desemprego e bancarrota em larga escala, o que, por seu turno, radicalizou a pobreza.

Exilado em Nova York, o poeta e jornalista José Martí declarou a independência de Cuba em 1895 e voltou para casa a fim de liderar a luta, mas foi emboscado e morto no fim de poucos meses. Seus seguidores continuaram avançando e conseguiram estrondoso sucesso em 1896. Os camponeses simpatizantes espionavam as forças espanholas, que os rebeldes incomodavam com sortidas e emboscadas. Os rebeldes tentavam fazer Cuba inútil para a Espanha, reprimindo a produção do açúcar. Destruíam plantações isoladas e evitavam confrontos em campo aberto com as bem-armadas tropas regulares. Para ajudar a conter a rebelião, os espanhóis dividiram a ilha com a Trocha (a “Trincheira”), uma rede de buracos, fossas, arame farpado e fortins ao meio de Cuba; isso evitava a movimentação livre entre as metades leste e oeste da ilha.

Em janeiro de 1897, o governo espanhol passou a rebelião para o general Valeriano Weyler, que estava prestes a inventar uma nova espécie de horror a ser implantada no mundo – os campos de concentração. No mês de sua chegada a Cuba, Weyler cercou quase 300 mil camponeses na

zona de guerra e os confinou em campos fortificados, depois do que qualquer cubano capturado fora dali seria considerado rebelde e executado. Weyler esperava acabar com o apoio aos rebeldes. Enquanto isso, doenças, fome e negligência grassavam pelos campos, matando milhares.

Em agosto de 1897, um anarquista assassinou Canovas del Castillo, o primeiro-ministro conservador da Espanha. O general Weyler perdeu seu principal protetor e entregou sua demissão ao novo governo liberal do primeiro-ministro Praxedes Mateo Sagasta.

A guerra hispano-americana

Um dos poucos pontos de concordância entre ambos os lados era a necessidade de manter os Estados Unidos fora da guerra. Tanto a Espanha quanto os rebeldes sabiam que, uma vez provocados, os americanos iriam simplesmente descer e ocupar Cuba. Os investidores americanos dominavam a economia cubana, e os Estados Unidos vinham discutindo a anexação de Cuba desde que a expansão americana alcançara o golfo do México, uns oito anos antes. Era de importância vital não lhes dar uma desculpa para concretizar isso. O único segmento mais importante da população de Cuba que via os Estados Unidos como a salvação eram os proprietários de terras cubanos. Eles só queriam que a guerra terminasse e a estabilidade voltasse.

O povo americano simpatizava, em geral, com os rebeldes. Os jornais americanos atiçavam o ódio aos espanhóis expondo, avidamente, cada nova atrocidade nas primeiras páginas. Os Estados Unidos estavam à beira da intervenção e enviaram o USS *Maine* para o porto de Havana, a fim de manter um olho nos interesses americanos durante os tumultos na cidade. Então, de repente, na noite de 15 de fevereiro de 1898, uma explosão partiu em dois o navio americano, destruindo a parte da frente e matando dois terços da tripulação. A explosão provavelmente começou como um incêndio acidental no depósito de carvão do navio, mas na época ninguém duvidou de que aqueles malditos espanhóis haviam atacado o *Maine*. A febre da guerra ferveu, e a América deu um ultimato, exigindo que a Espanha saísse de Cuba. Os espanhóis se recusaram.

A guerra foi rápida e objetiva. Tanto nas Filipinas quanto em Cuba, os navios de guerra americanos destruíram facilmente as antiquadas e desguarnecidas frotas espanholas, de uma distância segura, mal sofrendo

um arranhão. Uma força americana expedicionária rapidamente reunida tomou Cuba em dez semanas, e o custo da guerra para os Estados Unidos foi de apenas 385 mortes em combate.

Os americanos haviam feito tamanho escarcéu sobre a independência cubana que não podiam anexar sua nova conquista imediatamente. Eles tiveram de dar à Cuba a aparência de soberania, mas estabeleceram cláusulas nos tratados que garantiam o controle americano no governo de Cuba por muitos anos futuros.²

O MODO OCIDENTAL DE GUERREAR

A primeira metade do século XX veria o auge do domínio ocidental sobre o restante do mundo. Muitas razões explicam o crescimento do Ocidente – capitalismo, geografia, monoteísmo, varíola e lactase (a enzima para digerir o leite) –, mas aqui só a guerra nos interessa. À primeira vista, pode parecer que foi o armamento superior que deu a vantagem ao Ocidente, mas, em muitas batalhas, os exércitos ocidentais estavam mais pobremente armados do que os inimigos. Os armeiros nativos argelinos fabricavam rifles melhores do que os dos arsenais da França, que os conquistara; os ricos exércitos orientais frequentemente compravam as armas mais modernas dos fabricantes ocidentais, como Krupp, Enfield e Winchester, muito antes dos pobres e endividados exércitos europeus que enfrentavam. Os exércitos ocidentais ganharam suas guerras por ser consistentemente superiores em atitude, apoio e disciplina.

O modo ocidental de guerrear é característico e friamente eficiente; é possível reconhecer uma tradição comum que começou com as falanges gregas, progrediu pela legião romana e pela linha de baionetas inglesa, e continuou com o desembarque americano na Normandia e em Iwo Jima. Primeiro, a guerra é declarada abertamente. Então, os soldados vão para as batalhas com bandeiras ou uniformizados, armas à vista, em força compacta. O combatente visa subjugar o inimigo e alcançar uma clara e decisiva vitória tão depressa quanto possível. A guerra termina com um tratado de paz formal.¹

Espera-se que os soldados ocidentais sejam profissionais disciplinados. Eles são treinados repetidamente, até a coordenação entre todos os homens se tornar mecânica. A coragem não é definida por temerários combates homem a homem, mas pela atitude de ficar inabalavelmente ao lado dos seus companheiros.

Não é coincidência que a Primeira Guerra Mundial e as guerras napoleônicas sejam as únicas megamortes gigantescas da minha lista em que morreram mais soldados do que civis. O modo ocidental de guerrear é tão terrivelmente destrutivo, para os exércitos, que é preciso muito esforço

adicional para chegar a matar tantos civis. Na verdade, historicamente as técnicas de guerra ocidentais têm sido tão mortíferas que muitas vezes um exército ocidental perde mais soldados ganhando uma batalha contra outro exército ocidental do que perdendo uma batalha contra forças nativas. Por exemplo, os Estados Unidos perderam mais soldados ganhando uma batalha contra os sulistas rebeldes pobremente equipados em Nashville do que quando foram eliminados pelos sioux em Little Highorn. Em sucessivas guerras na África do Sul, os bôeres (1899-1902) mataram mais de cinco vezes o número de britânicos mortos pelos zulus (1879), apesar da lendária ferocidade destes últimos e de sua surpreendente vitória em Isandlwana.

Embora os soldados europeus não sejam nem mais nem menos compassivos do que os de qualquer outra cultura, a filosofia de guerra ocidental tenta evitar a morte de civis e se concentra em acabar antes com os combatentes. Matar civis é considerado uma distração, um mal menor contra o inimigo, como pisar no pé de alguém em vez de ir direto na jugular. Mostrar misericórdia pelos prisioneiros de guerra é também encorajado por motivos práticos, se não por motivos morais. Isso tira um número enorme de soldados inimigos do caminho sem o incômodo de encostá-los na parede e matar todos. O objetivo de uma guerra ocidental é neutralizar a ameaça, e não matar só pelo simples prazer de matar.^a

As regras pelas quais os países civilizados devem travar uma guerra foram codificadas pela Convenção de Haia em 1899, que tentou separar claramente, na zona de guerra, os beligerantes dos inofensivos. Desde que os primeiros lutassem uniformizados, e os últimos – civis, prisioneiros, feridos, médicos e jornalistas – mantivessem a cabeça abaixada e não reagissem, os não beligerantes eram considerados uma zona proibida.

Os artigos 25, 26 e 27 da Convenção de Haia permitia o bombardeio de cidades defendidas, o que era bom em 1899, quando bombardear significava jogar algumas bombas ao acaso numa cidade sitiada, para pressionar os defensores a capitular. Normalmente os civis estavam longe demais para serem atingidos, e assim o canhoneio matava muito menos pessoas do que a fome em uma cidade sitiada; com a invenção do avião, porém, tornou-se possível fazer chover fogo e morte sobre qualquer cidade que contivesse um objeto militarmente útil – torre de rádio, pátio ferroviário, fábrica ou usina elétrica, qualquer lugar atrás das linhas inimigas, longe da concentração de tropas.

Na concepção de guerra do Ocidente, a bomba atômica de Hiroshima em

1945 é justificável como um ato legítimo de guerra, enquanto que o bombardeio suicida de 1983 sobre o quartel dos fuzileiros navais dos Estados Unidos em Beirute é condenado como terrorismo. A diferença-chave é que um foi executado abertamente contra um inimigo declarado, que tinha a oportunidade de lutar ou se render, enquanto que o segundo foi sorrateiro. Outras filosofias sobre a guerra condenariam Hiroshima como um ataque contra um alvo majoritariamente civil, e justificariam Beirute como um alvo militar.

O modo ocidental de guerrear enfraqueceu durante o século XX, porque o Ocidente nunca descobriu como derrotar as guerrilhas. Da Espanha napoleônica à Argélia e ao Vietnã, a maneira mais eficaz de derrotar os exércitos ocidentais tem sido evitar lutar contra eles nos termos deles.

A resposta tradicional à guerra de guerrilha tem sido suspender todas as proteções que os não combatentes têm garantidas pelas leis da guerra. Se você não sabe a diferença entre rebeldes e civis, então *todos* são inimigos. Um exército que enfrente guerrilhas atirará em reféns, incendiará casas, prenderá membros da família, destruirá propriedades, torturará prisioneiros e manterá uma população inteira em campos de concentração, na esperança de que as pessoas entendam que apoiar a revolta é perigoso demais. Mas isso raramente funciona.

AS MAIS MORTÍFERAS GUERRAS DE GRANDES POTÊNCIAS TRAVADAS NA EUROPA (SOMENTE MORTES MILITARES)			
Segunda Guerra Mundial	1939-45	França, Grã-Bretanha, Rússia, Estados Unidos vs. Alemanha, Itália	14 milhões no cenário europeu
Primeira Guerra Mundial	1914-18	França, Grã-Bretanha, Rússia, América, Itália vs. Alemanha, Áustria, Turquia	8,5 milhões
Guerras napoleônicas e revolucionárias francesas	1792-1802 e 1802-15	França vs. Prússia, Grã-Bretanha, Rússia e Áustria	3 milhões
Guerra dos Sete Anos	1755-63	França, Áustria vs. Prússia, Grã-Bretanha	cerca de 650 mil
Guerra da sucessão	1701-13	França vs. Áustria, Grã-Bretanha, Holanda	400 mil a 700 mil

Guerra da sucessão austríaca	1740-48	França, Prússia vs. Áustria, Grã-Bretanha	450 mil
Guerra dos Trinta Anos	1618-48	França, Suécia vs. Áustria, Espanha	cerca de 350 mil
Guerra da Crimeia	1854-56	França, Grã-Bretanha, Turquia vs. Rússia	cerca de 300 mil
Grande guerra do Norte	1700-21	Suécia vs. Rússia, Polônia Suécia vs. Rússia, Polônia	cerca de 300 mil
Guerra da Grande Aliança	1688-97	França vs. Áustria, Grã-Bretanha, Holanda	233 mil
Guerra franco-prussiana	1870-71	França vs. Prússia	188 mil
Guerra franco-holandesa	1672-78	França vs. Áustria, Grã-Bretanha, Holanda	175 mil

^a “O ponto mais importante no maciço corpo da lei é que a guerra não significa matar legalmente. É forçar um inimigo a entregar-se. Para conseguir isso é legítimo incapacitar as forças militares inimigas ou destruir objetivos militares válidos. Mas não se pode nunca matar ou mesmo ferir um inimigo que oferece rendição ou que já esteja incapacitado por doença, ferimento ou captura prévia... Podemos matar ou ferir somente aqueles que estão combatendo livremente e há uma necessidade militar de incapacitá-los de prosseguir com operações militares contra nós. Assim que fiquem incapacitados, eles se tornam protegidos sob antigos princípios costumeiros, reforçados por literalmente milhares de condenações por crimes de guerra após a Segunda Guerra Mundial, e a mais conhecida lei de guerra” (Dave Glazier, professor da Loyola Law School, citado por Marty Lederman, “John Yoo Appears to Confirm CIA Waterboarding”, 17 de março de 2007, http://balkin.blogspot.com/2007_03_11_balkin_archive.html).

A REVOLUÇÃO MEXICANA

Número de mortos: 1 milhão¹

Posição na lista: 46

Tipo: Estado falido

Linha divisória ampla: pobres versus ricos

Época: 1910-20

Localização: México

Assassinatos: Carranza, Madero, Villa, Zapata

Último homem de pé: Álvaro Obregon

Quem geralmente leva a maior culpa: todos

Fora, Díaz

Nas três décadas em que foi ditador do México, a partir de 1876, Porfirio Díaz usou o país como sua propriedade particular. O exército respondia somente a ele. Todos os negócios dependiam de sua bênção e passavam por suas mãos, de um jeito ou de outro.

Os únicos rivais em potencial de Díaz eram os grandes proprietários rurais, que agiam como senhores feudais. O filho de um dos maiores, Francisco Madero, fora educado no estrangeiro e absorvera toda espécie de noções liberais. A eleição de 1910 para presidente era só para constar. Não se previa que fosse contestada, mas Madero entrou na disputa, o que forçou Díaz a reagir. Díaz prendeu 5 mil conhecidos descontentes – inclusive Madero – antes que pudessem arruinar a eleição. Anunciou sua esmagadora reeleição e baniu Madero para os Estados Unidos, de onde ele conclamou o povo do México a se levantar e expulsar Díaz.²

Não era preciso muito incentivo. A revolução estava no ar e a disputa eleitoral expusera a vulnerabilidade do regime de Díaz. O sistema de *haciendas* na agricultura mantinha os camponeses mexicanos endividados, sem terra e sem esperança, o que despertou uma revolta no estado sulista de Morelos, tendo à frente o anarquista indígena Emiliano Zapata. A isso somou-se uma insurreição no norte, liderada pelo extravagante bandido Pancho Villa, apoiado por pequenos rancheiros, vaqueiros desempregados e outros deserdados da economia rural. O levante no norte se espalhou pelo estado de Chihuahua, até que, em maio, os rebeldes tomaram a cidade fronteiriça de Ciudad Juarez, depois de uma dura batalha. Então, quando

todos se uniram para um difícil combate rumo à capital, Díaz surpreendeu-os, renunciando e seguindo para o exílio.

Fora, Madero

Depois de retornar e assumir a Presidência, Madero mostrou-se mais conservador do que esperavam seus aliados. O México estava agora repleto de camponeses e trabalhadores armados que haviam esperado ver a riqueza nacional redistribuída entre o povo, mas Madero queria apenas instituir eleições e o capitalismo de mercado no país. A revolução se fragmentou. Zapata manteve seu próprio enclave socialista em Morelos, fora do alcance do governo central. Entretanto, aborrecido com a lentidão das reformas de Madero, um dos principais generais da revolução, Pascual Orozco, rebelou-se no norte, em março de 1912.

Victoriano Huerta, um protegido do antigo ditador Porfirio Díaz, comandava o exército enviado para derrubar Orozco. Por volta de outubro, uma brutal campanha de desgaste já enfraquecera Orozco e fizera com que ele fugisse para os Estados Unidos, de modo que Huerta retornou à capital para conspirar com os conservadores mexicanos e o embaixador dos Estados Unidos (que provavelmente estava agindo sem a autorização de Washington). Depois de ver o presidente Madero atrapalhar-se de forma incompetente durante um ano, Huerta liderou um golpe militar contra ele em fevereiro de 1913. Madero rendeu-se à junta militar, de modo que Huerta ficou sem justificativa para matá-lo de forma pública e legal; quando Madero foi transferido de prisão, porém, sua viatura ultrapassou o ponto de destino, e só depois parou. A escolta de Madero tirou-o do veículo e o fuzilou; depois seu carro foi metralhado, para fazer parecer que tudo fora uma emboscada rebelde.³

Fora, Huerta

Em novembro de 1913, uma aliança rebelde contra Huerta foi formada no norte do México entre o governador Venustiano Carranza, de Coahuila, Pancho Villa e Álvaro Obregon, um pequeno fazendeiro e político que estava começando a demonstrar um talento militar natural e a galgar posições. Durante a metade do ano seguinte, os exércitos rebeldes consolidaram e expandiram seu território.

O novo presidente americano, Woodrow Wilson, recusou-se a

reconhecer a legitimidade do governo de Huerta; em vez disso, apoiou os rebeldes. A tensão entre os dois governos foi crescendo, até que, em abril de 1914, as autoridades locais de Tampico insultaram alguns marinheiros americanos; então as forças americanas bloquearam o porto de Veracruz, o que tirava de Huerta os lucrativos impostos alfandegários que significavam cerca de um quarto da receita do governo.

Quando os exércitos rebeldes se aproximaram, em julho de 1914, Huerta renunciou e fugiu para o exterior. Alguns anos mais tarde, ele apareceu nos Estados Unidos e fez contato com seu antigo inimigo e companheiro de exílio, Pascual Orozco, para planejarem o regresso; entretanto, enquanto maquinavam, os Texas Rangers apareceram, matando Orozco e prendendo Huerta por violar as leis da neutralidade americana. Huerta morreu na prisão, antes que os americanos decidissem o que fazer com ele.⁴

A convenção

Com a fuga de Huerta, Obregon ocupou a Cidade do México em nome da revolução, em agosto de 1914. Carranza se declarou presidente, mas, agora que haviam derrotado o inimigo comum, os revolucionários começaram a brigar entre si. Finalmente, facções de todas as partes do México se reuniram em território neutro, na cidade de veraneio de Aguascalientes, para resolver suas diferenças. A convenção preencheu o cargo de presidente com uma não entidade inofensiva, e promulgou a maior parte da agenda radical de Zapata, que visava redistribuir as grandes propriedades rurais conquistadas entre os pobres.

Todos, exceto Carranza, apoiaram a Convenção de Aguascalientes, o que foi uma pena, porque os Estados Unidos realmente queriam Carranza, um centrista moderado, como presidente. Embora o povo americano tivesse certa fascinação por Pancho Villa, o governo dos Estados Unidos decidiu que Carranza seria mais adequado para estabilizar o México; além disso, ele não tinha planos para confiscar e redistribuir propriedades pertencentes a estrangeiros. Em novembro de 1914, as tropas americanas saíram de Veracruz e a entregaram para Carranza, que a usou como sua base para recomeçar a guerra civil.

Em dezembro de 1914, Zapata chegou à Cidade do México, vindo do sul, e Villa, vindo do norte, com o objetivo de tomar a cidade para os convencionistas. O contraste entre as duas forças rebeldes tornou-se óbvio

durante a ocupação conjunta da Cidade do México. Os homens de Zapata eram bem-comportados e disciplinados. Então, o exército bandido de Villa chegou e começou a tirar cidadãos proeminentes de suas casas para serem fuzilados contra qualquer muro apropriado. Depois de alguns exemplos assim, passaram a extorquir dinheiro de quem quisesse escapar de igual destino.

Em janeiro de 1915, Carranza saiu de Veracruz e conseguiu uma convincente vitória sobre as forças convencionistas em Puebla, onde, aparentemente, todo exército na estrada que liga Veracruz à Cidade do México trava uma batalha decisiva. Carranza chegou à Cidade do México e reivindicou a Presidência em julho de 1915.

Obregon mudou de partido, trazendo uma nova grande força para lutar por Carranza contra Villa. Zapata conduziu seu exército de volta para casa e se entrincheirou em Morelos, de modo que o novo governo ficou concentrado em se livrar de Pancho Villa. Numa sequência de batalhas, Obregon rechaçou Villa, até que finalmente Villa arriscou tudo em Celaya, no centro do México. Convencido de que ímpeto e coragem seriam suficientes, Villa mandou onda após onda de suas tropas atacarem inutilmente as trincheiras de Obregon, o que desmantelou a Divisão do Norte, de Villa, sem qualquer esperança de recuperação. Os sobreviventes foram levados por centenas de quilômetros entre montanhas e macegas de volta à terra natal de Villa, reduzindo seus milhares a meras centenas. Depois que os federais caçaram Villa, sem sucesso, pelos desertos do norte, Carranza decidiu ignorá-lo.

Fora, Villa

Cedo ou tarde, cada fase da guerra acabava convergindo para a fronteira norte. Controlar as cidades ao longo da fronteira com os Estados Unidos permitia que os rebeldes contatassem apoios no exterior, fortalecessem o caixa e contrabandeassem armas. Como muitas cidades da fronteira eram divididas ao meio entre México e Estados Unidos, os americanos frequentemente se reuniam em cima dos telhados para ver os mexicanos lutando na metade sul da cidade; os mexicanos precisavam ter muito cuidado para não atingir acidentalmente o outro lado e provocar uma pesada resposta americana.

Em novembro de 1915, Villa atacou as forças de Carranza na fortificada cidade fronteira de Agua Prieta, mas dessa vez os americanos

permitiram que o governo mexicano enviasse reforços pelas ferrovias dos Estados Unidos, onde Villa não podia intervir. Então, quando Villa tentou transpor as trincheiras federais com um assalto noturno, seus homens ficaram expostos e cegos pelos holofotes do inimigo ligados nas subestações do lado americano.⁵ Enfurecido por essas violações à absoluta neutralidade, Villa deteve aleatoriamente um trem de passageiros em Santa Isabel, no México, pôs para fora todos os americanos, enfileirou-os e matou-os.⁶

Em 1916, Villa cruzou a fronteira para invadir os Estados Unidos e acabou trocando tiros com a guarnição do exército americano em Columbus, Novo México. Depois de se abastecer com armas e provisões nos Estados Unidos, ele recuou para o México. Para pôr um fim nessa confusão de uma vez por todas, uma grande força expedicionária americana invadiu o México. Eles caçaram Villa, sem êxito, por todo o deserto do norte, e, depois de um ano, finalmente desistiram.

Villa ficou livre, mas foi aos poucos se tornando irrelevante, até que um perdão em 1920 permitiu que ele se retirasse em paz. Três anos depois, seus inimigos emboscaram seu carro e ele foi metralhado.

Fora, Zapata

Durante a Revolução Mexicana, os soldados trocavam com frequência de lado, sempre que lhes dava na telha. Às vezes, mudavam rapidamente para escapar às execuções sumárias que qualquer dos lados quase sempre infligia aos oficiais capturados. Outras vezes, tudo não passava de uma estratégia para se promoverem. Quando o coronel Jesus Guajardo, um astro dos oficiais de cavalaria do exército federal, foi jogado na prisão por beber em serviço, Zapata enviou um bilhete perguntando se ele não queria passar para o seu lado. O comandante federal interceptou o bilhete e ameaçou Guajardo, fazendo com que ele conspirasse a favor do governo. Até então, Zapata se preservara, mas continuava sendo um rebelde que precisava ser exterminado. Guajardo ponderou a situação e bolou um plano infalível.

Quando voltou ao serviço, Guajardo encenou um motim com sua cavalaria. Para aumentar sua credibilidade com Zapata, ele atacou o seu próprio lado, a guarnição federal de Jonacatepec, matando vários homens e levando o restante a debandar. Para provar que era sincero, completou sua vitória com o massacre de cinquenta prisioneiros. Impressionado com

tamanha crueldade, Zapata passou a confiar nele e combinou um encontro. Quando Zapata entrou a cavalo na cidade e passou entre os homens de Guajardo, eles levantaram seus rifles para uma salva, mas, em vez disso, atiraram nele e o mataram.

Fora, Carranza

Em março de 1920, Obregon se rebelou contra Carranza e marchou em direção à capital. Carranza fugiu para Veracruz em 21 trens com 20 mil soldados e uma fortuna em moedas de ouro. Esperava-se que em Veracruz o leal general Guadalupe Sanchez protegesse o governo depois que eles chegassem, mas ele aderiu ao lado vencedor e partiu para interceptar Carranza. Depois que Sanchez emboscou, descarrilou e destruiu os trens do governo fugitivo, Carranza fugiu a cavalo com um pequeno pelotão. Naquela noite, exausto e perdido, ele foi descoberto e morto a tiros, quando dormia em uma cabana de lavrador.

Com todos mortos, à exceção de Obregon, a guerra finalmente acabou e o México se estabilizou como um Estado de partido único. Obregon admitiu todas as maiores facções no governo e comprou cada uma com uma fatia de poder. Todos que se mantiveram fora e se recusaram a colaborar foram excluídos do governo, e nenhum partido independente de oposição conseguiu quebrar, por várias gerações, até o ano 2000, o firme controle do poder pelo Partido Revolucionário Institucional.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Número de mortos: 15 milhões (8,5 milhões de soldados¹ + 6,6 milhões de civis,² arredondando, sem incluir as mortes após a guerra pela gripe espanhola ou devido às várias guerras civis)

Posição na lista: 11

Tipo: guerra por hegemonia

Linha divisória ampla: Alemanha *versus* todo o mundo

Época: 1914-18

Localização: Europa, Oriente Médio, Atlântico Norte

Principais Estados participantes: Império Austro-húngaro e Alemanha *versus* França, Itália, Rússia e o Reino Unido (cada um desses mobilizando mais de 5 milhões de soldados e perdendo mais do que meio milhão de mortos)

Estados participantes secundários: quase todos os demais; provavelmente é mais fácil relacionar os países que ficaram de fora

Não participantes: na Europa: Dinamarca, Holanda, Noruega, Espanha, Suécia e Suíça. No Oriente: Afeganistão, China, Etiópia e Sião. A maior parte dos países da América Latina.

Quem geralmente leva a maior culpa: ninguém em particular, apenas o sistema de nações-Estados militarizadas em geral. O kaiser Guilherme e a aristocracia militar da Alemanha são frequentemente apontados como culpados por ampliar o conflito de uma rixa regional para uma guerra mundial.

Outra praga: guerra de trincheiras e ataques frontais idiotas

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Foi realmente tão idiota quanto parece?

Embora a Primeira Guerra Mundial se coloque apenas na 11^a posição na minha lista no que diz respeito ao número de mortos, inclusive civis, o conflito estaria facilmente em segundo lugar se contarmos apenas os militares. A guerra foi um verdadeiro moedor de carne, que matou mais soldados do que qualquer outras quatro guerras que você citar, exceto, é claro, por sua sequela e homônima, a Segunda Guerra Mundial.

A exaustão dessa guerra acendeu o estopim que derrubou quatro das mais poderosas dinastias do mundo: nossos velhos amigos, os Habsburgo, os Romanov e os otomanos, mais os Hohenzollern, da Prússia. Pelo menos três guerras locais continuaram a campear, mesmo depois que um armistício trouxe paz aos principais participantes. A Primeira Guerra Mundial destruiu uma ordem internacional de cooperação baseada em monarquias entrelaçadas e investimento multinacional, substituindo-a por um mundo de ideologias competitivas. Todos os conflitos, lutas e tragédias

que marcaram o século XX tiveram sua raiz na destruição ocasionada pela Primeira Guerra Mundial.

Por quê

Aproveitando as lições dos gigantescos exércitos nacionais que conquistaram a Europa, em benefício de Napoleão (ver “Guerras napoleônicas”), e a França, em benefício de Bismarck (ver “A guerra franco-prussiana”), a maioria dos governos da Europa adotou a conscrição universal no século XIX. A conscrição era popular para os políticos de ambos os lados do corredor. A ala da esquerda aprovava a conscrição porque os exércitos modernos eliminavam as distinções de classe, e promoviam o mérito, pondo armas nas mãos do povo, em vez de colocá-las nas mãos da aristocracia. O serviço militar dava à nação a oportunidade de fornecer uma pequena dose de educação, cuidados médicos e renda para as classes trabalhadoras. A ala da direita gostava da conscrição nacional porque ela estimulava a obediência, reunia as massas para tomar banho e se disciplinar, e dava ao governo um instrumento para incomodar os estrangeiros e dissidentes. Por todo o continente, a conscrição criou enormes exércitos que se defrontavam por cima de fronteiras disputadas.³

Suprir, reunir e distribuir no terreno esses gigantescos exércitos nacionais exigia ferrovias, e operá-las exigia um cuidadoso planejamento de tempo. No caso de guerra, as unidades de reserva se reuniam no depósito ferroviário do vilarejo na hora exata de embarcar no trem que fora destacado para transportá-las. Esses trens convergiam para a fronteira do país a intervalos fixos para serem esvaziados rapidamente, e depois mandados de volta para buscar mais tropas, tudo isso sem empacar ou bater em trens que chegavam no sentido errado e na hora errada. No caso de uma guerra real, a velocidade era fundamental. Quem conseguisse mobilizar seus exércitos e colocá-los na fronteira disputada antes do inimigo podia atacar e penetrar muitos quilômetros em território essencialmente indefeso a cada dia que o inimigo demorasse a fazer o mesmo.⁴

Por anos, fronteiras disputadas vinham dividindo as nações por toda a Europa. A Alemanha e a França discutiam sobre a posse da Alsácia-Lorena. Tanto a Áustria quanto a Sérvia se achavam com direito à Bósnia; Itália e Áustria faziam o mesmo quanto ao Tirol, assim como a Bulgária e a Grécia sobre a Trácia, e a Alemanha e a Dinamarca sobre Schleswig-Holstein. Na

Europa, as fronteiras étnicas estavam tão intrincadas que toda nação tinha pequenos enclaves estrangeiros que prefeririam pertencer a um país vizinho. Tudo isso parece terrivelmente complicado, mas criava uma política exterior bem simples: seu vizinho era seu inimigo, o vizinho de seu vizinho era o inimigo de seu vizinho, e, portanto, seu amigo.

Na escala maior, as nações também competiam pelo domínio da chamada “ordem de bicagem”. Derrotando a França em 1871, a Alemanha tornara-se o chefe da matilha na Europa, e os alemães haviam recentemente deslanchado um maciço programa de construção de navios, para desafiar o domínio da Inglaterra nos mares. A Áustria e a Rússia competiam para substituir o poder decrescente da Turquia como senhora dos Bálcãs. Para estimular essas rivalidades, cada nação buscava aliados para apoiá-la em tempo de crise. A França, por exemplo, precisava de alguém do outro lado da Alemanha, para fazer com que os alemães pensassem duas vezes antes de invadi-la de novo. Os franceses podiam se aliar ou à Rússia ou à Áustria, não importa, mas, qualquer uma que ela escolhesse, a outra se ligaria à Alemanha, por princípio. Depois de uma geração de mudanças, implicâncias e tomadas de posição, a Europa se dividira em dois blocos de poder: a Tríplice Aliança, com a Alemanha, Áustria e Itália, *versus* a Tríplice Entente, com a França, Grã-Bretanha e a Rússia.^a

Uma pequena guerra entre quaisquer desses países poderia facilmente se ampliar para uma guerra entre seis potências dentro de semanas. Se um lado não conseguisse se mobilizar antes que o outro atacasse, ele estava perdido. Isso não significa que a política externa era uma ratoeira capaz de disparar ao mais leve incidente. A qualquer momento, a intervenção humana poderia ter interrompido o processo e evitado a guerra. Por exemplo, a Itália, ou melhor, os homens que tomavam decisões pela Itália, decidiram que seu país não precisava realmente se envolver na disputa inicial, de modo que ignoraram as declarações de guerra iniciais, a despeito das obrigações do país em ajudar a Alemanha e a Áustria.

A centelha

Gavrilo Princip criou o século XX no dia 28 de junho de 1914. Quase toda tendência política que se desdobrou pelo planeta durante as oito décadas seguintes pode ser rastreada até o dia em que esse terrorista sérvio assassinou o herdeiro dos Habsburgo ao trono austro-húngaro, na capital

provincial da Bósnia-Herzegovina. Depois de ser preso pela polícia, os interrogadores austríacos souberam que o assassinato fora planejado em Belgrado. Eles enviaram um ultimato à Sérvia: deixem que sigamos nossas pistas, ou então...

A Sérvia recusou e o Império Austro-Húngaro declarou guerra àquele país. A Rússia não podia deixar a Áustria destruir aquela nação eslávica, ortodoxa oriental, e ganhar outro quinhão nos Bálcãs, de modo que os russos declararam guerra à Áustria. A Alemanha não podia deixar que uma nação aparentada com ela e que compartilhava sua mais longa fronteira fosse esmagada pela Rússia, de modo que os alemães entraram também na briga.

Em seguida, os alemães exigiram uma garantia da França de que este país não invadiria a Alemanha, enquanto a Alemanha estivesse ocupada invadindo a Rússia. Queriam até mesmo que a França permitisse que as tropas alemãs ocupassem as fortificações-chave francesas na fronteira, de modo que a França não pudesse lhes trazer nenhum problema. A França, é claro, recusou, então a Alemanha declarou guerra a ela também.⁵

Há muito os alemães tinham percebido que a aliança entre a França e a Rússia os colocaria num torno, de modo que o estado-maior geral alemão já elaborara um plano com todos os detalhes, e que ficara arquivado esperando a ocasião de ser posto em prática. Defrontados com uma guerra em duas frentes, os alemães precisavam pôr a nocaute um desses inimigos, de maneira rápida e decisiva.

Mas qual? A Rússia era grande demais e extensa demais para uma invasão relâmpago, o que tornava a França um alvo mais tentador. Sua capital estava mais perto, pois a distância entre a fronteira alemã e São Petersburgo era duas vezes a distância entre a Alemanha e Paris.⁶ Além disso, os exércitos franceses seriam mobilizados muito mais cedo, de modo que a Alemanha precisava agir rápido. Felizmente o grande e lerdo Império Russo levaria algum tempo para se mobilizar, permitindo que a Alemanha fosse para cima da França primeiro. Infelizmente a fronteira da Alemanha com a França era curta, e os alemães nunca encontrariam uma brecha para avançar. Teriam de desbordar as defesas francesas. Isso significava passar pela neutra Bélgica, o que quase certamente enraivecera os ingleses, mas, se tudo corresse bem, Paris seria conquistada antes que os ingleses conseguissem se mobilizar e cruzar o Canal da Mancha.

Os alemães avançaram rapidamente através da Bélgica. Para assegurar

velocidade às suas tropas, eles eliminaram sem piedade todo foco de resistência que descobriam entre a população belga. Um simples disparo de um franco-atirador era frequentemente punido com a execução de todos os homens da cidade. Fuzilaram 211 civis belgas em Andenne, 384 mais em Tamines e 612 em Dinant. Na cidade de Louvain, os invasores executaram 209 civis e destruíram 1.100 prédios, inclusive a biblioteca, com 230 mil livros. Ao todo, a passagem dos alemães deixou 5.500 civis belgas mortos, a fim de aquietar a população.⁷

Tendo penetrado fundo na Bélgica, o exército alemão virou para a esquerda e entrou avassaladoramente na França, ao longo de uma frente ampla, mas então descobriu que as armas modernas favoreciam a defesa, ainda mais do que os planejadores pré-guerra haviam suspeitado. Metralhadoras abatiam sem piedade os atacantes, e daí essa fase da abertura das campanhas ficou lembrada na história da Alemanha como *Kindermord*, isto é, o “Massacre dos Inocentes”. O exército alemão precisava preencher toda posição cada vez com mais soldados, apenas para compensar os soldados que eram trucidados quando carregavam contra as posições inimigas em campo aberto. Isso significava que os alemães tinham de compactar e encurtar suas linhas ofensivas.

Os franceses estavam descobrindo o lado agradável da contenda. Como as metralhadoras eram tão eficientes em empilhar cadáveres alemães, as linhas defensivas podiam ser esticadas, ficando mais finas e compridas. Quando os elementos da vanguarda alemã atingiram o rio Marne, a pouca distância de Paris, os franceses já os haviam flanqueado e um contra-ataque os fez parar.

Enquanto as principais forças dos dois exércitos cavavam trincheiras fora de Paris, os flancos avançaram, procurando contornar os flancos do inimigo, ao mesmo tempo que evitavam que isso acontecesse com eles. Essa corrida para o mar terminou quando não havia mais flanco para ser desbordado.

Atolados na lama

A maioria dos livros de história que trata dessa guerra a fazem parecer mais estúpida do que realmente foi, o que não é fácil. Realizar um assalto frontal contra metralhadoras entrincheiradas parece uma imbecilidade, mas por fim muitos generais aprenderam a não usar essa tática.

Aperfeiçoada no final da década de 1880, a metralhadora dispara balas

tão rápido que é fisicamente impossível para os soldados atacar em campo aberto sem serem abatidos, não importa quantos homens avancem e quão rápido corram. Nos primeiros meses, os exércitos perceberam que os dias de ataques frontais, puros, estrepitosos haviam terminado. A única coisa a fazer era cavar trincheiras e imaginar um plano B.⁸

As trincheiras da Primeira Guerra Mundial eram uma maravilha de engenharia, provando mais uma vez que a guerra é o que as pessoas fazem melhor. Mais espessas e mais impenetráveis do que a Grande Muralha da China, criadas por meio de mais terra escavada do que é necessário para abrir um grande canal, e alimentadas por mais quilômetros de ferrovias do que se encontrariam na maioria dos países, a rede de trincheiras era uma cidade comprida, fina, subterrânea, de mais de 1 milhão de habitantes, apoiada por pátios ferroviários, hospitais, cinemas, igrejas, armazéns, bares e prostíbulos, tudo dividido entre duas gangues de rua rivais.

Bastante profundas para que os soldados se movimentassem livremente sem precisarem se agachar, e bem estreitas para não servirem de alvo fácil para a artilharia, as trincheiras nunca eram retas, mas sim torcidas e chanfradas em recessos e travessas, de modo que nenhum inimigo, isoladamente, poderia entrar ali e metralhar todo o comprimento da linha de atiradores. As explosões de obuses ficavam também limitadas a pequenos trechos por causa desse perfil de zigue-zague. Com bastante tempo e numa frente estática, os soldados podiam adicionar um soalho de madeira elevado e escorar as paredes com tábuas para manter a terra no lugar. Túneis bem reforçados eram construídos dentro da terra, como alojamentos e abrigos contra bombas. Periscópios vigiavam o inimigo.

Degraus e plataformas eram cortados no terreno para que os soldados pudessem subir ao nível do solo e disparar contra os atacantes. Pilhas de sacos de areia serviam de proteção ao longo da comprida borda do parapeito, mas eram arrumadas de modo a deixar pequenas aberturas através das quais os homens podiam mirar e atirar. Um emaranhado de arame farpado se estendia à frente das trincheiras, na terra de ninguém, para retardar o avanço inimigo e prender ali os soldados tempo bastante para serem abatidos pelo fogo das metralhadoras. Os uniformes vistosos foram substituídos por cores opacas, pouco visíveis, que se mesclavam com a terra, enquanto capacetes de aço substituíram os bonés de pano, a fim de proteger os soldados nas trincheiras contra granadas que arrebentavam acima deles e da conseqüente chuva de estilhaços.⁹

Atrás da linha de fogo, trincheiras de comunicação zigzagueavam até a retaguarda, a fim de movimentar suprimentos, feridos e mortos, mensageiros e reforços para a frente e para trás. Linhas telefônicas enterradas mantinham os comandantes em contato com a frente. Uma segunda linha de defesa era construída em segurança, além do alcance da artilharia, tornando a captura da trincheira mais à frente apenas um pequeno passo numa longa caminhada. Uma terceira linha de defesa apoiava a segunda.

Ao ser completada a rede de trincheiras, ficou quase possível caminhar abaixo do nível do solo todo o caminho entre a Suíça e o Canal da Mancha. Não todo o caminho, é claro. Rios e colinas interrompiam a linha aqui e ali, e as fortificações em terreno lamacento tinham de ser construídas acima do solo, em vez de serem cavadas no subsolo, no lençol d'água. Foram construídos também fortes em rocha sólida, acima do solo e não abaixo, mas mesmo assim era possível caminhar quilômetro após quilômetro com sua cabeça abaixo do nível do terreno.

Havia esperança de que outra tecnologia superasse a vantagem defensiva da metralhadora. Os alemães tentaram o gás de mostarda na Batalha de Ypres, em 1915. Esse veneno causa fístulas em qualquer tecido contaminado, e seu uso criou um novo e horrível modo de morrer, pois o gás liberta os fluidos das fístulas nos pulmões, afogando a vítima, mas a nova arma não conseguiu se firmar como decisiva. Os ingleses lançaram tanques de guerra primitivos em 1916, que se deslocavam em esteiras sobre a maior parte dos obstáculos. Os cascos blindados protegiam a tripulação, e metralhadoras e canhões leves eram montados na lateral para metralhar as trincheiras inimigas.¹⁰ Diferentemente dos tanques modernos, os primeiros modelos não tinham a torre, com medo de que o peso extra pudesse fazer tombar o blindado.

A sabedoria da época declarava que “a artilharia conquista, a infantaria ocupa”.¹¹ O método preferido de romper a defesa entrincheirada começava com uma cortina de fogo de artilharia, chamada de barragem, de acordo com a palavra francesa para tal. O bombardeio esvaçava os obstáculos de arame farpado e obrigava as tropas de defesa a procurarem abrigo no subsolo, onde ficavam impossibilitadas de atirar contra as forças atacantes. Com um escalonamento de tempo preciso, os atacantes chegavam às trincheiras justamente no momento em que a última das granadas de artilharia arrebentava. Enquanto a barragem de artilharia se adiantava para impedir a chegada de reforços, os atacantes pulavam para dentro das

trincheiras e as conquistavam antes que os defensores saíssem correndo de seus abrigos à prova de bombardeios. Era muito simples.

Infelizmente, qualquer problema podia atrapalhar o escalonamento da barragem da artilharia. Se os atacantes avançassem depressa demais ou se o bombardeio não cessasse na hora aprazada, a artilharia podia facilmente estar atirando sobre suas próprias tropas, mas, se a barragem fosse suspensa cedo demais ou se os atacantes se retardassem, os defensores poderiam assumir suas posições e metralhar o inimigo, surpreendido em campo aberto. Não tendo rádios portáteis, os soldados de infantaria da Primeira Guerra Mundial não tinham meios de alterar seus planos baseados nas realidades da frente.¹²

Conforme os canhões foram ficando mais poderosos, as granadas caíam bem longe do alcance da visão, de modo que os aviões precisavam voar acima dos alvos para detectá-los. Esses frágeis biplanos não podiam carregar armas pesadas que afetassem diretamente a batalha que se travava em terra, mas, como princípio geral, os pilotos inimigos começaram a atirar uns nos outros, sempre que seus caminhos se cruzavam. Isso logo evoluiu para duelos aéreos individuais vistosos, formais, mas inúteis, no final das contas.

Os alemães foram os pioneiros na defesa em profundidade. Perceberam que não havia razão para amontoar todo o seu exército em trincheiras na frente de batalha, dentro do fácil alcance da artilharia inimiga. Tudo que você precisava era uma linha de escaramuças para fazer soar o alarme e um número de guarnições de metralhadoras capazes de retardar um ataque de infantaria inimiga até que sua própria artilharia entrasse em ação. O grosso do exército poderia ser mantido em segurança além do alcance do fogo da artilharia, numa segunda linha de trincheiras, e ser enviado para a frente apenas quando necessário.

As grandes batalhas

Os anos de impasse na guerra de trincheiras ocasionou algumas verdadeiras batalhas, nas quais os exércitos faziam planos, atacavam, recuavam, se reagrupavam e contra-atacavam. Geralmente a esperança era irromper pelas trincheiras do inimigo e alcançar o campo aberto além delas, onde a manobra e o talento podiam se fazer sentir na equação tática. Se isso falhasse, a esperança era de que você mataria mais inimigos do que as baixas que este lhe infligira, até que finalmente o último homem

sobrevivente ganharia a guerra. Aqui está uma lista das batalhas, apenas no caso de você ver esses nomes num livro ou num teste:

BATALHAS	DURAÇÃO	MORTOS	AVANÇOS	RESULTADO
Segunda de Artois	9 de maio a 16 de junho de 1915	50 mil	4,8 km	Nada
Gallipoli	19 de fevereiro de 1915 a 19 de janeiro de 1916	125 mil ¹³	3,2 km	Neca
Somme	1º de julho a 18 de novembro de 1916	306 mil ¹⁴	12,8 km	Zero
Verdun	21 de fevereiro a 16 de dezembro de 1916	305 mil ¹⁵	9,6 km	Nenhum
Passchendaele	31 de julho a 16 de novembro de 1917	150 mil ¹⁶	6,4 km	Nulo

O único detalhe absolutamente crucial que você precisa saber sobre qualquer uma dessas batalhas é que 19.240 soldados britânicos foram mortos no dia 1º de julho de 1916, o primeiro dia da Batalha do Somme, a maioria deles em apenas uns poucos minutos de avanço sobre a terra de ninguém.¹⁷

Sob o ponto de vista puramente prático, o número de soldados britânicos mortos no primeiro dia da Batalha do Somme resultou em talvez 1.400 toneladas de tecidos e ossos apodrecendo no campo de luta. Remover os cadáveres numa escala tão grande deveria ser um pesadelo logístico, mesmo em tempos de paz, mas em tempo de guerra era perigoso demais para as equipes de enterramento pegar os corpos jogados ali na terra de ninguém. Por fim, descobriu-se que uma próspera população de ratos na zona das trincheiras limpava os esqueletos bem depressa, de modo que se tornou uma política oficial deixar os ratos em paz para que fizessem o serviço.¹⁸

Como a guerra era assunto de sociedades instruídas, milhares de cartas enviadas para casa têm sido reunidas em livros e arquivos por toda a Europa, documentando a dilacerante experiência da batalha. Abra qualquer livro de história da guerra e você encontrará dezenas de

pequenos relatos descrevendo o que era estar no meio do conflito.

“Nós fomos rastejando de barriga até a borda da floresta, enquanto as granadas continuavam a assobiar e zunir sobre nós, reduzindo a frangalhos troncos e galhos de árvores. Depois as granadas caíram sobre nós de novo, na fímbria da floresta, levantando nuvens de terra, pedras e raízes, e envolvendo tudo em um vapor nojento, de uma cor chocante amarelo-esverdeada... eu levantei de um salto e corri o mais depressa que pude, atravessando prados e plantações de beterrabas, saltando por cima de trincheiras, sebes e emaranhados de arame farpado, e então ouvi alguém gritando à minha frente: “Aqui! Todo mundo aqui!” Havia uma trincheira comprida defronte de mim, e num instante saltei para dentro dela... debaixo de mim havia ingleses mortos e feridos... Então percebi por que o impacto da minha queda fora tão suave quando pulei ali para dentro... Uma tempestade interminável de ferro passava com ruído estridente sobre nossa trincheira. Por fim, às dez horas, nossa artilharia abriu fogo naquele setor. Uma salva, duas, três, cinco, e aquilo continuou. De vez em quando uma granada explodia nas trincheiras inglesas defronte de nós. Os pobres-diabos saíam enxameando como formigas de um formigueiro, e nós nos lançamos sobre eles. Num relâmpago, cruzamos os campos à nossa frente, e depois de uma luta sangrenta corpo a corpo em alguns lugares, nós os fomos escorraçando de uma trincheira após outra. A maioria deles levantava as mãos sobre a cabeça. Qualquer um que recusasse se render era abatido de imediato. Dessa maneira limpamos trincheira após trincheira.

... Quatro vezes atacamos e de cada vez fomos forçados a recuar. Na minha companhia só sobrou outro soldado além de mim, e depois ele também caiu. Um tiro arreventou toda a manga esquerda de minha farda, mas por um milagre eu saí incólume.”¹⁹

E o jovem escritor da carta, Adolf Hitler, sobreviveu à guerra.

Em outros lugares

Mais do que a maioria das guerras, a Primeira Guerra Mundial matou gente que você poderia encontrar em outros contextos. Henry Moseley, o físico que descobriu o segredo por detrás dos números atômicos, foi

abatido em Gallipoli. Umberto Boccioni, o escultor italiano do Movimento Futurista, morreu num acidente de treinamento. O escritor britânico H. H. Munro e o poeta americano Joyce Kilmer morreram em combate. O escultor francês cubista Raymond Duchamp-Villon morreu de tifo no acampamento. George Llewelyn-Davies, uma das crianças que inspiraram *Peter Pan*, de J. M. Barrie, foi baleado na cabeça em Flandres. Provavelmente foi a mais democrática de todas as guerras na história. As nações da Europa sacrificaram uma geração inteira, independentemente de talentos, conquistas ou conexões individuais.^b

É mais fácil pensar na Primeira Guerra Mundial como um buraco negro ou uma fogueira: uma linha de trincheiras estática cortando a Europa ocidental, devorando, faminta, os recursos de um mundo inteiro. Não foram apenas as nações na linha de frente, isto é, Alemanha, França e Inglaterra, que lançaram seus filhos na fogueira. Jovens foram importados de todo o mundo, da América do Norte, Austrália, Índia, Senegal, para alimentar o monstro.

É claro que essa não é toda a história, e que a guerra mundial certamente fez jus a seu nome. A Turquia otomana, que controlava a maior parte do Oriente Médio, entrou na briga para evitar que sua velha inimiga, a Rússia, ganhasse alguma vantagem nos Bálcãs. Isso atraiu pequenos exércitos coloniais britânicos, que passaram a fustigar as bordas do Império Otomano, tentando romper as linhas de frente e fazer contato com a Rússia. Os britânicos entraram na Palestina vindos do Egito, capturando Jerusalém e, incidentalmente, travando uma batalha em Armageddon, que, se você não sabe, é um lugar real. Um exército da Índia britânica invadiu a Mesopotâmia, mas foi encurralado e sitiado em Kut. Depois de vários meses se alimentando de cavalos, ratos e seus próprios cintos, a guarnição se rendeu aos turcos.

O esforço mais ambicioso contra a Turquia começou com um ataque naval britânico entrando diretamente no estreito de Dardanelos para capturar Constantinopla e abrir o acesso aos portos russos do mar Negro, em fevereiro de 1915. O plano foi um fracasso desde o início, principalmente porque os britânicos não haviam considerado a possibilidade de que essa via de transporte crucial, penetrando no coração do território inimigo, poderia estar bem guarnecida. Campos de minas marítimas e baterias assestadas no litoral afundaram três navios de guerra e danificaram o restante que vinha e ia. Os Aliados então decidiram que precisavam desembarcar um exército completo na península de Gallipoli, e

dominar a artilharia costeira turca, mas infelizmente só haviam trazido um efetivo de soldados suficiente para desfilarem em Constantinopla, depois que caísse. A frota saiu pelo Mediterrâneo catando tropas australianas ainda não testadas em batalha, e que treinavam no Egito, e depois esperaram enquanto tropas britânicas veteranas eram trazidas de navio da frente ocidental. A demora deu aos turcos uma oportunidade de reforçar suas defesas e cavar trincheiras. Os Aliados foram chacinados quando desembarcavam nas praias, depois chacinados de novo quando tentavam ampliar sua cabeça de praia, e mais uma vez chacinados quando subiam as colinas, avançando contra os defensores. Depois de se confrontarem inutilmente com os turcos durante diversos meses, os Aliados desistiram e embarcaram de volta.

Depois de cerca de um ano de neutralidade, a Itália correu o pires para ver quem oferecia mais, e ficou com os Aliados quando eles ofereceram aos italianos os Alpes e o litoral do Adriático, que pertencia ao Império Austro-Húngaro. Como grande parte da curta fronteira entre a Itália e a Áustria é formada de montanhas escarpadas, essa frente de combate logo se transformou em outra linha estática que desgastou os exércitos em uma frouxa ofensiva após outras.

A maior parte dos Bálcãs foi por fim conquistada pelas Potências Centrais. Sérvia, Montenegro, Albânia e Romênia foram surradas, saqueadas e ficaram à beira da inanição enquanto os exércitos passavam por cima delas, seguidas pelas forças de ocupação. A Grécia quase se juntou às Potências Centrais, mas um golpe de Estado patrocinado pelos Aliados destronou o rei do país, pró-Alemanha.

A frente russa era mais ampla do que a frente ocidental; aproximadamente 1.600 quilômetros de norte a sul *versus* 480 quilômetros.²⁰ Lá os efetivos eram mais rarefeitos e tornavam mais fácil desbordar e penetrar nas linhas inimigas. Durante os primeiros anos, a frente oscilou para um lado e para outro, conforme uma potência ou outra obtinha uma pequena vantagem, fazendo enorme quantidade de prisioneiros. Essas flutuações na frente oriental causaram muito mais mortes entre a população civil do que na frente ocidental. Os exércitos em deslocamento provocavam ou atropelavam colunas de refugiados, pisoteavam as plantações e saqueavam as cidades. Matavam o gado e espalhavam doenças. Um terço de todas as mortes de civis na Primeira Guerra Mundial ocorreu na Rússia, principalmente pela fome e pelo tifo.

Os armênios

Em 1915, uma ofensiva turca contra os russos nas montanhas do Cáucaso fracassou por completo, e eles tinham de pôr a culpa em alguém pela derrota. Quando olharam em volta procurando um bode expiatório conveniente, os generais turcos viram os armênios cristãos vivendo bem ao lado da zona de guerra. Obviamente fora a traição dos armênios que minara o esforço de guerra turco. Mais provas surgiram quando esses súditos cristãos do sultão saudaram o contra-ataque russo como se fosse uma liberação.

Conforme o Império Otomano enfraquecia, os turcos foram ficando cada vez mais paranoicos sobre o nacionalismo entre suas minorias subjugadas, e qualquer atividade suspeita podia ocasionar um avassalador massacre preventivo. Eles haviam matado 200 mil armênios sem qualquer razão em 1894, e depois mataram outros 30 mil em 1905, mas agora decidiram que permitir uma minoria cristã insatisfeita tão perto das linhas de frente era muito perigoso. Tinham de se livrar dos armênios inteiramente, de uma vez por todas, de modo que avançaram e sistematicamente apagaram a presença armênia no Império Otomano. Também erradicaram a comunidade dos assírios, isto é, cristãos siríacos, já que estavam com a mão na massa.

Armênios que haviam sido convocados para o exército turco foram desarmados e designados para batalhões de trabalho forçado, onde labutavam até a morte. Em abril de 1915, os armênios foram expulsos de Constantinopla. Em junho, 15 mil armênios na cidade de Bitlis foram cercados, levados para o campo e mortos; outros 17 mil foram retirados da cidade de Trebizonda e massacrados em julho.²¹ Depois os soldados turcos começaram a esvaziar os vilarejos armênios nas províncias do nordeste e os vilarejos assírios no sul. Os homens eram cercados e fuzilados. As mulheres, crianças e velhos foram levados para o sudoeste e reassentados, embora crianças e moças bonitas fossem às vezes conduzidas para residências turcas, para serem criadas como muçulmanas ou mantidas como empregadas ou esposas. As grandes movimentações de população se transformaram em marchas da morte, através de montanhas e desertos, com os armênios sendo baleados, baionetados ou espancados com maças ou simplesmente abandonados em áreas desertas, quando caíam.²² Registros turcos recentemente descobertos mostram que 972 mil armênios morreram nessa limpeza étnica.²³

Civis

Para quebrar o impasse militar, as potências em guerra puseram pressão sobre as populações civis. Por puro despeito, os alemães fabricaram um gigantesco canhão para despejar granadas aleatoriamente sobre Paris, a 120 quilômetros de distância, matando um total de 250 inermes cidadãos. Também enviaram zepelins para despejar bombas na Inglaterra, matando 550 civis. Nenhuma dessas duas armas chegou nem perto de afetar o resultado da guerra; entretanto, o bloqueio naval alemão conseguiu isso.

Esperando dobrar os ingleses pela inanição, os submarinos alemães afundavam qualquer navio que surpreendiam aproximando-se das ilhas britânicas. Durante algum tempo, a estratégia quase funcionou devido às novas tecnologias desenvolvidas durante as décadas anteriores. Os submarinos tornavam possível se esgueirar, sem serem percebidos, até uma distância em que pudessem atacar, e os torpedos tornaram possível afundar navios com um único disparo bem colocado.

Assim como a guerra aérea na Segunda Guerra Mundial, a guerra marítima na Primeira Guerra Mundial existiu em uma zona cinzenta, sombria, de ambiguidade moral. A lei internacional desenvolvera regras complexas de engajamento entre vasos de guerra e embarcações civis. Por exemplo, navios mercantes desarmados tinham de ser parados e revistados, as tripulações, evacuadas, mas colocar armas de defesa em um navio civil o tornava presa de ataque imediato. Tudo isso soava bem na teoria, mas era grandemente impossível de pôr em prática. Os submarinos eram muito inferiores aos navios de superfície no que tange à velocidade, a armamento e a alcance das armas; eram inferiores em tudo, a não ser no fator surpresa. Se fossem à superfície, desafiassem e demorassem a atacar a fim de revistar o navio suspeito de contrabando, eles perderiam sua única vantagem. Portanto, eles precisavam afundar qualquer navio suspeito imediatamente, sempre que surgisse a oportunidade.

Naturalmente, o afundamento indiscriminado de qualquer navio que estivesse se aproximando de águas britânicas mandou muitos passageiros inofensivos para o fundo do oceano. No dia 7 de maio de 1915, o transatlântico *Lusitânia*, chegando de Nova York, foi afundado perto da Irlanda, matando 1.200 passageiros e a tripulação. A revolta entre os americanos neutros foi tão grande que o programa dos submarinos foi interrompido durante algum tempo.

Por fim, os britânicos começaram a organizar comboios, tornando mais

difícil para os submarinos inimigos encontrar alvos, porque os navios ficavam reunidos em poucos grupos, em vez de dispersos por todo o Atlântico. Mesmo que um submarino encontrasse um comboio vulnerável, ele não poderia disparar senão uns poucos torpedos antes que os navios de superfície, mais rápidos, se pusessem fora do alcance. O que é mais importante, os alemães superestimaram até onde os britânicos dependiam das importações. Conforme o comércio oceânico ficou mais arriscado, os britânicos acrescentaram mais terras para cultivo em seu próprio território, para compensar o déficit.

O bloqueio britânico aos portos alemães foi feito principalmente com campos de minas e navios de patrulha de superfície. Como essa medida geralmente obedecia às leis marítimas, houve menos reclamações internacionais, mas, no plano mais geral, ela foi muito mais eficaz. A posição da Alemanha em relação ao mar do Norte oferecia alguns pontos de estrangulamento favoráveis aos britânicos, que foram mais eficazes em produzir uma escassez de alimentos. A estimativa oficial é de que 763 mil civis alemães morreram de fome causada pela guerra, especialmente nos meses finais do bloqueio, depois que a Alemanha perdeu o acesso às fazendas ocupadas da Europa oriental. Depois do armistício, a despeito da paz em terra, os Aliados mantiveram o bloqueio a fim de manter a pressão sobre os diplomatas alemães que negociavam a paz em Versalhes.

As potências beligerantes fizeram tudo que foi possível para minar a estabilidade de seus oponentes. Quando o governo russo começou a balançar, em 1917, os alemães despacharam o líder comunista Lênin, então exilado na Suíça, de volta à Rússia, apenas para que ele causasse perturbação. Como disse Churchill: “Eles levaram Lênin num trem lacrado, como se fosse um bacilo da peste, da Suíça à Rússia.” Os alemães também apoiaram os rebeldes irlandeses, desencadeando a Rebelião da Páscoa, em 1916. Entre os súditos britânicos surpreendidos cooperando com os alemães em prol da causa da liberdade da Irlanda, estava Roger Casement, herói do Congo (ver “Estado Livre do Congo”), que foi enforcado por traição.²⁴ Trabalhando na direção oposta, o coronel britânico Thomas Lawrence, conhecido pelo folclore e pelo filme como o impetuoso “Lawrence da Arábia”, juntou-se aos rebeldes árabes para minar a posição otomana no Oriente Médio.

O colapso

Depois de três miseráveis anos de guerra, as tropas francesas que se dirigiam para a batalha às vezes gemiam como carneiros quando passavam por um grupo de generais. Eles sabiam que estavam sendo enviados para o matadouro. Em maio de 1917, depois que outra desatinada ofensiva matou ou feriu 100 mil franceses, os soldados se recusaram a avançar. Dezenas de milhares de soldados desertaram, e metade do exército, isto é, 54 divisões, recusou-se a receber quaisquer ordens posteriores vindas do alto escalão.

O motim francês foi resolvido por uma combinação de execuções e reformas. Os líderes foram fuzilados ou aprisionados na ilha do Diabo, enquanto muitos soldados comuns foram mandados de volta para casa durante algum tempo. Por fim, o alto-comando conseguiu restaurar a confiança do exército com ofensivas menores, que garantiram um sucesso limitado, em vez de lançar os avanços colossais, sangrentos com os quais haviam se acostumado.

Durante anos a frente italiana presenciara nada mais do que uma inútil batalha após outra ao longo do rio Isonzo; foram quatro em 1915, cinco em 1916 e três em 1917. Na 12ª Batalha de Isonzo, que começou em outubro de 1917, as forças austro-germânicas finalmente conseguiram romper as linhas italianas, fazendo fugir os defensores em pânico e tomando um grande número de prisioneiros. No período de um mês, foram capturados 280 mil italianos; 350 mil desertaram. Mesmo que depois a frente se estabilizasse, os italianos perderam 96 quilômetros de seu território, e o exército italiano não representou mais nada no restante da guerra.²⁵

Entretanto, a situação na Rússia era pior. Os russos já haviam perdido 1 milhão de soldados travando batalha após batalha, sempre derrotados, e haviam mandado de volta para a retaguarda muito mais feridos. As finanças do governo estavam arrasadas e o alimento não chegava às cidades. Uma série de motins e rebeliões derrubou o czar em março de 1917, e a nação desmoronou numa selvagem guerra civil, a qual ganha um capítulo inteiro só para ela (ver “A Guerra Civil Russa”). As tropas alemãs ocuparam grandes parcelas do país e começaram a despachar alimentos e suprimentos para a Alemanha.

Com a queda da Rússia, os alemães levaram suas divisões de combate para o oeste, aumentando seus efetivos o bastante para retomar a ofensiva, com o uso de táticas de infiltração recentemente desenvolvidas. Vagarosa, sangrenta, mas eficientemente, uma renovada ofensiva alemã empurrou as linhas aliadas na direção de Paris. Conforme decorriam as

semanas, entretanto, os Aliados aprenderam a se defender das táticas inimigas, e a ofensiva alemã fracassou no momento em que tropas frescas dos Estados Unidos lançavam um contra-ataque.

Durante anos os Estados Unidos vinham tentando se manter ao largo da insanidade europeia. Laços econômicos ligavam os Estados Unidos a ambos os lados. A ancestralidade histórica geral aproximava o país da Grã-Bretanha, mas um substancial fluxo de imigração alemã e irlandesa, de antes da guerra, fez diminuir aquele sentimento; entretanto, os repetidos ataques alemães contra navios mercantes civis enfureceram a opinião pública americana.

Felizmente para a Alemanha, a guerra na Europa não era a única sendo travada no momento. A Revolução Mexicana estava em plena efervescência, e as tropas americanas haviam acabado de voltar para casa depois de caçarem Pancho Villa até bem no interior do México. Os alemães ofereceram uma aliança secreta com o governo mexicano, esperando manter os americanos ocupados em seu próprio hemisfério, mas, quando a oferta veio a público, os americanos, enraivecidos, declararam guerra à Alemanha, em abril de 1917.²⁶

Os americanos levaram quase um ano para mobilizar todo o seu potencial, não participando de uma ação bélica de importância senão em março de 1918, mas o influxo constante de 2 milhões de tropas frescas mostraram ser mais do que a Alemanha poderia aguentar. Os alemães foram recuando paulatinamente em face aos renovados ataques dos Aliados. Com as linhas alemãs empurradas inexoravelmente para trás, Berlim entrou em pânico. Assomava no horizonte a conquista da cidade. Esperar que o exército fosse totalmente destruído deixaria o país sem poder de barganha. Em outubro, o governo começou a explorar a possibilidade de um cessar-fogo.

Enquanto os telegramas iam e vinham, os aliados dos alemães abandonavam a causa. Uma inesperada ofensiva aliada partindo da Grécia avançou avassaladoramente sobre os Bálcãs. A Bulgária, a Turquia e o Império Austro-Húngaro jogaram a toalha em setembro, outubro e novembro, respectivamente. Os austríacos chegaram até mesmo a derrubar seu imperador, enquanto estavam com a mão na massa. Enquanto os alemães retardavam sua decisão, os Aliados tornaram claro que o imperador alemão tinha de abdicar antes que qualquer cessar-fogo entrasse em vigor. O kaiser Guilherme abdicou no dia 9 de novembro, e, dois dias mais tarde, cessaram os combates.

Mais ou menos. “A Guerra dos Gigantes terminou”, declarou Churchill. “Começaram as brigas dos pigmeus.”²⁷ No rescaldo da guerra, as brasas continuavam a queimar. A Rússia estava sendo arruinada pela guerra civil. A Finlândia também tinha sua guerra interna. A Hungria e a Romênia travavam uma nova guerra, disputando por onde passaria sua fronteira comum, da mesma forma que a Rússia e a Polônia. A Grécia e a Turquia também brigavam por causa da fronteira comum, enquanto os dois regimes rivais, na Turquia, brigavam para ver se o país permanecia uma monarquia ou se tornava uma república. Em 1919, as potências beligerantes se reuniram nos tranquilos arredores de Paris para negociar os detalhes exatos dos tratados de paz, mas a paz duraria apenas o bastante para que as nações rivais produzissem uma nova geração de soldados.

O legado

A principal lição da Primeira Guerra Mundial é de que a guerra é uma coisa ruim. Isso pode parecer a lição óbvia para a maioria das guerras, mas a geração anterior de europeus vira uma era de paz sem precedentes, e haviam esquecido como era uma guerra. A maioria das guerras de memória recente haviam sido vitórias fáceis ou derrotas claras. A Primeira Guerra Mundial lembrou aos líderes mundiais que as guerras nem sempre se desenrolam como planejado. Quase todos os planos deram errado, e a maioria das nações saiu da guerra falida ou esfacelada.

Em capítulos que se seguem, você verá que muitos dos meus cem mais atozes multicídios podem ser facilmente rastreados até a Primeira Guerra Mundial. A Segunda Guerra Mundial foi uma revanche. A Guerra Civil Russa, um prolongamento. Outros multicídios tiveram suas raízes na Primeira Guerra Mundial; Stálin emergiu da Revolução Russa, e a guerra da Coreia nasceu da Segunda Guerra Mundial.

Até mesmo hoje as ondas de choque estão se fazendo sentir. O primeiro comentário público de Osama bin Laden sobre os ataques de 11 de setembro de 2001 anunciava o fim de oitenta anos de sofrimento que os muçulmanos vinham sofrendo nas mãos do Ocidente. Era, muito provavelmente, uma referência à partilha do Império Otomano e à ocupação da Palestina pelos britânicos, que começou (coincidentemente?) no dia 11 de setembro de 1922.²⁸ Na verdade, alguns dos mais problemáticos países da história recente surgiram quando os impérios dos

vencidos foram divididos entre os vencedores:

Burundi, Ruanda: Dois pedacinhos da África oriental alemã foram dados aos belgas, colocando os tutsis e hutus no mesmo país, embora as duas etnias se odiassem. Esse meio século tem presenciado incontáveis massacres, para um lado e para o outro.

Tcheco e Eslováquia, Polônia: Duas novas nações políglotas foram arrancadas das terras fronteiriças da Áustria, Alemanha e Rússia. A esperança era de que elas constituiriam um território-tampão seguro entre inimigos implacáveis, mas os novos países duraram apenas o bastante para desencadear uma nova guerra mundial, e foram rapidamente conquistados.

Darfur: Atendendo à solidariedade muçulmana, o sultão de Darfur, no Saara, mudou de aliança, passando dos britânicos para os turcos otomanos, durante a Primeira Guerra Mundial. Os britânicos então ocuparam a província e aboliram o sultanato, agregando-o ao Sudão. Hoje, Darfur se vê às voltas com o genocídio promovido pelos governantes sudaneses.

Iraque: Todas as províncias produtoras de petróleo do Império Otomano foram reunidas e entregues aos britânicos, embora essa medida houvesse, arbitrariamente, misturado árabes sunitas, árabes xiitas e curdos em um único país. Esses três grupos vêm se digladiando numa guerra civil, visando o controle do país e de suas rendas do petróleo.

Israel: Essa fatia do Império Otomano foi entregue aos britânicos, e logo escolhido como destino da imigração judaica. Há mais de meio século os Estados árabes vizinhos vêm tentando remover essa mancha étnica.

Líbano: Os enclaves locais cristãos da Síria foram arrancados do Império Otomano a fim de criar um pequeno país com uma maioria cristã. Nas décadas de 1970 e 1980, os muçulmanos locais travaram uma guerra civil com os cristãos pela partilha do poder.

União Soviética: Quando, desgastada pela guerra, a Rússia adotou o comunismo, isso criou uma nação monstruosamente poderosa, ideologicamente adversária do Ocidente. Foram precisos três quartos de

um século e a ameaça diária de aniquilamento nuclear para que a Rússia voltasse ao concerto das nações do restante da Europa.

Iugoslávia: Todos os pequenos países eslavos balcânicos do Império Austro-Húngaro foram combinados com a Sérvia, numa grande nação poliglota. Na década de 1990, todos eles travaram uma série de guerras civis para se separar do bloco.

^a É confuso; quando a guerra começou, a Tríplice Aliança não passou logo a ser chamada de “Aliados”. Foi a Entente que passou a se chamar de “Aliados”, enquanto a Aliança ganhou o nome de “Potências Centrais”, devido à sua localização no mapa.

^b *Peter Pan foi baleado na cabeça em Flandres*. Isso é a guerra resumida. Os soldados mortos em guerra ou são jovens demais para ter tido muito impacto, além de serem filhos de alguém, ou são conhecidos historicamente por suas conquistas militares. Os civis mortos em guerra são ainda mais desconhecidos, e geralmente desaparecem sem vestígio, mesmo na folha de pagamento do regimento. Entre os poucos conhecidos por feitos não militares e que morreram em guerras que não a Primeira Guerra Mundial estão Arquimedes, lorde Byron e Glenn Miller.

^c Em vez de enviarem ondas humanas sob a cobertura da artilharia, essas novas táticas dependiam de pequenos grupos se esgueirarem perto das linhas inimigas para conquistar pontos fortes estratégicos atrás das linhas de frente, sem o alerta que um demorado bombardeio preparatório daria.

A GUERRA CIVIL RUSSA

Número de mortos: 9 milhões,¹ incluindo 1 milhão de mortos em combate, 5 milhões de mortos de fome e 2 milhões de mortos por doenças epidêmicas; o restante reúne as mortes de civis pelo terror, fogo cruzado etc.

Posição na lista: 16

Tipo: guerra civil ideológica, colapso do Estado

Linha divisória ampla: Vermelhos *versus* Brancos

Época: 1918-20

Localização: Rússia

Principais Estados participantes: França, Alemanha, Grã-Bretanha, Japão, Estados Unidos

Estados com participação quântica: Armênia, Estônia, Finlândia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Polônia, Governo Provisório Russo, Rússia Soviética, Ucrânia

Quase Estados participantes: Legião Tcheca, cossacos do Don, Território Livre, Exército Verde, Komuch, Governo Provisório da Sibéria Autônoma, Exército de Voluntários

Quem geralmente leva a maior culpa: a Esquerda culpa a Direita, e a Direita culpa a Esquerda

A queda da dinastia Romanov

A Primeira Guerra Mundial foi uma confusão tão monumental para todo mundo que se envolveu nela que muitos participantes saíram do conflito com seus governos tão fragmentados a ponto de não poderem se reerguer. O primeiro grande país a desmoronar sob a violenta tensão foi a Rússia. A escassez de alimentos e as greves desintegraram a vida urbana. Falhas no suprimento e uma estratégia estúpida despedaçaram o exército. Conforme continuavam os anos de contínua carnificina, milhares de soldados russos simplesmente desistiram da luta e voltaram para casa, carregando suas armas para o caso de alguém tentar detê-los.

A Revolução de Fevereiro, que realmente ocorreu em março de 1917, começou quando protestos na capital, Petrogrado, se tornaram violentos. Os soldados enviados para acabar com a greve, em vez de cumprir ordens, se juntaram ao movimento.

O czar Nicolau estava num trem, viajando velozmente para Petrogrado, a fim de impor sua autoridade, quando ficou óbvio que os acontecimentos o haviam atropelado. Ainda fora da cidade, ele abdicou formalmente. A coroa foi oferecida a parentes, mas ninguém mais da família Romanov quis herdar aquele ninho de vespas em que a Rússia se transformara. No

momento o Parlamento ficou no comando, embora o grupo de trabalhadores locais, o Soviete de Petrogrado, controlasse a maioria dos trabalhadores, tornando-se a facção mais vociferante da capital. Um de seus líderes, Alexandre Kerensky, antes membro do Partido Socialista Revolucionário,^b ficou sendo o poder por procuração mais influente na Rússia. Durante alguns meses, o novo governo tentou seguir em frente com o mínimo de mudanças no tecido social e político do país. A guerra contra a Alemanha continuava sem um fim à vista.

Em 1903, um cisma dividira os socialistas russos entre uma minoria moderada e uma maioria radical. Os radicais são, daí em diante, conhecidos para a história como bolcheviques, da palavra russa para “maioria”, enquanto os moderados ficaram conhecidos como mencheviques, da palavra “minoria”.

O líder dos bolcheviques era um intelectual veemente, destituído de humor, amante do trabalho, que nascera com o nome de Vladimir Ulanov, mas que há muito tinha o apelido de Lênin. Exilado da Rússia por atividades revolucionárias, ele vinha, há muitos anos, pulando de país em país na Europa ocidental. Ao irromper a Primeira Guerra Mundial, os partidos socialistas por toda a Europa haviam se alinhado com diversos governos nacionais em apoio à guerra, em vez de se unirem independentemente das fronteiras nacionais para forçar um fim àquela loucura. Lênin criticou-os acerbamente por seu patriotismo vacilante, e logo tornou-se figura indispensável por todo o continente, até que encontrou um refúgio seguro na neutra Suíça.

Depois da Revolução de Fevereiro, os prisioneiros políticos e exilados do regime do czar viram-se bem recebidos em sua pátria. Os alemães permitiram que Lênin e seus seguidores atravessassem a Alemanha até o mar Báltico, de onde ele retornou a Petrogrado via a neutra Suécia. Lênin começou imediatamente a agitar o ambiente, em prol de uma agenda radical, e tirar a Rússia daquela guerra sem sentido era a primeira opção. Conforme a frente de batalha russa continuava a se deteriorar, os bolcheviques, sob a liderança de Lênin, ganhavam mais seguidores e mais poder. Finalmente assumiram o controle do governo com a Revolução de Outubro, na realidade em novembro de 1917. Durante os meses que se seguiram, os bolcheviques consolidaram seu controle sobre o governo e depois deslocaram a capital para Moscou, muito mais no interior do país, a fim de evitar os exércitos alemães e as multidões descontroladas que punham o governo em perigo em Petrogrado.

Em dezembro, Lênin acertou um cessar-fogo com a Alemanha e começou a negociar os termos do armistício. Finalmente, pelo Tratado de Brest-Litovsk, assinado em março de 1918, a União Soviética aceitava a derrota e abria mão das províncias do Báltico, da Ucrânia e da Bielorrússia, para a ocupação alemã.

A guerra civil

A maioria dos livros de história para aqui, e segue aceleradamente pelos anos seguintes da história da Rússia. Por essa época, tudo que afetaria o restante do século XX já acontecera. A Rússia se tornara um país comunista e estava fora da guerra. Na visão maior da história, isso era tudo que interessava. O resto não tinha importância e era deprimente, de modo que vamos direto ao que interessa.

Nem todo mundo estava querendo seguir adiante e aceitar o jogo de poder dos bolcheviques. As outras facções do governo russo fugiram de Petrogrado depois da Revolução de Outubro e começaram a reunir tropas nas províncias. Os países capitalistas do Ocidente não estavam obviamente dispostos a acolher de bom grado na comunidade das nações o primeiro governo comunista da história. As minorias étnicas do Império Russo queriam tirar vantagem do caos, para se apresentar como novas nações. A coisa ia ferver.

O desenrolar dos acontecimentos da guerra civil pode ser reduzido a uns poucos marcos simples, cada um espaçado de um ano, mais ou menos:

De novembro de 1917 a novembro de 1918, os alemães dominaram e os bolcheviques ficaram subservientes.

De novembro de 1918 a novembro de 1919, os alemães já estavam derrotados e os bolcheviques estavam na defensiva contra os antibolcheviques.

De novembro de 1919 a novembro de 1920, os bolcheviques estavam na ofensiva contra os antibolcheviques.

Depois de novembro de 1920, os antibolcheviques já haviam sido derrotados e os bolcheviques consolidaram o poder.

O mapa da Guerra Civil Russa é, ao mesmo tempo, simples e complexo. A

parte simples é que os comunistas, isto é, os Vermelhos, tinham o controle do centro, e estavam sendo atacados de todos os lados por forças hostis, geralmente conhecidas como os Brancos. A parte complexa é que, quase de cada uma daquelas direções, eles eram atacados por uma força hostil completamente diferente. Não eram apenas os Brancos, russos propriamente ditos, mas também alemães, poloneses, cossacos, britânicos, franceses, americanos e japoneses.² Vamos descrevê-los numa espiral, no sentido dos ponteiros do relógio, começando às 4:30:

Cossacos (sudeste)

Quase desde o começo, os cossacos do Don recusaram-se a reconhecer a autoridade dos bolcheviques, e firmaram sua independência pela força das armas em julho de 1918, data essa que é geralmente considerada o início oficial da Guerra Civil Russa. Os Vermelhos tentaram impor sua autoridade durante os primeiros meses de 1919, varrendo o território cossaco e sistematicamente executando cerca de 12 mil contrarrevolucionários. Um novo levante cossaco contra esse terror ajudou a ofensiva do vizinho Exército Branco, sob o comando do general Anton Denikin.³

Alemães (sudoeste)

A ocupação alemã não atingiu muito o interior étnico profundo da Rússia, mas os alemães se apoderaram de quase todas as terras europeias habitadas por não russos, que se tornariam repúblicas independentes em 1991. A Alemanha começou a organizar esses territórios como Estados vassalos, mas o armistício geral, em novembro de 1918, levou a uma apressada retirada. A maior parte dos territórios tentou, então, firmar sua existência independente. Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia conseguiram isso. Os ucranianos e os povos das montanhas do Cáucaso não conseguiram.

Brancos (noroeste)

Depois que a Alemanha se retirou da Rússia, o general Nikolai Yudenich comandou um pequeno exército de Brancos, partindo da Estônia, na direção de Petrogrado, em outubro de 1919. Durante algumas semanas

esse deslocamento significou uma ponta de lança mortal apontada para o regime vacilante dos bolcheviques, mas os invasores foram repelidos mais ou menos na mesma época em que as ofensivas dos Brancos em outros lugares entravam em colapso.

Aliados (norte)

Em julho de 1918, uns poucos milhares de soldados britânicos e americanos começaram a chegar aos portos subárticos de Archangel e Murmansk para guardar os estoques de material de guerra Aliado e evitar que caíssem nas mãos dos alemães ou dos bolcheviques. Conforme a Rússia ficava mais caótica, essa força cresceu em efetivo. Como cada país do Ocidente queria ganhar um assento na eventual conferência de paz, e talvez conseguir valiosas concessões comerciais e colônias dentro da nova Rússia, todos os outros Aliados, australianos, franceses, canadenses, italianos, sérvios e assim por diante, enviaram também pequenas unidades para aqueles portos. Quando começaram a montar perímetros defensivos em torno dos portos, os Aliados se viram travando combates esporádicos, mas às claras, com os bolcheviques, embora de maneira relutante. Ninguém esperava seriamente que essas forças Aliadas afetassem o resultado da guerra civil, de modo que, quando, depois de alguns anos, ficou claro o caminho que a Rússia estava tomando, os Aliados abandonaram finalmente aqueles portos do norte da Rússia.

A batalha contra os bolcheviques matou 304 americanos, mais do que o dobro do número de americanos mortos em combate durante a Guerra do Golfo, em 1991, mas os americanos não gostam de falar desse assunto, provavelmente porque perderam, mas também porque a intervenção pareceu justificar a paranoia russa durante a Guerra Fria. Você nunca vê a Guerra Civil Russa na relação oficial das guerras americanas.⁴

Brancos (leste)

Provavelmente a legenda que mais nos confunde em qualquer mapa da Guerra Civil Russa é o aparecimento de um exército tcheco sob o comando de um almirante russo no meio da Sibéria, a milhares de quilômetros, tanto de Praga quanto dos oceanos navegáveis.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os Aliados haviam organizado 60 mil prisioneiros e desertores eslavos do exército austro-húngaro para lutar

na frente russa no âmbito da Legião Tcheca, para ajudar a libertar a Boêmia do domínio do Império Austro-Húngaro. Mas, depois de caírem fora da guerra, os bolcheviques não precisaram mais deles e a Legião Tcheca foi enviada para fazer contato com os Aliados em algum outro lugar. O plano dos tchecos era retornar à guerra fazendo um rodeio, pela ferrovia transiberiana, a qual se estendia até o oceano Pacífico e era a única via de transporte que realmente os alemães não bloqueavam.⁵

Numa determinada estação da ferrovia, os soviéticos locais tentaram desarmar os tchecos, mas isso só os tornou mais enraivecidos. Eles inverteram a marcha e foram abrindo caminho pelo interior do país, ao longo da ferrovia. Finalmente transformaram-se na espinha dorsal das forças dos Brancos no Leste.⁶

O almirante nos mapas da Sibéria era Alexandre Kolchak, ex-comandante da frota russa no mar Negro, que se demitira em junho de 1917, antes que os bolcheviques assumissem o poder. Durante algum tempo ele perambulou pelas comunidades de emigrantes russos, e finalmente terminou organizando forças antibolcheviques na Manchúria. Deslocou-se então por terra para Omsk, onde se tornou ministro da Guerra do governo conservador da Rússia.

Em novembro de 1918, o almirante Kolchak apoderou-se de Omsk por meio de um golpe de Estado.⁷ Durante o ano seguinte, ele foi considerado internacionalmente como o governante oficial do Estado; entretanto, depois que sua ofensiva contra os bolcheviques fracassou, em novembro de 1919, ele abandonou Omsk. Em janeiro de 1920, os Brancos retiraram-se para Irkutsk, pela ferrovia transiberiana, onde ficaram encurralados quando o governo local mudou de mãos. A Legião Tcheca entregou o almirante às novas autoridades em troca de salvo-conduto para seu país de origem, e os Vermelhos o fuzilaram e jogaram o corpo no rio mais próximo.⁸

Aliados (extremo oriente)

Outra força expedicionária constituída de franceses, britânicos e americanos ocupou o porto de Vladivostok, no oceano Pacífico, e a zona do interior próxima, da Sibéria. As primeiras unidades de engenheiros haviam chegado durante a Primeira Guerra Mundial para ajudar na operação da ferrovia transiberiana, e mais técnicos chegaram depois. Setenta mil soldados japoneses também foram ajudar. O Japão vinha tentando conquistar o litoral do Pacífico durante a primeira metade do século XX. Já

havam se apoderado da Coreia e de Taiwan, e logo invadiriam a China. Nesse ínterim, eles se aproveitaram do caos para invadir a Sibéria. Finalmente tiveram de abandonar essa cabeça de ponte em 1922, um ano depois de os outros Aliados terem se retirado.

Komuch (sudeste)

Durante algum tempo, a cidade de Samara foi sede de um governo socialista, chamado Komuch, que é, de forma condensada, a palavra russa para “comitê de alguma coisa” que começa com *uch*.^c O Komuch reuniu um número apreciável de refugiados do Parlamento de Petrogrado e então se intitulou o governo legítimo de toda a Rússia. Embora dominasse quase toda a bacia do rio Volga, o órgão era moderado demais para incendiar o apoio das massas. Depois que os bolcheviques eliminaram esse governo em Samara, o Governo Provisório da Sibéria Autônoma, em Omsk, acolheu os remanescentes que se retiraram.⁹

Turquestão (extremo sudeste)

As terras da Ásia central do Império Russo tiveram sua própria guerra civil durante alguns meses no final de 1917 e início de 1918, quando nacionalistas muçulmanos e comunistas disputaram que rumo a nação tomaria para fugir do passado imperial russo. Quando os Vermelhos surgiram vitoriosos da contenda, os Brancos e as forças Aliadas atacaram a partir do Irã, sem sucesso. Um Estado comunista independente foi estabelecido em Bukhara, até que foi absorvido de volta pela Rússia.

Negros (sul)

Como se a metafórica anarquia que despedaçava a Rússia não fosse bastante, uma facção tentou estabelecer uma sociedade verdadeiramente anarquista, um Estado sem Estado, de absoluta igualdade entre os camponeses do centro-leste da Ucrânia. Entre o outono de 1918 e o verão de 1919, o chamado Exército Negro, dos anarquistas, sob o comando de Nestor Makhno, separou seu Território Livre do restante da Ucrânia.

Forçados a escolher o lado, os Negros por fim decidiram pelos Vermelhos, contra os Brancos, mas assim que estes foram postos de lado,

os Vermelhos se voltaram contra os Negros. Felizmente, os agentes anarquistas interceptaram as ordens secretas vindas de Moscou, e avisado com antecedência, Makhno fugiu para o Ocidente.¹⁰

Verdes (sul)

Os camponeses ucranianos, aborrecidos tanto com os Brancos, dos quais faziam parte inúmeros antigos proprietários de terras, como com os Vermelhos, que estavam fuzilando padres e confiscando propriedades, formaram o Exército Verde, sob o comando de um cossaco chamado Nikifor Grigoriev. Depois de terem passado cerca de um ano combatendo tanto os Vermelhos quanto os Brancos, os Verdes foram empurrados para o território dos Negros. Os anarquistas capturaram Grigoriev, que foi executado pessoalmente pela esposa de Makhno.

Brancos (sul)

Os generais Lavr Kornilov e Anton Denikin, os dois principais comandantes da frente russa, foram presos em agosto de 1917 por conspirarem para tomar o poder em Petrogrado. Entretanto, depois que os bolcheviques assumiram o governo, os generais escaparam e fugiram para o sul da Rússia, a fim de organizar o Exército Branco. Quando Kornilov foi morto, em abril de 1918, Denikin assumiu o comando.

De maio a outubro de 1919, Denikin esteve na ofensiva, mas a vitória Vermelha em Orel o fez recuar, deixando desertores por todo o caminho. Em março de 1920, os remanescentes de seu exército foram encurralados na Crimeia, de modo que, em abril, Denikin passou o comando de seu exército para Pyotr Wrangel e fugiu para a França. Finalmente, admitindo a derrota, Wrangel e os últimos Brancos se retiraram atabalhoadamente da Crimeia, em novembro de 1920, a bordo de navios franceses e britânicos.

Pogroms (sul)

À parte a ideologia, a maioria dos russos na época odiava os judeus, de modo que os exércitos dos Brancos, Vermelhos, Verdes e Negros maltratavam os membros daquela etnia sempre que os encontravam. A

perseguição era pior na Ucrânia. Circulavam boatos amplamente entre os Brancos de que a revolução bolchevista era, no seu cerne, um complô dos judeus, de modo que, durante todo o ano de 1919, Brancos, cossacos e nacionalistas ucranianos destruíram perto de quinhentas comunidades judaicas que encontraram em seu caminho. Entre 60 mil e 150 mil judeus foram fuzilados, queimados vivos, afogados, espancados até a morte ou despedaçados em um massacre após outro, no mais letal surto de antissemitismo que ocorreu desde a revolução de Bar Kokhba (ver “Guerras romano-judaicas”) e o Holocausto (ver “Segunda Guerra Mundial”).¹¹

Poloneses (oeste)

Depois do colapso dos exércitos dos Brancos na Ucrânia, os poloneses avançaram para ocupar aquele território. Capturaram Kiev, em maio de 1920, mas a contraofensiva bolchevista rapidamente os fez recuar. Durante algum tempo parecia que a Polônia ia ser absorvida de novo pelo Império Russo, mas a contraofensiva foi finalmente bloqueada nos arredores de Varsóvia em agosto de 1920. Os poloneses consideram esse confronto, essa batalha nos portões de Varsóvia, como um dos mais importantes marcos da história moderna. Se não fosse pelo valor do exército polonês, as hordas comunistas teriam entrado avassaladoramente por toda a Europa. Outro modo de descrever esses acontecimentos é considerar que o Exército Vermelho já estava tão desgastado que *até mesmo os poloneses* conseguiram derrotá-lo.

Seja como for, o contra-ataque polonês expulsou por completo os Vermelhos da Polônia, e avançou até meio caminho de Kiev, antes de serem barrados novamente pelos russos. Foi aí que ficou delineada a nova fronteira entre os dois países, colocando uns poucos milhões de ucranianos e bielorrussos na situação difícil de minorias num país estrangeiro, a Polônia.¹²

Vermelhos (centro)

Defrontado com uma nação que desmoronava, a resposta de Lênin para todos os seus problemas era fuzilar alguém. Em janeiro de 1918 ele ordenou “o fuzilamento imediato de um em cada dez acusados de corpo mole no trabalho”. Mais tarde decretou “a prisão e fuzilamento de todo

mundo que aceitasse suborno, trapaceiros etc.”.¹³

Para nossos propósitos, o mais importante acontecimento desse capítulo, tomado individualmente, aconteceu em dezembro de 1917, logo depois que os bolcheviques assumiram o poder, quando Lênin organizou uma comissão dentro do Ministério do Interior para combater a sabotagem e as atividades contrarrevolucionárias. As nove palavras completas do nome oficial dessa comissão são muito difíceis de pronunciar, escrever e até mesmo lembrar, de modo que na maior parte do tempo o nome foi desbastado para o inócuo Comissão Extraordinária, e mais comumente reduzido ainda mais para suas duas iniciais em russo: Che Ka.

O nome da organização mudaria ao longo dos anos, mas o terror que ela instaurou permaneceria constante. Registros que sobreviveram mostram que a Cheka executou quase 13 mil contrarrevolucionários no decurso da guerra civil, e essas são apenas mortes que podemos comprovar. Eles fuzilaram muito mais espontaneamente, sem deixar qualquer registro escrito. Ao todo, a Cheka matou qualquer coisa entre 50 mil a 200 mil cidadãos durante a guerra civil.¹⁴

A princípio, o governo bolchevista compartilhou o poder com os Socialistas Revolucionários de Esquerda (RSE), um grupo cooperativo dissidente dos originais Revolucionários Socialistas, os quais tinham forte apoio entre o campesinato; mas os RSE ficaram enfurecidos com os termos do tratado de rendição de Brest-Litovsk. Em julho de 1918, eles assassinaram o embaixador alemão, fazendo com que parecesse uma ação da Cheka, na esperança de meter uma cunha entre Lênin e a Alemanha. Lênin suavizou os problemas com este país, e depois partiu para prender os integrantes do RSE. Este partido tomou então o chefe da Cheka como refém.¹⁵ Lênin convocou as tropas, que libertaram o chefe da Cheka e esfacelaram o RSE, removendo do governo os últimos não bolcheviques.

Enquanto arrumavam a casa em Moscou, os bolcheviques atacaram outro problema. Desde a revolução, a família real ficara como prisioneira em diversas propriedades rurais, e estava agora confinada em Yekaterinburg, nos montes Urais. Conforme o avanço dos Brancos ia erodindo o território dos Vermelhos, alguma coisa precisava ser feita. O czar Nicolau, sua esposa, seus cinco filhos e seus criados leais foram levados para uma pequena sala, onde foram baleados, baionetados e espancados com a coronha dos fuzis, e baleados até que estivessem claramente mortos, tudo isso de maneira brutal e descuidada. Depois os corpos foram levados de carroça para a floresta, desfigurados com ácido, e

enterrados em covas sem qualquer identificação.¹⁶

Em agosto de 1918, um assassino anteriormente afiliado aos Socialistas Revolucionários feriu Lênin, o que desencadeou o Terror Vermelho e intensificou as execuções em massa. Enquanto eram expedidas ordens para esmagar comportamentos dissidentes e antissociais, Lênin instruiu um soviete local: “Vocês devem... introduzir instantaneamente o terror maciço, fuzilar e transportar centenas de prostitutas que embebedam os soldados, ex-oficiais etc. Não se deve desperdiçar um minuto.” No mesmo mês ele deu instruções aos líderes de outra cidade para: “Enforcar não menos de uma centena de kulaks, isto é, camponeses prósperos, bem conhecidos, ricos e sugadores de sangue, e fazer com que os enforcamentos aconteçam à plena vista das pessoas.”¹⁷

No final de 1919, Leon Trotsky, outro intelectual comunista que havia sido originalmente exilado pelo czar, virou a maré a favor dos bolcheviques. Com a revolução, Trotsky retornou à Rússia, e Lênin deu-lhe a missão de negociar a paz com a Alemanha. Depois ele recebeu o comando do Exército Vermelho. Aumentou o efetivo daquele para 1 milhão de soldados via uma maciça conscrição de camponeses no território soviético. Comissários políticos, a quem era dada a missão de intimidar ou convocar as tropas quando necessário, enquadravam esses novos recrutas. Atrás das tropas que atuavam nas linhas de frente, Trotsky posicionou unidades políticas especiais para fuzilar soldados que fugissem, apenas para o caso de alguém tentar recuar. Como ele explicou na sua autobiografia:

Um exército não pode ser organizado sem represálias. Massas de homens não podem ser levadas para a morte, a menos que o comando do exército tenha a pena de morte em seu arsenal. Enquanto esses macacos sem cauda espertos, que são tão orgulhosos de seus feitos técnicos, os animais a quem chamamos de homens, organizarem exércitos e travarem batalhas, o comando sempre será obrigado a colocar os soldados entre a possível morte na frente de batalha e a inevitável morte na retaguarda.^{d18}

Diferentemente de muitos outros líderes bolcheviques, Trotsky desejava usar ex-oficiais czaristas como assessores, e ocasionalmente como comandantes, desde que ele tivesse comissários políticos para vigiá-los.

A Revolução Russa levou a uma das maiores redistribuições de riqueza

jamais vista, mas, na maior parte, os comunistas não foram de porta em porta desapropriando casas. Eles simplesmente se recusaram a fazer cumprir as leis da propriedade, quando as pessoas comuns as roubavam dos ricos. Os camponeses lavravam a terra onde queriam, sabendo que o governo não os expulsaria. Os trabalhadores assumiram o controle das fábricas, e a polícia não os escorraçava de lá. As pessoas se apossavam do gado ou se mudavam para imóveis abandonados, e não havia nada que os proprietários pudessem fazer a respeito. Qualquer um que levantasse objeções era linchado pela multidão ou simplesmente executado pela Cheka.

Terminada a Primeira Guerra Mundial, as repúblicas soviéticas também se instalaram na Bavária e na Hungria, e por um breve momento Lênin teve a esperança, e o resto do mundo teve o temor, de que isso levaria a uma onda cataclísmica de revoluções por todo o mundo. Então o governo da Bavária desintegrou-se em maio de 1919 e o da Hungria em agosto do mesmo ano, e a epidemia do marxismo ficou confinada à Rússia.

Quando clareou a fumaça, cinco novos países em torno do litoral do mar Báltico haviam conseguido firmar sua independência às custas de uma Rússia enfraquecida. Em outros lugares, as tropas bolcheviques avançaram para absorver as outras pequenas repúblicas, que haviam se libertado do domínio anterior do czar. Em dezembro de 1922, todos os governos locais comunistas que tinham raízes por todo o velho Império Russo foram oficialmente reunidos na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ou a URSS.

O legado

Uma geração atrás a Revolução Russa se destacava como o mais importante acontecimento político do século XX. Todos os outros grandes ditadores haviam caído. As duas guerras mundiais tinham terminado e perdiam importância. As guerras mais recentes da história haviam sido longas e inúteis, mas a União Soviética ainda se alçava sobranceira e inexoravelmente sobre todo o século, ameaçando, lutando, crescendo e evoluindo. A convulsão que fizera nascer a URSS era o acontecimento central da história moderna.

Hoje, a Revolução Russa é um curso eletivo da história antiga. É um exemplo excelente de como as mudanças no presente ecoam para trás e mudam o passado. Com o desaparecimento da União Soviética, todo o

vaivém de bolcheviques, mencheviques, Vermelhos e Brancos se tornou coisa insignificante.

Por outro lado, um acontecimento de menor importância que era grandemente ignorado nas aulas de história quando eu estava na escola tem assumido maior importância. A decisão de 1922 de organizar o ex-Império Russo em uma federação de repúblicas étnicas teoricamente autônomas costumava ser encarada como enfeite de vitrina. Ninguém acreditava seriamente que aquelas “repúblicas” eram mais do que meras províncias do Império Russo, de modo que seus nomes e fronteiras não interessavam. Nós sempre chamávamos os cidadãos da URSS de “russos”, raramente de “soviéticos”. Todo mundo sabia quem realmente comandava o show.

Depois, em 1991, aquelas “repúblicas” declararam sua independência, e de repente ficou sendo importante se a Crimeia fazia parte da república da Rússia ou da Ucrânia, ou se a pátria dos chechenos, bielorrussos e tártaros tinha o status de uma república plena, ou como muitos armênios viviam dentro das fronteiras do Azerbaijão. Quinze países surgiram da União Soviética, e o seu esfacelamento poderia ter sido muito mais complicado sem essas convenientes linhas pontilhadas ao longo das quais passavam as fronteiras. Mesmo assim, cinco pequenas guerras irromperam, porque alguém não gostou do modo como as fronteiras da ex-União Soviética foram traçadas.

^a Todo relato da Revolução Russa exige, obrigatoriamente, que haja uma nota de rodapé onde o autor tenta clarear a confusão de nomenclatura. Para começar, as Revoluções de Fevereiro e de Outubro ocorreram em março e novembro, porque os russos ainda usavam o calendário juliano, que estava dez dias defasado do calendário gregoriano, usado por todos nós outros. Também, durante a Primeira Guerra Mundial, os russos chamavam São Petersburgo de “Petrogrado”, porque São Petersburgo soava muito “alemão”. Mais tarde eles deram à cidade o nome de “Leningrado”, porque “Petrogrado” soava muito imperialista. Hoje, eles a chamam de “São Petersburgo” porque “Leningrado” soa muito comunista. “Soviete”, por falar nisso, não significa nada especial. É apenas a palavra russa para “conselho”.

^b Há uma tendência a esquecer os Socialistas Revolucionários, que era o maior partido radical da Rússia até a ascensão dos bolcheviques. Eles foram a força impulsionadora por detrás da malsucedida revolução de 1905. Sua política principal pedia o confisco e a redistribuição das terras aos camponeses. A maioria se opunha aos bolcheviques, a quem derrotaram facilmente nas primeiras eleições parlamentares depois da tomada do poder pelos bolcheviques, e foi por esse motivo que logo foram banidos e o Parlamento, fechado.

^c Pouco importa de que era encarregado o comitê.

^d Para ser justo, Trotsky disse mais: “E contudo não se constroem exércitos usando o medo. O exército do czar se desintegrou não por causa de qualquer falta de represálias... Sobre as cinzas da

grande guerra, os bolcheviques criaram um novo exército... O cimento mais forte desse novo exército eram as ideias da Revolução de Outubro.”

A GUERRA GRECO-TURCA

Número de mortos: 400 mil¹

Posição na lista: 81

Tipo: colapso do Estado

Linha divisória ampla: Grécia *versus* Turquia

Época: 1919-22

Localização: Turquia

Quem geralmente leva a maior culpa: gregos, por parte dos turcos, e turcos, por parte dos gregos. Nunca ponham os dois no mesmo aposento.

Os turcos otomanos foram amplamente derrotados na Primeira Guerra Mundial, de modo que o sultão em Constantinopla vivia agora sob o domínio das potências Aliadas vitoriosas, que o forçaram a abrir mão de seu império. Os franceses e ingleses abocanharam a maioria das províncias árabes, e os italianos desembarcaram uma força de ocupação no sul da Anatólia, que é a península da Turquia asiática. Os gregos queriam expandir-se no litoral da Turquia, onde minorias gregas ainda viviam sob o domínio otomano. Infelizmente, os gregos e turcos constituíam um emaranhado por toda a Anatólia, de modo que não era fácil traçar uma fronteira clara entre eles.

O primeiro-ministro grego Eleftherios Venizelos, principal arquiteto do golpe palaciano que colocou a Grécia do lado vitorioso na Primeira Guerra Mundial, fez desembarcar um exército em Esmirna, hoje chamada Izmir, em maio de 1919, visando anexar essa cidade na Turquia, mas predominantemente grega, a seu país. Quase ao mesmo tempo, entretanto, o general turco Mustafá Kemal, mais tarde cognominado de Ataturk, denunciou o sultão e seus tratados, e tentou reviver a periclitante noção de nacionalidade do país, estabelecendo um governo de oposição no interior, em Ancara.

No verão de 1920, o exército grego partiu de Esmirna para o interior, na direção de Ancara, mas os soldados se indisciplinaram e fizeram brutalidades quando cruzavam o território turco. Conforme filtravam, para fora da zona de guerra, relatos do comportamento grego para com os civis turcos, a Grécia perdeu bastante do apoio internacional que angariara no começo da guerra.

Em outubro de 1920, o rei Alexandre da Grécia morreu de uma

mordida de macaco que infeccionou,^a de modo que o trono passou para seu pai, o rei Constantino, destronado em 1917 por ser pró-Alemanha. Quase ao mesmo tempo, o primeiro-ministro Venizelos perdeu a reeleição. O rei Constantino ainda guardava ressentimentos pelo fato de ter sido destronado, de modo que expulsou do governo os amigos de seu filho. A maioria dos oficiais gregos em campanha foram imediatamente exonerados e substituídos por inexperientes oficiais leais ao novo regime.

“A subsequente demonstração de incompetência militar foi espantosa, e (o correspondente de guerra Ernest) Hemingway relatou que os novos oficiais de artilharia ‘massacraram sua própria infantaria’.”²

Durante 1921, os turcos detiveram todas as ofensivas gregas e os levaram a um impasse. A maré virou na sangrenta Batalha do Rio Sakarya, em agosto de 1921.³ Um ano mais tarde, em agosto de 1922, Mustafá Kemal lançou uma ofensiva que rompeu as linhas gregas e os empurrou para o litoral. Enfurecidos com a derrota, os gregos “atearam fogo a vilarejo após vilarejo, enquanto fugiam através deles, deixando um rastro de ruínas fumegantes”.⁴

Os gregos retiraram-se para o porto de Esmirna, deixando milhares de refugiados para trás, enquanto os civis gregos fugiam da retaliação dos turcos. O exército grego partiu atabalhoadamente de Esmirna, mas não havia navios em quantidade suficiente para evacuar os civis. Logo chegou o exército turco e começou a saquear e incendiar o quarteirão armênio. Os incêndios ateados logo ficaram maiores e se propagaram, levados para o quarteirão grego pelos ventos e pelos próprios turcos. Enquanto o fogo varria a cidade de 13 a 15 de setembro, gregos e armênios desesperados enxameavam sobre o cais, em busca de navios que os levassem para a segurança. Durante toda a noite, os turcos chegaram para estuprar os refugiados ou para lançá-los do cais para o mar, e só pararam quando os navios na baía ligaram seus holofotes sobre eles e ameaçaram disparar os canhões. Os turcos reuniram todos os homens armênios de idade para lutar e os conduziram para o interior, e essa foi a última notícia que se teve deles.

Oficialmente, 2 mil pessoas morreram no incêndio, mas cerca de 200 mil gregos e armênios desapareceram e nunca mais se teve notícias deles. Os turcos juram que o incêndio foi acidental e que ficou fora de controle, mas coincidentemente o quarteirão turco foi poupado da devastação que destruiu o restante da cidade.

Uma vez determinado que a fronteira iria continuar como estava, os dois

países, para se adequar à situação, expulsaram as pessoas que pertenciam à outra etnia. A fim de acabar com qualquer desculpa para outra invasão grega no futuro, a Turquia reuniu à força todos os gregos e os expulsaram do país. A Grécia então decidiu abrir espaço para os gregos que chegavam e expulsou todos os turcos. Como os turcos terminaram com o controle de todos os territórios disputados, havia três vezes mais gregos do que turcos do lado errado da fronteira.

Aproximadamente 375 mil turcos e 1,25 milhão de gregos foram erradicados e exilados, tornando esse o maior assentamento em massa da história até aquela data. Definitivamente os gregos levaram a pior na limpeza étnica, e foram expulsos com menos preparação e menos espaço nos navios. A Grécia teve dificuldade em absorver todos aqueles novos imigrantes. Atenas e Salônica ficaram entupidas, com o dobro de sua população normal, e 875 mil refugiados gregos, quase três quartos do total, necessitaram de ajuda governamental para sobreviver. Por volta de 1923, a mortalidade entre os recém-chegados se aproximava de 45%, com a devastação ocasionada pela malária, disenteria e tifo entre os refugiados.⁵

^a “Talvez não seja exagero dizer que um quarto de milhão de pessoas morreu por causa da mordida desse macaco” (Winston Churchill, *The World Crisis [A crise mundial]*, vol. 5 [Londres: Butterworth, 1929], p. 409).

A GUERRA CIVIL CHINESA

Número de mortos: 7 milhões, sendo 5 milhões na primeira fase mais 2 milhões na segunda fase, sem incluir os 10 milhões mortos na guerra sino-japonesa

Posição na lista: 19

Tipo: guerra civil ideológica, colapso do Estado

Linha divisória ampla: chefes guerreiros *versus* comunistas *versus* nacionalistas *versus* japoneses

Época: 1926-37 e 1945-49

Localização: China

Estados com participação quântica: República Popular da China, Manchúria

Principal Estado participante: Império do Japão

Quem geralmente leva a maior culpa: Chiang Kai-Shek e o Japão

Resumida em 25 palavras ou menos: "Todo o Poder Político Emana do Cano de um Fuzil" – Mao Tsé-tung

Outra praga: o colapso da dinastia chinesa

Sai o dragão

No início do século XX, o Império Chinês agonizava. A corrupção endêmica do governo imperial, combinada com o ávido frenesi colonial das potências ocidentais, havia minado a credibilidade da dinastia mandchu governante. A única coisa que mantinha o governo unido era a vontade férrea da imperatriz-viúva Cixi, uma ex-concubina, que vinha governando o império como regente de uma feira de imperadores-criança que ela escolhia a dedo, por sua subserviência. Quase que sozinha, Cixi foi a responsável por impedir o império de naufragar depois das rebeliões do século XIX, mas, quando ela morreu, em 1908, o novo imperador-criança foi levado de roldão por um mundo hostil.

Em outubro de 1911, enquanto o movimento reformista ainda se debatia sobre os detalhes de como facilitar a transformação de um império em um país republicano moderno, uma bomba que estava sendo construída por uma célula de revolucionários na cidade de Wuhan explodiu acidentalmente nos rostos daqueles homens. Quando foi investigar, a polícia descobriu extensos arquivos e listas de revolucionários. Defrontados com a possibilidade de serem presos por seus nomes constarem dessas listas, republicanos dentro da guarnição do exército na cidade se amotinaram e se apoderaram do governo local. Logo

guarnições de toda a China aderiram ao motim, levando os governos provinciais com elas. Finalmente, o imperador Puyi abdicou, embora ele provavelmente fosse jovem demais para até mesmo saber o que isso significava.

O primeiro presidente da República deveria ser Sun Yat-sen, um cristão educado nos Estados Unidos, intelectual e líder espiritual do movimento republicano. Entretanto, como o exército iniciara a revolução, foi o comandante da guarnição de Pequim, general Yuan Shikai, que terminou no cargo.

Durante algum tempo, Yuan governou como um presidente, com uma legislatura nacional, mas, com o decorrer de poucos anos, ele foi acumulando cada vez mais poder, até que se tornou um ditador em toda a extensão da palavra. É claro, quanto mais ele tentava dominar os governos provinciais, mais esses o ignoravam. O Tibete e a Mongólia declararam abertamente sua independência. Quando Yuan morreu, em 1916, de câncer, o governo central se tornara grandemente fictício.

Começou então a época dos chefes guerreiros, mas o panorama não deve ter sido tão ruim quanto parece. Aqueles chefes raramente combatiam uns contra os outros em batalhas ferozes. O cidadão chinês médio ainda pagava os mesmos impostos, subornos e dinheiro para proteção, aos mesmos funcionários municipais, para a mesma precariedade de serviços, como sempre haviam feito. Os funcionários municipais passavam parte do dinheiro para seu chefe provincial, como sempre. A única diferença era que, agora, o chefe provincial guardava todo o quinhão para si, em vez de dividi-lo com alguém em Pequim.

Mas uma China falida era pior do que um império estável, não importa quão corrupto fosse. A desintegração do governo central permitiu que bandidos fossem ficando mais ousados em saquear o interior do país. Um relato oficial observou que 10 mil cidades e vilarejos num distrito na província de Honan haviam sido mantidos reféns, e que mil deles haviam sido saqueados. “Quando eles capturam uma pessoa para pedir resgate, eles primeiro furam suas pernas com um arame e as atam juntas, como se fossem peixes pendurados num fio. Quando voltam para seus esconderijos, os cativos são interrogados e cortados com foices para que revelem onde guardam seus pertences escondidos.”¹

A expedição do norte

Enquanto o restante do mundo travava a Primeira Guerra Mundial, o Japão tentava colocar a China como seu protetorado. O governo de Pequim, tal como era, tentou resistir, mas por fim teve de ceder. Quando o acordo veio a público, em 1919, estudantes enraivecidos saíram em marcha e enfrentaram a polícia no dia 4 de maio, entre eles um estudante que era bibliotecário na Universidade de Pequim, Mao Tsé-tung, que começava a mostrar um interesse pela política.

Montado na onda de nacionalismo do Movimento Quatro de Maio, Sun Yat-sen foi eleito chefe de um governo medíocre. Seu Partido Nacionalista (Kuo-mintang) estabeleceu um regime rival na cidade meridional de Cantão (Guang-zhou). Então, em 1925, Sun Yat-sen morreu de câncer, e o governo Kuomintang passou para o comandante do exército e cunhado póstumo, Chiang Kai-shek.^a

Em julho de 1926, o exército de Chiang Kai-shek enviou várias colunas para o norte a partir de Cantão, com o objetivo de unificar a China. Depois de um ano de batalhar contra todos os chefes guerreiros que se interpunham no seu caminho, o exército de Chiang Kai-shek chegou ao rio Yang-tsé, onde estacionou durante o inverno para se recompor.²

Na foz do Yang-tsé ficava Xangai, o coração industrial da China. O exército nacionalista precisava se aproximar da cidade cautelosamente, porque os enclaves estrangeiros que cobriam grande parte da cidade eram considerados territórios soberanos. Em março de 1927, tropas nacionalistas indisciplinadas haviam roubado e matado diversos estrangeiros em Nanquim, de modo que navios de guerra ocidentais estavam se preparando para o confronto.³

Xangai respondia por metade do setor manufatureiro do país, o que significava que a cidade abrigava também metade do proletariado industrial da China. O Kuomintang na época chefiava uma ampla coalizão que incluía os comunistas, que na ocasião declararam uma greve geral em março, de apoio ao exército nacionalista que se aproximava. Enquanto a cidade parava, Chiang Kai-shek assumia o controle do setor chinês de Xangai e assegurava aos ocidentais que a vida logo voltaria ao normal; entretanto as facções partidárias começaram a brigar por causa do butim, e a coalizão se desfez quando as tropas nacionalistas atiraram com metralhadoras contra participantes de um comício comunista de protesto.⁴

Essa ruptura da coalizão em 1927 é considerada o início formal da Guerra Civil Chinesa. A Esquerda se separou e estabeleceu um regime rival em Wuhan, e os comunistas se rebelaram nas ruas de Cantão. Chiang

Kai-shek levou algumas semanas para sufocar a revolta, matando milhares de perturbadores da ordem nas ruas das cidades, por todo o sul da China. Depois ele extorquiu dinheiro para proteção da comunidade estrangeira em Xangai, dinheiro que financiou o próximo passo da Expedição do Norte, além do rio Yang-tsé.

Quando entraram em Pequim, em junho de 1928, as colunas nacionalistas ou haviam vencido os chefes guerreiros ou feito alianças convenientes. Depois que Ching Kai-shek estabeleceu em Nanquim a nova capital desse país teoricamente unificado, o nome *Beijing*, que significa “capital do norte”, em chinês, teve de ser modificado para seu nome antigo, *Beiping*, significando “paz do norte”.

Com o governo do Kuomintang assentado firmemente em Nanquim, seu domínio se estendia apenas ao vale do rio Yang-tsé. Os chefes guerreiros que haviam se escondido quando o exército nacionalista passava por seus territórios agora punham a cabeça para fora, de novo e cautelosamente, reassumindo o governo de suas províncias. Os comunistas das zonas rurais constituíram enclaves em zonas remotas e organizaram seus camponeses em sovietes. As canhoneiras ocidentais patrulhavam os rios para proteger o comércio e os missionários.

O Sol Nascente

Entre as porções da China sob controle estrangeiro estavam as ferrovias. A maior parte delas fora construída com capital estrangeiro, de modo que soldados estrangeiros patrulhavam os trilhos para evitar a ação de bandidos. Os japoneses possuíam e guarneciam as linhas que cortavam a Manchúria, uma região para o nordeste, mais afastada.

Durante os sessenta anos anteriores, os japoneses vinham fazendo tudo que podiam para se tornar iguais aos ocidentais. Construíram fábricas e navios de guerra, e vestiam terno e usavam gravatas. Elegeram um Parlamento e tentaram conquistar todos os povos nativos ao longo do litoral asiático do oceano Pacífico. Exatamente como seus mentores europeus, os japoneses tinham postos de abastecimento de carvão, colônias e concessões dispersas por toda a China.

Embora os liberais no Parlamento japonês se opusessem à conquista automática de todos os países vizinhos, as facções militares tendiam a assassinar qualquer um que falasse demais abertamente contra sua ânsia de construir um império. Logo os líderes remanescentes da oposição

aprenderam a manter a cabeça baixa e a boca fechada. De muitos modos, entretanto, o debate em Tóquio não interessava. O exército estava fazendo o que era necessário para aumentar a glória do imperador, com ou sem permissão.

Em 1931, uma misteriosa explosão destruiu uns poucos metros de uma linha ferroviária em Mukden, atualmente Shenyang, de modo que os soldados japoneses imediatamente se apoderaram de todos os centros nervosos críticos da Manchúria e declararam a independência do novo país, Mandchuko. Instalaram Puyi, o ex-imperador mandchu da China, na época desempregado, como governante dessa nova nação e deixaram suas tropas lá, para ter certeza de que ele faria o que lhe fosse ordenado. Embora fosse suspeita geral de que o exército japonês plantara a bomba que causou a explosão a fim de criar uma desculpa para agir pela força, o resto do mundo reclamou com veemência e se enraiveceu, mas sem muito efeito.⁵

A longa marcha

Em 1927, Mao Tsé-tung abandonou sua segunda esposa e seus três filhos e partiu para o interior a fim de incitar uma rebelião de camponeses. Sua esposa, Yang Kaihui, nunca mais o viu. Ela começara com uma paixão comunista pelos pobres, mas foi ficando gradualmente desiludida pelas realidades da guerra civil. Abandonou a política e tentou dar sentido a seu mundo escrevendo suas memórias. “Matem, matem, matem! Tudo que eu ouvia era esse som nos meus ouvidos!”, escreveu ela no final. “Por que os seres humanos são tão maus? Por que são tão cruéis?” Em 1930, com a idade de 29 anos, um ano depois que escreveu essas palavras, as atividades de guerrilha de seu marido chegaram perto demais de sua casa, de modo que os funcionários locais a levaram e fuzilaram.⁶

Chiang Kai-shek tentou erradicar a infestação comunista do interior do país lançando diversas campanhas de aniquilação, cada uma maior do que a anterior, mas não foi senão na quinta dessas campanhas que a principal força dos comunistas, o Soviete Jiangxi, foi destruída. Em outubro de 1934, todos os comunistas fisicamente capazes, em número de 100 mil, iniciaram uma longa e lendária retirada para uma base de operações mais segura, bem para o norte e o oeste. Os comunistas abandonaram os fracos, os doentes e os feridos, entre eles o irmão mais moço de Mao, que estava com febre, e que subseqüentemente foi morto pelo Kuomintang. Também foi

abandonado o filho de Mao, ainda criança, de sua terceira esposa, que se extraviou e simplesmente desapareceu na massa de crianças anônimas, desenraizadas, que a guerra jogava de cá para lá.⁷ Os Vermelhos conseguiram escapar do cerco do Kuomintang e foram recuando a duras penas, tendo por fim cruzado 18 cadeias de montanhas, 24 rios e 9.600 quilômetros num ano. Apenas 8 mil chegaram a seu novo santuário, numa alça poeirenta e montanhosa do rio Amarelo, em outubro de 1935.

Será que a Longa Marcha faz jus a seu nome? Como ela se compara com outros deslocamentos militares? A marcha do general Sherman através dos estados da Geórgia e Carolina do Norte e do Sul mal cobriu com suas botas lamacentas 1.120 quilômetros.⁸ A invasão da Itália por Haníbal, atravessando os Alpes, foi um curto passeio no parque, de uns meros 1.600 quilômetros. A jornada do Corpo do Descobrimento, de Lewis e Clark, mal passou dos 12.800 quilômetros até o Pacífico, ida e volta, assim como a caminhada de Stanley na África, 11.200 quilômetros, costa a costa.

A importância da Longa Marcha não é que ela tenha salvado o comunismo na China, pois havia muito mais Vermelhos no local de onde ela partiu. Mais importante é que ela filtrou as fileiras com uma forte seleção natural. Fracassos e erros nos primeiros meses deram origem a uma luta pelo poder entre os líderes dos vários ramos e facções. Quando a retirada começou, Mao Tsé-tung era um dos 12 líderes mais proeminentes, mas ele não era membro do comitê que governava a marcha. No final ele emergiu como o líder inquestionável do partido. Apenas os mais indestrutíveis, duros de coração e dedicados revolucionários sobreviveram à Longa Marcha, e esses homens formaram o núcleo em torno do qual o movimento cresceria novamente. Com essa gente no comando, não haveria meias medidas e concessões.

A guerra sino-japonesa

Em 1937, Mao escreveu *Da guerra de guerrilhas*, o livro-texto que todo movimento insurgente estuda para aprender como derrotar uma força avassaladora. “Na guerra de guerrilhas, escolha a tática de parecer que vem do leste e ataque do oeste; evite o grosso, ataque o vazio; ataque; retire-se; desfeche um golpe relâmpago, procure uma decisão relâmpago. Quando se defrontam com um inimigo mais forte, os guerrilheiros recuam quando o inimigo avança; fustigam-no quando ele para; atacam-no quando ele está esgotado; perseguem-no quando ele recua. Na estratégia da

guerrilha, a retaguarda, os flancos e outras partes vulneráveis do inimigo são os pontos vitais, e ali ele deve ser fustigado, atacado, dispersado, exaurido e aniquilado.”

A publicação veio na hora certa. Um poderoso novo inimigo atacara bem dentro do coração da China.

Em julho de 1937, ao longo do rio Yongding, nos arredores de Pequim, soldados do Kuomintang trocaram tiros com soldados japoneses que realizavam manobras do outro lado do rio. Embora ninguém houvesse morrido, um soldado japonês foi dado como desaparecido quando foi feita a chamada no dia seguinte. Os japoneses acusaram os chineses de manterem seu soldado em custódia e colocaram suas forças em alerta total. Quando o soldado desaparecido voltou, de uma visita a um bordel local, e perguntou por que aquele barulho todo, o serviço de inteligência japonês já havia descoberto tropas nacionalistas chinesas marchando para a fronteira.⁹ Houve algum tiroteio, e, depois de algumas semanas, o exército japonês avançou sobre o território chinês propriamente dito cruzando a ponte Marco Polo.¹⁰

Comunistas e nacionalistas logo pararam de guerrear uns com os outros a fim de focalizar sua ação sobre os invasores. Mês após mês, os japoneses foram empurrando as forças de Chiang Kai-shek para o sul. Em agosto de 1937, a linha de batalha chegara a Xangai, depois de uma campanha dura, na qual as tropas nacionalistas perderam 250 mil homens, mortos ou feridos, enquanto os japoneses tiveram 40 mil baixas. Até mesmo com uma grande população de onde tirar seus conscritos, uma proporção de seis para um era mais do que o exército nacionalista podia suportar. Quando os japoneses aumentaram a pressão, as tropas do Kuomintang foram expulsas atabalhoadamente de sua capital, Nanquim.¹¹

A chacina geral de civis e prisioneiros depois que os japoneses tomaram Nanquim, em dezembro de 1937, talvez seja o mais sangrento massacre individual bem documentado da história. Quase todos os chineses tomados como prisioneiros de guerra dentro e nos arredores da cidade foram chacinados, alguns fuzilados por metralhadoras ao lado do rio, para facilitar o descarte dos cadáveres, enquanto outros foram amarrados e baionetados para treinar e divertir os recrutas japoneses.

Durante os dois meses que se seguiram, os cidadãos de Nanquim defrontavam-se diariamente com a morte enquanto eram assaltados na rua, reunidos, fuzilados, espancados, esfaqueados, afogados e queimados sem misericórdia. Mulheres às dezenas de milhares foram estupradas por

grupos, muitas vezes mortas em seguida, mutiladas e deixadas no local para aterrorizar os habitantes. Qualquer homem chinês de idade militar era tido como um prisioneiro em fuga e abatido. Testemunhas ocidentais relataram ter visto cadáveres jogados em cada quarteirão, juntamente com ocasionais pilhas de cabeças. A coisa ficou tão feia que até os nazistas pediram ao Japão para mostrar alguma misericórdia, e um homem de negócios alemão trabalhando na cidade, John Rabe, estabeleceu uma zona de segurança onde refugiados chineses podiam se esconder sob a proteção internacional.

As instituições de caridade de Nanquim registraram o enterro de 155 mil vítimas, e dezenas de milhares não registradas foram atiradas no rio ou em covas coletivas, sob a supervisão japonesa. De acordo como o Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, que julgou os japoneses depois da guerra, 260 mil civis e prisioneiros foram mortos no chamado Estupro de Nanquim. Embora alguns japoneses desconsiderem as provas e se recusem a reconhecer muito mais do que o esporádico fuzilamento de guerrilheiros, saqueadores e prisioneiros em fuga, até mesmo eles geralmente admitem cerca de 40 mil mortos, o que torna o acontecimento tão cruel quanto qualquer outro massacre de judeus, tomado individualmente, por parte dos nazistas.

Para diminuir o avanço avassalador japonês em 1938, os nacionalistas chineses explodiram os diques que represavam o rio Amarelo e inundaram a terra por onde seguia o inimigo. O rio saltou para um novo curso, correndo para um trecho de mar completamente diferente, a centenas de quilômetros de sua antiga foz. As águas torrenciais destruíram 11 grandes cidades e 4 a 5 mil vilarejos, deixando 2 milhões de pessoas desabrigadas. Embora os camponeses chineses tivessem recebido com antecedência o aviso da enchente, e foram mandados sair do caminho das águas, a evacuação foi atabalhoada e acompanhada da fome, com a perda de vidas estimada em centenas de milhares.¹²

Em outubro de 1938, o governo chinês retirou-se para Sichuan, na bacia do Alto Yang-tsé, cercada de montanhas, que foi o último refúgio dos derrotados em tantos capítulos anteriores. Ali os nacionalistas estabeleceram sua nova capital, na cidade de Chongqing. O resto do mundo tentou salvar o Kuomintang o melhor que pôde, sem se engajar na guerra propriamente dita. Os britânicos construíram a estrada da Birmânia para deslocar suprimentos da Índia para Chongqing. Os pilotos soviéticos e americanos formaram a espinha dorsal da Força Aérea chinesa, não

oficialmente, é claro. Os britânicos renegociaram os injustos tratados comerciais que tanto haviam prejudicado os governos chineses anteriores, concordando então em dar à China um justo quinhão. Se Chiang Kai-shek pudesse se safar, a China poderia ter uma chance de se tornar uma parceira igual nos negócios do mundo. No momento, esse era um grande “se”.

Com os chineses derrotados, os japoneses dividiram o território conquistado em quatro Estados fantoches, para manter a ordem, e depois começaram a pensar em novas áreas de crescimento. Bem ao norte, a grande e vazia Sibéria, com sua madeira e minas de ouro, estava apenas pedindo para ser conquistada. Os japoneses já haviam tentado isso antes, durante a Guerra Civil Russa, e agora tentaram de novo. O exército japonês fez uma finta, atravessando a fronteira com a Manchúria para ver se Stálin fazia realmente questão daquele território. Ao que parece, sim, Stálin queria conservar a Sibéria. Um grande contra-ataque soviético em 1939 convenceu os japoneses de que deviam procurar em outro lugar as oportunidades de expansão. Os dois países assinaram um pacto de não agressão a fim de se concentrarem em suas próprias crises, em outro lugar.

Quando atacaram as potências ocidentais, em dezembro de 1941, entrando na Segunda Guerra Mundial e arrastando com eles os americanos, os japoneses se apossaram das concessões estrangeiras em Hong Kong e Xangai. Depois os japoneses desviaram a atenção para a guerra no Pacífico contra o Ocidente, e a frente chinesa ficou imobilizada. A principal contribuição dos chineses para o esforço global da guerra foi manter engajados dois quintos do efetivo disponível do Japão, e fornecer campos de pouso para os bombardeiros americanos de longo alcance.¹³

Como um parceiro completo da grande aliança contra o Eixo, a coalizão dos países fascistas, Chang Kai-shek recebeu dinheiro, armas e um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas; entretanto, conforme a guerra prosseguia, a missão americana na China foi ficando revoltada com a corrupção e incompetência do governo nacionalista. Embora a desilusão tivesse pouco impacto no auxílio americano durante a Segunda Guerra Mundial, ela deu um banho de água fria no entusiasmo para apoiar os nacionalistas mais tempo do que o necessário.

Com a queda da Alemanha em maio de 1945, os soviéticos declararam guerra ao Japão, e transportaram suas unidades para o leste. Cerca de 1 milhão de veteranos, que haviam acabado de derrotar Hitler, se

concentraram ao longo da fronteira da Manchúria, defrontando uma guarnição que fora desfalcada de suas melhores tropas, enviadas para a guerra no Pacífico. No dia 9 de agosto, depois de um curto, mas devastador bombardeio, o Exército Vermelho avançou contra os japoneses e conquistou a Manchúria em uma semana, fazendo 600 mil prisioneiros. Esse avanço coincidiu com os ataques atômicos simultâneos feitos pelos americanos contra o território japonês, o que levou o imperador Hirohito a perceber que qualquer resistência seria inútil. Contra as objeções dos militares, ele comandou a nação na rendição aos americanos.

A Guerra Civil Chinesa, segunda fase

A queda do Japão deixou a Manchúria nas mãos dos soviéticos, que foram levando as coisas até colocarem seu próprio pessoal no comando. Embora os russos tivessem uma história de cooperar e apoiar os nacionalistas, a oportunidade de colocar verdadeiros comunistas no controle do país era tentadora demais para deixar escapar. Com o encorajamento soviético, o exército de Mao Tsé-tung atacou para o norte em marcha forçada, visando estabelecer o controle comunista sobre o interior, o mais rápido possível. Os soviéticos permitiram que todo o armamento capturado aos japoneses caísse nas mãos dos chineses Vermelhos, inclusive centenas de aviões e tanques, e milhares de peças de artilharia e metralhadoras.¹⁴

Mesmo sem esse acréscimo de armamento, os comunistas haviam se saído muito bem na guerra com o Japão. Apelando para o patriotismo e livres do fustigamento por parte dos nacionalistas, eles haviam conseguido que o partido crescesse de 100 mil para 1,2 milhão de membros entre 1937 e 1945.

Como parte dos termos da rendição dos japoneses, os americanos ordenaram aos militares na China que só se rendessem para as forças nacionalistas. Para acelerar essa medida, os americanos transportaram tropas nacionalistas para as grandes cidades, via aérea, enquanto fuzileiros navais americanos desembarcavam em Tianjin, e seguiam apressadamente para o interior a fim de tomar Pequim para os nacionalistas. Os Estados Unidos adiantaram empréstimos para Chiang Kai-shek e venderam para ele armamento a preços muito baixos, mas a antiga frustração da corrupção do tempo de guerra havia desgastado seriamente a simpatia do Ocidente. A Missão Americana que coordenava a ajuda militar foi fechada em 1947, deixando efetivamente a China à própria

mercê.

Os comunistas mantiveram as cidades nacionalistas da Manchúria sob um frouxo cerco durante uns poucos anos, sem levar grandes privações às populações. Depois os Vermelhos levaram a empreitada a sério e cortaram as ferrovias que abasteciam aquelas cidades.

Em maio de 1948, os comunistas isolaram a cidade mandchu de Changchun num cerco desapietado, encurralando meio milhão de habitantes, e apenas 170 mil deles sobreviveram no final.¹⁵ Conforme mais cercos foram sendo montados por todo o norte da China, os soldados do Kuomintang encurralados foram forçados a baixar suas expectativas. A casca de árvores era uma boa refeição, e um rato morto: “Delicioso! Era carne.” Em Changchun, onde quinhentos civis morriam de fome todo dia, a carne humana era vendida por cerca de 1,20 dólar meio quilo.¹⁶

A guerra na Manchúria produziu 30 milhões de refugiados que fluíram para o sul, para longe das linhas de batalha. Um repórter da revista *Time* traçou o longo e cruel caminho que muitos tiveram de percorrer até a segurança. Aqueles que fugiam de Changchun eram aplaudidos pelos nacionalistas porque isso reduzia a pressão sobre os suprimentos de comida, mas apenas depois que os refugiados eram revistados para ver se não levavam sal, dinheiro vivo e quaisquer objetos de metal que pudessem ser derretido para fabricar balas. Depois eles passavam pelos ninhos de metralhadoras montados nas linhas de defesa exteriores, para então entrar na terra de ninguém, chamadas de *san-pu-kuan*, ou “três-não-se-importam”, onde nem os comunistas, nem os nacionalistas, nem os governos locais se importavam em manter a ordem. Ali, bandidos, geralmente desertores, atacavam os refugiados e roubavam tudo de útil ou valioso, até mesmo roupas, desde que não estivessem esfarrapadas. Aqueles que resistiam, ou eram descobertos tentando esconder uma pulseira ou brinco numa costura de fazenda, eram espancados e mortos a tiros. Por fim os refugiados chegavam às linhas nacionalistas na cidade sitiada de Mukden, onde eram registrados e revistados, dessa vez para ver se carregavam ópio, armas ou dinheiro comunista. Amontoados em vagões de transporte de gado, eles eram despachados para o sul. Depois do fim da linha ferroviária havia outra zona “três-não-se-importam”, onde os refugiados eram aliviados de qualquer coisa valiosa que pudesse se soltar. Bandidos frustrados deixavam mais gente morta a tiros ou espancada. Finalmente, surgia à frente o rio Daling, a última barreira antes do fim da zona de guerra. Para evitar a infiltração comunista, os soldados do

Kuomintang atiravam em barcos, nadadores e refugiados tentando vadear o rio, permitindo apenas que estes caminhassem por sobre as vigas retorcidas de uma ponte explodida. Finalmente, em Shanhaiguan, onde a Grande Muralha encontra o mar, os refugiados ficavam em segurança, amontoados num acampamento propriamente dito.

“O sanitário é de terra batida coberta com uma lona para evitar a chuva. O banheiro é um cano de onde escorre água. Uma sala de vestir remendava roupas ou trocava por farrapos melhores aquelas que não dava mais para consertar. Uma fila para receber leite grátis servia meia tigela a cada criança abaixo de 5 anos; então, se a criança não vomitava por causa do estômago desacostumado, ela recebia mais meia tigela.”¹⁷

Finalmente, em outubro, os dois exércitos nacionalistas que defendiam Changchun planejaram romper o cerco. O Sétimo Exército, formado por veteranos treinados por americanos da frente da Birmânia, atacou, mas os desanimados conscritos yunnaneses, do Sexto Exército do Kuomintang, se amotinaram, em vez de atacar. Quando o Sétimo Exército fracassou na tentativa de romper as linhas comunistas, e recuou para a cidade, o Sexto Exército abriu fogo sobre eles e depois entregou a cidade aos Vermelhos. Mukden rendeu-se depois de um mês.

A perda das guarnições urbanas dos nacionalistas destruiu algumas das melhores unidades de combate, que já não eram grande coisa, para começar. Os comunistas então avançaram sobre Pequim, conquistaram a cidade em janeiro de 1949, e avançaram para o sul. Entre abril e novembro, os comunistas conquistaram a maioria das cidades da China, sem encontrar muita resistência. Chiang Kai-shek fugiu de Nanquim para se refugiar na ilha de Taiwan, enquanto Mao proclamava a República Popular da China na restaurada capital, Pequim.

No espaço de um ano, os chineses Vermelhos haviam varrido do mapa a maioria dos chefes guerreiros e os enclaves quase independentes do velho império. Avançaram sobre o Tibete em 1950, mas reconheceram de má vontade a independência da Mongólia comunista, atualmente um protetorado soviético. Também ignoraram Taiwan durante algum tempo.

Número de mortos

Ninguém sabe quantas pessoas morreram no interregno chinês, mas folheando a literatura a respeito tem-se uma clara ideia de 1 milhão aqui, 1 milhão ali, jogados quase casualmente. Entre os pedaços:

O Kuomintang admitiu que 1 milhão de civis foram mortos ou morreram de fome na quinta campanha de aniquilação.¹⁸

A população da Szechwan setentrional foi reduzida de 1,1 milhão por causa da guerra de 1932 a 1934.¹⁹

Consta que a população da província de Hubei diminuiu em 4 milhões em 1925-30, com muito pouca emigração e sem crise prolongada de fome natural.²⁰

De acordo com um banco de dados estatísticos sobre guerras, a guerra entre os comunistas e os nacionalistas, em 1930-35, matou 200 mil em combate. Uma rebelião de muçulmanos contra o governo em 1928 matou outros 200 mil.²¹ Uma versão anterior desse banco de dados estimou que a guerra entre comunistas e nacionalistas tenha matado 500 mil.²²

Ao todo, seria razoável supor que algo como 5 milhões de chineses morreram como resultado da primeira guerra civil.²³

O número de mortos na guerra sino-japonesa é de qualquer número que você escolher. Abra três livros sobre o mesmo assunto e provavelmente verá três números diferentes, indo de 2 a 15 milhões. ²⁴ A média dessas estimativas parece ser de 8 milhões de civis mortos.

Como os exércitos mantêm um registro melhor de seus próprios soldados do que fazem com os danos colaterais, temos números melhores para as mortes de militares do que para as de civis. O total de mortos na guerra sino-japonesa, em 1937-45, chega a cerca de 2,5 milhões de soldados.

Nacionalistas: 1.310.224.²⁵

Comunistas: 446.736.²⁶

Aliados chineses do Japão: 240 mil.²⁷

Japoneses: 388.600 mortos na China.²⁸

Durante a segunda fase da Guerra Civil Chinesa, 263 mil soldados comunistas foram mortos. Os nacionalistas perderam 1.711.110, tanto mortos quanto feridos, com, talvez, um quinto desses mortos, isto é, 370 mil.²⁹ Eu encontro estimativas ocasionais de totais entre 1 e 3 milhões de

mortos, militares e civis, durante a segunda fase, mas nenhuma estimativa se destaca como fortemente verdadeira.³⁰ Vamos dividir a diferença e ficar com 2 milhões ao todo.

^a Sun e Chiang casaram-se com duas irmãs da família Soong, uma dinastia rica e poderosa dos *hakkas* cristãos, educados nos Estados Unidos.

^b Só para comparar: a carne de cernelha para assar era vendida por cerca de 95 centavos de dólar o quilo em Illinois, em 1947.

JOSEF STÁLIN

Número de mortos: 20 milhões, incluindo mortos de inanição e uns poucos milhões de atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial

Posição na lista: 6

Tipo: ditador comunista

Linha divisória ampla: Stálin no topo

Época: governou de 1928 a 1953

Localização e principal Estado participante: União Soviética

Quem geralmente leva a maior culpa: Stálin, pessoalmente, e o comunismo, em geral

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Como ele terminou como um dos “mocinhos” da Segunda Guerra Mundial?

A ascensão ao poder

À primeira vista, Josef Stálin era um dos menos prováveis candidatos a se tornar líder da Rússia soviética. Nascido na Geórgia, em 1879, sob o nome de Ioseb Dzhugashvili, ele só aprendeu russo mais tarde, na escola. Foi enviado a um seminário jesuíta, mas acabou expulso por motivos que permanecem como que misteriosos. Sobram especulações, mas nenhuma delas foi provada, de modo que vamos apenas dizer que ele foi expulso porque era Stálin.

Depois do seminário, ele fez todas as coisas que um rebelde ambicioso deveria fazer, como escrever e imprimir panfletos revolucionários, organizar greves, roubar bancos, ser preso, escapar da prisão e cumprir dois períodos de exílio na Sibéria. Em 1913, ele adotou o pseudônimo de Stálin, da palavra russa para “aço”, que foi uma melhoria do seu apelido de infância, *Chopura*, em russo, ou “Pocky”, das cicatrizes que a varíola deixara no seu rosto.¹

Ele ainda estava na Sibéria quando estourou a Primeira Guerra Mundial. Em 1917, o novo governo republicano da Rússia perdoou todos os prisioneiros políticos do czar, e Stálin retornou à civilização. Pouco importante em 1917, ele foi abrindo caminho para cima durante a Guerra Civil Russa. Sua subserviência sicofântica fez com que ganhasse o apelido depreciativo de “Porta-voz de Lênin”. O principal rival de Stálin nas graças de Lênin era o intelectual carismático e salvador da guerra civil Leon Trotsky.

Em 1922, Lênin alçou Stálin à condição de chefe do Partido Comunista porque ninguém queria o cargo. Na época uma função de menor importância, tediosa, mas que deu a Stálin, homem dos detalhes, a capacidade de expurgar do partido a relação de trotskistas e promover seus próprios partidários. Depois que os comunistas tomaram o poder na Rússia, o efetivo da organização cresceu. Os intelectuais urbanos que haviam formado a espinha dorsal do movimento durante a fase clandestina foram engolidos pelo influxo de membros que não eram tão bem versados nas sutilezas da teoria marxista. Esses novos membros se identificavam mais fortemente com o terra a terra Stálin do que com judeus urbanos como Trotsky.

Logo depois disso, Lênin viu-se enfraquecido devido a um derrame, o que deixou o governo nas mãos de bajuladores que discutiam sobre o que Lênin realmente queria. Como porta-voz de Lênin, Stálin controlava grande parte do diálogo do chefe com o mundo exterior; entretanto, quando Lênin finalmente morreu, em 1924, ele já não se dava tão bem com Stálin. Seu último testamento teria deserdado Stálin em favor de Trotsky, mas Stálin interceptou e destruiu o documento.

Durante os poucos anos seguintes, a União Soviética foi governada por um comitê, e não por um ditador. Stálin aliou-se a alguns radicais, como Grigory Zinoviev e Lev Kamenev, num triunvirato governante que isolou Trotsky. Quando este foi completamente removido do governo, em 1925, Stálin se livrou de seus parceiros originais, e pegou dois moderados, Nikolay Bukharin e Aleksey Rykov. Ele manteve essa troika ativa apenas o tempo necessário para tirar o poder de todos os outros. Você realmente não precisa conhecer essas quatro pessoas, mas eu as menciono para que você reconheça esses nomes mais tarde, quando Stálin mandou matá-las, todas.

De qualquer modo, o resultado dessas manobras foi que Trotsky foi exilado em 1929, e Stálin conquistou o poder supremo.^a

A vida pessoal de Stálin ficou perturbada em 1932, quando ele teve uma discussão numa festa com sua esposa, Nadya, que então se afastou dele durante algum tempo e depois cometeu suicídio. Alguns biógrafos dizem que isso eliminou os últimos vestígios de humanidade que o ditador tinha, e o transformou de um simples canalha num monstro.

A liquidação dos Kulaks

Começando em 1929, Stálin tentou enquadrar a agricultura na linha da teoria comunista, abolindo as fazendas privadas e reunindo todos os camponeses em fazendas coletivas. Ali podiam compartilhar o uso de equipamentos modernos e eram forçados a vender as colheitas a preços determinados pelo governo. Os camponeses que resistiam eram fuzilados ou, mais provavelmente, deportados para lugares de climas inóspitos, onde trabalhavam em projetos estatais sem que ninguém soubesse.

Em vez de entregar seus animais, os camponeses os matavam e os comiam. Stálin retaliou contra qualquer desafio a suas ordens não entregando alimentos às comunidades desobedientes. Racionou a comida das famílias de acordo com sua lealdade ao Estado. Camponeses prósperos, chamados kulaks, transformaram-se no bode expiatório universal de tudo o que saía errado na União Soviética. Não apenas era toda escassez de alimentos atribuída aos lucros dos kulaks, mas todo mundo sabia que os kulaks espalhavam doenças venéreas, tinham péssimos hábitos de higiene e exploravam o trabalho das outras pessoas. Famílias inteiras de kulaks foram erradicadas e despachadas para o exílio em lugares inóspitos. Maltratados, despojados e exaustos de suas longas jornadas, os cadáveres de kulaks se empilhavam nas estações ferroviárias rurais.²

O choque na agricultura soviética perturbou toda a infraestrutura, não apenas as fazendas, mas também os meios de transporte e moinhos, especialmente no grande produtor de trigo, a Ucrânia. O sistema se estressou e finalmente entrou em colapso. Em 1932, uma crise intensa de fome irrompeu por toda a União Soviética, e entre 7 e 10 milhões de pessoas morreram em poucos anos. Embora milhões de camponeses ainda estivessem passando fome na Ucrânia, os comissários soviéticos confiscavam todo o cereal para preencher suas quotas rígidas. Até mesmo os grãos reservados para sementes do plantio do ano seguinte eram arrecadados, enquanto 5 milhões de ucranianos morriam de fome.³ Qualquer pessoa nas áreas atingidas que não apresentasse barriga inchada e membros finos como galhos de árvores era suspeita de esconder alimentos e era punida.⁴

Tirando a vida cinco anos de cada vez

Quando Stálin chegou ao poder pela primeira vez, a Rússia ainda funcionava sob a Nova Política Econômica de Lênin, que estava tratando de reconstruir a economia devastada pela guerra, permitindo um capitalismo

em pequena escala. Isso não apenas aborrecia os comunistas linha-dura em um nível filosófico, mas também não ia claramente restaurar todo o poderio do país para a próxima guerra mundial.

“Nós estamos cinquenta a cem anos atrás dos países desenvolvidos”, declarou Stálin em 1931. “Precisamos cobrir essa distância em dez anos. Ou fazemos isso ou eles irão nos esmagar.”

Sob uma série de Planos Quinquenais, foram construídas enormes cidades industriais entre as regiões carboníferas da Ucrânia e no lado asiático dos montes Urais. Ferrovias e canais ligavam esses centros industriais a seus recursos vitais. Represas e reservatórios foram construídos em alguns dos maiores rios do mundo, para gerar energia e fornecer irrigação para as colheitas.

Para desenvolver esses projetos, Stálin expandiu as prisões políticas de Lênin numa rede de campos de trabalhos forçados, sob o título de “Administração do Campo Principal”, ou *Glavnoe Upravlenie Lagerei*, ou, resumidamente, “gulag”. Para lá eram enviados os marginais, arruaceiros, queixosos, dissidentes e outros perigosos inimigos do Estado, juntamente com membros de suas famílias, e qualquer um que estivesse do lado errado de alguém poderoso. A NKVD, ou polícia secreta,^b suspeitava de qualquer um que tivesse entrado em contato com ideias estrangeiras, fosse por ter viajado para o exterior, fosse por ter sido capturado pelos alemães durante a Guerra Mundial, ou até mesmo por colecionar selos. Um simples atraso para o trabalho, com frequência, poderia fazer com que alguém recebesse a pecha de sabotador e fosse levado preso. Se fosse necessário mais mão de obra, a NKVD prendia indivíduos aleatoriamente, para preencher suas rígidas quotas. Por volta de 1939, a rede de campos de trabalho forçado, prisões e colônias reuniam 2,9 milhões de pessoas.⁵

Embora milhões houvessem morrido nos gulags, a expressão “trabalho forçado” não era um mero eufemismo. “A enorme burocracia da polícia secreta... era mais propensa a prender, sentenciar e esquecer as pessoas por uma década ou duas do que a arrancar seus olhos. Na maior parte, esse ‘moedor de carne’, como Solzhenitsyn chamou o sistema de repressão russa, não pretendia matar ou torturar as pessoas, mas sim reduzi-las à condição de gado, que só valia a pena alimentar enquanto ajudassem a aumentar os números da produção. Na maior parte, o horror dos guardas dos campos soviéticos não residia no seu sadismo, mas na sua indiferença pelo destino das pessoas.”⁶

O vale do rio Kolyma, numa das regiões mais remotas e frias do Ártico,

era uma rica bacia geológica repleta de ouro, carvão e urânio. Ali, um enorme complexo de campos de concentração se estendia pela Sibéria, extraindo os recursos do local. Prisioneiros morriam diariamente por desabamento das galerias das minas e por causa das temperaturas abaixo de zero. A alimentação era limitada ao mínimo necessário para suportar o trabalho, com talvez um prêmio por bom comportamento. A fuga naquela região inóspita do Ártico era impossível, embora os que tivessem mais sorte pudessem finalmente receber liberdade condicional e ser enviados para morar na esquelética capital distrital de Magadan. Qualquer coisa entre 250 mil e 1 milhão de pessoas morreram no complexo de Kolyma.⁷

A 3.800 quilômetros de distância, mas ainda acima do Círculo Polar Ártico, onde não nascem árvores, ficavam as minas de carvão do campo de trabalho forçado de Vorkuta, onde talvez tenham morrido 100 mil prisioneiros. “Durante 15 anos eu alimentei os fornos com carvão”, disse um ex-prisioneiro. “Toda noite costumávamos dormir em prateleiras de madeira dura. Muita gente morreu de fome e frio.”

“Não tínhamos roupas de inverno apropriadas, nossas botas eram cheias de buracos, e, para comer, recebíamos peixe salgado, triturado, e uma pequena batata por dia, congelada. Todos os nossos dentes caíram por causa da falta de vitaminas”, disse outro. “Eles nos obrigavam a trabalhar 14 horas por dia, e muitos homens simplesmente morriam. À noite precisávamos dormir com as nossas roupas, sobre um colchão recheado de cavacos de madeira.”⁸

O grande expurgo

Sergei Kirov é mais notável morto do que foi quando vivo. Esse promissor chefe do partido em Leningrado parecia ser o sucessor eventual de Stálin, até que foi morto a tiros no seu escritório em dezembro de 1934. O assassino, seu costumeiro homem solitário perturbado, foi preso nas proximidades, num estado mental de confusão e levado embora.

Stálin resolveu imediatamente que o assassino fazia parte de uma conspiração maior, e emitiu ordens para neutralizar qualquer um suspeito de ser um inimigo do povo. Todos os problemas da década anterior, como escassez, fome, acidentes e até mesmo desastres naturais, foram então atribuídos a sabotadores contrarrevolucionários que queriam solapar a sociedade soviética. Trotsky foi considerado o pivô dessa conspiração, criando o caos deliberadamente, o qual abriria as portas para seu retorno

ao país.

A paranoia desenfreada de Stálin tornou-se o princípio orientador de seu governo. O assassino foi acusado de estar de conluio com Trotsky e, então, fuzilado.⁹ Duas dezenas de cúmplices do assassino também foram fuzilados. Quase todos os perdedores na escalada anterior de Stálin para o poder, como Bukharin, Kamenev, Rykov e Zinoviev, por exemplo, foram presos, espancados para confessar, levados a desfilar em julgamentos de fancia e depois fuzilados.¹⁰ Foi enviado um assassino para ir atrás de Trotsky no seu exílio mexicano. O ex-dirigente comunista foi levado a confiar no homem, e depois morto com um golpe de machado no crânio.^c

Stálin voltou também sua atenção para o exército, afastando 43 mil oficiais e executando três de cada cinco marechais, 15 de cada 16 de comandantes de exército, sessenta de cada 67 comandantes de corpo de exército e 136 de cada 199 comandantes de divisão. Ao todo, um terço de todos os oficiais foi preso e fuzilado, mais do que o número de oficiais que morreriam na guerra mundial que se avizinhava.¹¹

O expurgo também alcançou o chefe da NKVD, Genrikh Yagoda. Ex-farmacêutico, sua especialidade era envenenar, na surdina, soviéticos de alta visibilidade, dos quais Stálin precisava se descartar sem fazer muito alarde. Em 1936, Stálin demitiu Yagoda por ele não ter conseguido provas bastantes que condenassem Nikolai Bukharin – e como você tem de ser incompetente para *não* conseguir uma condenação num julgamento de fancia num regime totalitário? Não obstante, Bukharin e sua equipe foram presos e fuzilados depois de um novo julgamento.

Yagoda foi substituído por Nikolai Yezhov, cujo nome ficou sendo sinônimo do Grande Expurgo ou, como às vezes é chamado na Rússia, Yezhovshchina. Um burocrata baixo, afável e muito trabalhador, Yezhov foi provavelmente responsável por 7 milhões de prisões, 1 milhão de execuções e 2 milhões de mortes nos campos de prisioneiros em apenas uns poucos anos. Ele caiu das graças de Stálin e foi substituído por Lavrenty Beria em 1938. Beria executou Yezhov em 1940 e sobreviveu a Stálin como seu provável sucessor, mas foi preso e fuzilado pouco depois da morte de Stálin.¹²

O Grande Expurgo alcançou todos os segmentos da sociedade. Nas florestas perto de todas as grandes cidades, a NKVD estabeleceu enormes cemitérios secretos, que começariam a revelar seus segredos cinquenta anos depois. Na floresta de Bykivnia, perto de Kiev, cerca de 200 mil corpos têm sido descobertos em covas coletivas.¹³ Fora de Leningrado, hoje

São Petersburgo, 30 mil vítimas foram enterradas em Rzhevsky e 25 mil em Levashevo. Em Butovo, perto de Moscou, os investigadores encontraram os restos mortais de 25 mil vítimas.¹⁴ Também foram descobertos esqueletos enterrados no zoológico de Moscou.¹⁵

Em Kurapaty, perto de Minsk, dezenas de poços de enterramento têm sido encontrados, contendo cerca de 100 mil corpos. As pessoas mais velhas relatam que entre 1937 e 1941 ouvia-se o pipocar de metralhadoras dia e noite, vindo dos bosques. Os inimigos do povo eram colocados em linha junto a covas recentemente cavadas, amordaçados e mortos com um tiro de pistola na nuca.¹⁶

O Grande Expurgo não se resumiu a questões de ideologia e luta pelo poder. Beria usou sua posição como chefe da NKVD para sequestrar jovens, frequentemente menores de idade, que lhe apraziam, e depois as levava para a sua casa, onde as estuprava.

A grande guerra patriótica

Por volta de 1938, era óbvio que a Alemanha se preparava para uma guerra de conquista. A Primeira Guerra Mundial mostrara que eram necessárias pelo menos três grandes potências para manter a Alemanha na linha, mas a França e a Grã-Bretanha não se dispunham a fazer acordos com a Rússia comunista, e os Estados Unidos não estavam interessados, de modo que Hitler fez o que queria, enquanto os franceses e ingleses assistiam impotentes.

Stálin levou em nível pessoal a desconsideração do Ocidente. Quando a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha e a Itália assinaram o Acordo de Munique, entregando a Tchecoslováquia sem nem mesmo consultá-lo, ele encarou aquilo como um sinal de que o Ocidente iria vendê-lo num piscar de olhos. Precisava agir antes deles. No ano seguinte, a Alemanha e a União Soviética assinaram um acordo secreto partilhando a Europa oriental entre elas. Duas semanas depois de Hitler ter invadido a Polônia, os soldados de Stálin avançaram e se apoderaram de metade do país, como seu quinhão no butim. Os líderes poloneses foram reunidos e levados para um gulag até a primavera seguinte, quando 15 mil oficiais poloneses e 7 mil civis proeminentes foram conduzidos às florestas locais e fuzilados.

Em 1940, Stálin se apoderou das três repúblicas bálticas, Estônia, Letônia e Lituânia, e os soviéticos imediatamente prenderam qualquer um que pudesse trazer-lhes problemas. Os 85 mil habitantes daqueles países

foram deportados, dos quais 55 mil foram mortos ou morreram.¹⁷ Quando Stálin tentou pressionar os finlandeses para que ajustassem sua fronteira comum, dando-lhe vantagens, eles recusaram, e o ditador mandou invadir o país. Essa guerra mostrou até que ponto o Exército Vermelho se deteriorara, quando Stálin fez o expurgo de seu quadro de oficiais. Os finlandeses aguentaram o peso todo da Rússia e até mesmo conseguiram montar uma bem-sucedida contraofensiva. Entretanto, no final, o simples peso dos soviéticos venceu a parada, e eles avançaram a fronteira algumas dezenas de quilômetros. A guerra toda teve um custo de 127 mil vidas soviéticas *versus* 23 mil da parte dos finlandeses.¹⁸ A Finlândia manteve sua independência, mas ficou com tanto ressentimento dos russos que se tornou a única democracia a apoiar Hitler na subsequente guerra mundial.

A invasão alemã da Rússia, em 21 de junho de 1941, pegou os soviéticos inteiramente desprevenidos. Em batalha após batalha, os exércitos russos foram sendo aniquilados. O próprio Stálin ficou muito deprimido, em choque, durante a primeira semana de guerra, abalado demais para até mesmo se dirigir à nação pelo rádio, coisa que só conseguiu fazer em julho. Por fim, ele se recuperou e apareceu para convocar o povo, e emitiu ordens não permitindo qualquer retirada nem rendição. Toda posição tinha de ser defendida, e ele rotineiramente mandava executar qualquer oficial suspeito de hesitação, queixas ou incompetência. Em apenas alguns meses de guerra, os soviéticos perderam milhões de soldados, mortos, feridos ou capturados. As fábricas russas no caminho dos alemães foram apressadamente desmontadas e despachadas para o leste, além dos montes Urais, a fim de retomar a produção de material de guerra.

Entre os prisioneiros feitos nos primeiros avanços alemães estava o filho de Stálin, Yakov Dzhughashvili. Hitler ofereceu trocá-lo por um general alemão, mas Stálin recusou. No final, Yakov morreu prisioneiro na Alemanha, tocando numa cerca eletrificada, seja tentando uma fuga malsucedida, seja por um suicídio bem-sucedido.

Por fim, o espaço infundável, os recursos e os efetivos russos fizeram virar a maré, e os alemães foram esmagados, mas o custo foi assustador. Homens e mulheres^a eram lançados contra as posições alemães com pouco treinamento, poucas armas e um mínimo de planejamento. Cerca de 8,7 milhões de soldados soviéticos morreram fazendo estancar a invasão inimiga.

É difícil alegar que 8,7 milhões de mortos não seja uma perda de vidas monumental, mas a história nunca é simples. “Um fato constrangedor torna

difícil aceitar que o sistema soviético esbanjasse tanto efetivo na guerra: os exércitos czaristas, entre 1914 e 1917, tiveram uma média de 7 mil baixas por dia, comparadas com as 7.950 baixas por dia, entre 1941 e 1945... Isso sugere enfaticamente que a explicação está não no sistema soviético, mas nas tradições da vida russa, da vida militar em particular.”¹⁹

Stálin pressionou seu povo sem misericórdia. Os registros oficiais mostram que durante o decurso da guerra, 158 mil soldados soviéticos foram condenados a serem executados por covardia, deserção ou fraquezas semelhantes.^e Mais outros 442 mil transgressores foram forçados a servir em batalhões penais, aos quais eram atribuídas missões suicidas, tais como avançar sobre campos de minas à frente dos tanques, muito mais valiosos. O modo mais provável de sair de uma unidade penal era a morte ou por ferimentos, mas alguns poucos recuperaram a liberdade por atos de especial heroísmo.²⁰

No final mesmo, não foi a liderança de Stálin que levou os soviéticos a lutarem com tal tenacidade. Foi o conhecimento de como seria viver sob o jugo hitlerista, que poderia ser ainda pior, mas é difícil você acreditar nisso. Os alemães massacraram centenas de milhares de judeus-russos, deixaram que milhões de prisioneiros morressem de fome por incúria, fuzilaram milhares de reféns como vingança contra ataques de guerrilheiros e confiscaram tanto alimento, gado, veículos e equipamentos agrícolas que o campesinato local morria de inanição. Cerca de 18 milhões de soviéticos morreram com a invasão alemã.

Mesmo assim, escolher um lado era uma tarefa difícil. Quando penetraram em território soviético, os alemães começaram a revelar provas da crueldade de Stálin. Nos arredores de Smolensk, na floresta de Katyn, desenterraram de uma cova coletiva os cadáveres de 4 mil oficiais poloneses capturados em 1939. Em Vinnitsa, descobriram poços com 10 mil corpos de ucranianos. Isso poderia lhes ter dado um valioso fator de propaganda para justificar sua invasão, a não ser pelo fato de que os nazistas já haviam espalhado tantas mentiras que ninguém mais lhes dava crédito.

Cerca de 1 milhão de cidadãos soviéticos, inclusive um quarto de milhão de cossacos, serviram no exército alemão.²¹ A maior parte desses “hiwis”, da palavra *Hilfswillige*, “voluntário”, foi libertada dos campos de prisioneiros de guerra para realizar tarefas servis, como suprimento e apoio. Cerca de 50 mil hiwis foram encurralados com o Sexto Exército alemão no chamado Bolsão de Stalingrado. Os registros são escassos, mas é

pouco provável que muitos tenham sobrevivido. Qualquer um que fosse recapturado pelos russos era quase que certamente executado.

Talvez um quarto de milhão de cidadãos soviéticos tenham sido recrutados como Osttruppen, soldados de pleno status. Como é que os nazistas conseguiram isso, com o preconceito racial? O melhor meio era não contar a Hitler o que estava acontecendo.²²

Os soldados alemães capturados pelos soviéticos eram atirados no sistema gulag, de trabalho escravo. A maioria deles não foi libertada e repatriada senão depois da morte de Stálin, em 1953. De aproximadamente 4,1 milhões de prisioneiros tomados pelos soviéticos, cerca de 580 mil morreram no cativeiro.²³

Assim que os soviéticos começaram a retomar seu território perdido, Stálin voltou sua atenção para as pessoas que haviam colaborado com os invasores. Na realidade, a colaboração não era condição necessária para levantar sua desconfiança. Bastava ter sobrevivido à ocupação alemã para ficar com a reputação manchada aos olhos do ditador. Que tipo de acordo elas haviam feito com os fascistas? Que ideias perigosas as haviam contaminado? Obviamente, mesmo que Stálin não pudesse matar toda pessoa poluída pelo contato com o inimigo, mas pelo menos algumas das nacionalidades menores podiam ser punidas como um exemplo para o restante. Em 1943, os chechenos e diversas outras etnias do Cáucaso foram despachados em massa para a Sibéria, e não lhes foi permitido o retorno senão depois de Stálin ser postumamente denunciado, em 1957. Aproximadamente 231 mil desses exilados morreram devido às privações sofridas.²⁴

Stálin punia qualquer elemento de seu povo que houvesse caído em mãos alemãs. Como parte de um acordo de tempo de guerra com os Aliados, todos os cidadãos soviéticos descobertos sob a custódia germânica, isto é, exilados, refugiados, prisioneiros de guerra e trabalhadores escravos, foram repatriados, quer quisessem ou não. Os Aliados ocidentais forçaram dezenas de milhares a voltarem na ponta dos fuzis para uma morte quase certa, especialmente aqueles que eram suspeitos de colaboração com os alemães, embora incontáveis trabalhadores e exilados inocentes houvessem sido apanhados na mesma rede, e também despachados. Talvez 1,5 milhão de prisioneiros de guerra soviéticos, tudo o que restou dos 5 milhões aprisionados pelos alemães, não foram bem recebidos na sua volta para casa. Em vez disso, foram enviados para o gulag para serem punidos por seu fracasso e purificados de suas perigosas

ideias. Foram acompanhados para aquele destino por 2,7 milhões de civis soviéticos que haviam sido levados pelos alemães para trabalhos forçados. Muitos não seriam libertados até bem depois do desaparecimento de Stálin.²⁵

A Cortina de Ferro

Em 1945, depois que a guerra terminou, Stálin ficou decidido a controlar todos os Estados-tampão entre a Rússia e a Alemanha, a fim de evitar outro ataque vindo do Ocidente. A guerra deixara os soviéticos ocupando a Europa oriental e zonas setentrionais da China, Coreia e Irã, onde instalaram seus próprios governos fantoches. Stálin expurgou os moderados dos partidos comunistas locais, não tolerando meias medidas, e instalou, como líderes nominais dos países conquistados, os mais brutais *protégés* que pôde encontrar.

A Alemanha e a Áustria foram divididas entre as potências vencedoras, com as guarnições soviéticas permanecendo nos quadrantes orientais durante o restante da vida de Stálin. Por toda a zona de ocupação na Alemanha Oriental, os soviéticos arrebanharam novos prisioneiros políticos, tanto ex-nazistas quanto prováveis antiestalinistas, 65 mil dos quais morreriam em mãos soviéticas no decorrer dos cinco anos seguintes. O velho campo de concentração nazista de Buchenwald permaneceu aberto mais algum tempo, agora transformado em campo de concentração soviético, onde morreram de 8 mil a 13 mil novos prisioneiros políticos.²⁶

A solução de Stálin para as fronteiras em disputa e sob controle soviético foi brutalmente simples: traçar as fronteiras e deslocar as pessoas para se adequarem ao novo traçado. Italianos foram expulsos da Iugoslávia, poloneses foram expulsos da União Soviética e turcos da Bulgária. Magiares vivendo na Romênia foram recambiados para a Hungria.

O controle soviético dos países ocupados nem sempre resultou na conclusão prevista. A Tchecoslováquia tinha profundas tradições democráticas que tentaram reemergir em tempo de paz. Nas eleições de 1946, os comunistas ficaram em minoria, mas conseguiram o controle da “polícia de cortesia” do exército de ocupação soviético. Greves desestabilizaram o governo de coalizão não comunista. Distúrbios puseram os moderados em perigo. Muitos políticos tchecos fugiram, a maioria foi forçada a renunciar aos mandatos. Um dos últimos a aguentar, o ministro

do Exterior Jan Masaryk, caiu misteriosamente de uma janela alta, morrendo, em 1948. Lutas semelhantes acompanharam as tomadas de poder soviético na Polônia, Romênia, Bulgária e Hungria, mas as manobras do poder soviético na Grécia, Itália e Finlândia falharam, principalmente porque esses países estavam fora da zona de ocupação soviética, e o Exército Vermelho não estava ali perto para desequilibrar o jogo.

O alcance total da influência soviética continuou a se fazer sentir durante grande parte da era pós-guerra, enquanto Stálin continuava a testar os limites de até onde podia ir. Os soviéticos e os britânicos haviam ocupado o Irã, neutro, depondo o xá pró-soviético, em favor de seu filho, mais cooperativo, mas, em 1946, quando Stálin tentou organizar sua zona de ocupação num par de Estados comunistas independentes, os Estados Unidos fizeram pressão para que ele devolvesse aquelas províncias ao controle iraniano. Em 1949, Stálin tentou bloquear o acesso do Ocidente a suas zonas de ocupação em Berlim, mas uma decidida ponte aérea Aliada de suprimentos manteve Berlim ocidental em operação tempo suficiente para Stálin desistir. Os trunfos dessa rivalidade Oriente/Ocidente ficaram mais valiosos quando os soviéticos testaram sua primeira bomba atômica, em 1949. No ano seguinte, Stálin aprovou e forneceu suprimentos para a invasão da Coreia do Sul pela Coreia do Norte. Foi necessário um importante engajamento de tropas ocidentais e 3 milhões de vidas, mas, no final, a Coreia do Sul sobreviveu.

No final de 1952, Stálin começou a vigiar seu círculo mais íntimo e a imaginar como muitos deles estariam ativamente conspirando para a sua queda. Começou a manobrar visando limpar a casa, mas no dia 1^o de março de 1953, antes que pudesse iniciar esse novo expurgo, ele teve um derrame. Enquanto jazia inerte no chão, seus auxiliares, aterrorizados, não ousaram bater à sua porta por um dia inteiro. Até mesmo depois de descobrirem o que acontecera e os médicos terem sido chamados, suspeitava-se de um truque e todos andavam agitadamente em torno da cama, temerosos de dizer alguma coisa que mais tarde poderia prejudicá-los. Felizmente, não era fingimento, e Stálin morreu no dia 5 de março.²⁷

Matando o mensageiro

Quando realizou o novo censo soviético, em 1937, Stálin esperava encontrar a população explodindo com a prosperidade socialista. Em vez disso, a contagem caiu em 16,7 milhões, em relação ao que se supunha

ser.²⁸ Num Estado totalitário, onde cada habitante era cuidadosamente vigiado, ninguém poderia usar a desculpa de que os recenseadores haviam simplesmente omitido 16 milhões de pessoas. Seja porque estas pessoas estavam exiladas, mortas ou simplesmente não haviam nascido, perder tanta gente refletia-se muito mal na liderança do país por Stálin. Para manter as más notícias escondidas, o censo foi anulado e os chefes do órgão recenseador foram despachados para o gulag, acusados de caluniar a nação.

Quantas pessoas Stálin matou? Há três escolas de pensamento quando se trata de contar o número de cidadãos soviéticos que morreram nas mãos do ditador.

Na extremidade mais alta, encontramos estimativas de 40 a 60 milhões. Muitos desses cálculos começaram com palpites sem base, durante a Guerra Fria, quando os registros soviéticos estavam lacrados e qualquer número era possível. As estimativas eram reunidas de quaisquer resquícios ou histórias descobertas. Embora pesquisas recentes realizadas em arquivos soviéticos recentemente abertos não apoiem os números mais altos, muitas pessoas ficaram por demais entusiasmadas com essas cifras para deixá-las de lado. O grande problema dessas estimativas é que elas chegam perto de assegurar que Stálin matou todo homem adulto na União Soviética durante a década de 1930.²⁹

Na outra extremidade, encontramos historiadores que reconhecem uma vítima apenas se for apresentado o corpo ou a certidão de óbito. Durante a Guerra Fria, quando a história soviética ficou fechada para investigações, Stálin tinha muitos apologistas que ridicularizavam abertamente essas cifras altas. Na ausência de provas concretas, esses apologistas se safavam admitindo apenas umas poucas dezenas de milhares de mortes nas mãos do ditador. Hoje, a prova de uns poucos milhões de mortos é forte demais, de modo que o campo minimalista admitirá, relutantemente, cerca de 786.098 execuções oficialmente registradas³⁰ e 1.590.378 mortes nos campos de concentração, também oficialmente registradas,³¹ mas isso é o máximo que eles concedem. Muitos deles consideram a fome uma coisa accidental e inteiramente além do controle de Stálin, de modo que essas mortes não contam.³²

A estimativa do historiador Robert Conquest, de 20 a 30 milhões de mortos, foi originalmente ridicularizada quando foi proposta pela primeira vez, em 1968,³³ como um palpite sem base, mas atualmente ela se encaixa na terceira categoria, a cifra de consenso. Não é que a estimativa de

Conquest fosse originalmente baseada em provas mais sólidas do que qualquer outra estimativa da era da Guerra Fria, mas pesquisas mais recentes têm convergido para aqueles números. Uma vez que você comece a somar todas as crueldades documentadas e a arredondar o total para cima, a fim de preencher as lacunas, vai descobrir que 20 milhões, mais ou menos, parece ser um bom número, que não ofende a credibilidade.³⁴

^a O exílio de Trotsky foi a bifurcação da estrada do comunismo ocidental. Desde então os comunistas no Ocidente podiam colocar uma confortável distância entre si e os terríveis acontecimentos que ocorriam na União Soviética, chamando a si próprios de trotskistas. Ser um trotskista implicava ser ideologicamente puro, coisa claramente ausente nos stalinistas. É óbvio que *qualquer um* teria sido uma melhoria em relação a Stálin, mas vale a pena observar que o comportamento de Trotsky durante a Guerra Civil Russa mostrou que ele não era, também, flor que se cheirasse.

^b A Polícia Secreta Soviética era constantemente reorganizada e renomeada. Cheka, OGPU, NKVD e KGB são as quatro mais conhecidas manifestações, mas você não precisa saber o que significam todas aquelas letras, porque é apenas um suave jargão burocrático em russo. Os agentes eram comumente chamados de chekistas, de acordo com a primeira versão.

^c O Grande Expurgo seguiu-se ao assassinato de Kirov tão de perto que alguns estudiosos suspeitam de que Stálin planejou aquele crime como uma desculpa; entretanto, uma pesquisa oficial em arquivos secretos soviéticos recentemente abertos, em 1989, não encontrou provas disso (David Aaronovitch, *Voodoo Histories: The Role of the Conspiracy Theory in Shaping History* [*História vudu: O papel da teoria da conspiração em moldar a história*], Nova York: Riverhead Books, 2010, p. 84).

^d O Exército Vermelho foi o primeiro exército moderno a fazer uso extensivo de mulheres, a maioria, mas não inteiramente, em unidades de apoio.

^e Por comparação, os britânicos executaram 306 homens por covardia na Primeira Guerra Mundial e nenhum na segunda (Richard Norton Taylor, “Executed WW1 soldiers to be given pardon” [“Soldados executados na Primeira Guerra Mundial serão perdoados”], *Guardian*, 16 de agosto de 2006). Os americanos executaram apenas um desertor nas guerras mundiais.

TIRANOS ENLOUQUECIDOS

Quem é pior: Stálin ou Hitler?

Tenho certeza de que a pergunta que você *realmente* quer ver respondida é: “Quem foi o indivíduo mais cruel da história?” Infelizmente não há uma resposta fácil para isso. Você às vezes vê uma afirmação simples de que Stálin matou mais gente do que Hitler, mas a discussão racional tropeça em dois problemas traiçoeiros. Primeiro, obviamente, é que todos os números são estimativas aproximadas. Stálin matou qualquer coisa entre 3 e 50 milhões. As estimativas dos assassinatos de Hitler vão de 11 a 25 milhões. Escolher uma dessas pode tornar Stálin cinco vezes o assassino que Hitler foi, ou este três vezes pior do que Stálin.

O segundo problema é que ninguém concorda quais mortes podem ser consideradas homicídios com um culpado. Devemos apenas contar o cruel assassinato dos desamparados? Ou desencadear uma guerra é um crime contra a humanidade? Causar uma crise de fome conta como negligência criminosa? Stálin e Hitler mataram um número comparável de vítimas com seus campos de concentração e suas polícias secretas, mas se adicionarmos a isso os mortos da guerra, então Hitler sai na frente. Se contarmos as mortes por inanição, então Mao Tsé-tung é o nosso homem; entretanto, se nos limitarmos a uma definição restrita e contarmos apenas o assassinato a sangue-frio de vítimas indefesas fora do campo de batalha, então uma lista incompleta e discutível de tiranos sedentos de sangue poderia ter mais ou menos o seguinte aspecto:^a

- Hitler (Alemanha, 1933-45): cerca de 15.500 mil assassinatos ostensivos de judeus, eslavos, ciganos, doentes mentais, reféns e prisioneiros de guerra¹
- Stálin (União Soviética, 1928-53): 13 milhões de execuções e mortes em campos de concentração, sem incluir os mortos por inanição
- Mao Tsé-tung (China, 1949-76): cerca de 10 milhões de assassinatos,

não incluindo os mortos por inanição

- Leopoldo II (Bélgica, 1865-1909): 10 milhões de nativos mortos no Estado Livre do Congo
- Idi Amin (Uganda, 1972-79): 300 mil assassinatos
- Francisco Franco (Espanha, 1939-75): 175 mil adversários políticos executados²
- Vlad Drácula (Valáquia, 1456-62): 100 mil empalados ou assassinados de outras maneiras³
- Murad IV (Império Otomano, 1611-40): 100 mil executados por terem se oposto à autoridade do sultão⁴
- Ezzelino da Romano (Pádua, 1236-59): 55 mil cidadãos, rivais, prisioneiros de guerra, mendigos e outros assassinados⁵
- Francisco Macias Nguema (Guiné Equatorial, 1969-79): 50 mil assassinados⁶
- Sekou Toure (Guiné, 1958-84): cerca de 50 mil assassinatos⁷
- Hissene Habre (Chade, 1982-90): 40 mil assassinatos⁸
- François Duvalier (Haiti, 1957-71): cerca de 30 mil pessoas assassinadas⁹
- Ivã, o Terrível (Rússia, 1533-84): pelo menos 3.700 indivíduos, escolhidos aleatoriamente, mortos em ataques de raiva, outros 18 mil a 60 mil massacrados em Novgorod em 1570¹⁰
- Hastings Banda (Malawi, 1966-94): 18 mil¹¹
- Tibério (Império Romano, 14-37): 10 mil execuções paranoides¹²
- Cornélio Sulla (República Romana, 82-79 a.C.): 4.700 mortos em seus expurgos¹³
- Augusto Pinochet (Chile, 1973-90): 3 mil mortos e desaparecidos

Mas, como dizem, uma só morte é uma tragédia; 1 milhão de mortes é uma estatística.^b Números à parte, o Ocidente geralmente considera Hitler pior do que Stálin porque a maldade de Hitler nos enoja mais, nas entranhas. O rosto humano do Holocausto é Anne Frank, uma garota inocente caçada e exterminada por causa da perigosa pseudociência

racista. O rosto humano do gulag é Aleksandr Solzhenitsyn, um cara meio maluco com uma barba revolta, que sobreviveu.

Hitler também dá uma história de moralidade muito melhor: apelando para os medos e ódios das pessoas, ele fazia a multidão entrar num frenesi e tornou-se líder de uma democracia livre, que rapidamente torceu de acordo com seus próprios desejos. Enquanto tentava conquistar o mundo, ele cometeu atrocidades sem paralelo. Finalmente, Hitler quis em demasia e foi derrubado pelo ódio de um mundo unificado, numa fúria final apocalíptica. É uma narrativa mais satisfatória que as pessoas gostam de contar repetidas vezes.

Stálin, no entanto, é o mais típico dos tiranos da história. Ele espreitou nas sombras, manipulou seu caminho até o topo de uma autocracia preexistente, consolidou o poder com brutalidade e expandiu seu império jogando espertamente em ambos os lados da cerca. Numa bela idade, já avançada, morreu na cama, sem ser punido, pranteado por uma nação que o adorava.

^a A lista não está dizendo que esses foram os 18 piores tiranos da história. São apenas 18 dos quais consegui estatísticas.

^b Essa declaração é geralmente atribuída a Stálin, mas, (a) ninguém pode indicar quando e onde, (b) a citação não foi ligada a Stálin senão depois de decorrido muito tempo de sua morte, e (c) Erich Maria Remarque disse isso antes.

A GUERRA ÍTALO-ETÍOPE

Número de mortos: 750 mil¹

Posição na lista: 59

Tipo: conquista colonial

Linha divisória ampla e principais Estados participantes: Itália versus Etiópia

Época: 1935-41

Localização: Etiópia, às vezes chamada de Abissínia na época

Quem geralmente leva a maior culpa: Mussolini

Conforme a borda dominante da civilização ocidental mudava para a Europa setentrional, a Itália se sentiu atrasada um passo em relação à maioria das tendências modernas. O país nem mesmo se tornara uma nação unificada senão na metade do século XIX, e quase perdeu a oportunidade de abocanhar uma fatia quando os europeus dividiram a África entre si. Como retardatária, a Itália recebeu apenas uns poucos trechos costeiros de deserto que ninguém queria. Quando os italianos tentaram aumentar seu domínio conquistando a Etiópia em 1896, seu exército foi fragorosamente derrotado, tornando aquele país africano o único Estado nativo do continente a sobreviver à ambição europeia, e também fazendo dos italianos motivo de troça dos imperialistas, por toda parte.

Quando assumiu o poder na Itália, Benito Mussolini tentou de novo, agora levando à zona de combate o moderno poder de fogo. Em 1935, duas colunas avançaram sobre a Etiópia a partir de colônias italianas situadas de cada lado do país, Somália, ao sul, e Eritreia, a leste. A aviação italiana bombardeou e metralhou tropas, vilarejos e cidades etíopes. Os soldados africanos foram chacinados por metralhadoras e sufocados por gás de mostarda. Embora não fosse o caso de lanceiros nus avançando sobre tanques, como a imaginação ocidental fez com que parecesse, o exército etíope foi completamente sobrepujado e derrotado, perdendo quase vinte de seus próprios soldados em comparação com cada italiano que conseguiam matar. Mesmo assim, os etíopes continuaram na ofensiva durante dezembro e janeiro.

Como o imperialismo ostensivo ficara fora de moda desde o século XIX, o mundo condenou Mussolini. O imperador etíope, Haile Selassie, lançou um emocionante apelo em Genebra à Liga das Nações, para que o Ocidente

socorresse sua antiga terra, de modo que a Liga impôs sanções econômicas contra a Itália. Uma das primeiras vezes que essa tática foi usada, as medidas constituíram um exemplo precoce do fracasso total desse tipo de sanções. Muitos estadistas e estrategistas sugeriram que estender o embargo ao petróleo ou fechar o Canal de Suez à navegação italiana daria mais força às sanções, mas as medidas foram descartadas como impraticáveis ou inutilmente provocativas. Ninguém realmente queria enfurecer os italianos.

Em maio de 1936, os italianos conquistaram a capital, Adis Abeba, e a Etiópia permaneceu calma por algum tempo, enquanto os remanescentes dos exércitos nativos organizavam uma resistência clandestina. Em fevereiro de 1937, guerrilheiros tentaram matar o general Rodolfo Graziani, e os italianos lançaram um massacre de retaliação de três dias na capital, no qual milhares de residentes foram mortos. Em maio, os italianos destruíram o monastério shawan de Dabra Libanos e executaram diversas centenas de monges residentes. A guerrilha continuou, e também as represálias italianas.

Finalmente, a Segunda Guerra Mundial trouxe a Etiópia para a luta maior entre a Itália e a Grã-Bretanha, o que tornou as colônias italianas uma presa fácil para a ofensiva Aliada. Os britânicos levaram Haile Selassie de avião para o Sudão, enquanto as tropas britânicas expulsavam os italianos da África oriental em 1941. Quando tudo estava seguro, o imperador recebeu licença de reivindicar seu trono novamente.²

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Número de mortos: 365 mil¹

Posição na lista: 91

Tipo: guerra civil ideológica

Linha divisória ampla: nacionalistas (ala direita) *versus* republicanos (ala esquerda)

Época: 1936-39

Localização e principal Estado participante: Espanha

Outros Estados com menor participação: Alemanha, Itália

Quem geralmente leva a maior culpa: nacionalistas

A Espanha passava por um de seus ocasionais interlúdios democráticos no início da década de 1930, quando a Frente Popular, uma coalizão de esquerdistas que ia desde liberais moderados a comunistas linha-dura, deixou de lado suas disputas internas tempo bastante para ganhar as eleições como um bloco sólido. O rei renunciou, em vez de sancionar a legislação esquerdista que a coalizão já preparara, o que servia muito bem aos propósitos da Frente Popular, pois, de qualquer modo, eles não gostavam de reis. Daí veio o nome pelo qual ficaram conhecidos na guerra que se seguiu: republicanos.

A Espanha vinha vivendo uma fase de desorganização por mais de cem anos, e agora as coisas haviam piorado com a Grande Depressão. O assassinato político se tornara algo comum na vida espanhola, com jornalistas, policiais, líderes trabalhistas e padres de todos os partidos sendo abatidos a tiros, vítimas de bombas ou espancados até a morte, com assustadora regularidade. Depois de a ala direita perder uma vítima notavelmente importante, o grupo perdeu a paciência com a incapacidade do governo de manter a ordem. Em conluio com a Falange, o partido fascista espanhol, a guarnição do exército no Marrocos se amotinou, o que rapidamente foi seguido por outras unidades militares por toda a Espanha. O comandante no norte da África, Francisco Franco, foi declarado líder de um governo nacionalista renegado que abarcava cidades esparsas por todo o país.

Com o exército contra ele, o único apoio armado do governo vinha de milícias organizadas pelos sindicatos; entretanto, isso fez com que o lado republicano se afastasse de uma postura centro-esquerda, e desencadeasse uma revolução totalmente comunista. Trabalhadores se

apossaram das fábricas, e os camponeses se apoderaram das terras. Igrejas foram queimadas e padres assassinados em retaliação contra o apoio da Igreja Católica ao levante militar.

Nesse ínterim, os rebeldes fascistas prendiam e assassinavam qualquer um considerado marxista ou anti-Espanha. Membros da Frente Popular, sindicalistas, maçons e jornalistas da esquerda foram sumariamente executados. O poeta Federico García Lorca foi sequestrado e fuzilado por ser homossexual. Em agosto de 1936, os nacionalistas fuzilaram quase 2 mil prisioneiros republicanos na arena de touros de Badajoz, em seguida à captura da Extremadura, na região central da Espanha.

Nos primeiros dias caóticos do levante, cidades sob o controle de uma ou de outra facção se espalhavam aleatoriamente por todo o país. Logo os nacionalistas consolidaram seu controle sob o centro da Espanha, e marcharam direto para Madri. Por esse tempo, entretanto, o governo republicano já reunira um efetivo suficiente de tropas para aguentar os ataques do inimigo.

Então os fascistas mudaram de direção seus esforços e começaram a eliminar os enclaves republicanos que se aguentavam nas áreas litorâneas. Primeiro, o sul em torno de Sevilha foi conquistado, depois a região basca, na costa norte. Regimes fascistas amigos enviaram tropas, sendo 40 mil italianos e pelo menos 10 mil alemães, a fim de ajudar os nacionalistas e para testar seus mais recentes equipamentos e táticas. Como parte desse esforço conjunto, os bombardeiros de mergulho alemães ajudaram a punir e aterrorizar a população inimiga com um devastador raide aéreo contra a cidade basca de Guernica. Um dos primeiros raids aéreos contra áreas urbanas da história, essa chacina de mais de mil civis inermes em Guernica horrorizou o mundo, mas já teria sido esquecida, superada por atrocidades mais recentes e maiores, se não fosse congelada para sempre por Pablo Picasso, na provavelmente mais famosa e poderosa obra de arte do século XX.

Depois os nacionalistas invadiram o vale do rio Ebro, avançando sobre a cidade litorânea de Barcelona. Finalmente, tudo que restou nas mãos dos republicanos foi Madri e as estradas que levavam ao litoral. Em pouco tempo Madri caiu e aquelas estradas ficaram entupidas dos últimos refugiados do governo republicano, tentando escapar do país.

O panorama maior

Com uma democracia depois da outra entrando em colapso durante a Grande Depressão, os países democráticos sobreviventes tinham dificuldade em decidir qual era o maior perigo para a civilização: a extrema direita ou a extrema esquerda. Os liberais frequentemente negavam e pintavam com cores pálidas os pecados do comunismo, enquanto os conservadores faziam o mesmo com os fascistas; entretanto, a tentativa de derrubar o governo espanhol, democraticamente eleito, cruzou a linha, e o fascismo perdeu a maior parte de seus simpatizantes nas democracias. Os esquerdistas espanhóis, encurralados, transformaram-se em heróis trágicos do mundo.

A Guerra Civil Espanhola foi o último conflito romântico da civilização ocidental, onde jovens idealistas se apresentavam como voluntários para lutar por uma grande e nobre causa. As Brigadas Internacionais, patrocinadas pelos partidos comunistas de todo o mundo, recrutaram 40 mil voluntários para defender a Frente Popular. Dez mil franceses lutaram pela causa, assim como 5 mil alemães e 5 mil poloneses. Dois mil e setecentos americanos constituíram como voluntários a Brigada Abraham Lincoln, e um terço deles morreu na guerra.

O mundo literário, especialmente, apoiou a causa. O autor francês André Malraux organizou a força aérea republicana e negociou a compra de aviões da França; Ernest Hemingway participou como jornalista das Brigadas Internacionais; o escritor Arthur Koestler espionou os nacionalistas, a favor dos republicanos, enquanto bancava um jornalista simpático aos fascistas; o poeta W. H. Auden dirigiu uma ambulância. Tanto o poeta inglês Stephen Spender quanto o romancista americano John dos Passos tentaram conseguir a libertação de prisioneiros políticos. George Orwell lutou na infantaria republicana, até que se dispôs com os assessores militares soviéticos fornecidos por Stálin e precisou fugir.²

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Número de mortos: 66 milhões (20 milhões de soldados e 46 milhões de civis, incluindo a guerra sino-japonesa, a fome em Bengala, o Holocausto e as atrocidades de Stálin em tempo de guerra, mas sem incluir quaisquer dos expurgos e conflitos do pós-guerra)¹

Posição na lista: 1

Tipo: guerra de conquista

Linha divisória ampla: Eixo (de maioria fascista) *versus* Aliados (de maioria democrática ou comunista)

Época: 1939-45

Localização: Europa, leste da Ásia, norte da África, oceano Pacífico, Atlântico Norte

Principais Estados participantes: China, França, Alemanha, Itália, Japão, União Soviética, Reino Unido, Estados Unidos (cada Estado mobilizando mais de 4 milhões de soldados)

Estados participantes secundários: todos os demais, com apenas uma dúzia de fora

Não participantes: Na Europa: Irlanda, Portugal, Espanha, Suécia e Suíça; no Oriente: Afeganistão, Nepal, Tibete, Turquia, Iêmen

Quem geralmente leva a maior culpa: o Eixo, principalmente Hitler

Fatores econômicos: petróleo, aço, cereais, a Grande Depressão

Por que eles precisavam ter uma Segunda Guerra Mundial?

Os alemães haviam chegado tão perto de ganhar a Primeira Guerra Mundial que não podiam acreditar que isso não aconteceria. Por volta de 1917, eles haviam posto para fora da guerra a Rússia, a Sérvia e a Romênia, levado o exército francês a se amotinar, e chegado a uns poucos quilômetros de Paris. Até mesmo depois de terem sido forçados a recuar ante a ofensiva final Aliada, eles haviam se retirado em boa ordem, sem pânico ou rendição. Como nunca chegaram a compreender que haviam sido direta e completamente derrotados, muitos soldados alemães culpavam seu fracasso a “uma fachada pelas costas”, dada por elementos impatrióticos na própria Alemanha, isto é, judeus, aproveitadores da guerra ou comunistas, dependendo da inclinação dos queixosos. Afinal de contas, fora o governo civil que pedira a paz, não o exército. Depois que cresceu uma nova geração de jovens, prontos para preencher as fileiras, e com o desenvolvimento de novas tecnologias que podiam superar metralhadoras entrincheiradas, os militaristas alemães foram ficando ansiosos para uma revanche. Tudo o que precisavam era de uma desculpa

e um governo que cooperasse.^a

Entre os veteranos descontentes perambulando pela Alemanha e se queixando dos judeus que haviam apunhalado o país pelas costas, estava Adolf Hitler. Nascido na Áustria, em 1889, ele passou um período breve e desagradável de sua juventude na poliglota e cosmopolita capital, Viena. Não conseguiu ser admitido numa escola de arte devido à sua falta de habilidade para desenhar pessoas, o que é provavelmente uma metáfora, se não um sintoma real, para um profundo defeito psicológico. Viveu parcimoniosamente de pintar cartões-postais, e depois se mudou para Munique, na Alemanha, para fugir da pobreza, do multiculturalismo e da convocação para o exército austríaco; contudo, quando estourou a Primeira Guerra Mundial, ele se alistou no regimento alemão local. Depois que a frente ocidental ficou imobilizada com a guerra de trincheiras, Hitler exerceu a função de mensageiro, um serviço perigoso que fez com que ele ficasse exposto ao gás de mostarda, mas ganhasse algumas medalhas.²

Na Munique pós-guerra, Hitler ficou apaixonado pelo movimento fascista, e ajudou a fundar o Partido Nacional-Socialista (Nazista). O fascismo se originara na Itália, sob Mussolini, que governou de 1922 a 1943. Diferentemente do conservadorismo tradicional, que defendia a classe governante da nobreza, da Igreja e dos capitalistas, contra o populismo radical dos pobres, o fascismo era, em si mesmo, uma populismo radical em favor de ideais conservadores. Como os comunistas, os fascistas incitavam as massas com promessas de pleno emprego, gratificação dos consumidores e uma unidade nacional com vistas a um objetivo, mas eram extremamente anticomunistas, no seu apoio à pátria, a Deus e à ordem natural das coisas. Como outros partidos radicais na Alemanha pós-guerra, tais como os comunistas, os nazistas organizaram esquadrões paramilitares, chamados os Camisas Pardas, para aterrorizar a oposição.

A princípio, os nazistas se saíram mal nas eleições alemãs, mas o colapso da economia mundial em 1929 levou os eleitores desempregados na direção de partidos com programas radicais. Isso estava acontecendo quase em toda parte, e o número de democracias no mundo diminuiu tão rápido quanto os indicadores econômicos. Durante algum tempo houve incerteza se a Alemanha iria para a esquerda ou para a direita, mas, quando chegou a hora de escolher o lado, a ala direita ofereceu mais, isto é, o retorno aos bons velhos tempos, e fez menos exigências, isto é, nada de confisco de propriedades. Quando os nazistas surgiram como o partido mais forte no Parlamento dividido e desesperançado do país, em 1933,

Adolf Hitler se tornou o chanceler. Numa questão de meses, ele esfacelou, dispersou e prendeu a oposição. Estabeleceu o primeiro campo de concentração em Dachau, nos arredores de Munique, para lá reunir o crescente número de prisioneiros políticos. O fascismo logo se infiltrou em todos os aspectos da sociedade, desde os grandes comícios urbanos até a Juventude Hitlerista, que substituiu os multinacionais escoteiros.

Primavera para Hitler

Depois de chegar ao poder na Alemanha, Hitler partiu para fundar o Terceiro Reich, a hegemonia alemã na Europa, enquanto assegurava à França e à Grã-Bretanha que essa não era absolutamente sua intenção. Ele começou a montar o exército alemão, a Wehrmacht, de volta aos níveis de 1914, incorporando toda a tecnologia mais recente. O Eixo Roma-Berlim de 1936 estabeleceu uma parceria com a Itália. Em 1938, a Áustria foi anexada, e a Tchecoslováquia, neutralizada e dividida. Ainda traumatizadas pelo banho de sangue insensato da Grande Guerra, as potências ocidentais hesitavam em iniciar outro conflito com a Alemanha, mas finalmente se resolveram e declararam que não permitiriam qualquer outra invasão de países vizinhos. Isso não perturbou Hitler nem um pouco. Um tratado secreto com a União Soviética assegurou-lhe a liberdade de agir no leste, e, em setembro de 1939, ele lançou uma maciça invasão da Polônia, conquistando o país em questão de semanas. Os franceses e britânicos declararam guerra.

Em vez de atacar a França imediatamente, Hitler assegurou o seu flanco norte invadindo a Dinamarca e a Noruega. Depois, voltou sua atenção para o oeste e varreu a Holanda, a Bélgica e a França em seis semanas, enquanto os derrotados remanescentes do exército britânico fugiam pelo porto de Dunquerque. Nesse ínterim, Stálin se aproveitava da atenção das potências voltadas para o oeste para expandir-se nos vizinhos menores da União Soviética, apoderando-se de parte da Polônia, Romênia e Finlândia, e devorando inteiramente a Lituânia, a Letônia e a Estônia. Mussolini também tentou expandir os domínios italianos, dessa vez partindo da Albânia, que fora anexada em 1937, e invadindo a Grécia, e partindo da Líbia para o Egito, mas encontrou inesperada resistência. Incapaz de deixar uma situação instável no seu flanco sul, Hitler foi rapidamente em socorro do aliado, avançando sobre uma Iugoslávia que se recusava a cooperar, já que estava com as mãos na massa.

O escore nessa altura: em pouco mais de três anos, a Alemanha conquistara dez países, a Rússia anexara três e dividia um com a Alemanha, enquanto a Itália anexara um. O conjunto da Europa continental caíra nas mãos dos alemães, ou diretamente, ou por meio de aliados, como a Hungria, e neutros submissos, como a Espanha. Os únicos países ainda no jogo contra esses agressores eram os dispersos domínios da Comunidade Britânica.

E os chineses. Como você se recorda (ver “A Guerra Civil Chinesa”), os japoneses haviam começado a reduzir a China a seu jugo em 1937, e dentro de poucos anos eles haviam consolidado seu domínio sobre o litoral e o norte daquele país. Chiang Kai-shek mantinha seu governo nacionalista refugiado bem no interior, em Chongqing, recebendo suprimentos dos britânicos e americanos.^b

A guerra na Rússia

Chegou então o momento do espetáculo que Hitler vinha planejando todo esse tempo, a cruzada contra o bastião judaico-eslavo-bolchevista da Rússia soviética. Embora essa invasão seja considerada um erro, quando olhada em retrospectiva, a Primeira Guerra Mundial vira a França sobreviver enquanto a Rússia entrava em colapso, de modo que, se a Alemanha podia vencer a França agora, então a conquista da Rússia seria um passeio. O ataque inicial, em maio de 1941, provou isso, pois os soviéticos foram apanhados completamente de surpresa. Os alemães bombardearam os aviões soviéticos ainda no solo, e facilmente romperam e flanquearam as unidades de frente do inimigo. Por fim, a debacle chegara a um ponto que exércitos soviéticos inteiros eram cercados e destruídos. Em julho e agosto, as forças alemãs mataram 486 mil soviéticos e capturaram 310 mil no bolsão de Smolensk, a leste de Belarus. Em setembro, eles sitiaram e tomaram Kiev, na Ucrânia, depois de matar 616 mil soldados inimigos e capturar 600 mil.³

Enquanto avançava na Rússia, a Wehrmacht era acompanhada dos *Einsatzgruppen*, unidades especiais designadas para matar judeus, comunistas e outros indesejáveis. A queda de cada grande cidade soviética era logo seguida de um massacre. No final de setembro de 1941, os judeus de Kiev foram levados para a ravina de Babi Yar, despídos, fuzilados e enterrados. O oficial encarregado comunicou uma contagem meticulosa de 33.771 judeus mortos em três dias.⁴ Em outros poucos dias, em outubro, foi

o bastante para os aliados romenos dos alemães matarem 39 mil judeus dentro da cidade de Odessa e em seus arredores.⁵ Em novembro e dezembro, 28 mil judeus foram levados pelos alemães para a floresta de Rumbula, perto de Riga, despídos, alinhados e metralhados.⁶ Por volta de abril de 1942, os *Einsatzgruppen* haviam comunicado um total de 518.388 execuções.⁷

No decorrer dos poucos primeiros meses, cerca de 3,9 milhões de prisioneiros de guerra soviéticos foram despachados de volta para território alemão, alguns destinados ao trabalho forçado, alguns para guarnecer batalhões de vira-casacas, alguns para experiências médicas, mas a maioria para morrer de inanição, ulcerações causadas pelo frio e tifo, em imundos campos de prisioneiros. Todos, a não ser 1,1 milhão, estavam mortos quando chegou a primavera.⁸ Dos 5,7 milhões de soviéticos feitos prisioneiros durante todo o curso da guerra, 3,3 milhões morreram por negligência e brutalidade, em uma política deliberada por parte dos nazistas para erradicar os eslavos subumanos. Prisioneiros de nações de mesma ancestralidade, como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos foram tratados de maneira muito melhor, e a maioria sobreviveu.⁹

Devido à enorme extensão do território soviético,^c derrotar os russos levaria mais tempo do que as poucas semanas que foram necessárias para esmagar os franceses, mas por volta de dezembro os exércitos alemães já haviam cercado Moscou quase completamente. Entretanto, os meses de batalhas contínuas haviam desgastado a eficiência de combate do exército alemão, de modo que ele não conseguiu fechar o círculo antes da chegada do inverno. A iniciativa passou para o Exército Vermelho, que se supria das imensas reservas de mão de obra e da indústria do país para voltar a ser uma competente máquina de guerra. Os soviéticos empurraram os alemães de volta, a partir dos subúrbios de Moscou, mas não conseguiram causar muito dano à capacidade de combate do exército germânico. Com a chegada da primavera, os alemães retomaram a ofensiva, agora avançando para o sul, na direção dos campos de petróleo das montanhas do Cáucaso.

A fim de cobrir seu avanço para o Cáucaso, os alemães precisavam consolidar sua linha de frente em Stalingrado, atualmente Volgogrado. Não apenas isso evitaria que os exércitos soviéticos do sul recebessem reforços, mas também daria aos alemães uma cabeça de ponte do outro lado do rio Volga, a última barreira natural antes dos montes Urais, na borda leste da Europa. Em agosto de 1942, depois de avançar célere pelos arredores da cidade, os alemães foram bloqueados a poucos quarteirões do rio por uma

desesperada defesa soviética. Os russos transformaram os destroços dos prédios em fortalezas, e a luta ficou atolada em tiroteios intensos, a curta distância, rua por rua, quarteirão por quarteirão, e, nas grandes fábricas e lojas de departamentos, seção por seção. Durante o dia, atiradores de tocaia esperavam pacientemente nas ruínas para colocar uma bala em qualquer parte do corpo visível de um alemão. À noite, siberianos e tártaros se infiltravam nas posições inimigas isoladas, com facas e baionetas, para retalhar um inimigo despreparado para a luta corpo a corpo.¹⁰

A guerra urbana corroeu os efetivos alemães com tal ferocidade que os flancos rurais da sua linha em Stalingrado eram guarnecidos por tropas dos aliados italianos e romenos. Os russos lançaram dois grandes movimentos de torquês contra os flancos germânicos em novembro, esmagando-os e fazendo um bolsão que deixou encurralados 275 mil homens na cidade devastada. Os homens encurralados nesse bolsão foram deixados sem alimentos, e bombardeados e atacados durante os meses seguintes, até que finalmente, em fevereiro de 1943, os remanescentes, em estado deplorável, se renderam. A maioria estava tão abatida, com ulcerações causadas pelo frio e malnutridos que nem mesmo sobreviveram à jornada para os campos de prisioneiros de guerra soviéticos. Menos ainda sobreviveram depois de chegarem lá.

Possivelmente 750 mil soldados e 140 mil civis morreram na Batalha de Stalingrado, tornando-a a segunda mais sangrenta batalha da história da humanidade.¹¹ Sim, essa foi a segunda. A batalha mais sangrenta de toda a história foi a que se travou simultaneamente em Leningrado, na qual morreram 1,5 milhão de soldados e civis.¹² Em setembro de 1941, depois que os alemães haviam avançado até os subúrbios de Leningrado, hoje São Petersburgo, seus aliados finlandeses fecharam o círculo por detrás e isolaram a segunda maior cidade da União Soviética. Como o alto-comando soviético envidara poucos esforços para evacuar a população, 3 milhões de civis se viram encurralados, sem esperança de receber suprimentos. Diferentemente da Batalha de Stalingrado, não houve oscilações táticas para se descrever. O exército soviético se plantou no terreno e aguentou o assédio por novecentos dias, sob o pior bombardeio jamais feito pelos alemães.

Sem poder contar com a ajuda de fora, a população de Leningrado esticou suas rações o mais que pôde, depois comeram os animais, depois comeram relva, cintos e cascas de árvores, depois comeram uns aos outros,

e finalmente morreram de fome às centenas de milhares.¹³ Durante o inverno, os soviéticos construíram uma estrada que atravessava a superfície gelada do lago Lagoda para levar suprimentos para a cidade, e evacuar os civis, mas a obra ficou vulnerável aos ataques aéreos, e afundou na água ao primeiro degelo. Embora o número oficial de civis mortos seja de 632 mil, mais de 1 milhão de habitantes da cidade podem ter desaparecido durante o sítio.¹⁴ Por fim, o Exército Vermelho conseguiu abrir um estreito corredor para a cidade, mas essa estrada ainda ficava a fácil alcance da artilharia e da aviação alemãs. Não foi senão em janeiro de 1944, quando as batalhas em outros lugares já empurravam as linhas de frente na direção da Alemanha, que o sítio terminou sem que a cidade fosse conquistada.

A guerra no Pacífico

Depois da queda da França, os japoneses tentaram se apoderar das colônias francesas da Indochina, que haviam ficado órfãs. Os americanos tentaram ficar de fora da guerra, mas foram apertando os parafusos econômicos para fazer o Japão recuar. Primeiro os americanos proibiram os navios japoneses de trafegarem pelo Canal do Panamá, essa medida seguida por um embargo do petróleo e do aço, que ameaçou paralisar a máquina de guerra japonesa. A única solução que os planejadores em Tóquio puderam enxergar foi arrebatrar as Índias Orientais, ricas em petróleo, das mãos da Grã-Bretanha e da Holanda, dois países que estavam ocupados combatendo os nazistas. Em 1941, o Japão deslocou tropas, aviões e navios de guerra para a Indochina francesa.

Naquele momento estava óbvio para todo mundo que o Japão estava se preparando para avançar pelos arquipélagos do Sudeste Asiático, mas, quando o ataque finalmente veio, em dezembro, o Japão surpreendeu todo mundo e lançou seus aviões por sobre metade do oceano Pacífico para esmagar a frota americana com um ataque avassalador sobre a base de Pearl Harbor, no Havaí. Nos diversos meses que se seguiram, as esquadras e as tropas japonesas conquistaram os arquipélagos, ricos em recursos, originalmente possuídos pelos holandeses, britânicos e americanos.

Para surpresa geral, a guarnição britânica de 85 mil homens sediada em Hong Kong rendeu-se quase imediatamente, a maior derrota britânica de toda a história. A tropa era formada principalmente de indianos sob o comando de oficiais britânicos. A conquista foi seguida de vários meses de

ausência de governo, em que os japoneses massacraram talvez 25 mil chineses habitantes da cidade.

Também foi uma surpresa que os 125 mil americanos que guarneciam as Filipinas, a maioria da tropa formada de filipinos, aguentou mais tempo do que se esperava. No final, eles também se renderam, a maior derrota da história americana. Enraivecidos pela demora da conquista, os japoneses forçaram os prisioneiros a marchar para a península de Bataan, sem água ou descanso, fuzilando, baionetando ou espancando com paus até a morte qualquer um que cambaleasse. Milhares morreram.

Tendo estabelecido o controle das Índias Orientais, os japoneses precisavam instalar um perímetro defensivo entre as pequenas ilhas do Pacífico central, e expulsar os últimos americanos de lá; entretanto, interceptando e decodificando as transmissões radiofônicas inimigas, os americanos souberam dos alvos e das datas da ofensiva japonesa contra a ilha de Midway. Aviões de reconhecimento e radares confirmaram a aproximação da frota japonesa, que foi então atacada pelos americanos em pleno mar aberto, com onda após onda de aviões baseados em porta-aviões. Os japoneses retaliaram da mesma forma, mas a sorte e o planejamento estavam do lado dos americanos, que afundaram quatro porta-aviões inimigos, mais do que os japoneses podiam substituir com facilidade. A iniciativa da guerra no Pacífico passou para os Estados Unidos.

A Europa em jogo

Depois que foram inteiramente escorraçados da Europa continental, os ingleses não tinham um meio fácil de manter um papel ativo na guerra, e foram forçados a ficar na defensiva. Hitler tentou quebrar a teimosia britânica com um bloqueio submarino e incansáveis reides aéreos. Na Batalha da Grã-Bretanha, a aviação alemã atacou a Inglaterra diretamente por diversos meses, em 1940, chegando a matar 60 mil civis sem ganhar o controle incontestado do céu ou mudar o equilíbrio militar, de qualquer modo que fosse. Os submarinos alemães patrulhavam as rotas marítimas em torno da ilha para evitar que chegassem suprimentos vitais àquela. Como acontecera na Primeira Guerra Mundial, o bloqueio alemão causou uma fricção com os teoricamente neutros americanos, levando a uma guerra aberta, mas não declarada, entre as duas potências. Finalmente, em dezembro de 1941, poucos dias depois de Pearl Harbor, Hitler declarou guerra formalmente aos Estados Unidos. Por fim, os especialistas britânicos

conseguiram desvendar os códigos alemães, permitindo que os submarinos fossem detectados, e a partir daí a força aérea britânica e americana, baseadas nas ilhas do Atlântico Norte, começaram a fornecer uma cobertura eficaz para os comboios ao longo de grande parte das viagens.

Durante uns poucos anos, os britânicos puderam apenas fazer operações tímidas nas bordas da Europa fascista. Bloquearam facilmente as tentativas italianas de se apoderar do Egito e da Grécia, mas as forças alemãs chegaram para reforçar os italianos e fazer os britânicos recuarem de novo. Na Grécia, a coisa terminou a favor do Eixo, mas no Egito, a defesa britânica finalmente se firmou e fez estancar a ofensiva inimiga. Depois começaram os contra-ataques. Por fim, os americanos e britânicos limpavam o norte da África e atacaram o território italiano. Isso tirou os italianos da guerra, mas as forças alemãs cavaram trincheiras no meio da península e se mostraram difíceis de desalojar.

Por volta de 1943, a frente russa se desenvolvera dentro de um padrão previsível. Os russos atacavam no inverno, e os alemães faziam o mesmo no verão. Durante o verão de 1943, o alto-comando alemão planejou a Operação Cidadela, para esmagar o saliente Kursk, duas poderosas ofensivas com tanques, uma de cada lado, e eliminar por completo o grupo de exércitos local dos soviéticos. A batalha de julho foi a maior batalha de blindados já ocorrida na história, mas os avanços alemães diminuíram de intensidade, depois pararam, e por fim recuaram face a uma contraofensiva. Pela primeira vez em dois anos de guerra, os russos haviam vencido uma batalha sem neve. Essa batalha de três semanas matara 325 mil soldados no total, mas, o que é significativo, os russos haviam perdido apenas três vezes e meia mais gente do que os alemães.¹⁵ Foi uma melhoria de 600% em relação ao primeiro ano da guerra, quando morriam vinte vezes mais soviéticos do que alemães.¹⁶

Holocausto

Como todos os construtores de impérios, os alemães exploraram a mão de obra barata dos inimigos conquistados. Por volta de 1944, 8 milhões de estrangeiros, a maioria civis, haviam sido levados para a Alemanha para o trabalho escravo.^d Outros 2 milhões trabalhavam sob a supervisão alemã em territórios conquistados. Exerciam tarefas de fazendeiros, trabalhadores nas fábricas e empregados domésticos. Os trabalhadores

estrangeiros supriam um quarto da mão de obra na indústria química, e um terço na de armamentos.¹⁷

Entretanto, Hitler tinha planos maiores para o Terceiro Reich. Para purificar seu novo império europeu, ele classificou quem não se enquadrava na sociedade convencional como sub-humano, e programou o seu extermínio. Homossexuais, testemunhas de Jeová, maçons e doentes mentais foram aprisionados, mortos por gás, fuzilados e castrados às dezenas de milhares.

Os judeus estavam no topo da lista dos alvos de Hitler. Além da tradicional desconfiança europeia em relação àquela etnia, com sua religião diferente, e a suspeita paranoica de que eles controlavam a sociedade com seus bancos e impérios jornalísticos, os nazistas acrescentaram um pseudocientífico medo da poluição genética por parte dos judeus que viviam entre eles. Ao assumir o controle da Alemanha, Hitler restringiu a liberdade dos judeus. Foram sendo proibidos de exercer uma profissão após outra, e banidos da companhia de gente decente. Na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, batizada de *Kristallnacht*, ou “Noite dos Cristais”, multidões saíram às ruas para espancar judeus e saquear seus bens. Quando a guerra começou, dois terços dos judeus na Alemanha e na Áustria já haviam visto para onde a história se encaminhava e fugido para outros países.¹⁸

Entretanto a conquista da Europa trouxe milhões mais de judeus sob o controle de Hitler. Não apenas havia mais judeus do que ele podia simplesmente expulsar, mas também estava sendo provado que eles eram em maior número do que se podia massacrar com facilidade. Em janeiro de 1942, grande parte da classe gerencial nazista se reuniu numa villa em Wannsee, nos arredores de Berlim, para planejar a Solução Final para o problema judeu.

Onde conquistavam um novo território, os alemães imediatamente registravam todos os judeus. Alguns eram fuzilados no ato, mas a maioria foi reunida em guetos locais. Guetos menores foram depois eliminados ou consolidados em guetos maiores, e o maior de todos da Europa foi o gueto de Varsóvia. Separados por um muro do restante da cidade, os judeus podiam sair de lá para trabalhar, mas, a não ser por isso, eram mantidos em quarentena. As doenças e a desnutrição reduziram drasticamente a população, mas mesmo isso não era bastante rápido, de modo que os alemães começaram a despachá-los para os campos de concentração para serem usados como mão de obra escrava.¹⁹

Os nazistas perceberam que simplesmente fuzilar os judeus era ineficaz. Imobilizava tropas e caminhões, e era um desperdício de munição. Uma rajada de metralhadora sobre uma linha de judeus deixava inúmeros feridos que precisavam ser mortos com tiros de pistola na cabeça. O enterro dos corpos acrescentava mais trabalho ao processo, e o barulho alertava a vizinhança para o que estava acontecendo.

O gás de cianeto foi a resposta. Levou algum tempo para que os nazistas aplainassem as dificuldades, mas por fim surgiu a solução nos campos de morte espalhados pela Polônia. Com histórias mentirosas sobre reassentamento no leste, os judeus eram reunidos nas estações de trem junto aos guetos, e despachados em vagões de carga. Chegando aos campos de morte, eles eram rapidamente separados por idade, sexo e potencial para servir de mão de obra.

Judeus que não eram necessários para o trabalho forçado eram aliviados de seus pertences e enviados para os chuveiros. No lugar de água, cristais de Zyklon-B, o nome comercial do cianeto de hidrogênio, eram deixados cair de aberturas no telhado, vaporizando-se em gás venenoso. Depois de uns frenéticos minutos de gritar e se debater, as vítimas silenciavam. O gás era extraído da câmara, e os cadáveres, levados para fornos crematórios de alta capacidade.

De meados de 1942 a meados de 1943, em pouco mais de um ano, 600 mil pessoas foram mortas no campo de Belzec, que era apenas o terceiro, em capacidade. O maior dos campos, o de Auschwitz, ficou aberto por três anos, durante os quais 1,1 milhão de pessoas foram mortas. Num único ano em que o campo de Treblinka esteve em operação, 800 mil judeus foram executados. Um terço de milhão foi morto em Chelmno e um quarto de milhão em Sobibor. O sistema era tão eficiente que Treblinka operava com menos de 150 guardas e auxiliares, suplementados por mão de obra prisioneira que podia ser liquidada depois de realizada a tarefa. Ao término de 1943, a maioria dos judeus sob controle alemão estava morta, e todos os campos de morte, com exceção de Auschwitz, foram fechados.²⁰

Alguns países aliados dos alemães, como a Croácia e a Romênia, se sentiram bem à vontade para cooperar com a Solução Final, e estabeleceram seus próprios campos de concentração, enquanto outros, como a Bulgária, Finlândia, Hungria e Itália, tentaram ficar fora do processo. Não obstante, a maioria dos países do Eixo registrou os judeus nativos, limitaram sua participação na vida pública e prazerosamente deportaram judeus estrangeiros de volta para seus países sob o controle

de Hitler. Para os judeus-italianos e húngaros, a relutância de seus governos em assassiná-los foi apenas uma suspensão temporária da pena. Quando a maré da guerra se voltou contra a Alemanha, aqueles dois países tentaram cair fora do Eixo, mas as tropas alemãs avançaram rapidamente e depuseram os governos periclitantes. Centenas de milhares de judeus locais foram então arrebanhados, despachados e mortos nas câmaras de gás com espantosa eficiência.²¹

O povo Roma, ou cigano, foi outra minoria desenraizada a ser vilipendiada e visada pelos nazistas. Há muito caluniados como ladrões e dados à feitiçaria, os ciganos foram caçados e exterminados, tanto quanto os judeus. A estimativa mais comum é que 250 mil ciganos tenham morrido, mas ninguém sabe realmente ao certo. Pode ter sido mais do que 1 milhão.²²

A Ásia continental

Nesse ínterim, a fim de cortar a rota de suprimentos entre as forças nacionalistas na China e o mundo exterior, os japoneses conquistaram a Birmânia, mas logo descobriram que as linhas de transporte por terra naquela parte do mundo correm inutilmente do norte para o sul, do interior para o litoral, enquanto as rotas marítimas correm perigosamente em torno da península malaia, onde espreitavam os submarinos Aliados. Com seu exército agora abrindo caminho para o oeste, na direção da Índia, os japoneses precisavam ligar seu palco de operações na Tailândia diretamente com a frente birmanesa. Eles recrutaram mão de obra nativa para construir uma ferrovia através do país, passando por cima de montanhas e atravessando vales de rios profundos, contra o sentido geológico natural da região. Cinquenta a cem mil civis birmaneses e 16 mil prisioneiros de guerra Aliados trabalharam até a morte nesse projeto.²³

Ao mesmo tempo, o exército britânico na Índia enviava desordenadamente tropas e suprimentos para o leste, no caminho do exército japonês que se aproximava. Infelizmente, quando conquistaram a Birmânia, o celeiro de arroz do Sudeste Asiático, os japoneses cortaram as exportações de alimentos que sustentavam grande parte da população da Índia. O exército britânico requisitou todos os meios de transporte locais para fins militares, e enviou apenas tropas e munição para o leste da Índia. Sem transporte, as importações civis cessaram, enquanto os comerciantes de cereais guardavam as colheitas locais para auferirem mais lucro com a

revenda. Mostrando sua costumeira falta de preocupação para com o povo indiano (ver “Fome na Índia britânica”), os britânicos se recusaram a interferir no preço dos alimentos, que subiu astronômicamente, estabelecido pelo livre-mercado, e deixaram o povo de Bengali morrer de inanição. Pelo menos 1,5 milhão de indianos, possivelmente 3 a 4 milhões, morreram de fome antes que alguém se importasse com eles.²⁴ O primeiro-ministro da Grã-Bretanha deu de ombros quando soube do caso, dizendo ser culpa dos nativos que “procriam como coelhos”.²⁵

Nesse ínterim, os japoneses se preparavam para explorar os povos asiáticos capturados. Milhões de nativos morreram de fome na Indochina e na Indonésia depois que suas colheitas foram confiscadas para alimentar o Japão. Escravas sexuais chinesas e coreanas, “mulheres para conforto” como eram chamadas, foram arrebanhadas e despachadas para divertir as guarnições japonesas.

Na Manchúria, os japoneses estabeleceram um laboratório secreto de guerra biológica, a Unidade 731. Prisioneiros eram feridos deliberadamente, a fim de que os médicos pudessem testar procedimentos cirúrgicos arriscados. Outros eram amarrados e vivissecados sem anestesia, para revelar o misterioso funcionamento interno do corpo. Foram desenvolvidos germes experimentais usando-se prisioneiros de guerra como cobaias. Em 1940, os aviões japoneses propagaram moscas infectadas com uma praga na cidade de Ningbo, no litoral central da China. Em 1942, os aviões de combate japoneses deixaram cair vírus do cólera nas aldeias chinesas ao longo da linha de suprimento dos Aliados na província da Yunnan, na fronteira com a Birmânia, matando cerca de 200 mil civis na epidemia resultante.²⁶

O encolhimento do Reich

Foram necessários alguns poucos anos para que os americanos mobilizassem inteiramente seu enorme potencial industrial e de mão de obra, mas por volta de 1944 eles estavam prontos para tentar um assalto em grande escala contra o continente europeu. Reuniram uma força de combate na Inglaterra e lançaram um maciço ataque anfíbio contra as fortificações alemãs no litoral francês da Normandia, no dia 6 de junho de 1944. Ao final do primeiro dia, o Dia D, os Aliados anglo-americanos haviam desembarcado com sucesso 133 mil soldados e 20 mil veículos na praia, lançando outros 23.500 por via aérea atrás das linhas inimigas, e

foram avançando terra adentro para se apossar de encruzilhadas-chave, ao custo de cerca de 3 mil baixas.²⁷

Depois de aproximadamente um mês, os Aliados haviam reforçado suas tropas o bastante para romper as defesas inimigas na península da Normandia. As divisões blindadas americanas e britânicas avançaram avassaladoramente pelo interior da França na direção da fronteira com a Alemanha e o rio Reno. Um contra-ataque alemão em dezembro, chamado de A Ofensiva das Ardenas por historiadores negativistas e de A Batalha do Bolsão, na lembrança americana, retardou a travessia do Reno por alguns meses, mas o esforço consumiu as últimas reservas alemãs. Na primavera, as forças americanas já tinham cabeças de ponte estabelecidas na outra margem do rio, derramando-se pelo interior da Alemanha.

No leste, os soviéticos lançaram sua própria ofensiva em junho de 1944, chamada de Operação Bagration. Quatro gigantescas colunas de tanques e infantaria romperam a linha alemã em Belarus, e rapidamente convergiram para o interior da velha Polônia. Foi provavelmente a maior vitória soviética na frente oriental. Dezenas de divisões alemãs foram encurraladas e aniquiladas. Depois de três anos de guerra, a qualidade combativa do Exército Vermelho havia finalmente superado a Wehrmacht.

Ao recuarem para a Polônia, os alemães estabeleceram uma nova linha defensiva ao longo do rio Vístula, com apoio em Varsóvia. Depois, com o Exército Vermelho realizando uma parada forçada quando a ofensiva ultrapassou o limite das linhas de suprimento, o Exército Polonês da Resistência, agindo clandestinamente, lançou um levante de guerrilheiros contra os alemães, visando estabelecer um governo independente em Varsóvia antes que os soviéticos chegassem, rebocando seus governantes fantoches. Como nem os alemães nem os russos queriam ver os nacionalistas poloneses no governo do país, os soviéticos estancaram sua ofensiva e ficaram observando da outra margem do rio Vístula enquanto os alemães se encarregavam da rebelião. Os nazistas reduziram sistematicamente Varsóvia a escombros, e massacraram a população, no que tem sido chamado de a maior atrocidade individual da guerra.²⁸ Cerca de 225 mil poloneses morreram no levante de Varsóvia.^e

Para compreender a diferença entre as duas frentes, contraste o destino de Varsóvia com o de Paris. O plano original dos americanos era desbordar a cidade completamente e se concentrar na destruição dos exércitos germânicos no campo de batalha, em vez de desviar seus preciosos recursos para alimentar e cuidar de diversos milhões de civis

pelos quais ficariam responsáveis se conquistassem a cidade. O plano original de Hitler era destruir Paris, em vez de entregá-la. Assim como em Varsóvia, os guerrilheiros franceses se levantaram contra a guarnição alemã, mas a frente ocidental era tão mais civilizada do que a oriental que o resultado foi muito diferente. O comandante alemão se recusou a destruir uma magnífica cidade, ao mesmo tempo que os Aliados permitiam que as tropas francesas avançassem e tomassem a cidade sob a proteção Aliada o mais rapidamente possível.²⁹

As duas frentes que se aproximavam, os anglo-americanos do oeste e os soviéticos do leste, já haviam decidido encontrar-se no rio Elba, na Alemanha Oriental, deixando a sangrenta batalha final por Berlim para Stálin. Enquanto o Exército Vermelho avançava pelo território da Prússia oriental, o pagamento por parte da Alemanha dos prejuízos por ela causados na sua invasão da Rússia tornou-se a política oficial soviética. Não apenas todos os bens portáteis foram sequestrados e despachados para a Rússia, mas quase toda mulher no caminho do avanço avassalador foi estuprada, depois jogada para o lado, e então estuprada de novo, assim que chegava uma nova unidade do Exército Vermelho.³⁰

Os civis alemães se dispersaram em pânico com o avanço das linhas de frente de batalha, e centenas de milhares de refugiados morreram na confusão para escapar à brutalidade soviética. Os navios alemães ficaram atulhados de civis e soldados feridos, e partiram de portos no mar Báltico na direção oeste, frequentemente sendo torpedeados pelos submarinos soviéticos. O navio de cruzeiro *Wilhelm Gustloff*, adaptado, foi mandado para o fundo com mais de 9 mil passageiros e tripulantes, o mais mortal de um único naufrágio da história. O cargueiro *Goya*, superlotado, foi afundado, levando consigo 6 mil refugiados.

Os soldados alemães resistiam sem expectativa de vitória, apenas com uma esperança desesperada de que poderiam retardar os soviéticos tempo bastante para escapar e se render aos britânicos e americanos mais misericordiosos. Mas Hitler tinha outros planos. Comandando agora de sua casamata subterrânea debaixo do prédio da Chancelaria em Berlim, ele não tinha a intenção de ter o mesmo destino de Mussolini, que fora recentemente capturado por partidários, fuzilado e pendurado na praça da cidade como um porco abatido. Hitler pretendia morrer num clarão de glória e levar sua pouca meritória nação com ele.

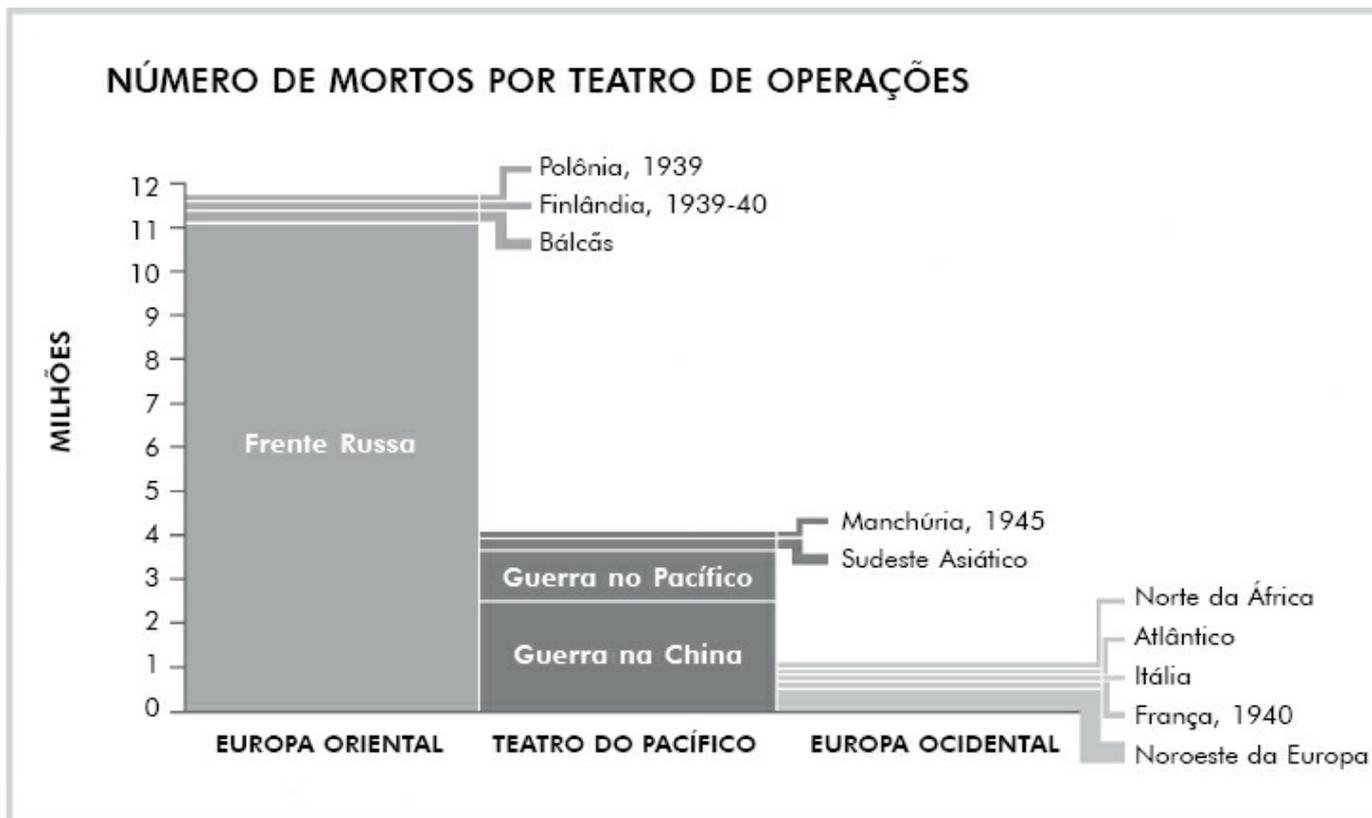
Os soviéticos estavam dispostos a ajudá-lo nessa empreitada. O Exército Vermelho atravessou o rio Oder, a última barreira antes de Berlim, e abriu

um maciço bombardeio sobre as colinas Seelow, que davam para o rio. Apontando fortes holofotes antiaéreos sobre as posições alemãs para cegar os defensores, os soviéticos lançaram um assalto sobre as escarpas e, depois de um curto dia de sangrentos combates, o caminho para Berlim estava desimpedido.

Uma semana de luta selvagem nas ruas da capital matou 100 mil civis,³¹ e apertou o cerco ao *bunker* de Hitler. Os avanços soviéticos eram medidos por quarteirões e prédios. O exército alemão, nesse ponto, preenchia seus claros com velhos e adolescentes, que não constituíam páreo para os veteranos do Exército Vermelho. Talvez 225 mil soldados alemães tenham morrido defendendo Berlim, em contraste com os 78 mil soviéticos mortos na mesma operação.³² Finalmente, a guerra ficou reduzida a apenas alguns quarteirões em torno da Chancelaria. Incapaz de retardar a derrota por mais tempo, Hitler cometeu suicídio com um tiro na cabeça, depois de envenenar seu cão e sua nova esposa. Seus seguidores atearam fogo a seu corpo e se dispersaram antes da chegada dos russos.^f

Pulando de ilha em ilha

Com as ações ofensivas japonesas no Pacífico bloqueadas pela derrota naval de Midway, os Estados Unidos se defrontavam com o problema de contra-atacar através do maior oceano do mundo. Uma etapa de cada vez era a única possibilidade. Em vez de conquistar cada ilha no oceano, os Estados Unidos desbordaram as grandes bases inimigas, cortaram suas rotas de suprimento e deixaram as guarnições passando fome. Então eles foram para cima das ilhas secundárias, que eram grandes o bastante para abrigar bases avançadas, mas pequenas demais para grandes concentrações de tropas japonesas.



Isso tornou a guerra mais intermitente do que aquela que se desenvolvia em outras partes, sobre áreas continentais. Primeiro os submarinos e os porta-aviões americanos isolavam uma ilha-alvo destruindo a frota japonesa local. Depois os porta-aviões e outros navios de guerra enfraqueciam a guarnição com reides aéreos e barragens de artilharia. Finalmente as forças terrestres assaltavam as praias e abriam caminho para o interior da ilha através das defesas japonesas. Depois de algumas semanas, antes mesmo que o último japonês na ilha tivesse sido caçado e morto, os americanos tinham construído bases aéreas no local e enviavam pesados bombardeiros para enfraquecer a próxima ilha-alvo da lista. Reuniam tropas frescas e suprimentos na ilha, e faziam tudo de novo, cada vez um passo mais próximo do Japão.³³

Até mesmo as guarnições menores inimigas constituíam alvos duros de conquistar, e cada assalto anfíbio custava milhares de vidas americanas e dezenas de milhares de vidas japonesas. O código de honra do Japão não permitia a rendição, de modo que, quando a situação ficava desesperadora, em vez de solicitar os termos da rendição, os soldados lançavam ataques suicidas contra as posições americanas, a fim de morrer gloriosamente na batalha. Essa recusa em se render estava tão profundamente enraizada na psique nacional que até mesmo os civis se suicidavam aos milhares, em vez de sofrerem a humilhação de serem capturados vivos. Até mesmo na

década de 1970, foram encontrados alguns soldados japoneses teimosos, que haviam fugido para as florestas e se recusavam a se render.³⁴

A única grande cidade destruída por combates de rua na guerra do Pacífico foi Manila, nas Filipinas. O general americano Douglas MacArthur queria que os japoneses a declarassem uma cidade aberta, o que significava que todas as defesas e ataques teriam lugar fora da cidade. Em vez de aceitarem esse acordo, os japoneses se entrincheiraram no centro da cidade. Enquanto MacArthur retardava as operações de erradicar o inimigo, a frustração japonesa se voltou contra os habitantes civis. Milhares de prisioneiros e civis foram mortos a golpes de baioneta, espancados, fuzilados ou amarrados dentro de prédios que eram então incendiados. Durante os meses de janeiro e fevereiro de 1945, quase 100 mil residentes de Manila foram massacrados. Quando os americanos atacaram, os japoneses lutaram até o último homem, levando com eles a cidade destruída.³⁵

Na primavera de 1945, a batalha pela ilha de Okinawa, a última etapa antes do próprio território do Japão, ficou sendo a mais sangrenta batalha da Segunda Guerra Mundial fora da frente soviética. Quando tudo terminou, os americanos haviam perdido 12 mil de seus próprios soldados, mortos em terra e no mar, e contaram os corpos de 110 mil japoneses dispersos pela ilha em partes ou pedaços. Os últimos 20 mil soldados japoneses retiraram-se para cavernas como um bastião final de resistência, apenas para ficarem encurralados ali pelos explosivos americanos.

Tem-se calculado que cerca de 160 mil civis, um terço da população da ilha, morreu no fogo cruzado, cometeu suicídio em massa ou, no caso dos menos fanáticos, foi forçado ao suicídio. Okinawa tornou-se lendária pelo grande número e variedade de suicídios de japoneses. A guerra vinha eliminando pilotos japoneses tão rápido que sua substituição não podia incluir o treinamento em sutis habilidades do combate aéreo e bombardeios com precisão, de modo que eles se voltaram para os ataques suicidas diretos contra navios americanos. Pilotos camicases lançavam seus aviões carregados de explosivos contra as naves dos Estados Unidos. A ferocidade da defesa japonesa levou os planejadores de guerra americanos a reconsiderar a hipótese de invadir as ilhas propriamente ditas do país, em vez de tentar bombardeá-las até a rendição.³⁶

A guerra das máquinas

A grande inovação das táticas de combate terrestre durante a Segunda Guerra Mundial foi o desenvolvimento de divisões blindadas. De acordo com a doutrina da *blitzkrieg*, a guerra relâmpago, tanques apoiados pela aviação abriam brechas na linha inimiga, seguidos por peças de artilharia móveis e pela infantaria motorizada, transportada em veículos, a fim de explorar o rompimento da linha de frente. Frequentemente paraquedistas eram lançados para se apoderarem de importantes pontos estratégicos, à frente das colunas que avançavam. Em campo aberto, como na Rússia, França e no norte da África, um rompimento das linhas inimigas podia dispersar dezenas de milhares de soldados de infantaria a quase cem quilômetros e meio atrás das linhas de frente, extremamente voláteis, onde tinham poucas alternativas, a não ser se entrincheirar e esperar que mudassem os ventos da sorte. A destruição desses bolsões produziu uma terrível quantidade de mortos na Segunda Guerra Mundial. Como os transportes mecanizados podiam facilmente avançar mais rápido do que soldados de infantaria a pé que se retiravam, as batalhas de aniquilamento tornaram-se uma coisa comum na guerra, pela primeira vez em séculos.

O aumento do uso das máquinas teve seu preço. Durante a Guerra Civil Americana, os soldados americanos tiveram uma morte acidental para cada 11 mortes na batalha. Na Segunda Guerra Mundial, esse número subiu para uma morte acidental para cada quatro mortes na batalha.³⁷ Agora os soldados eram esmagados em jipes, destroçados em aviões, queimados em caminhões, escaldados e envenenados por novos produtos químicos, mutilados e eletrocutados por equipamentos pesados, e feitos em pedaços pelo manuseio errado de munições pesadas que explodiam.

A Segunda Guerra Mundial produziu as primeiras batalhas navais da história nas quais as frotas inimigas nunca puseram os olhos uma na outra. Em vez de canhões, eram os aviões de caça orientados pelo radar que despachavam os golpes mortais entre navios separados por quilômetros de oceano vazio.

A experiência da Segunda Guerra Mundial reforçou o truísmo de que a guerra estimula a inovação tecnológica. O radar, a aviação a jato, os computadores, o sonar, os antibióticos e os mísseis teleguiados foram algumas das novas tecnologias desenvolvidas pela Segunda Guerra Mundial. Laboratórios secretos por todo o mundo, físicos nucleares americanos em Los Alamos, decifradores de código britânicos em Bletchley Park, cientistas de foguetes alemães em Peenemunde ajudaram a determinar o resultado da guerra.

Por outro lado, nós podemos ir longe demais exaltando a tecnologia. Apenas o exército americano chegou perto de travar uma guerra inteiramente mecanizada. À parte as especializadas divisões Panzer, a Wehrmacht ainda derrapava na lama, com cavalos puxando as peças de artilharia e os suprimentos. Até mesmo a fria eficiência industrial dos campos de morte pode ser superestimada. A maioria das vítimas do Holocausto morreu de maneiras que vinham funcionando há séculos: doença, trabalho excessivo, fome e massacres corpo a corpo.

Além dos ocasionais rompimentos das linhas de frente conseguidos por avanços de blindados, a maioria dos exércitos lutou de maneira muito semelhante ao que haviam feito na Primeira Guerra Mundial, isto é, com soldados armados de fuzil se entrincheirando ou atacando, e guarnições de metralhadoras se defendendo sob a cobertura da artilharia. Na frente russa, onde a maior parte da luta aconteceu, a artilharia de campanha realizando seus bombardeios baseada em coordenadas dos mapas sobre alvos fora de sua visão ocasionou mais mortes do que outras armas. A artilharia gastava 80% do total da munição disparada, e causou 45% das mortes nas batalhas. O exame de cadáveres e feridos mostrou que as armas pesadas da infantaria, como metralhadoras, morteiros e canhões leves, disparados sobre um inimigo visível, mataram outros 35%. A aviação causou 5% das mortes em batalha e veículos blindados outros 5%. As armas leves da infantaria, que são o grande apelo dos filmes de guerra, como fuzis, pistolas, granadas, eram essencialmente armas para a autodefesa e foram responsáveis por 10% das mortes em batalha.³⁸

O poderio aéreo

Os aviões tornaram-se grandes agentes de destruição durante a Segunda Guerra Mundial. O bombardeio de precisão de alvos militares e industriais foi o uso mais eficaz dessa arma, e foi completamente legal de acordo com as normas internacionais da guerra. Mas a aviação requer uma mistura acima da média dos serviços de inteligência e reconhecimento e do projeto dos bombardeiros. Também exige que os bombardeiros se aproximem por uma rota reta, em plena luz do dia, diretamente dentro de uma cortina de fogo antiaéreo e enxames de aviões de caça de defesa.

Devido a essas dificuldades, as forças aéreas foram levadas à destruição indiscriminada de alvos mais fáceis. No início da guerra, as cidades eram atacadas com uma chuva aleatória de bombas para aterrorizar os

habitantes, mas, conforme cresceu o tamanho das forças aéreas, também cresceu o número de vítimas fatais. O bombardeio alemão de Roterdã, em 14 de maio de 1940, que matou cerca de 850 civis, horrorizou o mundo.³⁹ Um ano mais tarde, no dia 6 de abril de 1941, o primeiro reide aéreo alemão contra Belgrado matou 17 mil civis.⁴⁰ O reide aéreo inaugural contra Stalingrado matou 40 mil civis em 23 de agosto de 1942.⁴¹

Em pouco tempo, a aniquilação de cidades transformou-se numa ciência. No decurso de uma noite, cerca de mil aviões podiam ser enviados contra um alvo. As primeiras levadas de bombardeiros deixavam cair explosivos por toda a cidade, para fazer com que construções de madeira se incendiassem, seguidos mais tarde por ondas que espalhavam material inflamável a fim de começar pequenos incêndios. Logo os vários focos de incêndio se consolidavam numa gigantesca tempestade de fogo, que criava seu próprio sistema climático, com ventos da força de furacões e um calor tão intenso que torcia o metal, rachava a alvenaria e carbonizava os corpos. Uma tempestade de fogo podia varrer completamente uma cidade da face da Terra, e sugar o oxigênio dos abrigos subterrâneos, sufocando todas as pessoas que pensavam estar a salvo. Os britânicos lançaram o primeiro grande bombardeio incendiário na noite de 28-29 de julho de 1943, contra Hamburgo, incinerando 42 mil habitantes.⁴² Na noite de 13-14 de fevereiro de 1945, os bombardeios Aliados destruíram Dresden e 35 mil civis.^g Na noite de 9-10 de março de 1945, os americanos destruíram Tóquio, matando 84 mil habitantes.⁴³

Desde o início da guerra, físicos de todo o mundo vinham comunicando para seus governos que a fissão de átomos radioativos libertaria uma gigantesca descarga de energia, que poderia ser usada para obliterar exércitos inteiros simplesmente ligando um comutador, de modo que Deus nos ajude se o inimigo chegar lá primeiro. Programas de pesquisa secretos foram organizados na Alemanha, nos Estados Unidos, na Rússia e no Japão para explorar esse potencial. Como a mais importante potência industrial do mundo, os Estados Unidos foram os primeiros a resolver os problemas técnicos do empreendimento. No dia 6 de agosto de 1945, um único avião deixou cair uma bomba atômica sobre o Japão, e a cidade de Hiroshima foi obliterada, levando consigo 120 mil de seus habitantes.⁴⁴ Três dias mais tarde, um outro ataque nuclear destruiu Nagasaki e 49 mil de seus habitantes.⁴⁵

De qualquer maneira, como a guerra estava quase terminando, e as bombas foram usadas contra cidades, e não contra exércitos ou frotas de

navios, surgiu uma discussão acalorada se esses ataques teriam sido necessários; entretanto, dois outros fatos se destacam. Os japoneses pararam de hesitar e se renderam incondicionalmente poucos dias depois do bombardeio de Nagasaki; desde então, as nações com armas nucleares têm evitado se engajar em grandes guerras umas contra outras.

Choques posteriores

A queda do Eixo não parou a carnificina. Muitos países haviam saído da ocupação inimiga com seus sistemas políticos esfaqueados, de modo que o caos substituiu a opressão. Na China, os comunistas e nacionalistas retomaram a guerra civil que fora interrompida pelos japoneses (ver “A Guerra Civil Chinesa”), enquanto Esquerda e Direita também travavam uma guerra civil sobre quem herdaria a Grécia. No Sudeste Asiático, umas poucas colônias que haviam sido ocupadas pelos japoneses, como a Indochina francesa (ver “Guerra na Indochina francesa”) e as Índias Orientais Holandesas, aproveitaram-se da ocasião e se rebelaram, para evitar que seus antigos senhores reivindicassem novamente o controle de seus territórios. Na Europa oriental, as nações que haviam sido “libertadas?”, “conquistadas?”, “atropeladas?” pela União Soviética tentaram se organizar como democracias multipartidárias, mas os partidos patrocinados pelos soviéticos ganharam a parada e puseram fim a essas veleidades.

As nações recentemente libertadas tinham contas a ajustar. Os guerrilheiros comunistas, na maioria sérvios, que assumiram o controle da Iugoslávia, mataram mais de 100 mil compatriotas, na maioria croatas, por sua associação com o governo fascista do tempo da guerra. Os franceses mataram 10 mil colaboradores depois da libertação, sendo que apenas oitocentos deles depois de um julgamento formal. Os italianos mataram de 10 mil a 15 mil criminosos de guerra. A Holanda executou quarenta colaboradores, enquanto a Noruega fez o mesmo com 25.⁴⁶ Os julgamentos formais das altas patentes nazistas em Nuremberg, e outros julgamentos semelhantes na Alemanha Ocidental ocupada, levaram a 486 execuções.

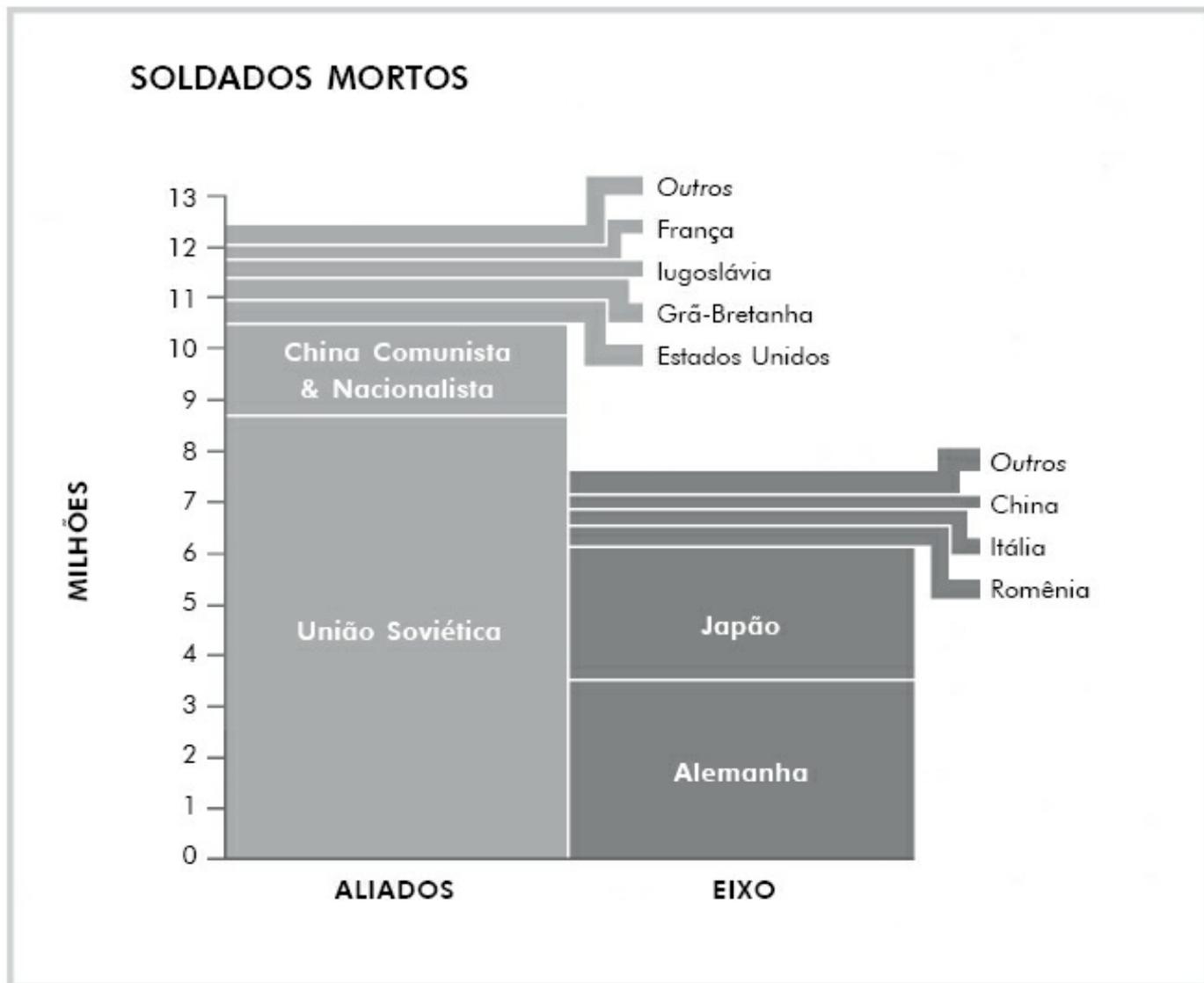
Diferentemente dos nazistas, os militaristas japoneses nunca haviam deixado o poder nas mãos de um ditador onipotente. O general Tojo Hideki pareceu estar perto do centro do poder durante a maior parte da guerra, como general, ministro da Guerra ou primeiro-ministro, de modo que foi devidamente julgado e enforcado pelos americanos, com seis outros

generais e ministros. Julgamentos de menor importância levaram a outras novecentas execuções, mais ou menos,⁴⁷ mas os americanos permitiram que o imperador Hirohito mantivesse seu trono, a fim de aquietar o ressentimento japonês contra a ocupação americana do país.

Dezenas de milhares de judeus sobreviventes fugiram da Europa para encetar uma nova vida na colônia britânica da Palestina, que logo se tornou o Estado independente de Israel. A imediata guerra entre Israel e seus vizinhos árabes em 1947 foi a primeira de muitas que continuariam a irromper, cerca de uma por década, durante muito tempo.

Números atordoantes

A Segunda Guerra Mundial matou o maior número de pessoas da história, por diversos critérios. Como um todo, foi o evento mais mortal da história. Foi também o evento mais mortal para muitas nações, individualmente: Rússia, Polônia, Japão, Indonésia e Holanda, só para citar algumas. O mesmo aconteceu com grupos não nacionais de vítimas, tais como soldados, prisioneiros de guerra e judeus.



A Pesquisa de Bombardeios Estratégicos dos Estados Unidos afirmou que “provavelmente mais pessoas perderam a vida pelos incêndios em Tóquio num período de seis horas, em 9-10 de março de 1945, do que em qualquer outra época na história da humanidade”.⁴⁸ Isso pode ser verdade, dependendo de quais números você aceite, mas estou mais inclinado a contar os 120 mil mortos quase instantaneamente em Hiroshima, como sendo a maior carnificina já cometida no menor espaço de tempo pelo engenho humano na história.^h A morte de 1,1 milhão em Auschwitz levou mais tempo, mas provavelmente conta como a maior mortandade já acontecida no menor local. A mais sangrenta batalha da história foi provavelmente a Batalha de Leningrado, se você contar tanto soldados quanto civis, ou a Batalha de Stalingrado, se você contar apenas os soldados, mas mesmo se não fossem, então os outros prováveis candidatos seriam os outros combates travados na frente russa.

A tabela na página seguinte mostra o mal e o sofrimento relativos dos

participantes da Segunda Guerra Mundial, relacionando quantos milhões de não combatentes morreram. O gráfico mostra apenas a contagem de mortos que excederam 250 mil, porque na escala daquela guerra, meras dezenas de milhares produzem uma alteração pequena. Os números não somam exatamente porque há sobreposições e muitos dados desconhecidos. A coluna com o título “Total” inclui tudo, isto é, assassinatos, negligência, acidentes e transeuntes inocentes colhidos no fogo cruzado, enquanto as colunas com o título de “Culpados” reúnem apenas as mortes que foram amplamente consideradas como deliberadas, evitáveis ou excessivas.

Olhar para as contagens em geral não é o único meio de ver como a guerra foi imensamente destrutiva. Você talvez também queira dar uma olhada nos cantos pequenos, esquecidos, e ver quantas mortes ocorreram entre pessoas das quais ninguém tem notícia, como os neozelandeses.

A Nova Zelândia é tão longe de qualquer outra coisa quanto você possa imaginar. Não esteve sob nenhum tipo de ameaça. Mesmo se houvessem conquistado o restante do mundo, as potências do Eixo não teriam importunado a Nova Zelândia, assim como ignoraram a Suécia e a Suíça. Um pequeno país cuja contribuição à guerra dificilmente pesou na balança, a Nova Zelândia poderia ter ficado fora da guerra sem mudar o equilíbrio do confronto, mas, em vez disso, aquela nação entrou com tudo e perdeu 12 mil homens numa guerra que não havia necessidade de travar. Quantos são 12 mil? Pense neles como tendo afundado oito *Titanics*.

A guerra colocou tanta gente em situação de perigo mortal que números sem precedentes de pessoas morreram de modo surpreendente e inusitado. Quando os britânicos encurralaram uma força japonesa na ilha de Ramree, na Birmânia, os japoneses tentaram fugir atravessando pântanos impenetráveis. Dizem que mil japoneses partiram na empreitada, mas que apenas vinte saíram vivos do outro lado daquela barreira natural. As centenas de desaparecidos haviam sido devoradas pelos crocodilos.

O maior ataque de tubarões da história ocorreu quando o navio de guerra americano USS *Indianápolis* foi torpedeado por um submarino japonês. A embarcação afundou rápido demais para que fossem enviados sinais de socorro adequados, retardando a chegada de socorro por vários dias. Dos novecentos marinheiros sobreviventes ao naufrágio e que ficaram flutuando no mar com seus coletes salva-vidas, apenas 316 sobreviveram ao ataque dos tubarões.

VÍTIMAS	PERPETRADORES										TOTAL DE MORTOS FORA DE COMBATE	
	Alemães	Japoneses	Soviéticos	Britânicos	Americanos	Chineses nacionalistas	Romenos	Croatas	Civis	Prisioneiros de guerra		
Soviéticos	17,0 ⁴⁹		2,0						16,9	3,3		
Chineses		4,0 ⁵⁰				0,6 ⁵¹			8,0	0,5		
Poloneses (pré-guerra)	5,5 ⁵²								6,0			
Judeus (todas as nações)	5,5 ⁵³						0,3 ⁵⁴		5,5			
Indonésios		4,0 ⁵⁵							4,0			
Indianos				1,5 ⁵⁶					3,0 ⁵⁷			
Vietnamitas		2,0 ⁵⁸							2,0			
Alemães			1,4	0,3*	0,3*				1,6	0,4		
Iugoslavos	0,5							0,3 ⁵⁹	1,2			
Ciganos	0,5								0,5			
Japoneses					0,4 ⁶⁰				0,4			
Franceses	0,3 ⁶¹								0,4			
Romenos									0,3			
Gregos	0,3								0,3			
Húngaros	0,3								0,3			
Tchecoslovacos	0,3								0,3			
TOTAL	24,0	11,0	4,0⁶²	2,0	1,0	0,6	0,5	0,3	46,0	4,2		

* A estimativa oficial é que os bombardeios aliados tenham matado 593 mil na Alemanha (Keegan, *Second World War [Segunda Guerra Mundial]*, p. 590). Como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha dividem a responsabilidade, atribuí metade a cada um.

Revisionismo

Nenhum aspecto da Segunda Guerra Mundial é livre de polêmica, mas umas discussões queimam mais energia do que outras. Para uma geração anterior, o debate mais quente era se Hitler planejara uma estratégia de conquista do mundo e genocídio, ou simplesmente se se aproveitara das oportunidades surgidas. Eram tempos de gente mais educada. Hoje as pessoas querem focar os traços fundamentais do conflito.

Para onde quer que olhemos, os negadores do Holocausto simplesmente recusam admitir que os nazistas tentaram erradicar os judeus da Europa. Em alguns países muçulmanos, essa ideia é até ensinada nas escolas, como o ponto de vista da maioria. Por outro lado, em alguns países europeus é proibido expressar esse ponto de vista em público. As emoções relativas a esse assunto ficaram tão polarizadas que, para todos os fins práticos, o Holocausto foi eliminado como tópico para discussões construtivas no mundo inteiro.

Como seria difícil encontrar um evento histórico com uma documentação tão sólida quanto o Holocausto,¹ você fica imaginando como *alguém* pode duvidar disso. Bem, primeiro você precisa querer duvidar dele. Depois disso, é fácil. Se a sua ideologia não consegue apoio porque soa nazista demais, então você vai querer reescrever a história para fazer com que os nazistas pareçam menos amedrontadores. Você reconhece que morreram alguns judeus, que a doença varreu os guetos e os campos de trabalho forçado, as tropas germânicas executaram guerrilheiros e assim por diante, mas a guerra é o inferno, e essas coisas estavam acontecendo por toda parte. Os que negam o Holocausto argumentam que não houve um esforço *sistemático* dirigido contra os judeus, e que o número de mortos não foi pior do que, digamos, o bombardeio das cidades alemãs. Eles são ajudados pelo fato de que os alemães em retirada destruíram deliberadamente grande parte das provas forenses, como, por exemplo, câmaras de gás, cadáveres, testemunhas.

Na Alemanha, as grandes controvérsias giram em torno de quanto apoio os nazistas tinham entre os cidadãos alemães comuns. A maioria dos alemães gostaria de poder apontar o Holocausto como obra de um grupo reduzido de fanáticos, mas fatos constrangedores continuam a mostrar que um perturbador número de cidadãos comuns, desde funcionários públicos a soldados em geral, ajudaram no processo. Cada pessoa importante que tem surgido vinda do mundo que fala alemão, no meio século passado,

fossem eles cientistas de foguetes, o secretário-geral das Nações Unidas, o governador da Califórnia, um prêmio Nobel de literatura ou o papa, têm de se confrontar com constrangedoras revelações sobre sua associação passada com o nazismo.

As grandes controvérsias no mundo que fala inglês desafiam os estereótipos Aliados/bons, Eixo/maus da história oficial, minimizando os pecados do Eixo, como o Holocausto, ter iniciado a guerra, por exemplo, ou maximizando os pecados dos Aliados, como o stalinismo, Dresden, por exemplo. Na realidade, uma significativa minoria sugere abertamente que as democracias ocidentais lutaram do lado errado.

Patrick Buchanan, um onipresente comentarista americano, escreveu no seu livro de 1999, *A Republic, Not an Empire* [*Uma república, não um império*], que as democracias ocidentais deveriam ter ficado de fora e deixar que Hitler e Stálin resolvessem a parada. “Redirecionando o primeiro golpe de Hitler contra eles mesmos, a Grã-Bretanha e a França deram a Stálin dois anos extras para se preparar contra o ataque de Hitler, e assim salvar a União Soviética para o comunismo... Se aqueles dois países não houvessem dado garantia à Polônia, Hitler quase que certamente teria desferido seu primeiro grande golpe contra a Rússia... Se Hitler houvesse conquistado a Rússia a um enorme custo, teria ele então lançado uma nova guerra contra a Europa ocidental, que nunca fizera parte de suas ambições?”⁶³

Até mesmo George W. Bush denunciou a decisão de seus predecessores de se aliar a Stálin. “O acordo de Yalta seguiu a injusta tradição de Munique, e do pacto Molotov-Ribbentrop. Mais uma vez, quando governos poderosos negociam, a liberdade de pequenas nações fica sendo de certa forma descartável.”⁶⁴

Nesse caso, os revisionistas parecem esquecer que o mundo foi à guerra contra Hitler porque ele era *perigoso*, não porque era *mau*. Essa é uma distinção importante nas relações internacionais. Você pode fazer o que quiser dentro de seu próprio país, mas, quando você começa a invadir os países vizinhos, o resto do mundo fica nervoso. Não importa quão brutal Stálin possa ter sido para seu próprio povo, ele estava contente dentro das fronteiras da União Soviética. Quando o ditador começou a arrebanhar pequenos países para si mesmo, o Ocidente já estava engajado na guerra contra Hitler. A escolha não era entre combater Hitler ou Stálin. A escolha era combater Hitler ou ambos.

Além do mais, os soviéticos derrotaram os alemães completamente.

Produziram 96% de sua própria munição, e 66% de seus próprios veículos, enquanto infligiam a todos os alemães 80% das baixas que eles tiveram na guerra.⁶⁵ Eles já haviam virado a maré da guerra em Stalingrado quando a Grã-Bretanha estava imobilizada, e os Estados Unidos ainda se mobilizando. Foi uma parada difícil, e a ajuda ocidental desequilibrou a balança, mas o Ocidente precisava de Stálin mais do que Stálin precisava do Ocidente. Sem os soviéticos, os Aliados ocidentais precisariam se defrontar, sozinhos, com diversos milhões mais de alemães. Isso deu a Stálin um maior poder de barganha durante toda a guerra.

^a Certamente parece brincadeira quando eu digo que a principal causa da Segunda Guerra Mundial foi “porque eles podiam”, mas John Keegan chega bem perto disso quando sugere a explicação porque-eles-podiam no seu livro *The Second World War [A Segunda Guerra Mundial]* pp. 10-11).

^b E isso, provavelmente, é tudo que precisamos dizer sobre a China, por enquanto. Não é fácil encaixar a guerra sino-japonesa entre os meus cem maiores multicídeos. A matança de 10 milhões de chineses merece claramente um lugar na minha lista, mas onde? Sozinha no número 14? Incluída como uma parte da Segunda Guerra Mundial? Como parte da Guerra Civil Chinesa? Eu acho melhor contar todos os mortos na China entre a invasão do Japão em 1937 e sua rendição em 1945, como parte de um conflito de âmbito mundial; entretanto, o curso dos acontecimentos é mais fácil de explicar como um episódio do interregno chinês, como fiz no capítulo sobre a Guerra Civil Chinesa.

^c A União Soviética tem cerca de 21.840 mil km², aproximadamente um sexto da superfície habitável da Terra, e tinha 164 milhões de habitantes em 1937. A Alemanha, nas vésperas da guerra, tinha cerca de 587 mil km² de superfície, com uma população igual a mais ou menos a metade da Rússia. A população da França era apenas metade disso: 42 milhões (Edgar M. Howell, *The Soviet Partisan Movement [O movimento guerrilheiro soviético]*, Bennington, VT: Merriam Press, 1997, p. 13; Nick Smart, *British Strategy and Politics during the Phony War [Estratégia e política britânica durante a falsa guerra]*, Westport, CT: Praeger, 2003, p. 43).

^d Em termos de perspectiva, é preciso observar que isso representa dois terços do número de escravos africanos despachados através do Atlântico e cerca de duas vezes o número de pessoas mantidas presas nos gulags, sob Stálin.

^e O levante de Varsóvia, em agosto de 1944, não é o mesmo que o levante do Gueto de Varsóvia, em abril de 1943, em que os judeus do gueto fizeram um último esforço de resistência para não serem enviados aos campos da morte.

^f Os soviéticos encontraram o cadáver de Hitler logo a seguir, mas mantiveram a descoberta em segredo para preocupar o Ocidente. Eles tinham esperança de que o mistério de seu desaparecimento e o pesadelo do ressurgimento de Hitler seriam usados para extrair mais concessões dos líderes ocidentais. Hitler foi então enterrado em uma sepultura sem identificação numa base soviética na Alemanha Oriental até 1970, quando a base foi transferida para o controle dos alemães orientais. Hitler foi então exumado, cremado, e as cinzas, dispersas no rio próximo para evitar que se tornassem o foco de um sítio de peregrinação.

^g O bombardeio de Dresden tornou-se uma metáfora para uma carnificina sem sentido, grandemente como resultado de dois livros publicados na década de 1960. *Slaughterhouse-Five [Matadouro cinco]* (1969), de Kurt Vonnegut, é um dos grandes romances do século XX e uma descrição vívida de uma testemunha ocular da Segunda Guerra Mundial, de modo que ele moldará

nossa percepção daquele acontecimento por muitos anos à frente. O outro livro, *The Destruction of Dresden* [*A destruição de Dresden*] (1963), de David Irving, foi a descrição definitiva não ficcional do bombardeio incendiário durante uma geração. Infelizmente, Irving tornou-se o principal defensor mundial da reputação de Hitler, e hoje sabe-se que ele repetiu muita propaganda nazista no seu livro, sem uma análise crítica das fontes, tais como o número de 135 mil mortos e uma total ausência de alvos militares na cidade. O livro mais recente, de Frederick Taylor, *Dresden: Tuesday February 13, 1945* [*Dresden: terça-feira, 13 de fevereiro de 1945*] (2004), esclarece muitos erros clamorosos de Irving.

^h “pelo engenho humano”. Alguns violentos e súbitos desastres naturais, como o tsunami do oceano Índico em 2004, mataram mais gente com a mesma rapidez.

ⁱ Só para registrar: as provas partem de milhares de relatos de testemunhas, detalhando todas as partes do processo. Depois são ilustradas por fotos dos acontecimentos. Também existem recenseamentos e registros de impostos, mostrando que milhões de judeus que existiam na década de 1930 desapareceram sob a ocupação alemã. E por fim há caixas de documentos oficiais dos perpetradores, como ordens, memorandos, relatórios, programações e faturas. Toda a história do mundo antigo é baseada em muito menos provas do que o Holocausto. (Para mais informações, ver os capítulos 12-14 do livro de Michael Shermer *Why People Believe Weird Things* [*Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas*], Nova York, W. H. Freeman, 1997.) Para mais ainda, ver a obra de Richard Evans *Lying About Hitler: History, Holocaust, and the David Irving Trial* [*Mentindo sobre Hitler: história, Holocausto e o julgamento de David Irving*] (Nova York: Basic Books, 2001).

A EXPULSÃO DOS ALEMÃES DA EUROPA ORIENTAL

Número de mortos: 2,1 milhões¹

Posição na lista: 36

Tipo: limpeza étnica

Linha divisória ampla: poloneses e tchecos *versus* alemães

Época: 1945-47

Localização: Europa oriental

Principais Estados participantes: Polônia, Tchecoslováquia

Estados participantes secundários: União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França

Quem geralmente leva a maior culpa: a Polônia, a Tchecoslováquia

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Podemos realmente culpá-los?

A Polônia foi o país que mais sofreu durante a Segunda Guerra Mundial. E foi a primeira nação a ser conquistada; depois foi desmembrada; depois submetida a massacres, que chegaram a ponto de genocídio; depois a guerra veio de outra direção e arrasou de novo com a Polônia. Quando tudo terminou, um sexto do povo polonês – três milhões de judeus, três milhões de outras nacionalidades – havia morrido. Os vitoriosos sentiram que a Polônia merecia alguma compensação por ter passado por todas essas dificuldades, especialmente pelo fato de Stálin ter conservado o controle dos territórios orientais do país, onde maiorias ucranianas e bielorrussas locais estavam sendo incorporadas à União Soviética.

Depois da guerra, a fronteira entre a Alemanha e a Polônia foi deslocada para oeste, para o rio Oder. Diferentemente das fronteiras da Primeira Guerra Mundial, na qual a Alemanha foi despojada apenas dos distritos com uma maioria não germânica, essas novas mudanças de fronteiras foram claramente punitivas. Territórios que haviam sido alemães por séculos, como a Prússia oriental, a Pomerânia e a Silésia, foram entregues à Polônia, e os habitantes locais, expulsos de lá.

Uma pequena fatia da Prússia oriental, contendo o porto de Königsberg, foi anexada à Rússia. Sob o novo nome de Kaliningrado, ele tornou-se a base avançada da frota soviética do mar Báltico. Os russos substituíram tão inteiramente os alemães, de tal forma que, hoje, essa região é mais russa do que a própria Rússia.

Isso acontecia por toda parte. Hitler usara supostos maus-tratos às minorias alemãs por toda a Europa oriental como uma desculpa para invadir os países, de modo que todo mundo decidiu se livrar dos alemães de uma vez por todas. A segunda maior minoria alemã vivia na Tchecoslováquia, um país que a Alemanha destruíra e ocupara ainda antes do que a Polônia. Os vilarejos e minorias urbanas alemãs na Hungria, Romênia e Croácia existiam desde os tempos de quando o Império Austríaco se estendia por boa parte da Europa oriental. Essas também precisavam desaparecer.

As expulsões se deram em três fases. Na primeira fase, 5 milhões de alemães fugiram do avanço soviético durante a guerra, frequentemente com apenas umas poucas horas de preparação. Dos quase 2,4 milhões de alemães na Prússia oriental, 1,9 milhão abandonou seu enclave, que era separado do restante do país, e fugiu para o oeste. Provavelmente 20% desses refugiados morreram ao longo das estradas e nos vilarejos, devido a reides aéreos, naufrágio de embarcações, barragens de artilharia e assaltos de gangues estupradoras, quando a guerra os alcançou e passou por cima deles.

Breslau, a capital da Silésia e a maior cidade a mudar de mãos na redução da Alemanha do pós-guerra, já havia visto grandes alterações na sua população sob o domínio nazista, quando minorias polonesas e judaicas foram expulsas. Depois o Exército Vermelho chegou em janeiro de 1945, enquanto a Wehrmacht se entrincheirava para defender a cidade. O governo alemão ordenou que todos os não combatentes partissem imediatamente. Meio milhão de civis foi forçado a fugir, através da neve e do gelo, na direção de centros de reunião a muitos quilômetros de distância. Oitenta mil morreram de frio.

A segunda fase viu as expulsões “selvagens”. Depois que os combates cessaram, multidões enraivecidas expulsaram espontânea e brutalmente as minorias alemãs locais. Despojaram os alemães de todos os seus bens e forçaram os fazendeiros a abandonar suas casas, colheitas e gado. Lincharam colaboradores suspeitos e suas famílias, e as forças de ocupação soviética não tomaram o menor conhecimento disso.

Em julho de 1945, correu o boato de que uma misteriosa explosão numa fábrica na cidade tcheca de Usti nad Labem fora obra de sabotadores. A multidão avançou sobre uma família germânica que atravessava a ponte e jogou o bebê dela no rio. Quando terminaram os distúrbios, qualquer coisa entre mil e 2.500 alemães haviam sido fuzilados, espancados até a morte

ou afogados.² Em junho, 2 mil alemães sudetos em Postoloprty foram arrebanhados e fuzilados ou espancados até a morte em poucos dias. Dois anos mais tarde, em agosto de 1947, as autoridades tchecas escavaram em segredo covas coletivas e queimaram todos os corpos, de modo que “os alemães não teriam memoriais fúnebres que pudessem indicar como fonte de sofrimento de seu povo”.³

A terceira fase compreendeu o reassentamento formal por parte dos governos europeus. Ainda no exílio durante a guerra, o antigo e futuro presidente tcheco Edvard Beneš apresentou seu plano de expulsar os alemães sudetos das fronteiras montanhosas de seu país. “Temos de nos livrar de todos esses alemães que enfiaram uma adaga nas costas do Estado tcheco em 1938”, declarou Beneš. O governo de Churchill endossou oficialmente essa política em agosto de 1942, e os americanos e soviéticos o acompanharam em 1943.⁴

As maiores potências autorizaram uma ação final na Conferência de Potsdam entre os Aliados, realizada depois da guerra, em agosto de 1945. No período de semanas, Beneš retirou a cidadania tcheca dos alemães étnicos, a menos que houvesse circunstâncias atenuantes, como o casamento com um eslavo ou registros de que a pessoa combatera a ocupação nazista. Em novembro de 1945, o Conselho de Controle Aliado encarregado da Europa pós-guerra ordenou que fossem reassentados na Alemanha 3 milhões de alemães vivendo na Tchecoslováquia e 3,5 milhões vivendo na Polônia de fronteiras pré-guerra. Depois, 6 milhões de poloneses foram retirados dos 182 mil km² do território oeste anexado à União Soviética e reassentados em 124.800 km² que a Polônia tirara da Alemanha.

Mas depois Churchill mudou de opinião. No seu discurso de 1946 que deu ao mundo a expressão Cortina de Ferro, ele denunciou a brutalidade dessa política. “O governo polonês dominado pelos russos tem sido encorajado a fazer esses enormes e equivocados avanços sobre o território alemão, e expulsões em massa de milhões de alemães numa escala cruel e inimaginável estão acontecendo atualmente.”⁵

Nesse ínterim, a expulsão e o deslocamento eram apenas metade do problema. Esses alemães orientais deportados estavam sendo atirados no meio de uma grande crise de fome. Forçados a abandonar seus meios de subsistência, eles se viram no meio de uma terra bombardeada e arrasada, onde enxameavam aleijados, andarilhos e refugiados. Como as cidades alemães estavam em ruínas, os recém-chegados ficavam amontoados em

fazendas, barracas do exército e até mesmo em antigos campos de concentração. Qualquer família com um quarto sobrando recebia ordem de acolher um refugiado. Infelizmente os alemães do leste falavam dialetos estranhos que soavam quase como uma língua estrangeira aos ouvidos dos alemães ocidentais; eram insultados com o nome de *Polacken*. Os habitantes locais encaravam os imigrantes como competidores na busca de habitações e alimento escassos; os refugiados eram frequentemente deixados ao abandono e com probabilidade de morrer de inanição.

Quando tudo terminou, 12 a 14 milhões de alemães haviam sido expulsos do leste. Tantos alemães vieram daquelas regiões que a população da Alemanha Ocidental ficou sendo 20% maior em 1950 do que fora antes da guerra, apesar das baixas sofridas durante o conflito. O crescimento explosivo da população foi especialmente notável nas áreas rurais, chegando a 60% em alguns distritos.⁶

Em 1967, o órgão federal de estatística da Alemanha calculou que 267 mil dos alemães expulsos da Tchecoslováquia haviam morrido naqueles anos de privação.⁷ Morreram cerca de 1.225 mil dos que foram expulsos da Polônia e 619 mil da Hungria, Romênia, Iugoslávia e das nações bálticas. Ao todo, o número total de mortos entre os refugiados orientais é calculado em 2.111 mil.⁸

GUERRA NA INDOCHINA FRANCESA

Número de mortos: 393 mil

Posição na lista: 88

Tipo: rebelião colonial

Linha divisória ampla: França *versus* Viet Minh

Época: 1945-54

Localização: Indochina francesa

Principal Estado participante: França

Principais quase Estados participantes: Camboja, Laos, Vietnã Principal não Estado participante: Viet Minh

Quem geralmente leva a maior culpa: a França

Nguyen Sinh Cung nasceu em 1890, filho de um professor vietnamita, e passou a juventude perambulando pelos principais centros do pensamento comunista, como a Universidade de Paris, Moscou depois da revolução e Xangai, antes que a cidade fosse conquistada por Chiang Kai-shek. Em 1919, ele tentou convencer os Aliados vitoriosos na conferência de paz de Versalhes a libertar seu povo do jugo francês. Sem ter êxito, voltou à terra natal para organizar o movimento de independência. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, o Sudeste da Ásia foi lançado num tumulto pela ocupação japonesa das colônias ocidentais, mas, sem ligar para quem controlava a situação, Nguyen estava pronto para desencadear uma resistência nacionalista; ele simplesmente dirigiu o esforço contra o Japão, em vez de fazê-lo contra a França. Organizou uma força rebelde chamada de Viet Minh, de que tirou seu pseudônimo, Ho Chi Minh.

A derrota do Japão em 1945 deixou o Vietnã no limbo. Sem qualquer tropa dos Aliados a enfrentar, as guarnições japonesas começaram a cooperar com o Viet Minh na administração local, e, depois de estabelecer-se na capital colonial de Hanói, Ho Chi Minh declarou a independência do Vietnã. Em setembro, as Forças Nacionalistas Chinesas, os Aliados mais próximos, chegaram para assumir o controle, mas elas se dedicaram principalmente a saquear Hanói, deixando abandonado o restante da colônia. A Indochina mergulhou no caos, com soldados desmobilizados, prisioneiros libertados, desertores e chefões do crime se agitando para agarrar o que pudessem, antes que alguém fosse impedi-los. Em algumas regiões, as forças francesas apossadas, inferiorizadas em número e

recentemente libertadas das prisões japonesas, chegaram a um acordo com os rebeldes de Ho Chi Minh visando à restauração da ordem. De volta a Paris, o general Charles de Gaulle, chefe do governo provisório, anunciou que a França não iria abandonar nenhuma de suas colônias. Até onde lhe dizia respeito, a independência não iria acontecer nunca.¹

Ao ouvir isso, Ho Chi Minh tornou-se menos cooperativo sobre a presença de tropas e funcionários franceses no Vietnã. Com um cessar-fogo em vigor, as negociações se arrastaram e as tensões aumentaram. Em novembro de 1946, os franceses exigiram o controle total da cidade portuária de Haiphong, mas o Viet Minh recusou evacuar suas forças de lá. Os navios de guerra franceses bombardearam os arredores ocupados pelo Viet Minh, e mataram 6 mil civis. Os tanques e aviões franceses atacaram as posições rebeldes na cidade. Combates de porta em porta finalmente eliminaram os Viet Minh da cidade.²

Com mais tropas chegando da Europa, a França assumiu um controle firme de todas as cidades da Indochina. O Viet Minh, contudo, dominava as regiões remotas do interior e emboscava as tropas francesas que se aventuravam em seu território.

Os franceses tentaram esvaziar o movimento de independência reorganizando sua colônia e promovendo seus habitantes a vassalos autônomos e cooperativos. Colocaram monarcas locais em cada parte da colônia, e lhes deram independência nominal, sob uma organização guarda-chuva chamada de União Francesa.

Em 1949, a vitória dos comunistas na China alcançou finalmente as fronteiras do Vietnã, dando aos rebeldes acesso a um importante fornecedor de armamentos. A guerra agora se mudou para aquelas regiões fronteiriças, com o Viet Minh tentando manter contato com os Chineses Vermelhos e a França tentando interromper esse contato. Em dezembro de 1953, paraquedistas franceses cercaram e se apossaram da fortaleza Den Bien Phu, atualmente no território do Laos, uma linha importante de suprimentos dos rebeldes, esperando atraí-los para um combate em campo aberto, o que favorecia os franceses. Em vez de fazer isso, o general vietnamita Vo Nguyen Giap colocou o bastião sob sítio. Em março de 1954, as tropas de combate rebeldes, com um efetivo de 70 mil homens, mais 100 mil no apoio, isolaram 15 mil franceses entrincheirados, e o ataque começou. Depois que 56 dias de incansáveis incursões, fogo de franco-atiradores e bombardeio desgastaram os franceses e os encurralaram em um enclave cada vez menor, Dien Bien Phu se rendeu.

A derrota convenceu o governo francês de que continuar lutando era inútil. As negociações de paz começaram logo em seguida e garantiram a independência à Indochina francesa sob a forma de quatro países: Laos, Camboja e um Vietnã dividido em duas partes, uma para os comunistas e a outra para os não comunistas.

Isso não iria durar muito.

Número de mortos

O lado francês teve cerca de 93 mil soldados mortos, mas o *povo* francês perdeu apenas 20.700. O restante era constituído de 18.700 aliados indochineses, 26.700 soldados colonais indochineses, 15.200 soldados colonais africanos e 11.600 homens da Legião Estrangeira. É óbvio que uma das vantagens de se ter um império é poder usar as tropas coloniais para constituir o grosso do efetivo numa guerra.

As estimativas de baixas entre os vietnamitas são imprecisas. Provavelmente 175 mil homens do Viet Minh morreram lutando contra os franceses, enquanto 125 mil civis tiveram o mesmo destino.³

A DIVISÃO DA ÍNDIA

Número de mortos: 500 mil¹

Posição na lista: 70

Tipo: limpeza étnica

Linha divisória ampla: hindus e sikhs *versus* muçulmanos Época: 1947

Localização e principais Estados participantes: Paquistão e Índia

Quem geralmente leva a maior culpa: hindus, muçulmanos, especialmente Jinnah

O término do governo colonial na Índia deveria ter sido um triunfo do espírito humano. A entidade política com a segunda maior população do mundo, uma Índia livre deveria liberar um sexto da população da Terra. Da mesma forma inspiradora era o fato de a libertação ter sido alcançada sem violência. Mahatma Gandhi comandara imensas marchas, jejuns, boicotes e greves para convencer os britânicos a deixarem o país. Não se limitou às longas rebeliões necessárias para libertar as colônias do hemisfério ocidental.

Um único pequeno senão no movimento de independência era que muitos dos muçulmanos indianos não queriam ser uma minoria sob o controle dos hindus. Seu líder, Mohammed Jinnah, exigia um país separado, desmembrado daquelas regiões onde os muçulmanos eram maioria. Gandhi, por outro lado, ficava horrorizado com a ideia de uma Índia fragmentada, e chegou mesmo a oferecer aceitar o governo muçulmano sobre todos os hindus se isso mantivesse o país intacto. Outros nacionalistas hindus, contudo, ficavam horrorizados, da mesma forma, com a solução de Gandhi.

Nos meados da década de 1930, quando finalmente começaram a considerar a ideia de uma eventual independência para a Índia, os britânicos haviam colocado o dia verdadeiro desse evento para bem longe, em um futuro vago, mas então a Segunda Guerra Mundial exauriu a Grã-Bretanha, fazendo com que ela abandonasse o império muito mais cedo. O primeiro plano previa uma federação de estados autônomos, mas exatamente quando os britânicos davam os toques finais no plano, em 1946, Jawaharlal Nehru, líder dos hindus, mencionou casualmente que o plano iria sofrer modificações. Sentindo que estavam sendo ludibriados, os muçulmanos em Calcutá se rebelaram. Em três dias haviam sido mortas 5 mil pessoas em *pogroms* desencadeados alternadamente na cidade por

muçulmanos e hindus. Depois que os distúrbios se propagaram pelo país, o número de mortos quadruplicou. O tráfego de veículos ficou engarrafado com o número de cadáveres empilhados nas ruas.

Por fim os ânimos se acalmaram por tempo suficiente para que se elaborasse um novo plano. As regiões de maioria muçulmana da Índia britânica foram reunidas para formar o país soberano chamado Paquistão. As províncias da fronteira com o Irã e o Afeganistão eram tão fortemente muçulmanas que puderam ser facilmente incorporadas ao Paquistão, mas duas províncias interiores, Bengala e Punjab, constituíam um problema especialmente difícil, porque ambas as religiões eram igualmente comuns e se entrelaçavam por toda aquela área. Essas províncias precisavam ser repartidas entre regiões de maioria hindu e muçulmana. O representante britânico, chamado Sir Cyril Radcliffe, recebeu a ingrata e impossível tarefa de estabelecer fronteiras justas. Sua principal qualificação era que ele nunca estivera antes na Índia e presumivelmente agiria com imparcialidade. Ele se trancou com mapas censitários socioétnicos, um lápis e uma borracha, e com absoluta autoridade para fazer o que quisesse. As fronteiras exatas só foram anunciadas na noite de 14-15 de agosto de 1947, no dia da independência.²

Lorde Louis Mountbatten foi nomeado o último vice-rei da Índia, e ele queria terminar com aquilo. Embora assessores houvessem sugerido uma programação gradual do processo de independência, com a soberania passando progressivamente, uma etapa de cada vez, para as mãos dos indianos, Mountbatten insistiu em libertar o subcontinente de uma só vez, dentro de um ano. Ele não queria ser colhido pela guerra civil que se esboçava na Índia.³

Antes mesmo de a independência chegar, a violência das multidões havia começado a fazer o expurgo das minorias nas comunidades, tentando remover qualquer desculpa para aquelas áreas serem alocadas ao país errado. Hindus enraivecidos com muçulmanos, por eles terem forçado a divisão do país, cometeram os primeiros assassinatos, mas a matança logo se apossou dos dois lados, cada um procurando se vingar de alguma atrocidade que o outro acabara de cometer.

Milhões de indianos tentaram escapar da violência, que continuou até mesmo quando o dia da independência chegou e passou. Colunas de refugiados fugindo de suas antigas casas eram frequentemente emboscadas e chacinadas. Os trens muitas vezes tinham de atravessar um cinturão de tiroteio vindo de metralhadoras montadas ao longo da via

férrea. Se os trens parassem, os passageiros eram arrancados gritando e chacinados às dezenas, centenas e por fim aos milhares.⁴ Silenciosos “trens fantasmas” chegavam às estações puxando vagões de carga cheios apenas de cadáveres e moribundos, gemendo em poças de sangue coagulado.⁵

Gandhi acampou nos arredores de Calcutá, em greve de fome de protesto contra a violência, e foi ficando cada vez mais fraco com a falta de alimento. Sua ascendência espiritual sobre o povo indiano era tão grande que eles lhe obedeceram, e a província de Bengala foi poupada do pior da violência.

Em novembro de 1947, depois que todas as pessoas colhidas do lado errado da fronteira haviam sido mortas ou então estavam exiladas, o morticínio parou subitamente. Durante meses caóticos, mais de 14 milhões de pessoas haviam fugido de suas casas, sendo 7,3 milhões de hindus e sikhs vindos do Paquistão, e 7,2 milhões vindos da Índia.⁶ Visto nas devidas proporções, o fato de que aproximadamente o mesmo número de hindus e muçulmanos ficaram do lado errado provavelmente significa que Radcliffe traçara a fronteira com a maior justeza que era humanamente possível.

Entretanto, a violência causada pela divisão do país ainda faria mais uma vítima. Em janeiro de 1948, um fanático hindu assassinou Mahatma Gandhi por ter traído o seu lado e se preocupado com as vidas do inimigo.⁷

MAO TSÉ-TUNG

Número de mortos: 40 milhões

Posição na lista: 2

Tipo: ditador comunista

Época: 1949-76

Localização: China

Linha divisória ampla: o novo *versus* o velho

Principal Estado participante: República Popular da China

Quem geralmente leva a maior culpa: Mao, pessoalmente, e o comunismo, em geral

Outra praga: a república popular insana

Como a maior parte das pessoas que fizeram dos meados do século XX um tempo tão perigoso para se viver, a vida de Mao Tsé-tung é entrelaçada com diversos dos meus principais multicídios, mas ele tem a segunda posição na lista puramente como governante da China por um quarto de século. Mao é quase que certamente o indivíduo mais mortal da história a ter semeado o horror dentro de um único país.

Ele foi um autêntico ideólogo. Em vez de acomodar-se e gozar o prazer de ser o único senhor de tudo o que conseguira, estava constantemente remexendo no modo como seu país funcionava. É óbvio que isso o torna mais perigoso do que um ditador que simplesmente reserva para si um percentual dos contratos do governo ou leva para a cama as mulheres de bajuladores ambiciosos. Em vez disso, ele desorganizou a agricultura num país que pairava perigosamente perto da inanição, e incitou multidões enfurecidas a atacar qualquer um que não mostrasse o devido entusiasmo com as suas políticas.

A vitória da revolução

Em abril de 1949, Chiang Kai-shek fugiu da China continental para o exílio em Taiwan (ver “A Guerra Civil Chinesa”), e, depois de algum tempo limpando o terreno, Mao Tsé-tung proclamou a nova República Popular da China no dia 1^o de outubro. Durante o primeiro ano dessa nova era, a China foi governada por uma camada de cães de guarda comunistas, colocados acima da velha burocracia nacionalista, mas era claro que isso não poderia durar para sempre. A guerra da Coreia deu a Mao tanto um

motivo como uma desculpa para aumentar a segurança.¹

A década de 1950 viu uma fieira de movimentos políticos estabelecidos com o objetivo ostensivo de moldar a nova China de acordo com as linhas marxistas, mas principalmente para deixar todo mundo inquieto e evitar que estruturas rivais criassem raízes. Os objetivos de cada campanha foram reduzidos a listas numeradas e colocadas nos quadros de avisos. Certas classes eram escolhidas como alvos durante alguns meses, com acusações, traições, prisões, suicídios, expurgos e espancamentos, até que Mao se cansasse de estar indo naquela direção. Então ele começava uma outra campanha. Novos inimigos eram vilipendiados e perseguidos. Os presos sobreviventes da campanha anterior podiam ser soltos e reabilitados, enquanto seus perseguidores tornavam-se subitamente o novo foco das denúncias de Mao.²

A primeira salva de tiros foi a campanha de Supressão dos Contrarrevolucionários, de outubro de 1950 a outubro de 1951, que eliminou todos os traços do antigo regime nacionalista. “Bandidos” e “espiões” foram caçados, geralmente por alguém que apoiara ativamente o antigo governo. Simpatizantes aposentados dos nacionalistas foram arrastados à humilhação pública, espancados ou exilados. Em 9 de maio de 1951, um relatório interno observava com orgulho que a população fora amedrontada, “a boataria diminuía e a ordem social fora estabelecida”.³ Todas as armas que haviam se acumulado durante um quarto de século de guerra civil foram recolhidas, e era proibido a qualquer pessoa mudar de residência sem permissão. O crime organizado foi virtualmente eliminado enquanto os *verdadeiros* gângsteres, piratas e bandidos eram mortos ou presos com poucas formalidades.

A Reforma Agrária simultânea ocasionou a destruição da classe de proprietários de terras. Os camponeses foram encorajados a se apoderarem das terras e a atacar os proprietários. Mao preferia matanças públicas para produzir o máximo impacto. “Uma jovem meio chinesa, da Grã-Bretanha, assistiu a um comício no centro de Pequim quando cerca de duzentas pessoas foram obrigadas a desfilar e depois fuziladas com um tiro na cabeça de modo que seus miolos se espalharam pelos espectadores.”⁴ Milhões de prisioneiros foram obrigados a trabalhar nos recém-estabelecidos campos *laogai*, que quer dizer “reforma por meio do trabalho”. A maioria das autoridades calcula que esses primeiros expurgos mataram entre 1 e 3 milhões de pessoas.

A campanha dos Três Antis, entre o final de 1951 e maio de 1953,

visava eliminar o mau uso do dinheiro governamental por funcionários civis. As palavras-chave eram anticorrupção, antidesperdício e antiburocratismo. Quase 4 milhões de funcionários do governo foram presos e interrogados com brutalidade. Mao estabeleceu uma quota que previa que pelo menos 10 mil fraudadores deveriam ser condenados à morte, mas aconteceu que ele superestimou o grau de corrupção do antigo regime, e relativamente poucos fraudadores foram descobertos. De qualquer modo, o propósito subjacente da campanha era colocar as finanças do governo firmemente sob o controle de Mao, e isso funcionou.

Em seguida, veio a campanha dos Cinco Antis, entre janeiro de 1952 e maio de 1953. Os homens de negócios foram, coletivamente, acusados de solapar a integridade fiscal do Estado, enquanto os comunistas se dedicavam a fazer cessar, primeiro anti, a sonegação de impostos; segundo anti, o suborno; terceiro anti, a corrupção nos contratos governamentais; quarto anti, o furto de informações econômicas; e quinto anti, o roubo de bens governamentais. A princípio, os homens de negócios eram reunidos em sessões de crítica em grupo, durante as quais eram encorajados a confessar seus crimes e denunciar os rivais. Depois os comitês de trabalhadores desfilavam com tambores e estandartes para encorajar mais ações. Os homens de negócios eram então levados a reuniões públicas para serem insultados. Embora poucos tenham sido mortos ostensivamente, a humilhação, os insultos e o assédio levaram muitos ao suicídio.

A campanha das Cem Flores

Em fevereiro de 1956, três anos depois que Stálin morrera, o novo líder da União Soviética, Nikita Khrushchov, se sentiu seguro no poder para poder denunciar Stálin. Mao decidiu fazer ainda melhor. Em fevereiro de 1957, estimulou abertamente as críticas ao partido e à direção que tomava a sociedade. “Deixemos que brotem cem flores”, anunciou ele, pedindo que fossem apresentadas novas ideias. Ele queria que os intelectuais da China discutissem a política. Encorajou as pessoas a abrir suas mentes. Queria sugestões e críticas. De verdade. Não era um truque. Cartazes criticando o regime foram colados por toda parte e lá permaneceram. Depois que algumas vozes cautelosas se atreveram a falar, sem que houvesse punição, as pessoas foram percebendo aos poucos que talvez Mao tivesse realmente boas intenções. Começaram a oferecer algumas sugestões. Logo irromperam todos os tipos de ressentimentos que as pessoas vinham

recalcando por oito anos.⁵

Ou talvez aquilo *fosse* um truque. Mao considerava Khrushchov fraco, por ele ter aberto a sociedade soviética e arrastar na lama o bom nome de Stálin. Em abril, o governante chinês disse para uns poucos escolhidos que “os intelectuais estão começando a... modificar seu ânimo de cauteloso para mais aberto... Um dia a punição cairá sobre suas cabeças... Nós queremos que falem abertamente. Aguentem firme e deixem que eles ataquem!... Que todos esses demônios-boi e demônios-serpente... nos agridam durante alguns meses”. Como ele mais tarde explicou: “Como podemos pegar a serpente se não a deixarmos sair de sua toca? Queremos que esses filhos de tartaruga se contorçam e cantem e peidem... de modo que possamos pegá-los.”⁶ Os críticos de Mao dizem que esse era seu plano diabólico desde o início; os defensores de Mao explicam que ele começou com as melhores intenções, mas se sentiu surpreendido, insultado e, francamente, um pouco ofendido quando as pessoas começaram a criticá-lo, de modo que fez com que todos fossem punidos. Eu não sei por que isso é melhor do que “esse era seu plano diabólico desde o início”.⁷

As cem flores foram atingidas por uma ceifadeira quando começou a campanha Antidireitista, em junho de 1957. Agora que o governo sabia exatamente quais eram os insatisfeitos, a classe intelectual começou a ser expurgada. Os cientistas, é claro, especialmente os cientistas nucleares, ficaram de fora. Mas todo mundo mais que se pronunciara foi despachado para campos de trabalho forçado para cortar madeira ou labutar em depósitos de minérios radioativos.

Mao também usou a campanha Antidireitista para enfraquecer os membros de seu círculo mais chegado, que estavam ganhando uma força perigosa. Ele encorajou fanáticos a desafiar a lealdade dos moderados dos altos escalões do poder. Sobre a pressão que borbulhava embaixo, antigos aliados, como Zhou Enlai e Liu Shaoqi, foram forçados a se humilhar defronte do Congresso do Partido. Todos os amigos deles os renegaram, e os aliados os denunciaram. Embora não tenham sido expurgados, perderam todo o poder, e Mao ficou livre, por algum tempo, de suas pérfidas manobras.

Estilo de vida

Mao tirou o máximo proveito de ser senhor de um quarto da humanidade. Ele tinha grupos de lindas mulheres selecionadas e destinadas para seu

prazer. Possuía mais de cinquenta *villas* na zona rural. Montanhas e beiras de lago inteiras foram isoladas com cercas para seu desfrute pessoal. Era comum que cada cidade importante tivesse uma opulenta propriedade destinada especificamente para seu uso.⁸

Sua falta de higiene era conhecida. Preferia roupas velhas, confortáveis, e por fim impôs seu estilo de vestir a todo o país. Nunca escovava os dentes, mas, em vez disso, bochechava com chá e mastigava as folhas. Seus dentes eram cobertos com uma película verde, e ligeiramente frouxos, balançando nas gengivas que frequentemente exsudavam uma secreção purulenta. Dizem que ele passou 25 anos sem tomar banho. “Uma perda de tempo”, alegava. Em vez disso, fazia com que um criado o esfregasse com uma toalha quente. Essa ausência de banho não era devido à sua aversão pela água. Ele adorava nadar, até mesmo nos esgotos flutuantes de rios perigosamente poluídos. Gostava especialmente de nadar em poços particulares, com seus grupos de mulheres nuas, para lhe dar prazer.⁹

Política externa

Por volta de 1953, quase todos os estrangeiros não soviéticos já haviam sido expulsos da China. Os missionários foram mandados embora. Médicos e engenheiros fugiram. Professores, jornalistas e comerciantes também foram expulsos. Os turistas não ousavam viajar para lá. Durante os próximos vinte anos a China estaria fechada para o escrutínio estrangeiro.

Mao era um pária no cenário internacional. Até a década de 1970, as Nações Unidas e o Ocidente continuavam a reconhecer o fugitivo governo nacionalista em Taiwan como o governo legítimo da China. Isso não era teimosia da parte dos capitalistas. Uma oferta britânica de reconhecer a República Popular foi rejeitada de pronto por ela própria porque o Reino Unido se recusava a romper completamente as relações com Taiwan.¹⁰

Em 1950, Mao lançou alguns milhões de soldados na guerra da Coreia, contra os Estados Unidos e o Reino Unido, tornando essa ação a última guerra aberta entre grandes potências na história, até agora. Entre as centenas de milhares de chineses mortos estava um dos filhos de Mao.¹¹ Depois da morte de Stálin, em 1953, Mao começou a se afastar do bloco comunista também. Em 1964, depois de um imenso esforço de pesquisa que consumiu os recursos econômicos do país, os chineses explodiram uma bomba atômica. Em 1969, a China travou uma pequena guerra de fronteira com os soviéticos. Defrontado com a primeira guerra aberta

entre potências nucleares, o mundo prendeu a respiração, até que os combates terminaram sem que fossem detonadas quaisquer bombas nucleares.

O resultado de tudo isso foi que, durante muitos anos de turbulência, o país mais populoso da Terra ficou em ebulição, retirado do mundo, uma nação secreta, xenofóbica e fanática, armada com as mais poderosas armas conhecidas do homem.

O Grande Salto à Frente

Começando em 1958, Mao tentou ultrapassar a produção industrial do restante do mundo num piscar de olhos. Ele assegurou a assessores preocupados que a China tinha alimento bastante, mais do que bastante, na verdade alimento demais, de modo que os camponeses podiam facilmente ser transferidos para trabalhar nas fábricas.

A teoria comunista não confiava nos camponeses. Eles eram considerados atrasados demais para compreender as forças históricas que acionavam a revolução, e tímidos demais para quebrar suas cadeias. Transformá-los em verdadeiros proletários industriais aprofundaria a revolução.

Mao agrupou os vilarejos agrícolas em gigantescas comunas. Toda a terra, animais, casas e árvores deveriam ser cedidos à comuna. A casa de uma família poderia ser desmembrada em partes, se necessário. Os residentes tinham de comer em cantinas comunitárias, em vez de fazê-lo em casa. Toda a população da China foi levada a usar os uniformes feios, folgados que Mao usava, os quais escondiam toda a individualidade. Durante algum tempo, o ditador tentou fragmentar as famílias, e fazer toda a nação viver em alojamentos, separados por idade e sexo.

Como acreditava que os números da produção de ferro e aço eram a medida verdadeira da força de uma nação, decretou que todas as pessoas deveriam fazer com que a produção desses metais dobrasse no período de um ano. Se não houvesse uma fábrica perto, elas deveriam derreter os metais em casa. Para atingir quotas arbitrárias de produção, as comunas arrecadavam as ferramentas, utensílios de cozinha, grampos de cabelo e maçanetas de portas para serem derretidos. Por meio desse esforço gigantesco, a produção de aço saltou de 5,3 milhões de toneladas para 10,7 milhões de toneladas em um ano, mas apenas as usinas de aço já existentes produziam alguma coisa que pudesse servir. Esses milhões de

toneladas de aço novo, feito em casa, ficaram inúteis.¹²

A urbanização maciça tirou das fazendas 90 milhões de camponeses, privando a terra não apenas de sua mão de obra, mas também da experiência e da sabedoria popular que eles tinham.¹³ Desapareceram gerações de aprendizado em como cultivar a terra, enquanto ideólogos em Pequim ditavam a política agrícola. A quantidade de hectares cultivados caiu juntamente com o número de camponeses que saíram das fazendas. Então veio uma seca.

A combinação criou a pior crise de fome da história, na qual dezenas de milhões de pessoas morreram. A produção de cereais caiu de 200 milhões de toneladas em 1958 para 144 milhões em 1960. O número de suínos caiu 48% entre 1957 e 1961. As pessoas se viravam como podiam, comendo tortas de damasco, palha de arroz e sabugos de milho, enquanto Pequim se recusava a admitir que alguma coisa estava errada. Para provar ao mundo que o Grande Salto era um sucesso, a China exportou cerca de 5 milhões de grãos em 1959.¹⁴

Será que a fome foi realmente culpa de Mao? Foi maldade, negligência teimosa ou apenas a falta de cuidado que matou 30 milhões de chineses? Devese admitir que nenhuma dessas razões fará com que ele mereça uma avaliação satisfatória no desempenho de suas funções como governante, mas faz diferença se os historiadores o relacionam entre as mais cruéis personalidades da história, ou simplesmente entre os dez mais incompetentes.

Maurice Meisner: “Mao Tsé-tung, o principal autor do Grande Salto, carrega obviamente a maior responsabilidade moral e social pelo desastre humano ocasionado por sua aventura. Mas isso não o torna o assassino em massa, da ordem de um Hitler ou um Stálin, como é atualmente moda retratá-lo... Há uma vasta diferença moral entre consequências não intencionais e não previstas decorrentes de ações políticas, de um lado... e, de outro lado, genocídio deliberado e premeditado.”¹⁵

Amartya Sen: “O fato particular de que a China... experimentou uma gigantesca fome no período 1958-61... teve muito a ver com a ausência de liberdade de imprensa e de oposição política. As políticas desastrosas que pavimentaram o caminho para a fome não foram alteradas durante três anos, enquanto a falta de alimentos se alastrava, e isso só foi possível com a quase total supressão de notícias sobre a fome, e a total

ausência de críticas da imprensa para o que estava acontecendo na China.”¹⁶

Jung Chang e John Halliday: “O Salto de quatro anos foi um monumental desperdício tanto de recursos naturais quanto de esforço humano, único dessa escala na história do mundo. Uma grande diferença entre outros regimes perdulários e ineficientes e o regime de Mao é que a maioria dos regimes predatórios rouba suas populações depois de um trabalho de intensidade relativamente baixa, enquanto Mao primeiro fez todo mundo trabalhar incansavelmente, depois se apossou de tudo e por fim malbaratou o que pegou.”¹⁷

Os erros do Grande Salto à Frente continuaram a matar muitos anos depois do encerramento oficial do programa. Uma enorme rede de represas e reservatórios mal-planejados e construídos sem técnicas apropriadas foi feita nos rios da província de Henan em 1961. Um engenheiro que criticou o projeto e a construção desse sistema foi expurgado como um “oportunista da ala direita”. Depois, em agosto de 1975, chuvas fortes fizeram transbordar os dois principais reservatórios. Quando as águas avançaram avassaladoramente pelo leito do rio, toda a rede de 62 represas entrou em colapso. Oitenta e cinco mil, número oficial, ou 230 mil, número extraoficial, de pessoas morreram nesse desastre.¹⁸

O Tibete

Embora a antiga nação do Tibete houvesse sido ocupada imediatamente depois da Guerra Civil Chinesa, em 1950, a cultura nativa foi deixada praticamente intocada até março de 1959, quando a fome e os confiscos ocorridos durante o Grande Salto à Frente desencadearam distúrbios nacionalistas na capital, Lhasa. As tropas chinesas enviadas para esmagar os insurgentes tinham ordens de erradicar qualquer foco de nacionalismo tibetano. Os chineses demoliram incontáveis templos e destruíram sistematicamente estátuas, pinturas e livros.

Muitos séculos de história pristina foram apagados em poucos anos. Dos 2.500 mosteiros existentes no país antes de 1959, apenas setenta estavam de pé dois anos depois. O número de monges e monjas caiu de 100 mil para 7 mil, mas apenas 10 mil dos desaparecidos conseguiram escapar em segurança para o exterior. Quando a resistência foi eliminada,

incontáveis milhares de tibetanos haviam morrido em mãos dos chineses.¹⁹ A população do Tibete caiu de 2,8 milhões em 1953 para 2,5 milhões em 1964.²⁰

A Grande Revolução Cultural do Proletariado

O fracasso do Grande Salto à Frente afrouxou o controle férreo de Mao sobre o governo e deu aos moderados mais força. Mao foi afastado do verdadeiro centro do poder e transformado numa figura de proa, enquanto os postos governamentais importantes eram entregues a diversos moderados. Liu Shaoqi ficou sendo o chefe de Estado, e Deng Xiaoping, o presidente do partido. Em vez de aceitar essa aposentadoria imposta, Mao usou a única arma de que ainda dispunha, sua influência espiritual sobre o povo chinês. Desencadear uma nova onda de entusiasmo revolucionário poderia alijar os moderados do poder. Como os principais centros do poder haviam se voltado contra ele, Mao apoiou-se na sua quarta e última esposa, Jiang Qing, e o círculo de amigos dela. Entre os mais importantes deles estava Lin Biao, comandante do exército.²¹

O tiro inicial da Revolução Cultural foi fraco e provisório. Em novembro de 1965, um crítico literário arrasou com uma peça popular que continha uma sátira evidente a Mao, sob o disfarce de um imperador Ming.²² Dentro de seis meses, cartazes nas grandes cidades já haviam denunciado os principais moderados do país. Com a máquina do partido nas mãos dos moderados, Mao açulou os quadros ideológicos de estudantes para fazer o trabalho sujo. Ele mesmo ficou à parte das lutas.

A primeira morte registrada por tortura aconteceu no dia 5 de agosto de 1966. Um exame de estudantes denunciou e apossou a diretora de uma prestigiosa escola de moças destinada a filhas de importantes figuras do governo. Eles a cobriram de pontapés e a pisotearam, forçando-a a carregar tijolos até que ela desmaiou e finalmente os estudantes a surraram com seus cintos e com paus até que ela morreu.²³

Duas semanas mais tarde, Mao, envergando o uniforme do exército pela primeira vez desde a guerra civil, postou-se de pé no alto do portão Tiananmen para passar em revista uma parada da nova organização de entusiásticos estudantes, os Guardas Vermelhos. Mais tarde, naquela mesma semana, os Guardas Vermelhos reuniram trinta dos mais conhecidos escritores, músicos e artistas da nação numa biblioteca para insultá-los e espancá-los, enquanto livros, objetos de arte e outros artefatos

culturais eram queimados numa fogueira.

Apenas em Pequim, durante agosto e setembro, 34 mil casas foram invadidas. Manuscritos antigos foram queimados, quadros receberam cortes, instrumentos musicais foram quebrados. Cerca de 1.800 pessoas foram espancadas ou torturadas até a morte, e antes que tudo terminasse, 5 mil dos 7 mil monumentos históricos registrados foram destruídos.²⁴

Durante a Revolução Cultural, os Guardas Vermelhos foram encorajados a correr desembestados, destruindo todos os vestígios de um passado proibido, agitando na mão o livrinho vermelho com as citações de Mao, e que todo mundo na China tinha de comprar. Pensadores desviados da linha oficial foram arrastados e obrigados a desfilar pelas ruas com chapéus de burro. Qualquer traço da influência ocidental ou da tradição confuciana deveria ser erradicado.²⁵ Homens eram espancados pelo mero fato de possuírem gravatas.²⁶

Em janeiro de 1967, o ministro do carvão tornou-se o primeiro funcionário de primeiro escalão na China a ser torturado até a morte. Ele foi retalhado, espancado e esmagado contra um chão de concreto. O chefe de Estado do país, Liu Shaoqi, e sua esposa foram publicamente espancados e torturados em um auditório cheio de vociferantes Guardas Vermelhos, e mais tarde o marido foi morto na prisão. Dois de seus filhos também foram mortos. Deng Xiaoping foi mandado para um campo de trabalhos forçados. Zhou Enlai sobreviveu aos expurgos apenas porque permanecera amigo da mulher de Mao, Jiang Qing, quando ela ficou malvista na década de 1950.²⁷

Na província meridional de Guangxi, multidões fanáticas estraçalharam e comeram pelo menos uma centena de inimigos do Estado. As lanchonetes tinham cadáveres pendurados nos ganchos para carne e os serviam aos trabalhadores. Os estudantes mataram, cozinham e comeram seus diretores.²⁸

Um estudo sugeriu que os Guardas Vermelhos mais fanáticos eram os filhos de pais de classe média vítimas de expurgos prévios. Ou eles estavam tentando provar sua lealdade, ou tirar revanche, fica a critério de cada um acreditar; provavelmente um pouco de cada motivo. Como regra, no entanto, famílias inteiras eram arrancadas de suas casas e punidas por quaisquer crimes de autoria de alguém da casa.

Mao começou a refrear as forças da destruição depois de 1968. Como aconteceu com tantos de seus planos ardilosos, ficou óbvio depois de alguns anos que a Revolução Cultural estava solapando a viabilidade da

China. Como a maioria das escolas chinesas ficara fechada durante o movimento, uma geração inteira entraria na idade adulta com uma evidente baixa escolaridade. Agora que os Guardas Vermelhos haviam eliminado os moderados, era hora de frear os fanáticos. Eles foram dispersos no interior, para trabalhar nas fazendas e revigorar suas identidades de classe trabalhadora. Foi uma bem-sucedida desculpa para diluir o poder concentrado dos guardas. Os Guardas Vermelhos que tentaram permanecer nas cidades foram depois caçados e mortos pelos soldados de Lin Biao.²⁹

Crepúsculo

Embora Lin Biao fosse reconhecido como eventual sucessor de Mao, houve uma época, no início da década de 1970, durante a qual observadores externos perceberam que não o viam havia algum tempo. Decorreu quase um ano antes que o governo chinês oferecesse uma explicação concisa e umas poucas fotografias inúteis.

Aparentemente Mao sentira que Lin estava ficando um pouco impaciente para que ele, Mao, morresse de causa natural. A desconfiança mútua foi subindo de tom, e, por volta de 1971, Lin percebeu que o chefe iria virar de bordo de novo. Ele planejou um golpe, mas a conspiração foi descoberta, possivelmente pela esposa de Mao, uma proeminente figura radical, que se movimentava nos mesmos círculos que Lin, mas que perderia seus privilégios se seu marido fosse deposto. Quando Lin tentava fugir para a Rússia, seu avião caiu antes da chegada àquele país, matando, convenientemente, toda a família e o grupo de seguidores.³⁰ Talvez tenha sido um acidente, talvez não.

Com a facção radical manchada com a traição de Lin, os moderados de Zhou Enlai voltaram. Os sobreviventes dessa facção foram sendo gradualmente libertados dos campos de trabalhos forçados, lavados, engordados e empossados de novo nas posições de poder. O mais notável entre eles era Deng Xiaoping, que no final se tornaria o líder da China durante a fase de descomunização do país, nas décadas de 1980 e 1990. A facção radical, agora sob a liderança da esposa de Mao, Jiang Qing, perdeu sua primazia, mas ainda estaria segura enquanto Mao vivesse. Logo depois da sua morte, eles seriam presos, sendo conhecidos como a notória Gangue dos Quatro.

No início da década de 1970, a idade avançada começou a pesar em

Mao. Durante essa fase, ele se retirou da vida pública, e sua própria existência começou a ser posta em dúvida, a menos que se apresentasse periodicamente e fosse colocado defronte das câmeras. Seu regime se arrastou por mais uns poucos anos, esperando sua morte, o que finalmente aconteceu em 1976.

Número de mortos

Ninguém saberá ao certo até a República Popular cair e seus arquivos ficarem disponíveis, mas o consenso é que o governo de Mao foi responsável por dezenas de milhões de mortes. O Relatório Walker de 1971, para o Congresso Norte-Americano, calculava que cerca de 32 a 59,5 milhões de pessoas foram mortas durante o governo da República Popular.³¹ Em 1997, o *Black Book of Communism* [*O livro negro do comunismo*] estimou em 65 milhões as mortes sob o governo de Mao.³² *The Unknown Story* [*A história desconhecida*], de Jung Chang e John Halliday, pôs a cifra total em 70 milhões.³³ Os defensores de Mao, e, espantem-se, mas ele tem defensores, lembrarão que essas três fontes dificilmente podem ser consideradas imparciais, o que é verdade, mas é óbvio que muitas pessoas bem equilibradas consideram um número alto de mortos bem plausível.

Os números de mortos em matanças em massa específicas são também incertos:

- As estimativas do número de inimigos políticos mortos durante os primeiros expurgos depois da tomada do poder são dispersas, mas a maioria cai entre 1 e 3 milhões.³⁴
- A maior parte das numerosas mortes sob o governo de Mao foram causadas pela fome durante o Grande Salto à Frente. Jasper Becker cita diversos estudos que colocam o número total de mortes por fome em qualquer coisa entre 19 e 46 milhões, mas ele escolhe os 30 milhões, de Judith Banister, “como o cálculo mais confiável que temos”.³⁵
- O número de mortos durante a Revolução Cultural é puro palpite, com pelo menos uma estimativa de segunda mão chegando a 20 milhões.³⁶ Entretanto, a maioria dos comentaristas sugere algo entre meio milhão e até uns poucos milhões de mortos.³⁷

- Basta somarmos o número de mortos desses três episódios para termos uma contagem de mortes plausível, indo de 20,5 milhões a 51 milhões, com a cifra mais provável ficando nas vizinhanças de 33 milhões.

Esses primeiros expurgos, o Grande Salto à Frente e a Revolução Cultural representam os três picos da taxa de mortalidade sob Mao, mas quantos morreram na tirania de seu governo, no dia a dia, em eventos não excepcionais? Cálculos quanto ao número de mortos nos campos de trabalhos forçados têm variado de 15 milhões, de Harry Wu,³⁸ passando por 20 milhões, de Jean-Louise Margolin,³⁹ e chegando a 27 milhões, de Jung Chang e John Halliday,⁴⁰ mas esses cálculos são grandemente baseados em presumidas populações dos campos de trabalho e presumidas taxas de mortes anuais extrapoladas de pequenas amostras de relatos não oficiais. São palpites demais, enfileirados, para inspirar confiança. Realisticamente, a taxa anual de mortes oriundas da repressão do dia a dia provavelmente não excedeu a taxa anual de mortes dos maus, realmente maus, anos durante os primeiros expurgos (1 a 2 milhões em quatro anos), e a Revolução Cultural (também 1 a 2 milhões em quatro anos). Isso significa que deveríamos esperar consideravelmente menos do que meio milhão de pessoas mortas em cada ano vagaroso, nos dando, no máximo, 9 milhões de mortes adicionais associadas com os 1,5 a 5 milhões de mortos durante os grandes movimentos relacionados anteriormente.

Em resumo, o melhor palpite seria de 30 milhões de mortos pela fome, talvez mais 3 a 4 milhões executados, massacrados, levados ao suicídio ou mortos na prisão durante os grandes movimentos, e talvez duas vezes isso para cobrir os expurgos menores e as mortes nos campos de trabalho, num total geral em torno de 40 milhões.

A GUERRA DA COREIA

Número de mortos: 3 milhões de soldados e civis¹

Posição na lista: 30

Tipo: guerra civil ideológica

Linha divisória ampla: comunistas *versus* capitalistas

Época: 1950-53

Localização: Coreia

Principal Estado participante: Estados Unidos

Principais quase Estados participantes: República Popular Democrática da Coreia (Norte), República Popular da China, República da Coreia (Sul) e Nações Unidas

Estados participantes secundários: Austrália, Bélgica, Canadá, Colômbia, Etiópia, França, Grécia, Holanda, Filipinas, União Soviética, Tailândia, Turquia e Reino Unido perderam soldados na guerra

Quem geralmente leva a maior culpa: Coreia do Norte. (Ultimamente houve um esforço para atribuir parte da culpa à Coreia do Sul; no entanto, como o mundo inteiro, sob a égide das Nações Unidas, apoiou esse lado, já é um pouco tarde para mudar nossas opiniões.) Outra praga: a guerra terrestre entre superpotências na Ásia

Divisão

A Segunda Guerra Mundial terminou com o exército soviético na Manchúria, pronto para conquistar toda a colônia japonesa da Coreia, mas os americanos insistiram, em vez disso, numa ocupação conjunta, de modo que os vitoriosos repartiram a península ao longo do paralelo 38, numa zona soviética e noutra zona americana. Em cada uma delas, as potências patrocinadoras instalaram governos fantoches complacentes, visando criar uma nação à sua imagem.

Os soviéticos haviam mantido Kim Il-sung oculto na Sibéria justamente para isso. Kim chefiara guerrilheiros contra as forças japonesas de 1932 até 1941, quando fugira para a Rússia. Voltou para a Coreia com os soviéticos, no posto de major do Exército Vermelho.

Para a metade sul, os americanos trouxeram Syngman Rhee, um coreano cristão com Ph.D. da Universidade de Princeton. Para aumentar sua credibilidade, cada fundador de nação pós-colonial precisava apresentar uma sentença de prisão no seu currículo, e felizmente Rhee fora preso em 1897 por ter liderado demonstrações contra os japoneses. Depois que sua sentença à prisão perpétua foi revogada durante a anistia geral de 1904, ele foi estudar nos Estados Unidos, mas acabou exilado da

Coreia para sempre em 1912. Durante o levante de 1919 contra o Japão, fora proclamado presidente do governo coreano-no-exílio, mas a rebelião fracassou, de modo que ele nunca chegou a exercer a função.

A ilha de Cheju

As eleições na República da Coreia do Sul (ROK) estavam marcadas para maio de 1948. Esperava-se que não fossem muito corretas, mas que confirmassem Rhee como presidente. Enquanto os direitistas fugiam do norte comunista para o sul capitalista, desequilibrando o voto a favor de Rhee, os esquerdistas iam às ruas protestar contra o desmembramento do país. Devido aos distúrbios, a ilha de Cheju, um bastião do Partido Trabalhista da Coreia do Sul, não seria incluída nas eleições de maio, enfraquecendo ainda mais a ala esquerdista no sul. Os ânimos se exaltaram. A polícia atirou contra manifestantes em Cheju. No dia 3 de abril, os rebeldes revidaram atacando o posto policial local, matando cinquenta policiais. A ilha mergulhou mais ainda no caos.

Rhee enviou soldados, polícia, paramilitares e tudo o mais para Cheju, a fim de restaurar a ordem a todo custo. As autoridades prenderam os dissidentes na calada da noite, incendiaram vilarejos, estupraram moças e largaram cadáveres nas praias, insepultos. Quando o tumulto terminou, talvez 60 mil pessoas, um quinto dos moradores da ilha, haviam sido mortas.² O restante se escondera em cavernas, cuidando dos ferimentos, pranteando parentes mortos e tendo pesadelos.

As superpotências só estiveram marginalmente envolvidas nos acontecimentos de Cheju. Na maior parte, os americanos haviam deixado a reação para o governo sul-coreano. Quando os governos nativos assumiram, os soviéticos retiraram suas forças de ocupação no final de 1948, e os americanos fizeram o mesmo no início do ano seguinte.

Na Coreia do Norte, Kim Il-sung ficou com a esperança de que o levante de Cheju se alastrasse e depusesse Rhee da presidência. Quando tal coisa não aconteceu, os comunistas decidiram fazer isso na marra.

Ataque

As duas Coreias vinham fazendo incursões no território uma da outra desde 1948, mas ambas as potências patrocinadoras tentavam evitar a escalada da guerra civil. De fato, os americanos haviam deliberadamente

evitado fornecer muito armamento pesado à ROK para não deixar que Rhee invadisse o norte. Nem os soviéticos nem os americanos queriam que para o futuro da civilização fosse travado um conflito final ali. Em vez disso, seus olhos estavam voltados para a Europa.

Kim Il-sung, entretanto, sabia que sua melhor oportunidade era agora. Alguns anos de paz serviriam apenas para estabilizar e reforçar a Coreia do Sul. Numa visita a Moscou, ele pediu a Stálin permissão para invadir o sul, mas Stálin hesitou; ele queria ouvir a opinião de Mao Tsé-tung antes de concordar com qualquer coisa. Kim correu para Pequim e disse a Mao que “papai disse que está bem, se você concordar, mamãe”. É claro que essas não foram as palavras exatas, mas o fato é que Mao aprovou.³

O ataque de 120 mil soldados da Coreia do Norte, atravessando o paralelo 38, no dia 25 de junho de 1950, tomou o mundo de surpresa. O exército da Coreia do Sul foi derrotado e fugiu desordenadamente. A princípio, presumiu-se que os americanos não considerariam a defesa da Coreia do Sul um fator vital para seus interesses e que ficariam assistindo ao desenrolar da contenda, mas o presidente Harry Truman surpreendeu a todo mundo declarando sua intenção de defender aquele país.

Tropas americanas foram levadas às pressas de suas funções de ocupação no Japão, e lançadas no confronto. Essas primeiras unidades foram eliminadas rapidamente e bateram em retirada para o sul. Os comandantes americanos consideravam uma ação como bem-sucedida se seus soldados retardavam o inimigo, e depois se retiravam, sem abandonar o armamento pesado e os feridos. Isso era coisa bem rara; na realidade, estancar o avanço dos norte-coreanos estava além de sua capacidade.⁴

Truman pediu que as Nações Unidas autorizassem a intervenção internacional. Por sorte, esse pedido se seguiu quase imediatamente à Guerra Civil Chinesa, terminada em 1949, e a União Soviética boicotava a ONU, querendo impedir que o governo nacionalista tivesse assento no Conselho de Segurança. Isso significava que a União Soviética não estava presente para usar seu poder de veto quando a ONU autorizou uma ação de polícia para fazer cessar a invasão norte-coreana.

Logo depois da invasão, os soldados e a polícia sul-coreanos prenderam e fuzilaram quantos esquerdistas e dissidentes puderam, com medo de que ficassem para trás e reforçassem e ajudassem os invasores. Talvez mil tenham sido mortos em Suwon, 4 mil em Taejon e cerca de 10 mil em Pusan.⁵ Depois os norte-coreanos chegaram e massacraram os inimigos da classe e os líderes comunitários que poderiam se tornar foco de resistência

ao governo comunista. O resultado combinado foi que qualquer sul-coreano conhecido por ter opiniões, educação, bens imóveis ou alguma habilidade profissional podia ser fuzilado por um lado ou pelo outro.

Quando os boatos sobre os massacres se espalharam, cerca de 2 milhões de refugiados fugiram da frente de batalha que avançava. Comunistas infiltrados às vezes se misturavam a essas colunas de civis refugiados a fim de espreitar as tropas inimigas, visando armar uma emboscada, de modo que os americanos logo se recusaram a deixar os refugiados cruzar suas linhas. Durante a caótica retirada na direção sul, as tropas americanas alertavam os civis que se aproximavam com rajadas de metralhadora. Algumas vezes eles disparavam para o ar, às vezes para o solo, às vezes sobre a multidão. Os pilotos de caça americanos, que não podiam distinguir um grupo de coreanos de outro, metralhavam indiscriminadamente todo ajuntamento que percebiam.

O pior incidente conhecido ocorreu em No Gun Ri, onde centenas de refugiados ficaram acampados debaixo de uma ponte por diversos dias, logo além das linhas americanas, quando chegou uma ordem para matá-los a todos. Os americanos varreram a multidão com fogo de metralhadoras até que todo mundo parasse de se mexer. Cerca de trezentos homens, mulheres e crianças foram mortos naquele dia.

O exército sul-coreano foi empurrado para sua última linha de defesa em torno do porto de Pusan, atualmente Busan, na extremidade mais longínqua da península, ficando ali se defendendo contra todos os ataques comunistas. Os norte-coreanos haviam sofrido pesadas baixas no seu avanço e não conseguiram expulsar os sul-coreanos desse último bastião. Os comunistas rapidamente convocaram todos os jovens do território capturado, inclusive os prisioneiros de guerra do exército sul-coreano, mas ainda levaria tempo para treiná-los.

Contra-ataque

Quando a frente finalmente se estabilizou em torno do perímetro de Pusan, os planejadores americanos voltaram-se para o problema de restaurar a nação da Coreia do Sul. Em setembro de 1950, tropas americanas sob o comando do general Douglas MacArthur desembarcaram uma força de assalto anfíbia em Inchon, o porto de Seul. Isso os colocou à retaguarda do exército coreano, e bastante perto para atacar sua linha de suprimento. Quando as forças da ONU também saíram do cerco de Pusan para o

ataque, os comunistas se retiraram em pânico, deixando dezenas de milhares de prisioneiros para trás. Os americanos perseguiram os restantes, para além do paralelo 38.

A guerra poderia ter terminado nesse momento, quatro meses depois que começara, mas o serviço de inteligência informou que 30 mil soldados do norte haviam escapado da debacle do sul, e mais outros 30 mil recrutas estavam quase prontos para serem engajados na luta.⁶ MacArthur queria avançar além do paralelo 38 e destruir o exército norte-coreano de uma vez por todas. Ele assegurou ao presidente Truman que não haveria problema em liberar a Coreia do Norte dos grilhões dos comunistas. Com a cautelosa permissão de Truman, MacArthur saiu perseguindo o exército norte-coreano em retirada, além da antiga fronteira, até a capital do norte, Pyongyang, e por fim até o rio Yalu, que separa a Coreia da China.

Ao retomar Seul, os sul-coreanos e americanos encontraram muitos corpos, prisioneiros de guerra, estudantes, policiais, funcionários civis, homens de negócios, professores, todos alinhados em valas, com as mãos amarradas atrás, com arame farpado. Descobertas semelhantes acompanharam a reocupação em quase toda comunidade sul-coreana, mas nós ainda não temos certeza a quem cabe a maior culpa. Os sul-coreanos que recuavam podem ter matado cerca de 100 mil prisioneiros políticos da esquerda, e o governo da ROK calculou que os norte-coreanos, ao avançarem, mataram 26 mil inimigos da classe, número esse que depois foi recalculado para 120 mil, para abrir caminho para o governo comunista.⁷

A cidade de Taejon, por exemplo, sofreu um massacre duplo: o massacre de julho nas mãos dos sul-coreanos, e o massacre de setembro, de autoria dos norte-coreanos. Esses dois eventos mataram cerca de 5 mil a 7.500 civis em Taejon, mas os Estados Unidos lançaram a culpa desses morticínios inteiramente sobre o Norte, e este culpou inteiramente o Sul. Independentemente de quem matou mais civis, os 42 prisioneiros americanos de guerra encontrados amarrados e fuzilados em Taejon constituíram certamente um trabalho dos norte-coreanos.

A retirada dos comunistas fez piorar ainda mais a sorte dos prisioneiros que eles haviam feito. Os norte-coreanos geralmente matavam os prisioneiros estrangeiros, a menos que pudessem usá-los com propósito de propaganda, e, em outubro de 1950, quando se aproximava a queda de Pyongyang, eles meteram todos os prisioneiros americanos em trens que seguiam para o norte. Dezenas morreram de frio e fome durante a viagem de cinco dias, e 68 foram arrancados do trem e fuzilados no túnel de

Sunchon, bem para o norte. Ao todo, três em cada oito americanos aprisionados na guerra morreram nas mãos dos comunistas.⁸

As tropas sul-coreanas logo começaram a matar colaboradores suspeitos nos territórios recém-ocupados. Embora o alto-comando americano geralmente ignorasse essas ações, os britânicos eventualmente intervinham. “No dia 7 de dezembro, na Coreia do Norte ocupada, oficiais britânicos salvaram 21 civis alinhados para serem fuzilados, ameaçando atirar no oficial sul-coreano responsável pelo iminente massacre. Mais tarde, naquele mesmo mês, tropas britânicas se apoderaram da chamada Colina da Execução, nos arredores de Seul, para evitar que fossem feitas mais matanças no local.”⁹

Contra contra-ataque

O avanço de um exército americano na direção de sua fronteira preocupou os comunistas chineses. Mao Tsé-tung sabia que havia um forte sentimento no Ocidente para que se cruzasse o rio Yalu, e avançar sobre a China, já que estavam com as mãos na massa, de modo que começaram a despachar tropas para a Coreia, a fim de reforçar os remanescentes do exército norte-coreano. As primeiras levadas dessas tropas eram constituídas de jovens engajados fanáticos, que nunca haviam visto outra coisa na vida senão guerra. Haviam sido criados em enclaves comunistas que Mao defendera contra os japoneses, e também arrebatado o controle da China das mãos de Chiang Kai-shek.¹⁰

No período de uma semana, 100 mil chineses veteranos do Exército Popular da Liberação conseguiram se infiltrar através da fronteira sem serem notados pelo serviço de inteligência do Ocidente. O primeiro indício de que a guerra mudara de curso veio quando as unidades de vanguarda americanas e sul-coreanas foram rechaçadas e fugiram em pânico, acoissadas por tropas frescas usando estranhos uniformes acolchoados. Em seguida, alguns desses misteriosos soldados começaram a aparecer entre os primeiros norte-coreanos, falando uma língua tonal estranha, que confundiu e preocupou os primeiros interrogadores. Logo os chineses aumentaram seu efetivo o bastante para lançar um forte contra-ataque, empurrando de novo os americanos para o sul.¹¹

As forças da ONU mais ao norte recuaram para o litoral leste, a fim de serem evacuadas por mar, enquanto o restante começava a longa marcha para o sul. Os atacantes chineses eram incansáveis e inúmeros. O terrível

frio destruía os dedos dos pés e das mãos dos soldados, e congelava o sangue dos ferimentos. No final de novembro, o reservatório Chosin e o enorme efetivo do inimigo bloquearam a retirada dos americanos na extremidade mais ao norte e no centro da península. Vinte mil fuzileiros navais americanos tiveram de passar num “corredor polonês” de 200 mil chineses; os meses anteriores de combate, porém, já haviam ensinado os americanos a fazer uma retirada bem-sucedida em situação tática precária. Os americanos abriram caminho no bolsão a duras penas e escaparam para o sul, em ordem e praticamente com as tropas intactas, moralmente, se não fisicamente.

Os comandantes de campo americanos tentaram estabilizar a linha de frente perto da antiga fronteira, sobre o paralelo 38, mas os reforços necessários não chegavam a tempo. Washington temia que a intervenção chinesa na Coreia fosse apenas o primeiro estágio num assalto geral do comunismo em todo o globo. Embora os Estados Unidos estivessem aumentando apressadamente seu poderio militar com a convocação de reservistas e aumentando a conscrição, as novas tropas estavam retidas na reserva contra possíveis invasões da União Soviética na Alemanha, Turquia e Irã, em vez de serem enviadas para a Coreia.^a

Washington chegou mesmo a considerar a sugestão do general MacArthur de levar a guerra diretamente à China com bloqueio naval, reides aéreos e um ataque partindo de Taiwan pelo exército nacionalista. Depois de muito debate, a ideia foi abandonada. O presidente Truman certamente não queria expandir uma guerra na qual os americanos estavam ainda levando a pior. Infelizmente MacArthur continuou a defender seu plano, solapando o esforço de Truman para terminar rapidamente com a guerra, de maneira favorável, usando a diplomacia. Houve uma escalada na guerra de palavras, até que finalmente Truman demitiu MacArthur.

Nesse ínterim, o ataque comunista da véspera do Ano-Novo atravessou a antiga fronteira e Seul caiu novamente. Os americanos resolveram secretamente abandonar a península inteiramente se se vissem encurralados em Pusan de novo. Finalmente, depois de conquistarem metade da Coreia, os comunistas estenderam demais suas linhas de suprimento e não puderam mais progredir. As patrulhas americanas logo descobriram o quanto o inimigo estava desorganizado. Os Estados Unidos contra-atacaram, infligindo grandes perdas aos chineses.¹²

Impasse

O contra-ataque americano contra o contra contra contra-ataque chinês empurrou a linha de frente de volta para o paralelo 38, e depois para além dele, até que os comunistas consolidaram suas defesas, pararam, planejaram e lançaram um contra-ataque contra o contra contra contra contra-ataque. A linha de frente finalmente se imobilizou perto da antiga fronteira, de novo.

Em um ano de luta, a linha de batalha havia subido e descido na Coreia como um limpador de para-brisa de automóvel, até mesmo varrendo toda a península uma vez, de Pusan até o rio Yalu, de modo que não é surpresa que tenha ocorrido um terrível número de baixas colaterais. Ninguém nunca saberá com certeza, mas alguma coisa em torno de 2 milhões de civis morreram na guerra, a maioria de privações gerais, e não de propósito deliberado dos contendores.

Foram necessários meses de pequenas batalhas para que os americanos acertassem com precisão a nova linha de frente, que atendia pelo codinome de Kansas-Wyoming, a seu favor. Isso se deu principalmente com a conquista de posições onde os comunistas estavam entrincheirados. O último ajuste da linha Kansas-Wyoming foi feito em junho de 1951, e, depois disso, com os sul-coreanos aguentando a vantagem tática ao longo de toda a linha, enquanto as forças da ONU, paradas, apenas aguardavam que a diplomacia fizesse o resto.¹³

As negociações de paz emperraram na questão da troca de prisioneiros de guerra. O Ocidente não queria repetir o que acontecera na Segunda Guerra Mundial, quando relutantes prisioneiros soviéticos em poder dos alemães foram repatriados à força, apenas para serem punidos como traidores por Stálin. Descobriu-se que muitos prisioneiros de guerra mantidos na Coreia do Sul eram conscritos que não queriam voltar às mãos comunistas. Os soldados norte-coreanos eram frequentemente sul-coreanos arrebanhados pelos comunistas durante a ocupação do sul; já os soldados chineses eram muitas vezes nacionalistas capturados pelas forças de Mao Tsé-tung durante a Guerra Civil Chinesa, e depois forçados a lutar pela República Popular.¹⁴ As Nações Unidas insistiam em dar a cada prisioneiro o direito de ficar. Quase metade dos norte-coreanos em mãos dos sul-coreanos decidiu permanecer no sul.¹⁵

Os norte-coreanos resistiram o mais que puderam, mas depois de dois anos de discussão aceitaram que nada iria mudar. Todos os combates

cessaram no dia 27 de julho de 1953, embora tecnicamente a guerra tenha apenas feito uma pausa, não terminado. Nunca foi assinado qualquer tratado de paz.

^a Embora na época a maioria das pessoas não soubesse, os americanos já vinham combatendo os soviéticos no ar. Os pilotos russos estavam ganhando experiência de combate e testando novos equipamentos sobre a Coreia do Norte em aviões a jato com as insígnias chinesas, mas tinham ordens severas de não serem abatidos sobre territórios das Nações Unidas. Stálin não queria que se encontrassem provas do envolvimento soviético nos escombros de uma aeronave abatida. Os americanos, que tinham suas suspeitas, também não queriam. Se viesse a público abertamente que as duas superpotências já estavam guerreando no ar, o conflito coreano poderia rapidamente virar a Terceira Guerra Mundial (Stanley Sandler, *Korean War: No Victors, No Vanquished* [A guerra da Coreia: Sem vencedores, sem vencidos], Lexington: University Press of Kentucky, 1999), p. 185; Carter Malkasian, *The Korean War, 1950-1953* [A guerra da Coreia, 1950-1953], Nova York: Rosen Publishing Group, 2009, p. 54.

A COREIA DO NORTE

Número de mortos: 3 milhões¹

Posição na lista: 30

Tipo: ditadura comunista

Linha divisória ampla: o Estado *versus* o indivíduo

Época: desde 1948

Localização e principal Estado participante: República Popular Democrática da Coreia

Quem geralmente leva a maior culpa: Kim Il-sung, Kim Jong-il

Outra praga: república popular insana

O Grande Líder

Às vezes a humanidade tem um dia realmente ruim, como o 15 de abril de 1912. Naquele dia, o transatlântico *Titanic*, mortalmente atingido por um iceberg, naufragou nas águas geladas do Atlântico norte, arrastando 1.500 passageiros para a morte. Nesse ínterim, meio mundo longe, na Coreia, nascia Kim Il-sung. Desses dois acontecimentos, o segundo foi provavelmente o pior.

Originalmente chamado de Kim Song Ju, ele assumiu o nome de guerra de Kim Il-sung, de um lendário guerreiro coreano que lutou pela liberdade. Kim foi um dos poucos sobreviventes de um exército de guerrilheiros antijaponeses que haviam sido derrotados e escoraçados para a União Soviética em 1941. Depois da Segunda Guerra Mundial, os conquistadores soviéticos colocaram Kim Il-sung como encarregado da metade norte da antiga colônia japonesa (ver “A guerra da Coreia”).

Kim era conhecido por seu povo simplesmente como o “Grande Líder”, e ele está por toda parte na Coreia do Norte. Seu retrato está em murais nas estações do metrô, prédios governamentais e esquinas das ruas. Citações de sua obra, tanto profundas como triviais, estão gravadas em placas de bronze ou impressas em pôsteres. Uma estátua de quase dois metros de Kim sobressai na praça do Museu das Revoluções, e as crianças fazem uma reverência diante dela, ao passar, cantando: “Obrigado, pai.”²

Ele começou a política que exigia que cada norte-coreano com mais de 21 anos de idade usasse uma insígnia com seu rosto nela. Por fim, havia vinte diferentes tipos de insígnias, cada uma denotando a condição social do portador. Os coreanos logo aprenderam a reconhecer as insígnias

importantes e a se comportarem convenientemente sempre que encontravam um estranho. Com o correr do tempo, uma linha de insígnias com a figura de seu filho, Kim Jong-il, também tornou-se aceitável.³

O reino ermitão

Nós sabemos muito pouco sobre o que tem acontecido na Coreia do Norte nesses últimos cinquenta anos. Num país de 23 milhões de habitantes, havia apenas trezentos estrangeiros em 2003.⁴ O país tem uma estimativa de 150 mil a 200 mil prisioneiros a qualquer tempo, mas até muito recentemente apenas um punhado deles escapou da Coreia, e contou sua história à imprensa ocidental. Para aqueles que tentaram, mas fracassaram, “a polícia que pega os fugitivos os retém juntos enfiando fios de arame através das bochechas e do nariz desses traidores da nação, que ousaram tentar abandonar a mãe-pátria. Logo que chegam a seu destino, eles são executados, e suas famílias são enviadas a campos de trabalhos forçados”.⁵

Os norte-coreanos podem ser atirados na prisão pelas mais triviais transgressões, como sentar numa foto do presidente num jornal, caçoar de sua pequena estatura ou cantarolar negligentemente uma canção popular que podem ter ouvido de um amigo, por exemplo. Geralmente toda a família é punida pelos crimes de um único membro. Pais vão para a prisão por ter um filho rebelde. Irmãs são levadas embora quando um irmão que elas não viam há anos é exposto como um inimigo do Estado. Um cidadão modelo bem relacionado podia subitamente ser arrastado para a cadeia quando uma busca em antigos registros revela que seu pai cometera um crime político há muitas décadas.

A sociedade comunista sem classes é dividida em três classes, Central, Indecisa e Hostil, dependendo das credenciais comunistas de seus antepassados. Afortunados descendentes de um guerreiro que lutou pela liberdade contra os japoneses podiam receber todos os benefícios concedidos a membros da classe Central, enquanto os descendentes de banqueiros, proprietários de terra ou sul-coreanos são mantidos longe dos bons empregos e da capital do país, assim como toda a escória da classe Hostil. Aproximadamente um quarto de todos os norte-coreanos é estigmatizado como membro da classe Hostil, que estão apenas à distância de um passo errado dos campos de trabalhos forçados. A maioria dos norte-coreanos, contudo, se inclui na massa geral da classe Indecisa, sem

que tenham nem os privilégios nem a desgraça das classes mais notáveis.⁶

O trabalho escravo de prisioneiros políticos tornou-se uma parte essencial da economia. Eles cortam madeira, escavam minas e fabricam mercadorias para a exportação e o consumo doméstico. Em troca, ganham uma ração diária consistindo talvez em uma pequena quantidade de mingau de milho, algumas folhas de repolho e um pouco de sal.

Como um Estado comunista, a Coreia do Norte proíbe a prática de religiões, mas a filosofia do *juche*, autoconfiança, preenche o vazio. Na teoria, o *juche* é o humanismo marxista que declara que o homem é senhor de seu próprio destino. Na prática, o *juche* significa colocar a Coreia em primeiro lugar. Os coreanos podem ser autoconfiantes individualmente, não importunando o Estado em busca de favores, ou autoconfiantes coletivamente, mantendo a Coreia livre da influência estrangeira. Como uma criança num divórcio observando seus pais agirem estranhamente, Kim ficou preocupado com a morte de Stálin em 1953 e a subsequente ruptura sino-soviética. Como não podia mais confiar no seu gigantesco cocomunista para a defesa de seus melhores interesses, adotou o *juche* em 1955, para ajudar a Coreia do Norte a se aguentar sozinha.

Relações exteriores

A frase “Estado patrocinador do terrorismo” tem perdido um bocado de sua força devido ao uso excessivo, mas a Coreia do Norte é realmente um Estado patrocinador de terrorismo. O assassinato de estrangeiros odiados no exterior é planejado nos mais altos escalões e executado por profissionais treinados. As grandes potências, é claro, têm sempre lançado seu peso e se metido nos negócios internos das nações menores, mas é menos comum para um país pequeno e insignificante como a Coreia do Norte provocar ostensivamente o restante do mundo e desafiá-lo a tomar alguma providência.

Em 1974, a Coreia do Norte tentou matar o ditador sul-coreano Park Chung Hee, mas os assassinos mataram a esposa do governante, em vez dele. Em 1983, os assassinos norte-coreanos explodiram uma bomba numa conferência em Rangoon, na Birmânia, pretendendo matar outro presidente da Coreia do Sul. Eles mataram 17 altos funcionários da comitiva do presidente, incluindo quatro membros do gabinete, mas não conseguiram atingir o governante. Em 1987, outra bomba plantada por agentes norte-coreanos estourou num avião comercial da Coreia do Sul,

matando todos os 115 passageiros a bordo. Ao longo dos anos, a Coreia do Norte vem sequestrando, de maneira aleatória, centenas de sul-coreanos e japoneses comuns. Eles vão para uma prisão e são forçados a ensinar as sutilezas da cultura pop a espiões norte-coreanos, de modo que estes possam se misturar a outros povos do mundo exterior.

Como punir a Coreia do Norte serviria apenas para reacender a guerra, o mundo tem tido poucas alternativas, a não ser ignorar essas provocações. *Juche* significa que o país tem poucas importações e exportações que possam ser embargadas, além do fato de a Coreia ser a nação mais militarizada do mundo, com 1 milhão de homens nas Forças Armadas. Qualquer ataque punitivo provavelmente fracassaria e provocaria um enraivecido contra-ataque, com hordas vociferantes de comunistas invadindo o vizinho do Sul.

Querido Líder

Quando o Kim mais velho morreu, em 1994, seu título foi elevado para “Líder Eterno”, o que torna a Coreia do Norte o único país em que o presidente é um cadáver. O funcionamento diário do governo, entretanto, foi colocado nas mãos de seu filho, Kim Jong-il, o “Querido Líder”.

Kim Jong-il nasceu provavelmente em 1943, na União Soviética, durante o exílio de seu pai, mas a história oficial é a de que ele nasceu em um acampamento secreto de rebeldes, na montanha sagrada da Coreia, entre gloriosos portentos. “Durante todo o tempo que durou seu parto, houve relâmpagos e trovões, o iceberg no lago do monte Paektu emitiu um misterioso som quando se partiu, e surgiram brilhantes arco-íris duplos”, de acordo com uma biografia oficial.⁷ Em 1992, o ano oficial de nascimento de Kim Jong-il foi antecipado de um ano, de modo que o país pudesse celebrar tanto seu quinquagésimo aniversário quanto o octagésimo aniversário de seu pai com as mesmas festividades, em âmbito nacional.

O restante da família de Kim Jong-il morreu quando ele ficou mais velho. Quando tinha 5 anos de idade, seu irmão mais moço, Shura, morreu afogado enquanto os dois brincavam num pequeno lago. A mãe deles morreu de parto um ano mais tarde, junto com o menino que carregava na barriga. Jong-il também teve uma irmã, Kim Pyong-il, mas sua história e paradeiro são desconhecidos.⁸ Por alguma razão, isso me faz lembrar a vida familiar entre hienas, cucos e outros animais desagradáveis, onde o rebento mais forte matará seus irmãos ainda no ninho, mas isso é algo que

não posso provar, em absoluto.

Como a teoria comunista favorece a meritocracia e não a monarquia, é complicado justificar a passagem do trono de pai para filho. O Kim jovem foi sendo gradualmente inserido na liderança escalando uma série de posições no governo, mas o que ele realmente quer fazer é direto. Ávido cinéfilo, Kim tem uma enorme coleção de milhares de filmes. Ele mandou seus agentes sequestrarem uma proeminente atriz e seu marido, cineasta, de modo a que fizessem filmes maravilhosos para ele.

A princípio havia certa esperança de que as condições melhorariam com o falecimento do Grande Líder. Kim Jong-il tinha a reputação de ser boxeador peso leve e playboy. Com sorte ele poderia ser subornado e evoluiria para um ditador vulgar, mais interessado em formar um harém do que fazer cumprir uma ideologia cruel. Outra possibilidade era de que os militares o deporiam do cargo, o que constituiria uma incerteza para o futuro, mas ainda assim deixava a possibilidade de que o novo governante se mostraria mais flexível do que o Kim mais velho e atenuaria a repressão totalitária.⁹ Ninguém previu o que realmente aconteceu, que foi o novo Kim se manter no poder e se transformar num clone de seu pai.

Indo à falência

Na divisão original, o norte, urbanizado, ficou com a maior parte das minas, represas e fábricas, enquanto o sul, rural, ficou com a maioria das plantações e do gado. De fato, até a década de 1970, a economia industrial da Coreia do Norte manteve uma renda *per capita* maior do que a economia da Coreia do Sul, fortemente apoiada no campesinato. Então, no decorrer da geração seguinte, a economia da Coreia do Sul decolou, fabricando automóveis e componentes eletrônicos de categoria mundial, cruzando a fronteira do Terceiro para o Primeiro Mundo, enquanto a economia de seu vizinho do norte estagnava na era do concreto e das chaminés.

A brecha ficou mais larga depois que os regimes comunistas por todo o mundo entraram em colapso, em 1989-92. Com menos parceiros comerciais comunistas, como a Rússia, para a sustentarem, a economia norte-coreana encolheu para a metade na década de 1990. O governo de Pyongyang, entretanto, esforçou-se especialmente para manter o povo ignorante de como ruim sua vida realmente era. As pessoas eram informadas de que as coisas ainda eram piores fora da Coreia do Norte, e

que elas tinham sorte de viver numa terra onde o Querido Líder cuidava delas. Para manter essa ficção, não se permitia ao povo ter contato com quaisquer estrangeiros. Os mostradores dos rádios eram fixos, de modo que as pessoas só podiam receber as transmissões do governo. Todos os visitantes estrangeiros têm de entregar seus telefones celulares na fronteira e são acompanhados de dois agentes do governo durante toda a visita.¹⁰

A agricultura do país é fortemente industrializada e subsidiada. Enquanto produziam alimentos em quantidade suficiente durante décadas, os tratores, combinadeiras e colheitadeiras eram movidos a gasolina barata comprada da União Soviética. Quando os novos capitalistas da Federação Russa começaram a deixar que o livre-mercado e não a ideologia estabelecesse os preços, a agricultura norte-coreana empacou. Bastava uma onda de mau tempo, como as chuvas torrenciais de 1994, para transformar o estado de privação geral em uma crise de fome, que dizimou a população nos anos seguintes.¹¹ Por fim, a China assumiu o papel de subsidiar o país, e a fome foi suavizada.



A Coreia do Norte começou a perseguir a meta de construir armas nucleares nos meados da década de 1950, mas o país era atrasado demais

para fazer progresso nesse setor rapidamente; contudo, a paciência compensou, e na década de 1990 os norte-coreanos se aproximavam do sucesso. Confrontado com a perspectiva de ter outra potência nuclear tresloucada no mundo, o presidente norte-americano Bill Clinton subornou Kim em 1994. Alimentos essenciais e combustível foram enviados para lá em troca de uma parada nas atividades nucleares. A crise amainou, e o mundo respirou aliviado até 2002, quando o presidente americano a seguir, George Bush, o mais moço, adotou uma linha dura e cortou os subsídios. Imediatamente Kim retomou suas ambições nucleares. Washington achou que a Coreia do Norte estava blefando ou exagerando, e ignorou grandemente a ameaça. Depois de alguns anos insistindo que ia realmente produzir a bomba atômica, sendo que dessa vez não estava brincando, em 2006 a Coreia do Norte testou algo que produziu uma grande explosão: provavelmente era uma arma nuclear, embora as provas não fossem conclusivas. Uma explosão mais convincente ocorreu em 2009.

O CAPÍTULO NEGRO DO COMUNISMO

Nunca confie em alguém que argumente contra o comunismo em teoria. Aqui nós temos uma das maiores experiências sociais da história fracassando espetacularmente; e, contudo, em vez de usar a prova óbvia, científica de que experimentamos o comunismo e que a coisa não funciona, algumas pessoas querem tomar o caminho mais longo, e argumentar sobre direitos e teorias de propriedade. É claro que elas não se importam se o comunismo funcionou ou não; é a teoria do comunismo que as incomoda, e elas teriam argumentos contrários mesmo que tudo houvesse funcionado perfeitamente.

O comunismo fracassou, mas isso é realmente uma grande coisa? Roma e os dinossauros também fracassaram, mas foram bem-sucedidos por muito mais tempo do que a maioria das outras espécies e instituições esperam existir. O comunismo durou mais do que o fascismo, o jazz, John Wayne, *Bonanza* e a American Motors Corporation. Infelizmente o problema do comunismo não é simplesmente não ter durado para sempre. O maior problema é que todo regime comunista da história matou uma enorme quantidade de membros de seu próprio povo. Se a história houvesse visto apenas uma ou duas dessas detestáveis repúblicas populares entre algumas outras decentes, eu poderia dizer que umas poucas maçãs podres trouxeram má fama a todo o movimento, mas como a morte e a destruição acompanharam cada um dos regimes comunistas, onde quer que se estabelecesse, deve haver alguma falha em algum lugar no sistema.^a

Falando de maneira geral, sempre houve cinco ondas de morticínios associadas a regimes comunistas:

1. Começava com uma guerra civil durante a qual rebeldes marxistas lutavam contra o controle de um brutal regime autoritário. Durante o primeiro estágio da mudança de regime, os comunistas eram geralmente preferíveis ao *status quo*. Ele educavam as pessoas. Compartilhavam as coisas. Davam assistência médica grátis.

Distribuíam justiça real e imparcial ao arbitrarem as disputas. Nesse ínterim, os ditadores que eles tentavam derrubar saqueavam, estupravam e vendiam justiça a quem desse mais.

É interessante observar que o comunismo, como o fascismo, a lei da *sharia* estrita e outras formas de opressão, nunca derrubou uma democracia livre. O voto parece imunizar a sociedade contra o comunismo.

- Guerra Civil Russa (1918-22) – 9 milhões de mortos
- Guerra Civil Chinesa (1927-49) – 7 milhões
- Guerra do Vietnã (1959-75) – 3.500 mil no Vietnã
- Iugoslávia (parte da Segunda Guerra Mundial, 1940-45) – 1.400 mil
- Guerra Civil Cambojana (1970-75) – 600 mil
- Nicarágua (1972-79) – 30 mil
- Cuba (1955-59) – 5 mil
- Total aproximado – 21 milhões

2. Depois da vitória comunista, os novos chefes executavam a base do poder do antigo regime.

- China (1950-53) – 2 milhões
- Camboja (1975) – 400 mil execuções diretas¹
- Iugoslávia (1945) – 175 mil²
- Rússia (1918-22) – 100 mil execuções durante a Guerra Civil Russa
- Vietnã (depois de 1975) – 65 mil
- Mongólia (1936-38) – 35 mil
- Polônia – 30 mil³
- Bulgária – 20 mil⁴
- Cuba (1959-60) – 5 mil⁵
- Total aproximado – 3 milhões

3. Seguia-se a distribuição da terra, o reassentamento da população e a reestruturação da economia, o que geralmente resultava num grande erro e levava à inanição em massa.

- China (Grande Salto à Frente, 1959-62) – 30 milhões de mortos

pela fome

- União Soviética (1932-33) – 7 milhões
- Coreia (1995-98) – 2 milhões
- Etiópia – 1 milhão
- Camboja (1975-79) – 800 mil⁶
- Total aproximado – 41 milhões

4. Então o Partido Comunista voltava-se para si mesmo, expurgava os moderados e colocava todo o poder nas mãos de um único ditador.

- Rússia (Grande Expurgo, 1934-38) – 7 milhões
- China (Revolução Cultural, 1966-69) – 1 milhão
- Coreia do Norte (expurgos intermitentes) – 100 mil⁷
- Etiópia (Terror Vermelho) – 80 mil
- Total aproximado – 8 milhões

5. Conforme regimes comunistas iam se estabelecendo em mais países, particularmente na década de 1970, o jogo virou, e o mundo viu o surgimento de insurgências anticomunistas, o que teria sido considerado um oxímoro vinte anos antes.

- Afeganistão (1979-89) – 1.500 mil
- Moçambique (1975-92) – 800 mil
- Angola (1975-2002) – 600 mil
- Nicarágua (1981-90) – 30 mil
- Hungria (1956) – 5 mil
- Total aproximado – 3 milhões

Depois que os expurgos faziam seu papel e a primeira geração de ideólogos morria, o regime comunista médio transformava-se numa burocracia preguiçosa, corrupta, que ia progressivamente afrouxando seu domínio sobre o povo, e por fim entregando o poder sem luta.

Nem todo regime comunista passou por esses cinco estágios. Alguns têm uma história mais simples, e alguns mais complicada. Em todos os regimes, houve também um persistente pano de fundo de mortes ocorridas em campos de trabalhos forçados e prisões. Para aqueles que preferem totais explicitados por país, aqui estão algumas estimativas razoáveis quanto ao número de pessoas que morreram sob regimes comunistas por execução, exaustão por trabalhos forçados, fome, limpeza étnica e fuga desesperada

em barcos fazendo água:

- China – 40 milhões
- União Soviética – 20 milhões
- Coreia do Norte – 3 milhões
- Etiópia – 2 milhões
- Camboja – 1.700 mil
- Vietnã – 365 mil (depois de 1975)
- Iugoslávia – 175 mil
- Alemanha Oriental – 100 mil⁸
- Romênia – 100 mil⁹
- Vietnã do Norte – 50 mil (internamente, 1954-75)
- Cuba – 50 mil
- Mongólia – 35 mil¹⁰
- Polônia – 30 mil
- Bulgária – 20 mil
- Tchecoslováquia – 11 mil¹¹
- Albânia – 5 mil¹²
- Hungria – 5 mil
- Total aproximado – 70 milhões

(Esse total aproximado não inclui os 20 milhões de pessoas mortas nas guerras civis, que elevaram os comunistas ao poder, ou os 11 milhões que morreram em guerras por “procuração” durante a Guerra Fria. Ambos os lados provavelmente compartilham a culpa por essas mortes, até certo ponto. Essas duas categorias se sobrepõem, de certa forma, de modo que, quando se eliminam as duplicações, parece que cerca de 26 milhões de pessoas morreram por guerras inspiradas pelos comunistas.)

Considerando que o número agregado de mortos por causa do comunismo excede o total da Segunda Guerra Mundial, você pode ficar imaginando por que eu não coloco o comunismo como o número 1 da minha lista de coisas horríveis. Isso acontece principalmente porque considero cada regime como uma entidade separada, e o total do movimento comunista é amplo demais para ser contado como um único evento. Se eu juntasse todos os regimes comunistas para colocá-lo no topo da lista, teria de eliminar meus capítulos individuais sobre Mao, Stálin, Pol Pot e Kim Il-sung.

O final

Contrastando com os fracassos abissais comunistas na agricultura está seu sucesso geral na indústria pesada. Durante a era das grandes economias manufatureiras, quando o mundo moderno girava em torno de projetos gigantescos, como represas, usinas de força, minas de carvão e usinas de aço, os comunistas mobilizavam facilmente mão de obra e recursos suficientes para alcançar os países ricos do Ocidente. Isso significava dizer que os urbanoides com bastante sorte para sobreviver aos expurgos e à fome viam seus padrões de vida e expectativa de vida melhorarem constantemente.¹³

Entretanto, uma vez satisfeitas as necessidades básicas da vida, as economias de planejamento central mostraram-se inflexíveis demais para predizer e satisfazer as pequenas demandas por bens de consumo. Houve então excedentes desperdiçados, produtos de má qualidade e escassez. A escassez constante significava que apenas os que tinham boas ligações conseguiam adquirir bens e serviços. Isso fomentou ressentimento e cinismo num sistema que devia se basear no idealismo e solidariedade. O colapso do comunismo demorou ainda uma década porque as exportações de petróleo por parte da União Soviética bombearam dinheiro do Ocidente para a economia russa, depois que os preços do produto dispararam na década de 1970, mas depois até mesmo isso não adiantou. Logo que os reformadores permitiram que o povo escolhesse o sistema que preferia, ninguém escolheu manter o *status quo*.¹⁴

^a O mais benigno dos regimes comunistas parece ter sido o da Nicarágua. A pior acusação que pude encontrar dirigida contra o governo sandinista foi de que dezenas, possivelmente centenas de indígenas miskito, não combatentes, foram mortas em poucos incidentes, em 1981, sobre os quais há discussão. Foram massacres, ou batalhas, ou chacinas deliberadas, tudo sem autorização do governo?

A GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA

Número de mortos: 525 mil

Posição na lista: 69

Tipo: revolta colonial

Linha divisória ampla: franceses versus árabes

Época: 1954-62

Localização: Argélia

Principal Estado participante: França

Principais não Estados participantes: Frente Nacional de Libertação (FLN),
Organização do Exército Secreto (OAS)

Quem geralmente leva a maior culpa: a França

Pano de fundo

Com o tempo, a maioria das colônias europeias caiu em uma de duas categorias. Ou os nativos eram convenientemente varridos de cena e substituídos por europeus, como aconteceu na Austrália e na Nova Zelândia, ou então o assentamento europeu não criava raízes, como na Nigéria e na Birmânia. Quando chegou a hora, o primeiro tipo de colônia foi fácil de se tornar independente, porque seus habitantes eram parecidos com os habitantes do país dominante, e inspiravam confiança no estabelecimento de um autogoverno. O segundo tipo de colônia também fez a independência com facilidade, porque seus habitantes eram totalmente diferentes dos europeus colonizadores, de modo que ninguém se preocupou com o que aconteceu com eles.

A Argélia estava numa canhestra terceira categoria. Um número bem razoável de europeus se estabelecera lá, capaz de fomentar um desejo de continuar sob o domínio francês, mas esse número não era bastante grande para tornar esse projeto factível. Havia 1 milhão de ocidentais com plenos direitos civis no meio de uma população de 9 milhões de árabes e berberes, que não gozavam de qualquer direito. Por qualquer medida que se adote, os colonizadores europeus, os *pied noir*, tinham uma vida boa. Sua renda era em média dez vezes a dos nativos, e eles pagavam apenas metade do valor dos impostos que seus compatriotas na França. A mão de obra era barata, e suas cidades no litoral do Mediterrâneo eram, até onde

se possa imaginar, tão civilizadas e cultas como o resto da França.

O levante

Em dezembro de 1954, os rebeldes argelinos da Frente Nacional de Libertação (FLN) atacaram alvos militares e policiais por toda a colônia. O levante se intensificou e logo se tornou cruel. Em agosto de 1955, a FLN inaugurou uma nova política de matar colonos franceses e muçulmanos vira-casacas, em vez de matar soldados, chacinando 123 civis franceses no vilarejo de Philippeville. Soldados franceses enraivecidos imediatamente retaliaram, fuzilando indiscriminadamente qualquer árabe que encontravam nas vizinhanças.

Durante essas atrocidades de parte a parte que irromperam, os rebeldes torturavam e mutilavam rotineiramente qualquer soldado ou colono francês capturado, frequentemente deixando os cadáveres à vista, com o órgão genital enfiado na boca. A FLN visava especialmente policiais e suas famílias, o que solapava a capacidade dos franceses de manter a ordem. Como reação, os franceses recrutaram 150 mil *harkis*, forças locais irregulares, e que davam o troco usando tanta brutalidade quanto a FLN.

Depois de levar o terror ao interior do país durante alguns anos, a FLN se deslocou para as cidades. Em 1957, os argelinos desencadearam ataques terroristas por toda a cidade de Argel. Os franceses reagiram deixando de lado quaisquer escrúpulos e processos judiciais, instalando toques de recolher e pontos de checagem, e aprisionando quaisquer figuras suspeitas. Depois de obter confissões dos detidos por meio de espancamentos, os franceses executavam sumariamente os mais descartáveis. Cerca de 3 mil árabes desapareceram quando detidos sob a custódia dos franceses durante a Batalha de Argel.¹

Entre 1957 e 1960, o governo francês reasentou 2 milhões de argelinos que viviam na zona rural em campos fortificados, a fim de privar os rebeldes de seu apoio popular. Os franceses dispuseram minas terrestres e construíram cercas, verdadeiras barreiras, ao longo das fronteiras com a Tunísia e o Marrocos a fim de perturbar o fluxo de suprimentos que os rebeldes recebiam do exterior, e evitar que usassem aqueles países como santuário.

Originalmente a maioria dos soldados do lado francês era membro de unidades calejadas, profissionais, tais como a Legião Estrangeira ou os paraquedistas, os quais não se horrorizavam com um pouco de tortura e

assassinatos, se isso trouxesse resultados, satisfizesse a sede de vingança ou pelo menos deixasse que eles descarregassem sua raiva. Entretanto, quando os efetivos foram elevados para 400 mil, cresceram as dificuldades de manter esse efetivo e Paris começou a enviar conscritos comuns para a colônia. Isso fez com que o público francês em geral começasse então a perceber, em primeira mão, quão selvagem a guerra se tornara, e o povo francês rapidamente se colocou contra o conflito.

O impasse sangrento fez deflagrar a mais perigosa crise política a atingir a França desde a Segunda Guerra Mundial. Foi o mais perto que qualquer das tradicionais democracias da Europa ocidental esteve a ponto de se tornar uma ditadura na era pós-guerra. Em maio de 1958, enquanto o apoio político à guerra se esvaía em Paris, elementos linha-dura do exército francês tentaram dar um golpe militar em Argel. O golpe fracassou, mas lançou o governo nacional no caos, e apenas Charles de Gaulle, herói aposentado da Segunda Guerra Mundial, reuniu respeito bastante para restaurar a ordem. Em junho de 1958, ele recebeu o poder de governar por decreto até que a crise passasse. Por fim, a Constituição francesa foi reescrita a fim de transferir o poder do Parlamento, dividido e sempre em desentendimentos, para uma presidência com poderes aumentados, o que foi chamado de A Quinta República.²

Ao discursar nas Nações Unidas, em setembro de 1959, De Gaulle pronunciou a expressão proibida “autodeterminação”, referindo-se à Argélia. Isso representou um ultraje aos “falcões” da linha-dura, que insistiam que a colônia era, e sempre seria, uma parte integral da mãe-pátria francesa. Com De Gaulle discutindo abertamente a possibilidade da independência, a Organização do Exército Secreto (OAS), gente empedernida infiltrada no meio militar do país, começou a planejar um golpe, ou pelo menos um assassinato. Embora não fosse homem de fugir de uma briga, De Gaulle foi ficando, compreensivelmente, aborrecido com as frequentes tentativas contra a sua vida, e se virou contra os “falcões”. Ele percebeu que a França permaneceria em tumulto enquanto a guerra continuasse. Como era impossível a vitória, libertou a Argélia em julho de 1962.

Nos meses que se seguiram à proclamação da independência, 900 mil cidadãos franceses fugiram da Argélia. Depois, quando os franceses já haviam partido, multidões de argelinos nativos caçaram e mataram dezenas de milhares de elementos de seu próprio povo que haviam apoiado o domínio francês, mas que haviam sido deixados para trás pela

França derrotada.

Número de mortos

Os militares franceses perderam 17.456 soldados, mortos, dos quais cerca de 7 mil eram das tropas coloniais ou da Legião Estrangeira, não franceses. De acordo com cálculos oficiais dos franceses, a FLN teve 141 mil membros mortos em ação, mais outros 12 mil mortos em expurgos internos. Um total de 2.788 civis franceses foram assassinados.

Oficialmente, o governo argelino alega que mais de 1 milhão de nativos morreram durante a guerra, mas a maioria dos estudiosos duvida dessa cifra. Os historiadores geralmente sugerem um número de mortos civis em torno de 200 mil a 500 mil argelinos. Eu divido a diferença e acrescento ao resultado os 173 mil citados anteriormente. Mais ou menos em torno desses números estão os milhares de argelinos, calculados ou como 30 mil ou como 150 mil, que foram linchados depois da independência, como vingança por terem ajudado os franceses.³

A GUERRA NO SUDÃO

Número de mortos: 2,6 milhões, sendo 500 mil na primeira guerra,¹ 1,9 milhão na segunda,² 200 mil em Darfur³

Posição na lista: 35

Tipo: guerras civis étnicas

Linha divisória ampla: árabes muçulmanos do norte versus pagãos e negros cristãos do sul

Época: 1955-72, 1983-2005, 2003 até os dias atuais

Localização e principal Estado participante: Sudão

Principais não Estados participantes: Exército de Libertação do Povo Sudanês

Quem geralmente leva a maior culpa: árabes

Outra praga: guerra civil africana

Depois que conquistaram o Estado mahdista (ver “A revolta Mahdi”), as tropas britânicas estabeleceram o Sudão colonial, com fronteiras bem definidas, e uma administração conjunta anglo-egípcia. O Sudão britânico incluía não apenas o núcleo árabe ao longo do curso médio do rio Nilo, mas também uma região de nativos negros, nos pântanos a montante do rio, no Sahel meridional, que não tinha nada em comum com o restante do país, a não ser a lembrança de árabes sudaneses fazendo incursões para capturar escravos. Como a escravidão era agora ilegal, e quem mandava eram os britânicos, não tinha importância o ódio que os dois regimes mantinham um pelo outro. Os britânicos estavam lá para mantê-los afastados um do outro.

Os britânicos tratavam o sul como uma reserva cultural, e sua população, os nubas, dinkas e outros, não havia sido catequizada pelos missionários. Os estilos de vida africanos tradicionais eram fortes na região, apesar de a minoria cristã ter uma inclinação para o Ocidente. Embora tolerassem de má vontade os cristãos, os muçulmanos não tinham a mesma atitude para os pagãos seminus.

Primeira Guerra Civil Sudanesa (1955-72)

Avancemos rapidamente para 1955, quando o Sudão estava sendo preparado para a independência. As duas regiões iriam parar no mesmo país, e começou a parecer que o novo governo federal ficaria

principalmente nas mãos dos árabes, que eram os coloniais favoritos dos britânicos. Protestos no sul se transformaram em distúrbios. Houve tiroteios. Uma unidade militar do sul foi chamada para sufocar o levante, mas, em vez disso, a tropa também se amotinou. Quando os britânicos entregaram as chaves a um governo eleito, em 1956, já lavrava uma guerra civil.

Por que o norte não deixou, simplesmente, que o sul seguisse seu destino? Infelizmente o norte do Sudão, onde vive a maior parte da população, é apenas uma precária faixa de terras cultiváveis ao longo do rio Nilo, no meio de um deserto vasto e inabitável. O sul, por outro lado, dispõe de um entrelaçamento de rios que deságuam no Nilo, e ouro, mais terras cultiváveis, pastos, madeira e água, de modo que, é claro, o norte ficou relutante em deixar que o sul se separasse, e levasse toda essa riqueza com ele. As coisas pioraram em 1979, quando foram descobertas reservas de petróleo no sul. Além disso, o sequestro e venda de escravos capturados no sul ainda era um negócio lucrativo, nominalmente ilegal, mas raramente coibido pelas autoridades.

O governo eleito posto no lugar dos britânicos que partiam foi derrubado pelo primeiro golpe militar do Sudão em 1958. Uma meia democracia voltou ao país com um levante popular em outubro de 1964, e diversos partidos políticos se reagruparam e retornaram ao Parlamento.

A guerra continuou, e, por volta de 1969, havia 12 mil soldados do governo no sul, lutando contra 5 mil a 10 mil rebeldes. Depois, em 1969, um golpe colocou o general Jaafar Nimeiri no poder, e durante a década seguinte ele governou de maneira tão benigna quanto é possível para um ditador fazer isso naquela parte do mundo. Ele compartilhou o poder e trouxe facções litigantes para o governo. A guerra perdeu ímpeto e ambos os lados começaram a negociar. Finalmente, o Acordo de Adis Abeba fez cessar os combates em março de 1972, garantindo autonomia ao sul.

Segunda Guerra Civil Sudanesa (1983-2005)

O Sudão fora um Estado-cliente da União Soviética por muitos anos, mas, em 1976, Nimeiri virou para o lado americano da Guerra Fria. Em 1977, ele permitiu que seus rivais políticos, principalmente os muçulmanos fundamentalistas, participassem abertamente da vida política. Parecia que a paz e a liberdade estavam bem ali, ao alcance da mão, mas a situação foi por água abaixo depois que Nimeiri mudou de atitude e tornou-se mais

ditatorial.⁴

Em 1983, o presidente Nimeiri declarou o Sudão um Estado muçulmano, obedecendo à rígida lei islâmica da *sharia*, e logo depois proclamou um estado de emergência e suspendeu os direitos constitucionais. O sul perdeu grande parte de sua autonomia, e a lei islâmica se aplicava então a qualquer um que vivesse no norte, independentemente de sua religião. Greves, distúrbios e atividades de guerrilheiros dilaceraram o sul.

Esperava-se que a crise poderia amainar em 1985, quando um golpe popular derrubou Nimeiri. A *sharia* foi posta de lado e foi restaurado o poder civil depois de eleições razoavelmente livres ocorridas em 1986; entretanto, o líder do Exército de Libertação do Povo Sudanês (SPLA), o coronel John Garang, um membro da etnia dinka educado nos Estados Unidos, renegou o novo regime como sendo “a hiena vestida de nova roupagem” e continuou a luta. Por volta de 1986, o Sudão tinha 20 mil rebeldes armados lutando no SPLA, e três quartos de 1 milhão de refugiados para cuidar. Mesmo assim, certo nível de calma voltou ao país durante alguns anos, com diversos partidos políticos e mais liberdade para questionar do que qualquer outro país africano tinha.⁵

Então, em maio de 1989, outro golpe pôs o general Omar al-Bashir no poder. Ele era o homem de proa da Frente Islâmica Nacional, um bando de fanáticos linha-dura sob a orientação ideológica de Hassan al-Turabi. Eles puseram a culpa da insurreição nos americanos e zionistas e se recusaram a negociar.

Turabi criou uma polícia atterradoramente eficiente num país que até então não fora pior do que uma cleptocracia caótica. Com todas as subidas e quedas, o povo sudanês estivera querendo e podendo expressar opiniões contrárias, mas, agora, foram banidos a imprensa e os sindicatos independentes. As vozes dissidentes foram expulsas dos meios militares, universitários e do Judiciário.⁶

Em 1991, punições severas, de acordo com a *sharia*, como o apedrejamento por adultério, o açoitamento por posse de bebida alcoólica e a amputação por roubo, foram introduzidas em toda a nação, tanto no norte quanto no sul. Em 1993, o governo federal substituiu todos os juízes do sul por muçulmanos da velha cepa e realocou todos os juízes não muçulmanos no norte, onde seriam mais fáceis de controlar. Novas leis forçaram os sulistas a se vestirem como muçulmanos, mesmo se não pertencessem a essa religião. A conversão de um muçulmano para outra religião passou então a ser um crime capital. Em 2000, o governo de

Cartum tentou proibir as mulheres de trabalhar em lugares públicos.

Conforme os combates se intensificavam, a economia do sul declinou violentamente. Logo cessaram as atividades dos bancos, não havia emprego nem dinheiro vivo. Mercadorias e serviços só circulavam por escambo ou roubo. A manutenção da vida dependia de suprimentos enviados gratuitamente por agências internacionais.⁷ Depois que os chefes guerreiros separavam o melhor para si mesmos, o pouco restante era distribuído aos necessitados.

Em 1999, Bashir, o general, e Turabi, o ideólogo, bateram cabeça um com outro para ver quem realmente governava o Sudão. Quando a poeira assentou, Turabi foi parar na cadeia acusado de traição, enquanto Bashir foi reeleito presidente no ano seguinte numa eleição fraudada, de modo que o assunto foi resolvido.⁸

Depois de anos de impasse, os dois lados em confronto assinaram um tratado de paz em Nairóbi, em janeiro de 2005. Embora, no papel, o sul conseguisse a maior parte do que queria, durante alguns anos pareceu que o norte iria renegar o acordo. Depois de um período de esfriamento dos ânimos, entretanto, o sul obteve permissão para votar sua independência, em 2011. A divisão subsequente do Sudão constitui a primeira vez que uma nova nação africana não tem suas fronteiras delineadas de acordo com as antigas divisas coloniais.

Darfur (desde 2003)

Exatamente na época em que o Sudão estava encerrando a guerra civil no sul, uma nova guerra irrompeu no oeste. A coisa começou como um pequeno levante contra o domínio árabe na província de Darfur, mas se ampliou para uma crise humanitária de âmbito mundial quando Bashir ordenou ao exército que esmagasse a rebelião e não fizesse prisioneiros. O exército não se preocupou em diferenciar combatentes e civis enquanto ia sistematicamente erradicando as tribos africanas locais, principalmente o povo fur, junto com os masalits e zaghawas, menos numerosos. Como as tribos rebeldes do sul, os grupos-alvo eram negros, mas, como o governo, essas tribos eram constituídas de muçulmanos.

Para evitar ser apontado como culpado pela escalada do genocídio em Darfur, o governo retirou a maioria de suas tropas e deixou o extermínio a cargo das milícias árabes locais, chamadas de Janjawids, a quem Cartum vem, não tão secretamente, fornecendo suprimentos e dinheiro. Os

Janjawids vêm metodicamente varrendo do mapa vilarejos africanos, matando homens e crianças, estuprando mulheres e destruindo ou saqueando as propriedades. Dentro de dois anos, 200 mil pessoas haviam morrido e 2,5 milhões de africanos, quase toda a população não árabe de Darfur, foram erradicados e obrigados a se amontoar nos campos de refugiados.⁹

A GUERRA DO VIETNÃ

Número de mortos: 4,2 milhões, sendo 3,5 milhões no Vietnã, 600 mil no Camboja, 62 mil no Laos, sem incluir os expurgos pós-guerra

Posição na lista: 24

Tipo: guerra civil ideológica

Linha divisória ampla: comunistas versus capitalistas

Época: 1959-75

Localização: Sudeste da Ásia

Principais Estados participantes: Vietnã do Sul, Vietnã do Norte, Estados Unidos, Camboja, Laos

Estados participantes secundários: Austrália, Filipinas, Coreia do Sul, Tailândia

Principais não Estados participantes: Vietcongue, Khmer Vermelho, Pathet Lao

Quem geralmente leva a maior culpa: o presidente norte-americano Lyndon Johnson

Outra praga: a guerra terrestre das superpotências na Ásia

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Como a maior superpotência do mundo foi derrotada por um bando de líderes de segunda classe do Terceiro Mundo?

A criação de dois Vietnãs

1954: O tratado que estabeleceu a independência do Vietnã de seus governantes franceses nunca pretendeu que houvesse dois países distintos para sempre. Era uma medida provisória. Embora os rebeldes comunistas sob o comando de Ho Chi Minh houvessem feito a maior parte do trabalho de expulsar os franceses, não havia, absolutamente, alguma possibilidade de as grandes potências permitirem que um país comunista novo em folha surgisse sem obstáculos. Como escreveu mais tarde o presidente Eisenhower: “Eu nunca conversei ou me correspondi com uma pessoa conhecedora dos assuntos indochineses que não concordasse que, se fossem realizadas eleições na época dos combates, possivelmente 80% da população teriam votado no comunista Ho Chi Minh para seu líder.”¹

Em vez disso, o Ocidente permitiu o controle comunista apenas na metade norte, em Hanói, enquanto empossava uma monarquia constitucional tradicional no sul, em Saigon. No Norte, ocorreu a costumeira chacina comunista dos inimigos da classe, com a execução de dezenas de milhares de proprietários de terras e camponeses abastados. No sul, o imperador foi rapidamente deposto por um golpe militar que estabeleceu a República do Vietnã (RVN), uma ditadura da elite católica sob a chefia de

Ngo Dinh Diem. Cem mil oponentes, incluindo tanto comunistas como “comunistas”, foram reunidos e presos. Foram prometidas eleições para mais tarde, mas você sabe o que isso significa.

Diem não era nem carismático nem inteligente o bastante para ser um homem forte e eficiente. Tendente à arrogância e ao nepotismo, seus assessores mais chegados eram seus irmãos, o general Ngo Dinh Nhu e o arcebispo Ngo Dinh Thuc. A primeira-dama do clã era a linda e sarcástica Madame Nhu, esposa do general.

Uma rebelião comunista surgiu lentamente no sul. Durante o ano de 1959, os insurgentes assassinaram cerca de 1.200 funcionários do governo no Vietnã do Sul. No ano de 1961, 4 mil funcionários foram assassinados. Como os líderes realmente importantes andavam sob forte escolta, os comunistas se dedicaram a matar funcionários civis de menor importância e transeuntes. Conforme a insurreição aumentou, transformando-se em guerra civil aberta, Saigon imaginou um plano para reunir todos os camponeses leais em vilarejos estratégicos. Qualquer um que permanecesse do lado de fora seria considerado rebelde e, portanto, uma presa fácil. Esses vilarejos deviam ser autossustentáveis e protegidos por paliçadas, mas foram construídos sob trabalho forçado de camponeses conscritos, de modo que o general Nhu dirigia muitos desses estabelecimentos como fazendas para seu próprio enriquecimento.

Originalmente os franceses haviam invadido o Vietnã, muitos anos antes, para defender os missionários cristãos, e a Igreja Católica gozava de uma posição privilegiada na colônia. Mesmo depois da independência, Diem continuou com essa política pró-cristã, o que o foi colocando em conflito com a maioria budista. Uma desnecessária proibição de estandartes durante a celebração de um feriado budista provocou a costumeira onda de protestos, que se ampliaram para espancamentos, fuzilamentos, prisões, assassinatos e distúrbios, que você encontrará em qualquer sociedade colocada sob estresse. O clímax foi o espetáculo de monges ateando fogo ao próprio corpo, coisa inusitada. Madame Nhu não ficou impressionada com o fato e prometeu “bater palmas ao ver algum outro churrasco de monge”.²

Finalmente, em 1963, elementos descontentes do meio militar vietnamita decidiram se livrar do presidente Diem. Primeiro eles obtiveram o aval de seus contatos com a CIA americana, e *não* foram aconselhados a *não* fazer aquilo, de modo que o golpe aconteceu como planejado. Diem e o general Nhu foram presos, e durante algum tempo pareceu que todas as partes concordavam com o exílio, mas isso parecia

criar muitos problemas, de modo que Diem e Nhu foram simplesmente fuzilados.³

O golpe criou um vácuo de poder no qual o governo passou por diversas mãos, mas um homem forte viável não apareceu em Saigon por muitos anos, até que Nguyen Van Thieu foi eleito presidente em 1967.

O cheiro de napalm pela manhã

Em agosto de 1964, dois contratorpedeiros da Marinha norte-americana, patrulhando o golfo de Tonkin, comunicaram ter sido atacados por imagens suspeitas de radar que eram ou torpedos norte-vietnamitas ou peixes. Um enraivecido Senado dos Estados Unidos autorizou o presidente Lyndon Johnson a usar que força fosse necessária para retaliar.⁴

Johnson esperou até ter sua reeleição assegurada em novembro, antes de tentar qualquer coisa. Depois de ter sido informado de que o governo em Saigon estava à beira do colapso, Johnson autorizou redes regulares de bombardeio contra o Vietnã do Norte, e depois aumentou o efetivo das forças terrestres americanas no Vietnã do Sul a fim de defender as bases aéreas recentemente estabelecidas. Em abril de 1965, o presidente engajou unidades de combate americanas por todo o Vietnã do Sul em operações ofensivas. Os efetivos foram crescendo, até que mais de meio milhão de americanos combatiam no país em 1968, quase tanto quanto as forças do próprio Vietnã do Sul, com 670 mil soldados.⁵

Duas grandes inovações tecnológicas separavam o estilo de guerrear no Vietnã da geração anterior da guerra das superpotências: os helicópteros e os fuzis de assalto.

Durante as décadas de 1950 e 1960, os exércitos começaram a equipar sua infantaria com fuzis de assalto, que podiam ser disparados, ou como um fuzil comum, tiro a tiro, ou como uma metralhadora leve. Os estudos de combates travados na Segunda Guerra Mundial haviam mostrado que a maioria dos combates da infantaria era travada a uma distância mais curta do que se pensava, o que significava que os soldados não necessitavam disparar pesados projéteis a grandes distâncias. Em vez disso, a infantaria podia mudar para munições mais leves, de alcance intermediário. Como os soldados podiam agora carregar mais cartuchos, era possível gastar munição em rajadas de fuzil automático, em vez de limitar-se a disparar os tiros um a um sobre alvos cuidadosamente visados. Esses mesmos estudos mostraram também a eficácia de pequenos grupos sobre grandes

formações. Pequenas equipes se entrosavam mais e combatiam com uma motivação individual mais forte do que grandes efetivos, sem individualidade, como acontecia no passado. Os fuzis de assalto compensavam a perda do poder de fogo.

Estudos mais controversos da Segunda Guerra Mundial mostraram também que as habilidades de combate do soldado na linha de frente alcançavam um pico depois de poucos meses de experiência, e que depois entravam em constante declínio conforme ele entrava numa espécie de “apagão”. O Exército dos Estados Unidos decidiu levar todos os soldados de volta para casa depois de um ano de combate, uma política que foi grandemente criticada por criar um incentivo para que o soldado evitasse se arriscar e pudesse sobreviver um ano, em vez de incitá-lo a lutar pela vitória como o único meio de se livrar da guerra.

Durante a década anterior, a tecnologia transferira a guerra mecanizada para o ar. Os helicópteros mostraram ser mais versáteis do que veículos blindados terrestres. Eles desbordavam obstáculos, fortificações e terreno acidentado, operando nas três dimensões. Os helicópteros de combate, como o Cobra, foram equipados com lançadores de foguetes, metralhadoras Gatling e canhões, que antes constituíam as armas dos tanques. Os helicópteros de transporte permitiam o suprimento das tropas terrestres e as reforçavam, enquanto os helicópteros-ambulância transportavam os feridos para as bases.

Embora fossem supridos pelos soviéticos e chineses, os vietcongues, isto é, os insurgentes do sul, e os norte-vietnamitas, isto é, tropas aliadas enviadas por Hanói, tinham armamentos menos sofisticados e dependiam mais da surpresa para matar e desmoralizar os americanos. Armadilhas explosivas e minas terrestres matavam e mutilavam os americanos. Táticas de infiltração e emboscada podiam oferecer uma breve vantagem tática antes que os americanos tivessem chance de fazer valer seu poder de fogo maior. Os vietcongues podiam se misturar silenciosamente com a população civil, atacar subitamente e depois desaparecer.

A rota de suprimento comunista era tão difícil de localizar quanto os soldados comunistas. A trilha Ho Chi Minh atravessava a Zona Desmilitarizada, chamada DMZ, a fronteira entre os dois Vietnãs, passava por duas nações neutras, Laos e Camboja, e entrava no Vietnã do Sul por trás. Os americanos tentaram bombardeá-la, mas não havia nenhum alvo visível, apenas uma trilha poeirenta em algum lugar debaixo das copas das árvores.

O objetivo americano era criar uma situação em que as forças comunistas pudessem se expor ao avassalador poder de fogo, e então serem destruídas. Para esse fim era necessário tirar os civis, a vegetação baixa e a selva da zona de guerra. Duas armas químicas ajudavam a eliminar a vegetação, deixando os guerrilheiros expostos no campo aberto para serem mortos. O napalm, uma gasolina gelatinosa, deflagrava rapidamente um forte incêndio numa vasta área, e o Agente Laranja, um herbicida, fazia as árvores perderem as folhas. Obviamente ambos os produtos eram perigosos para o ser humano que se pusessem no seu caminho.

Os americanos tentaram também estabelecer zonas livres de combate, das quais todos os não combatentes eram evacuados à força. Por volta de 1968, um total de 5 milhões de 17 milhões de sul-vietnamitas havia sido expulso de suas aldeias.⁶ Na teoria, removendo todos os civis da zona de guerra, os soldados em missão de patrulha podiam com segurança atirar sobre qualquer coisa que se movesse, sem colocar em perigo a população em geral, que eles deveriam estar protegendo. A aviação e a artilharia poderiam bombardear essas áreas com todo o poder de fogo da mais poderosa nação industrial do mundo, e as únicas pessoas que morreriam seriam os inimigos. É claro, muitos camponeses resistiram à ideia de abandonarem tudo que possuíam, para que os americanos pudessem destruir esses bens, de modo que eles permanecessem em suas aldeias, colocando a vida em perigo.⁷

Como os vietcongues não podiam fincar pé e lutar contra os armamentos superiores dos americanos, a guerra foi principalmente uma questão de uma incessante ação de patrulhas. Um indício, um boato ou uma suspeita sobre uma base vulnerável do inimigo desencadeava uma missão de busca e destruição por parte dos americanos. Essas patrulhas podiam também facilmente transformar uma missão bem-sucedida em alarmes falsos ou cair em emboscadas, e a incerteza permanente esgarçava os nervos dos soldados, e fazia com que ficassem perigosamente nervosos. Com a disciplina militar se deteriorando, soldados americanos enraivecidos, frustrados, passaram a massacrar a população civil no meio da qual se escondiam os guerrilheiros.

Em março de 1968, um dia depois de perder alguns homens para uma armadilha explosiva vietcongue perto do vilarejo de My Lai, uma companhia de soldados americanos ocupou a localidade e começou a retirar os habitantes à força de suas casas. Quase uma centena de

residentes foi reunida na praça, onde foram fuzilados pelo soldados. Uma dezena, mais ou menos, de mulheres velhas foi morta com tiros na nuca enquanto rezavam ajoelhadas num templo. Outras foram enfileiradas e fuziladas ao longo de uma vala de irrigação. Alguns habitantes sobreviveram escondidos debaixo dos cadáveres caídos.⁸ Por fim, horrorizada pelo que estavam vendo ao voar sobre o vilarejo, a tripulação de um helicóptero americano interveio por sua própria iniciativa, ameaçando atirar nos soldados se o massacre não cessasse. Cerca de quinhentos civis foram mortos naquele dia.⁹

My Lai não foi a única chacina em massa de civis. No outono de 1967, uma unidade especial de militares americanos, chamada Força Tigre, recebeu a missão de pacificar um território disputado, praticamente sem supervisão. Durante os meses em que atuaram na região, os americanos registraram mais de mil mortes, embora muitas das vítimas não fossem claramente soldados inimigos, que lhes haviam dito que eram. “Um soldado chutou a boca dos civis executados para lhes arrancar o ouro das obturações dentárias. Um soldado raso cortou a garganta de um prisioneiro com uma faca de caça antes de escalpelá-lo e colocar o couro cabeludo na boca do cano de seu fuzil... Dois homens parcialmente cegos encontrados perambulando pelo vale foram escoltados até uma curva do rio Song Ve, e ali fuzilados, mostram os registros. Dois camponeses, sendo um deles adolescente, foram executados porque não estavam nos seus campos de reassentamento... Os elementos do pelotão penduravam as orelhas em cadarços de sapato que usavam como colar em torno do pescoço, mostrou outro relato. Houve um período em que praticamente todo mundo tinha um colar de orelhas... A garganta de uma menina de 13 anos foi cortada depois de ela ter sido violentada, e uma jovem mãe foi fuzilada depois de os soldados atearem fogo à sua cabana.”¹⁰ Uma investigação secreta do exército descobriu 84 assassinatos óbvios, cometidos por pelo menos 18 soldados, mas eles nunca foram indiciados.

Tão ineficaz, até o âmago, quanto campanha militar foi a campanha paralela denominada “Corações e Mentes”, durante a qual os Estados Unidos derramaram enorme quantidade de dinheiro no Vietnã para construir estradas, clínicas, usinas de força e escolas. Os americanos pressionaram o governo de Saigon para que fizesse a redistribuição de terras entre os camponeses. O gasto foi espantoso, os resultados, pífios, e o efeito, nulo. Numa guerra popular, esses programas sociais teriam sido a prova máxima da benevolência americana, mas quando contrastado com

os bombardeios, os massacres e os reassentamentos, a campanha ficou sendo considerada uma tentativa hipócrita de atenuar os horrores.

Ambos os lados tinham programas secretos para assassinar as lideranças civis da oposição, mas a maioria das vítimas eram peixes pequenos ou transeuntes desafortunados. Os ataques terroristas por parte dos comunistas na década de 1950 haviam precedido a guerra aberta, e continuaram ano após ano. Em 1967, por exemplo, o Vietcongue matou cerca de 6 mil líderes locais. A CIA retaliou com o programa Fênix, que coordenava diversos programas de contra-insurgência do RVN sob uma única direção, matou qualquer coisa como 20.587, segundo estimativa do diretor da agência, e 40 mil, segundo a estimativa de Saigon, líderes civis e partidários do Vietcongue, com incursões que penetravam fundo no território inimigo. Dezenas de milhares foram capturadas e, ou aprisionados, transformados em agentes duplos ou soltos depois de pagarem a seus captores um adequado suborno.¹¹

A ofensiva do Tet

Saigon e Hanói combinavam tradicionalmente um cessar-fogo durante o enormemente popular feriado budista do Tet; entretanto, no dia 31 de janeiro de 1968, elementos do Vietcongue infiltrados romperam a trégua e lançaram ataques de surpresa simultâneos contra alvos políticos em todo o país, chegando mesmo a conquistar a importante cidade sulista e antiga capital imperial de Hue. Sua maior vitória de propaganda ocorreu quando um punhado de vietcongues se infiltrou nos terrenos da embaixada americana em Saigon, embora fossem por fim bloqueados e mortos. A base americana de Khe Sanh, no coração do território inimigo, foi sitiada, mas aguentou firme toda a pressão que os comunistas lançaram contra ela.

Depois de retomarem Hue, as forças dos Estados Unidos e de Saigon começaram a descobrir covas recentes repletas de cadáveres de civis amarrados, primeiro umas poucas centenas, depois uns poucos milhares. Durante a breve ocupação da cidade, os vietcongues haviam arrebanhado todo mundo com inclinação ocidental, como funcionários do governo, professores, médicos, clérigos e estudantes, e fuzilaram pelo menos 2.800 deles. Outros 3 mil, dados como desaparecidos, nunca foram encontrados.

A ofensiva do Tet foi claramente uma vitória tática dos americanos. O inimigo foi destruído por toda parte em que apareceu. Metade dos 20 mil comunistas que atacaram Khe Sanh morreu ou teve ferimentos graves,

enquanto os 6 mil defensores da base tiveram apenas duzentos mortos e 850 feridos.¹² Defato, o Vietcong cessou de ser uma força de combate eficiente depois do Tet, e a guerra teve de ser retomada pelos militares regulares do Vietnã do Norte. Entretanto, a percepção do público nos Estados Unidos considerou aquela vitória tática irrelevante. O governo assegurara à população que os comunistas estavam muito fragmentados e desorganizados para durar muito mais, mas agora o inimigo atacava mais fundo no território americano, com forças maiores do que jamais tivera. Não interessava que a ofensiva houvesse dado certo quando ficou a cargo do exército americano, permitindo que este fizesse sentir seu enorme poder de fogo contra os vietcongs, inferiorizados. Até mesmo na derrota, o Vietcong despertava simpatia. A imagem que o público americano tinha era uma fotografia e filme, amplamente difundidos, de um oficial sul-vietnamita estourando os miolos de um prisioneiro que chorava em uma rua de Saigon.

O movimento pacifista nos Estados Unidos

O governo americano defrontava-se com um dilema. Havia um limite para o número de baixas que o público do país desejava aceitar sem que um claro e vital interesse da nação estivesse em jogo.¹³ Como o objetivo declarado da guerra era levar paz e liberdade ao acossado povo do Vietnã do Sul, transformar todo o país em um deserto fumegante e cheio de crateras não parecia fazer bem a ninguém. A melhor oportunidade de os americanos ganharem o confronto militar seria destruir a capacidade bélica dos comunistas na sua fonte, no Vietnã do Norte, mas fazer isso corria o risco de uma guerra com a China. Naquela altura dos acontecimentos, a China era uma nação insana, xenofóbica, munida de armas nucleares, e desencadear o Armageddon iria provavelmente matar mais americanos e vietnamitas do que qualquer um estava disposto a aceitar.

As campanhas esporádicas, quase ritualísticas, de bombardeio contra o Norte eram geralmente feitas com o objetivo de enviar mensagens, mais do que destruir o país. Os pilotos recebiam uma relação bem restrita de alvos aprovados. Mesmo assim, a simples tonelagem de bombas despejadas sobre o Vietnã do Norte foi mais de três vezes a quantidade total de explosivos despejados pelos americanos durante a Segunda Guerra Mundial. A precisão não era muito grande e estima-se que 65 mil civis vietnamitas tenham morrido nesses reides aéreos.

Conforme a guerra se arrastava, sem um claro propósito e sem fim à vista, a maioria dos americanos se posicionou contra ela. A categoria mais visível de dissidentes eram os universitários em idade de serem convocados, que tinham motivação, organização social e habilidade política para realizar grandes e enraivecidos protestos. Os Estados Unidos vinham usando a conscrição obrigatória para o serviço militar desde a guerra da Coreia, mas o que antes fora um dever a ser cumprido por aqueles que chegavam à idade adulta se transformara agora num pesadelo a ser evitado.

A Resolução do Golfo de Tonkin, que fora originalmente autorizada pelo presidente como medida de guerra, passara no Senado americano apenas com dois votos dissidentes, mas, no início da campanha presidencial de 1968, uma importante facção do Partido Democrata, então no governo, se alinhou com os candidatos pró-paz, tais como Robert Kennedy. Depois de maus resultados nas primárias, o presidente Johnson percebeu que nunca receberia a indicação para concorrer por seu partido e desistiu da disputa. Robert Kennedy seguia célere para a nomeação, mas seu assassinato, em junho, deixou a facção pró-paz sem um candidato viável. A escolha do Partido Democrata caiu no vice-presidente Hubert Humphrey, um social liberal da velha guarda, que não fazia oposição à guerra. Violentos distúrbios de rua entre pacifistas e a polícia local na convenção democrata em Chicago solaparam o esforço do partido, e, em novembro, o candidato republicano, Richard Nixon, foi eleito presidente por estreita margem.

Uma guerra maior, menor

Um total de 30 mil americanos já haviam morrido no Vietnã quando Lyndon Johnson deixou a presidência.¹⁴ No decurso da eleição de 1968, ficou claro que os Estados Unidos iriam sair do Vietnã, independentemente de quem vencesse a eleição ou de quem vencesse a guerra. A única questão era como fazer isso sem passar vergonha. Nixon começou retirando tropas logo que foi empossado, tentando passar a carga maior de volta para o Exército Vietnamita. Nesse ínterim os comunistas lançaram outra ofensiva. Embora Nixon já estivesse ativamente tentando desengajar os Estados Unidos dos combates terrestres, cerca de 10 mil americanos foram mortos durante seu primeiro ano na presidência.¹⁵

Por muitos anos, os comunistas vietnamitas vinham operando a partir de santuários no neutro Camboja, para oeste, que os americanos

começaram secretamente a bombardear e a invadir com patrulhas logo que Nixon assumiu. Como não tinha muita escolha, o príncipe Sihanouk, do Camboja, permitiu relutante e secretamente as sortidas americanas. Em represália, o Vietcongue armou, treinou e infiltrou uma força do Khmer Vermelho, formada por comunistas cambojanos, destinada a atacar o governo de Sihanouk. Este tentou manter uma neutralidade equilibrada diante da guerra que se alastrava, mas seu primeiro-ministro, Lon Nol, fez pressão para que fosse adotada uma linha-dura contra o Khmer Vermelho. Em março de 1970, enquanto o príncipe gozava férias na França, Lon Nol o destronou e declarou o país uma república. Em vez de aceitar uma calma aposentadoria na França, como seu companheiro, o ex-rei do Vietnã, Sihanouk voltou apressadamente para a China, e se ligou com representantes do Khmer Vermelho, com os quais fez uma frente comum.¹⁶

Com a situação no Camboja rapidamente se deteriorando, tropas americanas e sul-vietnamitas invadiram abertamente o país, em maio, para destruir os santuários vietcongues. A ideia era encurralar e eliminar os comunistas, mas eles não conseguiram destruir o inimigo no Camboja mais do que vinham fazendo no próprio Vietnã. Na verdade, a invasão estrangeira acirrou o nacionalismo cambojano e aumentou o apoio local ao Khmer Vermelho. A súbita expansão da guerra também causou uma nova onda de protestos nos Estados Unidos, durante a qual a Guarda Nacional atirou contra uma multidão de manifestantes na Kent State University, matando quatro deles.

Em 1971, forças sul-vietnamitas invadiram abertamente o Laos para fechar a trilha Ho Chi Minh, mas foram repelidas pelos norte-vietnamitas.

De volta à guerra civil

Por ocasião da eleição presidencial seguinte, em 1972, o comprometimento americano no Vietnã já fora reduzido em mais de 90%, com apenas 40 mil soldados americanos no solo, mas os comunistas ainda se recusavam a deixar os americanos se retirarem. Negociações de paz vinham se sucedendo há anos em Paris, intermitentemente, e haviam se transformado numa farsa, com desavenças ridículas sobre os mais triviais procedimentos. Nixon melhorou as relações diplomáticas com os gigantes comunistas, China e Rússia, na esperança de voltar ao calmo e prático modo de fazer as coisas, como acontecia no século XIX, quando as grandes potências decidiam a sorte dos pequenos países. Embora as duas grandes

potências comunistas viessem perdendo dinheiro na guerra da Indochina, e houvessem cortado seu apoio a quase nada, os norte-vietnamitas não desistiam. Na primavera de 1972, lançaram outra ofensiva maciça.¹⁷ No desespero, os americanos retomaram o pesado bombardeio do Vietnã do Norte em dezembro de 1972, a fim de forçar os comunistas a deixar os americanos se retirarem intactos, com certa dignidade.¹⁸ Finalmente, os norte-vietnamitas concordaram e foi estabelecido um cessar-fogo em janeiro de 1973.

Os termos do cessar-fogo eram complicados, envolvendo promessas de eleições, divisão do poder, acordos territoriais, troca de prisioneiros etc., mas nada disso interessa. O ponto-chave era que os comunistas receberam permissão para manter suas tropas no lugar onde estavam, mas elas não deveriam atacar durante um tempo bastante longo, que permitisse que os americanos fossem embora do país sem chamar o procedimento de retirada.

A guerra civil continuou extraoficialmente, com o RVN ganhando terreno vagarosamente, mas estava ficando claro que ambos os lados estavam no fim de suas forças. Embora a economia do tempo de guerra do Vietnã do Sul fosse baseada no suborno, roubo, prostituição e mercado negro, pelo menos era uma economia até certo ponto pujante, mas, com a retirada dos americanos, o dinheiro deles também se foi. Agora as massas de camponeses empurradas para as cidades não tinham mais nenhuma renda. Do outro lado, os teimosos e desordenados ataques dos comunistas, ano após ano, haviam exaurido e desmontado o exército norte-vietnamita. Em outubro de 1973, tanto a Rússia quanto a China se recusaram a reabastecer os norte-vietnamitas. O primeiro-ministro chinês disse ao líder do Vietnã do Norte: “Seria melhor que o Vietnã e o restante da Indochina relaxassem por, digamos, cinco a dez anos.”¹⁹ Nos Estados Unidos a animosidade para com a guerra vinha constantemente empurrando a política para a beira da anarquia e ditadura. O governo Nixon foi apanhado tentando acuar a oposição doméstica com uma rede de atividades ilegais, e em agosto de 1974 o presidente foi forçado a renunciar, um caso sem precedentes na história do país.

Entretanto, o que aconteceu é que os norte-vietnamitas tinham ainda forças para mais uma ofensiva. O primeiro ataque irrompeu através do planalto central, isolando as cidades do norte. O comandante do RVN fugiu de avião para a segurança, deixando 200 mil soldados e membros das suas famílias entregues à própria sorte.

Então os comunistas se voltaram contra a cidade de Hue. Lembrando o massacre de 1968, a população entrou em pânico e tentou escapar. Civis locupletaram o aeroporto; entravam no mar para abordar de qualquer modo os barcos, e com isso se afogavam. Hue caiu no dia 25 de março de 1975; Da Nang, logo depois. Enormes colunas de refugiados fugindo dos comunistas foram apanhadas no fogo cruzado e mortos às dezenas de milhares. Em ações dispersas, os soldados do Vietnã do Sul ou eram batidos fragorosamente ou então fugiam sem lutar, despindo os uniformes e se misturando com as colunas de civis para evitar os campos de prisioneiros comunistas.²⁰

Logo que começou a debacle, o Congresso dos Estados Unidos deu um voto avassalador para que o país ficasse de fora da refrega. Nos Estados Unidos ainda havia uma discussão furiosa sobre o fracasso dos americanos em voltar apressadamente para um país do qual haviam sido expulsos, a fim de socorrer um aliado em perigo, mas, realisticamente, os Estados Unidos não voltaram. Ponto final.

Tanto Saigon quanto Phnom Penh caíram em abril de 1975. A seguir houve um maciço acerto de contas, mas essa já é outra história (ver “O Vietnã pós-guerra” e “O Kampuchea Democrático”).

Número de mortos

O exército do Vietnã do Sul registrou 223.748 mortos entre seu efetivo, antes das ofensivas finais que interromperam o registro das baixas. Os Estados Unidos registraram 58.177 mortos. Durante muitíssimo tempo, ninguém tinha qualquer ideia de quantos comunistas e civis haviam morrido, mas todo mundo sabia que eram muitos. Em abril de 1995, no vigésimo aniversário do fim da guerra, Hanói anunciou suas estimativas oficiais, que indicavam ter sido a guerra duas vezes mais destrutiva do que qualquer um havia ousado calcular até então. Hanói declarou que 1,1 milhão de vietcongues e soldados norte-vietnamitas, além de 2 milhões de civis, haviam morrido durante as duas décadas de conflito, 1954-75.²¹ A pesquisa de saúde de âmbito mundial feita em 2008 confirmou amplamente esses cálculos, estimando 3,8 milhões de mortes violentas no Vietnã durante aquele período.²²

Calcula-se que 600 mil pessoas morreram na Guerra Civil do Camboja, associada ao conflito vietnamita, devido a todas as causas, entre todos os lados.²³ Estima-se que 62 mil morreram no Laos.²⁴

A GUERRA FRIA

O confronto Leste-Oeste

Durante os quarenta anos de seu conflito global bipolar, os Estados Unidos e a União Soviética tinham uma obsessão de ganhar espaços no tabuleiro do jogo. Cada lado procurava controlar quantos países fosse possível, independentemente do valor estratégico ou econômico deles. Na verdade, quando você olha para a lista das maiores guerras “quentes” durante a Guerra Fria, verá a mais inútil coleção de nações que é possível imaginar. Exceto quanto à Indonésia, nenhum deles se destaca como importante fornecedor de petróleo, metais, alimentos ou *commodities* agrícolas, e, com exceção da Indonésia, Etiópia e Grécia, nenhum deles tem litoral próximo a importantes rotas de navegação. O fato de que milhões de pessoas morreram pelo controle desses lugares talvez seja a melhor prova de que ambos os lados da Guerra Fria eram sinceramente motivados pela ideologia. Se a União Soviética ou os Estados Unidos estivessem preocupados apenas com o próprio interesse econômico, teriam evitado a guerra nesses países. Como aconteceu, perderam vidas e dinheiro e não ganharam praticamente nada tangível em troca.

Por outro lado, guerras que não eram lucrativas para o país como um todo ainda assim produziam certo lucro para algumas facções poderosas. A Guerra Fria criou um processo de retroalimentação, no qual a ameaça de inimigos ideológicos poderosos exigia exércitos grandes, permanentes, os quais por sua vez demandavam maciços investimentos para os militares. Isso criou uma poderosa classe de pessoas cuja riqueza e sustento dependiam de continuados gastos militares, que só podiam ser justificados por uma constante ameaça de guerra. Além disso, a pronta disponibilidade desse complexo industrial-militar tornava tentadoramente fácil para os líderes das grandes potências recorrer às armas sempre que surgia uma disputa internacional.

Aqui está uma rápida lista das mais sangrentas “guerras por procuração” durante a era bipolar, começando com a mais sangrenta

delas:

1. Vietnã (1959-75): 3.500 mil mortos no país. Envolvimento direto americano em prol do governo, contra rebeldes comunistas.
2. Coreia (1950-53): 3 milhões de mortos. Envolvimento direto do Ocidente em prol da Coreia do Sul, e envolvimento direto da China em prol da Coreia do Norte.
3. Afeganistão (1979-92): 1.500 mil mortos. Envolvimento direto da União Soviética em prol do governo, contra os rebeldes mujahidins.
4. Moçambique (1975-92): 800 mil mortos. Rebeldes pró-Ocidente *versus* um governo comunista.
5. Camboja (1970-75): 600 mil mortos. Envolvimento direto americano em prol do governo contra rebeldes comunistas.
6. Angola (1975-94): 500 mil mortos. Envolvimento direto cubano em prol do governo contra rebeldes pró-Ocidente.
7. Indonésia (1965-66): 400 mil mortos. Um governo pró-Ocidente massacrou a oposição esquerdista.
8. Guatemala (1960-96): 200 mil mortos. Rebeldes esquerdistas *versus* um governo pró-Ocidente.¹
9. Grécia (1943-49): 160 mil mortos. Rebeldes comunistas *versus* um governo pró-Ocidente.²
10. El Salvador (1979-92): 75 mil mortos. Rebeldes esquerdistas *versus* um governo pró-Ocidente.
11. Laos (até 1973): 62 mil mortos. Ajuda americana em prol do governo contra rebeldes comunistas.³
12. Coreia do Sul (1948-49): 60 mil mortos. Rebeldes esquerdistas *versus* um governo pró-Ocidente.
13. Filipinas (a partir de 1972): 43 mil mortos. Rebeldes comunistas *versus* um governo pró-Ocidente.⁴
14. Argentina (1976-83): 30 mil mortos. Governo pró-Ocidente oprimindo a oposição esquerdista.⁵
15. Nicarágua (1972-79): 30 mil mortos. Rebeldes comunistas *versus* um

governo pró-Ocidente.⁶

16. Nicarágua (1982-90): 30 mil mortos. Rebeldes pró-Ocidente *versus* um governo comunista.⁷

Isso totaliza 11 milhões de pessoas que morreram em diversos conflitos em que os americanos forneciam suprimentos para um lado e os soviéticos para outro. Embora esteja muito além do escopo deste livro dessemearhar meticulosamente cada um desses confrontos, e atribuir a culpa aos comunistas ou ao Ocidente, se você ouvir alguém afirmar que o impasse nuclear entre as superpotências criou uma era sem precedentes de paz internacional, esse alguém provavelmente está esquecendo esses 11 milhões de vidas.

EXPURGO NA INDONÉSIA

Número de mortos: 400 mil¹

Posição na lista: 81

Tipo: expurgo ideológico

Linha divisória ampla: exército *versus* esquerdistas

Época: 1965-66

Localização e principal Estado participante: Indonésia

Quem geralmente leva a maior culpa: Suharto, a CIA

As perguntas facilmente respondíveis que todo mundo faz: Sukarno é a mesma pessoa que Suharto? Eles não têm primeiros nomes?^a

O ano de viver em perigo

No dia 1º de setembro de 1965, uma pequena facção de oficiais subalternos sequestrou seis dos mais graduados generais da Indonésia. Os detalhes são imprecisos, mas a ação parece ter sido o primeiro estágio de um golpe de Estado. Quando o plano fracassou, os insurgentes entraram em pânico e mataram os sequestrados, jogando seus corpos num poço. O único sobrevivente foi o general Abdul Nasution, que saltara por cima do muro dos fundos do quintal de sua casa para a do embaixador do Iraque, seu vizinho, quando o ataque contra a sua casa deixou mortos sua filha de 6 anos e seu ajudante de ordens.

Depois de escapar da tentativa de sequestro, o general Nasution se apresentou ao oficial mais graduado entre os sobreviventes, general Suharto, que, por alguma razão, não tivera o nome incluído entre os alvos a serem assassinados. Suharto culpou o PKI, o Partido Comunista Indonésio, na época o terceiro maior partido comunista do mundo, com orientação maoísta, de ter engendrado o golpe. Outros acham muito estranho que os conspiradores tivessem esquecido completamente de colocar o nome de Suharto na lista dos oficiais a serem sequestrados. Ele não apenas sobreviveu sem um arranhão, mas os ataques funcionaram definitivamente em seu benefício.

O presidente da Indonésia na época era Sukarno, o velho guerreiro pela liberdade, que arrancara o país do império holandês depois da Segunda Guerra Mundial. Na década de 1950, Sukarno ajudara a fundar o movimento de países não alinhados, que tentava organizar um “terceiro

mundo”, o qual permanecesse fora dos blocos soviético e americano. Ele começara como presidente propriamente democrático, com eleições e imprensa livre, mas, conforme os anos foram se passando, teceu um rígido casulo de poder em torno de si mesmo, até que emergiu, como uma borboleta, como presidente vitalício, em 1963. Para manter a oposição sob controle, os membros do Parlamento passaram a ser nomeados, em vez de serem eleitos, sob uma política que Sukarno chamava de Democracia Orientada.

A Indonésia ficou calma por umas poucas semanas depois da tentativa de golpe de setembro de 1965, mas logo os militares começaram a prender e a matar qualquer um suspeito de manter simpatias pelos comunistas. Eles elaboraram uma lista que incluía esquerdistas de todos os tipos: comunistas, é claro, mas também sindicalistas, estudantes e jornalistas, e executaram sumariamente milhares deles. Alguns eram mortos em sortidas que eliminavam famílias inteiras ou destruía vilarejos que não cooperavam. Outros suspeitos eram atirados nas prisões locais para serem interrogados com violência, ficando ignorados por diversas semanas, até que chegava o dia em que eram levados para um local convenientemente deserto e fuzilados. De acordo com diversos ex-funcionários americanos, o serviço de inteligência dos Estados Unidos forneceu aos militares indonésios os nomes de centenas, talvez milhares, de pessoas que eles queriam ver eliminadas.² Os soldados e seus assistentes de “vigilância” também visavam elementos de etnia chinesa, membros de uma comunidade de comerciantes que tinha sido parte da cultura do Sudeste Asiático por gerações, sob o boato de que eram todos agentes de Mao.

A maioria das sortidas tinha lugar à noite, quando homens mascarados sequestravam e desapareciam com os prisioneiros para sempre. Uma testemunha ocular descreve que ficou escondida na vegetação uma noite, vendo “seguranças” mascarados chegarem até a margem do rio com caminhões repletos de prisioneiros, muitos dos quais a testemunha reconheceu como sendo seus vizinhos e professores. Os sequestrados foram tirados das viaturas e decapitados com facões. Suas cabeças foram colocadas em sacos e guardadas, enquanto os corpos eram empurrados para a água, para saírem boiando.³

Quase meio milhão de pessoas foram perseguidas e mortas durante o expurgo; 600 mil foram para a prisão sem julgamento, frequentemente lá ficando por anos. Milhares foram exilados para colônias penais por todo o arquipélago, onde muitos morriam realizando trabalhos forçados.

O presidente Sukarno não tinha poder para controlar os militares, e, oficialmente, desistiu disso em março de 1966, quando passou o controle do país para o general Suharto, que então passou a ser o presidente de fato por cerca de um ano, até que se promoveu a presidente de direito. Suharto retirou a Indonésia do status de país não alinhado e orientou sua política cada vez mais na direção do bloco americano.⁴

^a Respostas: Não. Não.

A GUERRA DE BIAFRA

Número de mortos: 1 milhão¹

Posição na lista: 46

Tipo: guerra civil étnica

Linha divisória ampla: Nigéria *versus* Biafra

Época: 1966-70

Localização: Nigéria

Quem geralmente leva a maior culpa: geralmente a tribo dos ojukwus, às vezes a tribo dos gowons, raramente ambas

Outra praga: a guerra civil africana

Deflagração

Como a maior parte dos países africanos, a Nigéria não faz sentido. O país surgiu como um enclave na Costa dos Escravos, que os britânicos conquistaram a fim de policiar o tráfico escravagista. Depois a área foi ampliada para o interior, para evitar que esse território caísse em mãos francesas. A Nigéria é dividida entre o norte muçulmano e o sul cristão, com uma variedade de tribos dispersas pelas duas áreas. Nos primeiros anos que se seguiram à sua independência, em 1960, o país foi uma federação de províncias grandemente autônomas, ocupadas pelos principais grupos étnicos, notavelmente pelos hausa-fulanis, muçulmanos na região Norte; pelos ibos, também chamados igbos, cristãos, na região Leste; e pelos iorubás, também cristãos, na região Oeste. O povo ibo fora o mais bem-sucedido em assimilar o modo de vida ocidental, sob o domínio dos britânicos. Eram mais ricos, mais educados e tinham uma influência desproporcional no exército.

Em janeiro de 1966, oficiais ibos do exército da Nigéria tentaram derrubar os corruptos e ineficientes líderes civis da Primeira República. Um general ibo legalista abortou o golpe, mas poupou os conspiradores, e depois declarou a si mesmo presidente, a fim de restaurar a ordem. Quando ele começou a preencher os cargos do governo com membros de sua tribo, os muçulmanos da região Norte começaram a engendrar um golpe por conta própria. Em julho de 1966, esse contragolpe colocou o governo nas mãos das tropas do Norte; entretanto, para acalmar os ânimos da metade cristã do país, essa nova junta deu a presidência a Yakubu

Gowon, um coronel de uma tribo cristã de menor importância, e o qual não se envolvera em nenhum dos dois golpes.

Com 32 anos de idade, Gowon era o mais moço chefe de Estado da África. Bem-apegoado e carismático, era muito querido dentro e fora da Nigéria. Mesmo tendo supervisionado uma guerra que matou 1 milhão de seus compatriotas, a história tem sido benevolente com sua reputação. A maior parte da culpa tem caído no igualmente jovem, mas menos carismático, governador militar da região Leste, um membro da tribo ibo chamado Chukwuemeka Odumegwu Ojukwu. A família dele era a mais rica do país, e sua fortuna foi muito importante em suprir o exército de Biafra durante a guerra que se avizinhava.

Depois do contragolpe de julho, irromperam *pogroms* por todo o norte muçulmano, visando os residentes cristãos, especialmente os ibos. Enraivecidos com os conspiradores do golpe de janeiro, as multidões nortistas mataram cerca de 30 mil ibos, e escorraçaram 1 milhão de volta para a região Leste. Depois que os protestos e negociações dos ibos com o governo central fracassaram na tentativa de proteger essa tribo, Ojukwu declarou independente uma nova nação, Biafra, no quarto mais ao sul da Nigéria.

A guerra

A primeira tentativa do exército federal para retomar a província foi facilmente derrotada, e o exército de Biafra perseguiu os federais em fuga através do rio Níger, entrando na região Oeste e ameaçando a capital do país, Lagos. Essa incursão foi contida e repelida dentro de semanas, e Biafra, depois disso, ficou inteiramente na defensiva.

A Nigéria é o país africano de maior população, de modo que o governo federal conseguiu finalmente reunir um exército de 250 mil homens, enquanto o efetivo militar de Biafra somava 45 mil. Nenhum dos dois exércitos impressionava os observadores por suas proezas marciais. Sempre que se defrontavam, o objetivo tático mais importante parecia ser fazer o máximo barulho possível. Durante uma ofensiva federal típica, a artilharia primeiro despejava um inferno de projéteis sobre a suposta posição do inimigo, independentemente de se aquela posição do inimigo fora confirmada ou se havia civis no caminho. As tropas de Biafra, entretanto, geralmente recuavam quando o primeiro projétil explodia, porque elas não tinham artilharia própria com que responder àquele

bombardeio. Depois a infantaria federal avançava correndo, disparando suas metralhadoras de modo aleatório, na direção geral do inimigo, até que se esgotasse toda a munição. Quando o tiroteio cessava, os soldados de Biafra podiam contra-atacar, enquanto as tropas federais recuavam, à espera de mais munição.²

A fome

O exército federal foi gradualmente empurrando Biafra para as fronteiras. Foi abrindo caminho na fronteira com Camarões para leste, separando Biafra do contato por terra com o restante do mundo. Por fim, um ataque anfíbio conquistou Port Harcourt, cortando o último contato direto da província insurgente com o mundo exterior. Agora apenas aviões podiam trazer suprimentos, mas isso nunca bastava. A inanição matou centenas de milhares de biafrianos encurralados. Fotografias de crianças emaciadas, com a barriga inchada, cobriram as páginas das revistas em todo o mundo.

Enquanto a Nigéria cercava Biafra e reduzia a província a um décimo de sua área original, apenas suprimentos humanitários podiam furar o bloqueio. Então, em junho de 1969, Gowon apertou o laço e expulsou a Cruz Vermelha de Biafra. Embora os violentos protestos internacionais tivessem feito com que ele rescindisse sua ordem dentro de duas semanas, a crise desencadeou uma reação em cadeia.

A Cruz Vermelha precisava manter um delicado equilíbrio entre todos os lados a fim de receber permissão para entrar na zona de guerra, o que significava que a organização humanitária tinha de entrar no jogo político. Então um grupo de médicos franceses trabalhando em Biafra criticou abertamente a instituição por estar bajulando os favoritos, e começou a organizar uma assistência médica que passasse ao largo da política. No decorrer dos diversos anos que se seguiram, eles se tornaram os Médicos sem Fronteiras, classificados como um canal não político para levar ajuda médica a países em dificuldades, o que, ironicamente, era uma das razões originais da fundação da Cruz Vermelha.

Rendição

Enquanto o enclave se desintegrava nos anos que se seguiram, Ojukwu apertou a segurança interna e levou os biafrianos à ideia de que a rendição significaria genocídio. Cada lado acusou o outro de massacrar

civis, e depois convidou observadores internacionais para a zona de guerra, a fim de provar que eles próprios estavam observando todas as leis da guerra civilizada, diferentemente dos selvagens do outro lado.

Biafra lutou até que já não havia muita coisa a defender, e o último bastião foi abandonado em janeiro de 1970. Ojukwu fugiu para a Costa do Marfim, mas não houve nenhuma das costumeiras represálias que acompanhavam a maioria das guerras civis no Terceiro Mundo. Não houve massacres nem execuções, mas apenas uma anistia geral e reconciliação. É claro que houve boatos, mas nenhum resistiu ao escrutínio internacional. Gowon foi amplamente elogiado por sua inusitada benevolência, o que mostra como isso é realmente uma coisa rara.³

GENOCÍDIO EM BENGALA

Número de mortos: 1,5 milhão¹

Posição na lista: 40

Tipo: limpeza étnica

Linha divisória ampla: Paquistão ocidental *versus* Paquistão oriental

Época: 267 dias, em 1971

Localização: Paquistão oriental

Principal Estado participante: Paquistão

Estado com participação quântica: Bangladesh

Estado participante secundário: Índia

Quem geralmente leva a maior culpa: Agha Mohammad Yahya Khan

Geografia

Como país, o Paquistão surgiu a partir de dois territórios distintos em lados opostos da Índia, os quais não compartilhavam nada mais do que a religião muçulmana e um passado imperial britânico. A ala ocidental do país, Paquistão ocidental, era o centro etnicamente variegado de poder político, enquanto a outra banda, o Paquistão oriental, falava principalmente o bengalês e era tratado pela ala ocidental como uma colônia pobre, atrasada. O fato de que a população do lado oriental fosse ligeiramente maior do que a do lado ocidental tornava a mistura perigosa.

Quando um tufão devastador atingiu o Paquistão oriental, em novembro de 1970, o governo federal não deu o socorro esperado. O ditador militar do Paquistão, Agha Mohammad Yahya Khan, estava mais preocupado com assuntos portentosos da política internacional. Como aliado tanto da China quanto dos Estados Unidos, o Paquistão serviu como intermediário nas conversações Nixon-Mao. Yahya estava na China quando o desastre aconteceu.

Embora centenas de milhares de pessoas de seu país tivessem sido carregadas para o mar pelas ondas criadas pela tempestade, o ditador pouco fez para ajudar os sobreviventes. Outros países, como a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a Alemanha Ocidental e outros, enviaram ajuda antes que o governo do Paquistão o fizesse. Devido à indiferença federal, os nacionalistas bengaleses da Liga Awami ganharam influência por todo o Paquistão oriental, e se posicionaram para as eleições que logo

aconteceriam.

Política

Pode parecer estranho que o Paquistão tivesse, ao mesmo tempo, tanto eleições quanto um ditador, mas isso era uma coisa normal para eles. O governo do país flutuava historicamente entre meio democrático e meio autocrático. De fato, um pouco de cada uma dessas coisas não era inusitado. O Paquistão geralmente tem um Parlamento, uma imprensa livre e um judiciário independente, isto é, mais ou menos independente, mas a liderança nacional alterna-se entre militares e civis. O chefe é um homem forte entre os militares, que deixa o funcionalismo civil administrar o país desde que nada exploda, ou um presidente eleito, que governa via subornos e extorsões, e não força o exército a fazer nada que ele não queira. Independentemente do caminho percorrido, ao longo da vida, pelo governante no poder, o governo do Paquistão é geralmente focalizado na personalidade de seu líder.

Durante as eleições nacionais de dezembro de 1970, a Liga Awami, liderada pelo xeique Mujibur Rahman, conquistou quase todos os assentos do Paquistão oriental, dando àquela organização uma sólida maioria nacional, mas isso apenas convenceu Yahya de que as eleições livres haviam sido um erro. Não havia nenhum meio senão a junta entregar o governo a Mujibur, mas ela tinha de se confrontar com o desconfortável efeito colateral de restaurar a democracia no Paquistão. Enquanto os bengaleses permanecessem unidos, apoiando a Liga Awami, eles teriam o poder de governar todo o país.

Nesse ínterim, a votação mostrou que o Partido Progressista do Povo dominava o Paquistão ocidental, mas o líder da organização, Zulfikar Ali Bhutto, recusou-se a sentar num parlamento dirigido por Mujibur. Ele apresentou a ideia de uma federação com duas partes, a qual, sem surpresa, o colocaria como governante da metade ocidental. Conversações tripartites entre Bhutto, Mujibur e Yahya se arrastaram, até que os ânimos explodiram. Mujibur comandou uma série de greves e protestos na província de Bengala, do Paquistão oriental, e Yahya enviou soldados para prendê-lo e restaurar a ordem em fevereiro de 1971.

“Mate três milhões deles”, ordenou o presidente Yahya Khan a seus auxiliares mais íntimos, “e o resto virá comer nas nossas mãos.”² Apologistas paquistaneses insistem agora que o presidente não quis dizer

isso, *literalmente*.

Massacre

O general Tikka Khan assumiu o comando do exército no Paquistão oriental em 7 de março, e dentro de semanas começou a massacrar os bengaleses, começando pelas universidades. Os intelectuais bengaleses e os líderes políticos foram caçados. O exército matou 3 mil pessoas em Dacca no primeiro dia, 25 de março, e pelo menos 30 mil nos primeiros poucos dias, enquanto o restante dos habitantes fugia em pânico.

“A noite tranquila transformou-se num tempo de gemidos, choro e incêndios”, descreveu um general paquistanês em suas memórias. “O general Tikka lançou todos os meios a seu dispor como se estivesse atacando um inimigo. Em vez de desarmar as unidades bengalesas e aprisionar os líderes da área, como lhe fora ordenado, ele recorreu à política de terra arrasada e de matar os civis.”³

Na universidade, os soldados paquistaneses atearam fogo no dormitório das mulheres e atiraram com metralhadoras sobre as estudantes quando elas fugiam pelas portas.⁴ Na cidade de Hariharpara, perto de Dacca, os paquistaneses amontoaram prisioneiros em um armazém abandonado. À noite, amarrados juntos em grupos de seis, mais ou menos, eles foram levados para fora e forçados a entrar no rio até a cintura. Silhuetados por poderosas lâmpadas de arco, foram então fuzilados e os cadáveres deixados flutuar ao sabor da corrente.⁵

Archer Blood, o cônsul americano em Dacca, telegrafou para seu governo no dia 28 de março, com detalhes sobre o genocídio que acontecia, e implorou, sem sucesso, que os Estados Unidos intervissem. “Aqui em Dacca somos testemunhas mudas e horrorizadas de um reino de terror instaurado pelos militares paquistaneses.” Entretanto, o Departamento de Estado norte-americano precisava de Yahya Khan para seus contatos com Mao Tsé-tung, de modo que expediu ordens para não perturbar os paquistaneses.⁶

Não existira nenhum movimento separatista no Paquistão oriental antes de os massacres começarem, mas agora os sobreviventes começaram a se organizar em milícias para reagir, usando as armas que pudessem improvisar. Nesse ínterim, cerca de 30 milhões de bengaleses foram erradicados internamente durante esses meses, e qualquer coisa entre 6 e 10 milhões de refugiados bengaleses se derramaram pela Índia para

escapar aos massacres. Assoberbado com o influxo maciço de gente morrendo de fome, desesperada, a Índia decidiu tornar o Paquistão oriental um lugar seguro para seu retorno. No dia 3 de dezembro, a Índia invadiu o Paquistão oriental, e já no dia 16 o exército paquistanês local se rendera. Isso permitiu a criação do Estado independente de Bangladesh.⁷

IDI AMIN

Número de mortos: 300 mil¹

Posição na lista: 96

Tipo: déspota

Linha divisória ampla: Idi Amin *versus* todo mundo

Época: 1971-79

Localização e principal Estado participante: Uganda Participantes de menor importância: Tanzânia e Líbia

Quem geralmente leva a maior culpa: Idi Amin

Idi Amin era um homem enorme, com 1,90 de altura e 120 quilos, mas quase não sabia ler nem escrever. Campeão de boxe e soldado profissional até a medula, Amin foi subindo na hierarquia do exército colonial britânico até tornar-se chefe do estado-maior do exército do primeiro presidente eleito de Uganda, Milton Obote. Amin era geralmente considerado um brutamontes jovial, com muito pouca imaginação para representar uma ameaça. Como era oriundo de uma tribo insignificante do Sudão, ele não tinha as ligações necessárias para causar muitos problemas.

Em janeiro de 1971, Amin se apoderou do poder com um golpe de Estado, exatamente quando o presidente Obote pensava se livrar dele.

Quase imediatamente, Amin expurgou o exército de elementos das tribos acholi e langi, que formavam o núcleo de apoio de Obote, matando cerca de 10 mil deles num exército que, para começar, já não era muito grande. Ao mesmo tempo substituiu os expurgados por homens de sua tribo sudanesa recrutados no norte de Uganda e do outro lado da fronteira, em territórios muçulmanos mais ligados por laços familiares a seu próprio povo.

Em 1972, Amin expulsou 70 mil ugandenses de descendência asiática, a maioria indianos, e confiscou suas propriedades. Embora fosse popular e temporariamente lhe trouxesse lucro, a medida destruiu a economia. Os ancestrais dos expulsos haviam sido levados para a África pelos britânicos para serem funcionários públicos civis, e formavam a espinha dorsal da classe média da nação.²

O ditador mudou o alinhamento internacional de Uganda, afastando os assessores britânicos e israelenses, e se aproximando da solidariedade dos países muçulmanos, e logo tropas líbias chegaram para dar sustento ao

regime. Quando sequestraram um avião comercial israelense, em 1976, os terroristas palestinos encontraram um refúgio seguro no aeroporto ugandense de Entebbe. Enquanto Amin aproveitava o feito para posar como o centro das atenções de uma crise internacional, os comandos israelenses invadiram o aeroporto e salvaram os reféns.

É claro, nada disso constitui razão para que Idi Amin tenha se tornado o líder mais cruel do Terceiro Mundo. Nós todos conhecemos Idi Amin porque ele atraía os holofotes bancando o palhaço. Durante a crise internacional da década de 1970, a imprensa mundial sempre podia contar com um ultrajante comentário partido de Uganda. O ditador aconselhou os países árabes a enviarem pilotos camicases contra Israel, e ofereceu ao presidente Richard Nixon seus sinceros votos para uma “rápida recuperação” depois do escândalo de Watergate. Desafiou o presidente de um país vizinho para uma luta de boxe, a fim de resolver uma disputa de fronteiras. Concedeu a si próprio a Cruz da Vitória, uma importante condecoração britânica, e se apresentou como voluntário para ser rei da Escócia. Até mesmo o boato de que ele era canibal foi tratado mais como uma piada fascinante do que uma violação de direitos humanos. Entre os títulos que concedeu a si mesmo estavam o de “Senhor de todos os Animais da Terra e Peixes do Mar” e de “Conquistador do Império Britânico”, mas seu favorito era Dada, “Grande Papai”.³

Durante todo o tempo, Idi Amin manteve um regime tirânico, entre os mais brutais da história. Cadáveres eram atirados no rio Nilo porque não se podiam cavar sepulturas na velocidade requerida para conter todas as vítimas. Em certo momento, o descarte mostrou-se até mesmo demasiado para os crocodilos, e corpos inchados flutuando entupiram a principal usina hidrelétrica do país, interrompendo o fornecimento de eletricidade. Seu círculo mais íntimo nunca se estabilizava, e ele promovia e expurgava assessores e esposas com caprichosa rapidez. Os prisioneiros eram forçados a se entredevorar, a fim de se manterem vivos.

Finalmente, quando Uganda se tornou pobre demais para ser saqueada, Amin enviou seu exército contra a Tanzânia, a fim de pilhar as terras fronteiriças em disputa. O exército tanzaniano reagiu em massa, invadindo Uganda e expondo a verdade sobre o regime. Perto do palácio favorito de Amin, na sede da Agência de Pesquisa Estatal, isto é, sede da polícia secreta, foram encontrados “vinte a trinta cadáveres espalhados num aposento, em vários estados de putrefação e mutilação. Quase todos mostravam sinais de tortura e o chão estava coberto de manchas de

sangue”. Prisioneiros em farrapos, alquebrados, foram libertados das prisões. Foram cavadas covas de execução coletiva, mostrando crânios esmagados por coronhadas, braços e pernas amarrados, crianças empaladas em estacas.⁴

Nesse ínterim, Amin escapou para a Líbia, depois foi para a Arábia Saudita, onde viveu numa confortável aposentadoria até sua morte, em 2003.⁵

MENGISTU HAILE

Número de mortos: 2 milhões¹

Posição na lista: 37

Tipo: guerra civil étnica, regime comunista

Linha divisória ampla: Etiópia *versus* suas minorias

Época: 1974-91

Localização e principal Estado participante: Etiópia

Estados participantes secundários: Somália, Cuba

Estados com participação quântica: Eritreia, Tigre

Principais não Estados participantes: Frente de Libertação Afar, Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope, Frente de Libertação da Eritreia, Frente de Libertação do Povo da Eritreia, Partido Revolucionário do Povo Etíope, Frente de Libertação Oromo, Frente de Libertação Somali Abo.

Quem geralmente leva a maior culpa: Mengistu Haile Mariam

Outra praga: a guerra civil africana

Depois da Segunda Guerra Mundial, a colônia italiana da Eritreia, ao longo do litoral do mar Vermelho, foi anexada à Etiópia, tanto para a Etiópia ganhar uma saída para o mar como compensação por todos os problemas que a Itália causara aos etíopes. Como os habitantes da Eritreia não têm nada a ver com os etíopes, a união deveria ter a forma de uma federação de laços frouxos, com uma grande autonomia por parte da Eritreia, mas os etíopes ficaram ambiciosos e começaram a governar a nova província como se o território lhes pertencesse.

Quando o imperador Haile Selassie (ver “A guerra ítalo-etíope”) anexou unilateralmente a Eritreia à Etiópia, em 1962, a população local se rebelou. Durante os trinta anos seguintes, o litoral etíope foi uma zona de guerra. Compendo o estado de guerra crônico, ocorreu uma crise de fome por toda a Etiópia em 1973-74, matando de 100 mil a 200 mil pessoas na província setentrional de Tigre, enquanto o país mergulhava ainda mais no caos.

O terror vermelho

Em setembro de 1974, uma conspiração de oficiais do exército que se intitulavam Derg (o “Comitê”) assumiu o poder na capital, Adis Abeba, e aprisionou o imperador Haile Selassie. O primeiro líder do governo provisório, general Aman Andom, era eritreu, gozando de pouca confiança

geral, e assim foi assassinado dentro de poucos meses. Seu substituto, Teferi Benti, declarou a Etiópia um país socialista.

Depois de um ano de prisão domiciliar, Haile Selassie foi estrangulado na sua cama e enterrado debaixo de uma privada no palácio. Além disso, 57 altos ex-funcionários do governo, inclusive dois ex-primeiros-ministros e 17 generais, foram executados sem julgamento no primeiro ano do governo Derg. Ao todo, cerca de 10 mil suspeitos, oponentes do novo regime, foram mortos nos primeiros expurgos.

Em 1977, durante uma reunião do gabinete, o vice-presidente, tenente-coronel Mengistu Haile Mariam, e seus asseclas pediram licença para sair da sala, em silêncio. Um momento mais tarde, Mengistu irrompeu no local com alguns homens armados e começou a fuzilar todos ali presentes. A coisa se transformou em um tiroteio pelos corredores do palácio, no qual Benti e seus auxiliares foram mortos.²

Mengistu continuou então o expurgo das facções de marxistas rivais. No discurso de maio de 1977, ele declarou o Partido Revolucionário do Povo Etíope uma organização ilegal: “Morte aos rebeldes! Morte ao EPRP!” Multidões açuladas pelo governo e trabalhadores das fábricas foram organizados para ir de porta em porta, arrastando suspeitos para fora das casas, para serem fuzilados ou estrangulados com arame. Durante o Terror Vermelho, cadáveres foram atirados nas sarjetas com cartazes amarrados ao pescoço: “Isso é o que acontecerá a você, se apoiar o EPRP.” No decurso de seu reinado, Mengistu fez com que fossem mortos a sangue-frio cerca de 80 mil inimigos políticos e prisioneiros.³

Guerra e mais guerra

Durante a maior parte da história moderna, a Etiópia parece, a qualquer momento, ter sempre algumas guerras acontecendo. Algumas são guerras civis; outras são guerras de fronteiras. Durante a era do governo Derg, as guerras foram travadas nas duas extremidades do país. Além da guerra da Eritreia, os somalis na área leste do deserto de Ogaden se revoltaram, e comunistas linha-dura se rebelaram no rio Tigre. No total, essas guerras mataram 400 mil a 600 mil pessoas por um meio ou outro.⁴

Os somalis constituem uma das mais distintas e numerosas etnias de toda a África, mas durante a era colonial o povo foi dividido em cinco jurisdições diferentes (por isso a estrela de cinco pontas que domina a bandeira do país). A independência reuniu três desses grupos:

Somalilândia italiana, Somalilândia britânica, mais o canto norte do Quênia. Isso deixou o enclave francês no porto de Djibouti e o deserto de Ogaden da Etiópia como territórios somalis fora da Somália. Com a Etiópia perturbada por guerra civil, fome e lutas entre facções, o ditador da Somália, Mohamed Siad Barre, imaginou que aquele seria um bom momento para se apossar de alguma terra. Em julho de 1977, as tropas somalis cruzaram a fronteira com a Etiópia e ocuparam Ogaden, em apoio aos rebeldes somalis locais.

A guerra enviou ondas de choque por todo o mundo. Como o chamado Chifre da África podia ser usado para interromper o fluxo de petróleo do golfo Pérsico para o Canal de Suez, cada uma das superpotências queria bases militares instaladas nas vizinhanças. O Ocidente apoiara a monarquia de Haile Selassie, enquanto os soviéticos haviam cultivado a ditadura radical na Somália.

Agora, entretanto, com os comunistas no governo em Adis Abeba, os russos controlavam todo o Chifre, mas a Guerra de Ogaden colocava a União Soviética na constrangedora posição de apoiar ambos os lados, numa guerra entre aliados. Quando os soviéticos tentaram abortar a invasão cortando a ajuda à Somália, Siad Barre expulsou os assessores soviéticos e passou para o lado do Ocidente. Por volta de 1980, foi concedido aos americanos o uso das instalações aéreas e navais que os soviéticos haviam construído na capital somali, Mogadíscio.

Nesse ínterim, 24 mil soldados cubanos chegaram para lutar com o exército etíope. Militares cubanos lutaram “por procuração” dos soviéticos em diversas guerras civis na África. Para começar, os cubanos eram mais terceiro-mundistas, isto é, de pele mais escura, menos limpos, do que os russos, e muitos tinham descendência africana, de modo que apresentavam menos implicações coloniais desagradáveis. Outro ponto a considerar era que enviar diretamente tropas soviéticas elevaria os trunfos e ampliaria o conflito para uma guerra entre as grandes potências.

Com a ajuda cubana, os últimos invasores somalis foram expulsos da Etiópia em março de 1978.

Fome

Nem é preciso dizer que a conquista do poder pelos comunistas na Etiópia levou a outra crise de fome. Se aprendemos alguma coisa dos capítulos anteriores, foi que os regimes comunistas anteriores não aprenderam com

seus predecessores. Assim que os comunistas começam a mexer com a agricultura, as pessoas passam fome. O governo de Mengistu coletivizou a agricultura com a tradicional brutalidade e teimosia comunistas usadas em toda parte, e a produção de alimentos desabou.

A coisa começou com a seca no vale do rio Tigre e na Eritreia, o que causou uma fome avassaladora em 1984-85. É claro, ninguém pode ter certeza, mas a fome matou qualquer coisa entre 0,5 milhão e 2 milhões de pessoas.⁵ Mengistu tentou ocultar a extensão da fome, o que não permitiu que auxílio externo fosse enviado à região.

A ideologia apenas não intensificou a fome. As guerras deslocaram milhares de refugiados, enquanto o ditador forçava centenas de milhares de camponeses a saírem das províncias do norte, assoladas pela guerra, na direção oeste, a fim de matar de fome os rebeldes. A coisa funcionou tão bem que matou de inanição tanto os rebeldes quanto os camponeses, propagando a crise de fome.

Finalmente, o Ocidente percebeu o que acontecia e começou a enviar alimentos. A reação mais visível foi o concerto Live Aid, que reuniu dezenas de bandas e levantou milhões em dinheiro vivo para aplacar a fome dos etíopes. Esse não foi o primeiro movimento internacional de ajuda baseado no rock-and-roll; o Concerto para Bangladesh, de George Harrison, é anterior, mas, de diversas formas, aquele foi o maior.

Quando os alimentos finalmente chegaram do mundo exterior, Mengistu tentou distribuí-los de acordo com a lealdade da população ao regime. A maioria das agências de ajuda humanitária ocidentais já havia visto esse truque antes, e não deixaram que isso se repetisse, mas o problema causou retardamento, conflitos e cancelamentos que uma população morrendo de fome não podia se dar ao luxo de suportar.

Queda

Quando a União Soviética começou a se afastar da ideologia comunista estrita, nos meados da década de 1980, o líder soviético, Mikhail Gorbachev, cortou a ajuda à Etiópia. Sem essa muleta, o regime de Mengistu começou a desmoronar. Em 1988, a maior parte da Eritreia já caíra nas mãos dos rebeldes. Logo em seguida foi a província de Tigre. Quando os grupos rebeldes convergiram sobre a capital, Adis Abeba, em maio de 1991, Mengistu fugiu de avião para o Zimbábue, onde continua até hoje, em confortável exílio.

No primeiro deslumbramento depois da vitória, todas as diversas facções se reuniram num governo provisório de ampla base, na capital, e realizaram eleições que foram quase honestas. Esse interlúdio democrático não demorou muito, e logo uma das facções assumiu o controle, mas pelo menos eles tentaram.

O novo regime encontrou o esqueleto do imperador Haile Selassie e lhe deu um enterro cristão apropriado.

Depois de um ano da derrota de Mengistu, um referendo patrocinado pela ONU finalmente ofereceu à Eritreia sua independência, uma oportunidade que a população toda aproveitou. Foi a primeira vez que um movimento de secessão realmente venceu na África pós-colonial, tornando a Eritreia a primeira nação africana de segunda geração.

O VIETNÃ PÓS-GUERRA

Número de mortos: 365 mil¹

Posição na lista: 91

Tipo: expurgo ideológico

Linha divisória ampla: comunistas *versus* ex-anticomunistas

Época: 1975-92

Localização e principal Estado participante: Vietnã

Quem geralmente leva a maior culpa: o governo comunista do Vietnã unificado, piratas malaios

Outro culpado: a república popular insana

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Isso significa que os americanos estavam certos ao intervir no Vietnã e errados ao sair?

Nos dias caóticos que precederam a queda de Saigon, os americanos conseguiram evacuar 175 mil aliados vietnamitas que teriam sido os alvos mais óbvios de retaliação: funcionários públicos, oficiais do exército e crianças birraciais. Mas, mesmo com tantos resgatados, o novo governo comunista encontrou um número enorme de sul-vietnamitas suspeitos de estarem americanizados e que deveriam receber tratamento adequado. Funcionários públicos, professores, ex-oficiais, namoradas e estudantes receberam ordem de se apresentarem para um seminário em campos de reeducação especiais.

A provação não passou tão rápido como prometido. Eles deveriam ficar em quarentena, isolados na nova sociedade e convertidos em marxistas leais. Os campos funcionavam sob uma espécie de fervor religioso dedicado a transformar esses casos difíceis em cidadãos-modelo, mas primeiro eles teriam de ficar alquebrados, geralmente por meio de tortura, trabalho excessivo, fadiga e fome. Muitos foram mantidos nos campos por 10 a 15 anos, sob um regime de trabalhos forçados e rações escassas. A disciplina era severa. Os tornozelos e pulsos dos prisioneiros ficavam marcados de cicatrizes de correntes e algemas.

“Um tenente-coronel tentou escapar do campo de reeducação de Lang Son subornando um dos guardas”, descreveu uma testemunha. “Seu plano foi descoberto; ele recebeu um tiro numa perna e foi apanhado. No dia seguinte, o fugitivo foi enterrado vivo. Morreu em quatro dias.”²

Quase 1 milhão de pessoas passou por esses campos, onde provavelmente 65 mil pessoas foram executadas, e outras 100 mil

morreram de negligência, doença ou excesso de trabalho. Esses campos de reeducação foram fechados durante uma anistia geral em 1992, e milhares de prisioneiros que haviam sido mantidos ali por 17 anos completos foram finalmente libertados.

O povo dos barcos

Defrontados com os novos e implacáveis governantes, muitos vietnamitas tentaram fugir do país. Eles usavam o dinheiro à mão para subornar funcionários e comprar qualquer barco disponível, muitos praticamente sem condições navegáveis, bons talvez para fazer a viagem de ida, e muitas vezes nem isso. Refugiados políticos constituíam apenas uma parte do êxodo. Quando estourou uma guerra de fronteira entre a China e o Vietnã, em 1979, Hanói perseguiu fortemente todos os vietnamitas de ascendência chinesa, como suspeitos traidores.

Provavelmente 1 milhão de pessoas fugiram do Vietnã de barco em apenas alguns anos, e cerca de um quarto dessas morreu no mar.³ Elas ficavam à deriva sob o sol inclemente em barcos fazendo água, afundando lentamente, muitas vezes sem comida ou água. Os mortos eram lançados ao mar.

À parte dos perigos ordinários do oceano, os refugiados embarcados sofriam perigo nas mãos dos humanos. As nações vizinhas não os queriam. As guardas costeiras locais os escorraçavam de volta para o mar aberto, e grupos de segurança privada os atacavam quando tentavam desembarcar nas praias estrangeiras. Muitos barcos foram sequestrados por piratas malaios. Os bens dos refugiados eram roubados, as mulheres, estupradas, e os homens, espancados.

A maioria dos que escapavam pelo mar foi para a Malásia, Hong Kong, Indonésia e Filipinas, como primeira parada, onde ficavam aguardando em campos de refugiados, esperando serem aceitos por países mais ricos. O maior número foi reassentado nos Estados Unidos, com a França e a Austrália também recebendo muitos milhares.⁴

No final da década de 1980, outra onda de refugiados fugiu do Vietnã pelo mar. Infelizmente, dessa vez, o mundo rotulou esses fugitivos de refugiados econômicos, e não de refugiados políticos. Eles foram considerados um incômodo e não receberam muita simpatia geral.

Num incidente ocorrido em 1989, “sete piratas armados com carabinas e marretas assaltaram o barco de refugiados, que saía do Vietnã no dia 14

de abril, com mais de 130 pessoas a bordo, inclusive vinte crianças... Os piratas fuzilaram e mataram os dois pilotos do barco e estupraram a maioria das 15 ou vinte mulheres e meninas a bordo. Depois tocaram fogo na embarcação. No pânico que se seguiu, muitos refugiados agarraram boias, latões de combustível e salva-vidas e se jogaram no mar... Os piratas usaram paus para evitar que os refugiados se agarrassem a objetos flutuantes”. Houve apenas um sobrevivente, que foi levado pelas correntes sobre tábuas que boiavam.⁵

O KAMPUCHEA DEMOCRÁTICO

Número de mortos: 1.670 mil

Posição na lista: 39

Tipo: regime comunista

Linha divisória ampla: Khmer Vermelho versus todo o mundo Época: 1975-79

Localização: Camboja, cujo nome oficial é Kampuchea Democrático

Quem geralmente leva a maior culpa: Pol Pot e o Khmer Vermelho

Outra praga: a república popular insana

Os campos da matança

A insurgência comunista no Camboja fora pouco mais que gangues de bandidos no interior, até que os bombardeios americanos e a invasão disseminaram a guerra do Vietnã para o outro lado da fronteira. Enquanto o Camboja se via engolfado em um conflito maior, a credibilidade e a estabilidade do governo em Phnom Penh começaram a periclitarem. A capital finalmente foi conquistada pelo Khmer Vermelho no dia 17 de abril de 1975.

Quase que imediatamente, o Khmer Vermelho começou a arrebanhar a população da cidade, enviando-a para o interior. Diziam às pessoas que os americanos estavam indo bombardear Phnom Penh, de modo que elas precisavam se apressar. Deixem tudo para trás e vão para o interior o mais rápido possível. Qualquer um que desobedecesse era fuzilado, assim como qualquer um constante da lista de inimigos da classe. Por todo o país, as cidades foram abandonadas por centenas de milhares de pessoas que nunca mais veriam suas casas.

A população foi sendo empurrada de volta para as fazendas. Até certo ponto, essa era uma resposta puramente prática à escassez de alimentos que assolava as cidades depois de anos de guerra de guerrilhas, mas a ação também foi guiada pela ideologia. O Khmer Vermelho nem mesmo considerou dois meios mais simples, já testados pelo tempo, para levar alimentos para as cidades: ajuda externa e mercado livre.¹

O Khmer Vermelho acreditava que a vida simples do mais humilde camponês cambojano era o único estilo de vida aceitável. Autossuficiente, satisfeito e dando duro no trabalho, o camponês sobrevivia há séculos, sem explorar o trabalho dos outros. Isso representava o ideal comunista. Livre

da exploração capitalista, os camponeses do Camboja deveriam agora triplicar sua produção. A produtividade média de uma tonelada métrica de arroz por hectare deveria então atingir a nova quota de três toneladas métricas por hectare. Na prática essa produtividade não chegou nem perto da meta acertada.

Donos de lojas, garçons, escriturários, secretárias e qualquer um que tivesse participado demais na sociedade moderna, urbana era classificado como “Nova Gente” – a origem de tudo o que era errado no mundo. Esses indivíduos eram levados para o campo e postos a trabalhar nas fazendas, sendo considerados elementos claramente dispensáveis. Se a Nova Gente se adaptava à vida camponesa, muito bem, mas, se morriam de exaustão, isso era bom também. As minorias étnicas foram também classificadas como Nova Gente, e sistematicamente eliminadas. Um terço dos chams, uma minoria étnica muçulmana, morreu no decorrer dos poucos anos seguintes. Metade dos chineses no Camboja morreu, assim como laotianos e tailandeses que viviam próximos às fronteiras. Provavelmente cada cambojano de ascendência vietnamita que não fugiu ou se escondeu a tempo terminou morto nas mãos do Khmer Vermelho. Não foi encontrado nenhum sobrevivente vivendo às claras.²

Todas as instituições do país, templos, escolas, mesquitas, lojas foram fechados quando o Khmer Vermelho começou a eliminar os intelectuais cambojanos. Obviamente, professores, estudantes, jornalistas e padres eram executados imediatamente, mas qualquer um “manchado” por certa educação era suspeito. Usar óculos ou saber uma língua estrangeira era o bastante para provar que aquela pessoa fora envenenada por um perigoso grau de conhecimento. Essas pessoas também foram mortas, assim como seus pais, esposas e filhos. Assim como aconteceu com os expurgos soviéticos e com a Revolução Cultural de Mao Tsé-tung, a nódoa de pertencer a um inimigo da classe recaía sobre todos os membros da família.

A escola secundária Tuol Sleng, em um subúrbio de Phnom Penh, foi adaptada para servir de prisão, chamada S-21. Os registros mostram que apenas sete dos 14 mil prisioneiros que entraram no prédio sobreviveram. Foram *apenas* sete, não 7 mil.³ O restante são agora apenas fotos nas pastas dos arquivos e ossos amontoados no solo. Depois que confessavam quaisquer crimes que houvessem cometido, e eles sempre confessavam, os suspeitos eram levados para o vilarejo próximo de Choeung Ek em grupos, para serem fuzilados e jogados em covas coletivas. Um quarto de século

mais tarde, arqueólogos forenses haviam exumado 9 mil esqueletos de nove poços de enterramento em Choeung Ek. Muito mais desses locais ainda deve ser explorado.

O ano de 1975 passou a ser considerado o ano zero, com o dia 17 de abril como seu primeiro dia. Foi abolido o dinheiro; isso não era necessário na nova sociedade. As fazendas forneciam tudo o que uma pessoa necessitava, de acordo com uma fórmula simples. Aqueles que trabalhavam recebiam comida, casa e roupas. Os que não trabalhavam eram fuzilados.

Os quadros do partido providenciavam a execução da disciplina por todo o interior. Nas fazendas, os supervisores do Khmer Vermelho matavam sumariamente as pessoas por indolência ou por uma resposta atravessada. Matavam-nos por se moverem devagar depois de um interminável ciclo de trabalhos forçados, má alimentação e pouco sono. Matavam-nos por roubar comida para suplementar suas escassas rações. Matavam-nos se mostravam raiva ou tristeza quando outro era morto. A fome varria o restante.

Quando o regime do Khmer Vermelho terminou, os campos de refugiados se espalhavam pela fronteira com a Tailândia, abrigando até 600 mil amedrontados cambojanos. Quando as histórias das atrocidades começaram a vaziar, o mundo ficou chocado; se não chocado, pelo menos cético. Ninguém nunca vira qualquer coisa semelhante. Nenhuma outra revolução fora tão longe na eliminação de qualquer vestígio dos antigos estilos de vida tão rápido. Nunca um assassinato em massa desapiedado fora dirigido a um povo de sua própria estirpe.

Pol Pot

Diferentemente da maioria dos outros regimes comunistas, não houve um culto à personalidade cercando o governante do Camboja. A princípio, o príncipe Siha-nouk (ver “A guerra do Vietnã”) era o rosto público do regime, mas, depois de cerca de um ano, ele foi preso e mantido longe das vistas do público. Até onde se sabia, quem dirigia o Camboja era a secreta Angka, que significa “Organização” na língua local, um conjunto cabal e sinistro de ideologias sem rosto.⁴ Seu líder era conhecido publicamente apenas como “Irmão Número Um”.

Nascido com o nome de Saloth Sar de uma família de prósperos camponeses num ano indeterminado da década de 1920, o Irmão Número

Um fora educado por monges budistas, freiras católicas e professores parisienses. Eles haviam tentado ensinar-lhe ofícios úteis, como carpintaria e radioeletrônica, mas ele estava mais interessado na política e foi reprovado em diversas escolas que frequentou. Depois de se juntar aos rebeldes do Viet Minh na sua luta contra os franceses, ele foi estudar em Paris. Sendo reprovado e desligado do curso, retornou a Phnom Penh para ensinar, que era sua profissão diurna, e a ajudar a organizar o pequeno contingente do Viet Minh em um movimento separado, direcionado para derrubar a monarquia, o que constituía seu hobby preferido. Em 1963, uma batida policial na capital forçou-o a fugir para o campo. Lá ele adquiriu o nome de guerra de Pol Pot.⁵

Depois de ser elevado ao cargo de secretário-geral do Partido Comunista, Pol Pot se dedicou a expurgar os menos puros de seus colegas. Ele se livrou de estrangeiros, moderados e intelectuais. Quando o Khmer Vermelho assumiu o governo, apenas os mais puros permaneciam na organização. A maciça substituição de quadro expurgara os veteranos, mais velhos e experientes, e completou as fileiras com adolescentes fanáticos, muitas vezes simples crianças, o que pode explicar um bocado a crueldade impetuosa do regime.⁶

A Terceira Guerra na Indochina

Sendo cambojanos, os membros do Khmer Vermelho haviam herdado um ódio étnico dos vietnamitas, que transcendia a solidariedade comunista. Quando tentaram intimidar os vietnamitas fazendo sortidas do outro lado da fronteira, os cambojanos mexeram num ninho de vespas. O exército vietnamita cruzou a fronteira com um grande efetivo em dezembro de 1978, e rapidamente a contenda se transformou numa guerra de procuração entre a grande rivalidade entre a China, patrocinando o Khmer Vermelho, e a Rússia, patrocinando o Vietnã. Dentro de duas semanas, os vietnamitas chegaram a Phnom Penh, e o Angka teve de fugir para o interior. O Khmer Vermelho foi logo empurrado para mais longe ainda, ficando de quarentena no sertão profundo do país, onde podia fazer menos males.

Segundo uma das ironias orwellianas, “a Oceania tem sempre estado em guerra contra a Eurásia”, os Estados Unidos se uniram à China para apoiar o fugitivo Khmer Vermelho na sua luta contra os governos fantoches instalados pelos soviéticos em Phnom Penh. Embora, agora, todo mundo

soubesse das atrocidades cometidas, o Khmer Vermelho manteve seu assento nas Nações Unidas como o governo oficial do Camboja até 1992, quando a maioria das facções da guerra civil que lavrava no país concordou em cessar os combates e realizar eleições livres sob a patrocínio das Nações Unidas.

Depois que desapareceu nas selvas em 1979, Pol Pot não foi mais visto de novo, até que surgiu um vídeo, em julho de 1997, mostrando um velho, de aparência frágil, sendo julgado por traição num enclave do Khmer Vermelho. Seus antigos companheiros o sentenciaram à prisão domiciliar numa cabana perto da fronteira com a Tailândia.⁷ Depois de uns poucos meses de silêncio, em abril de 1998, repórteres e funcionários foram levados à cabana e apresentados a seu cadáver, morto de um ataque cardíaco.⁸

Número de mortos

O autogenocídio do Camboja provavelmente só perde para o Holocausto como o mais estudado mega-assassinato do século XX, de modo que as contagens de mortos são fáceis de encontrar. Num extremo, o governo cambojano instalado pelos conquistadores vietnamitas alegou que 3,3 milhões de cambojanos haviam morrido sob o regime anterior do Khmer Vermelho.⁹ Esse número representa cerca de metade da população original, e é o limite superior da plausibilidade. No outro extremo, a estimativa de Michael Vickery de que houve 400 mil mortes é o menor cálculo já considerado seriamente por um historiador reconhecido.¹⁰ A maioria das autoridades estima o número de mortos na faixa de 1 a 2 milhões, e Ben Kiernan acha que 1.670 mil,¹¹ aproximadamente um quinto da população, é provavelmente o número específico mais amplamente aceito.



Oceano Atlântico

EUROPA

ÁSIA

Mar Mediterrâneo

ARÁBIA

DESERTO DO SAARA

Mar Vermelho

Mauritânia

Argélia

Líbia

Cairo

Egito

Guiné

Niger

Niger

Chade

Cartum

Sudão

Asmara

Eritreia

L. Tana

Somaliland

Djibouti

Libéria

[capital até 1997] Lagos

Nigéria

Benue

Darfur

Sudão do Sul

Adis Abeba

Etiópia

Ogaden

Somália

Guiné Equatorial

Área de inserção de mapa

Camarões

Fronteiras entre diversos grupos rebeldes

República Democrática do Congo

(Zaire até 1997)

Cinshasa

Luanda

Angola

República Centro-Africana

Congo

Uganda

Ruanda

Burundi

L. Tanganyika

Tanzânia

Zâmbia

Malawi

Malawi

Harare

Zimbábue

[Rodésia - até 1979]

Mocambique

Maputo

Pretória

Gaborone

Botsuana

Windhoek

Namíbia

África do Sul

UNTA

Mogadíscio

Dar es Salaam

L. Turкана

L. Vitória

Nairóbi

L. Malawi

Madagascar

Oceano Índico



A GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA

Número de mortos: 800 mil¹

Posição na lista: 55

Tipo: guerra civil ideológica

Linha divisória ampla: Frelimo versus Renamo

Época: 1975-92

Localização e principal Estado participante: Moçambique

Estado participante de menor importância: África do Sul

Principal não Estado participante: Renamo

Quem geralmente leva a maior culpa: Renamo

Outra praga: a guerra civil africana

A maioria dos europeus largou suas colônias africanas entre 1955 e 1965, depois do que o último e teimoso bastião do domínio branco na África ficou sendo um grupo de países ao sul; os regimes de *apartheid* da África do Sul e da Rodésia, encravadas entre as colônias portuguesas de Angola e Moçambique.

Uma coalizão ampla de rebeldes dentro da África oriental portuguesa organizou a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), em 1962. Eles mantiveram a pressão sobre o governo português com uma guerra civil usando guerrilheiros instalados no interior, a qual durou 12 anos, na esperança de que os imperialistas por fim desistiriam e voltariam para casa.

Em 1974, um golpe em Lisboa substituiu a ditadura militar de Portugal por democratas, e no ano seguinte o novo governo concedeu a independência às colônias ultramarinhas de Portugal. A Frelimo assumiu o controle do país, depois do que o governo declarou-se comunista e cultivou o apoio dos soviéticos. Agora Moçambique tornara-se um refúgio e um centro de treinamento da luta de rebeldes contra os regimes vizinhos adeptos do *apartheid*.

Em retaliação, a Rodésia e a África do Sul organizaram e armaram grupos marginais, gente insatisfeita e dissidentes de todos os tipos, formando uma nova organização rebelde, o Movimento de Resistência Moçambicano (Renamo). O Renamo não tinha uma ideologia ou objetivos políticos unificados senão a derrubada da Frelimo. A liderança do Renamo vinha de “autoridades tradicionais e ia até a sua sorte, isto é, chefetes,

curandeiros, feiticeiros, médiuns que evocam espíritos, enquanto a Frelimo fundamentava-se num milênio panético, socialista. A mágica desempenhava um papel essencial em manter o espírito batalhador do Renamo. Se seus guerreiros esfregassem o corpo com ervas, as balas da Frelimo se ‘transformariam em água’.² O apoio das fileiras mais baixas vinha de camponeses que entregavam qualquer pequeno pedaço de terra que possuíam para ir trabalhar nas fazendas coletivas.

O Renamo tentou desestabilizar o governo aterrorizando civis e prejudicando a economia. Os rebeldes destruíram pontes e usinas elétricas, levando caos ao país. Até pior, seus ataques contra a população em geral visavam maximizar o terror. Muitas vezes os habitantes dos vilarejos tinham as orelhas, os lábios e o nariz cortados, e depois eram soltos para servir de alerta para os outros. Em 1988, um relatório do Departamento de Estado dos Estados Unidos calculou que o Renamo havia ostensivamente assassinado 100 mil pessoas nos meados de 1980, com sortidas, sequestros e fuzilamentos aleatórios. Suas atrocidades empurraram 1 milhão de refugiados para o exílio em outros países, e deixaram outros 3,5 milhões deslocados internamente.³

Depois de anos de guerra, o Banco Mundial classificou Moçambique como o país mais pobre do mundo, não o segundo ou o terceiro, não “entre os mais pobres”, mas sim o último, mesmo.⁴ Em 1990, começaram as conversações entre os dois lados, e logo depois disso a Rússia comunista e a África do Sul do apartheid foram jogadas na lata do lixo da história.^a Isso deixou Moçambique entregue inteiramente à própria sorte, não mais um peão em lutas maiores. Sem patrocinadores para lhes fornecer munição, os dois lados concordaram com um cessar-fogo em 1992. A Frelimo foi confirmada no poder por eleições multipartidárias realizadas em outubro de 1994, enquanto o Renamo emergiu como um legítimo partido de oposição, com um surpreendente apoio popular.

^a A Rodésia, governada por brancos, já virara o Zimbábue, governado por negros, em 1979.

A GUERRA CIVIL ANGOLANA

Número de mortos: 500 mil¹

Posição na lista: 70

Tipo: guerra civil ideológica

Linha divisória ampla: MPLA *versus* Unita

Época: 1975-94

Localização e principal Estado participante: Angola

Estados participantes secundários: Cuba e África do Sul Principal não

Estado participante: Unita

Quem geralmente leva a maior culpa: Jonas Savimbi

Outra praga: a guerra civil africana

Fatores econômicos: petróleo, diamantes

À primeira vista, essa guerra se parece extremamente com a que ocorreu em Moçambique (ver “A Guerra Civil Moçambicana”), mas com nomes diferentes. Patrocinados pela ajuda soviética, guerrilheiros marxistas, neste caso o Movimento Popular pela Libertação de Angola, ou MPLA, apossaram-se do país quando os portugueses partiram em 1975. A África do Sul apoiou uma insurreição para evitar que os rebeldes se intromettessem nos seus assuntos. A guerra esfriou depois que os patrocinadores estrangeiros entraram em colapso, mas substitua “Renamo” por “Unita” e nós temos nosso capítulo.

Na década de 1980, os rebeldes da União Nacional pela Independência Total de Angola (Unita), liderados pelo carismático bandido Jonas Savimbi, conseguiram isolar um terço do país como seu enclave autônomo. Além da ajuda da África do Sul, os Estados Unidos, a Costa do Marfim e Mobutu Sese Seko, do Zaire (ex-Congo), apoiavam a luta de Savimbi contra o governo do MPLA.

Diferentemente de Moçambique, Angola tem alguns recursos naturais óbvios: diamantes e petróleo. A guerra mantinha a produção baixa, o que elevou os preços, de modo que as poucas empresas que aceitavam correr o risco de ficar entre o fogo cruzado obtiveram bons lucros. Essas companhias geralmente tinham de manter grandes exércitos particulares, o que lhes dava liberdade para explorar os recursos onde quer que desejassem, sem competição e conflitos trabalhistas. As empresas que exploravam diamantes frequentemente fuzilavam quem fosse pego perto

das minas da companhia, tentando garimpá-los por conta própria. Até mesmo fazendeiros trabalhando em suas plantações podiam ser confundidos com mineiros ilegais e fuzilados.²

A guerra angolana atraiu mais tropas estrangeiras do que a média dos conflitos africanos. Cinquenta mil combatentes cubanos ajudaram a sustentar o MPLA,³ enquanto soldados sul-africanos muitas vezes cruzavam a fronteira para perseguir insurgentes que entravam na Namíbia, país-satélite da África do Sul, alegando que a comunidade abrigava terroristas; entretanto, a maioria deles, talvez todos eles, era de não combatentes.

Foi negociado um cessar-fogo em 1991, e eleições multipartidárias foram realizadas no ano seguinte, mas, quando percebeu que iria perder a eleição, Savimbi retomou a luta. Mais um ano de conflitos matou outros 100 mil angolanos antes que fosse oferecido a Savimbi um acordo com compartilhamento do poder. Ele recusou, mas na ocasião seus antigos patrocinadores já estavam cansados dele. A Unita sofreu um embargo, e o presidente norte-americano Bill Clinton finalmente reconheceu o MPLA como o legítimo governo do país em 1994. Esse ano é considerado, oficialmente, o do término da guerra.

Sem patrocinadores estrangeiros, apenas o contrabando de diamantes manteve Savimbi financiado, e ele foi sendo empurrado cada vez mais para partes pouco importantes do país, sendo finalmente morto num combate com as forças governamentais em 2002, depois do que a Unita se aquietou.

A GUERRA NA SELVA UGANDENSE

Número de mortos: 500 mil¹

Posição na lista: 70

Tipo: guerra civil

Linha divisória ampla: Obote *versus* Museveni

Época: 1979-86

Localização e principal Estado participante: Uganda

Principal não Estado participante: Exército Nacional da Resistência

Quem geralmente leva a maior culpa: Milton Obote

Outra praga: a guerra civil africana

Depois de expulsar Idi Amin de Uganda (ver “Idi Amin”), a Tanzânia entregou o governo do país a uma comissão de ugandenses, que testaram e descartaram uma série de ineficientes chefes de Estado durante os poucos meses seguintes. Finalmente, uma eleição fraudada, em dezembro de 1980, escolheu Milton Obote, o primeiro presidente (1962-69) do país, para ser o novo presidente. Embora Obote houvesse sido relativamente um presidente decente e apenas ligeiramente corrupto na sua primeira gestão, se tornara amargo no exílio.

Dessa vez, ele governou Uganda quase que inteiramente em benefício de um punhado de tribos privilegiadas, como os tesos, os acholis e o próprio povo de Obote, os langis, que haviam sofrido sob a tirania de Amin. O novo governante rapidamente instituiu uma ditadura que era, até o âmago, tão ruim quanto a de Idi Amin, mas menos ostensivamente excêntrica, de modo que o mundo, na sua maioria, a ignorou.

A oposição a Obote se fundiu em torno de Yoweri Museveni e seu Exército de Resistência Nacional. Diferentemente de Amin e Obote, Museveni era um banto do sul, especificamente um membro da tribo banyankole. Era também mais educado do que aqueles dois líderes, tendo se diplomado numa faculdade na Tanzânia.

A resistência contra Obote era mais forte no Triângulo Luwero, ao norte da capital Kampala. Os soldados de Obote aterrorizaram o Triângulo e expulsaram dois terços da população local. As mulheres eram rotineiramente estupradas por gangues. Assessores norte-coreanos ensinaram ao exército as mais novas técnicas de tortura. Nos meados da década de 1981, o exército massacrou sessenta pessoas no centro da Cruz

Vermelha. Rebeldes de Museveni recrutavam intensamente órfãos criados pelos massacres do exército de Obote, mas ele os treinou em política moderada, em vez do usual radicalismo das frentes revolucionárias.

Um massacre de diversas dezenas de habitantes das cidades, inclusive um clérigo anglicano, em maio de 1984, em Namugongo, bem nos arredores de Kampala, foi a última gota d'água. Quando o mundo condenou Obote por uma atrocidade tão visível, o comandante de suas tropas no Triângulo, um acholi chamado Bazilio Olara Okello, derrubou o ditador, em julho de 1985. Obote fugiu para o exílio na Zâmbia. Entretanto, Okello começou realmente muito mal, quando suas tropas saíram descontroladas pela capital, matando e saqueando impunemente.

Embora o apoio rapidamente passasse para os rebeldes, Museveni deixou o tempo correr até que o ódio pelo regime de Okello se tornasse avassalador. Museveni fora discípulo de Mao – o Mao bom –, o rebelde Mao, que se movimentava como um peixe no oceano de gente comum. Quando ele conquistou a capital, em janeiro de 1986, não houve assassinatos e não foram relatadas atrocidades quando suas tropas eliminaram a resistência no campo. Ele rapidamente estabeleceu um notável nível de paz e segurança numa nação que fora o epítome do inferno terceiro-mundista por uma geração.²

A ÁFRICA PÓS-COLONIAL

As guerras civis em Angola, Moçambique e Uganda são típicas dos conflitos que convulsionaram toda a África durante os últimos quarenta anos. Aqui está uma lista rápida das mais sangrentas guerras civis no continente depois da independência:

1. Congo (1998-2002) – 3.800 mil
2. Sudão (1983-2005) – 1.900 mil¹
3. Nigéria (1966-70) – 1 milhão
4. Ruanda (1994) – 937 mil
5. Moçambique (1975-92) – 800 mil
6. Etiópia (1962-92) – 500 mil
7. Somália (desde 1991) – 500 mil
8. Angola (1975-2002) – 500 mil
9. Sudão (1955-72) – 500 mil
10. Uganda (1979-86) – 500 mil
11. Burundi (1993-2004) – 260 mil²
12. Libéria (1989-2003) – 250 mil³
13. Darfur (desde 2003) – 200 mil

Se você achar difícil guardar de memória todos esses países, não se preocupe. Seus nomes e características não são importantes. Os países africanos raramente correspondem a qualquer entidade nacional autêntica. O continente foi arbitrariamente fatiado entre as potências coloniais nas grandes conferências europeias no século XIX. Uma fortaleza costeira ou uma missão cristã eram o bastante para justificar seccionar um pequeno território da região que a rodeava, e traçar uma linha reta entre dois marcos territoriais do mapa era geralmente a forma mais fácil de delinear territórios. Esses pequenos enclaves eram então reunidos em enormes impérios, que despachavam borracha, marfim, ouro, cobre, café e diamantes pelos oceanos.

Pelo começo do século XX, esses territórios foram sendo trocados por

concessões em outras regiões, ou então eram colocados num pote, como fichas de pôquer, durante cada guerra que ocorria na Europa. Em cada colônia, as potências europeias geralmente escolhiam um grupo étnico sobre todos os outros, a fim de educar e treinar seus membros como funcionários públicos civis e sargentos do exército, criando assim uma minoria local que sustentava o *status quo*. Isso criou um ciclo de privilégios e ressentimentos que continuou depois da independência. As nações africanas que se libertaram nas décadas de 1960 e 1970 não tinham outra identidade específica que não fosse como ex-colônias de outra potência. De modo geral, cada novo país continha uma infeliz mistura de inimigos tradicionais que brigavam como gatos num saco.

Entretanto, o imperialismo foi apenas o começo. A maioria dos países africanos já é atualmente independente, ao mesmo tempo que ficaram sob o domínio colonial, e tem sido igualmente explorada por seus líderes nativos que assumiram o poder com a independência. De modo geral, esses líderes usaram a retórica anticolonialista, anticomunista e anticapitalista, o que funcionasse, para aliciar apoio nacional e internacional, e para ficar com as mãos livres para saquear seus países em prol do ganho pessoal.

Os melhores desses líderes poderiam ter sido saudados como déspotas esclarecidos na Europa do século XVIII. Certamente, ficaram com a melhor parte, colocaram parentes na folha de pagamentos e jogaram na cadeia editores de jornais sem papas na língua, redirecionaram certos impostos de volta para escolas, clínicas, estradas e a rede de energia elétrica, e forçaram as corporações multinacionais a pagar um preço justo pela extração de recursos nacionais. Os tiranos medíocres da África roubaram mais, oprimiram mais, desperdiçaram enormes somas de dinheiro em projetos ostentosos, de vaidade pessoal, e trocaram, sem remorsos, os recursos nacionais por suborno. Os piores deles construíram cultos paranoicos de personalidade, e depois partiram para livrar seus domínios de qualquer um que deixasse de apreciar sua magnificência. Apenas na década de 1990 nós começamos a ver algumas nações africanas se tornarem democracias viáveis.^a

Os diplomatas africanos afirmam que redesenhar as fronteiras é uma prioridade muito mais baixa do que resolver os muitos problemas sociais e econômicos do continente. Mesmo assim, o futuro provavelmente verá muito mais guerras, enquanto a África ajusta suas fronteiras para adequar a distribuição étnica ou a ajusta para adequar suas fronteiras. Ambas as

soluções envolvem a participação de exércitos.

^a Exceto no caso de Botsuana, que virou uma democracia desde sua independência em 1966. Isso é tão incomum que merece ser citado.

A GUERRA SOVIÉTICO-AFEGÃ

Número de mortos: 1,5 milhão¹

Posição na lista: 40

Tipo: guerra civil ideológica

Linha divisória ampla: comunistas *versus* mujahidins

Época: 1979-92

Localização: Afeganistão

Principais Estados participantes: Afeganistão, União Soviética

Principais não Estados participantes: muitos chefes guerreiros tribais

Quem geralmente leva a maior culpa: Leonid Brejnev

Outro culpado: a guerra terrestre das superpotências na Ásia

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Isso causou a queda da União Soviética?

Golpes e contragolpes

Logo no início da Guerra Fria, o Afeganistão fora um Estado-cliente morno da União Soviética. O país não era comunista, mas os soviéticos estavam ansiosos para manter estável seu vizinho, de modo que forneciam, sem remorsos, à monarquia em Cabul todas as armas e dinheiro de que ela necessitava para manter a ordem.

Em julho de 1973, o rei do Afeganistão passava férias na França, mas um golpe por parte de seu primeiro-ministro e primo, general Mohammad Daoud Khan, tornou desnecessária a sua volta. O país passou de uma monarquia modorrenta para uma ditadura modorrenta, sem que as Nações Unidas tivessem tempo de piscar; entretanto, essa interrupção do *status quo* fez com que ambos os lados da Guerra Fria reconsiderassem a situação. Daoud não tinha planos políticos nem rumo específico, mas quando o Irã, na época um Estado-cliente dos Estados Unidos governado pelo xá, começou a derramar dinheiro no país para comprar a sua amizade, os comunistas afegãos planejaram seu próprio jogo de poder.

Em abril de 1978, comunistas no exército do Afeganistão tomaram o poder e mataram Daoud. O novo líder, Nur Mohammad Taraki, começou as usuais reformas comunistas, visando tirar o país da Idade Média, o que deflagrou uma pequena guerra civil por todo o país, entre comunistas e tradicionalistas. Taraki começou a mandar rebeldes e dissidentes para a nova prisão de Policharki, construída pelos soviéticos, perto de Cabul, onde

dezenas de milhares foram mortos e jogados em covas coletivas durante a década seguinte.

Com a revolução fundamentalista muçulmana assumindo o poder no Irã, de janeiro a abril de 1979, os russos ficaram inquietos com as minorias muçulmanas que viviam dentro de suas fronteiras, e estavam ansiosos para que o Afeganistão não fugisse a seu controle. Aumentaram rapidamente a ajuda ao país e enviaram mais assessores para o governo.

Em março de 1979, trabalhadores afegãos que haviam retornado recentemente do Irã com ideias islâmicas se rebelaram contra os programas seculares dos comunistas na cidade afegã de Herat. A guarnição local de exército também se amotinou, apoderando-se da cidade. Perseguiram e mataram dezenas, talvez centenas, de assessores soviéticos e suas famílias, fazendo desfilar seus corpos mutilados pelas ruas. Em retaliação, tanques afegãos e aviões soviéticos reduziram a cidade a pó, matando cerca de 20 mil heratianos.²

Em setembro de 1979, o líder soviético Leonid Brejnev encontrou-se com Taraki, mas continuou a recusar o pedido do líder afegão para que tropas terrestres interviessem no país. Brejnev sabia que uma intervenção ostensiva apenas faria o povo afegão se voltar contra o seu governo comunista. Quase imediatamente em seguida à sua volta a Cabul, Taraki foi assassinado num contragolpe liderado por seu substituto, Hafizullah Amin, um comunista independente, educado nos Estados Unidos. Brejnev ficou chocado com o crime de seu recente hóspede e reconsiderou a intervenção.^a

Em dezembro de 1979, comandos soviéticos surgiram do nada, atacando o palácio e matando Amin. Então o presidente do país, Babrak Kamal, preferido de Brejnev, retornou do seu exílio na Rússia e foi colocado no governo. Brejnev rapidamente aprovou o pedido de Kamal para o envio de um grande efetivo de tropas terrestres soviéticas.³

A guerra

Nesse ponto, poucos dias depois de ter começado, todo mundo sabia que os soviéticos já haviam perdido a guerra. Ou pelo menos foi isso que alegaram mais tarde. Em suas memórias, todos os generais soviéticos juraram que haviam tentado dissuadir Brejnev de invadir o país. Assessores do presidente americano Jimmy Carter disseram ter dado risadas e percorrido alegremente os corredores da Casa Branca,^b agora que a Rússia

estava prestes a ter o seu próprio Vietnã.

Na prática, levou quase uma década para que a União Soviética percebesse que não poderia vencer a guerra.

A guerra no Afeganistão não se desenrolou de acordo com nenhuma estrutura tradicional. Foi principalmente uma guerra de patrulhas, sortidas e ofensivas locais contra uma colcha de retalhos de chefes tribais e alianças de rebeldes. Em 1984, os soviéticos tinham 115 mil soldados no país, mas apenas 15% deles estavam disponíveis para combates ofensivos. Os outros 85% ficavam amarrados a guarnições estáticas, e nunca realmente controlaram mais do que as grandes cidades e as estradas que as ligavam. O restante do país pertencia aos guerrilheiros e chefes tribais. Os mudjahidins, isto é, rebeldes muçulmanos, tinham o Paquistão e o Irã como refúgios seguros para treinar e se recuperar, fora do alcance soviético.

Os Estados Unidos, em parceria com nações conservadoras muçulmanas, como a Arábia Saudita, enviaram dinheiro e suprimentos para os rebeldes via Paquistão. A nova República Fundamentalista Islâmica do Irã também apoiou os rebeldes, embora definitivamente *sem* entrar em parceria com os Estados Unidos.

Rebeldes do grupo étnico tajik, sob a liderança de Ahmad Shah Masoud, dominaram o vale do Panjsher durante toda a era soviética e a era dos talibãs. Como ele divide a estrada principal entre Cabul e a fronteira soviética, o controle do vale era vital para o resultado da guerra. Os soviéticos lançaram até nove ataques maciços de blindados contra os bastiões dos rebeldes, sem conseguir tomar posse deles.

Quando os rebeldes se mostraram escorregadios demais para serem derrotados, as forças comunistas reagiram simplesmente matando quem pudessem encontrar: reféns, membros das famílias ou transeuntes que parecessem suspeitos. Apesar da censura da imprensa, relatos fragmentados de atrocidades vazavam da zona de guerra. Qualquer explosão de bombas ou ataque de foguetes por parte dos rebeldes podia provocar uma brutal retaliação. Em 1979, as forças soviéticas e afegãs mataram 1.300 habitantes da província de Konarha.⁴ No início de 1985, os soviéticos massacraram centenas de civis na província setentrional de Kunduz.⁵ Como represália a um ataque a um comboio perto de Kandahar, em outubro de 1983, três aldeias próximas foram riscadas do mapa.⁶

Diminuindo o esforço

Em 1985, os mudjahidins estavam quase falidos, mas os soviéticos não sabiam disso. Em vez de aumentar o esforço de guerra, o novo regime reformista de Mikhail Gorbachov em Moscou começou a reconsiderar toda a aventura afegã. Durante os anos de 1985 e 1986, os soviéticos se retraíram de operações bélicas importantes, deixando os grandes combates para o exército afegão. Nessa altura, os soviéticos só iniciavam alguma ação com pequenas incursões de comandos feitas por forças especiais. Em 1987, a política soviética era apenas de se engajar em batalhas defensivas, e apenas quando necessário.

O presidente Kamal aposentou-se em Moscou em maio de 1986, e o governo foi entregue a Muhammad Najibullah, chefe da polícia secreta. Durante 1987, ele tentou ser menos ditatorial e atrair a oposição moderada para o seio do governo, numa tentativa de dividir a rebelião.

Numa reunião particular em setembro de 1987, o ministro do Exterior soviético, Eduard Shevardnadze, tentou atrair o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, para um acordo de cooperação em relação àquele país. Tentou convencer seu colega americano de que o fundamentalismo muçulmano logo seria mais perigoso para o Ocidente do que o comunismo, e que as superpotências deveriam reconstruir em conjunto a nação despedaçada pela guerra. Nada resultou disso, mas é uma dessas oportunidades perdidas que sempre parecem maior quando as vemos em retrospectiva, especialmente depois do 11 de setembro de 2001, quando mudjahidins, agindo do Afeganistão, atacaram os Estados Unidos.

Em outubro de 1987, com a guerra esmaecendo, havia 2,9 milhões de refugiados afegãos em acampamentos no Paquistão, e 2,3 milhões no Irã.⁷ Os Acordos de Genebra, que normalizaram as relações entre o Afeganistão e o Paquistão, foram assinados em abril de 1988, e são geralmente tidos como o começo do fim da guerra, embora só incluíssem nações soberanas e não tivessem a concordância dos mudjahidins. Os soviéticos começaram a retirar suas tropas em maio, com o último soldado saindo em fevereiro de 1989.

Esse foi o último conflito da Guerra Fria, e hoje ficou claro que a União Soviética não podia se dar ao luxo de igualar seus rivais americanos. A guerra no Afeganistão custara à União Soviética mais ou menos o mesmo que a Guerra do Golfo, em 1991, custaria aos americanos, isto é, 70 bilhões de dólares⁸ contra 61 bilhões de dólares,⁹ respectivamente, mas os resultados foram radicalmente diferentes. Para os soviéticos, aqueles

bilhões de dólares foram extorquidos do povo e distribuídos em dez anos, custando 13.310 vidas aos soviéticos, e deixando-os no final derrotados, falidos e exaustos. Por mais ou menos o mesmo preço, uns trocados por padrões ocidentais, os americanos puderam lutar uma guerra concentrada, vencendo-a em menos de um ano com a perda de apenas 383 vidas.^c

Uma guerra sem fim

Contrariamente a todas as previsões feitas na época, o governo comunista em Cabul ainda aguentou por diversos anos depois da saída dos russos. Conseguiu manter com sucesso os rebeldes acuados, e foram apenas divisões internas que finalmente derrubaram o governo. Quando os rebeldes avançaram sobre a capital, o presidente Muhammad Najibullah renunciou e passou o governo para um subordinado, que também não conseguiu se manter no cargo. Em 1992, a milícia talibã de fundamentalistas muçulmanos tomou a cidade e aprisionou Najibullah. Ele permaneceu na prisão durante alguns poucos anos, até que, em setembro de 1996, foi entregue à multidão, que o castrou, fuzilou e pendurou seu corpo num sinal de trânsito.

O linchamento de Najibullah é um lugar tão bom quanto qualquer outro para se fechar o capítulo sobre a guerra no Afeganistão. Grande parte do país continua sob o domínio de chefes tribais, e o mundo, como um todo, não reconhece os talibãs como governantes legítimos, mas o comunismo não era mais uma alternativa, de modo que o mundo ignorou o país por muitos anos. Desde então a guerra tomou um novo rumo, o qual, até agora, não matou gente bastante para poder incluí-la na minha lista.

^a Não contribuiu para a boa reputação de Amin junto a Moscou o fato de ele ter tido 14 encontros suspeitos com Adolph Dubs, o embaixador americano no país. Em fevereiro de 1979, Dubs foi sequestrado por misteriosos assaltantes e morto durante uma tentativa de resgate. A maioria dos que investigaram o caso suspeita que Taraki planejou esse sequestro (Harrison, “End of the Road” [“O fim da estrada”]).

^b Não foi exatamente assim, mas o resumo é esse mesmo.

^c Na verdade, grande parte dessa conta foi paga pelos países árabes ricos em petróleo que os Estados Unidos estavam defendendo, mas isso apenas chama a nossa atenção para o fato de que o Ocidente tinha muito mais dinheiro do que o Oriente, e podia gastar muito mais com a sua máquina de guerra.

SADDAM HUSSEIN

Número de mortos: 300 mil mortos internamente¹

Posição na lista: 96

Tipo: déspota

Linha divisória ampla: Saddam *versus* todo mundo

Época: governou de 1979 a 2003

Localização e principal Estado participante: Iraque

Quem geralmente leva a maior culpa: Saddam

Fator econômico: petróleo

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Ele era realmente tão maligno quanto o governo americano o fez parecer?

Sem nunca ter sido militar, apesar do uniforme que habitualmente usava, Saddam passou a juventude como militante truculento de rua do Partido Ba'ath, formado por nacionalistas árabes revolucionários. A derrubada da monarquia do Iraque em 1958 inaugurou uma década de golpes e contragolpes, às vezes com aquele partido como vencedor e às vezes como derrotado. Em 1968, Saddam era o principal adjunto do ditador Ahmad Hassan al-Bakr, e, em julho de 1979 ele afastou seu envelhecido patrão e rapidamente matou qualquer um que tinha probabilidade de objetar.

O Iraque é um país artificial, com fronteiras traçadas para servir às potências coloniais europeias, especialmente a Grã-Bretanha, não refletindo as alianças locais. Nessa combinação multiétnica e inadequada, Saddam concedeu lucrativos favores à minoria árabe sunita, em detrimento da maioria árabe xiita, que ele mantinha sob controle. Colocou, especialmente, membros de sua família e amigos de sua cidade natal, Tikrit, em altos cargos do governo, e encorajou-os a saquear seus diversos redutos feudais com uma quase impunidade, embora qualquer companheiro que mostrasse ambição além de simples ganância era removido do cargo e morto.²

O próprio Saddam era o vértice idolatrado do poder. Ergueu estátuas anunciando sua glória e pendurou pôsteres sempre que o lugar não era adequado para estátuas. Canções elogiando-o abriam os noticiários de televisão.³ Mantinha controle cerrado sobre seu povo autoproclamando-se um grande herói, e depois fazendo sumir na calada da noite qualquer um

que discordasse. Nas prisões por todo o Iraque, dezenas de milhares de perturbadores da ordem eram torturados e mortos, ou então torturados e soltos como um aviso para os outros. Corpos mutilados de inimigos do Estado eram devolvidos às famílias para que elas os enterrassem, a fim de espalhar boatos do tratamento selvagem na prisão.⁴ Familiares inocentes dos dissidentes eram sequestrados, estuprados, torturados ou mortos, com uma punição adicional contra qualquer um que escolhesse o lado errado.⁵

Os curdos

Enquanto a maioria dos ditadores da última metade do século XX se contentava em permanecer em casa e silenciosamente brutalizar apenas seus próprios países, Saddam tentou duas vezes expandir seu domínio para os territórios das nações vizinhas, primeiro o Irã (1980-88) e depois o Kuwait (1990-91). Fracassou em ambas as tentativas, e voltou sua ira contra o próprio povo.

A minoria curda que se esparramava pela fronteira com a Turquia, Irã e pelo Iraque propriamente dito vinha resistindo esporadicamente ao domínio iraquiano desde que o país surgira, depois da Primeira Guerra Mundial. Quando a cidade curda de Halabja, bem dentro do Iraque, foi conquistada depois do avanço das forças iranianas, em março de 1988, os curdos locais se alegraram com a libertação. Enraivecido com a deslealdade, Saddam abriu as portas do inferno contra Halabja. Diversas incursões aéreas destruíram a cidade com explosivos, napalm e gás venenoso, matando indiscriminadamente perto de 5 mil civis.⁶

A essa altura, Saddam focalizara sua atenção sobre os curdos, como bode expiatório por seu fracasso na guerra contra o Irã. Entre fevereiro e setembro de 1988, as tropas do ditador varreram sistematicamente o território curdo, destruindo vilarejo após vilarejo, na Operação Anfal. Os homens em idade de combater eram levados de caminhão, espancados, fuzilados e atirados em covas coletivas. Os velhos eram enviados a campos de concentração no Sul, onde morriam de inanição, enquanto as mulheres eram reassentadas, muitas vezes vendidas como noivas ou mulheres de cabaré por todo o mundo árabe.⁷ Nessa operação, Saddam matou qualquer coisa entre 100 mil e 200 mil curdos.⁸

Os americanos

Em 1991, quando a coalizão de países liderada pelos Estados Unidos expulsou Saddam do Kuwait, os americanos encorajaram os iraquianos a derrubar o ditador que os levara a uma guerra contra o mundo todo. Os árabes xiitas dos pântanos do sul se revoltaram, esperando que a coalizão fosse em seu socorro. Os americanos não estavam dispostos a se meter numa guerra civil, de modo que ficaram vendo Saddam avançar e massacrar 50 mil rebeldes xiitas, simpatizantes dessa causa e simples transeuntes. Um levante simultâneo dos curdos também não conseguiu derrubar o ditador, e ele expulsou os curdos para as montanhas do norte, onde a cobertura aérea americana finalmente os ajudou a estabelecer uma zona autônoma.

Embora o mundo tenha colocado Saddam e o Iraque em quarentena depois de 1990, por ter perturbado a calma internacional, essa nunca pareceu ser uma solução satisfatória. Deixar tal reserva de petróleo do mundo não utilizada sob o domínio de um ditador pária era algo perigoso e improdutivo. Em março de 2003, esperando arrastar o Iraque, dando pontapés e gritando, de volta à comunidade das nações e à economia global, o presidente americano George Bush, o mais jovem, invadiu o Iraque e canhestramente substituiu Saddam com o que era esperado ser um posto avançado da civilização ocidental, lucrativo e estabilizador, no coração do território hostil. Em vez disso, a iniciativa deteriorou-se com carros-bomba e o caos.

Saddam, então prisioneiro, foi julgado e enforcado por esse novo regime em 2006.

A GUERRA IRÃ-IRAQUE

Número de mortos: 700 mil¹

Posição na lista: 61

Tipo: guerra hegemônica

Linha divisória ampla e principais Estados participantes: Irã *versus* Iraque

Época: 1980-88

Localização: golfo Pérsico

Quem geralmente leva a maior culpa: Saddam Hussein

Fator econômico: o petróleo

Há anos o Irã e o Iraque vinham disputando a posse das terras fronteiriças, ricas em petróleo, ao longo do rio Shatt al-Arab, na extremidade do golfo Pérsico. Então Saddam Hussein tentou se aproveitar do caos desencadeado pela Revolução Iraniana de 1979 e anexou o território disputado. As tropas do Iraque invadiram o Irã em setembro de 1980 e romperam as primeiras linhas de defesa do inimigo, mas, quando a resistência iraniana aumentou, a guerra estancou nos arredores da cidade de Abadan.²

Quando dois dos principais fornecedores de petróleo partem para a guerra, o restante do mundo tem de tomar partido, mas, quando a guerra lança uma ditadura brutal contra uma teocracia fanática, é difícil decidir que lado tomar. Entretanto, sob o ponto de vista puramente prático, era mais fácil se alinhar com ditadores corruptos porque eles geralmente são mais propensos a entrar num acordo. Durante a guerra Irã-Iraque, a maior parte do mundo preferiu ficar com o Iraque. Os países muçulmanos, de governo centrista, tais como o Egito, o Paquistão e a Arábia Saudita, ajudaram abertamente o Iraque, assim como os soviéticos, que eram os tradicionais patrocinadores desse país durante a Guerra Fria. Os Estados Unidos ajudaram o Iraque com equipes de inteligência e empenharam a marinha norte-americana na defesa do fluxo de petróleo para fora do Iraque, e o fluxo de dinheiro e armamento para dentro daquele país.

A República Islâmica do Irã era um país por demais alucinado para ser apoiado abertamente por qualquer nação respeitável, mas muitas nações cooperaram às escondidas. Os Estados fora dos blocos, como Israel, África do Sul, Coreia do Norte e Líbia, por exemplo, apoiaram seu colega não alinhado fornecendo tecnologia e especialistas militares, em troca de

dinheiro ou petróleo. O Irã também conseguiu auxílio secreto por parte das superpotências em troca de os iranianos usarem sua influência; no Afeganistão, com os perigosos muçulmanos fanáticos, por parte da Rússia, e com os libaneses, por parte dos americanos.³

Em maio de 1982, um contra-ataque iraniano restaurou a fronteira pré-guerra e mudou a direção do conflito. Nos poucos anos que se seguiram, os iranianos foram gradualmente penetrando mais fundo no Iraque, até que novamente a guerra empacou nos subúrbios de um importante objetivo, a cidade iraquiana de Basra.

Naquele momento, ambos os lados já estavam desesperados e travavam uma guerra mais suja do que de costume. Para aterrorizar a população inimiga, ambos os lados enviavam aviões e mísseis zunindo sobre as cidades, bem longe das linhas de frente. O Iraque bombardeou os soldados inimigos com gás que afetavam o sistema nervoso. Os iranianos se aproveitaram de seus efetivos superiores e da juventude fanaticamente religiosa para lançar ondas humanas contra as posições inimigas, na esperança de que alguns, não muitos, poderiam rompê-las.

O Irã lançou a Operação Kheiber, que significa “Aurora”, de meados de fevereiro até meados de março de 1984, para o controle da estratégica via fluvial Basra-Bagdá. Foi um preguiçoso e canhestro confronto de ataques frontais iranianos contra ataques a gás por parte dos iraquianos, que matou 20 mil dos primeiros e 6 mil dos segundos, mutilando e deixando cicatrizes em dezenas de milhares mais, tudo em menos de um mês.⁴

A última grande ofensiva foi a Batalha de Basra, que ficou sendo a mais sangrenta batalha já travada no mundo desde a Segunda Guerra Mundial. De dezembro de 1986 a abril de 1987, aproximadamente 50 mil iranianos e 8 mil a 15 mil iraquianos foram chacinados sem qualquer ganho para um dos lados.⁵

Nenhum desses esforços quebrou o impasse, apenas elevou esse conflito para se tornar a mais sangrenta guerra para soldados desde o Vietnã. Finalmente, em agosto de 1988, quando ficou claro que ninguém iria vencer, os dois países, exaustos, concordaram com um cessar-fogo negociado pelas Nações Unidas.

SANÇÕES CONTRA O IRAQUE

Número de mortos: 350 mil¹

Posição na lista: 94

Tipo: impasse internacional

Linha divisória ampla: Iraque *versus* o mundo

Época: 1990-2003

Localização: Iraque

Principais Estados participantes: Iraque e Estados Unidos

Principal não Estado participante: Nações Unidas

Quem geralmente leva a maior culpa: os Estados Unidos e Saddam Hussein

Fator econômico: o petróleo

A Guerra do Golfo

Fracassado na sua tentativa de se expandir para o Irã, Saddam Hussein deu meia-volta e conquistou o Kuwait em agosto de 1990. Quase imediatamente, as Nações Unidas impuseram sanções comerciais ao país, enquanto os Estados Unidos despachavam tropas para a região via aérea e emitiam um ultimato. Saddam teria de abandonar o Kuwait até o dia 15 de janeiro de 1991 ou, então, sofrer as consequências. Ao se aproximar a data fatal, os pacifistas pediram aos Estados Unidos para darem mais tempo para que as sanções fizessem efeito, mas o presidente George Bush, o mais velho, não estava disposto a esperar. Quando o dia aprazado passou, a coalizão liderada pelos americanos desencadeou uma série de ataques aéreos e, dois meses mais tarde, um ataque terrestre.

A guerra desenrolou-se exatamente como planejada, e os iraquianos foram rapidamente empurrados de volta para o seu próprio país. As tropas da coalizão pararam exatamente na fronteira, sem invadir o Iraque e depor Saddam, porque ninguém queria passar longos e sangrentos anos ocupando um país hostil.

A Guerra do Golfo matou talvez 25 mil soldados iraquianos e uns poucos milhares de civis, o que não é bastante para que figure na minha lista.² A infraestrutura industrial do Iraque sofrera um grande baque com os ataques aéreos, mas não era nada que uma economia sadia não pudesse consertar. O país nunca teve essa chance.

Volta a paz

Sob os termos do cessar-fogo de 1991, as sanções econômicas continuariam até que Saddam desmontasse sua capacidade de ameaçar os países vizinhos. Saddam deveria se render ou destruir todas as instalações para a produção e distribuição de armas de destruição em massa. Teria de fechar os laboratórios que produziam armas químicas e entregar seus mísseis terra a terra. Naturalmente, como um ditador ávido de guerra, Saddam prolongou a coisa o mais possível, alimentando o medo e o respeito que as grandes armas dão a um país pequeno.

O bloqueio foi levado a efeito por navios de guerra da coalizão em patrulha no golfo Pérsico, que inspecionavam toda carga destinada ao Iraque.³ Nesse ínterim, sem as exportações de petróleo, a economia do país entrou em colapso. A educação tornou-se esporádica. A medicina, uma coisa rara. As pessoas morriam nos hospitais pela escassez de suprimentos médicos comuns. Sem emprego, os profissionais, como advogados e arquitetos, passaram a dirigir táxis. O desemprego maciço destruiu o padrão de vida. O Iraque já estivera entre os países árabes mais ricos e mais cosmopolistas, mas agora se tornara o mais esfrangalhado e marginalizado.⁴

Em agosto de 1991, quando se tornou óbvio que as sanções estavam devastando a vida do povo do Iraque, as Nações Unidas ofereceram deixar o país exportar petróleo em troca de um crédito que só poderia ser usado para comprar alimentos, remédios e outras necessidades de caráter civil. Saddam recusou concordar com essas condições até 1995. Pessoalmente ele não passava fome, e a escassez de itens essenciais lhe dava uma ferramenta útil para controlar seu povo e recompensar seus companheiros.⁵

Como acontece em todas as crises de fome, até mesmo calamidades artificiais como aquela, os poderosos continuavam a viver com bastante conforto. Enquanto seu povo sofria, Saddam não sacrificava qualquer parcela de seu conforto. Gastou centenas de milhões de dólares “em palácios, construindo cerca de uma dúzia desde o início das sanções... Inaugurou uma nova vila de férias, com parque de diversões, estádios e uma estátua de bronze de si mesmo. A polícia do ditador ganhou radiopatrulhas Hyundai novas em folha, e os sinais de trânsito ganharam retratos do presidente, muito bem iluminados, também novos em folha”.⁶

Ele ganhava tempo e mudava seu contrabando de lugar sempre um

passo à frente dos inspetores de armas da ONU, como no jogo de três cartas chamado Monte. Finalmente, expulsou os inspetores em 1998. Os americanos então lançaram ataques aéreos, que demoliram as últimas instalações de armas de destruição em massa. Ninguém fora do Iraque sabia que a ameaça já terminara na realidade, e Saddam não estava disposto a admitir a sua impotência para o mundo em geral, de modo que as sanções não foram levantadas. O impasse persistiu até que Saddam foi deposto pela invasão americana em 2003.

Análise

Como acontece com muitas mortes devido a privações, não podemos apontar facilmente para indivíduos e dizer: ele morreu, ela morreu, ele morreu e assim por diante. Não é a mesma coisa que mortes em batalhas, onde você simplesmente conta os cadáveres espalhados pelo terreno. Em vez disso, o que se vê é um aumento da taxa de mortalidade usual, e só podemos dizer é que algumas dessas pessoas teriam morrido, de qualquer maneira, mas algumas não. É uma questão estatística.

Ao longo dos anos, o governo iraquiano publicou uma série de contagens de mortes para enfatizar o sofrimento do povo, indo de 700 mil,⁷ passando por 1 milhão⁸ e chegando a 1,5 milhão.⁹ Cada novo anúncio era cuidadosamente repetido para as agências de notícias internacionais, mas não há razão para se acreditar nessas estatísticas. Podemos ser educados e mostrar que esses números altos “são baseados em estatísticas de base falhas de mortalidade infantil da época pré-guerra no Iraque”,¹⁰ ou podemos, grosseiramente, sugerir que burocratas na folha de pagamentos de um ditador inventaram aqueles números. Diversas estimativas por observadores externos apontam para números baixos, como 110 mil,¹¹ e no máximo 500 mil.¹²

As sanções são uma forma tentadora de coerção não violenta, mas, na prática, significam colocar todo o país sob sítio e levá-lo à submissão pela inanição, e o processo não é nunca tão limpo como seus proponentes sugerem. No final da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha estava perdendo mais civis por inanição do que soldados em batalha. Segundo algumas estatísticas, o número de civis japoneses que morreram por causa da escassez devido à guerra e ao bloqueio americano em 1945 superou em muito o número de mortos por causa das bombas atômicas.

As sanções não são realmente um substituto para a guerra; elas são

apenas a guerra travada por outros meios.

CAOS NA SOMÁLIA

Número de mortos: 500 mil¹

Posição na lista: 70

Tipo: colapso do Estado

Linha divisória ampla: todo mundo *versus* todo mundo

Época: desde 1991

Localização: Somália

Estados com pequena participação: Estados Unidos e Etiópia

Principal Estado participante: Somália

Quem geralmente leva a maior culpa: chefes tribais guerreiros

Outra praga: a guerra civil africana

Quando um levante militar na Somália, em janeiro de 1991, expulsou do poder o ditador Mohamed Siad Barre, o último governo efetivo do país caiu com ele. Na Somália as pessoas se identificam mais com seus clãs do que com seu país, e o país logo se fragmentou em territórios frouxamente unidos, governados por chefes tribais guerreiros. A economia foi parando, e bandos armados se apoderavam de todos os suprimentos alimentares disponíveis, deixando à mingua a população desarmada. Depois de cerca de 50 mil pessoas terem sido mortas em combates e outras 300 mil de inanição, as Nações Unidas negociaram um cessar-fogo em março de 1992, entre os principais chefes tribais, a fim de mandar alimentos para o país.

Uma força de paz multinacional, constituída principalmente de americanos, chegou em dezembro de 1992 para guardar os alimentos que estavam sendo importados pelas instituições de caridade internacionais. Em outubro de 1993, uma unidade de tropas americanas foi encurralada e destroçada em Mogadíscio, enquanto tentava capturar seguidores do chefe tribal Mohamed Farrah Aidid. No grande fluxo da história, aquele foi um combate de pouca importância, mas fez a liderança americana ficar tão envergonhada que os Estados Unidos evitaram ao máximo intervir no genocídio de Ruanda no ano seguinte. Os americanos se retiraram do país em 1994, e as Nações Unidas no ano seguinte.²

Uma nova onda de combates irrompeu em 1996, mas depois de o general Aidid ter sido morto, os três mais importantes chefes tribais concordaram com um cessar-fogo mútuo. Fora dos territórios dos chefes

tribais, a asa norte do país conseguiu estabilidade como duas novas nações independentes, Puntland e Somalilândia, embora ninguém as tivesse reconhecido oficialmente como tais.

Anos de guerra haviam deixado Mogadíscio saqueada, esfrangalhada, e muitos de seus 1,2 milhão de habitantes viviam em prédios destruídos e barracas. Havia muito tempo que as escolas e o comércio não funcionavam. A maioria dos jovens só conseguia emprego como micilianos dos chefes tribais, trocando sua força por comida e *khat*, o narcótico local. Homens armados roubavam, estupravam e matavam facilmente, sem quaisquer consequências.³ O país tornou-se também um santuário seguro para piratas, que sequestravam navios trafegando pelo Canal de Suez.

Os chefes tribais surgiam e desapareciam, e presumivelmente se engajavam em rivalidade que tinham importância para os participantes, mas que nunca chamavam a atenção dos que estavam por fora do processo.

Sempre que alguém tenta diferenciar aqueles vários chefes, eles são geralmente classificados pelo grau de fundamentalismo islâmico que querem impor ao país. Em 2006, tropas etíopes ocuparam Mogadíscio a fim de lá instalar um governo nacional aprovado pela ONU, mas a ação pouco mais fez do que criar outra facção local ineficaz.

Número de mortos

A única estimativa séria existente gira em torno do relatório da ONU, de que 350 mil pessoas morreram no primeiro ano e meio do caos. Conforme os combates continuaram, ficou patente que o número crescente de mortos estava deixando para trás aquela antiga estimativa. Quando o cálculo foi atualizado, os repórteres aumentaram o número por conta própria, de modo que ficou cada vez mais comum sugerir vagamente que meio milhão a 1 milhão de pessoas possam ter morrido.

GENOCÍDIO EM RUANDA

Número de mortos: 937 mil

Posição na lista: 53

Tipo: limpeza étnica

Linha divisória ampla: hutus versus tutsis

Época: cem dias, em 1994

Localização e principal Estado participante: Ruanda

Quem geralmente leva a maior culpa: Bélgica, França e o presidente americano Bill Clinton^a

Outro culpado: guerra civil africana

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Por que ninguém impediu aquilo?

Pano de fundo

Há muitos séculos, pastores de grande estatura, vindos das margens do rio Nilo, no Sudão, migraram para o sul, ao mesmo tempo que corpulentos fazendeiros bantos, vindos da corcova ocidental da África, migravam para o leste. Eles se defrontaram e se misturaram na Região dos Lagos, e depois de combates e ajustamentos ao longo de incontáveis gerações a aristocracia tutsi terminou reinando sobre os camponeses banto-hutu. Essa foi a situação encontrada pelos primeiros exploradores europeus nos meados do século XIX. Na confusão generalizada de partilha da África, a região foi dividida entre os alemães e os belgas.

Depois da Primeira Guerra Mundial, as colônias ultramarinhas alemãs foram rapidamente divididas entre os vencedores. Dois pequenos territórios interiores da África oriental alemã, adjacente ao Congo Belga, foram entregues aos belgas com um mandato expedido pela Liga das Nações, o qual, de acordo com esse tratado, tinha de ser administrado separadamente em relação ao restante das colônias belgas. Tanto os alemães quanto os belgas se apoiavam na nobreza local tutsi para ajudá-los a governar o território, e, em troca, lhe concediam privilégios que eram negados aos hutus, tais como a isenção de sessenta dias de trabalhos grátis que todos os nativos tinham de prestar ao Estado. Como séculos de miscigenação e coexistência haviam atenuado as diferenças físicas e culturais entre os dois grupos, os belgas emitiram cartões de identificação que definiam claramente cada pessoa pertencente a um ou outro grupo, de modo que as autoridades pudessem saber quem tinha direito a tratamento

preferencial. Àqueles de ancestralidade mestiça ou incerta foi arbitrariamente imputada uma etnicidade, puramente baseada no capricho dos funcionários da colônia. Os hutus e tutsis geralmente se identificavam uns aos outros por sutis diferenças de classe, que não eram imediatamente óbvias para estranhos. Ambos os grupos falavam a mesma língua e eram na sua maioria católicos na época da independência.¹

Em 1962, os mandatos da Liga das Nações tornaram-se os países independentes do Burundi e Ruanda. Infelizmente a dupla partilha baseada na etnicidade criou uma situação inerentemente instável. As suspeitas e a má vontade crônicas entre hutus e tutsis levaram a uma guerra civil endêmica, pontilhada por ocasionais e terríveis massacres. Durante algum tempo, o pior massacre lembrado ocorreu em 1972, quando um regime governante tutsi no Burundi assassinou 100 mil a 150 mil hutus e enviou milhares de refugiados de hutus, revoltados, por sobre a fronteira, para Ruanda, então dominada por essa etnia.²

Primeiro plano

Uma geração que veio depois veria coisa ainda pior. No dia 6 de abril de 1994, os presidentes hutus do Burundi e Ruanda estavam voando de volta depois de negociar um tratado de paz com rebeldes tutsis quando seu avião foi derrubado por mísseis terra-ar. Ninguém sabe por quem. Os líderes hutus culpavam os rebeldes tutsis e imediatamente, em represália, lançaram massacres, mas outros alegam que extremistas hutus inventaram uma desculpa para esmagar os tutsis assassinando os dois presidentes que os haviam vendido.^a

Apesar disso, no dia seguinte, milícias enfurecidas de hutus, os chamados “interahamwe”, isto é, “aqueles que trabalham juntos”, começaram a massacrar tutsis por toda a Ruanda. O genocídio foi planejado pelo ministro da Defesa Theoneste Bagosora, e foi terrivelmente eficiente. Dentro de duas semanas, antes que a comunidade internacional tivesse pelo menos a chance de se sobressaltar, um quarto de milhão de homens, mulheres e crianças foram retalhados, geralmente com a arma característica do genocídio, o facão.³

Entre os primeiros a morrer estava a primeira-ministra Agathe Uwilingiyimana, uma mulher hutu de conotação moderada, que foi estuprada com baionetas e morta. Os soldados belgas de sua guarda pessoal mantida pelas Nações Unidas tinham ordens de não provocar os

locais defendendo-a, de modo que eles se renderam sem lutar, mas, de qualquer forma, foram castrados, tiveram sua própria genitália empurrada pela boca, e depois mortos.

Por todo o país, em ataques coordenados e encorajados por propagandistas radiofônicos, como Ferdinand Nahimana, os hutus se voltaram contra os seus vizinhos tutsis. Professores mataram seus alunos. Babás hutus mataram crianças tutsis das quais eram encarregadas. Hutus relutantes eram separados e ameaçados com a morte se não se juntassem à matança. Eram reunidos por gangues, recebiam facões e também ordens de matar ou morrer. A culpa da chacina foi deliberadamente disseminada o mais possível por uma gangue inteira, que se revezava esfaqueando e retalhando.⁴

O ódio era tão profundo que não havia nenhum lugar seguro para os tutsis. Depois de uma semana de genocídio, o prefeito de Nyarubuye comandou 7 mil milicianos até a sua igreja católica e o convento adjacente e massacrou 20 mil tutsis que procuravam refúgio no complexo de prédios.⁵ Na igreja católica de Nyange, o padre ordenou aos trabalhadores destruir o prédio com uma niveladora, esmagando os 1.500 refugiados ali reunidos.⁶ Diversos conventos também reuniram refugiados e os entregaram às milícias. No convento de Sovu, as freiras não somente trancaram alguns tutsis na garagem, mas também forneceram a gasolina para incendiar o local.⁷

Os interahamwe fizeram um esforço especial para estuprar e humilhar as vítimas mulheres antes de as retalharem com um facão. Às vezes as vítimas eram mortas imediatamente depois do estupro; às vezes eram deixadas para morrer de grotescas mutilações; às vezes eram engaioladas para outra rodada de estupros mais tarde. Numa determinada ocasião, uma mulher foi imobilizada no solo por uma lança cravada em seu pé enquanto os atacantes iam resolver um problema rápido, voltando para estuprá-la de novo. As testemunhas puderam ver a prova dessas atrocidades meses mais tarde, “até mesmo nos esqueletos esbranquiçados. As pernas dobradas e separadas. Com uma garrafa quebrada, um galho de árvore esgarçado, até mesmo uma faca entre as pernas... Elas morreram numa posição de total vulnerabilidade, deitadas de costas, as pernas dobradas e os joelhos bem afastados”.⁸

Finalmente, depois de três meses de matança, os rebeldes tutsis sob o comando de Paul Kagame romperam as linhas de frente e correram para socorrer seus conterrâneos sobreviventes. Milhões de hutus fugiram para

os países vizinhos para evitar retaliação. Mais ou menos na mesma época, a comunidade mundial finalmente interveio com finalidades humanitárias, que fizeram estancar a matança, mas também permitiram a muitos membros hutus das milícias e das Forças Armadas escaparem da justiça ou da vingança, o que você escolher.

Logo depois as Nações Unidas calcularam que 800 mil ruandenses foram mortos em apenas três meses. O governo de Ruanda por fim deu como número oficial das mortes resultantes do genocídio 937 mil.⁹ Isoladamente, foi o pior genocídio puro em décadas, cinco vezes mais rápido do que o Holocausto.¹⁰

Justiça, mas não tanto

O genocídio de Ruanda é uma das poucas atrocidades deste livro a ser seguida por um esforço sistemático para julgar e punir os culpados por meio de julgamentos justos. Um governo surpreendentemente estável, sob Paul Kagame, voltou a Ruanda dentro de poucos anos, mas a própria magnitude do crime tornou difícil a aplicação da justiça. Quatro anos depois do genocídio, 130 mil interahamwes continuavam trancafiados em prisões sujas, superlotadas, ainda aguardando julgamento. Ao final do ano, os tribunais haviam julgado 330 deles.¹¹

Em 2005, os ruandenses haviam descentralizado o processo e estabelecido tribunais nas aldeias, para fazer o julgamento. Nos seus seis primeiros meses de funcionamento, esses tribunais ouviram mais de 4 mil casos e condenaram 89% dos réus. Por essa época, entretanto, a maioria dos prisioneiros já havia passado anos na cadeia esperando ser julgada. Qualquer sinal de arrependimento era o bastante para serem condenados a uma pena igual ao tempo em que estiveram encarcerados, e então eram libertados.¹²

Embora cerca de 650 prisioneiros tenham sido condenados à morte por fuzilamento, Ruanda aboliu a pena de morte antes que muitas execuções tivessem lugar. Foi o único meio de os ruandenses conseguirem capturar quase 45 mil suspeitos que viviam em países que não extraditam prisioneiros se eles forem condenados à pena de morte.¹³

^a Sério. Os relatos populares do genocídio em Ruanda são mais propensos a culpar o Ocidente por não ter feito cessar as atrocidades do que os próprios hutus. Por exemplo, no excelente filme *Hotel Ruanda*, dois dos principais personagens são observadores estrangeiros que se queixam da

indiferença internacional, e eles têm maior participação no filme do que a maioria dos personagens nativos. No seu maior lance, *White Guilt* chega mesmo a recuar na história e acusar a Bélgica de dividir um único povo, harmonioso, em categorias artificiais de “hutu” e “tutsi”, quando emitiram os tais cartões de identidade coloniais.

Por que tanta culpa cabe a pessoas e instituições que nem estavam envolvidas na matança? Em grande parte é assim que as pessoas encaram os assuntos internacionais: “Sim, é triste, mas por que esse é um problema meu?” Entretanto, outras pessoas só querem culpar as Nações Unidas, o Ocidente ou Bill Clinton por tudo.

^b No Burundi, a morte de seu presidente reacendeu a guerra civil no país, que já estava terminando, mas o número de mortes subsequente, 260 mil, não alcançou o limiar que merecesse fazer parte da minha lista das cem piores atrocidades.

A SEGUNDA GUERRA DO CONGO

Número de mortos: 3,8 milhões

Posição na lista: 27

Tipo: guerra hegemônica

Linha divisória ampla: hutus *versus* tutsis, pouco importando quem mais se intrometa

Época: 1998–2002

Localização: Congo Maior

Principais Estados participantes: República Democrática do Congo *versus* Ruanda e Uganda

Estados participantes secundários: Angola, Zimbábue, Namíbia, Chade (do lado do Congo) e Burundi (do lado de Ruanda)

Principais não Estados participantes: Aliança das Forças Democráticas para a Libertação do Congo-Zaire, Forças Democráticas Aliadas, Assembleia Congoleza pela Democracia, Interahamwe, mai-mai, Movimento pela Libertação do Congo

Quem geralmente leva a maior culpa: Paul Kagame (Ruanda), Laurent Kabila (Congo) e Yoweri Museveni (Uganda)^a

Outro culpado: a guerra civil africana

Fatores econômicos: columbita-tantalita (coltan), diamantes, madeira

A pergunta irrespondível que todo mundo faz: Isso aconteceu há poucos anos. Por que não ouvi falar nada a respeito?

A Segunda Guerra do Congo se situa no fim de uma reação em cadeia que começou nos distantes nevoeiros do tempo, e que veio ricocheteando aleatoriamente, até que terminou destruindo milhares de vidas que não tinham nada a ver com o começo. O genocídio de 1994 em Ruanda dispersou milhares de refugiados em toda a região dos Grandes Lagos da África. Ironicamente esses refugiados não eram as vítimas tutsis do genocídio, mas sim os culpados hutus, que haviam perdido o controle de Ruanda e fugiam dos vingativos rebeldes tutsis, os quais haviam assumido o governo. Cerca de 1 milhão desses hutus fugitivos ficaram amontoados nos campos de refugiados do Congo Maior.

Mobutu sai de cena

Durante o genocídio de Ruanda, o maior dos dois Congos, o antigo Estado Livre do Congo, conforme vimos no capítulo anterior, passou a se chamar Zaire e a ser governado por Mobutu Sese Seko, um velho tirano, um

bandido, que vinha saqueando sistematicamente seu país por três décadas, reunindo uma fortuna pessoal calculada como uma das maiores do mundo. Ele sobreviveu à usual série de golpes, incursões fronteiriças e guerras civis que acompanhavam todo ditador africano, mas aquele influxo maciço de refugiados transbordando por suas fronteiras foi demais para o velho, afligido por um câncer. Ele perdeu o controle da situação, e essas províncias da fronteira tornaram-se, para todos os aspectos práticos, uma terra de ninguém. Enquanto as agências internacionais de ajuda viajavam em comboios armados e lutavam para manter viáveis os campos de refugiados, as milícias hutus os usavam como bases para se reorganizarem, visando retomar o governo em Ruanda. Eles mantinham a prática combatendo os tutsis locais do Congo Maior, conhecidos como banyamulengos.

Temendo uma ressurgência hutu, Paul Kagame, governante tutsi de Ruanda, queria desarmar os elementos dessa etnia baseados no Congo e prender os chefões, mas Mobutu não cooperava, de modo que ele teve de ser substituído. Os ruandenses precisavam de um congolês importante para encetar a missão, de modo que apoiaram um rebelde congolês desempregado, Laurent Kabila, que vinha perambulando sem rumo certo pela África oriental, esperando surgir uma oportunidade.

Kabila ficara escondido na sombra dos homens mais carismáticos da Crise Congoleza, uma série de guerras civis que se seguiu imediatamente à independência, em 1960. Kabila começou se associando ao amado presidente esquerdista do país, Patrice Lumumba. Depois do assassinato deste nas mãos de rebeldes em 1961, Kabila ajudou a separar uma província oriental congoleza como um enclave marxista. O próprio Che Guevara, o lendário revolucionário latino-americano, apareceu por lá para lutar em prol da nova nação comunista, mas ele rapidamente se desiluiu. Como ele observa em seu diário: “Todo dia era a mesma velha história: Kabila não chegou hoje, mas vai estar aqui amanhã, e, se isso não acontecer, ele virá depois de amanhã.”

“Kabila não põe os pés na frente de batalha há séculos”, queixou-se Che. Em vez disso, Kabila passava grande parte de seu tempo em Paris, no Cairo e em Dar es Salaam, ficando “nos melhores hotéis, emitindo comunicados e bebendo uísque escocês na companhia de lindas mulheres”, ou simplesmente indo “dos bares para os prostíbulos”.¹

Então, depois que esse enclave foi conquistado pelo exército zairiano na década de 1970, Kabila desapareceu e todo mundo presumiu que morrera.

Era visto de vez em quando, geralmente envolvido em um sequestro ou em um acordo comercial nebuloso, mas ninguém lhe prestou muita atenção, até que ele ficou amigo do presidente Yoweri Museveni, de Uganda, que sugeriu seu nome aos ruandenses como um possível presidente do Congo.²

Com plena legitimidade assegurada pela Aliança das Forças Democráticas para a Libertação do Congo-Zaire (AFDL), de Kabila, tropas de Ruanda e de Uganda cruzaram a fronteira em outubro de 1996, para remover Mobutu do poder e dispersar ainda mais os hutus. Os 1,4 milhão de refugiados hutus registrados pela agências de ajuda no Zaire fugiram da chacina em todas as direções, e quando a região se acalmou o bastante para que aquelas instituições retomassem suas operações, mais de 200 mil refugiados hutus haviam desaparecido na confusão.³ Só Deus sabe o que aconteceu àquelas pessoas, mas provavelmente foram mortas. A Anistia Internacional comunicou que a AFDL e o exército ruandense massacraram muitas delas.⁴

Mobutu fugiu da capital em maio de 1997, e morreu de câncer no estômago no Marrocos alguns meses mais tarde. Kabila entrou em Kinshasa e vitoriosamente proclamou a nova República Democrática do Congo. Assim terminou a Primeira Guerra do Congo.

A Guerra Mundial da África

Assim que se estabeleceu no palácio presidencial, Kabila rapidamente se livrou de seus amigos. Nos dias em que já agonizava, Mobutu fora forçado a afrouxar as restrições sobre os direitos humanos e sobre a oposição política, mas agora Kabila reverteu essas duas pequenas melhorias. Tentou assegurar sua independência em relação aos ruandenses que o apoiavam destituindo o general ruandense que era agora chefe do estado-maior do exército do Congo, e dissolvendo sua guarda pessoal, formada também por ruandenses. Finalmente, em julho de 1998, ele ordenou que todas as tropas estrangeiras abandonassem o país.

Não há certeza sobre se Ruanda realmente acatou essa ordem, ou se simplesmente fingiu aceitá-la, mas isso não tem importância, porque no dia 2 de agosto de 1998 duas unidades do exército congolês estacionadas ao longo da fronteira se rebelaram, dando início à Segunda Guerra do Congo. Quando Kabila avançou contra os rebeldes, as forças ruandenses foram em ajuda deles. Para evitar outras rebeliões, as unidades tutsis do exército congolês estacionadas perto da capital, Kinshasa, receberam ordem de

entregar as armas. Elas se recusaram, mas as unidades do exército congolês de outras etnias atacaram os rebeldes e as eliminaram. Um *pogrom* geral contra tutsis de todos os tipos, militares, civis, homens, mulheres e crianças, irrompeu em todo o Congo.⁵

No dia 4 de agosto, um avião que transportava soldados ruandenses e ugandenses atravessou todo o território até a extremidade ocidental do país, onde aterrissou em uma base do exército que abrigava 10 mil a 15 mil ex-legalistas de Mobutu como prisioneiros de guerra da Primeira Guerra do Congo. Os prisioneiros foram libertados, armados e organizados em uma nova força de combate que partiu para a capital, a fim de derrubar Kabila. Nesse ínterim, todo o espectro de políticos congolezes, desde os primeiros companheiros de Mobutu até os seus ex-inimigos, formou o Esforço Congolês pela Democracia (RCD). Algumas semanas depois, Kabila parecia condenado, mas então, no dia 28 de agosto, a força expedicionária mobutista-ruandense-ugandense no oeste foi atacada e destruída por tropas da vizinha Angola, que já suportara demais invasões de fronteira e intrigas da parte de Mobutu para permitir que seus seguidores assumissem o controle. O Zaire interferira na guerra civil em Angola (1975-94), de modo que agora Angola estava devolvendo o favor.⁶

Vamos voltar atrás um pouco. Como é que a Uganda entrou nesse conflito? O país, como tantos outros da África subsaariana, tinha um grave problema de insurgentes. As Forças Democráticas Aliadas (ADF), que operavam nas regiões fronteiriças de Uganda e do Congo, não eram as maiores nem as piores tropas rebeldes de Uganda, mas os ugandenses perceberam que teriam uma chance de esmagar esse grupo juntando-se à invasão ruandense. Em fevereiro de 1999, Uganda montou uma operação de cooperação com os congolezes, no chamado Movimento de Libertação do Congo (MLC), composto principalmente de ex-mobutistas, na província natal de Mobutu de Equateur. Uganda colocou o MLC encarregado das províncias vizinhas congolezas em troca de eles eliminarem as ADF.

Nesse ínterim, Kabila mobilizou apoio entre as milícias exiladas ruandenses da etnia hutu, e aceitou tropas oferecidas por diversas nações vizinhas, ansiosas por restaurar a estabilidade na região.

Em meados de 1999, todos os exércitos estavam posicionados, e não houve mais surpresas. O Congo sofreu uma dolorosa partilha em três: Uganda ficou com o nordeste, Ruanda com o sudeste, e Kabila com o oeste. Uma grande cicatriz cortou o meio do país, onde os diversos exércitos faziam incursões, patrulhavam e saqueavam o território um do outro.

Houve pelo menos vinte tentativas de organizações internacionais para realizar um cessar-fogo, antes que finalmente isso acontecesse. O Acordo de Cessar-Fogo Lusaka foi assinado em julho de 1999, o qual solidificou a partilha até que surgisse alguma coisa melhor.

É claro que as negociações se arrastaram. As partes em conflito não tinham pressa em partir, pois todas elas estavam ganhando muito dinheiro com a guerra. A não observância da lei e da ordem permitia que saqueassem seus territórios ocupados, extraíndo diamantes, ouro, madeira e columbita-tantalita, ou coltan, um mineral raro, essencial para a fabricação de telefones celulares e computadores. Como o Congo fornece 80% desse mineral para o mundo, o preço subiu de 60 para 800 dólares o quilo, e as minas ilegais se multiplicaram por toda a zona de guerra, com os mineiros abatendo a tiros os gorilas e elefantes, já em vias de extinção, para obtenção de comida.⁷ As tropas ugandenses e seus aliados rebeldes se apoderaram de todo o estoque de madeira e café do nordeste do país, que eles enviavam para Uganda ganhando muito dinheiro com a exportação.⁸

Kabila sai de cena

No dia 16 de janeiro de 2001, um dos guarda-costas de Kabila o assassinou. A princípio, o governo negou que acontecera alguma coisa de mau ao presidente, e seu principal assistente apareceu na televisão pedindo que a nação permanecesse calma. Finalmente, depois de dias de especulação, foi preciso admitir que Kabila de fato morrera. Dois anos mais tarde, esse mesmo assistente principal foi condenado por ter planejado o assassinato de seu chefe como parte de um fracassado golpe de Estado, provavelmente em cooperação com o Esforço Congolês pela Democracia e também com os ruandenses.⁹

O filho de Kabila, Joseph Kabila, assumiu o cargo de presidente, e, até o momento em que redijo estas linhas, parece ser melhor do que o pai. Abriu o governo para as vozes da oposição e começou a fazer negociações sérias visando a paz para o Congo. Em outubro de 2006, eleições em âmbito nacional, que observadores de fora consideraram livres e justas de maneira geral, confirmaram Kabila no cargo. Como declarou à BBC: “A guerra no Congo levou a acordos comerciais nebulosos, mas Kabila não estava diretamente implicado em nenhum deles.”¹⁰ Uma definição bastante boa de honestidade naquela parte do mundo.

Ruanda e o Congo assinaram um cessar-fogo em Pretória, África do Sul, no dia 30 de julho de 2002. O Congo negou oficialmente ter dado abrigo a qualquer hutu envolvido no genocídio de Ruanda em 1994, mas concordou, de qualquer modo, a entregá-los a seu país de origem. Em troca, Ruanda concordou em retirar suas tropas do Congo. Outro acordo bilateral entre os dois países, em 6 de setembro de 2002, terminou aquela parte da guerra. A retirada das tropas estrangeiras deixou os vários grupos paramilitares rebeldes no Congo, mas todos eles receberam participação no novo governo de transição.

A despeito das grandes movimentações de tropas e reorganização do poder político, continuaram a ocorrer conflitos esporádicos dispersos durante alguns anos. Alguns já começaram a chamar essas lutas de a Terceira Guerra do Congo, mas devido a problemas de tempo, espaço e simplificação, vamos parar por aqui a história da Segunda Guerra do Congo.

O estilo de guerra

O Comitê Internacional de Socorro fez uma pesquisa sobre os habitantes da zona de guerra e publicou um relatório calculando em 3,8 milhões mais de mortes do que de costume, desde a eclosão da Segunda Guerra do Congo, a maioria por doença e fome, que se propagaram na onda da devastação. Apenas 10% a 15% dessas mortes da guerra foram devidas diretamente à violência.¹¹

As guerras mais sangrentas da história são aquelas que envolvem os soldados mais eficientes e mais bem equipados que estiverem disponíveis no mundo na ocasião. Exércitos no máximo de sua eficiência, por exemplo, travaram as duas guerras mundiais, e conquistaram grande parte do mundo sob o comando de Napoleão e Gêngis Khan. Eram os mais destrutivos exércitos de seu tempo, e, aproveitando seu treinamento, eliminaram enorme quantidade de vidas humanas.

Os exércitos da guerra no Congo pertencem a uma categoria inteiramente diferente. Essa guerra foi travada por bandos de adolescentes com pouca disciplina, portando armas pequenas e antiquadas, e sem lealdade a qualquer comandante, a não ser a quem lhes pagava. Espalhavam-se por uma frente fragmentada, e raramente se empenhavam em batalhas verdadeiras, que não duravam mais do que umas poucas horas. A disciplina era brutal e a vida era barata. Para se

protegerem das balas no combate, acreditavam mais em feitiços mágicos do que no treinamento. Suborno e saque campeavam, e gastava-se mais tempo aterrorizando os habitantes locais do que combatendo o inimigo. De acordo com as agências de ajuda, 60% dos combatentes na guerra tinham o vírus causador da AIDS, e um terço das mulheres que eles estupravam ficava infectado.¹²

Destacaram-se pela violação dos direitos humanos os mai-mai, uma reunião de milícias locais, de laços frouxos, que lutavam no centro do Congo contra ruandenses e ugandenses, embora não necessariamente a favor de um governo central. A cidade de Kibombo mudou de mãos diversas vezes, e cada vez que isso acontecia, os soldados saqueavam, estorquiavam os habitantes e, no fim, se retiravam, levando com eles umas poucas mulheres para uso no futuro. É típica a experiência de uma garota de 16 anos: em outubro de 2002, Onya e sua mãe estavam num grupo de 48 mulheres que haviam saído juntas para cuidar das colheitas, procurando segurança no número. Foram encontradas por uma patrulha dos mai-mai que as espancou, expulsou-as do seu campo e começaram a estuprá-las. A mãe escapou depois de alguns dias, mas Onya foi mantida como “esposa” até março de 2004, forçada a trabalhar na lavoura, cozinhar e propiciar sexo. Finalmente os mai-mai fugiram depois de perderem uma batalha importante, e ela conseguiu voltar para Kibombo.¹³

^a Espero que você tenha notado que dois heróis de capítulos anteriores são os vilões deste capítulo. História é uma coisa complicada.

LISTA:

OS CEM MULTICÍDIOS MAIS MORTÍFEROS

1. Segunda Guerra Mundial (1939-45)	66.000.000
2. Gêngis Khan (1206-27)	40.000.000
Mao Tsé-tung (1949-76)	40.000.000
4. Fome na Índia britânica (séculos XVIII a XX)	27.000.000
5. O colapso da dinastia Ming (1635-62)	25.000.000
6. A Rebelião Taiping (1850-64)	20.000.000
Josef Stálin (1928-53)	20.000.000
8. Tráfico de escravos no Oriente Médio (séculos VII a XIX)	18.500.000
9. Tamerlão (1370-1405)	17.000.000
10. Tráfico de escravos no Atlântico (1452-1807)	16.000.000
11. A conquista das Américas (depois de 1492)	15.000.000
Primeira Guerra Mundial (1914-18)	15.000.000
13. A Rebelião de An Lushan (755-63)	13.000.000
14. A dinastia Xin (9-24)	10.000.000
Estado Livre do Congo (1885-1908)	10.000.000
16. A Guerra Civil Russa (1918-20)	9.000.000
17. A Guerra dos Trinta Anos (1618-48)	7.500.000
A queda da dinastia Yuan (c.1340-70)	7.500.000
19. A queda do Império Romano do Ocidente (395-455)	7.000.000
A Guerra Civil Chinesa (1927-37, 1945-49)	7.000.000
21. A revolta Mahdi (1881-98)	5.500.000
22. A Época dos Distúrbios (1598-1613)	5.000.000

23. Aurangzeb (1658-1707)	4.600.000
24. A guerra do Vietnã (1959-75)	4.200.000
25. Os Três Reinos da China (189-280)	4.100.000
26. Guerras napoleônicas (1792-1815)	4.000.000
27. A Segunda Guerra do Congo (1998-2002)	3.800.000
28. Lutas de gladiadores (264 a.C. – 435 d.C.)	3.500.000
A Guerra dos Cem Anos (1337-1453)	3.500.000
30. As Cruzadas (1095-1291)	3.000.000
Guerras religiosas francesas (1562-98)	3.000.000
Pedro, o Grande (1682-1725)	3.000.000
A guerra da Coreia (1950-53)	3.000.000
A Coreia do Norte (depois de 1948)	3.000.000
35. A guerra no Sudão (1955-2003)	2.600.000
36. A expulsão dos alemães da Europa oriental (1945-47)	2.100.000
37. A Rebelião Fang La (1120-22)	2.000.000
Mengistu Haile (1974-91)	2.000.000
39. O Kampuchea Democrático (1975-79)	1.670.000
40. Era de Estados em guerra (c.475-221 a.C.)	1.500.000
A Guerra dos Sete Anos (1756-63)	1.500.000
Shaka (1818-28)	1.500.000
Genocídio em Bengala (1971)	1.500.000
A guerra soviético-afegã (1979-92)	1.500.000
45. Sacrifícios humanos astecas (1440-1521)	1.200.000
46. Qin Shi Huang Di (221-210 a.C.)	1.000.000
Guerras de escravos romanos (134-71 a.C.)	1.000.000
Colapso maia (790-909)	1.000.000
A Cruzada albigense (1208-29)	1.000.000
A Rebelião Panthay (1855-73)	1.000.000
A Revolução Mexicana (1910-20)	1.000.000
	1.000.000

53. A guerra de Biafra (1966-70)	937.000
54. Guerras entre a Birmânia e o Sião (1550-1605)	900.000
55. A invasão de Hulagu (1255-60)	800.000
A Guerra Civil Moçambicana (1975-92)	800.000
57. A conquista da Argélia pela França (1830-47)	775.000
58. A Segunda Guerra Púnica (218-202 a.C.)	770.000
59. Justiniano (527-65)	750.000
A guerra ítalo-etíope (1935-41)	750.000
61. A guerra na Gália (58-51 a.C.)	700.000
A conquista do Vietnã pela China (1407-28)	700.000
A guerra da sucessão espanhola (1701-13)	700.000
A guerra Irã-Iraque (1980-88)	700.000
65. A Guerra Civil Americana (1861-65)	695.000
66. A Rebelião Hui (1862-73)	640.000
67. Guerras entre os reinos Goguryeo e Sui (598 e 612)	600.000
A guerra sino-dzungar (1755-57)	600.000
69. A guerra de Independência da Argélia (1954-62)	525.000
70. Alexandre, o Grande (336-325 a.C.)	500.000
A guerra Bahmani-Vijayanagara (1366)	500.000
A guerra russo-tártara (1570-72)	500.000
A guerra da sucessão austríaca (1740-48)	500.000
A guerra russo-turca (1877-78)	500.000
A divisão da Índia (1947)	500.000
A Guerra Civil Angolana (1975-94)	500.000
A guerra na selva ugandense (1979-86)	500.000
Caos na Somália (desde 1991)	500.000
79. A guerra da Tríplice Aliança (1864-70)	480.000
80. A guerra franco-prussiana (1870-71)	435.000
81. A Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.)	400.000
A Terceira Guerra Mitridática (73-63 a.C.)	400.000

A invasão da Irlanda por Cromwell (1649-52)	400.000
A guerra da Independência mexicana (1810-21)	400.000
A revolta dos escravos haitianos (1791-1803)	400.000
A guerra greco-turca (1919-22)	400.000
Expurgo na Indonésia (1965-66)	400.000
88. Guerra na Indochina francesa (1945-54)	393.000
89. A grande guerra turca (1682-99)	384.000
90. A grande guerra do Norte (1700-21)	370.000
91. A Guerra Civil Espanhola (1936-39)	365.000
O Vietnã pós-guerra (1975-92)	365.000
93. A Revolução Cubana (1895-98)	360.000
94. Sanções contra o Iraque (1990-2003)	350.000
Guerras romano-judaicas (66-74 e 132-135)	350.000
96. A Segunda Guerra Persa (480-479 a.C.)	300.000
A guerra dos Aliados (91-88 a.C.)	300.000
A guerra da Crimeia (1854-56)	300.000
Idi Amin (1971-79)	300.000
Saddam Hussein (1979-2003)	300.000

O QUE EU ENCONTREI: ANÁLISE

O que podemos concluir da minha lista de assassinatos em massa? Existe ao menos um traço que todos os cem compartilhem? Tirando os horríveis detalhes habituais de tortura, canibalismo, assassinato, estupro, castração, traição e cabeças decepadas, há algumas características maiores que todos esses multicídios tenham em comum?

Não vejo nenhuma. Na verdade, a única característica principal que se aplica à maioria desses assassinatos em massa, mas não a todos, é que quatro quintos são guerras. Você talvez não considere espantosa a revelação de que as guerras matam mais pessoas do que os ditadores – afinal, as guerras mobilizam, habitualmente, mais participantes ativos e permitem mais destruições indiscriminadas do que, em média, o estado policial –, mas uma ampla linha de pensamento na atrocidologia *não* considera as guerras como as causas principais de morte violenta. Alguns atrocidologistas afirmam que os governos opressores são piores. Isso parece estar errado.^a

Alguns desses cem incidentes têm algumas raras similaridades específicas. Deixo que você decida se são significativas ou meras coincidências:

Defenestrações de Praga. Duas vezes neste livro alguém foi lançado por uma janela em Praga. (Em *A Guerra dos Trinta Anos* e *Josef Stálin*.)

Muitos dos ditadores provinham de comunidades um pouco além das fronteiras das nações que viriam a liderar. Napoleão era corso, e não francês, Stálin era da Geórgia, e não da Rússia, Hitler era austríaco, e não alemão, Alexandre era da Macedônia, e não grego.

Os Estados Unidos foram arrastados para três guerras europeias, quando os combatentes impuseram um bloqueio contra os seus inimigos. (Guerras napoleônicas; Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial.)

Por duas vezes, a conquista da China seguiu o mesmo padrão geográfico: durante uma guerra civil, um exército saiu da Manchúria e tomou Pequim. Os defensores chineses tentaram se reagrupar em Nanquim, mas foram derrotados e o restante bateu em retirada para Taiwan, que tomou de estrangeiros. (O colapso da dinastia Ming; A Guerra Civil Chinesa [segunda fase].)

Líderes militares violentos gostam de ter nomes que lembrem ferro e aço. *Stálin* vem da palavra russa para aço. *Tamerlão* e *Temujin* provavelmente vêm de *temur*, a palavra mongol para aço. Em alquimia/astrologia, o mesmo símbolo (♁) é usado para Marte, guerra, ferro e masculino, e esses cavalheiros provavelmente apreciariam a equivalência.

Por três vezes, o Ocidente tentou colocar ditadores nativos cristãos nos governos de países não cristãos criados recentemente na Ásia oriental. (Chiang Kai-shek na China, Syngman Rhee na Coreia, Ngo Dinh Diem no Vietnã.) A diferença religiosa pode ser a razão para a maioria dos nativos nunca ter apoiado a guerra civil subsequente. (A Guerra Civil Chinesa; A guerra da Coreia; A guerra do Vietnã.)

A Saxônia nunca consegue decidir de que lado quer ficar. (A Guerra dos Trinta Anos; A Guerra dos Sete Anos; Guerras napoleônicas.)

Embora a Rússia sempre receba o crédito de ser inconquistável, os exércitos que invadiram o Egito foram também triturados e cuspidos fora. (Quinta Cruzada; A invasão de Hulagu; Guerras napoleônicas; Segunda Guerra Mundial.)

Aproveitando a abordagem deste tema, é possível, às vezes, derrotar os russos no terreno deles. (Mongóis; Primeira Guerra Mundial.)

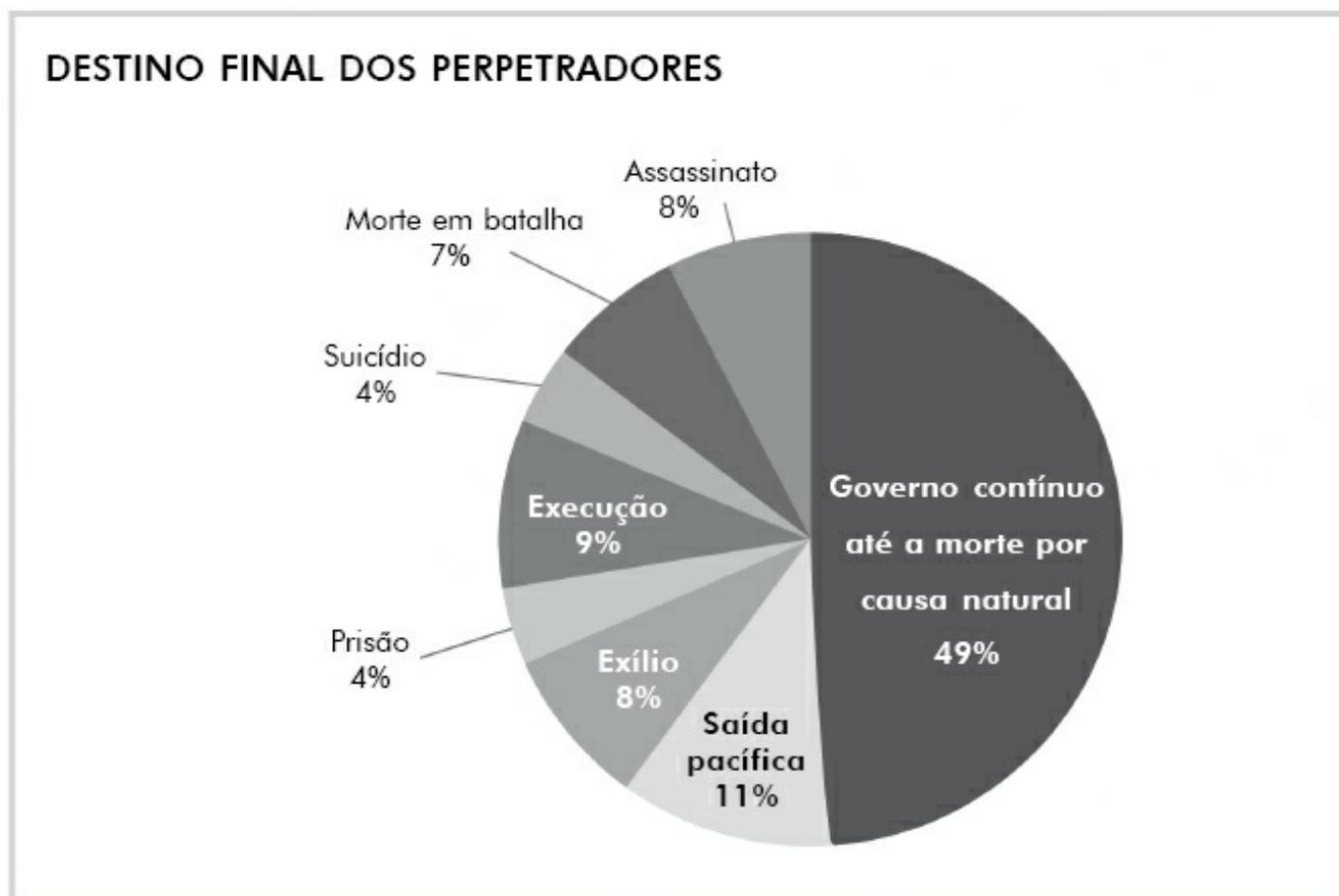
Alguém já *venceu* uma guerra usando elefantes? (Tamerlão; A Segunda Guerra Púnica; Alexandre, o Grande.)

Tirar férias na França é uma decisão profissional ruim por parte de monarcas. (Camboja; ver A guerra do Vietnã; Afeganistão; ver A guerra soviético-afegã.)

Por duas vezes, intrigas palacianas de bastidores eliminaram uma

família governante, deixando o trono nas mãos de um usurpador. Desastres naturais mostraram a desaprovação de Deus ao usurpador, então os camponeses se levantaram contra ele. (A dinastia Xin; A Época dos Distúrbios.)

O tabu contra o canibalismo não é tão forte quanto se diz. (Há exemplos demais para serem citados.)



Cerca de 60% dos opressores e guerreiros individuais que foram os maiores responsáveis em cada um desses multicídios viveram felizes para sempre (ver o gráfico acima).

Livrando a cara

Tenho certeza de que alguns leitores (mas certamente você não) olharão para essa lista e dirão com ar satisfeito: “Aha! [Alguém que odiamos] produziu seis megamortes, enquanto [Alguém que gostamos] produziu apenas duas, o que prova que [Alguém que odiamos] é muito pior do que [Alguém que gostamos] e ponto final!” Preencha as lacunas com quem

você quiser – africanos, belgas, cristãos, comunistas, franceses, ateístas, esquerdistas, muçulmanos, corporações multinacionais, racistas, russos ou brancos.

Infelizmente, essa linha de raciocínio desmorona por causa de um ponto muito importante. “Apenas” duas megamortes não é motivo de orgulho algum. Causar *qualquer* megamortandade é ruim, principalmente porque há alguns tipos humanos e algumas atividades que não aparecem como a causa direta da minha centena de assassinatos em massa.

PÁSSAROS E/OU ABELHAS

Considerando que o sexo motiva tudo o que as pessoas fazem e nesse processo deixa todo mundo louco, se poderia pensar que pelo menos uma guerra real foi disputada por essa razão. De acordo com as lendas, os gregos destruíram Troia para resgatar a bela Helena, e os solteiros da Roma antiga raptaram as mulheres sabinas para procriar, mas não consigo encontrar documentação que mostre o sexo como motivo de qualquer grande guerra travada por uma sociedade estruturada como Estado. O mais perto disso a que consigo chegar é um conflito ocasional, em que o vencedor obtém um casamento politicamente útil, com um dote enorme.

Mas isso não é realmente sexual, é?

Não se depreenda daí que o sexo esteja ausente das guerras. O estupro faz parte da guerra tanto quanto a morte, os saques e a escravidão. O recrutamento militar sempre atraiu, com promessas de aventuras, os jovens camponeses para as fileiras; e as mulheres, tradicionalmente, extasiavam-se com os homens de uniforme, mas as guerras não começam por causa de sexo. A luta é sempre por qualquer outra razão. Afinal, você pode formar grandes exércitos apelando para patriotismo, Deus, vingança, glória e ganância, mas os cidadãos não se congregam sob uma bandeira para ajudar o presidente a trepar.

Alguns comentaristas culpariam o sexo de qualquer maneira. Falarão de motivações ocultas, libidos reprimidas, excesso de testosterona, demonstrações de macheza e hormônios em ebulição dos adolescentes, mas isso vira a outra face do problema que enfrentamos ao discutir as guerras santas. Até que ponto tomamos literalmente as motivações declaradas? Ao longo da história, os povos sempre se mostraram dispostos a guerrear em nome da religião, mas não em nome do sexo. Alguns estudiosos ignoram essas declarações e, em vez disso, defendem que, no

fundo, todas as guerras são sobre sexo, e nenhuma é sobre religião. Em quem devemos acreditar?

TERRORISTAS

Um ato terrorista causou a Primeira Guerra Mundial, mas o terrorismo em si é café pequeno. Exceto por algumas poucas operações especialmente destruidoras, o terrorismo raramente mata mais que poucas dezenas de pessoas por incidente. Mesmo uma campanha inteira de terrorismo não matará o suficiente para fazer parte da minha lista. Se sua escolha é entre tolerar poucos carros-bombas de vez em quando ou começar uma guerra contra os terroristas, provavelmente menos vidas serão perdidas com a primeira escolha.

JUDEUS

Nos meus estudos sobre atrocidades, sempre encontrei uma sombria corrente de opinião que quer culpar certas minorias sinistras por todos os males do mundo. Um só nazista homossexual (Ernst Roehm), logo expurgado pelo regime de Hitler, já basta para algumas pessoas culparem uma suposta quadrilha de desviados sexuais por todo o movimento nazista.¹ Um só judeu proeminente entre os bolcheviques (Leon Trotsky) já bastou para provocar um grande *pogrom* durante a Guerra Civil Russa.

Embora seja tentador simplesmente ignorar as pessoas que vertem essas opiniões, provavelmente devemos manter o hábito de refutá-las sempre que as encontrarmos. Quando deixamos essas opiniões malucas passarem sem contestação, observadores externos podem pensar que são comumente aceitas.

Vamos, então, examinar as estatísticas. Apenas uma dessa centena de multicídios – as guerras romano-judaicas – pode ser debitada, ainda que parcialmente, na conta dos judeus. Volte e conte. Será muito difícil você achar mais do que alguns poucos judeus isolados que aparecem como perpetradores secundários em qualquer outro capítulo. Principalmente porque jamais houve judeus suficientes para causar tantos problemas quantos os que lhes são atribuídos, mas, mesmo assim... alguém precisa dizer isto: os judeus *não* estão por trás de tudo de mau que acontece no mundo.

GAYS

Há outra minoria muito caluniada que não aparece entre os principais motivadores de multicídios. Quando começa a listar as pessoas que infligiram destruição e morte maciças à humanidade, você não encontra tantos gays como quando lista, por exemplo, escritores, artistas, atores ou reis. Você acha Alexandre, o Grande, de uma cultura bissexual. Júlio César, Vespasiano e Tito aparentemente topavam qualquer parada. Frederico, o Grande, e Shaka eram enigmáticos e estéreis. Mas não há prova de que qualquer um dos maiores perpetradores da minha lista tenha sido gay – mesmo quando a homossexualidade é bem documentada entre alguns de seus contemporâneos. Você pode pensar que isso é meramente uma função do número relativamente pequeno de gays ao longo da história, mas alcoólatras, pintores, gigantes e pessoas que odeiam gatos (por exemplo) são também minoritários, e alguns perpetradores neste livro facilmente se encaixam nessas descrições.^b A pior coisa que os gays fizeram neste livro foi não conseguir, como monarcas, assegurar uma sucessão tranquila gerando filhos.

Bom, isso e... enfiar um arcebispo numa fogueira crepitante.

VIKINGS, SAMURAI, ESPARTANOS, SIKHS E OUTROS

Muitos povos com reputação de bandidagem total não mataram muitas pessoas, enquanto outras nações, amplamente ridicularizadas como fracassadas, covardes e maricas, o fizeram.

Livrando a cara

Alguns aspectos da destruição humana me surpreenderam por serem mais comuns do que eu originalmente suspeitava.

CERCOS

A história militar geralmente enfoca as batalhas; passa de leve por tudo o mais, como sendo coisas de segunda ordem numa guerra. Os cercos são descartados como tempo perdido entre batalhas, e ninguém lhes dá muita atenção. São chatos. É mais fácil achar histórias populares em Gettysburg

do que em São Petersburgo, em Stalingrado do que em Leningrado, na Segunda Guerra Mundial do que na Primeira Guerra Mundial. Ficar sentado em volta de uma fortificação, esperando que o outro lado inicie o ataque, não é propriamente guerrear; entretanto, ao escrever este livro, percebi que em muitas guerras o evento mais destrutivo e decisivo era um cerco, não uma batalha.

EQUÍVOCOS

Fico pasmo ao ver como, muitas vezes, a causa imediata de um conflito é um equívoco, uma suspeita infundada, ou um rumor. As pessoas parecem só fazer besteira ao longo da história. Algumas das guerras que começaram antes que todos os fatos relevantes estivessem disponíveis seriam a Primeira Guerra Mundial, a guerra sino-japonesa, a guerra hispano-americana, a guerra do Vietnã, a Guerra dos Sete Anos, a segunda guerra religiosa francesa, a Rebelião de An Lushan, o Expurgo na Indonésia e A Época dos Distúrbios. E isso nem sequer inclui as costumeiras guerras ideológicas e religiosas, que são disputadas na defesa de ideias que podem estar erradas. Admito que algumas dessas guerras aconteceriam de qualquer maneira, e só precisavam de uma desculpa para começar, mas a história seria muito mais agradável se as pessoas não se precipitassem.

MULHERES

Embora nunca tenha acreditado inteiramente no velho clichê de que um mundo dirigido por mulheres seria mais pacífico do que a nossa sociedade dominada por homens, eu ainda esperava que este livro seria predominantemente masculino: Hitler, Stálin, Gêngis Khan... não apenas homens, mas homens aconselhados e assistidos por outros homens, em oposição a mais homens, e onde as mulheres só aparecessem como vítimas, troféus ou em segundo plano.

Surpreendentemente, encontrei mais mulheres provocando atrocidades do que eu a princípio esperara. Enquanto a minha pesquisa progredia, descobri Catarina de Médici, Honória, Maria Theresa, Jian Qing, Marina Mnieszch e uma porção de mulheres igualmente difíceis causando problemas ao longo da história. Elas ainda são uma pequena minoria entre nossos perpetradores, mas este livro tem mais mulheres do que hindus ou

homossexuais.

O que me leva a...

Talvez

Aqui estão algumas categorias longe de serem inocentes, mas, provavelmente, não tão implacáveis quanto alguns de vocês podem supor.

ÍNDIA E HINDUÍSMO

As guerras de conquista raramente são começadas pela Índia. Uma expedição naval contra a Indonésia no século XI e sortidas esparsas no Afeganistão podem ser os únicos ataques externos na história para fora das fronteiras naturais da Índia. Quem mais pode pleitear ser tão inofensivo? Por certo, não a Grã-Bretanha. Nem a França. Nem os americanos, turcos, japoneses – bem, nós não temos espaço suficiente para continuar listando as nações que, historicamente, têm sido mais perigosas do que a Índia. Até os mongóis e portugueses causaram mais problemas.

Isso pode ser explicado pelo isolamento geográfico, mas há também uma notável escassez de assassinatos em massa dentro da Índia. Considerando que o país tem em torno de um quinto ou um sexto da população humana – tanta gente quanto a China ou a Europa –, por que a Índia não aparece na minha lista tantas vezes quanto a China e a Europa? Mesmo quando a Índia aparece na lista, os piores multicídios foram infligidos por não hindus – Lytton, Yahya Khan e Aurangzeb. Isso faz a cultura nativa da Índia parecer misteriosamente desprovida de ameaça.

Ou quer dizer apenas que ninguém escreveu sobre isso? A filosofia hindu nunca foi muito interessada no mundo real que nos cerca, o que significa que os hindus não estão muito preocupados em registrar a cadeia de causa e efeito que nos traz aqui. A maioria das sociedades que provocaram multicídios registrados também produziu historiadores para registrar isso. A Índia, entretanto, não tem tradição de história escrita. Mesmo que um líder militar indiano do século IX tivesse queimado e assassinado tudo com que se deparasse na sua marcha pela planície gangética, provavelmente não teríamos qualquer registro disso.

Mesmo assim, tal costume não explica inteiramente por que há tão poucos registros de multicídios depois de 1000 d.C., quando os historiadores chegaram com os conquistadores muçulmanos. Devo

também observar que consegui encontrar dois multicídios (maias e astecas) no frágil registro histórico da América Pré-colombiana; portanto, por que não a Índia?

MONARCAS HEREDITÁRIOS

Os homens jamais serão livres antes que o último rei seja enforcado com as entranhas do último padre.

– Denis Diderot

Considerando que a monarquia hereditária tem uma péssima reputação entre os cientistas políticos, você esperaria ver mais monarcas loucos na minha lista; no entanto, quando estudamos a carreira dos mais sangrentos indivíduos da história, descobrimos que a maioria é formada por homens que venceram na vida por si sós. Desconsiderando o que eles se autoproclamavam ser no auge do poder, Hitler, Napoleão, Tamerlão, Gêngis Khan, Mao e Stálin precisaram subir à força lá de baixo. Catarina de Médici, Bóris Godunov e Wang Mang criaram problemas como regentes e usurpadores ligados a famílias reais pelo casamento. Até as Cruzadas foram iniciadas por um líder eleito (o papa Gregório). Nenhuma dessas pessoas herdou sua posição.

Em 1801, quase todos os monarcas na Europa eram lunáticos falastrões. Mesmo quem talvez não fosse clinicamente insano era estranho o suficiente para gerações futuras poderem encontrar uma grande quantidade de histórias bizarras. Você pensaria que com tantos indivíduos desequilibrados no leme, países como a Inglaterra (Jorge III), Rússia (Paulo I), Portugal (Maria I), Suécia (Gustavo IV Adolfo) e Dinamarca (Cristiano VII) seriam uma ameaça para a sociedade, mas não. Lunáticos dirigiam todos os países da Europa – exceto um. Um ditador militar perfeitamente são, Napoleão Bonaparte, governava a França, e esse era o país que causava todos os problemas.

Entre os monarcas da minha lista, nenhum chega ao nível de culpa pessoal de Hitler e Tamerlão. O mais perigoso, o rei Leopoldo II, brutalizou o Congo como diretor-presidente de uma companhia criada por ele próprio, mais do que como herdeiro de um Estado soberano. Os monarcas que se envolveram na Primeira Guerra Mundial eram mais seguidores do que líderes. Os monarcas realmente implacáveis nascidos e criados como herdeiros reais só aparecem em níveis médios, abaixo de Pedro, o Grande, Frederico, o Grande, e Alexandre, o Grande.^c

Existe uma razão para a monarquia ser relativamente benigna? Uma possibilidade é a ausência da meritocracia. Num sistema em que os mandantes herdam suas posições, seus talentos individuais são pura questão de sorte. Alguns podem ser muito hábeis, enquanto outros serão desastrosamente incompetentes, mas a maioria costuma ser extremamente medíocre. Entretanto, numa república ou numa ditadura, os indivíduos sobem e caem baseados em sua força e seu talento, de forma que o mal talentoso pode subir tão facilmente quanto a virtude talentosa.

Outra razão talvez seja que, como a classe governante de monarcas está se estreitando, as estruturas de poder rivais podem ser destruídas com massacres menores. Ricardo III da Inglaterra podia eliminar seus rivais com uns poucos assassinatos seletivos, mas, quando os comunistas se levantaram para destruir os capitalistas, precisaram matar milhões.

A NATUREZA

Bom, a Natureza realmente tem matado muitas pessoas – a maioria delas, na verdade. Mais de 95% de todas as mortes no século XX foram por morte natural. Dito isso, a ciência popular tende a exagerar o papel que a Natureza representa na formação da história. De acordo com alguns cientistas, a humanidade está constante e inapelavelmente sendo nocauteada em cada surgimento do sistema de alta pressão no oceano Pacífico, ou derrubada por qualquer inseto à espreita na selva. Impérios se levantam ou caem de acordo com as variações dos raios solares ou da estação chuvosa.² As civilizações são imortais sem tsunamis para arrasá-las.³ Às vezes isso dá a impressão de que as sociedades só se mexem quando obrigadas pelo clima ou por doenças.

Recentemente li um artigo que culpava uma erupção vulcânica no Peru pela Época dos Distúrbios na Rússia.⁴ O raciocínio era que a nuvem de poeira do vulcão mudara o clima, e isso causara a fome que provocara a revolta dos camponeses. Essa cadeia de eventos é provavelmente mais ou menos verdadeira, mas eu ainda desconfio da visão geral. A instabilidade do clima é muito comum; mais importante é como as pessoas reagem a elas.

Há alguns anos, meu estado sofreu uma seca que arruinou as plantações locais, mas misteriosamente não provocou uma revolta dos fazendeiros. Na verdade, tenho certeza de que todo ano o clima faz alguma coisa destruidora em algum lugar do mundo, mas, na maioria das vezes, as

peças conseguem se ajustar. A quase cada década, os registros históricos indicam uma epidemia importante em algum lugar, e a maioria não causou uma virada histórica decisiva. Só quando a sociedade já está madura para uma revolução é que o mau tempo pode gerar uma revolução. Os eventos sociais têm causas sociais. A Natureza apenas fornece o cenário.

Obviamente, muita coisa depende da sua definição de causa. Se uma epidemia se espalha por uma população que está sendo dizimada e bombardeada por uma guerra, as mortes são causadas pela guerra ou pela doença? Se uma seca prova ser um ponto crítico para um sistema de agricultura por drenagem sob má administração, de quem é a culpa: da política de cultivo ou do clima?

Tomemos, por exemplo, um episódio clássico sobre o impacto do clima na história: o fracasso dos alemães na tomada de Moscou em 1941. Se o inverno não tivesse chegado a tempo, os nazistas talvez tivessem tomado a capital em dezembro. Mas vamos ser realistas: se o Exército Vermelho não estivesse no caminho, os alemães teriam invadido Moscou muito antes, em junho, depois de cruzar tranquilamente a fronteira. Deveríamos, realmente, dar mais crédito ao exército russo por retardar o avanço alemão até a chegada do inverno.

PROGRESSO

Nossa ignorância da história nos faz difamar nosso próprio tempo. As pessoas sempre foram assim.

– Gustave Flaubert

A metade dos multitédios da minha lista ocorreu nos últimos duzentos anos. Um terço ocorreu nos últimos cem anos. Não preciso, provavelmente, repisar que o século XX assistiu a um horror incomparável.

Entretanto, isso não significa necessariamente que o mundo está se tornando mais perigoso. Sim, as armas se tornaram mais letais e ideologias brutais surgiram e desapareceram nas gerações recentes. Por outro lado, é possível que mais pessoas tenham sido mortas no século XX simplesmente porque havia mais pessoas para matar. É mais fácil matar meio milhão de pessoas quando as nações mantêm exércitos de milhões em vez de dezenas de milhares.

Mesmo isso pode exagerar o aumento da matança. Talvez simplesmente pareça que tantos foram mortos nos duzentos anos passados por termos mais registros desse período. Venho pesquisando esse assunto há anos, e

já faz tempo desde que descobri um novo morticínio do século XX, não publicado anteriormente; entretanto, parece que toda vez que abro um livro antigo, descubro outras centenas de milhares de pessoas mortas esquecidas em algum lugar no passado distante. Talvez algum cronista tenha registrado, há muito tempo, o número de assassinados, mas agora esse acontecimento se desvaneceu no passado. Talvez alguns poucos historiadores modernos tenham revisitado o acontecimento, mas eles ignoram a soma de mortos, porque não se encaixa na sua percepção do passado. Não acreditam que fosse possível matar tantas pessoas sem câmaras de gás e metralhadoras, por isso descartam as evidências contrárias como imerecedoras de confiança.

Uma falsa noção correlacionada com isso é que a matança de civis tem se tornado mais comum. Normalmente se demonstra isso comparando a Segunda Guerra Mundial à Primeira Guerra Mundial, ou algum recente banho de sangue terceiro-mundista a alguma guerra cavalheiresca entre gentis-homens na era anterior às metralhadoras. Além de escolher a dedo os exemplos, tal atitude também se baseia no simples esquecimento do passado. Os livros de história raramente destacam que a Primeira Guerra Mundial, a guerra franco-prussiana, as guerras napoleônicas e a Guerra dos Sete Anos mataram uma grande quantidade de civis, mesmo sem ataques aéreos ou campos de concentração.

Pelos meus cálculos, 3,5% de todas as mortes no século XX foram causados por guerra, genocídio ou tirania.⁵ Isso é certamente maior do que os 2% por qualquer causa no século IX, mas inferior aos 15% que os antropólogos e arqueólogos descobriram ser a média para as sociedades tribais, sem Estado constituído.⁶

RECURSOS...

Não é fácil achar uma causa econômica sólida para muitos desses conflitos. Sim, muitas guerras foram travadas por causa de petróleo, ouro, saques, escravos e rotas comerciais, mas você tem de sonegar muitas coisas e fazer vista grossa a uma porção de exemplos contrários para fazer uma lista delas. Entre minhas cem primeiras, achei apenas 18 facilmente explicadas como lutas pelo controle de recursos exploráveis. O resto é mais bem explicado como lutas pelo poder, guerras santas, disputas étnicas, vinganças e enganos (para citar apenas algumas razões alternativas).

... PRINCIPALMENTE TERRAS

Como os seres humanos são criaturas visuais, nós nos concentramos em resultados que podem ser ilustrados. Uma mudança territorial no mapa é mais fácil de ser retratada do que uma mudança de regime, uma dívida, um acordo comercial ou um realinhamento de facções. Infelizmente, quando ilustramos somente as guerras que resultam em mudança territorial, parece que todas as guerras foram por territórios.

Repare, entretanto, que os 12 mais recentes dos meus cem multicídios não envolvem ajustes territoriais. Mesmo antes disso, os territórios nem sempre trocavam de mãos.

As guerras civis, por exemplo, não são realmente sobre terras. Em vez disso, o território é parte de todo um pacote de prêmios que vai para o vencedor – incluindo o controle sobre o tesouro, os tribunais, as igrejas e as escolas da nação. A terra é o lugar onde o prêmio é obtido, não o próprio prêmio, e habitualmente é toda transferida logo em seguida. Em muitas guerras internacionais, os vencedores trocam a expansão territorial por reparações e poder de veto sobre a política externa do vencido. Mesmo quando a terra troca de mãos, a guerra é, com frequência, sobre alguma coisa a mais, e a terra é apenas uma maneira de manter a vantagem. A maneira como a Alsácia-Lorena passou de um lado para o outro depois de cada guerra entre França e Alemanha é um típico exemplo disso.

DITADORES MALIGNOS...

Para cada psicopata cruel que massacra impiedosamente centenas de milhares de pessoas, encontrei outro governante com melhor reputação histórica matando o mesmo número. Idi Amin, Saddam Hussein e Adolf Hitler, por exemplo, encaixam-se facilmente no estereótipo da encarnação do demônio, mas outros governantes implacáveis da minha lista deixaram um legado misto como legisladores (Justiniano, Napoleão), modernizadores (Pedro, o Grande, Mao Tsé-tung) ou organizadores (Qin Shi Huang Di). Uma das coisas mais aterrorizantes que descobri é que matar gente aos borbotões não faz de você, necessariamente, uma pessoa má... pelo menos aos olhos da história.

... PRINCIPALMENTE HITLER

Outro dia vi um vídeo de música contra a guerra, em que imagens de horror eram mostradas enquanto a banda cantava a necessidade de amar. É um belo sentimento, mas a minha primeira impressão foi de que cada imagem era politicamente correta.

Crianças feridas. A prisão de Abu Ghraib. A Ku Klux Klan. Adolf Hitler.

Todos nós odiamos Hitler. Não é preciso coragem para denunciar Hitler. Ele está morto e completamente desacreditado.

É preciso mais coragem para denunciar quem tem admiradores em voga, como Ataturk, Arafat, Mao Tsé-tung ou Robert E. Lee. Os dois últimos fazem um par interessante, porque você raramente os verá denunciados no mesmo contexto. Os conservadores americanos, que não veem problema em acusar Mao como o maior monstro da história, ficam estranhamente em silêncio quando se trata da questão dos Confederados. Os esquerdistas, que nunca usariam o emblema dos Confederados no seu quepe, usarão, satisfeitos, citações enaltecidas do presidente Mao em suas camisetas.

Como disse alguém certa vez: “Por que você repara no cisco no olho do seu irmão e não presta atenção à tábua em seu próprio olho?”

^a O argumento de que governos tirânicos matam mais pessoas do que as guerras é popular entre os libertários radicais, reforçado pela inclusão das matanças internas por tiranos em tempos de paz (como a Revolução Cultural), pelo homicídio em massa de não combatentes durante uma guerra (tal como o Holocausto), para, então, salientar que esse total é maior do que a matança socialmente aprovada de soldados durante a guerra (ver, por exemplo, Rummel, *Death by Government*). Eu tenho opinião oposta: *todas* as mortes durante uma guerra deviam ser contadas como mortes de guerra. Afinal, os americanos não teriam bombardeado Hiroshima em tempo de paz, nem os nazistas poderiam ter tido acesso aos 3 milhões de judeus sem os conquistar.

Torcer definições para sustentar um ponto de vista é algo que acontece também do outro lado da balança. Pacifistas, tentando mostrar como a guerra é mortal, frequentemente querem rotular a opressão institucional (a Revolução Cultural, os expurgos de Stálin e assim por diante) como “conflitos” e incluir neles as mortes de guerra mais óbvias – ainda que isso careça da matança indiscriminada e recíproca que caracteriza a guerra real. Nesse caso, eu diferenciaria guerra de opressão observando o que teria de ser feito para pôr fim à matança. Se ambos os lados precisam baixar as armas, é guerra; se um lado pode simplesmente e unilateralmente parar de matar (sem rendição), é opressão.

^b Não em número excessivo. Simplesmente em proporção próxima à da sua presença em qualquer coleção de gente importante.

^c Dá para perceber uma regra do que é preciso para ser considerado grande?

O QUE EU ENCONTREI: NÚMEROS BRUTOS

É impossível achar uma causa comum para todos os cem multicídios da minha lista, a não ser que eu escolha causas vagas demais para serem úteis (“ódio”, “estupidez”, “poder”). Quando estreito meus critérios, descubro que categorias mais específicas raramente chegam a um oitavo do total. Obviamente, a maioria dos multicídios da minha lista pode se encaixar em vários tipos – revoltas coloniais podem se tornar guerras civis ideológicas; conflitos culturais podem parecer religiosos; todas as guerras contêm uma tintura de genocídio. Se eu classificar cada evento em apenas uma ou duas categorias que configurem melhor a atrocidade inteira, porém, chego aos totais enumerados a seguir.

A melhor utilidade desses números é uma ampla comparação das causas. Por exemplo, você pode reparar que os conflitos religiosos são três vezes mais comuns do que as disputas dinásticas. Entretanto, caso a soma/subtração de um ou dois multicídios desfigure completamente uma comparação, você provavelmente não deve considerar relevante essa comparação.

Natureza específica

GUERRA HEGEMÔNICA (13 MULTICÍDIOS):

Países similares lutam para ser o Número 1.

Primeira Guerra Púnica

Segunda Guerra Púnica

Terceira Guerra Mitridática

Guerras entre a Birmânia e o Sião

Grande guerra do Norte

Guerra da sucessão austríaca

Guerra dos Sete Anos

Guerra da Crimeia

Guerra da Tríplice Aliança

Guerra franco-prussiana

Primeira Guerra Mundial
Guerra Irã-Iraque
Segunda Guerra do Congo

ESTADO FALIDO (12 MULTICÍDIOS):

O governo central entra em colapso, e o país é dividido entre líderes militares.

Era de Estados em guerra
Dinastia Xin
Os Três Reinos da China
Queda do Império Romano do Ocidente
Colapso maia
Época dos Distúrbios
Colapso da dinastia Ming
Revolução Mexicana
Guerra Civil Russa
Guerra greco-turca
Guerra Civil Chinesa
Caos na Somália

CONFLITO RELIGIOSO (11 MULTICÍDIOS):

Seguidores de religiões rivais lutam pelo domínio cultural.

Cruzadas
Cruzada albigense
Guerras religiosas francesas
Guerra dos Trinta Anos
A invasão da Irlanda por Cromwell
Rebelião Taiping
Rebelião Panthay
Rebelião Hui
Revolta Mahdi
Divisão da Índia
Guerra no Sudão

GUERRA CIVIL IDEOLÓGICA (10 MULTICÍDIOS):

Facções lutam dentro da mesma nação pelo tipo de governo a adotar.

Guerra Civil Americana
Revolução Mexicana
Guerra Civil Russa
Guerra Civil Chinesa
Guerra Civil Espanhola
Guerra da Coreia
Guerra do Vietnã
Guerra Civil Angolana
Guerra Civil Moçambicana
Guerra soviético-afegã

GUERRA DE CONQUISTA (9 MULTICÍDIOS):

A violência primária é a de um país tentando dominar outro.

Segunda Guerra Persa
Guerra na Gália
Guerras ocidentais de Justiniano
Guerras entre os reinos Goguryeo e Sui
Invasão de Hulagu
Conquista das Américas
Guerra de Decan de Aurangzeb
Conquista da Argélia pela França
Guerra ítalo-etíope

LIMPEZA ÉTNICA (9 MULTICÍDIOS):

Os perpetradores tentam se livrar de uma etnia odiada com um único surto de ações.

Conquista das Américas (um surto *muito longo* de ações)
A invasão da Irlanda por Cromwell
Guerra sino-dzungar
Primeira Guerra Mundial (armênios)
Segunda Guerra Mundial (judeus, ciganos)
Expulsão dos alemães da Europa oriental (pós-Segunda Guerra Mundial)
Divisão da Índia
Genocídio em Bengala
Genocídio em Ruanda

RACISMO (8 MULTICÍDIOS):

Os principais perpetradores classificam suas vítimas como raça inferior geneticamente e diferente fisicamente, indigna da decência humana.

Tráfico de escravos no Atlântico
Conquista das Américas
Revolta dos escravos haitianos
Fome na Índia britânica
Estado Livre do Congo
Guerra ítalo-etíope
Segunda Guerra Mundial
Guerra no Sudão

REVOLTA COLONIAL (8 MULTICÍDIOS):

O povo de uma região distante tenta se livrar do domínio estrangeiro.

Guerras de escravos
Guerras romano-judaicas
Queda da dinastia Yuan
Revolta dos escravos haitianos
Guerra da Independência mexicana Revolução Cubana
Guerra na Indochina francesa

Guerra de Independência da Argélia

CHOQUE DE CULTURAS (7 MULTICÍDIOS):

Países muito diferentes lutam para ser o Número 1.

Segunda Guerra Persa

Guerra Vijayanagara-Bahmani

Guerra de Decan de Aurangzeb

Guerra russo-tártara

Grande guerra turca

Guerra russo-turca

Segunda Guerra Mundial (guerra no Pacífico, front russo)

CONQUISTA MUNDIAL (7 MULTICÍDIOS):

Uma nação tenta dominar todos os países ao seu alcance.

Alexandre, o Grande

Era de Estados em guerra

Gêngis Khan

Tamerlão

Guerras napoleônicas

Shaka

Segunda Guerra Mundial

DITADORES COMUNISTAS (6 MULTICÍDIOS):

Um governo ou ditador comunista oprime o povo.

Josef Stálin

Coreia do Norte

Mao Tsé-tung

Haile Mengistu

Khmer Vermelho

Vietnã pós-guerra

MODERNISMO (6 MULTICÍDIOS):

Uma nação é arrastada, esperneando e uivando, para o mundo moderno.

Pedro, o Grande

Guerras revolucionárias napoleônicas

Fome na Índia britânica

Estado Livre do Congo

Guerra Civil Chinesa

Mao Tsé-tung

EXPLORAÇÃO COLONIAL (4 MULTICÍDIOS):

A maioria das mortes ocorre quando os perpetradores esgotam uma região estrangeira em proveito próprio.

Tráfico de escravos no Oriente Médio

Tráfico de escravos no Atlântico
Fome na Índia britânica
Estado Livre do Congo

DISPUTAS DINÁSTICAS (4 MULTICÍDIOS):

Cada lado luta para pôr no trono um membro diferente da família reinante.

Dinastia Xin
Guerra dos Cem Anos
Época dos Distúrbios
Guerra da sucessão espanhola

GUERRA CIVIL ÉTNICA (3 MULTICÍDIOS):

Tribos lutam umas contra as outras dentro de um mesmo país.

Guerra dos Aliados
Guerra no Sudão
Guerra em Biafra

SACRIFÍCIO HUMANO (2 MULTICÍDIOS):

Matanças rituais são realizadas na esperança de se obter graças de forças sobrenaturais.

Lutas de gladiadores
Sacrifícios humanos astecas

VARIADOS

DÉSPOTA (3 MULTICÍDIOS): Um governante tirânico, sem as características que colocariam seu reinado em outra categoria.

Qin Shi Huang Di
Idi Amin
Saddam Hussein

GUERRA CIVIL COMUM (3 MULTICÍDIOS): Luta dentro de uma nação, mas sem as características que a colocariam em outra categoria.

Rebelião de An Lushan
Rebelião Fang La
Guerra na selva ugandense

Meios gerais

GUERRAS (78 MULTICÍDIOS):

A violência no núcleo central tem exércitos lutando entre si abertamente.

GUERRAS INTERNACIONAIS (48 MULTICÍDIOS): Múltiplas nações soberanas lutam entre si.

GUERRAS CIVIS (30 MULTICÍDIOS): Facções lutam dentro de um país.

OPRESSÃO INSTITUCIONAL (21 MULTICÍDIOS):Essas atrocidades não têm conflitos suficientemente organizados para contar como guerras. A maioria dos assassinatos flui em uma só direção, dos opressores para os oprimidos, sob a forma de ditadura, escravidão e genocídio.

Causa geral

MULTICÍDIOS IDEOLÓGICOS (32 MULTICÍDIOS):

Esses são impelidos por uma espécie de ideologia utópica e fanática, como o comunismo ou a religião. Tal ponto é controverso, porque cada evento histórico pode ter alguns participantes que estão ali por interesse próprio, e outros que estão ali por princípios maiores. Mas, se formos organizar em um espectro os meus cem primeiros lugares, alguns podem ser mais ideológicos do que outros. Com "alguns" quero dizer 32. Entre eles:

RELIGIÃO (13 MULTICÍDIOS): A causa isolada mais importante para a matança era uma crença em Deus (ou deuses).

COMUNISMO (6 MULTICÍDIOS): Todos os principais perpetradores eram comunistas.

GUERRAS CIVIS ENTRE VERMELHOS E BRANCOS (6 MULTICÍDIOS): Comunistas lutando contra anticomunistas.

CONFLITOS IDEOLÓGICOS variados (7 MULTICÍDIOS).

MULTICÍDIOS ÉTNICOS (28 MULTICÍDIOS):

Esses conflitos eram internos ou externos. Só surgiram porque o outro lado era diferente. Esse tipo inclui genocídios, guerras civis étnicas e conflitos coloniais, mas não guerras entre nações soberanas que se tratavam como iguais.

GANÂNCIA (18 MULTICÍDIOS):

A certa altura, o controle de um recurso específico ou uma fonte de riqueza virava a causa de um multicídio, embora não necessariamente a mais importante. Entre os recursos mais frequentes em disputa:

ESCRAVOS (6 MULTICÍDIOS):

Guerra de escravos
Tráfico de escravos no Oriente Médio
Tráfico de escravos no Atlântico
Revolta dos escravos haitianos
Guerra Civil Americana
Revolta Mahdi

PETRÓLEO (5 MULTICÍDIOS):

Segunda Guerra Mundial
Guerra Civil Angolana
Saddam Hussein
Guerra Irã-Iraque
Sanções contra o Iraque

DÍVIDAS (4 MULTICÍDIOS):

Terceira Guerra Mitridática
Guerras de escravos
Revolta Mahdi
Segunda Guerra Mundial

AÇÚCAR (3 MULTICÍDIOS):

Tráfico de escravos no Atlântico
Revolta dos escravos haitianos
Revolução Cubana

OURO (3 MULTICÍDIOS):

Tráfico de escravos no Oriente Médio
Tráfico de escravos no Atlântico
Conquista das Américas

CEREAIS (3 MULTICÍDIOS):

Guerras de escravos
Fome na Índia britânica
Segunda Guerra Mundial

Localização principal

CHINA (14 OU 16 MULTICÍDIOS):

Era de Estados em guerra
Qin Shi Huang Di
Dinastia Xin
Os Três Reinos da China
Rebelião de An Lushan
Rebelião Fang La
Queda da dinastia Yuan
Colapso da dinastia Ming
Guerra sino-dzungar
Rebelião Taiping
Rebelião Panthay
Rebelião Hui
Guerra Civil Chinesa
Mao Tsé-tung
(Basicamente, mas não exclusivamente, na China: Gêngis Khan, Segunda Guerra Mundial)

EUROPA (7 OU 8 MULTICÍDIOS):

Espalhados e multinacionais dentro da Europa, mas, menos, fora dela.

Queda do Império Romano do Ocidente
Guerra da sucessão espanhola
Guerra da sucessão austríaca

Guerra dos Sete Anos
Guerras napoleônicas
Primeira Guerra Mundial
Expulsão dos alemães da Europa oriental (pós-Segunda Guerra Mundial)
(Basicamente, mas não exclusivamente, na Europa: Segunda Guerra Mundial)

RÚSSIA (6 OU 7 MULTICÍDIOS):

Guerra russo-tártara
Época dos Distúrbios
Pedro, o Grande
Guerra da Crimeia
Guerra Civil Russa
Josef Stálin
(Basicamente, mas não exclusivamente, na Rússia: Segunda Guerra Mundial)

FRANÇA (5 OU 6 MULTICÍDIOS):

Guerra na Gália
Cruzada albigense
Guerra dos Cem Anos
Guerras religiosas francesas
Guerra franco-prussiana
(Basicamente, mas não exclusivamente, na França: Primeira Guerra Mundial)

IMPÉRIO ROMANO (5 MULTICÍDIOS):

Não apenas na Itália ou em uma província isolada:

Primeira Guerra Púnica
Segunda Guerra Púnica
Lutas de gladiadores
Queda do Império Romano do Oriente Justiniano

ÍNDIA (5 MULTICÍDIOS):

Guerra Bahmani-Vijayanagara
Aurangzeb
Fome na Índia britânica
Divisão da Índia
Genocídio em Bengala

MÉXICO (4 OU 5 MULTICÍDIOS):

Colapso maia
Sacrifícios humanos astecas
Guerra da Independência mexicana
Revolução Mexicana
(Basicamente, mas não exclusivamente, no México: Conquista das Américas)

VIETNÃ (4 MULTICÍDIOS):

Conquista do Vietnã pela China
Guerra na Indochina francesa
Guerra do Vietnã
Vietnã pós-guerra

COREIA (3 MULTICÍDIOS):

Guerras entre os reinos Goguryeo e Sui
Coreia do Norte
Guerra da Coreia

Tendências históricas

GUERRAS CIVIS NA ÁFRICA PÓS-COLONIAL (9 MULTICÍDIOS):

Inimigos tribais dentro de uma nação africana travaram uma guerra aparentemente sem fim com armas leves, pouca disciplina e nenhuma piedade, quase sempre financiados por interesses exteriores.

A CONQUISTA ROMANA E A RESISTÊNCIA (6 MULTICÍDIOS):

A ascensão, mas não a queda de Roma.

GUERRAS DE TRINCHEIRAS E ASSALTOS FRONTAIS IDIOTAS (6 MULTICÍDIOS):

Generais incompetentes da Era Industrial mandavam seus homens atacarem fuzileiros entrincheirados. Depois que eles eram massacrados, os generais os enterravam, esperavam um pouco e tentavam outra vez.

COLAPSO DAS DINASTIAS CHINESAS (5 MULTICÍDIOS):

Tudo vai indo muito bem, até que o caos irrompe.

GUERRAS PELO PODER EUROPEU TRAVADAS COM MOSQUETES (5 MULTICÍDIOS):

Monarcas emperucados do Iluminismo jogavam um gigantesco jogo de xadrez com munição viva.

REVOLTAS CAMPESINAS CHINESAS (4 MULTICÍDIOS):

Os camponeses chineses são verdadeiros estereótipos de obediência e subserviência, exceto quando não são.

INVASÕES MONGÓIS (4 MULTICÍDIOS):

Os bárbaros estão à espreita no horizonte para vir esmagar a civilização.

Participantes

FRANCESES (18 MULTICÍDIOS)

CHINESES (17 MULTICÍDIOS)

INGLESES (16 MULTICÍDIOS)

RUSSOS (12 MULTICÍDIOS)

ALEMÃES (11 MULTICÍDIOS)

AMERICANOS (11 MULTICÍDIOS)

ROMANOS (9 MULTICÍDIOS)

AUSTRÍACOS (7 MULTICÍDIOS)

ESPAÑHÓIS (7 MULTICÍDIOS)

POLONESES (7 MULTICÍDIOS)

TURCOS (7 MULTICÍDIOS)

NÚMERO TOTAL DE MORTES^a

OS CEM MULTICÍDIOS MAIS MORTÍFEROS:

455 milhões de mortos, ao todo. Isso dá cerca de 725 mil pessoas mortas para cada página deste livro ou 2 mil pessoas mortas por palavra.

GUERRAS:

315 milhões, incluindo 49 milhões de soldados e 266 milhões de civis. Em média, 85% das mortes nas guerras são de civis.

OPRESSÃO INSTITUCIONAL: 141 milhões.

MULTICÍDIOS IDEOLÓGICOS: 142 milhões.

RELIGIÃO: 47 milhões.^b

COMUNISMO: 67 milhões.

GUERRAS CIVIS ENTRE VERMELHOS E BRANCOS: 26 milhões.

CONFLITOS IDEOLÓGICOS VARIADOS: 2 milhões.

MULTICÍDIOS ÉTNICOS: 74 milhões.

ECONOMIA: 154 milhões.

^a Calculei o número total de mortes somente nas categorias maiores. Com tantas variáveis, a margem de erro é muito grande e só permite comparações muito amplas. Para maior profundidade, eu teria de começar dividindo o número de mortos e decidindo, por exemplo, quantos na Segunda Guerra Mundial foram por genocídio ou em batalha, ou quanto do tráfico de escravos foi culpa dos reis nativos ou dos europeus.

^b Uma vez uma amiga perguntou em voz alta quanto sofrimento registrado pela história foi causado pelo fanatismo religioso; eu respondi, confiantemente, 10%, baseado nesse número. Ela, provavelmente, não desejava uma resposta literal.

APÊNDICE 1: DISPUTANDO AS CEM PRIMEIRAS POSIÇÕES

Definição

O que é necessário para entrar na minha lista? Adiei essa pergunta para o final porque qualquer definição útil será tão pedante e confusa que eu assustaria você apresentando-a no início.

Mas aqui vai.

Eu conto todas as mortes de indivíduos vivos e que respirem, que resultem de um surto específico de violência e coerção humanas, tanto diretamente (guerra, assassinato, execução) quanto indiretamente (agravamento de doença, fome evitável), desde que sejam o resultado óbvio do evento. Conto todas as mortes igualmente, sejam de militares ou civis, intencionais ou acidentais, oriundas de negligência ou autorizadas. Conto apenas as mortes que ocorram imediatamente ou pouco depois do evento, sem incluir mortes por câncer, complicações de longo prazo resultantes de ferimentos, suicídios entre veteranos perseguidos por lembranças ou explosivos não detonados que matem agricultores cinquenta anos depois.

Utilizo uma definição ampla porque acho inadequado discutir se algumas vítimas merecem mais piedade que outras. Se contasse apenas a matança deliberada de civis e excluísse a morte acidental deles, eu gastaria todo o meu tempo tentando decidir se houve ou não intenção danosa. Também poderia ficar me perguntando por que a morte de 3 mil conscritos adolescentes em batalha é moralmente aceitável, enquanto fuzilar meia dúzia de ativistas políticos na prisão não é, ou por que fuzilar deliberadamente meia dúzia de prisioneiros de guerra é ilegal, enquanto bombardear aleatoriamente 10 mil civis não é. Isso mudaria o tema deste livro, de história para filosofia. Se você quer filosofia, procure duas prateleiras ali adiante.

Candidatos perdedores ou desqualificados

Alguns de vocês se perguntarão por que certos acontecimentos terríveis não aparecem na minha lista. Uma de minhas normas é nunca ser a primeira pessoa a calcular um determinado número de mortes; portanto, para mim, uma mera suspeita de que morreu muita gente tem menos peso do que um número, qualquer número, sugerido por um historiador anterior.

Para evitar essas perguntas, aqui estão alguns candidatos de que ouço falar há anos, juntamente com uns poucos que chegaram perto, mas não sobreviveram ao corte final. Ou não alcançaram o mínimo necessário de mortes (300 mil), ou os números não puderam ser verificados, ou simplesmente não pertencem à mesma lista que Hitler, Idi Amin e Gêngis Khan.

A Guerra de Troia: De acordo com um relato supostamente escrito por um sobrevivente troiano chamado Dares, 866 mil gregos e 676 mil troianos morreram na guerra.¹ A arqueologia não conseguiu descobrir coisa alguma, sugerindo que uma guerra tão grande foi travada naquele local.

O Saque de Selêucia (167 d.C.): Consta que Avídio Cássio, um general romano do tempo do imperador Marco Aurélio, massacrou de 300 mil a 400 mil habitantes dessa cidade mesopotâmica; entretanto, não há detalhes suficientes para sustentar essa afirmação.²

A Guerra Gótica (269 d.C.): Cláudio II derrotou os godos, matando 320 mil deles.³ Esse número consta da “notoriamente pouco confiável”⁴ *História augusta*.

A Guerra Germânica de Probo (277 d.C.): Durante uma crise no Império Romano, diversas tribos de germânicos atravessaram a fronteira para a Gália. Depois de expulsá-los, o novo imperador, Probo, informou ao Senado que matara 400 mil deles. Também da *História augusta*.⁵

Batalha em Comnor (385 d.C.): De acordo com a tradição mórmon, 2 milhões de homens (mais suas mulheres e seus filhos, o que elevaria o total para 6 milhões, pelo menos) foram mortos numa batalha entre Shiz

e Coriantumr, na colina de Comnor, na área setentrional do estado de Nova York.⁶ Não há absolutamente prova alguma de que isso aconteceu, ou mesmo que os Shiz e Coriantumr existiram. Ver capítulo 16 do livro de Mark Twain, *Roughing It*, para um desmascaramento espirituoso.

A Conquista da Índia pelos Muçulmanos (1000-1700): Em *The Story of Civilization*, Will Durant escreveu que “a conquista da Índia pelos muçulmanos foi provavelmente a história mais sangrenta da História”.⁷ Koenraad Elst, “um reconhecido, embora controverso, estudioso dos Movimentos Conservadores Hindus na Índia”,⁸ cita estimativas de que 50 milhões de indianos morreram na conquista muçulmana,⁹ mas esse número é provavelmente exagerado. Independentemente do número de mortos, essa conquista é longa e esporádica demais para ser contada como um único evento.

A Reconquista (1085-1492): Série de guerras longas e sangrentas, a reconquista da Espanha pelos cristãos do norte provavelmente matou muita gente; entretanto, exceto por referências confusas em antigos ensaios religiosos, eu nunca vi uma estimativa do número de mortes.¹⁰

A Batalha do Rio Salado, Portugal (1340): Consta que foram mortos 400 mil mouros.¹¹

A Peste Negra (1347-51): A peste bubônica chegou à Europa quando os mongóis atiraram cadáveres infectados por sobre a muralha de uma cidade sitiada; entretanto, isso não basta para que o evento seja considerado como causado pelo homem.

Algumas Outras Coisas Horrendas no Sul da Ásia: Muitos fatos históricos ficaram no esquecimento, de modo que provavelmente alguns não aparecem na minha lista simplesmente porque seus registros se perderam. Como a Índia é a maior região com o pior registro de fatos históricos, é o mais provável local para megamortes completamente desconhecidas que mataram milhões.

Algumas Outras Coisas Horrendas na África pré-Colonial ou na América pré-Colonial: Uma das vantagens de viver em uma sociedade sem linguagem escrita é que você não deixa rastros em papel quando comete crimes contra a humanidade.

Sengoku Jidai (Era de Estados em guerra no Japão, 1467-1603): Examinei o assunto, mas todas as autoridades descrevem as Guerras dos Samurais como ritualísticas, nas quais apenas a casta de guerreiros era morta. Pessoas úteis, como camponeses, artífices e gueixas, eram deixadas em paz.¹²

Waldenses (1545): No século XIX, polemistas protestantes acusaram os católicos de matar 900 mil waldenses em trinta anos, e a alegação ainda vem à tona de vez em quando,¹³ mas *The Cambridge Modern History* calcula que um total de 3 mil foram massacrados e 22 vilarejos, destruídos.¹⁴

Caça às Bruxas (século XV ao XVIII): No século XIX, era comum afirmar que cerca de 9 milhões de bruxas haviam sido mortas em toda a Europa. Esse número era baseado tomando-se os eventos mais mal conhecidos na Alemanha, e extrapolando-os pelo continente inteiro. Pesquisas modernas mostraram que o total continental foi muito menor, provavelmente na casa de dezenas de milhares, mas você às vezes ainda encontra a estimativa de 9 milhões.¹⁵

A Guerra Franco-Holandesa (1672-78): Essa foi uma das guerras de Luís XIV. Jack Levy em *War in the Modern Great Power System* estimou o total de mortos em 342 mil,¹⁶ mas seus números tendem a ser maiores do que a maioria, para as guerras dessa era. Outras fontes (tais como André Corvisier e John Childs, *A Dictionary of Military History and the Art of War*,¹⁷ sugerem que essa guerra teve um quarto das mortes ocorridas durante a guerra da sucessão espanhola, indicando um número ao redor de 175 mil.

A Guerra da Grande Aliança (também chamada Guerra dos Nove Anos ou Guerra da Liga de Augsburg, 1688-97): Essa foi outra das guerras de Luís XIV. Jack Levy calculou a mortalidade em 680 mil,¹⁸ mas (ver anteriormente) provavelmente esse número é alto demais. Outras fontes sugerem que essa guerra teve um terço das mortes ocorridas na guerra da sucessão espanhola, o que colocaria o número em torno de 233 mil.

Circassianos (1763-1864): Os russos travaram uma longa e sangrenta guerra de conquista contra os circassianos, habitantes das

montanhas do Cáucaso, e centenas de milhares foram exilados. Os circassianos sobreviventes dispersos pelo mundo alegam que morreram de 300 mil a 1,5 milhão, mas eu não encontrei apoio confiável ou concordância generalizada para tais alegações. Entrei com as palavras *circassiano* e *genocídio* num gigantesco banco de dados de notícias, sem conseguir qualquer ocorrência imparcial: nenhuma resenha de livro, nenhum pano de fundo para conflitos recentes, nenhuma informação sobre viagens, nada.¹⁹

Aborígenes Australianos (1788-1920): Originalmente, a população nativa do continente-ilha é em geral estimada em 300 mil, tendo declinado violentamente para 60 mil por volta de 1920. Isso não basta para incluir o evento nas minhas cem maiores atrocidades, mas estimativas menos comuns sugerem que 600 mil nativos podem ter morrido, a maioria por doenças.²⁰

Tugues (até o século XIX): O tradicional número de vítimas assassinadas por esse culto indiano de ladrões é de 2 milhões; contudo, o livro recente de Mike Dash faz um cálculo mais plausível, de apenas 50 mil vítimas.²¹

Turcos (1821-1921): Em resposta às acusações gregas e armênias de genocídio, os turcos têm (a) negado ter feito qualquer coisa errada, e (b) contra-acusado gregos e armênios de terem praticado genocídio contra milhões de turcos. Justin McCarthy²² alega que 5,5 milhões de muçulmanos otomanos foram mortos por diversos opressores cristãos no último século do Império Otomano. Os massacres certamente trocavam de lado a cada insurreição étnica, mas não há provas convincentes de que mais de alguns milhares de turcos não combatentes tenham sido mortos por minorias enraivecidas. Eu não consegui encontrar qualquer historiador imparcial que leve a sério essas acusações de 5,5 milhões. James J. Reid, em *Crisis of the Ottoman Empire*,²³ apresenta uma breve refutação.

A Fome da Batata na Irlanda (1845-49): As causas dessa fome são complexas demais para que o evento seja chamado, definitivamente, de atrocidade. Geralmente não conto as fomes não comunistas em tempo de paz como atrocidades, no sentido pleno da palavra, a menos que circunstâncias especialmente coercitivas as separem do restante. Até

onde me diz respeito, as únicas crises de fome causadas pelo homem e que merecem ser discutidas no meu livro são a fome na Índia britânica e a proveniente das sanções contra o Iraque, mas estabeleço meu limite em duas, não mais.

A Guerra Filipino-Americana (1899-1901): Quando os Estados Unidos arrebataram as Filipinas das mãos dos espanhóis, os nativos se rebelaram. Umas poucas, *muito* poucas mesmo, estimativas do número de mortos durante a conquista/insurgência chegam às vizinhanças de 1 milhão, mais ou menos. A maioria dos livros sobre o assunto culpa o conflito por cerca de 200 mil a 250 mil mortes de civis, com 20 mil mortes de combatentes.²⁴

A Gripe Espanhola (1918-19): Como os primeiros surtos da doença se propagaram via deslocamentos de tropas, algumas pessoas querem adicionar todas as mortes causadas pela gripe espanhola às mortes causadas por combates na Primeira Guerra Mundial, elevando assim o número de mortos no conflito para 35 milhões; entretanto, nunca vi uma narrativa histórica real, publicada, sobre aquela guerra que faça isso. Os epidemiologistas parecem ser os principais defensores dessa atitude, talvez porque isso torne a doença um fato histórico integral, em vez de um acontecimento secundário, como geralmente é descrito. Minha opinião é: sim, devemos (e eu faço isso) contar os soldados e refugiados que morreram de gripe espanhola na zona de guerra, mas obviamente não contar os milhões na China e na Índia que morreram longe de qualquer campo de batalha muito depois do armistício.

Líbia (1923-31): Muammar Gaddafi tem alegado que 750 mil líbios, isto é, metade da população total do país, morreram sob a ocupação italiana. Os estudiosos calculam, mais comumente, que o número de mortes tenha chegado à metade da população beduína, ou cerca de 100 mil.²⁵

Cigarros: Eu recebo sugestões ocasionais para incluir os executivos das empresas de tabaco entre os piores assassinos da história, mas fumar não tem duas características críticas que minhas cem maiores atrocidades compartilham: relação direta e coerção. Uma atividade voluntária que pode matar você dentro de trinta anos simplesmente não está no mesmo patamar que ser fuzilado, decapitado ou envenenado

por gás.

Colômbia (a guerra civil conhecida como La Violencia: 1946-58): Encontrei duas autoridades no assunto alegando que 300 mil morreram, em oposição a cinco outras que calculam 200 mil mortos. Isso significa que provavelmente o número de mortes está abaixo do meu limiar.

Guerras Árabe-Israelenses (desde 1947): Esses são os conflitos que vêm recebendo mais publicidade no último meio século, e muitos leitores devem esperar vê-los aqui; entretanto, Israel é um país pequeno e simplesmente não há gente suficiente naquela parte do mundo para gerar uma mortalidade que atinja meu limiar sem um esforço especial. As estimativas ficam entre 50 mil e 100 mil mortos, no total.

Tibete (em progresso desde 1959): A maior parte da matança infligida aos tibetanos é parte do legado de Mao. Eu a incluí no capítulo dedicado a ele.

Aborto: A julgar pelos e-mails que venho recebendo ao longo dos anos, essa será a ausência mais controvertida. Vamos manter a civilidade, lembrando que a expressão “que respirem” faz parte da minha definição, e isso exclui os ainda não nascidos.

Timor-Leste (conquista pela Indonésia depois de 1975): Das 11 estimativas que encontrei, apenas uma colocava o evento inequivocamente no meu limiar de 300 mil. Uma calculava entre 200 mil e 300 mil, e as outras nem chegavam perto. A média de todas as 11 é 200 mil.

AIDS (depois de 1981): Às vezes me dizem que Ronald Reagan (ou outra pessoa) merece condenação por assassinato em massa, ao permitir que a AIDS se espalhasse; entretanto, por piores que tenham sido as reações governamentais à primeira aparição da doença, aquilo estava simplesmente além do controle de qualquer um.

Inanição de Crianças na África: Para estar na minha lista é preciso haver um núcleo de violência e coerção, em que perpetradores identificáveis matem, espanquem ou saqueiem vítimas identificáveis.

Caso contrário, o evento pertence à economia, e não à atrocidologia.

Libéria (1989-2003): Outra maldita guerra civil africana. Você pode encontrar estimativas que atingem meu limiar, mas o número oficial de mortos, segundo o relato da Comissão da Verdade e Reconciliação Liberiana, é 250 mil.

Burundi (1993-2004): Outra guerra civil entre hutus e tutsis. Eu encontrei 15 artigos com estimativas de mortos entre 200 mil e 500 mil. A média desses números realmente atinge meu limiar de 300 mil, mas o número isolado mais bem conceituado é 260 mil, como calculado pelo Fundo de População da ONU, em 2004.²⁶

A Guerra do Iraque (em progresso desde 2003): Como essa é a guerra mais controversa do século XXI (até agora), muitos leitores quererão vê-la na minha lista. Um relato amplamente divulgado na revista *Lancet*, em outubro de 2006, estimava que 655 mil iraquianos haviam morrido violentamente na guerra; entretanto, eu me deixei convencer mais por diversos outros estudos (tais como o da Organização Mundial da Saúde), que estimaram ter havido cerca de 150 mil mortes.²⁷

Disputando o primeiro lugar

Preciso admitir certa parcialidade. É muito difícil abalar minha crença de que a Segunda Guerra Mundial foi o mais destrutivo evento histórico perpetrado pelo homem. Outros candidatos ao primeiro lugar têm sido sugeridos ao longo dos anos - Stálin, a escravidão, a conquista da América, Mao -, e esses todos encontraram um lugar na minha lista, mas os horrores da Segunda Guerra Mundial são tão complexos e tão bem documentados que acho difícil aceitar qualquer outro competidor sem uma prova muito convincente.

Com a Segunda Guerra Mundial, nós temos todas as nações do planeta, muitas sob o governo de tiranos e ideologias brutais, atacando-se mutuamente, de um lado para outro em três continentes, com armas de destruição em massa, tais como bombas atômicas. Compare isso com o que ocorreu na China sob a liderança de Mao Tsé-tung. Sim, ele foi um ditador desapiadado na maior nação da Terra por um quarto de século. Certamente tinha os meios, os motivos e as oportunidades para cometer

assassinatos em massa numa escala grandiosa, mas ele era apenas um homem em um país. Baseado apenas na minha intuição, eu suspeitaria que uma guerra generalizada entre Hitler, Stálin, Tojo e Mao mataria muito mais gente do que Mao conseguiu matar sozinho.

Isso não se deve apenas à escala grandiosa. Os horrores da Segunda Guerra Mundial são fractais: tão pontiagudos quando vistos de perto quanto a distância. O massacre de Babi Yar, o bombardeio de Dresden e a Batalha do Bolsão mataram, cada um, cerca de 30 mil pessoas, e cada um foi suficientemente importante para virar assunto de livros individuais; contudo, esses eventos nem são as piores coisas que a Segunda Guerra Mundial tem a oferecer. A guerra produziu matanças, incursões aéreas e batalhas ainda mais mortíferas. Comparado à Segunda Guerra Mundial, o que ocorreu sob Mao (por exemplo) parece mais suave sob o microscópio, com menos episódios mortíferos para descrever. Até mesmo com uma grande fome, diversos expurgos e algumas guerras, a cronologia do governo de Mao simplesmente não tem uma densidade igual à da Segunda Guerra Mundial. Ao escrever o capítulo sobre essa guerra, eu me esforcei bastante para limitar a narrativa aos acontecimentos básicos, enquanto com Mao precisei me esforçar bastante para reunir detalhes suficientes que preenchessem o capítulo.

Sobreposição

Uma grande diferença entre arrolar atrocidades e arrolar pessoas é que as pessoas são muito bem definidas. Se fizesse uma lista com as cem pessoas mais importantes na história da humanidade, eu não descobriria que Hitler e Stálin compartilhavam uma perna, nem que Napoleão era, na realidade, cinco pessoas se revezando, ou que Martin Luther era um centauro. Já com atrocidades eu preciso decidir se as guerras napoleônicas revolucionárias francesas deveriam constituir um, dois ou até mesmo sete eventos, e se o genocídio dos armênios é, por si só, uma atrocidade, ou faz parte da Primeira Guerra Mundial. Isso significa que outra pessoa poderia facilmente reembaralhar a minha lista, usando exatamente os mesmos números que eu, mas simplesmente dividindo algumas atrocidades e combinando outras.

Tenho algumas regras práticas para lidar com esse problema.

Quando a sobreposição entre dois episódios é pequena, trato dos dois separadamente. Tanto Mao Tsé-tung quanto a guerra da Coreia aparecem

no capítulo um do outro, mas apenas brevemente.

Se um evento é inteiramente contido dentro de outro nesta lista, o menor não ganha um capítulo próprio. Por exemplo, eu trato o Holocausto como parte da Segunda Guerra Mundial, não como um evento separado. Afinal de contas, se eu desse ao Holocausto um capítulo próprio, por que pararia aí? Dezesete episódios da Segunda Guerra Mundial têm um número de mortes grande o bastante para figurar entre os cem eventos mais mortíferos da história: cinco batalhas, cinco teatros de operação e sete campanhas contra não combatentes. Se eu saísse subdividindo cada grande evento em suas partes componentes, um em cada seis capítulos seria algum aspecto da Segunda Guerra Mundial.

Entre essas linhas divisórias óbvias há um pantanoso terreno intermediário: devo unir multicídios intimamente relacionados ou tratá-los separadamente? As guerras napoleônicas e a revolta dos escravos haitianos surgiram da Revolução Francesa, mas definitivamente tomaram rumos diferentes. Por outro lado, as duas guerras civis no Sudão poderiam merecer capítulos separados pela contagem de cadáveres, mas não posso descrevê-las separadamente, porque uma fica incompleta sem a outra.

Em geral conto tiranos (Saddam Hussein e Pedro, o Grande) separadamente de suas guerras (a guerra Irã-Iraque, a grande guerra do Norte), a menos que essa guerra seja o cenário para quase todas as suas matanças (Hitler e a Segunda Guerra Mundial, Lopez e a guerra da Tríplice Aliança).

Sou mais propenso a combinar eventos antigos e separar outros, mais recentes. Provavelmente você não precisa conhecer detalhadamente cada conflito individual na queda dos impérios romano ou Ming, de modo que um capítulo que cubra o evento inteiro é o bastante. De forma semelhante, daqui a cem anos toda a sublevação na Indochina, de 1945 à década de 1980, provavelmente será considerada um único evento; no momento, porém, eu trato todos os detalhes e peças da história vietnamita recente separadamente, a fim de apresentar a você mais detalhes de uma era que ainda nos afeta até hoje.

Muitas vezes eu me guio por queixas que ouço em debates sobre genocídio comparativo. Quando as pessoas se queixam do tratamento do indígena americano, estão se referindo à coisa toda, de Colombo até a Batalha de Wounded Knee. Quando perguntam quantos índios morreram, elas querem o grande total, e não cada peça pequena. Por outro lado, as queixas sobre a tirania de Saddam Hussein são geralmente bem diferentes

das queixas sobre as sanções econômicas impostas ao Iraque durante a década de 1990, de modo que trato os dois assuntos separadamente.

APÊNDICE 2: O HEMOCLISMA

Número de mortes: 150 milhões

Posição na lista: o outro Número 1

Tipo: tumulto tecnológico e político

Linha divisória ampla: nós *versus* eles

Época: início do século XX

Localização: a Terra

Participantes principais: a humanidade

Quem geralmente leva a maior culpa: as pessoas, a tecnologia, a economia

Razão por que esse não é o verdadeiro Número 1 da minha lista: porque combina diversos eventos distintos. Se eu fosse incluí-lo como um evento plenamente reconhecido, precisaria abandonar um quarto de meus capítulos, como Stálin, a Primeira Guerra Mundial e outros, substituindo-os por mais revoltas dinásticas da China medieval. Ninguém quer isso.

Quando as pessoas dizem que o século XX foi o mais sangrento de toda a história registrada, estão na verdade se referindo à série de barbaridades interligadas que se estende desde a Primeira Guerra Mundial até as mortes de Hitler, Stálin e Mao Tsé-tung.

Embora cada guerra ou ditador represente um evento distinto, muitos são intimamente relacionados. Hitler, Stálin e Mao eram não só tiranos por si sós, mas também peões importantes no xadrez da Segunda Guerra Mundial, que foi, evidentemente, uma sequela da Primeira Guerra Mundial. A anarquia que pavimentou o caminho para a ascensão de Stálin foi também uma consequência da Primeira Guerra Mundial. A anarquia que varreu a China em seguida à derrubada da monarquia trouxe Chiang Kai-shek ao poder, colocou Mao em conflito com ele e encorajou a invasão japonesa. A queda do Império Japonês depois da Segunda Guerra Mundial deixou a Coreia à disposição de quem quisesse, e o exército de Mao estava entre aqueles que tentaram.

Portanto, é bem possível que historiadores futuros considerem esses eventos como meros episódios de uma única revolução maciça – o “Hemoclisma”, para lhe dar um nome (“inundação de sangue” em grego), que matou cerca de 150 milhões de pessoas. Ao todo, cerca de 80% das mortes violentas no século XX ocorreram no Hemoclisma.

Geopoliticamente, o Hemoclisma surgiu do declínio de dois antigos

impérios, e pode ser dividido claramente em duas partes: Oriental e Ocidental. O Hemoclima Ocidental começou quando o declínio do Império Otomano deixou uma congestão de pequenas nações dos Bálcãs sob as influências concorrentes da Rússia e do Império Austro-Húngaro. Uma guerra entre essas duas nações rapidamente se expandiu, passando a incluir todas as potências mundiais. Essa guerra foi tão destrutiva para os exércitos e a riqueza das nações que quatro das mais importantes monarquias da Europa entraram em colapso. O vácuo de poder resultante foi preenchido pelos nazistas na Alemanha e pelos comunistas na Rússia. Essas duas ideologias opostas consolidaram seu poder de forma brutal, e depois entraram em conflito na Segunda Guerra Mundial, que foi basicamente uma repetição da Primeira. A morte de Stálin em 1953 finalmente extinguiu o Hemoclima Ocidental, depois da perda de 100 milhões de vidas.

O Hemoclima Oriental começou quando a queda do imperador chinês gerou quatro décadas de guerra civil, atraindo as ambições dos japoneses. Em 1949, o banho de sangue do interregno deu lugar a um banho de sangue ainda maior, quando os comunistas consolidaram o poder sob a liderança de Mao, que morreu em 1976. Quando visto como um *continuum*, essa fase da história chinesa foi um pesadelo de 65 anos, ceifando 55 milhões de vidas.

Se a Segunda Guerra Mundial não fosse considerada um evento único, nós provavelmente consideraríamos as metades oriental e ocidental do Hemoclima como duas peças históricas sem correlação.

Por que o mundo subitamente explodiu nessa onda de matanças sem precedentes? As causas são complexas, mas, depois de anos de estudo, acho que limitei as razões a três:

1. Porque eles podiam.
2. Porque eles queriam.
3. E porque todo mundo estava fazendo o mesmo.

Ou, se você preferir termos acadêmicos mais elegantes para essas causas, digamos:

1. Tecnologia.
2. Ideologia.
3. O ciclo crescente de violência.

Porque eles podiam (tecnologia)

Não eram apenas metralhadoras ceifando a mancheias a infantaria que avançava. Não eram apenas aviões despejando a morte centenas de quilômetros atrás das linhas inimigas. Eram caminhões e ferrovias que podiam abastecer enormes exércitos em zonas de combate desoladas. Os tanques trouxeram movimento de volta aos exércitos que haviam ficado imobilizados diante de fortificações inexpugnáveis. O radar e o sonar podiam localizar o inimigo muito além da linha de visão. O rádio podia coordenar ofensivas por todo um continente. A indústria produzia vastas quantidades de munição que podia ser desperdiçada em matanças devastadoras. A urbanização juntou enormes contingentes populacionais que podiam ser bombardeados por incursões aéreas ou reunidos para serem massacrados ou deportados. Burocracias bem equipadas com gente e meios de comunicação tornavam quase impossível fugir do coletor de impostos, da junta de recrutamento ou da polícia secreta.

Porque eles queriam (ideologia)

Na esperança de ser inteligente, pode-se ligar as grandes sublevações do século XX de maneira ideológica:

Nacionalismo (Primeira Guerra Mundial) + Socialismo (Stálin) = algo ainda pior: Nacional-Socialismo (Hitler).

Infelizmente essa análise peca em dois pontos. Primeiro, o nacional-socialismo não era mais “socialista” do que a República Democrática da Coreia (do Norte) é uma “república democrática”. Os nazistas se autodenominavam “socialistas” porque isso atraía mais apoio da classe trabalhadora do que se chamassem a si próprios de “Partido que Passará por Cima de Qualquer um que Aparecer na Frente”, mas eles odiavam os verdadeiros socialistas, e não apoiavam a redistribuição econômica que é o núcleo do socialismo autêntico.

Segundo, não podemos culpar inteiramente a Primeira Guerra Mundial pelo surgimento do nacionalismo. De fato, é difícil culpar aquele conflito por qualquer coisa em particular, porque ainda não temos certeza de suas causas. Entretanto, a Grande Guerra representou um trauma tão catastrófico para a civilização ocidental que ocasionou uma maciça

reavaliação ideológica por toda a Europa. Entre os países vencedores, isso assumiu a forma de hedonismo e niilismo artístico pós-guerra; entre os países derrotados, porém, a rejeição da corrente filosófica preponderante foi mais completa. A Rússia virou-se para a esquerda, na direção de um hipermodernismo marxista, enquanto a Alemanha voltou-se para a direita, na direção do nazismo hiperprimitivo. Ambas as filosofias desumanizavam e demonizavam brutalmente a oposição, desperdiçando displicentemente a vida de seus seguidores em nome de um bem maior.

Porque todo mundo estava fazendo o mesmo (o ciclo crescente de violência)

Cada matança criava uma ninhada de órfãos amargurados que cresciam para vingar a morte dos pais. Cada campanha forçava milhares de refugiados a viver de restos e saques. Cada convocação de conscritos criava mais armas nas mãos de milhares de jovens enraivecidos, alienados, propensos a usarem-nas tanto contra seu próprio governo quanto contra o inimigo. Cada nação conquistada tinha de ser liberada. Cada ataque de surpresa trazia outro país para a guerra. Cada perda precisava ser revertida. Nenhuma vitória era final.

Só depois do desenvolvimento das armas nucleares, e diante da perspectiva do fim do mundo, é que o ciclo de violência bateu em uma muralha e foi forçado a parar.

AGRADECIMENTOS

Meu obrigado especial para Vincenzo Ostuni por ter me feito iniciar este projeto, e para Steven Pinker por me ajudar e encorajar a ter minha obra publicada. Sou especialmente agradecido a meus amigos Jennifer, Joanna, Sarah, Gopa, Leila, Frances, Lou, Andrew, Robert, Niki e Brian, amigos que criticaram os primeiros rascunhos e me aconselharam em questões tão espinhosas. Obrigado a meu irmão Peter por todo o incentivo e pelo interesse compartilhado em história. Tenho uma dívida profunda com Brendan Curry, Melanie Tortoroli e Mary Babcock, da W. W. Norton, pelo auxílio na finalização do livro, corrigindo meus erros, ajudando a esclarecer assuntos complicados e estimulando uma redação melhor da minha parte. Obrigado também a Adrian Kitzinger por seus mapas excelentes. Sou especialmente agradecido a meu agente e a seus colegas – Max Brockman, Russell Weinberger e Michael Healey – por terem me guiado no estranho mundo editorial, novo para mim. Por fim, gostaria de agradecer aos departamentos de aquisições da Biblioteca Pública de Richmond e da Biblioteca Cabell da Virginia Commonwealth University, que nunca conheci pessoalmente, mas seu trabalho anônimo na manutenção de grandes coleções de obras de história, porém, foi de extrema valia à minha pesquisa.

NOTAS

A Segunda Guerra Persa

1. Hanson, em *Carnage and Culture* [*Carnificina e cultura*], p. 31, calculou que um quarto de milhão de soldados persas morreu nas duas guerras persas. Sorokin, em *Social and Cultural Dynamics* [*Dinâmica social e cultural*], vol. 3, p. 543, calculou que 57 mil gregos foram mortos ou feridos. Todas essas estimativas são aproximadas, mas elas apontam para um número perto de 300 mil, no total, incluindo civis.
2. Hanson, *Carnage and Culture*; Strauss, *Battle of Salamis* [*A Batalha de Salamina*].

Alexandre, o Grande

1. Hanson, *Wars of the Ancient Greeks* [*Guerras dos antigos gregos*], p. 178: “No espaço de apenas oito anos, Alexandre, o Grande, matou bem mais do que 200 mil homens, apenas em sangrentas batalhas”; p. 178: “Um quarto de milhão de residentes urbanos foi abertamente massacrado entre 334 e 324.” Eu arredondei para cima visando incluir as perdas de Alexandre.
2. Keegan, *Mask of Command* [*A máscara do comando*], pp. 13-91.
3. Pratt, *Battles That Changed History* [*Batalhas que mudaram a história*], pp. 17-37.
4. Rogers, *Alexander* [*Alexandre*].

Era dos Estados em guerra

1. Relatos antigos alegam que os soldados de Qin mataram um total de 1,5 milhão de inimigos em todas as suas batalhas. Historiadores modernos não tomam esse número literalmente, mas afirmam que é uma ordem de magnitude plausível para mortos de todos os lados, por todas as causas. Hui, *War and State Formation* [*Guerra e formação de estados*], p. 87; Peers, *Warlords of China* [*Chefes guerreiros da China*], pp. 58-59.
2. Lei Hai-tsung, “Warring States” [“Estados combatentes”].
3. Ibid.
4. Ibid.
5. Peers, *Warlords of China*, pp. 55-57.
6. Ibid., p. 58.
7. Peers, *Warlords of China*, p. 61.
8. Sima Qian, *Records of the Grand Historian* [*Registros do grande historiador*], p. 163.
9. Man, *Terra Cotta Army* [*O exército de terracota*], pp. 46-7.

A Primeira Guerra Púnica

1. Richard A. Gabriel, *The Culture of War: Invention and Early Development* [*A cultura da guerra: Invenção e desenvolvimento inicial*] (Westport, CT: Greenwich Press, 1990, pp. 110-111.) “Políbio considerou essa guerra a mais sangrenta da história, e é provável que a perda de vidas em ambos os lados, a maioria delas de romanos, se aproximou de 400 mil homens.”
2. Bagnall, *Essential Histories* [*Histórias essenciais*], p. 34.

3. Ibid., p. 41.

Qin Shi Huang Di

1. Fitzgerald, *China* [*China*], p. 140. “A tradição popular conservou sua memória num ódio imorredouro por ter construído a Muralha... Dizia-se que 1 milhão de homens morreram executando a obra.”
2. Peers, *Warlords of China*, p. 66.
3. Ibid., pp. 62-4; Lesley A. DuTemple, *The Great Wall of China* [*A Grande Muralha da China*] (Minneapolis: Lerner, 2003), pp. 22-41.
4. Peer, *Warlords of China*, pp. 67-69; Qingxin Li, *Maritime Silk Road* [*A estrada marítima da seda*] (Pequim: China Intercontinental Press, 2006), p. 11.
5. Peers, *Warlords of China*, p. 69.
6. Ibid., p. 70.
7. Ibid., pp. 66-7.

A Segunda Guerra Púnica

1. O historiador romano Ápio (Pun. 20.134) registrou a morte de 300 mil romanos na batalha. Theodore Ayrault Dodge, em *Hannibal: A History of the Art of War between Carthaginians and Romans* [*Aníbal: Uma história da arte da guerra entre cartaginenses e romanos*] (Boston: Houghton Mifflin, 1891), pp. 610-611, adicionou doenças a esse número e ampliou-o para 500 mil soldados romanos e 270 mil soldados cartaginenses mortos devido a todas as causas.
2. Bagnall, *Essential Histories* [*Histórias essenciais*], pp. 50-52.
3. Ibid., pp. 54-5.

Lutas de gladiadores

1. Baseado no número de anfiteatros descobertos por arqueólogos, a frequência de festivais etc., Keith Hopkins e Mary Beard, em *The Colosseum* [*O Coliseu*] (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005), pp. 92-94, calculou que ocorriam 8 mil mortes, inclusive de acidentes em treinamentos, todo ano, em todas as arenas do império. Isso multiplica para um máximo de 5,6 milhões de mortes ocorridas em todos os setecentos anos de combates de gladiadores registrados ou (o que é mais provável) para 3,2 milhões de mortes, se essa taxa de mortalidade foi mantida apenas durante os quatrocentos anos em que os combates estiveram no auge, entre os tempos de Espártaco e Constantino. Eu escolhi, para meu cálculo, um número redondo na base inferior dessa gama.
2. Kyle, *Spectacles of Death in Ancient Rome* [*Espectáculos de morte na Roma antiga*], p. 45.
3. Ibid., p. 106.
4. Ibid., p. 51.
5. Ibid., pp. 187-194.
6. Ibid., p. 187.
7. E. W. Rovill e Robin Hallett, *The Golden Trade of the Moors* [*O mercado dourado dos mouros*] (Princeton, NJ: M. Weiner, 1995), pp. 5-7; Johnson Donald Hughes, *The Mediterranean* [*O Mediterrâneo*] (Santa Bárbara: CA; ABC-CLIO, 2005), pp. 37-38.
8. Kyle, *Spectacles of Death in Ancient Rome*, p. 86.
9. Ibid., p. 162.
10. Auguet, *Cruelty and Civilization* [*Crueldade e civilização*], p. 55.
11. Kyle, *Spectacles of Death in Ancient Rome*, pp. 158-165.
12. Jones, “Gladiators: The Brutal Truth” [“Gladiadores: a verdade brutal”].

13. Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire* [*Declínio e queda do Império Romano*], vol. 2, cap. 16, citando Orígenes, estimou em 2 mil o número de mártires cristãos.

Guerras de escravos romanos

1. Athenaeus, *Philosophers at Dinner* [*Filósofos no jantar*], 6.272 (citado em Zvi Yavetz, *Slaves and Slavery in Ancient Rome* [*Escravos e escravidão na Roma antiga*] (New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1988), p. 78; Naphtali Lewis, *Roman Civilization*, vol. 2: *The Roman Empire* [*Civilização romana*, vol. 2: *O Império Romano*] (Nova York: Columbia University Press, 1990), p. 245).
2. Mommsen, *History of Rome* [*História de Roma*], vol. 3, pp. 309-310.
3. Ibid., pp. 383-387.
4. Strauss, *Spartacus War* [*A guerra de Espártaco*]; Mommsen *History of Rome*, vol. 4, pp. 357-364.

A guerra dos Aliados

1. Paterculus, *Roman History* [*História romana*], p. 79, http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Velleius_Paterculus/2A*.html (acessado em 9/3/2011), 2.15.3 (mortos, nos dois lados).
2. Mommsen, *History of Rome* [*História de Roma*], vol. 3, pp. 490-527.

A Terceira Guerra Mitridática

1. Plutarco, "Life of Lucullus" ["Vida de Lúculo"], em *Parallel Lives* [*Vidas paralelas*] (1914), http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Lucullus*.html (acessado em 9/3/2011). Na terceira guerra, 300 mil pônticos foram mortos lutando por Mitridates (p. 505), mais 100 mil armênios foram mortos lutando por Tigranes (p. 565).
2. Plutarco diz 200 mil, Ápio diz 160 mil.
3. Alfred S. Bradford, *With Arrow, Sword, and Spear* [*Com flecha, espada e lança*] (Westport, CT: Praeger, 2001), p. 204.

A guerra na Gália

1. Esse número de 700 mil é a média de duas estimativas contraditórias que nos chegaram às mãos: 1 milhão de Plutarco. "Life of Julius Caesar" ["Vida de Júlio César"], em *Parallel Lives* [*Vidas paralelas*] (1919), vol. 7, para.15, p. 479, http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Caesar*.html (acessado em 9/3/2011); 400 mil em Paterculus, *Roman History*, livro 2, cap. 47, p. 153, http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Velleius_Paterculus/2B*.html (acessado em 9/3/2011).
2. Meier, *Caesar* [*César*], pp. 239-241.

Numerosidade antiga

1. Catherine Rubincam, "Casualty Figures in Thucydides' Descriptions of Battle" ["Números de baixas em descrições de batalhas, de Tucídides"], *TAPA* 121 (1991): 181-198.
2. John Heidenrich, "The Golf War: How Many Iraqis Died?" ["A Guerra do Golfo: quantos iraquianos morreram?"], *Foreign Policy* [*Política exterior*], nº 90, 22/3/1993.
3. Rebecca Santana, "85 mil Iraquis Killed in Almost 5 Years of War" ["85 mil iraquianos mortos em quase 5 anos de guerra"], *Associated Press*, 14/10/2009.
4. Tina Susman, "Poll: Civilian Death Toll in Iraq May Top 1 Million" ["Levantamento: número de mortes de civis no Iraque pode ultrapassar 1 milhão"]. *Los Angeles Times*, 14/9/2007.

A dinastia Xin

1. Twitchett e Fairbank, *Cambridge History of China* [*A história da China, Universidade de Cambridge*],

- vol. I, p. 218.
2. Ibid., p. 219.
 3. “Wang Mang”, em *Encyclopaedia Britannica*, 15^a ed., vol. 12, p. 486.
 4. Gabriel R. Ricci, “Introduction” [“Introdução”], em *Cultural Landscapes: Religion and Public Life* [Paisagens culturais: religião e vida pública], vol. 35, <http://www.etown.edu/History.aspx?topic=Introduciton+to+volume+35> (acessado em 20/3/2011); H. H. Lamb, *Climate, History and the Modern World* [Clima, história e o mundo moderno] (Nova York: Routledge, 1995), p. 315.
 5. Twitchett e Fairbank, *Cambridge History of China*, vol. 1, pp. 241-242.
 6. Ibid., p. 243.
 7. Ibid., p. 245.
 8. Ibid., p. 247.
 9. Ibid., p. 248.
 10. Ibid., p. 250.
 11. Estimativas altas e baixas de colapso da população:
 - Dan Usher diz que a população declinou de 58 milhões em 2 d.C. para 15,1 milhões em 31 d.C., com uma perda de 43 milhões (*Political Economy* [Economia política] (Malden, MA: Blackwell, 2003), p. 12).
 - J. D. Durand estima que a população da China propriamente dita decresceu de 71 milhões para 43 milhões entre 2 d.C. e 58 d.C., uma perda de 28 milhões (“Population Statistics of China, AD 2-1953” [“Estatísticas populacionais da China, 2-1953”], p. 221).
 - P. M. G. Harris estima uma população de 41 milhões em 23 d.C., o que sugere um declínio de 16 milhões desde 2 d.C. (*The History of Human Population*, vol. 1: *Forms of Growth and Decline*) [A história da população humana, vol. 1: Formas de crescimento e declínio] (Westport, CT: Praeger, 2001), p. 241.
 - William Leonard diz que a população declinou de pouco menos de 60 milhões em 1 d.C. para pouco menos de 50 milhões em 140 d.C., um declínio de aproximadamente 10 milhões (*The Encyclopaedia of World History* [A enciclopédia da história do mundo] (Londres: Harrap, 1972), p. 51).
 - Rafe de Crespigny: Em 2 d.C., a população de todo o império excedia os 57 milhões; na década de 140 d.C. havia 48 milhões, indicando um declínio de 9 milhões (“South China under the Later Han Dynasty” [“A China meridional no final da dinastia Han”], 1990, http://www.anu.edu.au/asianstudies/decrepigny/south_china.html).
 - Twitchett e Fairbank sugerem um declínio populacional de 8 ou 9 milhões entre 2 d.C. e 140 d.C. (*Cambridge History of China*, vol. 1, p. 240).

Guerras romano-judaicas

1. Lester L. Grabbe, *An Introduction to First Century Judaism: Jewish Religion and History of the Second Temple Period* [Uma introdução ao judaísmo do primeiro século: A religião judaica e a história do período do segundo Templo] (Edimburgo: Clark, 1996), pp. 64-65.
2. Jona Lendering, “Messianic Claimants (18) Simon ben Kosiba (132-135 CE)” [“Reivindicadores messiânicos”], Livius.org. , http://www.livius.org/men-mh/messiah/messianic_claimants17.html (acessado em 18/3/2011).
3. Will Durant, *Caesar and Christ* [César e Cristo] (Nova York: MJF, 1971), p. 545.
4. Cassius Dio, *Roman History* [História romana] (1925), 69.14, http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/69*.html (acessado em 8/3/2011).
5. Will Durant, *Caesar and Christ* (Nova York, MJF, 1971), p. 548.
6. Entre as estimativas populacionais estão as de Anthony Byatt, “Josephus and Population

Numbers in First Century Palestine” [“Josefo e números de habitantes na Palestina do primeiro século”], *Palestine Exploration Quarterly* 105 (1973): 15 (2.265 mil); C. C. McCown, “The Density of Population in Ancient Palestine” [“Densidade populacional na Palestina antiga”], *Journal of Biblical Literature* 66 (1947): 425 (menos de 1 milhão); Adolf Von Harnack, *Die Mission und Ausbreitung des Christentums* (Leipzig: J. C. Hinrichs, 1902) (500 mil); Seth Schwartz, *Imperialism and Jewish Society, 200 B.C.E. to 640 C.E.* [*Imperialismo e a sociedade judaica, 200 a.C. a 640 d.C.*] (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001) (500 mil).

Os Três Reinos da China

1. “Romance of the Three Kingdoms” [“Romance dos três reinos”], *TV Tropes*, <http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Literature/RomanceOfTheThreeKingdoms> (acessado em 20/3/2011).
2. Andrew O’Hehir, “John Woo on ‘Red Cliff’ and the Rise of Chinawood” [“O penhasco vermelho e a ascensão da madeira da China”], *Salon*, 18/11/2009, http://www.salon.com/ent/movies/btm/feature/2009/11/18/john_woo/index.html.
3. Etienne Balazs, *Chinese Civilization and Bureaucracy* [*A civilização chinesa e a burocracia*] (New Haven, CT: Yale University Press, 1965), p. 193 (a repressão imperial matou meio milhão somente no ano de 184).
4. Fitzgerald, *China*, p. 255.
5. Hong-Sen Yan, *Reconstruction Designs of Lost Ancient Chinese Machinery* [*Desenhos de reconstrução de antiga maquinaria chinesa perdida*] (Dordrecht: Springer, 2007), pp. 275-277; Joseph Needham e Colin Ronan, *The Shorter Science and Civilization in China: An Abridgement of Joseph Needham’s Original Text* [*Ciência mais curta e civilização na China: uma sinopse do texto original de Joseph Needham*] (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1994), p. 170.
6. De Crespigny, “Three Kingdoms and Western Jin” [“Os três reinos e Jin ocidental”].
7. Não há nada de mágico a respeito disso; é apenas que, quando você se defronta com números extremamente diferentes (vamos dizer, 16 para 10.000), pegar a média aritmética entre eles ($16 + 10.000/2 = 5.008$) é quase a mesma coisa que dividir pela metade o número maior. Entretanto, usando a média geométrica (raiz quadrada de $16 \cdot 10.000 = 400$) nós temos um número que é mais reconhecidamente influenciado e posicionado entre os dois níveis.

Se tudo que sabemos é uma ordem geral de magnitude, esse truque ainda nos ajuda a chegar a um único número para fins estatísticos. Se um evento matou “centenas de milhares”, podemos imaginar que o número único mais provável deve ser a média geométrica de 100.000 e 1.000.000, ou 316.228. Isso não fica muito longe da realidade. Pela minha contagem (ver <http://www.necrometrics.com>), houve 47 multicídios no século XX, com o número de mortes entre 100 mil e 1 milhão. Isso dá uma média de mortes de 297.766, que você notará estar mais perto da média geométrica do que da média aritmética (550 mil).

A queda do Império Romano do Ocidente

1. Colin McEvedy, em *New Penguin Atlas of Medieval History* [*Novo atlas Penguin da história medieval*], p. 38, calculou que a população do Império Romano nas vésperas do colapso era de 36 milhões, e que o território perdeu 20% de sua população entre 400 d.C. e 600 d.C., isto é, uma perda de 7,2 milhões.
2. Ward-Perkins, *Fall of Rome and the End of Civilization* [*A queda de Roma e o fim da civilização*], pp. 22-23.
3. Howart, *Attila King of the Huns* [*Átila, rei dos hunos*], p. 89.
4. Bury, *Invasion of Europe by the Barbarians* [*A invasão da Europa pelos bárbaros*], pp. 114-119; Grant, *Fall of the Roman Empire* [*A queda do Império Romano*], pp. 15-17.
5. Howart, *Attila King of the Huns*, p. 49.

6. Ibid., pp. 95-97.
7. Gregório de Tours, citado em *ibid.*, p. 99. Você notará que os cronistas ficam especialmente perturbados sempre que há mortes de padres, possivelmente porque foram eles que escreveram as crônicas.
8. Hildinger, *Warriors of the Steppe [Guerreiros da estepe]*, pp. 69-70.
9. Ibid., p. 72.
10. Grant, *Fall of the Roman Empire [A queda do Império Romano]*, pp. 19-20.
11. Ibid., pp. 27-34.
12. Ibid., pp. 35-47.
13. Ibid., pp. 203-204.
14. Ibid., pp. 155-162.
15. Ward Perkins, *Fall of Rome and the End of Civilization*, pp. 3-10, 169-183.
16. Ibid., pp. 87-168.
17. “A população da Europa (oeste dos Urais) em 200 d.C. tem sido calculada em 36 milhões; já em 600 d.C. caíra para 26 milhões; outra estimativa (incluindo a ‘Rússia’) dá uma queda drástica, de 44 para 22 milhões.” François Crouzet, *A History of the European Economy: 1000-2000 [Uma história da economia europeia: 1000 a 2000]* (Charlottesville: University Press of Virginia, 2001), p. 1.

Justiniano

1. Ormsby, “Hidden Historian” [“O historiador escondido”].
2. Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire [Declínio e queda do Império Romano]* vol. 4, cap. 40.
3. Rosen, *Justinian’s Flea [A mosca de Justiniano]*, pp. 74-76.
4. Ibid., pp. 137-141.
5. Ibid., pp. 148-151.
6. Procópio, “How Justinian Killed a Trillion People” [“Como Justiniano matou 1 trilhão de pessoas”], em *The Secret History [A história secreta]*, trad. de Richard Atwater (Chicago: P. Covici, 1927; republicado, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1961), disponível em Medieval Sourcebook, <http://www.fordham.edu/halsall/basis/procop-anec.html>.
7. Thomas Dick, *The Philosophy of Religion: Or an Illustration of the Moral Laws of the Universe [A filosofia da religião: ou uma ilustração das leis morais do universo]* (Filadélfia: Key & Biddle, 1833, pp. 260-262; George Cone Beckwith, *The Peace Manual: Or War and Its Remedies [O manual da paz: ou a guerra e seus remédios]* (Boston: American Peace Society, 1847), pp. 39-42.
8. A estimativa moderna das mortes causadas pela peste é que o império de Justiniano perdeu 4 milhões nos dois primeiros anos da epidemia. Rosen, *Justinian’s Flea*, p. 261.
9. Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 4, cap. 42.
10. McEvedy, *New Penguin Atlas of Medieval History [Novo atlas Penguin da história medieval]*, p. 38.

Guerras entre os reinos Goguryeo e Sui

1. De acordo com fontes chinesas (ver a seguir), os chineses perderam por volta de 300 mil cada ano. Embora isso possa constituir um exagero, os chineses eram meticolosos em seus registros e bem capazes de colocar em campo exércitos de 100 mil ou mais soldados, perdendo a maioria deles sem dar a isso muita importância. Acrescente a isso as perdas do outro lado mais todas as mortes colaterais e 300 mil por guerra não é algo impensável.
2. Graff, *Medieval Chinese Warfare [A guerra medieval chinesa]*, p. 145.
3. Kenneth B. Lee, *Korea and East Asia: The Story of Phoenix [A Coreia e a Ásia oriental: a história da Fênix]* (Westport, CT: Praeger/Greenwood, 1997), p. 16.

4. Jae-un-Kang e Suzanne Lee, *The Land of Scholars: Two Thousand Years of Korean Confucianism* [A terra dos estudiosos: Dois mil anos de confucionismo coreano] (Paramus, NJ: Homa & Sekey Books, 2006), p. 40.

Tráfico de escravos no Oriente Médio

1. *Commonwealth v. Turner*, 26 Va. 678 (Va. Gen. Ct. termo de novembro de 1827).
2. Segal, *Islam's Black Slaves* [Os escravos negros do Islã], p. 146.
3. *Ibid.*, p. 159.
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*, p. 156.
6. Alan Weisman, *The World Without Us* [O mundo sem nós] (Nova York: St. Martin's Press, 2007), pp. 95-96.
7. *Ibid.*
8. Segal, *Islam's Black Slaves*, p. 148.
9. *Ibid.*, p. 160.
10. *Ibid.*, p. 167.
11. *Ibid.*, p. 169.
12. *Ibid.*, p. 171.
13. *Ibid.*, p. 156.
14. Milton, *White Gold* [Ouro branco], p. 16.
15. Keegan, *History of Warfare* [História da guerra], pp. 32-40.
16. Davis, *Christian Slaves* [Escravos cristãos], p. 23.
17. Davis, em *Christian Slaves*, calculou uma taxa anual de mortalidade de 17% por ano. Em comparação, a taxa de mortalidade de uma população sadia da era pré-industrial raramente excedia os 3% (E. A. Wrigley, *Population History of England: 1541-1871: A Reconstruction* [História da população da Inglaterra: 1541-1871: uma reconstrução] (Nova York: Cambridge University Press, 1989), p. 181.

A Rebelião de An Lushan

1. Newark, *Medieval Warlords* [Chefes guerreiros medievais], pp. 48-51.
2. *Ibid.*, p. 52.
3. Fitzgerald, *China*, pp. 399-400.
4. Newark, *Medieval Warlords*, p. 55.
5. Pulleyblank, "An Lushan Rebellion" ["A rebelião de Lushan"], p. 41.
6. *Ibid.*, p. 43.
7. Graff, *Medieval Chinese Warfare* [A guerra medieval chinesa], p. 219.
8. Fitzgerald, *China*, p. 301.
9. Newark, *Medieval Warlords*, p. 63.
10. Graff, *Medieval Chinese Warfare*, p. 222.
11. Fitzgerald, *China*, p. 349.
12. Li Po, "Nefarious War" ["Guerra nefasta"], em *The Works of Li Po the Chinese Poet Done into English Verse by Shigeyoshi Obata with an Introduction and Biographical and Critical Matter Translated from the Chinese* [As obras de Li Po, o poeta chinês, traduzidas para versos ingleses por Shigeyoshi Obata, com uma introdução e notas biográficas e críticas traduzidas do chinês] (Nova York: E. P. Dutton, 1922), p. 141.
13. Fitzgerald, *China*, p. 350.

14. Tu-Fu, "A Song of War-Chariots" ["Uma canção dos carros de guerra"], trad. Witter Bynner e Kiang Kang-hu, *The Bookman [O homem do livro]*, vol. 54 (Nova York: George H. Doran, 1922), p. 568.
15. Fitzgerald, *China*, pp. 351-352.
16. Po Chu-I, "The Never-ending Wrong" ["Os erros intermináveis"], em L. Cranmer-Byng, *A Lute of Jade/Being Selections from the Classical Poets of China [O alaúde de Jade/Seleções Being dos poetas clássicos chineses]* (Nova York: E. P. Dutton, 1913), pp. 79-88. É assim que a tradução específica o chama, mas hoje Po Chu-I é geralmente chamado de Bai Juyi e seu poema é denominado "The Song of Everlasting Sorrow" ["A canção da tristeza sem fim"].
17. Os números do censo são citados nos seguintes lugares:
 - Durand, "Population Statistics in China" ["Estatísticas da população na China"], pp. 209, 223 (expressando grandes dúvidas sobre a precisão desses números).
 - Fitzgerald, *China*, pp. 312-315 (grande dúvida).
 - Richard Hooker, *World Civilizations [Civilizações mundiais]*, Washington State University, 1996, <http://www.wsu.edu~dee/TEXT/chememp.rtf> (aceitação aparente).
 - Peter N. Stearns, ed. *The Encyclopedia of World History: Ancient, Medieval, and Modern [A enciclopédia da história mundial: antiga, medieval e moderna]*, 6ª ed. (Boston: Houghton Mifflin, 2001), <http://www.bartleby.com/67/370.htm> (ligeira dúvida).
 - Peter Turchin, "Dynamical Feedbacks between Population Growth and Sociopolitical Instability in Agrarian States" ["Correlações dinâmicas entre crescimento populacional e instabilidade sociopolítica em nações agrícolas"], *Structure and Dynamics [Estrutura e dinâmica]* 1, nº 1 (2005), <http://www.escholarship.org/uc/item/0d17g8g9> (aceitação).
18. Durand, "Population Statistics in China", p. 223.

Colapso maia

1. Melanie Moran e Mimi Koumenalis, "Royal Massacre Site Discovered in Ruins of Ancient Maya City" ["Sítio de massacre real descoberto nas ruínas de antiga cidade maia"], 18/11/2005, http://www.exploration.vanderbilt.edu/print/pdfs/news/news_maya_massacre.pdf; Thomas H. Maugh II, "Maya War Crimes Scene Uncovered" ["Descoberta cena de crimes de guerra maias"], *Los Angeles Times*, 17/11/2005.
2. McKillop, *Ancient Maya [Os maias antigos]*, pp. 97-98.
3. Diamond, *Collapse [Colapso]*, p. 175.
4. Turner e Adams citados em Richardson Benedict Gill, *The Great Maya Droughts: Water, Life, and Death [As grandes secas maias: água, vida e morte]* (Albuquerque: University of New Mexico Press, 2000), p. 351. Outras estimativas: *The New York Times Guide to Essential Knowledge [Guia do The New York Times para o conhecimento essencial]* (Nova York: St. Martin's Press, 2007), p. 495 (8 a 10 milhões de pessoas); John E. Kicza, *The Peoples and Civilizations of the Americas before Contact [Os povos e civilizações das Américas antes do contato]* (Washington, D.C.: American Historical Association, 1998), p. 12 (3 a 5 milhões); Bodil Liljefors Persson, *The Legacy of the Jaguar Prophet [O legado do profeta Jaguar]* (Lund, Suécia: Religionshistoriska Avd., Lunds University, 2000), p. 88 (2 milhões).

As Cruzadas

1. Cálculos dos números das pessoas mortas nas Cruzadas começam com 1 milhão (Fredric Wertham, *A Sign for Cain: An Exploration of Human Violence [Um sinal para Caim: Uma exploração da violência humana]* (Nova York: Macmillan, 1966), e vão até o máximo de 9 milhões (John M. Robertson, *A Short History of Christianity [Uma breve história do cristianismo]* (Londres: Watts, 1902), p. 278, passando por 3 milhões (Fielding Hudson Garrison, *Notes on the History of Military Medicine [Observações sobre a história da medicina militar]* (Washington, D.C.: Association

- of Military Surgeons, 1922), p. 106), e 5 milhões (Henry William Elson, *Modern Times and the Living Past* [*Tempos modernos e o passado vivo*] (Nova York: American Book Company, 1921), p. 261), pelo caminho. Eu peguei o meio baixo (estimativa de Garrison) para meu cálculo. A média geométrica dos extremos é de 3 milhões.
2. Wheatcroft, *Infidels* [*Infiéis*], pp. 158-159.
 3. Riley-Smith, *Crusades* [*Cruzadas*], p. 9.
 4. Wheatcroft, *Infidels*, p. 166; Maalouf, *Crusades through Arab Eyes* [*As Cruzadas pelos olhos árabes*], pp. 3-8.
 5. Maalouf, *Crusades through Arab Eyes*, pp. 15-17.
 6. *Ibid.*, pp. 31-32.
 7. Wheatcroft, *Infidels*, pp. 170-171.
 8. Riley-Smith, *Crusades*, pp. 32-33.
 9. Maalouf, *Crusades through Arab Eyes*, pp. 39-40; Wheatcroft, *Infidels*, p. 171.
 10. Tamim Ansary, *Destiny Disrupted* [*Destino despedaçado*] (Nova York: Public Affairs, 2009), p. 145.
 11. Maalouf, *Crusades through Arab Eyes*, pp. 93-94.
 12. Riley-Smith, *Crusades*, pp. 121-130; Norwich, *Short History of Byzantium* [*Uma breve história de Bizâncio*], pp. 299-306.
 13. Riley-Smith, *Crusades*, p. 141; James Harpur, *The Crusades: The Two Hundred Years War* [*As Cruzadas: A Guerra dos Duzentos Anos*] (Nova York: Rosen Publishing Group, 2008), pp. 82-83; Cecil Adams, "Is the Children's Crusade Fact or Fable?" ["A Cruzada das Crianças é fato ou fábula?"], *Straight Dope*, 9/4/2004, <http://www.straightdope.com/columns/read/2503/is-the-childrens-crusade-fact-or-fable>.
 14. Riley-Smith, *Crusades*, p. 7.

Matanças religiosas

1. Embora provavelmente exagerados, os números em Êxodo 32, Números 31, Josué 10, Juízes 1, Juízes 3, Juízes 20, 1 Samuel 4, 2 Samuel 10, 2 Samuel 18 e 2 Crônicas 25 são plausíveis. Os de Juízes 8, 2 Crônicas 13, 1 Reis 20 e Ester 9, não tanto.
2. "Japanese Martyrs" ["Mártires japoneses"], em *Catholic Encyclopedia* [*Enciclopédia católica*]. <http://www.newadvent.org/cathen/09744a.htm> (acessado em 20/3/2011).
3. "Bosnia Marks War Anniversary" ["A Bósnia relembra o aniversário da guerra"], BBC, 6/4/2002.
4. Sakuntala Narasimhan, *Sati: Widow Burning in India* [*Sati: A morte das viúvas na fogueira na Índia*] (Nova York: Doubleday, 1992), diz que 7.941 viúvas foram queimadas vivas durante a Presidência de Bengala, 1815-28, e também cita Rammohun Roy que quase dez vezes mais incidentes ocorreram em Bengala do que em qualquer outra parte. Meu cálculo é que houve cerca de 8.735 (= 1,1x7.941) satis em toda a Índia nos 14 anos, ou cerca de 62.400 em um século.
5. Charles Carlton, *Going to the Wars: The Experience of the British Civil Wars, 1638-1651* [*Indo para as guerras: A experiência das guerras civis britânicas, 1638-1651*] (Nova York: Routledge, 1992), p. 211.
6. John Daniszewski, "On 25th Anniversary of Civil War, Lebanese Rally for Account of Missing" ["No 25º aniversário da guerra civil, esforço conjunto libanês para encontrar os desaparecidos"], *Los Angeles Times*, 14/4/2000; "Casualty Toll of Lebanese Civil War Put at 144,000" ["Número de baixas na guerra civil libanesa calculado em 144 mil"], *Associated Press*, 9/3/1992.
7. "Ten Dead in Fighting in Algeria" ["Dez mortos em combates na Argélia"], *France Presse*, 23/6/2003; Gilles Trequesser, "Bouteflika Aides Say Algerian Leader Ahead in Poll" ["Assessores de Bouteflika dizem que líder está à frente nas pesquisas"], *Reuters News*, 8/4/2004.

8. Peter C. Phan, *Vietnamese-American Catholics* [Católicos vietnamita-americanos] (Mahwah, NJ: Paulist Press, 2005), p. 88; Bernard B. Fall, *Last Reflections on a War: Bernard B. Fall's Last Comments on Vietnam* [Últimas reflexões sobre uma guerra: Últimos comentários de Bernard B. Fall sobre o Vietnã] (Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 2000), p. 44.
9. Lincoln, *Red Victory* [Vitória vermelha], p. 319.
10. Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire* [Declínio e queda do Império Romano], vol. 5, cap. 54, "Paulicians" ["Paulicianos"], na *Encyclopaedia Britannica*, 11ª ed., vol. 20, p. 960.
11. John Lothrop Motley, *Rise of the Dutch Republic* [Ascensão da República Holandesa] (Nova York: Harper & Brothers, 1855), p. 497; Philip Schaff, *History of the Christian Church* [História da Igreja cristã] (Nova York: Scribner, 1910), p. 180.
12. Paul Johnson, *A History of the Jews* [Uma história dos judeus] (Nova York: Harper Perennial, 1988), pp. 259-260.
13. Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 4, cap. 47.
14. Gibbons, "Recent Developments in the Study of the Great European Witch Hunt" ["Recentes descobertas no estudo da grande caça às bruxas na Europa"] (defendendo cálculos de 40 mil a 60 mil).

A Rebelião Fang La

1. Lieu, *Manichaeism in Central Asia and China* [Maniqueísmo na Ásia central e na China], citando uma antiga fonte chinesa (*Ch'ing-ch'i K'ou-kuei*). Isso abrange apenas o número de mortes na rebelião, não incluindo aquelas do subsequente colapso na fronteira.
2. William Hardy McNeill, *The Rise of the West: A History of the Human Community* [A ascensão do Ocidente: Uma história da comunidade humana] (Chicago: University of Chicago Press, 1990), pp. 311-313.
3. Lieu, *Manichaeism in Central Asia and China*; Lieu, *Manichaeism in the Later Roman Empire and Medieval China* [Maniqueísmo no Baixo Império Romano e na China medieval]. Youzhong Shi, *The Taiping Ideology: Its Sources, Interpretations, and Influences* [Ideologia Taiping: Suas fontes, interpretações e influências] (Seattle: University of Washington Press, 1967).

Gêngis Khan

1. Vagamente baseado em McEvedy, *Atlas of the World Population History* [Atlas da história da população mundial]. McEvedy afirma que a população da China declinou em 35 milhões durante o século XIII. Também diz que o declínio da população nas regiões ocidentais da conquista mongol chega a 2,75 milhões. Ao todo, parece que a Eurásia tinha menos 37.750 mil pessoas depois da passagem dos mongóis. Eu arredondei esse número para evitar ficar fingindo muita precisão.
2. Osborn, "Genghis Khan" ["Gêngis Khan"]; Pocha, "Once-Feared Invader's Reputation" ["A reputação do invasor antes temido"].
3. Mayell, "Genghis Khan a Prolific Lover" ["Gêngis Khan, um amante prolífico"].
4. Weatherford, *Genghis Khan*, p. 115.
5. Ibid., p. 117. Compare isso com a certeza com a qual Weatherford relata as atrocidades europeias na folha oposta. Ele descreve os europeus jogando futebol com cabeças decepadas, enforcando prisioneiros no muros, arrancando seus membros e, pior ("Os alemães então agarravam crianças capturadas e as amarravam nas catapultas"), sem nenhum "ao que consta" ou "supõe-se" (p. 116). Também observe como a morte do genro na batalha é descrita como "assassinato".
6. Hildinger, *Warriors of the Steppe* [Guerreiros da estepe], p. 113.
7. Ibid., p. 116.
8. Keegan, *History of the Warfare* [História da guerra], pp. 160-162.

9. Watherford, *Genghis Khan*, pp. 113-114.
10. Hildinger, *Warriors of the Steppe*, pp. 21-23; Keegan, *History of the Warfare*, pp. 162-163.
11. Man, *Genghis Khan*, p. 142.
12. Grousset, *Conqueror of the World* (Conquistador do mundo), p. 196.
13. Man, *Genghis Khan*, pp. 167-168.
14. *Ibid.*, p. 174.
15. Grousset, *Conqueror of the World*, pp. 208-211.
16. *Ibid.*, pp. 217-218.
17. *Ibid.*, p. 235.
18. *Ibid.*, p. 223.
19. *Ibid.*, pp. 227-229.
20. Juvayni, *Genghis Khan*, p. 197.
21. Grousset, *Conqueror of the World*, p. 237; Man, *Genghis Khan*, pp. 174-177.
22. Grousset, *Conqueror of the World*, p. 264.
23. Man, *Genghis Khan*, p. 262; McEvedy, *Atlas of World Population History*, p. 172; Morgan, *Mongols [Mongóis]*, p. 83, citando John D. Langlois, *China Under Mongol Rule [A China sob o governo dos mongóis]*; McFarlane, em *Savage Wars of Peace [Selvagens guerras de paz]*, p. 50, estima que a população chinesa foi reduzida à metade em cinquenta anos, 60 milhões de pessoas morrendo ou deixando de ser substituídas.
24. Man, *Genghis Khan*, p. 180; McEvedy, *Atlas of World Population History*, pp. 78, 152-156.
25. Durand, "Population Statistics of China" ["Estatísticas populacionais da China"].
26. Grousset, *Conqueror of the World*, p. 223.
27. Morgan, *Mongols*, p. 79.
28. *Ibid.*, pp. 79-81.
29. Weatherford, *Genghis Khan*, p. 114.
30. *Ibid.*, p. 118.
31. Man, *Genghis Khan*, p. 177.
32. *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary [Dicionário Merriam-Webster para universitários]*, 10^a ed. (Springfield, MA: Merriam-Webster, 1999), p. 842.

A Cruzada albigense

1. Esse é o cálculo tradicional de mortos dado para a guerra contra os cátaros. Não sei de onde se originou, nem o encontrei em alguma história da França de cunho acadêmico, mas esse número é geralmente repetido nos estudos religiosos, por exemplo: Christopher Brookmyre, *Not the End of the World [Não é o fim do mundo]* (Nova York: Grove Press, 1998), p. 39; Max Dimont, *Jews, God, and History [Judeus, Deus e a história]* (Nova York: Penguin, 1994), p. 225; Dizerega Gus, *Pagans and Christians: The Personal Spiritual Experience [Pagãos e cristãos: a experiência espiritual pessoal]* (St. Paul, MN: Llewellyn, 2001), p. 195; Helen Ellerbe, *The Dark Side of the Christian History [O lado sombrio da história cristã]* (Orlando, FL: Morningstar & Lark, 1995), p. 74; Michael Newton, *Holy Homicide [Homicídio santo]* (Port Townsend, WA: Loompanics, 1998), p. 117. O número vem rolando por aí há pelo menos um século; ver John M. Robertson, *A Short History of Christianity [Uma breve história do cristianismo]* (Londres: Watts, 1902), p. 254 ("Tem sido calculado que 1 milhão de pessoas de todas as idades foram mortas").
2. O'Shea, *Perfect Heresy [A heresia perfeita]*, pp. 75-87.
3. *Ibid.*, p. 106.
4. Riley-Smith, *Crusades*, p. 137.

5. Ibid., p. 138.

6. Chalk e Jonassohn, *History and Sociology of Genocide* [*História e sociologia do genocídio*], pp. 114-134.

A invasão de Hulagu

1. A maioria das referências, mesmo hoje, dá como tendo sido mortas 800 mil pessoas em Bagdá. Embora esse seja um número claramente grande demais para uma única cidade, eu o considero viável para a guerra como um todo.

2. Frazier, “Destroying Baghdad” [“Destruindo Bagdá”]; Morgan, *Mongols*.

A Guerra dos Cem Anos

1. Tuchman, *Distant Mirror* [*Espelho distante*], pp. 70-71.

2. Mortimer, “Poitiers” [“Poitiers”], p. 41(7).

3. Joan Bos, “Charles VI of France”, *Joan’s Mad Monarch Series* [“Carlos VI da França”, *A série Monarcas loucos, de Joan Bos*]. http://www.xs4all.nl/~monarchs/madmonarchs/charles6/charles6_bio.htm (acessado em 20/3/2011); Tuchman, *Distant Mirror*, pp. 497-516.

4. Keegan, *Face of Battle* [*O rosto da batalha*], pp. 79-116.

5. Pratt, *Battles That Changed History* [*Batalhas que mudaram a história*], pp. 104-121.

6. Sorokin, *Social and Cultural Dynamics* [*Dinâmica social e cultural*], vol. 3, pp. 548-549, 560.

7. Turchin, *Historical Dynamics* [*Dinâmica histórica*], p. 180.

8. Philip Pregill, *Landscapes in History* [*Paisagens na história*], 2ª ed. (Nova York: John Wiley, 1999), p. 167 (a população da França começou com aproximadamente 19 milhões, mas declinou de um terço ao final da Guerra dos Cem Anos); Frederic J. Baumgartner, *France in the Sixteenth Century* [*A França no século XVI*], (Nova York: St. Martin’s Press, 1995), p. 65 (a população da França era de 20 milhões em 1340, 10 milhões um século mais tarde); Henry Heller, *Labour, Science and Technology in France 1500-1620* [*Trabalho, ciência e tecnologia na França 1500-1620*] (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2002), p. 202 (17 milhões no início do século XIV; 9 milhões em 1440). Na maioria dos países a Peste Negra matou um terço da população, mas a população francesa, aparentemente, declinou para a metade, de modo que o um sexto extra de mortes (cerca de 3,33 milhões) talvez tenha sido causado pela guerra.

9. Robert S. Lopez, em Edward Miller, ed. *The Cambridge Economic History of Europe from the Decline of the Roman Empire* [*A história econômica da Europa desde o declínio do Império Romano*], vol. 2 (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1979), p. 386.

A queda da dinastia Yuan

1. Mote e Twitchett, *Cambridge History of China* [*A história Cambridge da China*], vol. 7, p. 60.

2. Ibid.

3. Lorge, *War, Politics and Society in Early Modern China* [*Guerra, política e sociedade no início da China moderna*], p. 99; Edward L. Farmer, *Zhu Yuanzhang and Early Ming Legislation: The Reordering of Chinese Society* [*Zhu Yuganzhang e a legislação Ming inicial: A reordenação da sociedade chinesa*] (Leiden: Brill, 1995), p. 21.

4. Mote e Twitchett, *Cambridge History of China*, vol. 7, pp. 44-47.

5. S. L. Yang, J. Zhang, S. B. Dai, M. Li e X. J. Xu, “Effect of Deposition and Erosion within the Main River Channel and Large Lakes on Sediment Delivery to the Estuary of the Yangtze River” [“Efeito do assoreamento e erosão dentro do canal principal do rio e grandes lagos no depósito de sedimento no estuário do rio Yang-tsé”], *Journal of Geophysical Research* 112 (2007): F02005: “A área da superfície do lago Poyang decresceu de 5.050 km² em 1949 para 3.919 km² em 1995.”

6. Lorge, *War, Politics and Society in Early Modern China*, pp. 102-103; Michael E. Haskew et al., *Fighting Techniques of the Oriental World, AD 1200-1860* [*Técnicas de combate do mundo oriental, AD 1200-1860*] (Nova York: St. Martin's Press, 2008), p. 234.
7. Herbert Franke e Denis Twitchett, *The Cambridge History of China*, vol. 6; *Alien Regimes and Border States 907-1368* [*Regimes estranhos e Estados fronteiriços 907-1368*] (Nova York: Cambridge University Press, 1994), p. 622.

A guerra Bahmani-Vijayanagara

1. Scott e Firista, *Ferikshta's History of Dekkan from the First Mahummedan Conquests* [*A história do Deccan a partir das primeiras conquistas muçulmanas, por Ferikshta*], p. 26.
2. Ibid., pp. 27-30.
3. Sewell, *Forgotten Empire* [*O império esquecido*].

Tamerlão

1. Mediana de oito estimativas publicadas. Allen Howard Godbey, *The Lost Tribes a Myth: Suggestions towards Rewriting Hebrew History* [*As tribos perdidas – um mito: Sugestões para reescrever a história hebraica*] (Nova York: Ktav, 1974), p. 385 (“Estima-se que Gêngis Khan eliminou 20 milhões de pessoas; Tamerlão, 12 milhões”); McWilliam, “Uzbekistan Restores Samarkand” [“Uzbequistão restaura Samarcanda”] (“Um impiedoso conquistador, que, por uma estimativa pelo menos, causou a morte de cerca de 7 milhões de pessoas”); Ford, “Ex-Russian Satellite” [“Ex-satélite russo”] (“Tamerlão... foi responsável pela morte de 20 milhões de pessoas”); Kinzer, “Kinder, Gentler Tamerlane” [“Tamerlão mais bondoso, mais gentil”] (“Dizem que seu exército de turcos e mongóis matou 17 milhões de homens, mulheres e crianças com suas ações violentas no século XIV”); Carpenter, “Barbaric Tamerlane” [“O bárbaro Tamerlão”] (“Calcula-se que seus exércitos... massacraram cerca de 17 milhões de pessoas”); Greenway, “New Waves across the Steppes” [“Novas ondas através das estepes”] (“Dizem que matou 15 milhões de pessoas”); Fenby, “Crossroads of Conquest” [“Encruzilhadas da conquista”] (“Um guerreiro local, mancando por causa de ferimentos de flecha, marchou para o norte, leste, oeste e sul para fundar um império próprio sobre cerca de 17 milhões de cadáveres”); McMahon, “Rehabilitation of Tamerlane” [“A reabilitação de Tamerlão”] (“uma estimativa de cerca de 17 milhões de pessoas mortas”).
2. Stephen Greenblatt, *Will in the World: How Shakespeare Became Shakespeare* [*A força de vontade no mundo: como Shakespeare tornou-se Shakespeare*] (Nova York: W. W. Norton, 2004), pp. 189-192.
3. Marozzi, *Tamerlane* [Tamerlão], p. 326.
4. Ibid., p. 65.
5. Ibid., p. 132.
6. Picton, “Tamerlane” [“Tamerlão”].
7. Marozzi, *Tamerlane*, pp. 113-114.
8. Ibid., p. 132.
9. Ibid., p. 153-154.
10. Hildinger, *Warriors of the Steppe* [Guerreiros da estepe], pp. 179-180; Marozzi, *Tamerlane*, p. 65.
11. Marozzi, *Tamerlane*, p. 190.
12. Hildinger, *Warriors of the Steppe*, pp. 179-180; Ruy Gonzalez de Clavijo e Guy Le Strange, *Embassy to Tamerlane: 1403-1406* [*Embaixada junto a Tamerlão: 1403-1406*] (Nova York: Routledge, 2004), p. 92.
13. Marozzi, *Tamerlane*, pp. 312-316.
14. Ibid., p. 82.

15. “Clavijo’s Embassy to Tamerlane” [“Embaixada de Clavijo junto a Tamerlão”]. <http://depts.washington.edu/silkroad/texts/clavijo/cltxt1.html> (acessado em 11/3/2011).
16. Hildinger, *Warriors of the Steppe*, p. 194.
17. Carpenter, “Barbaric Tamerlane”; Ford, “Ex-Russian Satellite”; Kinzer, “Kinder, Gentler Tamerlane”; McMahon, “Rehabilitation of Tamerlane”; McWilliam, “Uzbekistan Restores Samarkand.”

A conquista do Vietnã pela China

1. Geoff Wade, “Ming Colonial Armies in Southeast Asia” [“Exércitos coloniais da dinastia Ming no Sudeste Asiático”], em Hack e Rettig, *Colonial Armies in Southeast Asia [Exércitos coloniais no Sudeste Asiático]*, p. 84. Os historiadores chineses alegam que foram mortos 7 milhões de pessoas, e as planícies ficaram vermelhas de sangue. Para questão de escala, estou dividindo isso por dez e contando 700 mil, sem qualquer razão, qualquer que seja. O censo levado a efeito pelos Ming encontraram 5,2 milhões de pessoas no Vietnã depois da conquista.
2. Sun Laichen, “Military Technology Transfers from Ming China and the Emergence of Northern Mainland Southeast Asia; c. 1390-1527” [“Transferências de tecnologia militar da China dos Ming e a emergência do sudeste setentrional do continente asiático”], *Journal of Southeast Asia Studies* 34, n° 3 (1/10/2003), p. 495; Hack e Rettig, *Colonial Armies of Southeast Asia*, pp. 83-88.
3. Minh Do, “Le Loi’s Struggle: Under the Ming Dynasty [“A luta de Le Loi: sob a dinastia Ming”], *VietNow Magazine*, 31/7/1997, p. 15.

Sacrifícios humanos astecas

1. Carrasco, *City of Sacrifice [Cidade do sacrifício]*, p. 51, citando Bernal Díaz del Castillo.
2. Time-Life Books, *Aztecs [Astecas]*, pp. 99-100.
3. Harris, *Cannibals and Kings [Canibais e reis]*, pp. 149-151.
4. Carrasco, *City of Sacrifice*, pp. 196-197.
5. *Ibid.*, pp. 204-207.
6. Time-Life Books, *Aztecs*, p. 103.
7. Cocker, *Rivers of Blood [Rios de sangue]*, p. 47.
8. Essa teoria foi mais recente e intensamente defendida pelos antropólogos Michael Harner e Marvin Harris na década de 1970, mas ela também aparece no livro de Edward John Payne, *History of the New World Called America [História do novo mundo chamado América]*, vol. 2 (Oxford: Clarendon Press, 1899), p. 550.
9. Carrasco, *City of Sacrifice*, p. 167; Kyle, *Spectacles of Death in Ancient Rome [Espetáculos de morte na Roma antiga]*, p. 152.
10. Marvin Harris, *Cultural Materialism: The Struggle for a Science of Culture [Materialismo cultural: A luta por uma ciência da cultura]* (Nova York: Vintage, 1980), pp. 333-340.
11. Juan Antonio Llorente, secretário-geral da Inquisição de 1789 a 1801, calculou que foram executados 31.912 de 1480 a 1808. Will Durant, *The Reformation: A History of European Civilization from Wyclif to Calvin, 1300-1564 [A Reforma: Uma história da civilização europeia de Wyclif a Calvino, 1300-1564]* (Nova York: Simon & Schuster, 1957), p. 215.
12. Gibbons, “Recent Developments in the Study of the Great European Witch Hunt [“Recentes avanços no estudo da grande caça às bruxas na Europa”].
13. Peter Hessler, “The New Story of China’s Ancient Past” [“A nova história do passado antigo da China”], *National Geographic*, julho, 2003.
14. Keen, *Aztec Image of the Western Thought [A imagem dos astecas no pensamento ocidental]*, pp. 96-97.
15. Cocker, *Rivers of Blood*, p. 47; Harris, *Canibals and Kings*, p. 159.

16. Cook e Borah, citados em Harner, "Enigma of Aztec Sacrifice" ["O enigma do sacrifício asteca"].
17. William Prescott, *History of the Conquest of Mexico* [*História da conquista do México*], ed. Montezuma (Londres: Lippincott, 1904; publicado originalmente em 1843), p. 94.
18. Keen, *Aztec Image in Western Thought*, p. 256.
19. Harner, "Enigma of Aztec Sacrifice".

Tráfico de escravos no Atlântico

1. Meu cálculo se baseia em diversas percentagens citadas neste capítulo. O número total de mortes para o comércio de escravos transatlântico pareceria ser algo como 14 a 18 milhões, o que é a soma de 10 a 12 milhões de mortes na África (metade do total capturado), mais 1 a 2 milhões de mortes no oceano (10% a 15% do número que foi transportado), mais 3 a 4 milhões de mortes no primeiro ano nas Américas (um terço dos que chegavam). Isso se traduz num cálculo bem grosseiro de que três escravos morriam para cada dois transportados através do oceano.
 Outras estimativas do total de mortes:
 Stannard, *American Holocaust* [*O Holocausto americano*], pp. 151, 317: 30 a 60 milhões.
 R u m m e l , *Statistics of Democide* [*Estatística de democídio*], <http://www.hawaii.edu/powerkills/SOD.TAB2.1A.GIF>: 13.667.000
 Rogozinski, *Brief History of the Caribbean* [*Breve história do Caribe*], p. 128: 8 milhões morreram a fim de levar 4 milhões de escravos para o Caribe.
 Drescher, "Atlantic Slave Trade and the Holocaust" ["O comércio de escravos no Atlântico e o Holocausto"], pp. 66-67: 6 milhões.
2. Meltzer, *Slavery* [*Escravidão*], vol. 2, p. 2.
3. Thomas, *Slave Trade* [*O comércio de escravos*], pp. 373-379.
4. Hochschild, *Bury the Chains* [*Enterrem as correntes*], p. 31.
5. Rogozinski, *Brief History of the Caribbean*, p. 127.
6. Stannard, *American Holocaust*, p. 317; Hochschild, *Bury the Chains*, p. 31 (50% morreram em marchas forçadas e nos "barracões"); Lloyd, *Navy and the Slave Trade* [*A marinha e o comércio de escravos*], p. 118 (50%, citando Boxtton).
7. Alexander Falconbridge, *An Account of the Slave Trade on the Coast of Africa* [*Um relato do comércio de escravos na costa da África*] (Londres: J. Phillips, 1788), p. 18.
8. Thomas, *Slave Trade*, legenda da ilustração 75.
9. Olaudah Equiano, *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano* [*A interessante narrativa da vida de Olaudah Equiano*] (Boston: Knapp, 1837), pp. 43-44.
10. Rogozinski, *Brief History of the Caribbean*, p. 127.
11. Thomas, *Slave Trade*, p. 416.
12. Ibid., p. 417.
13. Ibid., p. 804; Rogozinski, *Brief History of the Caribbean*, p. 123.
14. Philip Curtin's, *Atlantic Slave Trade: A Census* [*O comércio de escravos no Atlântico: Um censo*] (Madison: University of Wisconsin Press, 1969) é provavelmente o mais importante estudo das estatísticas sobre o tráfico marítimo. Ele estima que 11,8 milhões de escravos foram embarcados e 9,4 milhões chegaram a seu destino. Outras autoridades: Davidson, *Africa in History* [*A África na história*], p. 208 (10 a 12 milhões); Hochschild, *Bury the Chains*, p. 32 (11 milhões partiram, 9,6 milhões chegaram); Meltzer, *Slavery*, vol. 2, p. 51 (10 milhões foram importados, citando Philip D. Curtin; as estimativas mais antigas de 15 a 20 milhões eram "palpites sem base"); Stannard, *American Holocaust*, p. 317 (12 a 15 milhões sobreviveram); Thomas, *Slave Trade*, p. 804 (13 milhões partiram dos portos africanos, e 11.328 mil chegaram às Américas).
15. Davidson, *Africa in History*, p. 215 (10% a 15%); Meltzer, *Slavery*, vol. 2, p. 50 (12,5% morreram

- na viagem no século XVIII); Rogozinski, *Brief History of the Caribbean*, p. 127 (13%); Stannard, *American Holocaust*, p. 317 (10%); Thomas, *Slave Trade*, p. 424 (9% é uma estimativa razoável para o século XVIII).
16. Hochschild, *Bury the Chains*, p. 32; Thomas, *Slave Trade*, p. 709.
 17. Thomas, *Slave Trade*, pp. 310-311.
 18. James A. McMillian, *The Final Victims: Foreign Slave Trade to North America, 1783-1810* [As vítimas finais: O comércio estrangeiro de escravos para a América do Norte, 1783-1810] (Colúmbia: University of South Carolina Press, 2004), p. 61.
 19. Hochschild, *Bury the Chains*, p. 63 (um terço morria nos três primeiros anos); Meltzer, *Slavery*, vol. 2, p. 50 (4% a 5% morriam esperando no porto; 33% morriam enquanto se aclimatavam); Stannard, *American Holocaust*, p. 317 (metade morria na aclimação).
 20. Hochschild, *Bury the Chains*, pp. 63-66.
 21. Rogozinski, *Brief History of the Caribbean*, pp. 124, 138.
 22. Thomas, *Slave Trade*, p. 805.
 23. Jordan, *White Man's Burden* [O fardo do homem branco], pp. 52-68.
 24. John P. Jackson e Nadine M. Weidman, *Race, Racism, and Science: Social Impact and Interaction* [Raça, racismo e ciência: Impacto e interação social] (Santa Bárbara, CA: ABC-CLIO, 2004), pp. 24-27; Jordan, *White Man's Burden*.
 25. Drescher, "Atlantic Slave Trade and the Holocaust", p. 72.
 26. Mary Turner, *Slaves and Missionaries: The Desintegration of Jamaican Slave Society, 1787-1834* [Escravos e missionários: A desintegração da sociedade escravagista jamaicana, 1787-1834] (Kingston, Jamaica: Press University of the West Indies, 1998), pp. 8-9.
 27. Lloyd, *Navy and the Slave Trade*, p. 118.
 28. James Walvin, *Black Ivory* [O marfim negro] (Malden, MA: Blackwell, 2001), p. 265.
 29. McEvedy, *Penguin Atlas of African History* [Atlas Penguin da história africana], p. 97.
 30. Randall M. Miller e Smith, John David. *Dictionary of Afro-American Slavery* [Dicionário da escravidão afro-americana] (Nova York: Greenwood Press, 1988), p. 594.

A conquista das Américas

1. Colombo, trad. Markham, *Journal of Christopher Columbus* [Diário de Cristóvão Colombo], p. 38.
2. Ibid., p. 135.
3. Zinn, *People's History of the United States* [A história do povo dos Estados Unidos], p. 1.
4. Colombo, trad. Markham, *Journal of Christopher Columbus*, p. 51.
5. Meltzer, *Slavery* [Escravidão], vol. 2, p. 6.
6. Zinn, *People's History of the United States*.
7. Cocker, *Rivers of Blood* [Rios de sangue], pp. 34, 63-65.
8. Meltzer, *Slavery*, vol. 2, p. 6.
9. Rogozinski, *Brief History of the Caribbean* [Breve história do Caribe], pp. 26-27.
10. "Unearthing Evidence of a Caribbean Massacre" ["Desenterrando provas de um massacre caribenho"], *Los Angeles Times*, 21/8/1997.
11. Rogozinski, *Brief History of the Caribbean*, p. 31.
12. Ibid., p. 30.
13. Cocker, *Rivers of Blood*, p. 27.
14. Hanson, *Carnage and Culture* [Carnificina e cultura], pp. 173-176; Cocker, *Rivers of Blood*, pp. 53-60.
15. Cocker, *Rivers of Blood*, pp. 94-95.

16. Becky Branford, "History Echoes in the Mines of Potosi" ["Ecos da história nas minas de Potosi"], BBC News Online, 18/10/2004, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/3740134.stm>. Cálculos de quantos morreram em Potosi chegam a 8 milhões; entretanto, isso chega a 20 mil mortes relacionadas com a mina por ano, de 1549 a 1949, numa comunidade cuja população atingiu o máximo de 200 mil pessoas e caiu pela metade com o esgotamento do filão. Isso é pelo menos 10% morrendo todo ano durante metade de um milênio. Até mesmo o Gulag teve dificuldade em ser tão letal, de modo que eu duvido dessas estimativas tão altas.
17. Thornton, *American Indian Holocaust and Survival* [*Holocausto e sobrevivência dos indígenas americanos*], p. 69.
18. Zinn, *People's History of the United States*, pp. 14-15.
19. Osborn, *Wild Frontier* [*Fronteira selvagem*], p. 243.
20. *Ibid.*, p. 139.
21. *Ibid.*, p. 156.
22. Utley e Washburn, *Indian Wars* [*Guerras indígenas*], pp. 126-127.
23. *Ibid.*, p. 129.
24. Thornton, *American Indian Holocaust and Survival*, p. 118.
25. Utley e Washburn, *Indian Wars*, p. 203.
26. Osborn, *Wild Frontier*, p. 217.
27. *Ibid.*, p. 225.
28. *Ibid.*, p. 240.
29. Ribeiro, "Indigenous Cultures and Languages in Brazil" ["Culturas e línguas indígenas no Brasil"].
30. Stephen T. Katz, "Uniqueness: The Historical Dimension" ["Singularidade: A dimensão histórica"], em Alan S. Rosenbaum, ed., *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide* [*O Holocausto é único? Perspectivas do genocídio comparativo*] (Boulder, CO: Westview Press, 1996), p. 21.
31. Citado em Kiernan, *Blood and Soil* [*Sangue e solo*], p. 227.
32. Stannard, *American Holocaust* [*Holocausto americano*], p. 58.
33. Loewen, *Lies My Teacher Told Me* [*Mentiras que meu professor me contou*], p. 82. A primeira frase é citando Karen Kupperman.
34. Diamond, *Guns, Germs, and Steel* [*Armas, germes e aço*], p. 78.
35. Stannard, *American Holocaust*, p. 107. Também preciso destacar que, de qualquer modo, 100 mil é muito mais do que a maioria dos estudiosos do assunto calculava para a população original.
36. David E. Stannard, "The Politics of Genocide Scholarship" ["A política do estudo acadêmico do genocídio"], em Alan S. Rosenbaum, ed., *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide* (Boulder, CO: Westview Press, 1996), p. 178. Por uma estimativa, 2,4 milhões das 5,1 milhões de vítimas do Holocausto morreram de doenças em guetos e campos de concentração.
37. Rummel, *Statistics of Democide*, <http://www.hawaii.edu/powerkills/SOD.TAB2.1A.GIF> (acessado em 20/3/2011).
38. *The New York Public Library American History Desk Reference* (Nova York: Macmillan, 1997), p. 15.
39. Thornton, *American Indian Holocaust and Survival*, p. 23; Stannard, *American Holocaust*, pp. 266-267, 339-342.
40. Livi-Bacci, *Concise History of World Population History* [*História concisa da história da população mundial*], p. 31; Coe, Dean e Benson, *Atlas of Ancient America* [*Atlas da América antiga*], p. 13; Mann, 1491, p. 148.
41. A solução mais fácil seria calcular grosseiramente que de um terço a dois terços do declínio da

população podem ser atribuídos aos europeus. Isso faz 11 a 24 milhões do total de 35 milhões.

Se preferirmos montar uma acusação caso a caso, vamos ignorar os palpites sem base sobre as populações pré-colombianas, e contar apenas o número autenticado de nativos que desapareceram sob o domínio europeu, conforme registrado de um recenseamento colonial até o seguinte. Bem, depois que a primeira onda de doenças já fizera o pior, e os espanhóis dominavam a cena, 112 mil nativos de Cuba desapareceram entre 1512 e 1600, assim como 5.300 mil mexicanos (1548-1605) e 700 mil peruanos (1572-1620) (Livi-Bacci, *Concise History of World Population History* [*História concisa da história da população do mundo*], pp. 55-56). Na ilha de Hispaniola, a população caiu de 60 mil em 1508 para quinhentos em 1548 (Meltzer, *Slavery*, vol. 2, p. 8). De acordo com Russell Thornton, em *American Indian Holocaust and Survival*, p. 90, a população da América do Norte caiu de 600 mil em 1800 para 200 mil em 1890, durante o avanço da fronteira americana. Depois, há os 800 mil índios da região amazônica que desapareceram durante o século XX. Como os governos são geralmente acusados das coisas ruins que acontecem sob sua guarda, são 7,3 milhões de vidas bem documentadas que se perderam sob o domínio do Ocidente, em apenas alguns cálculos rápidos, os quais nos dão uma linha-base como ponto de partida. E isso nem mesmo leva em conta a América Central ou os astecas e incas, os quais foram mortos diretamente durante a conquista.

Isso sugere uma amplitude exterior de 7 a 24 milhões de mortes com culpados, o que significa que, independentemente do número exato de mortes, a conquista das Américas tem uma colocação alta na minha escala, ficando não abaixo do número 19 e possivelmente chegando a ser a de número 4.

Genocídio

1. Diamond, *Third Chimpanzee* [*O terceiro chimpanzé*], pp. 289, 299.
2. *Ibid.*, p. 303.
3. A mediana de 12 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c5m.htm#Holocausto>.
4. A mediana de seis estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c5m.htm#Holodomor>.
5. O número de mortos é a média geométrica do número mais alto (1 milhão) e mais baixo (250 mil). Ian Hancock, "Responses to the Romani Holocaust" ["Respostas ao holocausto romani"], em Alan S. Rosenbaum, ed., *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide* (Boulder, CO: Westview Press, 1996), pp. 39-64.
6. O número é a média geométrica do número mais alto (1,2 milhão de mortos, calculado pelo governo tibetano no exílio) e do número mais baixo (100 mil mortos, calculado por Jack Nusan Porter, *Genocide and Human Rights* [*Genocídio e direitos humanos*] (Washington, DC: University Press of America, 1982).
7. Mediana de cinco estimativas publicadas. Ver <http://necrometrics.com/20c5m.htm#Yugo>.
8. Martin Menncke et al. "Genocide in Bosnia-Herzegovina" ["Genocídio na Bósnia-Herzegovina"], em Samuel Totten et al., eds. *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts* [*O século do genocídio: Ensaos críticos e relatos de testemunhas oculares*], 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), p. 422.
9. Totten, *Dictionary of Genocide A-L* [*Dicionário do genocídio A-L*], p. 26.
10. McEvedy, *Penguin Historical Atlas of the Pacific* [*Atlas histórico Penguin do Pacífico*], p. 76.
11. "Experts Double 1788 Estimate of Aborigenes" ["Especialistas dobram a estimativa de aborígenes feita em 1788"], *Advertiser*, 26/2/1987, citando Derek John Mulvaney e John Peter White, *Australians to 1788* [*Australianos até 1788*] (Broadway, NSW, Australia Fairfax: Syme & Weldon Associates, 1987).
12. Diamond, *Third Chimpanzee*, p. 283; Cocker, *Rivers of Blood*, p. 177.

13. Ben Kiernan, "The First Genocide: Carthage 146 BC" ["O primeiro genocídio: Cartago 146 a.C."], *Diogenes* 203 (2004), pp. 27-39.
14. A mediana de 13 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c1m.htm#Burundi72>.
15. A Comissão de Recepção, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste (CAVR), *Mortes relacionadas com o conflito em Timor-Leste: 1974-1999*, <http://www.cavr-timorleste.org/updateFiles/english/CONFLICT-RELATED%20DEATHS.pdf> (acessado em 11/3/2011).
16. Josué 8-11.
17. Alfred W. Crosby, *Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe 900-1900* [*Imperialismo ecológico: A expansão biológica da Europa 900-1900*] (Nova York: Cambridge University Press, 2004), p. 80.
18. Pakenham, *Scramble for Africa* [*Competição pela África*], p. 615: a população dos namas foi reduzida em 10.200 (de 20 mil para 9.800) e a dos hereros em 65 mil (de 80 mil para 15 mil).
19. Números 31; David Plotz, "The Bible's Most Hideous War Crime" ["O mais odioso crime de guerra da Bíblia"]. *Slate*, 23/8/2006, <http://www.slate.com/id/2146473/entry/2148272>.
20. Diamond, *Third Chimpanzee*, pp. 278-281.
21. Dale Mackenzie Brown, "The Fate of Greenland's Vikings" ["O destino dos viquingues da Groenlândia"], *Archeology*, 28/2/2000.
22. Douglas L. Oliver, *Polynesia in Early Historic Times* [*A Polinésia nos primeiros tempos históricos*] (Honolulu: Bess Press, 2002), p. 255.
23. Luigi Luca Cavalli-Sforza et al., *The History and Geography of Human Genes* [*A história e geografia dos genes humanos*] (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994), p. 366.
24. Segal, *Islam's Black Slaves* [*Os escravos negros do Islã*]; "Muhammad and Jews of Medina" ["Maomé e os judeus de Medina"], *Muhammad: Legacy of a Prophet* [*Maomé: O legado de um Profeta*], PBS, http://www.pbs.org/muhammad/ma_jews.shtml (acessado em 11/3/2011).
25. Chalk e Jonassohn, *History and Sociology of Genocide* [*História e sociologia do genocídio*], p. 65.
26. Xenofonte, *Hellenica* [*Helênica*], trad. por H. G. Dakyns, livro 2, cap. 2, <http://www.gutenberg.org/files/1174/1174-h/1174-h.htm> (acessado em 9/3/2011).

Guerras entre a Birmânia e o Sião

1. O inglês Peter Williamson Floris, visitando Bangcoc em 1612, descreveu essas guerras como "a ocasião da quase total destruição do reino de Pegu, causando a perda de muitos milhões de vidas". Múltiplas testemunhas contemporâneas consideraram claramente essas guerras como extraordinariamente destrutivas. Para fins de colocação na escala, estou considerando o número de mortos nesses conflitos como sendo 900 mil, baseado na contagem de cadáveres em cada evento individualmente, o que admitirei ser bastante duvidoso caso a caso, mas pode refletir uma ordem precisa de magnitude como um todo. Anthony Reid, em *Southeast Asia in the Age of Commerce* [*O sudeste da Ásia na era do comércio*] (New Haven, CT: Yale University Press, 1988), estimou a população combinada dos dois principais reinos em cerca de 5 milhões, com 23 milhões de pessoas por todo o Sudeste Asiático.
2. Gaspero Balbi, "Voyage to Pegu and Observations There, Circa 1583" ["Viagem a Pegu e observações (feitas) lá, por volta de 1583"], *SOAS Bulletin of Burma Research* 1, nº 2 (outono 2003), <http://www.soas.ac.uk/sbbr/editions/file64288.pdf> (acessado em 9/3/2011).
3. Fred Arthur Neale, *Narrative of a Residence at the Capital of the Kingdom of Siam* [*Narrativa da residência na capital do reino do Sião*] (Londres: Office of the Natural Illustrated Library, 1852), p. 208.
4. "Divine Rights" ["Direitos divinos"], *Bangkok Post*, 25/1/2001; "Mystery of a Princess" ["Mistério de uma princesa"], *Bangkok Post*, 25/2/1999; "Princess to the Rescue" ["A princesa

para o resgate”], *Nation* (Tailândia), 1/3/1999.

5. Sale, *Universal History [História universal]* (1759), vol. 7, p. 108.

6. “Warrior King Remains a Very Modern Mystery” [“O rei guerreiro permanece um mistério muito moderno”], *Nation* (Tailândia), 30/4/2006.

Guerras religiosas francesas

1. Knecht, *French Religious Wars [Guerras religiosas francesas]*, p. 91 (“O total de mortos durante as guerras tem sido calculado grosseiramente entre dois e quatro milhões”).

2. Frieda, *Chaterine de Medici*, p. 136.

3. Knecht, *French Religious Wars*, pp. 38-41.

4. *Ibid.*, pp. 41-46.

5. “Henry III” [“Henrique III”], na *Enciclopédia Britânica*, 11ª ed., vol. 13, p. 291; Horne, *La Belle France [A bela França]*, p. 89.

6. Frieda, *Catherine de Medici [Catarina de Medici]*, p. 255.

7. Knecht, *French Religious Wars*, p. 53.

8. Turchin, *Historical Dynamics [Dinâmica histórica]*, p. 181.

9. Frieda, *Catherine de Medici*, p. 328.

10. Horne, *La Belle France*, p. 91.

11. *Ibid.*, p. 98.

12. *Ibid.*, p. 97.

13. *Monty Python and the Holy Grail [Monty Python e o Santo Graal]*, dirigido por Terry Gilliam e Terry Jones (Sony Pictures, 1975).

A guerra russo-tártara

1. Henri Troyat, *Ivan the Terrible [Ivã, o Terrível]* (Nova York: E. P. Dutton, 1984), p. 144.

2. Blum, *Lord and Peasant in Russia [O senhor e o camponês na Rússia]*, p. 159.

3. O embaixador inglês Giles Fletcher relatou que 800 mil moscovitas morreram no incêndio e devido ao pânico, o que era claramente um exagero, mesmo se uma onda de refugiados do campo entrasse na cidade. A população de Moscou em tempo de paz fora calculada em 100 mil; então, depois do incêndio, em 1580, o embaixador papal registrou apenas 30 mil habitantes. Brian Glyn Williams, *The Crimean Tatars: The Diaspora Experience and the Forging of a Nation [Os tártaros da Crimeia: A experiência da diáspora e a construção de uma nação]* (Leiden: Brill, 2001), p. 50; Isabel de Madariaga, *Ivan the Terrible: First Tzar of Russia [Ivã, o Terrível: Primeiro czar da Rússia]* (New Haven, CT: Yale University Press, 2005), p. 266.

A Época dos Distúrbios

1. Duffy and Ricci, *Czars*, p. 174. “Embora não existam números confiáveis, tem-se que a população declinou fortemente durante a Época dos Distúrbios de 14 milhões para 9 milhões.” J. P. Cooper em *New Cambridge Modern History [Nova história moderna de Cambridge]*, vol. 4: *The Decline of Spain and the Thirty Years War 1609-48/49 [O declínio da Espanha e a Guerra dos Trinta Anos 1609-48/49]* (Nova York: Cambridge University Press, 1979), p. 602, oferece uma estimativa mais baixa da mesma ordem de magnitude: “As Perturbações haviam custado cerca de 2,5 milhões de vidas.”

2. Henri Troyat, *Ivan the Terrible* (Nova York: E. P. Dutton, 1984); Joan Bos, “Ivan IV of Russia” [“Ivã IV da Rússia”], *Joan's Mad Monarchs Series [Série Monarcas Loucos, de Joan Bos]*, http://www.xs4dall.nl/~monarchs/madmonarchs/ivan4/ivan4_bio.htm (acessado em 20/3/2011).

3. Riasanovsky, *History of Russia [História da Rússia]*, p. 156.

4. Dunning, *Short History of Russia's First Civil War* [*Breve história da Primeira Guerra Civil Russa*], pp. 43-44.
5. Harold Fisher, *The Famine in Soviet Russia 1919-1923: The Operations of the American Relief Administration* [*A fome na Rússia soviética 1919-1923: As operações da administração de auxílio americano*] (Freeport, NY: Books for Libraries Press, 1971), p. 475.
6. Riasanovsky, *History of Russia*, p. 160.
7. Dunning, *Short History of Russia's First Civil War*, pp. 150-158.
8. *Ibid.*, pp. 164-166.
9. *Ibid.*, p. 277.
10. *Ibid.*, p. 45.
11. *Ibid.*, pp. 83-90.
12. *Ibid.*, pp. 75-82; Riasanovsky, *History of Russia*, pp. 157-160, 172-174.

A Guerra dos Trinta Anos

1. Pratt, *Battles That Changed History* [*Batalhas que mudaram a história*], pp. 158-159.
2. Fuller, *Military History of the Western World* [*História militar do mundo ocidental*], p. 74.
3. Schiller, *History of the Thirty Years' War* [*História da Guerra dos Trinta Anos*], p. 144.
4. Hollway, "Thirty Years' War: Battle of Breitenfeld" ["A Guerra dos Trinta Anos: A Batalha de Breitenfeld"].
5. Britt et al., *Dawn of Modern Warfare* [*Aurora da guerra moderna*], pp. 44-45.
6. *Ibid.*, pp. 47-48.
7. Fuller, em *Military History of the Western World*, calculou 350 mil. Corvisier e Childs, em *A Dictionary of Military History and the Art of War* [*Um dicionário da história militar e a arte da guerra*], p. 469, calcularam 600 mil mortos em combates.
8. Wedgwood, *Thirty Years War* [*A Guerra dos Trinta Anos*], pp. 399-401.
9. *Ibid.*, pp. 399-400.
10. J. E. (John Frederic Charles) Fuller, *The Conduct of War: A Study of the Impact of French, Industrial, and Russian Revolutions* [*A condução da guerra: Um estudo do impacto das revoluções francesa, industrial e russa*] (Nova York: Da Capo Press, 1992), p. 15.
11. Wedgwood, *Thirty Years War* (1938): a população declinou de 21 milhões para 13,5 milhões.
12. Geoffrey Parker, *The Thirty Years' War* (Nova York: Routledge, 1997), p. 188: a população declinou de 20 milhões para 16 ou 17 milhões.
13. Um olhar para algumas fontes terciárias mostrará o apoio relativo a números diferentes: Davies, *Europe*, p. 568 (perdeu 8 milhões); Richard S. Dunn, *The Age of Religious Wars 1539-1715* [*A era das guerras religiosas 1539-1715*], 2ª ed. (Nova York: W. W. Norton, 1979) (perdeu de 7 a 8 milhões); McFarlane, *Savage Wars of Peace* [*As selvagens guerras da paz*] (7,5 milhões); John Landers, *The Field and the Forge* [*O campo e a forja*] (Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2003), p. 352 (5 a 6 milhões); McEvedy, *Atlas of World Population History* [*Atlas da história da população mundial*], p. 68, "Alemanha" (fronteiras modernas) (2 milhões). Sem qualquer garantia, se usarmos o truque discutido em outra parte deste livro, a média geométrica entre o número mais alto (12 milhões) e o mais baixo (3 milhões) é de 6 milhões.
14. Michael Burger, *The Shaping of Western Civilization from Antiquity to the Enlightenment* [*A formação da civilização ocidental desde a Antiguidade até o Iluminismo*] (Toronto: University of Toronto Press, 2008), pp. 232-236; Scott A. Merriman, *Religion and the Law in America: An Encyclopedia of Personal Belief and Public Policy* [*A religião e a lei nos Estados Unidos: Uma enciclopédia de crença pessoal e política pública*], vol. 1 (Santa Bárbara, CA: ABC-CLIO, 2007), pp. 84-89.

O colapso da dinastia Ming

1. Spence, *Search for Modern China* [A busca pela China moderna], pp. 21-22.
2. Paul E. Schellinger e Robert M. Salkin, eds. *International Dictionary of Historic Places* [Dicionário internacional de lugares históricos], vol. 5; *Asia and Oceania* [Ásia e Oceania] (Chicago: Fitzroy Dearborn, 1996), p. 424; Henry Smith Williams, *The Historian's History of the World: A Comprehensive Narrative* [A história mundial para historiadores: uma narrativa abrangente], vol. 24 (Nova York: Trow Press, 1909), p. 554.
3. Spence, *Search for Modern China*, pp. 20-21.
4. Frederic Wakeman Jr., "The Shun Interregnum of 1644" ["O Interregno Shun de 1644"], em Jonathan D. Spence e John E. Willis, eds., *From Ming to Ch'ing* [De Ming a Ch'ing] (New Haven, CT: Yale University Press, 1979), pp. 43-52.
5. Spence, *Search for Modern China*, p. 24.
6. Clements, *Coxinga and the Fall of the Ming Dynasty* [Coxinga e a queda da dinastia Ming], pp. 99-108.
7. Frederic Wakeman Jr., *Great Enterprise: The Manchu Reconstruction of the Imperial Order in Seventeenth Century China* [Grande empreendimento: A reconstrução Mandchu da ordem imperial na China do século XVII] (Berkeley: University of California Press, 1986), p. 507.
8. Spence, *Search for Modern China*, p. 22.
9. "Skeletons of Massacre Victims Uncovered at Construction Site" ["Esqueletos de vítimas de massacre desenterrados num local de construção"], *Shanghai Star*, 11/4/2002. app1.chinadaily.com.cn/star/2002/0411/cn8-3.html.
10. Spence, *Search for Modern China*, p. 37.
11. *Ibid.*, p. 38.
12. "Chang Hsien-chung", em *Encyclopaedia Britannica*, 15ª ed., vol. 3, p. 83.
13. McEvedy, *Atlas of World Population History* [Atlas da história da população mundial]; McFarlane, *Savage Wars of Peace* [As selvagens guerras da paz].
14. Ver os filmes de Kurosawa *Seven Samurai* [Os sete samurais], *Kagemusha* [Kagemusha], *Ran*, *The Hidden Fortress* [A fortaleza escondida], *Throne of Blood* [Trono de sangue], *Yojimbo* [Yojimbo] e *Rashmon* [Rashmon]. É verdade. Vá vê-los. São grandes filmes.
15. Spence, *Search for Modern China*, p. 23.

A invasão da Irlanda por Cromwell

1. David Lawrence Smith, *A History of the Modern British Isles, 1603-1707: The Double Crown* [A história das modernas ilhas britânicas, 1603-1707: A coroa dupla] (Oxford, Reino Unido: Blackwell, 1998), p. 416 (a população declinou de 2,1 milhões em 1641 para 1,7 milhões em 1672); Fuller, *Military History of the Modern World* [História militar do mundo moderno], vol. 2, p. 112 (500 mil mortos).
2. *Oliver Cromwell's Letters and Speeches: Including the Supplement to the First Edition With Elucidation by Thomas Carlyle* [Cartas e discursos de Oliver Cromwell: Inclusive o suplemento à primeira edição com elucidação por Thomas Carlyle], vol. 2 (Nova York: Harper & Brothers, 1859), p. 493.
3. *Oliver Cromwell's Letters and Speeches: With Elucidation by Thomas Carlyle*, vol. 1 (Nova York: Wiley & Putnam, 1845), pp. 383-384.
4. Garth Stevenson, *Parallel Paths: The Development of Nationalism in Ireland and Quebec* [Caminhos paralelos: O desenvolvimento do nacionalismo na Irlanda e em Quebec] (Montreal: McGill-Queen's University Press, 2006), p. 29.
5. Norman Davies, *The Isles: A History* [As ilhas: Uma história] (Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1999), p. 594.

Aurangzeb

1. Dois milhões mortos de fome, mais 100 mil soldados anualmente, por 26 anos. Originalmente calculado por Niccolao Manucci em *Mogul India* [*A Índia Mogul*], p. 96; Manucci foi um veneziano, mercenário, médico e diplomata que vivia na Índia na época.
2. Gascoigne, *Great Moguls* [*Grandes Moguls*], p. 229.
3. Keay, *India*, p. 342-343.
4. *Ibid.*, p. 361.
5. *Ibid.*, p. 353.
6. *Ibid.*, p. 357.
7. A estimativa de Manucci (*Mogul India*, p. 96) é repetida quase sem ceticismo por parte de Wolpert, *New History of India* [*Nova história da Índia*], p. 167; Hansen, *Peacock Throne* [*O trono do pavão*], pp. 477-478; e Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts* [*Guerra e conflitos armados*], vol. 1, p. 56.

A grande guerra turca

1. Levy, *War in the Modern Great Power System* [*A guerra no moderno sistema das grandes potências*].
2. Goodwin, *Lords of the Horizon* [*Senhores do horizonte*], pp. 228-236; Palmer, *Decline and Fall of the Ottoman Empire* [*Declínio e queda do Império Otomano*], pp. 8-15.
3. “Hungarian Hero to Be Commemorated” [“Herói húngaro vai ser comemorado”], *Turkish Daily News*, 12/9/2005.
4. Robert A. Selig, “Carlowitz, the Rakoczi Revolt, and the Origins of German Settlement in Hungary” [“Carlowitz, a revolta Rakoczi e as origens da colonização alemã na Hungria”], *German Life*, 31/3/1999.

Pedro, o Grande

1. Recenseamentos sequenciais mostraram uma diminuição na proporção de contribuintes na Rússia durante o reinado de Pedro de cerca de 20%, mas não há concordância em como transformar isso em números absolutos de habitantes. De acordo com George Vernadsky, *Kievan Russia* [*A Rússia de Kiev*] (New Haven, CT: Yale University Press, 1948), pp. 103-104, o historiador russo Pavel N. Miliukov calculou que a população da Rússia diminuiu de 16 milhões em 1676 (cálculo aproximado) para 13 milhões em 1725 (bem documentado), mas outro historiador russo, P. P. Smirnov, discorda da população inicial de 16 milhões, defendendo uma população estagnante de 13 milhões durante todo o reinado de Pedro, não aceitando um declínio real.
2. Klyuchevsky, *Peter the Great* [*Pedro, o Grande*], pp. 112-120.
3. *Ibid.*, p. 143.
4. *Ibid.*, pp. 149-150.
5. *Ibid.*, pp. 145-146.
6. *Ibid.*, pp. 39-44.
7. Farquhar, *Treasury of Royal Scandals* [*Tesouro de escândalos reais*], pp. 115-119.

A grande guerra do Norte

1. Trezentas mil mortes entre os militares, incluindo 70 mil mortos em batalha (Uralnis, *Wars and Population* [*Guerras e população*], pp. 45, 226), mais 70 mil finlandeses civis. Clodfelter, em *Warfare and Armed Conflicts* [*Guerra e conflitos armados*], vol. 1, p. 94, vai até mesmo além e calcula que a guerra matou 350 mil suecos e finlandeses, soldados e civis, e até mesmo mais entre os outros participantes.
2. Rick Tapio e Laitala Vincent, “War and the Great Wrath” [“A guerra e o grande ódio”], *Finnish*

American Reporter 8 (28/2/1995), p. 23. Eric Solsten e Sandra W. Meditz, eds. *Finland, a Country Study* [*Finlândia: Um estudo do país*] (Washington, DC: Government Printing Office for the Library of Congress, 1988).

3. Fuller, *Military History of the Western World* [*História militar do mundo ocidental*], vol. 2, pp. 161-186; Fuller, *Strategy and Power in Russia* [*Estratégia e poder na Rússia*]; Klyuchevsky, *Peter the Great*, pp. 62-71.

A guerra da sucessão espanhola

1. Urlanis, em *Wars and Population* [*Guerras e população*], estimou em 700 mil as baixas entre soldados (p. 226), inclusive 235 mil mortos em combate (p. 45); Corvisier e Childs, em *Dictionary of Military History and the Art of War* [*Dicionário de história militar e a arte da guerra*], calcularam 700 mil militares mortos de ambos os lados (p. 469), ou 500 mil vidas de franceses, incluindo militares e civis (p. 470). Bodart, em *Losses of Life in Modern Wars* [*Perdas de vidas em guerras modernas*] (Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1916), p. 30, estimou em 400 mil militares mortos. Clodfelter, em *Warfare and Armed Conflicts* [*Guerra e conflitos armados*], vol. 1, p. 73, concorda que morreram 400 mil.
2. Rowen, *History of Early Modern Europe* [*História do início da era moderna na Europa*], p. 538.
3. Bell, *First Total War* [*Primeira guerra total*], p. 25.

A guerra da sucessão austríaca

1. Reed S. Browning, *The War of the Austrian Succession* [*A guerra da sucessão austríaca*] (Nova York: St. Martin's Griffin, 1995), p. 377: "Para os 100 mil homens em armas que pereceram em consequência da guerra, deve ser acrescentado um adicional de 400 mil civis... A guerra da sucessão austríaca matou meio milhão de pessoas." Os mesmos números (100 mil mais 400 mil) aparecem no livro de Armstrong Starkey, *War in the Age of the Enlightenment, 1700-1789* [*Guerra na Era do Iluminismo*] (Westport, CT: Praeger, 2003), p. 6. Urlanis, em *Wars and Population* [*Guerras e população*] calculou que 120 mil morreram em combates (p. 45) e 450 mil soldados morreram por todas as outras causas (p. 226).

A guerra sino-dzungar

1. John DeFrancis, *In the Footsteps of Genghis Khan* [*Nas pegadas de Gêngis Khan*] (Honolulu: University of Hawaii Press, 1993), p. 175 ("Por volta de 1775, nove décimos dos dzungares e seus aliados, cerca de 600 mil pessoas, já haviam sido eliminados"); Douglas Carruthers, *Unknown Mongolia: A Record of Travel and Exploration in North-west Mongolia and Dzungaria* [*A Mongólia desconhecida: Um registro de viagem e exploração no noroeste da Mongólia e da Dzungária*], vol. 2 (Filadélfia: Lippincott, 1914), p. 376 ("Quando invadiram a Dzungária, os chineses eliminaram inteiramente sua população - de 600 mil habitantes, não restou nenhum").
2. Rene Grousset, *Empire of the Steppes: A History of Central Asia* [*O império das estepes: Uma história da Ásia central*] (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1970), pp. 537-538.

A Guerra dos Sete Anos

1. Os cálculos variam, mas a maioria dos estudiosos do assunto concorda quanto à amplitude básica do conflito. Clodfelter, em *Warfare and Armed Conflicts* [*Guerra e conflitos armados*], vol. 1, pp. 99-100, chamou o conflito de "o mais sangrento do século XVIII", e ele encontrou uma estimativa que dizia que 868 mil soldados morreram por todas as causas, e outra que dizia que 460 mil austríacos e aliados e 180 mil prussianos haviam morrido. Outras fontes:

- Dumas e Vedel-Petersen, *Losses of Life Caused by War* [*Perdas de vida causadas pela guerra*]: morreram 125.400 austríacos e 180 mil prussianos.
- Urlanis, *Wars and Population* [*Guerras e população*]: 140 mil mortos em batalha, 550 mil

soldados morreram por todas as causas (pp. 45, 226). A população civil da Áustria declinou de 5.739 mil para 4.890 mil (p. 282).

- Williams, *Historians' History of the World [A história mundial dos historiadores]*, vol. 12, p. 352: "A Guerra dos Sete Anos foi um meio glorioso de exaltação para Frederico... mas ela custou... 180 mil vidas entre seus próprios conterrâneos, uma diminuição geral da população da Prússia de 500 mil, e um total de 853 mil soldados mortos em ambos os lados.

Isso indica que algo entre 500 mil e 900 mil soldados e cerca de 1,3 milhão de civis morreram no conflito. Embora você provavelmente possa defender um cálculo de mais de 2 milhões de mortos, eu não quis exagerar, de modo que recuei para o número redondo mais próximo.

2. Britt, *Dawn of Modern Warfare [A aurora da guerra moderna]*, pp. 102-104.
3. Rowen, *History of Early Modern Europe [História dos primeiros tempos da Europa moderna]*, p. 500.
4. Fuller, *Military History of the Modern World [História militar do mundo moderno]*, p. 198.

Guerras napoleônicas

1. Geoffrey Ellis, *The Napoleonic Empire [O império napoleônico]*, 2ª ed. (Houndmills, Basingstoke, Hampshire, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2003), pp. 121-122: "O consenso atual põe as perdas da guerra nos exércitos terrestres... dentro dos 89 departamentos que restavam na França em 1815, num total de cerca de 1,4 milhão para todo o período de 1792-1814. Esses números incluem os mortos em ação, os números muito maiores dos que morreram subsequentemente devido aos ferimentos recebidos ou de doenças, as vítimas de exaustão ou exposição ao frio, e prisioneiros de guerra mais tarde tidos como desaparecidos... Quanto ao total de mortos na guerra entre todos os exércitos europeus durante as campanhas napoleônicas, a 'estimativa inteligente' de Charles Esdaile é um número perto de 3 milhões, e ele também calcula que as perdas adicionais entre civis chegaram perto de 1 milhão."
2. Bell, *First Total War [A primeira guerra total]*, p. 156.
3. Schom, *Napoleon Bonaparte [Napoleão Bonaparte]*, p. 42.
4. *Ibid.*, p. 45.
5. *Ibid.*, pp. 75-106.
6. *Ibid.*, pp. 107-188.
7. *Ibid.*, p. 235.
8. Bell, *First Total War*, p. 251.
9. Muir, *Tactics and The Experience of Battle [Táticas e a experiência da batalha]*, pp. 76-77.
10. *Ibid.*, pp. 130-131.
11. *Ibid.*, pp. 235-239.
12. Sheldon Watts, *Epidemics and History: Disease Power and Imperialism [As epidemias e a história: O poder das doenças e o imperialismo]* (New Haven, CT: Yale University Press, 1997), pp. 116-117.
13. Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts [Guerra e conflitos armados]*, vol. 1, p. 165.
14. Schom, *Napoleon Bonaparte*, p. 595.
15. David Grubin, "Napoleon at War", *Napoleon* ["Napoleão na guerra", *Napoleão*], http://www.pbs.org/empires/napoleon/n_war/campaign/page_13.html (acessado em 8/3/2011).

Conquistadores do mundo

1. Lynn, em *The French Wars [As guerras francesas]*, p. 90, estima que 2.250 mil pessoas morreram nas guerras de Luís XIV, baseado em Levy, *War in the Modern Great Power System [A guerra no moderno sistema das grandes potências]*. Corvisier e Childs, em *A Dictionary of Military History*

and the Art of War [Um dicionário de história militar e da arte da guerra], p. 470, calcula o custo para a França, tanto em baixas militares quanto civis, como sendo o seguinte:

Guerra holandesa, 1672-78: 120 mil

Guerra dos Nove Anos, 1688-97: 160 mil

Guerra da sucessão espanhola: 500 mil

Total de mortes de franceses nessas três guerras: 780 mil

Se você dobrar esse número para calcular as perdas de ambos os lados, obterá algo perto de 1,5 milhão.

2. Plínio, o Velho, *The Natural History* [A história natural], livro 7, cap. 25, trad. John Bostock e H. T. Riley (Londres: Taylor & Francis, 1855), vol. 2, p. 166.

A revolta dos escravos haitianos

1. Scheina, *Latin America's Wars* [Guerras latino-americanas], p. 18.
2. Ibid., pp. 1-3.
3. Rogozinski, *Brief History of the Caribbean* [Breve história do Caribe], p. 165.
4. Ibid., pp. 167-168.
5. Ibid., p. 172.
6. Scheina, *Latin America's Wars*, pp. 15-16.

A guerra da Independência mexicana

1. Scheina, *Latin American Wars*, p. 84 ("As estimativas do número de mortos vão de 250 mil a 500 mil indivíduos"); Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts* [Guerra e conflitos armados], vol. 1, p. 534 (400 mil a 500 mil mortos).
2. Scheina, *Latin America's Wars*, pp. 71-84.

Shaka

1. Ritter, *Shaka Zulu*, pp. 25-28.
2. Ibid., pp. 84-88.
3. Ibid., pp. 81-83.
4. Keegan, *History of Warfare* [História da guerra], pp. 28-32.
5. Chalk e Jonassohn, *History and Sociology of Genocide* [História e sociologia do genocídio], pp. 227-228.
6. Ibid., p. 223.
7. Ritter, *Shaka Zulu*, pp. 28-31.
8. Monica Hunter e Leonard Monteath Thompson, *The Oxford History of South Africa* [A história Oxford da África do Sul], vol. 1 (Nova York: Oxford University Press, 1971), p. 344; Donald R. Morris, *The Washing of the Spears* [A lavagem das lanças] (Nova York: Da Capo Press, 1998), p. 54.
9. Ritter, *Shaka Zulu*, p. 333.
10. Chalk e Jonassohn, *History and Sociology of Genocide*, p. 223.
11. Ver, por exemplo, Wylie, "Shaka and the Modern Zulu State" ["Shaka e o moderno estado zulu"], que é um bom resumo da escola revisionista. Esse artigo discorda de praticamente tudo que usei neste capítulo, até nos detalhes.
12. "Os números por ele apresentados são abertos à discussão, mas excederam 1 milhão." Henry Francis Fynn, *The Diary of Henry Francis Fynn* [O diário de Henry Francis Fynn] (Pietermaritzburg Shutter & Shooter, 1986), p. 20.
13. "Chaka pode ser considerado o Átila sul-africano, e estima-se que não menos do que 1 milhão

de seres humanos foram eliminados por ele.” Major Charters, da Real Artilharia, “Notices of the Cape and Southern Africa, since the Appointment, as Governor of Major-Gen. Sir Geo, Napier” [“Relatos da Cidade do Cabo e da África do Sul, desde a nomeação, como governador, do major-general, Sir Geo. Napier”], *United Service Journal and Naval and Military Magazine* (Londres: W. Clowes & Son, 1839), parte 3, p. 24.

14. Ver, por exemplo, Donald R. Morris, *The Washing of the Spears* (Nova York: Da Capo Press, 1998), p. 60 (“Pelo menos 1 milhão de pessoas e mais provavelmente 2 milhões, morreram em uma década que virtualmente despovoou o interior”); Hanson, *Carnage and Culture [Carnificina e cultura]*, p. 313 (“Cerca de 1 milhão de nativos africanos foram mortos ou morreram de fome como resultado direto dos sonhos imperiais de Shaka”), “Shaka”, na *Encyclopaedia Britannica*, 15^a ed., vol. 10, p. 689 (“na sua esteira ficaram 2 milhões de mortos”); Totten, *Dictionary of Genocide: A-L [Dicionário do genocídio: A-L]*, p. 280.

A conquista da Argélia pela França

1. Mahfoud Bennoune, *The Making of Contemporary Algeria, 1830-1987 [A construção da Argélia contemporânea, 1830-1987]* (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2002), p. 42. “Como consequência direta desse tipo de guerra colonial de conquista, a população total, urbana e rural, declinou de uma estimativa de 3 milhões em 1830 para 2.462 mil em 1876.” Kiernan (*Blood and Soil [Sangue e solo]*, p. 374) alega que a guerra matou 825 mil argelinos. A média desses dois números é de 681.500. Adicionando a isso as perdas francesas (92.329 soldados mortos no hospital e 3.336 mortos em batalha, em 1830-51) e arredondando, chegamos a 775 mil.
2. Kiernan, *Blood and Soil*, pp. 364-374.
3. Porch, *Wars of Empire [Guerras do império]*, pp. 59, 73-74.
4. John Reynell Morell, *Algeria: The Topography and History, Political, Social, and Natural [Argélia: A topografia e história política, social e natural]* (Londres: N. Cooke, 1854), p. 441.
5. Porch, *Wars of Empire*, pp. 40-41.

A Rebelião Taiping

1. Ho Ping-to, *Studies in the Population of China, 1368-1953 [Estudos sobre a população da China: 1368-1953]*, pp. 246-247 (“Certos observadores ocidentais do século XIX calcularam a perda total de população durante o período Taiping em 20 a 30 milhões. Seus cálculos, por mais inteligentes que fossem, eram palpites de residentes na época dos tratados de concessão dos portos”). Ho não é muito entusiasta a respeito dessas estimativas, parece considerá-las muito baixas. A única prova concreta que Ho considera é que as províncias mais atingidas pela rebelião haviam perdido 19,2 milhões de pessoas entre 1850 e 1953. “Embora as guerras do século XX... também devam ter afetado a população dessas províncias... as estimativas podem refletir as grandes perdas que a população... teve na grande rebelião do meio do século XIX.”

De qualquer modo, a estimativa de 20 a 30 milhões de mortes é um dos fatos mais comuns encontrados em quase qualquer discussão sobre a Rebelião Taiping. Ver, por exemplo, Spence, *Search for Modern China [A busca pela China moderna]*, p. 805; McEvedy, *Atlas of World Population History [Atlas da história da população mundial]*, pp. 170-173; “Taiping Rebellion” [“A Rebelião Taiping”], em *Encyclopaedia Britannica*, 15^a ed., vol. 11, p. 509; “China”, em *MSN Encarta Encyclopedia*, p. 20. http://encarta.msn.com/encyclopedia_761573055_20/China.html; Robert L. Worden et al., ed. *China, A Country Study [China, estudo de um país]* (Washington, DC: Library of Congress, Federal Research Division, 1987).

2. Fitzgerald, *China*, p. 573.
3. *Ibid.*, p. 574.
4. Spence, *Search of Modern China*, p. 176. Outros notáveis hakkas aparecerão em capítulos posteriores: Sun Yat-sen e Deng Xiaoping.

5. Ibid., p. 173.
6. Ibid., p. 174.
7. “Land System of the Heavenly Kingdom.” [“O sistema latifundiário no reino celestial.”]
8. Ibid.
9. John Scarth, *Twelve Years in China [Doze anos na China]* (Edimburgo: Thomas Constable, 1890), citado em Newsinger, “Taiping Peasant Revolt” [“A revolta camponesa Taiping”].
10. Newsinger, “Taiping Peasant Revolt”.
11. Uhalley, “Taipings at Ningpo” [“Taipings em Ningpo”].
12. Cart, *Devil Soldier [Soldado do diabo]*.
13. Spence, *Search for Modern China*, p. 178.
14. Michael Kenney, “Caleb Carr Probes Hearts of Darkness in His Novels” [“Caleb Carr sonda corações de escuridão em seus romances”], *Boston Globe*, 10/11/1997.

A guerra da Crimeia

1. John Sweetman, *Essential Histories: The Crimean War, 1854-1856 [Histórias essenciais: A guerra da Crimeia: 1854-1856]* (University Park, IL: Osprey, 2001), p. 89. Os cálculos vão de 255 mil (Bodart, Westergaard e Kellogg, *Losses of Life in Modern Wars [Perdas de vidas em guerras modernas]*, p. 142) a 1 milhão (Edgerton, *Death or Glory [Morte ou glória]*, p. 5), mas a mediana de nove estimativas publicadas é de 309 mil. Ver <http://www.necrometrics.com/wars19c.htm#Crim>.
2. McEvedy e Woodroffe, *New Penguin Atlas of Recent History [Novo atlas Penguin da história recente]*, pp. 20-22; Edgerton, *Death or Glory*.
3. McNeill, *Pursuit of Power [A busca pelo poder]*, pp. 236-237; Edgerton, *Death or Glory*, p. 51.
4. Keegan, *Mask of Command [A máscara do comando]*, p. 247.

A Rebelião Panthay

1. Raphael Israeli, *Islam in China [O Islã na China]* (Lanham, MD: Lexington Books, 2007), p. 286; Damian Harper, *China* (Londres: Lonely Planet, 2005), p. 648; Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts [Guerra e conflitos armados]*, vol. 1, p. 401.
2. Bray, *Armies of Pestilence [Exércitos da pestilência]*, p. 83.
3. Notar, “Chinese Sultanate” [“O sultanato chinês”]; Dillon, *China’s Muslim Hui Community [A comunidade Hui muçulmana da China]*, pp. 58-60; Spence, *Search for Modern China [A busca pela China moderna]*, pp. 189-190.

A Guerra Civil Americana

1. McPherson, *Battle Cry of Freedom [O grito de batalha da liberdade]*, p. 854.
2. Cálculos grosseiros se baseiam em: McPherson, em *Battle Cry for Freedom*, p. 619, estimou em 50 mil. Roger Ransom e Richard Sutch – *One Kind of Freedom: The Economic Consequences of Emancipation [Um tipo de liberdade: as consequências econômicas da emancipação]* (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2001), pp. 53-54 – estimaram que 1,6% de afro-americanos morreu como resultado direto da guerra. Baseado na população de 3,5 milhões de negros na Confederação, isso chegaria a cerca de 56 mil mortes. O que é pior, o general Howard, chefe do Escritório Freedmen, estimou que um quarto dos negros morreu na zona de guerra. Os índios cherokees ficaram divididos na sua lealdade, e a versão miniatura da guerra civil que eles travaram em Oklahoma reduziu a população desses nativos de 21 mil para 14 mil. Thornton, *American Indian Holocaust and Survival [Holocausto e sobrevivência dos índios americanos]*, p. 107.
3. D. H. Hill, citado em McPherson, *Battle Cry of Freedom*, p. 476.

A Rebelião Hui

1. Dillon, *China's Muslim Hui Community* [A comunidade muçulmana Hui da China], p. 60. O general Zuo relatou para Pequim que apenas 60 mil dos 700 mil muçulmanos em Shaanxi sobreviveram à revolta. O coronel Mark Bell, um observador britânico, alegou que a população de Gansu diminuiu drasticamente de 15 milhões para 1 milhão.
2. Ibid., p. 62.
3. Spence, *Search for Modern China* [A busca pela China moderna], pp. 191-193.

A guerra da Tríplice Aliança

1. Scheina, *Latin America's Wars* [Guerras latino-americanas], p. 331.
2. Ibid., p. 314.
3. Wilson, "Latin America's Total War" ["A guerra total da América Latina"].
4. Scheina, *Latin America's Wars*, pp. 313-332; Strosser e Prince, *Stupid Wars* [Guerras estúpidas]; Whigham e Potthast, "Paraguayan Rosetta Stone" ["A pedra de Rosetta paraguaia"]; Wilson, "Latin America's Total War".

A guerra franco-prussiana

1. Bodart, Westergaard e Kellogg, *Losses of Life in Modern Wars* [Perdas de vidas em guerras modernas], pp. 144-152.
2. A maioria por doenças, fome e provações. Entre os cálculos publicados há o de mais de 590 mil mortes entre civis franceses (Bodart, Westergaard e Kellogg, *Losses of Life in Modern Wars*, p. 152) ou mais de 300 mil a 400 mil mortes entre civis franceses e 200 mil entre civis alemães (Urlanis, *Wars and Population* [Guerras e população], p. 265). Também: "Os movimentos de tropas de recrutas sem treinamento e não vacinados espalharam a varíola entre a população francesa, onde apenas um terço era vacinado, e de 60 mil a 90 mil morreram. Os prisioneiros de guerra franceses levaram a doença bem para o interior da Alemanha, onde ela matou 162 mil." Bray, *Armies of Pestilence* [Exércitos da pestilência], p. 120. Números assim tão grandes são difíceis de acreditar, mas fatos são fatos. Eu escolhi Bray como uma estimativa moderada. Não incluí a luta pela Comuna de Paris.
3. McEvedy e Woodroffe, *New Penguin Atlas of Recent History* [Novo atlas Penguin da história recente], pp. 28-33.
4. Horne, *La Belle France* [A França linda], pp. 282-287.

Fome na Índia britânica

1. As estimativas medianas de mortes nessas crises de fome são de 10 milhões (1769-70), 8,2 milhões (1876-79) e 8,4 milhões (1896-1900).
2. Amartya Sen, *Development as Freedom* [Desenvolvimento como liberdade] (Nova York: Anchor Books, 2000), p. 16.
3. Adam Smith, *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* [Uma pesquisa sobre a natureza e causas da riqueza das nações], livro 4, cap. 5, par. 44. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/3300/3300-h/3300-h.htm> (acessado em 14/03/2011).
4. Sheldon Watts, *Epidemics and History: Disease, Power and Imperialism* [Epidemias e história: Doença, poder e imperialismo] (New Haven, CT: Yale University Press, 1997), pp. 177-178.
5. Davis, *Late Victorian Holocausts* [Holocaustos do período vitoriano tardio], p. 36.
6. Ibid., p. 37.
7. Ibid., p. 39.
8. Ibid., p. 58.
9. Ibid., p. 32.

10. Ibid., pp. 38-39.
11. Linden, "Global Famine of 1877 and 1899" ["A fome global de 1877 e 1899"]; Davis, *Late Victorian Holocausts*.
12. Linden, "Global Famine of 1877 and 1899".
13. Davis, *Late Victorian Holocausts*, p. 33.
14. Ibid., pp. 53-54.
15. Ibid., p. 142.
16. Wolpert, *New History of India* [*Nova história da Índia*], p. 248.
17. Ibid., p. 267.
18. Davis, *Late Victorian Holocausts*, p. 157.
19. Ibid., p. 144.
20. Ibid., p. 167.
21. Ibid., p. 162.
22. Ibid., p. 161.
23. Ibid., p. 165.
24. Ibid., p. 164.
25. Ibid., p. 315.
26. Ibid., p. 165.
27. Ibid., p. 172.
28. Ibid., p. 170.
29. Wolpert, *New History of India*, p. 267.
30. Davis, *Late Victorian Holocausts*, p. 161.

A guerra russo-turca

1. L. P. Brockett e Porter C. Bliss, *The Conquest of Turkey, or the Decline and Fall of the Ottoman Empire, 1877-78* [*A conquista da Turquia ou o declínio e queda do Império Otomano, 1877-78*] (Filadélfia: Hubbard Bros., 1878), p. 697.
2. McEvedy e Woodroffe, *New Penguin Atlas of Recent History* [*Novo atlas Penguin da história recente*], p. 38.
3. Palmer, *Decline and Fall of the Ottoman Empire* [*Declínio e queda do Império Otomano*].
4. Muir, *Tactics and the Experience of Battle in the Age of Napoleon* [*Táticas e a experiência da batalha na época de Napoleão*], pp. 203-204.
5. Dumas, *Losses of Life Caused by War* [*Perdas de vidas causadas pela guerra*], p. 55.
6. Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts* [*Guerra e conflitos armados*], vol. 1, p. 331.
7. Sarkees, *Correlates of War Project* [*Correlatos do projeto de guerra*], [http://www.correlatesofwar.org/cow2%20data/WarData/InterState/Inter-State%20War%20Participants%20\(V%203-0\).csv](http://www.correlatesofwar.org/cow2%20data/WarData/InterState/Inter-State%20War%20Participants%20(V%203-0).csv) (acessado em 10/4/2011).
8. Urlanis, *War and Population* [*Guerra e população*], p. 265.
9. Justin McCarthy, *Death and Exile: The Ethnic Cleansing of Ottoman Muslims, 1821-1922* [*Morte e exílio: A limpeza étnica dos otomanos muçulmanos, 1821-1922*] (Princeton, NJ: Darwin Press, 1995). McCarthy é tremendamente pró-Turquia nessas questões. O que é mais notável é que ele não admite o genocídio turco contra os armênios em 1915. Mesmo assim, essa estimativa está conseguindo vingar entre trabalhos principais sobre o assunto, tais como Dennis P. Hupchick, *The Balkans: From Constantinople to Communism* [*Os Bálcãs: De Constantinopla ao comunismo*] (Nova York: Macmillan, 2004), p. 265.

A revolta Mahdi

1. McEvedy, *Penguin Atlas of African History* [Atlas Penguin da história africana], p. 110.
2. Churchill, *River War* [A guerra do rio], cap. 1.
3. Green, *Three Empires on the Nile* [Três impérios no Nilo], pp. 144-146.
4. Francis Mading Deng, *War of Visions: Conflicts of Identities in the Sudan* [Guerra de visões: Conflitos de identidades no Sudão] (Washington, DC: Brookings Institution, 1995), p. 51 (a população do Sudão declinou de 7 milhões para 2 ou 3 milhões); Jok Madut Jok, *War and Slavery in Sudan* [Guerra e escravidão no Sudão] (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2001), p. 75 (declínio de 8 para 2,5 milhões); Deng D. Akol, *The Politics of Two Sudans: the North and the South, 1821-1969* [A política de dois Sudãos: O Sul e o Norte, 1821-1969] (Uppsala: Nordic Africa Institute, 1994), p. 33 (caiu de 8,5 milhões para 3 milhões); Edward Spiers, *Sudan: The Reconquest Reappraised* [Sudão: A reconquista reavaliada] (Portland, OR: Frank Cass, 1998), p. 12 (morreram 6 milhões de um total de 8 milhões); Henry Cecil Jackson, *Osman Digna* [Osman Digna] (Londres: Methuen, 1926), p. 185 (a população declinou de 8,5 milhões para menos de 2 milhões).
5. Green, *Three Empires on the Nile*, p. 207.
6. Ibid., p. 209.
7. Ibid., p. 229.
8. Ibid., p. 211.

Estado Livre do Congo

1. Hochschild, *Leopold's Ghost* [O fantasma de Leopoldo], p. 159.
2. Forbath, *River Congo* [O rio Congo], p. 370.
3. Hochschild, *Leopold's Ghost*, p. 161.
4. Ibid., pp. 164-166.
5. Forbath, *River Congo*, p. 374.
6. Ibid., p. 375.
7. Pakenham, *Scramble for Africa* [A partilha da África], p. 590.
8. Hochschild, *Leopold's Ghost*, pp. 179-180.
9. Pakenham, *Scramble for Africa*, pp. 591-592.
10. Hochschild, *Leopold's Ghost*, pp. 195-199.
11. Pakenham, *Scramble for Africa*, p. 597.
12. Hochschild, *Leopold's Ghost*, p. 192.
13. Ibid., p. 199.
14. Ibid., pp. 245-249; Pakenham, *Scramble for Africa*, p. 597.
15. Hochschild, *Leopold's Ghost*, p. 202.
16. E. D. Morel, *The Black Man's Burden* [O fardo do homem negro] (Nova York: B. W. Huebsch, 1920), cap. 9 (“Depois de o país ter sido explorado em todas as direções por viajantes de diversas nacionalidades, os cálculos variavam entre 20 e 30 milhões. Nenhuma estimativa foi menor do que 20 milhões. Em 1911 foi realizado um censo oficial. O resultado não foi publicado na Bélgica, mas foi relatado em um dos despachos do Consulado Britânico. O trabalho revelou que só sobraram 8,5 milhões de pessoas”); essa estimativa também aparece em “Congo Free State”, na *Encyclopaedia Britannica*, 15ª ed., vol. 3, p. 535, e em Bertrand Russell, *Freedom and Organization 1814-1914* [Liberdade e organização 1814-1914] (Nova York: Routledge, 2001); publicado inicialmente por George Allen, 1934), p. 453, citando Sir Harry Hamilton Johnston, *A History of the Colonization of Africa by Alien Races* [Uma história da colonização da África por raças estrangeiras] (Cambridge Historical Series; Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press,

1899), p. 352.

17. Forbath, *River Congo*, p. 375.

18. Hochschild, *Leopold's Ghost*, pp. 225-234.

A Revolução Cubana

1. Entre 1895 e 1899, a população de Cuba declinou de cerca de 1,8 para 1,5 milhão. Hugh Thomas, *Cuba* (Nova York: Da Capo Press, 1998), p. 423; Anderson, *Under Three Flags [Sob três bandeiras]* (Nova York: Verso, 2005), p. 146. Trezentos mil cubanos morreram, sendo 200 mil civis, de doença e fome. Scheina, *Latin America's Wars [Guerras latino-americanas]*, p. 364. Além disso, 62.853 soldados espanhóis morreram em Cuba, sendo 85% de doença. Sergio Díaz-Briquets, *The Health Revolution in Cuba [A revolução da saúde em Cuba]* (Austin: University of Texas Press, 1983), p. 199.
2. Rogozinski, *Brief History of the Caribbean [Breve história do Caribe]*, pp. 205-207; Scheina, *Latin American Wars*, pp. 351, 364, 415-425.

O modo ocidental de guerrear

1. Esse conceito se originou e foi descrito em detalhes por Victor Davis Hanson em *The Western Way of War: Infantry Battle in Classical Greece [O modo ocidental da guerra: Batalha de infantaria na Grécia clássica]* (Nova York: Knopf, 1989), e em *Carnage and Culture [Carnificina e cultura]*.

A Revolução Mexicana

1. A mediana de 17 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c1m.htm#Mexican>.
2. Skidmore e Smith, *Modern Latin America [A América Latina moderna]*, p. 234.
3. McLynn, *Villa and Zapata*, pp. 151-159.
4. *Ibid.*, pp. 308-309.
5. *Ibid.*, pp. 309-310.
6. Boot, *Savage Wars of Peace [Selvagens guerras de paz]*, p. 188.

Primeira Guerra Mundial

1. O número de mortos canônico é de cerca de 8,5 milhões. Ver, por exemplo: "World Wars" ["Guerras mundiais"], em *Encyclopaedia Britannica*, 15ª ed., vol. 29, p. 987 (8.528.831); Gilbert, *History of the Twentieth Century [História do século XX]*, vol. 1, p. 529; Overy, *Hammond Atlas of the 20th Century [Atlas Hammond do século XX]*; Rod Paschall, *The Defeat of Imperial Germany 1917-1918 [A derrota da Alemanha imperial 1917-1918]* (Nova York: Da Capo Press, 1994), citando Arthur Banks (8.513 mil); John Ellis e Michael Cox, *The World War I Databook [Livro de dados da Primeira Guerra Mundial]* (Londres: Aurum, 2001) (8.364.712).
2. A morte de civis durante a Primeira Guerra Mundial não foi registrada tão cuidadosamente quanto a de soldados, mas a mediana das diversas estimativas cai na casa de 6,6 milhões. De alto a baixo: "World Wars", em *Encyclopaedia Britannica*, 15ª ed., vol. 29, p. 987 (13 milhões); "Twentieth Century" ["Século XX"], em *Encyclopedia Americana* (Danbury, CT: Scholastic Library, 2006) (12,5 milhões); Overy, *Hammond Atlas of the 20th Century [Atlas Hammond do século XX]*, p. 36 (9 milhões); Spencer Tucker et al., *European Powers in the First World War [Potências europeias na Primeira Guerra Mundial]* (Nova York: Garland Pub., 1996), p. 172 (c. 6,6 milhões); "Perdas de Vida", em *Dictionary of Military History [Dicionário de história militar]* (Oxford, Reino Unido: Blackwell, 1994), p. 470 (6,6 milhões); John Ellis e Michael Cox, *The World War I Databook* (Londres: Aurum, 2001) (c. 6,5 milhões); Urlanis, *Wars and Population [Guerras e população]*, p. 268 (mais de 6 milhões); Davies, *Europe [Europa]* (5 milhões).
3. Keegan, *History of Warfare [História da guerra]*, pp. 357-358.

4. Keegan, *First World War*, pp. 18-23.
5. Barbara Tuchman, *The Guns of August [Os canhões de agosto]* (Nova York: Dell, 1963), p. 76.
6. James L. Stokesbury, *A Short History of World War I [Uma breve história da Primeira Guerra Mundial]* (Nova York: Morrow, 1981), p. 61.
7. Keegan, *First World War*, pp. 82-83; McDougall, “Dirty Hands” [“Mãos sujas”].
8. Keegan, *Face of Battle [O rosto da batalha]*, p. 230.
9. Miller, *Kelly Miller’s History of the World War for Human Rights [A história da guerra mundial por direitos humanos contada por Kelly Miller]*, cap. 10.
10. Ibid.
11. Atribuída ao marechal francês Henri-Philippe Petain.
12. Keegan, *Face of Battle*, pp. 213-215, 248.
13. Edward J. Erickson, *Ordered to Die: A History of the Ottoman Army in the First World War [Mandados para morrer: Uma história do exército otomano na Primeira Guerra Mundial]* (Westport, CT: Greenwood Press, 2001), p. 94.
14. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 1, p. 421.
15. Strachan, *First World War [A Primeira Guerra Mundial]*, p. 188.
16. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 1, p. 473.
17. Keegan, *Face of Battle*, p. 255.
18. John M. Barry, *The Great Influenza: The Epic Story of the Deadliest Plague in History [A grande gripe: A história épica da mais letal praga da história]* (Nova York: Viking Penguin, 2004), p. 103.
19. Adolf Hitler, “Letter from the Western Front” [“Carta da frente ocidental”], fevereiro 1915, em *The Holocaust Project [O projeto holocausto]*, Humanitas International, <http://www.humanitas-international.org/holocaust/hepplett.htm>.
20. James L. Stokesbury, *A Short History of the World War I* (Nova York: Morrow, 1981), p. 61.
21. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 1, p. 357.
22. Melson, “Armenian Genocide as Precursor and Prototype of Twentieth-Century Genocide” [“O genocídio dos armênios como precursor e protótipo do genocídio no século XX”], em Rosenbaum, ed. *Is the Holocaust Unique? [O holocausto é o único?]*; Rouben Paul Adalian, “The Armenian Genocide”, em Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts [Século do genocídio: ensaios críticos e relatos de testemunhas oculares]*, 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004); Chalk e Jonassohn, *History and Sociology of Genocide [História e sociologia do genocídio]*, pp. 249-289.
23. Sabrina Tavernise, “Nearly a Million Genocide Victims, Covered in a Cloak of Amnesia” [“Quase 1 milhão de vítimas de genocídio, encobertas por um manto de amnésia”], *New York Times*, 8/3/2009. http://www.nytimes.com/2009/03/09/world/europe/09_turkey.html. “De acordo com um documento há muito escondido que pertencia ao ministro do Interior do Império Otomano, 972 mil armênios desapareceram dos registros oficiais da população entre 1915 e o decorrer de 1916.”
24. Forbath, *River Congo [Rio Congo]*, p. 377.
25. Strachan, *First World War*, pp. 256-257.
26. McLyn, *Villa and Zapata [Villa e Zapata]*, p. 333.
27. Lincoln, *Red Victory [Vitória vermelha]*, p. 397.
28. Chris Suellentrop, “What’s Osama Talking About?” [“Sobre o que Osama está falando?”], *Slate*, 8/10/2001. <http://www.slate.com/id/1008411>.

A Guerra Civil Russa

1. A mediana de 11 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c5m.htm#RCW>.

2. Kinder e Hilgemann, *Anchor Atlas of World History* [*Atlas Anchor da história mundial*], vol. 2, p. 142.
3. Figes, *People's Tragedy* [*A tragédia do povo*], p. 660.
4. Boot, *Savage Wars of Peace* [*Selvagens guerras de paz*], pp. 207-230.
5. Figes, *People's Tragedy*, p. 576.
6. *Ibid.*, p. 577.
7. *Ibid.*, pp. 586-587.
8. *Ibid.*, pp. 658-659.
9. *Ibid.*, pp. 578-584.
10. Mayer, *Furies* [*Fúrias*], pp. 380-389; Figes, *People's Tragedy*, p. 662.
11. Mayer, *Furies*, pp. 523-525.
12. Lincoln, *Red Victory* [*Vitória vermelha*], pp. 392-421.
13. Johnson, *Modern Times* [*Tempos modernos*], p. 69.
14. Service, *History of the Twentieth-Century Russia* [*História da Rússia do século XX*], p. 108.
15. *Ibid.*, p. 103. Ele faz a interessante observação de que a Rússia “não era claramente um Estado policial funcionando adequadamente, se isso podia acontecer com o diretor-geral da Cheka”.
16. Figes, *People's Tragedy*, pp. 635-640; Mayer, *Furies*, pp. 275-276.
17. Johnson, *Modern Times*, pp. 69-70.
18. Leon Trotsky, *My Life* [*Minha vida*] (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1930), p. 323. Disponível em <http://www.marxists.org/archive/trotsky/works/1930-lif.pdf>.

A guerra greco-turca

1. O único relato bem documentado é o de que o exército grego perdeu cerca de 42 mil soldados mortos ou desaparecidos. Uralnis, *Wars and Population* [*Guerras e população*], p. 95. Presumindo que os turcos tenham perdido o mesmo número, temos um total de cerca de 85 mil militares mortos em ambos os lados. R. J. Rummel, em *Death by Government* [*Morte por governo*], pp. 233-234, calcula que os gregos mataram 15 mil civis turcos, e os turcos mataram 264 mil civis gregos, inclusive cerca de 100 mil em Esmirna. Baseados no número de refugiados que desapareceram entre os censos, os gregos alegam que 353 mil gregos pânticos foram mortos em comunidades localizadas nas margens do mar Negro. Totten, *Dictionary of Genocide: A-L* [*Dicionário do genocídio: A-L*]. Todos esses fragmentos de informação apontam para um total de mortes próximo de 364 mil a 453 mil. Entretanto eu não pretendo que isso seja mais do que um palpite, pelo que estou me atendo ao número redondo mais próximo.
2. Stewart, “Catastrophe at Smyrna” [“Catástrofe em Esmirna”].
3. Marrus, *Unwanted* [*Indesejados*], p. 98.
4. Arnold Toynbee, citado por Stewart, “Catastrophe at Smyrna”.
5. Marrus, *Unwanted*, pp. 97-106.

A Guerra Civil Chinesa

1. Johnson, *Modern Times* [*Tempos modernos*], p. 200.
2. Spence, *In Search of Modern China* [*À procura da China moderna*], pp. 345-348.
3. *Ibid.*, pp. 351-352.
4. *Ibid.*, pp. 353-354.
5. Gunther, *Inside Asia* [*Dentro da Ásia*], pp. 112-115.
6. Chang e Halliday, *Mao*, pp. 81-87.
7. *Ibid.*, pp. 124-125.

8. McPherson, *Battle Cry of Freedom [O grito de batalha da liberdade]*, p. 827.
9. Gunther, *Inside Asia*, p. 235.
10. Spence, *In Search of Modern China*, p. 445.
11. *Ibid.*, p. 447.
12. Wallechinsky, *David Wallechinsky's Twentieth Century [O século XX de David Wallechinsky]*, pp. 89-90; John K. Fairbank et al., *Cambridge History of China [História Cambridge da China]*, vol. 13: *Republican China 1912-1949, Part 2 [A China Republicana 1912-1949, Parte 2]* (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1986), p. 555.
13. Spence, *In Search of Modern China*, p. 470.
14. Chang e Halliday, *Mao*, p. 470.
15. *Ibid.*, pp. 312-313.
16. *Ibid.*, p. 314; "Time for a Visit?" ["Hora de visitar?"], *Time*, 1/11/1948.
17. "30.000.000 Uprooted Ones" ["30 milhões desarraigados"], *Time*, 26/7/1948.
18. Edgar Snow, *Red Star over China [A estrela vermelha sobre a China]* (Nova York: Grove Press, 1968), p. 188, citando comunicados do Kuomintang para a imprensa.
19. Ho, *Studies in the Population of China [Estudos sobre a população da China]*, p. 249.
20. Johnson, *Modern Times*, p. 200.
21. Sarkees, "Correlates of War Data on War" ["Correlatos de dados da guerra sobre a guerra"].
22. Sivard, *World Military and Social Expenditures [Gastos militares e sociais mundiais]*, p. 30.
23. De acordo com Jan Lahmeyer, "CHINA: Provinces Population" ["CHINA: População das províncias"], em *Population Statistics [Estatísticas populacionais]*. <http://www.populstat.info/Asia/chinap.htm>. A soma da população total das províncias declinou em 5.643.300 habitantes entre 1925 e 1936. Isso pode representar uma diminuição real da população ou apenas uma discrepância entre diferentes fontes. De acordo com os dados coligidos por Lahmeyer, a população declinou em dez províncias onde a guerra foi mais intensa (Hunan, Shaanxi, Guangdong, Hubei, Zhejiang, Fujian, Guizhou, Henan, Gansu, Shanxi) e cresceu em outras.
24. Número de civis mortos na Guerra Sino-Japonesa; em ordem crescente: Sivard, *World Military and Social Expenditures*, p. 30 (civis, 1937-41: 1.150 mil; 1941-45: 850 mil); Kinder e Hilgemann, *Anchor Atlas of World History [Atlas Anchor da história mundial]*, p. 218 ("civis... 5,4 milhões de chineses"); Ellis, *World War II [A Segunda Guerra Mundial]*, p. 253 ("Total de baixas civis... 8 milhões"); tanto Keegan, *Harper Collins Atlas of the Second World War [Atlas Harper Collins da Segunda Guerra Mundial]*, p. 205, quanto Overy, *Hammond Atlas of the 20th Century [Atlas Hammond do século XX]*, p. 103, republicam grande parte do mesmo material no que se refere a esse assunto ("civis: até 10 milhões"); Grenville, *History of the World [História do mundo]*, p. 292 ("Ninguém sabe quantos milhões de chineses morreram na guerra; esse número pode muito bem ser superior a 10 milhões"; isso incluiria tanto civis quanto militares); Werner Gruhl, *Imperial Japan's World War Two [A Segunda Guerra Mundial do Japão imperial]* (New Brunswick, NJ: Transaction, 2010), p. 143 (15.554 mil). Ho, em *Studies in the Population of China*, p. 252, citou uma pesquisa que calcula 335.934 civis chineses mortos em bombardeios aéreos e 1.073.496 mortos por outras causas. Isso chegaria a cerca de 1,4 milhão de civis mortos diretamente devido à guerra, em 1937-45, mas essa metodologia não inclui, especificamente, o Massacre de Nankim e a enchente do rio Amarelo.
25. O número de mortos do Kuomintang na Guerra Sino-Japonesa: "World Wars" ["Guerras mundiais"], em *Encyclopaedia Britannica*, 15ª ed., vol. 29, p. 1.023, publicada em 1992 (1.310.224); Keegan, *Harper Collins Atlas of the Second World War*, p. 205 (1.324 mil); Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts [Guerra e conflitos armados]*, vol. 2, p. 412 (1.319.958); *Information Please Almanac, Atlas and Yearbook 1991*, 44ª ed. (Boston: Houghton Mifflin, 1990), p. 311 (1.324.516); Ellis, *World War II*, p. 253 (1.400 mil).

26. Ho, *Studies in the Population of China*, pp. 250-252.
27. Ibid. Regimes fantoches perderam 960 mil soldados, mortos ou feridos. Numa estimativa grosseira, um quarto disso daria 240 mil mortos.
28. Ellis, *World War II*, p. 256.
29. Ho, *Studies in the Population of China*, p. 253.
30. O número total de mortos na segunda fase da Guerra Civil Chinesa: Dan Smith, *The State of War and Peace Atlas [Atlas do estado de guerra e paz]* (Nova York: Penguin, 1997), p. 25 (1 milhão); Sivard, *World Military and Social Expenditures*, p. 30 (1 milhão); Robert L. Walker, *The Human Cost of Communism in China [O custo humano do comunismo na China]*, relatório para o Subcomitê de Segurança Interna do Comitê Judiciário do Senado dos Estados Unidos (Washington, DC: Government Printing Office, 1971) (1.250 mil); Lorraine Glennon, ed., *Our Times: The Illustrated History of the 20th Century [Nossos tempos: A história ilustrada do século XX]* (Atlanta: Turner, 1995), p. 339 (3 milhões).

Josef Stálin

1. Simon Sebag Montefiore, *Stálin: The Court of the Red Tzar [Josef Stálin: A corte do czar vermelho]* (Nova York: Knopf, 2004); “Josef Stalin” em John Simkin, *Spartacus Educational*, <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/RUSstalin.htm> (acessado em 25/3/2011).
2. Gilbert, *History of the Twentieth Century [História do século XX]*, vol. 1, p. 761.
3. Mace, “Soviet Man-Made Famine in the Ukraine” [“A fome causada pelo homem na Ucrânia”]; Green, “Stalinist Terror and the Question of Genocide” [“O terror stalinista e a questão do genocídio”].
4. Robert Conquest, *Harvest of Sorrow [Colheita de tristeza]*, citado em Chalk e Jonassohn, *History and Sociology of Genocide [História e sociologia do genocídio]*, p. 293.
5. Service, *History of Twentieth-Century Russia [História da Rússia do século XX]*, p. 224.
6. Anne Applebaum, “My Friend, the Trotskyite” [“Meu amigo, o trotskista”], *Ottawa Citizen*, 18/8/2002, p. A11.
7. Hochschild, *Unquiet Ghost [Fantasma inquieto]*, p. 237.
8. Julius Strauss, “No Escape for Gulag’s Former Prisoners” [“Sem escapatória para os ex-prisioneiros do gulag”], *Daily Telegraph* (Londres), 3/1/2004.
9. Service, *History of Twentieth-Century Russia*, p. 214.
10. Ibid., pp. 218, 221.
11. Hochschild, *Unquiet Ghost*, p. 192.
12. Simon Sebag Montefiore, “On the Man Who Unleashed Stalin’s Terror” [“Sobre o homem que desencadeou o terror stalinista”], *Sunday Telegraph* (Londres), 10/8/2008.
13. Bykivnia: Raymond Pearson, *The Rise and Fall of the Soviet Empire [A ascensão e queda do Império Soviético]*, 2ª ed. (Nova York: Palgrave, 2002), p. 127: “quase incríveis” 200 mil; Michael Hamm, *Kiev, A Portrait, 1800-1917 [Kiev, um retrato, 1800-1917]* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993), p. 235: “Talvez 120 mil vítimas tenham sido enterradas lá; outra estimativa coloca esse número em 225 mil”; Taras Kuzio e Taras Andrew Wilson Kuzio, *Ukraine: Perestroika to Independence [Ucrânia: da Perestroika à independência]* (Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2000), p. 95: “Uma cova coletiva que se acredita contenha mais de 200 mil corpos.”
14. Mark Franchetti, “Russians Discover Mass Grave of 30.000 Stalin Victims” [“Russos descobrem cova coletiva com 30 mil vítimas de Stálin”], *Times* (Londres), 15/9/2002.
15. Fred Kaplan, “Mass Grave Bears Stalin’s Touch” [“Cova coletiva ostenta a marca de Stálin”], *Boston Globe*, 13/8/1994.
16. Estimativas do número de mortos enterrados em Kurapaty vão de cerca de 40 mil a 200 mil.

- Overy, *Russia's War* [A guerra da Rússia], p. 296; Mikhail Shimanskiy, "Whose Remains Lie in the Forest near Minsk?" ["De quem são os restos mortais na floresta perto de Minsk?"], *Izvestya*, 28/8/1988, via BBC Summary of World Broadcasts; "Commission Investigating Unmarked Graves in Belorussia" ["Comissão investigando covas não identificadas na Bielorrússia"], 13/9/1988; "Soviet Weekly Provides Gruesome Details of Stalin-Era Massacre" ["Semanaário russo fornece detalhes sinistros do massacre da era Stálin"], Associated Press, 7/10/1988; "Belarus Police Break up Protest at Mass Grave Site" ["Polícia de Belarus dissolve protesto no local de cova coletiva"], Agence France Press, 8/11/ 2001.
17. Kenneth Christie e R. B. Cribb, *Historical Injustice and Democratic Transition in Eastern Asia and Northern Europe: Ghosts at the Table of Democracy* [Injustiça histórica e transição democrática na Ásia oriental e Europa setentrional: Fantasmas à mesa da democracia] (Nova York: RoutledgeCurzon, 2002), p. 83.
 18. Roger Reese, *The Soviet Military Experience: A History of the Soviet Army, 1917-1991* [A experiência militar soviética: Uma história do exército soviético, 1917-1991] (Nova York: Routledge, 2000), p. 99; Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts* [Guerra e conflitos armados], vol. 2, p. 791.
 19. Overy, *Russia's War*, pp. 214-215.
 20. *Ibid.*, p. 160.
 21. *Ibid.*, p. 128.
 22. Anders e Munoz, "Russian Volunteers in the German Wehrmacht in WWII" ["Voluntários russos no exército alemão na Segunda Guerra Mundial"].
 23. Overy, *Russia's War*, p. 297.
 24. *Ibid.*, pp. 232-234.
 25. Nicholas Werth, "A State against Its People" ["Um estado contra seu povo"], em Stephane Courtois et al., *The Black Book of Communism: Crimes, Terror, Repression* [O livro negro do comunismo: Crimes, terror, repressão], trad. Jonathan Murphy e Mark Kramer (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), p. 231. Os números variam; eu uso uma fonte diferente no meu capítulo sobre a Segunda Guerra Mundial.
 26. Adrian Bridge, "Iron Curtain's 100.000 Dead" ["Os 100 mil mortos da Cortina de Ferro"], *Independent* (Londres), 27/10/1991; Ray Moseley, "Buchenwald Haunts Muses' Valley" ["Buchenwald assombra o Vale das Musas"], *Chicago Tribune*, 11/6/1991.
 27. Hochschild, *Unquiet Ghost*, p. 113.
 28. Hobsbawn, *Age of Extremes* [A era dos extremos], p. 393.
 29. Entre os lugares onde você encontrará as mais altas estimativas: Davies, *Europe* [Europa], p. 1.329 (44 a 50 milhões); Roy Medvedev, *Let History Judge* [Deixe a história julgar] (Nova York: Knopf, 1971); Rummel, *Death by Government*, p. 8 (42.672 mil); Solzhenitsyn, *Gulag Archipelago* [O arquipélago Gulag].
 30. Alec Nove, "Victims of Stalinism: How Many?" ["Vítimas do stalinismo: Quantas?"], em J. Arch Getty e Robert T. Manning, eds., *Stalinist Terror: New Perspectives* [O terror stalinista: Novas perspectivas] (Nova York: Cambridge University Press, 1993), pp. 270-271.
 31. Eu tirei essa estatística de Applebaum, *Gulag*, pp. 582-583, mas, por favor, veja a explicação dela para todas as razões pelas quais esse número é provavelmente incompleto e deve ser maior.
 32. Estimativas baixas podem ser encontradas em: Getty e Manning, *Stalinist Terror* [O terror stalinista]; Melanie Ilic e Stephen G. Wheatcroft, eds., *Stalin's Terror Revisited* [O terror stalinista revisitado] (Basingstoke, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2006); R. W. Davies e Stephen G. Wheatcroft, *The Years of Hunger: Soviet Agriculture, 1931-1933* [Os anos de fome: A agricultura soviética, 1931-1933] (Nova York: Palgrave Macmillan, 2004).
 33. Robert Conquest, *Great Terror: Stalin's Purge of the Thirties* [O grande terror: Expurgo stalinista da década de 1930] (Nova York: Macmillan, 1968).
 34. Entre outros lugares onde você encontrará estimativas entre 15 e 25 milhões: "Stalinism"

["Stalinismo"], em *Encyclopaedia Britannica*, 15ª ed., vol. 11, p. 205; Brzezinski, *Out of Control* [Fora de controle]; Courtois et al., *Black Book of Communism* [O livro negro do comunismo], p. 4; John Heidenrich, *How to Prevent Genocide* [Como evitar o genocídio] (Westport, CT: Praeger, 2001), p. 7; Hochschild, *Unquiet Ghost*, pp. xv, 138; Chirot, em *Modern Tyrants* [Tiranos modernos], p. 126, dá como 20 milhões o número crível mais baixo e 40 milhões o mais alto.

Tiranos enlouquecidos

1. A mediana de sete estimativas publicadas. Ver <http://necrometrics.com/20c5m.htm#Hitler>.
2. A mediana de cinco estimativas: Gabriel Jackson, *The Spanish Republic and the Civil War 1931-39* [A República Espanhola e a Guerra Civil 1931-39] (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1972), p. 535 (200 mil executados pelos nacionalistas durante a Guerra Civil Espanhola e 200 mil depois); Max Gallo, *Spain under Franco: A History* [A Espanha sob Franco: Uma história] (Nova York: Dutton, 1974), p. 67 (192.684 depois); Hugh Thomas, *The Spanish Civil War* [A Guerra Civil Espanhola] (Nova York: Harper & Row, 1989), pp. 900-901 (75 mil durante e 100 mil depois); Ruiz, "Franco and the Spanish Civil War" ["Franco e a Guerra Civil Espanhola"] (150 mil durante e depois); Stanley Payne, *The Franco Regime 1936-1975* [O Regime de Franco 1936-1975] (Madison: University of Wisconsin Press, 1987), p. 216 (35.021 durante e 22.641 depois).
3. Raymond T. McNally e Radu Florescu, *In Search of Dracula* [À procura de Drácula] (Nova York: Warner, 1972), p. 109, citando um relato de 1475 do bispo de Erlau.
4. "Murad IV" ["Murad IV"], em *Encyclopaedia Britannica*, 11ª ed., vol. 19, p. 15.
5. Lonsdale Ragg, *Dante and His Italy* [Dante e sua Itália] (Londres: Methuen, 1907), p. 127.
6. "Equatorial Guinea Accused" ["A Guiné Equatorial acusada"], *Washington Post*, 24/7/1978. "Equatorial Guinea" ["Guiné Equatorial"], em *Encarta*; Charles Hickman Cutter, *Africa 2003* (Harper's Ferry, WV: Stryker-Post, 2003), p. 83.
7. Mouctar Bah, "As Guinea Turns 50 Sekou Toure's Victims Want Recognition" ["Quando a Guiné faz 50 anos, as vítimas de Sekou Toure querem reconhecimento"], *Agence France Presse*, 1/10/2008 (50 mil).
8. AP-Reuter, "Ex-Ruler Murdered 40.000, Chad Says" ["Ex-governante assassinou 40 mil, diz o Chad"], *Toronto Star*, 21/5/1992.
9. Richard A. Haggerty, ed. "François Duvalier 1957-71" ["François Duvalier 1957-71"], em *A Country Study: Haiti* [Estudo de um país: Haiti] (Washington, DC: Federal Research Division, Library of Congress, pesquisa completada em dezembro de 1989), <http://1cweb2.loc.gov/frd/cs/httoc.html>.
10. Henri Troyat, *Ivan the Terrible* [Ivã, o Terrível] (Nova York: E. P. Dutton, 1984), p. 238. No fim de sua vida, Ivã levantou uma relação de todas as vítimas de cujos nomes se lembrava, e a mandou para os mosteiros, para que os monges orassem por elas. Uma relacionava 3.148 pessoas mortas, outra, 3.750.
11. Holger Jensen, "Old Style Dictator May Keep Power in Malawi" ["Ditador do velho estilo pode continuar no poder no Malawi"], *Denver Rocky Mountain News*, 17/5/1994 ("a morte de pelo menos 18 mil pessoas por tortura, assassinato ou massacres de vilarejos inteiros").
12. Essa é minha estimativa, baseada na declaração do historiador romano Suetônio, de que, no ápice dos julgamentos por traição, não se passava um dia sem que houvesse uma execução, e em alguns dias chegava a haver vinte.

A guerra ítalo-etíope

1. O lado italiano sofreu cerca de 15 mil baixas em batalha, a maioria delas de tropas africanas auxiliares, e não de italianos. Em 1945, o governo etíope calculou o número oficial de mortos como sendo de 760.300 nativos. Angelo Del Boca, *The Ethiopian War 1935-1941* [A guerra etíope 1935-1941] (Chicago: University of Chicago Press, 1965).

- mortes em combate: 275 mil
- fome entre refugiados: 300 mil
- combatentes da Resistência mortos durante a ocupação: 75 mil
- campos de concentração: 35 mil
- massacre de fevereiro de 1937 em Adis Abeba: 30 mil (a maioria dos historiadores acredita que o número de mortos foi de apenas 3 mil, de modo que subtraía a diferença).
- execuções: 24 mil
- civis mortos por ataques aéreos: 17.800.

2. Pankhurst, “History of Early Twentieth Century Ethiopia” [“História da Etiópia do início do século XX”].

A Guerra Civil Espanhola

1. Hugh Thomas, *The Spanish Civil War [A Guerra Civil Espanhola]* (Nova York: Modern Library, 2001), pp. 900-901. Isso inclui 200 mil mortes em combate e 130 mil execuções durante a guerra. Não inclui os 100 mil, mais ou menos, executados por Franco depois da guerra. A maior parte das outras estimativas recentes concorda no total aproximado (com talvez 100 mil para mais ou para menos), mas diferem grandemente quanto à causa específica das mortes. As primeiras estimativas haviam calculado 1 milhão de espanhóis desaparecidos, presumivelmente mortos, mas investigações posteriores descobriram que muitos deles haviam emigrado para escapar da guerra.
2. Murphy, “Lincoln Brigade Survivors Relive Wartime Exploits” [“Sobreviventes da brigada Lincoln relembram façanhas de guerra”]; Orwell, *Homage to Catalonia [Homenagem à Catalunha]*; Ruiz, “Franco and the Spanish Civil War” [“Franco e a Guerra Civil Espanhola”].

Segunda Guerra Mundial

1. Esse é meu próprio cálculo (ver <http://www.necrometrics.com/ww2stats.htm#ww2chart>). A estimativa mais comum de número de baixas na Segunda Guerra Mundial é de 50 milhões, que é encontrada em John Haywood, *Atlas of World History [Atlas da história mundial]* (Nova York: Barnes & Noble Books, 1997), p. 109; Keegan, *Second World War [A Segunda Guerra Mundial]*, p. 590; Charles Messenger, *The Chronological Atlas of World War Two [O atlas cronológico da Segunda Guerra Mundial]* (Nova York: Macmillan, 1989), p. 242; Geoffrey Barraclough, ed., *The Times Concise Atlas of World History: Revised Edition [Edição revista do atlas conciso da história mundial do The Times]* (Maplewood, NJ: Hammond, 1991), p. 132; J. M. Roberts, *Twentieth Century [O século XX]* (Nova York: Viking, 1999), p. 432; Uralnis, *Wars and Population [Guerras e população]*, p. 292.
2. Sherree Owens Zalam, *Adolf Hitler: A Psychological Interpretation of His Views on Architecture, Art, and Music [Adolf Hitler: Uma interpretação psicológica de seus pontos de vista sobre arquitetura, arte e música]* (Bowling Green, OH: Bowling Green State University Popular Press, 1990), p. 138; Leni Yahil et al., *The Holocaust: The Fate of European Jewry 1932-1945 [O Holocausto: O destino dos judeus europeus, 1932-1945]* (Nova York: Oxford University Press, 1991), p. 45.
3. Número de soviéticos mortos em ação: Erickson, *Barbarossa [Barbarossa]*, quadro 12.4. Número de soviéticos capturados: Keegan, *Second World War*, p. 191; Charles Messenger, *The Chronological Atlas of World War Two* (Nova York: Macmillan, 1989), p. 64.
4. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, p. 398.
5. U.S. Holocaust Memorial Museum, *Historical Atlas of the Holocaust [Atlas histórico do Holocausto]*, p. 74.
6. *Ibid.*, p. 67.
7. Mazower, *Dark Continent [Continente escuro]*, p. 168.
8. *Ibid.*, p. 154.

9. Rolf-Dieter Müller e Gerd R. Ueberschär, *Hitler's War in the East, 1941-1945: A Critical Assessment* [A guerra de Hitler no Leste, 1941-1945: Uma avaliação crítica] (Nova York: Berghahn Books, 2002), pp. 214-215; Hobsbawm, *Age of Extremes* [A era dos extremos], p. 43.
10. Overy, *Russia's War* [A Guerra da Rússia], p. 175.
11. Esse é meu próprio cálculo dos que morreram em Stalingrado; os registros do Exército Vermelho mostram que cerca de 480 mil soviéticos morreram na batalha (Erickson, *Barbarossa*, quadro 12.4; Beevor, *Stalingrad*, p. 394; Overy, *Russia's War*, p. 212). Além disso, calcula-se comumente que cerca de 150 mil alemães do VI Exército foram mortos no bolsão. Hoyt, *199 Days* [199 dias], pp. 161-166, indica que mais de 9.700 alemães morreram durante as semanas de combates nas ruas, antes do encurralamento soviético. As perdas romenas vão de 120 mil a 160 mil, de todos os tipos, de modo que um quarto do ponto médio nos daria 35 mil mortos. Os italianos perderam 85 mil a 130 mil, de modo que um quarto do ponto médio nos daria 27 mil mortos. As perdas húngaras foram comparáveis às dos italianos e romenos, de modo que vamos calculá-las em 30 mil. É difícil dizer quantos alemães foram mortos fora do bolsão, mas, como palpite, vamos dizer que pelo menos eles tenham sido 10 mil. Somando tudo isso e arredondando, temos 750 mil.
Quanto ao número de civis mortos, Yevgenia Borisova ("Stalingrad Civilians Were Not Counted" ["Em Stalingrado os civis não foram contados"], *Moscow Times*, 4/2/2003) estima que cerca de 350 mil civis desapareceram da cidade durante a batalha. O artigo oferece cinco explicações para o que pode ter acontecido com eles: morreram de fome e por causa do frio, morreram devido aos bombardeios aéreos e terrestres, foram evacuados durante a batalha, foram enviados à Alemanha como trabalhadores escravos, ou conseguiram fugir por sua própria conta. Se alocarmos iguais probabilidades a cada um desses possíveis destinos, então o número dos que sucumbiram ou foram mortos seria de dois terços do total, ou cerca de 140 mil.
12. Saltsbury, *900 Days*, p. 516 (1,3 milhão a 1,5 milhão); Glantz, *Siege of Leningrad 1941-44* [O sítio de Leningrado 1941-1944], p. 7 (1,6 milhão a 2 milhões).
13. *Ibid.*, pp. 474-475; Michael Jones, *Leningrad: State of Siege* [Leningrado: Estado de sítio] (Nova York: Basic Books, 2008), pp. 214-219.
14. Overy, *Russia's War*, p. 112. O número de militares mortos em Leningrado é desconhecido, mas Glantz (*Siege of Leningrad 1941-1944*, p. 179) relata que os soviéticos registraram que 1.017.881 soldados foram definitivamente perdidos (isto é, mortos, capturados, desaparecidos).
15. Overy (*Russia's War*, p. 212) calcula que 253 mil soviéticos morreram em Kursk. Tanto Clodfelter (*Warfare and Armed Conflicts* [Guerra e conflitos armados], vol. 2, p. 827) quanto John Erickson (*The Road to Berlin* [A estrada para Berlim], New Haven, CT: Yale University Press, 1999, p. 112) estimam que morreram 70 mil alemães.
16. Overy, *Russia's War*, p. 117.
17. Mazower, *Dark Continent*, p. 155.
18. Smith, *Holocaust and Other Genocides* [O Holocausto e outros genocídios], p. 16.
19. Donald L. Niewyk, "Holocaust: The Genocide of the Jews" ["Holocausto: o genocídio dos judeus"], em Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts* [O século do genocídio: Ensaios críticos e relatos de testemunhas oculares], 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), pp. 128-129.
20. Smith, *Holocaust and Other Genocides* [O Holocausto e outros genocídios], pp. 36-37.
21. Donald L. Niewyk, "Holocaust: The Genocide of the Jews", em Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), pp. 131-132.
22. Ian Hancock, "Responses to the Romani Holocaust" ["Respostas ao Holocausto dos romanis"], em Alan S. Rosenbaum, ed., *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide* [O Holocausto é único? Perspectivas sobre genocídio comparativo] (Boulder, CO: Westview Press, 1996), pp. 39-64.

23. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, p. 527.
24. Keay, *India*, p. 504.
25. Johann Hari, "The Two Churchills" ["Os dois Churchills"], *New York Times*, 12/8/2010.
26. Jeffrey Alan Lockwood, *Six-Legged Soldiers: Using Insects as Weapons of War* [*Soldados de seis pernas: usando insetos como armas de guerra*] (Nova York: Oxford University Press, 2009), p. 115.
27. "June 6, 1944: UK's Last Day as a Superpower" ["Seis de junho, 1944: Último dia do Reino Unido como superpotência"], *BBC*, 3/6/2009.
28. Overy, *Russia's War*, p. 246.
29. Larry Collins e Dominique Lapierre, *Is Paris Burning?* [*Paris está queimando?*] (Nova York: Simon & Schuster, 1965).
30. Mazower, *Dark Continent*, p. 217.
31. Martin Sorge, *The Other Price of Hitler's War* [*O outro preço da guerra de Hitler*] (Nova York: Greenwood Press, 1986), citando Cornelius Ryan, *The Last Battle* [*A última batalha*] (Nova York: Simon & Schuster, 1966).
32. Erickson, *Barbarossa*, quadro 12.4.
33. Wilmott, *Second World War in the Far East* [*A Segunda Guerra Mundial no Extremo Oriente*].
34. Wallechinsky, *David Wallechinsky's Twentieth Century* [*O século XX de David Wallechinsky*], pp. 742-745.
35. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, pp. 646-647; Manchester, *American Caesar* [*César americano*], p. 483.
36. Keegan, *Second World War* [*A Segunda Guerra Mundial*], pp. 561-573; Toland, *Rising Sun* [*O sol nascente*], pp. 804-820; Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, pp. 692-694.
37. Tecnicamente eu prefiro "trauma fora-da-batalha" a "acidental", porque é assim que o Exército dos Estados Unidos classifica suas estatísticas. O trauma fora-da-batalha inclui acidentes, afogamentos, insolação, ulceração por exposição ao frio, assassinatos e suicídios, mas não doenças. O número de membros do Exército que morreram por causa de traumas fora da batalha em 1942-45 foi de 60.054 (Edgar L. Cook e John E. Gordon, "Accidental Trauma" ["Traumas acidentais"], em John Boyd Coates Jr., *Preventive Medicine in World War II* [*Medicina preventiva na Segunda Guerra Mundial*], <http://history.amedd.army.mil/booksdocs/wwii/PrsnlHlthMsr/s/chapter7.htm> p. 247), comparado com 234.874 elementos do Exército mortos em combates na Segunda Guerra Mundial, uma proporção de 3,9 mortes em batalha para cada morte por trauma fora da batalha. Na Guerra Civil Americana, o Exército dos Estados Unidos sofreu 10.282 baixas por acidente, afogamento, insolação, assassinato e suicídio, comparado com 110.070 mortes em combate, uma proporção de 10,7 mortes em batalha para cada morte por trauma fora da batalha. William F. Fox, *Regimental Losses in the American Civil War 1861-1865* (1889) [*Perdas regimentais na Guerra Civil Americana 1861-1865*] (1889), disponível em <http://www.civilwarhome.com/foxs.htm> 14/3/2011).
38. Staff of Strategy & Tactics Magazine, *War in the East* [*A guerra no leste*], pp. 165-167.
39. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, p. 304.
40. *Ibid.*, p. 366.
41. Overy, *Russia's War*, pp. 165-166.
42. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, pp. 514-516.
43. Tóquio: As estimativas chegam a 130 mil, mas variações do Levantamento de Bombardeios Estratégicos dos Estados Unidos, com uma estimativa mais baixa, de 83.793, são os números mais comumente repetidos. Você pode encontrar esse número de mortos em ambas as extremidades do espectro político. Para exemplos, Johnson, *Modern Times* [*Tempos modernos*], p. 424; Zinn, *People's History of the United States* [*História do povo dos Estados Unidos*], p. 422.

44. Hiroshima: Estimativas dos mortos devido às explosões atômicas variam de acordo com quantas mortes subsequentes por câncer são atribuídas ao envenenamento pela radiação. Por exemplo, a CBS News informou, em 6/8/2004, que havia 237.062 mortos relacionados no cenotáfio memorial da cidade, inclusive 5.142 que “havam morrido de câncer e outras doenças prolongadas no ano anterior”. Isso significa que eles estão contando pessoas que viveram outros 59 anos depois do bombardeio, embora a maioria das pessoas no mundo inteiro nem mesmo chegue a atingir essa idade. De qualquer modo, o relatório do governo da cidade, de 1946, que apontava 118.661 mortos e 3.677 desaparecidos (*Bulletin of the Atomic Scientists*, junho de 1986, p. 37), mostra o número mais confiável de mortes em Hiroshima a que podemos provavelmente chegar, e todos os cálculos de mortes a longo prazo devido à radiação são especulativos.
45. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, p. 703.
46. Mazower, *Dark Continent*, pp. 231-232.
47. Keegan, *Second World War*, p. 590.
48. *The United States Strategic Bombing Survey* (Nova York: Garland, 1976), vol. 10, p. 95.
49. Dominic Lieven et al., na *Cambridge History of Russia [A história Cambridge da Rússia]* (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2006), p. 226, calcula que 7,4 milhões de soviéticos foram “mortos em combate ou a sangue-frio”, 2,2 milhões foram “levados para a Alemanha e forçados a trabalhar até a morte” e 4,1 milhões “morreram de excesso de trabalho, fome e doenças”. A esse total de 13,7 milhões excessivos de mortes de civis sob a ocupação alemã devem ser adicionadas as mortes de 3,3 milhões de prisioneiros de guerra.
50. Rummel, *Death by Government [Morte pelo governo]*, p. 148 (3.949 mil).
51. Estimativa grosseira. Os dois maiores crimes de guerra atribuídos aos nacionalistas chineses são o da enchente do rio Amarelo, e a brutalidade geral com a qual eles arrebanhavam e abusavam dos conscritos. Cálculo em umas poucas centenas de milhares cada um.
52. De acordo com uma informação do governo, de 1947, 6.028 mil civis habitando dentro das fronteiras pré-guerra da Polônia morreram na guerra, apenas 521 mil deles como resultado direto das operações militares. Ulanis, *Wars and Population*, p. 290.
53. Mediana de 11 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c5m.htm#Holocaust>.
54. Arendt, *Eichmann in Jerusalem [Eichmann em Jerusalém]*, p. 192.
55. Cálculo pós-guerra da ONU: repetido por Robert B. Edgerton, *Warriors of the Rising Sun [Guerreiros do sol nascente]* (Nova York, W. W. Norton, 1997), p. 272; Werner Gruhl, *Imperial Japan's World War Two* (New Brunswick, NJ: Transaction, 2010), p. 111; Thomas G. Paterson, *On Every Front [Em toda frente de batalha]* (Nova York: W. W. Norton, 1992), p. 11; Sterling Seagrave, *Gold Warriors: America's Secret Recovery of Yamashita's Gold [Guerreiros de ouro: Recuperação secreta do ouro de Yamashita pelos Estados Unidos]* (Nova York: Verso, 2003), p. 54.
56. Número oficial de mortes devido à fome em Bengala.
57. Número não oficial de mortes devido à fome em Bengala.
58. Mortes devido à fome. Karnow, *Vietnã*, p. 160.
59. Martin Mennecke et al., “Genocide in Bosnia-Herzegovina” [“Genocídio na Bósnia-Herzegovina”], em Samuel Totten et al., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), p. 422.
60. A estimativa oficial é que o bombardeio convencional matou 260 mil pessoas no Japão. Um número desconhecido morreu devido aos bombardeios atômicos, mas a maioria das estimativas fica perto dos 140 mil para levar esse total a 400 mil. Johnson, *Modern Times*, pp. 424-426; Keegan, *Second World War*, p. 576.
61. Ulanis, *Wars and Population*, p. 290; 350 mil civis mortos, apenas 60 mil devido a ações militares.

62. Esta é a soma do número de prisioneiros de guerra do Eixo que morreram (580 mil), soldados soviéticos que foram executados (400 mil), mortes no Gulag (621 mil; Service, *History of the Twentieth-Century Russia* [História da Rússia do século XX], p. 278), minorias do mar Negro/Cáucaso que foram mortas (231 mil), minorias bálticas que morreram (200 mil), soviéticos repatriados que foram mortos depois da guerra (1 milhão, mais ou menos) e civis alemães que morreram durante o avanço do Exército Vermelho (1 milhão; Keegan, *Second World War*, p. 592). Ver o capítulo sobre Stálin para detalhes.
63. Ben Macintyre, "Britain to Blame for the Holocaust, Says Buchanan" ["Grã-Bretanha culpada pelo Holocausto, diz Buchanan"], *Times* (Londres), 23/9/1999; ver também Michael Kelly, "Buchanan's Folly" ["A loucura de Buchanan"], *Washington Post*, 22/9/1999.
64. Elisabeth Bumiller, "60 Years after the Fact, Debating Yalta All Over Again" ["60 anos depois do fato, voltando novamente a debater Yalta"], *New York Times*, 16/5/2005, p. 18; David Greenberg, "Know Thy Allies" ["Conheça teus aliados"], *Slate*, 10/5/2005, <http://www.slate.com/id/2118394/>.
65. Overy, *Russia's War*, pp. 195-196; Vecamer, "Germany-Soviet Military-Economic Comparison" ["Comparação militar-econômica entre Alemanha e União Soviética"]; Dykman, "The Soviet Experience in World War Two" ["A experiência Soviética na Segunda Guerra Mundial"].

A expulsão dos alemães da Europa oriental

1. Cada relato desse acontecimento parece apresentar um número diferente de mortos, mas as estimativas caem em um dos dois grupos. A maioria dos historiadores alega que de 2 a 2,8 milhões de alemães orientais morreram ou desapareceram sem vestígio durante as expulsões. Uma minoria adota padrões de prova mais rígidos, que produzem estimativas de 400 mil a 600 mil mortes bem documentadas. Independentemente de sua colocação na escala, 35 ou 85, esse evento tem lugar na minha lista.
2. Istvan S. Pogany, *Righting Wrongs in Eastern Europe* [Acertando as diferenças na Europa oriental] (Manchester, Reino Unido: Manchester University Press, 1997), p. 106.
3. Hans-Ulrich Stoldt, "Revenge on Ethnic Germans: Czech Town Divided over How to Commemorate 1945 Massacre" ["Vingança contra alemães étnicos: Cidade da República Tcheca dividida sobre como comemorar o massacre de 1945"], *Spiegel Online*, 4/9/2009, <http://www.spiegel.de/international/europe/0,1518,646757,00.html>.
4. Dornberg, "Germany's Expellees and Border Changes" ["Alemães expulsos e mudanças nas fronteiras"], Czech News Agency, "Transfer of Germans from Czechoslovakia" ["Transferência de alemães da Tchecoslováquia"].
5. Winston Churchill, "Sinews of Peace" ["Sustentáculos da paz"], Westminster College, Fulton, Missouri, 5/3/1946, <http://www.winstonchurchill.org/i4a/pages/index.cfm?pageid=429>.
6. Bell-Fialkoff, "Brief History of Ethnic Cleansing" ["Breve história da limpeza étnica"]; Krah, "Germans as Victims?" ["Alemães como vítimas?"].
7. Czech News Agency, "Profile: Organized Sudeten Deportations Began 50 Year Ago" ["Perfil: Deportações organizadas de sudetos começaram há 50 anos"].
8. Ver Keegan, *Second World War* [A Segunda Guerra Mundial], p. 593.

Guerra na Indochina francesa

1. Karnow, *Vietnam*, pp. 161-167.
2. *Ibid.*, pp. 171-172.
3. Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts* [Guerra e conflitos armados], vol. 2, p. 1.123.

A divisão da Índia

1. Mediana de 14 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c300k.htm#India>.

2. Spaeth, "The Price of Freedom" ["O preço da liberdade"].
3. Collins e Lapierre, *Freedom at Midnight* [*Liberdade à meia-noite*], pp. 97-98.
4. Gilbert, *History of the Twentieth Century*, vol. 2, p. 795.
5. Collins e Lapierre, *Freedom at Midnight*, pp. 314-316.
6. Contagem do censo de 1951 feito pela Índia e Paquistão, citado em Pradeep Sharma, *Human Geography: The People* [*Geografia humana: o povo*] (Nova Déli, Índia: Discovery Publishing House, 2008), p. 129.
7. Collins e Lapierre, *Freedom at Midnight*, pp. 355-360, 436-512.

Mao Tsé-tung

1. Meisner, *Mao's China and After* [*A China de Mao e depois*], p. 69.
2. Spence, *Search for Modern China* [*A busca pela China moderna*], pp. 539-540.
3. Chang e Halliday, *Mao*, p. 325.
4. *Ibid.*, p. 324.
5. Meisner, *Mao's China and After*, pp. 162-180.
6. Chang e Halliday, *Mao*, p. 417.
7. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 192.
8. Chang e Halliday, *Mao*, pp. 329-333.
9. Nicholas Wade, "Method & Madness: Lust for Power" ["Método & loucura: a ganância pelo poder"], resenha de *The Private Life of Chairman Mao* [*A vida privada do presidente Mao*], pelo dr. Li Zhisui, *New York Times*, 6/11/1994; Chirot, *Modern Tyrants*, p. 195.
10. Spence, *Search for Modern China*, p. 525.
11. Meisner, *Mao's China and After*, p. 70.
12. Chang e Halliday, *Mao*, pp. 431-432; Chirot, *Modern Tyrants*, p. 196.
13. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 195.
14. Spence, *Search for Modern China*, p. 583; Chang e Halliday, *Mao*, p. 428.
15. Meisner, *Mao's China and After*, p. 237.
16. Davis, *Late Victorian Holocausts* [*Holocaustos do fim da era vitoriana*], p. 251 citando Amartya Sen.
17. Chang e Halliday, *Mao*, p. 433.
18. *Ibid.* p. 430; Human Rights Watch, *The Three Gorges Dam in China: Forced Resettlement, Suppression of Dissent and Labor Rights Concerns* [*A represa das três gargantas na China: Reassentamento forçado, preocupação com a repressão a dissidentes e com direitos humanos*], Human Rights Watch Reports, vol. 7, nº1 (fevereiro de 1995), <http://www.hrw.org/reports/1995/China1.htm>; Thayer Watkins, "The Catastrophic Dam Failures in China in August 1975" ["As catastróficas falhas de represas na China, em agosto de 1975"], <http://www2.sjsu.edu/faculty/watkins/aug1975.htm> (acessado em 14/3/2011).
19. Chang e Halliday, *Mao*, pp. 453-457.
20. Margolin, "China", em Courtois et al., *Black Book of Communism* [*O livro negro do comunismo*], p. 546.
21. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 197.
22. Meisner, *Mao's China and After*, p. 313; Chang e Halliday, *Mao*, pp. 505-506.
23. Chang e Halliday, *Mao*, p. 517.
24. *Ibid.*, pp. 520-521.
25. Spence, *Search for Modern China*, p. 606.
26. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 205.
27. *Ibid.*, pp. 204-205.

28. Marcus Mabry, "Cannibals of the Red Guard" ["Canibais da Guarda Vermelha"], *News-week*, 18/1/1993, p. 38; Chirot, *Modern Tyrants*, pp. 205-206.
29. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 206.
30. Spence, *Search for Modern China*, pp. 616-617.
31. Richard L. Walker, *The Human Cost of Communism in China*, Relatório para o Subcomitê de Segurança Interna do Comitê Judiciário do Senado dos Estados Unidos (Washington, DC: Government Printing Office, 1971).
32. Courtois et al., *Black Book of Communism*, p. 4.
33. Chang e Halliday, *Mao*, p. 3.
34. Estimativas de morte nos primeiros anos: Margolin, "China", em Courtois et al., *Black Book of Communism*, p. 479 (1 a 5 milhões); Spence, *Search for Modern China*, p. 517 ("cerca de 1 milhão ou mais"); Johnson, *Modern Times*, p. 447 ("pelo menos 2 milhões"), p. 548 ("pode chegar a 15 milhões, embora eu calcule que 1 a 3 milhões seja mais provável"); Meisner, *Mao's China and After*, p. 72 ("2 milhões de pessoas executadas durante os três primeiros anos"); Chirot, *Modern Tyrants*, p. 187 ("Chou Enlai estimou mais tarde que 830 mil foram mortos entre 1949 e 1956. Mao... calculou... de 2 a 3 milhões"); Chang e Halliday, *Mao*, p. 324 ("Cerca de 3 milhões pereceram ou por execução ou por violência das multidões ou suicídio"); Rummel, *China's Bloody Century [O século sangrento da China]*, quadro II.A, linha 37 (4,5 milhões). A mediana dessas sete estimativas é de 2 milhões.
35. Becker, *Hungry Ghosts [Fantasmas famintos]*, p. 270. Outras estimativas do número de mortos do Grande Salto à Frente: Spence, *Search for Modern China*, p. 583 ("O resultado foi... uma fome que causou 20 milhões ou mais de mortes). Meisner, *Mao's China and After*, p. 237 ("os demógrafos concluíram que cerca de 30 milhões de pessoas pereceram"); Chirot, *Modern Tyrants*, pp. 195-196, de 30 milhões de mortos; Chirot, *Modern Tyrants*, pp. 195-196 ("Alguns membros do partido calcularam mais tarde que mais de 40 milhões de pessoas morreram. O economista Nicholas Lardy... calcula que entre 16 e 28 milhões morreram"); Chang e Halliday, *Mao*, p. 438 ("Perto de 38 milhões de pessoas morreram de fome ou excesso de trabalho").
36. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 198 ("algumas estimativas de mortos chegam a 20 milhões").
37. Estimativas de mortos na Revolução Cultural: Johnson, *Modern Times*, p. 558 ("A agência France Press, no cálculo mais amplamente respeitado, estimou, em 3/2/1979, que os Guardas Vermelhos haviam assassinado cerca de 400 mil pessoas"); Meisner, *Mao's China and After*, p. 354 ("um cálculo amplamente aceito em todo o país dá 400 mil mortos na Revolução Cultural, um número primeiro apresentado em 1979 pelo correspondente da agência France Press"); Palmowski, *Dictionary of the Twentieth Century World History [Dicionário da história mundial do século XX]* (meio milhão); Chirot, *Modern Tyrants*, p. 198 ("Pelo menos 1 milhão de pessoas morreram"); Brzezinski, *Out of Control [Fora de controle]* (1 a 2 milhões); Rummel, *China's Bloody Century [O século sangrento da China]*, quadro II.A, linha 294a (1.613 milhão); John Heidenrich, *How to Prevent Genocide: A Guide to Policy Makers, Scholars, and the Concerned Citizen [Como evitar o genocídio: Um guia para produtores de políticas, estudiosos e o cidadão interessado]* (Westport, CT: Praeger, 2001), p. 7 (2 milhões); Chang e Halliday, *Mao*, p. 547 ("pelo menos 3 milhões morreram de mortes violentas"). A mediana dessas oito estimativas é 1,5 milhão.
38. David Aikman, "The Laogai Archipelago" ["O arquipélago Laogai"], *Weekly Standard*, 29/9/1997.
39. Margolin, "China", em Courtois et al., *Black Book of Communism*, p. 498.
40. Chang e Halliday, *Mao*, p. 325.

A guerra da Coreia

1. A mediana de oito estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c1m.htm#Ko>.
2. "Cheju April 3rd Massacre to Be Unearthed" ["O massacre de 3 de abril em Cheju vai ser exumado"] (30 mil a 80 mil); Wehrfritz e Lee, "Ghosts of Cheju" ["Fantasmas de Cheju"] (60

mil).

3. Chang e Halliday, *Mao*, pp. 358-359.
4. Hastings, *Korean War* [*A guerra da Coreia*], pp. 77-82.
5. Charles J. Hanley e Jae-Soon Chang, “Thousands Killed by US’s Korean Ally” [“Milhares mortos por aliado coreano dos Estados Unidos”], Associated Press, 18/5/2008.
6. Center of Military History, “Korean War” [“A guerra da Coreia”], p. 56.
7. “Thousands Perished in North Korean Outrages during War” [“Milhares morreram devido a atrocidades norte-coreanas durante a guerra”], Associated Press, 13/10/1999; Andrew Nahm, *Historical Dictionary of the Republic of Korea* [*Dicionário histórico da República da Coreia*] (Lanham, MD: Scarecrow Press, 2004), p. 111.
8. Hastings, *Korean War*, p. 304.
9. “U.S. Allowed Korean Massacre in 1950” [“Estados Unidos permitiram o massacre coreano em 1950”], Associated Press, 5/7/2008.
10. Hastings, *Korean War*, pp. 138-139.
11. *Ibid.*, pp. 128-146.
12. Center of Military History, “Korean War”, pp. 561-562.
13. *Ibid.*, p. 565.
14. Matray, “Revisiting Korea” [“Revisitando a Coreia”]; Chang e Halliday, *Mao*, p. 368.
15. Hastings, *Korean War*, p. 306.

A Coreia do Norte

1. Esse é puro palpite. Um milhão ou dois de pessoas podem ter morrido de fome, mais 1 milhão ou dois podem ter morrido de opressão. Os números podem facilmente ser a metade ou o dobro disso. Uma estimativa (Omestad, “Gulag Nation” [“A nação Gulag”]) é que 400 mil prisioneiros políticos morreram entre 1973 e 2003, e o regime já tinha, na época, um quarto de século de existência. Courtois et al., em *The Black Book of Communism* [*O livro negro do comunismo*], estimam em 2 milhões de mortes (p. 4), inclusive 100 mil assassinatos em expurgos do partido, e 1.500 mil em campos de concentração, sem contar os que pereceram devido à fome (p. 564).
2. Chirof, *Modern Tyrants*, p. 248.
3. Liz McGregor, “Birthday Blues for the ‘Sun of Mankind’” [“Blues de aniversário para o sol da humanidade”], *Sydney Morning Herald*, 29/4/1989.
4. Goodspeed, “Grim North Korea Breaks Its Isolation” [“A sinistra Coreia do Norte rompe seu isolamento”].
5. Pierre Rigoulot, “Crimes, Terror, and Secrecy in North Korea” [“Crimes, terror e segredo na Coreia do Norte”], em Stephane Courtois et al., *The Black Book of Communism: Crimes, Terror, Repression* [*O livro negro do comunismo: Crimes, terror e repressão*], trad. Jonathan Murphy e Mark Kramer (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), p. 561.
6. *Ibid.*, p. 560.
7. Carol Clark, “Kim Jong Il: ‘Dear Leader’ or Demon?” [“Kim Jong Il: ‘Querido Líder’ ou Demônio?”] CNN Interactive, 2001, <http://www.cnn.com/SPECIALS/2000/korea/story/leader/kim.jong.il/> (acessado em 9/3/2008).
8. Wallechinsky, *Tyrants*, p. 41.
9. Goozner, “World Watches North Korea” [“O mundo observa a Coreia do Norte”].
10. Goodspeed, “Grim North Korea Breaks Its Isolation”.
11. “Top Defector Says Famine Has Killed over Three Million Koreans.” [“Importante desertor diz que fome matou mais de três milhões de coreanos.”] Agence France Press, 13/3/1999; “North Korea Admits Its Famine Has Killed Hundreds of Thousands.” [“Coreia do Norte admite que a

fome matou centenas de milhares.”] Associated Press, 10/5/1999 (os números oficiais norte-coreanos indicam 220 mil mortes; a delegação americana estimou esse número em 2 milhões; o serviço de inteligência da Coreia do Sul afirmou que a população declinou em 3 milhões de pessoas); Tania Branigan, “North Korea Life Expectancy Falls, Census Reveals” [“A expectativa de vida na Coreia do Norte cai, revela censo”], *Guardian*, 22/2/2010 (600 mil a 1 milhão).

O capítulo negro do comunismo

1. Jean-Louis Margolin, “Cambodia” [“Camboja”], em Stephane Courtois et al., *The Black Book of Communism: Crimes, Terror, Repression*, trad. por Jonathan Murphy e Mark Kramer (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), p. 591.
2. Iugoslávia: Estimativas percorrem todo o espectro, com o ponto mais alto sendo quase nove vezes o mais baixo: Mazower, *Dark Continent* [Continentes escuro], p. 235 (chegando a 60 mil); Chuck Sudetic, “Piles of Bones in Yugoslavia Point to Partisan Massacres” [“Pilhas de ossos na Iugoslávia apontam para massacres de guerrilheiros”], *New York Times*, 9/7/1990 (70 mil a 100 mil); John R. Lampe, *Yugoslavia as History: Twice There Was a Country* [Iugoslávia como história: Duas vezes houve um país] (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2000), p. 227 (100 mil); Noel Malcolm, *Bosnia: A Short History* [Bósnia: uma breve história] (Nova York: NYU Press, 1996), p. 193 (250 mil); emigrados anticomunistas conforme citado em Sudetic, “Piles of Bones” [“Pilhas de ossos”] (c. 500 mil); R. J. Rummel, *Statistics of Democide* [Estatísticas de democídio] (Münster: LIT, 1998), p. 172 (500 mil). Tanto a média geométrica no ponto alto e baixo quanto a mediana caem em torno de 175 mil.
3. Polônia: Rosenberg, *Haunted Land* [Terra assombrada], p. 145.
4. Bulgária: Andrew Alexander, “Bulgarians Reveal Labor-Camp Fate of Those Who Criticized Government” [“Búlgaros revelam o destino no campo de trabalhos forçados para aqueles que criticaram o governo”], *Orange County Register*, 1/7/1990.
5. Cuba: John Rice, “40 Years of Revolution” [“40 anos de revolução”], *Star Tribune* (Minneapolis), 27/12/1998 (“O historiador Hugh Thomas calculou que 5 mil pessoas talvez tenham sido executadas em 1970”).
6. Jean-Louis Margolin, “Cambodia”, em Stephane Courtois et al., *The Black Book of Communism: Crimes, Terror, Repression*, trad. de Jonathan Murphy e Mark Kramer (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), p. 591.
7. Pierre Rigoulot, “Crimes, Terror, and Secrecy in North Korea”, em Stephane Courtois et al., *The Black Book of Communism: Crimes, Terror, Repression*, trad. por Jonathan Murphy e Mark Kramer (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), pp. 552-553.
8. Alemanha Oriental: Reuters, “100.000 Died in E. Germany for Political Acts” [“100 mil morreram na Alemanha Oriental por atos políticos”]; *Los Angeles Times*, 27/10/1991 (“morreram no cativeiro ou foram executados por ofensas políticas em 44 anos”).
9. Romênia: Alison Mutler, “AP Photos BUC101-103”, Associated Press, 23/10/2000 (“Acredita-se que cerca de 100 mil camponeses, intelectuais e membros do governo pré-comunista morreram na prisão ou durante a construção do canal Danúbio-mar Negro”).
10. Mongólia: “Expedition Unearths Mass Grave Dating to Communist Rule” [“Expedição exuma cova coletiva datando do governo comunista”], Associated Press, 22/10/1991, AM cycle (“O número de mortos daquela época tem sido largamente estimado em 35 mil”); as estimativas chegam até mesmo a 100 mil; “Mass Grave of Buddhist Massacre Reportedly Found in Mongolia” [“Suposta cova coletiva de massacre budista encontrada na Mongólia”], Associated Press, 22/10/1991, PM Cycle.
11. Tchecoslováquia: “Thousands of People Killed by Former Communist Regime.” [“Milhares de pessoas assassinadas pelo antigo regime comunista.”] CTK National News Wire, 28/5/1991 (260 executados; 9 mil a 10 mil mortos durante o aprisionamento e na prisão; 1.800 desapareceram sem vestígios).

12. Albânia: Jane Perelez, "Tirana Journal: A Stalinist Dowager in Her Bunker." ["Boletim de tirana: uma viúva stalinista na sua casamata."] *New York Times*, 8/7/1997 ("documentos mostram que 5 mil prisioneiros políticos foram executados... durante os quarenta anos do governo Hoxha").
13. Hobasbawm, *Age of Extremes* [A era dos extremos], pp. 382-385.
14. Ibid., pp. 471-495; Mazower, *Dark Continent*, pp. 362-380.

A guerra de Independência da Argélia

1. Johnson, *Modern Times*, p. 500.
2. Walter Laqueur, *Europe Since Hitler: The Rebirth of Europe* [A Europa desde Hitler: o renascimento da Europa], ed. rev. (Nova York: Penguin Books, 1982), pp. 468-470.
3. Horne, *Savage War of Peace* [A selvagem guerra de paz], p. 538.

A guerra no Sudão

1. A mediana de oito estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c300k.htm#Sudan>.
2. A mediana de sete estimativas recentes. Ver <http://www.necrometrics.com/20c1m.htm#Sudan>.
3. As estimativas chegam a 400 mil, mas, entre grandes e imparciais organizações que fazem o acompanhamento desses assuntos, 200 mil é um número preferido. "Q&A: Sudan's Darfur Conflict" ["O conflito de Darfur no Sudão"], BBC News, 29/5/2007, [http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/1/hi/world/africa/3496731.stm\(200.000\)](http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/1/hi/world/africa/3496731.stm(200.000)); Human Rights Watch, "Q&A: Crisis in Darfur" ["Crise em Darfur"], 29/1/2007, [http://hrw.org/english/docs/2004/05/05/darfur8536.htm\(200.000\)](http://hrw.org/english/docs/2004/05/05/darfur8536.htm(200.000)); Sam Dealey, "An Atrocity That Needs No Exaggeration" ["Uma atrocidade que não precisa ser exagerada"], *New York Times*, 12/8/2007; Alfred de Montesquieu, "As Darfur Violence Continues, Some Question Death Estimates" ["Enquanto continua a violência em Darfur, alguns questionam as estimativas de mortes"], Associated Press, 29/11/2006.
4. Berkeley, *Graves Are Not Yet Full* [As covas ainda não estão cheias], p. 211.
5. Ibid., p. 214; Kaplan, "Microcosm of Africa's Ills: Sudan" ["Microcosmo dos males da África: Sudão"].
6. Berkeley, *Graves Are Not Yet Full*, p. 198.
7. Ibid., pp. 201-202.
8. "Country Profile: Sudan" ["Perfil de um país: Sudão"], BBC, 1/6/2007, http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/country_profiles/820864.stm.
9. "Prosecutor Accuses Bashir Forces of Murder, Rape, Pillage" ["Promotor acusa as forças de Bashir de assassinato, estupro, saques"], *allAfrica.com*, 2/3/2009, <http://allafrica.com/stories/200903020185.html>; Robert Booth, "No Money, Not Enough Food, Rampant Sickness, Night-Time Raids, Darfur Today" ["Nenhum dinheiro, alimento insuficiente, doença generalizada, incursões noturnas, Darfur hoje em dia"], *Guardian*, 7/12/2007; Hissa Hissa, "UN Envoy to Darfur Rebel Heartland to Muster Support for Peace Talks" ["Enviado da ONU ao coração do território rebelde para conseguir apoio para as conversações de paz"], Associated Press, 8/12/2007.

A guerra do Vietnã

1. Dwight Eisenhower, *Mandate for Change* [Mandato para mudança] (Nova York: New American Library, 1963), citado em Simkin, "Vietnam War".
2. Citado em Michael O'Brien, *John F. Kennedy: A Biography* [John F. Kennedy: uma biografia] (Nova York: Griffin, 2006), p. 859.
3. Karnow, *Vietnam*, pp. 313-327.

4. Ibid., pp. 382-392.
5. Boot, *Savage Wars of Peace* [*Selvagens guerras de paz*], p. 298.
6. Ibid., p. 308.
7. Zinn, *People's History of the United States* [*A história do povo dos Estados Unidos*], p. 477.
8. Ibid., pp. 478-479; Doug Linder, "An Introduction to the My Lai Courts-Martial" ["Uma introdução às cortes marciais de My Lai"], *Famous Trials* [Julgamentos famosos], 1999, http://www.law.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/mylai/Myl_intro.html.
9. Nell Boyce, "Hugh Thompson: Reviled Then Honored for His Actions at My Lai" ["Hugh Thompson: Execrado e depois condecorado por suas ações em My Lai"], *News & World Report*, 20/8/2001, <http://www.usnews.com/usnews/doubleissue/heroes/thompson.htm>.
10. Michael D. Sallah e Mitch Weiss, "Rogue GIs Unleashed Wave of Terror in Central High-lands" ["Pracinhas bandidos desencadeiam onda de terror no planalto central"], *Toledo Blade*, 19/10/2003. Disponível em <http://pulitzer.org/works/2004-Investigative-Reporting>.
11. Karnow, *Vietnam*, p. 617.
12. Davidson, *Vietnam at War* [*Vietnã em guerra*], p. 552; Hanson, *Carnage and Culture* [*Carnificina e cultura*], p. 400.
13. Karnow, *Vietnam*, pp. 558-559.
14. Ibid., p. 616.
15. Ibid.
16. Ibid., pp. 617-621.
17. Ibid., pp. 654-656.
18. Ibid. pp. 666-669.
19. Ibid., p. 674.
20. Ibid., pp. 679-680.
21. "Vietnam Discloses 1,1 Million Died in War, 600,000 Wounded" ["Vietnã revela que 1,1 milhão morreram na guerra, 600 mil feridos"], Associated Press, 3/4/1995; Keith B. Richburg, "To Vietnamese, Fall of Saigon Started the Peace; 20 Years after War's End, Victors Looking Forward" ["Para vietnamitas, queda de Saigon iniciou a paz; 20 anos depois do término da guerra, vitoriosos olhando para o futuro"], *Washington Post*, 30/4/1995.
22. Obermeyer, Murray e Gakidou, "Fifty Years of Violent War Deaths" ["Cinquenta anos de mortes violentas na guerra"].
23. Kimmo Kiljunen, ed. *Kampuchea: Decade of the Genocide Report of a Finnish Inquiry Commission* [*Kampuchea: Década do relatório de uma comissão de inquérito finlandesa sobre genocídio*] (Londres: Zed Books, 1984), p. 30.
24. Obermeyer, Murray e Gakidou, "Fifty Years of Violent War Deaths".

A Guerra Fria

1. Totten et al., eds., *Century of Genocide* [*Século de genocídio*], p. 321.
2. Edgar O'Ballance, *The Greek Civil War: 1944-1949* [*A Guerra Civil Grega: 1944-1949*] (Nova York: Praeger, 1966), p. 202.
3. Obermeyer, "Fifty Years of Violent War Deaths" ["Cinquenta anos de violentas mortes na guerra"].
4. Vincent Cabreza, "43,000 Killed in 34 Years of Communist Rebellion" ["43 mil mortos em 34 anos de rebelião comunista"], *Philippine Daily Inquirer*, 29/1/2003.
5. "Refusing to Forget" ["Recusando esquecer"], PBS News Hour, 16/10/1997, http://www.pbs.org/newshour/bb/latin_america/july-dec97/argentina_10-16a.html, citando Argentina Human Rights Information, <http://www.derechos.org/human-rights/argentina.html>:

30 mil desaparecidos.

6. "Central America" ["América Central"] em *Encyclopaedia Britannica*, 15ª ed., vol. 15, p. 692.

7. Kohn, *Dictionary of Wars* [Dicionário das guerras], p. 330.

Expurgo na Indonésia

1. A mediana de 19 estimativas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c300k.htm#Indonesia>.

2. Kathy Kadane, "U.S. Accused of Role in Massacre" ["Estados Unidos acusados de papel no massacre"].

3. Robert Cribb, "The Indonesian Massacres" ["Os massacres indonésios"], em Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts* [Século de genocídio: Ensaios críticos e relatos de testemunhas oculares], 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004).

4. Karmini, "40 Years on, Indonesian Victims" ["40 anos depois, vítimas indonésias"]; Lekic, "Controversy over Elusive Documents" ["Controvérsia sobre documentos de difícil compreensão"]; Whiting, "Indonesia Still Dealing with Carnage" ["A Indonésia ainda lidando com a carnificina"].

A guerra de Biafra

1. A mediana de 15 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c1m.htm#Nigeria>.

2. Edgerton, *Africa's Armies* [Exércitos da África], p. 107.

3. Ibid., pp. 103-109; "Ojukwu Blames Civil War on Gowon" ["Ojukwu culpa a guerra civil (pelos acontecimentos) em Gowon"]; Harden, "2 Decades Later, Biafra Remains Lonely Precedent" ["2 décadas mais tarde, Biafra permanece como precedente isolado"].

Genocídio em Bengala

1. A mediana de 15 estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c1m.htm#Bangladesh>.

2. Kiernan, *Blood and Soil* [Sangue e solo], p. 574.

3. Stockwin, "East Pakistan's Bloody Death" ["A morte sangrenta do Paquistão oriental"].

4. Christopher Hitchens, *The Trial of Henry Kissinger* [O julgamento de Henry Kissinger] (Nova York: Verso Press, 2001).

5. Robert Payne, *Massacre* (Nova York: Macmillan, 1973), p. 55.

6. Galloway, "We Are Mute and Horrified Witnesses to a Reign of Terror" ["Somos testemunhas mudas e horrorizadas de um reino de terror"].

7. Ibid.; Jahan, "Genocide in Bangladesh" ["Genocídio em Bangladesh"] em Totten et al., eds. *Century of Genocide* [Século do genocídio]; Kiernan, *Blood and Soil*, pp. 572-576; Stockwin, "East Pakistan's Bloody Death".

Idi Amin

1. A mediana de 14 estimativas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c300k.htm#Uganda>.
2. Berkeley, *Graves Are Not Full Yet* [As covas ainda não estão cheias], p. 230.
3. “Who Is This Man Field Marshal Idi Amin, Who Dares Do the Things He Does and Say the Things He Says?” [“Quem é esse homem, marechal de campo Idi Amin, que tem coragem de fazer as coisas que faz e de dizer as coisas que diz?”], Associated Press, 27/2/1977; “Field Marshal Idi Amin Dada, Uganda’s President for Life” [“Marechal de campo Idi Amin Dada, presidente perpétuo de Uganda”], Associated Press, 11/4/1979.
4. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 392.
5. “Ex-Ugandan Dictator Idi Amin, 80, Dies” [“Morre Idi Amin, 80 anos, ex-ditador ugandense”].

Mengistu Haile

1. Fitzgerald, “Tyrant for the Taking” [“Tirano para saquear”] (“Mais de 2 milhões de pessoas morreram em expurgos políticos e na guerra civil, ou de desnutrição induzida pelas políticas governamentais”); Rapoport, *Knives Are Out* [As facas estão desembainhadas] (“Mais de 2 milhões de pessoas... morreram devido à realocação, aprisionamento, socorro alimentar subtraído, perdas militares e execução sumária”).
2. Fitzgerald, “Tyrant for the Taking”; Henry, “Mengistu Leaves Ethiopia in Shambles” [“Mengistu deixa a Etiópia em escombros”].
3. Fitzgerald, “Tyrant for the Taking”; Rapoport, *Knives Are Out*.
4. Sanchez, “Victory Tempered by Sorrow” [“Vitória temperada por tristeza”] (400 mil); Henry, “Mengistu Leaves Ethiopia in Shambles” (500 mil); Obermeyer, Murray e Gakidou, “Fifty Years of Violent War Deaths” [“Cinquenta anos de violentas mortes devido à guerra”] (579 mil).
5. Número de mortos pela fome: 500 mil (Manthorpe, “Mengistu’s Brutal Regime” [“O regime brutal de Mengistu”] ou 1 milhão (Henry, “Mengistu Leaves Ethiopia in Shambles”; Sanchez, “Victory Tempered by Sorrow”) ou 2 milhões (Rapoport, *Knives Are Out*).

O Vietnã pós-guerra

1. Minha estimativa. São 200 mil do “povo dos barcos” (William Branigin, “Vietnam Demands U.S. Halt Rescues” [“Vietnã exige que os Estados Unidos cessem os resgates”], *Washington Post*, 3/8/1979; Vu Thanh Thuy, “Boat People Defeats Sea ...” [“Povo do barco derrota o mar...”], *San Diego Union Tribune*, 20/7/1986) mais 165 mil mortes nos campos (“Post-war Strife Survival: The Register Profiles O. C. Residents Who Once Were Prisoners in Vietnam’s Re-education Camps” [“A luta pela sobrevivência no pós-guerra: o Register descreve os residentes O. C. que foram ex-prisioneiros nos campos de reeducação do Vietnã”], *Orange County Register*, 29/4/2001; Fidelius Kuo, “Fallen, but Not Forgotten: Washington’s South Vietnamese Veterans” [“Mortos, mas não esquecidos: Os veteranos vietnamitas do sul de Washington”], *Northwest Asian Weekly*, 5/7/1996), que inclui 65 mil execuções (Desbarats e Jackson, “Vietnam 1975-1982” [“Vietnã 1975-1982”]).
2. Desbarats e Jackson, “Vietnam 1975-1982”.
3. Além das fontes relacionadas anteriormente, compare Elizabeth Becker (*When the War Was Over* [Quando a guerra terminou], Nova York: Public Affairs, 1998, p. 534), que cita o Alto-Comissariado para Refugiados da ONU, que 250 mil fugitivos de barco morreram no mar, e 929.600 alcançaram asilo; Hanson, *Carnage and Culture* [Carnificina e cultura], p. 425, relatando que de 50 mil a 100 mil morreram; e Nayan Chanda, *Brother Enemy* [Irmão inimigo] (San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1986), p. 247, escrevendo que 30 mil a 40 mil morreram no mar (também em Marilyn Young, *The Vietnam Wars: 1945-1990* [As guerras do Vietnã: 1945-1990], Nova York: HarperCollins, 1991, p. 306).
4. Butler, “Agony of the Boat People” [“A agonia do povo dos barcos”].

5. "Boat People: Their Endless Ordeal" ["O povo dos barcos: seu sofrimento interminável"], *San Diego Union-Tribune*, 25/6/1989; Weiss, "Timing Is Everything" ["A escolha da hora é tudo"].

O Kampuchea Democrático

1. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 223.
2. Ben Kiernan, "The Cambodian Genocide" ["O genocídio cambojano"] em Samuel Totten et al., eds. *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts* [Século do genocídio: ensaios críticos e relatos de testemunhas oculares], 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), pp. 345-346.
3. Ker Munthit, "AP Interview: Ex-Khmer Rouge Leader Acknowledges for First Time That Regime Committed Genocide" ["Entrevista com a AP: Ex-líder do Khmer Vermelho admite pela primeira vez que o regime cometeu genocídio"], Associated Press, 30/12/2003.
4. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 228.
5. Ibid., pp. 218-220.
6. Ibid., p. 229; Ben Kiernan, "The Cambodian Genocide", em Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), pp. 339-342.
7. Sarah Jackson-Han, "Pol Pot Said to Be Tried and Sentenced after 18 Years in Hiding" ["Consta que Pol Pot será julgado e condenado depois de 18 anos escondido"], Agence France Presse, 29/7/1997.
8. Ker Munthit, "Khmer Rouge Leader Pol Pot Dies" ["Morre líder do Khmer Vermelho Pol Pot"], Associated Press, 16/4/1998.
9. Denis D. Gray, "Cambodians Recall Khmer Rouge Massacres" ["Cambojanos relembram massacres do Khmer Vermelho"], Associated Press, 21/5/1987.
10. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 209.
11. Ben Kiernan, "The Cambodian Genocide", em Samuel Totten et al., eds. *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), p. 348.

A Guerra Civil Moçambicana

1. Lawless, "After the Terror" ["Depois do terror"] (500 mil); Jensen, "Peace Is as Difficult as War" ["A paz é tão difícil quanto a guerra"] (600 mil); Christie, "Mozambique Celebrates Year of Democracy" ["Moçambique celebra um ano de democracia"] (pelo menos 800 mil); Ottaway, "Slave Trade' in Mozambicans" ["Comércio de escravos com moçambicanos"] (entre 600 mil e 1 milhão); Pakenham, "Where a Million Died" ["Onde morreram 1 milhão"] (quase 1 milhão); Edgerton, *Africa's Armies* [Exércitos da África], p. 109 (pelo menos 1 milhão).
2. Pakenham, "Where a Million Died", citando William Finnegan, *A Complicated War: Harrowing of Mozambique* [Uma guerra complicada: a angústia de Moçambique] (Berkeley, CA: University of California Press, 1996).
3. Lawless, "After the Terror"; Christie, "Mozambique Celebrates Year of Democracy"; Edgerton, *Africa's Armies*, pp. 109-114; Ottaway, "Slave Trade in Mozambicans"; Pakenham, "Where a Million Died"; Jensen, "Peace Is as Difficult as War".
4. "U.S., Edging Higher, Ranks as World's 7th-Richest Nation" ["Os Estados Unidos alcançando novos patamares são a 7ª nação mais rica do mundo"], *New York Times*, 30/12/1994.

A Guerra Civil Angolana

1. Duke, "Will Peace Take Hold in Angola?" ["A paz perdurará em Angola?"] (500 mil); Sieno, "Angolan Peace Talks Restart" ["Recomeçam conversações de paz em Angola"] (500 mil); Salopek, "Inklings of Peace Intrude" ["Insinuações de paz se impõem"] (500 mil); Marcus, "Relentless War Wears on Angolans" ["Guerra interminável exaure angolanos"] (mais do que 450 mil).

2. Ray Fisman, “Diamonds Are a Guerrilla’s Best Friend: Why Was War Good for Angola’s Big Miners?” [“Diamantes são o melhor amigo da guerrilha: por que a guerra foi boa para as grandes mineradoras de Angola?”], *Slate*, 17/8/2007, <http://www.slate.com/id/2172333>.
3. GlobalSecurity.org. “Cuba” [“Cuba”], <http://www.globalsecurity.org/military/world/cuba/intro.htm> (acessado em 15/3/2011).

A guerra na selva ugandense

1. Williams, “Uganda Marks” [“Uganda determina”] (500 mil); Wasswa, “Uganda’s First Prime Minister” [“O primeiro primeiro-ministro de Uganda”] (500 mil), Berkeley, “African Success Story?” [“História de sucesso africana?”] (300 mil); Edgerton, *Africa’s Armies* [Exércitos africanos], p. 155 (300 mil); Marshall, “Obituary: Milton Obote” [“Obituário: Milton Obote”] (100 mil).
2. Berkeley, “African Success Story?”; Kaplan, “Starting Over” [“Começando de novo”]; Marshall, “Obituary: Milton Obote”; Wasswa, “Ugandas’s First Prime Minister”; Williams, “Uganda Marks”.

A África pós-colonial

1. Millard Burt, *Quantifying Genocide in Southern Sudan and the Nuba Mountains* [Quantificando o genocídio no Sudão setentrional e nos montes Nuba] (Washington, DC; U.S. Committee for Refugees, 1998).
2. “Burundi Civil War Claims 260 mil Lives – UNFPA” [“Guerra civil no Burundi custa 260 mil vidas – UNFPA”], Panafrican News Agency (PANA), *Daily Newswire*, 25/4/2004.
3. República da Libéria, Comissão da Verdade e Reconciliação, *Final Report* [Relatório final], vol. 1: *Preliminary Findings and Determinations* [Revelações e determinações iniciais] (2009), p. 44, http://www.trcofliberia.org/reports/final/volume-one_layout-1.pdf (acessado em 18/3/2011).

A guerra soviético-afegã

1. A mediana de diversas estimativas publicadas. Ver <http://www.necrometrics.com/20c1m.htm#Afghanistan>.
2. David Zucchino, “The Americans... They Just Drop Their Bombs and Leave” [“Os americanos... eles simplesmente deixam cair suas bombas e depois vão embora”], *Los Angeles Times*, 2/6/2002; Coll, *Ghost Wars* [Guerras de fantasmas], p. 40.
3. Mark J. Porubcansky, “Top Soviet Officer in Afghanistan Opposed Intervention” [“Oficial soviético de alta patente no Afeganistão se opôs à intervenção”], Associated Press, 19/9/1989; Gerald Nadler, “Soviets Had Hand in Overthrowing Afghan President” [“Soviéticos participaram da derrubada do presidente afegão”], United Press International, 4/5/1989.
4. Soll Sussman, “CIA Almost Sure of Afghan Massacre, Senator Says” [“CIA quase certa de massacre afegão, diz senador”], Associated Press, 4/3/1980.
5. “Soviet Military in Unconfirmed Report Linked to Massacre of 900 Civilians” [“Relatório não confirmado liga militares soviéticos a massacre de 900 civis”], Associated Press, 27/3/1985; “Hundreds of Civilians Reportedly Killed by Soviets in Afghanistan” [“Anunciada a morte de centenas de civis por soviéticos no Afeganistão”], Associated Press, 26/2/1985.
6. Bouloque, “Communism in Afghanistan” [“Comunismo no Afeganistão”], em Courtois et al., *Black Book of Communism* [O livro negro do comunismo], p. 718.
7. “Here is a Chronology of Some of the Main Events in the War in Afghanistan...” [“Aqui está uma cronologia de alguns dos principais acontecimentos na guerra do Afeganistão...”], Associated Press, 15/2/1989.
8. “Afghan War Cost Soviet Union More Than 70 Billion Dollars” [“Guerra do Afeganistão custou à União Soviética mais do que 70 bilhões de dólares”], Reuters News, 7/6/1989.
9. Stephen Daggett, “Costs of Major U.S. Wars” [“Custos das principais guerras dos Estados

Unidos”], Congressional Research Service Report for Congress (RS22926), atualizado em 24/7/2008, http://www.history.navy.mil/library/online/costs_of_major_us_wars.htm.

Saddam Hussein

1. Niko Price, “Survey: Saddam Killed 61,000 in Baghdad” [“Levantamento: Saddam matou 61 mil em Bagdá”], Associated Press, 9/12/2003, cita o governo dos Estados Unidos (300 mil mortos por Saddam em todo o Iraque), “Funcionários do Human Rights Watch” (500 mil) e “alguns partidos políticos iraquianos” (mais de 1 milhão). Ken Roth, “War in Iraq: Not a Humanitarian Intervention” [“Guerra no Iraque: não uma intervenção humanitária”]. Human Rights Watch, janeiro de 2004, <http://hrw.org/wr2k4/3.htm>, calcula 250 mil.
2. Hirst, “Saddam Hussein”.
3. Chirot, *Modern Tyrants*, p. 303.
4. Ibid., p. 305.
5. Hirst, “Saddam Hussein”.
6. Michael J. Kelly, *Ghosts of Halabja: Saddam Hussein and the Kurdish Genocide* [Fantasmas de Halabja: Saddam Hussein e o genocídio dos curdos] (Westport, CT: Praeger Security International, 2008), p. 34.
7. Michiel Leezenburg, “The Anfal Operations in Iraqi Kurdistan” [“As operações Anfal no Curdistão iraquiano”], em Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts* [Século do genocídio: Ensaios críticos e relatos de testemunhas oculares], 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), pp. 374-393.
8. “Anfal: Campaign against the Kurds” [“A campanha Anfal contra os curdos”], BBC, 24/6/2007; Michiel Leezenburg, “The Anfal Operations in Iraqi Kurdistan”, em Samuel Totten et al., eds. *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2ª ed. (Nova York: Routledge, 2004), pp. 374-393. Os curdos alegam que morreram 182 mil pessoas. Estimativa do Human Rights Watch: 100 mil.

A guerra Irã-Iraque

1. A mediana de 19 estimativas publicadas (apenas mortes de militares). Ver <http://www.necrometrics.com/20c300k.htm#Iran-Iraq>. Oficialmente o Irã informa que foram mortos 11 mil civis do seu lado. Esta foi uma das poucas guerras de vulto no século XX a matar mais soldados do que civis.
2. Bulloch e Morries, *Gulf War* [Guerra no Golfo]; Pipes, “Border Adrift” [“Fronteiras à deriva”].
3. Michael Brzoska, “Profiteering on the Iran-Iraq War” [“Enriquecimento ilícito na guerra Irã-Iraque”], *Bulletin of the Atomic Scientists* (junho de 1987); William Hartung, “Nations Vie for Arms Market” [“As nações competem pelo mercado de armas”], *Bulletin of the Atomic Scientists* (dezembro de 1987).
4. Clodfelter, *Warfare and Armed Conflicts* [Guerra e conflitos armados], vol. 2, p. 1.072.
5. Ibid., p. 1.084.

Sanções contra o Iraque

1. Suellentrop, “Are 1 Million Children Dying in Iraq?” [“1 milhão de crianças estão morrendo no Iraque?”].
2. “Iraqi Death Toll” [“Número de mortos no Iraque”], *Frontline: The Gulf War*, PBS 9/1/1996, <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/gulf/appendix/death.html>; Carl Conetta, “The Wages of War: Iraqi Combatant and Non-Combatant Fatalities in the 2003 Conflict” [“As consequências da guerra: Baixas de combatentes e não combatentes no conflito de 2003 no Iraque”], Project on Defense Alternatives, Research Monograph nº 8, 20/10/2003, <http://www.comw.org/pda/0310rm8.html>.

3. John Prescott, "Iraq's Contraband Trail Goes Inland as Sea Blockade Bites" ["A rota do contrabando do Iraque se transfere para o interior conforme o bloqueio marítimo se intensifica"], *Lloyd's List*, 3/10/1995.
4. Johnson, "Trip to Baghdad Reveals a Nation Sagging" ["Viagem a Bagdá revela uma nação fraquejando"].
5. Welch, "Politics of Dead Children" ["Política de crianças mortas"].
6. Kaplow, "Consequences of Kuwait" ["Consequências do Kuwait"].
7. Shenon, "Washington and Baghdad Agree on One Point" ["Washington e Bagdá concordam num único ponto"].
8. Leon Howell, "Churches Regret Calling for Sanctions" ["Igrejas se arrependem de terem pedido sanções"], *Times Union* (Albany, NY), 21/3/1998.
9. Brian Nelson e Jane Arraf, "Ten Years after Iraq's Invasion of Kuwait and U.N. Sanctions Still Stand" ["Dez anos depois da invasão do Kuwait pelo Iraque e as sanções da ONU ainda persistem"], *CNN WorldView*, 6/8/2000, 18:00.
10. Carl Conetta, "The Wages of War: Iraqi Combatant and Non-Combatant Fatalities in the 2003 Conflict", Project on Defense Alternatives, Research Monograph nº 8, 20/10/2003, nota 93, http://www.comw.org/pda/0310rm8.htm1#N_93_.
11. Kaplow, "Consequences of Kuwait".
12. Suellentrop, "Are 1 Million Children Dying in Iraqi?"

Caos na Somália

1. Bradley S. Klapper, "Internally Displaced Somalis Face Widespread Abuses: Campaigners" ["Somális desalojados se defrontam com abusos generalizados: Veteranos"], Associated Press, 24/11/2004; *The Nation*, "No Running Away from Somalia" ["Não há fuga da Somália"], *Africa News*, 29/6/2007; "Failed State: 15 Years of Horror in Somalia" ["Estado em colapso: 15 anos de horror na Somália"], Agence France Press, 5/6/2006.
2. Miller, "Marines Pull Last Peacekeepers out of Somalia" ["Fuzileiros navais tiram da Somália seus últimos elementos da força de paz"].
3. Hassan, "Somali Warlord Says Battle for Mogadishu Not Over" ["Chefe tribal somáli diz que batalha por Mogadíscio não terminou"]; Miller, "Marines Pull Last Peacekeepers Out of Somalia".

Genocídio em Ruanda

1. Kiernan, *Blood and Soil* [*Sangue e solo*], p. 555; Berkeley, *Graves Are Not Yet Full* [*As covas ainda não estão cheias*], pp. 257-258.
2. Berkeley, *Graves Are Not Yet Full*, pp. 258-259.
3. Sperling, "Mother of Atrocities" ["Mãe das atrocidades"].
4. Berkeley, *Graves Are Not Yet Full*, p. 269.
5. "Mayor Gets 30 Years for Genocide" ["Prefeito pega 30 anos por genocídio"], BBC, 17/6/2004; Fergal Keane, "Massacre at Nyarubuye Church" ["Massacre na igreja Nyaru-buye"], BBC, 4/4/2004.
6. "Rwanda Genocide Priest Given Life" ["Padre do genocídio de Ruanda recebe prisão perpétua"], BBC, 12/3/2008.
7. Sperling, "Mother of Atrocities", p. 656.
8. Ibid., pp. 644-646, citando Ten.-Gen. Romeo Dallaire.
9. Arthur Asimwe, "Rwanda Census Puts Genocide Death Toll at 937,000" ["Censo em Ruanda calcula as mortes por causa do genocídio em 937 mil"], *Reuters News*, 4/4/2004.
10. Sperling, "Mother of Atrocities" ["Mãe das atrocidades"].

11. Berkeley, *Graves Are Not Yet Full*, p. 273.
12. “Local Rwandan Courts Convict More Than 3,600 over Genocide” [“Os tribunais locais de Ruanda condenam mais do que 3.600 por causa do genocídio”], Agence France Presse, 10/1/2006.
13. “Death Penalty Abolition Spurs Quest for Justice” [“A abolição da pena de morte estimula a busca pela justiça”], Inter Press Service, 7/8/2007.

A Segunda Guerra do Congo

1. Casteneda, “Revolutionary’s View of Kabila” [“Como os revolucionários veem Kabila”].
2. Mcgreal, “Worrying Past of a Rebel in Crocodile Shoes” [“O passado preocupante de um rebelde com sapatos de crocodilo”].
3. Donald G. McNeil, “In Congo, Forbidding Terrain Hides a Calamity” [“No Congo, terreno proibido esconde uma calamidade”], *New York Times*, 1/6/1997; French, “Kagame’s Hidden War in Congo” [“A guerra oculta de Kagame no Congo”].
4. Anistia Internacional, “Democratic Republic of Congo: War against Unarmed Civilians” [“República Democrática do Congo: Guerra contra civis desarmados”], AI Index: AFR 62/036/1998, 23/11/1998.
5. Weiss e Carayannis, “Reconstructing the Congo” [“Reconstruindo o Congo”].
6. Ibid.
7. “Radio Expeditions: Coltan Mining” [“Expedições radio: mineração Coltan”].
8. Braeckman, “Looting of the Congo” [“A pilhagem do Congo”].
9. Anistia Internacional, “Democratic Republic of Congo: From Assassination to State Murder?” [“República Democrática do Congo: Do assassinato a assassinato pelo Estado?”] AI Index: AFR 62/023/2002, 12/12/2002; “Death Sentences for Kabila Killers” [“Sentença de morte para os assassinos de Kabila”], BBC, 7/1/2003, <http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/africa/2635295.stm>.
10. “Profile: Joseph Kabila” [“Perfil: Joseph Kabila”], BBC, última atualização, quarta-feira, 6/12/2006, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/6209774.stm>.
11. International Rescue Committee, “Congo Crisis” [“A crise no Congo”]. Já houve quatro relatórios do IRC, cada um com estimativas revisadas de número de mortes: 2000 (1,7 milhão), 2001 (2,5 milhões), 2005 (3,8 milhões), 2008 (5,4 milhões). O estudo de 2008 calculou que a taxa de mortalidade no Congo excede a média africana, causando mais de 1,5 milhão de mortes desde o término formal das hostilidades; entretanto, as mortes por violência declinaram fortemente de 11,1% no auge dos combates para 1,5% depois de dezembro de 2006, e a IRC parou de chamar de “guerra” o que ocorria, passando a denominá-lo de “crise humanitária”. Para fins de escala, estou culpando a guerra apenas pelas mais de 3,8 milhões de mortes que realmente ocorreram durante o conflito, conforme determinado no estudo de 2002.
12. Nolen, “War on Women” [“Guerra nas mulheres”].
13. Ibid.

O que eu encontrei: análise

1. Ver “Homosexuality in Nazi Germany” [“A homossexualidade na Alemanha nazista”], Conservapedia, http://www.conservapedia.com/Homosexuality_in_Nazi_Germany, para um exemplo disso.
2. David Biello, “Rise and Fall of Chinese Dynasties Tied to Change in Rainfall” [“Ascensão e queda das dinastias chinesas ligadas a mudanças na pluviosidade”], *Scientific American*, 7/11/2008, <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=monsoon-climate-change-chinese>.
3. William J. Broad, “In the Mediterranean, Killer Tsunamis from an Ancient Eruption” [“No Mediterrâneo, tsunamis assassinas causadas por uma antiga erupção”], *New York Times*, 2/11/2009.

4. Kimberly Johnson, "1600 Eruption Led to Global Cooling, Social Unrest" ["Erupção de 1600 leva a resfriamento global, perturbação social"], *National Geographic News*, 29/4/2008, <http://news.nationalgeographic.com/news/2008/04/080429-peru-volcano.html>.
5. Baseado em estimativas de Carl Haub, "How Many People Have Ever Lived on Earth?" ["Quantas pessoas já viveram na Terra?"], *Population Today*, novembro/dezembro de 2002, <http://www.prb.org/articles/2002/howmanypeoplehaveeverlivedonearth.aspx>. Parece que 5,5 bilhões de pessoas morreram durante o século XX. Desses, eu contei cerca de 203 multicídios.
6. Lawrence Keeley, *War Before Civilization: The Myth of the Peaceful Savage* [A guerra antes da civilização: O mito do bom selvagem] (Nova York: Oxford University Press, 1996), quadro 6.1.

Apêndice 1: Disputando as cem primeiras posições

1. Dares da Frígia, *History of the Fall of Troy* [História da queda de Troia], Theoi Classical E-Texts Library, <http://www.theoi.com/Text/DaresPhrygius.htm> (acessado em 14/3/2011).
2. *Putnam's Home Cyclopedia* [Ciclopédia caseira Putnam] (Nova York: G. P. Putnam, 1852), p. 417 (400 mil); *A Military Dictionary and Gazetteer: Comprising Ancient and Modern Military Technical Terms...* [Um dicionário e listagem militar: contendo termos militares antigos e modernos] (Filadélfia: Thomas Wilhelm, 1882), p. 310 (300 mil).
3. *Historia Augusta*, http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/Claudius*.html (acessado em 18/3/2011).
4. Susan P. Mattern, *Rome and the Enemy Imperial Strategy in the Principate* [Roma e a estratégia imperial inimiga no principado] (Berkeley University of California Press, 2002), p. 93.
5. *Historia Augusta*, http://penelope.uchicago.edu/Thayer/Texts/Historia_Augusta/Probus*.html (acessado em 18/3/2011).
6. Livro do Mórmon, Ester 15:2.
7. Will Durant, *Our Oriental Heritage* [Nossa herança oriental] (Nova York: MJF, 1971), p. 459.
8. Rajeev Srinivasan, "The Roots of Hindu Anxiety: An Interview with Controversial Scholar Koenraad Elst" ["As raízes da ansiedade hindu: Uma entrevista com o polêmico estudioso Koenraad Elst"], *India Currents* 9, nº 11 (28/2/1996), p. 21.
9. Koenraad Elst, "India's Holocaust: Belgium Scholar Analyzes 'The Bloodiest Story in History'" ["Holocausto na Índia: estudioso belga analisa 'O mais sangrento acontecimento da história'"], *Hinduism Today*, 31/3/1999.
10. Eu encontrei dois livros do final do século XIX (M. D. Aletheia, *The Rationalist's Manual* [Manual do racionalista] (Londres: Watts, 1897); William Wright Hardwicke, *The Evolution of Man: His Religious Systems and Social* [A evolução do homem: seus sistemas religiosos e social] (Londres: Watts, 1899), com idênticas listas de multicídios cometidos por cristãos, que incluem "7 milhões durante a chacina de sarracenos. Na Espanha, 5 milhões pereceram durante as oito Cruzadas"; entretanto, suspeito que a pontuação dessas frases está mal colocada. Como está escrito, nós temos "chacinas de sarracenos não identificadas em alguns lugares", e depois temos "oito Cruzadas na Espanha", mas nenhuma dessas afirmações se encaixa facilmente nos registros históricos. Contudo, se deslocarmos o ponto para depois de "na Espanha", temos "chacinas de sarracenos na Espanha", e depois "5 milhões de mortos em oito Cruzadas em lugares fora da Espanha", o que se encaixa bem com as Cruzadas na Palestina, bem conhecidas. De qualquer modo, essa não é uma prova muito convincente para qualquer número, mas é a mais entediante nota de rodapé deste livro, combinando questões obscuras sobre pontuação e estatística.
11. Philippe Contamine, *War in the Middle Ages* [A guerra na Idade Média] (Nova York: Blackwell, 1984), p. 257, citando J. N. Hillgarth, *The Spanish Kingdoms* [Os reinos espanhóis], vol. 1 (Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1978), p. 342.
12. McFarlane, *Savage Wars of Peace* [Selvagens guerras de paz], pp. 56-59; Mary Elizabeth Berry,

- The Culture of Civil War in Kyoto* [A cultura da guerra civil em Kioto] (Berkeley: University of California Press, 1994).
13. Por exemplo, Henry Hampton Halley, *Halley's Bible Handbook* [Manual Halley da Bíblia], 24ª ed. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1965).
 14. Baron John Emerich Edward Dalberg Acton et al., *The Cambridge Modern History* [História moderna Cambridge], vol. 2 (Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1903), p. 290.
 15. Ver, por exemplo, Gibbons, "Recent Developments in the Study of the Great European Witch Hunt" ["Descobertas recentes no estudo da grande caça às bruxas na Europa"] (favorecendo estimativas de 40 mil a 60 mil); Davies, *Europe* (50 mil); Rudolf Grimm, "Historians Take a Critical Look at Burning the Witches" ["Historiadores lançam um olhar crítico para a queima das bruxas"], Deutsche Presse Agentur, 5/1/1999 (resenha de Wolfgang Behringer de *Hexen: Glaube-Verfolgung-Vermarktung*, que cita, favoravelmente, estimativas de 30 mil a 100 mil, e, desfavoravelmente, estimativas de 6 a 13 milhões).
 16. Levy, *War in the Modern Great Power System* [A guerra no sistema das modernas grandes potências], p. 90.
 17. Corvisier e Childs, eds., *Dictionary of Military History and the Art of War* [Dicionário de história militar e da arte da guerra], p. 470.
 18. Levy, *War in the Modern Great Power System*, p. 90.
 19. A estimativa mais conceituada de altos valores é feita por Stephen Shenfield, "The Circassians: a Forgotten Genocide?" ["Os circasianos: um genocídio esquecido?"], em Mark Levene e Penny Roberts, *The Massacre in History* [O massacre na história] (Providence, RI: Berghahn Book, 1999), p. 154 ("O número dos que morreram na catástrofe circassiana da década de 1860 dificilmente seria, portanto, menor do que 1 milhão, e pode muito bem ter sido perto de 1,5 milhão"), mas ele está completamente sozinho nessa afirmação. Não encontrei ninguém importante que concordasse com ele.
 20. Joseph Glascott, "600,000 Aborigines Died after 1788, Study Shows" ["600 mil aborígenes morreram depois de 1788, segundo estudo"], *Sydney Morning Herald*, 25/2/1987.
 21. Mike Dash, *Thug: The True Story of India's Murderous Cult* [Tugue: A verdadeira história do culto homicida da Índia] (Londres: Granta Books, 2005).
 22. Justin McCarthy, *Death and Exile: The Ethnic Cleansing of Ottoman Muslims, 1821-1922* [Morte e exílio: a limpeza étnica dos muçulmanos otomanos, 1821-1922] (Princeton, NJ: Darwin Press, 1995).
 23. James J. Reid, *Crisis of the Ottoman Empire: Prelude to Collapse* [A crise do Império Otomano: prelúdio do colapso] (Stuttgart: Franz Steiner, 2000), p. 42.
 24. Dos 15 livros que encontrei dando uma estimativa específica do número de mortos, oito colocavam essa cifra em 200 mil civis.
 25. Denis Mack Smith, *Mussolini's Roman Empire* [O Império Romano de Mussolini] (Londres: Longman, 1976), pp. 40-41; John Wright, *Libya: a Modern History* [Líbia: uma história moderna] (Baltimore: John Hopkins University Press, 1982), p. 42.
 26. "Burundi Civil War Claims 260,000 Lives – UNFPA" ["A guerra civil no Burundi custa 260 mil vidas – UNFPA"], Panafrican News Agency (PANA), Daily Newswire, 25/4/2004.
 27. "Iraqi Official: War Dead 100.000" ["Fonte oficial do Iraque: 100 mil mortos na guerra"], BBC, 10/11/2006, http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/6135526.stm; "New Study Says 151,000 Iraqi Dead" ["Novo estudo afirma que 151 mil iraquianos morreram"], BBC, 10/1/2008, http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/7180055.stm; Jonathan Steele e Suzanne Goldenberg, "What Is the Real Death Toll in Iraq?" ["Qual é o verdadeiro número de mortos no Iraque?"], *Guardian*, 19/3/2008, <http://www.guardian.co.uk/world/2008/mar/19/iraq>; Kim Gamel, "The Secret Tally Shows 87,215 Iraqis Killed Since 2005" ["Contagem secreta mostra 87.215 iraquianos mortos desde 2005"], Associated Press, 24/4/2009.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, Cecil. "Were Christians Really Thrown to the Lions?" *Straight Dope*, 30 de janeiro de 2009, <http://www.straightdope.com/columns/read/2841/were-christians-really-thrown-to-the-lions>.
- Adler, Nanci D. *Victims of Soviet Terror: The Story of the Memorial Movement*. Westport, CT: Praeger, 1993.
- Anders, Whadyslaw e Antonio Munoz. "Russian Volunteers in the German Wehrmacht in WWII", <http://www.feldgrau.com/rvol.html> (acessado em 28 de março de 2011).
- Applebaum, Anne. *Gulag: A History*. Nova York: Anchor Books, 2004.
- Arendt, Hannah. *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*. Nova York: Penguin Books, 2006.
- Associated Press. "Ethiopian Ex-Rulers Go on Trial", *New York Times*, 14 de dezembro de 1994.
- Atkinson, Chris. "Thirty Years War", <http://www.pipeline.com/~cwa/TYWHome.htm> (acessado em 28 de março de 2011).
- Auguet, Roland. *Cruelty and Civilization: The Roman Games*. Nova York: Barnes & Noble, 1994 (originalmente publicado por George Allen & Unwin, 1972).
- Bagnall, Nigel. *Essential Histories: The Punic Wars 264-146 BC*. Nova York: Osprey, 2002.
- Baker, G. P. *Justinian: The Last Roman Emperor*. Nova York: Cooper Square Press, 2002 (originalmente publicado em 1931).
- Becker, Jasper. *Hungry Ghosts: Mao's Secret Famine*. Nova York: Owl Books, 1996.
- Beevor, Anthony. *Stalingrad: The Fateful Siege: 1942-1943*. Nova York: Viking Press, 1998.
- . *The Fall of Berlin, 1945*. Nova York: Penguin Books, 2002.
- Bell, David A. *The First Total War: Napoleon's Europe and the Birth of*

- Warfare as We Know It*. Nova York: Houghton Mifflin, 2007.
- Bell-Fialkoff, Andrew. "A Brief History of Ethnic Cleansing." *Foreign Affairs* 72, nº 3 (verão de 1993), p. 110.
- Berkeley, Bill. "An African Success Story? Uganda." *Atlantic* 274, nº 3 (setembro de 1994), p. 22.
- . *The Graves Are Not Yet Full*. Nova York: Basic Books, 2001.
- Blum, Jerome. *Lord and Peasant in Russia: From the 9th to the 19th Century*. Nova York: Athenaeum, 1961.
- Bodart, Gaston, Westergaard, Harald e Kellogg, Vernon L. *Losses of Life in Modern Wars: Austria-Hungary, France*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1916.
- Bonney, Richard. *The Thirty Years' War 1618-1648*. Nova York: Osprey, 2002.
- Boot, Max. *The Savage Wars of Peace: Small Wars and the Rise of American Power*. Nova York: Basic Books, 2002.
- Bos, Joan. *Joan's Mad Monarchs Series*, <http://www.madmonarchs.nl/> (acessado em 15 de março de 2011).
- Bouloque, Sylvain. "Communism in Afghanistan", in Stephane Courtois et al., *The Black of Communism: Crimes, Terror, Repression*. Trad. Jonathan Murphy e Mark Kramer. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.
- Braeckman, Colette. "The Looting of the Congo." *New Internationalist*, 1º de maio de 2004.
- Bray, R. S. *Armies of Pestilence: The Impact of Disease on History*. Nova York: Barnes & Noble, 1996.
- Bremer, Catherine. "Boiled Bones Show Aztecs Butchered, Ate Invaders." Reuters, 23 de agosto de 2006.
- Britt, Albert Sydney, III, et al. *The Dawn of Modern Warfare*. Wayne, NJ: Avery Publishing Group, 1984.
- Browning, Christopher R. *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*, Nova York: Harper Perennial, 1998.
- Brzezinski, Zbigniew. *Out of Control: Global Turmoil on the Eve of the Twenty-First Century*. Nova York: Scribner, 1993.
- Buehler, Lester K. "A Study of the Taiping Rebellion", <http://www.olemiss.edu/courses/inst203/taiping.txt> (acessado em 15 de março de 2011).
- Bulloch, John e Morris, Harvey. *The Gulf War: Its Origins, History, and Consequences*. Londres: Methuen, 1989.
- Bureau of Public Affairs, U.S. Department of State. "Background Note:

- Democratic Republic of the Congo”, 8 de outubro de 2010, <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2823.htm>.
- Bury, J. B. *The Invasion of Europe by the Barbarians*. Nova York: W. W. Norton, 1967 (originalmente publicado por Macmillan, 1928).
- Butler, David. “Agony of the Boat People.” *Newsweek*, 2 de julho de 1979, p. 42.
- Byron, Farwell. *Prisoners of the Mahdi*. Nova York: W. W. Norton, 1989 (originalmente publicado por Harper & Row, 1967).
- Carayannis, Tatiana. “The Complex Wars of the Congo: Towards a New Analytic Approach.” *Journal of Asian and African Studies* 38, n-ºs 2-3 (1º de agosto de 2003).
- Carpenter, Dave. “Barbaric Tamerlane Anointed a Whitewashed Hero in Uzbekistan.” Associated Press, 5 de janeiro de 1998.
- Carr, Caleb. *The Devil Soldier: The American Soldier of Fortune Who Became a God in China*. Nova York: Random House, 1992.
- Carrasco, David L. *City of Sacrifice: The Aztec Empire and the Role of Violence in Civilization*. Boston: Beacon Press, 1999.
- Casteneda, Jorge G. “A Revolutionary’s View of Kabila; Famed Argentine Once Joined Forces with Congo’s Rebels.” *Baltimore Sun*, 25 de maio de 1997.
- Center of Military History. “The Korean War, 1950-1953”, in *American Military History*. Washington, DC: United States Army, 1989. Disponível em <http://www.army.mil/cmh-pg/books/AMH/AMH-25.htm>.
- Chalk, Frank e Jonassohn, Kurt. *The History and Sociology of Genocide: Analyses and Case Studies*. New Haven, CT: Yale University Press, 1990.
- Chang, Jung e Halliday, John. *Mao: The Unknown Story*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2005.
- “Cheju April 3rd Massacre to Be Unearthed.” *Korea Times*, 3 de abril de 2000.
- Chiot, Daniel, *Modern Tyrants: The Power and Prevalence of Evil in Our Age*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.
- Christie, Iain. “Mozambique Celebrates Year of Democracy.” Reuters News, 23 de outubro de 1995.
- Churchill, Winston, S. *The River War – An Account of the Reconquest of the Sudan (1902)*. Calicute, Índia: Nalanda Digital Library. Disponível em <http://www.nalanda.nitc.ac.in/resources/english/etext-project/history/riverwar/index.htm> (acessado em 3 de abril de 2011).
- Clements, Jonathan. *Coxinga and the Fall of the Ming Dynasty*. Stroud,

- Gloucestershire, Reino Unido: Sutton, 2004.
- Clodfelter, Michael. *Warfare and Armed Conflicts: A Statistical Reference to Casualty and Other Figures, 1618-1991*. Jefferson, NC: McFarland, 1992.
- Cocker, Mark. *Rivers of Blood, Rivers of Gold: Europe's Conquest of Indigenous Peoples*. Nova York: Grove Press, 2001.
- Coe, M., Dean Snow e Elizabeth Benson. *Atlas of Ancient America*. Nova York: Facts on File, 1986.
- Coll, Steve. *Ghost Wars: The Secret History of the CIA, Afghanistan, and Bin Laden*. Nova York: Penguin Press, 2004.
- Collins, Larry e Lapierre, Dominique. *Freedom at Midnight*. Nova York: Avon, 1975.
- Columbus, Christopher. *The Journal of Christopher Columbus (during His First Voyage, 1492-93) ...* Trans. Sir Clements Robert Markham. Londres: Chas. J. Clark, 1893.
- Conquest, Robert. *The Great Terror: A Reassessment*. Nova York: Oxford University Press, 1992.
- Corvisier, André e Childs, John, eds. *A Dictionary of Military History and the Art of War*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.
- Courtois, Stephane et al. *The Black Book of Communism: Crimes, Terror, Repression*. Trad. Jonathan Murphy e Mark Kramer. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.
- Curry, Anne. *Essential Histories: The Hundred Years War 1337-1453*. Oxford, Reino Unido: Osprey, 2002.
- Czech News Agency. "Profile: Organised Sudeten Deportations Began 50 Years Ago." CTK National News Wire, 23 de janeiro de 1996.
- . "Transfer of Germans from Czechoslovakia." CTK National News Wire, 17 de janeiro de 1997.
- Davidson, Basil. *Africa in History: Themes and Outlines*. Nova York: Touchstone, 1991.
- Davidson, Phillip B. *Vietnam at War: The History, 1946-1975*. Nova York: Oxford University Press, 1988.
- Davies, Norman. *Europe: A History*. Nova York: HarperCollins, 1998.
- Davis, Mike. *Late Victorian Holocausts: El Niño Famines and the Making of the Third World*. Londres: Verso, 2001.
- Davis, Robert C. *Christian Slaves, Muslim Masters: White Slavery in the Mediterranean, the Barbary Coast, and Italy, 1500-1800*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.
- De Crespigny, Rafe. "Man from the Margin: Cao Cao and the Three

- Kingdoms." Fifty-First George Ernest Morrison Lecture in Ethnology, 1990. Disponível em <http://www.anu.edu.au/asianstudies/decrespigny/morrison51.html> (acessado em 18 de março de 2011).
- . "The Three Kingdoms and Western Jin: A History of China in the Third Century AD." Internet edition, novembro de 2003, <http://www.anu.edu.au/asianstudies/decrespigny/3KWJin.html>.
- Desbarats, Jacqueline e Jackson, Karl D. "Vietnam 1975-1982: The Cruel Peace." *Washington Quartely*, outono de 1985.
- Diamond, Jared. *The Third Chimpanzee: The Evolution and Future of the Human Animal*. Nova York: HarperCollins, 1992.
- . *Guns, Germs and Steel: The Fates of Human Societies*. Nova York: W. W. Norton, 1997.
- . *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. Nova York: Viking, 2005.
- Dillon, Michael. *China's Muslim Hui Community: Migration, Settlement and Sects*. Nova York: Routledge, 1999.
- Do, Minh. "Le Loi's Struggle: Under the Ming Dynasty." *VietNow Magazine*, 31 de julho de 1997.
- Dornberg, John. "Germany's Expellees and Border Changes: An Endless Dilemma?" *German Life* 2, nº 1 (31 de julho de 1995), p. 18.
- Drescher, Seymour. "The Atlantic Slave Trade and the Holocaust", in Alan S. Rosenbaum, ed., *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide*. Boulder, CO: West-view, 1996.
- Duffy, James P. e Vincent L. Ricci. *Czars: Russia's Rulers for Over One Thousand Years*. Nova York: Barnes & Noble, 1995.
- Duke, Lynne. "Will Peace Take Hold in Angola?" *Washington Post*, 14 de outubro de 1996.
- Dumas, Samuel e Otto Vedel-Petersen, Knud. *Losses of Life Caused by War*. Oxford, Reino Unido: Clarendon Press, 1923.
- Dunning, Chester S. L. *A Short History of Russia's First Civil War: The Time of Troubles and the Founding of the Romanov Dynasty*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2004.
- Durand, J. D. "The Population Statistics of China, AD 2-1953." *Population Studies* 13, nº 3 (1960), p. 209.
- Durant, Will e Durant, Ariel. *The Age of Napoleon: A History of European Civilization from 1789 to 1815*. Nova York: MJF Books, 1975.
- Dutt, Romesh. *The Economic History of India under Early British Rule*.

- Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1902.
- Dykman, J. T. "The Soviet Experience in World War Two", http://www.eisenhowerinstitute.org/about/living_history/wwii_soviet_e (acessado em 17 de março de 2011).
- Edgerton, Robert B. *Death or Glory: The Legacy of the Crimean War*. Boulder, CO: Westview Press, 1999.
- . *Africa's Armies: From Honor to Infamy: A History from 1791 to the Present*. Boulder, CO: Westview Press, 2002.
- Ellis, John. *World War II: A Statistical Survey*. Nova York: Facts on File, 1993.
- Encyclopaedia Britannica*, 11^a ed. Cambridge, Reino Unido: University of Cambridge Press, 1910.
- Encyclopaedia Britannica*, 15^a ed. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 2005.
- Epprecht, Marc. "Democratizing the Southern African Past." *Canadian Journal of History* 30, n^o 2 (agosto de 1995), pp. 323-327.
- . [Review of *Terrific Majesty: The Powers of Shaka Zulu and the Limits of Historical Invention*, by Carolyn Hamilton]. *Canadian Journal of History* 34, n^o 3 (dezembro de 1999), pp. 423-426.
- Erickson, John e Dilks, David. *Barbarossa: The Axis and the Allies*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1994.
- Erickson, John e Erickson, Ljubica. *Hitler Versus Stalin: The Second World War on the Eastern Front in Photographs*. Londres: Carlton Books, 2001.
- "Ex-Ugandan Dictator Idi Amin, 80, Dies. A Bizarre, Brutal Leader, He Ruined the Economy and Killed Thousands." *Seattle Times*, 16 de agosto de 2003.
- "False Dmitry I; The Unlikely Tsar." *Russian Life* 48, n^o 4 (31 de agosto de 2005), p. 18.
- Farquhar, Michael. *A Treasury of Royal Scandals*. Nova York: Penguin, 2001.
- Fenby, Jonathan "Crossroads of Conquest." *South China Morning Post* (Hong Kong), 20 de novembro de 1999.
- Ferguson, Niall. *The War of the World: Twentieth-Century Conflict and the Descent of the West*. Nova York: Penguin, 2006.
- Figes, Orlando. *A People's Tragedy: A History of the Russian Revolution*. Nova York: Penguin, 1996.
- Fisk, Robert. *The Great War for Civilization: The Conquest of the Middle East*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2005.
- Fitzgerald, C. P. *China: A Short Cultural History*, 3^a ed. Nova York: Praeger, 1973.

- . *Mao Tse-Tung and China*. Nova York: Penguin Books, 1977.
- Fitzgerald, Mary Anne. "Tyrant for the Taking." *Times* (Londres), 20 de abril de 1991.
- Forbath, Peter. *The River Congo*. Boston: Houghton Mifflin, 1991 (originalmente publicado em 1977).
- Ford, Peter. "Ex-Russian Satellite Enjoys Setting Its Own Agenda." *Christian Science Monitor*, 3 de junho de 1997.
- Frazier, Ian. "Destroying Baghdad." *New Yorker*, 25 de abril de 2005.
- Fremont-Barnes, Gregory e Fisher, Todd. *The Napoleonic Wars: The Rise and Fall of an Empire*. Oxford, Reino Unido: Osprey, 2004.
- French, Howard W. "Kagame's Hidden War in the Congo." *New York Review of Books*, 24 de setembro de 2009, <http://www.nybooks.com/articles/23054>.
- Frieda, Leonie. *Catherine de Medici: Renaissance Queen of France*. Nova York: Harper Perennial, 2006.
- Fuller, J. F. C. *A Military History of the Western World*, vol. 2: *From the Spanish Armada to the Battle of Waterloo*. Nova York: Da Capo Press, 1955.
- Fuller, William C. *Strategy and Power in Russia: 1600-1914*. Nova York: Free Press, 1992.
- Galloway, Joseph. "We Are Mute and Horrified Witnesses to a Reign of Terror." Knight Ridder Newspapers, 8 de novembro de 2004.
- Gascoigne, Bamber. *The Great Moguls*. Nova York: Harper & Row, 1971.
- Getty, J. Arch e Manning, Roberta T., eds. *Stalinist Terror: New Perspectives*. Nova York: Cambridge University Press, 1993.
- Gibbon, Edward. *Decline and Fall of the Roman Empire*, ed. Henry Hart Milman. Nova York: Peter Fenelon Collier, 1845. Available at <http://www.sacred-texts.com/cla/gibbon/index.htm> (acessado em 17 de março de 2011).
- Gibbons, Jenny. "Recent Developments in the Study of the Great European Witch Hunt." *Pomegranate: A New Journal of Neopagan Thought* (Corbett, OR), Issue 5 (1998).
- Gilbert, Joshua. "The Goguryeo-Sui Wars." *Armchair General*, 4 de novembro de 2007, <http://www.armchairgeneral.com/the-goguryeo-sui-wars.htm>.
- Gilbert, Martin. *A History of the Twentieth Century*. Nova York: Avon Books, 1997.
- Glantz, David. *The Siege of Leningrad 1941-44: 900 Days of Terror*. Osceola,

- WI: MBI, 2001.
- GlobalSecurity.org. "Congo War", <http://www.globalsecurity.org/military/world/war/congo.htm> (acessado em 17 de março de 2011).
- Goodspeed, Peter. "Grim North Korea Breaks Its Isolation: Reclusive, Impoverished Nation Cracks Open Its Doors to Foreign Tourists, Businessmen." *Edmonton Journal* (CanWest News Service), 6 de novembro de 2005.
- Goodwin, Jason. *Lords of the Horizon: A History of the Ottoman Empire*. Nova York: Henry Holt, 1998.
- Goozner, Merrill. "World Watches North Korea; Early Signs Are 'Encouraging', Clinton Says." *Chicago Tribune*, 10 de julho de 1994.
- Graff, David A. *Medieval Chinese Warfare, 300-900*. Nova York: Routledge, 2002.
- Grant, Michael. *The Fall of the Roman Empire*. Nova York: Collier, 1990.
- Grau, Lester W. "The Soviet-Afghan War: A Superpower Mired in the Mountains." *Journal of Slavic Military Studies* 17, nº 1 (março de 2004). Disponível em <http://fmso.leavenworth.army.mil/documents/miredinmount.htm> (acessado em 17 de março de 2011).
- Green, Barbara. "Stalinist Terror and the Question of Genocide: The Great Famine", in Alan S. Rosenbaum, ed., *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide*. Boulder, CO: Westview Press, 1996.
- Green, Dominic. *Three Empires on the Nile: The Victorian Jihad, 1869-1899*. Nova York: Free Press, 2007.
- Greenway, H. D. S. "New Waves across the Steppes." *Boston Globe*, 27 de maio de 1998. Grenville, J. A. S. *A History of the World: In the Twentieth Century*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.
- Grousset, Rene. *Conqueror of the World: The Life of Chingiskhan*. Nova York: Viking Press, 1972.
- Grubin, David, diretor. *Napoleon*. PBS, novembro de 2000; PBS Home Video, 2001 DVD.
- Gunther, John. *Inside Asia*. Nova York: Harper & Brothers, 1939.
- Hack, Karl e Tobias Rettig. *Colonial Armies in Southeast Asia*. Nova York: Routledge, 2006.
- Halsall, Paul, ed. *Sources for the Three Slave Revolts*, <http://www.fordham.edu/halsall/ancient/3slaverevolttexts.htm> (acessado em 3 de abril de 2011).

- Hansen, Waldemar. *The Peacock Throne: The Drama of Mogul India*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1972.
- Hanson, Victor Davis. *Wars of the Ancient Greeks*. Londres: Cassell, 1999.
- . *Carnage and Culture: Landmark Battles and the Rise of Western Power*. Nova York: Anchor Books, 2001.
- Harden, Blaine. “2 Decades Later, Biafra Remains Lonely Precedent.” *Washington Post*, 27 de junho de 1988, p. A1.
- Harner, Michael. “The Enigma of Aztec Sacrifice.” *Natural History* 86, nº 4 (abril de 1977), pp. 46-51. Disponível em <http://www.latinamericanstudies.org/aztecs/sacrifice.htm>.
- Harris, Marvin. *Cannibals and Kings: Origins of Cultures*. Nova York: Vintage, 1977.
- Harrison, Selig S. “End of the Road.” *Globe and Mail* (Toronto), 11 de fevereiro de 1989.
- Hartley, Aidan. “Ethiopian ‘Reign of Terror’ Figures in Mass Trial.” Reuters News, 12 de dezembro de 1994.
- Hassan, Mohamed Olad. “Somali Warlord Says Battle for Mogadishu Not Over.” Associated Press, 11 de junho de 2006.
- Hastings, Max. *The Korean War*. Nova York: Touchstone, 1987.
- Henige, David P. *Numbers from Nowhere: The American Indian Contact Population Debate*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998.
- Henry, Neil. “Mengistu Leaves Ethiopia in Shambles.” *Washington Post*, 22 de maio de 1991.
- Hildinger, Erik. *Warriors of the Steppe: A Military History of Central Asia, 500 B.C. to 1700 A.D.* Cambridge, MA: Da Capo Press, 1997.
- Hirst, David. “Saddam Hussein: Brutal and Opportunist Dictator of Iraq, He Wreaked Havoc on His Country, the Middle East and the World.” *Guardian*, 30 de dezembro de 2006, <http://www.guardian.co.uk/iraq/Story/0,1980293,00.html>.
- Ho Ping-to. *Studies in the Population of China, 1368-1953*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1967.
- Hobsbawm, Eric. *The Age of Extremes: A History of the World, 1914-1991*. Nova York: Vintage, 1994.
- Hochschild, Adam. *The Unquiet Ghost: Russians Remember Stalin*. Nova York: Penguin, 1994.
- . *Leopold's Ghost*. Nova York: Mariner Books, 1998.
- . *Bury the Chains: Prophets and Rebels in the Fight to Free an Empire's*

- Slaves*. Nova York: Mariner Books, 2005.
- Hollway, Don. "Thirty Years' War: Battle of Breitenfeld." *Military History* (fevereiro de 1996). Disponível em http://www.historynet.com/wars_conflicts/17_18_century/3030301.htm
- Horne, Alistair. *La Belle France: A Short History*. Nova York: Vintage, 2004.
- . *A Savage War of Peace: Algeria 1954-1962*. Nova York: New York Review Books, 2006.
- Howarth, Patrik. *Attila King of the Huns: The Man and the Myth*. Nova York: Barnes & Noble, 1994.
- Hoyt, Edwin P. *199 Days: The Battle for Stalingrad*. Nova York: Tom Doherty Associates, 1993.
- Hughes, Lindsey. *Peter the Great: A Biography*. New Haven, CT: Yale University Press, 2002.
- Hui, Victoria Tin-bor. *War and State Formation in Ancient China and Early Modern Europe*. Nova York: Cambridge University Press, 2005.
- International Rescue Committee. "Congo Crisis", <http://www.theirc.org/special-reports/congoforgotten-crisis> (acessado em 28 de março de 2011).
- Jahan, Rounaq. "Genocide in Bangladesh", in Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2^a ed. Nova York: Routledge, 2004.
- Jensen, Holger. "Peace Is as Difficult as War in Mozambique." *Rocky Mountain News*, 23 de outubro de 1994.
- Johnson, Larry. "A Trip to Baghdad Reveals a Nation Sagging under the Weight of Sanctions." *Seattle Post-Intelligencer*, 11 de maio de 1999.
- Johnson, Paul. *Modern Times: The World from the Twenties to the Eighties*. Nova York: Harper & Row, 1983.
- Jones, Terry, diretor. "Gladiators: The Brutal Truth." *Medieval Lives*, BBC 1999; BBC Warner, 2008, DVD.
- Jordan, Winthrop D. *The White Man's Burden: Historical Origins of Racism in the United States*. Nova York: Oxford University Press, 1974.
- Juvaynī, Alā al-Dīn Atā Malik. *Genghis Khan: The History of the World Conqueror*. Manchester, Reino Unido: Manchester University Press, 1997.
- Kadane, Kathy. "U.S. Accused of Role in Massacre. Ex-Envoys Say They Gave Indonésia Names of Its Enemies." *Chicago Tribune*, 23 de maio de 1990.
- Kaplan, Robert D. "A Microcosm of Africa's Ills; Sudan." *Atlantic* 257 (abril

- de 1986), p. 20.
- . “Starting Over. A New Government Has Brought Relative Stability to Uganda, for the Time Being.” *Atlantic* 259 (abril de 1987), p. 18.
- Kaplow, Larry. “Consequences of Kuwait: Sanctions Have Iraq Withering.” *Atlanta Journal and Constitution*, 13 de junho de 1999.
- Karmini, Niniek. “40 Years on, Indonesian Victims of One of 20th Century’s Worst Massacres Wait for Justice.” Associated Press, 30 de setembro de 2005.
- Karnow, Stanley. *Vietnam: A History*. Nova York: Viking, 1983.
- Keay, John. *India: A History*. Nova York: Gove Press, 2000.
- Keegan, John. *The Face of Battle*. Nova York: Vintage Books, 1976.
- . *The Mask of Command*. Nova York: Penguin, 1987.
- . *The Price of Admiralty*. Nova York: Penguin, 1988.
- . *The Second World War*. Nova York: Penguin, 1990.
- . *A History of Warfare*. Nova York: Vintage Books, 1993.
- , ed. *Harper Collins Atlas of the Second World War*. Londres: Times Books, 1997.
- . *The First World War*. Nova York: Vintage Books, 2000.
- Keen, Benjamin. *The Aztec Image in Western Thought*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1990.
- Kiernan, Ben. *Blood and Soil: A World History of Genocide and Extermination from Sparta to Darfur*. New Haven, CT: Yale University Press, 2007.
- Kinder, Hermann e Werner Hilgemann. *The Anchor Atlas of World History*. Nova York: Anchor Books, 1978.
- Kingsley, Sean. *God’s Gold: A Quest for the Lost Temple Treasures of Jerusalem*. Nova York: Harper, 2007.
- Kinzer, Stephen. “A Kinder, Gentler Tamerlane Inspires Uzbekistan.” *New York Times*, 10 de novembro de 1997.
- Klein, Shelley. *The Most Evil Dictators in History*. Nova York: Barnes & Noble, 2004.
- Klyuchevsky, Vasili. *Peter the Great*. Nova York: Vintage, 1958.
- Knecht, Robert J. *Essential Histories: The French Religious Wars 1562-1598*. Oxford, Reino Unido: Osprey, 2002.
- Kohn, George Childs. *Dictionary of Wars*, ed. rev. Nova York: Checkmark, 1999.
- Krah, Markus. “The Germans as Victims?” *Jerusalem Report*, 17 de junho de

- 2002, p. 30. Kyle, Donald. *Spectacles of Death in Ancient Rome*. Nova York: Routledge, 2001.
- Lawless, Patrick. "After the Terror, the Sun May Rise on Bloody Mozambique." *Sydney Morning Herald*, 22 de outubro de 1994.
- Lei Hai-tsung. "The Warring States", originalmente publicado pelo War Area Service Corps, Kunming, março de 1943, http://www.sfu.ca/davidlamcentre/nacrp/articles/leihai/leihai_zong.html (acessado em 17 de março de 2011).
- Lekic, Slobodan. "Controversy over Elusive Document Revives Interest in 1965 Coup." Associated Press, 30 de março de 2000.
- Lemarchand, Rene. "The Rwanda Genocide", in Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2ª ed. Nova York: Routledge, 2004.
- Leonard, Andrew. "The 'History War' in Northeast Asia." *Salon*, 14 de março de 2007, http://www.salon.com/tech/htww/2007/03/14/history_wars/print.htm
- Levy, Jack. *War in the Modern Great Power System, 1495-1975*. Lexington: University Press of Kentucky, 1983.
- Liddell Hart, B. H. *History of the Second World War*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1970.
- Lieu, Samuel N. C. *Manichaeism in the Later Roman Empire and Medieval China*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1992.
- . *Manichaeism in Central Asia and China*. Boston: Brill, 1998.
- Lincoln, W. Bruce. *Red Victory: A History of the Russian Civil War*. Nova York: Da Capo Press, 1989.
- Linden, Eugene. "The Global Famine of 1877 and 1899." *Globalist*, 6 de setembro de 2006, <http://www.theglobalist.com/DBWeb/StoryId.aspx?StoryId=5516>.
- Livi-Bacci, Massimo. *A Concise History of World Population*. Oxford, Reino Unido: Blackwell, 2001.
- Lloyd, Christopher. *The Navy and the Slave Trade: The Suppression of the African Slave Trade in the Nineteenth Century*. Londres: Cass, 1968.
- Loewen, James W. *Lies My Teacher Told Me*. Nova York: Touchstone, 1995.
- Lorge, Peter Allan. *War, Politics and Society in Early Modern China, 900-1795*. Nova York: Taylor & Francis, 2005.
- Lynn, John A. *The French Wars 1667-1714*. Oxford, Reino Unido: Osprey, 2002.
- Maalouf, Amin. *The Crusades through Arab Eyes*. Nova York: Schocken

Books, 1984.

- Mace, James E. "Soviet Man-Made Famine in Ukraine", in Samuel Totten et al., eds., *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2^a ed. Nova York: Routledge, 2004.
- Maddison, Angus. *Contours of the World Economy, 1-2030 AD: Essays in Macro-economic History*. Nova York: Oxford University Press, 2001.
- Man, John. *Genghis Khan: Life, Death, and Resurrection*. Nova York: Thomas Dunne Books, 2004.
- . *The Terra Cotta Army: China's First Emperor and the Birth of a Nation*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2008.
- Manchester, William. *American Caesar*. Nova York: Dell, 1978.
- Mann, Charles C. *1491: New Revelations of the Americas before Columbus*. Nova York: Vintage, 2005.
- Manthorpe, Jonathan. "Mengistu's Brutal Regime Lasted Surprisingly Long." *Toronto Star*, 22 de maio de 1991.
- Manucci, Niccolao. *Mogul India, 1653-1708*. Londres: John Murray, 1908.
- Marcus, David L. "Relentless War Wears on Angolans: Many Speak of Yearning for Peace Yet Strife Persists." *Dallas Morning News*, 23 de janeiro de 1994.
- Margolin, Jean-Louis. "China: A Long March into Night", in Stephane Courtois et al., *The Black Book of Communism: Crimes, Terror, Repression*. Trad. Jonathan Murphy e Mark Kramer. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.
- Marozzi, Justin. *Tamerlane: Sword of Islam, Conqueror of the World*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2004.
- Marrus, Michael Robert. *The Unwanted: European Refugees from the First World War through the Cold War*. Filadélfia: Temple University Press, 2002.
- Marshall, Julian. "Obituary: Milton Obote: The First Leader of an Independent Uganda, He Imposed Virtual One-Man Rule, but Was Twice Overthrown." *Guardian*, 12 de outubro de 2005.
- Massing, Michael. "Does Democracy Avert Famine? Amartya Sen's Famous Theory Is Being Tested by Starvation in India." *New York Times*, 1^o de março de 2003.
- Matray, James I. "Revisiting Korea: Exposing Myths of the Forgotten War." *Prologue Magazine* 34, n^o 2 (verão de 2002). Disponível em <http://www.archives.gov/publications/prologue/2002/summer/korean-myths-1.html>.

- Mayell, Hillary. "Genghis Khan a Prolific Lover, DNA Data Implies." *National Geographic*, 14 de fevereiro de 2003, http://news.nationalgeographic.com/news/2003/02/0214_030214_gen
- Mayer, Arno J. *The Furies: Violence and Terror in the French and Russian Revolutions*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.
- Mazower, Mark. *Dark Continent: Europe's Twentieth Century*. Nova York: Vintage, 1998.
- McDougall, Alan. "Dirty Hands: Atrocities of World War I." Channel 4, 2002, <http://www.channel4.com/history/microsites/H/history/c-d/dirtyhands.html>.
- McEvedy, Colin. *The Penguin Atlas of Modern History (to 1815)*. Nova York: Penguin, 1972.
- . *The Atlas of World Population History*. Nova York: Penguin, 1978.
- . *The New Penguin Atlas of Medieval History*. Nova York: Penguin, 1992.
- . *The Penguin Atlas of African History*. Nova York: Penguin, 1995.
- . *The Penguin Historical Atlas of the Pacific*. Nova York: Penguin, 2002.
- McEvedy, Colin e Woodroffe, David. *The New Penguin Atlas of Recent History: Europe since 1815*. Nova York: Penguin, 1998.
- McFarlane, Alan. *The Savage Wars of Peace: England, Japan and the Malthusian Trap*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.
- McGreal, Chris. "Worrying Past of a Rebel in Crocodile Shoes." *Guardian*, 21 de maio de 1997.
- McKillop, Heather Irene. *The Ancient Maya: New Perspectives*. Santa Bárbara, CA: ABC-CLIO, 2004.
- McKnight, Michael. "Goguryeo: Ancient Kingdom, Modern Passions." *Invest Korea Journal*, janeiro-fevereiro de 2008, <http://www.investkorea.org/InvestKoreaWar/work/journal/content/code=4540408>.
- McLynn, Frank. *Villa and Zapata: A History of the Mexican Revolution*. Nova York: Carroll & Graf, 2000.
- McMahon, Colin. "The Rehabilitation of Tamerlane." *Chicago Tribune*, 17 de janeiro de 1999.
- McNeill, William H. *The Pursuit of Power*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- . *The Rise of the West: A History of the Human Community*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

- McPherson, James M. *Battle Cry of Freedom*. Nova York: Oxford University Press, 1988.
- McWilliam, Ian. "Uzbekistan Restores Samarkand to Boost Nationalist Pride." *Los Angeles Times*, 23 de agosto de 1994.
- Mehta, J. L. *Advanced Study in the History of Medieval India*. Nova Déli: Sterling, 1996.
- Meier, Christian. *Caesar: A Biography*. Nova York: Basic Books, 1982.
- Meisner, Maurice. *Mao's China and After*, 3ª ed. Nova York: Free Press, 1999.
- Melson, Robert F. "The Armenian Genocide as Precursor and Prototype of Twentieth-Century Genocide", in Alan S. Rosenbaum, ed., *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide*. Boulder, CO: Westview Press, 1996.
- Meltzer, Milton. *Slavery: A World History*. Nova York: Da Capo Press, 1993.
- Miller, Kelly. *Kelly Miller's History of the World War for Human Rights*, 1919. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/19179/19179-h/19179-h.htm> (acessado em 28 de março de 2011).
- Miller, Reid G. "Marines Pull Last Peacekeepers out of Somalia, Ending \$2 Billion Mission." Associated Press, 3 de março de 1995.
- Milton, Giles. *White Gold: The Extraordinary Story of Thomas Pellow and Islam's One Million White Slaves*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2004.
- Mommsen, Theodor. *History of Rome*. Nova York: Scribner, 1908.
- Morgan, David. *The Mongols*. Oxford, Reino Unido: Blackwell, 1986.
- Mortimer, Ian. "Poitiers: High Point of the Hundred Years' War." *History Today* 56, nº 9 (1º de setembro de 2006), p. 41(7).
- Mote, Frederick W. *Imperial China, 900-1800*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.
- Mote, Frederick W. e Twitchett, Denis, eds. *The Cambridge History of China*, vol. 7: *The Ming Dynasty, 1368-1644, Part 1*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1988.
- Muir, Rory. *Tactics and the Experience of Battle in the Age of Napoleon*. New Haven, CT: Yale University Press, 2000.
- Murphy, John. "Hopes High as Rwanda, Congo Sign Peace Pact." *Baltimore Sun*, 31 de julho de 2002.
- Murphy, William S. "Lincoln Brigade Survivors Relive Wartime Exploits." *Los Angeles Times*, 25 de abril de 1986.
- Newark, Tim. *Medieval Warlords*. Poole, Reino Unido: Blandford Press,

- 1987.
- Newsinger, John. "The Taiping Peasant Revolt." *Monthly Review*, outubro de 2000.
- Nolen, Stephanie. "The War on Women." *Globe and Mail* (Toronto), 27 de novembro de 2004.
- Norwich, John Julius. *A Short History of Byzantium*. Nova York: Vintage Books, 1997.
- Notar, Beth E. Book review, "The Chinese Sultanate: Islam, Ethnicity e the Panthay Rebellion in Southwest China, 1856-1873". *Pacific Affairs* 80, n^o 1 (22 de março de 2007), p. 98(2).
- O'Shea, Stephen. *The Perfect Heresy: The Revolutionary Life and Death of the Medieval Cathars*. Nova York: Walker, 2000.
- Obermeyer, Ziad, Murray, Christopher J. L. e Gakidou, Emmanuela. "Fifty Years of Violent War Deaths from Vietnam to Bosnia: Analysis of Data from the World Health Survey Programme." *British Medical Journal* 336 (2008), p. 1.482.
- "Ojukwu Blames Civil War on Gowon." *Vanguard Daily* (Lagos), 1^o de março de 2001.
- Omestad, Thomas. "Gulag Nation." *U.S. News & World Report*, 23 de junho de 2003, p. 12.
- Ormsby, Eric. "The Hidden Historian." *New York Sun*, 21 de setembro de 2005.
- Orwell, George. *Homage to Catalonia*. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt, 1952.
- Osborn, Andrew. "Genghis Khan: He's Mr. Nice Guy Now." *Hamilton Spectator* (Ontario), 12 de maio de 2005.
- Osborn, William M. *The Wild Frontier: Atrocities during the American-Indian War from James-town Colony to Wounded Knee*. Nova York: Random House, 2000.
- Ottaway, David B. "'Slave Trade' in Mozambicans Cited." *Washington Post*, 26 de novembro de 1990.
- Overy, Richard, ed. *Hammond Atlas of the 20th Century*. Londres: Times Books, 1996.
- . *Russia's War*. Nova York: Penguin Books, 1997.
- Pakenham, Thomas. *The Scramble for Africa*. Nova York: Avon Books, 1991.
- . "Where a Million Died." Review of *Harrowing of Mozambique*, por William Finnegan. *New York Times*, 26 de abril de 1992.
- Palmer, Alan. *The Decline and Fall of the Ottoman Empire*. Nova York:

- Barnes & Noble, 1992.
- Palmowski, Jan. *Dictionary of Twentieth Century World History*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1997.
- Pankhurst, Richard. "A History of Early Twentieth Century Ethiopia." Série de 20 artigos. *Addis Tribune*, janeiro-maio de 1997.
- Parenti, Christian. "Back to the Motherland: Cuba in Africa." *Monthly Review*, junho de 2003, <http://www.monthlyreview.org/0603parenti.htm>.
- Paterculus, C. Velleius. *The Roman History*. Loeb Classical Library, 1924. Disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Velleius_Patercu
- Peers, Chris. *Warlords of China: 700 BC to 1662 AD*. Londres: Arms & Armour Press, 1998.
- Picton, John. Tamerlane. The Curse of 'The Viper' Reached Right into the 20th Century." *Toronto Star*, 12 de julho de 1987.
- Pipes, Daniel. "A Border Adrift: Origins of the Iraq-Iran War", 1983, <http://www.danielpipes.org/article/164>.
- Platonov, S. F. *The Time of Troubles: A Historical Study of the Internal Crisis and Social Struggle in Sixteenth- and Seventeenth-Century Muscovy*. Lawrence: University Press of Kansas, 1985.
- Plutarch. *Parallel Lives*, Loeb Classical Library ed. Nova York: G. P. Putnam, multiple years. Available at <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/>
- Pocha, Jehangir S. "Once-Feared Invader's Reputation Gets a Revival." *Boston Globe*, 3 de julho de 2005.
- Porch, Douglas. *Wars of Empire*. Londres: Cassell, 2000.
- Powell, Ivor. "The Butcher SA Plays Host To." *Mail and Guardian* (Johannesburgo), 3 de dezembro de 1999.
- Prasad, J. Durga. *History of the Andhras up to 1565 A. D.* Guntur: P. G. Publishers, 1988. Disponível em <http://www.katragadda.com/articles/HistoryOfTheAndhras.pdf> (acessado em 9 de março de 2011).
- Pratt, Fletcher. *The Battles That Changed History*. Garden City, NY: Dolphin, 1956.
- Pulleyblank, Edwin G. "An Lu-shan Rebellion and the Origins of Chronic Militarism in Late T'ang China", in John Curtis Perry e Bardwell L. Smith, eds. *Essays on T'ang Society: The Interplay of Social, Political and Economic Forces*. Leiden, The Netherlands: E. J. Brill, 1976.

- “Radio Expeditions: Coltan Mining and Eastern Congo’s Gorillas.” NPR, 20 de dezembro de 2001, <http://www.npr.org/programs/re/archivesdate/2001/dec/20011220.c>
- Radzinsky, Edvard. *Stalin*. Nova York: Anchor Books, 1997.
- Rake, Alan. “Where Kabila Went Wrong.” *New African*, 1º de março de 2001.
- Rapoport, Louis. “Knives Are Out for a Bloodstained Ruler.” *Sydney Morning Herald*, 28 de abril de 1990.
- Riasanovsky, Nicholas V. *The History of Russia*, 6ª ed. Nova York: Oxford University Press, 2000.
- Ribeiro, Darcy. “Indigenous Cultures and Languages in Brazil”, in Janice Hopper, ed., *Indians of Brazil in the Twentieth Century*. Washington, DC: Institute for Cross-Cultural Research, 1967.
- Riley-Smith, Jonathan. *The Crusades: A Short History*. New Haven, CT: Yale University Press, 1987.
- Ritter, E. A. *Shaka Zulu*. Nova York: Penguin, 1955.
- Ritter, Gerhard. *Frederick the Great*. Berkeley: University of California Press, 1968.
- Rogers, Guy MacLean. *Alexander: The Ambiguity of Greatness*. Nova York: Random House, 2004.
- Rogozinski, Jan. *A Brief History of the Caribbean: From the Arawak and the Carib to the Present*. Nova York: Meridian, 1992.
- “Romance of the Three Kingdoms.” TV Tropes, <http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Literature/RomanceOfTheThree> (acessado em 20 de março de 2011).
- Rosen, William. *Justinian’s Flea: The First Great Plague and the End of the Roman Empire*. Nova York: Penguin, 2007.
- Rosenbaum, Alan S., ed. *Is the Holocaust Unique? Perspectives on Comparative Genocide*. Boulder, CO: Westview Press, 1996.
- Rosenburg, Tina. *The Haunted Land: Facing Europe’s Ghosts after Communism*. Nova York: Vintage, 1995.
- Rothenberg, Gunther. *The Napoleonic Wars*. Londres: Cassell, 1999.
- Rowen, Herbert H. *A History of Early Modern Europe: 1500-1815*. Indianápolis: Bobbs-Merrill, 1960.
- Ruiz, Julius. “Franco and the Spanish Civil War.” *History Review*, 1º de dezembro de 2007.
- Rummel, Rudolph J. *Lethal Politics: Soviet Genocide and Mass Murder since 1917*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1990.

- . *Chinas Bloody Century: Genocide and Mass Murder since 1900*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1991.
- . *Death by Government*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1994.
- . *Statistics of Democide*, <http://www.hawaii.edu/powerkills>.
- Sale, George et al. *An Universal history, from the earliest account of time. Compiled from original authors; and illustrated with maps, cuts, notes, &c. With a general index to the whole*. Londres: Osborne, 1747.
- Salisbury, Harrison E. *The 900 Days: The Siege of Leningrad*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2003.
- Salopek, Paul. "Inklings of Peace Intrude in Bereft Angola. Power Struggle over Oil and Diamonds May Be Near End as Government Forces Put Rebels to Rout." *Chicago Tribune*, 14 de janeiro de 2000.
- Sanchez, Carlos. "A Victory Tempered by Sorrow." *Washington Post*, 26 de maio de 1991.
- Sarkees, Meredith Reid. "The Correlates of War Data on War: An Update to 1997." *Conflict Management and Peace Science* 18, nº 1 (2000), pp. 123-144. Disponível em [http://www.correlatesofwar.org/cow2data/WarData/IntraState/Intra-State War Format \(V 3-0\).htm](http://www.correlatesofwar.org/cow2data/WarData/IntraState/Intra-State War Format (V 3-0).htm).
- Scheidel, Walter. *Debating Roman Demography*. Boston: Brill, 2001.
- Scheina, Robert L. *Latin America's Wars, vol. 1: The Age of the Caudillo, 1791-1899*. Washington, DC: Brassey's, 2003.
- Schiller, Friedrich. *History of the Thirty Years War in Germany*, in *The Works of Frederick Schiller*. Trad. A. J. W. Morrison. Londres: Henry G. Bohn, 1860.
- Schom, Alan. *Napoleon Bonaparte*. Nova York: Harper Perennial, 1997.
- Scott, Jonathan e Muhammad Qāsim Hindū-Šāh Astara-ba-di-Firišta. *Ferishta's History of Dekkan from the First Mahummedan Conquests*. Shrewsbury: J. and W. Eddowes, 1794.
- Segal, Ronald. *Islam's Black Slaves*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2001.
- Service, Robert. *A History of Twentieth-Century Russia*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997.
- Sewell, Robert. *A Forgotten Empire: Vijayanagar: A Contribution to the History of India*. Project Gutenberg, 2002. Disponível em <http://www.gutenberg.org/cache/epub/3310/pg3310.html>.
- Shenon, Philip. "Washington and Baghdad Agree on One Point: Sanctions Hurt." *New York Times*, 22 de novembro de 1998.

- Shi, Youzhong. *The Taiping Ideology: Its Sources, Interpretations, and Influences*. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- Shirer, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich*. Nova York: Fawcett Crest, 1960.
- Sieno, Casimiro. "Angolan Peace Talks Restart as Fighting Continues." Associated Press, 29 de julho de 1994.
- Sima Qian. *Records of the Grand Historian: Qin Dynasty*. Trad. Burton Watson. Nova York: Columbia University Press, 1993.
- Simkin, John. "The Vietnam War", Spartacus Educational, <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/VietnamWar.htm> (acessado em 3 de abril de 2011).
- Sivard, Ruth Leger. *World Military and Social Expenditures 1987-88*, 12ª ed. Washington, DC: World Priorities, 1988.
- Skidmore, Thomas E. e Peter H. Smith. *Modern Latin America*, 4ª ed. Nova York: Oxford University Press, 1997.
- Smith, Helmut Wasser, ed. *The Holocaust and Other Genocides: History, Representation, Ethics*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2002.
- Solzhenitsyn, Alexandr I. *The Gulag Archipelago*. Nova York: Harper & Row, 1973.
- Sommerville, J. P. "Russia's Time of Troubles." *Seventeenth Century Europe*, primavera de 2006, <http://history.wisc.edu/sommerville/351/351-10.htm>.
- Sorokin, Pitirim. *Social and Cultural Dynamics*, vol. 3. Nova York: Bedminster Press, 1962.
- Spaeth Anthony et al. "The Price of Freedom." *Time*, 11 de agosto de 1997.
- Spence, Jonathan D. *The Search for Modern China*. Nova York: W. W. Norton, 1991.
- . *Gods Chinese Son: The Taiping Heavenly Kingdom of Hong Xiuquan*. Nova York: W. W. Norton, 1996.
- Spence, Jonathan D. e John E. Willis, eds. *From Ming to Ch'ing*. New Haven, CT: Yale University Press, 1979.
- Sperling, Carrie. "Mother of Atrocities: Pauline Nyiramasuhuko's Role in the Rwandan Genocide." *Fordham Urban Law Journal* 33, nº 2 (1º de janeiro de 2006), p. 637.
- Staff of Strategy & Tactics Magazine, *War in the East: The Russo-German Conflict, 1941-45*. Nova York: Simulation Publications, 1977.
- Stannard, David E. *American Holocaust*. Nova York: Oxford University Press, 1993.

- Stewart, Matthew. "Catastrophe at Smyrna." *History Today* 54, nº 7 (1º de julho de 2004), p. 27.
- Stockwin, Harvey. "Fast Pakistan's Bloody Death, 30 Years On." *Japan Times*, 25 de março de 2001.
- Strachan, Hew. *The First World War*. Londres: Penguin Books, 2003.
- Strauss, Barry. *The Battle of Salamis: The Naval Encounter That Saved Greece... and Western Civilization*. Nova York: Simon & Schuster, 2005.
- . *The Spartacus War*. Nova York: Simon & Schuster, 2010.
- Strosser, Ed e Prince, Michael. *Stupid Wars: A Citizen's Guide to Botched Putsches, Failed Coups, Inane Invasions, and Ridiculous Revolutions*. Nova York: HarperCollins, 2008.
- Suellentrop, Chris. "Are 1 Million Children Dying in Iraq?" *Slate*, 9 de outubro de 2001.
- "The Land System of the Heavenly Kingdom", in *Modern History Sourcebook: The Taiping Rebellion, 1851-1864*, <http://www.fordham.edu/halsall/mod/taiping.html> (acessado em 28 de março de 2011).
- Thomas, Hugh. *The Slave Trade: The Story of the Atlantic Slave Trade: 1440-1870*. Nova York: Simon & Schuster, 1997.
- . *Rivers of Gold: The Rise of the Spanish Empire, from Columbus to Magellan*. Nova York: Random House, 2003.
- Thornton, Russell. *American Indian Holocaust and Survival: A Population History since 1492*. Norman: University of Oklahoma Press, 1987.
- Time-Life Books. *Powers of the Crown: Time Frame 1600-1700 AD*. Alexandria, VA: Time-Life Books, 1989.
- . *Aztecs: Reign of Blood and Splendor*. Alexandria, VA: Time-Life Books, 1992.
- Toland, John. *The Rising Sun: The Decline and Fall of the Japanese Empire 1936-1945*. Nova York: Bantam, 1970.
- Totten, Samuel. *Dictionary of Genocide: A-L*. Westport, CT: Greenwood Press, 2008.
- Totten, Samuel et al., eds. *Century of Genocide: Critical Essays and Eyewitness Accounts*, 2ª ed. Nova York: Routledge, 2004.
- Trueman, Chris. *France in the Sixteenth Century: French Wars of Religion*. History Learning Site, 2000-2007, <http://www.historylearningsite.co.uk/FWR.htm> (acessado em 28 de março de 2011).
- Tuchman, Barbara W. *A Distant Mirror: The Calamitous 14th Century*. Nova

- York: Ballantine, 1978.
- Turchin, Peter. *Historical Dynamics: Why States Rise and Fall*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003.
- Twitchett, Denis e Fairbank, John K., eds. *The Cambridge History of China*, vol. 1: *The Ch'in and Han Empires 221 B.C.-220 A.D.* Nova York: Cambridge University Press, 1986.
- . *The Cambridge History of China*, vol. 3: *Sui and T'ang China 589-906, Part 1*. Nova York: Cambridge University Press, 1986.
- U.S. Holocaust Memorial Museum. *Historical Atlas of the Holocaust*. Nova York: Macmillan, 1996.
- U.S. Senate Committee on Government Operations. *Korean War Atrocities. Report of the Committee on Government Operations Made through Its Permanent Subcommittee on Investigations by Its Subcommittee on Korean War Atrocities pursuant to S. Res. 40 , 83rd Cong., 2d sess., S. Rep. n° 84*. Washington, DC: Government Printing Office, 1954.
- Uhalley, Stephen, Jr. "The Taipings at Ningpo: The Significance of a Forgotten Event." *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society* 11 (1971). Disponível em <http://sunzi.lib.hku.hk/hkjo/view/44/4401204.pdf> (acessado em 23 de março de 2011).
- Umutesi, Marie Beatrice. "Is Reconciliation between Hutus and Tutsis Possible?" *Journal of International Affairs* 60, n° 1 (22 de setembro de 2006), p. 157.
- Unschuld, Paul U. *Medicine in China: A History of Pharmaceuticals*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- Urlanis, Bóris. *Wars and Population*. Moscou: Progress Publishers, 1971.
- Utley, Robert M. e Washburn, Whitcomb E. *Indian Wars*. Boston: Mariner Books, 1987.
- Vecarner, Arvo L. "A Germany-Soviet Military-Economic Comparison", <http://www.feldgrau.com/econo.html> (acessado em 28 de março de 2011).
- Verdirame, Guglielmo. "The Genocide Definition in the Jurisprudence of the Ad Hoc Tribunals." *International and Comparative Law Quarterly* 49 (2000), p. 583 et seq.
- Wallechinsky, David. *David Wallechinskys Twentieth Century: History with the Boring Parts Left Out*. Boston: Little, Brown, 1995.
- . *Tyrants: The World's 20 Worst Living Dictators*. Nova York: HarperCollins, 2006.

- Ward-Perkins, Bryan. *The Fall of Rome and the End of Civilization*. Nova York: Oxford University Press, 2005.
- Wasswa, Henry. "Uganda's First Prime Minister, and Two-Time President, Dead at 80." Associated Press, 10 de outubro de 2005.
- Weathertord, Jack. *Genghis Khan and the Making of the Modern World*. Nova York: Three Rivers Press, 2004.
- Wedgwood, G. V. *The Thirty Years War*. Nova York: New York Review Books, 2005 (originalmente publicado por Jonathan Cape, 1938).
- Wehrfritz, George, Lee, B. J. et al. "Ghosts of Cheju." *Newsweek*, 19 de junho de 2000.
- Weiss, Herbert F. e Carayannis, Tatiana. "Reconstructing the Congo." *International Affairs*, 58, nº 1 (22 de setembro de 2004).
- Weiss, Lowell. "Timing Is Everything; Vietnamese Refugees in the U.S." *Atlantic* 273, nº 1 (janeiro de 1994), p. 32.
- Welch, Matt. "The Politics of Dead Children: Have Sanctions against Iraq Murdered Millions?" *Reason*, março de 2002, <http://www.reason.com/news/show/28346.html>.
- Wheatcroft, Andrew. *Infidels: A History of the Conflict between Christendom and Islam*. Nova York: Random House, 2005.
- Whigham, Thomas L. e Potthast, Barbara. "The Paraguayan Rosetta Stone: New Insights into the Demographics of the Paraguayan War, 1864-1870." *Latin American Research Review* 34, nº 1 (1º de janeiro de 1999), p. 174.
- Whiting, Kenneth L. "Indonesia Still Dealing with Carnage of 25 Years Ago after Failed Coup." *Los Angeles Times*, 10 de fevereiro de 1991.
- Wilford, John Noble. *The Mysterious History of Columbus*. Nova York: Vintage, 1991.
- Williams, Henry Smith. *The Historians' History of the World*. Nova York: Trow Press, 1904.
- Williams, Jeremy, "'Kill 'em All': American Military Conduct in the Korean War." *BBC History*, 2 de janeiro de 2002, http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/coldwar/korea_usa_01.shtml.
- Williams, Philip. "Uganda Marks 25 Years of Chaotic Independence Today." United Press International, 9 de outubro de 1987.
- Willmott, H. P. *The Second World War in the Far East*. Londres: Cassell, 1999.
- Wilson, Colin. *Mammoth Book of the History of Murder*. Nova York: Carrol & Graf, 2000.

- Wilson, Peter H. "Latin America's Total War: Peter H. Wilson Revisits the War of the Triple Alliance, Latin America's Bloodiest Conflict." *History Today* 54, nº 5 (1º de maio de 2004),p. 52.
- Wolpert, Stanley. *A New History of India*, 4ª ed. Nova York: Oxford University Press, 1993.
- Wood, Michael. *Conquistadors*. Londres: BBC Worldwide, 2000.
- Wylie, Dan. "Shaka and the Modern Zulu State." *History Today* 44, nº 5 (maio de 1994), p. 8.
- Zinn, Howard. *A Peoples History of the United States: 1492–Present*. Nova York: Perennial Classics, 1999.

O Autor

MATTHEW WHITE é o criador do website Historical Atlas of the 20th Century, contendo mapas interativos e informações sobre conflitos políticos ao redor do mundo. Seus dados já foram citados por 377 livros publicados e 183 artigos acadêmicos. Ele mora em Richmond, Virginia.